ᚠᚢᚦᚨᚱᚲ ᚷᚹᚺᚾᛁᛃᛇᛈᛉᛊᛏᛒᛖᛗᛚᛜᛞᛟ : ᚪᛅᛆᚫᚣᛦᛡᛠᛢᛣᛤᛥᛧᛨᛩᛪ᛫᛬᛭ᛮᛯᛰᛱᛲᛳᛴᛵᛶᛷᛸ

ᚠᚢᚦᚨᚱᚲ ᚷᚹᚺᚾᛁᛃᛇᛈᛉᛊᛏᛒᛖᛗᛚᛜᛞᛟ : ᚪᛅᛆᚫᚣᛦᛡᛠᛢᛣᛤᛥᛧᛨᛩᛪ᛫᛬᛭ᛮᛯᛰᛱᛲᛳᛴᛵᛶᛷᛸ

ᚠᚢᚦᚨᚱᚲ ᚷᚹᚺᚾᛁᛃᛇᛈᛉᛊᛏᛒᛖᛗᛚᛜᛞᛟ : ᚪᛅᛆᚫᚣᛦᛡᛠᛢᛣᛤᛥᛧᛨᛩᛪ᛫᛬᛭ᛮᛯᛰᛱᛲᛳᛴᛵᛶᛷᛸ

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

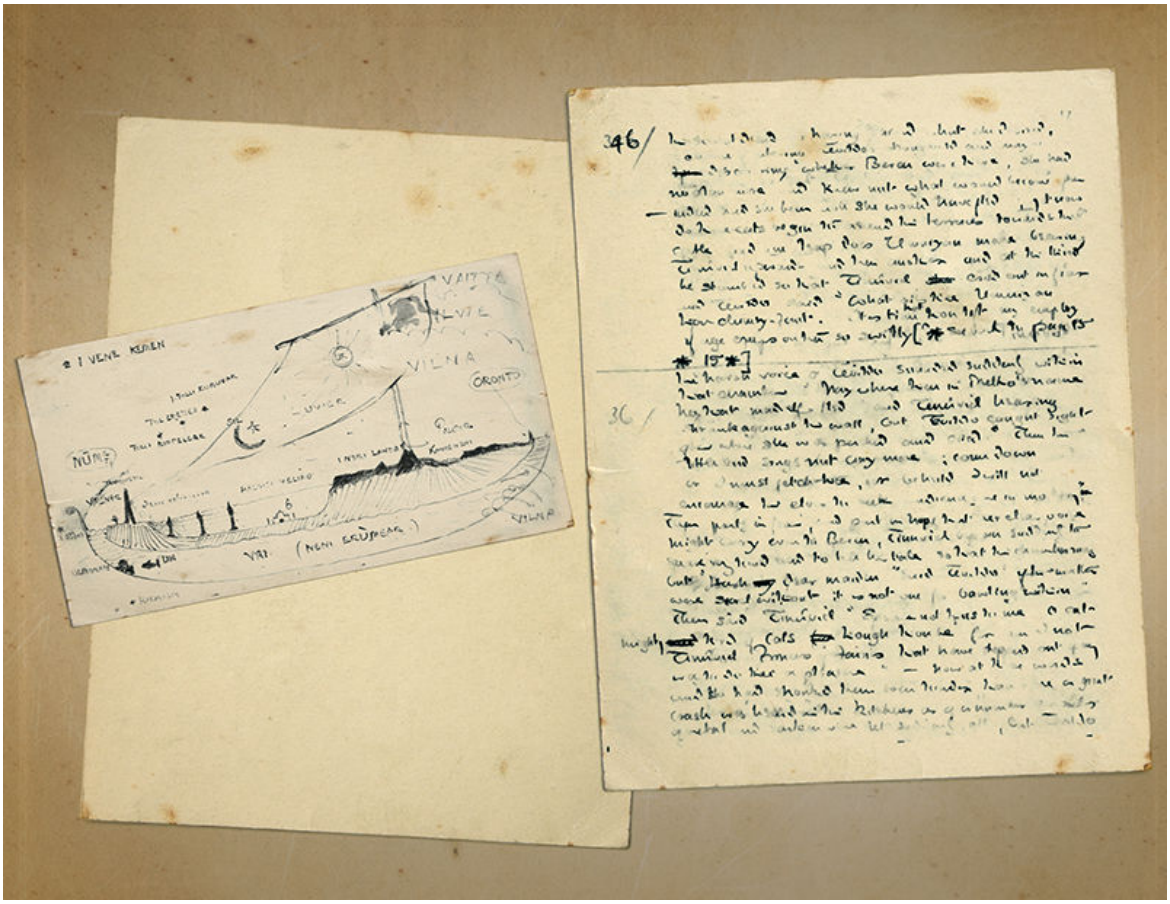
Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by convertEPub


VAINA
VILMA
NÜNA
VAI (NEW GROUND)

Título original: *The Book of Lost Tales part one, The Book of Lost Tales part two*
Copyright© The Tolkien Estate Limited e C.R. Tolkien, 1983, 1985
Edição original por George Allen & Unwin, 1983
Todos os direitos reservados à HarperCollins Publishers.
Copyright de tradução© Casa dos Livros Editora LTDA., 2022

Esta edição é baseada na edição revisada publicada pela primeira vez em 2015.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins *Publishers* ou de sua equipe editorial.

e TOLKIEN® são marcas registradas da The Tolkien Estate Limited.

Publisher	*Samuel Coto*
Editora	*Brunna Prado*
Estagiárias editoriais	*Camila Reis, Giovanna Staggmeier* e *Renata Litz*
Produção gráfica	*Lúcio Nöthlich Pimentel*
Preparação de texto	*Jaqueline Lopes*
Revisão	*Gabriel Oliva Brum*
Diagramação	*Sonia Peticov*
Capa	*Alexandre Azevedo*
Produção do e-book	*Ranna Studio*

Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

T589q
1.ed.
Tolkien, J.R.R., 1892-1973
O livro dos contos perdidos 1 e 2/ J.R.R. Tolkien; tradução Eduardo Kumamoto, Reinaldo José Lopes, Ronald Kyrmse; [edição Christopher Tolkien]. – 1 ed. – São Paulo: HarperCollins Brasil, 2022.
368 p.; il.; 13,5 x 20,8 cm.

Título original: *The book of lost tales* – part 1
ISBN: 978-65-55114-49-2

1. Ficção inglesa. I. Kumamoto, Eduardo. II. Lopes, Reinaldo José. III. Kyrmse, Ronald. IV. Tolkien, Christopher. V. Série.

09-2022/92 CDD: 823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura inglesa 823

Bibliotecária: Aline Graziele Benitez CRB-1/3129

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.
Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro
Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.harpercollins.com.br

ప్రపంచ ఆరోగ్య సంస్థ · ఆరోగ్యం, శాంతి మరియు అభివృద్ధి కోసం ఐక్యరాజ్యసమితి ప్రత్యేక సంస్థ

ఆరోగ్యం కోసం సాంకేతిక సహకారంపై ఉమ్మడి ప్రకటన

ఈ ప్రకటన ప్రపంచ ఆరోగ్య సంస్థ మరియు ఆరోగ్యం కోసం సాంకేతిక సహకారంపై ఉమ్మడి ప్రకటన యొక్క ఉమ్మడి ప్రకటన యొక్క ఉమ్మడి ప్రకటన యొక్క

J.R.R. TOLKIEN

A HISTÓRIA DA TERRA-MÉDIA

I

O LIVRO DOS CONTOS PERDIDOS 1

Editado por CHRISTOPHER TOLKIEN

Tradução de
EDUARDO BOEHME
REINALDO JOSÉ LOPES
RONALD KYRMSE

Rio de Janeiro, 2022

Sumário

Prefácio

1. O Chalé do Brincar Perdido
   Notas
2. A Música dos Ainur
   Notas
3. A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor
   Notas
4. O Acorrentamento de Melko
   Notas
5. A Vinda dos Elfos e a Criação de Kôr
   Notas
6. O Roubo de Melko e o Obscurecer de Valinor
   Notas
7. A Fuga dos Noldoli
   Notas
8. O Conto do Sol e da Lua
   Notas
9. A Ocultação de Valinor
   Notas
10. O Conto de Gilfanon: a Labuta dos Noldoli e a Vinda da Gente dos Homens
    Notas

Apêndice: Nomes em *Os Contos Perdidos 1*

Pequeno Glossário de Palavras Obsoletas, Arcaicas e Raras
Índice Remissivo
Poemas originais

PREFÁCIO

O Livro dos Contos Perdidos, escrito entre sessenta e setenta anos atrás, foi a primeira obra substancial de literatura criativa de J.R.R. Tolkien e a primeira aparição, na narrativa, dos Valar, dos Filhos de Ilúvatar — Elfos e Homens —, dos Anãos e Orques, e das terras nas quais sua história se passa — Valinor, para lá do oceano ocidental, e a Terra-média, as "Grandes Terras" entre os mares do leste e oeste. Cerca de cinquenta e sete anos após meu pai interromper seu trabalho nos *Contos Perdidos*, *O Silmarillion*ª profundamente transformado em relação ao seu antepassado distante, foi publicado; e seis anos se passaram desde então. Este Prefácio parece ser uma oportunidade adequada para falar de alguns aspectos de ambas as obras.

Comumente se diz que *O Silmarillion* é um livro "difícil", que necessita de explicação e orientação sobre como "abordá-lo"; e quanto a isso ele é comparado com *O Senhor dos Anéis*. No Capítulo 7 de seu livro *The Road to Middle-earth* [A Estrada para a Terra-média], o Professor T.A. Shippey reconhece isso ("*O Silmarillion* jamais poderia ser senão difícil de ler", p. 201) e expõe sua visão sobre o motivo. Uma discussão complexa não é tratada de forma justa quando retirada do contexto, mas, no seu modo de ver, as razões são essencialmente duas. Em primeiro lugar, não há em *O Silmarillion* qualquer "mediação" do tipo feito pelos hobbits (assim, em *O Hobbit*, "Bilbo age como a ligação entre os tempos modernos e o mundo arcaico dos anãos e dragões"). Meu pai estava

muito ciente de que a ausência de hobbits seria sentida como uma carência, caso “O Silmarillion” viesse aer publicado — e não apenas por leitores que gostassem particularmente deles. Em uma carta escrita em 1956 (*As Cartas de J.R.R. Tolkien*, carta n. 182), logo após a publicação de *O Senhor dos Anéis*, ele disse:

> Embora eu não creia que ela possua o apelo do S.A. — não há hobbits nela! Repleta de mitologia e de elficidade, e de todo aquele “allto stilo” (como Chaucer poderia dizer), que tão pouco tem agradado o gosto de muitos resenhistas.

Em *O Silmarillion*, o gole é puro, sem mistura; e o leitor está a mundos de distância de tal “mediação”, dessa colisão deliberada (muito mais do que uma questão de estilos) como a que é produzida no encontro entre o Rei Théoden e Pippin e Merry nas ruínas de Isengard:

> “Adeus, meus hobbits! Que voltemos a nos encontrar em minha casa! Ali vós sentareis ao meu lado e me contareis tudo o que vossos corações desejarem: os feitos de vossos antepassados até onde os podeis contar […]”
>
> Os hobbits fizeram mesuras profundas. “Então esse é o Rei de Rohan!”, comentou Pippin a meia voz. “Um velhinho simpático. Muito gentil.”

Em segundo lugar,

> *O Silmarillion* difere das obras anteriores de Tolkien na sua recusa em aceitar as convenções do romance. A maioria dos romances (incluindo *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*) escolhe um

> personagem para colocar em primeiro plano, como Frodo e Bilbo, e, depois, conta a história que acontece com ele. O romancista, é claro, está inventando a história e, assim, permanece onisciente: ele consegue explicar, ou mostrar, o que está "realmente" acontecendo e contrastar isso com a percepção limitada de seu personagem.

Além disso, e muito evidentemente, há uma questão de "gosto" literário (ou de "hábito" literário) envolvido; e também uma questão de "decepção" literária — a "(equivocada) decepção daqueles que queriam um segundo *Senhor dos Anéis*" à qual o Professor Shippey faz menção. Isso produziu até mesmo um sentimento de ultraje — formulado a mim, em um caso, nas seguintes palavras: "É igual ao *Velho Testamento*!"; um funesto veredicto do qual, é claro, não se pode apelar (embora esse leitor certamente não tenha avançado muito na leitura até ser arrebatado pela comparação). Claro, a intenção era que "O Silmarillion" comovesse o coração e a imaginação, de forma direta e sem exigir qualquer esforço peculiar ou a posse de faculdades incomuns; mas o seu modo é intrínseco, e pode-se duvidar de que qualquer "abordagem" a ele possa ser de grande ajuda àqueles que o acham inacessível.

Há uma terceira consideração (que o Professor Shippey, na verdade, não desenvolve no mesmo contexto):

> Uma qualidade que [*O Senhor dos Anéis*] possui em abundância é a "impressão de profundidade" beowulfiana que, assim como no antigo épico, é criada por meio de canções e digressões como a balada de Aragorn sobre Tinúviel, a alusão de Sam Gamgi à Silmaril e à Coroa de Ferro, o relato de

Elrond sobre Celebrimbor e dezenas de outras. Isso, contudo, é uma qualidade de *O Senhor dos Anéis* e não das histórias inseridas. Contá-las por si só e esperar que conservem o encanto que adquiriram de sua moldura mais ampla seria um erro terrível, um erro do qual Tolkien teria mais ciência do que qualquer homem vivo. Como ele escreveu em uma carta reveladora, datada de 20 de setembro de 1963:

> Acredito que parte do atrativo de O S.A. deve-se aos vislumbres de uma grande história ao fundo: um atrativo como aquele de ver ao longe uma ilha que não foi visitada ou de ver as torres de uma cidade distante brilhando em meio a uma névoa iluminada pelo sol. Ir até lá é destruir a magia, a não ser que novas paisagens inatingíveis sejam novamente reveladas. (*Cartas*, carta n. 247)

Ir até lá é destruir a magia. Quanto à revelação de "novas paisagens inatingíveis", o problema aí — como Tolkien deve ter ponderado várias vezes — é que, em *O Senhor dos Anéis*, a Terra-média já era antiga, com um vasto peso histórico atrás de si. *O Silmarillion*, contudo, na sua forma mais longa, deveria começar do começo. Como se poderia criar "profundidade" quando não havia nada atrás para se alcançar?

A carta citada aqui certamente demonstra que meu pai sentia — ou, poder-se-ia dizer, às vezes sentia — que isso era um problema. E não era um pensamento novo: enquanto escrevia *O Senhor dos Anéis*, em 1945, ele me disse em carta (*Cartas*, carta n. 96):

> Uma história deve ser contada ou não haverá história e, ainda assim, são as histórias não contadas que são mais comoventes. Acho que você ficou comovido com *Celebrimbor* porque ele transmite uma sensação de infinitas histórias *não*

> *contadas*: montanhas vistas ao longe, que jamais serão escaladas, árvores distantes (como a de Cisco) das quais jamais se aproximará — ou, caso seja possível, apenas para se tornarem "árvores próximas" [...]

Essa questão é, para mim, perfeitamente ilustrada pela canção de Gimli em Moria, na qual grandes nomes vindos do mundo antigo aparecem de forma completamente remota:

> O mundo era belo, a montanha era alta
> Nos Dias Antigos antes da falta
> Em Nargothrond dos reis e também
> Em Gondolin, que agora além
> Passaram do Mar do Oeste profundo [...][A]

"Eu gosto disso!", disse Sam. "Gostaria de aprender. 'Em Moria, em Khazad-dûm!' Mas faz o escuro parecer mais pesado, pensar em todas essas lâmpadas."

Com seu entusiasmado "Eu gosto disso!", Sam não apenas "medeia" (e envolventemente "gamgifica") o que é "elevado", os poderosos reis de Nargothrond e Gondolin, Durin em seu trono esculpido, mas também os coloca imediatamente a uma distância ainda mais remota, uma distância mágica que bem pode parecer (*naquele momento*) destrutiva de se cruzar.

O professor Shippey diz que "contar [as histórias que são apenas aludidas em *O Senhor dos Anéis*] por si só e esperar que conservem o encanto que adquiriram de sua moldura mais ampla seria um erro terrível". O "erro", presumivelmente, está na manutenção de tal expectativa caso as histórias sejam contadas, e não no contar das histórias em si; e é claro que o Professor Shippey enxerga meu pai se perguntando, em 1963, se deveria ou não começar a escrever, pois ele desenvolve as palavras na carta — "tenho dúvidas sobre a tarefa" — fazendo com que

elas signifiquem “a tarefa de escrever *O Silmarillion*”. Mas, quando meu pai disse isso, ele não estava — de maneira muito enfática — se referindo à obra em si, que, de todo modo, já estava escrita, e muito dela já reescrita diversas vezes (as alusões em *O Senhor dos Anéis* não são ilusórias): o problema, como ele diz anteriormente na mesma carta, era a *apresentação*, em uma publicação, *após* o surgimento de *O Senhor dos Anéis*, quando, segundo ele, o momento certo de tornar *O Silmarillion* público já havia passado.

> Ainda assim, receio que a apresentação necessitará de muito trabalho, e eu trabalho muito lentamente. As lendas precisam ser trabalhadas por completo (foram escritas em épocas diferentes, algumas há muitos anos) e deixadas consistentes; e precisam ser integradas com O S.A.; e precisam receber um formato progressivo. Nenhum artifício simples, como uma viagem e uma busca, está disponível.
>
> Eu mesmo tenho dúvidas sobre a tarefa.

Após a sua morte, quando surgiu a questão de publicar “O Silmarillion” em algum formato, não dei qualquer importância a essa dúvida. O efeito que “os vislumbres de uma grande história ao fundo” dão a *O Senhor dos Anéis* é incontestável e da maior importância, mas não pensei que os “vislumbres” usados ali com tamanha arte deveriam impedir que se conhecesse mais da “grande história”.

A “impressão de profundidade [literária] [...] criada por meio de canções e digressões” não pode se tornar um critério pelo qual se mede uma obra cujo modo é completamente distinto: seria tratar a história dos Dias Antigos como se tivessem valor primariamente — ou mesmo somente — pelo uso artístico que se faz dela em *O Senhor dos Anéis*. Igualmente, o artifício

que consiste em movimentar-se para trás em um tempo imaginário para apreender indistintamente os acontecimentos, e cuja atração jaz precisamente na falta de nitidez, não deve ser entendido mecanicamente, como se fornecer um relato mais completo sobre os poderosos reis de Nargothrond e Gondolin pressupusesse uma aproximação perigosa ao fundo do poço, ao passo que um relato da Criação significaria bater no fundo, um esgotamento definitivo da "profundidade" — "sem nada atrás para se alcançar".

Claramente, não é assim que as coisas funcionam, ou, no mínimo, não como elas precisam funcionar. "Profundidade", nesse sentido, implica uma relação entre camadas temporais distintas, ou níveis dentro de um mesmo mundo. Uma vez que o leitor tenha um lugar, um ponto de vista, *no tempo imaginário* a partir do qual se olha para trás, a antiguidade extrema do que é extremamente antigo pode se tornar aparente e fazer-se sentir continuamente. E o próprio fato de que *O Senhor dos Anéis* estabelece essa poderosa sensação de estrutura-temporal real (muito mais poderosa do que poderia ser atingida por meras afirmações cronológicas e tabelas de datas) fornece esse ponto de vista necessário. Para ler *O Silmarillion*, é preciso posicionar-se imaginativamente no final da Terceira Era — dentro da Terra-média, olhando para trás: no instante temporal do "Eu gosto disso!" de Sam Gamgi — e acrescentando, "Gostaria de saber mais sobre isso". Ademais, a forma e a maneira compendiosa ou epitomante de *O Silmarillion*, tendo por trás uma sugestão de eras de poesia e "saber", evoca fortemente um senso de "contos não contados", mesmo enquanto contados; a "distância" nunca se perde. Não há urgência narrativa, nem pressão ou medo do evento imediato e desconhecido.

Não vemos as Silmarils da forma que vemos o Anel. O criador de “O Silmarillion”, como ele mesmo afirmou sobre o autor de *Beowulf*, “estava falando de coisas já antigas e sobrecarregadas de pesar, e expendeu sua arte afiando esse toque sobre o coração que têm as tristezas a um só tempo pungentes e remotas”.

Como já está agora completamente registrado, meu pai desejava muito publicar “O Silmarillion” em conjunto com *O Senhor dos Anéis*. Nada digo sobre a praticidade disso à época, nem faço quaisquer conjecturas sobre o destino subsequente de tal trabalho combinado muito mais longo, quadrilogia ou tetralogia, nem sobre os diferentes caminhos que meu pai poderia ter tomado então — pois o desenvolvimento posterior do próprio “O Silmarillion”, a história dos Dias Antigos, estava para ser interrompido. Mas, com a publicação póstuma quase um quarto de século depois, a ordem natural de apresentação completa da “Matéria da Terra-média” foi invertida; e é certamente discutível se foi sábio publicar, em 1977, uma versão autossuficiente do “legendário” primário que se afirma, por assim dizer, autoexplicativa. A obra publicada não tem uma “moldura”, nenhuma sugestão do que é e de como (dentro do mundo imaginado) veio a ser. Isso eu penso agora ter sido um equívoco.

A carta de 1963 citada acima mostra meu pai ponderando sobre o modo pelo qual as lendas dos Dias Antigos poderiam ser apresentadas. O modo original, este do *Livro dos Contos Perdidos* — no qual um Homem, Eriol, após uma grande viagem pelo oceano, chega à ilha onde os Elfos moram e ouve a história de suas próprias bocas —, havia (gradualmente) se desmantelado. Quando meu pai faleceu, em 1973, “O Silmarillion” estava em um estado característico de desordem: as partes mais

antigas muito revisadas ou amplamente reescritas, as partes conclusivas ainda da maneira em que ele as havia deixado, uns vinte anos antes; mas, no escrito mais tardio, não há vestígio ou indicação de qualquer "mecanismo" ou "moldura" na qual ele deveria ser encaixado. Acredito que, no fim, ele concluiu que nada serviria, e nada mais seria dito além de uma explicação sobre como (dentro do mundo imaginado) "O Silmarillion" veio a ser registrado.

Na edição original de *O Senhor dos Anéis*, Bilbo deu a Frodo em Valfenda, como presente de despedida, "alguns livros de saber que ele preparara em diversas épocas, escritos em sua letra fininha e rotulados nas lombadas vermelhas: *Traduções do Élfico, por B.B.*". Na segunda edição (1966), "alguns livros" foi alterado para "três livros", e na *Nota sobre os Registros do Condado*, acrescentada ao Prólogo nessa edição, meu pai disse que o conteúdo dos "três grandes volumes encadernados em couro vermelho" fora preservado na cópia do Livro Vermelho do Marco Ocidental feita em Gondor pelo Escriba do Rei, Findegil, no ano 172 da Quarta Era; e também que

> Esses três volumes revelaram ser uma obra de grande habilidade e erudição em que [...] [Bilbo] usara todas as fontes disponíveis a ele em Valfenda, tanto vivas quanto escritas. Mas, visto que foram pouco usados por Frodo, já que tratavam quase que inteiramente dos Dias Antigos, nada mais se diz deles aqui.

Em *The Complete Guide to Middle-earth* [O Guia Completo da Terra-média], Robert Foster diz: "O *Quenta Silmarillion* era, sem dúvida, uma das *Traduções do Élfico* preservadas no Livro Vermelho do Marco Ocidental." Isso eu também supus: os "livros de

saber” que Bilbo legou a Frodo deram a solução, no fim: eles eram “O Silmarillion”. Mas, além da evidência mencionada aqui, não há, até onde sei, qualquer outra afirmação sobre o assunto nos escritos de meu pai; e (erroneamente, penso agora) relutei em entrar nesse assunto e tornar definitivo aquilo que eu apenas supunha.

Eram três as escolhas diante de mim com relação a “O Silmarillion”. Eu poderia impedi-lo indefinidamente de ser publicado, visto que o trabalho estava incompleto e incoerente entre as partes. Poderia aceitar a natureza do trabalho como estava e, para citar meu Prefácio ao livro, “tentar apresentar a diversidade dos materiais — mostrar ‘O Silmarillion’ como, na verdade, uma criação contínua e em evolução que se estendia por mais de meio século”; e isso, como eu disse nos *Contos Inacabados* (p. 11), resultaria em “um complexo de textos divergentes interligados por comentários” — uma empreitada muito maior do que essas palavras sugerem. Na época, eu escolhi o terceiro caminho, “trabalhar em um texto único, selecionando e organizando de tal maneira que me parecesse produzir a narrativa mais coerente e com consistência interna”. Afinal, tendo tomado essa decisão, todo o trabalho editorial — meu e de Guy Kay, que me assistiu — direcionou-se para a finalidade que meu pai afirmara na carta de 1963: “As lendas precisam ser trabalhadas por completo [...] e deixadas consistentes; e precisam ser integradas com O S.A.” Visto que o objetivo era apresentar “O Silmarillion” como uma “entidade completa e coesa” (embora, devido à natureza do caso, isso não pudesse ser totalmente atingido), sucedeu-se que não haveria, no livro publicado, qualquer exposição sobre as complexidades de sua história.

Seja lá o que se pense sobre o assunto, o resultado — que eu não previ de maneira alguma — foi que uma dimensão extra de obscuridade se acrescentou a “O Silmarillion”, porque a incerteza sobre a idade da obra — se deve ser considerada “antiga” ou “tardia” e em que proporção — e sobre o grau de intrusão e manipulação (ou mesmo invenção) editorial, tornou-se uma pedra de tropeço e fonte de muito equívoco. O Professor Randel Helms, em *Tolkien and the Silmarils* [Tolkien e as Silmarils] (p. 93), colocou a questão da seguinte forma:

> Qualquer pessoa interessada, como eu, no desenvolvimento de *O Silmarillion*, vai querer estudar os *Contos Inacabados*, não apenas por seu valor intrínseco, mas também porque a sua relação com o primeiro fornece o que há de se tornar um exemplo clássico de um antigo problema da crítica literária: o que realmente *é* uma obra literária? É o que o autor pretendia (ou talvez pretendesse) que fosse, ou é o que um editor posterior faz dela? O problema se torna especialmente intenso para o crítico praticante quando, como aconteceu com *O Silmarillion*, um autor morre antes de terminar sua obra e deixa mais de uma versão de algumas partes, que então são publicadas em outro lugar. Qual versão o crítico abordará como sendo a história “real”?

Mas ele também diz: “Christopher Tolkien nos ajudou nesse caso ao apontar honestamente que *O Silmarillion*, no formato que temos, é a invenção do filho, não do pai”; e isso é um sério equívoco a que minhas palavras deram origem.

Novamente, o Professor Shippey, ainda que aceite minha garantia de que “uma altíssima proporção” do

texto do “Silmarillion”, de 1937 permaneceu na versão publicada, em outro lugar se mostra claramente relutante em enxergá-lo como algo que não seja um trabalho “tardio”, até mesmo o trabalho mais tardio de seu autor. Ademais, em um artigo intitulado “The Text of *The Hobbit*: Putting Tolkien’s Notes in Order” [O Texto de *O Hobbit*: Colocando as Notas de Tolkien em Ordem] (*English Studies in Canada*, VII, 2, Verão de 1981), Constance B. Hieatt conclui que “é muito claro, de fato, que nós jamais conseguiremos ver os passos progressivos do pensamento autoral por trás de *O Silmarillion*”.

Contudo, para além dos empecilhos e obscuridades, é certo e muito evidente que, para o criador da Terra-média e de Valinor, havia uma coerência profunda e uma interrelação vital entre todos os seus tempos, lugares e seres, sejam quais forem os modos literários e seja lá quão multiformes algumas partes da concepção pareçam ser quando vistas no período de uma vida longa. Ele mesmo compreendia plenamente que muitos daqueles que leem *O Senhor dos Anéis* com prazer jamais desejariam considerar a Terra-média como sendo mais do que o *mise-en-scène* da história, e se deleitariam com a sensação de “profundidade” sem querer explorar os lugares profundos. Mas a “profundidade” não é, evidentemente, uma ilusão, como se fosse uma fileira de imitações de lombadas de livros sem livros dentro; e o quenya e o sindarin são estruturas abrangentes. Há investigações a se conduzir nesse mundo que são perfeitamente justas e bastante independentes de considerações crítico-literárias; e é apropriado tentar compreender sua estrutura na máxima extensão, desde o mito de sua Criação. Qualquer pessoa, qualquer característica do mundo imaginado que parecesse significativa para o autor é,

portanto, digna de atenção por si só, Manwë ou Fëanor não menos do que Gandalf ou Galadriel, as Silmarils não menos do que os Anéis; a Grande Música, as hierarquias divinas, as moradas dos Valar, os fados dos Filhos de Ilúvatar são elementos essenciais na percepção do todo. Tais investigações não são, em princípio, ilegítimas de modo algum; elas surgem de uma aceitação do mundo imaginário como objeto de contemplação ou estudo válido, assim como o são muitos outros objetos de contemplação ou estudo no mundo completamente não imaginário. Foi com essa opinião, e sabendo que outros partilhavam dela, que fiz a coletânea chamada *Contos Inacabados*.

Mas a visão do autor sobre sua própria visão passou por modificações, exclusões e ampliações contínuas e lentas: só em *O Hobbit* e em *O Senhor dos Anéis* partes dela emergiram para se tornar fixas em forma impressa, durante o próprio tempo de vida dele. Assim, o estudo da Terra-média e de Valinor é complexo, pois o objeto de estudo não era estável, mas existia, digamos, “longitudinalmente” no tempo (o da vida do autor), e não apenas “transversalmente” no tempo, como um livro impresso que não passa por mais nenhuma mudança essencial. Com a publicação de “O Silmarillion”, o “longitudinal” foi cortado “transversalmente”, e um certo final foi imposto.

Essa discussão um tanto digressiva é uma tentativa de explicar meus motivos principais ao oferecer *O Livro dos Contos Perdidos* para publicação. É o primeiro passo na apresentação da visão “longitudinal” da Terra-média e Valinor: quando a vasta extensão geográfica, inflando a partir do centro

e (por assim dizer) empurrando Beleriand para o oeste, ainda estava num futuro muito distante; quando não havia “Dias Antigos” terminando com a submersão de Beleriand, pois ainda não havia outras Eras do Mundo; quando os Elfos ainda eram “fadas”, e mesmo Rúmil, o erudito Noldo, estava muito apartado dos grandes “mestres-do-saber” dos anos posteriores de meu pai. Em *O Livro dos Contos Perdidos*, os príncipes dos Noldor mal haviam surgido, assim como os Elfos-cinzentos de Beleriand; Beren é um Elfo, não um Homem, e seu captor, o mais antigo precursor de Sauron nesse papel, é um gato monstruoso possuído por um espírito maligno; os Anãos são um povo maligno; e as relações históricas de quenya e sindarin são concebidas de modo muito diferente. Há algumas outras características especialmente notáveis, mas tal lista poderia ser muito ampliada. Por outro lado, já havia uma estrutura firme subjacente que perduraria. Ademais, na narrativa da história da Terra-média, a evolução raramente foi por franca rejeição — muito mais frequentemente foi por sutil transformação em etapas, de modo que o crescimento das lendas (o processo, por exemplo, pelo qual a história de Nargothrond entrou em contato com a de Beren e Lúthien, um contato do qual não existe nem sugestão nos *Contos Perdidos*, apesar de ambos os elementos estarem presentes) pode parecer-se ao crescimento das lendas entre os povos, o produto de muitas mentes e gerações.

O Livro dos Contos Perdidos foi iniciado por meu pai em 1916–17, durante a Primeira Guerra, quando ele tinha 25 anos, e deixado incompleto por muitos anos. É o ponto de partida, ao menos em narrativa completamente formada, da história de Valinor e da Terra-média; mas, antes de os *Contos* estarem completos, ele se voltou para a composição de longos

poemas, a *Balada de Leithian* em dísticos rimados (a estória de Beren e Lúthien) e *Os Filhos de Húrin* em verso aliterante. A forma em prosa da "mitologia" recomeçou de um novo ponto de partida[b] em uma sinopse muito breve, ou "Esboço", como ele o chamou, escrito em 1926 e com a intenção expressa de fornecer o pano de fundo necessário para a compreensão do poema aliterante. O desenvolvimento escrito seguinte da forma em prosa sucedeu-se ao "Esboço" em linha direta para a versão de "O Silmarillion" que se aproximava da conclusão em fins de 1937, quando meu pai o interrompeu para enviá-lo, da forma que estava, para a Allen & Unwin em novembro daquele ano; mas havia também importantes ramos colaterais e textos subordinados, compostos nos anos de 1930, tais como os *Anais de Valinor* e os *Anais de Beleriand* (fragmentos dos quais também sobrevivem em traduções para o inglês antigo feitas por Ælfwine (Eriol)), o relato cosmogônico chamado *Ambarkanta*, a Forma do Mundo, por Rúmil, e o *Lhammas* ou "Relato de Línguas", por Pengolod de Gondolin. Após isso, a história da Primeira Era foi deixada de lado por muitos anos, até que *O Senhor dos Anéis* estivesse completo, mas, nos anos que precederam sua publicação, meu pai retornou com grande vigor a "O Silmarillion" e escritos associados a ele.

Esta edição dos *Contos Perdidos* em duas partes deve ser, espero, o início de uma série que levará a história adiante por esses escritos posteriores, em verso e prosa; e nessa esperança dei ao presente livro um título "maior", com a intenção de cobrir também os que talvez venham a segui-lo, embora eu receie que "A História da Terra-média" possa se mostrar ambicioso demais. De todo modo, esse título não implica uma "História" no sentido convencional: minha

intenção é fornecer textos completos, ou bastante completos, de modo que os livros serão mais como uma série de edições. Não me coloco como objetivo primário desemaranhar muitos fios únicos e separados, mas, antes, disponibilizar textos que podem e devem ser lidos como um todo.

Rastrear essa longa evolução é, para mim, de profundo interesse, e espero que isso se prove verdade também para outros que tenham algum gosto por esse tipo de investigação: seja pelas grandes transformações de enredo ou da teoria cosmológica, ou por detalhes como a aparição premonitória de Legolas Verdefolha, o de olhos agudos, no conto da *Queda de Gondolin*. Mas esses manuscritos antigos não são, absolutamente, de interesse exclusivo ao estudo das origens. Há muita coisa ali que meu pai nunca (até onde se pode dizer) descartou expressamente, e deve-se lembrar que "O Silmarillion", do "Esboço" de 1926 em diante, foi escrito como um resumo ou epítome, expondo a substância de escritos muito mais longos (quer existissem de fato ou não) em tamanho menor. O modo altamente arcaico criado para seu propósito não era afetação: tinha amplitude e grande vigor, peculiarmente apto para comunicar a natureza mágica e misteriosa dos Elfos em seus primórdios, mas com igual rapidez tornava-se sarcástico, zombando de Melko ou dos afazeres de Ulmo e Ossë. Estes últimos se aproximam, às vezes, de uma concepção cômica, e são expressos em uma linguagem rápida e vivaz que não sobreviveu na gravidade da prosa do "Silmarillion" posterior de meu pai (assim, Ossë "percorre num negócio espumoso" ao ancorar as ilhas no leito do mar; as falésias de Tol Eressëa recém-ocupadas por aves marinhas "estão repletas de garrulice e um cheiro de peixe, e grandes conclaves

têm lugar nas beiradas” e, quando os Elfos das Terras Costeiras são finalmente levados por sobre o mar até Valinor, Ulmo maravilhosamente “vai na retaguarda em sua carruagem piscosa e trombeteia alto para desconcerto de Ossë”).

Os *Contos Perdidos* nunca alcançaram — nem mesmo se aproximaram — uma forma que meu pai pudesse ter considerado para publicação antes de abandoná-los; eles eram experimentais e provisórios, e os cadernos surrados em que estão escritos foram empacotados e deixados de lado conforme os anos se passaram. Apresentá-los em um livro publicado trouxe muitos problemas editoriais espinhosos. Em primeiro lugar, os manuscritos são intrinsecamente muito difíceis: parcialmente porque muito do texto foi escrito rapidamente a lápis e está agora extremamente difícil de ler em alguns lugares, exigindo uma lupa e muita paciência, nem sempre recompensada. Mas, além disso, em alguns dos *Contos* meu pai apagou o texto original a lápis e escreveu por cima uma versão revisada a caneta — e como nesse período usava cadernos brochura em vez de folhas soltas, frequentemente se via com pouco espaço: assim, porções isoladas de contos foram escritas no meio de outros contos e, em alguns lugares, um assustador quebra-cabeças textual se formou.

Em segundo lugar, os *Contos Perdidos* não foram todos escritos progressivamente, um após o outro na sequência da narrativa; e (inevitavelmente) meu pai começava um novo arranjo e revisão dos *Contos* enquanto o trabalho ainda estava em curso. *A Queda de Gondolin* foi o primeiro a ser escrito dentre os contos passados a Eriol, e o segundo foi *O Conto de Tinúviel*, mas os eventos desses contos se passam mais para o fim da história; por outro lado, os textos remanescentes são revisões posteriores. Em alguns

casos, não é possível ler nada anterior à versão revisada; em outros casos, ambas as formas sobrevivem em toda a extensão do texto ou parte dela; em outros, há apenas um rascunho preliminar e, em ainda outros casos, não há absolutamente nenhuma narrativa formada, mas apenas notas e projeções. Após muita experimentação, notei que nenhum método de apresentação seria exequível a não ser dispor os *Contos* na sequência da narrativa.

E, finalmente, conforme a escrita dos *Contos* progredia, relações foram alteradas, novas concepções entraram e o desenvolvimento das línguas *pari passu* com a narrativa levou à revisão contínua de nomes.

Uma edição que leve em conta tais complexidades, como esta faz, em vez de tentar suavizá-las artificialmente, está sujeita a se tornar uma coisa intrincada e complicada, na qual o leitor não é deixado em paz por um momento sequer. Tentei fazer os *Contos* em si acessíveis e organizados, fornecendo, ao mesmo tempo, um relato bastante completo, para aqueles que desejarem, das verdadeiras evidências textuais. Para isso, reduzi drasticamente a quantidade de notas aos textos das seguintes formas: as muitas alterações feitas a nomes estão todas registradas, mas foram agrupadas ao final de cada conto, e não assinaladas individualmente em cada ocorrência (os lugares onde os nomes ocorrem podem ser encontrados no Índice Remissivo); quase todas as anotações a respeito do conteúdo estão coligidas, ou resumidas, em um comentário ou pequeno ensaio que segue cada conto; e quase todo comentário linguístico (primariamente a etimologia de nomes) está reunido em um Apêndice de Nomes ao final do livro, onde se encontrará bastante informação sobre os estágios mais antigos das línguas “élficas”. Assim, as notas

numeradas estão mormente restritas a variantes e divergências encontradas em outros textos, e o leitor que não quiser ser importunado com elas pode ler os *Contos* sabendo que isso é praticamente tudo o que está perdendo.

Os comentários são limitados no escopo, sendo principalmente dedicados a discutir as implicações do que se diz dentro do contexto dos *Contos* em si e a compará-los com o *Silmarillion* publicado. Evitei falar de paralelos, fontes e influências; e, na maior parte das vezes, evitei as complexidades do desenvolvimento entre os *Contos Perdidos* e o trabalho publicado (já que as indicar, mesmo que superficialmente, seria distrativo, penso eu), tratando do assunto de maneira simplificada, como se eles fossem dois pontos fixos. Não suponho nem por um momento que minhas análises se mostrem completamente justas ou completamente precisas, e deve haver pistas para a solução de características enigmáticas dos *Contos* que eu não observei. Também incluso está um pequeno glossário de palavras que ocorrem nos *Contos* e nos poemas que são obsoletas, arcaicas ou raras.

Os textos estão incluídos em uma forma muito próxima à dos manuscritos originais. Apenas os menores e mais óbvios deslizes foram silenciosamente corrigidos; nos lugares em que as frases parecem canhestras, ou em que falta coesão gramatical — como é o caso, às vezes, nas partes dos *Contos* que nunca foram além de um rápido esboço — eu deixei estar. Permiti-me maior liberdade ao colocar a pontuação, pois meu pai, quando escrevia em velocidade, pontuava pouco ou nada; e eu fui além dele no que se refere à consistência no uso de maiúsculas. Adotei, embora com hesitação, um sistema consistente de acentuação para nomes

élficos. Meu pai escreveu, por exemplo: *Palûrien*, *Palúrien*, *Palurien*; *Ōnen*, *Onen*; *Kôr*, *Kor*. Usei o acento agudo para representar o mácron e os acentos circunflexo e agudo (e ocasionalmente o grave) que aparecem nos textos originais, mas empreguei o circunflexo em monossílabos — assim, *Palúrien*, *Ónen*, *Kôr*: o mesmo sistema, pelo menos visualmente, do sindarin posterior.

Por fim, a divisão desta edição em duas partes deve-se inteiramente ao comprimento dos *Contos*. A edição foi concebida como um todo, e espero que a segunda parte seja publicada menos de um ano após a primeira; mas cada uma tem seu próprio Índice Remissivo e Apêndice de Nomes. A segunda parte contém aqueles que, em muitos sentidos, são os mais interessantes dos *Contos*: *Tinúviel*, *Turambar* (Túrin), *A Queda de Gondolin* e o *Conto do Nauglafring* (o Colar dos Anãos); esboços do *Conto de Eärendel* e a conclusão da obra; e *Ælfwine da Inglaterra*.

NOTAS

[a] Quando o título estiver em itálico, refiro-me à obra conforme foi publicada; quando estiver entre aspas, à obra de modo mais geral, em qualquer uma das suas formas, ou todas elas.

[b] Somente no caso de *A Música dos Ainur* houve um desenvolvimento direto, manuscrito após manuscrito, desde *O Livro dos Contos Perdidos* às formas posteriores; pois *A Música dos Ainur* se desprendeu e continuou como um trabalho independente.

1

O Chalé do Brincar Perdido

Na capa de um dos agora muito surrados “Cadernos de Exercício do Colegial”, nos quais alguns dos *Contos Perdidos* foram compostos, meu pai escreveu: *O Chalé do Brincar Perdido, que introduz* [*o*] *Livro dos Contos Perdidos*; e na capa também está escrito, com a letra de minha mãe, as iniciais dela, E.M.T., e uma data, 12 fev. 1917. Nesse caderno, o conto foi escrito por minha mãe; e é uma bela cópia de um manuscrito a lápis muito descuidado feito por meu pai em folhas soltas, que foram acondicionados dentro da capa. Portanto, a data real da composição poderia ter sido, mas provavelmente não foi, antes do inverno de 1916–17. A cópia bem-feita segue precisamente o texto original; algumas alterações adicionais, majoritariamente pequenas (exceto em matéria de nomes), foram feitas à cópia limpa depois. O texto aqui segue a forma final.

Ora, aconteceu certa vez que um viajante vindo de terras distantes, um homem de grande curiosidade, por desejo de lugares estranhos e dos modos e moradas de gente forânea, fez-se ao longínquo oeste num navio, chegando mesmo à Ilha Solitária, Tol Eressëa no falar das fadas, mas que os Gnomos[1] chamam Dor Faidwen, a Terra da Libertação, e aí está um grande conto.

Ora, um dia, após muito viandar, chegou, conforme as luzes do anoitecer se acendiam em

muitas janelas, ao pé de uma colina em uma ampla planície arvorada. Estava agora próximo do centro dessa grande ilha e por muitos dias vagara pelas estradas, pousando a cada noite em qualquer habitação de gente com que se deparasse, fosse em aldeia ou em cidade, próximo à hora do anoitecer, ao acender de velas. Pois bem, a essa hora o desejo de ver novas coisas é pequeno, mesmo em alguém cujo coração é o de um explorador; e, então, mesmo um filho de Eärendel, como era esse viandante, volta o pensamento à ceia e ao descanso e ao contar de contos antes da hora de se deitar e de o sono chegar.

Ora, enquanto estava ao pé da pequena colina, veio uma leve brisa e, depois, uma revoada de gralhas passou sobre sua cabeça na luz clara e uniforme. O sol há um tempo afundara por trás dos ramos dos olmeiros que se estendiam até onde os olhos podiam alcançar na planície, e havia algum tempo sua última luz dourada se esvanecera através das folhas e passara pelas clareiras para dormir sob as raízes e sonhar até a alvorada.

Ora, essas gralhas crocitaram em sinal de regresso acima dele e, com um volteio rápido, chegaram às suas moradas nas copas duns altos olmos no cimo dessa colina. Então, pensou Eriol (pois assim o povo da ilha o chamou posteriormente, e o significado é “o que sonha só”, mas de seus nomes anteriores a estória não fala em nenhum lugar): “A hora do descanso está próxima e, embora não saiba nem mesmo o nome

desta bela cidade sobre a pequena colina, aqui buscarei repouso e hospedagem e não prosseguirei até o amanhecer, e nem depois, quiçá, pois o lugar parece belo e suas brisas, de bom olor. A mim parece ter o ar de que guarda muitos segredos de outrora e coisas maravilhosas e belas em seus tesouros e nobres sítios e nos corações dos que habitam dentro de seus muros.”

Ora, Eriol vinha desde o sul, e uma estrada reta corria diante dele, margeada num lado por um grande muro de pedra cinzenta encimada com muitas flores ou, aqui e ali, com grandes teixos escuros se projetando. Através deles, conforme seguia a estrada, conseguia ver as primeiras estrelas brilhando, como cantou depois na canção que fez àquela bela cidade.

Agora estava no cimo da colina em meio às casas e, caminhando como que a esmo, virou e desceu por um sendeiro sinuoso até que, um pouco abaixo da encosta ocidental da colina, seus olhos foram capturados por uma pequenina morada cujas muitas janelas estavam cortinadas acolhedoramente, mas somente o bastante para que escapasse uma luz cálida e deliciosa, como de corações contentes lá dentro. Seu coração então ansiou por gentil companhia, e o desejo de viandar morreu dentro dele — e, impelido por grande desejo, voltou-se para a porta desse chalé e, batendo, perguntou a quem veio abrir qual seria o nome desta casa, e quem morava aí. E foi-lhe dito que este era Mar Vanwa Tyaliéva, ou o Chalé do Brincar Perdido, e com aquele nome ele muito se

impressionou. Ali moravam, disseram-lhe, Lindo e Vairë, que o construíram havia muitos anos, e com eles estavam não poucos de sua gente, e amigos, e crianças. E com isso impressionou-se ainda mais que antes, vendo o tamanho do chalé; mas aquele que abrira a porta, percebendo o que pensava, falou: “Pequena é a morada, mas ainda menores são os que aqui moram — pois todos os que entram devem ser bem pequenos de fato, ou de boa vontade tornar-se gente pequenina assim que pisam na soleira.”

Então disse Eriol que desejaria muito entrar e pedir de Vairë e Lindo a gentileza de hospedar-se à noite, se estivessem dispostos, e se poderia, de boa vontade, tornar-se pequeno o bastante ali na soleira. Então o outro disse “Entra” e Eriol passou para dentro e eis que parecia uma casa de grandes dimensões e grandíssimo deleite, e o senhor dela, Lindo, e sua esposa, Vairë, achegaram-se para saudá-lo; e seu coração estava mais alegre do que estivera até então em todas as suas andanças, ainda que, desde que aportara na Ilha Solitária, sua alegria tivesse sido bastante grande.

E quando Vairë dissera palavras de boas-vindas e Lindo lhe perguntara o nome e de onde viera e para onde acaso estava indo, e depois de chamar-se a si mesmo de Forasteiro e dizer que vinha das Grandes Terras,[2] e que estava indo aonde quer que seu desejo de viajar o levasse, a refeição da noite foi servida no grande salão e a Eriol pediram que entrasse. Ora, nesse salão, apesar de ser estio,

havia três grandes fogos — um na extremidade e um em cada lado da mesa e, à exceção dessas luzes, assim que Eriol entrou, tudo estava em cálida penumbra. Mas, naquele momento, muita gente entrou segurando velas de todos os tamanhos e muitas formas, em castiçais de estranhos moldes: muitos eram de madeira talhada e outros, de metal forjado, e estes eram postos fortuitamente pela mesa no centro e sobre aquelas nas laterais.

No mesmo momento, um grande gongo soou à distância, na casa, com um ruído doce, e seguiu-se um som como o do riso de muitas vozes mescladas com grande tropel. Então, Vairë disse a Eriol ao ver seu rosto cheio de feliz surpresa: “Essa é a voz de Tombo, o Gongo das Crianças, que fica do lado de fora do Salão do Brincar Recuperado, e ele soa uma vez para convocá-las a este salão nas horas de comer e beber, e três vezes para convocá-las à Sala da Lareira para o contar de contos”, e Lindo acrescentou: “Se quando ele soa uma vez há riso nos corredores e som de pés, então as paredes estremecem com gargalhadas e passos quando soa três vezes ao anoitecer. E o soar das três batidas é o momento mais feliz no dia de Coração-Pequeno, o Guardião-do-Gongo, como ele mesmo afirma, e ele já há muito tempo é bem feliz; e, de fato, é ancião além da conta, apesar da alegria de sua alma. Navegou em Wingilot com Eärendel naquela última viagem em que buscaram Kôr. Foi o soar de seu Gongo nos Mares Sombrios que despertou o Adormecido na

Torre de Pérola que fica ao longínquo oeste das Ilhas do Crepúsculo.”

A essas palavras a mente de Eriol se pegou — pois pareceu-lhe que um novo e belíssimo mundo abria-se para ele —, de sorte que nada ouviu até que foi instado por Vairë a sentar-se. Ergueu então os olhos e eis que o salão e todos os seus bancos e cadeiras estavam repletos de crianças de todo aspecto, tipo e tamanho, e dispersa entre elas estava gente de todo modo e idade. Em uma coisa apenas eram todos iguais: que havia em cada rosto um olhar de grande felicidade, iluminado com uma expectativa alegre de ainda mais contentamento e regozijo. A luz suave de velas também se projetava neles; luzia em brilhantes tranças e cintilava em cabelos escuros, ou aqui e ali chamejava pálida em mechas grisalhas. Conforme ele fitava, todos se levantaram e, com uma só voz, cantaram a canção da Entrada dos Repastos. Então a refeição foi trazida e servida diante deles e, depois disso, os que trouxeram e os que serviram e os que aguardavam, anfitrião e anfitriã, crianças e hóspede sentaram-se: mas Lindo primeiramente bendisse o alimento e a companhia. Conforme comiam, Eriol pôs-se a conversar com Lindo e sua esposa, contando-lhes contos de seus dias passados e suas aventuras, especialmente aquelas com que se deparou na jornada que o trouxera para a Ilha Solitária, e perguntando-lhes muitas coisas a respeito da bela terra, e acima de tudo da bela cidade em que agora se encontrava.

Lindo disse a ele: “Sabe, pois, que hoje, ou mais provavelmente ontem, cruzaste as divisas da região chamada Alalminórë, ou a ‘Terra dos Olmos’, que os Gnomos chamam Gar Lossion, ou o ‘Sítio das Flores’. Ora, essa região é tida como o centro da ilha, e seu mais belo reino; mas acima de todas as cidades e aldeias de Alalminórë está Koromas ou, como alguns a chamam, Kortirion, e essa é a cidade em que te encontras agora. Tanto por estar no coração da ilha quanto pela altura de sua poderosa torre, aqueles que falam dela com amor chamam-na de Cidadela da Ilha, ou de Mundo propriamente dito. Há mais razão nisso do que apenas grande amor, pois toda a ilha recorre aos habitantes daqui em busca de sabedoria e liderança, de canção e erudição; e aqui, em um grande *korin* de olmeiros, habita Meril-i-Turinqi. (Ora, um *korin* é um grande cercado circular, seja de pedra ou espinheiros ou mesmo de árvores, que contorna um relvado verdejante.) Meril vem do sangue de Inwë, a quem os Gnomos chamam Inwithiel, ele que foi Rei de todos os Eldar quando moravam em Kôr. Isso foi nos dias antes de Inwë, ouvindo o lamento do mundo, levá-los adiante para as terras de Homens: mas dessas coisas grandiosas e tristes e de como os Eldar chegaram a esta bela e solitária ilha eu talvez te conte em outro momento.

“Mas após muitos dias, Ingil, filho de Inwë, vendo que este lugar era bastante belo, assentou-se aqui e em seu redor juntou a maior parte dos mais belos e mais sábios; a maior parte dos mais

alegres e mais gentis de todos os Eldar.[3] Entre esses muitos chegou meu pai, Valwë, que foi com Noldorin encontrar os Gnomos, e o pai de minha esposa Vairë, Tulkastor. Ele era da gente de Aulë, mas habitara por muito tempo com os Flautistas das Terras Costeiras, os Solosimpi, e, desse modo, chegou à ilha entre os primeiros.

"Então Ingil erigiu a grande torre[4] e chamou a cidade de Koromas, ou 'o Repouso dos eLivross de Kôr', mas, por razão daquela torre, agora a chamam principalmente de Kortirion."

Ora, por volta desse momento eles se aproximaram do fim da refeição; e então Lindo encheu a taça e, depois dele, Vairë e todos no salão, mas a Eriol ele disse: "Isto que colocamos em nossas taças é *limpë*, a bebida dos Eldar, tanto jovens quanto idosos, e, ao bebê-la, nossos corações conservam a mocidade e nossos lábios se enchem de canção, mas esta bebida não posso administrar: somente Turinqi pode dispensá-la àqueles que não são da raça dos Eldar, e os que bebem devem habitar para sempre com os Eldar da Ilha até aquele tempo em que eles partam afora para achar as famílias perdidas da gente." Ele então encheu a taça de Eriol, mas encheu-a com vinho dourado de antigos tonéis dos Gnomos; e todos então se levantaram e beberam "à Partida Afora e ao Reacender do Sol Mágico". Então soou o Gongo das Crianças por três vezes, e um clamor contente ergueu-se no salão, e escancararam grandes portas de carvalho no extremo do salão — no extremo em que não havia lareira. Então muitos

tomaram as tais velas que estavam em altos castiçais de madeira e as seguraram elevadas, enquanto outros gargalhavam e tagarelavam, mas todos abriram um corredor no meio do grupo pelo qual passaram Lindo e Vairë e Eriol, e, assim que atravessaram as portas, a multidão os seguiu.

Eriol viu agora que estavam num corredor curto e largo, cujas paredes estavam tapetadas desde o chão até o meio; e nessas tapeçarias havia muitas estórias retratadas de cujo significado ele nada sabia no momento. Acima das tapeçarias parecia haver pinturas, mas ele não conseguia enxergar devido ao escuro, pois os portadores-das-velas estavam atrás e, à sua frente, a única luz vinha de uma porta aberta, donde derramava-se um brilho rubro como se de um grande fogo. “Aquele,” disse Vairë, “é o Fogo-do-Conto ardendo na Sala das Lenhas; lá ele arde durante todo o ano, pois é um fogo mágico, e muito auxilia o contador no seu conto — mas é para lá que vamos agora”, e Eriol disse que isso lhe parecia melhor que tudo.

Então, toda a companhia entrou gargalhando e conversando na sala donde vinha o brilho rubro. Uma bela sala era, como se podia perceber mesmo com o tremular do fogo que dançava nas paredes e no teto baixo, enquanto sombras profundas deitavam-se nos cantos e esconsos. Em redor da grande lareira estava uma multidão de macias alfombras e coxins aconchegantes espalhados; e um pouco para o lado havia uma cadeira baixa com braços e pés entalhados. E foi assim que Eriol sentiu — naquele momento e em todos os outros

em que lá entrou na hora do contar-de-contos — que não importava o número de pessoas e de crianças, a sala parecia sempre grande o bastante, mas não enorme, pequena o bastante, mas não abarrotada.

Então, todos se sentaram onde desejavam, idosos e jovens, mas Lindo sentou-se na cadeira baixa e Vairë, num coxim aos seus pés, e Eriol, deliciando-se no fulgor rubro apesar de ser verão, esticou-se próximo à lareira.

Então disse Lindo: “Do que hão de ser os contos esta noite? Serão das Grandes Terras, e das moradas de Homens; dos Valar e Valinor; do Oeste e seus mistérios, do Leste e sua glória, do Sul e seus ermos inexplorados, do Norte e seu poder e força; ou desta ilha e seu povo; ou dos dias antigos de Kôr onde nosso povo certa vez morou? Por termos nesta noite um hóspede — um homem de viagens vastas e excelentes, um filho, parece-me, de Eärendel — será de navegações e de explorações num barco, de ventos e do mar?”[5]

Mas a essas perguntas alguns responderam uma coisa, alguns responderam outra, até que Eriol disse: “Rogo, se for do desejo dos outros, que desta vez me conteis sobre esta ilha, e o que mais avidamente gostaria de saber de toda esta ilha é sobre esta boa casa e esta bela companhia de meninas e meninos, pois, de todas as casas, esta me parece a mais amável, e de todos os saraus, este é o mais doce que jamais vi.”

Então falou Vairë: “Sabe, pois, que outrora, nos dias de[6] Inwë (e é difícil retroceder ainda além

disso na história dos Eldar), havia um lugar de belos jardins em Valinor junto a um mar prateado. Ora, este lugar era próximo aos confins do reino, mas não longe de Kôr, e, ainda assim, por conta de sua distância da árvore-do-sol, Lindelos, havia lá uma luz como a de uma noite estival, exceto apenas quando as lâmpadas prateadas eram acesas na colina ao crepúsculo, e então luzinhas brancas dançavam e fremiam nos sendeiros, lançando sombras negras sob as árvores. Era um momento de alegria para as crianças, pois era principalmente a essa hora que um novo camarada descia pela vereda chamada Olórë Mallë ou Trilha dos Sonhos. Foi-me dito, embora eu não saiba a verdade, que essa vereda corria por rotas sinuosas aos lares de Homens, mas esse caminho nunca trilhávamos quando íamos nós mesmos até lá. Era uma vereda de escarpas íngremes e grandes sebes proeminentes, além das quais havia muitas árvores altas onde parecia viver um sussurro perpétuo; mas não raro grandes larvas luminosas rastejavam pelas margens relvadas.

“Ora, nesse lugar de jardins, um alto portão treliçado que brilhava dourado no crepúsculo se abria para a trilha dos sonhos e, de lá, corria por caminhos tortuosos com buxos altos até o mais belo de todos os jardins e, no meio do jardim, havia um alvo chalé. Do que fora construído ou quando, ninguém sabia e ninguém sabe ainda, mas foi-me dito que brilhava com uma luz pálida, como se fosse de pérola, e o telhado era de palha, mas uma palha de ouro.

“Ora, num dos lados da casinha havia uma mouta de lilases brancos e, na outra ponta, um teixo imenso, de cujos ramos as crianças faziam arcos ou escalavam pelos galhos até o telhado. Mas, nos lilases, todos os pássaros que algum dia cantaram se ajuntavam e cantavam docemente. Ora, as paredes do chalé se arquearam com os anos, e suas muitas janelinhas treliçadas se contorceram em estranhas formas. Ninguém, conta-se, morava no chalé, o qual era, contudo, secreta e ciosamente guardado pelos Eldar para que nenhum perigo se aprochegasse e para que, ainda assim, as crianças que ali brincavam em liberdade não percebessem qualquer tipo de proteção. Esse era o Chalé das Crianças, ou do Brincar do Sono, e não do Brincar Perdido, como foi erroneamente dito em canção entre os Homens — pois nenhum brincar era então perdido e, infelizmente, só aqui e agora é o Chalé do Brincar Perdido.

“Essas também eram as primeiras crianças — filhos dos pais dos pais dos Homens que foram até lá; e, por pena, os Eldar procuravam guiar todos os que desciam por aquela vereda para o chalé e o jardim, a fim de que não se desviassem para Kôr e se enamorassem da glória de Valinor; pois daí ou ficariam lá para sempre, e grande pesar sobreviria a seus pais, ou vagariam de volta por muito tempo, sempre em vão, e tornar-se-iam estranhos e ariscos entre os filhos de Homens. Não, mesmo aqueles que vagavam até as beiras dos rochedos de Eldamar e lá se desgarravam, fascinados pelas

belas conchas e peixes de muitas cores, pelas poças azuis e espuma prateada, eles levavam de volta ao chalé, atraindo-os gentilmente com o aroma de muitas flores. Ainda assim, havia lá uns poucos que ouviram naquela praia o doce flautear dos Solosimpi ao longe, e que não brincavam com as outras crianças, mas subiam até as janelas mais altas e olhavam para fora, esforçando-se para captar vislumbres distantes do mar e das praias mágicas além das sombras e das árvores.

"Ora, na maior parte das vezes as crianças não entravam na casa, mas dançavam e brincavam no jardim, ajuntando flores ou correndo atrás das abelhas douradas e borboletas de asas bordadas que os Eldar soltavam pelo jardim para seu contentamento. E muitas crianças lá se amigaram, e depois se encontraram e se enamoraram nas terras de Homens, mas de tais coisas talvez os Homens saibam mais do que te posso contar. E, no entanto, alguns havia que, como disse, ouviram os Solosimpi flauteando ao longe, e outros que, desgarrando-se novamente para além do jardim, ouviram o som do cantar dos Telelli na colina, e mesmo alguns que, alcançando Kôr, depois voltavam para casa e suas mentes e corações ficavam repletos de maravilhamento. De suas enevoadas memórias posteriores, de seus contos fragmentários e pedaços de canções vieram muitas lendas estranhas que deleitaram Homens por muito tempo e ainda o fazem, talvez; pois dessa gente eram os poetas das Grandes Terras.[7]

“Ora, quando as fadas deixaram Kôr, aquela vereda foi bloqueada para sempre com grandes rochas intransponíveis, e lá continua até hoje, decerto, o chalé desabitado e o jardim vazio, e assim ficarão até muito tempo depois da Partida Afora, quando, se tudo correr bem, as estradas de Arvalin até Valinor encher-se-ão de filhos e filhas de Homens. Mas, vendo que nenhuma criança ia até lá para descanso ou deleite, o pesar e o embotamento se espalharam entre eles, e os Homens quase deixaram de acreditar, ou de pensar, na beleza dos Eldar e na glória dos Valar, até que chegou um das Grandes Terras e nos procurou para aplacar a escuridão.

“Ora, não há, infelizmente, caminho seguro para as crianças das Grandes Terras até aqui, mas Meril-i-Turinqi deu ouvidos ao seu pedido e escolheu Lindo, meu marido, para que elaborasse um plano benfazejo. Ora, Lindo e eu, Vairë, tomamos sob nossos cuidados as crianças — as remanescentes daquelas que encontraram Kôr e permaneceram com os Eldar para sempre: e dessarte aqui construímos com boa magia este Chalé do Brincar Perdido: e aqui contos antigos, canções antigas e música élfica são preservados e narrados. Vez ou outra, nossas crianças partem afora novamente para encontrar as Grandes Terras, e caminham entre as crianças solitárias, sussurrando a elas no crepúsculo logo na hora de dormir, à luz noturna e de velas, ou confortam os que choram. Algumas, ouvi dizer, escutam as lamúrias dos que são punidos ou repreendidos, e ouvem seus contos e

fingem tomar partido delas, o que me parece uma tarefa sábia e prazenteira.

“No entanto, nem todos os que enviamos retornam, e isso nos é um grande pesar, pois não é, absolutamente, por amá-las pouco que os Eldar mantinham as crianças longe de Kôr, mas, antes, por pensarem nos lares dos Homens; e, ainda assim, nas Grandes Terras, como bem sabes, há belos lugares e regiões de grande encanto, e por isso é apenas por grande necessidade que aventuramos quaisquer das crianças que estão conosco. Mas a maioria volta até aqui e nos relata muitas estórias e muitas coisas tristes de suas jornadas — e agora contei quase tudo o que há para se contar do Chalé do Brincar Perdido.”

Então disse Eriol: “Ora, essas novas são tristes e, no entanto, boas de se ouvir, e lembro-me de certas palavras que meu pai dizia em minha meninice. Dizia ele que era uma tradição de há muito em nossa gente que um dos pais de nossos pais costumava falar duma bela casa e de jardins mágicos, duma cidade maravilhosa, e duma música cheia de toda a beleza e anseio — e essas coisas ele dizia ter visto e ouvido quando criança, embora não dissesse como e nem onde. Ora, durante toda a vida foi inquieto, como se morasse nele um anseio apenas meio expresso por coisas desconhecidas; e conta-se que morreu nos rochedos numa costa solitária, numa noite de tormenta — e, ademais, que a maioria de seus filhos, e dos filhos deles desde então, eram de

mente inquieta — e parece-me que sei agora a verdade sobre o assunto.”

E Vairë disse que era provável que um da sua gente encontrara os rochedos de Eldamar naqueles dias antigos.

NOTAS

[1] *Gnomos*: o Segundo Clã, os *Noldoli* (posteriormente *Noldor*). Para o uso da palavra *Gnomos*, ver pp. 59–61; e para a distinção linguística feita aqui, ver pp. 68–9.

[2] As “Grandes Terras” são as terras a Leste do Grande Mar. O termo “Terra-média” jamais é usado nos *Contos Perdidos* e, de fato, não aparece até escritos dos anos de 1930.

[3] Em ambos os manuscritos, as palavras “de todos os Eldar” são seguidas de: “pois dos mais nobres não havia nenhum, visto que ser do sangue dos Eldar dá igual e é o bastante”; mas isso foi riscado no segundo manuscrito.

[4] O texto original dizia “a grande Tirion”, alterado para “a grande torre”.

[5] Essa frase, a partir de “um filho, parece-me...” substituiu, no manuscrito original, uma frase anterior: “será de Eärendel, o errante, único dos filhos de Homens que teve grandes tratos com Valar e Elfos, o único de sua gente a ver além de Taniquetil, aquele que navega para sempre no firmamento?”

[6] A frase original era “antes dos dias de”, alterado para “nos primeiros dias de” e, por fim, para a frase incluída no texto.

[7] Essa última frase foi um acréscimo ao segundo manuscrito.

Alterações feitas a nomes em *O Chalé do Brincar Perdido*

Os nomes estavam, nesse momento, em um estado muito fluido, refletindo, em parte, o rápido desenvolvimento das línguas que estava acontecendo na época. Alterações foram feitas ao texto original, e mudanças posteriores, em momentos diferentes, ao segundo texto, mas parece desnecessário, nas notas a seguir, entrar em detalhes sobre quando e onde as alterações foram feitas. Os nomes estão incluídos na ordem em que aparecem no conto. Os sinais > e < são usados com o sentido de “alterado para” e “alterado de”.

Dor Faidwen O nome gnômico de Tol Eressëa foi alterado muitas vezes: *Gar Eglos* > *Dor Edloth* > *Dor Usgwen* > *Dor Uswen* > *Dor Faidwen*.

Mar Vanwa Tyaliéva No texto original, um espaço foi deixado para o nome élfico, subsequentemente preenchido com *Mar Vanwa Taliéva*.

Grandes Terras Ao longo do conto, *Grandes Terras* é uma emenda de *Terras de Fora*, quando este último nome recebeu um significado diferente (terras a Oeste do Grande Mar).

Wingilot < Wingelot.

Gar Lossion < Losgar.

Koromas < Kormas.

Meril-i-Turinqi O primeiro texto traz apenas *Turinqi*, com um espaço deixado, em determinado lugar, para um nome próprio.

Inwë < Ing em cada uma das ocorrências.

Inwithiel < Gim Githil, que foi, por sua vez, *< Githil*.

Ingil < Ingilmo.

Valwë < Manwë. Parece possível que *Manwë* como sendo nome do pai de Lindo foi um mero deslize.

Noldorin O texto original era *Noldorin, a quem os Gnomos chamam Goldriel*; *Goldriel* foi alterado para *Golthadriel*, e então a referência ao nome gnômico foi excluída, deixando apenas *Noldorin*.

Tulkastor < Tulkassë < Turenbor.

Solosimpi < Solosimpë em cada uma das ocorrências.

Lindelos < Lindeloksë < Lindeloktë Racimo Cantante (*Glingol*).

Telelli < Telellë.

Arvalin < Harmalin < Harwalin.

Comentário a *O Chalé do Brincar Perdido*

A história de Eriol, o marinheiro, era fundamental para a concepção original de meu pai acerca da mitologia. Naqueles dias, como ele relatou muito depois em uma carta a seu amigo Milton Waldman[a] a intenção

primária do seu trabalho era satisfazer seu desejo por uma literatura específica e reconhecivelmente *inglesa* da “feéria”:

desde cedo eu era afligido pela pobreza de meu próprio amado país: ele não possuía histórias próprias (relacionadas à sua língua e solo), não da qualidade que eu buscava e encontrei (como um ingrediente) nas lendas de outras terras. Havia gregas, celtas e românicas, germânicas, escandinavas e finlandesas (que muito me influenciaram), mas não inglesas, salvo materiais de livros de contos populares empobrecidos.

Em seus escritos mais antigos, a mitologia estava ancorada na antiga história lendária da Inglaterra; e, mais do que isso, estava peculiarmente associada a certos lugares na Inglaterra.

Eriol, ele mesmo aparentado de figuras famosas nas lendas do Noroeste da Europa, navegando para o oeste pelo oceano, chegou afinal a Tol Eressëa, a Ilha Solitária, onde moravam Elfos; e com eles aprendeu “Os Contos Perdidos de Elfinesse”. Mas o seu papel seria, a princípio, mais importante na estrutura do trabalho do que (como se tornou depois) simplesmente o de um homem de dias posteriores que chegou à “terra das Fadas” e lá adquiriu saber perdido ou oculto que depois relatou em seu próprio idioma: inicialmente, era para Eriol ser um elemento importante na própria história das fadas — a testemunha da ruína da élfica Tol Eressëa. O elemento da antiga história inglesa, ou “lenda histórica”, não era, no início, uma mera estrutura, isolada dos grandes contos que posteriormente constituíram “O Silmarillion”, mas uma parte integral do fim deles. A elucidação de tudo isso (na medida em que é possível

elucidar) deve necessariamente ser adiada para o final dos *Contos*; mas alguma coisa pelo menos deve ser dita aqui acerca da história de Eriol até o momento de sua chegada em Tol Eressëa, e da importância original da Ilha Solitária.

A “estória de Eriol” está, de fato, entre os assuntos mais emaranhados e obscuros em toda a história da Terra-média e Aman. Meu pai abandonou a escrita dos *Contos Perdidos* antes de alcançar o final e, quando os abandonou, também havia abandonado suas ideias originais para a conclusão. Essas ideias podem ser depreendidas de suas notas, é verdade; mas as notas foram majoritariamente escritas a lápis numa velocidade furiosa, e a escrita está agora borrada e esmaecida e, em alguns locais, mal decifráveis após longo exame, em pequenos retalhos de papel, desordenados e sem data, ou em um caderninho no qual, durante os anos em que compunha os *Contos Perdidos*, ele anotava pensamentos e sugestões (ver aqui). Essas notas acerca do elemento “Eriol” ou “inglês” tomam comumente a forma de esboços curtos, nos quais características proeminentes da narrativa, amiúde sem clara conexão entre si, são escritas à maneira de uma lista; e variam constantemente entre si.

No que deve estar, de toda forma, entre os mais antigos dos esboços, encontrado nesse caderninho de bolso e intitulado “Estória da Vida de Eriol”, o marinheiro que foi a Tol Eressëa passa a ser ligado à tradição da invasão da Grã-Bretanha por Hengest e Horsa no século V d.C. Esse era um assunto ao qual meu pai dispensou muito tempo e reflexão; ele palestrava sobre isso em Oxford e desenvolveu certas teorias originais, especialmente em relação à aparição de Hengest em *Beowulf*.[b]

A partir desses rabiscos, descobrimos que o nome original de Eriol era *Ottor*, mas que chamava a si mesmo de *Wǽfre* (uma palavra em inglês antigo que significa “irrequieto, vagante”) e passava a vida nas águas. Seu pai se chamava *Eoh* (uma palavra do vocabulário poético do inglês antigo que significa “cavalo”); e Eoh foi morto por seu irmão *Beorn* (“guerreiro” em inglês antigo, mas que originalmente significava “urso”, assim como a palavra cognata *björn* em nórdico antigo; cf. Beorn, o troca-peles em *O Hobbit*). Eoh e Beorn eram filhos de *Heden*, “indumentado de couro e peles”, e Heden (como muitos heróis das lendas setentrionais) traçava sua ascendência ao deus Wóden. Em outras notas, há outras conexões e combinações e, visto que nada dessa história foi escrito como uma narrativa coerente, esses nomes só são importantes porque mostram a direção do pensamento do meu pai àquela época.

Ottor Wǽfre assentou-se na ilha de Heligolândia, no Mar do Norte, e casou-se com uma mulher chamada *Cwén* (inglês antigo: “mulher”, “esposa”); tiveram dois filhos, nomeados “em homenagem ao seu pai” *Hengest* e *Horsa* “para vingar Eoh” (*hengest* é outra palavra em inglês antigo para “cavalo”)

O anseio pelo mar então se abateu sobre Ottor Wǽfre: ele era um filho de *Eärendel*, nascido sob sua luz. Se a luz de Eärendel recai sobre um bebê recém-nascido, ele se torna “um filho de Eärendel” e um viandante. (Assim também, em *O Chalé do Brincar Perdido*, Eriol é chamado tanto pelo autor quanto por Lindo de “filho de Eärendel”.) Após a morte de Cwén, Ottor deixou seus jovens filhos. Hengest e Horsa vingaram Eoh e tornaram-se grandes chefes; mas Ottor Wǽfre partiu para buscar e encontrar Tol

Eressëa, aqui chamada em inglês antigo de *se uncúþa holm*, “a ilha desconhecida”.

Várias coisas são ditas nessas notas acerca da estada de Eriol em Tol Eressëa que não aparecem em *O Livro dos Contos Perdidos*, mas delas eu preciso aqui apenas fazer menção às afirmações de que “Eriol adotou o nome *Angol*” e que foi chamado pelos Gnomos (os posteriores Noldor, ver pp. 59–60) de *Angol* “por conta das regiões de seu lar”. Isso certamente se refere ao antigo lar dos “ingleses” antes de atravessarem o Mar do Norte para a Grã-Bretanha: inglês antigo *Angel*, *Angul*, alemão moderno *Angeln*, a região da península dinamarquesa entre o fiorde de Flensburg e o rio Schlei, ao sul da moderna fronteira dinamarquesa. Partindo da costa oeste da península, a distância não é muita até a ilha de Heligolândia.

Em outro lugar, *Angol* é dado como o equivalente gnômico de *Eriollo*, nomes que, conta-se, são os “da região da porção setentrional das Grandes Terras, ‘entre os mares’, de onde veio Eriol”. (Ver mais sobre esses nomes no verbete *Eriol* no Apêndice de Nomes.)

Não se deve pensar que essas notas representam em todos os aspectos a história de Eriol conforme meu pai a concebeu quando escreveu *O Chalé do Brincar Perdido* — de todo modo, diz-se explicitamente ali que *Eriol* significa “O que sonha só”, e que “de seus nomes anteriores a estória não fala em nenhum lugar” (p. 24). Mas o importante é que (de acordo com a visão que formei acerca das concepções mais antigas, aparentemente a melhor explicação para as evidências muito complicadas) essa ainda era a ideia principal quando foi escrito: *Eriol chegou a Tol Eressëa desde as terras ao Leste do Mar do Norte*. Ele pertence ao período que precedeu as invasões anglo-

saxônicas à Grã-Bretanha (conforme meu pai desejava representar, para seus propósitos).

Posteriormente, seu nome mudou para *Ælfwine* (“Amigo-dos-Elfos”), o marinheiro tornou-se um inglês do “período anglo-saxão” da história inglesa, que cruzou o mar rumo a oeste até Tol Eressëa — ele navegou desde a Inglaterra pelo Oceano Atlântico; e dessa última concepção deriva a muito notável história *Ælfwine da Inglaterra*, que será incluída ao final dos *Contos Perdidos*. Mas, na concepção mais antiga, ele não era um inglês da Inglaterra: a Inglaterra no sentido de terra dos ingleses não existia ainda; pois o fato primordial (muito explícito em notas que restaram) dessa conceção é que *a ilha élfica na qual Eriol chegou era a Inglaterra* — ou seja, Tol Eressëa se tornaria a Inglaterra, a terra dos ingleses, ao final da história. Koromas, ou Kortirion, a cidade no centro de Tol Eressëa à qual Eriol chega em *O Chalé do Brincar Perdido*, tornar-se-ia Warwick em dias posteriores (e os elementos *Kor-* e *War-* eram etimologicamente ligados);[c] Alalminórë, a Terra dos Olmos, seria Warwickshire; e Tavrobel, onde Eriol ficou por um tempo em Tol Eressëa, seria posteriormente a vila de Great Haywood em Staffordshire.

Nada disso está explícito nos *Contos* escritos, e só se encontra em notas independentes; mas parece certo que ainda estava presente quando *O Chalé do Brincar Perdido* foi escrito (e, de fato, como tentarei demonstrar mais tarde, subjaz a todos os *Contos*). A cópia limpa que minha mãe fez foi datada de fevereiro de 1917. Desde 1913 até seu casamento, em março de 1916, ela morou em Warwick e meu pai a visitava lá, vindo de Oxford. Após o casamento, ela viveu por um tempo em Great Haywood (a leste de Stafford), já que era mais próximo do acampamento onde meu pai estava estacionado, e, após voltar da França, ele ficou

em Great Haywood no inverno de 1916–17. Assim, a identificação da Tavrobel de Tol Eressëa com Great Haywood não pode ser anterior a 1916, e a cópia limpa de *O Chalé do Brincar Perdido* (e, muito possivelmente, a composição original do texto) foi, na verdade, feita lá.

Em novembro de 1915, meu pai escreveu um poema intitulado *Kortirion entre as Árvores*, que foi dedicado a Warwick.† [d]A introdução em prosa a seguir está anexada à primeira cópia limpa do poema:

Ora, certa vez as fadas habitaram na Ilha Solitária após as grandes guerras com Melko e a ruína de Gondolin; e erigiram uma bela cidade no centro daquela ilha, e era cingida de árvores. Ora, essa cidade eles chamaram de Kortirion, tanto em memória de sua antiga morada de Kôr, em Valinor, quanto porque a cidade ficava também sobre uma colina e tinha uma grande torre, alta e cinzenta, que Ingil, filho de Inwë, seu senhor, fez erguerem.

Muito bela era Kortirion e as fadas a amavam, e tornou-se rica em canção e poesia e em luz de risos; mas certa vez a grande Partida Afora foi realizada, e as fadas teriam reflagrado o Sol Mágico de Valinor, não fosse a traição e os corações fracos dos Homens. Mas acontece que o Sol Mágico está morto e a Ilha Solitária, retirada para os confins das Grandes Terras, e as fadas estão espalhadas por todos os largos sendeiros hostis do mundo; e agora os Homens vivem até mesmo nessa ilha desvanecente, e não se importam ou não sabem de seus dias antigos. Ainda assim, há alguns dos Eldar e dos Noldoli‡[e]de

outrora que permanecem na ilha, e suas canções são ouvidas junto às praias dessa terra que certa vez foi a morada mais bela do povo imortal.

E parece às fadas, e parece-me a mim que conheço aquela cidade e amiúde trilhei seus caminhos desfigurados, que o outono e o cair das folhas é a estação do ano quando, talvez aqui ou ali, algum coração entre os Homens possa estar aberto, e algum olho possa perceber como o estado do mundo decaiu do riso e do encanto de outrora. Pensai em Kortirion e entristecei-vos — mas, ainda assim, não haveria esperança?

Tanto aqui quanto em *O Chalé do Brincar Perdido* há alusões a eventos futuros em relação ao momento em que Eriol chegou a Tol Eressëa e, ainda que a exposição e discussão completa deles precisem esperar até o final dos *Contos*, há que se explicar aqui que “a Partida Afora” foi uma grande expedição desde Tol Eressëa para resgatar os Elfos que ainda vagavam nas Grandes Terras — ver as palavras de Lindo (p. 27): “até aquele tempo em que eles partam afora para achar as famílias perdidas da gente”. Naquela época, Tol Eressëa foi desarraigada, com a ajuda de Ulmo, do fundo do mar e arrastada até próximo das costas ocidentais das Grandes Terras. Na batalha que se seguiu, os Elfos foram derrotados e fugiram, escondendo-se em Tol Eressëa; os Homens entraram na ilha, e o esvanecer dos Elfos começou. A história subsequente de Tol Eressëa é a história da Inglaterra; e Warwick é a “Kortirion desfigurada”, ela mesma uma memória da antiga Kôr (a posterior Tirion sobre Túna, cidade dos Elfos em Aman; nos *Contos Perdidos*, o

nome Kôr é usado tanto para a cidade quanto para a colina).

Inwë, mencionado em *O Chalé do Brincar Perdido* como “Rei de todos os Eldar quando moravam em Kôr”, é o precursor de Ingwë, Rei dos Elfos Vanyar em *O Silmarillion*. Em uma história posteriormente contada a Eriol em Tol Eressëa, Inwë reaparece como um dos três Elfos que foi primeiro a Valinor após o Despertar, assim como Ingwë em *O Silmarillion*. Seu clã e descendentes eram os *Inwir*, dos quais veio Meril-i-Turinqi, a Senhora de Tol Eressëa (ver aqui). As referências de Lindo a Inwë “ouvindo o lamento do mundo” (isto é, das Grandes Terras) e liderando os Eldar para as terras de Homens (p. 27) são o gérmen da história da vinda das Hostes do Oeste para o assalto a Thangorodrim: “A hoste dos Valar se preparou para a batalha; e debaixo de suas bandeiras brancas marchavam os Vanyar, o povo de Ingwë [...]” (*O Silmarillion*, p. 333). Mais tarde, nos *Contos*, Meril-i-Turinqi diz a Eriol que “Inwë era o mais velho dos Elfos, e viveria ainda em majestade, não tivesse ele perecido naquela marcha para o mundo; mas Ingil, seu filho, há muito voltou para Valinor e está com Manwë”. Em *O Silmarillion*, por outro lado, está dito que Ingwë “adentrou Valinor [no início dos dias dos Elfos] e se sentou aos pés dos Poderes, e todos os Elfos reverenciaram seu nome; mas nunca mais voltou, nem viu de novo a Terra-média” (p. 85).

As palavras de Lindo acerca da permanência de Ingil em Tol Eressëa “após muitos dias”, e a interpretação do nome de sua cidade, Koromas, como “o Repouso dos eLivross de Kôr”, refere-se ao retorno dos Eldar das Grandes Terras após a guerra com Melko (Melkor, Morgoth) para libertar os Noldoli escravizados. As suas palavras acerca de seu pai, Valwë, “que foi com Noldorin encontrar os Gnomos”,

refere-se a um elemento nessa história da expedição desde Kôr.[f]

É importante perceber, portanto (caso minha interpretação geral esteja correta), que, em *O Chalé do Brincar Perdido*, Eriol chega a Tol Eressëa *no período após* a Queda de Gondolin e a marcha dos Elfos de Kôr rumo às Grandes Terras para derrotar Melko, quando os Elfos que tomaram parte nela voltaram pelo mar para habitar Tol Eressëa; mas *antes do período* da "Partida Afora" e o deslocamento de Tol Eressëa para a posição geográfica da Inglaterra. Este último elemento logo se perdeu completamente no desenvolvimento da mitologia.

Acerca do "Chalé" propriamente dito é necessário estabelecer de pronto que muito pouca luz se pode jogar nele a partir de outros escritos de meu pai; pois toda a concepção das Crianças que foram para Valinor seria abandonada quase sem vestígio posterior. Mais tarde nos *Contos Perdidos*, porém, há novas referências à Olórë Mallë. Após a descrição da Ocultação de Valinor, está dito que, a pedido de Manwë (que via o acontecimento com pesar), os Valar Oromë e Lórien criaram estranhos caminhos desde as Grandes Terras até Valinor, e o caminho criado por Lórien foi a Olórë Mallë, a Trilha dos Sonhos; por essa vereda, quando os "Homens ainda eram recém-chegados à Terra", "os filhos dos pais dos pais dos Homens" vinham a Valinor durante o sono (pp. 211, 213). Há ainda duas outras menções nos contos que virão na Parte II: a narradora do *Conto de Tinúviel* (uma criança de Mar Vanwa Tyaliéva) diz que viu Tinúviel e a mãe dela com seus próprios olhos

“quando seguia pelo Caminho dos Sonhos em dias há muito passados”, e o narrador do *Conto de Turambar* diz que andou “pela Olórë Mallë nos dias anteriores à queda de Gondolin”.

Há também um poema tratando do Chalé do Brincar Perdido que traz muitos dos detalhes da descrição em prosa. Esse poema, de acordo com as anotações de meu pai, foi escrito na St. John’s Street n. 59, em Oxford, sua acomodação durante a graduação, em 27–28 de abril de 1915 (quando tinha 23 anos). Ele existe em várias versões (como é constantemente o caso dos poemas), cada uma modificada em detalhes em relação à anterior, e o final do poema foi inteiramente reescrito duas vezes. Incluo aqui, primeiro, a versão mais antiga, com as alterações feitas a ela indicadas no pé da página; depois, a versão final, cuja data não pode ser determinada com precisão. Suspeito que seja muito posterior — e, de fato, pode ter sido uma das revisões feitas a antigos poemas quando a coletânea *As Aventuras de Tom Bombadil* (1962) estava sendo preparada, embora não seja mencionada na correspondência de meu pai sobre o assunto.

O título original era *Tu e Eu / e o Chalé do Brincar Perdido* (com uma versão em inglês antigo *Þæt húsincel ǽrran gamenes*), que foi alterado para *Mar Vanwa Tyaliéva*, *O Chalé do Brincar Perdido*; na versão final, o título é *A Casinha do Brincar Perdido: Mar Vanwa Tyaliéva*. Os recuos nas estrofes estão conforme os textos originais.

Tu e Eu
e o Chalé do Brincar Perdido

Tu e eu já vimos essa terra
    E muito ali a gente andava

Há tanto tempo, em nossa infância,
Tua mecha negra, a minha flava.
Seria em sonhadoras sendas
Na brancura do inverno frio,
Ou no crepúsculo azulado
De caminhas bem aninhadas
No torpor das noites de estio,
Que em Sono tu e eu nos perdíamos
E ali a gente se encontrava —
No penhoar tua mecha negra,
E a minha, emaranhada e flava?

Andamos juntos, de mãos dadas,
Vagando na areia das fadas,
Juntando em baldes concha e perla.
Na mata, e em tudo à volta dela,
Havia rouxinóis cantantes.
Buscando prata, revolvemos

Mares internos cintilantes,
Na terra, por clarões serenos,
Em trilha sinuosa andamos,
Mas nunca mais a encontramos
Nos bosques altos, sussurrantes.

De noite e dia era o ar despido,
Mas penumbroso à luz macia,
Quando primeiro se entrevia
O Chalé do Brincar Perdido.
Foi feito branco e muito antigo,
Com palha d’ouro por abrigo
E gelosias p’ra espiar
Voltadas sempre para o mar;
Os nossos jardins infantis
Lá estavam — com os miosótis
Boninas rubras e mostardas,

A nemofila e o agrião.
Arbustos vão fronteira afora,
Ornados de seleta flora,
De flox, cravo, malva e espora
Sob espinheiro carmesim:
E formas enchem os sendeiros
De roupa branca e olhar faceiro,
Com elas tu e eu indo, assim.
E regadores uns levavam
E ao fim molhavam a roupagem;
Mas inda outros planejavam
Casas no chão e na ramagem,
Feéricas povoações;
Alguns subiam nos telhados;
Uns solfejavam, isolados;
Alguns dançavam como fadas
Com margaridas enlaçadas,
Ou perseguiam abelhões;
Um par havia aqui e ali,
Fios enrediços, tez corada,
Falando coisas pueris — [g]
E desses éramos nós dois.
Ao cabo, o Amanhã chegou,
P’ra nos levar, com mão cinzenta;
E nunca mais a gente achou
Chalé e a encantadora senda
Que junto ao mar nós percorremos,
Por velhas praias, por jardim,
Mas onde estão, qual foi seu fim —
Tu e Eu jamais descobriremos.[A]

1 You and I [isto é, em vez de “You and me”, no poema em inglês. (N. T.)]
3 Há tanto tempo, em dias claros
15 em areias douradas
23 Que agora já não encontramos

25 De noite ou dia
29 Novo era, mas também antigo
37 E arbustos vão
43 Com elas Tu e Eu rindo.
47 Minúsculas povoações
56 Dizendo coisas pueris

Os versos 58–65 (acima) foram reescritos, depois, da seguinte maneira:

Mas teve um dia que chegar:
Nós longamente a procuramos,
Nas praias que olham para o mar,
Subimos alto, vigiamos:
70 A trilha desapareceu,
A que por jardins nos levava.
E o que hoje aquela terra é,
Se há jardins ou se há chalé,
Crianças com roupagem alva —
75 Nós não sabemos, Tu e Eu.[B]

62 Que em céu e mar nós percorremos,
63 Em velhas praias
65 We know not, You and I. [Isto é, em vez de “We know not, You and Me.” no poema em inglês. (N. T.)]

Esta é a versão final do poema:

A Casinha do Brincar Perdido
Mar Vanwa Tyaliéva

Tal terra vimos, Tu e Eu,
e muito ali a gente andava.
Há tempos tudo se perdeu,
tua mecha negra, a minha flava.
5 Seria em pensadoras sendas,

na brancura do inverno frio,
ou no crepúsculo azulado
de caminhas bem aninhadas,
no torpor das noites de estio,
que o Sono era nossa aventura,
e ali a gente se encontrava,
no penhoar tua mecha escura
e a minha, emaranhada e flava?

Andamos juntos, de mãos dadas,
pegadas na areia dourada,
juntando em baldes concha e perla,
na mata, e em tudo à volta dela,
havia rouxinóis cantantes.
De prata havia suficiente,
no mar, faíscas cintilantes,
na terra, por clarão virente,
a trilha sinuosa achamos,
e agora não mais a encontramos,
nos bosques altos, sussurrantes.

Não tinha noite ou dia o ar,
tudo era envolto na penumbra,
quando primeiro se vislumbra
a alva Casinha do Brincar.
De feitio novo, e muito antigo,
com palha d’ouro por abrigo
e gelosias p’ra espiar
voltadas sempre para o mar;
e os nossos jardins infantis
estavam lá: os miosótis,
boninas, agrião, mostarda,
e rabanetes para o chá.
Arbustos vão fronteira afora,
ornados de seleta flora,
lupino, flox, malva e espora

sob um espinheiro grená;
as pessoas pelo pomar
falavam com seu linguajar,
mas não contigo, e nem comigo.

Pois regadores uns levavam
e ao fim molhavam a roupagem,
mas inda outros planejavam
casas no chão e na ramagem,
e até pequenos povoados.
Alguns subiam nos telhados;
uns solfejavam, isolados,
uns dançam feéricas cirandas
com margaridas nas guirlandas,
enquanto uns, ajoelhados,
cantavam a um rei pequenino,
vestido em traje alabastrino,
as melodias do passado.
E um par havia, de mãos dadas,
com as madeixas enlaçadas,
que andava sempre lado a lado,
mas o que cada um falou,
quando o Acordar os separou,
somente em nós está guardado.[C]

É notável que o poema tenha sido intitulado *O Chalé*, ou *A Casinha do Brincar Perdido*, mas que a descrição seja do Chalé das Crianças em Valinor, perto da cidade de Kôr; no entanto, de acordo com Vairë (pp. 29–30), esse era o “Chalé do Brincar do Sono”, e não “do Brincar Perdido, como foi erroneamente dito em canção entre os Homens”.

Não tentarei fazer qualquer análise ou fornecer qualquer elucidação sobre as ideias incorporadas nos “Chalés das Crianças”. De todo modo, os leitores, seja lá como os interpretem, não precisarão de assistência

quanto à sua percepção das emoções pessoais e particulares nas quais tudo isso ainda estava ancorado.

Como eu disse, a ideia da vinda de crianças mortais em sono aos jardins de Valinor logo foi abandonada por completo e, na mitologia desenvolvida, não haveria lugar para ela — menos ainda para a ideia de que, num possível dia vindouro “as estradas de Arvalin até Valinor encher-se-ão de filhos e filhas de Homens”.

Do mesmo modo, toda essa pequenez “élfica” logo desapareceu. A ideia do Chalé das Crianças já existia em 1915, como demonstra o poema *Tu e Eu*; e foi no mesmo ano, de fato nos mesmo dias de abril, que *Pés de Gobelim* (ou *Cumaþ Þá Nihtielfas*) foi escrito, poema acerca do qual meu pai disse em 1971: “desejo que a pequena coisa infeliz, representando tudo que vim (quase de imediato) a desgostar com fervor, possa ser enterrada para sempre.”[h] Ainda assim, há que se observar que, em notas antigas, diz-se que Elfos e Homens eram “de igual estatura” em dias passados, e que a pequenez (e o caráter diáfano e transparente) das “fadas” é um aspecto de seu “esvanecer”, e diretamente relacionado ao domínio dos Homens nas Grandes Terras. Voltarei a isso mais tarde. A esse respeito, a pequenez do Chalé é muito estranha, já que parece ser-lhe peculiar: Eriol, que viajara por muitos dias por Tol Eressëa, impressiona-se com o fato de que a morada consegue abrigar tantos, e dizem a ele que todos os que lá entram devem ser, ou se tornar, muito pequenos. Mas Tol Eressëa é uma ilha habitada por Elfos.

Incluo agora três textos do poema *Kortirion entre as Árvores* (mais tarde chamado *As Árvores de Kortirion*). Os primeiríssimos trabalhos (novembro de 1915) desse poema sobrevivem,[i] e há muitos textos

subsequentes. A introdução em prosa à versão inicial foi citada nas pp. 37–8. Uma grande revisão foi feita em 1937, e ainda outra foi feita muito mais tarde; a essa altura, era quase um poema diferente. Visto que meu pai o enviou para Rayner Unwin em fevereiro de 1962 como possível candidato para inclusão em *As Aventuras de Tom Bombadil*, parece praticamente certo que a versão final data dessa época.[j]

Incluo o poema inicialmente em sua versão pré-1937, quando apenas poucas alterações tinham sido feitas. Em uma das cópias mais antigas, ele tem um título em inglês antigo: *Cor Tirion þǽra béama on middes*, e foi "dedicado a Warwick"; mas, em outra, o segundo título está em élfico (a segunda palavra não é perfeitamente legível): *Narquelion la . . tu y aldalin Kortirionwen* (ou seja, "Outono (entre) as árvores de Kortirion").

Kortirion entre as Árvores

As Primeiras Estrofes

Ó urbe morta sobre uma colina,
    Velha memória desbotando em seu portão,
Com roupa gris, seu coração declina;
    E só o castelo aguarda em posição,
Pensando como, entre os grandes olmeiros,
    A Deslizante Água sai dos reinos,
Vara os prados, rumo ao ocidental oceano —
E ainda desce por quedas ruidosas
    Chegando sempre ao mar, ano após ano;
Depois que Kortirion Fadas criaram
Incontáveis anos ao mar rumaram.

Cidade alta em colina ventosa
    De becos tortos com muros umbrosos,
(Ainda hoje vão pavões em marcha pomposa,

Azul-safira e verdes, majestosos),
Olha a campanha de dimensão vasta,
Com sol, regada com chuva de prata,
Ricos bosques, de mil árvores sussurrantes
Lançando sombras longas no meio do dia,
E as brisas centenárias, rumorantes.
Urbe tu és da Terra dos Olmeiros,
Alalminórë, em Feéricos Reinos.

Velha Kortirion, canta das florestas!
Bordo e roble de borlas manifestas,
Choupos cantantes e teixos augustos
Nos cimos dos muros vetustos
Pensando em grandeza sombria —
Até que as luzes das primas estrelas
Pálidas os ramos escuros vêm retê-las;
Quando da Ursa de Argento as sete centelhas
Oscilam nas suas guedelhas
Naquele fatídico dia.
Ó cidade do mundo, ó torreão!
Se hasteado do estio o pendão,
Teus olmos se enchem de harmonia —
Numa algazarra que encobria
De toda a floresta o cantar.
Amada Kortirion, canta de olmeiros,
E do estio que os torna veleiros,
Os panos nos mastros de naus virentes
Passando em frota, galés imponentes,
No ensolarado mar.

As Segundas Estrofes

Província no centro de ilhota passageira,
Lá ainda se avistam Sós Companhias
Serenas, às vezes, caminham em fileiras
Por sendas, com chorosas harmonias:
Imortais Elfos e benditas Fadas

Dançando em bosques, cantando toadas,
Triste canção do que foi e inda pode ser.
E passam, sumindo na ventania,
A relva undosa nos faz esquecer
As doces vozes, qual sinos na aragem
E os seus cabelos, como dourada ramagem.

Tua primavera é bela e contente
Entre as árvores; mas o verão sopitado
Ouve o tocador junto ao rio corrente
Flautando nas teias dum sonho florestado
Os sons que ainda cantam, claros,
Campânulas élficas em cerúleos aros
Nos muros do castelo;
Reclina-se e ouve o feitiço claro e frio
Subindo corredores, salões belos:
Uma triste e mágica nota,
Linha vítrea, argêntea, remota.

Então as árvores, ó urbe no escampado,
Soltam lamento triste e sussurrado;
Pois vão-se as horas ricas e as noites de encanto,
Quando dançam mariposas, voejando
Pelas velas, no ar sem tremor,
E as auroras já encontram sua sina,
A luz do sol pingando em relva fina;
O odor e o som indolente dos prados,
Quando morrem flor e trevos plumados
Pela foice do ceifador.
O triste outubro o tojo aformoseia
Com lustre fulvo de enredada teia,
E o olmo sombrio, então, começa a morrer;
Funestas folhas a empalidecer
Co’as lâminas geladas
Do Inverno, e lanças azuladas
Cobrindo o sol e todos os recantos

Justo no Dia de Todos os Santos.
Em asas d’âmbar chega sua hora
Por vale baço elas vão embora
Qual aves cruzam lagoa enevoada.

As Terceiras Estrofes

Ao coração me agrada esta estação
Que adorna esta cidade a esvanecer,
Cortejos suntuosos que se vão
Com doces, tristes sons, a percorrer
Brumosas vias. Ó! tempo gentil,
Quando no bosque a sombra faz-se anil
E o final das manhãs se enfeita de sincelo.
As Fadas usam teu cristal de ocaso
Para enfeitar os seus sombrios capelos
Com fino e baço roxo, e longas bandas
Urdidas com luz fria por mãos brandas.

Já viram da estação as noites claras,
Quando olmos prendem com opacos laços
O sete-estrelo; e as luas, com faces tão áureas,
Os choupos cobrem com seus longos braços.
Elfos solitários, Fadas morrentes,
Cantai canções com tuas gentes
Canção d’estrelas e ramos luzidos,
Espiralando com ventos safíricos;
Flautai com vossos corações doridos:
“Lembrai Kortirion, ó homens sombrios,
E o Sol Mágico que um dia existiu!”

Velha Kortirion, as florestas tuas
Erguem-se acima de lívidas brumas,
Qual naus vagando errantes na lonjura
Por mar de opala, além da barra escura
De sós atracadouros:
Deixando atrás de si lotados cais

Nos quais nautas faziam festivais,
E agora, fantasmas na ventania,
São levados até praias vazias;
  Partindo, brilhantes qual ouro,
  Pelos mares das coisas esquecidas.
Kortirion, tuas árvores despidas,
As glórias do verão estão perdidas.
Da Ursa Argêntea as sete lamparinas
Refulgem claras, repentinas,
  Nesse ano que encontra o seu fim.
Por mais que frias as ruas e praças,
Que os Elfos já não dancem nas clausuras baças,
(Salvo em rara noite enluarada,
De luz fugaz e exalviçada),
  Daqui não partirei, ainda assim.

A Última Estrofe

Não quero o deserto ou o rubro paço onde mora
O sol, nem grandes mares, nem mágicas ilhas,
Ou pinheirais que vão montanha afora;
  E o chamado vindo em ventosas milhas
De longes sinos, não me toca mais,
Nas cheias cidades de Reis Terreais.
Aqui por perto encontro o meu contentamento
Na Terra de ressequidos Olmeiros
(Alalminórë em Feéricos Reinos);
  Aqui, adejando num doce lamento,
Estão imortais Elfos e Fadas sagradas
Cantando p’ra si suas ânsias definhadas.[D]

Incluo a seguir o texto do poema conforme meu pai o reescreveu em 1937, sendo a versão mais recente de variantes levemente distintas.

Kortirion entre as Árvores

I

Ó urbe morta sobre uma colina,
    Velhas sombras em seus velhos portões,
Com roupa gris, seu coração declina;
    Na névoa esperam os seus torreões
Pelo fim; mas entre os grandes olmeiros,
A Deslizante Água sai dos reinos,
    Varando extensos prados rumo ao Mar,
E ainda desce por quedas ruidosas
    E cada dia chega, sempre, ao Mar;
Depois que Kortirion Elfos criaram
Inúmeros anos ao Mar rumaram.

Cidade alta em colina ventosa,
    Com ruas tortas e muros umbrosos,
Pavões ariscos em marcha pomposa,
    Azul-safira e verdes, majestosos;
No meio dessa terra sonolenta,
Onde a chuva cai cintilante e argêntea,
    As árvores profundas sussurravam,
Lançavam sombras no meio do dia,
    E às brisas, por centúrias, murmuraram.
Urbe tu és da Terra dos Olmeiros,
Alalminórë, em Feéricos Reinos.

Canta, Kortirion, dos bosques da terra:
Salgueiro no brejo e faia na serra,
O choupo molhado, o teixo a cismar
Nos velhos pátios que soem pensar
    Em glória escura, todo o dia;
Até que as luzes dos primeiros astros
Nos ramos escuros deixam seus rastros.
Rondando no alto, a lua alvescente
Olha os fantasmas dos bosques morrentes

Silente e morosa, dia após dia.
Ilha sozinha, a cidade era aqui,
Antes de o estio apendoado cair.
Teus olmos eram de música pura:
Verde era o elmo, e verde era a armadura,
De árvores eram soberanos.
Famosa Kortirion, canta de olmeiros,
Que no verão partem como veleiros,
Mortalhas nos mastros de naus virentes
Passando em frotas, galés imponentes,
No ensolarado oceano.

II

Província no centro de ilhota passageira,
Lá ainda se avistam Sós Companhias
Lentas e calmas andando em fileiras
Por sendas, com solenes harmonias:
Imortais Elfos, a gente sagrada
D’outrora, cantando bela toada
Daquilo que foi e inda pode ser,
E somem nos bosques, qual ventania,
A relva undosa nos faz esquecer
As doces vozes, qual sinos na aragem
E os seus cabelos, como dourada ramagem.

A primavera era bela e contente
Entre as árvores; mas o Verão sopitado
Ouviu o tocador junto ao rio corrente
Flautando nas teias dum sonho florestado
Canção de vozes d’Elfos, melodiosas,
Prevendo o Inverno em clareira frondosa;
Serôdias flores em muro acabado
Reclinam-se e ouvem a flauta triste
Além dos salões em troncos firmados;
É rala e clara e fria a nota,
Linha vítrea, argêntea e remota.

Kortirion, tuas árvores curvadas
Tremem às queixas tristes, sussurradas:
Os dias se vão em noites funestas,
Mariposas voejando é só o que resta
Pelas velas, no ar sem tremor,
E as auroras já encontram sua sina,
A luz do sol correndo em relva fina;
O odor e o som indolente dos prados,
Quando morrem flor e trevos plumados
Pela foice do ceifador.
Gélido outubro o tojo aformoseia
Com lustre fulvo de enredada teia,
E o olmo sombrio começa a morrer;
Lúgubres folhas a empalidecer
Vendo as lanças geladas
Do Inverno, marchando em todos os cantos
Justo no Dia de Todos os Santos.
Em asas d'âmbar chega sua hora,
Por vale baço elas vão embora,
Qual aves cruzam lagoa enevoada.

III

Ao coração agrada esta estação
Que adorna esta cidade a envelhecer,
Com doces canções que, lentas, se vão,
Ecoando tristemente, a percorrer
Brumosas vias. Ó! tempo gentil,
Quando o bosque com sombra se encobriu,
E o fim das manhãs se adornou de gelo!
Passam os Elfos de mechas luzentes
Cobertos no ocaso com seus capelos
De fino e baço roxo, e longas bandas
Urdidas com luz fria por mãos brandas.

E muitos dançam sob o firmamento,
Quando olmos prendem na ramagem nua

O Sete-Estrelo, e o olhar sempre atento
E áureo na face redonda da lua.
Ó Povo imortal, ó Elfos sagrados,
Cantai velhos cânticos despertados
Sob astros primevos antes da Aurora;
Dançando nos ventos em remoinho
Como dançastes no relvado, outrora,
Em Casadelfos, muito tempo atrás,
Antes de virdes às praias mortais.

Velha Kortirion, as florestas tuas,
Erguem-se acima das lívidas brumas,
Qual naus vagando errantes na lonjura
Por mar de opala, além da barra escura
De sós atracadouros;
Deixando atrás de si ruidosos cais
Nos quais nautas faziam festivais,
E agora, como fantasmas no ar,
Por ventos levados à beira-mar,
Correndo as marés, brilhantes qual ouro.
Kortirion, tuas árvores despidas,
As vestes rotas dos ossos, perdidas.
E as sete candeias do Grande Arado,
Qual velas num templo todo ensombrado,
Luzem nesse ano a terminar.
Por mais que vazios seus pátios abertos,
Que os Elfos não dancem nos céus desertos,
Inda assim, sob a lua esbranquiçada
Ouço acordes de música enterrada,
E aqui quero ver o inverno chegar.

Não quero desertos ou rubros paços
Onde o sol reina, nem mágicas ilhas,
Nem ver dos montes rochosos terraços;
E o chamado vindo em ventosas milhas
De longes sinos, não escuto mais,

Nas cheias cidades dos Reis Terreais.
Aqui o coração encontra contento,
Por mais que triste a Terra dos Olmeiros
(Alalminórë em Feéricos Reinos);
Aqui, musicando em doce lamento,
Habitam Elfos, sem-morte, sagrados,
Nas rochas, nos bosques enfeitiçados.[E]

E, por fim, incluo o último poema na segunda de duas variantes levemente distintas; compostas (acredito) quase meio século após a primeira.

As Árvores de Kortirion

I

Alalminórë

Ó urbe antiga em colina cercada!
Com velhas sombras no portão quebrado,
Rochedo gris, salas abandonadas,
Na bruma esperam torreões calados
Pelo fim; mas entre os grandes olmeiros
O Rio Deslizante vai pelos reinos,
Varando extensos prados rumo ao Mar,
Descendo açudes e quedas ruidosas,
E cada dia chega, sempre, ao Mar;
Depois que Kortirion Edain criaram
Inúmeros anos ao Mar rumaram.

Kortirion! Sobre a colina rochosa,
Com ruas tortas e muros umbrosos,
Pavões passeiam em marcha pomposa,
Azul-safira e verdes, majestosos.
Certa vez, nesta terra sonolenta,
Todas as árvores na chuva argêntea,

Com raízes profundas sussurravam,
Lançando sombras no meio do dia,
Nas brisas que velozmente passavam
Por ti, Rainha da Terra de Olmeiros,
Alta cidade em Entranhados Reinos.

Lembras ainda dos bosques no estio:
Faia no monte, salgueiro no rio;
O choupo molhado, o teixo a cismar
Nos velhos pátios que soem pensar
Em glória escura, todo o dia,
Até que as primas estrelas brilhavam
E quietos morcegos ali passavam;
Até que a lua enxergava, ao se alçar,
As árvores no campo a descansar:
O bosque, num manto, dormia.
Alalminor! A cidade era aqui,
Antes de o estio apendoado cair;
Hoste de olmeiros cruzava a lonjura,
Verde era o elmo e verde era armadura,
De árvores eram potentados.
Mas vê, Kortirion, o estio vai sumir!
Os olmos se aprestam para partir
Pelos vales, com velas enfunadas,
Rumo a outros dias, grandes fragatas
Cruzando os mares com o sol banhados.

II

Narquelion[k]

Alalminórë! Coração da Ilha,
Lá ainda se veem Fiéis Companhias
Caminhando calmas por erma trilha
Em filas, com solenes harmonias:
Os Belos, mais-velhos de eras passadas,
Elfos sem-morte, cantando na estrada

De gozo e pesar — mas homens se esquecem —
E somem nos bosques, qual ventania,
Tal qual relva undosa, e os homens se esquecem
Das vozes que vêm de um tempo acabado,
E dos seus cabelos iluminados.

A brisa na relva! O ano declina.
Tremores se espalham pelo juncal,
Sussurro nos bosques, um som se atina
Que atravessa o cor dum sonho estival,
O arauto flauteia uma canção fria,
Prevendo o inverno, desfolhado dia.
Serôdias flores em muro acabado
Reclinam-se e ouvem a flauta d’Elfos.
Por bosques de luz, salões arvorados,
Meandra no verde uma clara nota
Qual linha vítrea, de prata e remota.

A maré abaixa e o ano nos deixa
Dos bosques, Kortirion, se ouvem as queixas.
A manhã encontra a foice afiada
E à tarde se deixam flores douradas
Nos campos desertos secar.
A aurora tardia já chega escura
Na relva, o sol quase não mais fulgura.
Os dias se vão. As noites voando
Com brancas asas vão mariposando
À volta das velas, no ar.
Agosto passou, a Lua minguou,
E morre o verão que breve reinou.
O olmeiro altivo começa a faltar,
Um sem-fim de folhas a palejar,
Vendo ao longe as lanças geladas
Da marcha invernal, com sol batalhando.
No fim do Dia de Todos os Santos,
Uma asa ambarina alvas folhas leva,

Por ventos debaixo dum céu de treva,
Caindo n’água qual aves finadas.

III
Hrívion[I]

Ai, Kortirion, dos Olmeiros Monarca!
Nesta estação, tristes vozes ecoam
Passando por tua antiga comarca,
As canções desvanecentes escoam
Por brumosas vias. Ó! tempo breve,
A manhã acorda cheia de neve,
E os bosques distantes já não têm luz!
Os Elfos se vão, com mechas luzentes,
Num manto de ocaso e arcano capuz
Gris, e capas azuis com longas bandas
Urdidas com luz fria por mãos brandas.

À noite dançam sob o firmamento,
Quando olmos prendem na ramagem nua
O Sete-Estrelo, e o olhar sempre atento
É gélido na face alta da lua.
Ó Gente Mais Velha, os que não perecem!
Cantai velhos cânticos que aparecem
Sob astros primevos antes da Aurora;
Dançando qual sombras na ventania,
Como dançastes no relvado, outrora,
Em Casadelfos, muito tempo atrás,
Antes de virdes às praias mortais.

Velha Kortirion, as florestas tuas,
Erguem-se acima das lívidas brumas,
Qual naus vagando na lenta lonjura
Por mar vazio, além da barra escura
De sós atracadouros;
Deixando atrás de si ruidosos cais

Nos quais nautas faziam festivais,
E agora, como fantasmas no ar,
São levados a uma hostil beira-mar,
Na maré luzindo como ouro.
Kortirion, o teu reino está deserto,
Despido; o resplendor se foi, decerto.
Qual velas num templo todo ensombrado,
As funéreas velas do Grande Arado
Luzem nesse ano a terminar.
O inverno chega. Sob o céu sem nada
A imortal gente élfica ainda aguarda,
Suportando em silêncio o fero gelo.
O inverno, é aqui que quero recebê-lo;
Kortirion, é aqui que eu quero morar.

IV
Mettanyë[m]

Domos e areias não quero encontrar
Onde o sol reina; nem gelos cortantes,
Os montes sombrios não vou procurar
Nas terras ocultas de homens errantes.
O clamor dos sinos não ouço mais
Férreos nas torres de reis terreais.
Há aqui um feitiço em bosques e pedras
De perda lembrada e feliz memória
Mais que ouro mortal. Aqui inda medra
Povo Sem-morte entre secos olmeiros,
Alalminórë, nos antigos reinos.[F]

Concluo este comentário com uma nota acerca do uso que meu pai fez de *Gnomos* para os *Noldor*, que são chamados de *Noldoli* nos *Contos Perdidos*. Ele

continuou a usar a palavra por muitos anos, e ela ainda aparecia em edições antigas de *O Hobbit*.[n]

Em um rascunho do parágrafo final do Apêndice F de *O Senhor dos Anéis*, ele escreveu:

Às vezes (não neste livro) tenho usado “Gnomos” por *Noldor* e “gnômico” por *noldorin*. Fiz isso porque, seja lá o que Paracelso tenha pensado (se é que ele realmente inventou o nome), para alguns, “Gnomo” ainda sugerirá conhecimento.[o] Ora, o nome alto-élfico desse povo, Noldor, significa Aqueles que Sabem; pois dentre os três clãs dos Eldar, desde seu começo, os Noldor sempre se distinguiram, tanto por seu conhecimento das coisas que são e foram neste mundo, quanto por seu desejo de conhecer mais. Porém, não se assemelhavam de nenhum modo aos Gnomos da teoria erudita, nem da imaginação popular; e agora abandonei essa representação por demasiado enganosa. Pois os Noldor pertenciam a uma raça elevada e bela, os Filhos mais velhos do mundo, que agora se foram. Eram altos, de pele clara e olhos cinzentos, e suas madeixas eram escuras, exceto na casa dourada de Finrod […]

No último parágrafo do Apêndice F, *conforme publicado*, a referência aos “Gnomos” foi removida, e substituída por um trecho explicando o uso da palavra *Elves* [Elfos] como tradução de *Quendi* e *Eldar*, apesar do rebaixamento a que a palavra inglesa foi sujeitada. Esse trecho — referindo-se aos Quendi como um todo — continua, contudo, com as mesmas palavras do

rascunho: “Eram uma raça elevada e bela, e entre eles os Eldar eram como reis, os que agora se foram; o Povo da Grande Jornada, o Povo das Estrelas. Eram altos, de pele clara e olhos cinzentos, apesar de terem as madeixas escuras, exceto na casa dourada de Finrod [...]”. Portanto, essas palavras que descrevem características do rosto e dos cabelos foram escritas, na verdade, apenas sobre os Noldor, e *não* sobre todos os Eldar: de fato, os Vanyar tinham cabelos dourados, e foi da mãe vanyarin de Finarfin, Indis, que ele e seus filhos Finrod Felagund e Galadriel herdaram os cabelos dourados que os distinguiam entre os príncipes dos Noldor. Mas sou incapaz de determinar como essa extraordinária corrupção do sentido surgiu.[p]

[a] *The Letters of J.R.R. Tolkien* [As Cartas de J.R.R. Tolkien], ed. Humphrey Carpenter, 1981, p. 144. A carta foi quase certamente escrita em 1951. [Um excerto considerável da carta encontra-se publicado também em *O Silmarillion*, pp. 17–36. (N. T.)]

[b] J.R.R. Tolkien, *Finn and Hengest* [Finn e Hengest], editado por Alan Bliss, 1982.

[c] A grande torre, ou *tirion*, que Ingil, filho de Inwë, construiu (p. 27) e a grande torre do Castelo de Warwick não estão associadas, mas é certo, no mínimo, que Koromas tinha uma grande torre porque Warwick tem uma.

[d] Esse poema está incluído, em três textos diferentes, nas pp. 41–6. — Um poema escrito em Étaples, Pas-de-Calais, em junho de 1916 e intitulado “A Ilha Solitária” é explicitamente dirigido à Inglaterra. Ver *Cartas*, p. 437, nota 4 à carta 43.

[e] Para a distinção entre *Eldar* e *Noldoli*, ver pp. 60–1.

[f] Alguns esclarecimentos sobre as referências de Lindo ao soar do Gongo nos Mares Sombrios e ao Adormecido na Torre de Pérola serão dados quando alcançarmos a história de Eärendel no final dos *Contos*.

[g] Isso parece ecoar os versos do poema *Daisy* [Margarida], de Francis Thompson:

Two children did we stray and talk

Wise, idle, childish things.

[Duas crianças, vagávamos e falávamos

De coisas sábias, indolentes, infantis.]

Meu pai adquiriu as Obras de Francis Thompson em 1913 e 1914.

[h] Haviam-no pedido permissão para incluir o poema em uma antologia, como fora feito várias vezes antes. Ver a *Biografia* escrita por Humphrey Carpenter, pp. 106–07, na qual (apenas uma parte) do poema foi publicado, e também a bibliografia dele (*ibid*.) (ano 1915). [Ver também *O Hobbit Anotado*, pp. 114–15, para o poema completo (N. T.).]

[i] De acordo com as notas de meu pai, a composição original data de 21–28 de novembro de 1915, e foi escrito em Warwick, durante uma "dispensa de uma semana do acampamento". Isso não é muito preciso, já que sobrevivem cartas para minha mãe que foram escritas do acampamento em 25 e 26 de novembro, na segunda das quais ele diz que "fez uma cópia a lápis de 'Kortirion'".

[j] Em sua carta, meu pai disse: "*As Árvores* é longo demais e ambicioso demais, e, mesmo se for considerado bom o suficiente, provavelmente iria desandar a coisa toda".

[k] Compare o nome *Narquelion* (que também aparece no título em élfico do poema original, ver aqui) com *Narquelië*, "Esvanecer-do-Sol", nome do décimo mês em quenya (*O Senhor dos Anéis*, Apêndice D).

[l] Cf. *hrívë*, "inverno", *O Senhor dos Anéis*, Apêndice D.

[m] *Mettanyë* contém a palavra *metta*, "fim", como em *Ambar-metta*, o fim do mundo (*O Retorno do Rei*, VI. 5).

[n] No Capítulo 3, *Um Pouco de Descanso*, "espadas dos Altos Elfos do Oeste" substituiu "espadas dos elfos que agora são chamados Gnomos"; e no Capítulo 8, *Moscas e Aranhas*, a frase "Para lá os Elfos-da-luz e os Elfos-profundos e os Elfos-do-mar foram e ali viveram por eras" substituiu "os Elfos-profundos (ou Gnomos) e os Elfos-do-mar foram e ali viveram por eras".

[o] Duas palavras estão em questão: (1) grego *gnōmē*, "pensamento, inteligência" (e no plural "máximas, ditados", daí a palavra inglesa *gnome* [gnoma], uma máxima ou aforismo, e o adjetivo *gnomic* [gnômico]) — e (2) a palavra *gnomo* usada pelo escritor do século XVI Paracelso como um sinônimo de *pygmaeus* [pigmeu]. Paracelso "diz que os seres assim chamados têm a terra como seu elemento . . . . através da qual movimentam-se sem obstrução como peixes o fazem na água, ou pássaros e animais terrestres pelo ar" (*Oxford English Dictionary*, s.v. *Gnome*[2]). O O.E.D. sugere que, quer Paracelso tenha inventado a palavra ou não, a intenção era que significasse "habitante da terra" e desfaz qualquer ligação com a outra palavra *Gnomo*. (Essa nota está reproduzida a partir de *As Cartas de J.R.R. Tolkien*; ver a carta n. 239 à qual ela se refere).

[p] O nome *Finrod* no trecho ao final do Apêndice F está incorreto: Finarfin era Finrod e Finrod era Inglor até a segunda edição de *O Senhor dos Anéis*, e, na

ocasião, a alteração não foi feita. [A correção, contudo, foi feita posteriormente, na edição de 2004 a partir da qual a tradução brasileira foi realizada. Cf. *O Retorno do Rei*, p. 1621. (N. T.)]

2

A Música dos Ainur

Em outro caderno, idêntico àquele no qual *O Chalé do Brincar Perdido* foi escrito por minha mãe, há um texto a tinta com a letra de meu pai (e todos os outros textos dos *Contos Perdidos* estão com a letra dele, exceto por uma bela cópia de *A Queda de Gondolin*ª) intitulado: *Ligação entre o Chalé do Brincar Perdido e* (*Conto 2*) *a Música dos Ainur*. Este sucede imediatamente as últimas palavras de Vairë a Eriol na p. 32 e, por sua vez, conecta-se diretamente à *Música dos Ainur* (em um terceiro caderno idêntico aos outros dois). A única indicação de data para a *Ligação* e para a *Música* (que foram, penso eu, escritos na mesma época) é uma carta de meu pai de julho de 1964 (*Cartas*, carta nº 257), na qual ele diz que, enquanto estava em Oxford, "empregado na equipe do então ainda incompleto grande Dicionário", escreveu "um mito cosmogônico, 'A Música dos Ainur'". Ele assumiu o posto no Oxford Dictionary em novembro de 1918, e o deixou na primavera de 1920 (*Biografia*, pp. 140, 144). Caso sua memória esteja correta, e não há evidência para contradizê-la, uns dois anos ou mais se passaram entre *O Chalé do Brincar Perdido* e *A Música dos Ainur*.

A *Ligação* entre os dois existe em apenas uma versão, pois o texto a tinta foi escrito por cima de um rascunho a lápis que foi completamente apagado. Nesse caso, coloco um breve comentário após a *Ligação* antes de incluir *A Música dos Ainur*.

“Mas”, disse Eriol, “ainda há muitas coisas que permanecem obscuras a mim. De fato, aprazer-me-ia saber quem são esses Valar; são eles os Deuses?”

“Isso são,” disse Lindo, “porém a seu respeito os Homens contam muitas histórias estranhas e deturpadas que estão longe da verdade, e por muitos estranhos nomes os chamam que não ouvirás aqui”; mas Vairë disse: “Não, Lindo, não te ponhas a contar mais contos nesta noite, pois a hora do descanso se aproxima e, apesar de toda sua avidez, nosso hóspede está exausto da viagem. Manda buscar agora as velas do sono, e mais contos para encher a mente e satisfazer o coração o viandante ouvirá amanhã.” Mas a Eriol ela disse: “Não penses que deves, por necessidade, partir de nossa casa amanhã; pois ninguém precisa fazê-lo — não, todos podem permanecer enquanto ainda houver por contar algum conto que desejem ouvir.”

Então Eriol disse que todo o desejo de partir para longe deixara seu coração, e que ser hóspede ali por um tempo lhe parecia a melhor de todas as coisas. Nesse momento entraram os que carregavam as velas do sono, e cada um daquela companhia apanhou uma, e dois dentre a gente da casa pediram a Eriol que os seguisse. Um deles era o Guardião-das-Portas que atendera à sua batida anteriormente. Era idoso em aparência e de cabelos grisalhos, e poucos daquele povo os tinham; mas o outro tinha um rosto vincado e olhos azuis de grande divertimento, e era muito

esguio e pequeno, e nem se podia dizer se tinha cinquenta anos ou dez mil. Ora, aquele era Ilverin ou Coração-Pequeno. Esses dois o guiaram por um corredor de estórias bordadas até uma grande escada de carvalho, e ele os acompanhou escada acima. Ela subia sinuosa e curvilínea, conduzindo-os a uma passagem iluminada por pequenas luminárias pendentes de vidro colorido, cujo balouçar lançava nesgas de tons brilhantes no soalho e nas tapeçarias.

Nessa passagem, os guias viraram subitamente num canto e então, descendo uns degraus escuros, abriram uma porta diante dele. Agora curvando-se, desejaram-lhe bom sono e Pequeno-Coração falou: “sonha com bons ventos e boas viagens em grandes mares”, e então deixaram-no; e ele se viu num aposento que era diminuto e tinha uma cama do mais belo linho e grandes travesseiros colocados perto da janela — e aqui a noite parecia cálida e fragrante, embora ele houvesse acabado de se regozijar no fulgor das lenhas do Fogo-do-Conto. Toda a mobília aí era de madeira escura e, conforme a alta vela tremeluzia, seus suaves raios operavam magia no quarto, até que lhe pareceu que o sono era o melhor de todos os deleites, e que aquele belo aposento era o melhor para qualquer sono. Antes de se deitar, contudo, Eriol abriu a janela e um perfume de flores invadiu, e um vislumbre captou dum jardim nas sombras que era cheio de árvores, mas seus espaços estavam riscados por luzes prateadas e sombras negras em virtude da lua; e, no entanto,

sua janela parecia estar, de fato, muito acima daquele relvado, e um rouxinol cantou de repente numa árvore próxima.

Então Eriol adormeceu, e em seus sonhos chegou-lhe uma música mais tênue e mais pura do que qualquer outra que tivesse ouvido antes, e era repleta de anseio. De fato, era como se flautins de prata ou flautas do mais delicado feitio soassem notas de cristal e harmonias filiformes sob a lua e sobre os relvados; e Eriol ansiou em seu sono por algo que não sabia dizer o que era.

Quando despertou, o sol estava se erguendo e não havia música, salvo aquela duma miríade de pássaros à sua janela. A luz atravessou as vidraças e cintilou em alegres bruxuleios, e aquele quarto, com sua fragrância e cortinados aprazíveis, pareceu ainda mais doce do que antes; mas Eriol se levantou e, vestindo-se com belos trajes aprontados para ele, de modo que pudesse se despir de suas vestes manchadas da viagem, vagueou pelas passagens da casa, até que se deparou com uma pequena escadaria e, descendo, alcançou um terraço e um pátio ensolarado. Havia lá um portão treliçado que se abriu ao seu toque, conduzindo-o ao jardim cujos relvados se estendiam debaixo da janela de seu quarto. Lá andou inspirando os ares e olhando o sol se erguer acima dos estranhos telhados daquela cidade, e eis que o idoso Guardião-das-Portas estava diante dele, vindo por uma trilha de aveleiras. Ele não viu Eriol, pois estava com o rosto todo voltado para o chão, e murmurava veloz para si mesmo; mas Eriol

lhe falou, desejando-lhe bom dia, e ali mesmo ele parou de súbito.

Disse, então: “Perdão, senhor! Não te havia notado, pois estava ouvindo os pássaros. De fato, senhor, tu me encontras de mau humor; pois eis que tenho aqui um desgarrado de asas negras, gorducho de tanto atrevimento, cantando canções que eu não conhecia antes, e em uma língua estranha! Irrita-me, senhor, irrita-me, pois pensava conhecer pelo menos todos os falares simples de todos os pássaros. Tenho vontade de lançá-lo para Mandos por seu atrevimento!” Ouvindo isso, Eriol gargalhou com gosto, mas o Guardião-das-Portas disse: “Não, senhor, que Tevildo, Príncipe dos Gatos, o atormente por ousar empoleirar-se num jardim aos cuidados de Rúmil. Sabe que os Noldoli envelhecem impressionantemente devagar e, no entanto, tenho cabelos grisalhos pelo estudo de todos os idiomas de Valar e de Eldar. Muito antes da queda de Gondolin, bom senhor, eu aplacava minha escravidão a Melko aprendendo a fala de todos os monstros e gobelins — não cultivei até mesmo as falas dos animais, sem desdenhar das vozes esganiçadas de arganazes e camundongos? — não mendiguei dos besouros sem fala uma ou duas estúpidas toadas para murmurar? Ora, preocupei-me às vezes até mesmo com as línguas de Homens, mas que Melko as carregue! Elas mudam e se alteram, alteram-se e mudam, e quando se as domina não são senão coisa difícil para se elaborar canções ou contos. Por isso é que esta manhã me senti como Ómar, o Vala que

conhece todos os idiomas, conforme ouvia o mesclar das vozes dos pássaros, compreendendo cada uma, reconhecendo cada toada benquista, quando *tirípti lirilla* eis que vem um pássaro, um demoniozinho de Melko — mas eu te enfastio, senhor, tagarelando sobre canções e palavras.”

“Não, não é assim,” falou Eriol, “mas peço-vos que não vos abaleis por conta de um melro gordo e travesso. Se meus olhos não me enganam, por muitos anos cuidastes deste jardim. Assim, deveis conhecer canções e idiomas o bastante para confortar o coração do maior de todos os sábios, se esta é mesmo a primeira voz que ouvistes e não compreendestes. Não se diz que os pássaros de cada distrito, ou melhor, quase que de cada ninho, falam diferente?”

“Isso se diz, e com razão,” disse Rúmil, “e todas as canções de Tol Eressëa são ouvidas às vezes neste jardim.”

“Estou mais do que contente”, disse Eriol, “por ter aprendido este belo idioma que os Eldar falam por esta ilha de Tol Eressëa — mas impressionei-me ao ouvir-vos falar como se houvesse muitos falares dos Eldar: é assim mesmo?”

“Sim,” disse Rúmil, “pois há aquele idioma ao qual os Noldoli ainda se agarram — e antigamente os Teleri, os Solosimpi e os Inwir todos tinham suas diferenças. Ainda assim, elas eram menores e agora estão mescladas no idioma dos Elfos ilhéus que tu aprendeste. Contudo, há também os bandos perdidos que vivem vagando tristemente nas Grandes Terras, e talvez eles falem agora

muito estranhamente, pois eras se passaram desde a marcha a partir de Kôr, e eu mantenho que não foi senão o longo vagar dos Noldoli pela Terra e as eras sombrias de sua escravidão enquanto sua gente morava ainda em Valinor que causaram a profunda separação de sua fala. Seguramente aparentadas, contudo, são a fala-dos-Gnomos e o élfico dos Eldar, conforme meu saber me ensina — mas vê! Enfastio-te novamente. Ainda não encontrei outro ouvido no mundo que não se cansasse logo de tal palavrório. ‘Idiomas e falares’, dizem, ‘apenas um me basta’ — e assim falou Coração-Pequeno, o Guardião-do-Gongo, certa vez: ‘A fala-dos-Gnomos’, disse ele, ‘já me basta — não era essa, e nenhuma outra, que Eärendel e Tuor e Bronweg, meu pai (a quem vós outros, afetada e erroneamente, chamam de Voronwë), falavam?’ E, ainda assim, teve de aprender élfico no fim, ou estaria fadado ao silêncio ou a deixar Mar Vanwa Tyaliéva — e nenhum dos dois fados seu coração poderia suportar. E eis que agora está chilreando em eldar como uma senhora dos Inwir, mesmo a própria Meril-i-Turinqi, nossa rainha — Manwë se importa com ela. Mas mesmo isso não é tudo — há, ademais, o idioma secreto no qual os Eldar escreveram muita poesia e livros de sabedoria e histórias de coisas antigas e primitivas, mas o qual não falam. Esse idioma apenas os Valar usam em seus altos conselhos, e não muitos dos Eldar destes dias o conseguem ler ou decifrar suas letras. Muito dele eu aprendi em Kôr, uma vida

atrás, por bondade de Aulë, e, portanto, sei de muitos assuntos: muitos, muitos assuntos."

"Então," disse Eriol, "talvez possais contar-me de coisas que muito desejo saber desde as palavras junto ao Fogo-do-Conto na noite passada. Quem são os Valar — Manwë, Aulë e esses que vós outros nomeais — e por que vós, os Eldar, saíram daquela adorável morada em Valinor?"

Agora os dois haviam chegado a um pergolado verdejante, e o sol estava a pino e quente, e os pássaros cantavam vigorosamente, mas os relvados estavam cobertos de ouro. Então Rúmil sentou-se ali num assento de pedra talhada coberto de musgo, e disse: "Deveras grandiosas são as coisas que tu perguntas, e a verdadeira resposta para elas alcança além dos confins das vastidões do tempo, onde até mesmo o olhar de Rúmil, o ancião dos Noldoli, não pode ver; e todos os contos dos Valar e dos Elfos estão entrelaçados de tal forma que mal se pode expor qualquer um deles sem que se precise narrar tudo de sua grande história."

"Ainda assim", disse Eriol, "contai-me, Rúmil, imploro, algo do que sabeis do início mesmo, para que eu possa começar a compreender essas coisas que me são contadas nesta ilha."

Mas Rúmil disse: "Ilúvatar foi o início, e para além disso nenhum saber dos Valar, ou dos Eldar, ou dos Homens consegue ir."

"Quem era Ilúvatar?", disse Eriol. "Era um dos Deuses?"

“Não,” disse Rúmil, “isso não era, pois ele os fez. Ilúvatar é o Senhor para Sempre que habita além do mundo; que o fez, e não é dele, nem está nele, mas que o ama.”

“Isso eu jamais ouvi alhures”, disse Eriol.

“Pode ser,” disse Rúmil, “pois ainda é o começo dos dias no mundo dos Homens, e nem se fala muito da Música dos Ainur.”

“Dizei-me,” falou Eriol, “pois desejo saber, o que era a Música dos Ainur?”

Comentário à Ligação entre O Chalé do Brincar Perdido e A Música dos Ainur

Foi assim que o *Ainulindalë* seria ouvido pela primeira vez por ouvidos mortais, quando Eriol se sentou num jardim ensolarado em Tol Eressëa. Mesmo após Eriol (ou *Æ*lfwine) ter desaparecido, Rúmil permaneceu, o grande sábio noldorin de Tirion “que primeiro conseguiu fazer sinais adequados para registrar fala e canção” (*O Silmarillion*, p. 98), e *A Música dos Ainur* continuou a ser atribuída a ele, ainda que, investido com a gravidade de um tempo remoto, ele tenha se afastado muito do filólogo tagarela e excêntrico de Kortirion. Deve-se notar que, neste relato, Rúmil fora escravo de Melko.

Aqui aparece o Exílio dos Noldor de Valinor, pois é a isso que, sem dúvida, se referem as palavras de Rúmil sobre a marcha a partir de Kôr, e não à “marcha para o mundo” de Inwë (pp. 27, 39); e algo se diz também das línguas e dos que as falavam.

Nesse trecho de ligação, Rúmil afirma:

1. que os *Teleri*, *Solosimpi* e *Inwir* tinham diferenças linguísticas no passado;

2. mas que esses dialetos agora estão mesclados “no idioma dos Elfos ilhéus”;
3. que o idioma dos *Noldoli* (Gnomos) foi profundamente separado devido à sua partida para as Grandes Terras e seu cativeiro por Melko;
4. que os Noldoli que agora habitam em Tol Eressëa aprenderam o idioma dos Elfos ilhéus; mas outros permanecem nas Grandes Terras. (Quando Rúmil falou dos “bandos perdidos que vivem vagando tristemente nas Grandes Terras” que “talvez falem agora muito estranhamente”, ele parece estar se referindo aos remanescentes dos eLivross noldorin de Kôr que não haviam ido para Tol Eressëa [como ele mesmo fizera], e não aos Elfos que nunca foram a Valinor.)[b]

Nos *Contos Perdidos*, o nome dado aos Elfos-do-mar, posteriormente chamados de *Teleri* — a terceira das três “tribos” — é *Solosimpi* (“Flautistas das Terras Costeiras”). Deve-se explicar agora que, de maneira muito confusa, a primeira das tribos, liderada pelo Rei Inwë, era chamada de *Teleri* (equivalente aos *Vanyar* de *O Silmarillion*). Quem, então, seriam os *Inwir*? Meril-i-Turinqi disse a Eriol posteriormente (p. 145) que os Teleri eram aqueles que seguiram Inwë, “mas seu clã e seus descendentes são aquele povo real, os Inwir de cujo sangue eu sou”. Os Inwir, portanto, eram um clã “real” *dentro dos Teleri*; e a relação entre a antiga concepção e a do *Silmarillion* pode ser exposta da seguinte maneira:

	Contos Perdidos		*O Silmarillion*
I	Teleri (incluindo os Inwir)	… … … …	Vanyar
II	Noldoli (Gnomos)	… … … …	Noldor

Nesse trecho de ligação, Rúmil parece dizer que os “Eldar” são diferentes dos “Gnomos” — “Seguramente aparentadas, contudo, são a fala-dos-Gnomos e o élfico dos Eldar” — e “Eldar” e “Noldoli” são contrastados no preâmbulo em prosa a *Kortirion entre as Árvores* (pp. 37–8). Em outro lugar, “élfico”, como uma língua, é usado em oposição a “gnômico”, e “eldar” é usado para se fazer uma distinção de “gnômico”. Na verdade, fica bastante explícito nos *Contos Perdidos* que os Gnomos eram eles mesmos Eldar — por exemplo, “os Noldoli, que eram os sábios dos Eldar” (p. 78); mas, por outro lado, lemos que, após a Fuga dos Noldoli de Valinor, Aulë “apesar de ainda estender seu amor àqueles poucos Gnomos fiéis que permaneceram em seus salões, ele os nomeou a partir de então de ‘Eldar’” (p. 213). Isso não é tão puramente contraditório como parece ser à primeira vista. Aparentemente (por um lado), a oposição entre “eldar” ou “élfico” e “gnômico” surgiu porque o gnômico tinha se tornado uma língua separada; e, enquanto os Gnomos eram certamente Eldar, sua língua não era. Mas (por outro lado) os Gnomos há muito tinham deixado Kôr e, assim, passaram a não ser vistos como “Koreldar” e, portanto, nem como “Eldar”. A palavra *Eldar* diminuiu em abrangência, mas poderia a qualquer momento se expandir novamente para o sentido anterior, segundo o qual os Noldoli eram “Eldar”.

Se for esse o caso, o sentido restrito de *Eldar* reflete a situação em dias posteriores em Tol Eressëa; e, de fato, nos contos que se seguem, que se ocupam do tempo anterior à rebelião dos Noldoli e de sua partida de Valinor, eles são seguramente “Eldar”. *Depois* da rebelião, no trecho citado acima, Aulë não

se dispunha a chamar os Noldoli que permaneceram em Valinor por esse nome — e, subentende-se, não se dispunha a chamar de “Eldar” os que haviam partido.

A mesma ambiguidade se dá com as palavras *Elfos* e *élfico*. Aqui, Rúmil chama a língua dos Eldar de “élfico” em oposição a “gnômico”; a narradora do *Conto de Tinúviel* diz: “Este é meu conto, e é um conto dos Gnomos, pelo que te imploro que não enchas os ouvidos de Eriol com teus nomes élficos”, e, na mesma passagem, é feita uma distinção específica entre “Elfos” e “Gnomos”. Mas, novamente, nos contos que se seguem neste livro, *Elfos*, *Eldar* e *Eldalië* são usados de forma intercambiável para os Três Clãs (ver, por exemplo, o relato do debate dos Valar a respeito da convocação dos Elfos a Valinor, pp. 145–47). E, por fim, uma variação aparentemente similar é vista na palavra “fada”; assim, Tol Eressëa é o nome “no falar das fadas”, enquanto “os Gnomos [a] chamam Dor Faidwen” (p. 23), e, por outro lado, Gilfanon, um Gnomo, é chamado de “um dos mais velhos das fadas” (p. 212).

Notar-se-á, pelas observações de Rúmil, que a “profunda separação” da fala dos Elfos em dois ramos recebeu, na época, uma base histórica completamente diferente daquela que, mais tarde, causou a divisão. Aqui, Rúmil a atribui ao “longo vagar dos Noldoli pela Terra e as eras sombrias de sua escravidão enquanto sua gente morava ainda em Valinor” — posteriormente chamado de “o Exílio dos Noldor”. Em *O Silmarillion* (ver especialmente pp. 156, 185), os Noldor trouxeram o idioma valinóreano para a Terra-média, mas o abandonaram (exceto entre si mesmos), adotando, no lugar, a língua de Beleriand, o *sindarin* dos Elfos-cinzentos, os quais jamais estiveram em Valinor: o quenya e o sindarin tinham uma origem comum, mas sua “profunda separação” se deu pelas

vastas eras em que estiveram apartadas. Nos *Contos Perdidos*, por outro lado, os Noldor ainda trouxeram a fala élfica de Valinor para as Grandes Terras, mas eles a mantiveram, e foi lá que ela mudou e se tornou completamente distinta. Em outras palavras, na concepção original, o "segundo idioma" só se separou de sua língua-mãe devido à partida dos Gnomos de Valinor para as Grandes Terras, ao passo que, posteriormente, o "segundo idioma" se separou do "primeiro idioma" bem no começo da existência élfica no mundo. Ainda assim, o gnômico *é* o sindarin, no sentido de que o gnômico é a *verdadeira língua* que, em última análise, conforme toda a concepção evoluiu, tornou-se aquela dos Elfos-cinzentos de Beleriand.

Compare as observações de Rúmil sobre o idioma secreto usado pelos Valar e com o qual os Eldar outrora escreviam poesia e livros de saber, mas que agora poucos o conhecem, com a seguinte nota encontrada no caderninho de bolso dos *Contos Perdidos* mencionado na pp. 34–5:

Os Deuses compreendiam a língua dos Elfos, mas não a usavam entre si. Os mais sábios dos Elfos aprenderam muito da fala dos Deuses e por muito tempo entesouraram esse conhecimento tanto entre os Teleri quanto entre os Noldoli, mas, à época da chegada em Tol Eressëa, ninguém a conhecia, salvo os Inwir, e agora esse saber está morto, exceto na casa de Meril.

Algumas pessoas novas aparecem nesse trecho. Ómar, o Vala "que conhece todos os idiomas", não sobreviveu aos *Contos Perdidos*; um pouco mais se fala dele subsequentemente, mas ele é uma divindade

sem muita substância. Tuor e Bronweg aparecem no conto da *Queda de Gondolin*, que já estava escrito; *Bronweg* é a forma gnômica de *Voronwë*, o mesmo Voronwë que acompanhou Tuor de Vinyamar até Gondolin na lenda posterior. Tevildo, Príncipe dos Gatos, era um serviçal demoníaco de Melko e o remoto precursor de Sauron; ele é um agente principal na história original de Beren e Tinúviel, que também já estava escrita (o *Conto de Tinúviel*).

Coração-Pequeno, o Guardião-do-Gongo, filho de Bronweg, agora recebe um nome élfico, *Ilverin* (uma emenda a partir de *Elwenildo*).

A Música dos Ainur

O rascunho original de *A Música dos Ainur*, feito apressadamente a lápis e muito corrigido, sobrevive em folhas soltas acondicionadas dentro da capa do caderno que contém um texto mais completo e muito mais acabado, escrito a tinta. A segunda versão foi, contudo, muito baseada na primeira, e alterada principalmente por acréscimos. O texto incluído aqui é o segundo, mas algumas passagens nas quais os dois diferem de forma marcante estão assinaladas (poucas das diferenças entre os dois textos são, na minha opinião, muito significativas). Ver-se-á pelas passagens do primeiro rascunho, nas notas, que o plural era originalmente *Ainu*, e não *Ainur*, e que *Ilúvatar* era originalmente *Ilu* (embora *Ilúvatar* também ocorra no rascunho).

Disse então Rúmil:

“Ouve agora coisas que entre os Homens jamais se ouviu, e das quais os Elfos de raro falam; e, no entanto, Manwë Súlimo, Senhor de Elfos e Homens, as sussurrou para os pais de meu pai nas

profundezas do tempo.[1] Vê, Ilúvatar habitava sozinho. Antes de todas as coisas ele cantou o ser primeiro dos Ainur, e maiores são o poder e a glória deles entre todas as criaturas dentro do mundo e fora. Depois, fez-lhes moradas no vazio, e habitou em meio a eles, ensinando-lhes toda maneira de coisas, e a maior delas era a música.

Ora, ele lhes falava propondo temas de música e jubiloso hino, revelando muitas das coisas grandiosas e maravilhosas que algum dia criou em sua mente e coração, e agora eles lhe faziam música, e as vozes de seus instrumentos se alçam em esplendor junto ao seu trono.

Certa vez, Ilúvatar propôs um poderoso desígnio de seu coração aos Ainur, desenrolando uma história cuja vastidão e majestade jamais foram igualadas por qualquer coisa que ele relatara antes, e a glória de seu começo e o esplendor de seu fim deslumbraram os Ainur, de modo que se curvaram diante de Ilúvatar e emudeceram.

Então disse Ilúvatar: ‘A estória que dispus diante de vós, e essa grande região de beleza que vos descrevi como o lugar onde toda essa história há de se desenrolar e ser encenada, foi relatada apenas, por assim dizer, como esboço. Não preenchi todos os espaços vazios, nem vos narrei todos os adornos e coisas de encanto e delicadeza das quais minha mente está repleta. É meu desejo agora que façais uma música e um cantar grandioso e glorioso desse tema; e (visto que vos ensinei muito e ardentemente coloquei dentro de vós o Fogo Secreto)[2] que exerciteis vossas mentes

e poderes adornando o tema de acordo com vossos próprios pensamentos e desígnios. Mas sentar-me-ei e escutarei e contentar-me-ei que através de vós fiz grande beleza advir em Canção.’

Então os harpistas, e os alaudistas, os flautistas e gaitistas, os órgãos e os incontáveis corais dos Ainur começaram a moldar o tema de Ilúvatar em grande música; e um som se ergueu de poderosas melodias cambiantes e intercambiantes, mesclando-se e dissolvendo-se em meio ao estrondear de harmonias maiores que o rugir dos grandes mares, até que os lugares da habitação de Ilúvatar e as regiões dos Ainur se encheram até transbordar com música, e com o eco da música, e com o eco dos ecos da música que fluíram mesmo aos longínquos espaços escuros e vazios. Nunca antes, nem desde então, houve tal música de imensurável vastidão de esplendor; embora se diga que outra muito mais poderosa há de ser tecida diante do assento de Ilúvatar pelos corais tanto de Ainur quanto dos filhos dos Homens após o Grande Fim. Então os temas mais poderosos de Ilúvatar hão de ser tocados com acerto; pois aí os Ainur e Homens hão de conhecer sua mente e coração tão bem quanto possível, e todo o seu intento.

Mas, agora, Ilúvatar se sentou e escutou, e durante muito tempo pareceu-lhe muito bom, pois as falhas naquela música eram poucas, e pareceu-lhe que os Ainur haviam aprendido muito e bem. Mas, conforme o grande tema progredia, entrou no coração de Melko o entretecer de matérias de seu

próprio imaginar vaidoso, as quais não estavam acordes com o grande tema de Ilúvatar. Ora, a Melko, entre os Ainur, foram dados alguns dos maiores dons de poder e sabedoria e conhecimento por Ilúvatar; e ele fora amiúde sozinho aos lugares escuros e aos vazios buscando o Fogo Secreto que dá Vida e Realidade (pois tinha um desejo muito ardente de trazer ao ser coisas só suas); contudo, não o achou, pois este permanece com Ilúvatar, e isso ele não soube até depois.[3]

Lá, contudo, pôs-se a conceber seus próprios pensamentos, profundos e ardilosos, os quais não mostrava nem mesmo a Ilúvatar. Algumas dessas concepções e imaginações ele então entreteceu em sua música, e de imediato surgiu a aspereza e o desacordo à volta dele, e muitos dos que tocavam a seu lado perderam o ânimo e sua música tornou-se débil, e seus pensamentos, inacabados e obscuros, enquanto muitos outros se puseram a afinar sua música à dele em vez de ao grande tema no qual tiveram início.

Assim o malfeito de Melko se espalhou, ensombrecendo a música, pois esses pensamentos dele vinham das trevas exteriores às quais Ilúvatar ainda não voltara a luz de seu semblante; e porque seus pensamentos secretos não tinham afinidade com a beleza do desígnio de Ilúvatar, suas harmonias eram quebradas e destruídas. No entanto, Ilúvatar se sentou e escutou, até que a música alcançou profundezas de trevas e inimaginável fealdade; então ele sorriu tristemente e ergueu sua mão esquerda, e imediatamente,

embora ninguém soubesse claramente como, um novo tema começou em meio ao conflito, semelhante e, contudo, dessemelhante ao primeiro, e reuniu poder e doçura. Mas o desacordo e o ruído que Melko originara passou a contrapô-lo com alarido, e houve uma guerra de sons, e ergueu-se um clangor no qual pouco se podia distinguir.

Então, Ilúvatar ergueu sua mão direita, e ele não mais sorria, mas chorava; e eis que um terceiro tema — e esse não se assemelhava em nada aos outros — cresceu em meio ao tumulto, até que pareceu, enfim, que havia duas músicas progredindo de uma vez só aos pés de Ilúvatar, e elas estavam em completa oposição. Uma era grandiosa e profunda e bela, mas infundida duma tristeza implacável, enquanto a outra alcançara unidade e um sistema próprio, mas era alta e vã e arrogante, zurrando triunfantemente contra a outra ao tentar afogá-la, mas sempre, conforme tentava colidir assustadoramente, achava-se de alguma forma suplementando ou harmonizando-se com a rival.

Em meio a essa contenda ecoante, na qual os salões de Ilúvatar sacudiam e um tremor corria pelos lugares escuros, Ilúvatar ergueu ambas as mãos e, num só acorde impenetrável, mais profundo do que o firmamento, mais glorioso do que o sol, e penetrante como a luz do olhar de Ilúvatar, a música colapsou e cessou.

Então Ilúvatar disse: ‘Poderosos são os Ainur, e gloriosos, e entre eles é Melko o mais poderoso em

conhecimento; mas para que ele saiba, assim como todos os Ainur, que eu sou Ilúvatar, essas coisas que cantastes e tocastes, eis que as fiz ser — não nas músicas que fazeis nas regiões celestiais, como contentamento para mim e desenfado para vós, sozinhos, mas, antes, para que tenham forma e realidade como as tendes vós, Ainur, a quem eu fiz para tomar parte na realidade de mim mesmo, Ilúvatar. Talvez eu haja de amar essas coisas que vêm de minha canção como amo os Ainur que são de meu pensamento,[4] e talvez mais. Tu, Melko, hás de ver que nenhum tema pode ser tocado que não venha, afinal, de Ilúvatar, nem se pode alterar a música à revelia de Ilúvatar. Aquele que o tentar ver-se-á, no fim, apenas auxiliando-me na criação de esplendor ainda maior e maravilha mais complexa: — pois vede! Através de Melko, o terror como fogo, e o pesar como águas escuras, a ira como o trovão, e o mal, longe de minha luz como as maiores profundezas dos lugares sombrios, entraram no desígnio que dispus diante de vós. Por meio dele, a dor e o tormento foram criados no conflito de músicas esmagadoras; e com a confusão de sons nasceram a crueldade, a voracidade, e a escuridão, lodaçais repugnantes e toda a putrescência de pensamento e coisa, névoa imunda e chama violenta, o frio inclemente, e a morte sem esperança. Mas isso é através dele, e não por ele; e ele verá, e vós todos também, e mesmo esses seres que devem agora morar em meio ao seu mal e, por causa de Melko, tolerar

tormento e pesar, terror e perversidade, que isso redunda, no fim, apenas para minha grande glória, e não faz senão tornar o tema mais digno de ser ouvido, a Vida mais digna de ser vivida, e o Mundo tão mais formidável e maravilhoso que, de todos os feitos de Ilúvatar, este será julgado seu mais poderoso e mais belo.’

Então os Ainur ficaram com medo e não compreenderam tudo o que lhes era dito, e Melko estava cheio de vergonha e com a raiva que vem da vergonha; mas Ilúvatar, vendo o espanto deles, levantou-se em esplendor e partiu de suas moradas, passando pelas belas regiões que fizera para os Ainur, rumo aos lugares escuros; e pediu que os Ainur o seguissem.

Ora, quando alcançaram o meio do vazio, tiveram uma visão de excepcional beleza e encanto onde antes havia vacância; mas Ilúvatar disse: ‘Contemplai vosso coro e vossa música! Conforme tocáveis, assim por minha vontade vossa música tomou forma, e eis que mesmo agora o mundo se desenrola e sua história começa, tal qual meu tema em vossas mãos. Cada um lá dentro encontrará contidos, dentro do desígnio que é meu, os adornos e ornatos que ele próprio planejou; até mesmo Melko descobrirá as coisas que pensava conceber com seu próprio coração, em desarmonia com minha mente, e perceberá que elas são apenas uma parte do todo e tributárias de sua glória. Uma coisa apenas

acrescentei, o fogo que dá Vida e Realidade’ — e eis que o Fogo Secreto ardia no coração do mundo.

Então os Ainur se maravilharam ao ver como o mundo estava englobado em meio ao vazio e, ainda assim, apartado dele; e regozijaram-se ao ver luz, percebendo-a alva e áurea, e riram-se de prazer com as cores e pelo rugir do oceano encheram-se de anseio. Seus corações estavam contentes em virtude do ar e dos ventos, e das matérias das quais a Terra fora feita — ferro e pedra e prata e ouro e muitas substâncias: mas, de todas elas, a água foi tida como a mais bela, e mais abundante, e mais grandemente louvada. De fato, na água vive ainda um eco da Música dos Ainur mais profundo do que em qualquer outra substância que há no mundo, e até este último dia muitos dos Filhos dos Homens escutam insaciados a voz do Mar e anseiam não sabem pelo quê.

Sabe, pois, que a água foi mormente o sonho e a invenção de Ulmo, um Ainu a quem Ilúvatar instruíra mais penetrantemente do que todos os outros nas profundezas da música; enquanto o ar e os ventos e os éteres do firmamento Manwë planejara, o maior e mais nobre dos Ainur. A terra e a maior parte de suas abundantes substâncias Aulë concebeu, a quem Ilúvatar ensinara muitas coisas de sabedoria pouco menos do que a Melko, e, no entanto, havia muito ali que não era dele.[5]

Então Ilúvatar falou a Ulmo, e disse: ‘Não vês como Melko pensou o frio mordaz e imoderado e, contudo, não destruiu a beleza de tuas águas cristalinas, nem a de todas as tuas límpidas

lagoas. Mesmo onde ele quis dominar completamente, vê que a neve foi feita, e a geada fez suas finas obras; o gelo ergueu seus castelos em magnificência.’

Então disse Ilúvatar novamente: ‘Melko planejou calores excessivos e fogos sem controle e, contudo, não secou teu desejo, nem de todo abateu a música dos teus mares. Contempla, antes, a altura e a glória das nuvens e a magia que habita nas brumas e vapores; ouve o sussurrar das chuvas sobre a terra.’

Então, Ulmo disse: ‘Sim, em verdade a água é mais bela agora do que minha melhor concepção anterior. A neve é de tal beleza que ultrapassa meus mais secretos pensamentos e, se há pouca música nela, a chuva, por outro lado, é realmente bela e tem uma música que enche meu coração, e alegro-me que meus ouvidos a encontraram, ainda que sua tristeza esteja entre as mais tristes de todas as coisas. Buscarei Súlimo, dos ares e ventos, para que ele e eu possamos tocar melodias para sempre e sempre para tua glória e regozijo.’

Ora, Ulmo e Manwë têm sido grandes amigos e aliados em quase todos os assuntos desde então.[6]

E, enquanto Ilúvatar falava a Ulmo, os Ainur contemplaram como o mundo se desenrolava, e aquela história que Ilúvatar lhes propusera como uma grande música já estava sendo executada. É a partir de suas memórias coligidas acerca da fala de Ilúvatar e o conhecimento, conquanto

incompleto, que cada um tem de sua música, que os Ainur sabem tanto do futuro e que poucas coisas lhes são imprevistas — e, contudo, há algumas que são ocultas até mesmo a eles.[7] Assim os Ainur observaram; até muito antes da chegada dos Homens — não, quem sabe não foi até incontáveis eras antes mesmo de os Eldar surgirem e cantarem sua primeira canção, e fazerem a primeira de todas as gemas, e serem vistos tanto por Ilúvatar e os Ainur como de extrema beleza — e cresceu uma discórdia entre eles, enamorados que ficaram da glória do mundo conforme o fitavam, e tão absortos pela história encenada ali, à qual a beleza do mundo era apenas o pano de fundo e o cenário.

Ora, foi este o fim: que alguns residiram ainda com Ilúvatar para além do mundo — e esses foram mormente aqueles que ficaram absortos no tocar com os pensamentos do plano e desígnio de Ilúvatar, e queriam apenas apresentá-los, sem nada mais de sua própria invenção para adorná-los; mas alguns outros, e entre estes muitos dos mais belos e mais sábios dos Ainur, pediram permissão a Ilúvatar para habitar dentro do mundo. Pois disseram: ‘Gostaríamos de deter a guarda dessas belas coisas de nossos sonhos, que adquiriram realidade e extraordinária beleza por teu poder; e gostaríamos de instruir Eldar e Homens em suas dúvidas e em seus hábitos quando chegar a hora de eles aparecerem sobre a Terra por tua vontade, primeiro os Eldar e, por fim, os pais dos pais de Homens.’ E Melko fingiu que

desejava controlar a violência dos calores e os tumultos que tinha causado na Terra, mas, na verdade, queria, no fundo de seu coração, usurpar o poder dos outros Ainur e fazer guerra a Eldar e Homens, pois estava irado com os grandes dons que Ilúvatar tencionava dar a essas raças.[8]

Ora, Eldar e Homens foram concebidos por Ilúvatar apenas, e nenhum dos Ainur ousou, em sua música, acrescentar qualquer coisa aos seus modos, pois não compreenderam plenamente quando Ilúvatar propôs o seu ser; e, por essa razão, essas raças são corretamente chamadas de Filhos de Ilúvatar. Talvez essa seja a causa pela qual muitos outros dos Ainur, além de Melko, sempre se dispuseram a imiscuir-se com Elfos e Homens, com bom ou mau propósito; e, contudo, vendo que Ilúvatar fez os Eldar mais semelhantes aos Ainur em natureza, ainda que não em poder e estatura, enquanto aos Homens ele deu estranhos dons, seus tratos têm sido mormente com os Elfos.[9]

Conhecendo todos os seus corações, ainda assim Ilúvatar concedeu o desejo dos Ainur, nem se diz que lamentou por isso. Assim entraram esses grandes no mundo, e são eles a quem chamamos agora de Valar (ou Vali, não importa).[10] Eles habitavam em Valinor ou no firmamento; e alguns na terra, ou nas profundas do Mar. Ali, Melko governava os fogos e a mais cruel geada, os frios mais intensos e as mais profundas fornalhas sob as colinas de chama; e tudo o que é violento, ou excessivo, repentino ou cruel no mundo é

atribuído a ele, e com justiça, na maior parte das vezes. Mas Ulmo habita no oceano de fora e controla o fluir de todas as águas e o curso dos rios, o provimento de fontes e o destilar das chuvas e orvalhos por todo o mundo. No fundo do mar, ele se põe a pensar em música profunda e estranha, mas sempre cheia dum pesar: e nisso tem o auxílio de Manwë Súlimo.

Os Solosimpi, quando os Elfos vieram habitar em Kôr, aprenderam muito com ele, donde vem o fascínio melancólico de seu flautear e seu amor por sempre habitar junto à praia. Salmar estava com ele, e Ossë e Ónen, a quem deu o controle das ondas e dos mares menores, e muitos outros.

Mas Aulë habitava em Valinor e moldou muitas coisas; ferramentas e instrumentos engendrou, e se ocupou tanto da feitura de tecidos quanto do bater de metais; a lavoura também e a pecuária eram seu deleite tanto quanto os idiomas e alfabetos, ou bordados e pintura. Com ele, os Noldoli, que eram os sábios dos Eldar e sempre sedentos por novo saber e conhecimento fresco, aprenderam incontável riqueza de ofícios e magias e ciências impenetráveis. Por seu ensino, ao qual os Eldar sempre traziam sua própria beleza de mente e coração e imaginação, eles chegaram à invenção e feitura de gemas; e estas não estavam no mundo antes dos Eldar, e as mais belas de todas as gemas eram as Silmarilli, e elas estão perdidas.

Mas o maior e chefe de todos esses quatro grandes era Manwë Súlimo; e ele habitava em

Valinor e assentava-se numa gloriosa morada, sobre um trono maravilhoso no mais alto pináculo de Taniquetil, que se ergue acima da borda do mundo. Falcões voavam sempre de lá para cá por aquela morada, cujos olhos viam até as profundezas dos mares, ou penetravam as mais ocultas cavernas e a mais profunda escuridão do mundo. Eles lhe traziam novas de tudo e de todo lugar, e pouco lhe escapava — porém, alguns assuntos estavam ocultos até mesmo ao Senhor dos Deuses. Com ele estava Varda, a Bela, e ela se tornou sua esposa e é Rainha das Estrelas, e seus filhos eram Fionwë-Úrion e Erinti, a mais graciosa. E à sua volta habitava uma formidável hoste de belos espíritos, e sua felicidade é grande; e os homens amam Manwë até mais do que o poderoso Ulmo, pois nunca lhes causou mal de propósito, nem é tão satisfeito por sua honra, ou cioso de seu poder quanto aquele ancião de Vai. Os Teleri, a quem Inwë governava, eram especialmente amados por ele, e dele receberam poesia e canção; pois, se Ulmo tem poder de melodias e de vozes de instrumentos, Manwë tem um esplendor de poesia e canções sem par.

Eis que Manwë Súlimo, trajado de safiras, governante dos ares e ventos, é tido como senhor de Deuses e Elfos e Homens, e o maior baluarte contra o mal de Melko.”[11]

Então Rúmil disse novamente:

“Vê! Após a partida desses Ainur e de seus vassalos, tudo ficou quieto por uma grande era

enquanto Ilúvatar observava. Então, de súbito, ele falou: ‘Eis que eu amo o mundo, que é um salão de desenfado para Eldar e Homens, a quem eu amo. Mas, quando os Eldar chegarem, eles serão de longe as coisas mais belas e mais amáveis; e mais profundos no conhecimento da beleza, e mais felizes que os Homens. Mas aos Homens eu darei um novo dom, e maior.’ Portanto, planejou que os Homens deveriam ter uma virtude livre pela qual, dentro dos limites dos poderes e substâncias e acasos do mundo, eles pudessem moldar e delinear suas vidas além mesmo da Música original dos Ainur, que é como sina para todas as coisas outras. Assim decidiu que, das operações deles, tudo deveria ser, em forma e fato, completado, e o mundo, cumprido até a última e menor das coisas.[12] Eis que mesmo nós, Eldar, percebemos, para nosso pesar, que os Homens têm um estranho poder para o bem ou para o mal e para dobrar as coisas no mundo conforme sua disposição, à revelia dos Deuses e Fadas; de modo que dizemos: ‘O fado não pode sobrepujar os Filhos dos Homens e, contudo, eles são estranhamente cegos, embora seu júbilo devesse ser grande.’

Ora, Ilúvatar sabia que os Homens, postos em meio aos tumultos dos Ainur, nem sempre estariam inclinados a usar esse dom em harmonia com o propósito dele, mas, quanto a isso, falou: ‘Esses também, a seu tempo, hão de descobrir que tudo o que fizeram, mesmo o mais repugnante dos feitos e obras, redunda, no fim, apenas para a

minha glória, e é tributário da beleza de meu mundo.’ E, contudo, os Ainur dizem que pensar nos Homens é, por vezes, um pesar até para Ilúvatar; assim, se esse dom de liberdade causou-lhes inveja e espanto, a paciência de Ilúvatar perante o seu mau uso é matéria do maior assombro tanto dos Deuses quanto das Fadas. No entanto, é parte desse dom de poder que os Filhos dos Homens habitem vivos apenas por um intervalo curto no mundo e, contudo, não perecem completamente para sempre, enquanto os Eldar habitam até o Grande Fim,[13] a menos que sejam assassinados ou feneçam de pesar (pois a essas duas mortes eles estão sujeitos), nem a idade subjuga a força deles, a menos que seja após dez mil séculos; e, morrendo, eles renascem em seus filhos, de modo que seu número não diminui, nem cresce. Contudo, enquanto os Filhos dos Homens, após a passagem das coisas, certamente hão de se unir à Segunda Música dos Ainur, o que Ilúvatar planejou para os Eldar depois do fim do mundo, ele não revelou nem mesmo aos Valar, e Melko não o descobriu.”

[a] O título real desse conto é *Tuor e os eLivross de Gondolin*, mas meu pai se referia a ele como *A Queda de Gondolin*, e eu faço o mesmo.

[b] Por outro lado, é possível que, com “bandos perdidos”, ele de fato estivesse se referindo aos Elfos que se perderam na jornada a partir das Águas do Despertar (ver aqui); ou seja, a implicação é: “se a divisão entre a fala dos Noldoli e a dos Eldar que permaneceram em Valinor é muito grande, quão maior não deve ser a divisão da fala daqueles que nunca cruzaram o mar”.

NOTAS

[1] Essa frase de abertura está ausente no rascunho.

[2] A referência ao Fogo Secreto colocado dentro dos Ainur está ausente no rascunho.

[3] Essa passagem, começando com “Ora, a Melko, entre os Ainur [...]”, desenvolveu-se a partir de outra muito mais curta no rascunho: “Melko, entre os Ainur, fora mormente sozinho aos lugares escuros e aos vazios [*acrescentado posteriormente*: buscando os fogos secretos].”

[4] As palavras “minha canção” e “meu pensamento” estavam invertidas no texto, e foram posteriormente alteradas a lápis para a posição em que estão. No começo do texto aparece a frase: “Antes de todas as coisas ele cantou o ser primeiro dos Ainur”. Compare com a abertura do *Ainulindalë* em *O Silmarillion*: “Os Ainur [...] que eram os rebentos de seu pensamento”.

[5] Não há, no rascunho, referência a Manwë ou Aulë.

[6] Essa frase a respeito da amizade e aliança de Manwë e Ulmo está ausente no rascunho.

[7] Esse trecho era bastante diferente no texto rascunhado:

> E conforme Ilu falava a Ulmo, os Ainu contemplaram como a grande história que Ilu lhes havia proposto, para seu espanto, e para a qual toda a glória dele era apenas o salão de sua encenação — como ela se desenrolava numa miríade de complexidades, assim como fora a música que tocaram aos pés de Ilu, como a beleza foi soterrada em alvoroço e tumulto e nova beleza se ergueu dali uma vez mais, como a terra mudou e estrelas se apagaram, e estrelas foram inflamadas, e o ar varria o firmamento, e sol e lua foram dispostos em seus cursos e ganharam vida.

[8] Essa frase a respeito de Melko está ausente no rascunho.

[9] No rascunho, esse parágrafo diz:

> Ora, Eldar e Homens foram concebidos por Ilu apenas, e nenhum dos Ainu, nem mesmo Melko, teve qualquer relação com sua feitura, ainda que, em verdade, sua antiga música e seus feitos no mundo afetaram fortemente a história posterior deles. Por essa razão, talvez, Melko e muitos dos Ainu, com boa ou má intenção, sempre se dispuseram a imiscuir-se com eles, mas, vendo que Ilu fizera os Eldar demasiado semelhantes em natureza, ainda que não em estatura, aos Ainu, seus tratos têm sido mormente com os Homens.

A conclusão dessa passagem parece ser o único lugar no qual o segundo texto está em contradição direta com o rascunho.

[10] O rascunho diz: “e são eles a quem vós e nós chamamos agora de Valur e Valir”.

[11] Toda a passagem que segue a menção aos Solosimpi e ao seu “amor por sempre morar junto à praia” está ausente no rascunho.

[12] No lugar desse trecho, o rascunho diz:

> “[…] mas aos Homens designarei uma tarefa e darei um grande dom.” E ele planejou que eles deveriam ter livre-arbítrio e o poder de moldar e delinear além da música original dos Ainu, e que, por razão das operações deles, todas as coisas deveriam ser, em forma e fato, completadas, e o mundo que vem da música dos Ainu deve ser cumprido até a última e menor das coisas.

[13] “enquanto os Eldar habitam para sempre”, no rascunho.

Alterações feitas a nomes em *A Música dos Ainur*

Ainur Sempre *Ainu* no rascunho.
Ilúvatar Geralmente *Ilu* no rascunho, mas também *Ilúvatar*.
Ulmo No rascunho, Ulmo é assim chamado, mas também *Linqil* (corrigido para *Ulmo*).
Solosimpi < Solosimpë.
Valar ou Vali No rascunho, *Valur e Valir* (essas parecem ser as formas masculina e feminina).
Ónen < Ówen.
Vai < Ulmonan.

Comentário a *A Música dos Ainur*

Um trecho de ligação continua o texto de *A Música dos Ainur*, levando-o para *A Construção de Valinor* sem qualquer quebra na narrativa; contudo, adiarei esse trecho até o capítulo seguinte. O texto escrito, na realidade, também é contínuo entre os dois contos, e não há sugestão ou indicação de que a escrita de *A Construção de Valinor* não tenha se seguido à de *A Música dos Ainur*.

Em anos posteriores, o mito da Criação foi revisado e reescrito repetidas vezes; mas é notável que, neste caso apenas, e em contraste com o desenvolvimento do restante da mitologia, há uma tradição direta, de manuscrito a manuscrito, desde o primeiro rascunho até a versão final: cada texto é diretamente baseado no que o precede.[a] Ademais, e muito notavelmente, a versão mais antiga, escrita quando meu pai tinha 27 ou 28 anos, ainda entranhada no contexto do Chalé do Brincar Perdido, estava tão desenvolvida em sua concepção que passou por pouca mudança essencial. Houve, é verdade, muitas alterações, que podem ser rastreadas estágio por estágio através dos sucessivos textos, e muito conteúdo novo surgiu; mas o desaparecimento das frases originais pode ser continuamente percebido na última versão do *Ainulindalë*, escrita mais de trinta anos depois, e muitas frases sobreviveram.

Ver-se-á que o grande tema que Ilúvatar propôs aos Ainur foi feito, originalmente, um tanto mais explícito (“A estória que dispus diante de vós”, p. 72), e que as palavras de Ilúvatar aos Ainur no final da Música continham uma longa declaração daquilo que Melko causara, do que ele introduzira na história do mundo (p. 74). Mas, de longe, a diferença mais importante é que, na forma inicial, a primeira visão que os Ainur tiveram do Mundo foi na sua concretude (“mesmo agora o mundo se desenrola e sua história começa”, p. 75), e não como uma Visão que lhes foi retirada e que ganhou existência apenas às palavras de Ilúvatar: *Eä!* Que essas coisas Sejam! (*O Silmarillion*, p. 45).

Contudo, quando todas as diferenças são observadas, elas são muito menos impressionantes do que a solidez e a completude com a qual o mito da Criação emergiu de início.

Ademais, neste “Conto”, muitas características específicas de menor importância geral surgem pela primeira vez; e muitas delas permaneceriam. Manwë, chamado de “senhor de Deuses e Elfos e Homens”, recebe a alcunha *Súlimo*, “governante dos ares e ventos”; é trajado de safiras, e falcões de visão penetrante voam desde sua morada em Taniquetil (*O Silmarillion*, p. 69); ele ama particularmente os Teleri (os posteriores Vanyar), que receberam dele os dons da poesia e da canção; e sua esposa é Varda, Rainha das Estrelas.

Manwë, Melko, Ulmo e Aulë são destacados como os “quatro grandes”; no fim, os grandes Valar, os *Aratar*, vieram a ser nove, mas houve muita alteração na composição da hierarquia até que esse número fosse atingido. As preocupações características de Aulë, e sua particular associação com os Noldoli, surgiram aqui e haveriam de permanecer, embora aqui se atribua a ele um deleite em “idiomas e alfabetos”, ao passo que, em *O Silmarillion* (p. 69), ainda que isso não seja negado, parece implícito que era um dom e uma habilidade peculiar aos Elfos noldorin; mais adiante, nos *Contos Perdidos* (p. 141), diz-se que foi o próprio Aulë que, “auxiliado pelos Gnomos, inventou alfabetos e escritas”. Ulmo, especialmente associado com os Solosimpi (que se tornaram os Teleri), é aqui apresentado como sendo mais “satisfeito por sua honra e cioso de seu poder” do que Manwë; e ele habita em Vai. Vai é uma emenda de Ulmonan; mas isso não é simplesmente a substituição de um nome por outro: Ulmonan era o nome dos salões de Ulmo, que ficavam em Vai, o Oceano de Fora. A importância de Vai, um elemento relevante na cosmologia original, aparecerá no capítulo seguinte.

Outros seres divinos surgem agora. Manwë e Varda têm rebentos, Fionwë-Úrion e Erinti. Posteriormente, Erinti se tornou Ilmarë, “aia de Varda” (*O Silmarillion*, p. 57), mas nada jamais se disse dela (ver pp. 243–44). Fionwë, cujo nome muito tempo depois foi alterado para Eönwë, permaneceu, tornando-se Arauto de Manwë, quando a ideia dos “Filhos dos Valar” foi abandonada. Seres subordinados a Ulmo — Salmar, Ossë e Ónen (posteriormente Uinen) — aparecem; ainda que todos eles tenham sobrevivido no panteão, a concepção de Maiar não surgiria por vários anos, e Ossë foi por muito tempo contado entre os Valar. Os Valar são aqui chamados de “Deuses” (de fato, quando Eriol pergunta “são eles os Deuses?”, Lindo responde que sim, pp. 62–3), e esse uso sobreviveu por muito tempo no desenvolvimento da mitologia.

A ideia do renascimento élfico em suas próprias crianças é aqui formalmente declarada, assim como os destinos diferentes de Elfos e Homens. A esse respeito, um assunto curioso pode ser mencionado. Anteriormente, no texto recém-incluído (p. 72), aparece a seguinte frase: “embora se diga que outra [música] muito mais poderosa há de ser tecida diante do assento de Ilúvatar pelos corais tanto de Ainur *quanto dos filhos dos Homens* após o Grande Fim”; e, na frase que conclui o texto: “Contudo, enquanto os *Filhos dos Homens*, após a passagem das coisas, certamente hão de se unir à Segunda Música dos Ainur, o que Ilúvatar planejou para os Eldar depois do fim do mundo, ele não revelou nem mesmo aos Valar, e Melko não o descobriu.” Ora, na primeira revisão do *Ainulindalë* (que data dos anos de 1930), a primeira dessas frases foi alterada para: “[...] pelos corais dos Ainur *e dos Filhos de Ilúvatar* depois do fim dos dias”; ao passo que a segunda permaneceu essencialmente

inalterada. Isso continuou até a versão final. É possível que a alteração na primeira passagem tenha sido involuntária, apenas a substituição por uma frase comum, e que isso jamais tenha sido notado depois. Contudo, no trabalho publicado (*O Silmarillion*, pp. 40, 72), deixei ambas as frases como estão.

[a] Para se comparar com o texto publicado em *O Silmarillion*, deve-se notar que parte do conteúdo da versão inicial não aparece no *Ainulindalë* propriamente dito, mas no final do Capítulo 1, *Do Princípio dos Dias* (pp. 63–72).

3

A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor

Conforme eu já assinalei, o conto seguinte está ligado à *Música dos Ainur* sem qualquer quebra narrativa; e não há título no texto. Ele está contido em três cadernos separados (os *Contos Perdidos* foram escritos de maneira extremamente confusa, com seções de contos diferentes intercaladas); e, na capa do caderno que traz a abertura do trecho, seguindo *A Música dos Ainur*, está escrito: “contém também a Vinda dos Valar e principia a Construção de Valinor”. O texto foi escrito a tinta sobre um manuscrito a lápis apagado.

Então, quando Rúmil terminou e ficou em silêncio, Eriol disse, após uma pausa: “Grandiosas são essas notícias, e muito novas e estranhas aos meus ouvidos, e, entretanto, parece que a maior parte do que contastes até o momento aconteceu fora deste mundo, mas, se agora sei donde vem sua vida e seu motor e a origem última de sua história, ainda gostaria de ouvir muitas coisas das façanhas mais antigas dentro de suas fronteiras; dos labores dos Valar eu gostaria de saber, e dos grandes seres de dias antiquíssimos. Donde vêm, dizei-me, Sol e Lua e Estrelas, e como vieram a ser seus cursos e suas estações? E mais — donde

vieram os continentes da terra, as Terras de Fora, os grandes mares e as Ilhas Mágicas? E mesmo dos Eldar e de sua ascensão e da vinda dos Homens eu gostaria de ouvir vossos contos de sabedoria e prodígio.”

Então respondeu Rúmil: “Ora, mas tuas perguntas são quase tão longas e verbosas quanto meus contos — e a sede de tua curiosidade secaria um poço mais profundo que meu saber, se te deixasse beber e voltar irrefreado a seu bel-prazer. De fato, não sabes o que pedes, nem a extensão e complexidade das estórias que queres ouvir. Vê, o sol já está muito acima dos telhados e esta não é a hora do dia para o contar de contos. Antes, já é hora — e passou da hora — do desjejum.” Com essas palavras, Rúmil desceu por aquela trilha de aveleiras e, passando por um trecho ensolarado, entrou na casa em grande velocidade apesar de estar sempre olhando os pés conforme andava.

Mas Eriol ficou sentado, pensativo, sob o pergolado, ponderando sobre o que ouvira, e muitas questões lhe chegaram à mente que desejava perguntar, e esqueceu-se de que ainda estava em jejum. Mas, então, achegou-se Pequeno-Coração e um outro, trazendo utensílios e belas toalhas, e disseram-lhe: “São palavras de Rúmil, o Sábio, que tu estás a derrear-te na Pérgula dos Tordos de fome e exaustão pela língua tagarela dele — e, como achamos isso muito provável, viemos em teu auxílio.”

Então, Eriol os agradeceu e, desjejuando, passou o restante daquele belo dia escondido em

alamedas quietas daquele jardim, perdido em pensamento; mas não faltavam arboretos, pois, ainda que parecesse fechado por grandes muros de pedra, cobertos de árvores frutíferas ou trepadeiras cujas flores, douradas e rubras, rebrilhavam sob o sol, eram incontáveis os cantos e esconsos do jardim, árvores talhadas e relvados, veredas ensombradas e campos floridos, e, ao se explorar, descobria-se sempre algo novo. E, no entanto, maior ainda foi sua alegria quando novamente um brinde foi feito àquela noite ao “Reacender do Sol Mágico”, e as velas foram erguidas, e a multidão foi uma vez mais ao aposento onde o Fogo-do-Conto ardia.

Lá, disse Lindo: “Serão contos novamente, como de costume, nesta noite, ou serão músicas e o cantar de canções?” E a maioria disse canções e músicas, e nisso alguns hábeis se levantaram e cantaram velhas melodias, ou então trouxeram à vida obras mortas de menestréis de Valinor em meio ao chamejar daquela sala iluminada. Alguns também recitaram poesia a respeito de Kôr e Eldamar, fragmentos da riqueza de outrora; mas, logo, canção e música cessaram, e houve um silêncio enquanto os que ali estavam refletiam sobre a beleza extinta e ansiavam com avidez pelo Reacender do Sol Mágico.

Afinal, Eriol falou a Lindo, dizendo: “Um certo Rúmil, o Guardião-das-Portas, e, penso, um grande sábio, relatou-me esta manhã, no jardim, o princípio do mundo e a vinda dos Valar. Agora muito gostaria de ouvir sobre Valinor!”

Então disse Rúmil, sentado numa banqueta num canto ensombrado: “Então, com permissão de Lindo e Vairë, começarei o conto, doutro modo seguirás perguntando para sempre; e que perdoe a companhia por ouvir novamente velhos contos.” Mas Vairë disse que tais palavras a respeito das coisas mais antigas ainda estavam longe de perder o frescor nos ouvidos dos Eldar.

Então, Rúmil falou:

“Vede, Manwë Súlimo e Varda, a Bela, ergueram-se. Foi Varda quem, no tocar da Música, pensara muito sobre luz branca e argêntea, e sobre estrelas. Esses dois tomaram para si asas de poder e partiram velozes pelos três ares. Vaitya é aquele que circunda, escuro e vagaroso, o lado de fora do mundo, mas Ilwë é azul e claro, e flui em meio às estrelas, e, por fim, chegaram a Vilna, que é cinzento e as aves podem voar por ele em segurança.

Com eles vieram muitos dos Vali menores que os amavam e tocaram perto deles e afinaram sua música à deles, e esses são os Mánir e os Súruli, os silfos dos ares e dos ventos.

Ora, por rápido que tenham partido, Melko estava lá antes deles, apressando-se à frente e flamejando pelos ares na impetuosidade de sua ligeireza, e houve um tumulto no mar onde ele mergulhara, e as montanhas acima dele jorraram chamas, e a terra fendeu-se e tremeu; mas Manwë, olhando tudo isso, irou-se.

Depois disso vieram Ulmo e Aulë, e com Ulmo não veio ninguém além de Salmar, que depois foi

conhecido como Noldorin, pois, por bondoso que fosse o coração daquele ser poderoso, ele sempre pensava profundamente sozinho, e era quieto e indiferente e altivo até mesmo para os Ainur; mas com Aulë estava aquela grande senhora, Palúrien, cujos deleites eram a riqueza e os frutos da terra, razão pela qual ela há muito é chamada de Yavanna entre os Eldar. Em torno deles vinha uma grande hoste, que são os espíritos das árvores e dos bosques, do vale e da floresta e da encosta da montanha, ou aqueles que cantam em meio à grama pela manhã e entoam canções em meio ao trigo em pé à tardinha. Esses são os Nermir e os Tavari, Nandini e Orossi, fatas, trasgos, duendes e o que mais forem chamados, pois seu número é muito grande, porém não devem ser confundidos com os Eldar, pois nasceram antes do mundo e são mais velhos que os mais velhos deste e não são dele, mas riem-se muito dele, pois nada tiveram a ver com sua feitura, de sorte que ele lhes é, na maior parte das vezes, um divertimento; mas os Eldar são do mundo e o amam com amor grande e ardente, e são melancólicos em meio a toda sua alegria por essa razão.

Ora, atrás desses maiores chefes vieram Falman-Ossë, das ondas do mar, e Ónen, sua consorte, e, com eles, as tropas dos Oarni e Falmaríni, e as Wingildi de longas melenas, e esses são os espíritos da espuma e do marulho do oceano. Ora, Ossë era vassalo e subordinado de Ulmo, e o era por medo e reverência, e não por amor. Atrás dele vieram Tulkas Poldórëa,

regozijando-se em sua força, e os irmãos, os Fánturi, o Fantur dos Sonhos, que é Lórien Olofántur, e o Fantur da Morte, que é Vefántur Mandos, e também as duas que são chamadas Tári pois são senhoras de grande veneração, rainhas dos Valar. Uma era esposa de Mandos, e é conhecida por todos como Fui Nienna, por razão de suas tristezas, e ela é inclinada ao luto e às lágrimas. Muitos outros nomes ela tem que de raro são ditos, e são todos lúgubres, pois ela é Núri, a que suspira, e Heskil, a que gera o inverno, e todos devem se curvar diante dela como Qalmë-Tári, a senhora da morte. Mas vede, a outra era a esposa de Oromë, o caçador que é chamado Aldaron, rei das florestas, que ruge de júbilo desde os topos das montanhas e é quase tão enérgico quanto Tulkas, perpetuamente jovem. Oromë é filho de Aulë e Palúrien, e a Tári que é sua esposa é conhecida por todos como Vána, a formosa, e ela ama a alegria e a mocidade e a beleza, e é a mais feliz de todos os seres, pois ela é Tuilérë ou, como diziam os Valar, Vána Tuivána, a que traz a primavera, e todos lhe cantam louvores como Tári-Laisi, senhora da vida.

E, no entanto, quando todos esses haviam cruzado os confins do mundo, e Vilna estava em tumulto com sua passagem, apressaram-se ainda, atrasados, Makar e sua bravia irmã, Meássë; e teria sido melhor se eles não tivessem encontrado o mundo, mas permanecido para sempre com os Ainur para além de Vaitya e das estrelas, pois ambos eram espíritos de temperamento brigalhão

e, juntamente com outros espíritos menores que chegaram então com eles, tinham sido os primeiros e principais a se juntarem nos desacordos de Melko e a ajudarem a espalhar sua música.

Por último chegou Ómar, que é chamado de Amillo, o mais jovem dos grandes Valar, e ele cantava canções conforme chegava.

Então, quando todos esses grandes espíritos estavam reunidos dentro dos confins do Mundo, Manwë lhes falou, dizendo: ‘Vede agora! Como poderão os Valar habitar este belo lugar, ou ser felizes e regozijar-se com sua benevolência, se permitirmos que Melko o destrua, e cause fogo e tumulto, sem que tenhamos onde nos sentar em paz, sem que a terra possa florescer e sem que os desígnios de Ilúvatar possam se realizar?’

Então todos os Valar enraiveceram-se com Melko, e somente Makar falou contra Manwë; mas o restante escolheu entre si alguns para buscar o malfeitor, e esses foram Mandos e Tulkas; Mandos porque Melko tinha mais medo de seu aspecto aterrorizante do que de qualquer outra coisa, a não ser que fosse a força do braço de Tulkas, e Tulkas era o outro.

Ora, esses dois buscaram-no e o obrigaram a vir diante de Manwë, e Tulkas, cujo coração desgostava da astúcia torpe de Melko, deu-lhe um golpe com o punho, e ele o tolerou na hora, mas não esqueceu. E, no entanto, chamou os Deuses de formosos, e declarou quão pouco prejuízo causou, divertindo-se por pouco tempo no frescor

do mundo; e, disse ele, jamais procuraria fazer qualquer coisa contra o senhorio de Manwë ou a dignidade daqueles chefes, Aulë e Ulmo, ou para injuriar qualquer um além deles. Antes, seu conselho foi de que cada um dos Valar deveria agora partir e morar em meio às coisas que amava na Terra, e nenhum deveria tentar estender seu poderio para além dos justos limites. Nisso havia alguma censura velada a Manwë e Ulmo, mas, dentre os Deuses, alguns tomaram suas palavras como sendo de boa-fé, e se dispuseram a seguir seu conselho, mas outros desconfiaram; e, no meio do debate, Ulmo se levantou e partiu para os Mares Extremos que ficavam além das Terras de Fora. Não amava palavras altissonantes, nem multidões, e naquelas águas profundas, imóveis e vazias, pretendia habitar, deixando o governo dos Grandes Mares e dos menores a Ossë e Ónen, seus vassalos. E, no entanto, por sua magia, das profundezas dos extremos salões-marinhos de Ulmonan, ele controlava o débil marulhar dos Mares Sombrios, e governava os lagos e fontes e rios do mundo.

Ora, essa era a maneira da Terra naqueles dias, e desde então ela não mudou, salvo pelos labores de outrora dos Valar. As mais vastas das regiões são as Grandes Terras, onde os Homens habitam e vagam agora, e os Elfos Perdidos cantam e dançam nas colinas; mas para além de seus limites mais ocidentais estão os Grandes Mares, e nesse vasto corpo d’água do Oeste estão muitas terras e ilhas menores, antes de se chegar aos

mares solitários, cujas ondas sussurram à volta das Ilhas Mágicas. E, ainda mais longe que isso, e poucos são os barcos de homens mortais que se aventuraram tão longe, estão os Mares Sombrios, onde flutuam as Ilhas do Crepúsculo e a Torre de Pérola se ergue pálida no cabo mais ocidental; mas, até então, ela não fora construída, e os Mares Sombrios se estendiam escuros até sua praia mais remota em Eruman.

Ora, as Ilhas do Crepúsculo são tidas como as primeiras das Terras de Fora, que compreendem estas, e Eruman, e Valinor. Eruman, ou Arvalin, está para o sul, mas os Mares Sombrios percorrem até mesmo as beiras de Eldamar, ao norte; e, no entanto, os navios precisam navegar mais longe para alcançar essas praias argênteas, pois para além de Eruman estão as Montanhas de Valinor num grande anel que se curva para o oeste, e os Mares Sombrios a norte de Eruman formam uma vasta baía, de modo que as ondas se quebram mesmo aos pés das grandes falésias, e as Montanhas ficam ao lado do mar. Ali está Taniquetil, gloriosa de se contemplar, a mais imponente de todas as montanhas, trajada da mais pura neve, e ela olha desde a ponta da baía para o sul, atravessando Eruman, e para o norte, através da Baía de Feéria; de fato, todos os Mares Sombrios, até mesmo as velas dos navios sobre as águas ensolaradas do grande oceano e as multidões nos portos a oeste, nas terras dos Homens, podiam, mais tarde, ser vistas dali, apesar de a distância ser contada em léguas

inimagináveis. Mas, até o momento, o Sol não havia se erguido, e as Montanhas de Valinor não haviam sido erigidas, e o vale de Valinor jazia vasto e frio. Para além de Valinor nunca vi nada nem ouvi, salvo que por certo há lá as águas escuras dos Mares de Fora, que não têm marés, e elas são muito frescas e ralas, pois que nenhum barco consegue navegar em seu seio nem peixe nadar em suas profundezas, salvo os peixes encantados de Ulmo e sua carruagem mágica.

Para lá ele então foi, mas os Deuses reúnem-se em concílio a respeito das palavras de Melko. Foi o conselho de Aulë e sua esposa, Palúrien — pois estavam muitíssimo aflitos com o malfeito dos tumultos de Melko e não confiavam nada em suas promessas —, que os Deuses não deveriam se separar, como ele propunha, para que não colimasse, talvez, atacá-los isoladamente, ou causar dano a suas posses. ‘Não é ele’, disseram, ‘mais poderoso do que qualquer um de nós, salvo apenas Manwë? Antes, que construamos uma morada onde possamos habitar juntos, em júbilo, saindo apenas por necessidade de cuidar e supervisionar nossos bens e feudos. Lá, mesmo os que pensam diferente poderão morar, por vezes, e encontrar repouso e deleite após os labores do mundo’. Ora, a mente e os dedos de Aulë já comichavam por fazer coisas, e ainda mais por isso queria urgência no assunto; e para a maior parte dos Deuses pareceu bom conselho, e eles saíram pelo mundo buscando um lugar para morar. Aqueles foram os dias de Ocaso (Lomendánar),

pois luz havia, prateada e dourada, mas ela não estava ajuntada, fluindo e fremindo em correntes irregulares pelos ares ou, às vezes, caindo gentilmente na terra como chuva cintilante e correndo como água pelo solo; e Varda, àquela época, em seu desenfado, colocara apenas umas poucas estrelas no céu.

Nessa penumbra, os Deuses espreitaram Norte e Sul, e conseguiram ver pouco; de fato, nas profundezas dessas regiões, encontraram grande frio e solidão, e o mando de Melko já fortalecido; mas Melko e seus serviçais estavam escavando no Norte, construindo os salões sinistros de Utumna, pois ele não tinha qualquer intenção de morar em meio aos outros, ainda que fingisse paz e amizade, por enquanto.

Ora, devido à escuridão, Aulë suadiu Melko a erigir duas torres ao Norte e ao Sul, pois tencionava colocar-lhes no topo poderosas lamparinas, uma sobre cada. Estas o próprio Aulë construiu, de ouro e prata, e os pilares foram erguidos por Melko, e eram altíssimos, e brilhavam como pálido cristal azulado; e, quando Aulë lhes deu uma pancada com a mão, ressoaram como metal. Eles se erguiam atravessando o ar mais baixo e chegavam mesmo até Ilwë e as estrelas, e Melko disse que eram duma substância imperecível e de grande força que ele criara; mas mentia, pois sabia que eram de gelo. A do Norte chamou de Ringil, e a do Sul, de Helkar, e as lamparinas foram aprontadas e postas sobre elas, estando repletas de luz acumulada, prateada no

Norte, dourada no Sul. Manwë e Varda haviam recolhido essa luz em abundância desde o céu, de modo que os Deuses pudessem explorar melhor as regiões do mundo, e escolher a mais bela para ser o seu lar.

Ora, naquela luz flamejante eles foram para o Leste e o Oeste, e o Leste era uma vastidão de terras revolvidas, e o Oeste, grandes mares de escuridão, pois, na verdade, eles estavam reunidos sobre as Ilhas do Crepúsculo e olhavam para o oeste, quando eis que as lamparinas no Norte e no Sul tremeluziram e desabaram e, ao desabarem, as águas se ergueram em redor das ilhas. Ora, essas coisas eles não compreenderam no momento, mas aconteceu que as labaredas daquelas luzes haviam derretido o gelo traiçoeiro dos pilares de Melko, Ringil e Helkar, e grandes inundações escorreram para dentro dos Mares Sombrios. Tamanho foi seu derretimento que, se de início aqueles mares não tinham grandes dimensões, e eram cristalinos e quentes, agora estavam negros e vastos, e vapores havia sobre eles, e sombras profundas, devido aos imensos rios gelados que se derramaram neles. Assim as grandes lamparinas foram derrubadas do alto, e o clangor de sua queda sacudiu as estrelas, e algo de sua luz se derramou novamente no ar, mas muito fluiu pela terra e, por seu grande volume, criou fogos e desertos antes de se acumular em lagos e poças.

Foi, então, o tempo da primeira noite, e ela foi muito longa; mas os Valar estavam muitíssimo

irados pela perfídia de Melko, e com risco de serem engolfados nos mares sombrios que agora se erguiam e sorviam tudo aos seus pés, cobrindo muitas das ilhas em suas ondas.

Então Ossë, pois Ulmo não estava ali, reuniu consigo os Oarni e, aplicando sua força, arrastaram pelas águas a ilha onde estavam os Valar rumo ao oeste, até chegarem a Eruman, cujas praias altas contiveram a inundação colérica — e essa foi a primeira maré.

Então Manwë falou: ‘Faremos agora uma morada com celeridade, um baluarte contra o mal.’ Assim, passaram por Arvalin e viram um vasto descampado mais adiante, atravessando incontáveis léguas e chegando mesmo aos Mares de Fora. Ali, disse Aulë, seria um lugar apropriado para grande construção e para levantar reinos de deleite; ao que os Valar, e todo o seu povo, primeiro ajuntaram as maiores rochas e pedras de Arvalin, e erigiram com elas imensas montanhas entre aquele lugar e a planície que agora chamam de Valinor, ou a terra dos Deuses. De fato, foi o próprio Aulë quem labutou por sete eras, a pedido de Manwë, no empilhamento de Taniquetil, e o mundo estrondeava na sombra, e Melko ouvia os barulhos do labor deles. Em razão de sua grande obra de alvanéis, Erumáni é hoje muito ampla e desnuda, e impressionantemente plana, pois eles removeram toda pedra e rocha que lá havia; mas as Montanhas de Valinor são denteadas e de altura inexpugnável. Vendo, por fim, que elas torreavam poderosamente entre Valinor e o mundo, os

Deuses tomaram fôlego; mas Aulë e Tulkas partiram para longe, com muitos de seu povo, e trouxeram de volta tudo o que puderam de mármores e boas pedras, de ferro e ouro e prata e bronze e toda maneira de substâncias. Estes eles amontoaram no meio da planície e Aulë se pôs a labutar com vigor prontamente.

Por fim, disse: ‘É ruim trabalhar neste escuro, e foi um malfeito de Melko que trouxe a ruína àquelas belas lamparinas.’ Mas Varda disse, em resposta: ‘Há ainda muita luz remanescente, tanto nos ares quanto a que flui, derramada na terra’, e ela desejou ajuntá-la novamente e postar um farol sobre Taniquetil. Mas Manwë não permitiu que mais radiância fosse tirada do firmamento, pois a escuridão já era como a da noite, mas, a seu pedido, Ulmo se ergueu de suas profundezas e foi até os lagos flamejantes e poças de grande brilho. Deles retirou rios de luz, colocando-os em imensas vasilhas e despejando águas no lugar, e com estas voltou a Valinor. Lá, toda a luz foi derramada em dois grandes caldeirões que Aulë fizera no escuro, preparando-se para o retorno de Ulmo, e eles são chamados de Kulullin e Silindrin.

Ora, no vale mais central eles cavaram dois grandes fossos, e eles estão separados por léguas e, no entanto, bem próximos, se comparados com a vastidão daquela planície. Num deles, Ulmo depositou sete rochas d’ouro trazidas das profundas mais silentes do mar, e depois foi jogado ali um fragmento da lamparina que ardera por um tempo sobre Helkar, no Sul. Então, o fosso

foi coberto com terras ricas de feitura de Palúrien, e chegou Vána, que ama a vida e a luz solar, e a cuja canção as flores nascem e se abrem, e o murmurar das donzelas à sua volta era como o ruído alegre da gente que sai pela primeira vez numa manhã luminosa. Sobre o monte ela cantou a canção de primavera, e dançou em redor, e regou-o com grandes rios daquela luz dourada que Ulmo trouxera dos lagos derramados — e, no entanto, Kulullin estava quase transbordando no fim.

Mas no outro fosso eles jogaram três pérolas imensas que Ossë encontrou no Grande Mar, e uma pequena estrela Varda jogou depois delas, e eles o cobriram com espumas e névoas brancas e, depois, salpicaram terra de leve sobre ele, mas Lórien, que ama crepúsculos e sombras tremeluzentes, e doces fragrâncias levadas por ventos noturnos, ele que é senhor dos sonhos e imaginações, sentou-se ali perto e sussurrou palavras rápidas e sem ruído, enquanto seus espíritos tocavam melodias semiouvidas ao seu lado, como música que se derrama na escuridão vinda de moradas distantes; e os Deuses despejaram naquele lugar rios da branca radiância e da luz prateada que Silindrin levava até a borda — e, após o derramamento, Silindrin ainda estava quase cheia.

Então chegou Palúrien, Kémi, a Senhora-da-terra, esposa de Aulë, mãe do senhor das florestas, e ela teceu feitiços sobre os dois lugares, encantamentos profundos de vida e crescimento, e

do brotar de folhas, florescer e frutificar — mas não colocou palavra alguma sobre fenecer em sua canção. Ali, tendo cantado, pôs-se a meditar por longo tempo, e os Valar sentaram-se em círculo à volta, e a planície de Valinor estava escura. Então, após um tempo, veio por fim um brilho intenso de ouro em meio à escuridão, e os Valar e todas as suas companhias ergueram um clamor de júbilo e louvor. Eis que, daquele lugar que fora regado com o conteúdo de Kulullin, brotou uma muda esguia e sua casca emanava um pálido brilho dourado; e aquela planta cresceu célere, de modo que, em sete horas, havia uma árvore de grande estatura, e todos os Valar e seu povo conseguiam sentar-se sob seus galhos. De grande formosura e tamanho era o tronco, e nada havia ali que fendesse sua casca lisa, a qual brilhava tênue com uma luz amarela por imensa altura sobre a terra. Então, belos ramos brotaram por cima, em todas as direções, e botões dourados cresceram de todos os rebentos e galhos menores e deles irromperam folhas dum verde rico cujas bordas brilhavam. A luz que aquela árvore emanava já era considerável e bela, mas, conforme os Valar fitavam, ela produziu flores em grande profusão, de sorte que todos os ramos ficaram ocultos por longos cachos balouçantes de flores douradas como uma miríade de lâmpadas de fogo pendentes, e a luz extravasava de suas pontas e respingava na terra com doce ruído.

Então os Deuses louvaram Vána e Palúrien, e regozijaram-se na luz, dizendo-lhes: ‘Vede, é uma

formosa árvore, em verdade, e deve ter um nome para si', e Kémi disse: 'Que seja chamada Laurelin, pelo brilho de sua florada e a música de seu orvalho', mas Vána a chamava de Lindeloksë, e ambos os nomes permanecem.

Passaram-se, então, doze horas desde que Lindeloksë brotara e, naquele momento, um clarão de prata penetrou o flamejar amarelo, e eis que os Valar viram uma muda nascer naquele lugar onde as poças de Silindrin haviam sido despejadas. Tinha uma casca de alvor delicado que cintilava como pérola, e crescia tão célere quanto Laurelin e, conforme crescia, a glória de Laurelin diminuía e sua florada brilhava menos, até que passou a brilhar gentilmente, como se dormisse: mas eis que a outra ergueu-se agora a uma estatura tão imponente quanto a de Laurelin, e seu tronco era ainda mais formoso e esguio, e sua casca, como seda, mas os galhos acima eram mais robustos, e mais intrincados, e seus ramos, mais densos, e eles irromperam em copiosas folhas verde-azuladas como pontas de lanças.

Então os Valar fitaram atônitos, mas Palúrien disse: 'Esta árvore ainda não parou de crescer', e eis que, conforme ela falava, a árvore floriu, e suas flores não pendiam em cachos, mas eram como flores sozinhas, cada uma em finas hastes que penduleavam juntas, e eram como prata e pérolas e estrelas cintilantes, e ardiam com uma luz branca; e era como se o coração da árvore pulsasse, e seu brilho, assim, aumentava e diminuía. Luz tal qual prata líquida destilava do

tronco e pingava na terra, e lançava grande brilho pela planície, mas não chegava tão longe quanto a luz da árvore de ouro, e por razão também de suas grandes folhas e do pulsar de sua vida interior, projetava um contínuo tremular de sombras entre as poças de seu brilho, muito nítidas e negras; ao que Lórien não conseguiu conter seu júbilo, e até mesmo Mandos sorriu. Mas Lórien disse: ‘Vede! Darei um nome a esta árvore, e chamá-la-ei de Silpion’, e esse foi seu nome desde então. Então, Palúrien se ergueu e disse aos Deuses: ‘Ajuntai agora toda a luz que respinga em forma líquida desta bela árvore e depositai-a dentro de Silindrin, e fazei uso dela, mas com muita parcimônia. Vede, esta árvore, quando as doze horas de sua luz plena se houverem passado, há de minguar novamente, e Laurelin inflamar-se-á uma vez mais; mas, para que ela não fique exaurida, regai-a sempre gentilmente do caldeirão de Kulullin à hora em que Silpion escurecer, e fazei do mesmo modo a Silpion, vertendo novamente a luz que foi juntada dentro do profundo Silindrin sempre que a árvore de ouro minguar. A luz é a seiva dessas árvores e sua seiva é luz!’

E com essas palavras ela queria dizer que, embora essas árvores precisassem ser regadas com luz para que tivessem seiva e vida, por seu crescimento e natureza elas sempre faziam luz em grande abundância, mais e além até do que suas raízes absorviam; mas os Deuses deram ouvidos ao seu pedido, e Vána fez com que uma de suas próprias donzelas, Urwen, cuidasse sempre da

tarefa de regar Laurelin, ao passo que Lórien ordenou a Silmo, um jovem a quem amava, que estivesse sempre atento ao revigorar de Silpion. Porquanto se diz que, em cada regar das árvores, havia maravilhoso crepúsculo de ouro e prata e luzes mescladas, grande beleza antes de uma árvore esmaecer ou de a outra chegar à plena glória.

Ora, devido às árvores luminosas, Aulë obteve luz em abundância para seus trabalhos, e ele se entregou a muitas tarefas, e Tulkas o ajudou muito, e Palúrien, mãe da magia, estava a seu lado. Primeiro, sobre Taniquetil uma grandiosa morada foi erguida para Manwë e uma torre de vigia foi instalada. Desde lá ele enviava seus falcões dardejantes e os recebia de volta, e de lá partiu amiúde, em dias posteriores, Sorontur, Rei das Águias, a quem Manwë deu muita força e sabedoria.

Essa casa foi construída de mármore branco e azul, e ficava em meio aos campos nevados, e seus telhados eram feitos de uma trama daquele ar azul chamado *ilwë*, que fica acima do branco e cinzento. Aulë e sua esposa fizeram essa trama, mas Varda a salpicou de estrelas, e Manwë morava sob ela; mas, na planície, ao pleno esplendor das árvores, havia um aglomerado de moradias construídas à maneira de uma cidade bela e sorridente, e essa cidade era chamada de Valmar. Nem metal, nem pedra, nem madeira de grandes árvores foram poupados para erigi-las. Seus telhados eram de ouro e seus pisos, de prata, e

suas portas, de bronze polido; foram erguidas com feitiços, e suas pedras foram unidas com magia. À parte delas, e fazendo fronteira com o vale aberto, havia um grande pátio, e ali era a morada de Aulë, e era repleta de tramas mágicas tecidas com a luz de Laurelin e o brilho de Silpion e o cintilar de estrelas; mas havia outras feitas de fios de ouro e prata e ferro e bronze batidos até a finura de uma teia de aranha, e todos foram tecidos com beleza na forma de estórias das músicas dos Ainur, retratando as coisas que foram e hão de ser, ou tais coisas que existiram apenas na glória da mente de Ilúvatar.

Nesse pátio estavam algumas de todas as árvores que posteriormente cresceram na terra, e uma lagoa de água azul jazia entre elas. Ali caíam frutas durante todo o dia, tombando ricamente na terra sobre o relvado às suas margens, e eram ajuntadas pelas aias de Palúrien para regalo dela e de seu senhor.

Ossë também tinha uma grande morada, e lá ficava sempre que os Valar se reuniam em conclave ou quando se cansava do marulhar das ondas nos seus mares. Ónen e os Oarni trouxeram milhares de pérolas para construí-la, e seus pisos eram de água do mar, e suas tapeçarias, como o rebrilhar das escamas prateadas dos peixes e era telhado com espuma. Ulmo não habitava em Valmar e, logo após sua construção, voltou para os Mares de Fora, e, caso precisasse permanecer em Valinor, era hóspede nos salões de Manwë; — mas isso era raro. Lórien também habitava longe, e seu

salão era amplo e pouco iluminado, e tinha vastos jardins. O lugar de sua morada ele chamou Murmuran, o qual Aulë construiu a partir das névoas ajuntadas para além de Arvalin sobre os Mares Sombrios. Foi posta no Sul, nos sopés das Montanhas de Valinor nos confins do reino, mas os jardins circundavam-na maravilhosamente, serpeando até próximo dos pés de Silpion, cujo brilho os iluminava estranhamente. Eram cheios de labirintos e maranhas, pois Palúrien dera a Lórien grande quantidade de teixos e cedros, e de pinheiros que exsudavam olores soporíferos no ocaso; e essas árvores olhavam sobre lagos profundos. Larvas luminosas rastejavam pelas orlas, e Varda colocara estrelas em suas profundezas para deleite de Lórien, mas seus espíritos cantavam maravilhosamente nesses jardins, e o aroma das flores noturnas, e as canções dos sonolentos rouxinóis os enchiam de grande encanto. Lá também cresciam as papoulas, brilhando rubras no crepúsculo, e elas eram chamadas pelos Deuses de *fumellar*, as flores do sono — e Lórien muito as usava em seus encantamentos. No meio desses jardins, num círculo de ciprestes sombrios muito altos, ficava aquele fundo tonel, Silindrin. Ali jazia num leito de pérolas, e sua superfície intacta era salpicada de cintilações prateadas, e as sombras das árvores se projetavam nele, e as Montanhas de Valinor podiam ver suas faces refletidas ali. Lórien, fitando-o, via muitas visões de mistério cruzando a superfície, a qual ele jamais permitia que fosse

agitada, exceto quando Silmo vinha, sem ruído, com um jarrão de prata para colher um sorvo de seu gélido líquido reluzente, e ia mansamente regar as raízes de Silpion antes que a árvore de ouro esquentasse.

Distinta era a mente de Tulkas, e ele habitava no centro de Valmar. É o mais jovial, de membros fortes, e enérgico, e, por isso, é chamado de Poldórëa, o que aprecia jogos e o tanger de arcos, e o pugilismo, a luta, a corrida e o salto, e as canções que acompanham os golpes e o virar dum copo bem cheio. E, no entanto, não é brigalhão e não distribui golpes sem provocação como Makar, embora não haja entre Valar e Úvanimor (que são os monstros, gigantes e ogros) quem não tema a força de seu braço e o soco de seu punho férreo, quando tem motivo para se irar. Sua casa era de alegria e festividade; e erguia-se alta no ar, com muitos andares, e tinha uma torre de bronze e pilares de cobre formando uma ampla arcada. Nesse pátio, os homens disputavam e rivalizavam entre si em façanhas destemidas, e ali às vezes a formosa donzela Nessa, esposa de Tulkas, servia cálices do melhor vinho e beberagens refrescantes entre os combatentes. Mas, acima de tudo, ela amava se retirar para um local de belos relvados cuja turfa Oromë, seu irmão, escolhera dentre as mais ricas de todas as suas clareiras florestais, e Palúrien a plantara com feitiços para que fosse sempre virente e macia. Ali ela dançava em meio às suas aias enquanto Laurelin estivesse em flor; afinal, não é ela superior na dança à própria Vána?

Em Valmar também habitava Noldorin, conhecido há muito como Salmar, ora tangendo suas harpas e liras, ora sentando-se sob Laurelin e tirando doce música dum instrumento de arco. Ali cantava Amillo jubiloso ao seu tocar, Amillo que é chamado de Ómar, cuja voz é a melhor de todas as vozes, que conhece todas as canções em todos os falares; mas, quando não cantava ao som da harpa do seu irmão, gorjeava nos jardins de Oromë quando, depois de um tempo, Nielíqui, pequena donzela, dançava pelos bosques.

Oromë tinha um vasto domínio que era amado por ele não menos do que por Palúrien, sua mãe. Vede, os arvoredos que plantaram na planície de Valinor e mesmo nos sopés das montanhas não têm par na Terra. Feras se deleitavam ali, cervos entre as árvores, e rebanhos de vacas entre os espaços e vastas pradarias; havia bisões, e cavalos vagando sem arreios, mas estes jamais entravam inadvertidamente nos jardins dos Deuses, e, no entanto, estavam em paz e não tinham medo, pois predadores não havia entre eles, e Oromë não saía à caça em Valinor. Por muito que ele de fato ame esses reinos, amiúde encontra-se mundo afora; com mais frequência até do que Ossë, e tanto quanto Palúrien, quando então se torna o maior de todos os caçadores. Mas, em Valmar, seus salões são amplos e baixos, e um sem-fim de peles e velos de grande riqueza e valor estão espalhados ali sobre o piso, ou pendendo das paredes, além de lanças e arcos e facas. No centro de cada aposento e salão uma

árvore viva sustenta o telhado, e no tronco penduram-se troféus e galhadas. Aqui, todo o povo de Oromë se traja de verde e castanho e há um ruído de agitada alegria, e o senhor das florestas promove vistosos banquetes; mas Vána, sua esposa, sempre que pode, retira-se furtivamente dali. Longe dos pátios ecoantes daquela casa estão seus jardins, bem cercados das terras mais silvestres com grandes espinheiros brancos que florescem como neve perpétua. Sua solidão mais interior está murada com roseiras, e este é o local mais amado por essa formosa senhora da Primavera. Bem no centro desse local de ar fragrante, Aulë muito tempo atrás colocou aquele caldeirão, o dourado Kulullin, sempre repleto da radiância de Laurelin como água brilhante, e dela ele criou uma fonte, de sorte que todo o jardim era cheio da salubridade e da felicidade de sua luz pura. Pássaros cantavam ali o ano todo com a voz mais potente da primavera, e as plantas desabrochavam numa balbúrdia de flores e de vida gloriosa. E, no entanto, nada daquele esplendor jamais se derramava do tonel d’ouro, salvo quando as aias de Vána, lideradas por Urwen, deixavam aquele jardim no minguar de Silpion para regar as raízes da árvore de flama; mas, próximo à fonte, era sempre claro com a luz ambarina do dia, conforme as abelhas se ocupavam nos roseirais; e por lá caminhava Vána agilmente enquanto cotovias cantavam acima de sua cabeça dourada.

Tamanha era a beleza dessas moradas, e tamanho o brilho das árvores de Valinor que

Vefántur e Fui, sua esposa chorosa, não suportavam ficar lá muito tempo, e foram para longe, a norte daquelas regiões, onde — sob as raízes das mais frias e setentrionais Montanhas de Valinor, que novamente se erguem ali, perto de Arvalin, quase à sua altura máxima — pediram a Aulë que lhes escavasse um salão. Assim ele o fez, para que todos os Deuses pudessem ter um abrigo ao seu gosto, e eles e todo o seu povo sombrio o ajudaram. Muito vastas eram aquelas cavernas que fizeram, estendendo-se mesmo abaixo dos Mares Sombrios, e eram cheias de escuridão e repletas de ecos, e toda aquela morada profunda é conhecida por Deuses e Elfos como Mandos. Ali, num salão de zibelina, sentava-se Vefántur, e ele chamava o salão com seu próprio nome, Vê. Era iluminado com uma única vasilha posta no centro, na qual havia algumas gotas brilhantes do pálido orvalho de Silpion: era drapeado de vapores negros, e seus pisos e colunas eram de azeviche. Para ali em dias posteriores iam os Elfos de todos os clãs que por má sina eram mortos com armas ou morriam de pesar pelos que foram mortos — e somente assim podiam os Eldar morrer, e mesmo assim era apenas por pouco tempo. Ali Mandos pronunciava sua sina, e ali esperavam na treva, sonhando de seus feitos passados, até o momento por ele determinado quando podiam renascer em seus filhos, e partir para rirem e cantarem outra vez. Raramente Fui ia até Vê, pois laborava, antes, no destilar dos humores salinos donde vêm as lágrimas, e nuvens negras tecia e fazia flutuar

para que fossem pegas nos ventos e percorressem o mundo, e suas tramas sem luz amiúde assentavam-se sobre os que ali moravam. Ora, esses tecidos eram desesperos e pesares sem esperança, tristezas e cegas aflições. O salão que mais amava era um ainda maior e mais escuro do que Vê, e ela também lhe deu seu próprio nome, Fui. Ali, diante de seu trono negro ardia um braseiro com um único carvão cintilante, e o telhado era de asas de morcegos, e os pilares que o sustentavam e as paredes em volta eram feitas de basalto. Até lá iam os filhos dos Homens para ouvir sua sina, levados pela multidão de males que a música perversa de Melko fez entrar no mundo. Assassínios e incêndios, fomes e reveses, doenças e golpes dados no escuro, crueldade e o frio mordente e angústia e sua própria tolice os levam para lá; e Fui perscruta seus corações. Alguns, então, ela mantém em Mandos sob as montanhas, e alguns ela manda para além dos montes, e Melko os agarra e os leva para Angamandi, ou os Infernos de Ferro, onde enfrentam dias malignos. Alguns também, e esses são a maioria, ela embarca no negro navio, Mornië, que jaz amiúde num porto sombrio do Norte, esperando os momentos em que a triste procissão desce à praia lentamente pelos caminhos ásperos desde Mandos.

Então, quando está cheio, espontaneamente iça suas velas de zibelina e, com um vento moroso, desce por aquelas costas. Aí, todos os que estão a bordo, conforme chegam no Sul, lançam olhares

de extremo anseio e pesar para a baixada entre as colinas, onde Valinor pode ser vislumbrada sobre a planície distante; e essa abertura é perto de Taniquetil, onde está a praia de Eldamar. Nada mais veem daquele brilhante lugar e, levados para longe, habitam nas vastas planícies de Arvalin. Ali, vagueiam no ocaso, acampando como podem, mas não estão completamente destituídos de canção, e podem ver as estrelas, e aguardam pacientemente até que chegue o Grande Fim.

São poucos e, de fato, felizes aqueles a quem, de tempos em tempos, Nornorë, o arauto dos Deuses, vai buscar. Eles então o acompanham em carruagens ou em bons cavalos até o vale de Valinor, e banqueteiam-se nos salões de Valmar, morando nas casas dos Deuses até que chegue o Grande Fim. Estão longe das montanhas negras do Norte, ou das planícies brumosas de Arvalin, e têm música e luz bela, assim como júbilo.

E eis que agora relatei a maneira das moradas de todos os grandes Deuses, as quais Aulë ergueu com sua perícia em Valinor, mas Makar e sua bravia irmã, Meássë, construíram eles mesmos uma morada para si, auxiliados apenas por seu próprio povo, e era um salão sinistro.

Ficava no confim das Terras de Fora, e não era muito longe de Mandos. De ferro era feito, e sem adornos. Ali lutavam os vassalos de Makar com armaduras, e havia conflito e gritaria e o zurrar de trombetas, mas Meássë andava entre os guerreiros e os incitava a golpear mais, ou revigorava os vacilantes com vinho forte, para que continuassem

a batalhar; e os braços dela enrubesciam até os cotovelos mexendo naquela confusão. Nenhum dos Deuses jamais ia até lá, salvo Tulkas, e, se quisessem visitar Mandos, seguiam veredas tortuosas, evitando passar perto daquele salão clamoroso; mas Tulkas, às vezes, lutava com Makar ali, ou distribuía golpes como os de um malho entre os lutadores, e isso ele fazia para que não se ameigasse em sua bela propriedade, pois não amava aquela companhia, nem realmente eles o amavam ou à sua grande força desprovida de raiva. Ora, a batalha dos pátios de Makar acontecia incessantemente, exceto quando os homens se reuniam nos salões para se banquetear, ou nas vezes em que Makar e Meássë estavam longe, juntos caçando lobos e ursos nas montanhas negras. Mas aquela casa era repleta de armas de batalha bem arranjadas, e escudos imensos de brilhante polimento ficavam nas paredes. Era iluminada com tochas, e lá se cantavam ferozes canções de vitória, de saques e incursões, e a luz vermelha das tochas se refletia nas lâminas de espadas desembainhadas. Ali sentavam-se amiúde Makar e sua irmã para ouvir as canções, e Makar tem sobre os joelhos uma espada imensa, e Meássë segura uma lança. Mas, naqueles dias, antes da ocultação de Valinor, esses dois percorriam muito a Terra e com frequência estavam longe da terra, pois amavam os tumultos desenfreados que Melko causava pelo mundo.

Assim, Valinor está agora construída, e ali há grande paz, e os Deuses estão em júbilo, pois

esses espíritos brigalhões não vivem muito entre eles, e Melko não se aproxima.”

Então, uma criança da companhia falou, muito ávida por contos e poesia: “E queria que ele jamais tivesse ido até lá desde então, e queria ter visto aquela terra brilhando novinha como Aulë a deixou.” Ora, ela ouvira Rúmil contar este conto antes, e muito pensara nele, mas para a maior parte da companhia era novidade, como era para Eriol, e eles ficaram espantados. Então, Eriol falou: “Poderosíssimos e gloriosos são os Valar, e gostaria de ouvir ainda mais desses primeiros dias se já não tivesse visto o chamejar das Velas do Sono que se encaminham para cá”; mas outra criança falou desde um coxim perto da cadeira de Lindo: “Não, é nos salões de Makar que eu gostaria de estar, e conseguir, talvez, uma espada ou faca para usar; mas em Valmar penso que seria bom ser hóspede de Oromë”, e Lindo disse, rindo-se: “Seria bom, de fato”, e levantou-se, e o contar de contos estava encerrado àquela noite.

NOTAS

Alterações feitas a nomes em *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor*

Ónen < *Ówen* (apenas na primeira ocorrência; subsequentemente, *Ónen* é o termo original).

Eruman e *Arvalin* Os nomes dessa região foram originalmente escritos *Habbanan* e *Harmalin*, mas foram emendados no conto inteiro (exceto em dois casos, nos quais *Habbanan* foi deixado inadvertidamente) para *Eruman* (*Erumáni* em uma ocorrência, p. 91) e *Arvalin*. (Nas três últimas ocorrências, *Habbanan* > *Arvalin*, enquanto nas ocorrências anteriores *Habbanan* > *Eruman*; mas a diferença é, presumivelmente, insignificante, já que os nomes *Habbanan* / *Harmalin* e, posteriormente, *Eruman* / *Arvalin*, eram intercambiáveis.) Em *O Chalé do Brincar Perdido*, as alterações foram *Harwalin* > *Harmalin* > *Arvalin* (p. 33).

Lomendánar < *Lome Danar*.

Silindrin < *Telimpë* (*Silindrin*) (apenas na primeira ocorrência; subsequentemente, *Silindrin* é o termo original).

Lindeloksë < *Lindelótë* (ver aqui).

Comentário a *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor*

Os abundantes ensinamentos fornecidos por Rúmil nessa ocasião serão mais bem discutidos em seções, e eu começo com:

(i) A Vinda dos Valar e seu encontro com Melko (pp. 85–8)

A descrição da entrada dos Valar no mundo não foi mantida, embora o relato deles nesse trecho tenha sido a origem última do *Valaquenta* (*O Silmarillion*, pp. 49–59), sem haver, contudo, evolução contínua entre os manuscritos. O trecho é de muito interesse, pois aqui aparecem, de uma vez só, muitos personagens da mitologia que perdurariam, além de outros que desapareceram. É notável a quantidade de nomes dos Valar nos escritos mais antigos que jamais foram substituídos ou modificados: *Yavanna*, *Tulkas*, *Lórien*, *Nienna*, *Oromë*, *Aldaron*, *Vána* e *Nessa*, que aparecem pela primeira vez neste conto, e *Manwë*, *Súlimo*, *Varda*, *Ulmo*, *Aulë*, *Mandos*, *Ossë* e *Salmar*, que haviam aparecido antes. Alguns sobreviveram, mas de forma modificada: *Melkor* no lugar de *Melko*, *Uinen* (que surge mais tarde nos próprios *Contos Perdidos*) em vez de *Ónen*, *Fëanturi* no lugar de *Fánturi*; e outros ainda, como Yavanna *Palúrien* e Tulkas *Poldórëa*, sobreviveram por muito tempo na tradição do "Silmarillion" até serem substituídos por *Kementári* (mas repare em *Kémi*, "Senhora-da-terra", neste conto) e *Astaldo*. Mas alguns desses Valar primitivos haviam desaparecido no estágio, ou fase, que sucedeu os *Contos Perdidos*: Ómar-Amillo e os bárbaros deuses-da-guerra, Makar e Meássë.

Aparecem aqui, ademais, certas relações que sobreviveram até a forma mais tardia. Assim, Lórien e Mandos foram desde o início "irmãos", cada um com sua especial associação, os "sonhos" e a "morte"; e Nienna teve, desde o começo, relação próxima com eles, aqui como "esposa de Mandos", embora, mais tarde, como irmã dos Fëanturi. A concepção original de Nienna era, de fato, mais sombria e amedrontadora — uma deusa da morte associada intimamente a Mandos — do que se tornou depois. Percebe-se que as relações incertas de Ossë e Ulmo remontam ao início;

mas a altivez e indiferença de Ulmo desapareceram subsequentemente, pelo menos como característica explicitamente descrita de seu “caráter” divino. Vána já era esposa de Oromë, mas Oromë era filho de Aulë e (Yavanna) Palúrien; na evolução posterior dos mitos, Vána desceu na hierarquia em relação a Nienna, ao passo que Oromë foi alçado, tornando-se, por fim, um dos grandes Valar, os *Aratar*.

De particular interesse é o trecho a respeito da hoste de espíritos menores que acompanhou Aulë e Palúrien, donde se vê quão antiga é a noção de que os Eldar são muito dessemelhantes em natureza a “fatas, trasgos, duendes”, visto que os Eldar são “do mundo” e presos a ele, enquanto os outros são seres anteriores à feitura do mundo. No trabalho posterior, não há qualquer vestígio de tal explicação sobre o elemento “trasgo” na população do mundo: os Maiar mal são mencionados, e certamente não se diz que incluem esses seres que “cantam em meio à grama pela manhã e entoam canções em meio ao trigo em pé à tardinha”.[a]

Salmar, companheiro de Ulmo, que apareceu em *A Música dos Ainur* (p. 78), é agora identificado como *Noldorin*, o qual fora mencionado por Vairë em *O Chalé do Brincar Perdido* (p. 27); tanto quanto é possível se discernir de sua história será relatado depois. Escritos subsequentes nada dizem dele, exceto que veio com Ulmo e que fez suas trompas (*O Silmarillion*, p. 70).

No desenvolvimento posterior dessa narrativa, não há menção a Tulkas (ou Mandos!) saindo à procura de Melkor bem no começo da história dos Valar em Arda. Em *O Silmarillion* (p. 63), descobrimos, antes, sobre a grande guerra entre os Valar e Melkor “antes que Arda estivesse de todo moldada”, e que foi a chegada de Tulkas do “firmamento distante” que o afugentou, de

modo que ele abandonou Arda, mas “conspirava na escuridão de fora”.

(ii) A concepção inicial das Terras Ocidentais e dos Oceanos

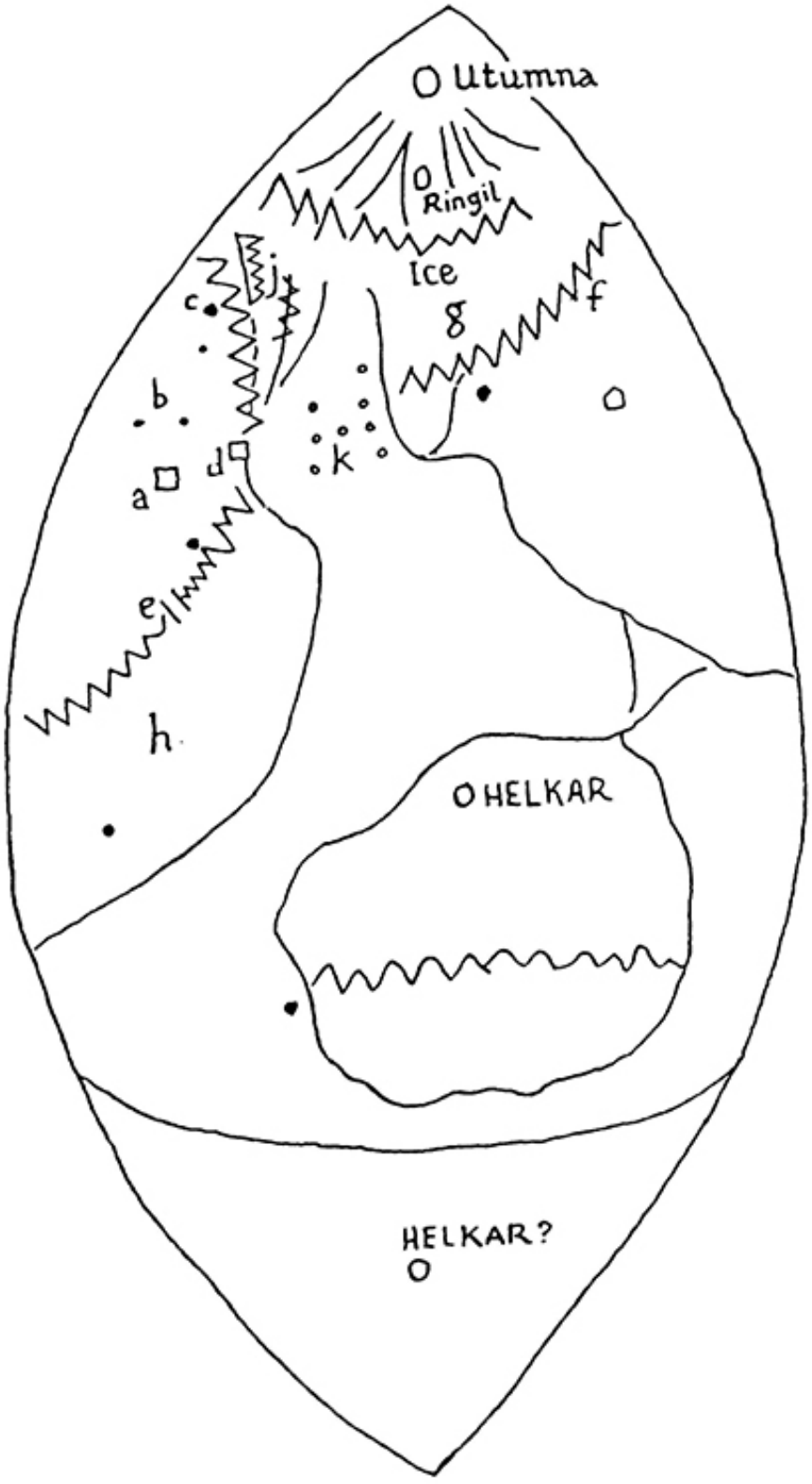
Em *O Chalé do Brincar Perdido*, a expressão “Terras de Fora” foi usada para as terras a leste do Grande Mar, a posterior Terra-média; isso foi, então, alterado para “Grandes Terras” (p. 32, nota 2). As “Terras de Fora” são definidas, agora, como as Ilhas do Crepúsculo, Eruman (ou Arvalin) e Valinor (p. 89). Um uso curioso, que frequentemente aparece nos *Contos Perdidos*, é a identificação do “mundo” com as Grandes Terras, ou com a superfície inteira da terra a leste das Terras de Fora; assim, as montanhas “torreavam poderosamente entre Valinor e o mundo” (p. 91), e o Rei Inwë ouviu “o lamento do mundo” (p. 27).

É conveniente reproduzir aqui um mapa (p. 105), o qual, na verdade, aparece no texto de um conto posterior (*O Roubo de Melko e o Obscurecer de Valinor*). Esse mapa, desenhado em uma página manuscrita com o texto escrito em torno dele, não passa de um rabisco apressado com lápis macio, agora apagado e esmaecido e, em diversos pontos, difícil ou impossível de interpretar. Eu o redesenhei tão precisamente quanto pude, sendo que os únicos elementos perdidos são algumas letras indecifráveis (começando com M) precedendo a palavra *Gelo*. Acrescentei as letras *a*, *b*, *c* etc. para tornar a discussão mais fácil de acompanhar.

Utumna (posteriormente Utumno) está localizada no extremo Norte, a norte de Ringil, o pilar da lamparina; parece, por este mapa, que a localização do pilar meridional ainda não fora decidida. O quadrado marcado com *a* é, obviamente, Valmar, e eu entendo que os dois pontos marcados com *b* são as

Duas Árvores, das quais se diz, mais tarde, que ficavam a norte da cidade dos Deuses. O ponto marcado com *c* é, claramente, o domínio de Mandos (ver aqui, onde se diz que Vefántur Mandos e Fui Nienna imploraram a Aulë que lhes escavasse um salão “sob as raízes das mais frias e setentrionais Montanhas de Valinor”);[b] é difícil que o ponto ao sul deste represente o salão de Makar e Meássë, visto que se diz (p. 100) que, embora não fosse muito longe de Mandos, ficava “no confim das Terras de Fora”.

A área que marquei com *h* é Eruman / Arvalin (que, no fim, acabou sendo chamada de Avathar), anteriormente *Habbanan* / *Harmalin* (*Harwalin*), que são simples alternativas (ver aqui).



O primeiro mapa

Mais tarde, num mapa do mundo feito nos anos 1930, a costa ocidental do Grande Mar faz uma curva suave e regular para oeste, indo de norte a sul, enquanto as Montanhas de Valinor se curvam praticamente no sentido oposto, para o leste,)(; no ponto em que as duas curvas se juntam, no meio, estão Túna e Taniquetil. Duas porções de terra com o formato de Vs alongados, portanto, estendem-se para norte e sul a partir do ponto mediano, entre as Montanhas e o Mar, e que se afastam progressivamente uma da outra; e estas são nomeadas Eruman (na direção norte) e Arvalin (na direção sul).

No pequeno mapa primitivo, a linha das montanhas já é assim, sendo descrita no texto como “um grande anel que se curva para o oeste” (a curva é para oeste se as extremidades, e não a porção central, forem consideradas). Mas a curva da costa é diferente. Infelizmente, o pequeno mapa é aqui muito obscuro, pois há diversas linhas (marcadas com *j*) que se estendem para norte de Kôr (marcada com *d*), e é impossível discernir se as marcas ali são indicações de exclusão ou se representam cordilheiras paralelas. Mas eu penso que, na verdade, essas linhas meramente representam ideias variantes para a curva das Montanhas de Valinor no norte; e restam-me poucas dúvidas de que, nessa época, meu pai não tinha qualquer ideia acerca de uma região “deserta” a norte de Kôr e a leste das montanhas. Essa interpretação do mapa está bem de acordo como que se diz no conto (p. 89): “os Mares Sombrios a norte de Eruman formam uma vasta baía, de modo que as ondas se quebram mesmo aos pés das grandes falésias, e as Montanhas ficam ao lado do mar”, e Taniquetil “olha desde a ponta da baía para o sul, atravessando Eruman, e para o norte, através da Baía

de Feéria”. Por essa visão, o nome *Eruman* (posteriormente *Araman*), que de início era uma alternativa para *Arvalin*, foi usado para o deserto setentrional quando o plano para as regiões costeiras se tornou mais simétrico.

Diz-se no conto (p. 88) que “nesse vasto corpo d’água do Oeste estão muitas terras e ilhas menores, antes de se chegar aos mares solitários, cujas ondas sussurram à volta das Ilhas Mágicas”. Os pequenos círculos no mapa (assinalados com *k*) são, evidentemente, uma representação esquemática desses arquipélagos (outras coisas serão ditas sobre as Ilhas Mágicas mais adiante). Os Mares Sombrios, como se esclarecerá mais tarde, eram uma região do Grande Mar a oeste de Tol Eressëa. As outras letras no mapa referem-se a elementos que ainda não entraram na narrativa.

Neste conto, deparamo-nos com a importante ideia cosmológica dos Três Ares, Vaitya, Ilwë e Vilna, e do Oceano de Fora, sem marés, de águas frescas e “ralas”. Foi dito em *A Música dos Ainur* (p. 78) que Ulmo habita no Oceano de Fora, e que deu a Ossë e Ónen “o controle das ondas e dos mares menores”; ali, ele é chamado de “o ancião de Vai” (uma emenda a partir de Ulmonan). Vê-se agora que *Ulmonan* é o nome dos seus salões no Oceano de Fora, e também que os “mares menores” controlados por Ossë e Ónen incluem o Grande Mar (p. 88).

Existe um desenho muito antigo e muito notável, no qual o mundo é visto em corte, apresentado como um imenso navio “viking” com o mastro se erguendo desde o ponto mais alto das Grandes Terras, uma única vela no que são o Sol e a Lua, cordas amarradas a Taniquetil e a uma grande montanha no extremo Leste, e uma proa curvada (as marcas pretas no navio são um borrão de tinta). Esse desenho foi feito muito

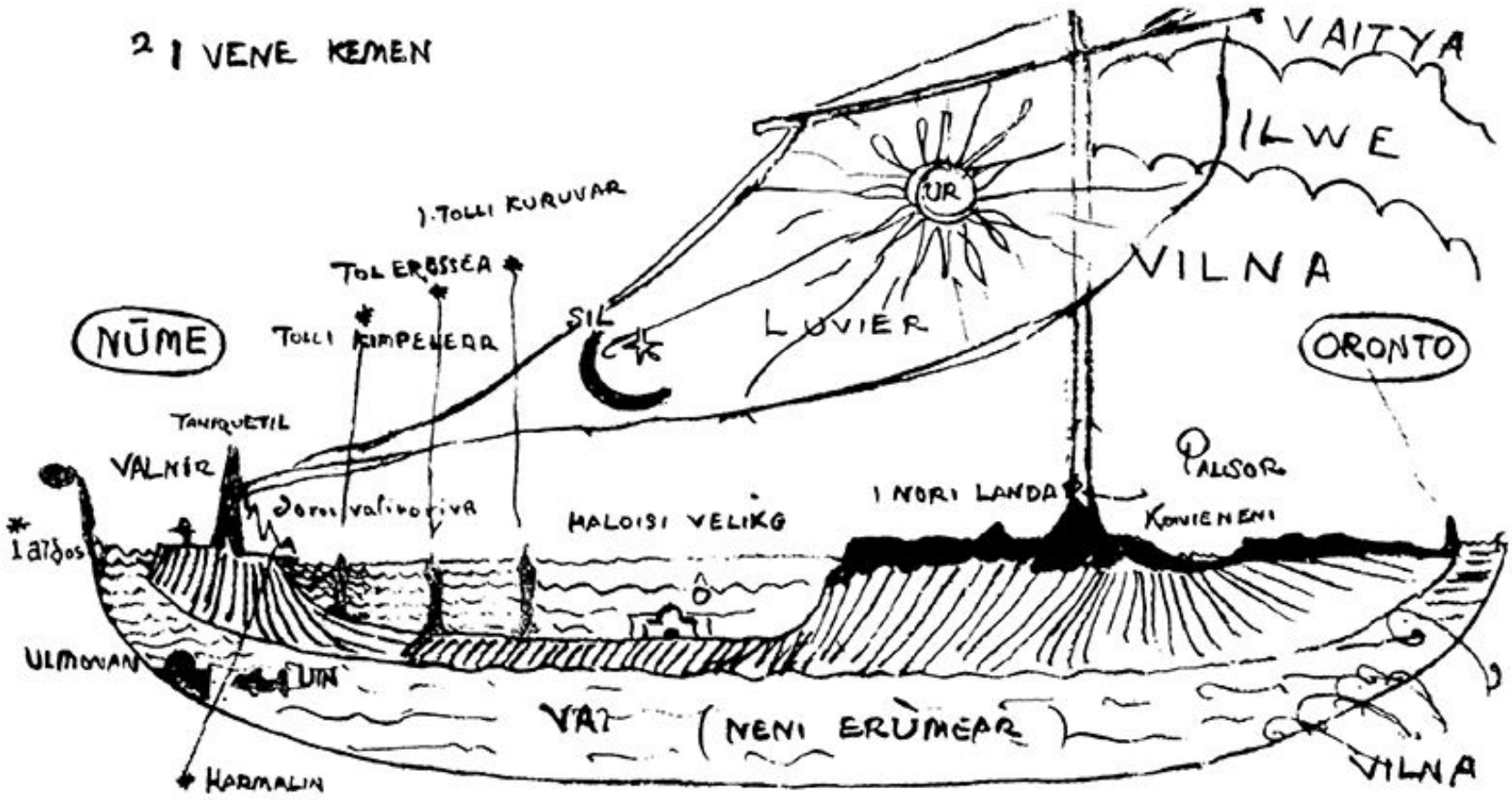
rapidamente com lápis macio em uma folha pequena, e está intimamente relacionado à cosmologia dos *Contos Perdidos*.

Incluo aqui uma lista dos nomes e palavras escritas nesse desenho com seus significados, até onde é possível determiná-los (mas sem quaisquer detalhes etimológicos, para os quais consulte o Apêndice de Nomes, no qual nomes e palavras que ocorrem somente neste desenho são fornecidos em verbetes separados).

I Vene Kemen Este é claramente o título do desenho; talvez signifique “A Forma da Terra” ou “O Navio da Terra” (ver o Apêndice de Nomes, verbete *Glorvent*).

Nūme “Oeste”.

Valinor; *Taniquetil* (A altura prodigiosa de Taniquetil, mesmo considerando-se a forma desse desenho, é notável: ela é descrita no texto (p. 89) como sendo tão alta que “as multidões nos portos a oeste, nas terras dos Homens, podiam ser vistas dali”. Sua altura fantástica pode ser percebida na aquarela de meu pai, datada de 1927–8 (*Pictures of J.R.R. Tolkien*, n. 31).)[c]


2 I VENE KEMEN
VAITYA
ILWE
VILNA
ORONTO
NŪME
SIL
LUVIER
UR
1. TOLLI KURUVAR
TOL ERESSEA
TOLLI KIMPELEAR
TANIQUETIL
VALMIR
PALSOR
I NORI LANDA
KONIENENI
HALOISI VELIKO
ULMONAN
LIN
VAI
(NENI ERÙMEAR)
HARMALIN
VILNA

Harmalin Nome anterior de *Arvalin* (ver aqui).
i aldas “As Árvores” (a oeste de Taniquetil).
Toros valinoriva Toros é obscuro, mas, de todo modo, a primeira letra da primeira palavra, se é que é um T, é pouquíssimo característica. A referência parece ser às Montanhas de Valinor.
Tolli Kimpelear Devem ser as Ilhas do Crepúsculo, mas não encontrei outra ocorrência de *Kimpelear* ou qualquer coisa parecida.
Tol Eressëa “A Ilha Solitária”.
I Tolli Kuruvar “As Ilhas Mágicas”.
Haloisi Velike “O Grande Mar”.
Ô “O Mar”. (O que é a estrutura no fundo do mar, abaixo do nome *Ô*? Certamente é a morada de Ossë sob o Grande Mar mencionada no conto seguinte [p. 134].)
I Nori Landar Provavelmente significa “As Grandes Terras”.
Koivienéni Precursor de *Cuiviénen*, as Águas do Despertar.
Palisor A terra onde os Elfos despertaram.
Sil “Lua”.
Ûr “Sol”.
Luvier “Nuvens”.
Oronto “Leste”.
Vaitya, *Ilwë* e *Vilna* aparecem nas três camadas descritas no conto (p. 86), e Vilna reaparece no canto inferior direito do desenho. Nada se diz, nos *Contos Perdidos*, para explicar esse último elemento, e nem está muito evidente o que as linhas encaracoladas no mesmo lugar representam (ver aqui).
Ulmonan Os salões de Ulmo.
Uin A Grande Baleia, que aparece mais adiante nos *Contos*.
Vai O Oceano de Fora.

Neni Erùmear “Águas Extremas” = *Vai*.

É possível ver pelo desenho que o mundo flutua *dentro de* e *sobre* Vai. É assim que, de fato, Ulmo descreve aos Valar em um conto posterior (p. 258):

> Vede, há apenas um Oceano, e este é Vai, pois aqueles que Ossë toma por oceanos não são senão mares, águas que repousam nas fossas da rocha [...] Neste vasto corpo d’água flutua a ampla Terra, sustentada pelo verbo de Ilúvatar [...]

No mesmo trecho, Ulmo fala das ilhas nos mares, e diz que (“salvo umas poucas que nadam ainda livres”) elas “repousam agora como pináculos desde suas algosas profundezas”, como também se vê no desenho.

Parece ser uma ideia plausível que haja alguma conexão (tanto física quanto etimológica) entre *Vai* e *Vaitya*, o mais exterior dos Três Ares, “que circunda, escuro e vagaroso, o lado de fora do mundo” (mais adiante nos *Contos*, p. 219, há uma referência ao “escuro e tênue reino de Vaitya, que está fora de tudo”). Na “fase” seguinte da cosmologia mítica (datando dos anos 1930, clara e completamente documentada e ilustrada em um trabalho chamado *Ambarkanta*, A Forma do Mundo), o mundo inteiro está contido dentro de *Vaiya*, uma palavra que significa “embrulho, envoltório”; Vaiya é “mais como mar debaixo da Terra e mais como ar acima da Terra” (o que combina com a descrição das águas de Vai (p. 89) como sendo muito “ralas”, de modo que nenhum barco pode velejar e nenhum peixe pode nadar nelas, salvo os peixes encantados de Ulmo e sua carruagem); e em Vaiya, abaixo da Terra, habita Ulmo.

Assim, Vaiya é, em partes, um desenvolvimento de Vaitya e, em partes, de Vai.

Ora, visto que na mais antiga lista de palavras do idioma qenya (ver o Apêndice de Nomes) tanto *Vaitya* (“o ar mais exterior além do mundo”) quanto *Vai* (“o oceano de fora”) derivam do radical *vaya-* “envolver”, e como se diz, no presente conto, que Vaitya “circunda o lado de fora do mundo”, pode-se pensar que Vaitya-Vai, já na cosmologia inicial, era uma substância envolvente contínua, e que a cosmologia posterior, neste ponto, apenas torna explícito o que já estava presente de maneira não expressa nos *Contos Perdidos*. Mas certamente não há indício real dessa ideia em qualquer escrito primitivo; e, quando olhamos novamente o desenho, ela parece insustentável. Pois Vai, obviamente, *não* é uma continuação de Vaitya; e se a aparição de Vilna na parte de baixo do desenho significar que a Terra *e* o oceano Vai dentro do qual e sobre o qual ela flutua estavam contidos nos Três Ares — dos quais vemos o mais interior (Vilna) reaparecer embaixo da terra e de Vai —, então a ideia de que Vaitya-Vai eram contínuos fica ainda mais enfaticamente confusa.

Permanece o desconcertante questionamento acerca da representação do mundo como um navio. Em apenas um lugar há uma sugestão de que meu pai concebia o mundo dessa maneira: no trecho que citei acima, em que Ulmo fala aos Valar sobre Vai, ele conclui:

> Ó Valar, vós não conheceis todas as maravilhas, e muitas cousas secretas há por *debaixo da quilha escura da Terra*, lá onde estão meus grandes salões de Ulmonan, das quais nunca sonhastes.

Mas, no desenho, Ulmonan não está sob a quilha do navio: está dentro do casco; e inclino-me a pensar que as palavra de Ulmo, “debaixo da quilha escura da Terra”, se referem à forma da própria Terra, que certamente se assemelha a um navio. Ademais, um exame atento do desenho original sugere-me fortemente que o mastro e a vela, e ainda mais claramente a proa curvada, *foram acrescentados depois*. Será possível que o formato da Terra e de Vai, conforme ele havia desenhado — parecido com o casco de um navio —, fez com que meu pai acrescentasse mastro, vela e proa como um *jeu d’esprit*, sem qualquer significado mais profundo? Não me parece característico dele, e nem provável, mas não tenho outra explicação para dar.[d]

(iii) As Lamparinas (pp. 90–1)

Nesta parte da narrativa, o conto difere notavelmente das versões posteriores. Aqui não há qualquer menção à morada dos Valar na Ilha de Almaren após a feitura das Lamparinas (*O Silmarillion*, p. 64), e nem, é claro, do retorno de Melko do “exterior” — porque aqui Melko não apenas não deixou o mundo após entrá-lo, mas, na verdade, foi justamente ele quem fez os pilares das Lamparinas. Nesta história, embora Melko tivesse a desconfiança de alguns, sua cooperação insidiosa (até mesmo a ponto de dar os nomes para os pilares) foi aceita, enquanto na história posterior, sua hostilidade e malícia eram conhecidas e evidentes aos Valar, mesmo que eles não soubessem de seu retorno a Arda e da construção de Utumno até ser tarde demais. No presente conto, há uma trapaça, uma astúcia baixa, no comportamento de Melko que não poderia sobreviver (e, no entanto, a história de seu engodo

ao fazer os pilares de gelo sobreviveu nas versões dos anos 30).

Mais tarde, foram as próprias Lamparinas que receberam nomes (no fim, depois que outras formas foram criadas e descartadas, *Illuin* foi o nome da Lamparina setentrional e *Ormal*, da meridional). Em *O Silmarillion* (p. 80), Ringil (contendo *ring*, "frio") sobreviveu apenas como o nome da espada de Fingolfin, mas Helcar é o nome do Mar Interior que "ficava onde outrora as raízes da montanha de Illuin estiveram". No presente conto, Helkar era o nome do pilar do sul, e não do norte. Ora, *helkar* significava "frio extremo" (ver o Apêndice de Nomes), o que mostra que Helkar ficava, originalmente, no extremo sul (como mostrado em uma das duas posições atribuídas a ele no pequeno mapa da p. 105), assim como Ringil ficava no extremo norte. No conto, não há referência à formação de Mares Interiores quando da queda das Lamparinas; essa ideia apareceu mais tarde, mas parece virtualmente certo que ela surgiu a partir da história do derretimento dos pilares de gelo.

Não há referência posterior à construção das Montanhas de Valinor a partir de grandes rochas ajuntadas em Eruman / Arvalin, de modo que aquela região ficou aplainada e sem pedras.

(iv) As Duas Árvores (pp. 92–4)

Este primeiro relato do nascer das Duas Árvores joga luz sobre alguns elementos de versões posteriores, mais concisas em expressão. Nota-se que o elemento permanente de que a terra debaixo de Silpion (Telperion) era "salpicada com a sombra de suas folhas farfalhantes" (*O Silmarillion,* p. 67) teve sua origem no "pulsar do coração da árvore". A noção de luz como substância líquida que "respingava na terra", que corria em rios e foi derramada em caldeirões,

ainda que não tenha sido perdida na obra publicada, está expressa aqui de maneira muito mais forte e física (p. 91). Alguns elementos nunca foram alterados, como as flores em cachos de Laurelin e as bordas refulgentes de suas folhas.

Por outro lado, há diferenças notáveis entre este relato e os posteriores: o mais importante, talvez, é que Laurelin foi, na origem, a Árvore Mais Velha. As Duas Árvores tinham, aqui, períodos de doze horas, e não sete, como posteriormente;[e] e os preparativos dos Valar para o nascimento das Árvores, com todos os detalhes de "magia" física, foram abandonados mais tarde. Os dois grandes "caldeirões", Kulullin e Silindrin, sobreviveram nos "grandes tonéis feito lagos brilhantes" nos quais Varda guardava "os orvalhos de Telperion e a chuva que caía de Laurelin" (*O Silmarillion*, p. 68), embora os nomes tenham desaparecido, assim como a necessidade de "regar" as Árvores com a luz acumulada nos tonéis, ou caldeirões — ou, pelo menos, não se a menciona posteriormente. Urwen ("Donzela-do-Sol") foi precursora de Arien, a Maia do Sol; e Tilion, timoneiro da Lua em *O Silmarillion*, que "jazia sonhando à beira das lagoas de Estë [esposa de Lórien], sob as luzes bruxuleantes de Telperion", talvez deva algo à figura de Silmo, amado por Lórien.

Como eu notei anteriormente, "na evolução posterior dos mitos, Vána desceu na hierarquia em relação a Nienna" e, aqui, é Vána e (Yavanna) Palúrien que agem como doulas no nascimento das Árvores e não, como posteriormente, Yavanna e Nienna.

No que diz respeito aos nomes das Árvores, *Silpion* foi por muito tempo o nome da Árvore Branca; *Telperion* não apareceu até muito tempo depois e, mesmo assim, *Silpion* foi mantido e é mencionado em *O Silmarillion* (p. 67) como um de seus nomes.

Laurelin remonta ao início e nunca foi alterado, mas seu outro nome nos *Contos Perdidos*, *Lindeloksë* e outras formas semelhantes, não foi mantido.

(v) As Moradas dos Valar (pp. 95 ss.)

Esse relato acerca das mansões dos Valar perdeu-se, em larga medida, nas versões subsequentes. No trabalho publicado, nada se diz da morada de Manwë, exceto que seus salões estão "acima da neve sempiterna, sobre Oiolossë, a última torre de Taniquetil" (*O Silmarillion*, p. 52). Aqui aparece, nesse momento, Sorontur, Rei das Águias, visitante nos salões de Manwë (*ibid*., p. 159: "Pois Manwë, a quem todas as aves são caras e a quem elas trazem notícias, sobre Taniquetil, da Terra-média, enviara a raça das Águias"); ele, na verdade, já havia aparecido no conto *A Queda de Gondolin* como "Thorndor [um nome gnômico], Rei das Águias, a quem os Eldar chamam de Ramandur", sendo que Ramandur foi subsequentemente corrigido para Sorontur.

Acerca de Valmar e as moradas dos Valar na cidade, quase nada sobreviveu nos escritos posteriores, e apenas algumas frases aqui e ali permanecem (as "ruas doiradas" e "domos prateados" de Valmar, "Valmar de muitos sinos"), indicando a solidez da descrição original, na qual a casa de Tulkas, com muitos andares, tinha uma torre de bronze, e os salões de Oromë eram sustentados por árvores vivas com troféus e galhadas penduradas nos troncos. Isso não significa que toda essa inventividade fora abandonada definitivamente: como eu disse no Prefácio, os *Contos Perdidos* foram seguidos por uma versão tão comprimida que mal passava de um resumo (e essa era a intenção), e o desenvolvimento posterior partiu daí — um processo de re-expansão. Muitas coisas jamais mencionadas novamente após os

Contos Perdidos talvez tenham continuado a existir em estado de suspensão, por assim dizer. Valmar certamente continuou sendo uma cidade, com portões, ruas e moradias. Mas, no contexto do trabalho posterior, é difícil imaginar que o tempestuoso Ossë tivesse uma casa em Valmar, ainda que seus pisos fossem de água do mar e o telhado, de espuma; e, é claro, o salão de Makar e Meássë (onde o cotidiano descrito deve algo aos mitos da Batalha Eterna na antiga Escandinávia) desapareceu assim que as divindades também desapareceram — uma "facção de Melko" dentro de Valinor certamente se provaria um embaraço.

Vários elementos das descrições originais permanecem: a raridade das visitas de Ulmo a Valmar (ver *O Silmarillion*, p. 70), a frequência com que Oromë e Palúrien se encontram "mundo afora" (*ibid.*, pp. 56, 71, 78), a associação dos jardins de Lórien com Silpion e dos jardins de Vána com Laurelin (*ibid.*, p. 145); e percebe-se que muito do que é dito aqui sobre os "caracteres" divinos permaneceu, ainda que expresso de maneira diferente. Nessa, já como esposa de Tulkas e irmã de Oromë, aparece aqui como superior na dança; e Ómar-Amillo é agora identificado como irmão de Noldorin-Salmar. Em outro lugar (ver aqui), Nielíqui aparece como filha de Oromë e Vána.

(vi) Os Deuses da Morte e a Sina de Elfos e Homens (pp. 98–9)

Essa parte do conto traz os elementos mais surpreendentes e difíceis. Mandos e sua esposa, Nienna, aparecem no relato da chegada dos Valar ao mundo no início do conto (p. 87), onde são chamados de "Fantur da Morte, Vefántur Mandos" e "Fui Nienna", "senhora da morte". No presente trecho, diz-se que Vefántur deu seu próprio nome, Vê, à sua morada, ao

passo que mais tarde (*O Silmarillion*, p. 54) ele é chamado pelo nome de sua habitação; mas, no escrito inicial, há uma distinção entre a região (Mandos) e os salões (Vê e Fui) dentro dela. Não há vestígio de Mandos como "Sentenciador dos Valar", que "pronuncia suas sentenças e seus julgamentos apenas a pedido de Manwë", um dos mais notáveis aspectos da concepção posterior desse Vala; e, como Nienna é esposa de Mandos, Vairë, a Tecelã — sua esposa na história posterior — não apareceu, com suas tapeçarias que retratam "todas as coisas que já existiram no Tempo" e que revestem os salões de Mandos "que sempre se alargam conforme as eras passam" — nos *Contos Perdidos*, o nome Vairë é dado a uma Elfa de Tol Eressëa. Aqui, as tapeçarias "retratando as coisas que foram e hão de ser" encontram-se nos salões de Aulë (p. 95).

O mais importante nesse trecho sobre Mandos é a afirmação clara sobre a sina dos Elfos quando morrem: que eles esperam nos salões de Mandos até que Vefántur os libere para que renascessem em seus próprios filhos. Essa última ideia já aparecera no conto da *Música dos Ainur* (p. 79), e permaneceu inalterada por muitos anos na concepção de meu pai sobre a "imortalidade" élfica; de fato, a ideia de que os Elfos poderiam morrer apenas por ferimentos de armas ou por pesar nunca foi alterada — ela apareceu também em *A Música dos Ainur* (*ibid.*): "os Eldar habitam até o Grande Fim, a menos que sejam assassinados ou feneçam de pesar", um trecho que sobreviveu com pouca alteração em *O Silmarillion* (p. 72).

No relato acerca de Fui Nienna, contudo, deparamo-nos com ideias em profunda contradição com o pensamento central da mitologia posterior (e, nesse trecho, há também um traço de outro tipo de concepção mítica, nas "imagens" do "destilar dos

humores salinos donde vêm as lágrimas” e as nuvens negras tecidas por Nienna, que se assentam sobre o mundo como “desesperos e pesares sem esperança, tristezas e cegas aflições”). Aqui, descobrimos que Nienna é a juíza dos Homens em seus salões, os quais são chamados de *Fui* devido ao seu próprio nome; e alguns ela mantém na região de Mandos (onde fica seu salão), ao passo que a maior parte ela embarca no navio negro Mornië — que nada mais faz do que levar esses mortos pela costa até Arvalin, onde eles ficam a vagar no ocaso até o fim do mundo. Mas outros ainda são enviados e agarrados por Melko, enfrentando “dias malignos” em Angamandi (em que sentido eles são mortos, ou mortais?); e (o mais extraordinário) há uns poucos que vão viver entre os Deuses em Valinor. Estamos, neste ponto, muito longe da Dádiva de Ilúvatar, pela qual os Homens não estão presos ao mundo, mas o deixam sem que ninguém saiba para onde vão;[f] e esse é o verdadeiro significado de Morte (pois a morte dos Elfos é uma “morte aparente”, *O Silmarillion*, p. 72): a saída derradeira e inescapável.

Mas um pouco de luz, mesmo que uma luz muito nebulosa, pode ser jogada sobre a ideia de Homens que, após a morte, ficam vagando no ocaso de Arvalin, onde acampam como podem e “aguardam pacientemente até que chegue o Grande Fim”. Preciso fazer referência aqui a detalhes dos nomes alterados dessa região, fornecidos na p. 81. Depreende-se claramente das primeiras listas de palavras, ou dicionários, das duas línguas (ver Apêndice de Nomes) que o significado de *Harwalin* e *Arvalin* (e, provavelmente, também de *Habbanan*) era “próxima a Valinor” ou “próxima aos Valar”. Do dicionário gnômico, surge a informação de que o significado de *Eruman* era “além das moradas dos Mánir” (ou seja, ao sul de Taniquetil, onde moravam os espíritos do ar

de Manwë), e esse dicionário também deixa claro que a palavra *Mánir* era relacionada ao gnômico *manos*, definido como “um espírito que partiu para os Valar ou para Erumáni”, e *mani*, “bom, sagrado”. A importância dessas conexões etimológicas é muito obscura.

Mas também há um poema muito antigo que trata dessa região. De acordo com as anotações de meu pai, ele foi escrito no Acampamento Brocton, Staffordshire, em dezembro de 1915, ou em Étaples, em junho de 1916; e seu título é *Habbanan sob as Estrelas*. Em um dos três textos (entre os quais não há variantes), há um título em inglês antigo: *þā gebletsode* [“abençoado”] *felda under þām steorrum*, e em dois deles, *Habbanan* no título foi corrigido para *Eruman*; no terceiro, *Eruman* foi originalmente escrito. O poema é precedido por um pequeno preâmbulo em prosa.

Habbanan sob as Estrelas

Ora, Habbanan é aquela região onde se aproxima dos locais que não são dos Homens. Ali o ar é dulcíssimo e o céu, grandioso, por conta da amplidão da Terra.

Em Habbanan, sob astros mil,
Lá onde acabam-se as estradas,
Plangente violão se ouviu,
E os ecos de longes toadas,
Pois homens lá fazem ciranda
Ao fogo rubro, e há alguém que canta —
E tudo em volta é noite.

Não noite como a nossa, triste:
Nos baixios turvos junto à Terra

A luz das estrelas a bruma encerra,
E um fumo serpeante existe
Cobrindo com seu fino véu
O abismal Sereno do céu.

No orbe fusco e vítreo com luz sem fim
Voam ventos de ocaso até o confim;
Espaços virgens na planície olente
Que olha a lua há tanto tempo dormente
E cata a chuva de estrelas cadentes —
Lá a noite é assim.

De súbito, notou meu coração
Que quem cantava essa canção
Quem falava às estrelas claras
Com a música de violas raras,
Eram Seus felizes rebentos
Vagando em prado venturoso,
Onde Seus puros indumentos
Cobrem regaço glorioso.[A]

Uma evidência final vem da antiga lista de palavras em qenya. A primeira leva de verbetes nesta lista data, acredito (ver Apêndice de Nomes), de 1915 e, entre esses verbetes originais, em uma raiz *mana* (da qual o nome *Manwë* é derivado), há a palavra *manimo*, que significa uma alma que está no *manimuine*, “Purgatório”.

Esse poema, e esse verbete na lista, fornecem um vislumbre raro e muito sugestivo da concepção mítica na sua fase inicial; pois estão explícitas aqui ideias retiradas da teologia cristã. É desconcertante perceber que elas ainda estão presentes no conto. Pois nele há um relato das sinas dos Homens mortos após o julgamento no salão negro de Fui Nienna. Alguns (“e esses são a maioria”) são levados pelo navio-da-morte até (Habbanan) Eruman, onde ficam vagando no ocaso e aguardando pacientemente até o Grande Fim; outros são agarrados por Melko e atormentados em Angamandi, “os Infernos de Ferro”; e uns poucos vão morar com os Deuses em Valinor. Considerados o poema e a evidência dos antigos “dicionários”, poderia isso ser outra coisa além de um reflexo do Purgatório, Inferno e Paraíso?

Isso se torna ainda mais extraordinário se fizermos alusão ao trecho que conclui o conto *A Música dos Ainur* (p. 79), no qual Ilúvatar diz: “aos Homens eu darei um novo dom, e maior”, o dom de que eles poderiam “moldar e delinear suas vidas além mesmo da Música original dos Ainur, que é como sina para todas as coisas outras”, e onde se diz que “é parte desse dom de poder que os Filhos dos Homens habitem vivos apenas por um intervalo curto no mundo e, contudo, não perecem completamente para sempre [...]”. Na forma final, publicada em *O Silmarillion*, pp. 71–2, esse trecho não foi extremamente modificado. A versão inicial não tem, é verdade, as frases:

Mas os filhos dos Homens morrem de fato e deixam o mundo; por isso, são chamados os Hóspedes, ou os Forasteiros. A morte é sua sina, o

dom de Ilúvatar, o qual, conforme se desgasta o Tempo, até os Poderes hão de invejar.

Ainda assim, parece claro que essa ideia central, o Dom da Morte, já estava presente.

Devo deixar esse assunto de lado, como um enigma que não consigo resolver. A explicação mais óbvia para o conflito de ideias dentro desses contos seria supor que *A Música dos Ainur* é posterior ao conto *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor*; mas, como eu disse (p. 81), todos os indícios sugerem o contrário.

Por fim, pode-se notar a característica ironia linguística pela qual *Eruman* se tornou, afinal, *Araman*. Pois *Arvalin* significava, simplesmente, “próxima de Valinor”, e era o outro nome, *Eruman*, que trazia associações com os espíritos dos mortos; mas *Araman* quase com certeza significa tão somente “ao lado de Aman”. E, contudo, o mesmo elemento, *man-* (“bom”), permanece, pois *Aman* deriva dele (“o Estado Imaculado”).[g]

Resta notar dois assuntos menores na conclusão do conto. Aqui, Nornorë é o Arauto dos Deuses; Fionwë (que se tornou Eönwë) desempenhou esse papel posteriormente (ver aqui). E, em relação àquela “baixada entre as colinas, onde Valinor pode ser vislumbrada”, próximo a Taniquetil, temos a primeira menção à fenda nas Montanhas de Valinor, onde ficava a colina da cidade dos Elfos.

Em páginas em branco, perto do fim do texto deste conto, meu pai escreveu uma lista de nomes secundários dos Valar (como Manwë *Súlimo* etc.). Alguns desses nomes aparecem no texto dos *Contos*; os que não aparecem estão incluídos no Apêndice de Nomes, sob os nomes primários. Surge dessa lista a

informação de que Ómar-Amillo é irmão gêmeo de Salmar-Noldorin (eles são chamados de irmãos no conto, p. 97); de que Nielíqui (p. 97) é filha de Oromë e Vána; e de que Melko tem um filho (“de Ulbandi”) chamado Kosomot: este, conforme se tornou mais tarde, era Gothmog, Senhor de Balrogs, que Ecthelion matou em Gondolin.

[a] Ver *O Silmarillion,* p. 57: “Com os Valar vieram outros espíritos, cujo ser também começou antes do Mundo, da mesma ordem que os Valar, mas de menor grau. Esses são os Maiar, o povo dos Valar, e seus serviçais e ajudantes. Seu número não é conhecido dos Elfos, e poucos têm nomes em qualquer das línguas dos Filhos de Ilúvatar.” Uma versão anterior dessa passagem diz: “Muitos espíritos menores trouxeram eles [os Valar] em seu séquito, tanto grandes como pequenos, e alguns desses os Homens confundiram com os Eldar, ou Elfos; mas em erro, pois existiam antes do mundo, mas os Elfos e os Homens despertaram primeiro no mundo após a vinda dos Valar.”

[b] Em *O Silmarillion* (p. 54), os salões de Mandos ficavam “a oeste de Valinor”. O texto final do *Valaquenta* dizia, na verdade, “a norte”, mas eu alterei isso para “a oeste” na obra publicada (e, de modo semelhante, “norte” para “oeste” na p. 84 de *O Silmarillion*), com base na afirmação, na mesma passagem, de que os salões de Nienna estão “a oeste do Oeste, sobre as fronteiras do mundo”, mas que estão mais perto dos de Mandos. Em outros trechos, fica claro que os salões de Mandos foram concebidos como estando nas costas do Mar de Fora; ver *O Silmarillion*, p. 254: “Pois o espírito de Beren, a pedido dela, demorou-se nos salões de Mandos [...] até que Lúthien viesse dizer seu último adeus, nas costas escuras do Mar de Fora, de onde os Homens que morrem partem para nunca mais retornar”. As noções de “a norte de Valinor” e “nas costas do Mar de Fora” não são, contudo, contraditórias, e eu me arrependo desse fragmento de intervenção editorial injustificada.

[c] Cf. a p. 493 da edição brasileira de *O Silmarillion*, com a explicação sobre essa aquarela, *Halls of Manwë on the Mountains of the World above Faerie (Taniquetil)*, que figura na capa do livro. [N. T.].

[d] Se for esse o caso, e se *I Vene Kemen* significar “O Navio da Terra”, então esse título deve ter sido acrescentado ao desenho ao mesmo tempo que o mastro, a vela e a proa. — No caderninho que mencionei na pp. 34–5, há uma nota isolada: “Mapa do Navio do Mundo”.

[e] As palavras de Palúrien (p. 94) — “esta árvore, *quando as doze horas de sua luz plena se houverem passado*, há de minguar novamente” — parece implicar uma duração maior do que doze horas; mas, provavelmente, o

período de desvanecimento não foi contado. Em uma lista anotada de nomes do conto *A Queda de Gondolin*, diz-se que Silpion iluminava toda Valinor com luz prateada, por “metade das vinte e quatro horas”.

[f] Ver *O Silmarillion*, p. 152: “Alguns dizem que eles [os Homens] também vão para os salões de Mandos; mas seu lugar de espera ali não é aquele dos Elfos, e somente Mandos, sob Ilúvatar, salvo Manwë, sabe para onde vão depois do tempo de recolhimento naqueles salões silenciosos à beira do Mar de Fora.” E também *ibid.*, p. 254: “Pois o espírito de Beren, a pedido dela, demorou-se nos salões de Mandos, não querendo deixar o mundo até que Lúthien viesse dizer seu último adeus, nas costas escuras do Mar de Fora, de onde os Homens que morrem partem para nunca mais retornar.”

[g] A esse respeito, ver *A Natureza da Terra-média*, pp. 203–04. [N. T.].

4

O Acorrentamento de Melko

Após o final do conto de Rúmil sobre *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor*, há um longo interlúdio antes do conto seguinte, embora o manuscrito continue sem que haja sequer uma quebra de parágrafo. Mas, na capa do caderno, *O Acorrentamento de Melko* está assinalado como um título separado, e assim o adotei. O texto continua a tinta sobre um manuscrito a lápis apagado.

Naquela noite, Eriol ouviu novamente, em seu sono, a música que tanto o havia comovido na primeira noite; e, na manhã seguinte, voltou cedo para os jardins. Lá encontrou Vairë, e ela o chamou de *Eriol*: “foi a criação e a primeira vez que pronunciaram aquele nome”. Eriol contou a Vairë sobre as “músicas oníricas” que tinha ouvido, e ela lhe disse que não era música onírica, mas, antes, a flauta de Timpinen, “a quem os Gnomos Rúmil e Pequeno-Coração, e outros de minha casa, chamam de Tinfang”. Ela lhe disse que as crianças o chamavam de Tinfang Trinado; e que ele tocava e dançava nos crepúsculos de verão por júbilo das primeiras estrelas: “a cada nota, faísca e brilha uma nova. Os Noldoli dizem que elas aparecem cedo demais se Tinfang Trinado toca, e eles o amam, e as crianças olham amiúde pelas janelas para que ele não caminhe despercebido pelos

relvados ensombrados”. Ela disse a Eriol que ele era “mais esquivo do que um cervo — rápido como um arganaz para se esconder e fugir: uma passada num galho e ele vai embora, e seu flautear chega zombeteiro de longe”.

“E uma maravilha de feitiçaria vive naquele flautear,” disse Eriol, “se for isso mesmo que ouvi nessas duas noites aqui.”

“Não há feitiçaria alguma,” disse Vairë, “nem mesmo dos Solosimpi, que conseguem rivalizar com ele nisso, se bem que esses flautistas dizem que ele é de sua gente; e, no entanto, diz-se em todo lugar que esse espírito excêntrico não é nem todo dos Valar nem dos Eldar, mas metade fata dos bosques e vales, um dos grandes companheiros dos filhos de Palúrien, e metade Gnomo, ou um Flautista das Terras Costeiras.[1] Seja lá o que for, é uma criatura maravilhosa, sábia e estranha, e veio para cá com os Eldar há muito tempo, sem marchar nem repousar entre eles, mas vindo sempre à frente, flauteando estranhamente ou, às vezes, sentando-se indiferente. Agora ele toca pelos jardins desta terra; mas Alalminórë é onde mais ama, e a este jardim, mais do que todos. Vez ou outra não ouvimos o seu flautear por longos meses, e dizemos: ‘Tinfang Trinado foi partir corações nas Grandes Terras, e muitos naquelas longínquas regiões ouvirão seu flautear no ocaso esta noite.’ Mas, de súbito, sua flauta é novamente ouvida numa hora de gentil

crepúsculo, ou ele toca sob uma bela lua e as estrelas ficam brilhantes e azuis.”

“Sim,” disse Eriol, “e os corações daqueles que o escutam passam a bater com um vigoroso anseio. A mim pareceu que era meu desejo abrir a janela e saltar, tão doce estava o ar que me chegou de fora, e não conseguia inspirar fundo o bastante, mas, conforme ouvia, desejava seguir não sei quem, não sei para onde, rumo à magia do mundo sob as estrelas.”

“Então decerto era Timpinen que tocava para ti,” disse Vairë, “e que honrado tu és, pois este jardim estava há muitas noites sem sua melodia. Agora, contudo — pois tal é o mistério desse espírito —, tu vais amar para sempre as tardes d’estio e as noites d’estrelas, e a magia delas fará teu coração doer implacavelmente.”

“Mas vós que aqui habitais o ouviram muito e amiúde,” disse Eriol, “e, no entanto, não me pareceis estar como os que vivem com um anseio meio compreendido e que não pode ser satisfeito.”

“Não ficamos assim, pois temos *limpë*,” disse ela, “e só o *limpë* consegue curar, e um sorvo dá um coração capaz de compreender toda música e canção.”

“Então,” disse Eriol, “gostaria de tomar um cálice dessa boa beberagem”; mas Vairë lhe disse que isso só poderia ser se ele procurasse Meril, a rainha.

Dessa conversa de Eriol e Vairë no relvado naquele dia bonito passou que Eriol não partiu por muitos dias depois — e Tinfang Trinado tocou para

ele muitas vezes no ocaso, à luz das estrelas e no luar; até que seu coração ficou pleno. Tendo Pequeno-Coração como guia, buscou as moradas de Meril-i-Turinqi em seu *korin* de olmos.

Ora, a casa dessa bela senhora ficava naquela mesma cidade, pois ao pé da grande torre que Ingil erigira havia um amplo bosque dos mais antigos e belos olmeiros que a Terra dos Olmos possuía. Erguiam-se alto ao firmamento em três dosséis de brilhante folhagem que iam diminuindo, e a luz do sol que atravessava era muito fresca, dum verde dourado. No meio deles havia um grande gramado verdejante, de relva macia como uma trama lanosa, e, à volta dele, as árvores estavam dispostas em círculo, de sorte que as sombras eram profundas nas beiradas, mas o olhar do sol recaía o dia todo no centro. Lá ficava uma bela casa, e era feita toda de branco, dum branco que brilhava, mas o telhado era tão coberto de musgos e sempre-vivas, e muitas curiosas plantas pendentes, que não se podia ver do que ele fora outrora construído em virtude do glorioso emaranhado de cores, douradas e castanho-avermelhadas, escarlates e verdes.

Incontáveis pássaros chilreavam nos beirais; e uns cantavam nos telhados, enquanto pombos e rolinhas voejavam, circulando os limites do *korin*, ou pousavam rápidas, assentando-se para se banhar ao sol no relvado. Ora, toda aquela morada tinha flores na base. Aglomerados floridos havia no entorno, cordas e emaranhados, espigões e borlas floridas, flores em panículas e umbelas, ou de

rostos largos olhando para o sol. Nos ares que se agitavam debilmente, emanavam seus odores mesclados a uma grande fragrância de encantamento mais que maravilhoso, mas seus matizes e cores estavam espalhados e reunidos, ao que parecia, conforme impelidos pelo acaso e pela alegria de seu crescer. Durante todo o dia havia um zumbido de abelhas em meio a essas flores: abelhas voavam pelo telhado e por todos os canteiros e veredas perfumosas; até mesmo pelos alpendres frescos da casa. Coração-Pequeno e Eriol subiram a colina, e era fim de tarde, e o sol brilhava com cor de latão no lado ocidental da torre de Ingil. Logo chegaram a um grande muro de blocos de pedra talhada que se inclinava para fora, mas cresciam relvas no cimo e campânulas e margaridas amarelas.

No muro havia um postigo e, depois, uma clareira sob os olmos, e lá corria uma vereda flanqueada por arbustos, num dos lados, e do outro corria um regato sussurrando sobre um leito castanho de lodo folhoso. Essa vereda levava mesmo à beira do relvado e, indo até lá, Coração-Pequeno disse, apontando para a casa branca: “Contempla a morada de Meril-i-Turinqui e, como não tenho assuntos com tão magnífica senhora, tratarei de voltar.” Então Eriol passou sozinho pelo gramado ensolarado, até que estava quase na altura do ombro com as flores que cresciam em frente ao alpendre da porta; e, conforme aproximou-se, um som de música sobreveio, e uma bela senhora entre muitas donzelas apareceu,

como que para encontrá-lo. Ela disse, então, sorrindo: “Bem-vindo, ó marinheiro de muitos mares — por que procuras o prazer de meus quietos jardins e seus murmúrios gentis, quando as brisas salgadas do mar e o resmungar dos ventos e o balouçar dum barco seriam mais da tua alegria?”

Por um momento, Eriol não conseguiu responder, emudecido pela beleza daquela senhora e pelo encanto daquele lugar de flores; mas, afinal, ele balbuciou que já conhecera o bastante do mar, mas dessa graciosíssima terra ele jamais estaria satisfeito. “Não,” disse ela, “num dia de outono chegarão os ventos, e uma gaivota impelida, talvez, lamentará no alto, e eis que te encherás de desejo, lembrando das costas escuras de teu lar.”[2] “Não, senhora”, disse Eriol, e agora falava com voz enérgica. “Não, não é assim, pois o espírito que flauteia pelos gramados no crepúsculo encheu meu coração de música, e anseio por um sorvo de *limpë*!”

E imediatamente o semblante sorridente de Meril ficou sério e, ordenando que suas damas se retirassem, pediu que Eriol a acompanhasse até um espaço ao lado da casa, e era de grama fresca, mas não muito curta. Árvores frutíferas cresciam ali e, próximo às raízes de uma delas, uma macieira de grande circunferência e idade, a terra estava amontoada de tal forma que havia, agora, um assento largo em torno do tronco, macio e coberto de grama. Lá sentou-se Meril, e ela fitou Eriol, dizendo: “Sabes, então, o que estás

pedindo?”, e ele disse: “Nada sei, salvo que desejo conhecer a alma de toda canção e de toda música, e habitar para sempre em amizade e parentesco com esse povo maravilhoso dos Eldar da Ilha, e livrar-me do anseio implacável mesmo até a Partida Afora e mesmo até o Grande Fim!”

Mas Meril falou: “Amizade é possível, talvez, mas parentesco não, pois Homem é Homem, e Elda, Elda, e o que Ilúvatar fez desigual não se pode tornar igual enquanto o mundo durar. Mesmo que tu habitasses aqui até o Grande Fim e, pela salubridade do *limpë* não encontrasses morte, no fim terias de morrer e nos deixar, pois um Homem há de morrer algum dia. E ouve, ó Eriol, não penses em fugir do anseio implacável com um sorvo de *limpë* — pois, assim, estarias apenas trocando desejos, substituindo os teus antigos por outros, mais profundos e agudos. O desejo insatisfeito habita nos corações de ambas essas raças que chamam de Filhos de Ilúvatar, mas ainda mais nos Eldar, pois seus corações são repletos duma visão de beleza em grande glória.” “E, no entanto, ó Rainha,” disse Eriol, “deixai-me apenas provar dessa beberagem e tornar-me um companheiro perpétuo de vosso povo: ó, rainha dos Eldalië, que eu possa ser como as crianças felizes de Mar Vanwa Tyaliéva.” “Não, ainda não posso fazê-lo,” disse Meril, “pois é assunto muito mais sério dar dessa beberagem a alguém que já conheceu a vida e os dias nas terras de Homens do que dar de beber para uma criança que ainda conhece pouca coisa; e, no entanto, mesmo a elas

esperamos muito tempo antes de dar desse vinho de canção, ensinando-lhes primeiro muito saber e testando seus corações e almas. Portanto, peço-te que esperes ainda um tempo e que aprendas tudo o que puder nesta nossa ilha. Vê, o que sabes do mundo, ou dos dias antigos dos Homens, ou das raízes que tinham muito antes no tempo as coisas que agora são, para que reivindiques nosso cálice de juventude e poesia?”

“O idioma de Tol Eressëa eu conheço, e dos Valar eu ouvi, e do grande início do mundo e da construção de Valinor; músicas ouvi, e poesia e o riso dos Elfos, e tudo isso achei verdadeiro e bom, e meu coração sabe e me diz que essas coisas hei de amar doravante, e amar sozinho” — assim respondeu Eriol, e seu coração doía pela recusa da Rainha.

“E, ainda assim, nada sabes da vinda dos Elfos, dos fados em que se movem, nem da natureza e do lugar que Ilúvatar lhos deu. Tens pouca noção do grande esplendor de seu lar em Eldamar sobre a colina de Kôr, e de todo o pesar de nossa separação. O que tu sabes de nossa labuta por todos os sendeiros escuros do mundo, e da angústia que conhecemos por causa de Melko; das tristezas que sofremos, antes e agora, por causa dos Homens, de todos os medos que obscurecem nossas esperanças por causa dos Homens? Conheces as vastidões de lágrimas que jazem entre nossa vida em Tol Eressëa e aquele tempo de riso que conhecemos em Valinor? Ó, filho d’Homens, que deseja partilhar dos fados dos

Eldalië, e nossos elevados desejos e todas as coisas a que buscamos que ainda hão de ser — pois vê! se tu beberes essa bebida, tudo isso tu deves conhecer e amar, partilhando conosco um mesmo coração — e mais, mesmo na Partida Afora, se Eldar e Homens travarem guerra no fim, ainda assim deves lutar ao nosso lado, contra os filhos de tua terra e gente, mas, até lá, jamais poderias voltar ao teu lar por mais que a saudade te corroesse — e os desejos que, por vezes, consomem um homem adulto que bebe do *limpë* são um fogo de inimaginável tortura — sabias dessas coisas, ó Eriol, quando vieste até aqui com teu pedido?”

“Não, não sabia,” disse Eriol tristemente, “ainda que amiúde tenha questionado a gente sobre isso.”

“Então vê!”, disse Meril. “Começarei um conto, e contar-te-ei algo disso tudo antes que a longa tarde escureça — mas, depois, deves partir novamente, com paciência”; e Eriol curvou a cabeça.

“Então,” disse Meril, “agora contar-te-ei dum tempo de paz que o mundo experimentou certa vez, e ele é conhecido como ‘As Correntes de Melko’.[3] Da Terra, contar-te-ei como os Eldar a encontraram, e da maneira de seu despertar dentro dela.

Eis que Valinor está construída, e os Deuses habitam em paz, pois Melko está longe no mundo, cavando profundamente e fortificando-se em ferro e frio, mas Makar e Meássë cavalgam nos

vendavais e deleitam-se nos terremotos e nas fúrias dominantes dos mares anciões. Clara e bela é Valinor, mas há um profundo crepúsculo sobre o mundo, pois os Deuses ajuntaram muito daquela luz que dantes flutuava pelos ares. Agora, de raro cai a chuva cintilante que costumava cair, e reina lá uma treva iluminada com pálidos feixes de luz ou salpicada de vermelho, onde Melko lança aos céus desde uma colina rasgada pelo fogo.

Então, Palúrien Yavanna saiu de seus jardins frutuosos para observar as vastas terras de seu domínio, e vagou pelos continentes escuros plantando sementes e meditando sobre colina e vale. Sozinha no ocaso perpétuo, cantou canções de grande encantamento, e eram de tão profunda magia que flutuavam pelos lugares rochosos, e seus ecos permaneciam por anos em colina e planície vazia, e todas aquelas boas magias de todos os dias posteriores são sussurros da memória de sua canção ecoante.

E coisas começaram a crescer ali, fungos e estranhas culturas surgiam em lugares úmidos, e líquens e musgos cresciam furtivos pelas rochas, comendo-lhes a superfície, e elas se esfacelavam, deixando poeira, e as plantas rasteiras morriam na poeira, e havia mofo, e nele cresciam silenciosas avencas e plantas verrugosas, e criaturas estranhas metiam as cabeças para fora das gretas e rastejavam pelas pedras. Mas Yavanna chorou, pois este não era o belo vigor sobre o qual pensara — ao que Oromë lhe chegou saltando no crepúsculo, mas Tuiváná não se dispôs a deixar a

radiância de Kulullin, nem Nessa os verdes relvados de seu dançar.

Então, Oromë e Palúrien empenharam todo seu poder, e Oromë soprou forte sua trompa, como se quisesse despertar as rochas para vida e viço. Eis que, a esses sopros, a grande floresta agitou-se e gemeu pelas colinas, e todas as árvores de folha escura vieram a ser, e o mundo estava desgadelhado com o crescer de pinheiros e perfumado pelas árvores resinosas, e abetos e cedros dependuravam seus cortinados azuis e verde-oliva pelas encostas, e os teixos iniciaram os séculos de seu crescimento. Agora Oromë estava menos melancólico, e Palúrien, reconfortada, vendo a beleza das primeiras estrelas de Varda cintilando no pálido firmamento através das sombras dos primeiros ramos d’árvores, e ouvindo o murmúrio das florestas penumbrosas, e o ranger dos galhos quando Manwë agitava os ares.

Àquela época, muitos espíritos estranhos vieram ao mundo, pois havia lugares aprazíveis, escuros e silenciosos para habitarem. Uns vieram de Mandos, espíritos antigos que viajaram desde Ilúvatar com ele que são mais velhos que o mundo e muito sombrios e recônditos, e alguns das fortalezas do Norte, onde Melko habitava então, nas profundas masmorras de Utumna. Repletos de maldade e insalubridade estes eram; trouxeram ardis e inquietude e horror, transformando o escuro numa coisa doentia e amedrontadora, o que não era antes. Mas uns poucos dançaram até

lá com pés delicados, exsudando olores noturnos, e estes vieram dos jardins de Lórien.

O mundo ainda é repleto deles, nos dias de luz, vivendo sozinhos nos corações sombrios das florestas primevas, conclamando cousas secretas por uma vastidão estrelada, e ocupando cavernas nas colinas que poucos encontraram: — mas os pinheirais ainda estão demasiado cheios desses espíritos antigos, inélficos e inumanos, para a tranquilidade de Eldar ou de Homens.

Quando essa grande façanha foi realizada, então Palúrien desejou descansar de seus longos labores, e retornar para provar os doces frutos de Valinor, e refrescar-se sob a árvore Laurelin, cujo orvalho é luz, e Oromë partiu para os faiais nas planícies dos grandes Deuses; mas Melko, que por longo tempo cavara com medo da ira dos Valar devido à traiçoeira avença com as lamparinas, irrompeu agora em grande violência, pois pensava que o mundo lhe fora abandonado pelos Deuses e que era seu. Sob os pisos de Ossë, fez a Terra tremer e fender-se, e seus fogos ínferos fez com que se misturassem ao mar. Procelas vaporosas e um grande rugido de movimentos marinhos descontrolados invadiram o mundo, e as florestas resmungavam e estalavam. O mar lançou-se à terra e a dilacerou, e vastas regiões se afogaram sob sua fúria ou foram talhadas em ilhotas dispersas, e grotões foram escavados nas costas. As montanhas sacudiram e seus corações derreteram, e pedra jorrou como fogo líquido por suas encostas cinerícias e correu até o mar, e o

ruído das grandes batalhas das praias fogosas varou rugindo até mesmo as Montanhas de Valinor e afogou a cantoria dos Deuses. Então, Kémi Palúrien levantou-se, Yavanna, que provê frutos, e Aulë, que ama todos os trabalhos dela e as substâncias da terra, e eles subiram aos salões de Manwë e lhe falaram, dizendo que toda a bondade estava sendo completamente destruída pelo mal ardente do coração destemperado de Melko, e Yavanna implorou para que todo o seu labor de anos no crepúsculo não fosse afogado e enterrado. Conforme falavam, chegou ali Ossë, furioso como a maré em meio às falésias, pois estava irado com o tumulto de seu reino e temia a cólera de Ulmo seu soberano. Então ergueu-se Manwë Súlimo, Senhor de Deuses e Elfos, e Varda Tinwetári estava ao seu lado, e ele falou com uma voz de trovão desde Taniquetil, e os Deuses em Valmar a ouviram, e Véfantur reconheceu a voz em Mandos, e Lórien agitou-se em Murmuran.

Então foi reunido um grande concílio entre as Duas Árvores, no mesclar das luzes, e Ulmo veio das profundezas de fora; e dos conselhos lá proferidos, os Deuses devisaram um plano de saber, e o pensamento de Ulmo estava nele, e muito do engenho de Aulë e do grande conhecimento de Manwë.

Eis que Aulë agora reuniu seis metais, cobre, prata, estanho, chumbo, ferro e ouro, e, tomando uma porção de cada, fez com sua magia um sétimo metal, o qual chamou, portanto, de *tilkal*,[a] e ele tinha todas as propriedades dos outros seis e

muitas ímpares. Sua cor era verde ou vermelha brilhante em variadas luzes, e não podia ser quebrado, e somente Aulë o conseguia forjar. Assim, forjou uma poderosa corrente, confeccionando-a de todos os sete metais fundidos com feitiços até alcançar uma substância de dureza, brilho e lisura supremas, mas de *tilkal* ele tinha o bastante apenas para acrescentar um pouco a cada elo. Ainda assim, fez duas manilhas inteiras de *tilkal*, e quatro grilhetas do mesmo modo. Ora, a corrente foi nomeada *Angaino*, a opressora, e as manilhas, *Vorotemnar*, que prendem para sempre, mas as grilhetas foram chamadas de *Ilterendi*, pois não se as podia limar ou fender.

Mas o desejo dos Deuses era buscar Melko com grande ímpeto — e convencê-lo, se pudessem, a melhores feitos; e, no entanto, pretendiam, se nada mais servisse, dominá-lo por força ou artimanhas, e colocá-lo num cativeiro do qual não haveria fuga.

Ora, enquanto Aulë forjava, os Deuses se arranjaram em armaduras, as quais conseguiram de Makar, e ele se alegrou ao vê-los armando-se e partindo como se para guerra, ainda que sua ira fosse dirigida a Melko. Mas, quando os grandes Deuses e todo o seu povo estavam armados, então Manwë subiu em sua carruagem azul, cujos três cavalos eram os mais alvos que andavam pelos domínios de Oromë, e nas mãos portava um grande arco branco que atirava flechas como uma rajada de vento atravessando os mares mais

extensos. Fionwë, seu filho, estava ao lado dele, e Nornorë, seu arauto, corria à frente; mas Oromë cavalgava sozinho num alazão, e portava uma lança, e Tulkas andava a passos largos e vigorosos ao lado dos estribos, trajando uma túnica de couro e um cinto de latão, e nenhuma arma salvo uma manopla na mão direita, feita de ferro. Telimektar, seu filho, que recém atingira a altura para guerrear, estava aos seus ombros com uma espada longa presa num cinto de prata. Os Fánturi partiram numa carruagem negra, e havia um cavalo preto no lado de Mandos, e um cinza malhado no lado de Lórien, e Salmar e Ómar vinham na retaguarda, correndo velozes, mas Aulë, que se atrasara, demorando-se demais nas forjas, veio no final, e não estava armado, mas agarrou seu martelo de cabo longo assim que saiu da forja e apressou-se para as beiras do Mar Sombrio, e toda a sua corrente era levada, lá atrás, por quatro dentre o seu povo-forjador.

Naquelas praias, Falman-Ossë os encontrou, e os atravessou numa grande balsa onde ele mesmo se sentava com luzente cota de malha; mas Ulmo Vailimo estava muito à frente, vociferando em sua carruagem de mar-profundo e trombeteando em ira numa trompa de conchas. Assim foi que os Deuses atravessaram o mar e cruzaram as ilhas, e puseram os pés nas terras amplas, e marcharam em grande poder e fúria sempre para o Norte. Assim, passaram as Montanhas de Ferro e Hisilómë que jaz indistinta ao longe, e chegaram aos rios e colinas de gelo. Ali, Melko estremeceu a terra

abaixo deles, e fez com que os cumes cobertos de neve expelissem chamas, e, no entanto, pela magnificência de suas armaduras, os vassalos que infestavam todos os caminhos de nada serviram para barrá-los em sua jornada. Lá, no mais profundo Norte, além mesmo do pilar destroçado de Ringil, chegaram aos imensos portões da funda Utumna, e Melko os fechou com grande clangor diante deles.

Então, Tulkas, com raiva, golpeou-os estrondosamente com seu punho imenso, e elas ressoaram, mas não se moveram, mas Oromë, descendo do cavalo, tomou sua trompa e soprou tamanha rajada que elas se abriram de pronto, e Manwë ergueu sua incomensurável voz e ordenou que Melko aparecesse.

Embora nas profundezas daqueles salões Melko o ouvisse e estivesse cheio de dúvidas, ele não apareceu, mas mandou Langon, seu serviçal, e disse por seu intermédio ‘Vede, ele se regozijou e maravilhou-se ao ver os Deuses diante de seus portões. Ora, ele com prazer os receberia, mas, pela pobreza de sua morada, não mais que dois deles poderia acolher adequadamente; e suplicou que nem Manwë e nem Tulkas estejam entre os dois, pois um merece e o outro demanda hospitalidade de grande custo e riqueza. E, caso isso não seja do agrado deles, então ele com prazer daria ouvidos ao arauto de Manwë para saber o que é que os Deuses tanto desejam para trocarem seus assentos macios e a indolência de

Valinor pelos lugares desolados onde Melko laborou humildemente e fez seu trabalho árduo.’

Então Manwë e Ulmo e todos os Deuses ficaram extremamente irados com a sutileza e a insolência afetada de suas palavras, e Tulkas teria imediatamente partido furioso pela escadaria estreita que descia além dos portões até se perder de vista, não o tivessem refreado os outros, e Aulë aconselhou que ficara claro, pelas palavras de Melko, que ele estava atento e cauteloso, e que se podia ver perfeitamente quais dos Deuses ele mais temia e menos desejava ver postados em seus salões — ‘Portanto,’ disse, ‘planejemos como esses dois podem assaltá-lo de surpresa, e como o medo pode, porventura, levá-lo a emendar seus modos’. A isso Manwë assentiu, dizendo que toda a força deles mal poderia obrigar Melko a sair de sua fortaleza, ao passo que o engodo precisaria ser tramado habilmente para iludir o mestre da trapaça. ‘Somente por seu orgulho é possível atingir Melko,’ falou Manwë, ‘ou por tamanha força que fenderia a terra e traria o mal sobre todos nós’, e Manwë buscava evitar toda contenda de Ainur contra Ainur. Quando, afinal, os Deuses haviam orquestrado um plano para capturar Melko em seu excessivo orgulho, teceram palavras ardilosas como se viessem do próprio Manwë, e estas eles puseram na boca de Nornorë, que desceu e as falou diante do assento de Melko. ‘Vede,’ falou, ‘os Deuses vieram pedir o perdão de Melko, pois, ao ver sua grande ira e o fender do mundo sob sua cólera, disseram uns aos outros:

“Ora! Por que Melko está descontente?”, e uns aos outros responderam, contemplando os tumultos de seu poder: “Se ele é o maior dentre nós, por que o mais poderoso dos Valar não habita em Valinor? Decerto ele tem motivo para se indignar. Vamos a Utumna suplicar que venha morar em Valinor, para que Valmar não seja destituída de sua presença.” A isso’, falou ele, ‘apenas Tulkas não consentiu, mas Manwë se dobrou à voz da maioria (isso os Deuses disseram sabendo do rancor que Melko nutria por Poldórëa) e agora vieram, forçando Tulkas com violência, para suplicar que perdoeis a cada um, e que vades com eles ao lar e completeis sua glória, habitando, se for de vossa vontade, nos salões de Makar até que Aulë vos possa construir uma grande casa; e suas torres hão de ultrapassar Taniquetil.’ A isso Melko respondeu com avidez, pois seu orgulho sem limites já inchara e afogara sua malícia.

‘Enfim os Deuses dizem belas palavras, e justas, mas antes que eu lhes conceda essa mercê, meu coração precisa ser apaziguado por velhas afrontas. Portanto, devem vir, deixando todas as armas no portão, e fazer reverência a mim nestes meus fundos salões de Utumna: — mas vê! Tulkas não receberei e, se eu for a Valinor, expulsá-lo-ei.’ Essas coisas Nornorë reportou, e Tulkas bateu as mãos encolerizado, mas Manwë deu resposta que os Deuses fariam como desejava o coração de Melko e, no entanto, que Tulkas iria, mas acorrentado, e seria entregue ao poder e prazer de Melko; e isso Melko permitiu com sofreguidão, para

humilhar os Valar, e o acorrentamento de Tulkas lhe deu grande alegria.

Então, os Valar deixaram suas armas nos portões, deixando, contudo, gente para guardá-las, e passaram a corrente Angaino pelo pescoço e braços de Tulkas, e mesmo ele mal podia suportar sozinho o grande peso; e, então, seguiram Manwë e seu arauto para dentro das cavernas do Norte. Lá estava Melko em seu assento, e aquela câmara era iluminada com braseiros flamejantes e repletos de magia maligna, e formas estranhas moviam-se febrilmente para dentro e para fora, mas cobras de grande tamanho enrolavam-se e desenrolavam-se sem descanso pelos pilares que sustentavam aquele teto elevado. Então disse Manwë: ‘Eis que vos viemos saudar aqui em vossos próprios salões; vinde agora e habitai Valinor.’

Mas Melko não iria largar sua zombaria tão facilmente. ‘Não. Primeiro’, disse ele, ‘vem tu, Manwë, e ajoelha-te diante de mim e, depois de ti, todos os Valar; mas, por último, virá Tulkas beijar meus pés, pois tenho na memória algo que não me faz guardar grande amor por Poldórëa.’ Ora, ele pretendia dar um pontapé na boca de Tulkas, como revide pelo soco de há muito, mas os Valar haviam previsto algo do tipo, e apenas fingiram humilhação, para que Melko pudesse, com isso, ser atraído para fora de sua fortaleza de Utumna. Em verdade, Manwë tinha esperança, no fim, de paz e amizade, e os Deuses, a seu pedido, teriam realmente recebido Melko em Valinor com trégua e acenos amigáveis, se seu orgulho não fosse

insaciável e sua persistência no mal, indomável. Agora, contudo, havia pouca clemência por ele em seus corações, vendo que ele permanecia irredutível na exigência de que Manwë lhe fizesse reverência e de que Tulkas se curvasse àqueles pés cruéis; ainda assim, o Senhor de Deuses e Elfos aproximou-se então do assento de Melko e começou a se ajoelhar, pois tal era o plano para enredar ainda mais aquele pérfido; mas eis que tão feroz ardeu a ira nos corações de Tulkas e Aulë que, vendo aquilo, Tulkas atravessou o salão num salto, apesar de Angaino, e Aulë estava atrás dele, e Oromë seguiu o pai, e o salão se encheu de tumulto. Melko então pôs-se de pé, vociferando, e seu povo veio em seu auxílio de todas as funestas passagens. Ele então golpeou contra Manwë com um mangual de ferro que trazia, mas Manwë soprou gentilmente sobre ele, e os férreos pírtigos voaram para trás, ao que Tulkas golpeou Melko em cheio nos dentes com seu punho de ferro, e ele mais Aulë se atracaram com Melko, e logo ele estava acorrentado com trinta voltas em Angaino.

Então disse Oromë: ‘Queria que pudesse ser morto’ — e teria sido bom, de fato, mas os grandes Deuses ainda não podiam ser mortos.[4] Agora, Melko está preso em terrível cativeiro, e posto de joelhos, e compelido a dar ordem a toda a vassalagem para que não importunem os Valar — e, de fato, a maioria deles, amedrontados com a apreensão de seu senhor, fugiu para os recônditos mais escuros.

Tulkas, de fato, arrastou Melko para fora, diante dos portões, e ali Aulë colocou em cada pulso uma das Vorotemnar e, nos tornozelos, as duas Ilterendi, e o *tilkal* ficou rubro ao toque de Melko, e essas adobas nunca foram retiradas de suas mãos e pés. Então, a corrente foi martelada a cada uma destas e Melko, levado embora desamparado, enquanto Tulkas e Ulmo rompem os portões de Utumna e empilham montes de pedra sobre eles. E as trincheiras e lugares cavernosos sob a superfície da terra ainda estão repletos dos espíritos sombrios que foram aprisionados naquele dia em que Melko foi levado, e muitos ainda são os caminhos pelos quais encontram o mundo exterior de tempos em tempos — por fissuras pelas quais guincham com as vozes da maré nas costas rochosas, descendo arroios escuros que meandram despercebidos por muitas léguas, ou saindo pelos arcos azuis onde os glaciares de Melko encontram seu fim.

Depois dessas coisas, os Deuses retornaram a Valmar por longos caminhos e escuros, guardando Melko a todo momento, e ele remoía sua fúria ardente. Seu lábio estava fendido e em seu rosto havia uma estranha malícia desde o bofete dado por Tulkas, o qual nem por estratagema suportaria ver a majestade de Manwë se curvar diante do maldito.

Agora uma corte foi montada nas encostas de Taniquetil, e Melko, acusado diante de todos os Vali,[5] maiores e menores, amarrado diante do trono de prata de Manwë. Contra ele falam Ossë, e

Oromë, e Ulmo em profunda ira, e Vána com repugnância, declarando seus feitos de crueldade e violência; mas Makar ainda falou em seu favor, se bem que não calorosamente, pois disse: ‘Seria mau se houvesse paz para sempre: já nenhum golpe ecoa na quietude eterna de Valinor, e se não se pudesse ver feitos belicosos ou a alegria dos tumultos nem mesmo no mundo lá fora, seria mesmo aborrecido e, de minha parte, não quero ver tais tempos!’ A isso, Palúrien se ergueu, em tristeza e lágrimas, e falou dos percalços da Terra, e da grande beleza de seus desígnios, e daquelas coisas que desejava muito criar; de toda riqueza de flor e erva, de árvore e fruto e grão que o mundo poderia gerar se apenas tivesse paz. ‘Atentai-vos, ó Valar, para que nem Elfos e nem Homens sejam destituídos de todo conforto, seja lá quando chegar o momento de eles encontrarem a Terra’; mas Melko contorceu-se de raiva aos nomes de Eldar e Homens, e à sua própria impotência.

Ora, Aulë a apoiou com firmeza nisso e, após ele, muitos outros dos Deuses, e, no entanto, Mandos e Lórien permaneceram em silêncio, e eles jamais falam muito nos concílios dos Valar, ou mesmo em outras ocasiões, mas Tulkas levantou-se colérico no meio da assembleia e saiu, pois não suportava ficar de parola quando achava que a culpa estava clara. Antes, preferiria desacorrentar Melko e lutar com ele ali e naquela hora, sozinho na planície de Valinor, dando-lhe muitos murros dolorosos em retaliação por seus malfeitos, do que fazer deles grande debate. No entanto, Manwë

sentou-se e ouviu, e comoveu-se com a fala de Palúrien, mas era da opinião que Melko era um Ainu, e poderoso além da conta para o bem ou o mal vindouro do mundo; portanto, deixou de lado a severidade, e sua sentença foi esta. Por três eras, enquanto durasse o descontentamento dos Deuses, Melko ficaria preso com aquela corrente, Angaino, numa masmorra de Mandos, donde haveria, depois, de ir até a luz das Duas Árvores, mas apenas para que pudesse, por ainda outras quatro eras, habitar como serviçal na casa de Tulkas, obedecendo-o como paga por sua malícia de outrora. ‘Dessa forma,’ disse Manwë, ‘e mesmo assim por pouco, poderás ganhar novamente favor suficiente para que os Deuses permitam que habites numa casa só tua, e que tenhas alguma pequena propriedade entre eles, tanto quanto for adequado a um Vala e um senhor dos Ainur.’

Essa foi a sentença de Manwë, e mesmo a Makar e Meássë ela pareceu boa, mas Tulkas e Palúrien acharam-na arriscadamente piedosa. Agora, Valinor, e toda a terra, entra em seu maior tempo de paz, enquanto Melko aguarda nas masmorras mais fundas de Mandos e seu coração escurece dentro dele.

Eis que os tumultos do mar lentamente diminuem, e os fogos sob as montanhas cessam; a terra não mais sacode, e a violência do frio e a renitência das colinas e rios de gelo se derrete no extremo Norte e no Sul profundo, próximo às regiões de Ringil e Helkar. Então, Palúrien mais uma vez sai pela Terra, e as florestas se

multiplicam e se alastram, e amiúde se ouve a trompa de Oromë atrás dela na escuridão: agora as beladonas e as briônias começam a crescer no mato, e o azevinho e o ílex são vistos sobre a terra. Mesmo os paredões dos despenhadeiros se cobrem de hera e trepadeiras para calmaria dos ventos e a quietude do mar, e todas as cavernas e as praias engrinaldam-se de algas, e grandes plantas-marinhas vêm à vida balançando gentilmente quando Ossë move as águas.

Ora, chegou esse Vala e sentou-se num promontório das Grandes Terras, desfrutando da tranquilidade de seu reino, e viu como Palúrien estava enchendo o crepúsculo silencioso da Terra com formas esvoaçantes. Morcegos e corujas que Vefántur libertou de Mandos planavam no céu, e rouxinóis enviados de Valinor por Lórien trinavam junto a águas plácidas. Lá longe, um noitibó pipilou e, em lugares escuros, serpentes que saíram de Utumna quando Melko foi preso moviam-se sem ruído; uma rã coaxou na beirada desnuda de uma poça.

Ele então mandou mensagem a Ulmo das novas coisas que eram feitas, e Ulmo não desejava que as águas dos mares internos continuassem despovoadas, mas achegou-se a Palúrien e ela lhe deu feitiços, e os mares começaram a brilhar com peixes, e estranhas criaturas rastejavam no fundo; mas os mariscos e as ostras nenhum dos Valar ou dos Elfos sabe de onde vieram, pois eles já bocejavam nas águas silenciosas antes mesmo de Melko mergulhar nelas, vindo do alto, e havia

pérolas antes mesmo de os Eldar pensarem ou sonharem com gemas.

Três grandes peixes luminosos na escuridão dos dias sem sol estavam sempre com Ulmo, e o teto da morada de Ossë sob o Grande Mar brilhava com escamas fosforescentes. Eis que esse foi um tempo de grande paz e calmaria, e a vida lançou raízes fundas nos solos recém-feitos da Terra, e sementes foram plantadas que esperavam apenas que chegasse a luz, e esse tempo é conhecido e louvado como a era das ‘Correntes de Melko’.”

[a] Nota de rodapé no manuscrito: “*T(ambë) I(lsa) L(atúken) K(anu) A(nga) L(aurë)*. *ilsa* e *laurë* são os nomes ‘mágicos’ dos mais usuais *telpë* e *kulu*.”

NOTAS

[1] O seguinte trecho foi acrescentado aqui aparentemente logo após a escrita do texto, mas, posteriormente, foi enfaticamente riscado:

> A verdade é que ele é filho de Linwë Tinto, Rei dos Flautistas, que se perdeu há muito na grande marcha desde Palisor e, vagando em Hisilómë, encontrou o solitário espírito do crepúsculo (Tindriel) Wendelin dançando numa clareira de faias. Amando-a, contentou-se em deixar sua gente e dançar para sempre nas sombras, mas seus filhos, Timpinen e Tinúviel, muito tempo depois juntaram-se aos Eldar novamente, e há contos que falam de ambos, embora de raro sejam contados.

O nome *Tindriel* estava isolado no manuscrito conforme foi originalmente escrito, mas foi então colocado entre parênteses e *Wendelin* foi acrescentado na margem. Essas são as primeiras referências na narrativa consecutiva a Thingol (Linwë Tinto), Hithlum (Hisilómë), Melian (Tindriel, Wendelin), e Lúthien Tinúviel; mas deixo a discussão dessas referências para depois.

[2] Ver a explicação dos nomes *Eriol* e *Angol* como significando “falésias de ferro” no Apêndice de Nomes (verbete *Eriol*).

[3] Associados à história da estadia de Eriol (Ælfwine) em Tol Eressëa, e os “Contos Perdidos” que ouviu lá, há dois “esquemas”, ou sinopses, descrevendo o plano da obra. Um deles é, em grande parte, um resumo dos *Contos* da maneira em que sobreviveram; o outro, sem dúvida posterior, é divergente. Nesse segundo esquema, no qual o viajante é chamado Ælfwine, o conto da segunda noite junto ao Fogo-do-Conto é atribuído a “Evromord, o Guardião-das-Portas”, embora o plano para o conteúdo da narrativa fosse o mesmo (A Vinda dos Deuses; a Criação do Mundo e a Construção de Valinor; o Plantio das Duas Árvores). Após isso, está escrito (um acréscimo tardio): “Ælfwine vai a Meril implorar *limpë*; ela o manda de volta.” A terceira noite junto ao Fogo-do-Conto é assim descrita:

> O Guardião-das-Portas continua a partir do Crepúsculo Primevo. As Fúrias de Melko. As Correntes de Melko e o despertar dos Elfos. (Como Fankil e muitas outras formas sombrias escaparam para o mundo.) [Atribuído a Meril, mas para ser disposto como aqui, e muito abreviado.]

Parece certo que essa era uma revisão apenas na intenção, e nunca alcançada. É notável que, no texto em si, assim como no primeiro dos dois “esquemas”, a função de Rúmil naquela casa é de Guardião-das-Portas — e Rúmil, não Evromord, foi o nome que ficou, após muito tempo, como o do narrador de A Música dos Ainur.

[4] O texto como escrito originalmente dizia: “mas os grandes Deuses não podem ser mortos, embora seus filhos possam, e toda a gente menor dos

Vali, ainda que apenas pelas mãos de um dos Valar”.

[5] *Vali* é uma emenda de *Valar*. Ver as palavras de Rúmil (p. 77): “eles a quem chamamos agora de Valar (ou Vali, não importa)”.

Comentário a *O Acorrentamento de Melko*

No interlúdio entre este conto e o anterior, encontramos a figura de Timpinen ou Tinfang. Esse ser existia havia alguns anos na mente de meu pai, e há dois poemas sobre ele. O primeiro é intitulado *Tinfang Trinado*; é muito curto, mas existe em três versões. De acordo com uma nota de meu pai, o original foi escrito em Oxford em 1914, e reescrito em Leeds em “1920–23”. Foi finalmente publicado em 1927, em ainda outra forma, a qual incluo aqui.[a]

Tinfang Trinado

Ó o chirrio! Ó o chirrio!
Sua flauta assim se ouviu!
O chirrio de Tinfang Trinado!

Sozinho a dançar,
Na pedra a pular,
Qual cervo corria
Na grama sombria,
Seu nome é Tinfang Trinado!

A estrela chegou,
Sua luz se toldou
E agora treme e azuleia.
Não toca p’ra mim,
Não toca p’ra ti,
Nem p’ra ninguém flauteia.
Faz música p’ra si,
Os sons de Tinfang Trinado![A]

Na versão mais antiga, Tinfang é chamado de “leprawn” [duende] e, no antigo glossário da fala gnômica, ele é um “fay” [fata].

O segundo poema é chamado *Over Old Hills and Far Away* [Por Montes Antigos, Varando a Distância]. Ele existe em cinco textos, o mais antigo dos quais tem também um título em inglês antigo (de mesmo significado): *ȝeond fyrne beorgas 7 heonan feor*. Notas de meu pai afirmam que ele foi escrito no Acampamento Brocton, em Staffordshire, entre dezembro de 1915 e fevereiro de 1916, e reescrito em Oxford, em 1927. A versão final incluída aqui difere em muitos detalhes de palavras e, em alguns lugares, versos inteiros são diferentes, dentre os quais eu assinalo, ao final, alguns interessantes.

Por Montes Antigos, Varando a Distância

Em junho, era cedo, a noite era calada,
Com lua distante, e pouco estrelada,
As árvores dormem, as sombras, de rastos,
Despertam debaixo dos ramos bastos.

Silentes passos e à janela me ajeito
Deixando meu branco, amassado leito;
E algo atraente, algo estranho, à distância,
Como das flores do lago a fragrância
De Casadelfos, e que em chuva estelar,
Cintila, faísca e vem repousar
Na minha janela. Ou seria toada?
Atônito ouvi, olhando a calçada.
Pois vinha de longe uma filtrada nota
Doce, envolvente, era clara e remota,
Clara como astro nos juncos do alagado,
Débil qual brilho do mato orvalhado.

Ouvindo o chamado, desci pela escada,
Pelo corredor segui em disparada,
Depois de cruzar um cinéreo batente,
P’ra longe passei, na relva virente!

Era Tinfang Trinado que ali dançava,
Flautava, agitando a madeixa alva
E ela brilhava qual gelo ao luar;
Astros piscavam ouvindo-o tocar,
Faíscas na bruma, os azuis bruxuleios
Soem tremer e fulgir aos chilreios.

Mal dá para ouvir o ruído que deixo
No chão que o circunda, de branco seixo.
Seus pés chispeavam num piso de areia,
E alva é a mão que ligeira flauteia.
Um estelar lampejo, e salta no ar,
O barrete tremendo, o cabelo a brilhar;
Nas costas coloca o seu longo flautim
Preso em argênteo e preto cetim.

Esbelto, passava qual sombra faceira
Por juncos e brumas numa clareira;
Fremia no escuro uma sombrosa cota,
E o riso de prata ornava sua nota.
Os dedos dos pés eram tortos, curvados,
Dançava, porém, qual vento nos prados.

O vale se aquieta, pois Tinfang partiu,
Deixou-me sozinho, fitando o vazio.
Então, de repente, a pastagem cruzando,
Perto dos juncos, no lago brilhando,
E longe, num bosque de musgo enredado,
Chegam-me notas no ar agitado.

Corri por clareira, saltei por corrente:

Tinfang estava a tocar novamente;
Preciso seguir os sonidos da flauta
Por junco, raiz, por árvore alta,
Por sobre a campina, na relva do chão
Que treme ao passar desse Elfo ancião;
Por montes antigos, varando a distância
E ouvir harpas d'Elfos, de doce sonância.[B]

Versos mais antigos:
1–2 Em junho, uma vez, numa noite calada —
A luz das estrelas chegou apressada —
Ver o trecho em prosa na p. 120: "Os Noldoli dizem que elas [as estrelas] aparecem cedo demais se Tinfang Trinado toca".
8 do lago a fragrância] no lago das fadas fragrância
9 Casadelfos] correção feita no texto final, substituindo "Terra-das-Fadas".
24 Cedo demais veio o lume estelar
Ver nota ao verso 2.
25–6 E os astros que surgem ouvindo os trinados,
Se ele está lá, brilham azulados.
Ver o trecho na p. 121: "ou ele toca sob uma bela lua e as estrelas ficam brilhantes e azuis."
54 Elfos] correção feita no texto final, substituindo "fadas".

A primeira parte da história do *Acorrentamento de Melko* tornou-se muito diferente em versões posteriores, em que (*O Silmarillion*, pp. 64–5) foi durante a permanência dos Valar na Ilha de Almaren, sob a luz das Duas Lamparinas, que "as sementes que Yavanna semeara principiaram rapidamente a brotar e medrar, e assim surgiu uma multidão de coisas que

cresciam, grandes e pequenas, musgos e relva e grandes avencas e árvores cujos dosséis estavam coroados com nuvem"; e que "feras vieram e habitaram nas planícies gramadas, ou nos rios e lagos, ou caminharam nas sombras dos bosques". Essa foi a Primavera de Arda; mas, após a vinda de Melkor e a escavação de Utumno, "o que era verde adoeceu e apodreceu, e os rios foram sufocados com mato e limo, e se fizeram pântanos, cheios de fedor e veneno, lugares onde moscas procriavam; e as florestas se tornaram escuras e perigosas, locais de medo; e as feras se tornaram monstros de chifre e marfim e tingiram a terra com sangue". Depois veio a queda das Lamparinas, e "assim terminou a Primavera de Arda" (*ibid*., p. 66). Após a construção de Valinor e o surgimento das Duas Árvores, "a Terra-média jazia num crepúsculo sob as estrelas" (*ibid*., p. 68), e somente Yavanna e Oromë dentre os Valar retornavam ali ocasionalmente: "Yavanna ia caminhar lá nas sombras, triste porque o crescimento e a promessa da Primavera de Arda tinham parado. E ela lançou um sono sobre muitas coisas que tinham surgido na Primavera para que não envelhecessem, mas esperassem por um tempo de despertar que ainda poderia chegar" (*ibid*., p. 78). "Mas as coisas vivas mais antigas já tinham surgido: nos mares as grandes algas e na terra a sombra de grandes árvores; e nos vales dos montes trajados de noite havia criaturas escuras, antigas e fortes."

Na narrativa mais antiga, por outro lado, não há menção ao início do crescimento durante o tempo em que as Lamparinas brilharam (ver aqui), e as primeiras árvores e plantas baixas apareceram sob os feitiços de Yavanna no crepúsculo após sua derrubada. Ademais, na última frase deste conto, "sementes foram plantadas" naquele tempo de "crepúsculo

silencioso” em que Melko esteve acorrentado e que “esperavam apenas que chegasse a luz”. Assim, na história inicial, Yavanna semeia no escuro visando (ao que parece) ao crescimento e florescimento em dias posteriores de luz solar, ao passo que, em todas as versões subsequentes, a deusa não mais semeia no período de escuridão, lançando, antes, um sono sobre muitas coisas que haviam crescido sob a luz das Lamparinas na Primavera de Arda. Mas, tanto no conto inicial quanto em *O Silmarillion*, há uma sugestão de que Yavanna prevê que chegará luz, no fim, às Grandes Terras, à Terra-média.

A concepção de uma luz líquida e fluente nos ares da Terra está, novamente, muito marcada, e parece que, na ideia original, as eras de crepúsculo do mundo a leste do mar ainda eram iluminadas por vestígios dessa luz (“Agora, de raro cai a chuva cintilante que costumava cair, e reina lá uma treva iluminada com pálidos feixes de luz”, p. 125), assim como pelas estrelas de Varda, ainda que “os Deuses [tenham ajuntado] muito daquela luz que dantes flutuava pelos ares” (*ibid*.).

A violência cósmica renovada é, concebivelmente, precursora da grande Batalha dos Poderes na mitologia posterior (*O Silmarillion*, p. 83); mas, nesse primeiro conto, são os tumultos de Melko que causam a visita dos Valar, ao passo que a Batalha dos Poderes, pela qual a forma da Terra-média foi alterada, resultou dela. Em *O Silmarillion*, foi o achamento dos Elfos recém-despertados por Oromë que levou os Valar ao assalto a Utumno.

No rico detalhe narrativo, assim como no seu ar “primitivo”, o conto de Meril-i-Turinqi acerca da captura de Melko tem pouca relação com a narrativa posterior, e o tom do encontro em Utumna, bem como os expedientes maliciosos dos Valar para enganá-lo,

também são estranhos a ela. Mas alguns elementos sobreviveram: a corrente Angainor, forjada por Aulë (ainda que não o maravilhoso metal, *tilkal*, com seu nome cunhado de maneira pouquíssimo característica), a contenda de Tulkas e Melko, seu aprisionamento em Mandos por "três eras", e a ideia de que sua fortaleza não foi destruída até as fundações. Nota-se também que o caráter clemente e confiado de Manwë foi definido muito cedo; e a referência à taciturnidade de Mandos possivelmente antecipa o fato de que pronuncia suas sentenças apenas a pedido de Manwë (ver aqui). A origem dos rouxinóis no domínio de Lórien, em Valinor, já está presente.

Por fim, é possível ver a partir do relato da jornada dos Valar, nesse conto, que Hisilómë (que permaneceu sem qualquer alteração posterior como o nome em quenya de Hithlum) era aqui uma região bastante distinta da Hithlum posterior, já que ela está localizada *depois* das Montanhas de Ferro: em *O Silmarillion* (p. 169), diz-se que as Montanhas de Ferro foram erguidas por Melkor "como uma cerca para sua cidadela de Utumno": "elas ficavam nas fronteiras das regiões de frio sempiterno, em uma grande curva que ia de leste a oeste". Mas, na verdade, as "Montanhas de Ferro" correspondem aqui às posteriores "Montanhas de Sombra" (*Ered Wethrin*). Em uma lista anotada de nomes que acompanha o conto *A Queda de Gondolin*, o nome *Dor Lómin* está definido assim:

Dor Lómin ou "Terra da Sombra" era a região chamada pelos Eldar *Hisilómë* (e isto significa "Crepúsculos Sombreados") [...] e chama-se assim em virtude do escasso sol que espia sobre as Montanhas de Ferro a leste e ao sul.

No pequeno mapa incluído na p. 105, a linha de picos que marquei com a letra *f* certamente representa essas montanhas, e a região a norte delas, marcada com a letra *g*, é, portanto, Hisilómë.

O manuscrito prossegue sem interrupção do ponto em que eu encerrei o texto neste capítulo; mas esse ponto é o final de uma seção na narrativa mitológica (com uma breve interrupção de Eriol), e o restante do conto de Meril-i-Turinqi está reservado para o segundo capítulo. Portanto, faço de um conto, dois.

[a] A publicação foi num periódico chamado, no recorte em que está preservado, “I.U.M[agazine]”.

5

A Vinda dos Elfos e a Criação de Kôr

Retirei esse título da capa do caderno (que traz, além disso, “Como os Elfos fizeram as Gemas”), pois, como já observei, a narrativa continua sem um novo cabeçalho.

Então disse Eriol: “Triste foi o desacorrentamento de Melko, penso, ainda que parecesse clemente e justo — mas como chegaram os Deuses a tanto?”

Então Meril[1] prosseguiu, dizendo:

“Em dado momento, o terceiro período do aprisionamento de Melko sob os salões de Mandos aproximou-se do fim. Manwë sentava-se no topo da montanha e fitava, com seus olhos penetrantes, as sombras para lá de Valinor, e falcões voavam de lá e até lá trazendo muitas grandes novas, mas Varda estava a cantar uma canção e a olhar pela planície de Valinor. Àquela hora, Silpion reluzia, e os telhados de Valmar lá embaixo estavam negros e prateados sob seus raios; e Varda estava contente, mas, de súbito, Manwë falou, dizendo: ‘Vê, há um lampejo d’ouro sob os pinheiros, e o ocaso mais profundo do mundo se enche com o som de passos. Os Eldar chegaram, ó Taniquetil!’ Então Varda levantou-se depressa e estendeu os

braços a Norte e Sul, e desentrançou seus longos cabelos, e ergueu a Canção dos Valar, e Ilwë se encheu do encanto de sua voz.

Ela então desceu até Valmar e até a morada de Aulë; e ele estava fazendo vasilhas de prata para Lórien. Uma bacia repleta da radiância de Telimpë[2] estava ao seu lado, a qual ele usava habilmente em seu ofício, mas agora Varda estava diante dele, e falou: ‘Os Eldar chegaram!’ e Aulë largou o martelo, dizendo: ‘Então Ilúvatar os enviou, finalmente’, e o martelo, caindo sobre uns lingotes de prata no chão, por sua magia fez com que centelhas de prata viessem à vida, e elas chisparam pelas janelas rumo aos céus. Varda, vendo isso, tomou da radiância na bacia e misturou-a com prata fundida para torná-la mais estável, e partiu em suas asas de celeridade, e pôs estrelas pelo firmamento em grande profusão, de modo que os céus se tornaram maravilhosamente belos, e sua glória foi dobrada; e essas estrelas que ela criou então têm um poder soporífero, pois a prata de seus corpos veio do tesouro de Lórien, e sua radiância repousara em Telimpë por muito tempo em seu jardim.

Uns disseram que as Sete Estrelas foram dispostas por Varda naquele momento, para comemorar a vinda dos Eldar, e que Morwinyon, que arde sobre a borda do mundo a oeste, ela deixou cair enquanto voltava com grande pressa para Valinor. Ora, esse foi, de fato, o início verdadeiro de Morwinyon e sua beleza, mas, no entanto, as Sete Estrelas não foram dispostas por

Varda, sendo, antes, as centelhas da forja de Aulë cujo brilho nos céus ancestrais urgiram Varda a fazer-lhes rivais; mas isso ela jamais conseguiu.

Mas agora, mesmo enquanto Varda se ocupava dessa grande obra, eis que Oromë esporeia o cavalo pela planície e, puxando os arreios, brada para que todos os ouvidos em Valmar possam ouvi-lo: ‘*Tulielto! Tulielto!* Eles vieram — eles vieram!’ Detém-se, então, entre as Duas Árvores e soa a trompa, e os portões de Valmar se abrem, e os Vali adentram a planície, pois imaginam que notícias prodigiosas chegaram ao mundo. Então, falou Oromë: ‘Vede, os bosques das Grandes Terras, mesmo em Palisor, a região mais central onde os pinheiros murmuram incessantemente, estão repletos dum estranho ruído. Lá perambulei, e eis que era como se gente estivesse se levantando cedo sob as estrelas mais jovens. Havia um alarido entre as árvores longínquas e, de súbito, palavras eram ditas, e pés iam de lá para cá. Então, perguntei-me que façanha é essa que Palúrien, minha mãe, concebeu em segredo, e a procurei, e a questionei, e ela respondeu: “Isto não é obra minha, a mão de alguém muito maior a fez. Ilúvatar despertou seus filhos, afinal — cavalga de volta para Valinor e diz aos Deuses que os Eldar, em verdade, chegaram!”’

Então bradou toda a gente de Valinor: ‘*I·Eldar tulier* — os Eldar chegaram’ — e somente àquela hora os Deuses perceberam que em seu júbilo havia uma falta, ou que haviam aguardado ansiosos para sua conclusão, mas agora sabiam

que o mundo fora um lugar coberto de solidão sem seus próprios filhos.

Ora, mais uma vez um concílio é convocado, e Manwë se assenta diante dos Deuses ali em meio às Duas Árvores — e elas tinham provido luz por quatro eras. Cada um dos Vali se achega, até mesmo Ulmo Vailimo chega apressado dos Mares de Fora, e seu semblante está ansioso e alegre.

Naquele dia, Manwë libertou Melko de Angaino, antes de cumprido todo o período de sua pena, mas as manilhas e as grilhetas de *tilkal* não foram soltas, e ele as continuou levando em punho e tornozelo. Grande júbilo cega até mesmo a presciência dos Deuses. Por último chegou Palúrien desabalada desde Palisor, e os Valar debateram a respeito dos Eldar; mas Melko sentou-se aos pés de Tulkas, e fingiu contentamento e humilde deleite. Ao fim, é a decisão dos Deuses que alguns dos Eldar recém-chegados fossem convocados a Valinor, para lá falar a Manwë e seu povo, falando-lhes de sua chegada no mundo e dos desejos que ela despertara dentro deles.

Então Nornorë, cujos pés lampejam invisíveis por sua grandiosa velocidade, parte de Valinor portando a mensagem de Manwë e, sem se deter, cruza terra e mar até Palisor. Lá, encontra um local fundo num vale cercado de encostas cobertas de pinheirais; por piso tem uma lagoa de amplas águas e, por teto, o crepúsculo engastado com as estrelas de Varda. Ali, Oromë ouvira o despertar dos Eldar, e todas as canções chamam aquele lugar de Koivië-néni, ou as Águas do Despertar.

Ora, todas as encostas daquele vale e a margem nua do lago, até mesmo as orlas denteadas das colinas adiante, estão repletas duma multidão de gente olhando maravilhada para as estrelas, e alguns já cantam com vozes que são belíssimas. Mas Nornorë postou-se sobre um teso e espantou-se com a beleza daquela gente e, por ser um Vala, pareceram-lhe maravilhosamente diminutos e delicados, e seus rostos, desejosos e ternos. Então falou com a grande voz dos Valar, e todos aqueles rostos brilhantes se voltaram para sua voz.

‘Vede, ó Eldalië, fostes desejados por todas as eras de crepúsculo, e procurados durante as eras de paz, e eu venho desde Manwë Súlimo, Senhor dos Deuses que habita sobre Taniquetil em paz e sabedoria, até vós que sois os Filhos de Ilúvatar, e são estas as palavras que ele pôs em minha boca para vos falar: Que venham agora comigo alguns poucos de vós — pois não sou eu Nornorë, arauto dos Valar —, e que entrem em Valinor e lhe falem, para que ele possa saber sobre vossa vinda e todos os vossos desejos.’

Grande foi a comoção e o espanto em torno das águas de Koivië e, no fim, aconteceu que três dos Eldar se adiantaram, e ousaram acompanhar Nornorë, e estes ele levou de volta para Valinor, e seus nomes, conforme os Elfos de Kôr relataram, eram Isil Inwë, e Finwë Nólemë, que era pai de Turondo, e Tinwë Lintö, pai de Tinúviel — mas os Noldoli os chamavam de Inwithiel, Golfinweg e Tinwelint. Tornaram-se grandes, depois, entre os

Eldar, e os Teleri eram os que se seguiram Isil, mas seu clã e seus descendentes são aquele povo real, os Inwir de cujo sangue eu sou. Nólemë era senhor dos Noldoli, e de seu filho, Turondo (ou Turgon, como eles o chamavam), contam-se grandes contos, mas Tinwë[3] não morou muito com seu povo e, no entanto, diz-se que segue sendo senhor dos Elfos desgarrados de Hisilómë, dançando em seus locais penumbrosos com Wendelin, sua esposa, um espírito vindo há muito, muito tempo dos jardins silentes de Lórien; mas Isil Inwë tornou-se o maior dentre todos os Elfos, e o povo reverencia seu poderoso nome até estes dias.

Eis que agora, trazidos por Nornorë, os três Elfos postaram-se diante dos Deuses, e era a hora da troca das luzes, e Silpion estava declinando, mas Laurelin, despertando para sua grande glória, enquanto Silmo esvaziava o tonel de prata pelas raízes da outra Árvore. Então aqueles Elfos quedaram-se completamente atordoados e atônitos pelo esplendor da luz, eles cujos olhos só conheciam o crepúsculo e não tinham visto nada mais brilhante do que as estrelas de Varda, mas a beleza e força majestosa dos Deuses em conclave os encheram de temor, e os telhados de Valmar, flamejando ao longe sobre a planície, fizeram-nos tremer, e eles se curvaram em reverência — mas Manwë lhes disse: ‘Erguei-vos, ó Filhos de Ilúvatar, pois jubilosos estão os Deuses de vossa vinda! Contai-nos a maneira de vossa vinda; como encontrastes o mundo; que tal vos parece, vós

outros que sois os seus primeiros rebentos, ou com que desejos ele vos preenche.’

Mas Nólemë respondeu, dizendo: ‘Vede, ó poderosíssimo, donde, em verdade, viemos? Pois parece-me que despertei agora mesmo dum sono eternamente profundo, cujos vastos sonhos estão já esquecidos.’ E Tinwë disse, então, que seu coração lhe dizia que recém chegara de regiões sem fronteiras e, no entanto, não conseguia se lembrar por quais caminhos escuros e estranhos fora trazido; e, por fim, falou Inwë, que estivera fitando Laurelin enquanto os outros falavam, e ele disse: ‘Sem saber donde venho, nem por quais caminhos, e nem, ainda, para onde vou, o mundo em que estamos é para mim apenas uma grande maravilha, e penso que o amo por completo e, contudo, ele me preenche duma vontade de luz.’

Então Manwë viu que Ilúvatar apagara das mentes dos Eldar todo o conhecimento sobre a maneira de sua vinda, e que os Deuses não poderiam descobri-la; e ele se encheu de profundo assombro; mas Yavanna, que também escutara, perdeu o fôlego com o golpe das palavras de Inwë, dizendo que desejava luz. Ela então olhou para Laurelin, e seu coração pensou nos vergéis frutuosos em Valmar, e sussurrou para Tuivána, que se sentava ao seu lado, fitando a graça terna daqueles Eldar; então essas duas disseram a Manwë: ‘Vê, a Terra e suas sombras não são lugar para tão formosas criaturas, a quem só o coração e a mente de Ilúvatar concebeu. Belos são os pinheirais e os arbustos, mas estão repletos de

espíritos inélficos, e as crianças de Mandos andam à solta, e os vassalos de Melko espreitam em lugares estranhos — e nós mesmos não quereríamos viver sem olhar para este doce povo. Seu riso distante chegou até nossos ouvidos desde Palisor, e gostaríamos que ecoasse para sempre próximo a nós em nossos salões e jardins em Valmar. Que os Eldar habitem entre nós, e que o poço de nosso júbilo se encha de novas fontes que não podem secar.’

Ergueu-se então um clamor entre os Deuses, e a maioria falou em favor de Palúrien e Vána, mas Makar disse que Valinor foi construída para os Valar — ‘e ela já é um roseiral de belas senhoras em vez de uma morada de homens. Por que desejais ocupá-la com os filhos do mundo?’, e nisso Meássë o apoiou, e Mandos e Fui estavam frígidos aos Eldar como a tudo o mais; mas Varda foi veemente em seu apoio a Yavanna e Tuivána e, de fato, seu amor pelos Eldar sempre foi o maior dentre todo o povo de Valinor; e Aulë e Lórien, Oromë e Nessa e Ulmo proclamaram com ardor seu desejo de convidar os Eldar a habitarem entre os Deuses. Assim, por mais que Ossë, com cautela, falasse contrariamente — quiçá por conta dos sempre latentes ciúmes e rebeldia que nutria contra Ulmo — foi a voz do concílio de que os Eldar deveriam ser convidados, e os Deuses aguardaram apenas a sentença de Manwë. Eis que mesmo Melko, vendo onde estava a maioria, juntou sua ardilosa voz à petição, e, no entanto, desde aqueles dias caluniou os Valar, dizendo que não

fizeram senão convocar os Eldar a uma prisão por cobiça e inveja de sua beleza. Assim mentiu amiúde aos Noldoli posteriormente, ao incitar sua inquietude, acrescentando, longe de qualquer verdade, que somente ele se opusera à voz geral e falara em favor da liberdade dos Elfos.

Talvez, de fato, se os Deuses tivessem decidido diferente, o mundo seria agora um lugar mais bonito, e os Eldar, um povo mais feliz, mas jamais teriam atingido tamanha glória, conhecimento e beleza como fizeram outrora, e menos ainda os teria beneficiado qualquer conselho de Melko.

Ora, tendo ouvido tudo o que foi dito, Manwë deu sua sentença e alegrou-se, pois, de fato, seu coração se inclinava para a condução dos Eldar desde o mundo crepuscular até a luz de Valinor. Voltando-se aos três Eldar, falou: ‘Ide agora de volta aos seus clãs, e Nornorë vos levará com celeridade até lá, a Koivië-néni em Palisor. Vede, esta é a palavra de Manwë Súlimo, e a voz do desejo dos Valar, que o povo dos Eldalië, os Filhos de Ilúvatar, venha a Valinor e aqui habite no esplendor de Laurelin e na radiância de Silpion, e conheça a ventura dos Deuses. Uma morada de beleza ímpar eles terão, e os Deuses os ajudarão a construir.’

A isso respondeu Inwë: ‘Contentes estamos, de fato, com vosso convite, e quem dentre os Eldalië que já desejou a beleza das estrelas ficaria para trás ou descansaria até que seus olhos se regalassem na luz abençoada de Valinor?’ Depois, Nornorë guiou esses Elfos de volta às margens

desnudas de Koivië-néni e, postando-se numa pedreira, Inwë comunicou a mensagem a todas aquelas hostes dos Eldalië que Ilúvatar despertou primeiro sobre a Terra, e todos os que ouviram suas palavras se encheram de desejo de ver os rostos dos Deuses.

Quando Nornorë, ao retornar, disse aos Valar que os Elfos realmente viriam, e que Ilúvatar já pusera uma grande multidão sobre a Terra, os Deuses fizeram grandes preparativos. Eis que Aulë ajunta suas ferramentas e aprestos e Yavanna e Tuivána perambulam pela planície até os sopés das montanhas e as costas nuas dos Mares Sombrios, buscando um lar e local de morada para eles; mas Oromë vai logo de Valinor até as florestas, das quais conhecia todas as clareiras sombrias e cujos caminhos obscuros atravessara todos, pois pretendia guiar as tropas dos Eldar desde Palisor, rumo ao oeste, por todas as terras amplas, até que chegassem aos confins do Grande Mar.

A essas praias escuras dirigiu-se Ulmo, e estranho era o rugir do mar sem luz naqueles dias antiquíssimos sobre a costa rochosa que ainda carregava as cicatrizes da ira tumultuosa de Melko. Falman-Ossë estava pouco satisfeito de ver Ulmo nos Grandes Mares, pois Ulmo tomara aquela ilha na qual o próprio Ossë transportara os Deuses até Arvalin, salvando-os das águas que se erguiam conforme Ringil e Helkar derretiam sob suas ardentes lamparinas. Isso fora há muitas eras, nos dias em que os Deuses eram estranhos recém-

chegados no mundo, e, por todo aquele tempo, a ilha flutuara escura nos Mares Sombrios, desolada, salvo quando Ossë subia suas praias em suas jornadas pelas profundezas; mas agora Ulmo se achegara à sua ilha secreta, atrelando-lhe uma hoste dos maiores peixes e, no meio, estava Uin, a mais poderosa e mais antiga das baleias; e ele fez com que usassem toda sua força, e eles arrastaram a ilha vigorosamente às praias das Grandes Terras, mesmo à costa de Hisilómë a norte das Montanhas de Ferro, para onde todas as sombras mais profundas se retiraram quando o Sol primeiro se ergueu.

Agora, Ulmo está postado ali, e dos bosques chega um cintilar que descia até mesmo à espuma do mar naqueles dias calados, e eis que ele ouve os passos dos Teleri crepitando na floresta, e Inwë os está encabeçando ao lado do estribo de Oromë. Penosa fora a sua marcha, e escuro e difícil o caminho através de Hisilómë, a terra de sombras, a despeito do engenho e poder de Oromë. De fato, muito depois de o júbilo de Valinor ter tornado essa lembrança esmaecida, os Elfos ainda cantavam dela tristemente, e contavam contos de muitos de sua gente que diziam, e dizem, terem se perdido naquelas antigas florestas e que vagavam sempre pesarosos por elas. E ainda estavam lá muito depois, quando os Homens foram presos em Hisilómë por Melko, e ainda hoje dançam lá, tendo os Homens vagado para longe, por lugares mais iluminados da Terra. Hisilómë foi chamada pelos

Homens de Aryador, e os Elfos Perdidos eles chamaram de Povo da Sombra, e os temiam.

Ainda assim, a maioria das grandes companhias dos Teleri chegou então às praias, e subiu dali para a ilha que Ulmo trouxera. Ulmo os aconselhou a não esperar pelos outros clãs e embora, a princípio, eles não concordem, chorando ao pensar nisso, afinal são persuadidos, e logo levados com máxima celeridade através dos Mares Sombrios e a ampla baía de Arvalin até as praias de Valinor. Lá, a beleza distante das árvores reluzindo pela fenda nas colinas encanta seus corações e, no entanto, ficam a olhar para trás, pelas águas que cruzaram, pois não sabem onde podem estar os outros clãs de seu povo e, sem estes, nem mesmo o encanto de Valinor eles desejam.

Então, deixando-os em silêncio e dúvida à costa, Ulmo arrasta de volta aquela grande ilha-carruagem até os rochedos de Hisilómë, e eis que, aquecida pelo brilho distante de Laurelin que iluminou sua borda ocidental enquanto estava na Baía de Feéria, novas e mais delicadas árvores começam a crescer sobre ela, e o verde do relvado é visto em suas encostas.

Ora, Ossë ergue a cabeça furioso acima das ondas, sentindo-se insultado porque seu auxílio não foi requisitado na travessia dos Elfos e sua própria ilha, tomada sem permissão. Segue veloz na esteira de Ulmo e, no entanto, fica muito para trás, pois Ulmo colocou a força dos Valar em Uin e nas baleias. Sobre as falésias, os Noldoli já estão angustiados, pensando que foram abandonados no

escuro, e Nólemë Finwë, que os guiara até lá bem próximo à retaguarda dos Teleri, andava por eles, encorajando-os. Também cheia de labor fora a sua jornada, pois o mundo é vasto e haviam atravessado quase metade, vindo da longinquíssima Palisor e, naqueles dias, nem sol brilhava e nem lua cintilava, e trilhas não havia, quer feitas por Elfos, quer por Homens. Oromë também estava muito à frente, cavalgando diante dos Teleri na marcha, e agora voltara para as terras. Ali os Solosimpi estavam desgarrados, nas florestas que se estendiam muito para trás, e sua trompa soava indistinta nos ouvidos daqueles na praia, donde aquele Vala saiu para procurá-los por toda parte nos vales escuros de Hisilómë.

Portanto, ao chegar, Ulmo pensa em levar os Noldoli rapidamente para a praia de Valinor, retornando ainda outra vez para buscar aqueles outros, quando Oromë os tiver guiado para a costa. Isso ele faz, e Falman contempla aquela segunda travessia de longe, e espuma de raiva, mas grande é o júbilo dos Teleri e Noldoli naquela praia, onde as luzes são como as dos fins de tarde no estio, devido ao brilho distante de Lindeloksë. Deixá-los-ei ali por um momento e contarei dos estranhos acontecimentos que se passaram com os Solosimpi por razão da ira de Ossë, e da primeira morada sobre Tol Eressëa.

O medo lhes sobrevém naquela escuridão antiga e, seduzido pela bela música da fata Wendelin, como outros contos relatam mais completamente alhures, seu líder Tinwë Linto se

perdeu, e por muito tempo buscaram-no, mas foi em vão, e ele jamais voltou ao seu meio.[4] Quando, portanto, ouviram a trompa de Oromë soando na floresta, grande foi seu júbilo e, reunindo-se ao seu som, logo são levados para as falésias e ouvem o murmúrio do mar sem sol. Muito tempo esperaram ali, pois Ossë lançou procelas e sombras ao retorno de Ulmo, de modo que ele se moveu por desvios, e seus grandes peixes esmoreceram na viagem; ainda assim, afinal, eles também sobem naquela ilha e são levados para Valinor; e um certo Ellu foi escolhido no lugar de Tinwë, e desde então ele foi chamado de Senhor dos Solosimpi.[5]

Eis que haviam cruzado menos da metade da distância, e as Ilhas do Crepúsculo ainda estavam longe, quando Ossë e Ónen os emboscam nas águas ocidentais do Grande Mar, antes ainda de se alcançar as brumas dos Mares Sombrios. Ossë, então, agarra a ilha em sua imensa mão, e toda a grande força de Uin mal consegue levá-la adiante, pois no nado e em façanhas de força corporal na água, nenhum dos Valar, nem mesmo o próprio Ulmo, é páreo para Ossë e, de fato, Ulmo não estava nas redondezas, mas muito à frente, conduzindo a grande embarcação nas sombras que Ossë ajuntara, levando-a adiante com a música de suas conchas. Ora, antes que ele conseguisse retornar, Ossë, com auxílio de Ónen, havia feito a ilha parar, e a estava ancorando ao fundo do mar com cordas gigantes daquelas algas encouraçadas e pólipos que, naqueles dias escuros, já haviam crescido durante lentos séculos

a uma circunferência inimaginável em redor dos pilares de sua casa nas profundezas marinhas. Ademais, conforme Ulmo urge as baleias a empenharem toda sua força, e ele mesmo ajuda com todo o seu poder divino, Ossë empilha rochas e pedregulhos de tamanho imenso que a ira anciã de Melko havia espalhado pelo leito marinho, e as constrói à maneira duma coluna sob a ilha.

Em vão Ulmo soa sua trompa, e Uin, com as pontas de sua imensurável cauda, açoita os mares em fúria, pois para lá Ossë agora traz toda sorte de criatura do mar profundo que constrói para si uma casa e morada de concha pétrea; e estas ele colocou ao redor da base da ilha: corais havia de todo tipo, e cracas e esponjas feito pedra. Ainda assim, por muito tempo aquela contenda durou, até que, afinal, Ulmo retornou a Valmar irado e desalentado. Ali avisou os outros Valar que os Solosimpi não poderiam ser ainda levados até lá, pois a ilha tornara-se imóvel nas mais solitárias águas do mundo.

Lá aquela ilha ainda se encontra — em verdade, tu a conheces, pois ela é chamada de ‘a Ilha Solitária’ — e terra alguma pode ser vista navegando-se por muitas léguas desde suas falésias, pois as Ilhas do Crepúsculo, no seio dos Mares Sombrios, estão longe, no Oeste escuro, e as Ilhas Mágicas ficam para trás, no Leste.

Ora, assim os Deuses pedem aos Elfos que construam uma morada, e Aulë os auxiliou nisso, mas Ulmo volta à Ilha Solitária e eis que ela está agora sobre um pilar de rocha no leito dos mares,

e Ossë o percorre num negócio espumoso, ancorando todas as ilhas dispersas de seu domínio no fundo oceânico. Daí veio a ser a primeira morada dos Solosimpi na Ilha Solitária, e a mais profunda separação desse povo dos demais, tanto na fala como nos costumes; pois, sabe, todas essas grandes façanhas do passado que perfazem agora apenas um pequeno conto não foram conquistadas facilmente e em apenas um momento, mas, ao contrário, muitíssimos homens teriam crescido e morrido entre o ancorar das Ilhas e a feitura dos Navios.

Por duas vezes agora a ilha de sua morada capturara o brilho das gloriosas Árvores de Valinor e, assim, já era mais bela e mais fértil e mais cheia de doces plantas e relvas do que os outros lugares de todo o mundo que não tinham visto grande luz; de fato, os Solosimpi dizem que bétulas já cresciam lá, e muitos juncos, e turfa havia nas encostas ocidentais. Havia também muitas cavernas, e havia uma extensa terra costeira de areia branca aos pés de falésias negras e púrpuras, e aí era a morada, mesmo naqueles dias mais profundos, dos Solosimpi.

Lá sentou-se Ulmo num promontório e lhes falou palavras de conforto e de profundíssima sabedoria; e todo o saber do mar lhes comunicou, e eles deram ouvidos; e música lhes ensinou, e eles fizeram delicadas flautas de conchas. Por razão do labor de Ossë, não há praias tão salpicadas de maravilhosas conchas quanto as praias brancas e angras cobertas de Tol Eressëa, e os Solosimpi

soíam habitar em cavernas, e as adornavam com esses tesouros marinhos, e o som de seu melancólico flautear podia ser ouvido por muitos longos dias descendo tênue pelos ventos.

Então o coração de Falman-Ossë derreteu-se por eles, e os teria liberado, não fosse o novo júbilo e orgulho que tinha porque a beleza deles habitava em meio ao seu reino, de modo que suas flautas davam aos seus ouvidos perpétuo prazer, e Uinen[6] e os Oarni e todos os espíritos das ondas se enamoraram deles.

Assim, dançavam os Solosimpi na orla das ondas, e o amor pelo mar e costas rochosas penetrou-lhes o coração, ainda que fitassem com anseio as praias felizes para onde os Teleri e os Noldoli haviam sido levados há muito tempo.

Ora, estes, após um tempo, ganharam esperança, e seu pesar tornou-se menos amargo ao descobrirem que seu povo morava em terras gentis, e que Ulmo os tinha sob seu cuidado e guarda. Por isso, deram então ouvidos ao desejo dos Deuses e se voltaram à construção de seu lar; e Aulë os ensinou muito saber e engenho, e Manwë também. Ora, Manwë amava mais os Teleri, e dele e de Ómar aprenderam mais profundamente do ofício da canção e poesia do que todos os outros Elfos; mas os Noldoli eram mais amados por Aulë, e eles aprenderam muito de sua ciência, até que seus corações se tornaram inquietos com o desejo de mais conhecimento, e eles alcançaram grande sabedoria e grande sutileza de engenho.

Eis que havia um local baixo naquele anel de montanhas que guarda Valinor, e lá o brilho das Árvores passa furtivo pela planície adiante e vai adornar as águas escuras da baía de Arvalin,[7] mas uma grande praia da mais fina areia, dourada sob o resplandecer de Laurelin, branca à luz de Silpion, adentra a terra ali onde, no tumulto dos mares anciões, um sombrio braço d'água espalhara-se na direção de Valinor, mas há lá agora apenas uma estreita água franjada de branco. Na ponta dessa angra longa, há uma colina solitária olhando para as montanhas mais altas. Ora, todas as muralhas dessa reentrância dos mares são luxuriantes pelo maravilhoso vigor de belas árvores, mas a colina é coberta apenas com uma turfa funda, e campânulas crescem no cimo, badalando suavemente no alento gentil de Súlimo.

Foi esse o lugar que aqueles belos Elfos pensaram em habitar, e os Deuses chamavam aquela colina de Kôr em virtude de sua rotundidade e lisura. Aulë levou para lá toda a poeira de metais mágicos que produzira e ajuntara de suas grandes obras, e empilhou-a nos sopés daquela colina, e a maior parte dessa poeira era de ouro, e uma areia dourada se estendia para longe das bases de Kôr até a distância onde floresciam as Duas Árvores. No teso, os Elfos construíram belas moradas de branco brilhante — de mármores e pedras extraídas das Montanhas de Valinor e que resplandeciam maravilhosamente,[8] de prata e ouro, e de uma substância de grande dureza e alva luminosidade que haviam criado a

partir de conchas fundidas no orvalho de Silpion, e ruas brancas havia, ladeadas de escuras árvores que meandravam em curvas graciosas, ou que subiam em lances de escadarias delicadas, desde a planície de Valinor até o topo de Kôr; e cada uma dessas reluzentes casas subia mais alta que a outra, até que se alcançava a casa de Inwë, a mais alta de todas, e ela tinha uma delgada torre argêntea lançando-se ao céu como uma agulha, e uma lamparina branca de raios penetrantes foi posta ali para brilhar sobre as sombras da baía, e todas as janelas da cidade na colina de Kôr miravam na direção do mar.

Fontes havia lá de grande beleza e fragilidade, e telhados e pináculos de vidro brilhante e âmbar que fora feito por Palúrien e Ulmo, e árvores robustas junto aos muros brancos e terraços, e suas frutas douradas brilhavam ricas.

Ora, quando da construção de Kôr, os Deuses deram a Inwë e Nólemë uma muda para cada um das duas árvores gloriosas, e elas cresceram e se tornaram árvores élficas bem pequenas e delgadas, mas ambas floriam eternamente sem esmorecer, e aquelas nos pátios de Inwë eram as mais belas, e acerca delas os Teleri cantavam canções de felicidade, mas outros, também cantando, subiam e desciam as escadarias marmóreas e as vozes melancólicas dos Noldoli eram ouvidas pelos pátios e aposentos; e, no entanto, os Solosimpi moravam longe, no meio do mar, e faziam música ventosa em suas flautas de conchas.

Ossë está agora muito encantado com os Solosimpi, os flautistas das terras costeiras, e, se Ulmo não está perto, ele se senta num coral no mar, e muitos dos Oarni estão junto, e ouve as vozes deles, e observa suas danças adejantes nesta praia, mas a Valmar ele não ousa retornar, pelo poder de Ulmo nos concílios dos Valar e . . . . . a ira daquele poderoso ao ancorar das ilhas.

De fato, a guerra foi contida por um fio pelos Deuses, que desejavam paz e não permitiriam a Ulmo juntar o povo dos Valar e assaltar Ossë e desatar as ilhas de suas novas raízes. Por isso, Ossë às vezes galga as ondas adentrando a baía de Arvalin[9] e observa a glória nas colinas, e anseia pela luz e alegria sobre a planície, mas, principalmente, pelo canto dos pássaros e o movimento rápido de suas asas no ar límpido, estando farto de seus peixes prateados e escuros, silentes e estranhos em meio a águas profundas.

Mas, um dia, alguns pássaros chegaram voando alto desde os jardins de Yavanna, e alguns eram brancos e uns, pretos, e uns pretos e brancos; e, atordoados pelas sombras, não tinham onde se ajeitar, e Ossë os atraiu, e eles se aninharam em seus poderosos ombros, e ele os ensinou a nadar, e deu-lhes grande força de asas, pois força de ombro ele tinha mais do que qualquer [?outro] ser, e era o maior dentre os nadadores; e derramou óleos de peixes sobre suas penas para que eles pudessem suportar as águas, e os alimentou com peixinhos.

Então, voltou-se para seus próprios mares, e eles nadavam junto a ele ou voavam acima dele, com asas baixas, grasnando e chilreando; e ele lhes mostrou habitações nas Ilhas do Crepúsculo, e também pelas falésias de Tol Eressëa, e lá aprenderam a maneira de mergulhar e lancear peixes, e suas vozes ficaram ásperas pelos lugares acidentados de suas vidas longe das regiões amenas de Valinor, ou lamuriando pela música dos Solosimpi e pelo suspiro do mar. E, assim, chegaram ao reino deles todo o grande povo das gaivotas e gaivotas-pardas e petréis; e há lá papagaios-do-mar, e êideres, e cormorões, e gansos-patola, e airos, e as falésias estão repletas de garrulice e um cheiro de peixe, e grandes conclaves têm lugar nas beiradas, ou nos bancos de areia e corais em meio às águas. Mas a mais soberba de todas essas aves eram os cisnes, e estes Ossë permitiu habitar em Tol Eressëa, [? voando] pelas costas, ou chapinhando por canais rumo à terra; e ele os colocou lá como dádiva e júbilo aos Solosimpi. Mas, quando Ulmo ouviu dessas novas façanhas, não ficou nada satisfeito com a devastação causada entre os peixes com os quais havia enchido as águas, tendo a ajuda de Palúrien.

Os Solosimpi agora alegram-se muito com [? seus] pássaros, criaturas novas para eles, e com os cisnes, e eis que eles já singram os lagos de Tol Eressëa em balsas de madeira caída, e alguns atrelam-lhes cisnes e aceleram pelas águas; mas os mais intrépidos vão ao mar, e as gaivotas os

arrastam e, quando Ulmo viu aquilo, alegrou-se muito. Pois vê! os Teleri e os Noldoli queixam-se muito com Manwë pela separação dos Solosimpi, e os Deuses desejam que se os traga para Valinor; mas Ulmo não consegue ainda pensar em qualquer artifício sem a ajuda de Ossë e os Oarni, e não se humilhará a tanto. Mas agora volta presto à casa e vai ter com Aulë, e esses dois partiram rapidamente para Tol Eressëa, e Oromë estava com eles, e lá se dá o primeiro corte de árvores feito no mundo fora de Valinor. Ora, Aulë, da madeira serrada do pinheiro e do carvalho, faz grandes embarcações semelhantes aos corpos de cisnes, e estas ele recobre com a casca de bétulas prateadas, ou . . . . . com penas coletadas da plumagem oleosa das aves de Ossë, e elas são pregadas e [?energicamente] cravadas e firmadas com prata, e ele lhes esculpe proas como os pescoços elevados de cisnes, mas elas são ocas e não têm pés; e, com cordas de grande força e delgadeza são-lhes atreladas gaivotas e petréis, pois eram mansos às mãos dos Solosimpi, visto que seus corações foram assim feitos por Ossë.

Agora estão as praias nas costas ocidentais de Tol Eressëa, até mesmo em Falassë Númëa (Espuma Ocidental), repletas daquela gente dos Elfos, e para lá é levada uma grande hoste, de fato, daqueles navios-cisne, e o grito das gaivotas acima deles é incessante. Mas os Solosimpi se erguem em grandes números e entram nos corpos ocos dessas coisas novas do engenho de Aulë, e ainda mais de sua gente encaminha-se sempre às

costas, marchando ao som de incontáveis flautas e flautins.

Todos estão agora embarcados e as gaivotas adentram poderosas o céu crepuscular, mas Aulë e Oromë estão na galé dianteira e mais potente, e setecentas gaivotas estão-lhe atreladas, e ela rebrilha com prata e plumas brancas, e tem um bico d’ouro, e olhos d’azeviche e âmbar. Mas Ulmo vai na retaguarda em sua carruagem piscosa e trombeteia alto para desconcerto de Ossë e para o resgate dos Elfos das Terras Costeiras.

Mas Ossë, vendo como esses pássaros foram usados para seu prejuízo, fica muito abatido e, no entanto, pela presença daqueles três Deuses e, de fato, por seu amor pelos Solosimpi, que agora crescera muito, não perturbou sua branca frota, e eles cruzaram, assim, as léguas cinzentas do oceano, pelos sons indistintos e brumas dos Mares Sombrios, chegando mesmo às primeiras águas escuras da baía de Arvalin.

Sabe que, então, a Ilha Solitária está nos confins do Grande Mar. Ora, esse Grande Mar, ou a Água Ocidental, está além dos limites mais ocidentais das Grandes Terras, e nele estão muitas terras e ilhas além de cujo ancoradouro tu alcanças as Ilhas Mágicas e, ainda além delas, está Tol Eressëa. Mas, além de Tol Eressëa, está a muralha brumosa e as grandes trevas marítimas sob as quais jazem os Mares Sombrios, e lá flutuam as Ilhas do Crepúsculo, onde só penetrava nos tempos mais claros a centelha mais esmaecida do brilho distante de Silpion. Mas, na mais ocidental destas,

erguia-se a Torre de Pérola, construída em dias posteriores e muito cantada em canções; mas as Ilhas do Crepúsculo são tidas como as primeiras das Terras de Fora, que compreendem estas e Arvalin e Valinor, mas Tol Eressëa não é contada nem entre as Terras de Fora, nem entre as Grandes Terras por onde Homens vagaram depois. Mas a costa mais distante desses Mares Sombrios é Arvalin ou Erumáni, no extremo sul, mas no norte eles envolvem até mesmo as costas de Eldamar, e aqui são mais largos para quem viaja a oeste. Além de Arvalin erguem-se as imensas Montanhas de Valinor, que estão num grande anel que se curva lentamente para o oeste, mas os Mares Sombrios formam uma vasta baía a norte de Arvalin, correndo até os negros sopés das montanhas, de sorte que, nesse ponto, elas margeiam as águas e não as terras, e nos recônditos da baía está Taniquetil, gloriosa de se contemplar, a mais imponente de todas as montanhas, trajada da mais pura neve, olhando através de Arvalin metade para o sul e metade para o norte cruzando a fabulosa Baía de Feéria e, do mesmo modo, além dos próprios Mares Sombrios, mesmo a ponto de todas as velas sobre águas ensolaradas do Grande Mar, em dias posteriores (quando os Deuses haviam confeccionado tal lamparina), e todas as multidões nos portos ocidentais das Terras de Homens poderem ser vistas de seu topo; e, no entanto, essa distância é contada apenas em léguas inimagináveis.

Mas agora chega aquela estranha frota perto dessas regiões, e olhos ansiosos espiam. Lá está Taniquetil, púrpura e escura dum lado com a treva de Arvalin e dos Mares Sombrios, e luminosa em glória doutro lado em virtude da luz das Árvores de Valinor. Ora, onde os mares abraçavam essas costas outrora, suas ondas, muito antes mesmo de se quebrarem, eram de súbito iluminadas por Laurelin, se fosse dia, ou por Silpion, se fosse noite, e as sombras do mundo cessavam quase que abruptamente, e as ondas se riam. Mas uma fenda nas montanhas naquelas costas deixava escapar um vislumbre de Valinor, e lá se erguia a colina de Kôr, e a areia branca corre até a enseada para encontrá-la, mas seus sopés estão na verde água e, por trás, a areia d'ouro vai mais longe do que quaisquer olhos conseguem espreitar e, de fato, para além da Valinor da qual ninguém ouviu ou viu nada, salvo Ulmo, e, no entanto, por certo aqui se espalham as águas escuras dos Mares de Fora: elas não têm marés e são muito frescas, e tão ralas que nenhum barco consegue navegar em seu seio, e poucos peixes nadam em suas profundezas.

Mas ora, sobre a colina de Kôr há uma multidão apressada e jubilosa, e todo o povo dos Teleri e Noldoli saem portões afora e esperam para recepcionar a frota na praia. E agora esses navios deixam as sombras e são capturados na luz brilhante da baía interior e, então, atracam, e os Solosimpi dançam e flauteiam, e mesclam-se com o cantar dos Teleri e a música tênue dos Noldoli.

Muito atrás jazia Tol Eressëa em silêncio, e suas matas e praias estavam quietas, pois quase toda aquela hoste de aves marinhas seguira os Eldar e fazia barulho agora pelas praias de Eldamar: mas Ossë vivia abatido, e seus salões prateados em Valmar ficaram longamente vazios, pois por muito tempo não se aproximou deles além da orla de suas sombras, donde vinha o lamento longínquo de suas aves marinhas.

Ora, os Solosimpi não viviam muito em Kôr, mas tinham moradas estranhas entre as rochas costeiras, e Ulmo vinha e sentava-se entre eles como dantes em Tol Eressëa, e aquele era o seu momento de maior regozijo e ternura, e todo o seu saber e amor de música ele derramava, e eles bebiam com avidez. Músicas faziam e teciam tramas cativantes de som sussurradas pelas águas em cavernas ou pelas cristas das ondas varridas por ventos brandos; e estas eles mesclavam com o lamento das gaivotas e os ecos de suas próprias doces vozes nos lugares de sua habitação. Mas os Teleri e os Inwir ajuntaram a [?messe] de poesia e canção, e eram os que mais frequentemente estavam entre os Deuses, dançando nos salões celestes de Manwë para regozijo de Varda das Estrelas, ou enchendo as ruas e pátios de Valmar com o estranho encanto de seus cortejos e folguedos; para Oromë e Nessa eles dançavam em relvados virentes, e as clareiras de Valinor os reconheciam quando adejavam pelas árvores iluminadas de ouro, e Palúrien muito se alegrava ao vê-los. Amiúde os Noldoli estavam com eles e

faziam muita música, pois a multidão de suas harpas e violas era dulcíssima, e Salmar os amava; mas seu maior deleite estava nos pátios de Aulë, ou em seus benquistos lares em Kôr, criando muitas belas cousas e tecendo muitas estórias. Com pinturas e tapeçarias bordadas, e entalhes de grande delicadeza eles encheram toda a sua cidade, e mesmo Valmar tornou-se mais bela sob suas mãos engenhosas.

Agora falo de como os Solosimpi velejavam amiúde pelos mares próximos em seus navios-cisne, quer puxadas pelas aves, quer remando eles mesmos com grandes remos que fizeram à semelhança das patas palmadas de cisne ou pato; e eles dragavam o fundo do mar e retiravam abundantes conchas finas daquelas águas mágicas e incontáveis pérolas de lustre puríssimo e estelar: e estas eram tanto sua glória quanto seu deleite, e a inveja dos outros Eldar, que as desejavam brilhando nos adornos da cidade de Kôr.

Mas aqueles Noldoli a quem Aulë ensinara mais profundamente labutavam incessantemente em segredo, e de Aulë receberam abundância de metais e de pedras e mármores e, com permissão dos Valar, também lhes foi concedido grande estoque da radiância de Kulullin e de Telimpë, guardada em receptáculos ocultos. Luz estelar obtiveram de Varda, e fios do mais azul *ilwë* Manwë lhes deu; água das mais límpidas lagunas naquela angra de Kôr, e gotas cristalinas de todas as fontes cintilantes dos pátios de Valmar. Orvalhos ajuntaram nas matas de Oromë, e

pétalas de flores de todos os matizes e méis nos jardins de Yavanna, e saíam à caça dos raios de luz de Laurelin e Silpion em meio às folhas. Mas, quando toda essa riqueza de coisas belas e radiantes foi reunida, obtiveram dos Solosimpi muitas conchas, alvas e róseas, e a mais pura espuma e, por fim, umas poucas pérolas. Essas pérolas foram seu modelo, e o saber de Aulë e a magia dos Valar, suas ferramentas, e todas as coisas mais encantadoras da substância da Terra foram a matéria de seu ofício — e daí os Noldoli, com grande labor, inventaram e confeccionaram as primeiras gemas. Cristais fizeram das águas das fontes impregnadas das luzes de Silpion; âmbar, e crisoprásio, e topázio flamejavam sob suas mãos, e granates e rubis produziram, fazendo sua vítrea substância conforme Aulë ensinara, mas tingindo-as com os sumos de rosas e flores rubras e a cada uma deram um coração de fogo. Esmeraldas alguns fizeram da água da angra de Kôr, e centelhas das clareiras relvadas de Valinor, e safiras fizeram em grande profusão, [?tingindo] com os ares de Manwë; ametistas havia, e pedras da lua, berilos e ônix, ágatas de mármores mesclados, e muitas pedras menores, e seus corações estavam muito alegres, mas não se contentavam com pouco, fazendo joias em número imensurável até que todas as belas substâncias quase se exauriram, e grandes pilhas daquelas gemas não podiam ser ocultadas, mas fulguravam na luz como canteiros de flores brilhantes. Pegaram então aquelas pérolas que tinham, e

algumas de quase todas as suas joias, e fizeram uma nova gema dum palor leitoso infundido de brilhos como se fossem os ecos de todas as outras pedras, e esta eles consideraram belíssima, e eram as opalas; mas alguns continuaram a laborar, e da luz das estrelas e das gotas d'água mais puras, e do orvalho de Silpion, e do ar mais ralo fizeram diamantes, e desafiavam qualquer um a fazer mais belo.

Então ergueu-se Fëanor dos Noldoli, e foi ter com os Solosimpi, e implorou por uma grande pérola, e obteve, ademais, um tonel repleto da mais brilhante luz fosfórea ajuntada da espuma em locais escuros, e voltou com isso para casa, e tomou todas as outras gemas, e reuniu seu brilho à luz de alvas lamparinas e velas argênteas, e tomou o reluzir de pérolas, e as semicores tênues de opalas, e as [?banhou] em fosforescência e no orvalho radiante de Silpion, e uma única gota ínfima da luz de Laurelin deixou cair ali e, dando a todas essas luzes mágicas um corpo para habitar, feito de vidro de tal perfeição que só ele conseguia fazer e que nem Aulë conseguia igualar, tamanha era a destreza delicada dos dedos de Fëanor, ele fez uma joia — e ela brilhava por sua própria radiância . . . . . .[10] em absoluta escuridão; e ele a depositou ali e sentou-se longamente, admirando sua beleza. Então, fez mais duas, e não tinha mais material: e foi buscar os outros para contemplar sua obra, e eles ficaram completamente atônitos, e essas joias ele chamou de Silmarilli, ou, como dizemos na fala dos Noldoli

hoje, Silubrilthin.[11] Por isso, embora os Solosimpi sempre tenham defendido que nenhuma das gemas dos Noldoli, nem mesmo o rebrilhar majestoso de diamantes, superava suas ternas pérolas, todos os que alguma vez viram as Silmarils de Fëanor afirmavam que eram as joias mais belas que jamais brilharam ou [? chamejaram].

Kôr está agora iluminada com tal riqueza de gemas, e faísca maravilhosamente, e todo o povo dos Eldalië tiveram seu encanto enriquecido pela generosidade dos Noldoli, e o desejo dos Deuses pela beleza deles está completamente satisfeito. Safiras de grande [?maravilha] foram dadas a Manwë, e seus trajes estavam incrustados delas, e Oromë tinha um cinto de esmeraldas, mas Yavanna amava todas as gemas, e o deleite de Aulë estava nos diamantes e ametistas. Somente Melko não recebeu nenhuma, pois ainda não expiara todos os seus muitos crimes, e ele as cobiçava excessivamente, mas nada dizia, fingindo considerá-las de menor valor que os metais.

Mas agora todo o povo dos Eldalië encontrou sua maior ventura, e a majestade e glória dos Deuses e seus lares aumentou ao maior esplendor que o mundo já viu, e as Árvores brilhavam em Valinor, e Valinor devolvia sua luz num milhar de cintilações de cores estilhaçadas; mas as Grandes Terras estavam quietas e escuras e muito abandonadas, e Ossë se sentava do lado de fora das fronteiras e via o brilho lunar de Silpion cintilar nos seixos de diamantes e de cristais que os

Gnomos lançaram com prodigalidade na orla dos mares, e os fragmentos vítreos que se estilhaçaram durante seu labor tremeluziam na face de Kôr voltada para o mar; mas as lagunas entre os rochedos escuros estavam repletas de joias, e os Solosimpi, cujas vestes eram costuradas com pérolas, dançavam à sua volta, e esta era a mais bela de todas as costas, e a música das águas naquelas praias argênteas superava o encanto de todos os sons.

Esses eram os rochedos de Eldamar, e eu os vi há muito tempo, pois Inwë era pai de meu avô;[12] e [?mesmo] ele era o mais velho dos Elfos, e viveria ainda em majestade, não tivesse ele perecido naquela marcha para o mundo, mas Ingil, seu filho, há muito voltou para Valinor e está com Manwë. E também sou parenta dos dançarinos das terras costeiras, e essas coisas de que te falo sei que são verdade; e a magia e maravilha da Baía de Feéria é tal que nenhum que a tenha visto como era então consegue falar dela sem que o fôlego falhe ou que a voz embargue."

Então Meril, a Rainha, cessou seu longo conto, mas Eriol nada disse, fitando a radiância distante do sol poente brilhar pelos troncos das macieiras e sonhando com Feéria. Por fim, disse Meril: "Vai agora para casa, pois a tarde se esvaiu, e o contar do conto pôs um peso de desejo em meu coração e no teu. Mas tem paciência e espera ainda antes de buscar sociedade com esse triste povo dos Elfos Ilhéus."

Mas Eriol falou: “Mesmo agora não sei, e meu coração não consegue adivinhar, como todo esse encanto veio a desbotar, ou como os Elfos puderam ser convencidos a partir de Eldamar.”

Mas Meril falou: “Não, já alonguei demais meu conto por amor àqueles dias, e muitas coisas grandiosas jazem entre a feitura das gemas e a volta para Tol Eressëa: mas essas coisas muitos conhecem tão bem quanto eu, e Lindo, ou Rúmil de Mar Vanwa Tyaliéva as contariam mais habilmente do que eu.” Então, ela e Eriol voltaram à casa das flores, e Eriol partiu antes que a face ocidental da torre de Ingil já estivesse cinzenta ao escurecer.

NOTAS

[1] O manuscrito traz *Vairë*, mas isso só pode ser um deslize.

[2] A ocorrência do nome *Telimpë* aqui e mais adiante neste conto, assim como no conto do *Sol e da Lua*, é curiosa; em *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor*, o nome foi alterado assim que apareceu, indo de *Telimpë* (*Silindrin*) para *Silindrin* e, nas ocorrências seguintes, *Silindrin* foi originalmente escrito (p. 101).

[3] O manuscrito, aqui, possui *Linwë*, e novamente abaixo; ver o verbete *Tinwë Linto* nas "Alterações feitas a nomes" ao final destas notas.

[4] Essa frase, a partir de "e, seduzido pela [...]" foi acrescentada posteriormente, ainda que não muito depois da escrita do texto, ao que parece.

[5] Essa frase, a partir de "e um certo Ellu [...]" foi acrescentada ao mesmo tempo que a frase mencionada na nota 4.

[6] A primeira ocorrência da forma *Uinen*, e assim escrita no momento da composição (isto é, não foi uma correção de *Ónen*).

[7] *Arvalin*: assim escrito no momento da composição, e não uma emenda de *Habbanan* ou *Harmalin* como anteriormente.

[8] Quando meu pai escreveu esses textos, ele o fez primeiro a lápis, e subsequentemente escreveu por cima a tinta, apagando o texto a lápis — do qual pedacinhos podem ser lidos aqui e ali, e a partir do qual se vê que ele alterou um tanto o original conforme prosseguia. Às palavras "resplandeciam maravilhosamente", contudo, ele interrompeu a escrita do texto a caneta e, a partir desse ponto, temos apenas o manuscrito original a lápis, o qual está, em alguns lugares, extremamente difícil de ler, sendo mais apressado, e também esmaecido e borrado pelo passar do tempo. Ao decifrar esse texto, fui derrotado em alguns lugares, e uso colchetes e interrogações para indicar trechos incertos, e fileiras de pontos para mostrar mais ou menos a extensão das palavras ilegíveis.

Deve-se enfatizar, portanto, que daqui em diante há apenas um *primeiro rascunho*, e escrito muito rapidamente, como que jogado na página.

[9] *Arvalin*: aqui e subsequentemente emendado de *Habbanan*; ver nota 7. A explicação é, claramente, que o nome *Arvalin* surgiu no momento ou antes da reescrita a tinta sobre o texto a lápis; embora neste ponto da narrativa estejamos num estágio inicial da composição.

[10] A palavra talvez possa ser lida como "feiticeira".

[11] Outras formas (começando com *Sigm-*) precederam *Silubrilthin*, mas não podem ser interpretadas com certeza. Meril fala como se o nome gnômico fosse a forma usada em Tol Eressëa, mas não está claro o porquê.

[12] "pai de meu avô": a escrita original era "meu avô".

Alterações feitas a nomes em *A Vinda dos Elfos e a Criação de Kôr*

Tinwë Linto < *Linwë Tinto* (essa última é a forma do nome em uma passagem interpolada no conto anterior, ver nota 1). Em duas ocorrências subsequentes de *Linwë* (ver nota 3), o nome não foi alterado, claramente por negligência; nas duas passagens acrescentadas em que o nome ocorre (ver notas 4 e 5), a forma é *Tinwë* (*Linto*).

Inwithiel < *Gim-githil* (a mesma alteração em *O Chalé do Brincar Perdido*, ver aqui).

Tinwelint < *Tintoglin*.

Wendelin < *Tindriel* (ver a passagem interpolada no conto anterior, nota 1).

Arvalin < *Habbanan*, ao longo do conto, exceto uma vez, no qual o nome *Arvalin* foi escrito originalmente; ver notas 7 e 9, p. 135.

Lindeloksë < *Lindelótë* (a mesma alteração em *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor*, ver aqui).

Erumáni < *Harwalin*.

Comentário a *A Vinda dos Elfos e a Criação de Kôr*

Anteriormente (pp. 139–40), falei sobre a grande diferença na estrutura da narrativa no começo deste conto, a saber, que os Elfos aqui despertaram *durante* o cativeiro de Melko em Valinor, ao passo que, na história posterior, foi justamente o Despertar que levou os Valar a fazerem guerra contra Melkor, culminando no seu aprisionamento em Mandos. Assim, o tema da captura dos Elfos em Cuiviénen por Melkor (*O Silmarillion*, p. 81), em última análise muito importante, está por necessidade completamente

ausente. A libertação de Melko de Mandos, aqui, acontece muito mais cedo, antes da vinda dos "embaixadores" élficos a Valinor, e Melko tem um papel no debate a respeito da convocação.

Nota-se que a história de que Oromë encontrou os Elfos recém-despertos remonta ao início (embora aqui Yavanna Palúrien também estivesse presente, ao que parece), mas sua beleza e força singulares é diminuída pelo fato de que Manwë já sabia, de forma independente, da vinda deles, de modo que os grandes Valar não precisaram ser informados por Oromë. O nome *Eldar* já existia em Valinor antes do Despertar, e a história de que foi dado por Oromë ("o Povo das Estrelas") não surgira — como se verá no Apêndice de Nomes, *Eldar* tinha uma etimologia bastante diferente nessa época. A distinção posterior entre os *Eldar*, que seguiram Oromë na jornada a oeste para o oceano, e os *Avari*, os Indesejosos, que não deram ouvidos à convocação dos Valar, não está presente e, de fato, neste conto não há indicação de que quaisquer Elfos que tenham ouvido a convocação a recusaram; havia, contudo, de acordo com outro conto (posterior), Elfos que nunca deixaram Palisor (pp. 278, 282).

Aqui, foi Nornorë, Arauto dos Deuses, e não Oromë, quem levou os três Elfos a Valinor e, depois, retornou com eles às Águas do Despertar (e é notável que, mesmo nessa primeira versão, mais afeita a "explicações" do que a versão posterior, não há sugestão de como eles passaram das regiões longínquas da Terra até Valinor, sendo que, posteriormente, a Grande Marcha só foi realizada com muita dificuldade). A história da inquirição dos três Elfos por Manwë acerca da natureza de sua vinda ao mundo e da perda de toda memória do que veio antes do despertar não sobreviveu aos *Contos Perdidos*.

Outra mudança importante na estrutura é vista no ávido apoio de Ulmo ao grupo que era a favor da convocação dos Elfos até Valinor; em *O Silmarillion* (p. 84), Ulmo era o principal daqueles que “sustentavam que os Quendi deveriam ser livres para caminhar como quisessem na Terra-média”.

Exponho aqui a história inicial dos nomes dos principais Eldar.

Elu Thingol (quenya *Elwë Singollo*) começou como *Linwë Tinto* (ou, simplesmente, *Linwë*); isso foi alterado para *Tinwë Linto* (*Tinwë*). Seu nome gnômico era, inicialmente, *Tintoglin*, e depois *Tinwelint*. Era o líder dos Solosimpi (posteriores Teleri) na Grande Marcha, mas foi seduzido em Hisilómë pela “fata” (*Tindriel* >) *Wendelin* (posterior *Melian*), que veio dos jardins de Lórien em Valinor; ele se tornou senhor dos Elfos de Hisilómë, e a filha deles era *Tinúviel*. O líder dos Solosimpi em seu lugar foi, confusamente, *Ellu* (posteriormente *Olwë*, irmão de Elwë).

O senhor dos Noldoli era *Finwë Nólemë* (também *Nólemë Finwë* e, mais comumente, apenas *Nólemë*); o nome *Finwë* permaneceu por toda a história. Na fala gnômica, ele era *Golfinweg*. Seu filho era *Turondo*, ou *Turgon* em gnômico (mais tarde, Turgon virou neto de Finwë, sendo filho do filho de Finwë, Fingolfin).

O senhor dos Teleri (posteriores Vanyar) era (*Ing* >) *Inwë*, aqui chamado *Isil Inwë* e, em gnômico, (*Gim-githil* >) *Inwithiel*. Seu filho, que construiu a grande torre de Kortirion, era (*Ingilmo* >) *Ingil*. O “clã real” dos Teleri eram os Inwir. Portanto:

Contos Perdidos (formas posteriores dos nomes)	*O Silmarillion*
Isil Inwë (gnômico Inwithiel), senhor dos Teleri	… Ingwë, senhor dos Vanyar
	…
	…

(seu filho Ingil)		
Finwë Nólemë (gnômico Golfinweg), senhor dos Noldoli	… … …	Finwë, senhor dos Noldor
(seu filho Turondo, gnômico Turgon)		(seu neto Turgon)
Tinwë Linto (gnômico Tinwelint), senhor dos Solosimpi, posteriormente senhor dos Elfos de Hisilómë		Elwë Singollo (sindarin Elu Thingol), senhor dos Teleri, posteriormente senhor dos Elfos-cinzentos de Beleriand
Wendelin	… … …	Melian
(sua filha Tinúviel)	… … …	(sua filha Lúthien Tinúviel)
Ellu, senhor dos Solosimpi depois da perda de Tinwë Linto	… … …	Olwë, senhor dos Teleri após a perda de seu irmão, Elwë Singollo

Em *O Silmarillion* (p. 79), é descrita a segunda feitura das estrelas de Varda, antes e em preparação para a vinda dos Elfos:

Então Varda saiu do concílio, e olhou para longe das alturas de Taniquetil, e contemplou a escuridão da Terra-média debaixo das estrelas inumeráveis, tênues e distantes. Então ela principiou um grande trabalho, a maior de todas as obras dos Valar desde sua vinda a Arda. Tomou os orvalhos prateados dos tonéis de Telperion e com eles fez novas e mais brilhantes estrelas para a vinda dos Primogênitos [...]

Na versão inicial, vemos a noção já presente de que as estrelas foram criadas em dois atos separados — que uma nova feitura de estrelas por Varda celebrou a vinda dos Elfos, mesmo que, aqui, os Elfos já estivessem despertos; e que as novas estrelas derivaram da luz líquida que caiu da Árvore-da-Lua, Silpion. O trecho de *O Silmarillion* citado acima prossegue dizendo que foi no momento da segunda feitura de estrelas que Varda, "alto no norte, como um desafio a Melkor, dispôs a girar a coroa de sete estrelas magnas, Valacirca, a Foice dos Valar e sinal de julgamento"; mas, aqui, isso é negado, e uma origem especial é atribuída à Ursa Maior, cujas estrelas não foram criação de Varda, mas centelhas que escaparam da forja de Aulë. No caderninho mencionado na pp. 34–5, repleto de rabiscos desconjuntados e projetos anotados com pressa, uma forma diferente desse mito aparece:

> A Foice de Prata
> As sete borboletas
> Aulë estava fazendo uma foice de prata. Melko interrompeu seu trabalho, contando-lhe uma mentira a respeito da senhora Palúrien. Aulë furioso de tal forma que despedaça a foice com um golpe. Sete centelhas saltam e voam para o firmamento. Varda as pegou e deu-lhes um lugar nos céus como sinal da honra de Palúrien. Elas voam agora para sempre na forma de uma foice, girando ao redor do polo.

Não há dúvidas, penso, de que essa nota é anterior ao presente texto.

A estrela Morwinyon, "que arde sobre a borda do mundo a oeste", é Arcturo; veja o Apêndice de Nomes. Em nenhum lugar se explica por que Morwinyon-

Arcturo é miticamente concebida como estando sempre a oeste.

Voltando-nos agora para a Grande Marcha e a travessia do oceano, a origem de Tol Eressëa na ilha sobre a qual Ossë levou os Deuses para as terras ocidentais à época da queda das Lamparinas (ver aqui) necessariamente se perdeu depois com o desaparecimento dessa história, e Ossë deixou de ter qualquer direito de propriedade sobre ela. A ideia de que os Eldar vieram às praias das Grandes Terras em três companhias grandes e separadas (na ordem Teleri — Noldoli — Solosimpi, posteriormente Vanyar — Noldor — Teleri) remonta ao início; mas, aqui, o primeiro e o segundo povo cruzaram o oceano sozinhos e, posteriormente, atravessaram-no juntos.

Em *O Silmarillion* (p. 92), “muitos anos” se passaram até que Ulmo retornou para buscar o último dos três clãs, os Teleri, tanto tempo que eles haviam se enamorado das costas da Terra-média, e Ossë conseguiu persuadir alguns deles a ficar (Círdan, o Armador, e os Elfos da Falas, com seus portos em Brithombar e Eglarest). Não há vestígio disso no relato mais antigo, embora esteja presente o gérmen da ideia de que aqueles que chegaram por último esperaram longamente por Ulmo. Na versão publicada, a causa da ira de Ossë pelo transporte dos Eldar na ilha flutuante desapareceu, e seu motivo para ancorar a ilha no oceano é completamente distinto: de fato, ele o fez a pedido de Ulmo (*ibid*., p. 93), que, de toda forma, se opunha à convocação dos Eldar a Valinor. Mas a ancoragem de Tol Eressëa como um ato de rebeldia de Ossë permaneceu por muito tempo como um elemento na história. Não se esclarece que outras “ilhas dispersas de seu domínio” (p. 151) Ossë ancorou ao fundo do mar; mas, visto que, no mapa do

Mundo-Navio, a Ilha Solitária, as Ilhas Mágicas e as Ilhas do Crepúsculo são mostradas todas como “pináculos desde suas algosas profundezas” (ver pp. 108–10), foram provavelmente estas que Ossë agora fixou (embora Rúmil e Meril ainda falem das Ilhas do Crepúsculo como “flutuando” nos Mares Sombrios, pp. 89, 156).

Na história antiga, fica muito claro que Tol Eressëa foi ancorada longe, no meio do oceano, “e terra alguma pode ser vista navegando-se por muitas léguas desde suas falésias”. De fato, essa é a razão para seu nome, que foi apoucado quando a Ilha Solitária passou a ser localizada na Baía de Eldamar. Mas as palavras ditas sobre Tol Eressëa no último capítulo de *O Silmarillion* (relativamente pouco retrabalhado ou revisto), “a Ilha Solitária, que se volta tanto para o oeste quanto para o leste”, sem dúvida deriva da velha história; no conto de *Ælfwine da Inglaterra* se vê a origem dessa frase: “a Ilha Solitária, voltada para o Leste, ao Arquipélago Mágico, e às terras de Homens além dele, e para o Oeste, para as Sombras além das quais ao longe se vislumbra a Terra de Fora, o reino dos Deuses”. A profunda separação da fala dos Solosimpi daquela dos outros clãs, mencionada neste conto (p. 151), foi preservada em *O Silmarillion*, mas a ideia surgiu nos dias quando Tol Eressëa estava muito mais distante de Valinor.

Como se observa frequentemente na evolução desses mitos, uma ideia inicial sobreviveu em um contexto completamente outro: aqui, o crescimento de árvores e plantas nas encostas ocidentais da ilha flutuante começou porque, por duas vezes, ela estacionou na Baía de Feéria e recebeu a luz das Árvores quando os Teleri e os Noldoli desembarcaram, e essa beleza e fertilidade permaneceram desde aqueles tempos após ela ser ancorada longe de

Valinor, no meio do oceano; posteriormente, essa ideia sobreviveu no contexto da luz das Árvores que passava por Calacirya e recaía sobre Tol Eressëa, perto da Baía de Eldamar. De modo parecido, parece que o ensino da música e do saber do mar por parte de Ulmo aos Solosimpi, enquanto sentava-se num promontório de Tol Eressëa, depois de ela ter sido ancorada ao fundo do mar, foi transferida para a instrução de Ossë aos Teleri de “toda maneira de saber do mar e de música do mar”, sentado numa rocha na costa da Terra-média (*O Silmarillion*, p. 92).

Muito notável é o relato incluído aqui sobre a fenda nas Montanhas de Valinor. Em *O Silmarillion* (pp. 93–4), os Valar abriram essa fenda, o Calacirya, ou Passo da Luz, apenas depois da vinda dos Eldar até Aman, pois “mesmo entre as flores radiantes dos jardins iluminados pelas Árvores de Valinor, eles [os Vanyar e Noldor] ainda ansiavam, às vezes, por ver as estrelas”; enquanto neste conto era uma característica “natural”, associada a uma longa angra que adentrava do mar.

Do relato da vinda dos Elfos às costas das Grandes Terras, é possível ver (p. 148) que Hisilómë era uma região que fazia fronteira com o Grande Mar, em conformidade com sua identificação, no mapa mais antigo, com a região marcada com a letra *g* (ver pp. 105, 141); e, mais notável, vemos aqui a ideia de que Homens foram presos em Hisilómë por Melko, uma ideia que sobreviveu até a versão final, quando, após a Nirnaeth Arnoediad, os Homens Lestenses foram recompensados por sua contribuição traidora a Melkor sendo fechados em Hithlum (*O Silmarillion*, p. 265).

Na descrição da colina e cidade de Kôr, há muitas características que nunca se perderam em relatos posteriores de Tirion sobre Túna. Ver *O Silmarillion*, p. 94:

Sobre o cume de Túna a cidade dos Elfos foi construída, as muralhas alvas e os terraços de Tirion; e a mais alta das torres daquela cidade era a Torre de Ingwë, Mindon Eldaliéva, cuja luz prateada iluminava ao longe as brumas do mar.

A poeira de ouro e de “metais mágicos” que Aulë empilhou aos pés de Kôr empoaram os sapatos e a vestimenta de Eärendil quando ele subiu “as longas escadas brancas” de Tirion (*ibid*., p. 330).

Não se diz aqui se as mudas de Laurelin e Silpion, dadas pelos Deuses a Inwë e Nólemë, que “floriam eternamente sem esmorecer”, também proviam luz, mas mais adiante, nos *Contos Perdidos* (p. 213), após a Fuga dos Noldoli, as Árvores de Kôr são novamente mencionadas e, ali, as árvores dadas a Inwë “ainda brilhavam”, enquanto as árvores dadas a Nólemë tinham sido desenraizadas e “levadas ninguém sabia para onde”. Em *O Silmarillion* (p. 94), diz-se que Yavanna fez para os Vanyar e os Noldor “uma árvore semelhante a uma imagem menor de Telperion, salvo que ela não produzia luz de seu próprio ser”; ela foi “plantada nos pátios sob a Mindon e lá floresceu, e suas mudas eram muitas em Eldamar”. Dela veio a Árvore de Tol Eressëa.

Em relação a essa descrição da cidade dos Elfos em Valinor, incluo aqui um poema chamado *Kôr*. Foi escrito em 30 de abril de 1915 (dois dias após *Pés de Gobelim* e *Tu e Eu*, ver pp. 40, 46), e dois textos dele sobrevivem: o primeiro, manuscrito, tem o subtítulo “Em uma Cidade Perdida e Morta”. O segundo, datilografado, foi aparentemente intitulado, de início, *Kôr*, mas depois foi alterado para *A Cidade dos Deuses*, e o subtítulo, apagado; e com esse título o poema foi publicado em Leeds, em 1923.[a] Nenhuma

alteração foi feita ao texto, exceto que a penúltima linha, “não há aves”, foi alterada já no manuscrito para “não há voz”. Parece possível, especialmente tendo em vista o subtítulo original, que o poema descrevia Kôr depois de os Elfos a terem deixado.

Kôr
Em uma Cidade Perdida e Morta

Colina enorme, negra e de altos muros,
Num mar de azul os seus olhos se espraiam
Sob azul céu, em cujo solo escuro
Qual perla em porfírico piso raiam
Marmóreos templos, rútilos salões;
E sombra parda à meia-luz se adensa
Nas belas barras sobre os paredões
Lançada pelas árvores imensas
Qual pilares pétreos sob o domo alto
Com capitéis e fustes de basalto.
Morosos dias esquecidos colhem
Sombras quietas, contando ricas horas;
Não há voz; as alvas torres marmóreas
Quentes, mudas, ardem e se recolhem.[A]

A história da evolução das aves marinhas com Ossë, e de como os Solosimpi chegaram, afinal, em Valinor, em navios com formato de cisne puxados por gaivotas, para pesar de Ossë, é muito diferente do relato em *O Silmarillion* (p. 96):

Por uma longa era [os Teleri] habitaram em Tol Eressëa; mas lentamente seus corações foram mudando, atraídos para a luz que manava através

do mar para a Ilha Solitária. Estavam divididos entre o amor pela música das ondas sobre suas praias e seu desejo de ver de novo sua gente e contemplar o esplendor de Valinor; mas, no fim, o desejo pela luz foi o mais forte. Portanto, Ulmo, submetendo-se à vontade dos Valar, enviou-lhes Ossë, seu amigo, e ele, ainda que entristecido, ensinou-lhes a arte da construção de navios; e, quando seus navios estavam prontos, trouxe-lhes, como presente de despedida, muitos cisnes de asas fortes. Então os cisnes puxaram os navios brancos dos Teleri por sobre o mar sem ventos. E assim, por fim e por último, chegaram a Aman e às costas de Eldamar.

> Mas os cisnes permaneceram como presente de Ossë aos Elfos de Tol Eressëa, e os navios dos Teleri mantiveram a forma dos navios construídos por Aulë para os Solosimpi: eles “eram feitos à semelhança de cisnes, com bicos de ouro, e olhos de ouro e azeviche” (*ibid.*, p. 97).

> O trecho com a descrição geográfica que se segue (pp. 155–56) é curioso, pois é extremamente parecido (e até mesmo, em algumas frases, idêntico) ao do conto *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor*, pp. 88–9. Uma explicação para essa repetição é sugerida abaixo. Essa segunda versão fornece, de fato, pouca informação nova, sendo que a principal diferença substancial é a menção a Tol Eressëa. Fica claro agora que os Mares Sombrios eram uma região do Grande Mar a oeste de Tol Eressëa. Em *O Silmarillion* (pp. 148–49), a concepção fora alterada, com a mudança na

ancoragem de Tol Eressëa: quando da Ocultação de Valinor,

as Ilhas Encantadas foram dispostas, e todos os mares à volta delas ficaram cheios de sombras e desconcerto. E essas ilhas estendiam-se como uma rede nos Mares Sombrios, do norte ao sul, antes que Tol Eressëa, a Ilha Solitária, fosse alcançada por quem navegava para o oeste.

Há um outro elemento de repetição no relato da fenda nas Montanhas de Valinor e a colina de Kôr na ponta de uma angra (p. 158), que já foi descrita antes nesse mesmo conto (p. 152). A explicação para essa repetição pode ser encontrada, quase com certeza, nas duas camadas de composição desse conto (ver nota 8); pois a primeira dessas passagens está na porção revisada e a segunda, no texto original, a lápis. Durante a revisão, penso que meu pai simplesmente incluiu a passagem anterior a respeito da fenda nas Montanhas, a colina e a angra, e, caso tivesse continuado a revisão do conto até o fim, a segunda passagem teria sido cortada. Essa explicação também pode ser sugerida para a repetição do trecho a respeito das ilhas no Grande Mar e a costa de Valinor do conto *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor*; mas, nesse caso, a implicação deve ser que a revisão a caneta sobre o manuscrito original, a lápis, foi feita quando esse último já tinha avançado muito na narrativa.

Em *O Silmarillion*, o relato inteiro da criação das gemas pelos Noldoli foi comprimido nessas palavras (pp. 94–5):

E veio a se passar que os pedreiros da casa de Finwë, escavando os montes em busca de rochas (pois se deleitavam na construção de altas torres), foram os primeiros a descobrir as gemas da terra, e eles as trouxeram à luz em miríades incontáveis; e criaram ferramentas para cortar gemas e lhes dar forma, e as entalharam de muitos feitios. Não as entesouravam, mas as davam livremente e, por seu labor, enriqueceram toda Valinor.

Assim, o relato rapsódico ao final deste conto, que trata da feitura das gemas a partir de materiais "mágicos" — luz das estrelas, e *ilwë*, orvalhos e pétalas, substâncias vítreas tingidas com o sumo de flores — foi abandonado, e os Noldor tornaram-se mineradores, de fato engenhosos, mas apenas minerando aquilo que podia ser encontrado nas rochas de Valinor. Por outro lado, em uma passagem anterior em *O Silmarillion* (p. 69), a ideia antiga permanece: "Os Noldor também foram os que primeiro chegaram a criar gemas preciosas." Desnecessário dizer que tudo seria suplantado pela parcimônia da escrita posterior; nesta narrativa inicial, as Silmarils não se destacam fortemente dentro do acúmulo de maravilhas que é o restante das gemas criadas pelos Noldoli.

Características que permaneceram são a generosidade dos Noldor ao dar suas gemas e espalhá-las nas praias (ver *O Silmarillion*, p. 96: "Muitas joias os Noldor lhes deram [aos Teleri], opalas e diamantes e cristais pálidos, que eles lançavam pela costa e espalhavam nas poças"); as pérolas que os Teleri ganharam no mar (*ibid*.); as safiras que os Noldor deram a Manwë ("e seu cetro é de safira, que os Noldor lhe fizeram", *ibid*., p. 69); e, é claro, Fëanor

como criador das Silmarils — embora, como se verá no conto seguinte, Fëanor ainda não era filho de Finwë (Nólemë).

Concluo este comentário com outro poema antigo que trata da matéria deste conto. É dito (p. 148) que os Homens em Hisilómë temiam os Elfos Perdidos, chamando-os de Povo da Sombra, e que o seu nome para a terra era *Aryador*. O significado dele está dado na antiga lista de palavras gnômicas como “terra ou lugar de sombra” (cf. os significados de *Hisilómë* e *Dor Lómin*, p. 141).

O poema é chamado *Uma Canção de Aryador*, e sobrevive em duas cópias; de acordo com notas a eles, foi escrito em um acampamento do exército próximo a Lichfield, em 12 de setembro de 1915. Até onde sei, jamais foi publicado. A primeira cópia, um manuscrito, também tem o título em inglês antigo: *Án léoþ Éargedores*; a segunda cópia, datilografada, quase não tem diferenças no texto, mas pode-se notar que a primeira palavra da terceira estrofe, “Ela”, é uma correção de “Ele” em ambas as cópias.

Uma Canção de Aryador

Nos vales de Aryador
Junto à praia do interior
Campos lacustres verdeais
Vão-se aos múrmuros juncais
Que tugem no ocaso em Aryador:

“Estás ouvindo as campanas
Dos bodes nas terras planas
Onde o vale desce desde os pinheirais?

E a mata azul a chorar
Vendo a Sol indo caçar
As sombras montesas nos pinheirais?

Ela nos montes sumiu
E o planalto se cobriu
Com o povo sombrio que nos feitais tuge;
E ainda há as campanas
E as vozes nas terras planas
E, no Leste, uma estrela ou outra surge.

Os homens acendem fachos
Nos montanhosos riachos
Onde moram, nos faiais perto do mar,
Mas as árvores, na altura,
Veem que a luz já mal fulgura
E ao vento coisas de antes vêm contar.

Quando o vale era insabido,
E da água era só o rugido,
E o povo sombrio dançava em noite escura,
Quando a Sol para longe ia
Por grandes matas bravias
E os bosques se enchiam de luz que fulgura.

Voz havia em terras planas,
Sons de fantasmais campanas
E a marcha do povo sombrio na altura.
Na serra de mar banhada
Da Aryador olvidada
A dança trincolejava
E o povo sombrio cantava
Cantos antigos de deidades passadas.”[B]

[a] A publicação foi numa revista chamada *The Microcosm* [O Microcosmo], editada por Dorothy Ratcliffe, volume VIII, n. 1, primavera de 1923.

6

O Roubo de Melko e o Obscurecer de Valinor

Novamente, esse título foi retirado da capa do caderno que contém o texto; a narrativa, ainda escrita rapidamente a lápis (ver nota 8 no capítulo anterior), com algumas correções contemporâneas ou posteriores, continua sem interrupção.

Agora Eriol voltou ao Chalé do Brincar Perdido, e seu amor por todas as coisas que via à sua volta, e seu desejo por compreendê-las todas, tornou-se mais profundo. Tinha sede incessante de saber ainda mais da história dos Eldar; e jamais deixou de estar entre aqueles que, a cada noite, iam à Sala do Fogo-do-Conto; e dessa forma, certa vez, quando já havia morado por um tempo como hóspede de Vairë e Lindo, aconteceu de Lindo, respondendo à sua súplica, falar assim de sua funda cadeira:

“Ouve então, ó Eriol, se tu quiseres [saber] como veio a ser que o encanto de Valinor foi abatido, ou como os Elfos puderam ser compelidos a deixar as costas de Eldamar. Pode bem ser que tu já saibas que Melko habitou em Valmar como serviçal na casa de Tulkas, naqueles dias de júbilo dos Eldalië; lá nutriu seu ódio pelos Deuses e sua inveja corrosiva dos Eldar, mas foi sua cobiça pela

beleza das gemas, apesar de toda sua fingida indiferença, que acabou dominando sua paciência e o fez tramar profunda e maleficamente.

Ora, somente os Noldoli naqueles tempos conheciam a arte de fazer essas belas coisas e, apesar de seus ricos presentes a todos os que amavam, o tesouro que possuíam delas era, de longe, o maior, de sorte que Melko, sempre que pode, vai ter com eles, falando palavras ardilosas. Dessarte, longamente buscou implorar presentes de joias para si mesmo, e talvez também iludir os incautos para aprender algo de sua arte oculta, mas, vendo que nenhum desses artifícios deu resultado, procurou semear malignos desejos e desacordos entre os Gnomos, contando-lhes aquela mentira a respeito do Concílio quando os Eldar foram primeiro convidados a Valinor.[1] ‘Escravos é o que sois,’, dizia, ‘ou crianças, se preferirdes, instados a divertir-vos com brinquedos e a não ir longe demais e a não saber demais. Aprazíveis dias os Valar talvez vos deem, como dizeis; mas tentai cruzar seus muros e haveis de conhecer a dureza de seus corações. Vede, eles usam vosso engenho, e à vossa beleza se agarram como ornamento de seus reinos. Isso não é amor, mas desejo egoísta — fazei o teste. Rogai pela herança que Ilúvatar vos designou — todo o vasto mundo para percorrer, com todos os seus mistérios para explorar, e todas as substâncias que se tornariam material de ofícios portentosos que não podem jamais se realizar nestes jardins

estreitos cercados pelas montanhas, confinados pelo mar impassável.’

Ao escutar essas coisas, apesar do conhecimento verdadeiro que Nólemë possuía e espalhava, havia muitos que davam ouvidos a Melko com metade de seus corações, e a inquietude cresceu entre eles, e Melko punha óleo nos seus ardentes desejos. Dele aprenderam muitas coisas que não eram boas para ninguém saber, salvo os grandes Valar, pois, quando são meio compreendidas, essas coisas profundas e ocultas trucidam a felicidade; e, ademais, muitas das palavras de Melko eram mentiras ardilosas ou apenas meias verdades, e os Noldoli cessaram de cantar, e suas violas silenciaram sobre a colina de Kôr, pois seus corações ficaram um tanto mais velhos conforme seu saber se aprofundava e seus desejos se inchavam, e os livros de sua sabedoria se multiplicavam como folhas na floresta. Pois sabei que, naqueles dias, Aulë, auxiliado pelos Gnomos, inventou alfabetos e escritas, e nos muros de Kôr havia muitos contos sombrios escritos em símbolos pintados, e runas de grande beleza foram pintadas lá também, ou entalhadas em pedras, e Eärendel leu vários contos maravilhosos lá, há muito tempo, e talvez ainda haja ali muitos para se ler, se não tiverem se desfeito em poeira. Os outros Elfos não davam demasiada atenção a essas coisas e, por vezes, entristeciam-se e amedrontavam-se pela alegria apoucada de seus parentes. Isso dava a Melko grande contentamento, e ele tramava com

paciência, aguardando o momento e, contudo, não chegava perto de seu objetivo, pois, apesar de todos os seus labores, a glória das Árvores e a beleza das gemas e a memória dos caminhos sombrios desde Palisor refreavam os Noldoli — e Nólemë falava sempre contra Melko, acalmando a inquietude e descontentamento deles.

Afinal, tão grande tornou-se sua aflição que se aconselhou com Fëanor, e mesmo com Inwë e Ellu Melemno (que então liderava os Solosimpi), e acolheu a recomendação deles de que o próprio Manwë deveria ser avisado dos expedientes sombrios de Melko.

E Melko, sabendo disso, ficou furioso com os Gnomos e, indo antes deles até Manwë, curvou-se profundamente, e falou como os Noldoli ousaram murmurar em seus ouvidos contra o senhorio de Manwë, afirmando que, em engenho e beleza, eles (a quem Ilúvatar destinara a posse de toda a terra) em muito superavam os Valar, para os quais precisavam laborar sem paga. Pesado ficou o coração de Manwë a essas palavras, pois há muito temia que a grande amizade dos Valar e Eldar pudesse, talvez, um dia se quebrar, sabendo que os Elfos eram filhos do mundo e deveriam, um dia, voltar para o seu seio. Ora, e se todos esses feitos, mesmo a maldade aparentemente desnecessária de Melko, fossem apenas uma porção desse destino d’outrora? E, no entanto, o Senhor dos Deuses se mostrou frio ao informante, e eis que mesmo enquanto ele o questionava mais profundamente, a embaixada de Nólemë achegou-

se e, recebendo permissão, falou a verdade diante dele. Em virtude da presença de Melko, talvez, falaram um tanto menos habilmente em prol de sua causa do que poderiam, e talvez até mesmo o coração de Manwë Súlimo estivesse maculado pelo veneno das palavras de Melko, pois a peçonha da malícia de Melko é mesmo muito potente e sutil.

Seja como for, tanto Melko quanto os Noldoli foram repreendidos e dispensados. De fato, Melko foi obrigado a voltar a Mandos e ali habitar um tempo em penitência, sem se atrever a pisar em Valmar por muitas luas, até que o grande festival que ora se aproximava chegasse e passasse; mas Manwë, temeroso de que a poluição de seu descontentamento pudesse se espalhar entre os outros clãs, ordenou que Aulë encontrasse outros lugares e para lá levasse os Noldoli, e que lhes construísse uma nova cidade onde pudessem morar.

Grande foi o pesar sobre a colina de Kôr quando essas novas foram levadas para lá e, embora todos estivessem irados com a perfídia de Melko, ainda assim havia agora nova amargura contra os Deuses, e o murmurinho ficou mais alto do que antes.

Um riacho de nome *Híri* descia as colinas a norte da abertura para a costa onde Kôr foi construída, e ele meandrava desde lá, atravessando a planície ninguém sabia até onde. Talvez encontrasse os Mares de Fora, pois a norte das raízes de Silpion ele mergulhava na terra, e lá era um local acidentado e um vale cercado de

rochas; e aí os Noldoli pretendiam morar ou, antes, aguardar que se amainasse a ira do coração de Manwë, pois, por ora, de modo algum aceitariam sequer pensar em deixar Kôr para sempre.

Cavernas fizeram nos paredões daquele vale, e para lá levaram sua riqueza de gemas, de ouro e prata e belas coisas; mas seus antigos lares em Kôr estavam esvaziados de suas vozes, cheios somente de suas pinturas e seus livros de saber, e as ruas de Kôr e todos os caminhos de Valmar brilhavam ainda com [?gemas] e mármores talhados contando dos dias da felicidade dos Gnomos que agora chegava ao declínio.

Ora, Melko vai para Mandos e, longe de Valinor, planeja rebelião e vingança contra Gnomos e Deuses. De fato, morando por quase três eras nas masmorras de Mandos, Melko amigara-se de certos espíritos lúgubres ali, e os perverteu ao mal, prometendo-lhes grandes propriedades e regiões da Terra para [?si mesmos] caso o ajudassem quando os convocasse na necessidade; e agora ele os reúne nas ravinas sombrias das montanhas em redor de Mandos. De lá, manda espiões invisíveis como sombras fugidias quando Silpion está em flor e descobre dos feitos dos Noldoli e de tudo o que se passa na planície. Ora, logo depois aconteceu, de fato, que os Valar e os Eldar fizeram um grande festival, o mesmo de que Manwë falara, ordenando que Melko livrasse Valmar de sua presença na ocasião; sabei, pois, que eles festejavam em um dia a cada sete anos para celebrar a vinda dos Eldar a Valinor e, a cada três anos, uma festa

menor para comemorar a vinda da alva frota dos Solosimpi às praias de Eldamar; mas, a cada vinte e um anos, quando ambas essas festividades caíam juntas, faziam uma da maior magnificência, e ela durava sete dias e, em virtude disso, tais anos eram chamados de ‘Anos de Duplo Júbilo’;[a] e esses festivais todos os Koreldar, seja lá onde estejam agora no vasto mundo, ainda celebram. Ora, aquele festival que se aproximava era um de Duplo Júbilo, e todas as hostes dos Deuses e Elfos preparavam-se para celebrá-lo gloriosissimamente. Cortejos havia e longas procissões dos Elfos, dançando e cantando, que serpenteavam desde Kôr até os portões de Valmar. Uma estrada fora construída para esse festival desde o portão oeste de Kôr até as torrelas do imponente arco que se abria nas muralhas de Valmar ao norte, na direção das Árvores. De branco mármore foi feita, e muitos regatos suaves correndo das montanhas distantes cruzavam seu curso. Nesses lugares ela se elevava em pontes esguias, maravilhosamente ladeadas com balaustradas delicadas que brilhavam como pérolas; elas mal se erguiam sobre a água, de sorte que lírios de grande beleza que cresciam no leito dos regatos, os quais seguiam gentilmente pela planície, esticavam suas grandes flores pelas beiradas, e íris marchavam pelos flancos; pois por habilidosa escavação canais de claríssima água fizeram fluir de arroio em arroio, margeando todo aquele longo caminho com o ruído fresco de água ondulante. Nuns lugares, grandes árvores cresciam

de cada lado; noutros lugares, a estrada abria-se numa clareira e fontes jorravam por magia no ar, para refrigério de todos os que iam por aquele caminho.

Agora os Teleri chegaram, liderados pelo povo de brancos trajes dos Inwir, e o tanger de suas harpas congregadas agitam dulcíssimas o ar; e depois deles foram os Noldoli, misturando-se uma vez mais com seu próprio povo querido por clemência de Manwë, para que seu festival pudesse ser devidamente celebrado, mas a música que suas violas e instrumentos despertou era agora mais docemente triste do que jamais fora. E, por último, veio o povo das costas, e seu flautear mesclado de vozes trouxe para o interior da terra sobre a planície a sensação das marés e de vagalhões murmurantes e do grito lamurioso dos pássaros que amam as costas.

Então toda aquela hoste se reuniu diante do portão de Valmar e, ao mando e sinal de Inwë, como uma só voz, irromperam em uníssono na Canção de Luz. Lirillo[2] a havia escrito e lhes ensinado, e ela falava do anseio dos Elfos por luz, de sua terrível jornada pelo mundo sombrio levados pelo desejo das Duas Árvores, e cantava de sua alegria extrema contemplando o semblante dos Deuses e seu desejo renovado, uma vez mais, de entrar em Valmar e pisar nos pátios abençoados dos Valar. Então abriram-se os portões de Valmar, e Nornorë pediu que entrassem, e toda aquela fulgurante companhia atravessou. Varda os encontrou ali, em meio às companhias dos Mánir e

Súruli, e todos os Deuses os recepcionaram e banquetes houve depois em todos os grandes salões.

Ora, o costume era, no terceiro dia, vestir-se todo de branco e azul e subir às alturas de Taniquetil, e lá Manwë lhes falava conforme achasse adequado da Música dos Ainur e da glória de Ilúvatar, e de coisas que seriam e que foram. E nesse dia Kôr e Valmar ficavam silenciosas e sossegadas, mas o teto do mundo e a encosta de Taniquetil brilhavam com a roupagem cintilante dos Deuses e Elfos, e todas as montanhas ecoavam com suas falas — mas, depois, no último dia de folguedo, os Deuses iam até Kôr e sentavam-se nas encostas de sua brilhante colina, olhando amorosamente aquela graciosa cidade, e depois, bendizendo-a em nome de Ilúvatar, partiam antes que Silpion florisse; e assim terminavam os dias de Duplo Júbilo.

Mas, nesse ano fatídico, Melko atreveu-se, por seu blasfemo coração, escolher justamente o dia do discurso de Manwë sobre Taniquetil para levar a cabo seus desígnios; pois nesse momento Kôr e Valmar e o vale cercado de rochas de Sirnúmen estariam desprotegidos: pois contra quem, de fato, precisariam Elfo ou Vala se proteger naqueles dias antigos?

Descendo então com seu povo sombrio no terceiro dia de Samírien, como era chamado aquele festival, ele passou pelos salões escuros da morada de Makar (pois mesmo aquele Vala feroz fora até Valmar honrar o momento e, de fato,

todos os Deuses foram, salvo apenas Fui e Vefántur, e mesmo Ossë estava lá, ocultando por aqueles sete dias sua contenda e inveja de Ulmo). Aqui um pensamento acomete o coração de Melko, e ele secretamente arma a si mesmo e a seu bando com espadas mui afiadas e cruéis, e isso lhes serviu bem: pois agora todos adentram furtivamente o vale de Sirnúmen, onde os Noldoli agora têm sua morada, e vede, os Gnomos — em virtude das maquinações em seus corações causadas pelo próprio ensinamento de Melko — tornaram-se cautelosos e desconfiados além do comum para os Eldar daqueles dias. Junto aos tesouros foram postados guardas de certa força que não foram ao festival, ainda que isso fosse contrário aos costumes e ordenanças dos Deuses. De súbito, agora, irrompe uma guerra cruel no coração de Valinor, e esses guardas são mortos, ao mesmo tempo em que a paz e o regozijo sobre Taniquetil, ao longe, são grandiosos — em verdade, por causa disso ninguém ouviu seus gritos. Ora, Melko sabia que, de fato, seria guerra para sempre entre ele e toda a outra gente de Valinor, pois havia assassinado os Noldoli — convidados dos Valar — diante das portas de seus próprios lares. Com as próprias mãos, de fato, assassinou Bruithwir, pai de Fëanor,[3] e, forçando a entrada naquela rochosa casa que ele defendia, Melko pôs as mãos naquelas gloriosíssimas gemas, as Silmarils, encerradas numa arca de marfim. Ora, todo aquele grande tesouro de gemas ele saqueou e, carregando-se a si e a todos os seus

companheiros ao máximo, pensa em como pode escapar.

Sabei, pois, que Oromë tinha grandes estábulos e uma caudelaria de bons cavalos não muito longe dali, onde uma terra de matas havia crescido. Para lá Melko vai furtivamente, e uma manada de negros cavalos ele captura, intimidando-os com o terror que conseguia infligir. Para longe então cavalga toda aquela companhia de ladrões, após destruir as coisas de menor valor que julgaram impossível levar dali. Percorrendo um amplo circuito e indo embora com a velocidade de furacões tal qual somente poderiam alcançar os cavalos divinos de Oromë montados pelos filhos dos Deuses, eles passam para o oeste de Valmar nas regiões inexploradas onde a luz das Árvores era rala. Muito antes de o povo ter descido de Taniquetil, e muito antes do final do banquete ou de os Noldoli terem voltado para encontrar seus lares despojados, Melko e seus [?ladrões] haviam cavalgado para o sul profundo e, encontrando ali uma baixada nas colinas, passaram para as planícies de Eruman. Bem poderiam Aulë e Tulkas lamentar sua negligência ao deixar tal baixada muito tempo antes, quando ergueram aqueles montes para barrar todo o mal da planície — pois aquele era o lugar por onde eles soíam entrar em Valinor após suas caçadas nos campos de Arvalin.[4] De fato, diz-se que essa cavalgada em meio-círculo, laboriosa e perigosa como era, não foi de início parte do desígnio de Melko, pois ele pretendia, antes, rumar norte pelos passos

próximos a Mandos; mas isso advertiram-lhe que não poderia ser feito, pois Mandos e Fui jamais deixavam aqueles reinos, e todas as ravinas e abismos das montanhas ao norte estavam infestados de seu povo e, apesar de toda a sua tenebrosidade, Mandos não era rebelde a Manwë e nem aprovava feitos cruéis.

Muito ao norte, caso se consiga suportar o frio como Melko conseguia, conta-se em antigo saber que os Grandes Mares se estreitam até se tornarem coisa pouca e, sem auxílio de navios, Melko e sua companhia poderiam ter entrado em segurança no mundo; mas isso não foi feito, e o triste conto tomou seu curso estabelecido, do contrário as Duas Árvores talvez ainda pudessem brilhar e os Elfos, cantar em Valinor.

Enfim, aquele dia de festival termina e os Deuses voltam-se na direção de Valmar, caminhando pela branca estrada desde Kôr. As luzes cintilam na cidade dos Elfos e lá habita a paz, mas os Noldoli vão tristes pela planície para Sirnúmen. Silpion está rebrilhando naquela hora e, antes que se desvaneça, o primeiro lamento pelos mortos jamais ouvido em Valinor ergue-se daquele vale rochoso, pois Fëanor lamenta a morte de Bruithwir; e muitos dos Gnomos, ademais, descobrem que os espíritos de seus mortos adejaram rumo a Vê. Mensageiros então cavalgam apressados até Valmar trazendo notícias dos acontecimentos, e lá encontram Manwë, pois ele

ainda não deixou a cidade rumo à sua morada sobre Taniquetil.

‘Ai, ó Manwë Súlimo,’ lamentam, ‘o mal penetrou as Montanhas de Valinor e tombou sobre Sirnúmen da Planície. Lá jaz morto Bruithwir, pai de Fëanor,[5] além de muitos dos Noldoli, e todo o nosso tesouro de gemas e belas coisas, e o caro labor de nossas mãos e corações por muitos anos nos foi roubado. Aonde foram, ó Manwë, cujos olhos tudo veem? Quem causou este mal, pois os Noldoli clamam por vingança, ó mais [?justo]!’

Então disse-lhes Manwë: ‘Vede, ó Filhos dos Noldoli, meu coração se entristece por vós, pois o veneno de Melko já vos alterou, e a cobiça achou lugar em vossos corações. Eis que, não tivésseis vós considerado vossas gemas e tecidos[6] como tendo mais valor que o festival do povo ou as ordenanças de Manwë, vosso senhor, isso não teria passado, e Bruithwir go-Maidros e aqueles outros desafortunados viveriam ainda, e vossas joias não estariam em maior perigo. Não, minha sabedoria me diz que, pela morte de Bruithwir e seus camaradas, os maiores males hão de sobrevir a Deuses e Elfos, e aos Homens vindouros. Sem os Deuses que vos trouxeram à luz e vos deram todos os materiais de vosso ofício, ensinando a vossa ignorância inicial, nenhuma dessas belas coisas que agora amais tanto teria existido; o que foi feito pode novamente ser feito, pois o poder dos Valar não muda; mas mais valiosas do que toda a glória de Valinor e toda a graça e beleza de Kôr são a paz e a felicidade e a sabedoria, e essas, uma vez

perdidas, são difíceis de se recapturar. Cessai, pois, de murmurar e de falar contra os Valar, e de vos colocar, em vossos corações, como iguais à sua majestade; antes, parti agora em penitência, sabendo muito bem que Melko obrou esse mal contra vós, e que vossos tratos secretos com ele causaram toda essa perda e pesar. Não confieis nele novamente, portanto, nem em quaisquer outros que sussurrem palavras secretas de descontentamento entre vós, pois seu fruto é a humilhação e o desalento.’

E a embaixada ficou vexada e temerosa, e retornou a Sirnúmen completamente desanimada; ainda assim, o coração de Manwë estava mais pesado que o deles, pois as coisas tinham ido mal de fato e, no entanto, previu que coisa pior estava por vir; e assim os destinos dos Deuses se encaminharam, pois vede! aos Noldoli as palavras de Manwë pareciam frias e insensíveis, e eles não conheciam seu pesar e sua ternura; e Manwë os achou estranhamente mudados e voltados à cobiça, ansiando apenas por conforto, sendo como crianças que não conseguem parar de pensar na perda de suas belas coisas.

Agora Melko se encontra nos ermos de Arvalin, sem saber como pode escapar, pois a treva lá é muito grande, e não conhece essas regiões que se estendem de lá até o extremo sul. Portanto, mandou um mensageiro reclamando o inviolável direito de um arauto (ainda que esse fosse um serviçal renegado de Mandos a quem Melko pervertera) pelo passo de Valinor, e lá, diante dos

portões de Valmar,[7] exigiu audiência com os Deuses; e foi-lhe perguntado donde vinha, e ele disse que fora do Ainu Melko, e Tulkas teria lançado nele pedras das muralhas e o assassinado, mas os outros, por ora, não permitiram que fosse maltratado, mas, apesar de sua raiva e desprezo, admitiram-no à grande praça d'ouro que ficava defronte dos pátios de Aulë. E, na mesma hora, cavaleiros foram enviados a Kôr e Sirnúmen convocando os Elfos, pois suspeitou-se que o assunto os tocava de perto. Quando tudo foi aprontado, o mensageiro postou-se ao lado do obelisco de ouro puro no qual Aulë escrevera a estória do acendimento da Árvore de ouro (nos pátios de Lórien, havia uma de prata com outro conto) e, de súbito, Manwë exclamou: 'Fala!' e sua voz era um golpe de trovão colérico, e os pátios ressoaram, mas o enviado, imperturbável, pronunciou sua mensagem, dizendo:

'Do Senhor Melko, governante do mundo desde o leste mais sombrio às mais extremas encostas das Montanhas de Valinor, aos seus parentes, os Ainur. Vede, em compensação por diversas afrontas atrozes e por longos períodos de injusto aprisionamento, em que pese sua nobre natureza e sangue, que sofreu por vossas mãos, ele agora tomou, como lhe é devido, alguns pequenos tesouros guardados pelos Noldoli, vossos escravos. É para ele grande pesar que, destes, matou alguns, pois causar-lhe-iam ferimentos pela maldade de seus corações; e, no entanto, sua intenção blasfema ele há de esquecer; e todas as

injúrias passadas que vós, os Deuses, lhe causaram ele esquecerá por ora, apresentando-se uma vez mais nesse local chamado Valmar se vós ouvirdes suas condições e as cumprirdes. Sabei, pois, que os Noldoli hão de ser seus serviçais e ataviar uma casa para ele; ademais, por direito ele exige…', mas, nisso, quando o arauto ergueu ainda mais sua voz, inflando com suas palavras de insolência, tamanha tornou-se a ira dos Valar que Tulkas, e vários de sua casa, saltaram e, agarrando-o, calaram-lhe a boca, e o local do concílio estava em algazarra. De fato, Melko não tencionava ganhar qualquer coisa além de tempo e a confusão dos Valar com essa embaixada de insolência.

Manwë ordena-lhe então que solte o arauto, mas os Deuses ergueram-se, exclamando em uníssono: 'Este não é arauto, mas um rebelde, um ladrão, e um assassino.' 'Ele conspurcou a santidade de Valinor', vociferou Tulkas, 'e jogou sua insolência em nossas caras.' Ora, a mente de todos os Elfos, nesse assunto, era uma só. Esperança não tinham de recuperar as joias, salvo pela captura de Melko, o que estava agora além do alcance, mas não fariam qualquer negociação com Melko, e tratá-lo-iam como proscrito e a todo seu povo. (E foi isso o que Manwë quis dizer quando afirmou que a morte de Bruithwir seria a raiz do maior mal, pois foi esse assassinato que mais inflamou Deuses e Elfos.)[8]

Foi com esse intuito que falaram nos ouvidos de Varda e Aulë, e Varda defendeu sua causa perante

Manwë, e Aulë ainda mais tenazmente, pois seu coração estava também dorido pelo roubo de tantas coisas de refinado ofício e arte; mas Tulkas Poldórëa não precisava de súplica alguma, estando inflamado de ira. Ora, esses grandes advogados comoveram o concílio com suas palavras, de modo que, por fim, é a sentença de Manwë que seja mandada resposta a Melko rejeitando-o e a suas palavras, e proscrevendo-o e a todos os seus seguidores de Valinor, para sempre. Essas palavras ele então comunicou ao enviado, ordenando-lhe que fosse com elas a seu mestre, mas o povo dos Vali e dos Elfos não aceitaram nada disso e, liderados por Tulkas, levaram aquele renegado ao pico mais alto de Taniquetil e lá, declarando-o falso arauto, e tomando por testemunhas disso a montanha e as estrelas, atiraram-no nas pedreiras de Arvalien, de sorte que foi morto, e Mandos o recebeu nas suas cavernas mais fundas.

Manwë, então, vendo nesta rebelião e no feito violento deles a semente de amargura, deitou seu cetro e chorou; mas os outros falaram a Sorontur, Rei das Águias em Taniquetil, e por ele as palavras de Manwë foram enviadas a Melko: ‘Vai-te para sempre, ó maldito, e não ouses mais tratar com Deuses ou Elfos. Nem teus pés nem os de quaisquer que te sirvam hão de pisar o solo de Valinor novamente enquanto o mundo perdurar.’ E Sorontur buscou Melko e falou conforme lhe foi pedido, e da morte de seu enviado ele contou [? também]. Melko teria, então, assassinado Sorontur, desvairado que estava de raiva à morte

de seu mensageiro; e, em verdade, tal feito estava em desacordo com a justiça estrita dos Deuses, e, no entanto, a ira daqueles em Valmar fora gravemente tentada; mas Melko sempre usou isso contra os Deuses de maneira cruelíssima, distorcendo tudo num sombrio conto de injustiças; e entre aquele malévolo e Sorontur sempre houve, desde então, ódio e guerra, e ela se agravou quando Sorontur e seu povo foram para as Montanhas de Ferro e lá habitaram, observando tudo o que Melko fazia.

Agora Aulë vai ter com Manwë, e diz palavras encorajadoras, que Valmar ainda resiste, que as Montanhas são altas e um baluarte seguro contra o mal. ‘Ora! Se Melko uma vez mais causar tumulto no mundo, assim como foi acorrentado antes pode sê-lo novamente: — mas vede, logo eu e Tulkas preencheremos aquele passo que leva até Erumáni e os mares, para que Melko jamais venha de novo até aqui por aquele caminho.’

Mas Manwë e Aulë planejam postar guardas por todas aquelas montanhas até o momento em que os feitos de Melko e os lugares de sua morada no exterior se tornem conhecidos.

Então Aulë fala com Manwë acerca dos Noldoli, e suplica muito por eles, dizendo que Manwë, tomado de ansiedade, tratou-os com aspereza, sendo que, em verdade, somente de Melko vem o mal, ao passo que os Eldar não são escravos e nem serviçais, mas seres de maravilhosa doçura e beleza — que eram para sempre convidados dos Deuses. Assim, Manwë pede agora que, se

quiserem, voltem para Kôr e, se for do seu desejo, que se ocupem da feitura de novas gemas e tecidos, e todas as coisas de beleza e custo que porventura precisem em seu labor ser-lhes-ão dadas ainda mais prodigamente que antes.

Mas, ao ouvir isso, Fëanor disse: ‘Sim, mas que nos há de restituir o coração jubiloso sem o qual as obras de encanto e magia não podem ser? — e Bruithwir está morto, e meu coração também.’ Muitos, contudo, voltaram então a Kôr, e algum vestígio do antigo júbilo é restaurado, ainda que, pela felicidade diminuída de seus corações, os labores não produzem gemas do lustro e glória antigos. Mas Fëanor habitava pesaroso com alguns outros em Sirnúmen e, ainda que tentasse dia e noite, não conseguia de maneira alguma fazer outras joias como as Silmarils d’outrora, as quais Melko arrebatara; nem, de fato, houve qualquer artífice desde então que tenha feito. Por fim, ele abandona a tentativa, sentando-se, antes, junto ao túmulo de Bruithwir, chamado de Teso do Primeiro Pesar,[b] e é um bom nome, em virtude de toda a tribulação advinda da morte daquele que fora colocado ali. Fëanor lá remoía pensamentos amargos, até que seu cérebro se atordoou com os vapores negros de seu coração, e ergueu-se e foi até Kôr. Lá, falou aos Gnomos insistindo nas injustiças e tristezas e na riqueza e glória diminuídas — pedindo-lhes que deixassem essa prisão e se fizessem ao mundo. ‘Covardes tornaram-se os Valar; mas os corações dos Eldar não são fracos, e encontraremos o que é nosso, e

se não pudermos tomar pela furtividade, fá-lo-emos pela violência. Haverá guerra entre os Filhos de Ilúvatar e o Ainu Melko. E se perecermos em nossa demanda? Os salões sombrios de Vê são pouco piores do que esta prisão luminosa . . . .’[9] E assim ele convenceu alguns a se apresentarem diante de Manwë consigo, exigindo que os Noldoli recebessem permissão de deixar Valinor em paz e que fossem postos em segurança pelos Deuses nas costas do mundo de onde outrora foram atravessados.

Então Manwë se entristeceu com sua exigência e proibiu os Gnomos de pronunciar tais palavras em Kôr se desejassem ainda morar lá em meio aos outros Elfos; mas depois, deixando de lado a severidade, contou-lhes muitas coisas a respeito do mundo e de seus modos e os perigos que já estavam lá, e do pior que poderia vir a ser em razão do retorno de Melko. ‘Meu coração sente, e minha sabedoria me diz’, falou ele, ‘que não transcorrerá muito tempo até que os outros Filhos de Ilúvatar, os pais dos pais de Homens, cheguem no mundo — e vede, está na inalterável Música dos Ainur que o mundo passe, no fim, longo período sob o domínio dos Homens; e, no entanto, se isso será para alegria ou tristeza, Ilúvatar não revelou, e eu não gostaria que contenda ou medo ou ódio jamais se interpusessem entre os diferentes Filhos de Ilúvatar, e contentar-me-ia deixar o mundo ainda por muitas eras destituído de seres que possam se empenhar contra os Homens recém-chegados e causar-lhes danos até

que seus clãs estejam fortalecidos, enquanto as nações e povos da Terra ainda são infantes.’ A isso acrescentou muitas palavras a respeito dos Homens e sua natureza e as coisas que lhes sobreviriam, e os Noldoli ficaram atônitos, pois não haviam escutado os Valar falando dos Homens, salvo muito raramente, e nem deram muitos ouvidos então, julgando tais criaturas débeis e cegas e canhestras e atribuladas com a morte, e improváveis de se equipararem de qualquer modo à glória dos Eldalië. Embora Manwë tivesse aliviado seu coração, na esperança de que os Noldoli, vendo que ele não laborava sem propósito ou razão, tornar-se-iam mais calmos e confiantes de seu amor, eles se impressionaram, antes, ao descobrir que os Ainur faziam tão grande caso dos Homens, e as palavras de Manwë tiveram o efeito oposto ao desejado; pois Fëanor, em seu infortúnio, perverteu-as numa imagem de maldade e, postado novamente diante da multidão de Kôr, falou estas palavras:

‘Eis que agora sabemos a razão de nosso transporte até aqui como cargas de belos escravos! Ao cabo nos contam por qual finalidade somos guardados aqui, despojados de nossa herança no mundo, sem o governo das vastas terras: para evitar que não as entreguemos, talvez, a uma raça não nascida. Em verdade, a esses — povo infeliz, atormentado por célere mortalidade, raça de escavadores nas sombras, canhestros de mão, desafinados para canções ou músicas, que hão de trabalhar o solo

fastidiosamente com suas ferramentas rudes — a esses que ele insiste em dizer serem de Ilúvatar é que Manwë Súlimo, senhorzinho dos Ainur, gostaria de entregar o mundo e todas as maravilhas de sua terra, todas as suas substâncias ocultas — dar-lhes isto que é nossa herança. Ou, então, para que essa conversa sobre os perigos do mundo? Um ardil para nos enganar; uma máscara de palavras! Ó, vós todos, filhos dos Noldoli, os que não querem mais ser cativos domésticos dos Deuses, por mais que ternamente mantidos, erguei-vos, peço-vos, e saí de Valinor, pois agora é chegada a hora e o mundo aguarda.’

Em verdade, é matéria de grande espanto a astúcia sutil de Melko — pois quem haveria de dizer que, nessas palavras ásperas, não espreitava uma ponta da mais diminuta verdade, e quem não se surpreenderia ao ver as mesmas palavras de Melko saindo de Fëanor, seu inimigo, que não sabia e nem se lembrava qual era a fonte de tais pensamentos; e, no entanto, talvez a origem [? última] dessas coisas infelizes esteja antes do próprio Melko, e talvez essas coisas tenham que ser — e o mistério dos ciúmes de Elfos e Homens é um enigma não resolvido, um dos pesares nas raízes sombrias do mundo.

Sejam como forem essas coisas profundas, as feras palavras de Fëanor lhe renderam instantaneamente grande séquito, pois um véu parecia haver diante dos corações dos Gnomos — e, talvez, mesmo isso não estivesse fora do conhecimento de Ilúvatar. Ainda assim, Melko teria

se regozijado ao ouvir isso, vendo seu mal frutificando além de suas expectativas. Agora, contudo, aquele malévolo vaga nas planícies escuras de Eruman e, mais ao sul do que qualquer um jamais havia entrado, encontrou uma região da mais profunda treva, e pareceu-lhe um bom lugar para esconder, por ora, seu tesouro roubado.

Procura, portanto, até encontrar uma caverna sombria nas colinas, e teias de escuridão jazem à volta, de forma que o ar negro podia ser sentido pesado e sufocante no rosto e nas mãos. Muito fundos e sinuosos eram aqueles caminhos, tendo uma saída subterrânea no mar, como dizem os livros antigos, e aqui, certa vez, foram Lua e Sol aprisionados posteriormente;[10] pois aí habitava o espírito primevo, Móru, que mesmo os Valar desconhecem de onde e quando veio, e as pessoas da Terra dão a ela muitos nomes. Talvez fosse cria das névoas e da escuridão nos confins dos Mares Sombrios, naquele escuro absoluto que pairou entre a derrubada das Lamparinas e o acendimento das Árvores, mas é mais provável que sempre tenha existido; e ela ama ainda morar naquele negro lugar tomando a forma duma aranha grotesca, fiando uma teia pegajosa de escuridão que captura em sua rede estrelas e luas e todas as coisas brilhosas que singram os ares. De fato, era em virtude de seus labores que tão pouco daquela luz transbordante das Duas Árvores fluía para o mundo, pois ela sugava a luz com voracidade, e a luz a alimentava, mas ela produzia somente aquela escuridão que é uma negação de

toda luz. Ungwë Lianti, a grande aranha que enreda, os Eldar a chamavam, nomeando-a também Wirilómë ou Tecelã-de-Treva, ao que os Noldoli ainda se referem a ela como Ungoliont, a aranha, ou Gwerlum, a Negra.

Ora, entre Melko e Ungwë Lianti houve amizade desde o início, quando ela o encontrou e a seus camaradas vagando nas suas cavernas, mas a Tecelã-de-Treva esfomeou-se pelo brilho daquele tesouro de joias tão logo o viu.

Ora, Melko, tendo despojado os Noldoli e tendo levado pesar e confusão ao reino de Valinor, menos por causa desse tesouro do que por antigamente, concebeu agora um plano mais sombrio e profundo de engrandecimento; assim, vendo a cobiça nos olhos de Ungwë, oferece-lhe todo aquele tesouro, salvo apenas as três Silmarils, caso ela o ajude em seu novo desígnio. Isso ela aceita prontamente e, assim, todo aquele tesouro de formosíssimas gemas, mais belas do que quaisquer outras que o mundo já viu, foi parar na guarda imunda de Wirilómë, e foi enleado em teias de escuridão e escondido fundo nas cavernas das encostas orientais das grandes colinas que formam a fronteira sul de Eruman.

Julgando que agora era o momento de atacar, enquanto Valinor está ainda tumultuada e sem esperar que Aulë e Tulkas bloqueiem a passagem nas colinas, Melko e Wirilómë entraram furtivos em Valinor e esconderam-se num vale nos sopés dos montes até que Silpion estivesse em flor; mas, a todo o tempo, a Tecelã-de-Treva fiava suas tramas

mais desluzidas e matizes mal-encantados. Estes ela deixou que descessem flutuando, de modo que, em vez da clara luz prateada de Silpion, por toda a planície ocidental de Valinor rasteja agora uma escuridão dúbia e luzes débeis bruxuleiam dentro dela. Então ela lança em torno de Melko e de si mesma um manto negro de invisibilidade, e eles cruzam furtivos a planície, e os Deuses estão atônitos e os Elfos em Kôr, temerosos; no entanto, eles não suspeitam ainda que isso tenha o dedo de Melko, pensando, antes, ser alguma obra de Ossë que ocasionalmente, com suas procelas, fazia grandes névoas e escuridão serem sopradas dos Mares Sombrios, invadindo mesmo os brilhantes ares de Valinor; ainda que por isso ele enfrentasse a ira tanto de Ulmo quanto de Manwë. Então, Manwë mandou um doce sopro do oeste — como soía fazer naquelas circunstâncias, soprando todos os fluidos marinhos de volta ao leste pelas águas — mas esse suave alento de nada serviu contra a noite tecida, pesada e pegajosa, que Wirilómë havia espalhado longe. Assim foi que, despercebidos, Melko e a Aranha da Noite alcançaram as raízes de Laurelin, e Melko, invocando toda sua força divina, enfiou uma espada em seu formoso tronco, e a radiância flamejante que vazou certamente o teria consumido como fez com sua espada se a Tecelã-de-Treva não houvesse se abaixado e a bebido, sedenta, colocando mesmo os lábios na ferida na casca da árvore e sugando sua vida e força.

Por má fortuna, esse feito não foi notado imediatamente, pois era o momento do mais profundo repouso habitual de Laurelin; e eis que agora ela nunca mais acordaria para a glória, espalhando beleza e júbilo nos semblantes dos Deuses. Devido àquele grande sorvo de luz, subitamente a soberba surgiu no coração de Gwerlum, e ela não deu ouvidos às advertências de Melko, saciando-se agora próximo às raízes de Silpion, e vomitava fumos de noite malignos que fluíam como rios de negrume mesmo até os portões de Valmar. Agora Melko toma a arma que lhe resta, uma faca, e fere o tronco de Silpion tanto quanto o tempo lhe permite; mas um Gnomo chamado Daurin (Tórin), vindo desde Sirnúmen com mau presságio, vê-o e vai na sua direção, gritando alto. Tamanha foi a investida daquele impetuoso Gnomo que, antes de Melko perceber, ele feriu Wirilómë, que, à semelhança duma aranha, cai estatelada ao solo. Ora, a esguia lâmina que Daurin empunhava vinha da forja de Aulë, e fora banhada em *miruvor*, do contrário jamais teria ferido aquele [?ser] secreto, mas agora ele decepa uma de suas grandes pernas, e sua lâmina se mancha de seu sangue negro, um veneno a todas as [?coisas] cuja vida é luz. Wirilómë, então, contorcendo-se, lança uma teia sobre ele, e ele não consegue se libertar, e Melko o apunhala impiedosamente. Depois, usurpando aquela fina lâmina brilhante de suas mãos moribundas, ele a enfia fundo no tronco de Silpion, e o veneno negro de Gwerlum que estava nela

secou a própria seiva e a essência da árvore, e sua luz morreu subitamente num brilho funesto que se perdeu no ocaso impenetrável.

Então, Melko e Wirilómë viram-se para fugir, e foi bem a tempo, pois alguns que estavam atrás de Daurin, vendo seu fado, fugiram aterrorizados tanto para Kôr quanto para Valmar, tropeçando alucinados na escuridão, mas, de fato, os Valar já estão cavalgando pela planície, tão céleres quanto possível, e, no entanto, tarde demais para defender as Árvores que sabem agora estarem em perigo.

Agora aqueles Noldoli confirmam seus temores, dizendo que é Melko, em verdade, o autor do malfeito, e eles têm apenas um desejo, que é colocar as mãos nele e em seus cúmplices antes que consigam escapar para além das montanhas.

Tulkas está na vanguarda daquela grande caçada, saltando com pés firmes no escuro, e Oromë não logra acompanhá-lo, pois mesmo seu corcel divino não consegue correr tão impetuosamente na noite que se avulta quanto Poldórëa no fogo de sua ira. De sua casa em Vai, Ulmo escuta a gritaria, e Ossë [?coloca] a cabeça para fora dos Mares Sombrios e, sem ver qualquer luz descendo do vale de Kôr, salta até a praia de Eldamar e corre apressado para se juntar aos Ainur na caçada. Agora o único lugar luminoso que resta em Valinor é o jardim onde a fonte dourada jorrava de Kulullin, e Vána e Nessa e Urwen e muitas donzelas e senhoras dos Valar estão aos prantos, mas Palúrien arma seu senhor que está

impaciente, e Varda cavalga desde Taniquetil ao lado de seu senhor, portando uma estrela flamejante diante dele à guisa de tocha.

Telimektar, filho de Tulkas, está com esses nobres, e seu rosto e armas brilham como prata no escuro, mas agora todos os Deuses e todo o seu povo cavalgam por esta ou aquela trilha, e uns trazem tochas [?improvisadas] nas mãos, de sorte que a planície se enche de pálidas luzes bruxuleantes e de vozes clamando no ocaso.

Conforme Melko acelera para longe, a vanguarda da caçada passa rápido pelas Árvores, e quase os Vali desmaiam de aflição pela ruína que ali veem; mas agora Melko e alguns de seus camaradas, antigamente filhos de Mandos, separam-se de Ungwë, que, envolta em noite, passa para o sul e sobre as montanhas, rumo ao seu lar, e aquela caçada jamais se aproxima dela; mas os outros fogem para norte em grande velocidade, pois os camaradas de Melko conhecem as montanhas ali, e esperam poder atravessá-lo. Por fim, chegou um local em que os véus de sombra eram ralos, e eles foram vistos por um grupo desgarrado dos Vali, e Tulkas estava no meio, ele que, com grande rugido, salta agora na direção deles. De fato, poderia ter se dado batalha na planície entre Tulkas e Melko, não fosse a lonjura demasiada, de modo que, assim que Tulkas chegou à distância de uma lançada de Melko, um cinturão de névoa cobriu os fugitivos novamente, e a gargalhada zombeteira de Melko parece vir primeiro dum lado, depois doutro, ora quase ao

seu cotovelo, ora de longe, e Tulkas vira-se alucinado à sua volta, e Melko some.

Então, Makar e Meássë cavalgaram a toda velocidade com seu povo, dando aviso a Mandos e ordenando a guarda das trilhas pelas montanhas, mas ou Makar atrasou-se demais, ou os ardis de Melko o derrotaram — e a mente de Makar não era muito sutil, pois nenhum vislumbre daquele Ainu eles viram, embora ele decerto tivesse escapado por aquele caminho, e obrou muita maldade no mundo, depois, mas ninguém que eu tenha ouvido jamais falou da maneira de sua perigosa fuga de volta aos reinos-de-gelo do Norte.”

[a] Acrescentado na margem aqui: *Samírien*.

[b] Na margem estão escritos nomes gnômicos: “*Cûm a Gumlaith* ou *Cûm a Thegranaithos*”.

NOTAS

[1] Ver aqui.

[2] *Lirillo* aparece na lista de nomes secundários dos Valar, mencionada na p. 119, como um nome de Salmar-Noldorin.

[3] “pai de Fëanor” é a forma final após longa hesitação entre “filho de Fëanor” e “irmão de Fëanor”.

[4] Para a história da remoção de rocha e pedra de Arvalin (Eruman) para o erguimento das Montanhas de Valinor, ver aqui.

[5] “pai de Fëanor” é uma correção de “filho de Fëanor”; ver nota 3.

[6] Após a palavra “tecidos”, há a seguinte frase, que foi riscada: “que os Deuses poderiam, caso o desejassem, ter criado em uma hora” — uma frase notável por si só e também por sua exclusão.

[7] A página manuscrita que começa com “diante dos portões de Valmar” e vai até “imperturbável, pronunciou sua mensagem, dizendo” está escrita ao redor do pequeno mapa do mundo reproduzido e descrito na p. 104 e seguintes.

[8] Nesta parte do conto, o manuscrito consiste em trechos destacados, com indicações de um para outro; o local desta frase não está perfeitamente claro, mas parece ser aqui com maior probabilidade.

[9] Os pontos constam no original.

[10] “posteriormente” é uma correção de “outrora”. Um ponto de interrogação foi colocado na margem, ao lado dessa frase.

Alterações feitas a nomes em *O Roubo de Melko e o Obscurecer de Valinor*

Ellu Melemno < *Melemno* (no Capítulo 5 p. 150, numa frase acrescentada, o líder dos Solosimpi é *Ellu*).

Sirnúmen < *Numessir* (nas duas primeiras ocorrências; depois, *Sirnúmen* é a forma originalmente escrita).

Eruman < *Harmalin* (pp. 179, 187), < *Habbanan* (p. 186).

Arvalin < *Harvalien* < *Habbanan* (p. 179), < *Harvalien* < *Harmalin* (p. 181); *Arvalien*, assim escrito, na p. 183.

Bruithwir substitui um nome anterior, provavelmente *Maron*.

Bruithwir go-Maidros < *Bruithwir go-Fëanor*. *go-* é um patronímico, “filho de”. Ver notas 3 e 5.

Móru Esse nome bem pode ser lido, assim como em suas ocasionais ocorrências alhures, como *Morn* (ver o Apêndice de Nomes). Aqui, ele substitui outro nome, provavelmente *Mordi*.

Ungoliont < *Gungliont*.

Daurin (*Tórin*) A escrita original, na primeira ocorrência, era *Fëanor*, alterado para (?)*Daurlas* . . . . . *parente de Fëanor* e, então, para *um Gnomo chamado Daurin* (*Tórin*). As ocorrências subsequentes de *Daurin* são correções a partir de *Fëanor*.

Comentário a *O Roubo de Melko e o Obscurecer de Valinor*

A história da corrupção dos Noldoli por Melko foi, no final, contada de maneira bastante diferente; pois entrou aí a matéria da contenda entre os filhos de Finwë, Fëanor e Fingolfin (*O Silmarillion*, pp. 106–7), da qual não há vestígio neste conto, segundo o qual, de toda forma, Fëanor não é filho de Finwë Nólemë, mas de um certo Bruithwir. Na história posterior, o motivo principal do desejo de Melkor pelas Silmarils (*ibid*., p. 104) é aqui representado apenas como uma cobiça pelas gemas dos Noldoli no geral: de fato, é uma característica notável da mitologia original que, embora as Silmarils estivessem presentes, tinham relativamente pouca importância. Há uma concordância essencial com a história posterior no fato de que foi aos Noldoli que Melko direcionou seu ataque, e há uma semelhança muito próxima, ainda que limitada, nos argumentos que ele usou: o

confinamento dos Elfos em Valinor pelos Valar, e os vastos reinos no Leste que eram seus por direito — mas é notável que, nas palavras de Melko, não há qualquer referência à vinda dos Homens: no conto, esse elemento foi introduzido depois e de modo muito diferente, pelo próprio Manwë (p. 185). Ademais, a associação particular dos Noldoli com o Vala maléfico surge do desejo dele pelas gemas: em *O Silmarillion* (p. 104), os Noldor inclinaram-se a ele em busca da instrução que ele podia dar, enquanto os outros clãs mantiveram-se indiferentes.

A partir desse ponto, as narrativas divergem completamente; pois o mal secreto de Melkor, em *O Silmarillion*, foi exposto depois da inquirição que se fez acerca da contenda dos príncipes noldorin, enquanto aqui a revelação aconteceu de modo mais simples, devido à ansiedade de Finwë Nólemë quanto à inquietação de seu povo. A história posterior é, evidentemente, muito superior, porque Melkor foi procurado pelos Valar como um inimigo já conhecido assim que suas maquinações foram descobertas (ainda que ele tenha escapado), ao passo que, no conto, apesar de haver então farta evidência de que ele não havia se regenerado, simplesmente ordenaram que fosse a Mandos refletir sobre suas atitudes. O gérmen da história de *O Silmarillion* acerca do degredo de Fëanor em Formenos, para onde Finwë o acompanhou, está presente, ainda que, aqui, o povo inteiro dos Noldoli tenha recebido ordens de deixar Kôr, indo para o vale acidentado no norte, onde o riacho Híri afundava no subsolo, e a ordem para que o fizessem parece ter sido menos uma punição que Manwë lhes deu e mais uma precaução e salvaguarda.

A respeito do lugar para onde os Noldoli foram banidos, chamado aqui de *Sirnúmen* (“Riacho Ocidental”), pode-se mencionar que, em uma nota

isolada no caderninho mencionado na pp. 34–5, está dito: “O rio da segunda morada rochosa dos Gnomos em Valinor era *kelusindi* e o olho d’água no seu começo, *kapalinda*”.

Muito notável é o trecho (p. 175) em que se diz que Manwë sabia que “os Elfos eram filhos do mundo e deveriam, um dia, voltar para o seu seio”. Como já notei anteriormente (p. 103), “o mundo” é frequentemente usado como equivalente das Grandes Terras, e tal uso ocorre repetidas vezes no presente conto, mas não está claro para mim se é esse o significado pretendido aqui. Inclino-me a pensar que o sentido da frase é que, no “Grande Fim”, os Eldar, sendo ligados à Terra, não poderão retornar com os Valar e os espíritos de “antes do mundo” (p. 86) às regiões de onde vieram (ver a conclusão da *Música dos Ainur* original, p. 80).

Quanto ao relato do roubo das joias, a estrutura da narrativa é, ainda outra vez, radicalmente distinta da história posterior no fato de que, ali, o ataque de Melkor aos Noldor de Formenos, o roubo das Silmarils e o assassinato de Finwë foram levados a cabo *depois* de seu encontro com Ungoliant no Sul e da destruição das Duas Árvores; Ungoliant estava com ele em Formenos. Nem há, na versão inicial, qualquer menção à visita anterior de Melko a Formenos (*O Silmarillion*, pp. 108–9), depois do que ele passou pelo Calacirya e rumou para o norte pela costa, retornando depois em segredo para Avathar (Arvalin, Eruman) para buscar Ungoliant.

Por outro lado, o grande festival já era a ocasião em que Melko roubou as Silmarils da morada dos Noldoli, embora o festival fosse completamente diferente por ter um propósito puramente comemorativo (ver *O Silmarillion*, pp. 113–4), e era um componente

necessário desse propósito que os Solosimpi deveriam estar presentes (em *O Silmarillion*, “Só os Teleri, além das montanhas, ainda cantavam nas costas do mar; pois pouco cuidavam de estações ou tempos [...]”).

Dos cúmplices sombrios de Melko, vindos de Mandos (de alguns dos quais se diz que foram “antigamente filhos de Mandos”, p. 189), não há vestígio posterior, nem do roubo dos cavalos de Oromë; e, enquanto se diz aqui que Melko queria deixar Valinor por passagens nas montanhas setentrionais, mas que pensou melhor (levando à reflexão sobre qual teria sido o destino de Valinor se não o tivesse feito), na história posterior, seu movimento para o norte foi um ardil. Mas é interessante observar o gérmen de uma história na outra, a ideia subjacente, jamais abandonada, de um movimento para o norte e, depois, para o sul, ainda que ele aconteça num ponto diferente da narrativa e tenha uma motivação diferente.

Também é interessante o surgimento da ideia de que um parente próximo de Fëanor — fixado como pai apenas depois de muita hesitação entre irmão e filho — foi assassinado por Melko na morada dos Noldoli, Sirnúmen, precursora de Formenos; mas o pai ainda não era identificado como senhor dos Noldoli.

Nesse trecho há algumas pequenas indicações geográficas adicionais. As Duas Árvores ficavam ao norte da cidade de Valmar (p. 177), conforme mostradas no mapa (ver aqui); e, novamente de acordo com o mapa, as Grandes Terras e as Terras de Fora aproximam-se muito no longínquo Norte (pp. 179–80). Mais notável ainda, a fenda nas Montanhas de Valinor mostradas no mapa, a qual marquei com a letra *e*, recebe agora uma explicação: a “baixada nas colinas” pela qual Melko e seu séquito passaram de Valinor para Arvalin-Eruman, uma abertura deixada

por Tulkas e Aulë na época do erguimento das montanhas para que eles próprios entrassem em Valinor (p. 179).

Quase nada sobreviveu da parte seguinte deste conto (pp. 180–83). O discurso de Manwë aos Noldoli desapareceu (mas algo do conteúdo está brevemente expresso em outro lugar da narrativa de *O Silmarillion*, p. 105: “Os Noldor começaram a murmurar contra [os Valar], e muitos se tornaram cheios de orgulho, esquecendo quanto do que eles tinham e sabiam viera a eles como dádiva dos Valar”). É notável que Manwë chame o pai de Fëanor, Bruithwir, pelo patronímico *go-Maidros*: embora o nome *Maidros* tenha se tornado subsequentemente o do filho mais velho de Fëanor, e não de seu avô, ele foi desde o início associado aos “Fëanorianos”. Não há vestígio posterior da estranha história do servo renegado de Mandos, que trouxe a mensagem ultrajante de Melko aos Valar, e que foi lançado para a morte desde Taniquetil pelo incontrolável Tulkas em desobediência direta a Manwë; nem do envio de Sorontur a Melko como mensageiro dos Deuses (não se explica como Sorontur sabia onde encontrá-lo). Conta-se aqui que, posteriormente, “Sorontur e seu povo foram para as Montanhas de Ferro e lá habitaram, observando tudo o que Melko fazia”. No comentário a *O Acorrentamento de Melko* (pp. 139–41), notei que as Montanhas de Ferro, que se diz estarem ao sul de Hisilómë (pp. 129, 148), correspondem ali às posteriores Montanhas de Sombra (*Ered Wethrin*). Por outro lado, no *Conto do Sol e da Lua* (p. 214), Melko, após escapar de Valinor, faz para si “novas habitações naquela região do Norte onde ficam as Montanhas de Ferro, mui altas e terríveis de se ver”; e, no *Conto de Turambarª* original, conta-se que Angband ficava nas raízes das fortalezas

mais setentrionais das Montanhas de Ferro, e que essas montanhas eram assim chamadas devido aos “Infernos de Ferro” embaixo delas. A afirmação no presente conto de que Sorontur observava “tudo o que Melko fazia” desde sua morada nas Montanhas de Ferro obviamente implica, de modo parecido, que Angband estava sob elas; e a história de que Sorontur (Thorondor) tinha seus ninhos em Thangorodrim antes de mudá-los para Gondolin sobreviveu por muito tempo na tradição do “Silmarillion” (ver *Contos Inacabados*, p. 69 e a correspondente nota 25). Há, portanto, um uso aparentemente contraditório da expressão “Montanhas de Ferro” dentro dos *Contos Perdidos*; a menos que se possa supor que essas montanhas tenham sido concebidas como uma cordilheira continua, de modo que a porção meridional (posteriormente as Montanhas de Sombra) formava a borda sul de Hisilómë, enquanto os picos setentrionais, estando acima de Angband, emprestaram seu nome para a cordilheira. Mais adiante aparecerão evidências de que esse é o caso.

Na história original, os Noldoli de Sirnúmen ganharam permissão (pela intercessão de Aulë) de retornar a Kôr, mas Fëanor permaneceu lá, amargurado, com alguns outros; e, assim, a situação da narrativa posterior — os Noldor em Tirion, mas Fëanor em Formenos — foi alcançada, sem o elemento do desterro de Fëanor e o retorno ilícito à cidade dos Elfos. Uma diferença subjacente a se notar é que, em *O Silmarillion* (p. 97), os Vanyar há muito haviam partido de Tirion para morar em Taniquetil ou em Valinor: não há indicação disso no conto antigo; e, é claro, há a importante diferença estrutural entre a narrativa mais antiga e a mais recente: quando Fëanor ergue sua insígnia de rebelião, as Árvores ainda estão brilhando em Valinor.

No conto, um bom tempo parece se passar depois da perda dos tesouros dos Noldoli durante o qual eles se põem a trabalhar novamente, com alegria reduzida, e Fëanor buscou em vão replicar as Silmarils: esse elemento precisou, é claro, desaparecer na estrutura posterior, muito mais sucinta, na qual Fëanor (recusando-se a entregar as Silmarils aos Valar para curar as Árvores, sem saber ainda que Melkor as tinha roubado) tem ciência, sem sequer tentar, de que não poderia recriá-las, do mesmo modo que Yavanna não poderia recriar as Árvores.

A embaixada de Fëanor e outros Noldoli a Manwë, exigindo que os Deuses os transportem de volta para as Grandes Terras, foi eliminada e, com ela, o notável ensinamento de Manwë acerca da vinda dos Homens — e sua relutância expressa em permitir que os Eldar retornassem "ao mundo" enquanto os Homens ainda estivessem na sua infância. Em *O Silmarillion*, não está expressa qualquer ideia de que Manwë pensava nisso (e nem qualquer sugestão de que o conhecimento de Manwë era tamanho); e, de fato, se na história antiga foi justamente a descrição de Manwë dos Homens e o relato de seus planos para a eles que deu origem à retórica de Fëanor contra eles, e que deu cores fortes ao que disse sobre os reais motivos de os Valar terem levado os Eldar a Valinor, em *O Silmarillion* (p. 105), essas ideias fazem parte das mentiras de Melkor (eu comentei antes que não há referência à vinda dos Homens quando Melko persuade os Noldoli).

Um elemento anteriormente desconhecido na Música dos Ainur é revelado nas palavras de Manwë: que o mundo, no fim, passará grande período sobre o domínio dos Homens. Na versão original, há várias indicações, em apartes reflexivos, de que tudo estava

predestinado: aqui, portanto, os “ciúmes de Elfos e Homens” são vistos como, talvez, parte necessária do desenrolar da história do mundo e, antes (p. 175), há o questionamento: “e se todos esses feitos, mesmo a maldade aparentemente desnecessária de Melko, fossem apenas uma porção desse destino d’outrora?”

Mas, apesar de todas as alterações radicais na narrativa, a nota característica da retórica de Fëanor permanece; seu discurso aos Noldoli de Kôr ergue-se nos mesmos ritmos do seu discurso aos Noldor de Tirion, à luz das tochas (*O Silmarillion*, pp. 122–3).

Na história de Melko e Ungoliont, percebe-se que elementos essenciais estavam presentes *ab initio*: a incerteza quanto à origem dela, sua morada nas regiões desoladas no sul das Terras de Fora, o fato de que sugava a luz para produzir teias de escuridão; sua aliança com Melko, a recompensa dele com gemas roubadas dos Noldoli (embora o tratamento posterior seja diferente), o golpe nas Árvores desferido por Melko, seguido de Ungoliont sugando a luz; e a grande caçada preparada pelos Valar, que perdeu o alvo por conta da escuridão e da cerração, permitindo que Melko escapasse de Valinor pelos caminhos setentrionais.

Dentro dessa estrutura, há, como acontece quase sempre, muitos pontos de divergência entre a primeira história e as versões posteriores. Em *O Silmarillion* (p. 111), Melkor foi até Avathar porque sabia que Ungoliant morava lá, ao passo que, no conto, ela o encontrou vagando por ali, à procura de um caminho para fugir. No conto, sua origem é desconhecida e, embora se possa dizer que esse elemento permaneceu em *O Silmarillion* (“Os Eldar não sabiam donde viera”, *ibid*.), a verdade é que, por meio do artifício expresso em “alguns dizem que […]”, uma explicação é dada: ela era um ser de “antes do

mundo”, corrompida por Melkor, que fora seu senhor, embora ela o tivesse renegado. A ideia original do “espírito primevo, Móru” (p. 186) fica explícita num verbete da antiga lista de palavras da língua gnômica, onde o nome *Muru* é definido como “um nome da Noite Primeva, personificada como Gwerlum ou Gungliont”.[b]

A história antiga carece marcadamente da qualidade da descrição, em *O Silmarillion*, da descida de Melkor e Ungoliant do Monte Hyarmentir à planície de Valinor; e lá também o grande festival dos Valar e Eldar estava acontecendo naquele momento: aqui, já terminou há muito tempo. Em *O Silmarillion* (p. 113), o ataque às Árvores veio no momento da mescla das luzes, enquanto aqui Silpion estava em pleno florescimento; e os detalhes do relato da destruição das Árvores ficam muito diferentes pela presença do Gnomo Daurin, posteriormente abandonado sem deixar vestígios. Assim, na antiga história não se diz, de fato, que Ungoliont bebeu a luz de Silpion, mas apenas que a árvore morreu por seu veneno impregnado na lâmina de Daurin, com a qual Melko golpeou o tronco; e, em *O Silmarillion*, Ungoliant foi até os “Poços de Varda” e os secou também. É surpreendente que o Gnomo tenha sido chamado inicialmente de Fëanor, já que ele foi morto por Melko. Parece que meu pai, pelo menos momentaneamente, cogitou a ideia de que Fëanor não teria papel na história dos Noldoli nas Grandes Terras; mas, em rascunhos para um conto posterior (pp. 287–88), ele morreu em Mithrim. Nessa passagem temos a primeira aparição do *miruvor*, definido em uma antiga lista de palavras em qenya como “néctar, bebida dos Valar”; compare isso com a informação na p. 61 do livro *The Road Goes Ever On* [A Estrada Segue Sempre Avante], em que meu pai afirmou que era o nome

dado aos Valar à bebida distribuída em seus festivais, e a comparou ao néctar dos Deuses olímpicos (na tradução do *Namárië*, ele traduziu *miruvórë* como “néctar”, *ibid*., p. 58).

A diferença mais importante no conto é o retorno imediato de Ungoliont ao seu covil no sul, de modo que toda a história da “Contenda dos Ladrões”, do resgate de Melkor pelos Balrogs e da ida de Ungoliant a Nan Dungortheb está ausente na narrativa nos *Contos Perdidos*; nessa versão inicial, a entrega das gemas dos Noldoli a Ungoliont se dá no momento em que ela primeiro encontra Melko — em *O Silmarillion*, ele não estava de posse delas, pois o ataque a Formenos ainda não tinha acontecido.

[a] O título real do conto é *O Conto de Turambar e o Foalókë*, sendo que *Foalókë* é o Dragão.

[b] No conto (ver aqui), o nome *Gungliont* foi escrito inicialmente, mas emendado para *Ungoliont*.

7

A Fuga dos Noldoli

Não há quebra na narrativa de Lindo, que prossegue do mesmo modo apressado, escrita a lápis (e, perto desse ponto, passa para outro caderno semelhante, claramente sem que a composição fosse interrompida), mas achei conveniente introduzir um novo capítulo, ou novo “Conto”, aqui, novamente tomando o título emprestado da capa do caderno.

“Ainda assim, os Deuses não perderam a esperança, e muitas vezes agruparam-se sob a arruinada árvore de Laurelin e de lá partiram para vasculhar e expurgar a terra de Valinor uma vez mais, incansáveis, desejando ferozmente vingar os danos causados a seu belo reino; e agora os Eldar, atendendo à convocação, ajudavam na caçada que tem lugar não só na planície, mas varre de alto a baixo as encostas das montanhas, pois não há escape de Valinor pelo oeste, onde jazem as águas frias dos Mares de Fora.

Mas Fëanor, postado na praça ao redor da casa de Inwë no topo de Kôr, não silencia, e brada que todos os Noldoli devem reunir-se à sua volta e atentar-se, e muitos milhares deles vêm ouvir suas palavras portando tochas esguias, de sorte que o lugar se enche duma luz flamejante tal qual jamais brilhou naqueles muros brancos. Ora, quando estão reunidos ali e Fëanor vê que a maior parte é

da gente dos Noldor,[1] exorta-os a aproveitar a escuridão e a confusão e o cansaço dos Deuses para deitar fora o jugo — pois assim, transtornado, chamou os dias de ventura em Valinor — e partir levando consigo o que pudessem ou quisessem. ‘Se todos os vossos corações forem fracalhões demais para seguir, vede, eu, Fëanor, parto sozinho agora ao vasto e mágico mundo para buscar as gemas que me pertencem e, quiçá, muitas aventuras grandes e raras hão de suceder, mais dignas dum filho de Ilúvatar que dum serviçal dos Deuses.’[2]

Então, há grande alvoroço daqueles que querem segui-lo de pronto e, embora o sábio Nólemë fale contra essa precipitação, eles não lhe dão ouvidos, e cada vez mais o tumulto se enfurece. Novamente Nólemë roga que ao menos mandem uma embaixada a Manwë para que se despeçam apropriadamente e talvez consigam dele boa vontade e conselho para a jornada, mas Fëanor os persuade a abandonar até mesmo esse juízo moderado, dizendo que fazê-lo seria provocar recusa, e que Manwë os proibiria e impediria: ‘O que é Valinor para nós,’ dizem, ‘agora que a sua luz se apoucou — com grande prazer conquistaríamos o mundo sem limites.’ Agora, portanto, armam-se o melhor que podem — pois nem Elfos e nem Deuses, naqueles dias, pensavam demasiado em armas — e estoque de joias levaram, e tecidos de vestes; mas todos os livros de seu saber eles deixaram para trás e, de fato, não havia muito lá que os sábios entre eles não

soubessem de memória. Mas Nólemë, vendo que seu conselho não prevaleceu, não quis se separar de seu povo, e foi com eles, e ajudou-os em todos os seus preparativos. Então, desceram a colina de Kôr, iluminados pelas flamas das tochas e, partindo assim apressados pela angra e pelas costas daquele braço do Mar Sombrio que imbricava ali sobre as colinas, depararam-se com as moradas à beira-mar dos Solosimpi.

> A diminuta seção seguinte do texto foi riscada posteriormente, com as palavras “Inserir a Batalha de Kópas Alqalunten” escritas atravessadas, e substituída por um adendo. O trecho rejeitado diz:

A maior parte daquele povo estava na caçada com os Deuses, mas alguns dos que haviam permanecido eles suadiram a que se juntassem ao grupo, como já haviam feito alguns dos Teleri, mas dos Inwir ninguém deu ouvidos às suas palavras. Tendo agora quase tantas donzelas e mulheres quanto homens e rapazes (ainda que muitos, especialmente das crianças mais novas, tivessem sido deixados em Kôr e Sirnúmen), estavam desorientados e, nesse desvario, aflitos que estavam com pesares e exaltados de mente, os Noldoli levaram a cabo os feitos que lamentaram mais amargamente depois — pois por meio deles recaiu pesadamente o desprazer por todo o seu povo, e mesmo os corações de seus clãs voltaram-se contra eles por um tempo.

Chegando a Cópas, onde havia um porto de grande quietude, amado pelos Solosimpi, eles tomaram todos os navios daquela gente e neles embarcaram as mulheres e crianças e alguns [? outros] dentre os quais estavam os Solosimpi que haviam se juntado a eles, pois estes tinham habilidade em navegação. Assim, marchando incessantemente pela praia que se tornava cada vez mais cruel e maléfica conforme corria para ao Norte, enquanto a frota costeava ao lado deles, não muito longe no mar, foi-me dito que os Noldoli partiram de Valinor; contudo, não conheço o assunto a fundo, e talvez haja contos desconhecidos de toda a gente dos Gnomos que relatam mais claramente os tristes eventos daquele tempo. Ademais, ouvi dizer

> O adendo que substitui essa passagem foi escrito com cuidado e de maneira muito legível, a tinta e em folhas separadas, mas não sou capaz de dizer o intervalo de tempo entre um texto e o outro.

O Fratricídio
(Batalha de Kópas Alqalunten)

A maior parte daquele povo estava na caçada com os Deuses, mas havia muitos reunidos pelas praias defronte de suas moradas, e desalento havia por toda parte em meio a eles, mas não poucos estavam afanosos próximo aos locais de seus navios, e o principal desses era aquele que fora chamado Kópas, ou, mais precisamente, Kópas Alqaluntë, o Porto dos Navios-Cisne.[a] Ora, Porto-

cisne era como uma doca d’águas tranquilas, exceto que, na parte voltada para o leste e para os mares, o anel de rochas que a circundava afundava um tanto e, nesse ponto, o mar o perfurara, de sorte que havia lá um imenso arco de rocha viva. Tão grande era que, à exceção das maiores naus, duas conseguiam passar por ali, uma talvez saindo e outra procurando adentrar as serenas águas azuis do porto, e os topos dos mastros nem chegavam perto de tocar na rocha. Não muito da luz das Árvores chegava até lá antigamente em virtude do paredão e, portanto, estava sempre iluminado com um círculo de lamparinas de ouro, e lanternas havia também, de muitas cores, sinalizando os cais e desembarcadouros das diferentes casas; mas, atravessando o arco, as águas pálidas dos Mares Sombrios podiam ser vislumbradas ao longe, debilmente iluminadas pelo brilho das Árvores. Belíssimo de se olhar era aquele porto quando as alvas frotas vinham rebrilhando para casa, e águas agitadas refratavam o lume que caía das lamparinas em luzes ondulantes, tecendo padrões estranhos de muitos fios cintilantes. Mas agora todas aquelas embarcações estavam paradas, e uma sombra profunda cobria o lugar ao desvanecer das Árvores.

Dos Solosimpi, ninguém dera ouvidos às palavras ferozes dos Noldoli, salvo uns poucos que se podia contar nos dedos das duas mãos; e, assim, aquela gente vagou infeliz para o norte, margeando as costas de Eldamar, até chegar no

cimo das falésias que davam para Porto-cisne, e lá os Solosimpi de outrora haviam esculpido na rocha escadarias sinuosas que desciam até a beira do porto. Ora, de lá para o norte, o caminho era muito acidentado e cruel, e os Noldoli tinham consigo quase tantas donzelas e mulheres quanto homens e rapazes (ainda que muitos, especialmente das crianças mais novas, tivessem sido deixados em Kôr e Sirnúmen, e muitas lágrimas foram derramadas por isso); portanto, estavam agora desorientados e, nesse desvario, aflitos que estavam com pesares e exaltados de mente, ali levaram a cabo os feitos de que se arrependeram mais amargamente depois — pois por meio deles, por um tempo, o desprazer dos Deuses recaiu pesadamente sobre todo o seu povo, e mesmo os corações dos Eldalië voltaram-se contra eles.

Vede, o conselho de Fëanor é de que por nenhum meio aquela hoste poderia esperar percorrer a costa rapidamente, salvo com o auxílio de navios; ‘e estes,’ disse ele, ‘se os elfos-costeiros não quiseram nos dar, havemos de tomar’. Portanto, descendo até o porto, eles tentaram embarcar nos navios que lá estavam, mas os Solosimpi lhes disseram não e, no entanto, em virtude da grande hoste do povo-dos-Gnomos, no momento não ofereceram resistência; mas nova ira despertou entre Eldar e Eldar. Assim, os Noldoli embarcaram todas as suas mulheres e crianças e mais uma grande hoste naqueles navios e, soltando-lhes as amarras, remaram-nos com uma multidão de remos na direção dos mares. Então,

grande cólera ardeu nos corações dos Flautistas das Terras Costeiras ao ver o roubo daquelas embarcações que seu engenho e seus longos labores haviam construído, e havia alguns que os próprios Deuses tinham feito outrora em Tol Eressëa, como foi contado, barcos mágicos e maravilhosos, os primeiros que jamais existiram. Assim, ergueu-se de súbito uma voz entre eles: ‘Esses ladrões nunca hão de deixar o Porto em nossos navios’, e todos os Solosimpi que lá estavam correram céleres pelo cimo da falésia até o arco pelo qual a frota deveria passar e, postando-se ali, gritaram aos Gnomos que retornassem; mas eles não lhes deram ouvidos nem interromperam seu curso, e os Solosimpi os ameaçaram com rochas e tangeram seus arcos élficos.

Vendo isso, e acreditando que a guerra já fora inflamada, chegaram então os Gnomos que não puderam embarcar nos navios, e cuja tarefa era marchar ao longo das costas, e eles apressaram-se por trás dos Solosimpi, até que, chegando subitamente próximo a eles na entrada do Porto, assassinaram-nos cruelmente ou jogaram-nos ao mar; e assim pereceram pela primeira vez os Eldar sob as armas de sua gente, e esse foi um feito pavoroso. Ora, o número dos Solosimpi que caíram era muito grande, e dos Gnomos, não poucos, pois precisaram lutar muito para voltar desde aqueles caminhos estreitos na escarpa, e muitos do povo costeiro, ouvindo aquela algazarra, reuniram-se na retaguarda.

Por fim, no entanto, tudo termina, e todos aqueles navios passaram aos vastos mares, e os Noldoli foram para longe, mas as pequenas lamparinas estão quebradas, e o Porto está escuro e muito quieto, exceto pelo débil som de choro. De semelhante natureza foram todas as obras de Melko neste mundo.

Ora, diz o conto que, conforme os Solosimpi choravam e os Deuses varriam toda a planície de Valinor ou sentavam-se abatidos próximo às árvores arruinadas, passou-se uma longa era, e ela foi de treva e, durante esse tempo, o povo-dos-Gnomos sofreu os maiores males e toda a maldade do mundo abateu-se sobre eles. Pois alguns marcharam incessantemente pela costa até que Eldamar estivesse escura e esquecida lá longe, e os caminhos ficavam cada vez mais cruéis e impassáveis rumo ao Norte, mas a frota costeava ao lado deles, não muito longe no mar, e os andarilhos na costa os podiam ver fracamente na escuridão, pois navegavam devagar naquelas ondas morosas.

No entanto, de todos os pesares que percorreram esses caminhos não sei o conto completo, e ninguém o contou, pois seria um conto terrível e, ainda que os Gnomos digam muitas coisas a respeito daqueles dias mais claramente do que eu consigo, de modo algum amam se estender no relato dos tristes acontecimentos daquele tempo, e de raro despertam sua memória. Contudo, ouvi dizer

O adendo inserido termina aqui e voltamos ao texto original, escrito descuidadamente a lápis:

que jamais teriam realizado a terrível travessia do Qerkaringa[3] caso já tivessem sido sujeitados ao cansaço, à enfermidade e às muitas fraquezas que depois acometeram sua gente morando longe de Valinor. Mas o alimento sagrado dos Deuses e sua bebida ainda eram ricos em suas veias, e eles eram semidivinos — mas não tinham ainda *limpë* para levar, pois ele não foi dado às fadas até muito depois, quando a Marcha da Libertação foi empreendida, e os males do mundo que Melkor envenenara com sua presença logo sobrevieram."

"Ora, se me perdoardes por interromper vosso conto," disse Eriol, "o que quereis dizer com a 'terrível travessia do Qerkaringa'?"

"Sabe, pois," disse Lindo, "que a direção das costas de Eldamar e das costas que continuam de lá ao norte, além do grande porto de Kópas, é sempre para o Leste, de modo que, após incontáveis milhas, mais ao norte até do que as Montanhas de Ferro e nos confins dos Reinos Gélidos, os Grandes Mares, juntamente com uma curva para oeste das praias das Grandes Terras, diminuem até formarem um estreito. Ora, a passagem por aquela água é de perigo intransponível, pois está repleta de correntes malignas e sorvedouros de força desesperadora, e ilhas de gelo flutuante nadam ali, pungindo e colapsando juntas com um barulho tremendo e destruindo tanto os grandes peixes quanto navios,

caso algum venha a se arriscar ali. Naqueles dias, contudo, um braço estreito, que os Deuses mais tarde destruíram, corria desde a terra ocidental quase até as praias orientais, mas era de gelo e neve [?empilhados] que se fendiam em ravinas e despenhadeiros e era quase intransponível, e esse era o Helkaraksë, ou Presa-de-Gelo,[4] e era um remanescente dos antigos e terríveis gelos que se moviam por todas aquelas regiões antes de Melko ser acorrentado e de o Norte se tornar, por um tempo, clemente, e ele se mantinha ali por razão da estreiteza dos mares e do [?estorvamento] das ilhas-de-gelo que flutuavam desde o extremo Norte, para onde o inverno se havia retirado. Ora, aquela faixa d'água que ainda fluía entre o promontório da Presa-de-Gelo e as Grandes Terras era chamada de Qerkaringa, ou Golfo Gélido.[5]

Caso Melko de fato tivesse conhecimento da tentativa precipitada dos Gnomos de atravessá-lo, ele talvez os tivesse assaltado a todos naquele lugar maligno ou feito o que quer que desejasse, mas muitos meses se haviam passado desde que tinha fugido, talvez por aquele mesmo caminho, e agora ele estava muito longe. Não é verdade o que digo, Rúmil, a respeito dessas coisas?"

"Contaste a verdade," disse Rúmil, "mas não falaste de como, antes de chegar a Helkaraksë, a hoste passou por aquele local onde Mornië sói ficar ancorado, pois lá um caminho escarpado e acidentado desce serpenteando de Mandos e entra fundo nas montanhas, caminho que os espíritos que Fui envia até Arvalin precisam percorrer.[6] Lá,

um serviçal de Vefántur os espreitava e, perguntando-lhes do que se tratava aquela viagem, pediu-lhes que retornassem, mas eles responderam com desprezo, ao que, postado numa rocha elevada, ele lhes falou alto, e sua voz chegou mesmo à frota sobre as ondas; e ele lhes predisse muitas das terríveis aventuras que posteriormente enfrentaram, advertindo-os contra Melko e falou, por fim: ‘Grande é a queda de Gondolin’, e ninguém ali compreendeu, pois Turondo, filho de Nólemë,[7] ainda não estava na Terra. Mas os sábios guardaram seus dizeres, pois Mandos e todo o seu povo têm poder de profecia, e essas palavras foram por muito tempo entesouradas entre eles como sendo as Profecias de Amnos, pois assim era chamado, naquela época, o lugar onde foram pronunciadas, e agora é Hanstovánen[8] ou o atracadouro de Mornië.

Depois disso, os Noldoli viajaram lentamente e, quando o terrível istmo de Helkaraksë estava diante deles, alguns foram a favor de atravessar toda a hoste, uma parte de cada vez, cruzando o mar, arriscando-se pelas águas perigosas em vez de buscar uma passagem pelos golfos e crevasses do istmo de gelo. Isso eles intentaram, e um grande navio se perdeu com tudo a bordo em virtude duma temível voragem que havia na baía, próximo de onde Helkaraksë projetava-se da porção ocidental do continente; e aquele sorvedouro vez ou outra gira como um vasto pião e grita com um ruído alto e lamurioso, terribilíssimo de se ouvir, e as coisas que se

aproximam são sugadas às suas monstruosas profundas e destruídas ali em dentes de gelo e rocha; e o nome daquela voragem é Wiruin. Assim, os Noldoli estão muito angustiados e perplexos, pois mesmo que pudessem encontrar um caminho pelos terrores do Helkaraksë, eis que mesmo assim não conseguiriam alcançar o mundo interior, pois ainda há uma fenda na extremidade de lá e, conquanto estreita, o ruído das águas caindo velozes por ela pode ser ouvido assim de longe, e o estrondo do gelo se rompendo do cabo chegou até eles, assim como o choque e o golpe das ilhas-de-gelo impelidas desde o Norte por aquele estreito pavoroso.

Ora, a existência daquelas ilhas flutuantes de gelo sem dúvida se devia à presença de Melko novamente no longínquo Norte, pois o inverno havia se recolhido para os extremos Norte e Sul, de sorte que quase não restou local para acomodá-lo no mundo nos dias de paz chamados de As Correntes de Melko; mas, ainda assim, foi precisamente essa atividade de Melko que afinal se provou a salvação dos Noldoli, pois eis que eles agora são obrigados a retirar dos navios todas as mulheres e nautas de suas hostes, e àquelas praias desoladoras eles os levam e montam um desventuroso acampamento.

As canções chamam aquela habitação[9] de Tendas do Murmurar, pois ergueu-se muita lamentação e arrependimento, e muitos culparam Fëanor com amargura, como era de fato justo, e, no entanto, poucos desertaram a hoste, pois

suspeitavam que jamais haveria boas-vindas novamente para eles em Valinor — e realmente foi isso que descobriram uns poucos que decidiram retornar, mas isso não entra neste conto.

Agora, quando suas tribulações estão no momento mais sombrio, e quase ninguém espera que o júbilo retorne, eis que o inverno desfralda seus estandartes uma vez mais e marcha para o sul lentamente, vestido de gelo, com lanças de geada e flagelos de granizo. E tamanho é o frio que o gelo flutuante se acumula, e amontoa-se, e empilha-se como colinas entre o extremo de Helkaraksë[10] e a terra Oriental e, no fim, torna-se tão forte que a corrente não consegue movê-lo. Abandonando então seus navios roubados, eles deixam seu infeliz acampamento e esforçam-se para atravessar os terrores do Qerkaringa. Quem há de contar de seu infortúnio naquela marcha, ou dos que se perderam, caindo em grandes abismos de gelo nas profundezas dos quais fervia água oculta, ou dos que se desgarraram até que o frio os dominasse — e, por cruel que tenha sido, tantas coisas e tão desesperadoras sobrevieram depois nas Grandes Terras que isso foi reduzido, na mente deles, a coisa de menor valor e, em verdade, os contos que falavam da partida de Valinor nunca foram doces aos ouvidos dos Noldoli posteriormente, quer fossem cativos, quer fossem cidadãos de Gondolin. E, ainda assim, tais coisas não podem matar o povo-dos-Gnomos, e daqueles perdidos ainda se diz que alguns vagam tristemente em meio às colinas de gelo, ignorando

todas as coisas que se deram com seu povo, e alguns tentaram voltar a Valinor, e Mandos os guarda, e alguns que seguiram depois reencontraram, após longos dias, sua gente infeliz. O que quer que seja, um grupo desconsolado e apoucado realmente alcançou, por fim, o solo rochoso das terras Orientais, e lá ficou a olhar para trás, por sobre o gelo de Helkaraksë e de Qerkaringa, e os picos das colinas além do mar, pois lá longe, nas névoas que se ajuntavam ao sul, erguiam-se as mais gloriosas alturas de Valinor, cercando-os para sempre de seu clã e de seus lares.

Assim chegaram os Noldoli ao mundo."

E, com essas palavras de Rúmil, a estória do obscurecer de Valinor chegou ao fim.

"Grande era o poder de Melko para o mal," diz Eriol, "se ele pôde mesmo destruir, com seus ardis, a felicidade e glória dos Deuses e dos Elfos, obscurecendo a luz de seus corações, não menos do que a de suas habitações, e reduzindo a nada todo o amor deles! Esse seguramente deve ser o pior feito que jamais cometeu."

"De fato nunca tamanho mal foi levado a cabo novamente em Valinor," disse Lindo, "mas a mão de Melko laborou em coisas piores no mundo, e as sementes do seu mal cresceram desde aqueles dias a um tamanho grande e terrível."

"Não," disse Eriol, "meu coração ainda não consegue pensar em outros infortúnios, pelo pesar da destruição das mais belas Árvores e a escuridão do mundo."

[a] Na margem está escrito *Ielfethýþ*. Isso é inglês antigo, representando a interpretação do nome élfico feita por Eriol em sua própria língua: o primeiro elemento significa “cisne” (*ielfetu*), e o segundo (que originou a palavra “hithe”) significa “porto, desembarcadouro”.

NOTAS

[1] O manuscrito parece, certamente, conter a forma *Noldor* aqui. — Deve-se lembrar que, na antiga história, os Teleri (ou seja, os posteriores Vanyar) não haviam partido de Kôr; ver aqui.

[2] No alto da página manuscrita, e muito claramente referindo-se às palavras de Fëanor, meu pai escreveu: “Ampliar o elemento do desejo pelas Silmarils”. Outra nota se refere à seção da narrativa que começa aqui, e diz que “precisa de muita revisão: a [?sede ?cobiça] por joias — especialmente pelas sagradas Silmarils — requer ênfase. E a muito importante batalha de Cópas Alqaluntë, na qual os Gnomos assassinaram os Solosimpi, precisa ser inserida”. Essa nota foi então riscada e assinalada com “feito”, mas somente a última orientação foi, de fato, seguida: trata-se do adendo sobre o Fratricídio incluído nas pp. 200–02.

[3] Ao lado disso, meu pai escreveu na margem: “*Helkaraksë* Presa-de-Gelo *Qerkaringa* a água”; ver nota 5.

[4] *Helkaraksë, ou Presa-de-Gelo*: escrito no lugar de *Qerkaringa*; ver nota 5.

[5] Esse trecho, começando com “‘Sabe, pois’, disse Lindo [...]”, substitui uma versão anterior que eu não incluo por não conter quase nada que não esteja na substituição em si; e a última frase da substituição é ela mesma um acréscimo posterior. Deve-se notar, contudo, que na primeira versão o braço de terra é chamado de *Qerkaringa* (assim como no trecho de substituição, inicialmente, ver nota 4), com a observação de que “o nome também foi dado ao estreito mais além”. Esta, portanto, foi a ideia inicial: *Qerkaringa* era o nome primariamente do braço de terra, mas estendia-se também para o estreito (presumivelmente, nesse estágio a palavra *qerka* não significava “golfo”). Meu pai, então, decidiu que *Qerkaringa* era o nome do estreito, e introduziu o nome *Helkaraksë* para o braço de terra; daí a anotação marginal da nota 3. Nesse ponto, ele acrescentou a última frase do trecho de substituição: “Ora, aquela faixa d’água que ainda fluía entre o promontório da Presa-de-Gelo e as Grandes Terras era chamada de Qerkaringa, ou Golfo Gélido”, e emendou *Qerkaringa* no corpo do trecho (nota 4) para *Helkaraksë, ou Presa-de-Gelo*, mantendo essa alteração pelo resto do conto (na p. 206, *de Qerkaringa > de Helkaraksë e de Qerkaringa*).

[6] Para o caminho que o negro navio Mornië percorre desde Mandos e sua jornada pela costa até Arvalin, ver pp. 99, 115 e seguintes.

[7] Turondo, ou Turgon, filho de Nólemë, foi mencionado anteriormente na p. 145.

[8] A leitura *Hanstovánen* é ligeiramente incerta, e outro nome — “ou . . . . . *Mornien*” — o segue. Ver a seção “Alterações feitas a nomes”, abaixo.

[9] Após a palavra “habitação” há um espaço em branco para a inserção de um nome élfico.

[10] O manuscrito traz *Qerkaringa* sem emenda, mas claramente a referência é ao promontório ocidental (a Presa-de-Gelo) e, portanto, coloquei *Helkaraksë* no texto (ver nota 5).

Alterações feitas a nomes em *A Fuga dos Noldoli*

Helkaraksë < *Qerkaringa* (para os detalhes e a explicação dessa alteração, ver nota 5).

Arvalin < *Habbanan*.

Amnos < *Emnon* < *Morniento*.

Hanstovánen O nome do "atracadouro de Mornië" foi primeiro escrito *Mornielta* (as últimas letras são incertas) e, depois, *Vane* (ou *Vone*) *Hansto*; esse último não foi riscado, mas a forma no texto (que também pode ser lida como *Hanstavánen*) parece ser a final. Após *Hanstovánen* está escrito "ou . . . . . *Mornien*".

Comentário a *A Fuga dos Noldoli*

Neste "conto" (na verdade, a conclusão do longo conto "O Roubo de Melko e o Obscurecer de Valinor", narrado por Lindo e terminado por Rúmil) encontra-se o mais antigo relato da partida dos Gnomos de Valinor. Aqui, os Deuses continuam a caçada vã e buscam por muito tempo após Melko ter escapado, e, além disso, são auxiliados pelos Eldar (incluindo os Solosimpi, os quais, na figura dos Teleri retratados em *O Silmarillion*, dificilmente teriam deixado suas praias e seus navios). Percebe-se que o retorno de Fëanor a Kôr e seu discurso aos Noldoli (e, neste relato, a outros) à luz de tochas é uma característica original; mas seus filhos ainda não apareceram e, de fato, nenhum dos príncipes noldorin descendentes de Finwë, exceto Turondo (Turgon), de quem se afirma especificamente

(p. 204) que “ainda não estava na Terra”. Não há Juramento de Fëanor, e a história posterior dos aconselhamentos divergentes dos Noldor aparece apenas na tentativa de Nólemë (Finwë) de acalmar as pessoas — Nólemë, portanto, desempenha o posterior papel de Finarfin (*O Silmarillion*, p. 124). Em *O Silmarillion* (p. 130), após o Fratricídio em Alqualondë e a Profecia do Norte, Finarfin e muitos de seu povo retornaram a Valinor e foram perdoados pelos Valar; aqui, os poucos que retornaram descobriram que não havia boas-vindas, ou então “Mandos os guarda” (p. 206).

Na seção rejeitada (p. 199), que foi substituída pelo relato da batalha de Kópas Alqualunten, a referência aos “feitos que [os Noldoli] lamentaram mais amargamente depois” deve ser, simplesmente, ao roubo dos navios dos Solosimpi, já que não há indicação de feitos piores (na passagem substituta, quase as mesmas palavras são usadas para o Fratricídio). O real surgimento da ideia de que os Noldoli eram culpados de coisas piores do que o roubo em Kópas é visto numa nota em um caderninho (ver pp. 34–5) que meu pai usava para rabiscar ideias e sugestões — muitas das quais não passavam de frases simples ou meros nomes isolados que serviam como lembretes do trabalho a ser feito, das histórias a serem contadas, ou de alterações a serem feitas. Essa nota diz:

A ira dos Deuses e Elfos muito grande — fazer até mesmo com que alguns Noldoli matem alguns Solosimpi em Kópas — e deixar Ulmo advogar por eles (? se Ulmo é tão afeito aos Solosimpi).

Isso foi riscado e marcado como “feito”, e a recomendação aqui de que Ulmo deveria defender os Noldoli é vista no conto *A Ocultação de Valinor* (p. 252).

Na descrição de Kópas, o “imenso arco de rocha viva” sobreviveu no “arco de rocha viva escavado pelo mar” da descrição muito mais concisa de Alqualondë em *O Silmarillion* (pp. 96–7); e vemos aqui a razão de o Porto ser “iluminado com muitas lamparinas” (*ibid*.): isso era porque pouca luz das Duas Árvores chegava até lá em virtude do paredão de pedra ao redor (embora a escuridão de Alqualondë esteja implícita em *O Silmarillion* na afirmação de que ela ficava “nos confins de Eldamar, ao norte do Calacirya, onde a luz das estrelas era brilhante e clara”).

Os detalhes dos acontecimentos no Porto foram concebidos de maneira diferente da história posterior, mas ainda com bastantes semelhanças gerais; e, embora a tempestade causada por Uinen (*O Silmarillion*, p. 129) não esteja presente na versão original, a descrição dos Noldoli rumando norte, alguns pela costa e alguns nas embarcações, permaneceu.

Há indicações interessantes da geografia das regiões setentrionais. Não há sugestão da presença de um grande ermo (posteriormente Araman) entre as Montanhas de Valinor ao norte e o mar, uma conclusão já vista anteriormente (p. 106) e corroborada incidentalmente pelos relatos do caminho íngreme desde Mandos, nas montanhas, descendo ao ancoradouro do navio negro Mornië (pp. 99, 204). O nome *Helkaraksë*, “Presa-de-Gelo”, que primeiro apareceu em emendas ao texto e atribuído inicialmente ao braço ou promontório que se projetava da terra ocidental, foi posteriormente realocado ao que é aqui chamado de *Qerkaringa*, o estreito repleto

de ilhas de gelo “pungindo e colapsando juntas”; mas isso foi quando o *Helcaraxë*, “o Gelo Pungente”, passou a ter uma importância geográfica bastante distinta no desenho do mundo muito mais sofisticado que meu pai desenvolveu durante a “fase” seguinte da mitologia.

Em *O Silmarillion* (p. 129), há uma sugestão de que o vate da Profecia do Norte era o próprio Mandos “e nenhum outro arauto menor de Manwë”, e a gravidade dela, de fato sua própria centralidade na mitologia, é muito maior; aqui não há indício de uma “sentença” ou “maldição”, mas apenas de uma predição. E essa predição incluía as sinistras palavras “Grande é a queda de Gondolin”. No conto de *A Queda de Gondolin* (mas em uma frase interpolada, muito possivelmente posterior à do presente conto), Turgon, postado nas escadarias de seu palácio, em meio à destruição da cidade, pronunciou as mesmas palavras, “e os homens estremeceram, pois tais foram as palavras de Amnon, o profeta de outrora”. Aqui *Amnon* (em vez de *Amnos*, como no presente texto, uma emenda de *Emnon*) não é um lugar, mas uma pessoa (seria o serviçal de Vefántur que fez a profecia?). No caderninho já mencionado, há a seguinte anotação:

Profecia de Amnon. Grande é a queda de Gondolin. Eis que Turgon não esvanecerá até que o lírio do vale esvaneça.

Em algumas outras notas para os *Contos Perdidos*, isso é expresso na seguinte forma:

Profecia de Amnon. “Grande é a queda de Gondolin” e “Quando o lírio do vale fenecer, então

Turgon há de esvanecer”.

Nessas notas, *Amnon* pode ser tanto o lugar quanto a pessoa. O “lírio do vale” é a própria Gondolin, um de cujos Sete Nomes era *Losengriol*, posteriormente *Lothengriol*, traduzido como “flor do vale ou lírio do vale”.

Há uma afirmação interessante na história antiga (p. 203) de que os Noldoli jamais teriam atravessado o gelo caso já tivessem sido sujeitados “ao cansaço, à enfermidade e às muitas fraquezas que depois acometeram sua gente morando longe de Valinor”, mas “o alimento sagrado dos Deuses e sua bebida ainda eram ricos em suas veias, e eles eram semidivinos”. Isso é ecoado nas palavras de *O Silmarillion* (pp. 132–33) de que os Noldor eram “recém-chegados do Reino Abençoado e ainda não cansados com o cansaço da Terra”. Por outro lado, está dito especificamente na Profecia do Norte (*ibid*., p. 130) que “embora Eru tenha estipulado que não morrêsseis em Eä e *que nenhuma doença vos assaltasse*, podeis, porém, ser mortos e mortos haveis de ser”, etc.

Da traição dos Fëanorianos, navegando nas embarcações e deixando a hoste de Fingolfin nas costas de Araman não há, evidentemente, vestígio na história antiga; mas a culpabilização de Fëanor já estava presente (as “Tendas do Murmurar”, p. 205). É um aspecto notável da versão mais antiga da mitologia que, enquanto muito da estrutura narrativa era firme e haveria de perdurar, a estrutura “genealógica” posterior mal havia surgido. Turgon existia como filho de (Finwë) Nólemë, mas não há indicação de que Fëanor tinha parentesco próximo com o senhor dos Noldoli, e os outros príncipes —

Fingolfin, Finarfin, Fingon e Felagund — não aparecem em absoluto, em nenhuma forma, com nenhum nome.

8

O Conto do Sol e da Lua[a]

O *Conto do Sol e da Lua* é introduzido por um “Interlúdio” (conforme é chamado no manuscrito), no qual surge um certo Gilfanon de Tavrobel como hóspede em Mar Vanwa Tyaliéva. Esse interlúdio existe também em uma versão anterior rejeitada.

O conto em si é majoritariamente um manuscrito a tinta sobre um original a lápis apagado, mas, mais para o final (ver nota 19), torna-se um manuscrito primariamente a tinta, com o rascunho remanescente a lápis em outro caderno.

O *Conto do Sol e da Lua* é muito longo, e eu o encurtei aqui e ali por meio de paráfrases breves, sem omitir quaisquer detalhes de interesse. (Uma nota de meu pai diz que esse conto “necessita de grande revisão, redução e [?reforma]”.)

Gilfanon a·Davrobel

Ora, não se deve pensar que, conforme Eriol escutava os muitos contos que falavam de diversos pesares dos Elfos, a sede por *limpë* diminuiu dentro dele, pois não é assim, e sempre que o grupo se sentava junto ao Fogo-do-Conto, ele era um perguntador ávido, querendo aprender toda a história do povo até aqueles mesmos dias, quando o povo élfico morava novamente junto na ilha.

Portanto, agora que sabia algo do glorioso modo de seu antigo lar e do esplendor dos Deuses, ponderava amiúde sobre a chegada dos dias da luz do Sol e do brilho da Lua, e dos afazeres dos Elfos mundo afora, e das suas aventuras lá com os Homens antes que Melko planejasse sua desavença; assim, uma noite ele perguntou, sentado diante do Fogo-do-Conto: “Donde vieram o Sol e a Lua, ó Lindo? Pois até agora ouvi falar apenas das Duas Árvores e seu triste desvanecer, mas da vinda dos Homens, ou das façanhas dos Elfos além de Valinor ninguém me contou.”

Ora, aconteceu naquela noite de estar presente um convidado tanto à mesa quanto no contar de contos, e seu nome era Gilfanon, e todos o chamavam, ademais, de Gilfanon a·Davrobel,[1] pois ele vinha daquela região da ilha onde se erguia a Torre de Tavrobel ao lado dos rios,[2] e nas redondezas habitava a gente-dos-Gnomos como um só povo, dando nomes para os lugares em seu próprio idioma. Gilfanon soía dizer que aquela região era a mais bela de toda a ilha, e a gente-dos-Gnomos, seu melhor povo, se bem que, antes da chegada deles até ali, por muito tempo ele vivera longe dos Noldoli, viandando com Ilkorins em Hisilómë e Artanor,[3] e, além disso, tornou-se, como poucos Elfos, grande amigo e companheiro dos Filhos dos Homens daqueles dias. Às suas lendas e memórias ele acrescentou seu próprio conhecimento, pois fora profundamente versado em muitos saberes e idiomas certa vez, nos antigos dias de Kôr, e tinha vivência, ademais, em

muitas façanhas antiquíssimas, sendo mesmo um dos mais velhos das fadas[4] e o mais idoso que agora habitava na ilha, ainda que Meril detivesse o título de Senhora da Ilha em virtude de seu sangue.

Agora, portanto, Lindo disse em resposta a Eriol: “Vê, Gilfanon pode contar-te muito de tais assuntos, e seria bom se tu fosses daqui com ele passar um tempo em Tavrobel. — Não, não olhes assim,” riu-se, vendo o rosto de Eriol, “pois não te estamos banindo, ainda — mas, em verdade, seria sábio daquele que gostaria de beber do *limpë* que primeiro buscasse a hospitalidade de Gilfanon, em cuja casa anciã — a Casa das Cem Chaminés que fica próximo à ponte de Tavrobel[5] — muitas coisas podem ser ouvidas tanto do passado quanto daquilo que há de vir.”

“Penso”, disse Gilfanon a Eriol, “que Lindo quer se ver livre de dois hóspedes duma só vez; contudo, ainda não pode fazê-lo, pois pretendo permanecer em Kortirion ainda sete noites, e banquetear-me à sua boa mesa entrementes, e esticar-me junto ao Fogo-do-Conto também — depois, talvez, tu e eu vamos embora e tu hajas de ver toda a beleza da ilha das fadas — mas deixa agora que Lindo erga sua voz e nos conte ainda mais do esplendor dos Deuses e suas obras, um tema que nunca o cansa!”

Isso deixou Lindo satisfeito, pois de verdade amava contar tais contos e buscava amiúde motivo para relembrá-los, e falou: “Então contarei a estória do Sol e da Lua e das Estrelas, para que

Eriol possa ouvir o que deseja", e Eriol ficou satisfeito, mas Gilfanon disse: "Conta, Lindo — mas não alonga o conto para sempre."

Então Lindo ergueu a voz,[6] e ela era a mais agradável de se ouvir dentre todos os contadores, e ele disse:[b]

"Uma estória eu conto daquele tempo da primeira fuga dos Gnomos, e eis que eles acabaram de fugir. Agora chega essa triste notícia aos Deuses e demais Elfos e, a princípio, ninguém acreditou. Mas as novas ainda assim lhes chegaram, e por muitos mensageiros diferentes. Alguns eram dos Teleri, que ouviram o discurso de Fëanor na praça de Kôr e viram os Noldoli partirem dali com todos os bens que podiam carregar; outros eram dos Solosimpi, e esses trouxeram as graves notícias do roubo dos navios-cisne e do terrível fratricídio do Porto, e do sangue que havia nas praias brancas de Alqaluntë.

Por fim vieram alguns desabalados de Mandos que haviam visto aquela multidão infeliz junto às praias de Amnor, e os Deuses souberam que os Gnomos estavam longe, e Varda e todos os Elfos choraram, pois parecia que a escuridão estava mesmo negra agora, e que mais do que a luz exterior das belas Árvores fora morta.

É estranho contar que, embora Aulë tivesse amado os Noldoli acima de todos os Elfos e os tivesse ensinado tudo o que sabiam, e tivesse lhes dado grandes estoques de riqueza, agora seu coração voltava-se muito contra eles, pois os cria ingratos por não lhe haverem dito adeus, e seus

maus feitos entre os Solosimpi agravavam-lhe o coração. “Não faleis”, disse, “o nome dos Noldoli nunca mais a mim,” e, apesar de ainda estender seu amor àqueles poucos Gnomos fiéis que permaneceram em seus salões, ele os nomeou a partir de então de ‘Eldar’.

Mas os Teleri e os Solosimpi, havendo chorado no início, quando o ataque no Porto se tornou conhecido de todos, secaram as lágrimas, e o horror e a angústia aferraram seus corações, e eles também passaram a raramente falar dos Noldoli, salvo com tristeza ou em sussurros a portas fechadas; e aqueles poucos dos Noldoli que ficaram para trás foram chamados de Aulenossë, ou a gente de Aulë, ou foram recebidos nos outros clãs, e à gente-dos-Gnomos não resta lugar ou nome agora em toda Valinor.

É preciso contar agora que, após muito tempo, pareceu a Manwë que a caçada dos Deuses de nada adiantava, e que Melko seguramente escapara de Valinor; portanto, enviou Sorontur ao mundo, e Sorontur não retornou por muito tempo, e Tulkas e muitos outros ainda percorriam a terra, mas Manwë estava ao lado das Árvores escurecidas e seu coração estava muito pesado enquanto ponderava profunda e lugubremente, mas, naquele momento, conseguia ver pouca luz de esperança. Súbito há um som de asas naquele local, pois Sorontur, Rei das Águias, está de volta, adejando forte pelo ocaso, e eis que, pousando nos galhos da escurecida Silpion, conta como Melko irrompeu no mundo e muitos espíritos malignos

uniram-se a ele: ‘contudo’, falou, ‘penso que Utumna jamais se abrirá novamente para ele, e ele já se ocupa de fazer para si novas habitações naquela região do Norte onde ficam as Montanhas de Ferro, mui altas e terríveis de se ver. Mas ó Manwë, Senhor do Ar, outras novas tenho ainda para vossos ouvidos, pois vede! conforme voava aqui para meu lar por sobre os negros mares e as terras hostis, uma visão eu tive da maior admiração e espanto: uma frota de brancas naus vazias à deriva nas procelas, e umas ardiam com fogo brilhante e, atônito, eis que vi grande multidão de gente nas costas das Grandes Terras, e todos olhavam para oeste, mas alguns ainda estavam vagando no gelo — pois, sabei, isso foi naquele lugar onde estão os despenhadeiros de Helkaraksë e onde as águas mortíferas de Qerkaringa fluíam outrora, elas que agora estão barradas pelo gelo. Baixando, pensei ter ouvido o som de lamúrias e tristes palavras ditas no idioma dos Eldar; e é esse o conto que trago para vosso ajuizamento.’

Mas, com isso, Manwë soube que os Noldoli se tinham ido para sempre, e seus navios estavam queimados ou abandonados, e que Melko também estava no mundo, e que a caçada de nada serviu; e quiçá seja à lembrança desses feitos que sempre foi um dito pelas bocas de Elfos e Homens que aqueles que afastam de si a esperança de mudarem de ideia ou de alvitre estão a ‘queimar suas naus’. Agora, portanto, Manwë ergueu sua incomensurável voz chamando os Deuses, e todos

aqueles pelas vastas terras de Valinor ouviram e retornaram.

Lá chegou primeiro Tulkas, exausto e coberto de terra, pois ninguém saltara pela planície como ele. Sete vezes ele percorrera toda sua amplidão e três vezes escalara a encosta montanhosa, e todas as desmesuradas escarpas e pastagens, pradarias e florestas ele atravessara, ardente com o desejo de punir o espoliador de Valinor. Lá chegou Lórien e apoiou-se no tronco ressequido de Silpion, e chorou os danos aos seus silenciosos jardins causados pelo tropel da caçada; lá também estava Meássë e, com ela, Makar, e sua mão estava vermelha, pois ele se deparara com dois dos camaradas de Melko que fugiam, e matou-os enquanto corriam, e somente ele tinha algum júbilo naqueles momentos malignos. Ossë estava lá, e sua barba verdeal estava retalhada e seus olhos, turvos, e ele arfava apoiado num cajado e estava muitíssimo sedento, pois, por poderoso que fosse pelos mares e incansável, aquela labuta no seio da Terra esgotou completamente seu vigor.

Salmar e Ómar estavam por lá, e seus instrumentos musicais não faziam som algum, e seu coração estava pesado, mas não estavam tão amargurados quanto Aulë, amante da terra e de todas as coisas feitas ou conquistadas dela por bom labor, pois, de todos os Deuses, era ele quem mais completamente amava Valmar e Kôr e todos os seus tesouros, e o sorriso das formosas planícies afora, e sua ruína lacerava-lhe o coração. Com ele estava Yavanna, Rainha-da-terra, e ela

caçara com os Deuses e estava exausta; mas Vána e Nessa pranteavam qual donzelas ainda ao lado das fontes de ouro de Kulullin.

Somente Ulmo não foi até as Árvores, mas desceu à praia de Eldamar, e lá ficou a fitar a treva, longe ao mar, e clamava amiúde com sua voz mais potente, como se quisesse trazer de volta aqueles calaceiros ao regaço dos Deuses, e de quando em quando tocava profunda música de anseio em suas conchas mágicas, e somente para ele, a menos que[7] para Varda, senhora das estrelas, a partida dos Gnomos foi maior pesar até mesmo do que a ruína das Árvores. Dantes Ulmo amara muito os Solosimpi e, contudo, quando ouviu do seu assassinato pelos Gnomos, afligiu-se de fato, mas a cólera não lhe endureceu o coração, pois Ulmo era mais presciente do que todos os Deuses, mesmo o grande Manwë, e talvez tenha visto muitas das coisas que adviriam daquela fuga e das terríveis dores dos infelizes Noldoli no mundo, e a angústia pela qual expiariam o sangue de Kópas, e ele queria que não precisasse ser assim.

Agora, quando todos estavam assim reunidos, Manwë lhes falou e contou as novas de Sorontur, e de como a perseguição falhara, mas, naquela hora, os Deuses estavam desorientados na treva e tinham pouco conselho a dar, e cada um buscou seu lar e seus locais do antigo deleite agora morto, e lá sentaram-se no silêncio e na escuridão a ponderar. E, no entanto, uns saíam vez ou outra à planície e fitavam saudosos as Árvores

desvanecidas como se aqueles ramos ressequidos fossem florescer com luz nova: mas isso não passou, e Valinor estava cheia de sombras e treva, e os Elfos choravam e não se reconfortavam, e os Noldoli enfrentavam amargo pesar nas terras setentrionais.

Depois, por grande tempo varou a aflição e o cansaço dos Deuses a ideia de que a luz se fora de Valinor para sempre, e que nunca mais aquelas Árvores darão flor novamente nos momentos estabelecidos. Somente a luz das estrelas permaneceu, com exceção dos locais onde um brilho folgava solitário junto à fonte de Kulullin, ou uma claridade pálida persistia próximo ao fundo Telimpë,[8] tonel de sonhos. Mas mesmo esses estavam turvados e baços, pois as Árvores já não davam orvalho para reabastecê-los.

Portanto, Vána se ergue e busca Lórien, e com eles vão Urwendi e Silmo[9] e muitos outros tanto dos Vali quanto dos Elfos; e eles ajuntam muita luz d’ouro e prata em grandes vasos e encaminham-se tristes até as Árvores arruinadas. Ali, Lórien canta mui melancólicas canções de magia e encantamento junto ao tronco de Silpion, e ordena que reguem suas raízes com a radiância de Telimpë; e isso foi feito prodigamente, ainda que pouco estoque dela restasse agora nas moradas dos Deuses. Coisa parecida faz Vána, e ela canta velhas canções douradas de dias mais felizes, e ordena que suas donzelas dancem suas brilhantes danças, as que soíam dançar no relvado dos roseirais perto de Kulullin e, conforme dançavam,

ela embebia as raízes de Laurelin com rios dos seus jarrões dourados.

E, contudo, toda a sua cantoria e encantamento é de pouca serventia e, ainda que as raízes das Árvores pareçam sorver tudo o que eles venham a despejar, não conseguem ver sinal de vida renovada, nem a mais débil faísca de luz; nem folha ressequida brilha com seiva e nem flor ergue seu pedúnculo caído. Em verdade, no frenesi de sua aflição eles teriam despejado todos os últimos estoques restantes do brilho que os Deuses guardavam, se por boa fortuna não tivessem Manwë e Aulë chegado a eles naquela hora, levados até ali pela cantoria na escuridão, e os detido: ‘Ó Vána e ó Lórien, por que essa pressa? E por que não vos aconselhastes primeiro com vossos irmãos? Pois não percebeis que isso que derramais desajuizadamente sobre a terra tornou-se mais precioso que todas as coisas contidas no mundo; e, uma vez acabado, talvez nem toda a sabedoria dos Deuses consiga prover mais.’

Então disse Vána: ‘Perdão, ó Manwë Súlimo, que minha tristeza e minhas lágrimas sejam minha escusa; é que dantes esse sorvo nunca deixou de refrescar o coração de Laurelin, e ela retribuía com fruta de luz mais abundantemente do que nós dávamos; e pareceu-me que os Deuses se sentavam sombrios em seus salões e, pelo peso de sua aflição, não intentavam qualquer remédio para seus males. Mas vede, agora Lórien e eu operamos nossos encantamentos e de nada adiantam’, e Vána chorou.

Ora, foi o pensamento de muitos que aqueles dois, Lórien e Vána, não conseguiram curar as feridas de Laurelin e Silpion porque nenhuma palavra da Senhora-da-terra, mãe de magias, estava misturada em seus encantamentos. Assim, muitos falaram: ‘Que procuremos Palúrien, pois por sua magia talvez essas Árvores hajam de conhecer novamente uma porção de sua antiga glória — e, então, se a luz for renovada, Aulë e seus artífices podem reparar os danos de nosso belo reino, e a felicidade existirá de novo entre Erumáni e o Mar’[10] — mas do escuro e dos dias malignos que há muito existiam para além das colinas poucos cuidavam ou pensavam.

Agora, portanto, chamaram Yavanna, e ela veio e perguntou-lhes o que queriam e, ouvindo, chorou e falou diante deles: ‘Sabei vós, ó Valar, e vós, filhos e filhas dos Eldar, Filhos de Ilúvatar, primeiros rebentos das florestas da Terra, que nunca essas Duas Árvores poderão florescer novamente, e outras iguais a elas podem não ser trazidas à vida por muitas, muitas eras do mundo. Muitas coisas hão de ser feitas e de passar, e os Deuses hão de envelhecer, e os Elfos chegarão a quase esvanecer antes de verdes o reflagrar destas Árvores ou o Sol Mágico reaceso”, e os Deuses não souberam o que ela queria dizer, falando do Sol Mágico, e nem o souberam por muito tempo depois. Mas Tulkas, ouvindo, disse: ‘Por que falas essas palavras, ó Kémi Palúrien, pois predição não é do teu feitio, e menos que tudo essa de mau agouro?’ E outros havia lá que

falaram: ‘Sim, e nunca antes Kémi, a Senhora-da-terra, deu conselho duro ou faltou com um encantamento de profundíssima virtude’, e imploraram que ela empenhasse seu poder. Mas Yavanna falou: ‘Está no fado e na Música dos Ainur. Tais maravilhas como aquelas Árvores d’ouro e prata até mesmo os Deuses só podem fazer uma vez, e isso na juventude do mundo; e nem podem todos os meus encantamentos lograr o que vós agora pedis.’

Então falou Vána: ‘O que dizes tu, Aulë, poderoso inventor a quem chamam de *i·Talka Marda* — Ferreiro do Mundo — pela grandeza de tuas obras, como havemos de obter a luz necessária para nosso júbilo? Pois que é Valinor sem luz, e o que és tu se perderes teu engenho como, parece-me, tua esposa perdeu neste momento?’

‘Não’, disse Aulë, ‘luz não se pode criar em forja, ó Vána-Laisi, nem qualquer um mesmo dos Deuses pode criá-la se a seiva das Árvores de maravilha secar para sempre.’ Mas Palúrien, também em resposta, falou: ‘Ora, ó Tuivána, e vós outros dos Vali e dos Elfos, pensais apenas e sempre em Valinor, esquecendo o mundo lá fora? — pois meu coração me diz que já é tempo de os Deuses assumirem uma vez mais a batalha pelo mundo e expulsarem de lá os poderes de Melko antes que atinjam uma força dominadora.’ Mas Vána não compreendia a mente de Palúrien, pensando somente na sua Árvore d’ouro, e aquiesceu a contragosto; mas Manwë e Varda, e

com eles Aulë e Yavanna, retiraram-se dali e, em conclave secreto, tomaram um do outro aconselhamento profundo e minudente e, por fim, pensam num plano de esperança. Manwë, então, reúne uma vez mais todo o povo de Valinor; e aquela grande multidão se ajuntou no viridário de Vána em meio às suas rosas, onde ficavam as fontes de Kulullin, pois a planície jazia agora fria e escura. Para lá foram até mesmo os líderes dos Elfos, e sentaram-se aos pés dos Deuses, e isso não acontecera antes; mas, quando todos estavam reunidos, Aulë se ergueu e disse: ‘Ouvi, todos vós. Um conselho tem Manwë Súlimo Valatúru[c] a declarar, e a mente da Senhora-da-terra e da Rainha das Estrelas está nele, e meu aconselhamento não está ausente.’

Então houve grande silêncio para que Manwë pudesse falar, e ele disse: ‘Vede, ó meu povo, um tempo de escuridão se abateu sobre nós e, no entanto, tenho em mente que isso não é alheio ao desejo de Ilúvatar. Pois os Deuses quase se haviam esquecido do mundo que jaz lá fora, esperando por dias melhores, e dos Homens, os filhos mais novos de Ilúvatar que logo devem chegar. Agora estão as Árvores ressequidas, elas que tanto encheram nossa terra de beleza e nossos corações de alegria, de sorte que nenhum desejo mais amplo chegou a eles e, assim, eis que devemos voltar nossos pensamentos a novos artifícios pelos quais a luz possa brilhar tanto no mundo de fora quanto na Valinor de dentro.’

Então ele lhes falou daqueles estoques de radiância que ainda tinham; pois de luz prateada não tinham mais do que aquilo que ainda estava em Telimpë e uma pequena quantidade que Aulë guardava em bacias em sua forja. Um tanto, de fato, os Eldar haviam recolhido com amor em pequeninos vasos conforme ela fluiu e se perdeu nos solos à volta do tronco ferido, mas era bem pouco.

Ora, a pequenez de seu estoque de luz branca se devia a muitas causas, pois Varda usara copiosamente dela quando inflamou poderosas estrelas pelos céus, tanto à vinda dos Eldar quanto em outros momentos. Ademais, a Árvore Silpion dava orvalho de luz muito menos abundantemente do que Laurelin soía fazer e, no entanto, por ser menos quente e de fogo sutil, os Deuses e Elfos têm sempre necessidade dela em seus ofícios mágicos, e a misturaram em toda maneira de coisas que criaram, e nisso os Noldoli eram os principais.

Ora, luz dourada nem mesmo os Deuses conseguiam dominar muito para seus usos, e deixaram que se acumulasse no grande tonel Kulullin de modo que muito encheram-se suas fontes, ou em outras bacias brilhantes e amplos lagos junto aos seus pátios, pois a salubridade e glória de sua radiância era grandíssima. De fato, conta-se que aqueles primeiros artífices de joias, dos quais Fëanor tinha a maior fama, eram os únicos dos Eldar que conheciam o segredo de sutilmente domar a luz dourada para seus usos, e

atreviam-se a usar seu conhecimento com muita parcimônia, e este agora pereceu com eles na Terra. Mas mesmo dessa radiância dourada não havia fonte perene, agora que Laurelin já não mais gotejava seu doce orvalho. Dessa necessidade Manwë formou seu plano, e ele foi influenciado justamente por aquela semeadura d'estrelas que Varda fizera outrora: pois a cada estrela ela dera um coração de flama prateada posta em vasos de cristais e vidro pálido e substâncias inimagináveis das cores mais tênues: e alguns desses vasos foram feitos semelhantes a barcos e, boiando em virtude de seus corações de luz, viajavam sempre por Ilwë e, no entanto, não podiam flutuar até o escuro e tênue reino de Vaitya, que está fora de tudo. Ora, espíritos alados da maior pureza e beleza — mesmo os mais etéreos daqueles brilhantes coros de Mánir e Súruli que voejam pelos salões de Manwë em Taniquetil ou varam todos os ares que se movem sobre o mundo — sentavam-se naqueles barcos estelares e os guiavam em cursos labirínticos muito acima da Terra, e Varda lhes deu nomes, mas poucos deles são conhecidos.

Outros havia cujos vasos eram como lamparinas translúcidas postas a tremular acima do mundo, em Ilwë ou nos próprios confins de Vilna e dos ares que respiramos, e eles faiscavam e minguavam pelo movimento dos ares superiores, mas permaneciam no lugar e não se moviam; e alguns desses eram muito grandes e belos, e os Deuses e Elfos os amavam em meio a todas as suas

riquezas; e, em verdade, daí os joalheiros tiraram sua inspiração. Não menos amavam Morwinyon do oeste, cujo nome significa lampejo no ocaso, e de seu engaste nos céus muito foi dito; e de Nielluin também, que é a Abelha Azurina, Nielluin a quem todos os homens ainda podem ver no outono ou no inverno ardendo junto ao pé de Telimektar, filho de Tulkas, cujo conto ainda está para ser contado.

Mas vede! (falou Lindo) a beleza das estrelas levou-me para longe e, no entanto, não duvido que, naquele grande discurso, o mais pujante que Manwë jamais fizera diante dos Deuses, mencionou-as ainda mais amorosamente do que eu. Pois vede, ele desejava dessarte fazer o coração dos Deuses considerar seu desígnio e, tendo falado das estrelas, formou assim suas palavras finais: ‘Vede,’ disse Manwë, ‘esta é agora a terceira tentativa dos Deuses para levar luz aos locais escuros, e Melko arruinou tanto as Lamparinas do Norte e do Sul quanto as Árvores da planície. Ora, no ar apenas Melko não tem poder para o mal, porquanto é meu conselho que construamos um grande vaso repleto de luz dourada e dos orvalhos acumulados de Laurelin, e que o coloquemos flutuando como um grande navio bem acima dos reinos escuros da Terra. Lá ele há de percorrer cursos longínquos pelos ares e derramar sua luz em todo o mundo entre Valinórë e as praias Orientais.’

Ora, Manwë concebeu o curso do navio de luz para que fosse de Leste a Oeste, pois Melko detinha o Norte e Ungweliant, o Sul, enquanto no

Oeste estavam Valinor e os reinos abençoados e, no Leste, vastas regiões de terras sombrias que careciam de luz.

Ora, (diz Lindo) conta-se que, enquanto certos Deuses e seus seres divinos poderiam, se o desejassem, viajar com grande velocidade através de Vilna e dos ares inferiores, ainda assim nem mesmo um dos Valar, nem o próprio Melko e nem ninguém, salvo apenas Manwë e Varda e seu povo, conseguiam ir além: pois foi palavra de Ilúvatar quando os mandou ao mundo por desejo deles que deveriam habitar para sempre dentro do mundo uma vez que entrassem nele, e não haveriam de deixá-lo até que chegasse seu Grande Fim, estando enredados nele, nas tramas do seu fado, e tornando-se parte dele. E mais, apenas a Manwë, sabendo da pureza e glória de seu coração, Ilúvatar outorgou o poder de visitar as alturas extremas; e, inspirando o Sereno vasto e claro que jaz tão acima do mundo que nem sua mais fina poeira, nem o mais tênue odor de suas vidas e nem o mais débil eco de sua canção ou aflição chega até lá; mas, muito abaixo, brilha palidamente sob as estrelas, e as sombras do Sol e da Lua indo de lá para cá desde Valinor fremem em sua face. Lá caminha Manwë Súlimo amiúde para muito além das estrelas, e observa-o com amor, e ele é muito próximo ao coração de Ilúvatar.

Mas isso sempre foi e ainda é a maior amargura de Melko, pois de modo algum poderia, por si só, abandonar o seio da Terra, e talvez ainda haveis

de ouvir quão grandemente sua inveja cresceu quando os grandes vasos de radiância içaram velas; mas é preciso dizer agora que tão comoventes foram as palavras, e tão grande a sabedoria delas que[11] a maior parte dos Deuses achou seu propósito bom, e eles disseram: ‘Que Aulë se ocupe, então, com todo o seu povo na feitura desse navio de luz’, e poucos disseram o contrário, embora se conte que Lórien estava pouco contente, temendo que a sombra e a quietude e os locais secretos deixassem de existir, e decerto Vána pensava em pouca coisa mais, devido ao tamanho de seu vão desejo de ver o reflagrar das Árvores.

Então falou Aulë: ‘A tarefa que vós me incumbis é de extrema dificuldade e, no entanto, farei tudo o que posso quanto a isso’, e implorou pelo auxílio de Varda, a fazedora d’estrelas, e os dois partiram e se perderam na treva por muito tempo.

A narrativa continua com um relato do fracasso de Aulë e Varda em criar qualquer substância que não fosse “pesada demais para nadar nos ares e nem frágil demais para suportar a radiância de Kulullin”; e, quando isso se tornou conhecido, Vána e Lórien pediram que, uma vez que o desígnio de Manwë tinha fracassado, ele ordenasse a Yavanna que tentasse curar as Árvores.

Afinal, portanto, Manwë ordenou que Yavanna empenhasse seu poder, e ela relutou, mas o clamor do povo a compeliu e ela suplicou por um pouco da radiância de branco e ouro; mas dessas

Manwë e Aulë dispensaram apenas dois pequenos frascos, dizendo que, se o sorvo d’outrora tivesse o poder de curar as Árvores, elas já estariam florindo, pois Vána e Lórien haviam-no derramado prodigamente sobre as raízes. Então, Yavanna postou-se pesarosa sobre a planície, e seu corpo tremia e seu rosto estava muito pálido pela imensidão do esforço que seu ser empenhava, lutando contra o fado. O frasco d’ouro ela segurava na mão direita, e o de prata, na esquerda, e de pé entre as Árvores ela os ergueu no alto, e flamas rubras e alvas irromperam de cada uma como fossem flores, e o chão tremeu, e a terra se fendeu, e uma porção de flores e plantas surdiu dali aos seus pés, brancas e azuis do lado esquerdo e rubras e douradas do lado direito, e os Deuses sentavam-se imóveis e atônitos. Caminhando, então, ela lançou cada frasco em sua respectiva Árvore e cantou as canções de crescimento imarcescível e uma canção de ressurreição após a morte e o ressecar; e, de súbito, não cantou mais. Postou-se no meio das Árvores e caiu um silêncio profundo, e então ouviu-se um grande barulho e ninguém sabia o que se passara, mas Palúrien jazia desfalecida na Terra; e muitos saltaram ao seu lado e a ergueram do solo, e ela tremia e estava temerosa.

‘Vã, ó filhos dos Deuses’, exclamou, ‘é toda a minha força. Vede, ao vosso desejo despejei meu poder sobre a Terra como água, e como água a Terra a sugou de mim — foi-se e nada mais posso fazer.’ E as Árvores continuavam emaciadas e

rígidas, e toda a gente chorou fitando-a, mas Manwë disse: ‘Não choreis, ó filhos dos Deuses, pelo dano irreparável, pois muitos belos feitos podem ainda ser realizados, e a beleza não pereceu na terra, e nem todos os conselhos dos Deuses reduziram-se a nada’; mas, ainda assim, o povo deixou o local pesaroso, salvo Vána apenas, e ela agarrou-se ao tronco de Laurelin e chorou.

Agora abatia-se em Valinor o momento da mais mirrada esperança e da escuridão mais profunda até então; e Vána continuava a chorar, e ela enredou seus dourados cabelos pelo tronco de Laurelin, e suas lágrimas caíam suaves nas raízes; e, conforme o orvalho de seu amor gentil tocava aquela árvore, eis que um súbito brilho pálido nasceu naqueles lugares escuros. Então Vána contemplou pasma e, mesmo onde suas primeiras lágrimas caíram, uma muda surgiu de Laurelin, e ela se abotoou, e os botões eram todos d’ouro, e deles veio luz como um raio de sol sob uma nuvem.

Então Vána afastou-se um pouco na planície, e ergueu sua doce voz com todo o poder e ela chegou fremindo débil aos portões de Valmar, e todos os Valar ouviram. Então disse Ómar: ‘É a voz do lamento de Vána’, mas Salmar falou: ‘Não, ouve melhor, pois há júbilo nesse som’, e todos os que estavam à volta atentaram-se, e as palavras que ouviram foram *I·kal’ antúlien*, a Luz retornou.

Alto foi então o murmúrio pelas ruas de Valmar, e o tropel passou apressado pela planície e, quando contemplaram Vána sob a Árvore e a nova

muda d’ouro, então súbito uma canção de poderosíssimo louvor e júbilo irrompeu de todas as bocas; e Tulkas disse: ‘Vede, mais poderosos se provaram os feitiços de Yavanna do que ela predisse!’ Mas Yavanna, fitando o rosto de Vána, falou: ‘Ai, não é assim, pois nisto meus feitiços tiveram apenas uma pequena parte, e mais potente foi o amor gentil de Vána, e suas lágrimas cadentes foram um orvalho mais curativo e mais terno do que toda a radiância d’outrora: mas, quanto à minha predição, logo verás, ó Tulkas, se apenas observares.’

Então todo o povo contemplou Laurelin e eis que aqueles botões se abriram e lançaram folhas, e essas eram do mais fino ouro e diferentes daquelas de antes, e, conforme observavam, o galho produziu uma inflorescência dourada, e estava repleta de flores. Ora, tão logo as flores se abriram por completo, pareceu que um golpe de vento chegou de súbito e as sacudiu de seus esguios pedúnculos, soprando-os como se fossem borbotões de fogo pelas cabeças daqueles que observavam, e a gente achou que havia malignidade naquilo; mas muitos dos Eldar perseguiram longe aquelas pétalas brilhantes e as ajuntaram em cestos, mas, exceto aqueles que eram de fios de ouro ou outros metais, não puderam conter as flores ardentes e todos se consumiram e queimaram, de modo que as pétalas se perderam novamente.

Uma flor havia, contudo, maior que as outras, mais brilhante e mais ricamente dourada, e ela

balouçou aos ventos, mas não caiu; e cresceu e, conforme crescia, frutificou por sua própria calidez radiante. Então, à medida que suas pétalas caíam e eram entesouradas, um fruto de grande beleza se revelou pendendo daquele ramo de Laurelin, mas as folhas do ramo secaram, definharam e não mais brilharam. Conforme caíam ao chão, o fruto cresceu maravilhosamente, pois toda a seiva e radiância da Árvore moribunda estavam ali, e os sumos daquele fruto eram como flamas frementes d'âmbar e vermelho, e suas sementes, como ouro brilhante, mas a casca era dum luzidio perfeito, liso como se fosse um vidro cuja natureza é permeada por ouro e, através dela, o movimento de seus sumos podia ser visto como os fogos pulsantes duma fornalha. Tamanhas tornaram-se a luz e a riqueza daquele rebento e o peso de sua frutuosidade que o ramo entortou sob ele, e ele pendeu como um globo de fogos diante de seus olhos.

Então falou Yavanna a Aulë: 'Vai até o ramo, meu senhor, para que não se quebre e o fruto de maravilha caia rudemente ao solo; e isso seria da maior tristeza, pois sabei vós todos que esta é a última chama de vida que Laurelin há de revelar.' Mas Aulë estivera como alguém perdido em pensamento repentino desde que primeiro aquele fruto amadureceu, e ele agora respondeu, dizendo: 'Por muito tempo Varda e eu buscamos pelos lares e jardins desolados os materiais para nosso ofício. Agora sei que Ilúvatar pôs o meu desejo nas minhas mãos.' Então, pedindo a Tulkas que o

ajudasse, cortou a haste daquele fruto, e os que observavam arquejaram e pasmaram-se a essa perversidade.

Murmuraram alto, e uns exclamaram: ‘Desgraça àquele que violentar novamente nossa Árvore’, e Vána estava muito irada. E, no entanto, ninguém ousou aproximar-se, pois mesmo aqueles dois, Aulë e Tulkas, mal conseguiam erguer em seus ombros divinais aquele grande globo de flama e cambaleavam sob ele. Ouvindo sua cólera, de fato, Aulë parou, dizendo: ‘Cessai, vós de pouca sabedoria, e tende paciência’, mas àquelas palavras seu pé titubeou e ele tropeçou, e mesmo Tulkas não conseguiu segurar aquele fruto sozinho, de sorte que ele caiu e, atingindo o solo, fendeu-se. Imediatamente uma radiância cegante irrompeu, tal como nem mesmo a plena florada de Laurelin fazia outrora, e os olhos ensombrecidos dos Vali ofuscaram-se de tal forma que eles caíram para trás atordoados; mas um pilar de luz ergueu-se naquele lugar, golpeando os céus de modo que as estrelas palorejaram acima deles e a face de Taniquetil enrubesceu ao longe, e somente Aulë dentre eles não se dobrou ao pesar. Disse Aulë: ‘Disto eu consigo fazer um navio de luz — superando até mesmo o desejo de Manwë’, e agora Varda e muitos outros, até mesmo Vána, compreenderam seu propósito e se alegraram. Mas fizeram um cesto de ouro entrelaçado e, salpicando-o com pétalas ardentes de sua própria inflorescência, deitaram ali as metades do fruto do meio-dia e, erguendo-o com muitas mãos,

levaram-no com bastante cantoria e grande esperança. Então, chegando aos pátios de Aulë, repousaram-no e lá começou a grande forja do Sol; e essa foi a mais destra de todas as obras de Aulë Talkamarda, cujas obras são incontáveis. Daquela casca perfeita um vaso ele fez, diáfano e reluzente, mas duma força temperada, pois com seus próprios feitiços ele venceu sua fragilidade, mas de nenhum modo sua delicadeza sutil foi diminuída.

Ora, a mais ardente radiância posta ali não se derramava e nem se turvava, e dela o vaso não recebia qualquer dano e, no entanto, singrava os ares mais leve do que um pássaro; e Aulë estava enlevado, e fez aquele vaso à semelhança duma grande nau com a boca larga, colocando uma metade da casca dentro da outra, para que sua força não fosse quebrada.

> Segue-se um relato de como Vána, arrependida de suas reclamações passadas, cortou seus cabelos dourados e os entregou aos Deuses, e de seus cabelos eles teceram velas e cordas “mais fortes do que qualquer marinheiro já viu, mas da finura de teia de aranha”. Os mastros e vergas do navio eram todos de ouro.

Então, o Navio dos Céus pôde ser aprontado, por fim; as pétalas imarcescíveis da última flor de Laurelin foram reunidas como uma estrela à proa, e pendões e flâmulas de luz oblíqua foram postos nos baluartes, e o clarão de um relâmpago foi capturado em seu mastro para servir de

galhardete; mas todo aquele vaso foi preenchido até a borda com a radiância abrasiva do dourado Kulullin, ali mesclada com gotas dos sumos do fruto do meio-dia, e essas eram quentíssimas e, depois disso, mal o seio da Terra podia contê-lo, e ele puxava as amarras como um pássaro cativo que anseia pelos ares.

Então os Deuses deram nome àquele navio, chamando-o Sári, que é o Sol, mas os Elfos chamaram-no de Ûr, que é fogo;[12] mas muitos outros nomes ele recebe em lenda e poesia. A Lamparina de Vána ele é chamado em meio aos Deuses, em memória das lágrimas de Vána e das doces tranças que ela cedeu; e os Gnomos o chamam de Galmir, abrilhantador d'ouro[13] e Glorvent, o navio de ouro, e Bráglorin, vaso ardente, e muitos outros nomes além; e seus nomes entre os Homens ninguém os enumerou.

Vede, é preciso contar agora como, enquanto aquele galeão estava sendo construído, perto de onde as Duas Árvores cresciam outrora outros fizeram um imenso receptáculo, e a gente laborou muito nele. Seu fundo era de ouro e suas laterais, de bronze polido, e uma arcada de pilares dourados, encimados com fogo, o circundavam, exceto no lado Leste; mas Yavanna colocou em torno dele um grande e inominável encantamento, de sorte que ali foi derramada a maior parte das águas do fruto do meio-dia, e ele se tornou um banho de fogo. E, de fato, não é ele chamado de Tanyasalpë, a malga de fogo, ou mesmo Faskalanúmen, o Banho do Sol Poente, pois aqui,

quando Urwendi posteriormente retornava do Leste e o primeiro poente chegava a Valinor, o navio era puxado para baixo e sua radiância, renovada para novas viagens pela manhã, enquanto o Lua estava no Alto Firmamento.

Ora, a feitura desse lugar de fogo é mais maravilhosa do que parece, pois tão sutis eram aqueles brilhos que, postos no ar, não se derramavam e nem afundavam, não, mas alçavam-se e flutuavam bem acima de Vilna, sendo da maior flutuabilidade e leveza; e, no entanto, nada escapava a Faskalan, que ardia no meio da planície, e a luz vinha a Valinor dali, mas, em virtude da profundidade do receptáculo, ela não chegava muito longe e o anel de sombras ficava próximo.

Então falou Manwë, olhando a glória daquele navio que se esforçava para partir: ‘Quem há de guiar para nós este barco e conduzir seu curso acima dos reinos da Terra, pois mesmo os corpos sagrados dos Valar, parece-me, não podem aguentar por longo tempo banhar-se nesta grande luz.’

Mas grandioso pensamento acometeu o coração de Urwendi, e ela disse que não tinha medo, e suplicou permissão para se tornar a donzela do Sol e aprontar-se para aquele ofício que Ilúvatar incutira em seu coração. Então, pediu a muitas de suas aias que a seguissem, aquelas mesmo que dantes regavam as raízes de Laurelin com luz e, deitando fora suas vestimentas, desceram àquela lagoa, Faskalan, como banhistas ao mar, e as

espumas douradas cobriram-lhe os corpos, e os Deuses não as enxergavam e ficaram temerosos. Mas, após um tempo, vieram novamente à tona nas beiras alatoadas, mas já não eram como antes, pois seus corpos se haviam tornado luzentes e brilhavam como se tivessem por dentro um ardor, e luz lampejava de seus membros conforme se moviam, e nenhuma vestimenta poderia mais cobrir seus corpos gloriosos. Eram como ar, e caminhavam tão levemente quanto a luz solar na terra e, sem dizer palavra, subiram naquele navio, e aquele vaso forçou as amarras e todo o povo de Valinor mal conseguia contê-lo.

Ora, por fim, ao comando de Manwë, eles sobem as longas encostas de Taniquetil arrastando consigo i·Kalaventë, o Navio de Luz, e isso não é tão trabalhoso; e agora estão postados no amplo espaço diante das imensas portas de Manwë, e o navio está na encosta ocidental da montanha, fremindo e puxando as amarras, e já tão grande tornou-se sua glória que raios de sol derramam-se por sobre os ombros de Taniquetil, e uma nova luz há no céu, e as águas dos Mares Sombrios mais além são tocados com um fogo tamanho que jamais haviam visto. Naquela hora, conta-se que todas as criaturas que vagavam no mundo pararam e encheram-se de espanto, justo quando Manwë falou a Urwendi, dizendo: ‘Vai agora, donzela maravilhosíssima lavada de fogo, e guia o navio de luz divina acima do mundo, para que o júbilo possa buscar as fendas mais estreitas e para que todas as coisas que dormem em seu seio

possam despertar';[14] mas Urwendi não deu resposta, e apenas fitava ávida o Leste, e Manwë ordenou que soltassem as amarras que o prendiam e, de pronto, o Navio da Manhã se ergueu sobre Taniquetil e foi recebido no âmago do ar.

À medida que subia, ardia mais brilhante e mais puramente, até que toda Valinor estava repleta de radiância, e os vales de Erúmáni e os Mares Sombrios estavam banhados em luz, e luz solar se derramou na planície escura de Arvalin, salvo apenas onde as teias pegajosas e os fumos mais escuros de Ungweliantë ainda jaziam, grossos demais para que qualquer luz penetrasse.

Então, quando todos olharam para cima, viram que o céu era azul, e muito brilhante e belo, mas as estrelas fugiram conforme aquela grande aurora assomava no mundo; e suave aragem soprou das terras frias ao encontro da embarcação, e enfunou suas velas brilhantes, e vapores brancos subiram em sua direção vindos dos mares nevoentos, de sorte que sua proa parecia abrir caminho numa espuma branca e aerada. E, contudo, não vacilou, pois os Mánir que viajavam à volta conduziam-na por cordas douradas, e cada vez mais alto a grande galé do Sol se ergueu, até que mesmo à visão de Manwë não passava de um disco de fogo cingido de véus de esplendor que, lenta e majestosamente, afastava-se do Oeste.

Ora, conforme se afastava, seguindo seu curso, a luz em Valinor foi se suavizando, e as sombras das casas dos Deuses foram se alongando, inclinando-se na direção das águas dos Mares de

Fora, mas Taniquetil projetou uma grande sombra para oeste que crescia e se aprofundava cada vez mais, e a tarde caíra em Valinor.”

Então disse Gilfanon, rindo-se: “Ora, bom senhor, tu alongas muito o conto, pois parece-me que gostas de divagar sobre as obras e façanhas dos grandes Deuses, mas, se não colocares limite nas tuas palavras, nosso forasteiro aqui não viverá para ouvir das coisas que aconteceram no mundo quando, por fim, os Deuses lho deram a luz que eles por tanto tempo haviam detido — e tais contos, penso, seriam duma variedade boa de se ouvir.”

Mas Eriol, em verdade, ouvia com grande avidez a doce voz de Lindo, e disse: “Somente há pouco tempo, um dia apenas talvez os Eldar o estimem, cheguei até aqui, mas já não me agrada a alcunha de forasteiro, e Lindo jamais alongaria o conto além do que eu gostaria, seja lá o que conte, e, vede, essa história é completamente ao gosto do meu coração.”

Mas Lindo falou: “Ora, ora, tenho mais para contar, de fato; mas, ó Eriol, as coisas que Gilfanon tem nos lábios são muito boas de se ouvir — em verdade, nem eu e nem ninguém aqui jamais escutou um relato completo desses assuntos. Assim, tão logo seja possível, rematarei meu conto e darei cabo dele, mas daqui a três noites, que promovamos outro contar-de-contos, e será um de maior cerimônia, e músicas haverá, e todas as crianças da Casa do Brincar Perdido hão de estar reunidas aos pés de Gilfanon para ouvi-lo falar da

labuta dos Noldoli e da vinda da gente dos Homens.”

Ora, tais palavras muito agradaram Gilfanon e Eriol, e tantos outros além deles se contentaram, mas, agora, Lindo prosseguiu:

“Sabei, pois, que tamanhas foram as alturas que o Navio-do-Sol alcançou e, ao subir, ardia com cada vez mais calor e brilho que não se passou muito tempo até sua glória estar maior do que os Deuses haviam concebido quando aquela embarcação ainda estava aportada entre eles. Sua luz imensa penetrou por toda parte, e todos os vales e matas caliginosas, encostas desoladas e regatos rochosos se fizeram deslumbrantes sob ele, e os Deuses estavam embevecidos. Grande era a magia e maravilha do Sol naqueles dias da brilhante Urwendi, mas não tão terno ou delicadamente belo quanto a doce Árvore Laurelin fora; e, assim, um murmúrio de novo descontentamento despertou em Valinor, e palavra corria entre os filhos dos Deuses, pois Mandos e Fui estavam irados, dizendo que Aulë e Varda sempre se imiscuíam na ordem devida do mundo, fazendo dele um lugar onde nenhuma sombra quieta e pacífica podia restar; mas Lórien sentava-se e chorava num arvoredo sob a sombra de Taniquetil, e lançava o olhar por seus jardins que se estendiam lá embaixo, ainda desordenados pela grande caçada dos Deuses, pois não tivera ânimo para ajeitá-los. Lá os rouxinóis estavam silenciosos, pois o calor dançava sobre as árvores, e suas papoulas estavam ressequidas, e suas

flores noturnas prostravam-se sem exalar perfumes; e Silmo colocava-se tristemente junto a Telimpë, que brilhava fracamente, mais como água estagnada do que como o orvalho luminoso de Silpion, dominadora que era a grandiosa luz do dia. Então, Lórien ergueu-se e disse a Manwë: ‘Convocai de volta teu navio cintilante, ó Senhor dos Céus, pois nossos olhos doem em virtude de suas flamas, e a beleza e o suave sono se foram para longe. Melhor a escuridão e nossas memórias do que isso, pois este não é o encanto de Laurelin de outrora, e Silpion já não existe.’ E nenhum dos Deuses estava completamente satisfeito, sabendo, em seus corações, que haviam feito algo muito maior do que sabiam a princípio, e nunca mais Valinor veria eras como as que haviam passado; e Vána disse que a fonte de Kulullin estava entorpecida, e seu jardim, fatigado no calor, e suas roseiras haviam perdido seus matizes e fragrância, pois o Sol, naquela época, singrava mais perto da Terra do que o faz agora.

Manwë, então, repreendeu-os por sua volubilidade e descontentamento, mas eles não se aquietaram; e súbito falou Ulmo, vindo do Vai exterior: ‘Senhor Manwë, não devemos desprezar nem os conselhos deles, e nem o teu. Não compreendestes, ó Valar, onde jaz muito da grande beleza das Árvores d’outrora? — Na mudança, na lenta alternância de belas coisas, naquilo que, passando, mescla-se docemente com o que há de vir.’

Mas Lórien falou de súbito: ‘Ó Valatúru, o Senhor de Vai fala palavras mais sábias do que jamais falou, e elas me enchem de grande anseio’, e ele os deixou ali e fez-se à planície, e já era então o terceiro dia, que é a duração de três floradas da antiga Laurelin, desde que o Navio da Manhã fora desancorado. Então, por mais quatro dias sentou-se Lórien ao lado do tronco de Silpion, e as sombras ajuntavam-se tímidas à sua volta, pois o Sol estava muito longe, no Leste, percorrendo os céus à vontade, já que Manwë ainda não havia designado seu curso, e disseram a Urwendi que fosse aonde lhe parecesse bom. Mas, mesmo assim, Lórien não se apaziguou — muito embora a escuridão das montanhas varasse a planície, e uma névoa soprasse do mar, e um ocaso indistinto e fremente se juntasse uma vez mais em Valinor — e longamente ficou sentado, ponderando por que os feitiços de Yavanna operaram apenas em Laurelin.

> Então Lórien cantou a Silpion, dizendo que os Valar estavam perdidos “numa vastidão de ouro e calor, ou, quando não isso, em sombras repletas de morte e trevas hostis” e tocou a ferida no tronco da Árvore.

Eis que, assim que tocou aquela ferida cruel, uma luz brilhou debilmente ali, como se seiva radiante ainda houvesse dentro, mas um galho baixo sobre a cabeça inclinada de Lórien deu broto súbito, e folhas dum verde muito escuro, longas e ovais, abotoaram-se e desdobraram-se, mas todo

o restante da Árvore estava nu e morto, e permaneceu assim para sempre. Ora, àquele momento cumpriam-se sete vezes sete dias desde que o fruto do meio-dia nascera em Laurelin, e muitos dos Eldar e dos espíritos dos Deuses se aproximaram, ouvindo a canção de Lórien; mas ele não lhes deu atenção, fitando a Árvore.

Eis que suas folhas novas eram incrustadas com um sereno prateado, e o lado de baixo era branco e infundido de pálidos filamentos brilhantes. Botões de flores também havia no galho, e elas se abriram, mas uma névoa escura do mar ajuntou-se em redor da árvore, e o ar tornou-se dum frio lancinante como jamais fora antes em Valinor, e aquelas flores secaram e caíram e ninguém lhes deu atenção. Uma apenas havia na extremidade do galho que, ao se abrir, brilhou com sua própria luz e nem névoa nem frio causaram-lhe dano e, na verdade, ao crescer, parecia sorver os próprios vapores e transformá-los sutilmente na substância prateada de seu corpo; e cresceu na forma de uma flor muito pálida e de maravilhosa cintilação, e nem mesmo a mais pura neve sobre Taniquetil, faiscando à luz de Silpion, podia rivalizá-la, e seu coração era de chama branca e pulsava, crescendo e decrescendo maravilhosamente. Então Lórien falou, por júbilo de seu coração: ‘Contemplai a Rosa de Silpion’, e aquela rosa cresceu até que o tamanho do fruto de Laurelin fosse apenas pouca coisa maior, e dez mil pétalas de cristal havia naquela flor, e ela estava embebida num orvalho fragrante como mel, e esse

orvalho era luz. Ora, Lórien não permitiu que ninguém se aproximasse, e por isso se arrependerá para sempre: pois o galho do qual pendia a Rosa deu toda sua seiva e secou, e nem mesmo nessa hora ele permitiu que a flor fosse colhida gentilmente e baixada, estando enamorado de sua beleza e desejando vê-la brilhar mais forte do que o fruto do meio-dia, mais gloriosa do que a Sol.

Então o galho ressequido estalou, e a Rosa de Silpion caiu, e algo de sua luz orvalhada se abalou com violência pela queda, e aqui e ali uma pétala foi amassada e maculada, e Lórien gritou alto e tentou levantá-la gentilmente, mas era grande demais. Assim, os Deuses mandaram gente aos salões de Aulë, pois havia lá uma grande travessa prateada, semelhante a uma mesa dos gigantes, e colocaram a última flor de Silpion sobre ela e, apesar dos seus danos, sua glória e fragrância e pálida magia eram mesmo enormes.

Ora, quando Lórien conteve seu pesar e aflição, falou o conselho que as palavras de Ulmo despertaram em seu coração: que os Deuses construíssem outro vaso para igualar a galé do Sol, ‘e ele será feito da Rosa de Silpion’, falou, ‘e, em memória do crescer e decrescer das Árvores, por doze horas o Navio-do-Sol há de singrar os céus e deixar Valinor, e por doze a barca pálida de Silpion há de alçar-se aos céus, e haverá repouso para olhos cansados e corações fatigados.’

Esta foi, então, a maneira da formação da Lua, pois Aulë não se dispôs a desmantelar a beleza da

Rosa de Prata e, em vez disso, chamou para si certos Eldar de sua casa que eram dos Noldoli de outrora[15] e que haviam se associado aos joalheiros. Ora, eles lhe revelaram grande estoque de cristais e vidros delicados que Fëanor e seus filhos[16] haviam disposto em locais secretos de Sirnúmen e, com o auxílio daqueles Elfos e de Varda das estrelas — que doou da luz daqueles frágeis barcos dela para que os afazeres deles tivessem claridade límpida —, ele criou uma substância fina como uma pétala de rosa, clara como o mais transparente vidro élfico, e muito lisa, mas, por seu engenho, Aulë conseguiu dobrá-la e moldá-la e, dando-lhe nome, chamou-a *vírin*. De *vírin* ele construiu um maravilhoso vaso, e amiúde falaram os homens do Navio da Lua e, contudo, mal se assemelha a qualquer barca que singrou mar ou ar. Era, antes, como uma ilha de vidro puro, ainda que não muito grande, e pequenas lagoas havia ali, orladas de níveas flores que brilhavam, pois a água daqueles remansos que lhes davam seiva era a radiância de Telimpë. Bem no centro daquela ilha bruxuleante foi confeccionado um cálice daquele material cristalino que Aulë fizera, e lá foi posta a Rosa mágica, e o corpo vítreo da embarcação faiscava maravilhosamente conforme ela chamejava ali. Havia hastes, e talvez fossem de gelo, e erguiam-se nela como mastros etéreos, e velas foram-lhes atreladas com fios esguios, e Uinen os fiou de névoas e espuma brancas, e algumas foram aspergidas com escamas cintilantes de peixes prateados, e algumas

costuradas com minúsculas estrelas qual pontos de luz — centelhas capturadas na neve quando Nielluin brilhava.

Assim era o Navio da Lua, a ilha de cristal da Rosa, e os Deuses a chamaram de Rána, a Lua, mas as Fadas, de Sil, a Rosa,[17] e muitos outros doces nomes além desses. Ilsaluntë, ou chalupa de prata, foi chamada, e os Gnomos a nomearam Minethlos, ou a ilha argêntea, e Crithosceleg, o disco de vidro.

Ora, Silmo suplicou para velejar pelos oceanos do firmamento nela, mas ele não podia, pois não era um dos filhos do ar, e nem poderia achar maneira de limpar o ser de seu modo terreno como fizera Urwendi,[18] e de pouco serviria entrar em Faskalan, caso se atrevesse, pois aí Rána murcharia diante dele. Manwë, portanto, ordenou que Ilinsor, um espírito dos Súruli que amava as neves e a luz das estrelas, e auxiliava Varda em muitos de seus trabalhos, timoneasse esse barco de brilho estranho, e com ele foram muitos outros espíritos do ar, trajados em vestes de prata e branco, ou do mais pálido ouro; mas um Elfo idoso de cabelos brancos subiu na Lua despercebido e escondeu-se na Rosa, e habita ali desde então, cuidando daquela flor, e uma torrela alva ele construiu na Lua, onde amiúde sobe e olha os céus ou o mundo lá embaixo, e ele é Uolë Kúvion, que nunca dorme. Uns de fato o chamam de Homem da Lua, mas é Ilinsor, antes, quem caça as estrelas.

Agora é preciso dizer como o plano que Lórien devisara foi alterado, pois a branca radiância de Silpion não é de modo algum tão flutuante e etérea como é a chama de Laurelin, e nem o *vírin* tão leve quanto a casca do brilhante fruto do meio-dia; e quando os Deuses carregaram aquele alvo navio com luz e estavam para lançá-lo pelos céus, vede, ele não se ergueu sobre suas cabeças. Ademais, eis que aquela Rosa vivente continuava a exsudar um mel como uma luz que ressumbra pela ilha de vidro, e um orvalho de raios lunares brilha ali, mas isto fazia a embarcação mais pesar do que flutuar, que foi o que aconteceu com o incremento das flamas do Navio-do-Sol. É por isso que Ilinsor precisa retornar às vezes, e aquela radiância transbordante da Rosa é estocada em Valinor para dias sombrios — e é preciso dizer que tais dias chegam vez ou outra, pois então a branca flor da ilha mingua e mal brilha, e então ela precisa ser refrescada e regada com esse rocio de prata, tal como Silpion o era antigamente.

Daí que uma lagoa foi construída junto à sombria muralha meridional de Valmar, e de mármores prateados e brancos eram suas paredes, mas teixos escuros a enclausuravam, plantados num labirinto intrincadíssimo à sua volta. Lórien entesourava ali a palente luz orvalhada da bela Rosa, e ele a chamou de Lago Irtinsa.

Assim veio a ser que por quatorze noites os homens podem ver a barca de Rána flutuar nos ares, e por outros quatorze os céus não a veem; ao

passo que mesmo naquelas belas noites em que Rána está a viajar, não mostra sempre o mesmo aspecto como Sári, o glorioso, pois enquanto aquela brilhante galé viaja sempre acima de Ilwë e além das estrelas, e abre um caminho deslumbrante, ofuscando os céus, mais alto que todas as coisas e cuidando pouco dos ventos ou movimentos dos ares, a barca de Ilinsor é mais pesada, e menos repleta de magia e poder, e nunca viaja acima dos céus, navegando nas dobras de Ilwë, caminhando por uma faixa branca em meio às estrelas. Por essa razão, os altos ventos a atribulam às vezes, forçando seus panos brumosos; e amiúde eles se rasgam e se espalham, e os Deuses os renovam. Às vezes também as pétalas da Rosa se agitam, e suas alvas flamas são sopradas aqui e ali como uma vela prateada fluindo no vento. Então Rána se alça e abaixa pelo ar, como amiúde vós podeis ver, e mostra a curva esguia de sua quilha brilhante, ora mergulhando a proa, ora a popa; e, por vezes, navega serena para o Oeste e, através da pura luminosidade de sua armação, a grande Rosa de Silpion é vista, e uns dizem que também a forma idosa de Uolë Kúvion.

E, de fato, o Navio da Lua é belíssimo de se olhar, e a Terra se enche de luzes delicadas e profundas sombras frementes, e sonhos radiantes voejam com frescas asas pelo mundo, mas Lórien sofre um pesar em meio ao seu contentamento, porque sua flor carrega ainda, e carregará para sempre, as tênues marcas de seus ferimentos e

sua queda; e todos os homens as podem ver claramente.

Mas[19] vede", diz Lindo, "adianto-me, pois até agora contei apenas que o navio de prata é recém-construído, e Ilinsor embarcou pela primeira vez — e agora os Deuses arrastam aquela embarcação uma vez mais pelas encostas íngremes da velha Taniquetil, cantando, ao subirem, canções do povo de Lórien que há muito estava calado em Valinor. Mais moroso foi aquele trajeto do que o alçamento do Navio da Manhã, e todo o povo puxa vigorosamente as cordas, até que Oromë chega e atrela ali uma manada de brancos cavalos selvagens, e assim o vaso chega ao local mais alto.

Então, vede, o galeão do Sol é visto navegando longe, dourado no Leste, e os Valar se maravilham ao divisar os picos luminosos de muitas montanhas longínquas, e ilhas rebrilhando verdes em mares antes sombrios. Então Ossë gritou: 'Olha, ó Manwë, o mar é azul, quase tão azul quanto o Ilwë que tu amas!' e 'Não', disse Manwë, 'não invejamos Ilwë, pois o mar não é azul apenas, mas gris e verde e púrpura, e belissimamente florido com branca espuma. Nem jade, nem ametista e nem pórfiro incrustados com diamantes e pérolas superam as águas dos Grandes e pequenos mares quando a luz solar os encharca.'

Assim dizendo, Manwë enviou Fionwë, seu filho, mais célere que todos ao se mover pelos ares, e ordenou-lhe que comunicasse a Urwendi que a barca do Sol deveria voltar para Valinor por um

tempo, pois os Deuses têm conselhos aos seus ouvidos; e Fionwë se foi de pronto, pois há muito nutria grande amor por aquela fulgurante donzela, e sua beleza agora, quando, banhada em fogo, ela se assentava como a radiante donzela do Sol, inflamara-o com a avidez dos Deuses. Assim foi que Urwendi trouxe seu navio a contragosto por sobre Valinor, e Oromë colocou-lhe um laço de ouro à volta, e ele foi arrastado lentamente pela Terra e, vede, os bosques sobre Taniquetil brilharam uma vez mais na luz mesclada de prata e de ouro, e todos se lembraram do antigo mesclar das Árvores; mas Ilsaluntë palejou diante do galeão do Sol até que pareceu não mais arder. Assim terminou o primeiro dia no mundo, e foi longuíssimo e cheio de muitas façanhas maravilhosas que Gilfanon pode contar; mas agora os Deuses contemplaram a noite aprofundando-se no mundo conforme o Navio-do-Sol era levado para baixo, e o brilho nas montanhas esmaeceu, e o faiscar dos mares se perdeu. Então a escuridão primeva irrompeu novamente de muitos covis secretos, mas Varda se contentou ao ver o brilho firme das estrelas. Sári foi levado para longe na planície e, quando se fora, Ilsaluntë foi posta sobre o pico mais alto, de sorte que sua luminescência branca se derramou de lá pelo vasto mundo, e a primeira noite chegou. Em verdade, nestes dias a escuridão não existe mais nos confins do mundo, mas apenas a noite, e a noite é outra coisa, e diferente, por causa da Rosa de Silpion.

Agora, contudo, Aulë preenche o transbordante vaso daquela flor com radiância branca, e muitos dos Súruli deslizam com alvas alas por debaixo dele e o carregam devagar para cima, e colocam-no na companhia das estrelas. Ali navega morosamente, coisa pálida e gloriosa, e Ilinsor e seus camaradas sentam-se nas beiradas e, com brilhantes remos, impelem-na intrépidos pelo céu; e Manwë soprou em suas velas bojudas até que flutuou para bem longe, e o bater dos remos nos ventos da noite fraquejou e se perdeu.

Dessa maneira se deu o primeiro erguer da Lua sobre Taniquetil, e Lórien se regozijou, mas Ilinsor tinha ciúmes da supremacia do Sol, e ordenava que os nautas estelares saíssem de sua frente, e que as lamparinas das constelações se apagassem, mas muitos não se dispunham a fazê-lo e amiúde ele navega perseguindo-os, e os pequenos navios de Varda fugiam diante do caçador do firmamento, mas não eram pegos: — e isso", falou Lindo, "é tudo, penso, que sei para contar da construção desses maravilhosos navios e de seu alçamento no ar."[20]

"Mas", disse Eriol, "não, decerto não é assim, pois no começo do conto pareceu-me que nos prometestes palavras a respeito dos presentes cursos do Sol e da Lua, e de seu nascer no Leste e, de minha parte, com permissão dos outros aqui presentes, não estou disposto a desobrigá-lo de sua promessa."

Então Lindo falou, rindo-se: "Não, não me lembro da promessa e, se a fiz, então foi

realmente precipitada, pois as coisas que tu perguntas não são de modo algum fáceis de relatar, e muitos assuntos acerca dos feitos daqueles dias em Valinor estão ocultos a todos, salvo apenas aos Valar. Agora, contudo, prefiro escutar, e tu, Vairë, talvez assuma o fardo do conto."

A isso todos se regozijaram, e as crianças bateram palmas, pois muito amavam as vezes em que Vairë era a contadora do conto; e Vairë disse:

"Eis que contos eu conto dos dias profundos, e o primeiro é chamado de *A Ocultação de Valinor*."

[a] No mundo ficcional de Tolkien, o Sol é considerado pelos elfos e hobbits uma entidade feminina, enquanto a lua é uma entidade masculina. [N. T.]

[b] Escrito na margem: "Começo de O Sol e a Lua"

[c] Na margem: "também *Valahíru*".

NOTAS

[1] O manuscrito traz, aqui, *Gilfan a·Davrobel*, mas, na versão anterior rejeitada dessa passagem, lê-se *Gilfanon a·Davrobel*, sugerindo que *Gilfan* não foi intencional.

[2] Ver aqui para a relação entre Tavrobel e o vilarejo de Great Haywood, em Staffordshire. Em Great Haywood, o rio Sow junta-se ao rio Trent.

[3] Na versão rejeitada deste "interlúdio", a história de Gilfanon é contada de maneira diferente: "era, muito tempo antes, um Ilkorin e eras atrás habitara em Hisilómë"; "chegou a Tol Eressëa após a grande marcha [isto é, a "marcha para o mundo" de Inwë, a grande expedição desde Kôr, ver aqui], pois adotara parentesco de sangue com os Noldoli." — essa é a primeira ocorrência do termo *Ilkorin*, que se refere aos Elfos que "não eram de Kôr" (cf. o termo posterior *Úmanyar*, Elfos que "não são de Aman"). *Artanor* é a precursora de Doriath.

[4] Gilfanon, um Gnomo, é chamado aqui de mais velho das *fadas*; ver aqui.

[5] Não conheço nenhuma explicação sobre "a Casa das Cem Chaminés", perto da ponte de Tavrobel, mas nunca estive em Great Haywood, e pode ser que tenha existido (ou exista) uma casa que tenha dado origem a isso.

[6] A versão rejeitada do "interlúdio" é bem diferente nessa última parte:

> Portanto, Lindo disse em resposta a Eriol: "Vê, Gilfanon pode contar-te muito de tais assuntos, mas primeiro deves ouvir dos feitos levados a cabo em Valinor quando Melko assassinou as Árvores e os Gnomos marcharam rumo à escuridão. É um conto comprido, mas digno de ser ouvido." Pois Lindo amava contar tais contos e buscava amiúde motivo para relembrá-los; mas Gilfanon disse: "Conta, Lindo, mas penso que o conto não será concluído esta noite, ou ainda por muitas noites, e eu já terei há muito voltado a Tavrobel." "Não," disse Lindo, "não vou esticar demais o conto, e o amanhã será todo seu." E, dizendo isso, Gilfanon suspirou, mas Lindo ergueu a voz [...]

[7] "lest it be" [*lit*. "para que não seja"]: essa expressão curiosa está clara no manuscrito; o uso dela parece ser completamente inaudito, mas o significado pretendido deve ser "a menos que seja", isto é, "somente para ele, a menos que também para Varda [...]".

[8] Acerca de *Telimpë* como nome do "Caldeirão-da-Lua", em vez de *Silindrin*, ver pp. 101 e 161, nota 2.

[9] Ver pp. 94, 113. Em ocorrências anteriores, o nome é *Urwen*, não *Urwendi*.

[10] "Entre Erumáni e o Mar": isto é, o Mar de Fora, Vai, fronteira ocidental de Valinor.

[11] O trecho que começa com “Pois vede, ele desejava dessarte […]”, na p. 220, até este ponto, foi acrescentado numa folha solta, substituindo um trecho muito mais curto em que Manwë fala seu plano brevemente, e nada se diz dos poderes dos Valar. Mas não penso que o trecho substitutivo tenha sido composto significativamente depois do texto principal.

[12] Lia-se anteriormente, neste ponto: “Então os Deuses deram nome àquele navio, chamando-o Ûr, que é o Sol […]”.

[13] Lia-se anteriormente, neste ponto: “e os Gnomos o chamam de Aur, o Sol, e Galmir, abrilhantador d’ouro […]”.

[14] Uma nota isolada refere-se ao surgimento de criaturas mais salubres quando o Sol se ergueu (isto é, sobre as Grandes Terras), e diz que “todos os pássaros cantaram na primeira aurora”.

[15] Aqueles da Aulenossë: ver aqui.

[16] Esta é a primeira aparição dos Filhos de Fëanor.

[17] Anteriormente: “a rosa prateada”.

[18] *Urwendi*: no manuscrito, *Urwandi*, mas penso que isso foi, provavelmente, não intencional.

[19] A partir deste ponto, o texto do *Conto do Sol e da Lua* deixa de ser escrito sobre um original apagado a lápis e, a partir do mesmo ponto, o texto original sobrevive em outro caderno. De fato, até o final do *Conto do Sol e da Lua* as diferenças são pequenas, não mais do que alterações redacionais; mas o texto original explica o fato de que, na primeira ocorrência do nome *Gilfanon*, na p. 228, o que estava escrito era *Ailios*. Poder-se-ia imaginar, de todo modo, que isso foi um deslize, uma reversão para algum nome anterior, e demonstra-se que isso é verdade pela primeira versão, que diz, no lugar de “muitas façanhas maravilhosas que Gilfanon pode contar” (p. 234), “muitas façanhas maravilhosas que Ailios há de contar”.

[20] Deste ponto em diante, a segunda versão diverge muito da primeira. A primeira diz o seguinte:

> E isso é tudo, penso”, falou Lindo, “que sei para contar daquelas belíssimas obras dos Deuses”; mas Ailios disse: “Pouco te custa alongar o conto, quando ele trata de Valinor; já faz tempo que nos ofereceste um . . . . . conto a respeito do nascer do Sol e da Lua no Leste, e um rio de palavras jorrou de ti desde lá, e agora estás disposto a [?provocar], mas não ouvimos palavra daquela promessa.” Em verdade, Ailios, por trás de sua aspereza, gostava das palavras de Lindo tanto quanto qualquer um, e estava ávido por saber mais daquele assunto.
>
> “Isso é facilmente contado”, disse Lindo […]
>
> O que se segue na versão original está relacionado ao assunto do capítulo seguinte (ver aqui).
>
> Ailios aqui afirma que uma promessa feita por Lindo não foi cumprida, assim como Eriol faz, mais polidamente, na segunda versão. O início do conto na primeira versão não sobreviveu, e talvez, da forma

como foi escrito originalmente, Lindo tenha mesmo feito essa promessa; mas, na segunda versão, ele não fala nada disso (de fato, a pergunta de Eriol foi “Donde vieram o Sol e a Lua?”) e, no final do conto, ele nega que o tenha prometido, quando Eriol faz a afirmação.

Alterações feitas a nomes em *O Conto do Sol e da Lua*

Amnor < *Amnos* (*Amnos* é a forma em *A Fuga dos Noldoli*, < *Emnon*; a forma *Amnon* também ocorre, ver pp. 209–10).

Para alterações no trecho sobre os nomes do Sol, ver notas 12 e 13.

Gilfanon < *Ailios* (p. 228, apenas na primeira ocorrência, ver nota 19).

Minethlos < *Mainlos*.

Uolë Kúvion < *Uolë Mikúmi*, apenas na segunda ocorrência, na p. 232; na primeira ocorrência, *Uolë Mikúmi* foi deixado sem alteração, embora eu tenha colocado *Uolë Kúvion* no texto.

Navio da Manhã < *Kalaventë* (p. 229; *i·Kalaventë*, “o Navio de Luz”, ocorre sem correção no texto na p. 227).

das flamas do Navio-do-Sol < *das flamas de Kalaventë* (p. 233).

Sári < *Kalavénë* (pp. 233, 235. *Kalavénë* é a forma na versão original, ver nota 19).

Comentário a *O Conto do Sol e da Lua*

O efeito que a abertura deste conto causa é, sem dúvida, enfatizar ainda mais fortemente do que nos relatos posteriores o horror despertado pelos feitos dos Noldoli (é notável a amargura de Aulë em relação a eles, da qual nada se diz depois), e também o modo cabal e absoluto de sua exclusão de Valinor. Mas a

ideia de que alguns Gnomos permaneceram em Valinor (ver Aulenossë, p. 213) sobreviveu; ver *O Silmarillion* p. 125:

E, de todos os Noldor em Valinor, que agora tinham crescido até se tornar um grande povo, apenas um décimo se recusou a tomar a estrada: alguns pelo amor que tinham aos Valar (e não menos a Aulë), outros por amor a Tirion e às muitas coisas que lá tinham feito; nenhum por medo do perigo no caminho.

A missão de Sorontur e as novas que trouxe de volta foram abandonadas. Muito impressionante é o relato que faz das naus vazias à deriva, dentre as quais "umas ardiam com fogo brilhante": a origem do incêndio causado por Fëanor aos navios dos Teleri em Losgar, em *O Silmarillion* (p. 132), onde, contudo, há uma razão mais evidente para que isso fosse feito. Está afirmado expressamente aqui que a segunda moradia de Melko nas Grandes Terras era distinta de Utumna, e também que ficava nas Montanhas de Ferro (ver pp. 183, 194); o nome *Angamandi*, "Infernos de Ferro", ocorreu uma vez nos *Contos Perdidos*, no estranhíssimo relato acerca do fado dos Homens após a morte (p. 99). Em relatos posteriores, Angband foi construída no local de Utumno mas, por fim, foram novamente separadas e, em *O Silmarillion* (p. 79), Angband havia existido desde dias antigos, mesmo antes do cativeiro de Melkor. Não se explica, no presente relato, por qual razão "Utumna jamais se abrirá novamente para ele" (p. 214), mas isso é, sem dúvida, devido ao fato de que Tulkas e Ulmo romperam os portões e empilharam montes de pedra sobre eles (p. 132).

Na parte seguinte do conto (p. 214 em diante), joga-se muita luz na concepção inicial de meu pai acerca dos poderes e limitações dos grandes Valar. Assim, vê-se que Yavanna e Manwë (que percebeu isso, talvez, por causa de Yavanna?) acreditam que os Valar fizeram mal, ou, no mínimo, fracassaram na tentativa de atingir os desígnios maiores de Ilúvatar ("tenho em mente que isso [esse tempo de escuridão] não é alheio ao desejo de Ilúvatar"): a ideia dos Deuses como "egoístas", recolhidos, é expressa claramente; Deuses contentes em cuidar de seus jardins e em levar seus desígnios a cabo detrás de suas montanhas, deixando que "o mundo" cuide de si mesmo sozinho como pode. E essa compreensão é um elemento essencial na criação do Sol e da Lua, que haveriam de ser corpos tamanhos a ponto de iluminar não apenas os "reinos abençoados" (uma expressão que aparece aqui pela primeira vez, p. 220), mas todo o resto da Terra sombria. Disso há apenas um vestígio em *O Silmarillion* (p. 144):

Essas coisas os Valar fizeram, recordando, em seu crepúsculo, a escuridão das terras de Arda; e resolveram então iluminar a Terra-média e, com luz, atrapalhar os feitos de Melkor.

Muito interessante também é a afirmação "teológica" na narrativa primitiva acerca da ligação dos Valar ao Mundo como sendo a condição para sua entrada nele (p. 220); ver *O Silmarillion* pp. 45–6:

Mas esta condição Ilúvatar impôs, ou é a necessidade do amor deles, que seu poder deveria dali por diante estar contido no Mundo e a ele atado, para estar dentro dele para sempre, até que

esteja completo, de modo que eles são a sua vida, e ele, a deles.

No conto, essa condição é uma limitação física explícita: nenhum dos Valar, exceto Manwë e Varda e seus espíritos subordinados, poderiam passar para os ares mais altos, acima de Vilna, embora pudessem se mover com grande velocidade no ar mais inferior.

Do trecho na p. 215 — onde se diz que Ulmo, apesar de seu amor pelos Solosimpi e pesar pelo Fratricídio, não estava tomado de cólera pelos Noldoli porque ele “era mais presciente do que todos os Deuses, mesmo o grande Manwë” — depreende-se que a preocupação peculiar de Ulmo com os Eldar eLivross — que tem um papel importante, ainda que misterioso, no desenrolar da história — estava ali desde o início, assim como o pensamento de Yavanna, expresso em *O Silmarillion*, p. 117:

Até para aqueles que são os mais poderosos sob Ilúvatar há certas obras que podem realizar uma vez e uma vez apenas. A Luz das Árvores eu trouxe ao ser e dentro de Eä não poderei fazê-lo de novo nunca mais.

A referência de Yavanna ao Sol Mágico e seu Reacender (que aparece no brinde feito no Chalé do Brincar Perdido, pp. 27, 85) é, obviamente, propositalmente obscura neste estágio.

Não há referência posterior à história do desperdício de luz por Lórien e Vána, derramando-a inocuamente nas raízes das Árvores.

A respeito do relato de Lindo sobre as estrelas (pp. 219–20), *Morwinyon* já apareceu num conto anterior (p. 143), com a história de que Varda o “deixou cair

enquanto voltava com grande pressa para Valinor", e que "arde sobre a borda do mundo a oeste"; no presente conto, Morwinyon (que, de acordo com os dicionários quenya e gnômico, corresponde a Arcturo) é de novo representado estranhamente como sendo uma lamparina sempre no céu ocidental. Diz-se aqui que, enquanto algumas das estrelas eram guiadas pelos Mánir e Súruli em "cursos labirínticos", outras, incluindo Morwinyon e Nielluin, "permaneciam no lugar e não se moviam". Seria porque, em antigos mitos élficos, houve um tempo em que o movimento regular de todos os corpos celestes do Leste para o Oeste ainda não havia começado? Não há explicação mítica em lugar nenhum para esse movimento na cosmologia de meu pai.

Nielluin ("Abelha Azul") é a estrela Sírio (chamada *Helluin* em *O Silmarillion*) e essa estrela tinha um lugar na lenda de Telimektar, filho de Tulkas, embora a história da transformação na constelação de Órion nunca tenha sido contada com clareza (ver *Telumehtar* "Órion", em *O Senhor dos Anéis*, Apêndice E, I). Nielluin era Ingil, filho de Inwë, que seguiu Telimektar "na forma de uma grande abelha carregando mel de flama" (ver o Apêndice de Nomes, nos verbetes *Ingil* e *Telimektar*).

O curso do Sol e da Lua de Leste a Oeste (e não em outra direção) recebe aqui um motivo, e a razão pela qual evitavam o Sul é a presença de Ungweliant ali. Isso parece dar a Ungweliant grande importância, e também uma vasta área sujeita ao seu poder de absorver a luz. Não fica claro, no conto do *Obscurecer de Valinor*, onde ficava sua morada. Lá se diz (p. 186) que Melko vagou pelas "planícies escuras de Eruman e, mais ao sul do que qualquer um jamais havia entrado, encontrou uma região da mais profunda treva" — a região onde achou a caverna de

Ungweliant, que tinha “uma saída subterrânea no mar”; e, depois da destruição das Árvores, Ungweliant “passa para o sul e sobre as montanhas, rumo ao seu lar” (p. 189). É impossível dizer, a julgar pelas linhas vagas no pequeno mapa da p. 105, qual era, nesse momento, a configuração das terras e mares meridionais.

Em comparação com a última parte do conto — que trata do último fruto de Laurelin e da última flor de Silpion, da feitura do Sol e da Lua a partir deles, e do lançamento das suas embarcações (pp. 221–36) — o Capítulo 9 de *O Silmarillion* (constituído de duas versões posteriores não muito dessemelhantes entre si) é extremamente conciso. Apesar das muitas diferenças, as versões posteriores, em alguns lugares, parecem ser quase resumos da história inicial, mas é frequentemente difícil dizer se essa redução era fruto do sentimento de meu pai de que a descrição estava muito longa (sentimento que certamente existia, ver p. 211), de que ela estava ocupando um lugar muito grande na estrutura total, ou se era fruto de uma verdadeira rejeição a algumas ideias ali presentes e de um desejo de reduzir a extrema “concretude” das imagens. Há, decerto, uma extravagância de materiais com propriedades “mágicas”, ouro, prata, cristal, vidro e, acima de tudo, de luz concebida como elemento líquido, ou como orvalho e mel, um elemento no qual é possível banhar-se e que se pode juntar em receptáculos, algo que praticamente desapareceu em *O Silmarillion* (embora, é claro, a ideia da luz como um líquido que goteja, derrama-se e acumula-se, sugado por Ungoliant, tenha permanecido fundamental à concepção das Árvores, essa noção no escrito posterior se torna menos palpável e as operações divinas recebem uma explicação e uma justificativa menos “físicas”).

Como resultado dessa descrição completa e intensa, a origem do Sol e da Lua no último fruto e flor das Árvores tem menos mistério do que na sucinta e bela linguagem de *O Silmarillion*; mas também muito se fala aqui para enfatizar o grande tamanho do "Fruto do Meio-dia", e do aumento no calor e brilho do Navio-do-Sol depois do seu lançamento, de modo que demora muito mais para chegarmos à reflexão de que, se o Sol que ilumina fortemente a Terra inteira era um único fruto de Laurelin, então Valinor devia ter sido dolorosamente brilhante e quente nos dias das Árvores. Na história inicial, os últimos rebentos de vida das moribundas Árvores são completamente estranhos e "enormes", portentosos e até mesmo ominosos no caso de Laurelin; o Sol é impressionantemente brilhante e quente até mesmo para os Valar, que ficam atônitos e inquietos com o que foi feito (os Deuses tinham consciência "que haviam feito algo muito maior do que sabiam a princípio", p. 229); e a cólera e a aflição de certos Valar com a luz ardente do Sol reforça o sentimento de que, no último fruto de Laurelin, um poder terrível e imprevisto foi liberado. De fato, essa aflição sobrevive em *O Silmarillion* (p. 146), em que se mencionam os "rogos de Lórien e Estë, que diziam que o sono e o descanso tinham sido banidos da Terra e que as estrelas estavam escondidas"; mas, no conto, o poder abrasivo do novo Sol é comunicado de forma intensa nas imagens do calor que "dançava sobre as árvores" nos jardins de Lórien, dos rouxinóis calados, das papoulas ressequidas e das flores noturnas prostradas.

No antigo conto, há uma explicação mítica para as fases da Lua (mas não para os eclipses), e para as marcas na sua superfície, com a história do ramo ressequido de Silpion que se quebrou e da queda da

Flor-da-Lua — uma história completamente distinta da explicação dada em *O Silmarillion* (pp. 146–7). No conto, o fruto de Laurelin também caiu ao solo, quando Aulë cambaleou e seu peso era grande demais para Tulkas suportar sozinho: a importância desse evento não fica perfeitamente clara, mas parece que, caso o Fruto do Meio-dia não se houvesse partido, Aulë não teria compreendido sua estrutura e não teria concebido aquela do Navio-do-Sol.

Seja lá até que ponto as grandes diferenças entre as versões nesta parte da Mitologia são resultado de compressão posterior, há ainda um bom número de contradições reais, das quais eu assinalo aqui apenas algumas das mais importantes, além dessa já mencionada que diz respeito às marcas na Lua. Assim, em *O Silmarillion* (p. 145), a Lua ergueu-se primeiro, e "se tornou a primogênita das novas luzes, assim como Telperion fora a das Árvores"; na antiga história, acontece o contrário tanto com as Árvores quanto com as novas luzes. Novamente, em *O Silmarillion* é Varda quem estabelece os seus movimentos, e ela altera o seu plano inicial a pedido de Lórien e Estë, ao passo que, aqui, é o grande incômodo de Lórien com a chegada da luz solar que leva à última florada de Silpion e à feitura da Lua. De fato, os Valar desempenham papéis distintos por toda a extensão do conto; aqui, uma importância muito maior é dada às ações de Vána e Lórien, cuja relação com o Sol e a Lua — assim como com as Árvores (ver aqui) — é, a um só tempo, mais profunda e mais explícita do que se tornou depois; em *O Silmarillion* (p. 144), foi Nienna quem regou as Árvores com suas lágrimas. Em *O Silmarillion*, o Sol e a Lua movem-se mais perto de Arda do que "as antigas estrelas" (*ibid*.), mas movem-se aqui em níveis bem diferentes do firmamento.

Mas um elemento no qual se pode discernir com certeza uma compressão posterior é a elaborada descrição da Lua, no conto, como uma “ilha de vidro puro”, uma “ilha bruxuleante” com lagoas de luz de Telimpë, orladas de flores brilhantes e um cálice cristalino no centro do qual foi posta a Flor-da-Lua; somente assim se explica a referência, em *O Silmarillion*, a Tilion conduzindo a “ilha da Lua”. O Elfo idoso, Uolë Kúvion (a quem uns de fato “chamam de Homem da Lua”) quase parece ter se desgarrado de outra concepção; de todo modo, sua presença traz dificuldade, já que aí acabamos de ver (p. 232) que Silmo não poderia navegar no Navio-da-Lua porque não era um dos filhos do ar, e não poderia “limpar o ser de seu modo terreno”. Um título isolado, “Uolë e Erinti”, no pequeno caderno usado entre outras coisas para sugestões de histórias a serem contadas (ver p. 208) sem dúvida implica que um conto estava sendo preparado a respeito de Uolë; ver o Conto de Qorinómi, a respeito de Urwendi e o irmão de Erinti, Fionwë (p. 260). Não há qualquer vestígio desses contos e, presumivelmente, eles jamais foram escritos. Outra nota no caderninho chama Uolë Mikúmi (o nome anterior de Uolë Kúvion, ver aqui) de “Rei da Lua”; e uma terceira nota faz referência a um poema “O Homem da Lua”, a ser cantado por Eriol, “que diz que lhes cantará uma canção de uma lenda que os Homens têm a respeito de Uolë Mikúmi”. Meu pai escreveu um poema sobre o Homem da Lua em março de 1915, mas, se era esse que ele estava pensando em incluir, teria deixado a companhia em Mar Vanwa Tyaliéva estupefata — e ele teria de alterar as referências a lugares na Inglaterra, a qual ainda não existia. Embora seja provável que ele tivesse em mente algo muito diferente, penso que pode ser de

interesse incluir esse poema em uma versão primitiva (ver aqui).

Conforme a mitologia evoluiu e mudou, a Feitura do Sol e da Lua se tornou o elemento de maior dificuldade; e, no *Silmarillion* publicado, esse capítulo não parece se coadunar com grande parte do restante da obra, e não foi possível fazer isso. Mais para o fim da vida, meu pai estava disposto, de fato, a desmantelar muito do que havia construído numa tentativa de resolver o que ele sentia ser, sem dúvida, um problema fundamental.[a]

Nota sobre a ordem dos Contos

De fato, o desenvolvimento dos *Contos Perdidos* é, aqui, extremamente complexo. Após as palavras que concluem *A Fuga dos Noldoli*, "a estória do obscurecer de Valinor chegou ao fim" (p. 206), meu pai escreveu: "Ver a continuação em outros cadernos", mas, na verdade, ele acrescentou subsequentemente o pequeno diálogo entre Lindo e Eriol ("Grande era o poder de Melko para o mal [...]") que foi incluído ao fim de *A Fuga dos Noldoli*.

A paginação dos cadernos mostra que o próximo conto deveria ser o *Conto de Tinúviel*, que está escrito em outro caderno. Essa longa história (que estará na Parte II), a versão mais antiga que sobreviveu de "Beren e Lúthien", começa com uma longa passagem de *Ligação*; e o curioso é que essa *Ligação* começa justamente com o diálogo entre Lindo e Eriol que acabei de mencionar, em palavras quase idênticas, e pode-se ver que era esse o seu lugar original, mas ele foi, aí, completamente riscado.

Mencionei anteriormente (p. 62) que, em uma carta escrita por meu pai em 1964, ele diz ter escrito *A Música dos Ainur* enquanto trabalhava em Oxford, na

equipe do Dicionário, um cargo que assumiu em novembro de 1918 e deixou na primavera de 1920. Na mesma carta, ele diz que escreveu "'A Queda de Gondolin' durante uma licença médica do exército em 1917", e "a versão original do 'Conto de Lúthien Tinúviel e Beren' mais tarde no mesmo ano". Não há nada nos manuscritos que sugira que os contos seguintes à *Música dos Ainur*, até o ponto em que estamos agora, não tenham sido escritos consecutiva e continuamente a partir da *Música*, enquanto meu pai ainda estava em Oxford.

À primeira vista, portanto, há uma contradição incorrigível na evidência: pois a *Ligação* em questão se refere explicitamente ao Obscurecer de Valinor, um conto escrito *depois* de sua indicação ao cargo em Oxford, em fins de 1918, mas ela é uma ligação para o *Conto de Tinúviel*, que ele disse ter escrito em 1917. Mas o *Conto de Tinúviel* (e a *Ligação* que o precede) é, na verdade, um texto a tinta escrito por cima de um original apagado a lápis. Certamente, penso, essa *reescrita* de *Tinúviel* foi feita consideravelmente depois. Foi ligada à *Fuga dos Noldoli* pelas falas de Lindo e Eriol (o trecho de ligação é integral e contínuo ao *Conto de Tinúviel* que o segue, e não foi acrescentado em momento posterior). Nesse estágio, meu pai deve ter sentido que os *Contos* não precisavam, necessariamente, ser contados na sequência real da narrativa (pois *Tinúviel* pertence, é claro, a um tempo posterior à feitura do Sol e da Lua).

À versão reescrita de *Tinúviel* seguia-se, sem interrupção, uma primeira versão do "interlúdio" que introduz Gilfanon de Tavrobel como hóspede na casa, e isso levou ao *Conto do Sol e da Lua*. Mas, subsequentemente, meu pai mudou de ideia e, assim, excluiu o diálogo de Lindo e Eriol do início da *Ligação* com *Tinúviel*, que passaria a não mais seguir *A Fuga*

dos Noldoli, e ele o reescreveu em outro caderno, no final daquele conto. Ao mesmo tempo, reescreveu o "interlúdio" de Gilfanon numa forma estendida, colocando-o no final de *A Fuga dos Noldoli*. Portanto:

Fuga dos Noldoli	Fuga dos Noldoli
Palavras de Lindo e Eriol	Palavras de Lindo e Eriol
Conto de Tinúviel	"Interlúdio" de Gilfanon (reescrito)
"Interlúdio" de Gilfanon	Conto do Sol e da Lua e a Ocultação de Valinor
Conto do Sol e da Lua e a Ocultação de Valinor	

Parece claro que a reescrita de *Tinúviel* foi um dos últimos elementos na composição dos *Contos Perdidos* pelo fato de que ele é seguido pela primeira versão do "interlúdio" de Gilfanon, escrito ao mesmo tempo: pois Gilfanon substituiu Ailios, e é Ailios, e não Gilfanon, o hóspede na casa nas versões antigas do *Conto do Sol e da Lua* e *A Ocultação de Valinor*, e ele é o contador do *Conto do Nauglafring*.

O poema sobre o Homem da Lua existe em muitos textos, e foi publicado em Leeds em 1923;[b] muito tempo depois, e muito alterado, foi incluído em *As Aventuras de Tom Bombadil* (1962). Eu o incluo aqui numa forma próxima da primeira versão publicada, mas com poucas (e majoritariamente pequenas) alterações feitas subsequentemente. A versão de 1923 sofreu apenas retoques a partir dos trabalhos mais antigos — cujo título é "Por que o Homem da Lua desceu cedo demais: uma fantasia da Ânglia Oriental"; no primeiro texto finalizado, o título é "Uma Feéria: Por que o Homem da Lua desceu cedo demais", juntamente com um título em inglês antigo: *Se Móncyning*.

Por que o Homem da Lua desceu cedo demais

O Homem da Lua tinha a barba sua
De prata, e sapatos de argento;
Cinto d’ouro ralo e também um halo
Na fronte, dourado a contento.
Com sedoso pálio em seu orbe pálido
De marfim uma porta abriu:
Tirou trinco em cristal em segredo total
E passou pelo chão sombrio;

Filigrana escada de teias trançada
Com pressa e fulgência desceu,
E riu-se feliz, dono do seu nariz,
E célere à terra correu.
De perla e diamante já não era amante,
Nem do minarete palente
Que treme a alvejar a altura lunar
Num mundo de prata fulgente;

Buscava intranquilo rubi e berilo,
Safiras, além de esmeraldas,
Lustrosas gemas em novos diademas
E ornar vestes descoradas.
Solitário também, sem folguedo além
De espiar o mundo dourado
E escutar o zumbido de longe trazido
Por ele ao passar animado;

E no plenilúnio, mas que infortúnio,
Por Fogo ele há muito ansiava —
Não a luz que emita um branco selenita,
Mas piras terrenas, qual lava,
Cor púrpura fogosa, o carmim e o rosa,
E línguas de flama laranja;
Por mares de anil e por matiz febril
Quando a nova aurora se arranja;

Verdes vias no ocaso, qual crisoprásio
Junto ao Yare e ao Nen sinuoso.
Queria a risada da Terra apinhada
O rubro sangue caloroso;
Cantigas queria, constante alegria,
Assados quentes e vinho,
Mas comia empada de neve e geada
E bebia luar ralinho.

Balançava os pés ao pensar em filés,
No ponche, cozido e pimenta;
Resvalou na escada, sem notá-la inclinada,
E qual meteoro em tormenta
Tombou com centelhas e chuvas vermelhas
De um astro caindo insano
De trajeto estranho às espumas do banho
De Almain no vasto Oceano;

Pensou num segundo, para não ir ao fundo,
O que deveria fazer,
Em Yarmouth, um navio que passava o acudiu
E os nautas se espantam de o ver:
Na rede apanhado, cintila molhado,
Com brilho fosforescente
Dum branco azulino e fulgor opalino
E um fino verde luzente.

Com peixes foi posto — bem ao seu gosto —
E a Norwich, em Norfolk, mandado,
Pra se escaldar com gin numa pousada, enfim,
E secar seu roupão molhado.
Em São Pedro,[c] o badalar fez acordar
Os sinos nas torres da praça,
Dando a mensagem de lunática viagem
Logo que a matina passa,

Sem ter fogo algum e nem desjejum,
E gemas ninguém lhe vendia;
Cinzas no braseiro, seu desejo faceiro
Por aguerrida cantoria
Findou-se em roncaria, pois Norfolk dormia,
E quase o seu cor se alquebrou.
O frio não melhora, é pior do que outrora,
Seu manto de fada trocou

Com cuca ranzinza por um canto à cozinha;
Seu cinto trocou por risada,
Deu joia sem igual por prato de mingau
Que, no fim, não lembrava em nada
O rico mingau da Ânglia Oriental.
Desceu muito cedo à rua,
Estranho conviva em demanda festiva
Vindo dos Montes da Lua.[A]

Parece muito possível que o “minarete palente” reapareça na “torrela alva” que Uolë Kúvion construiu na Lua, “onde amiúde sobe e olha os céus ou o mundo lá embaixo”. O minarete do Homem da Lua sobrevive na versão final.

O Oceano de Almain é o Mar do Norte (*Almain* ou *Almany* era um nome da Alemanha num inglês mais arcaico); o Yare é um rio de Norfolk que desagua no mar em Yarmouth, e o Nene (que também pode ser pronunciado com vogal curta, “Nen”) desagua no estuário do Wash.

[a] Ver também, a esse respeito, a “Introdução” de Carl F. Hostetter à Parte Três de *A Natureza da Terra-média*, p. 321, e capítulos relacionados. [N. T.]

[b] “*A Northern Venture*: verses by members of the Leeds University English School Association” [Uma Aventura no Norte: poemas de membros da

Associação da Escola de Inglês da Universidade de Leeds] (Leeds, at the Swan Press, 1923). Eu não tive acesso à publicação, e retiro os detalhes da *Biografia* escrita por Humphrey Carpenter, p. 363.

[c] A referência é à igreja de St. Peter Mancroft, em Norwich. Cf. John Garth, *The Worlds of J.R.R. Tolkien: The Places that Inspired Middle-earth*, Princeton University Press, 2020, p. 65. [N. T.]

9

A Ocultação de Valinor

A ligação para este conto, que é narrado por Vairë, foi inserida ao final do último (p. 236). O manuscrito continua como na última parte do *Conto do Sol e da Lua* (ver aqui), e um rascunho anterior também sobrevive, ao qual faço referências nas notas.

“Eis que contos eu conto dos dias profundos, e o primeiro é chamado de *A Ocultação de Valinor*.

Já ouvistes”, ela disse, “do alçamento do Sol e da Lua em suas jornadas inconstantes, e muitas coisas há para contar a respeito do despertar da Terra sob sua luz; mas ouvi agora dos pensamentos e façanhas dos moradores de Valinor naqueles dias pujantes.

É preciso contar agora que tão vastas eram as viagens daqueles barcos de luz que os Deuses não acharam fácil governar todas as suas idas e vindas como pretendiam de início, e Ilinsor relutava em entregar os céus para Urwendi, e Urwendi amiúde içava velas antes do devido retorno de Ilinsor, sendo ávida e de temperamento inflamado. Porquanto ambos os vasos amiúde navegavam longe ao mesmo tempo, e a glória deles singrando muito próximos do próprio seio da Terra, como muitas vezes faziam àquele tempo, era grandíssima e terribilíssima de se ver.

Então, uma vaga inquietude começou a se agitar de novo em Valinor, e os corações dos Deuses estavam tribulados, e os Eldar falavam uns aos outros, e este era seu pensamento.

‘Eis que o mundo ficou claro como os pátios dos Deuses, plano para se andar como as avenidas de Vansamírin ou os terraços de Kôr; e Valinor não é mais segura, pois Melko nos odeia incessantemente, e detém o mundo de fora e seus aliados são muitos e cruéis ali’ — e, em seus corações, eles[1] incluíam na conta até mesmo os Noldoli, e em seu pensamento sem intenção tratavam-nos com injustiça, e não se esqueciam dos Homens, sobre quem Melko outrora mentira. De fato, no júbilo do último florescer das Árvores e no grande e ledo labor da criação dos navios, o temor a Melko fora posto de lado, e a amargura daqueles últimos dias malignos e da fuga do povo-dos-Gnomos se entorpecera — mas agora, quando Valinor tinha paz mais uma vez, e suas terras e jardins haviam sido reparados de suas feridas, a memória despertou novamente sua cólera e seu pesar.

Em verdade, se os Deuses não esqueciam a tolice dos Noldoli e endureceram seus corações, ainda mais irados estavam os Elfos, e os Solosimpi enchiam-se de amargura contra seus parentes, desejando nunca mais ver seus rostos nas veredas de seu lar. Desses, os principais eram aqueles cuja parentela perecera no Porto dos Cisnes, e o líder deles era um tal de Ainairos que escapara daquela contenda deixando seu irmão morto; e ele buscava

incessantemente, com suas palavras, persuadi-los a maior amargura de coração.

Ora, isso foi um pesar para Manwë, mas ele percebia que seu desígnio ainda não estava completo, e que a sabedoria dos Valar deveria se voltar novamente para aperfeiçoar o governo do Sol e da Lua. Portanto, convocou os Deuses e os Elfos a um conclave, para que seus conselhos pudessem melhorar seu desígnio e, ademais, esperava que suaves palavras de saber acalmassem sua cólera e inquietação antes que dessas viesse o mal. Pois via claramente ali o veneno das mentiras de Melko, as quais vivem e se multiplicam, onde quer que ele as lance, mais fecundas que qualquer semente posta na Terra; e já lhe era reportado que o antigo murmurinho dos Elfos a respeito de sua liberdade recomeçara, e que a soberba enchera alguns de tolice, a ponto de não suportarem o pensamento da chegada dos Homens.

Agora, portanto, Manwë sentava-se agravado diante de Kulullin, e olhava penetrantemente para os Valar reunidos ali perto e para os Elfos aos seus joelhos, mas não revelou tudo o que pensava, dizendo-lhes apenas que os convocara em concílio uma vez mais para determinar os cursos do Sol e da Lua e planejar uma ordem e um critério para seus caminhos. Então, Ainairos falou de pronto diante dele, dizendo que outros assuntos estavam mais profundos em seus corações do que esse, e dispôs diante dos Deuses o que pensavam os Elfos acerca dos Noldoli e da nudez da terra de Valinor

diante do mundo fora dela. Disso se levantou muito tumulto, e vários dos Valar e de seu povo o apoiaram ruidosamente, e alguns outros dos Eldar gritaram que Manwë e Varda haviam levado sua gente a habitar em Valinor prometendo a eles alegria infinda naquela terra — agora, que os Deuses cuidassem para que o contentamento deles não diminuísse até se tornar coisa pequena, vendo que Melko tomara o mundo e que eles não ousavam ir para os lugares de seu despertar mesmo que quisessem. A maioria dos Valar, além do mais, amava sua antiga quietude e queria apenas a paz, não desejando nem ouvir rumores de Melko e sua violência nem que o murmúrio dos Gnomos inquietos viesse jamais de novo entre eles a perturbar sua felicidade; e, por tais razões, também eles clamavam pelo encobrimento da terra. Não menores entre esses eram Vána e Nessa, ainda que a maioria, até mesmo entre os grandes Deuses, fosse da mesma opinião. Em vão Ulmo, por sua presciência, pleiteou diante deles piedade e perdão para os Noldoli, ou Manwë desvelou os segredos da Música dos Ainur e o propósito do mundo; e longo e cheio de alarido foi aquele conselho, e mais cheio de amargor e palavras renhidas do que quaisquer outros tinham sido, donde Manwë Súlimo partiu, afinal, do meio deles, dizendo que muro algum, nem baluarte, podia agora afastar o mal de Melko, o qual já vivia no meio deles e nublava as mentes de todos.

Assim foi que os inimigos dos Gnomos venceram no conselho dos Deuses, e o sangue de

Kópas começava já sua obra cruel; pois então começou aquela que é chamada a Ocultação de Valinor, e Manwë e Varda e Ulmo dos Mares não tiveram parte nela, mas nenhum outro dos Valar ou dos Elfos disso se absteve, ainda que Yavanna e Oromë, seu filho, tivessem os corações desassossegados.

Ora, Lórien e Vána lideraram os Deuses, e Aulë emprestou seu engenho, e Tulkas, sua força, e os Valar não saíram naquela hora a derrotar Melko e o maior arrependimento aquilo foi para eles desde então, e ainda é, pois a grande glória dos Valar, por razão daquele erro, não chegou à sua plenitude em muitas eras da Terra, e ainda o mundo a aguarda.[2]

Naqueles dias, contudo, não tinham ciência dessas coisas, e entregaram-se a novos e poderosos labores tais como não tinham sido vistos entre eles desde os dias em que primeiro construíram Valinor. As montanhas circundantes eles tornaram ainda mais impassáveis do lado leste do que jamais haviam sido, e tamanhas foram as magias-da-terra que Kémi teceu por seus precipícios e picos inacessíveis que, de todos os lugares pavorosos e terríveis na pujante Terra, aquela muralha dos Deuses que olhava por sobre Eruman era a mais hedionda e perigosa, e nem Utumna nem os lugares de Melko nas Colinas de Ferro eram tão tomados de insuperável temor. Ademais, mesmo nas planícies sobre sua . . . oriental[3] foram lançadas aquelas tramas

impenetráveis de escuridão pegajosa que Ungweliantë deitara fora em Valinor quando da destruição das Árvores. Ora, os Deuses as lançaram de sua brilhante terra para que enredassem completamente os passos daqueles que fossem por aquele caminho, e elas fluíam e espalhavam-se ao longe, jazendo até mesmo no seio dos Mares Sombrios até que a Baía de Feéria ficasse turva e nenhuma radiância de Valinor a alcançasse, e o cintilar das lamparinas de Kôr morria antes mesmo de atravessar as praias encastoadas de joias. De Norte a Sul marcharam os encantamentos e a magia inacessível dos Deuses, mas não ficaram eles contentes e disseram: Eis que faremos todos os caminhos que levam a Valinor, tanto conhecidos quanto secretos, desvanecerem de todo o mundo, ou vagarem traiçoeiramente rumo à confusão cega.

Isso então fizeram, e nenhum canal dos mares restou que não estivesse cercado por redemunhos perigosos ou com correntes de força avassaladora para a confusão de todos os navios. E espíritos de tempestades repentinas e ventos inesperados lá aguardavam por vontade de Ossë e outros de bruma inextricável. E não se esqueceram nem mesmo dos longos e tortuosos caminhos que os mensageiros dos Deuses conheciam e que seguiam pelos ermos sombrios desde o Norte ao mais profundo Sul; e, quando tudo fora feito a contento, Lórien disse: ‘Agora Valinor está isolada, e temos paz’, e Vána voltou a cantar pelo jardim na leveza de seu coração.

Dentre todos, somente os corações dos Solosimpi estavam apreensivos, e eles postavam-se às costas perto de seus antigos lares, e o riso não vinha fácil, e olhavam por sobre o Mar e, apesar do seu perigo e sua treva, temiam que ele ainda pudesse trazer o mal para a terra. Então alguns deles foram ter com Aulë e Tulkas, que estava próximo, dizendo: ‘Ó grandes dos Valar, muito e maravilhosamente os Deuses laboraram, mas pensamos, em nossos corações, que ainda falta algo; pois não tivemos notícia de que o caminho da fuga dos Noldoli, aquela passagem pavorosa dos despenhadeiros de Helkaraksë, tenha sido destruído. E, no entanto, por onde andaram os filhos dos Eldar também podem os filhos de Melko retornar, a despeito de vossos encantamentos e artifícios; e nem temos paz de coração em virtude do mar sem defesas.’

A isso Tulkas riu-se, dizendo que nada poderia chegar agora a Valinor exceto pelos ares mais superiores, ‘e neles Melko não tem poder; e nem vós, ó pequeninos da Terra’. E, contudo, a pedido de Aulë, foi com aquele Vala aos inóspitos lugares do pesar dos Gnomos, e Aulë, com o poderoso martelo de sua forja, golpeou aquele paredão de gelo denteado e, quando ele se fendeu nas gélidas águas, Tulkas o despedaçou com suas grandes mãos, e os mares rugiram pelas aberturas, e a terra dos Deuses foi completamente apartada dos reinos da Terra.[4]

Isso fizeram a pedido dos Elfos das Terras Costeiras, mas de modo algum os Deuses

permitiriam que aquela baixada nas colinas sob Taniquetil, que dava para a Baía de Feéria, fosse empilhada com rochas, como queriam os Solosimpi, pois lá Oromë tinha bosques aprazíveis e locais de deleite, e os Teleri[5] não suportariam que Kôr fosse destruída ou pressionada muito de perto pelos paredões sombrios das montanhas.

Então os Solosimpi falaram a Ulmo, mas ele não lhes deu ouvidos, dizendo que não foi de sua música que haviam aprendido tal amargura de coração, mas, sim, que andaram escutando sussurros de Melko, o maldito. E, despedindo-se de Ulmo, uns sentiram-se vexados, mas outros foram em busca de Ossë, e ele os ajudou, a despeito de Ulmo; e do labor de Ossë naqueles dias vieram as Ilhas Mágicas; pois Ossë as dispôs num grande anel em volta dos limites ocidentais do pujante mar, de sorte que guardavam a Baía de Feéria e, apesar de naqueles dias as imensas trevas daquelas águas longínquas ultrapassarem todos os Mares Sombrios, estendendo-lhes línguas de escuridão, as ilhas em si eram extremamente belas de se olhar. E os navios que vão naquela direção necessariamente as divisam antes de alcançarem as últimas águas que banham as praias élficas, e eram tão atraentes que poucos tinham poder de passar por elas e, caso alguém o tentasse, então súbitas borrascas faziam-no impelir contra as praias cujos seixos brilhavam qual prata e ouro. E, no entanto, todos os que ali pisavam, dali jamais saíam, pois, enredados nas tramas dos cabelos de Oinen,[6] Senhora do Mar, e

dominados pelo sono perpétuo que Lórien colocou ali, jaziam na orla das ondas como aqueles que, afogando-se, são espraiados novamente pelos movimentos do mar; e, no entanto, esses infelizes dormiam insondáveis e as águas sombrias lavavam-lhes os membros, mas seus navios apodreciam, enleados de algas, naquelas areias encantadas, e nunca mais singravam nos ventos do obscurecido Oeste.[7]

Ora, quando Manwë, fitando pesaroso desde a altaneira Taniquetil, viu todas essas coisas serem feitas, mandou mensagem a Lórien e Oromë, pensando-os menos irredutíveis de coração do que os outros, e, quando chegaram, falou-lhes com sinceridade; e, no entanto, não queria que o labor dos Deuses fosse desfeito, pois não o achava completamente ruim, mas convenceu aqueles dois a fazerem o que pedia quanto a algumas coisas. E destarte o fizeram; pois Lórien teceu uma trilha de magia delicada, e ela saía por sinuosos sendeiros secretíssimos das terras Orientais e de todos os grandes ermos do mundo até os muros de Kôr, e passava pelo Chalé das Crianças da Terra[8] e, de lá, descia a ‘vereda dos olmos sussurrantes’ até alcançar o mar.

Mas essa trilha ligava os lúgubres mares e todos os estreitos com delgadas pontes apoiadas no ar que brilhavam cinzentas como se fossem de névoas sedosas iluminadas por uma lua fina, ou de vapores perolados; e, contudo, além dos Valar e dos Elfos, os olhos de nenhum Homem a

contemplou, salvo em doces sonos na juventude de seu coração. É a mais longa de todas as trilhas, e poucos jamais chegam ao fim, tantas são as terras e locais maravilhosos de encanto e beleza que ela cruza até chegar a Elfinesse, mas é macia aos pés e ninguém que caminhe por ela se cansa.

Tal", disse Vairë, então, "era e ainda é a maneira da Olórë Mallë, a Trilha dos Sonhos; mas doutro tipo muito distinto foi o trabalho de Oromë, que, ouvindo as palavras de Manwë, apressou-se a Vána, sua esposa, e implorou uma trança de seus longos cabelos dourados. Ora, os cabelos de Vána, a bela, haviam-se tornado ainda mais longos e radiantes desde os dias em que os ofereceu a Aulë, e ela deu a Oromë um tanto de suas mechas douradas. Então, ele as embebeu na radiância de Kulullín, mas Vána as teceu habilmente num laço incomensurável e, com ele, Oromë partiu célere ao encontro de Manwë na montanha.

Então, chamando alto para que Manwë e Varda e todo o seu povo se achegassem, segurou diante de seus olhos a tira de ouro, e eles não sabiam seu propósito; mas Oromë pediu-lhes que olhassem para a Colina chamada Kalormë, assomando imensa nas terras mais distantes de Valinor, e tida como a mais alta depois de Taniquetil, mas que, dali, parecia coisa indistinta sumindo na distância. Enquanto olhavam, Oromë deu um passo para trás e, empenhando todo seu engenho e sua força, ensaiou um vigoroso lançamento, e aquele cordão dourado correu fazendo uma curva pelo céu, até que o nó se atou ao mais alto pináculo de Kalormë.

Então, pela magia de sua feitura e pela destreza da mão de Oromë, permaneceu como uma brilhante curva dourada que não baixava e nem vergava; mas Oromë prendeu a ponta de cá em um pilar nos pátios de Manwë e, virando-se para os que o fitavam, disse: ‘Quem desejar vagar nas Grandes Terras, que me siga’, e, a isso, pôs os pés na tira e apressou-se como o vento por sobre o golfo, chegando mesmo a Kalormë, enquanto todos em Taniquetil estavam emudecidos de espanto. Agora Oromë soltara a tira do pico de Kalormë e correu velozmente de volta, desenleando-a conforme retornava, até que uma vez mais estava diante de Manwë. Então disse: ‘Eis, ó Súlimo, Senhor dos Ares, que criei um caminho por onde qualquer um dos Valar de bom coração pode ir ao local que desejar nas Grandes Terras; pois até onde quiserem, lançarei minha delgada ponte, e a ponta de cá tu guardarás em segurança.’

E dessa obra de Oromë veio a portentosa maravilha dos céus que todos os homens veem e se espantam, e uns temem muito, ponderando sobre o que ela pode pressagiar. E, no entanto, aquela ponte tem um aspecto diferente em momentos diferentes e regiões variadas da Terra, e de raro é visível para Homens e Elfos. Ora, como rebrilha maravilhosissimamente aos raios oblíquos do Sol, e como quando as chuvas do céu a molham ela fulgura de maneira muitíssimo mágica, e a luz dourada em suas cordas gotejantes se parte em muitos tons de púrpura, verde e vermelho, os

homens, portanto, amiúde a chamam de Arco-da-Chuva, mas muitos outros nomes eles também criaram, e as fadas a chamam de Ilweran, a Ponte do Céu.

Ora, Homens viventes não podem andar nos fios balouçantes de Ilweran, e poucos dos Eldar têm coragem, mas não há outras trilhas para Elfos e Homens chegarem a Valinor desde aqueles dias, exceto uma, e ela é muito escura; mas é muito curta, a mais curta e rápida de todas as estradas, e muito áspera, pois Mandos a construiu e Fui a colocou no lugar. Qalvanda ela é chamada, a Estrada da Morte, e leva somente aos salões de Mandos e Fui. É bifurcada, e de um lado vão os Elfos e doutro, as almas dos Homens, e eles nunca se encontram.[9]

"Assim", disse Vairë, "a Ocultação de Valinor foi concluída, e os Valar deixaram escapar a chance de uma glória mais esplêndida e duradoura até mesmo do que a grandiosa glória que já era deles e ainda é. E, no entanto, ainda há muitas extraordinárias novas daqueles dias para se contar, das quais eu talvez possa relatar algumas agora; e uma delas chamarei de *O Porto do Sol*.

Vede, agora os corações de todos estão amainados pela trégua[10] de Manwë e os Valar e, enquanto os Deuses banqueteiam-se em Valmar e o céu está repleto da glória sem governo dos Navios de Luz, os Elfos voltam, afinal, para reconstruir a felicidade de Kôr; e lá buscam esquecer todos os pesares e todos os labores que

se haviam passado em seu meio desde a Soltura de Melko. Agora Kôr se torna o mais formoso e mais delicadamente amável de todos os reinos de Valinor, pois, no pátio de Inwë aquelas duas árvores élficas ainda brilhavam ternas; e eram mudas das gloriosas Árvores, agora mortas, dadas pelos Deuses a Inwë nos primeiros dias da construção daquela cidade. Outras também haviam sido dadas a Nólemë, mas essas foram desenraizadas e levadas ninguém sabia para onde, e outras jamais existiram.[11]

No entanto, por mais que os Elfos confiassem nos Valar para escudar a terra e tecer proteção à sua volta, e por mais que os dias de pesar, caindo no passado, se turvassem, eles não conseguiam ainda extirpar completamente a memória de sua infelicidade; e não conseguiram até que o caminho mágico de Lórien estivesse pronto e que os filhos dos pais dos pais dos Homens ganhassem permissão pela primeira vez para chegar até lá em doce sono; então, novo júbilo ardeu muito brilhante em seus corações, mas essas coisas ainda não haviam passado, e os Homens ainda eram recém-chegados à Terra.

Mas Manwë e Ulmo, sabendo que a hora deles havia chegado, promoveram altos concílios para protegê-los. Muitos planos fizeram ali, e agravavam-se ao pensar em Melko e no vagar dos Gnomos; e, contudo, os outros de Valinor ainda pouco se preocupavam com tais assuntos. Mas Manwë atreveu-se a falar mais uma vez aos Valar, ainda que sem dizer palavra dos Homens, e

lembrou-lhes de que, em seus labores para a ocultação de sua terra, deixaram de pensar na inconstância do Sol e da Lua. Ora, Manwë temia que a Terra se tornasse insuportável em virtude da grande luz e calor daquelas coisas brilhantes, e nisso o coração de Yavanna estava de acordo com ele, mas a maioria dos Valar e dos Elfos viu seu desígnio como bom porque, alçando o Sol e a Lua a trilhas mais elevadas, pretendiam rematar todos os seus labores, levando esses luzeiros penetrantes para mais longe, de modo que todas as colinas e regiões de suas moradas não ficassem demasiadamente iluminadas e, assim, não fossem divisadas por ninguém a distância.

Portanto, alguns disseram: ‘Que enviemos agora mensageiros para descobrir o modo do mundo no extremo Leste, além mesmo da visão de Manwë desde a Montanha do Mundo.’ Então Oromë se ergueu: ‘Isso eu vos posso dizer, pois o vi. No Leste, para além das terras soçobradas, há uma praia silente e um mar sombrio e vazio.’ E os Deuses espantaram-se a essas novas, e nunca qualquer um deles, salvo Oromë, cuidara de ver ou ouvir tais coisas, nem mesmo Yavanna, a Senhora-da-terra. Nada digo de Ulmo Vailimo, Senhor de Vai, pois, em verdade, tais coisas ele sabia desde o princípio da Terra. Agora, portanto, aquele ancião concordou com Oromë, expondo aos Valar qual era a natureza secreta da Terra, e disse:

‘Vede, há apenas um Oceano, e este é Vai, pois aqueles que Ossë toma por oceanos não são senão mares, águas que repousam nas fossas da rocha;

mas Vai corre desde a Muralha das Coisas até a própria Muralha das Coisas, em qualquer direção que se vá. Ora, para o Norte é tão frio que mesmo suas pálidas águas se congelam a uma profundidade inimaginável e impenetrável e, para o Sul, tamanhas são a escuridão e as armadilhas em virtude de Ungoliont[12] que ninguém, salvo eu mesmo, consegue encontrar um caminho. Neste vasto corpo d'água flutua a ampla Terra, sustentada pelo verbo de Ilúvatar, pois coisa alguma, nem peixe e nem barca, pode nadar ali sem que eu lhes tenha declarado o grande verbo que Ilúvatar me falou e os atado com o feitiço; mas mesmo Valinor é parte da vasta Terra, e a substância da Terra é pedra e metal, e os mares são poças em suas gretas, e as ilhas, salvo umas poucas que nadam ainda livres, repousam agora como pináculos desde suas algosas profundezas. Sabei, pois, que um tanto mais perto fica Valinor da grande Muralha das Coisas, onde Ilúvatar nos encerrou, do que a mais Oriental das costas: e isso eu sei pois, mergulhando sob o mundo, amiúde visitei essas praias sem porto; pois vede, ó Valar, vós não conheceis todas as maravilhas, e muitas cousas secretas há por debaixo da quilha escura da Terra, lá onde estão meus grandes salões de Ulmonan, das quais nunca sonhastes.

Mas Manwë disse: 'Isso é verdade, ó Ulmo Vailimo; mas de que isso serve ao nosso presente propósito?' E Ulmo respondeu: 'Vede, levarei Aulë, o Ferreiro, comigo e conduzi-lo-ei segura e celeremente sob as águas de Vai em minha

carruagem de mar-profundo até as costas Orientais, e lá ele e eu construiremos portos para os Navios, e do Leste, doravante, eles hão de se erguer e emanar sua luz e glória mais fortes aos Homens que carecem delas e aos infelizes Noldoli, um seguindo o outro pelo céu, e voltando para casa em Valinor. Aqui, quando seus corações se enfraquecerem em razão de suas jornadas, hão de descansar um tanto sobre os Mares de Fora, e Urwendi banhar-se-á em Faskalan, e Ilinsor beberá das águas quietas do Lago Irtinsa, antes de retornarem.’

Ora, esse discurso Manwë e Ulmo haviam preparado em conluio, e os Valar e Eldar deram ouvidos por razões diversas, como antes; ao que Aulë partiu com Ulmo, e construíram grandes portos no Leste, junto ao mar silente; e o porto do Sol era amplo e dourado, mas o porto da Lua foi colocado no mesmo ancoradouro, e era branco, com portões de prata e pérola que brilhavam esmaecidos assim que o Sol descia dos céus até Valinor; a essa hora os portões se abrem sozinhos diante do erguer da Lua, mas nenhum dos Eldar viu tais coisas, salvo Uolë Kúvion, e ele não contou conto algum.

Ora, a princípio, os Valar pretendiam puxar o Sol e a Lua por baixo da Terra — abençoando-os com o encantamento de Ulmo para que Vai não os ferisse —, cada um em sua hora designada; e, no entanto, por fim descobriram que Sári[13] não poderia, ainda assim, chegar em segurança por debaixo do mundo, pois era frágil e ágil demais; e muita

radiância preciosa foi derramada em suas tentativas pelas águas mais profundas, a qual escapou e tornou-se como centelhas secretas em muitas cavernas oceânicas ignotas. Muitos mergulhadores élficos e mergulhadores das fatas procuraram por elas durante muito tempo para lá do extremo Leste, como se canta na canção do Adormecido na Torre de Pérola.[14]

De fato, por um tempo o infortúnio sobreveio mesmo à brilhante Urwendi, e ela vagou em grotões escuros e passagens intermináveis do reino de Ulmo até que Fionwë a encontrou e trouxe de volta a Valinor — mas o conto inteiro é chamado de Conto de Qorinómi e não pode ser contado aqui.[15]

Assim veio a passar que os Deuses se arriscaram numa grandiosa façanha, a mais pujante de todas as suas obras; pois, fazendo uma frota de balsas e barcos mágicos com a ajuda de Ulmo — e doutro modo nenhum deles suportaria velejar nas águas de Vai — chegaram à Muralha das Coisas, e lá construíram a Porta da Noite (Moritarnon ou Tarn Fui, como os Eldar a chamam em seus idiomas). Ela ainda está lá, completamente negra e imensa nas muralhas de azul-profundo. Seus pilares são do mais forte basalto, assim como seu lintel, mas grandes dragões de pedra preta estão esculpidos nela, e sombria fumaça derrama-se lentamente de suas mandíbulas. A porta tem folhas inquebráveis, e ninguém sabe como foram feitas ou colocadas, pois aos Eldar não foi permitido estar naquela

construção pavorosa, e esse é o último segredo dos Deuses; e nem o ímpeto do mundo seria capaz de forçar aquela porta, que se abre a uma única palavra mística. Essa palavra somente Urwendi conhece, além de Manwë, que a contou para ela; pois para além da Porta da Noite fica a escuridão de fora, e quem passa por ela pode escapar do mundo e da morte, e ouvir coisas que ainda não são para os ouvidos dos habitantes da Terra, e isso não pode acontecer.

No Leste, contudo, doutro tipo foi a obra dos Deuses, pois lá um grande arco foi feito e, conta-se, é todo de ouro brilhante e barrado com portões prateados, mas poucos, mesmo dos Deuses, o contemplaram, pela abundância de vapores luminosos que amiúde os envolvem. Ora, os Portões da Manhã também se abrem apenas diante de Urwendi, e a palavra que profere é a mesma que diz à Porta da Noite, mas ao contrário.

E agora sempre acontece que, quando o Navio da Lua deixa seu porto no Leste e seus portões de pérola, Ulmo conduz o galeão do Sol para frente da Porta da Noite. Então, Urwendi pronuncia a palavra mística, e ela se abre para fora diante dela, e uma rajada de escuridão adentra, mas morre à sua luz abrasiva; e o galeão do Sol sai para a escuridão sem fronteiras e, dando a volta por trás do mundo, encontra o Leste novamente. Ali, Sári, cheio da claridade da manhã, atravessa os portões e Urwendi e suas aias fazem um som de trompas douradas, e a aurora se derrama sobre os olhos dos Homens.[16]

E, no entanto, muitas vezes um pequenino barco-estelar de Varda que tenha mergulhado nos Mares de Fora, como amiúde fazem, é sugado pela Porta da Noite, por detrás do Sol; e alguns perseguem sua galé pela vastidão sem estrelas de volta para a Muralha Oriental, e alguns se perdem para sempre, e uns cintilam atrás da Porta, até que o Navio-do-Sol irrompe novamente.[17] Esses então saltam de volta e avançam pelo céu outra vez ou aligeiram-se por seus espaços; e isso é coisa bela de se ver — as Fontes das Estrelas.

Vede, a Lua não ousa enfrentar a solidão extrema da escuridão de fora em virtude de sua luz e majestade menores, e viaja ainda sob o mundo, e muitos são os acasos desse caminho; por isso, ela é amiúde menos tempestiva do que o Sol e mais inconstante. Às vezes, nem chega a vir atrás de Sári e, outras vezes, atrasa-se e faz apenas uma viagem curta, ou mesmo se atreve nos céus enquanto Urwendi ainda está lá. Então os Deuses sorriem saudosos e dizem: ‘É o mesclar das luzes novamente.’[18]

Por muito tempo essa foi, de fato, a maneira da condução dos navios, e muito tempo se passou desde aqueles dias até que os Deuses começaram a temer uma vez mais pelo Sol e pela Lua em razão de certas novas que chegaram àqueles dias, as quais podem, talvez, ser contadas depois; e, devido ao seu temor, uma coisa nova e estranha aconteceu. Ora, isso eu talvez possa contar antes de finalizar; e chama-se *A Urdidura dos Dias e Meses e dos Anos*.

Pois sabei que, enquanto os grandes Deuses sentavam-se em conclave, ponderando sobre como poderiam prender as lamparinas do céu sempre à mão, e guiar suas idas assim como um cocheiro guia seus cavalos galopantes, eis que surgiram três homens idosos diante deles, e saudaram Manwë.

Mas Manwë perguntou-lhes quem eram, ‘pois bem sei’, diz, ‘que não sois do povo contente que mora em Valmar ou nos jardins dos Deuses’, e os Valar espantaram-se, perguntando-se como teriam chegado à sua terra sem auxílio. Ora, esses homens eram de aspecto estranho, parecendo idosos sem conta, mas de força indômita. E o que estava à esquerda era muitíssimo miúdo e baixo, e outro, no meio, de estatura média, e o terceiro era esguio e alto; e o primeiro tinha madeixas curtas e uma barbicha, e as do outro não eram nem longas e nem curtas, mas a barba do terceiro roçava a terra diante dos pés conforme caminhava. Ora, passado um tempo, aquele que era baixo e miúdo falou, em resposta a Manwë, e disse: ‘Irmãos nós somos; e homens de ofício muitíssimo sutil’; e o outro respondeu: ‘Vede, chamamo-nos Danuin, Ranuin e Fanuin,[a] e eu sou Ranuin, e foi Danuin quem falou.’ Então Fanuin disse: ‘E, em vossa perplexidade, queremos oferecer-vos nosso engenho — mas quem nós somos, e donde viemos e aonde vamos, isso vos contaremos apenas se aceitardes nosso conselho e depois de termos feito conforme nosso desejo.’

Então, alguns dos Deuses disseram não, temendo uma trapaça (até mesmo de Melko, talvez), e outros queriam conceder-lhes seu desejo, e foi esse o conselho que prevaleceu ao fim, devido à grande indecisão do momento. Então aqueles três, Danuin e Ranuin e Fanuin, pediram que lhes fosse preparado um aposento à parte; e isso foi feito na casa de Aulë. Lá, fiaram e teceram em segredo e, transcorridas duas vezes doze horas, Danuin apareceu e falou a Manwë, dizendo: ‘Contemplai minha obra!’; e ninguém soube qual era seu intento, pois suas mãos estavam vazias. Mas, quando o Navio do Sol retornou, então Danuin foi até a popa e, pousando a mão ali, pediu que Ulmo o conduzisse, como soía fazer, por sobre as águas até a Porta da Noite; e, quando Ulmo tinha ultrapassado um pouco a costa de Valinor, Danuin deu um passo para trás, e eis que Ulmo não conseguiu mais puxar o Navio-do-Sol, ainda que empregasse toda a sua força. Então Manwë e Ulmo e todos que observavam ficaram temerosos, mas, depois, Danuin soltou o Sol e partiu, e eles não conseguiram encontrá-lo; mas, após vinte e oito noites mais oito, chegou Ranuin e ele também disse: ‘Contemplai minha obra!’ e, contudo, não se via em suas mãos abertas mais do que se vira antes nas de Danuin. Ora, Ranuin esperou até que Ilinsor trouxesse a Rosa de Silpion a Valinor e, indo até ela, pousou as mãos numa saliência de vidro naquela ilha e, depois disso, ninguém conseguiu levar a barca de Ilinsor para longe de Ranuin contra sua vontade; mas, novamente, Ranuin não

disse palavra e partiu; e Rána foi libertada, mas ninguém conseguiu encontrar Ranuin.

Ora, os Deuses ponderaram longamente sobre o que isso prenunciava, mas nada mais sucedeu até que Rána houvesse crescido e minguado treze vezes. Então, Fanuin achegou-se e pediu que os Deuses detivessem Ilinsor, para que, à chegada de Sári, ambos os navios pudessem estar sobre Valinor ao mesmo tempo. Mas, quando isso foi feito, suplicou o auxílio dos Deuses, ‘pois’, disse ele, ‘criei algo de grande peso que gostaria muito de mostrar-lhes, mas não consigo içá-lo com minha força’. E sete dos mais robustos dos salões de Tulkas foram até o local do labor de Fanuin e nada conseguiam enxergar ali; mas ele lhes pediu que se abaixassem, e pareceu-lhes que tinham as mãos postas sobre uma pujante sirga, e cambalearam sob ela conforme a colocavam sobre os ombros, mas não conseguiam enxergá-la.

Então, indo até Sári e a Rána, um de cada vez, Fanuin moveu as mãos como se estivesse amarrando uma grande corda a cada um desses vasos; mas, quando tudo foi terminado, falou a Manwë: ‘Eis, ó Súlimo, Senhor dos Deuses, a obra está feita, e os navios de luz estão atados nas inquebráveis amarras do tempo, as quais nem vós e nem eles podem jamais romper, e delas eles não podem escapar, ainda que essas amarras sejam invisíveis a todos os seres que Ilúvatar criou; pois, mesmo assim, elas são mais fortes que todas as coisas.’

Então, vede, subitamente Danuin e Ranuin estavam ao lado dele, e Danuin, indo até Manwë, pôs em sua mão um cordão delgado, mas Manwë não o via. ‘Com isto’, disse Danuin, ‘ó Manwë Súlimo, podeis governar as idas e vindas do Sol, e ele jamais poderá ser levado além da direção de vossa mão, e tal é a virtude deste cordão que as partidas e retornos do Sol hão de ser tidos como as mais tempestivas e inevitáveis de todas as coisas na Terra.’ Depois, Ranuin fez de modo semelhante e, vede, Manwë sentiu em sua palma uma invisível corda robusta. ‘Com isto’, disse Ranuin, ‘vós haveis de conter e conduzir a inconstante Lua, tanto quanto possível, e tamanha é a virtude da “faixa de Ranuin” que mesmo a inconstante e intempestiva Lua há de ser uma medida de tempo para Elfos e Homens.’ E, por último, Fanuin pediu que levassem a ponta de sua pujante sirga a Manwë, e Manwë a tocou e ela foi presa a uma grande rocha sobre Taniquetil (que é chamada, portanto, de Gonlath), e Fanuin disse: ‘Agora a mais pujante sirga domina tanto o Sol quanto a Lua; e com ela podeis coordenar seus movimentos e entrelaçar seus fados; pois a corda de Fanuin é a Corda dos Anos, e Urwendi, irrompendo pela Porta da Noite, há de enleá-la nos finos laços do cordão do dia, em redor da Terra, até que venha o Grande Fim — e, assim, o mundo inteiro e seus habitantes, tanto Deuses quanto Elfos e Homens, e todas as criaturas que andam e as coisas que nela têm raízes, estarão atados nas amarras do Tempo.’

Então todos os Deuses ficaram temerosos, vendo o que se passara, e sabendo que, dali em diante, mesmo eles haveriam de estar, no tempo contado, sujeitos ao lento envelhecimento, e os seus luminosos dias, ao esvanecer, até que Ilúvatar, no Grande Fim, os chamasse de volta. Mas Fanuin disse: ‘Ora, isso não é senão a Música dos Ainur: pois vede, quem somos nós — Danuin, Ranuin e Fanuin, Dia e Mês e Ano — senão os filhos de Aluin, do Tempo, que é o mais velho de todos os Ainur e está além, e sujeito a Ilúvatar; e dele viemos, e a ele nos vamos agora.’ Então, aqueles três desapareceram de Valinor; mas assim se deu a feitura dos cursos imóveis do Sol e da Lua, e a sujeição de todas as coisas dentro do mundo ao tempo e à mudança.

Mas, quanto aos próprios Navios de Luz, vede! ó Gilfanon e todos vós que escutais, finalizarei o conto de Lindo e Vairë acerca da construção do Sol e da Lua com o grandioso presságio que foi dito entre os Deuses quando primeiro se abriu a Porta da Noite. Pois conta-se que, antes de chegado o Grande Fim, Melko há de maquinar dalguma maneira uma querela entre Lua e Sol, e Ilinsor há de querer perseguir Urwendi pelos Portões e, quando se tiverem ido, os Portões tanto do Leste quanto do Oeste serão destruídos, e Urwendi e Ilinsor perder-se-ão. Assim há de passar que Fionwë Úrion, filho de Manwë, por amor a Urwendi há de ser, no fim, a ruína de Melko, e há de destruir o mundo para destruir seu inimigo, e assim todas as coisas hão de chegar ao fim.”[19]

E, assim, Vairë terminou, e o grande conto silenciou no aposento.

[a] Na margem está escrito *Dōgor Mōnaþ* 7 *Missére*, palavras em inglês antigo para “Dia, Mês e Ano”.

NOTAS

[1] “eles”: o texto original dizia “os Solosimpi”

[2] O rascunho rejeitado é notavelmente breve até este ponto, e diz o seguinte (a partir das observações de Ailios incluídas na p. 237, nota 20):

> “Isso é facilmente contado”, disse Lindo; “pois os murmurinhos de que falei ficaram cada vez mais altos, e tornaram-se discurso no concílio que se convocou agora para ajustar os cursos do Sol e da Lua; e toda a antiga ferida que se havia inflamado outrora à incitação de Melko a respeito da liberdade dos Elfos — aquela briga mesmo que resultou no Exílio dos Noldoli — abriu-se novamente. E, no entanto, poucos agora tinham pena dos Gnomos, e tais dos Eldar a quem o mundo recém-iluminado atraía não ousavam partir de Valinor por causa do poder de Melko; porquanto, no fim, os inimigos dos Gnomos, apesar de tudo o que Ulmo dissesse ou suplicasse, e apesar da clemência de Manwë, prevaleceram sobre os conselhos dos Deuses — e assim veio a passar isso que as estórias chamam de [Fechamento >] Ocultação de Valinor. E os Deuses não saíram daquela vez para combater Melko, e deixaram passar sua maior oportunidade de conquistar a glória e a honra eterna, [justo como a Música de Ilúvatar predissera — e eles pouco a compreenderam —, e quem há de saber se a salvação do mundo e a libertação de Homens e Elfos algum dia há de vir deles novamente? Alguns sussurram que não é assim, e que a esperança vive apenas numa terra distante dos Homens, mas como isso há de se dar, eu não sei.]

A passagem conclusiva está assim, entre colchetes, no manuscrito, com um ponto de interrogação ao lado.

[3] A palavra parece ser “leste”. A palavra “oriental” foi acrescentada ao texto, e pode ser que meu pai pretendesse mudar “leste” para “borda oriental”, ou algo similar.

[4] Aqui, a palavra “Terra” está sendo usada claramente — ainda que estranhamente — do mesmo modo que “o mundo”, referindo-se às Grandes Terras, em oposição às Terras de Fora do Oeste.

[5] Os Teleri (isto é, os posteriores Vanyar) não haviam partido de Kôr na história antiga (ver aqui).

[6] Originalmente, *Ówen* e, depois, *Ónen*. O nome da esposa de Ossë já apareceu na forma final *Uinen* (pp. 152, 232), mas *Oinen* está escrito de maneira clara aqui, e é evidentemente intencional.

[7] No rascunho, o relato da Ocultação de Valinor é muito breve, e chega logo à Trilha dos Sonhos. As tramas de escuridão colocadas nas encostas orientais das montanhas não eram aquelas que Ungweliantë “deitara fora em Valinor”, mas meramente comparadas às “mais pegajosas que

Ungweliantë jamais teceu”. Helkaraksë e as Ilhas Mágicas são mencionadas apenas numa indicação marginal de que deveriam ser incluídos.

8 “Terra” está sendo usada, novamente, com o sentido de Grandes Terras (ver nota 4). O rascunho diz, aqui, “Crianças do Mundo”.

9 Ainda que não haja diferenças substanciais no relato da Olórë Mallë entre os dois textos, o primeiro não faz menção à Trilha do Arco-da-Chuva [arco-íris] de Oromë. — Uma nota isolada, obviamente escrita antes do presente Conto, diz: “Quando os Deuses fecham Valinor [...] Lórien deixa uma trilha cruzando as montanhas, chamada Olórë Mallë, e Manwë, o Arco-da-Chuva, por onde anda para inspecionar o mundo. Só é visível após a chuva por estar, então, molhada.”

10 “trégua”: anteriormente, “transigência”. É notável como Manwë é retratado como *primus inter pares* [primeiro entre iguais] em vez de governante dos outros Valar.

11 Sobre as Árvores de Kôr, ver pp. 153, 168.

12 Ver aqui.

13 *Sári* é aqui (e subsequentemente) o nome conforme escrito, e não uma emenda de *Kalavénë*, o nome nos textos rascunhados de *O Sol e a Lua* e *A Ocultação de Valinor* (ver aqui). Neste ponto, o rascunho diz “o Navio-do-Sol”, que é, por sua vez, uma alteração de “os navios”, pois meu pai escreveu primeiro que nenhum dos navios poderia ser puxado de forma segura sob a Terra.

14 O Adormecido na Torre de Pérola é nomeado em *O Chalé do Brincar Perdido*, pp. 25–6. A canção do adormecido é, quase com certeza, o poema *The Happy Mariners* [Os Felizes Marinheiros], escrito originalmente em 1915 e publicado em 1923 (ver a *Biografia* escrita por Humphrey Carpenter, Apêndice C, p. 363); ele será incluído em duas versões, ligadas aos materiais do *Conto de Eärendel*, na segunda parte dos *Contos Perdidos*. O poema contém uma referência aos barcos que passavam pela Torre de Pérola, carregados “com chispas de rubente chama / Pegas por mergulhadores n’água do Sol”.

15 O rascunho original diz, aqui: “mas esse é o conto de Qorinómi, e não me atrevo a contá-lo aqui, pois o amigo Ailios me esta observando” (ver notas 19 e 20).

16 O rascunho dizia inicialmente, neste ponto: “e o galeão do Sol sai para a escuridão e, dando a volta por trás do mundo, encontra o Leste novamente, mas lá não há portão, e a Muralha das Coisas é mais baixa; e, cheio da claridade da manhã, Kalavénë atravessa acima dela e a aurora se derrama sobre as colinas Orientais e recai sobre os olhos dos Homens”. Parte disso, a partir de “mas lá não há portão”, foi posta entre colchetes, e o trecho sobre o grande arco no Leste e os Portões da Manhã foi introduzido. No parágrafo seguinte, o rascunho dizia “de volta por sobre a Muralha Oriental”, o que foi alterado para a escrita do segundo texto “de volta para a Muralha Oriental”. Sobre o nome *Kalavénë*, ver aqui.

[17] Isto é, até o Navio-do-Sol irromper novamente pela Porta da Noite, para a escuridão de fora; conforme o Navio-do-Sol vai embora, as estrelas cadentes entram de novo no céu.

[18] A segunda versão desse trecho do conto de Vairë, 'O Porto do Sol', segue o rascunho original (corrigido) muito de perto, sem quaisquer diferenças substanciais; mas a parte do conto que agora se segue, "A Urdidura dos Dias e Meses e dos Anos", está completamente ausente no rascunho.

[19] Esse trecho conclusivo difere em vários pontos da versão original. Lá, Ailios aparece novamente, em vez de Gilfanon; o "grandioso presságio" foi proferido entre os Deuses "quando eles primeiro planejaram construir a Porta da Noite"; e quando Ilinsor tiver seguido Urwendi pelos Portões, "Melko destruirá os Portões e erguerá a Muralha Oriental para além dos [?céus] e Urwendi e Ilinsor perder-se-ão".

Alterações feitas a nomes em *A Ocultação de Valinor*

Vansamírin < a estrada de Samírien (*Samírien* ocorre como nome do Festival do Duplo Júbilo, pp. 176–77).

Kôr < Kortirion (p. 250). Posteriormente, embora *Kôr* não tenha sido riscado, meu pai escreveu *Tûn* em cima, com um ponto de interrogação, e o mesmo acontece na ocorrência de *Kôr* na p. 253. Essa é a primeira aparição desse nome no texto dos *Contos Perdidos*, o qual originou, em última análise, *Túna* (o monte sobre o qual Tirion foi construída).

Ainaros < Oivárin.

Moritarnon, *Tarn Fui* O rascunho original do conto traz "*Móritar* ou *Tarna Fui*".

Sári O rascunho original traz *Kalavénë* (ver aqui e a nota 13).

Na primeira ocorrência dos nomes dos três Filhos do Tempo, a sequência de versões era:

Danuin < Danos < uma forma ilegível, *Dan*..

Ranuin < Ranos < Ranoth < Rôn

Fanuin < Lathos < Lathweg

No restante do trecho: *Danuin < Dana*; *Ranuin < Ranoth*; *Fanuin < Lathweg*.

Aluin < *Lúmin*.

Comentário a *A Ocultação de Valinor*

O relato do Concílio dos Valar e Eldar na abertura deste conto (muito desenvolvido a partir do rascunho preliminar incluído na nota 2) é notável e importante na história das ideias de meu pai a respeito dos Valar e suas motivações. Em *O Silmarillion* (p. 148), a Ocultação de Valinor se deu por causa do assalto de Melkor ao timoneiro da Lua:

> Mas, vendo o ataque a Tilion, os Valar encheram-se de dúvida, temendo o que a maldade e a astúcia de Morgoth ainda poderiam tramar contra eles. Não estando dispostos a lhe fazer guerra na Terra-média, lembraram-se, mesmo assim, da ruína de Almaren; e resolveram que o mesmo não havia de acontecer a Valinor.

Um pouco antes, em *O Silmarillion* (pp. 144–5), são dadas razões para a relutância dos Valar em fazer guerra:

> E conta-se, de fato, que assim como os Valar tinham feito guerra a Melkor por causa dos Quendi, também, naquele tempo, eles foram pacientes por causa dos Hildor, Os Que Vêm Depois, os Filhos mais novos de Ilúvatar. Pois tão profundas foram as feridas da Terra-média na guerra contra Utumno que os Valar temiam que coisa ainda pior pudesse acontecer; e os Hildor, além disso, haviam de ser mortais e mais fracos que os Quendi para aguentar

medo e tumulto. Além do mais, não fora revelado a Manwë onde o princípio dos Homens deveria ser, se no norte, no sul ou no leste. Portanto, os Valar enviaram luz, mas fortificaram a terra de sua habitação.

Em *O Silmarillion*, não há vestígio do concílio tumultuado, nenhuma sugestão de desacordo entre os Valar, com Manwë, Varda e Ulmo desaprovando a obra energicamente e mantendo-se alheios a ela; igualmente, não há menção alguma a qualquer súplica de Ulmo pelos Noldor, e nem ao descontentamento de Manwë. Na história antiga, foi a hostilidade de alguns dos Eldar para com os Noldoli, liderados por um Elfo de Kópas (Alqualondë) — o qual também desapareceu completamente: no relato posterior: não se diz palavra sobre os sentimentos dos Elfos de Valinor em relação aos Noldor eLivross —, que desencadeou a Ocultação de Valinor; e é curiosíssimo observar que a ação dos Valar, aqui, decorreu essencialmente da indolência misturada ao temor. Em nenhum outro lugar aparece tão claramente a concepção primitiva de meu pai acerca dos Deuses madraceiros. Ademais, ele deixou bastante explícito que o fracasso deles em fazer guerra a Melko ali, naquela hora, foi um grave erro que os diminuiu e era (ao que parece) irreparável. Nesse escrito posterior, a Ocultação de Valinor permaneceu, de fato, mas apenas como um grande fato da antiguidade mitológica; nada se diz sobre sua reprovação.

O bloqueio e completo isolamento de Valinor do mundo de fora é, talvez, enfatizado de maneira ainda mais contundente na narrativa antiga. As teias descartadas de Ungweliant e o uso que os Valar fizeram delas desapareceram na história posterior.

> Muito notável é a explicação diferente para o fato de que a fenda nas elevações circundantes (mais tarde chamada de Calacirya) não foi bloqueada. Em *O Silmarillion* (p. 148), conta-se que aquele passo não foi fechado

por causa dos Eldar que eram fiéis, e na cidade de Tirion, sobre a colina verdejante, Finarfin ainda governava os remanescentes dos Noldor na fenda profunda das montanhas. Pois todos aqueles de raça-élfica, até mesmo os Vanyar e Ingwë, seu senhor, precisam respirar por vezes o ar de fora e o vento que chega através do mar, vindo das terras de seu nascimento; e os Valar não queriam separar totalmente os Teleri de seus parentes.

> O antigo motivo dos Solosimpi (> Teleri), desejosos de que isso fosse feito (muito estranho, pois será que os Flautistas das Terras Costeiras desejavam abandonar as costas?), desapareceu com a extirpação geral de seu amargo ressentimento contra os Noldoli, assim como a recusa de Ulmo em ajudá-los e a prontidão de Ossë em fazê-lo, a despeito de Ulmo. O trecho a respeito das Ilhas Mágicas, criadas por Ossë, é a origem da conclusão do Capítulo 9 de *O Silmarillion* (pp. 148–9):

E naquele tempo também, ao qual as canções chamam de *Nurtalë Valinóreva*, a Ocultação de Valinor, as Ilhas Encantadas foram dispostas, e todos os mares à volta delas ficaram cheios de sombras e desconcerto. E essas ilhas estendiam-se como uma rede nos Mares Sombrios, do norte ao sul, antes que Tol Eressëa, a Ilha Solitária, fosse

alcançada por quem navegava para o oeste. Dificilmente podia alguma nau passar entre elas, pois, nas enseadas perigosas, as ondas suspiravam para sempre sobre rochas escuras veladas em névoa. E, no crepúsculo, um grande cansaço e uma aversão ao mar vinham sobre os marinheiros; mas todos os que alguma vez pisavam nas ilhas ficavam ali apanhados e dormiam até a Mudança do Mundo.

Fica claro por essa passagem no conto que as Ilhas Mágicas foram dispostas a leste dos Mares Sombrios, apesar de “as imensas trevas [...] [estenderem-lhes] línguas de escuridão”; ao passo que, num trecho anterior (p. 156), conta-se que, passando Tol Eressëa (a qual estava ela mesma além das Ilhas Mágicas), “está a muralha brumosa e as grandes trevas marítimas sob as quais jazem os Mares Sombrios”. A concepção das posteriores “Ilhas Encantadas” certamente deve muito às Ilhas Mágicas, mas, no trecho que acabei de citar de *O Silmarillion*, elas foram dispostas nos Mares Sombrios e ficavam no crepúsculo. É possível portanto, que as Ilhas Encantadas também derivem das Ilhas do Crepúsculo (pp. 88, 155–56).

O relato das obras de Tulkas e Aulë nas regiões setentrionais (p. 254) não está perfeitamente de acordo com o que foi dito anteriormente, embora uma contradição real não seja provável. Na p. 203, é claramente afirmado que havia uma faixa de água (Qerkaringa, o Golfo Gélido) entre a ponta da “Presa-de-Gelo” (Helkaraksë) e as Grandes Terras, quando da travessia dos Noldoli. No mesmo trecho, refere-se à Presa-de-Gelo como “um braço estreito, que os Deuses mais tarde destruíram”. Os Noldoli

conseguiram atravessar para as Grandes Terras apesar da “fenda na extremidade de lá” (p. 204), pois o estreito, devido ao grande frio, enchera-se de gelo estagnado. No entanto, o significado da presente passagem pode ser que, com a destruição da Presa-de-Gelo, uma fenda muito mais ampla se formou, de modo que não havia, agora, qualquer possibilidade de travessia por aquela rota.

Não há vestígio das três “estradas” feitas por Lórien, Oromë e Mandos no escrito posterior de meu pai. O Arco-da-Chuva [arco-íris] jamais é mencionado, e nem há qualquer indício de explicação de como Homens e Elfos passam para os salões de Mandos. Mas é difícil de interpretar esse conceito das “estradas” — de saber até que ponto havia um conteúdo puramente figurativo na ideia.

Acerca da estrada de Lórien, Olórë Mallë, a Trilha dos Sonhos, que é descrita por Vairë em *O Chalé do Brincar Perdido*, ver pp. 29, 40 e seguintes. Ali, Vairë disse que a Olórë Mallë vinha das terras dos Homens, que era “uma vereda de escarpas íngremes e grandes sebes proeminentes, além das quais havia muitas árvores altas onde parecia viver um sussurro perpétuo” e que, dessa vereda, um portão alto levava ao Chalé das Crianças, ou do Brincar do Sono. Ele não ficava longe de Kôr, e para lá iam os “filhos dos pais dos pais dos Homens”; os Eldar os guiavam para o chalé e seu jardim se pudessem, “a fim de que não se desviassem para Kôr e se enamorassem da glória de Valinor”. Os relatos dos dois contos parecem concordar, de modo geral, embora seja difícil entender estas palavras no presente conto: “e passava pelo Chalé das Crianças da Terra e, *de lá*, descia a ‘vereda dos olmos sussurrantes’ *até alcançar* o mar”. É muito notável que, ainda nesse estágio do desenvolvimento da mitologia, quando muitas outras coisas já haviam

sido escritas desde a chegada de Eriol a Tol Eressëa, a noção de filhos dos Homens chegando no sono, por uma "estrada" misteriosa a um chalé em Valinor, não tivesse de modo algum sido abandonada.

No relato da confecção da Ponte do Arco-da-Chuva por Oromë, o nó que ele lançou atou-se ao pico da grande montanha Kalormë ("Colina-do-Sol-Nascente"), no extremo Leste. É possível ver essa montanha no desenho do "Navio do Mundo", p. 108.

A história chamada por Vairë de "O Porto do Sol" (p. 257 e seguintes) nos dá o retrato mais completo da estrutura do mundo que se encontra na fase mais antiga da mitologia. Os Valar, de fato, parecem estranhamente ignorantes sobre esse assunto — a natureza do mundo cuja existência dependeu tanto de sua própria criação — a ponto de precisarem que Ulmo os informasse de tais verdades fundamentais. Uma possível explicação para essa ignorância pode ser encontrada na diferença radical de tratamento entre a Criação do Mundo nas versões mais antigas e mais recentes de *A Música dos Ainur*. Eu observei anteriormente (p. 75) que originalmente a primeira visão que os Ainur tiveram do mundo foi em sua concretude, e Ilúvatar lhes disse "mesmo agora o mundo se desenrola e sua história começa"; ao passo que, na versão desenvolvida, era uma visão que lhes foi retirada, e que somente ganhou existência pelo verbo de Ilúvatar: *Eä!* Que essas coisas Sejam! Conta-se em *O Silmarillion* (p. 46) que

quando os Valar entraram em Eä ficaram, a princípio, espantados e em confusão, pois era como se nada estivesse ainda feito do que tinham observado em visão, e tudo estava como que a ponto de começar e ainda informe [...]

E segue-se (*ibid.*, p. 48) um relato da imensa labuta dos Valar na real “construção” do mundo:

> Construíram terras, e Melkor as destruiu; vales cavaram, e Melkor os ergueu; montanhas esculpiram, e Melkor as derrubou; mares encheram, e Melkor os derramou [...]

Não há nada disso na versão anterior, e tem-se a impressão (embora nada seja explícito) de que os Valar chegaram a um mundo que já estava “feito” e lhes era desconhecido (“os Deuses espreitaram Norte e Sul, e conseguiram ver pouco; de fato, nas profundezas dessas regiões, encontraram grande frio e solidão [...]”, p. 90). Embora essa concepção do mundo derivasse em grande medida de seu próprio tocar na Música, a realidade dele veio do ato criativo de Ilúvatar (“Gostaríamos de deter a guarda dessas belas coisas de nossos sonhos, que adquiriram realidade e extraordinária beleza por teu poder”, p. 77); e o conhecimento que os Valar tinham das reais propriedades e dimensões de sua habitação era correspondentemente menor (como talvez possamos presumir) do que veio a ser depois.

Mas isso seria pressionar demais o assunto. Mais provavelmente, a ignorância dos Valar pode ser atribuída ao seu curioso isolamento coletivo e à sua indiferença quanto ao mundo além das suas montanhas, tão enfatizado nesse conto.

Seja o que for, nesse momento Ulmo informou aos Valar que o mundo inteiro é um Oceano, Vai, sobre o qual a Terra flutua, “sustentada pelo verbo de Ilúvatar”; e que todos os mares da Terra, mesmo aquele que divide Valinor das Grandes Terras, são fossas na superfície da Terra e, portanto, distintas de

Vai, que é de outra natureza. Tudo isso nós já vimos (p. 108 e seguintes); e, num conto anterior, algo já foi dito (p. 89) da natureza das águas que servem de sustentação:

Para além de Valinor nunca vi nada nem ouvi, salvo que por certo há lá as águas escuras dos Mares de Fora, que não têm marés, e elas são muito frescas e ralas, pois que nenhum barco consegue navegar em seu seio nem peixe nadar em suas profundezas, salvo os peixes encantados de Ulmo e sua carruagem mágica.

Aqui, portanto, Ulmo diz que nem peixe e nem barco consegue nadar em suas águas "sem que eu lhes tenha declarado o grande verbo que Ilúvatar me falou e os atado com o feitiço".

Na borda exterior de Vai fica a Muralha das Coisas, descrita como sendo de "azul-profundo" (p. 260). Valinor está mais próxima da Muralha das Coisas do que a costa oriental das Grandes Terras, o que deve significar que Vai é mais estreito no Oeste do que no Leste. Na Muralha das Coisas, os Deuses, nesse momento, fizeram duas entradas: no Oeste, a Porta da Noite e, no Leste, os Portões da Manhã; e o que jaz além dessas entradas na Muralha é chamado de "vastidão sem estrelas" e "escuridão de fora". Não fica claro como o ar exterior ("o escuro e tênue reino de Vaitya, que está fora de tudo", p. 219) se relaciona à concepção da Muralha das Coisas ou à Escuridão de Fora. No texto preliminar rejeitado deste conto, meu pai escreveu primeiro (ver nota 16 acima) que, no Leste, "a Muralha das Coisas é mais baixa", de modo que, quando o Sol retorna da Escuridão de Fora, ela não entra no céu oriental por um portão, mas

“atravessa acima” da Muralha. Isso foi, então, alterado, e a ideia do Portão na Muralha Oriental, os Portões da Manhã, foi introduzida; mas parece clara a implicação de que as Muralhas foram concebidas, originalmente, como se fossem muralhas de cidades terrenas, ou jardins — muros com um cimo, um “cinturão amuralhado”. No ensaio cosmológico dos anos 1930, chamado *Ambarkanta*, as Muralhas são bem diferentes:

À volta de todo o mundo estão as *Ilurambar*, ou Muralhas do Mundo. São como gelo e vidro e aço, sendo além de toda a imaginação dos Filhos da Terra frias, transparentes e rígidas. Elas não podem ser vistas, nem podem ser atravessadas, salvo pela Porta da Noite.

Dentro dessas Muralhas, a Terra está englobada: acima, abaixo e por todos os lados está *Vaiya*, o Oceano Envolvedor. Mas esse é mais como mar debaixo da Terra e mais como ar acima da Terra.

Ver mais na p. 110.

O Conto de Qorinómi (p. 260) nunca foi, de fato, narrado — na primeira versão do presente conto (ver nota 15) parece que Vairë gostaria de tê-lo contado, mas notou os olhos brilhantes do arguto Ailios observando-a. Na lista de palavras em qenya, *Qorinómi* está definido como “nome do Sol”, literalmente, “Afogado no Mar”, sendo que o nome deriva de uma raiz cujo significado é “asfixiar, sufocar, afogar”, com a seguinte explicação: “O Sol, após fugir da Lua, mergulhou no mar e vagou pelas cavernas das Oaritsi.” *Oaritsi* não aparece na lista de palavras, mas *oaris* = “sereia”. Nada se diz, nos *Contos Perdidos*,

sobre a Lua perseguir o Sol; eram as estrelas de Varda a quem Ilinsor, “caçador do firmamento”, perseguia, e ele tinha “ciúmes da supremacia do Sol” (p. 235).

A conclusão do conto de Vairë, “A Urdidura dos Dias e Meses e dos Anos”, mostra (ao que me parece) meu pai explorando um modo de imaginação mítica que, para ele, era um beco sem saída. No simbolismo formal e explícito, coloca-se muito à parte da direção geral de seu pensamento, e ele o removeu sem deixar vestígio. Além disso, levanta uma questão estranha. Em que sentido possível estariam os Valar “fora do Tempo” antes das urdiduras de Danuin, Ranuin e Fanuin? Em *A Música dos Ainur* (p. 75), Ilúvatar disse: “mesmo agora o mundo se desenrola *e sua história começa*”; na versão final (*O Silmarillion* p. 46), conta-se que

a Grande Música fora não mais que o crescimento e florescer do pensamento nos Salões Atemporais, e a Visão apenas um prenúncio; mas naquela hora eles tinham adentrado o princípio do Tempo [...]

(Também se diz em *O Silmarillion* (p. 68) que, quando as Duas Árvores de Valinor começaram a brilhar, aí começou a Contagem do Tempo; isso se refere ao início da medição do Tempo a partir do crescimento e decrescimento das Árvores).

No presente conto, está dito que as obras de Danuin, Ranuin e Fanuin são a causa da “sujeição de todas as coisas dentro do mundo ao tempo e à mudança”. Mas a própria noção de uma história, uma narrativa consecutiva, obviamente implica tempo e mudança; então, como se pode dizer que somente agora Valinor submetera-se à necessidade de mudança, com a organização dos movimentos do Sol

e da Lua, quando ela já passara por vastas mudanças no curso da história dos *Contos Perdidos*? Ademais, os Deuses agora sabem que "*dali em diante*, mesmo eles haveriam de estar, no tempo contado, sujeitos ao lento envelhecimento, e os seus luminosos dias, ao esvanecer". Contudo, a própria afirmação (por exemplo) de que Ómar-Amillo era "o mais jovem dos grandes Valar" que entraram no mundo (p. 87) é uma asseveração de que os outros Valar, mais velhos que ele, estavam "sujeitos ao envelhecimento". Para os seres mortais, o "envelhecimento" tem, é claro, dois aspectos, que se aproximam continuamente: o tempo passa e o corpo decai. Mas diz-se da imortalidade "natural" dos Eldar (p. 79): "nem a idade subjuga a força deles, a menos que seja após dez mil séculos". Portanto, eles "envelhecem" (e, portanto, Gilfanon é "o mais idoso que agora habitava na ilha" e é "um dos mais velhos das fadas", p. 212), mas não "envelhecem" (no sentido de que não ficam debilitados). Por que, então, os Deuses sabem que "dali em diante" eles estarão "sujeitos ao lento envelhecimento" — o qual só poderia significar um envelhecimento no segundo sentido? Pode ser que haja aí um pensamento mais profundo do que eu consigo sondar; mas certamente não consigo explicar.

Por fim, ao cabo de todos os escritos a respeito desse assunto, pode-se notar quão grande era o lugar, na concepção original de meu pai, ocupado pela criação do Sol e da Lua e o controle de seus movimentos: o mito astronômico é central para o todo. Posteriormente, ele foi diminuindo gradualmente, até que talvez, se chegasse ao fim, teria desaparecido por completo.

10

O Conto de Gilfanon: a Labuta dos Noldoli e a Vinda da Gente dos Homens

O rascunho rejeitado de *A Ocultação de Valinor* continua um pouco além do final do conto de Vairë da seguinte maneira:

Ora, após o relato desse conto, nada mais se disse naquela noite, mas Lindo rogou que Ailios anuísse com um contar-de-contos cerimonioso a se dar na noite seguinte, ou tão logo fosse possível; mas Ailios não concordou, alegando que precisava viajar a uma vila distante para se acomodar. Assim, antes que as velas do sono fossem acesas, o contar-de-contos foi estabelecido para sete noites a partir aquele momento — e aquele seria o dia de Turuhalmë,[1] ou o Trazer das Lenhas. “Será um dia conveniente”, disse Lindo, “pois as brincadeiras matinais na neve, e o ajuntar da lenha dos bosques, e as canções e o beber do Turuhalmë deixar-nos-ão com a disposição propícia para ouvir velhos contos ao pé deste fogo.”

Como observei anteriormente (p. 246), a versão original do *Conto do Sol e da Lua* e *A Ocultação de Valinor* fazia parte de uma fase anterior ao surgimento de Gilfanon de Tavrobel, que substituiu Ailios.

Imediatamente depois do rascunho rejeitado, na mesma página manuscrita, o texto a tinta do *Conto de Turambar* (Túrin) começa com essas palavras:

Quando, então, Ailios terminou sua parte, a hora de acender as velas chegou, e assim terminou o primeiro dia de Turuhalmë; mas, na segunda noite, Ailios não estava lá e, instado por Lindo, um certo Eltas começou um conto [...]

Qual teria sido o conto de Ailios? (pois penso que ele certamente nunca foi escrito). A resposta fica clara por um pequeno texto separado, escrito muito descuidadamente, que continua a partir da discussão no fim de *A Ocultação de Valinor*, incluída anteriormente. Ele diz que, afinal, o dia de Turuhalmë chegou, e a companhia de Mar Vanwa Tyaliéva saiu aos bosques nevados para buscar lenha em trenós. Jamais deixavam que o Fogo-do-Conto se apagasse ou se extinguisse em cinzas, mas, na véspera do Turuhalmë, seu fulgor sempre diminuía, até o próprio dia de Turuhalmë, quando grandes lenhas eram trazidas para a Sala do Fogo-do-Conto e, abençoadas por Lindo com magia anciã, rugiam e fulguravam novamente na lareira. Vairë abençoava a porta e o lintel do salão e entregava a chave a Rúmil, tornando-o novamente Guardião-das-Portas, e Coração-Pequeno recebia a baqueta de seu gongo. Então, Lindo dizia, como dizia todos os anos:

“Erguei vossas vozes, ó Flautistas da Costa, e vós, Elfos de Kôr, cantai alto; e todos vós, Noldoli e fadas ocultas do mundo, dançai e cantai, cantai e dançai, ó filhinhos dos Homens, que a Casa da Memória ressoe com vossas vozes [...]”

Então, entoava-se uma canção de dias antigos que os Eldar compuseram quando moravam sob as asas de Manwë e que cantavam na grande estrada desde Kôr à cidade dos Deuses (ver pp. 276–77).

Fazia agora seis meses desde que Eriol fora visitar Meril-i-Turinqi, buscando um gole de *limpë* (ver pp. 123–25), e aquele desejo amainara dentro de si por um tempo; mas, nessa noite, disse a Lindo: “Queria poder beber convosco!” A isso, Lindo respondeu que Eriol não deveria “pensar em cruzar as fronteiras que Ilúvatar dispôs”, mas também que deveria considerar que “Meril ainda não negou teu desejo para sempre”. E Eriol entristeceu-se, pois suspeitava, no fundo do coração, que “o sabor do *limpë* e a bem-aventurança dos Elfos ele talvez jamais alcançasse”.

O texto termina com Ailios se preparando para contar um conto:

“Conto como posso as coisas que vi e conheci em dias antiquíssimos no mundo, quando o Sol se ergueu primeiro, e houve lida e muito pesar, pois Melko reinava desempeçado e o poder e força que saíam de Angamandi alcançavam quase os confins da grande Terra.”

Fica claro que nada mais foi escrito. Caso tivesse sido completado, teria levado à abertura de *Turambar*, citada acima (“Quando, então, Ailios terminou sua parte [...]”); e seria central para a história das Grandes Terras, falando da vinda dos Noldoli desde Valinor, do Despertar dos Homens e da Batalha das Lágrimas Inumeráveis.

O texto recém-descrito, que liga *A Ocultação de Valinor* ao conto não contado de Ailios, não foi riscado, e meu pai, posteriormente, escreveu nele: “A ser colocado depois do Conto de Eärendel e antes de Eriol partir para Tavrobel — depois de Tavrobel, ele bebe do *limpë*”. Isso é intrigante, visto que ele não pode ter

pretendido que a história da Vinda dos Homens viesse depois da de Eärendel; mas pode ser que pretendia apenas usar a substância do texto curto, descrevendo as cerimônias de Turuhalmë, sem o final.

Seja como for, ele planejou uma nova moldura para a narração desses contos, embora não a tenha levado a cabo, e o relato revisado do arranjo do conto seguinte apareceu em *O Conto do Sol e da Lua*, no qual, após a interrupção de Gilfanon (p. 228), ficou acertado que, três noites após aquela em que *O Sol e a Lua* e *A Ocultação de Valinor* foram contados por Lindo e Vairë, haveria uma ocasião cerimonial, na qual Gilfanon falaria "da labuta dos Noldoli e da vinda da gente dos Homens".

O conto de Gilfanon segue, com numeração consecutiva de páginas, a partir da segunda versão do conto de Vairë da *Ocultação de Valinor*; mas Gilfanon, aqui, conta-o na noite seguinte, e não três dias depois. Infelizmente, Gilfanon não se saiu melhor do que Ailios antes dele, pois, se o conto de Ailios mal começou, o de Gilfanon é interrompido abruptamente após pouquíssimas páginas. O que existe de seu conto está escrito muito rápido a lápis, e fica bastante evidente que ele termina onde termina porque meu pai não escreveu mais nada. Foi neste ponto que meu pai abandonou os *Contos Perdidos* — ou, mais precisamente, abandonou aqueles que ainda aguardavam ser escritos; e os efeitos desse afastamento nunca deixaram de ser sentidos ao longo da história de "O Silmarillion". As principais histórias que se seguiriam à de Gilfanon — Beren e Tinúviel, Túrin Turambar, a Queda de Gondolin e o Colar dos Anãos — haviam sido escritas e (nos três primeiros casos) reescritas; e a última dessas histórias levaria ao "grande conto de Eärendel". Mas este não foi nem

sequer começado. Assim, os *Contos Perdidos* não têm meio e não têm fim.

Incluo aqui o texto do Conto de Gilfanon até onde ele alcança.

Ora, quando Vairë terminou, Gilfanon disse: “Não reclameis se, amanhã, eu tecer um conto longo, pois as coisas de que falarei cobrem muitos anos, e esperei longamente para contá-las”, e Lindo riu-se, dizendo-lhe que poderia contar tudo o que sabia até onde seu coração desejasse.

Mas, no dia seguinte, Gilfanon sentou-se na cadeira e começou destarte:

“Ora, muitas das coisas mais antigas da Terra estão esquecidas, pois se perderam na escuridão que existia antes do Sol, e nenhum saber as pode recuperar; mas, talvez, seja novidade aos ouvidos de muitos aqui que, quando os Teleri, os Noldoli e os Solosimpi partiram seguindo Oromë e depois encontraram Valinor, não foram todos os da raça dos Eldalië que marcharam desde Palisor, e os que ficaram para trás são aqueles a quem muitos chamam de Qendi, as fadas perdidas do mundo, mas que vós, Elfos de Kôr, chamam de Ilkorins, os Elfos que nunca viram a luz de Kôr. Desses, alguns se desgarraram no caminho, ou perderam-se nas trevas sem trilhas daqueles dias, confusos e recém-despertos na Terra, mas a maioria era daqueles que nem chegaram a deixar Palisor, e por muito tempo moraram nos pinheirais de Palisor, ou sentaram-se em silêncio, fitando as estrelas refletidas nas pálidas e mansas Águas do

Despertar. Tantas longas eras se passaram que a chegada de Nornorë entre eles esvaneceu-se até se tornar uma lenda distante, e eles diziam uns aos outros que seus irmãos haviam partido para o oeste, para as Ilhas Reluzentes. Lá, diziam, moram os Deuses, e eles os chamavam de Grande Povo do Oeste, e pensavam que moravam em ilhas iluminadas por fogo no mar; mas muitos nem sequer haviam visto os vagalhões daquele pujante corpo d'água.

Ora, os Eldar, ou Qendi, receberam o dom da fala diretamente de Ilúvatar, e não foi senão a separação de seus fados que as modificou e as tornou distintas; e, no entanto, nenhuma mudou tão pouco quanto a fala dos Elfos Escuros de Palisor.[2]

Ora, o conto fala de um certo fata, e o chama de Tû, o mago, pois ele era mais habilidoso em magias do que qualquer um que jamais tenha vivido para lá da terra de Valinor; e, vagando pelo mundo, encontrou os Elfos . . .[3] e os trouxe para junto de si e ensinou-lhes muitas coisas profundas, e tornou-se como um rei poderoso entre eles, e os contos deles o chamam de Senhor do Ocaso, e todas as fadas de seu reino, de Hisildi, ou o povo do crepúsculo. Ora, os locais próximos a Koivië-néni, as Águas do Despertar, são acidentados e repletos de rochas imensas, e o riacho que alimenta aquele lago cai ali descendo uma fenda profunda . . . . um filamento pálido e delgado, mas o escape daquele lago escuro era debaixo da terra, em muitas cavernas sem fim que desciam cada

vez mais profundas no seio do mundo. Lá era a morada de Tû, o mago, e imensuravelmente fundos são aqueles locais, mas seus portões foram selados há muito tempo e ninguém agora conhece a entrada.

Havia . . . . uma luz pálida de azul e prata sempre cintilando, e muitos espíritos estranhos iam e vinham junto às [?multidões] dos Elfos. Ora, entre aqueles Elfos havia um tal Nuin, e ele era sapientíssimo, e amava muito vagar longe, pois os olhos dos Hisildi tornaram-se muito aguçados, e eles conseguiam seguir por trilhas muito tênues naqueles dias escuros. Certa vez, Nuin vagou muito longe ao leste de Palisor, e poucos de seu povo foram com ele, e Tû não os mandava para aquelas regiões em suas incumbências, e havia relatos estranhos sobre elas; mas agora[4] a curiosidade dominou Nuin e, viajando para longe, chegou a um local estranho e maravilhoso, semelhante ao qual jamais vira. Um paredão montanhoso erguia-se diante dele, e por muito tempo procurou uma trilha por sobre ela, até que se deparou com uma passagem, e era muito escura e estreita, varando o grande despenhadeiro e descendo sempre sinuosa. Ora, com grande ousadia ele seguiu por essa vereda apertada até que, de súbito, os paredões terminaram de ambos os lados e ele se viu na beirada de uma imensa depressão cercada por um anel de colinas ininterruptas, cuja extensão ele não conseguia determinar no escuro.

Subitamente, à volta dele os mais doces olores da Terra começaram a exalar-se — e fragrâncias mais encantadoras não havia nos ares de Valinor, e ele ficou a beber os aromas com profundo deleite e, em meio à fragrância de flores [? noturnas], chegavam os pungentes olores que muitos pinheiros exalavam nos ares da meia-noite.

De repente, lá longe, nas matas escuras que jaziam no fundo do vale, um rouxinol cantou, e outros responderam tenuemente de longe, e Nuin quase desfaleceu ao encanto daquele lugar sonial, e sabia que havia cruzado a fronteira de Murmenalda, ou o “Vale do Sono”, onde é sempre o momento da primeira escuridão silente sob as estrelas jovens, e nenhum vento sopra.

Ora, Nuin desceu rumo ao vale, pisando macio em virtude dalguma maravilha ignota que se apoderara dele, e eis que, sob as árvores, viu o cálido poente repleto de formas dormentes, e umas estavam enlaçadas nos braços das outras, e umas jaziam dormindo gentilmente, solitárias, e Nuin ficou ali e maravilhou-se, mal respirando.

Então, tomado de repentino temor, virou-se e saiu furtivamente daquele local sagrado e, chegando de novo à passagem pela montanha, voltou rapidamente à morada de Tû; e, postando-se diante do mais velho dos magos, disse-lhe que recém chegara das Terras Orientais, e Tû não ficou contente com isso, e nem quando Nuin terminou seu relato, contando tudo que lá viu — “e pareceu-me”, disse, “que todos os que dormiam ali eram

crianças, mas sua estatura era como a do maior dos Elfos”.

Então, Tû foi tomado de medo de Manwë, não, mesmo de Ilúvatar, o Senhor de Tudo, e disse a Nuin:

O *Conto de Gilfanon* é interrompido aqui. O mago Tû e o Elfo Escuro Nuin desapareceram da mitologia e nunca reapareceram, juntamente com a prodigiosa história de Nuin deparando-se com as formas dos Pais dos Homens ainda adormecidos no Vale de Murmenalda — embora, dada a natureza do trabalho e os variados graus de atenção que meu pai posteriormente dispensou às suas diferentes partes, não é sempre possível distinguir entre elementos que foram abandonados definitivamente e elementos deixados em “suspensão indefinida”. E, por mais infeliz que seja o abandono desse conto, não ficamos de modo algum inteiramente sem pistas sobre como a narrativa teria prosseguido.

Anteriormente (p. 135, nota 3), mencionei a existência de dois “esquemas”, ou esboços, delineando o plano para os *Contos Perdidos*; e afirmei que um desses é um resumo dos *Contos* da maneira que sobrevivem, enquanto o outro é divergente, sendo um projeto para uma revisão que jamais foi empreendida. Não há dúvidas de que o primeiro, que chamarei de “B” para o propósito deste capítulo, foi composto quando os *Contos Perdidos* haviam chegado ao último ponto de desenvolvimento, conforme representado pelos textos e arranjos finais incluídos neste livro. Ora, quando esse esboço chega ao assunto do *Conto de Gilfanon*, ele imediatamente se torna muito mais completo, mas, então, contrai-se novamente na forma de referências apressadas aos

contos de Tinúviel, Túrin, Tuor, o Colar dos Anãos e, uma vez mais, avoluma-se no conto de Eärendel. Fica claro, portanto, que B é a versão preliminar — em conformidade com o método que meu pai regularmente empregava naqueles dias — do *Conto de Gilfanon* e, de fato, a parte do conto que foi escrita como uma narrativa propriamente dita segue o esboço bem de perto, ao mesmo tempo em que o expande substancialmente.

Há também um esboço extremamente descuidado, embora completo, sobre o assunto do *Conto de Gilfanon* e, ainda que parecido com B, tem coisas que B não tem, e vice-versa; esse esboço é, quase com certeza, predecessor de B, e, neste capítulo, será chamado de “A”.

O segundo esboço mencionado acima, um projeto não realizado para a revisão de toda a obra, introduz aspectos que não precisam ser discutidos aqui; basta dizer que o marinheiro era, agora, Ælfwine, e não Eriol, e que sua história pregressa foi alterada, mas o plano geral dos *Contos* em si permaneceu largamente intacto (com muitas notas afirmando que precisavam de cortes e reformulações). Esse esboço eu chamarei de “D”. Não se pode dizer quanto tempo se passou entre B e D, mas penso que provavelmente não foi muito. Parece possível que esse novo esquema estava associado à interrupção repentina do *Conto de Gilfanon*. Assim como acontece com B, o esboço D subitamente se expande em um relato muito maior nesse ponto.

Por fim, um esboço muito mais breve e mais apressado — mas que acrescenta um ou dois pontos de interesse — também traz Ælfwine em vez de Eriol; ele sucedeu B e precedeu D, e é aqui chamado de “C”.

Não incluirei todos esses esboços na íntegra, o que é desnecessário, tendo em vista a quantidade de

sobreposições; por outro lado, combiná-los todos em um só seria a um tempo impreciso e confuso. Mas, já que A e B são muito parecidos, eles podem ser fundidos em um; e eu continuo tal relato com o texto de D, incluindo C quando ele acrescentar algo notável. E, já que na matéria do *Conto de Gilfanon* os esboços são claramente divididos em duas partes, o Despertar dos Homens e a história dos Gnomos nas Grandes Terras, dou tratamento separado à narrativa em cada um dos casos nessas duas partes.

Não há necessidade de incluir o material dos esboços que dizem respeito ao que foi de fato escrito na abertura do *Conto de Gilfanon*, mas há que se notar alguns pontos divergentes entre os esboços e o conto.

Em A e B, o nome do mago-rei é Túvo, e não Tû; em C, ele não tem nome e, em D, ele é Tû, “o fata”, como no conto. Associações malignas deste ser aparecem em A: “Melko se encontra com Túvo nos salões de Mandos durante seu acorrentamento. Ele ensina a Túvo muita magia negra”. Isso foi riscado e nada mais é dito sobre o assunto; mas tanto A quanto B dizem que foi depois da fuga de Melko e da ruína das Árvores que Túvo entrou no mundo e “estabeleceu um reinado mágico nas terras do meio”.

Em A, apenas, diz-se que os Elfos que ficaram para trás em Palisor eram do clã dos Teleri (posteriores Vanyar). Esse trecho do *Conto de Gilfanon* é o primeiro indício que temos da existência desse tipo de Elfos (ver pp. 162–63); e inclino-me a pensar que a concepção dos Elfos Escuros (os posteriores Avari), que nunca empreenderam a jornada desde as Águas do Despertar, surgiu apenas no curso da composição dos *Contos Perdidos*. Mas o nome *Qendi*, que aparece aqui pela primeira vez nas narrativas iniciais, é usado de maneira um tanto ambígua. No fragmento do conto

escrito, as palavras “os que ficaram para trás são aqueles a quem muitos chamam de Qendi, as fadas perdidas do mundo,[5] mas que vós, Elfos de Kôr, chamam de Ilkorins” parece uma afirmação muito explícita de que Qendi = Elfos Escuros; mas, um pouco adiante, Gilfanon fala dos “Eldar, ou Qendi” e, no esboço B, diz-se que “muitos da gente original chamada de Qendi (sendo o nome Eldar dado pelos Deuses) ficaram em Palisor”. Essas últimas afirmações parecem mostrar, de maneira igualmente clara, que *Qendi* pretendia-se um termo para todos os Elfos.

A contradição, contudo, é apenas aparente. *Qendi* de fato era o nome original de todos os Elfos, e *Eldar*, o nome dado pelos Deuses e adotado pelos Elfos de Valinor; os que ficaram para trás preservaram o nome antigo, *Qendi*. A antiga lista de palavras do idioma gnômico afirma explicitamente que o nome *Elda* foi dado às “fadas” pelos Valar e “amplamente adotado por eles; os Ilkorins ainda preservavam o nome antigo *Qendi*, e ele foi adotado como nome dos clãs unidos novamente em Tol Eressëa”.[6]

Em A e B, acrescenta-se que “os Deuses não falavam entre si os idiomas dos Eldalië, mas podiam fazê-lo, e compreendiam todos os idiomas. Os mais sábios dos Elfos aprenderam a fala secreta dos Deuses e por muito tempo a entesouraram, mas, após a chegada em Tol Eressëa, ninguém a lembrava, salvo os Inwir, e agora esse saber morreu, exceto na casa de Meril”. Compare isso com as observações de Rúmil a Eriol, p. 66: “Há, ademais, o idioma secreto no qual os Eldar escreveram muita poesia e livros de sabedoria e histórias de coisas antigas e primitivas, mas o qual não falam. Esse idioma apenas os Valar usam em seus altos conselhos, e não muitos dos Eldar destes dias o conseguem ler ou decifrar suas letras.”

As palavras de Nuin para Tû acerca da estatura dos adormecidos no Vale de Murmenalda são curiosas. Em A, acrescenta-se: “De início os Homens eram quase da mesma estatura dos Elfos, sendo as fadas muito maiores e os Homens menores que agora. Conforme o poder dos Homens cresceu, as fadas diminuíram e os Homens cresceram um tanto”. Outras afirmações antigas indicam que os Homens e os Elfos eram originalmente de altura bem semelhante, e que a diminuição na estatura dos Elfos estava intimamente ligada à chegada — e ao domínio — dos Homens. As palavras de Nuin são, assim, intrigantes, especialmente porque, em A, elas vêm imediatamente antes do comentário sobre similaridade original de tamanho; pois ele certamente só poderia estar querendo dizer que os adormecidos em Murmenalda eram muito grandes se comparados aos Elfos. Fica claro em D que os adormecidos eram de fato crianças, e não simplesmente parecidos com crianças de algum modo: “Nuin encontra o Vale Soporoso (Murmenalda) onde jazem incontáveis crianças dormindo.”

Chegamos agora ao ponto em que a narrativa continua apenas nos esboços.

O Despertar dos Homens
de acordo com os esboços mais antigos

O mago Túvo contou a Nuin que os adormecidos que encontrara eram os novos Filhos de Ilúvatar, e que estavam esperando por luz. Proibiu qualquer um dos Elfos de despertá-los ou de visitar aqueles locais, temendo a ira de Ilúvatar; mas, apesar disso, Nuin foi até lá com frequência e observou, sentado numa rocha. Certa vez, tropeçou em um adormecido, que se mexeu, mas não acordou. Por fim, dominado pela curiosidade, despertou dois deles, chamados Ermon e

Elmir; estavam mudos e muito temerosos, mas ele lhes ensinou muito do idioma Ilkorin, e por essa razão é chamado de Nuin, Pai da Fala. Então chegou a Primeira Aurora; e somente Ermon e Elmir dentre os Homens viram o primeiro Sol nascer no Oeste e passar para o Porto Oriental. Agora os Homens saem de Murmenalda como "uma hoste de crianças sonolentas".

(No conto da *Ocultação de Valinor*, foi muito depois de o Navio-do-Sol se erguer de Valinor que o seu Porto no Leste foi construído; ver aqui. É interessante que os primeiros Homens, Ermon e Elmir, tenham sido despertados por Nuin antes do primeiro nascer do Sol e, embora Túvo soubesse que os Homens estavam "esperando por luz", não se faz qualquer conexão entre o ato de Nuin e o nascer do Sol. Mas, é claro, não se pode julgar o teor da narrativa a partir de tais resumos. Também é notável que, enquanto o idioma dos Elfos, originalmente um só, era um dom direto de Ilúvatar (p. 232), os Homens nasceram no mundo sem uma língua, e a adquiriram por instrução de um Ilkorin. Ver *O Silmarillion*, p. 198: "Diz-se também que esses Homens [o povo de Bëor], havia muito, tratavam com os Elfos Escuros a leste das montanhas, e deles aprenderam muito de sua fala; e, já que todas as línguas dos Quendi eram de uma só origem, a língua de Bëor e de seu povo assemelhava-se à língua-élfica em muitas palavras e traços").

Nesse ponto da história, os agentes de Melko aparecem, os Úvanimor, "gerados na terra" por ele (Úvanimor, "que são os monstros, gigantes e ogros", já foram mencionados num conto anterior, p. 96); e Túvo protegeu Homens e Elfos deles e de "fatas malignos". O esboço A faz menção, além disso, a Orques.

Um serviçal de Melko chamado “Fúkil ou Fangli” entrou no mundo e, estando em meio aos Homens, perverteu-os, de modo que eles atacaram traiçoeiramente os Ilkorins; seguiu-se a Batalha de Palisor, na qual o povo de Ermon lutou ao lado de Nuin. De acordo com A, “os fatas e os Homens que os auxiliaram foram derrotados”, mas B a chama de “batalha indecidida”; e os Homens corrompidos por Fangli fugiram e tornaram-se “tribos bravias e selvagens”, venerando Fangli e Melko. Depois disso (apenas em A), Palisor foi tomada por “Fangli e suas hostes de Nauglath (ou Anãos)”. (Nos escritos antigos, os Anãos são sempre retratados como um povo maligno).

Vê-se a partir desse esboço que a corrupção de certos Homens no começo de seus dias, por ação de Melko, era uma característica da fase mais antiga da mitologia; contudo, de toda a história aqui rascunhada, não há mais do que um indício, ou no máximo uma sugestão, em *O Silmarillion* (p. 199): “‘Uma escuridão jaz detrás de nós’, disse Bëor; ‘e demos as costas a ela, e não desejamos retornar para lá, mesmo em pensamento’”.[7]

O Despertar dos Homens de acordo com o esboço mais recente

Aqui se diz, no início da narrativa, que os Úvanimor de Melko haviam escapado quando os Deuses romperam a Fortaleza do Norte, e que estavam vagando nas florestas; Fankil, serviçal de Melko, habitava livremente no mundo. (Fankil = Fangli / Fúkil de A e B. Em C, é chamado de “filho de Melko”. Fankil foi mencionado num ponto anterior no esboço D, quando, no momento do Despertar dos Elfos, “Fankil e muitas

outras formas sombrias escaparam para o mundo.”; ver nota 3.)

Nuin, “Pai da Fala”, que voltou repetidas vezes a Murmenalda, a despeito das advertências de Tû (que não são especificadas aqui), despertou Ermon e Elmir, e ensinou-lhes a fala e muitas coisas mais. Somente Ermon e Elmir dentre os Homens viram o Sol se erguer no Oeste, e as sementes de Palúrien irromperem em folha e botão. As hostes de Homens saíram como crianças sonolentas, erguendo um clamor indistinto ao Sol; eles o seguiram para oeste quando retornou, e ficaram muitíssimo temerosos com a primeira Noite. Nuin, Ermon e Elmir ensinaram-lhes a fala.

Os Homens cresceram em estatura e acumularam conhecimento por meio dos Elfos Escuros,[8] mas Tû desvaneceu-se diante do Sol e escondeu-se nas cavernas sem fundo. Os Homens moravam no centro do mundo e dali espalharam-se para todas as direções; e uma longuíssima era se passou.

Fankil, com os Anãos e Gobelins, infiltraram-se em meio aos Homens e despertaram a desavença entre eles e os Elfos; e muitos Homens auxiliaram os Anãos. Somente o povo de Ermon ficou ao lado das fadas na primeira guerra de Gobelins e Elfos (“Gobelins”, aqui, é uma emenda de “Anãos”, que, por sua vez, é uma emenda de “Homens”), que é chamada de Guerra de Palisor. Nuin morreu nas mãos dos Gobelins pela traição dos Homens. Muitos clãs de Homens foram impelidos aos desertos orientais e às florestas meridionais, donde vieram povos sombrios e selvagens.

As hostes de Tareg, o Ilkorin, marcharam para Noroeste, ouvindo um rumor dos Gnomos; e muitos dos clãs perdidos juntaram-se a ele.

A História dos Gnomos eLivross
de acordo com os esboços mais antigos

Os Gnomos, após a travessia de Helkaraksë, espalharam-se por Hisilómë, onde tiveram “problemas” com o antigo Povo da Sombra daquela terra — chamado, em A, de “povo-fata” e, em B, de “fatas *Úvalear*”. (Já encontramos antes o Povo da Sombra, no conto *A Vinda dos Elfos*, p. 148, mas, ali, esse é um nome dado pelos Homens, depois de serem presos em Hisilómë por Melko, aos Elfos Perdidos que lá permaneceram após se desgarrarem da marcha desde Palisor. Ver-se-á, nos esboços posteriores, que esse Povo da Sombra era um povo desconhecido, completamente diferente dos Elfos; e parece, portanto, que o nome foi preservado e, ao mesmo tempo, ganhou nova interpretação).

Os Gnomos encontraram as Águas de Asgonª e lá fizeram acampamento; deu-se então a Contagem do Povo, o nascimento do Turgon com “profecias”, e a morte de Fëanor. A respeito desse último evento, os esboços são divergentes. Em A, foi Nólemë, também chamado Fingolma, quem morreu: “sua barca desaparece por um caminho oculto — dizem que foi o caminho pelo qual Tuor, mais tarde, escapou. Ele navegou para oferecer sacrifício na rocha ilhada em Asgon.” (Para quem ele estava oferecendo sacrifício?) Em B, da maneira inicialmente escrita, também foi “Fingolma (Nólemë)” quem morreu, mas isso foi corrigido para Fëanor; “sua barca desapareceu por um [caminho] oculto — dizem que era a abertura que os Noldoli mais tarde ampliaram e fizeram como uma trilha, de modo que Tuor escapou por ali. Ele navegou até a Rocha Ilhada em Asgon porque viu algo muito cintilante ali, e buscava suas joias”.

Deixando Asgon, os Gnomos passaram pelos Morros Amargos e travaram sua primeira batalha com Orques nos sopés das Montanhas de Ferro. (Para as Montanhas de Ferro como fronteira meridional de Hisilómë, ver pp. 140–41, 194–95.) No *Conto de Tinúviel*, Beren veio de “além dos Morros Amargos” e “em meio aos terrores das Montanhas de Ferro”; portanto, parece claro que os Morros Amargos e as Montanhas de Ferro podem ser equalizados).

O acampamento seguinte dos Gnomos foi “junto ao Sirion” (que aparece pela primeira vez); e, aqui, os Gnomos encontraram os Ilkorins pela primeira vez — o esboço A acrescenta que esses Ilkorins eram originalmente dos Noldoli, e haviam se perdido na marcha desde Palisor. Os Gnomos souberam por eles da vinda dos Homens e da Batalha de Palisor; e eles contaram aos Ilkorins as notícias de Valinor, e de sua busca pelas joias.

Aparece agora, pela primeira vez, Maidros, filho de Fëanor (anteriormente, no conto do *Roubo de Melko*, o nome fora dado ao avô de Fëanor, pp. 180, 194). Maidros, guiado por Ilkorins, liderou uma hoste para os morros, ou “para buscar as joias” (A), ou “para fazer busca nas moradas de Melko” (B — provavelmente isso quer dizer “para buscar as moradas de Melko”, como em C), mas foram rechaçados dos portões de Angamandi com matança; e o próprio Maidros foi levado vivo, torturado — pois não se dispôs a revelar as artes secretas dos Noldoli da feitura de joias — e mandado de volta para os Gnomos, mutilado. (Em A, no qual ainda era Nólemë e não Fëanor quem morria nas Águas de Asgon, foi o próprio Fëanor quem liderou a hoste contra Melko, e também ele quem foi capturado, torturado e mutilado).

Então, os Sete Filhos de Fëanor fizeram um juramento de inimizade perpétua contra todos que se

apossassem das Silmarils. (Essa é a primeira aparição dos Sete Filhos e do Juramento, embora o fato de que Fëanor tinha filhos seja mencionado no *Conto do Sol e da Lua*, p. 231).

As hostes de Melko agora aproximaram-se do acampamento dos Gnomos junto ao Sirion e eles fugiram para o sul, e moraram, então, em Gorfalon, onde travaram contato com os Homens, tanto bons como maus, mas especialmente aqueles do povo de Ermon; e uma embaixada foi enviada a Túvo, a Tinwelint (isto é, Thingol, ver aqui) e a Ermon.[9] Uma grande hoste foi arranjada, composta por Gnomos, Ilkorins e Homens, e Fingolma (Nólemë) a conduziu no Vale das Fontes, mais tarde chamado de Vale das Águas Plangentes. Mas o próprio Melko foi às tendas dos Homens e os iludiu, e alguns deles assaltaram a retaguarda dos Gnomos enquanto a hoste de Melko os atacava; e outros Melko persuadiu a abandonarem seus amigos, e esses, junto com outros que desencaminhou com névoas e feitiçarias, ele atraiu para a Terra das Sombras. (Compare isso com a referência, no conto da *Vinda dos Elfos*, ao aprisionamento dos Homens em Hisilómë por Melko, p. 148).

Então teve lugar “a terrível Batalha das Lágrimas Inumeráveis”. Somente os Filhos de Úrin[b] [“Children of Úrin” aqui, mas “Sons of Úrin” no esboço A] lutaram até o último momento, e ninguém (salvo dois mensageiros) voltou da batalha; Turgon e um grande regimento, vendo que o dia estava perdido, deram meia-volta e foram embora, resgatando uma parte das mulheres e crianças. Turgon foi perseguido, e há uma referência ao “sacrifício de Mablon, o Ilkorin, para salvar a hoste”; Maidros e os outros filhos de Fëanor discutiram com Turgon — pois queriam tomar a liderança, em A — e partiram para o sul. O restante

dos sobreviventes e fugitivos foi cercado, e eles juraram aliança a Melko; e ele se irou, porque não conseguiu descobrir para onde Turgon fugira.

Após uma referência às “Minas de Melko” e ao “Encanto do Pavor Insondável” (o feitiço que Melko lançou sobre seus escravos), a história termina com “a Construção de Gondolin” e “a desavença de Homens e Elfos em Hisilómë, devido à Batalha das Lágrimas Inumeráveis”: Melko nutriu a desconfiança e os manteve espionando uns aos outros, de modo que não conspirassem contra ele; e criou as falsas-fadas, ou Kaukareldar, à sua semelhança, e essas enganavam e traíam os Homens.[10]

Visto que os esboços, neste ponto, voltam a ser simplesmente títulos para os contos de Tinúviel, Túrin etc., fica claro que o *Conto de Gilfanon* teria terminado aqui.

A História dos Gnomos eLivross de acordo com o esboço mais recente

Os Gnomos permaneceram na Terra das Sombras (isto é, Hisilómë), e tinham tratos com o Povo da Sombra. Esses eram fatas (C); ninguém sabe donde vieram: não são dos Valar, e nem de Melko, mas pensa-se que vieram do vazio de fora e da escuridão primeva, quando o mundo foi feito inicialmente. Os Gnomos encontraram “as Águas de Mithrim (Asgon)”, e aqui Fëanor morreu, afogado nas Águas de Mithrim. Os Gnomos fizeram armas pela primeira vez, e extraíram pedras dos morros escuros. (Isso é curioso, pois foi dito no relato do Fratricídio em Alqaluntë que “assim pereceram pela primeira vez os Eldar sob as armas de sua gente”, p. 202. O momento em que os Eldar primeiro obtiveram armas permaneceu um ponto de incerteza por muito tempo).

Os Gnomos agora lutaram pela primeira vez com os Orques e conquistaram o passo dos Morros Amargos; assim, escaparam da Terra das Sombras, para temor e espanto de Melko. Entraram na Floresta de Artanor (posteriormente Doriath) e na Região das Grandes Planícies (talvez precursora de Talath Dirnen, a Planície Protegida de Nargothrond); e a hoste de Nólemë aumentou a vastas dimensões. Praticavam muitas artes, mas não habitavam mais em moradias fixas. O principal acampamento de Nólemë era próximo às águas do Sirion; e os Gnomos expulsaram os Orques para os sopés das Montanhas de Ferro. Melko reuniu seu poder em secreta ira.

Turgon nasceu, filho de Nólemë.

Maidros, “principal filho de Fëanor”, liderou uma hoste contra Angband, mas ela foi rechaçada dos portões com fogo, e ele foi levado vivo e torturado — de acordo com C, repetindo a história do esboço anterior, porque não se dispôs a revelar as artes secretas da feitura de joias. (Não se diz aqui que Maidros foi libertado e que retornou, mas isso fica implícito no Juramento dos Sete Filhos que se segue).

Os Sete Filhos de Fëanor fazem seu terrível juramento de ódio perpetuamente contra todos — Deuses, Elfos ou Homens — que se apossassem das Silmarils; e os Filhos de Fëanor deixaram a hoste de Nólemë e voltaram a Dor Lómin, onde se tornaram uma raça pujante e feroz.

As hostes de Tareg, o Ilkorin (ver aqui), encontraram os Gnomos na Festa do Reencontro; e os Homens de Ermon viram os Gnomos pela primeira vez. Então, a hoste de Nólemë, incrementada pela de Tareg e pelos filhos de Ermon, preparou-se para a batalha; e mensageiros foram enviados a Norte, Sul, Leste e Oeste. Somente Tinwelint recusou a

convocação, e disse: “Não vades para as colinas.” Úrin e Egnor[c] marcharam com incontáveis batalhões.

Melko recuou todas as suas forças e Nólemë acreditou que ele estava temeroso. As hostes de Elfinesse recuaram para as Terras Soçobradas e acamparam no Vale das Fontes (Gorfalong) ou, como foi posteriormente chamado, o Vale das Águas Plangentes.

(O esboço D difere no relato dos eventos anteriores à Batalha das Lágrimas Inumeráveis em relação aos que o precedem, incluindo C. No anterior, os Gnomos fugiram do acampamento junto ao Sirion quando as hostes de Melko se aproximaram, e retiraram-se para Gorfalon, onde estava reunida a grande hoste de Gnomos, Ilkorins e Homens, e agruparam-se no Vale das Fontes. Em D, não há menção a qualquer retirada das hostes de Nólemë: em vez disso, parece que eles avançaram do acampamento no Sirion para o Vale das Fontes (Gorfalong). Mas, devido à natureza desses esboços, não se pode pressioná-los demais. O esboço C termina aqui e diz que, quando os Gnomos encontraram os Homens pela primeira vez em Gorfalon, ensinaram-lhes ofícios — e isso, sem dúvida, foi um dos princípios dos posteriores Amigos-dos-Elfos de Beleriand).

Certos Homens, subornados por Melko, infiltraram-se no acampamento como menestréis e atraiçoaram-no. Melko os atacou na aurora, sob uma chuva cinzenta, e seguiu-se a terrível Batalha das Lágrimas Inumeráveis, da qual não se tem nenhum conto completo, pois Gnomo algum jamais se dispõe a falar dela. (Na margem, aqui, meu pai escreveu: “O próprio Melko estava lá?” No esboço anterior, o próprio Melko entrou no acampamento dos seus inimigos).

Na batalha, Nólemë foi isolado e assassinado, e os Orques arrancaram-lhe o coração; mas Turgon

resgatou o corpo e o coração, o qual se tornou seu emblema.[11] Quase metade de todos os Gnomos e Homens que lutaram foram assassinados.

Os Homens fugiram, e somente os filhos de Úrin ficaram firmes, até serem mortos; mas Úrin foi levado. Turgon estava terrível em sua ira, e seu grande batalhão escapou da contenda abrindo caminho à força com pura valentia.

Melko mandou sua hoste de Balrogs atrás deles, e Mablon, o Ilkorin, morreu para salvá-los na perseguição. Turgon fugiu para o sul, margeando o Sirion, reunindo mulheres e crianças dos acampamentos e, auxiliado pela magia do rio, escapou para um local secreto e Melko o perdeu.

Os Filhos de Fëanor chegaram tarde demais e encontraram um campo arrasado: mataram os saqueadores remanescentes e, enterrando Nólemë, erigiram o maior teso de pedras do mundo sobre ele e os [?Gnomos]. Ele foi chamado de Monte da Morte.

Seguiu-se então a Servidão dos Noldoli. Os Gnomos encheram-se de amargura à traição dos Homens e à facilidade com que Melko os iludiu. O esboço termina com referências às “Minas de Melko” e ao “Feitiço do Horror Sem Fundo”, e com a afirmação de que todos os Homens do Norte foram aprisionados em Hisilómë.

O esboço D, então, volta-se para a história de Beren e Tinúviel, com uma ligação natural a partir do conto recém-rascunhado: “Beren, filho de Egnor, vagou de Dor Lómin[d] para Artanor [...]”. Essa era para ser a história seguinte contada junto ao Fogo-do-Conto (assim como no esboço B); em D, o assunto do *Conto do Gilfanon* estava previsto para durar quatro noites.

Se alguns aspectos desses esboços forem selecionados e colocados de tal forma que enfatizem concordância, mais do que discordância, a similaridade com a estrutura narrativa de *O Silmarillion* se torna aparente de imediato. Assim:

- Os Noldoli atravessam o Helkaraksë e espalham-se em Hisilómë, acampando junto ao Asgon (Mithrim);
- Eles encontram Elfos Ilkorin (= Úmanyar);
- Fëanor morre;
- Primeira batalha com Orques;
- Um exército gnômico vai até Angband;
- Maidros é capturado, torturado e mutilado;
- Os Filhos de Fëanor retiram-se da hoste dos Elfos (em D apenas);
- Uma grande batalha chamada de Batalha das Lágrimas Inumeráveis acontece entre Elfos e Homens e as hostes de Melko;
- Traição dos Homens nessa batalha, corrompidos por Melko;
- Mas o povo de Úrin (Húrin) mantém-se fiel, e não sobrevive a ela;
- O líder dos Gnomos é isolado e morto (em D apenas);
- Turgon e sua hoste abrem caminho, saindo da batalha e indo para Gondolin;
- Melko fica irado por não conseguir descobrir para onde foi Turgon;
- Os Fëanorianos chegam tarde demais para a batalha (em D apenas);
- Um grande teso de pedras é construído (em D apenas).

Essas são características essenciais da história que haveriam de sobreviver. Mas as diferenças são grandes e numerosas. A mais notável de todas é que toda a história posterior dos longos anos do Cerco de

Angband, culminando na Batalha da Chama Repentina (Dagor Bragollach), da travessia dos Homens pelas Montanhas, entrando em Beleriand, e de seus serviços junto aos Reis noldorin, ainda estava por surgir; de fato, esses esboços passam a impressão de que apenas um curto espaço de tempo se passou entre a vinda dos Noldoli desde Kôr e sua grande derrota. Essa impressão talvez se deva, até certo ponto, à natureza condensada dos esboços e, na verdade, a referência no último deles, D, à prática de muitas artes por parte dos Noldoli (p. 290) em certa medida neutraliza essa impressão — de toda forma, Turgon, nascido quando os Gnomos estavam em Hisilómë ou (de acordo com D) quando estavam acampados junto ao Sirion, já está crescido na Batalha das Lágrimas Inumeráveis.[12] Ainda assim, o retrato em *O Silmarillion*, em que séculos se passam enquanto Morgoth permanecia estreitamente confinado em Angband e "detrás da guarda de seus exércitos no norte, os Noldor construíram suas habitações e suas torres" está marcadamente ausente. Em "fases" posteriores da história, meu pai continuamente expandiu o período entre o nascer do Sol e da Lua e a Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Além disso, é essencial para a concepção antiga que a vitória de Melko fosse assim completa e irreprimível: numerosos Noldoli tornaram-se seus escravos e, onde quer que fossem, viviam em escravidão por seu feitiço; somente em Gondolin eles eram livres — portanto, no antigo conto da *Queda de Gondolin*, diz-se que o povo de Gondolin "eram aquela gente dos Noldoli que sozinha escapou do poder de Melko quando, na Batalha das Lágrimas Inumeráveis, ele matou e escravizou o povo deles e teceu feitiços à sua volta e os fez habitar nos Infernos de Ferro, de lá saindo por sua vontade e ordem apenas". Ademais,

Gondolin foi fundada somente *depois* da Batalha das Lágrimas Inumeráveis.[13]

Na concepção antiga, conseguimos discernir pouca coisa acerca da morte de Fëanor; mas, no mínimo, fica claro que ela não tinha relação com a história de sua morte em *O Silmarillion* (pp. 155–6). Nesses esboços, os Noldoli, ao deixarem Hisilómë, tiveram sua primeira contenda com os Orques nos sopés das Montanhas de Ferro, ou na passagem dos Morros Amargos, e essas elevações correspondem, com bastante clareza, às posteriores Montanhas de Sombra, Ered Wethrin (ver pp. 194, 288); mas, em *O Silmarillion* (pp. 154–5), o primeiro encontro dos Noldor com os Orques se deu em Mithrim.

O encontro de Gnomos e Ilkorins sobreviveu no encontro dos Noldor recém-chegados com os Elfos-cinzentos de Mithrim (*ibid*., p. 156); mas os Noldor ouviram falar do poder do Rei Thingol de Doriath, e não da Batalha de Palisor.

Enquanto nesses esboços Maidros, filho de Fëanor, conduziu um ataque a Angband, que foi rechaçado com matança e terminou na sua própria captura, em *O Silmarillion* foi Fingolfin quem apareceu diante de Angband e, sem nada ouvir, recuou prudentemente para Mithrim (p. 158). Maidros (Maedhros) já fora levado numa reunião com uma embaixada de Morgoth que supostamente seria uma negociação, e ele ouviu o som das trombetas de Fingolfin desde o local de seu tormento em Thangorodrim — onde Morgoth o deixou preso, conforme disse, até que os Noldor abandonassem a guerra e partissem. Na história antiga não há, é claro, vestígio das hostes divididas dos Noldor; e o resgate de Maedhros por Fingon, que cortou sua mão para salvá-lo, não aparece de forma alguma: em vez disso, ele é libertado por Melko, ainda que mutilado, e nenhuma explicação é fornecida. Mas

é muito característico que a mutilação de Maidros — um “momento” importante nas lendas — jamais tenha se perdido, embora a ela tenham sido dados cenário e modo completamente distintos.

O Juramento dos Filhos de Fëanor foi feito, aqui, após a vinda dos Gnomos de Valinor e depois da morte de seu pai; e, no esboço D, eles então deixaram a hoste de (Finwë) Nólemë, Senhor dos Noldoli, e voltaram a Dor Lómin (Hisilómë). Com essa e outras características que aparecem apenas em D, a história se move mais para perto de sua forma posterior. No retorno a Dor Lómin está o gérmen da partida dos Fëanorianos de Mithrim para as partes orientais de Beleriand (*O Silmarillion*, p. 162); na Festa do Reencontro, a semente de Mereth Aderthad, a Festa da Reunião, promovida por Fingolfin para os Elfos de Beleriand (*ibid*., p. 163), embora os participantes sejam, necessariamente, muito distintos; no atraso dos Fëanorianos em chegar ao campo arrasado das Lágrimas Inumeráveis, vemos o gérmen da chegada tardia da hoste de Maedhros (*ibid*., p. 261); na mutilação e morte de (Finwë) Nólemë em batalha, o assassinato de Fingon (*ibid*., p. 263 — quando Finwë passou a ser pai de Fëanor, tomando assim o lugar de Bruithwir, morto por Melko em Valinor, sua posição como líder das hostes na Batalha das Lágrimas Inumeráveis foi assumida por Fingon); e, no grande teso de pedras chamado de Monte da Morte, erguido pelos Filhos de Fëanor, está a origem do Haudh-em-Ndengin, ou Monte dos Mortos, erigido por Orques em Anfauglith (*ibid*., p. 267). Não está claro se a embaixada a Túvo, Tinwelint e Ermon (que se torna, em D, o envio de mensageiros) antecipa remotamente União de Maedhros (*ibid*., pp. 256–7), embora a recusa de Tinwelint em unir forças com Nólemë tenha sobrevivido na rejeição de Thingol às abordagens de

Maedhros (*ibid*., p. 257). Não consigo explicar com certeza as palavras de Tinwelint, “Não vades para as colinas”, mas suspeito que “as colinas” sejam as Montanhas de Ferro (chamadas de “Colinas de Ferro” em *A Ocultação de Valinor*, p. 253) acima de Angband, e que ele estava advertindo contra um ataque a Melko; no antigo *Conto de Turambar*, Tinwelint disse: “pela sabedoria de meu coração e o fado dos Valar, não fui com meu povo à Batalha das Lágrimas Inumeráveis”.

Outros elementos na história da batalha que sobreviveram — a firmeza do povo de Úrin (Húrin), a escapada de Turgon — já existiam nesse momento em um conto que fora escrito (o de Túrin).

As indicações geográficas são escassas e não há mapa das Grandes Terras no período mais antigo das lendas; de toda forma, é melhor deixar essas questões de lado até chegarem os contos que se passam nessas terras. O Vale das Fontes, chamado posteriormente de Vale das Águas Plangentes, é identificado explicitamente, em D, com Gorfalong, escrito Gorfalon nos esboços anteriores, e parece ser distinto; mas, de todo modo, nenhum dos dois, e nem as “Terras Soçobradas”, pode ser relacionado a quaisquer lugares ou nomes da geografia posterior — a menos que (especialmente porque, em D, diz-se que Turgon fugiu “para o sul, margeando o Sirion”) seja possível supor que algo como a posterior representação do Passo do Sirion já estivesse presente, e que o Vale das Fontes, ou das Águas Plangentes, fosse um nome para ele.

[a] Posteriormente o Lago Mithrim.

[b] Posteriormente Húrin.

[c] Pai de Beren.

[d] Isto é, Hisilómë; ver aqui.

NOTAS

[1] Acima de *Turuhalmë* está escrito *Duruchalm* (riscado) e *Halmadhurwion*.

[2] Esse parágrafo está marcado com pontos de interrogação.

[3] A palavra pode ser tanto “dim” [escuro] quanto “dun” [pardo].

[4] O texto original dizia, aqui: “e poucos de seu povo foram com ele, e isso era uma proibição de Tû ao seu povo, temendo a ira de Ilúvatar e Manwë; e, no entanto,” (“a curiosidade dominou Nuin [...]”).

[5] Anteriormente, nos *Contos*, “Elfos Perdidos” são aqueles que se desgarraram na grande jornada e vagavam em Hisilómë (ver aqui).

[6] No conto, as “fadas” do domínio de Tû (isto é, os Elfos Escuros) recebem o nome de *Hisildi*, o povo do crepúsculo; nos esboços A e B, além de *Hisildi*, outros nomes aparecem: *Humarni*, *Kaliondi*, *Lómëarni*.

[7] Ver também as palavras de Sador a Túrin na sua infância (*Contos Inacabados*, p. 92): “Uma treva estende-se atrás de nós, e dela vieram poucos relatos. Os pais de nossos pais podem ter tido coisas para contar, mas não as contaram. Até seus nomes estão esquecidos. As Montanhas se erguem entre nós e a vida da qual vieram, fugindo de algo que ninguém mais conhece.”

[8] Ver *O Silmarillion*, p. 151: “Conta-se, porém, que logo encontraram Elfos Escuros em muitos lugares e com eles fizeram amizade; e os Homens se tornaram os companheiros e discípulos, em sua infância, desses povos antigos, andarilhos da raça-élfica que nunca seguiram os caminhos até Valinor e conheciam os Valar apenas como um rumor e um nome distante.”

[9] Acima de *Ermon* está escrito, ao que parece, a palavra em inglês antigo *Æsc* (“cinza”). É concebível que isso seja uma anglicização do nórdico antigo *Askr* (“cinza”), o nome do primeiro homem na mitologia nórdica, que, juntamente com a primeira mulher (*Embla*) foram feitos pelos Deuses a partir de duas árvores que encontraram na praia (Völuspá, estrofe 17; *Snorra Edda*, *Gylfaginning* §8).

[10] O texto traz aqui a palavra “(Gongues)” entre parênteses. Poder-se-ia pensar que é um nome para os *Kaukareldar*, ou “falsas-fadas”, mas, na lista de palavras gnômicas, *Gongue* está definido como “alguém de uma tribo dos Orques, um gobelim”.

[11] A ablação do coração de Nólemë pelos Orques e o resgate por Turgon, seu filho, são mencionados em uma nota antiga e isolada, que também diz que Turgon o recobriu de ouro; e o emblema da Casa do Rei em Gondolin, o Coração Escarlate, é mencionado no conto da *Queda de Gondolin*.

[12] Ver aqui: “Turondo, filho de Nólemë, ainda não estava na Terra”. *Turgon* era o nome gnômico de *Turondo* (p. 145). Na história posterior, Turgon era um líder dos Noldor de Valinor.

[13] Após a história ser alterada, e a fundação de Gondolin passar a se dar muito antes, a parte conclusiva de *O Silmarillion* nunca foi coadunada; e isso foi uma importante fonte de dificuldades na preparação da obra publicada.

APÊNDICE

Nomes em *Os Contos Perdidos 1*

Há dois pequenos cadernos, contemporâneos aos *Contos Perdidos*, que contêm os primeiros "léxicos" das línguas élficas; e ambos são documentos muito difíceis.

Um deles diz respeito à língua chamada, no caderno, de *qenya*, e refiro-me a esse caderno como "LQ" (Léxico Qenya). Boa parte dos verbetes na primeira metade do alfabeto foram feitos de uma vez, quando o trabalho começou; esses foram escritos muito cuidadosamente, ainda que o lápis esteja agora esmaecido. Em meio aos verbetes originais, há este grupo:

Lemin "cinco"
Lempe "dez"
Leminkainen "23"

A escolha de "23" sugere que essa era a idade de meu pai na época, e que o caderno foi iniciado, portanto, em 1915. Isso é corroborado por algumas afirmações feitas na primeira camada de verbetes acerca de certos personagens da mitologia, afirmações que divergem de tudo o que se diz em outros lugares, e que dão vislumbres de um estágio ainda anterior ao dos *Contos Perdidos*.

O caderno naturalmente continuou em uso, e muitos verbetes (praticamente todos na segunda parte do alfabeto) são posteriores à primeira camada, embora nada mais definitivo possa ser dito além do fato de que todos os verbetes pertencem ao período dos *Contos Perdidos* (ou não muito anteriores).

As palavras no LQ estão organizadas de acordo com “raízes”, e uma nota no início afirma:

> As raízes estão em maiúsculas, e não são, de modo algum, palavras em uso, mas servem de elucidação para as palavras agrupadas e de conexão entre elas.

Há considerável incerteza, expressa com pontos de interrogação, na formulação das raízes e na atribuição de palavras a uma raiz ou outra, conforme meu pai se movia entre ideias etimológicas distintas; e, em alguns casos, parece claro que a palavra estava “ali”, por assim dizer, mas sua etimologia ainda precisava ser definida com certeza, e não o contrário. As raízes em si são, com frequência, difíceis de representar, já que certas consoantes levam diacríticos que não são definidos. As notas acerca dos nomes que se seguem inevitavelmente dão uma impressão um pouco mais positiva do que o caderno em si.

O outro caderno é um dicionário da língua gnômica, *goldogrin*, e refiro-me a ele como “LG” (Léxico Goldogrin, ou Gnômico). Ele não está organizado de maneira histórica, por raízes (embora essas sejam, ocasionalmente, incluídas), mas, sim, como um dicionário convencional, pelo menos no planejamento; e contém um número notável de palavras. O título do caderno é *i·Lam na·Ngoldathon* (ou seja, “o idioma dos Gnomos”): *Goldogrin*, com uma data: 1917. Escrito

sob o título está *Eriol Sarothron* (isto é, “Eriol, o Viajante”), *que alhures é chamado Angol, mas, entre seu próprio povo, Ottor Wǽfre* (ver aqui).[a]

Neste caso, a grande dificuldade é a intensidade com que meu pai utilizou esse diminuto caderno, corrigindo, rejeitando, acrescentando camada após camada, de modo que, em alguns lugares, ele se tornou dificílimo de interpretar. Ademais, alterações posteriores às formas de um verbete não foram necessariamente feitas a verbetes relacionados; assim, os estágios de uma concepção linguística que se expandia rapidamente estão representados de maneira muito confusa. Esses caderninhos eram materiais de rascunho, de maneira alguma a disposição de ideias finalizadas (de fato, fica muito claro que o LG em particular acompanhou de perto a verdadeira composição dos *Contos*). Além disso, as línguas mudavam até mesmo enquanto a primeira “camada” era inserida no LG; por exemplo, a palavra *mô*, “ovelha”, foi depois alterada para *moth*, mas mais adiante, no dicionário, *unimoth*, “ovelha das ondas” foi a forma escrita primeiro.

Fica imediatamente óbvio que uma estrutura histórica já extremamente sofisticada e foneticamente intrincada jaz por trás das línguas nesse estágio; mas parece que (infeliz e frustrantemente) pouquíssima coisa de fato, em termos de descrição fonológica ou gramatical, sobrevive agora daqueles dias. Por exemplo, não encontrei nada que descreva, do modo mais rudimentar que seja, as relações fonológicas entre as duas línguas. Certa descrição fonológica primitiva existe para o qenya, mas, devido a alterações e substituições posteriores, ela se tornou uma desordem tão perturbadora (e, de todo modo, o material é, por si só, intrinsecamente muito complexo) que fui incapaz de usá-la.

Tentar utilizar materiais posteriores para elucidar as ideias linguísticas do período mais antigo seria, neste livro, impraticável. Mas o exame desses dois vocabulários demonstra, da maneira mais clara possível, quão profundamente enredados eram os desenvolvimentos na mitologia e nas línguas, e seria gravemente enganoso publicar os *Contos Perdidos* sem ao menos uma tentativa de mostrar as conexões etimológicas dos nomes que aparecem neles. Portanto, incluo tanta informação desses cadernos quanto possível, mas sem qualquer especulação além disso. É evidente, por exemplo, que um elemento primordial nas construções etimológicas era uma pequena variação em "raízes" antigas (ocasionada especialmente por diferenças na formação de consoantes) que, no decorrer de eras, originou situações semânticas muito complexas; ou, ainda, que estava presente uma antiga "apofonia" (isto é, a variação, em quantidade ou qualidade, de vogais seriadas); mas achei melhor simplesmente tentar apresentar o conteúdo dos dicionários da maneira mais clara que consegui.

É notável que meu pai introduziu, aqui e ali, um tipo de "trocadilho histórico": assim, por exemplo, a raiz SAHA, "ser quente", origina (além de *saiwa*, "quente", ou *sára*, "fogoso") *Sahóra*, "o Sul"; e de NENE, "fluir", vêm *nen*, "rio", *nénu*, "lírio-d'água amarelo", e *nénuvar*, "lagoa de lírios-d'água" — compare com a palavra *nenuphar*, em francês moderno *nénufar*.[b] Há também diversas semelhanças com o inglês arcaico que obviamente não são fortuitas, como *hôr*, "velho", HERE, "governar", *rûm* "segredo (sussurro)".

Ver-se-á que muitos elementos nas línguas posteriores, quenya e sindarin, como são conhecidas pelas obras publicadas, datam do próprio início; as línguas, assim como as lendas, são fruto de uma

evolução, expansão e refinamento contínuos. Mas o status histórico e a relação das duas línguas, conforme eram concebidas nesse momento, foram alterados de maneira radical posteriormente: ver pp. 69–70.

O arranjo do material se provou difícil e, de fato, sem um entendimento melhor das relações e de suas formulações cambiantes, mal pode ser feito de maneira satisfatória. O sistema que adotei foi fornecer grupos de palavras etimologicamente conectadas, tanto em qenya quanto gnômico, encabeçados por algum nome importante que contenha alguma delas, e direciono para esse verbete outras ocorrências de uma palavra do grupo (por exemplo: *glor-*, em *Glorvent*, *Bráglorin* é direcionado para o verbete *Laurelin*, onde estão incluídas as associações etimológicas do qenya *laurë*, "ouro").[c] Todos os nomes nos *Contos Perdidos* deste volume estão incluídos — isto é, caso quaisquer informações etimológicas contemporâneas e relacionadas a eles puderem ser encontradas: qualquer nome não encontrado na lista a seguir ou me é bastante obscuro, ou, no mínimo, não pode ser identificado com certeza. Nomes rejeitados também são incluídos, seguindo o mesmo critério, mas aparecem nos verbetes dos nomes que os substituíram (por exemplo, *Dor Uswen* estará no verbete *Dor Faidwen*).

A lista de nomes secundários dos Valar, escrita em folhas em branco opostas no conto da *Vinda dos Valar* (ver aqui), é mencionada como "lista de nomes dos Valar". O sinal < é empregado apenas onde é utilizado no dicionário gnômico, como em *alfa* < *alchwa*, significando que uma forma é historicamente derivada da outra: não é usado neste Apêndice com referência a alterações feitas por meu pai nos dicionários em si.

Ainur Em meio aos verbetes originais no LQ estão *ainu* “um deus pagão” e *aini* “uma deusa pagã”, juntamente com *áye* “ave!; salve!” e *Ainatar* “Ilúvatar, Deus”. (É claro que ninguém *dentro* do contexto da mitologia pode chamar os Ainur de “pagãos”). O LG possui *Ain*: “também com formas distintas de masc. e fem. *Ainos* e *Ainil*, um Deus, isto é, um dos Grandes Valar”.

Alalminórë Ver *Aldaron*, *Valinor*. No LQ, *Alalminórë* está glosado como “Terra dos Olmos, uma das províncias de Inwinórë na qual se situa Kortirion (Warwickshire)”; isto é, *Alalminórë* = Warwickshire (ver aqui). Palavras gnômicas são *lalm* ou *larm*, também *lalmir* “olmo”.

Aldaron No LQ há uma raiz ALA “espalhar”, com os derivados *alda* “árvore”, *aldëa* “sombreado por árvores”, *aldëon* “alameda de árvores” e *alalmë* “olmo” (ver *Alalminórë*). No LG, esse nome de Oromë aparece como *Aldor* e *Ormaldor* (*Oromë* é *Orma* em gnômico); *ald* “madeira”, posteriormente alterado para *âl*.

Alqaluntë LQ *alqa* “cisne”; LG *alcwi*, com a palavra correspondente em qenya dada aqui como *alqë*, *alcwi*, alterado depois para *alfa* < *alchwa*.

LQ *luntë* “navio”, da raiz LUTU, com outros derivados *lúto* “inundação” e o verbo *lutta-*, *lutu-* “fluir, flutuar” (ver *Ilsaluntë*). O LG traz, como correspondência, *lunta* “navio”, *lud-* “fluir, flutuar”.

Aluin Ver *Lúmin*.

Amillo Aparece no LQ, mas sem indicação de significado; *amillion* é o mês de Amillo, fevereiro (um dos verbetes mais “primitivos”).

Angaino Juntamente com *angayassë* “miséria, desgraça”, *angaitya* “tormento”, *Angaino* consta no LQ separado das palavras relacionadas a “ferro” (ver *Angamandi*) e foi inicialmente definida como “um gigante”, emendado para “a grande corrente”. No LG, Melko possui um nome *Angainos*, com uma nota: “Não confundir o gnômico *Angainos* com o qenya *Angaino* (gnômico *Gainu*), a grande corrente de *tilkal*”. Em *Gainu*, há uma nota posterior: “popularmente relacionada a *ang* ‘ferro’, mas, na verdade = ‘atormentador’”.

Angamandi O LQ possui *anga* “ferro” (que corresponde ao *a* de *tilkal*, p. 127), *angaina* “de ferro”, *Angaron*(*ti*) “Montanhas de Ferro” e *Angamandu* ou *Eremandu* “Infernos de Ferro” (acrescentado depois: “ou *Angamandi*, plural”). As formas gnômicas são *ang* “ferro” (como em *Angol*, ver *Eriol*), *angrin* “de ferro”, *Angband* — que, estranhamente, diz-se no LG ser “a grande fortaleza de Melko após a batalha da Incontável Lamentação até a batalha da Lagoa do Crepúsculo” (quando Tulkas finalmente sobrepujou Melko). Ver *Mandos*.

Angol Ver *Eriol*.

Arvalin Ver *Eruman*.

Aryador Diz-se (p. 148) que era o nome de Hisilómë entre os Homens; mas, de acordo com o LG, era uma palavra de origem ilkorin, com o significado de “terra ou lugar de sombra”; LQ *Arëandor*, *Arëanor* “nome de um distrito montanhoso, a morada do Povo da Sombra” (ver p. 294). Ver *Eruman*.

Asgon O LG possui *Asgon* “nome de um lago em Dor Lómin (Hisilómë), qen. *Aksanda*”; o LQ possui *aksa* “queda d’água”, do qual o equivalente gnômico é dado como *acha*, de mesmo significado. (Nos

dicionários, nenhuma luz se joga no posterior nome *Mithrim*).

Aulë Uma palavra *aulë* “desgrenhado” aparece no LQ como derivada de uma raiz OWO (donde também *oa* “lã”, *uë* “velocino”), mas sem qualquer indicação de que deveria ser relacionada ao nome do Vala. A forma gnômica de seu nome é *Óla*, alterado para *Óli*, sem informações adicionais. Na lista de nomes dos Valar, Aulë é também chamado de *Tamar* ou *Tamildo*. Esses aparecem no LQ sem tradução, sob a raiz TAMA “fundir, forjar”, com *tambë* “cobre” (o *t* de *tilkal*, p. 127), *tambina* “de cobre”, *tamin* “forja”; palavras gnômicas são *tam* “cobre”, *tambin* “de cobre”, *tambos* “caldeirão”. Para outros nomes de Aulë, ver *Talka Marda*.

Aulenossë Para *nossë* “gente, povo”, ver *Valinor*.

Aur Nome gnômico do Sol; ver *Ûr*.

Balrog O LG define *Balrog* como “um tipo de demônio-do-fogo; criaturas e serviçais de Melko”. Com o artigo, a forma é *i’Malrog*, plural *i’Malraugin*. Verbetes separados incluem *bal* “angústia” (consoante inicial original *mb*-), *balc* “cruel” e *graug* “demônio”. Formas em qenya são mencionadas: *araukë* e *Malkaraukë*. No LQ, *Malkaraukë* aparece com outras palavras como *malkanë* “tortura” sob uma raiz MALA (MBALA) “(esmagar), ferir, danificar”, mas a relação disso com MALA “esmagar, apertar” (ver *Olórë Mallë*) aparentemente não foi decidida. Também há *Valkaraukë* e *valkanë* “tortura”, mas, novamente, a relação permanece obscura.

Bráglorin Definido no texto (p. 225) como “o vaso ardente”, mas traduzido no LG como “Carroça Dourada, um nome do Sol”, com uma nota:

"também na forma analítica *i·Vreda 'Loriol'*; *brada* "carroção, carroça". Para *-glorin*, ver *Laurelin*.

Bronweg O LG possui *Bronweg* "(o constante), nome de um Gnomo famoso", com palavras relacionadas como *brod*, *bronn* "resoluto", *bronweth* "constância". No LQ, *Voronwë* (ver aqui) "o fiel" é derivado da raiz VORO, com *vor*, *voro* "sempre", *voronda* "fiel", *vorima* "perpétuo" etc. Ver *Vorotemnar*.

O sufixo comum *-weg* não é dado no LG, mas compare com *gweg* "homem", plural *gwaith*.

Cûm a Gumlaith "O Teso do Primeiro Pesar", túmulo de Bruithwir, p. 184. LG *cûm* "teso, especialmente um teso funerário" (também *cum-* "jazer", *cumli* "sofá"); *gumlaith* "exaustão de espírito, pesar" (*blaith* "espírito").

Cûm a Thegranaithos Ver o verbete anterior. LG *thegra* "primeiro, principal", *thegor* "chefe"; *naitha-* "lamentar, chorar, lamuriar-se por", *naithol* "infeliz, desgraçado".

Danuin O LG possui *dana* "dia (24 horas)" com referência ao qenya *sana* (que não consta no LQ). *Dana* era uma versão anterior de *Danuin* (p. 262). O mesmo elemento aparece em *Lomendánar* "Dias de Ocaso".

Dor Faidwen Gnômico *dôr* (< *ndor-*) "terra (habitada), país, povo da terra"; ver *Valinor*.

Dor Faidwen é traduzido no texto como "Terra da Libertação" (p. 23); o LG possui *faidwen* "liberdade" e muitas palavras relacionadas, como *fair* "livre", *faith* "liberdade" etc. No LQ, sob a raiz FAYA, aparecem *fairë* "livre", *fairië* "liberdade", *fainu-* "libertar".

Dor Faidwen era o nome gnômico final de Tol Eressëa depois de muitas alterações (p. 33), mas

pouca luz se pode jogar nas formas mais antigas. *Gar*, em *Gar Eglos*, é um nome gnômico com o significado de “lugar, distrito”. *Dor Us*(*g*)*wen*: o LG dá o radical *us-* “sair, partir” (também *uthwen* “saída”), e o LQ, na raiz USU “escapar”, possui *uswë* “irrupção, escape” e *usin* “ele escapa”.

Dor Lómin Ver *Valinor*, *Hisilómë*.

Eärendel Em uma lista anotada de nomes que acompanha *A Queda de Gondolin*, há uma sugestão, atribuída a Coração-Pequeno, filho de Voronwë, de que *Eärendel* tinha “algum parentesco ao élfico *ea* e *earen* ‘águia’ e ‘ninho’”, e, no LQ, essas palavras (ambas com o significado de “águia”) estão colocadas junto de *Eärendel*, embora não explicitamente ligadas. No conto em si, diz-se que “há muitas interpretações tanto entre Elfos quanto entre Homens,” do nome *Eärendel*, com uma indicação de que era uma palavra “de alguma língua secreta” falada pelo povo de Gondolin.

O LG possui um verbete: *Ioringli* “forma gnômica verdadeira do nome de Eärendel, embora a forma eldar também tenha sido adotada e seja vista frequentemente em estado transicional como *Iarendel*, *Iorendel*” (sobre a distinção entre “gnômico” e “eldar”, ver pp. 68–9). Palavras gnômicas para “águia” são *ior*, *ioroth*.

No LQ há um verbete *Eärendilyon* “filho de Eärendel (usado para qualquer marinheiro)”; ver aqui.

Eldamar Para o primeiro elemento, ver *Eldar*. — No LQ, as seguintes palavras são agrupadas: *mar* (*mas-*) “habitação dos homens, a Terra, -terra, -lândia”, *mardo* “habitante”, *masto* “vila” e *-mas* equivalente ao inglês *-ton*, *-by* em topônimos (ver *Mar Vanwa Tyaliéva*; *Koromas*; *i·Talka Marda*

"Ferreiro do Mundo", Aulë). No LG há *bar* "lar" (< *mbar-*), e derivados como *baros* "aldeia", e também *-bar* como sufixo, "habitante", ou "lar, -ham".[d]

O equivalente gnômico de *Eldamar* era *Eglobar* (gnômico *Egla* = qenya *Elda*): "*Eglobar* 'Elfinesse' = qen. *Eldamar*, isto é, Lardelfos; a terra na beira de Valinor onde as fadas habitavam e construíram Côr. Também nas formas *Eglabar*, *Eglamar*, *Eglomar*". Num verbete muito antigo do LQ, diz-se que *Eldamar* era "uma praia rochosa na Inwinórë (Feéria) ocidental"; "sobre essa rocha foi construída a branca cidade chamada Kôr".

Eldar No LQ, *Elda* aparece separadamente, sem conexões etimológicas, e definido como "um fata-da-praia ou *Solosimpë* (flautista da costa)". Isso é um vislumbre de uma concepção anterior à encontrada nos *Contos Perdidos*: os *Eldar* eram originalmente Elfos-do-mar. O LG possui um verbete *Egla* "'um ser de fora', nome das fadas dado pelos Valar e amplamente adotado por eles, = qen. *Elda*" (ver aqui); também *eg*, *êg* "longe, distante". A associação de *Eldar* com as estrelas não remonta ao início.

Erinti Ela aparece no LQ numa nota isolada e antiga (posteriormente riscada). Nada jamais se fala de Erinti nos *Contos Perdidos*, mas, nessa nota, ela é chamada de Vala do amor, da música e da beleza, também chamada de *Lotessë* e *Akairis* ("noiva"), irmã de Noldorin e Amillo. Somente esses três (isto é, dos Valar) deixaram Valinor e moravam em Inwenórë (Tol Eressëa); ela mora em Alalminórë, em um *korin* de olmos guardado pelas fadas. A segunda parte do mês de *avestalis* (janeiro) é chamado de *Erintion*.

Não há nenhum vestígio disso alhures; mas, claramente, quando Erinti se tornou filha de Manwë e Varda, Meril-i-Turinqi, a Senhora de Tol Eressëa, assumiu sua moradia em Alalminórë.

Na lista de nomes dos Valar, Erinti é também chamada de *Kalainis*; essa palavra aparece no LQ com o sentido de "maio", um dos muitos derivados da raiz KALA (ver *Galmir*).

Eriol Em *O Chalé do Brincar Perdido* (p. 24), *Eriol* está traduzido como "O que sonha só". No LQ, os elementos dessa interpretação são incluídos na raiz ERE "permanecer só" (ver *Tol Eressëa*) e LORO "dormir" (ver *Lórien*). No LG aparece a nota citada na p. 36, de que o gnômico *Angol* e o qenya *Eriollo* eram nomes da região "entre os mares" de onde Eriol veio (= Angeln na península dinamarquesa); e, numa nota isolada em outro lugar, *Angol* é derivado de *ang* "ferro" e *ôl* "falésia", e diz-se que Eriol significa a mesma coisa — "sendo esse o nome das fadas para as partes [*sic*] de seu lar (falésias de ferro)". Meril faz referência às "costas escuras de teu lar" (p. 123). Nessa nota, diz-se que a interpretação "O que sonha só" é um trocadilho feito por Lindo.

Para *ang* "ferro", ver *Angamandi*. O LG possui *ol*, *óla* "falésia, precipício marítimo", com as formas em qenya *ollo*, *oldō*. *ere*(*n*) "ferro ou aço" consta no LQ, e esse elemento também aparece no nome alternativo de *Angamandu*, *Eremandu*, "Infernos de Ferro".

Eruman Os nomes dessa região são tão difíceis quanto a concepção original da região em si (ver p. 116 e seguintes). A forma *Erumáni* (que ocorre nos *Contos*, assim como *Eruman*) aparece no LQ sob a raiz ERE "fora" (ver *Neni Erúmëar*), sem qualquer informação adicional. O LG possui um longo verbete sob *Edhofon*, o qual = qen. *Erumáni*: é uma

"uma terra sombria fora de Valinor e ao sul da Baía de Feéria que corria diretamente para as bases do lado ocidental das Montanhas de Valinor; seu ponto mais extremo ao norte tocava as raízes de Taniquetil, daí *Edhofon* < *Eðusmānī-*, ou seja, para além da morada dos Mánir. Donde também o título qen. *Afalinan* ou *Arvalion*, isto é, próximo a Valinor". A implicação disso parece ser que Taniquetil era a "morada dos Mánir", o que é compreensível, já que os Mánir eram particularmente associados a Manwë (as palavras gnômicas *móna*, *móni* são definidas como "espíritos do ar, filhos de Manwë") e, portanto, Eruman estava além (ao sul) de sua morada. Ver *Mánir*.

O LG também afirma que Edhofon era chamada de *Garioth*; e *Garioth* é "a forma gnômica verdadeira" do nome *Aryador* (uma palavra de origem ilkorin) "terra de sombra", embora aplicada não a Hisilómë, mas a Edhofon / Eruman.

De acordo com o LQ, *Harwalin* "próximo aos Valar" contém *har*(*e*) "próximo"; os verbetes no LG são confusos demais para citar, pois as formas *Harwalin* / *Arvalin* foram alteradas repetidas vezes. Um verbete tardio no LG traz um prefixo *ar-* "ao lado de, junto de". Para *Habbanan*, ver *Valar*.

Falassë Númëa Traduzido no texto (p. 155) como "Espuma Ocidental"; ver *Falman*, *Númë*.

Falman No LQ, a raiz FALA possui os derivados *falma* "espuma", *falmar* "a onda quando se quebra", *falas*(*s*) "costa, praia", *Falman* = Ossë; ver *Falassë Númëa*, *Falmaríni*. O LG possui *falm* "onda que se quebra, onda", *falos* "orla marítima, arrebentação", *Falmon* ou *Falathron* "nomes de Otha [Ossë], = qen. *Falman* e *Falassar*".

Falmaríni Ver *Falman*.

Fanturi No LQ, *fantur*, sem tradução, mas com alusão a Lórien e Mandos, aparece sob a raiz FANA, com vários derivados, todos com referência a visões, sonhos, adormecer. No LG (um verbete tardio) a forma é *Fanthor*, plural *i·Fanthaurin* "o nome de cada um dos dois irmãos, do sono, da morte".

Fanuin O LG possui *fann* "um ano". Para os nomes rejeitados *Lathos*, *Lathweg* (p. 267) ver *Gonlath*.

Faskala-númen, Faskalan Traduzido no texto (p. 285) como "Banho do Sol Poente". O LG possui *fas-* "banhar", *fasc* "limpo", *fasca-* "respingar, borrifar, chapinhar", *fôs* "banho". Para *-númen*, ver *Númë*.

Fëanor A única evidência para o significado desse nome está incluída em *Fionwë-Úrion*.

Fingolma Ver *Nólemë*.

Finwë Como nome próprio, não aparece nos dicionários, mas o LG inclui um substantivo comum *finweg* "artesão, homem de habilidade" (com *fim* "hábil; mão direita" e outras palavras relacionadas); para *-weg*, ver *Bronweg*. No LQ, derivados da raiz FINI são *finwa* "sagaz", *finië*, *findë* "destro, hábil". Ver *Nólemë*.

Fionwë-Úrion *Fion* "filho" aparece separadamente no LQ (um acréscimo posterior apressado), com a nota "especialmente Fion(wë), o Vala". Em gnômico, ele é "*Auros Fionweg*, ou *Fionaur Fionor*". Num verbete posterior no LG, "*Fionaur* (*Fionor*) = qen. *Fëanor* (forjador de cálice)" e, em meio aos verbetes originais, está *fion* "malga, cálice". Não há indicação de que isso se refira a Fëanor, o Gnomo.

Para o segundo elemento (*Úrion*, *Auros*), ver *Ûr*. Na lista de nomes dos Valar, Fionwë é chamado de *Kalmo*; ver *Galmir*.

Fui No LQ há *hui* "nevoeiro, escuridão, treva, noite" e *huiva* "escuro, nublado" e também "*Fui* (= *hui*)

esposa de Vê". Em gnômico, ela é *Fuil* "Rainha do Escuro", e palavras relacionadas são *fui* "noite", *fuin* "secreto, sombrio".

fumellar As "flores do sono" (papoulas) nos jardins de Lórien (p. 96). O LQ, sob a raiz FUMU "dormir", possui *fúmë* "sono", *fúmella*, *fúmellot* "papoula".

Galmir Traduzido no texto (p. 285) como "o abrilhantador d'ouro" (um nome do Sol). É um derivado do gnômico *gal-* "brilhar" que, em qenya, é KALA "brilhar com cor dourada" e da qual muitos outros derivados aparecem no LQ, como *kala-* "brilhar", *kálë* "manhã", *kalma* "luz do dia", *Kalainis* "maio" (ver *Erinti*), *kalwa* "belo" etc. Ver *Kalormë*, *Kalaventë* e *i·kal'antúlien* "a Luz retornou" (p. 223).

Gar Lossion Traduzido no texto (p. 26) como "Sítio das Flores" (nome gnômico de Alalminórë). Para *Gar*, ver *Dor Faidwen*. O LG traz *lost* "flor" e *lôs* "flor", mas nota-se que provavelmente não têm relação e que *lôs* é, com maior probabilidade, relacionado a *lass* "folha", também usado com o sentido de "pétala". (O LQ possui *lassë* "folha", *lasselanta* "outono"). Ver *Lindelos*.

Glorvent Para o elemento *Glor-*, ver *Laurelin*. — O LG traz *Glorben*(*d*) "navio de ouro", alterado depois para *Glorvent* "barco de ouro"; *benn* "forma, corte, jeito", *benc*, *bent* "barco pequeno". O LQ possui a raiz VENE "formar, cortar, cavar", com os derivados *venië*, *venwë* "forma, corte" e *venë* "barco pequeno, vaso, escudela". Cf. o título do desenho "O Navio do Mundo", *I Vene Kemen* (ver p. 108), e o nome do Sol, *i·Kalaventë* (*Kalavénë*).

Golfinweg Ver *Nólemë*, *Finwë*.

Gondolin O LQ não inclui esse nome, mas *ondo* "pedra" aparece sob a raiz ONO "duro". No LG, diz-

se que *Gondolin* = qenya *Ondolin* (alterado para *Ondolinda*) “pedra cantante”. Há também um verbete *gond* “pedra grande, rocha”; mais tarde, isso foi alterado para *gonn*, e uma nota acrescentada dizendo que *Gondolin = Gonn Dolin*, juntamente com um verbete *dólin* “canção”. Ver *Lindelos*.

Gongue(s) O LG não traz nenhuma outra afirmação além da citada na p. 295, nota 10, mas estabelece uma comparação com *sithagong* “libélula” (*sitha* “mosca”, *Sithaloth* ou *Sithaloctha* (“aglomerado de moscas”), as Plêiades).

Gonlath Esse é o nome da grande rocha em Taniquetil à qual o cabo de Fanuin foi amarrado (p. 263); o segundo elemento deve ser, portanto, o gnômico *lath* “um ano”, que aparece também nos nomes rejeitados de Fanuin, *Lathos* e *Lathweg* (p. 267). Para *Gon-*, ver *Gondolin*.

Gwerlum Incluído no LG com a tradução “Tecelã-de-Treva”; *gwer-* “torcer, virar, dobrar”, mas também usado no sentido da raiz *gwidh-* “trançar, tecer”. O LQ possui uma raiz GWERE “rodopiar, rodar, torcer”, mas o nome *Wirilómë* da grande Aranha está alocado sob a raiz GWIÐI, donde também *windelë* “tear”, *winda* “trama, tecido”, *wistë* “trama”. O nome da grande voragem *Wiruin* (p. 204), ausente nos dicionários, deve fazer parte desse grupo. Para o elemento *-lómë*, *-lum*, ver *Hisilómë*.

Haloisi Velikë (No desenho “O Navio do Mundo”, p. 108). No LQ, *haloisi* “o mar (debaixo de tempestade)” aparece sob uma raiz HALA, com outros derivados, *haloitë* “saltitante”, *halta-* “saltar”.

Ao qenya *velikë* “grande” corresponde o gnômico *beleg* “pujante, grande” (como em Beleg, o Arqueiro,

no conto de Túrin).

Helkar O LQ, sob a raiz HELE, possui *helkë* “gelo”, *helka* “frio como gelo”, *hilkin* “[isso] congela”, *halkin* “congelado”. O LG traz *helc*, *heleg* “gelo”, *hel-* “congelar”, *heloth* “geada” etc., e *helcor* “frio ártico, gelo extremo”; esse último foi alterado para *helchor* “frio antártico, o gelo extremo do Sul (o pilar da Lamparina do Sul). Qen. *Helkar*”.

Helkaraksë Ver *Helkar*; *Helkaraksë* não está em nenhum dos dicionários, e o segundo elemento é obscuro, a menos que deva ser relacionado ao qen. *aksa* “queda d’água” (ver *Asgon*).

Heskil A raiz HESE “inverno” no LQ possui os derivados *Heskil* “A do Inverno”, *Hesin* “inverno”, *hessa* “morto, ressequido”, *hesta-* “ressecar”. No LG, há *Hess* “inverno, especialmente como nome de Fuil” e *hesc* “ressequido, morto; gélido”. Para outro nome de Fui Nienna, ver *Vailimo*.

Hisildi Ver *Hisilómë*.

Hisilómë Sob a raiz HISI, o LQ traz *hísë*, *histë* “ocaso”, *Hisinan* “Terra do Crepúsculo”. Para a tradução de *Hisilómë* como “Crepúsculos Sombreados”, ver aqui.

A raiz LOMO possui muitos derivados, como *lómë* “ocaso, treva, escuridão”, *lómëar* “filho do escuro” (ver *Lómëarni*), *lómin* “penumbra, sombra”, *lomir* “eu escondo”, *lomba* “segredo, secreto”. Ver *Wirilómë*. Palavras gnômicas são *lôm* “treva, penumbra”, *lómin* “sombreado, turvo” e o substantivo “treva”: portanto *Dor Lómin*. O mesmo elemento ocorre em *Lomendánar* “Dias de Ocaso”.

Ilinsor Um verbete tardio no LG traz *Glinthos* = qenya *Ilinsor*, Timoneiro da Lua. O primeiro elemento é provavelmente *glint* “cristal”. *Ilinsor* não aparece no LQ.

Ilkorin Um prefixo de negação *il-* aparece em ambos os dicionários; no LG, diz-se que *il-* “denota o oposto, o reverso, ou seja, mais do que a mera negação”. Ver *Kôr*.

Ilsaluntë (Nome da Lua). *Ilsa* aparece no LQ como “o nome místico da prata, assim como *laurë* é do ouro”; é o *i* de *tilkal*, p. 127. Para *luntë* “navio”, ver *Alqaluntë*. O nome gnômico é *Gilthalont*; afirma-se que *giltha* “metal branco” é propriamente o mesmo que *celeb* “prata” (qen. *telpë*), mas incluindo agora *gais* “aço”; *ladog* “estanho” etc., em oposição a *culu* “ouro”; e diz-se que *culu* é uma palavra poética para “ouro”, mas “também usada miticamente como hiperônimo de todos os metais vermelhos e amarelos, como *giltha* é para os brancos e cinzentos”. Ver *Telimpë*.

Ilterendi No texto, as grilhetas são chamadas de *Ilterendi* “pois não se as podia limar ou fender” (p. 128); mas a raiz TERE no LQ possui derivados com o sentido de “perfuração” (*tereva* “perfurante”, *teret* “broca, verruma”).

Ilúvatar Não há dúvidas de que o significado original de *Ilúvatar* era “Pai-do-Céu” (no LQ encontra-se *atar* “pai”); ver *Ilwë*.

Ilverin Nome élfico de Coração-Pequeno, filho de Bronweg. O nome rejeitado, *Elwenildo* (p. 71), contém a palavra *elwen* “coração”, que consta no LQ; o LG inclui a palavra *ilf* “coração (especialmente usado para sentimentos)”, e vários nomes (*Ilfin*(*g*), *Ilfiniol*, *Ilfrith*), correspondendo ao qenya *Ilwerin*.

Ilwë No LQ, a palavra *ilu* está glosada como “éter, os ares tênues entre as estrelas”, enquanto no LG afirma-se que o nome gnômico de Ilúvatar, *Ilon*, = qenya *Ilu*. No LQ, *ilwë* foi glosado inicialmente como “firmamento, céus”, com um acréscimo

posterior “o ar azul que circunda as estrelas, as camadas médias”; o correspondente gnômico é *ilwint* — a respeito do qual se explica, no LG, que a verdadeira forma *ilwi* ou *ilwin* foi corrompida em *ilwint* por associação com *gwint* “face”, como se significasse “face de Deus”. Outras palavras encontradas em gnômico são *Ilbar*, *Ilbaroth* “firmamento, a região extrema além do mundo”; *Ilador*, *Ilathon* = *Ilúvatar*; *ilbrant* “arco-íris” (ver *Ilweran*).

Ilweran O LQ possui *Ilweran*, *Ilweranta* “arco-íris” (outra palavra para o arco-íris em qenya é *Iluqinga*, na qual *qinga* significa “arco”; *qingi-* “tanger (de cordas, harpa)”). Em gnômico, as formas correspondentes são *Ilbrant* ou *Ilvrant*, das quais se diz no LG serem falsamente associadas a *brant* “arco (de atirar)”; o segundo elemento relaciona-se, antes, a *rantha* “arco, ponte”, como mostra o qen. *Ilweran*(*ta*).

Ingil No LG, os nomes gnômicos do filho de Inwë são *Gilweth* e *Githilma*; *Gil* é a estrela Sírio, e diz-se que é o nome de Gilweth após ele se erguer aos céus e, “na forma de uma grande abelha carregando mel de flama, seguiu Daimord [Telimektar, Órion]”; ver os verbetes *Nielluin*, *Telimektar*. Não se dá nenhuma explicação para esses nomes, mas *Gil*(*weth*) é claramente relacionado a *gil-* “brilho”, *gilm* “luar”, *giltha* “metal branco” (ver *Ilsaluntë*). Para *Githilma*, ver *Isil*.

Inwë No LQ, este, que é o nome do “antigo rei das fadas que as liderou para o mundo”, é um derivado de uma raiz INI “pequeno”, donde também o adjetivo *inya* e os nomes *Inwilis*, *Inwinórë* “Feéria” e “Inglaterra” (esse último foi riscado). Diz-se que Tol Eressëa foi chamada de *Inwinórë* por conta de Inwë, mas isso foi alterado, e passou a se afirmar

que foi chamada *Ingilnórë* por conta de seu filho, Ingil. Esses verbetes relacionam-se a uma concepção muito antiga (ver *Alalminórë*, *Eldamar*). Para outros nomes de Inwë, ver *Inwithiel*, *Isil*.

Inwir Ver *Inwë*. No LG, aqueles do "nobre clã dos Tilthin" (Teleri) são chamados de *Imrim*, singular *Im* (ver *Inwithiel*).

Inwithiel Nos textos, *Inwithiel*, nome gnômico do Rei Inwë, é uma emenda de (*Gim*)*Githil* (pp. 27, 145). No LG, esses nomes — *Inwithiel*, *Githil* — são dados como adicionais dos seus nomes próprios, *Inweg* ou *Im*. Ver *Isil*.

Isil No conto *A Vinda dos Elfos* (p. 145), Inwë é chamado de *Isil Inwë* e, no LG, a forma gnômica correspondente de *Isil* é *Githil* (ao nome de seu filho, *Githilma*, corresponde o qenya *Isilmo*). No LQ há uma raiz ISI (*iska* "pálido", *is* "neve suave"), cujo equivalente gnômico é dado como *ith-* ou *gith-*; o LG possui uma palavra *ith* "neve fina".

Kalaventë Ver *Galmir*, *Glorvent*.

Kalormë Aparece no LQ em meio aos derivados da raiz KALA (ver *Galmir*), com o sentido de "crista do monte sobre o qual o Sol se levanta". *Ormë* = "topo, crista", de uma raiz ORO, com um sentido básico, aparentemente, de "erguer": *or* "sobre", *oro* "colina", *oro-* "erguer(-se)", *orto-* "levantar", *oronta* "íngreme", *orosta* "ascensão" etc.; gnômico *or* "sobre, em cima de", *orod*, *ort* "montanha", *orm* "teso, cimo do monte", *oros*, *orost-* "subida, elevação". Ver *Oromë*, *Orossi*, *Tavrobel*.

Kapalinda (A nascente do rio no lugar para onde os Noldoli foram banidos em Valinor, p. 192). O LQ possui *kapalinda* "olho d'água" entre os derivados da raiz KAPA "saltitar, pular"; *linda* é obscuro.

Kaukareldar Sob a raiz KAWA “curvar-se, dobrar-se” no LQ, estão derivados *kauka* “torto, curvado”, *kauko* “corcunda”, *kawin* “eu me curvo”, *kaurë* “medo”, *kaurëa* “tímido”.

Kelusindi (O rio no lugar para onde os Noldoli foram banidos em Valinor, p. 192; no texto chamado de *Sirnúmen*). No LQ, sob a raiz KELE, KELU “fluir, escoar, gotejar” são incluídos muitos derivados, entre eles *kelusindi* “um rio”, também *kelu*, *kelumë* “riacho”, *kektelë* “fonte” (também na forma *ektelë*) etc. Para *-sindi*, ver *Sirion*.

Kémi O LQ traz *kemi* “terra, solo” e *kemen* “solo”, a partir da raiz KEME. O nome gnômico é *Címir*, = qen. *Kémi* “Mãe Terra”. Há também uma palavra gnômica *grosgen* “solo”, da qual se diz que *-gen* = qen. *kémi*.

Koivië-néni “Águas do Despertar”. No LQ, sob a raiz KOYO “ter vida”, estão os derivados *koi*, *koirë* “vida”, *koitë* “ser vivo”, *koina*, *koirëa* “vivo”, *koiva* “desperto”, *koivië* “despertar”. No LG estão *cuil* “vida”, *cuith* “vida, corpo vivo” etc.; *cwiv-* “estar desperto”, *cwivra-* “despertar (verbo)”, *cuivros* “despertar (substantivo)”: *Nenin a Gwivros* “Águas do Despertar”. Para *-néni*, *Nenin*, ver *Neni Erúmëar*.

Kópas O LQ traz *kópa* “ancoradouro, porto”, a única palavra dada sob a raiz KOPO “manter, guardar”. O LG possui *gobos* “porto”, com uma referência ao qen. *kópa*, *kópas*; também *gob* “concha da mão”, *gobli* “vale”.

Kôr No LQ, esse nome aparece sob a raiz KORO “reverenciar?”, com a nota “a antiga cidade construída acima das rochas de Eldamar, de onde as fadas marcharam para o mundo”; também colocado aí estão *korda* “templo”, *kordon* “ídolo”. A forma gnômica é aqui dada como *Côr*, mas no LG, *Côr* (“a colina das fadas e a cidade ali, perto das

praias da Baía de Feéria”) foi substituída por *Gwâr*, *Goros* “= qen. *Kôr*, a cidade no monte redondo”. Essa interpretação do nome *Kôr* claramente substitui a do LQ, que pertence à mais antiga camada de verbetes. Ver *korin*, adiante.

korin Ver *Kôr*. No LQ, há uma segunda raiz KORO (distinta daquela que originou *Kôr*); essa tem o sentido de “ser redondo, rolar”, e possui derivados tais como *korima* “redondo”, *kornë* “filão”, também *korin* “um local circular cercado, especialmente no cimo de uma colina”. Ao mesmo tempo em que *Côr* foi substituído por *Gwâr*, *Goros* no LG, a palavra *gorin* (*gwarin*) “círculo de árvores = qen. *korin*” foi adicionada, e todas essas formas derivam da mesma raiz (*gwas-* ou *gor-* < *guor* = qen. *kor-*), que parece significar “rotundidade”; assim, no conto da *Vinda dos Elfos*, “os Deuses chamavam aquela colina de Kôr em virtude de sua rotundidade e lisura” (p. 152).

Koromas Um verbete separado e antigo no LQ define *Kormas* (a forma no texto antes da emenda para *Koromas*, p. 34) assim: “a nova capital das fadas após sua retirada do mundo hostil para Tol Eressëa, agora Inwinórë. Foi nomeada em memória de Kôr e, por causa de sua grande torre, também era chamada de *Kortirion*”. Para *-mas*, ver *Eldamar*.

Kortirion A palavra *Tirion* “uma torre pujante, uma cidade num monte” é dada no LQ sob a raiz TIRI “sobressair”, com *tinda* “espigão”, *tirin* “torre alta”, *tirios* “uma cidade com muros e torres”. Há também outra raiz TIRI, que difere na natureza da consoante medial, com o significado de “vigiar, guardar, fitar, olhar, observar”, donde *tiris* “guarda, vigia” etc. No LG há *tir-* “acautelar(-se), aguardar”, *tirin* (forma poética *tirion*) “torre de vigia, torrela”, *Tirimbrithla* “a Torre de Pérola” (ver *Silmarilli*).

Kosomot Filho de Melko (ver aqui). Com um segundo elemento distinto, *Kosomoko* é o nome encontrado no LQ sob a raiz MOKO “odiar” (*mokir* “eu odeio”), e a forma gnômica correspondente é, ali, *Gothmog*. O primeiro elemento vem da raiz KOSO, “contender, lutar”, em gnômico *goth* “guerra, contenda”, com muitas palavras derivadas.

Kulullin O nome não está entre os derivados de KULU “ouro” no LQ, e não aparece com as palavras gnômicas (majoritariamente nomes do Sol) que contêm *culu* no LG. Para o significado de *culu* em gnômico, ver *Ilsaluntë*.

Laisi Ver *Tári-Laisi*.

Laurelin O LQ possui *laurë* “ouro (praticamente o mesmo que *kulu*)”, *laurina* “dourado”. *laurë* é o *l* final de *tilkal* (p. 127, onde se diz que é o nome “mágico” do ouro, assim como *ilsa* é da prata). As palavras gnômicas são *glôr* “ouro”, *glôrin*, *glôriol* “dourado”, mas o LG não inclui nomes da Árvore Dourada. Ver *Bráglorin*, *Glorvent*.

limpë *limpë* “bebida das fadas” aparece no LQ sob a raiz LIPI, com *lipte-* “gotejar”, *liptë* “uma gotinha”, *lipil* “copo pequeno”. Formas correspondentes no LG são *limp* ou *limpelis* “a bebida das fadas”, *lib-* “gotejar”, *lib* “uma gota”, *libli* “copo pequeno”.

Lindeloksë Em uma ocorrência nos textos, é uma emenda de *Lindeloktë*, e ela mesma emendada para *Lindelos* (p. 34). Em outras ocorrências, uma emenda de *Lindelótë* que permaneceu (pp. 101, 162). Ver *Lindelos*.

Lindelos *Linde-* é um dos muitos derivados da raiz LIRI “cantar”, como *lin* “melodia”, *lindelë* “canção, música”, *lindelëa* “melodioso”, *lirit* “poema”, *lirilla* “lai, canção” (ver o *tirípti lirilla* de Rúmil, p. 65), e o nome do Vala *Lirillo*. O LG traz *lir-* “cantar” e *glîr*

"canção, poema". *Lindelos* não aparece no LQ, o qual inclui o nome rejeitado no texto, *Lindeloktë* (p. 34), aqui traduzido como "racimo cantante, laburno".

Loktë "inflorescência (de flores em pencas ou cachos)" é derivado de uma raiz LOHO, com *lokta-* "germinar, produzir folhas ou flores". Diz-se que é uma forma estendida da raiz OLO "ponta", donde *olë* "três", *olma* "nove", *ólemë* "cotovelo". Outra forma estendida dessa raiz é LO'O, da qual derivam *lótë* "uma flor" (e *-lot* "a forma comum em palavras compostas") e muitas outras palavras; ver *Lindelótë*, outro nome rejeitado da Árvore Dourada (pp. 101, 162), *Wingilot*. Para palavras gnômicas, ver *Gar Lossion*. Nenhum nome gnômico da Árvore Dourada se encontra no LG, mas era, na verdade, *Glingol* (que originalmente aparecia no texto, ver p. 34); o LG possui *glin* "som, voz, expressão" (também *lin* "som"), com a nota de que *-glin*, *-grin* é um sufixo nos nomes de idiomas, como *goldogrin* "gnômico".

Lirillo (Um nome de Salmar-Noldorin, p. 190). Ver *Lindelos*.

Lómëarni (Um nome dos Elfos Escuros, p. 295, nota 6). Ver *Hisilómë*.

Lomendánar "Dias de Ocaso" (p. 90). Ver *Hisilómë*, *Danuin*.

Lórien Um derivado da raiz LORO "dormir", com *lor-* "dormir", *lorda* "sonolento, soporoso"; também *olor*, *olórë* "sonho", *olórëa* "sonhador". (Para formulações de palavras muito posteriores a partir dessa raiz, incluindo *Olórin* (Gandalf), ver *Contos Inacabados*, pp. 524–5). No LG há *lûr* "sono", *Lúriel* alterado para *Lúrin* = qenya *Lórien*, e também *olm*, *oloth*, *olor* "sonho, aparição, visão", *oltha* "surgir na forma de uma aparição". Ver *Eriol*, *Olofantur*, *Olórë Mallë*.

Lúmin (Nome rejeitado de Aluin “Tempo”, p. 267). O LG possui *lûm* “tempo”, *luin* “ido, passado”, *lu* “ocasião, tempo”, *lûtha-* “passar (tempo), vir a passar”. *Aluin* talvez faça parte desse grupo.

Luvier Traduzi essa palavra no desenho do “Navio do Mundo” como “Nuvens” (p. 109) baseando-me em palavras do LQ derivadas da raiz LUVU: *luvu-* “baixar, descer”, *lumbo* “nuvem escura que desce”, *lúrë* “tempo (clima) escuro”, *lúrëa* “escuro, encoberto”. O LG possui *lum* “nuvem”, *lumbri* “tempo (clima) ruim”, *lumbrin*, *lumba* “encoberto”, *lur-* “suspender, baixar (nuvens)”.

Makar Aparece no LQ (“Deus da batalha”) sob a raiz MAKA, com *mak-* “assassinar”, *makil* “espada”. Seu nome gnômico é *Magron* ou *Magorn*, com palavras relacionadas *mactha-* “assassinar”, *macha* “matança, batalha”, *magli* “uma grande espada”. Ver *Meássë*.

Na lista de nomes dos Valar, Makar é também chamado de *Ramandor*. Esse era o nome original do Rei das Águias em *A Queda de Gondolin*, substituído por *Sorontur*. No LQ, sob a raiz RAMA (*rama-* “gritar”, *rambë* “um grito”, *ran* “barulho”), *Ramandor* é traduzido como “o Gritador, = Makar”.

Mandos Esse nome é definido no LQ como “os salões de Vê e Fui (inferno)”, e uma comparação é feita com *-mandu* em *Angamandu* “Infernos de Ferro”. No LG há o seguinte verbete: “*Bandoth* [posteriormente alterado para *Bannoth*] (ver *Angband*) = *Mandos* (1) a região de espera das almas dos mortos (2) o Deus que julgava os Elfos e Gnomos mortos (3) usado de maneira inapropriada exclusivamente para seu salão, corretamente chamado *Gwê* [alterado para *Gwî*] ou *Ingwi*”. Para a distinção entre a região de *Mandos*, na qual

moravam os deuses da morte, e seus salões *Vê* e *Fui*, ver pp. 104, 115

Mánir Não consta no LQ; mas o LG possui "*móna* ou *móni*: os espíritos do ar, filhos de Manweg". Relações adicionais estão indicadas nos seguintes verbetes: "*manos* (plural *manossin*): um espírito que partiu para os Valar ou para Erumáni (Edhofon). Ver *móna*, qen. *mánë*". Ver *Eruman* e p. 116 e seguintes. Outras palavras são *mani* "bom (apenas para pessoas e caráter), sagrado" (LQ *manë* "bom (moral)"), *mandra* "nobre", e *Manweg* (qen. *Manwë*).

Manwë Ver *Mánir*. Os nomes gnômicos são *Man* e *Manweg* (para *-weg*, ver *Bronweg*).

Mar Vanwa Tyaliéva Para *Mar*, ver *Eldamar*, e para *Vanwa*, ver *Qalvanda*. *Tyalië* "brincadeira, jogo" é um verbete isolado no LQ sob a raiz TYALA.

Meássë Um verbete apressado e tardio no LQ acrescenta *Meássë* "irmã de Makar, Amazona com braços sangrentos" à raiz MEHE "escorrer?", donde *mear* "sangue coagulado". No LG, ela é *Mechos* e *Mechothli* (*mechor* "sangue coagulado"), e também chamada de *Magrintha* "a manirrubra" (*magru* = *macha* "matança, batalha", *magrusaig* "sedento de sangue"). Na lista de nomes dos Valar, é chamada *Rávë* ou *Ravenni*; no LQ, a raiz RAVA possui muitos derivados, como *rauta-* "caçar", *raust* "caçada, predação", *Raustar*, um nome de Oromë, *rau* (plural *rávi*) "leão", *ravennë* "leoa", *Rávi*, um nome de Meássë. Formas muito semelhantes são incluídas no LG: *rau* "leão", *rausta* "caçar", *raust* "caçada".

Melko O nome foi inserido no LQ, mas sem afinidade etimológica. No LG, o nome correspondente é *Belca*, alterado para *Belcha*, com uma nota direcionando para o qenya *velka* "chama". Na lista

de nomes dos Valar, é chamado *Yelur* (raiz DYELE, donde o qenya *yelwa* “frio”, *Yelin* “inverno”); a forma gnômica é *Geluim*, *Gieluim*, “nome de Belcha quando exercia suas funções antagônicas de extremo frio, qen. *Yeloimu*”, ver *Gilim* “inverno”. Melko é também chamado, na lista de nomes, de *Ulban*(*d*), o que se encontra no LQ glosado como “monstro”, sob um prefixo de negação UL-; seu filho Kosomot (Gothmog) era “de Ulbandi” (p. 119). Outros nomes para ele em gnômico são *Uduvrin* (ver *Utumna*) e *Angainos* (ver *Angaino*).

Meril-i-Turinqi *Meril* não consta no LQ, mas *turinqi* “rainha” aparece com muitos outros derivados da raiz TURU “ser forte”, incluindo *Turambar* (*Turumarto*) e *tur* “rei”. No LG há *tur-* “conseguir, ter o poder de”, *tûr* “rei”, *turwin* “rainha”, *turm* “autoridade, governo; força”. *turinthi* “princesa, especialmente como título de Guwidhil”. Ver *Sorontur*, *Valatúru*. *Tuor*.

Há também acréscimos posteriores no LG: “*Gwidhil-i-Durinthi = Meril-i-Turinqi* Rainha das Flores”; *gwethra* “florir, florescer”; e o radical *gwedh-* é comparado aqui ao qenya *mer-*, que não consta no LQ.

Minethlos No LG *min* “um, único”, *mindon* “torre, propriamente uma torrela ou pico isolado”, *mineth* “ilha”, *Minethlos* “Ilha Argêntea (Lua)” — a mesma tradução é dada no texto, p. 232. Sob a raiz MĪ, o LQ possui *mir* “um”, *minqë* “onze”; e sob a raiz MINI, *mindon* “torrela”. O segundo elemento de *Minethlos* deve ser, na verdade, *lôs* “flor” (ver *Gar Lossion*).

Miruvor LQ *miruvórë* “néctar, bebida dos Valar” (ver aqui), com *miru* “vinho”; LG *mirofor* (ou *gurmir*) “bebida dos Deuses”, *mîr*, *miros* “vinho”.

Moritarnon “Porta da Noite” (ver *Mornië*). O LG inclui *tarn* “portão”, *tarnon* “guarda-porta”. Ver *Tarn Fui*.

Mornië Não consta no LQ, mas é um dos muitos derivados da raiz MORO, como *moru-* “esconder”, *mori* “noite”, *morna*, *morqa* “preto”, *morion* “filho da escuridão”. (Um item curioso é *Morwen* “filha da escuridão”, Júpiter. No conto original de Túrin, sua mãe não se chamava Morwen). O nome gnômico do navio-da-morte é *Mornir*, um acréscimo posterior aos verbetes originais *morn* “escuro, preto”, *morth* “escuridão”, *mortha* “turvo”, com a nota “o navio negro que navega entre Mandos e Erumáni, qen. *Mornië* (Negro Pesar)”. O segundo elemento é, portanto, *nîr* “pesar” (< *niēr-*), do qual se diz que o qenya *nyérë* é o correspondente. Ver *Moritarnon*, *Móru*, *Morwinyon*.

Móru O LG, em um acréscimo posterior, inclui *Muru* “um nome da Noite Primeva, personificada como Gwerlum ou Gungliont”, daí minha interpretação, no texto, como *Móru* e não *Morn* (p. 186). Em meio aos verbetes originais no LG está *múri* “escuridão, noite”. Ver *Mornië*.

Morwinyon O nome da estrela Arcturo é traduzido no texto (p. 220) como “o lampejo no ocaso”, e o LQ, colocando-a sob a raiz MORO (ver *Mornië*), a traduz como “lampejo no escuro”. O LQ possui uma raiz GWINI com a palavra derivada *wintil* “um lampejo”.

O nome gnômico é *Morwinthi*; presumivelmente relacionados são *gwim*, *gwinc* “centelha, lampejo”, *gwimla* “piscadela, bruxuleio”.

Murmenalda Traduzido no texto como “Vale do Sono”, “o Vale Soporoso” (pp. 279–80, 283). O LQ, sob a raiz MURU, inclui *muru-* “dormir”, *murmë* “sono”, *murmëa* “sonolento, soporoso”. O segundo elemento vem da raiz NḶDḶ, da qual os derivados no LQ são *nal*(*lë*) “vale”, e *nalda* “cavo”, usado como adjetivo. Em gnômico ocorrem *nal* “vale”, *nal*

“abaixo, para baixo”, *nalos* “afundamento, pôr, declive”, *Nalosaura* “pôr do sol” etc. Ver *Murmuran*.

Murmuran Ver *Murmenalda*. O LG inclui a forma gnômica correspondente ao qenya *Murmuran* como *Mormaurien* “morada de Lúriel”, mas essa parece ter etimologia distinta: ver *Malmaurien* = *Olórë Mallë*, a Trilha dos Sonhos, *maur* “sonho, visão”.

Nandini Em um papel isolado que inclui uma lista dos diferentes clãs de “fatas”, *Nandini* são “fatas dos vales”. O LQ inclui uma raiz NARA com derivados *nan*(*d*) “bosque”, *nandin* “dríade”; O LG possui *nandir* “fata do campo, qen. *nandin*”, juntamente com *nand* “campo, campina” (plural *nandin* “os campos”), *nandor* “fazendeiro” etc.

Nauglath O LG inclui as seguintes palavras: *naug* e *naugli* “anão”, *naugla* “dos anãos”, *nauglafel* “com a natureza dos anãos, isto é, sovina, avarento” (ver aqui). O LQ não possui nenhuma correspondência, mas, no LG, diz-se que o equivalente de *naug* é *nauka*.

Neni Erúmëar (No desenho do “Navio do Mundo”, onde eu traduzi como “Águas Extremas”, p. 109). O LQ, sob a raiz NENE “fluir”, possui *nen* “rio, água”, e a mesma forma ocorre em gnômico. *Erúmëa* “de fora, extremo” consta no LQ como derivado de ERE “fora”, como em *Eruman*. Ver *Koivië-néni*.

Nermir Na lista de fatas mencionada em *Nandini*, *Nermir* são “fatas dos prados”. O LQ possui um verbete isolado *Nermi* “um espírito do campo”, e o LG possui *Nermil* “um fata que habita pradarias e margens de rios”.

Nessa Esse nome não aparece nos dicionários. — Na lista de nomes dos Valar, é chamada *Helinyetillë* e *Melesta*. No LQ, em meio a verbetes muito antigos, *helin* é o nome da flor violeta ou amor-perfeito, e

Helinyetillë está glosado como “Eyes of Heartsease” (que é um dos nomes em inglês do amor-perfeito);[e] compare com *yéta* “olhar para”. Mas, no LQ, esse é um nome de Erinti. No começo houve, claramente, muitas alterações entre as deusas da Primavera, na atribuição de nomes e papéis (ver *Erinti*). *Melesta* é, sem dúvida, derivado da raiz MELE “amor” (*meles*(*së*) “amor”, *melwa* “amável” etc.; gnômico *mel-* “amar”, *meleth* “amor”, *melon*, *meltha* “amado” etc.).

Nielíqui No LQ, esse nome (*Nieliqi*, também *Nielikki*, *Nyelikki*) é derivado da raiz NYEHE “chorar” (ver *Nienna*). Onde suas lágrimas caíam (*nieninqë*, literalmente “lágrima branca”), flocos de neve surgiam. Ver o poema *Nieninqë* em *The Monsters and the Critics and Other Essays* [Os Monstros e os Críticos e Outros Ensaios], de J.R.R. Tolkien, 1983, p. 215. Para *ninqë*, ver *Taniquetil*.

O segundo elemento de *Nielíqui* é, presumivelmente, derivado da raiz LIQI, donde *linqë* “água”, *liqin* “molhado”, *liqis* “transparência” etc. (ver *Ulmo*).

Nielluin Esse nome da estrela Sírio está traduzido no texto (p. 220) como “a Abelha Azurina” (ver *Ingil*). O primeiro elemento vem da raiz NEHE, donde *nektë* “mel”, *nier* (< *neier* < *neχier*) “abelha-de-mel”, *nierwes* “colmeia”. O nome de Sírio é dado no LQ como *Niellúnë* ou *Nierninwa*; tanto *ninwa* quanto *lúnë* são palavras em qenya com o significado de “azul”. Em gnômico, o nome da estrela é *Niothluimi* = qenya *Nielluin*: *nio*, *nios* “abelha” e muitas palavras relacionadas, *luim* “azul”.

Nienna No LQ, *Nyenna*, a deusa, aparece sob a raiz NYE(NE) “balir”, donde *nyéni* “cabra”, *nyéna-* “lamentar” etc.; mas há uma nota “ou todos da raiz NYEHE”. Essa raiz significa “chorar”: *nië* “lágrima”

(ver *Nielíqui*), *nyenyë* “choro”. No LG, as formas do nome são *Nenni*(*r*), *Nenir*, *Ninir*, sem que sejam fornecidas conexões etimológicas, mas compare com *nîn* “lágrima”.

Noldoli A raiz NOL “saber”, no LQ, possui os derivados *Noldo* “Gnomo” e *Noldorinwa* como adjetivo, *Noldomar* “terra dos Gnomos” e *Noldorin* “que morou um tempo em Noldomar e trouxe os Gnomos de volta a Inwenórë”. Parece que *Noldomar* é o nome para as Grandes Terras. Mas é muito curioso que nesses verbetes, que estão entre os mais antigos, “Gnomo” seja uma emenda de “Gobelim”; ver o poema *Pés de Gobelim* (1915) e o título em inglês antigo *Cumaþ Þá Nihtielfas* (p. 46).

Em gnômico, “Gnomo” é *Golda* (“isto é, sábio”); *Goldothrim* “o povo dos Gnomos”, *goldogrin* é seu idioma, *Goldobar*, *Goldomar* “terra dos Gnomos”. O equivalente de *Noldorin* no LG é *Goldriel*, forma que antecedeu *Golthadriel* no texto, até que ambas foram riscadas (p. 34). Ver *Nólemë*.

Noldorin Ver *Noldoli*.

Nólemë Aparece no LQ como substantivo comum, “saber profundo, sabedoria” (ver *Noldoli*). O nome gnômico de Finwë Nólemë, *Golfinweg* (p. 145), contém o mesmo elemento, assim como *Fingolma* também deve conter, sendo esse o nome que lhe é dado nos esboços do *Conto de Gilfanon* (pp. 278–80).

I Nori Landar (No desenho do “Navio do Mundo”, provavelmente significa “as Grandes Terras”, pp. 107–09). Para *nori*, ver *Valinor*. Nada similar a *landar* aparece no LQ; o LG inclui uma palavra *land* (*lann*), “amplo, largo”.

Nornorë No LQ, esse nome possui a forma *Nornoros* “arauto dos Deuses” e, juntamente com o verbo *nornoro-* “correr, correr suavemente”, é derivado

da raiz NORO “correr, galgar, rodar etc.”. O LG possui palavras similares, *nor-* “correr, rolar”, *norn* “roda”, *nûr* “suave, deslizante”. O nome correspondente ao qenya *Nornorë* é, aqui, *Drondor* “mensageiro dos Deuses” (*drond* “corrida, curso, trilha” e *drô* “rastro de roda, sulco”); *Drondor* foi, posteriormente, alterado para *Dronúrin* (< *Noronōr-*) e *drond* para *dronn*.

Númë (No desenho do “Navio do Mundo”). No LQ, *númë* “Oeste” deriva da raiz NUHU “curvar, dobrar, vergar, afundar”; outras palavras são *núta-* “dobrar, afundar”, *númeta-*, *numenda-* “abaixar (do Sol)”, *númëa* “no Oeste”. Gnômico *num-* “afundar, descer”, *númin* “no Oeste”, *Auranúmin* “pôr do sol”, *numbros* “inclinação, declive”, *nunthi* “para baixo”. Ver *Falassë Númëa*, *Faskala-númen*, *Sirnúmen*.

Núri Nome de Fui Nienna: “Núri, a que suspira”, p. 87. Aparece sem tradução no LQ, sob a raiz NURU, com *núru-* “uivar (de cães), rosnar”, *nur* “resmungo, reclamação”. Em gnômico, ela é *Nurnil*, com palavras associadas *nur-* “resmungar, rosnar”, *nurn* “lamento”, *nurna-* “gemer, lamentar”.

Ô (No desenho do “Navio do Mundo”: “o Mar”, pp. 108–09). Ver *Ónen*.

Oarni Ver *Ónen*.

Olofantur Ver *Lórien*, *Fanturi*.

Olórë Mallë Para *Olórë*, ver *Lórien*. *mallë* “rua” aparece no LQ sob a raiz MALA “esmagar” (ver *Balrog*); a forma gnômica é *mal* “caminho pavimentado, estrada”, e o equivalente de *Olórë Mallë* é *Malmaurien* (ver *Murmuran*).

Ónen A raiz ’O’O possui, no LQ, os derivados *Ô*, uma palavra poética para “o mar”, *oar* “filho do mar, criança-sereia”, *oaris* (*-ts*), *oarwen* “sereia, donzela-

do-mar” e *Ossë*; o nome *Ówen* (antecedente de *Ónen* no texto, pp. 81, 101) também aparece e evidentemente significa o mesmo que *oarwen* (para -*wen*, ver *Urwen*). A forma posterior *Uinen* nos Contos é, aparentemente, gnômica; LG *Únen* “Senhora do mar”, alterado depois para *Uinen*. Uma forma *Oinen* também ocorre (p. 254).

Na lista de nomes dos Valar, Ónen é chamada também de *Solórë* (ver *Solosimpi*) e *Ui Oarista*. Esse último aparece no LQ, com a definição de “Rainha das Sereias”, juntamente com *Uin* “a baleia primeva”; mas não está claro como esses nomes se relacionam a outros.

Orque LQ *ork* (*orq*-) “monstro, demônio”. LG *orc* “gobelim”, plural *orcin*, *orchoth* (*hoth* “gente, povo”), *hothri* “armada, exército”, *hothron* “capitão”).

Oromë No LQ, *Oromë* “filho de Aulë”, está colocado sob uma raiz ORO, que é distinta (ao que parece pela natureza da consoante) de ORO (com o sentido de “inclinação, elevação”) incluída em *Kalormë*; mas afirma-se que essas raízes são “muito confundidas”. A segunda raiz origina *órë* “a aurora, o Nascente, Leste”, *órëa* “da aurora, Oriental”, *orontë*, *oronto* “Nascente (do Sol)”, *osto* “os portões do Sol”, e *Ostor* “o Leste, o Sol quando irrompe dos brancos portões”. Nota-se que *Oromë* deveria, talvez, ser alocado sob a outra raiz, mas não há indicação de conexões com o nome. Em *A Ocultação de Valinor* (p. 258), Oromë tem um conhecimento particular do Leste do mundo. Seu nome gnômico é *Orma*; e, na lista de nomes dos Valar, também é chamado *Raustar*, para o qual, ver *Meássë*.

Oronto (No desenho do “Navio do Mundo”, é o “Leste”). Ver *Oromë*.

Orossi Na lista de fatas mencionada em *Nandini*, *Orossi* são “fatas das montanhas” e esse nome é, portanto, derivado da raiz ORO vista em *Kalormë*.

Ossë Ver *Ónen*. Seu nome gnômico é *Otha* ou *Oth*.

Palisor Ver *Palúrien*.

Palúrien Um verbete antigo no LQ inclui *Palurin* “o vasto mundo” sob a raiz PALA, cujos derivados têm um sentido geral em comum de “achatamento, nivelamento”, entre eles *palis* “relvado, gramado”, donde sem dúvida vem *Palisor*. No LG, o nome correspondente é *Belaurin*, *B*(*a*)*laurin*; mas ela também é chamada de *Bladorwen* “a vasta terra, o mundo e suas plantas e frutos, Mãe Terra” (palavras relacionadas são *blant* “plano, aberto, expansivo, cândido”, *blath* “chão”, *bladwen* “uma planície”). Ver *Yavanna*.

Poldórëa Não consta no LQ, mas o LG inclui várias formas correspondentes: *Polodweg* = Tulcus (*polod* “poder, força, autoridade”); *polodrin* “pujante, também na forma poética *Poldurin* ou *Poldorin*, especialmente usada como epíteto de Tulcus; qen. *Poldórëa*”.

Qalmë-Tári A raiz é QALA “morrer”, donde *qalmë* “morte”, *qalin* “morto” e outras palavras de mesmo sentido. *Tári* vem de TAHA: *tâ* “elevado”, *tára* “altaneiro”, *tári* “rainha” etc.; gnômico *dâ* “elevado”, *dara* “altaneiro”, *daroth* “topo, pico”. Ver *Taniquetil*.

Qalvanda “A Estrada da Morte” (p. 257). Ver *Qalmë-Tári*. O segundo elemento vem da raiz VAHA: donde *vâ*, tempo pretérito “foi”, *vand-* “caminho, trilha”, *vandl* “cajado”, *vanwa* “que partiu na estrada, passado, acabado, perdido” (como em *Mar Vanwa Tyaliéva*). Ver *Vansamírin*.

Qerkaringa O primeiro elemento é obscuro; para -*ringa*, ver *Ringil*.

Qorinómi Ver aqui. A raiz é QORO/QOSO, donde *qoro-* "asfixiar, sufocar", *qorin* "afogado, sufocado" etc.

Rána Não consta no LQ, mas o LG possui *Rân* "a Lua (qen. *Rána*)" e *ranoth* "mês" (*Ranoth* era um nome rejeitado antes de *Ranuin*, p. 277). No texto (p. 232), diz-se que foram os Deuses que deram o nome de *Rána* à Lua.

Ranuin Ver *Rána*.

Ringil O LQ inclui *ringa* "úmido, frio, gélido", *ringwë* "escarcha, geada", *rin* "orvalho"; LG *rî* "frio, gelado, uma brisa súbita ou aragem fria", e (um acréscimo posterior) *Ringli* "os frios árticos, o Polo Norte (ver o conto da Vinda dos Ainur)". Ver *Qerkaringa*.

Rúmil Esse nome não se encontra em nenhum dicionário, mas parece provável que esteja ligado a palavras incluídas no LG: *rû* e *rûm* "segredo, mistério", *ruim* "secreto, misterioso", *rui* "sussurro", *ruitha* "sussurrar".

Salmar O nome deve fazer parte dos derivados da raiz SALA: *salma* "lira", *salmë* "tocar de harpa" etc.

Samírien ("O Festival do Duplo Júbilo", pp. 176–77). Provavelmente deriva da raiz MIRI "sorrir"; *sa-* é descrito no LQ como um "prefixo de intensidade". Ver *Vansamírin*.

Sári Não consta em nenhum dicionário, mas no LQ a raiz SAHA/SAHYA origina *sâ* "fogo", *saiwa* "quente", *Sahóra* "o Sul"; o LG possui *sâ* "fogo" (forma poética *sai*), *sairin* "fogoso", *saiwen* "verão" e outras palavras.

Sil Sob a raiz SILI, o LQ inclui uma longa lista de palavras que começam com *Sil* "Lua" e todos têm significados de brancura ou luz branca, mas nem

Silpion e nem *Silmaril* ocorrem ali. No LG, *Sil* “propriamente = ‘Rosa de Silpion’, ver Conto da Feitura do Sol e da Lua, mas com frequência usado poeticamente = Toda a Lua ou Rân”. Nesse conto (p. 232), diz-se que as fadas chamaram a Lua de “Sil, a Rosa” (inicialmente, “a rosa prateada”).

Silindrin O “Caldeirão-da-Lua” não aparece em nenhum dicionário; a forma mais parecida é *Silindo*, no LQ, um nome de Júpiter. Ver *Sil*.

Silmarilli Ver *Sil*. No LG, o equivalente do “qen. *Silmaril*” é *silubrill-* (*silum*(*b*)*aril-*), plural *silubrilthin* (que ocorre no texto, p. 159); um acréscimo posterior compara *brithla* “pérola”, qenya *marilla* (que não consta no LQ). A Torre de Pérola era chamada, em gnômico de *Tirimbrithla*.

Silmo Ver *Sil*. No LQ, *Silmo* é traduzido como “Lua” e, no LG, *Silma* é dado como o nome equivalente gnômico do qenya *Silmo*.

Silpion Ver *Sil*. Os nomes gnômicos são *Silpios* ou *Piosil*, mas nenhum significado é atribuído.

Silubrilthin Ver *Silmarilli*.

Sirion LQ raiz SIRI “fluir”, com derivados *sindi* “rio” (ver *Kelusindi*), *sírë* “riacho”, *sírima* “líquido, fluente”. No LG são fornecidos *sîr* “rio”, *siriol* “fluente”, e *Sirion* (palavra poética) “rio, propriamente o nome do famoso rio mágico que fluía por Garlisgion e Nantathrin” (*Garlisgion* “o Sítio de Juncos” sobreviveu em *Lisgardh* “a terra dos juncos nas Fozes do Sirion”, *Contos Inacabados*, p. 57). Ver *Sirnúmen* e o nome que ele substituiu, *Numessir*.

Sirnúmen Ver *Sirion*, *Númë*.

Solosimpi O LQ inclui *Solosimpë* “os Flautistas das Terras Costeiras”, do qual o primeiro elemento vem da raiz SOLO: *solmë* “onda”, *solor*, *solossë* “onda que se quebra, vaga” (ver *Solórë*, nome de Ónen), e o

segundo elemento vem de SIPI “assoviar, flautear”: *simpa*, *simpina* “flauta, flautim”, *simpisë* “flauteio”, *simpetar* “flautista”. No LG, o nome gnômico dos Solosimpi é *Thlossibin* ou *Thlossibrim*, de *thloss* “onda que se quebra”, com uma variante *Flossibrim*. Afirma-se que a palavra *floss* foi formada a partir de *thloss* por influência de *flass* “orla marítima, arrebentação; orla, margem, franja”.

Sorontur Derivado de uma raiz SORO “águia”: *sor*, *sornë* “águia”, *sornion* “ninho”, *Sorontur* “Rei das Águias”. Para *-tur*, ver *Meril-i-Turinqi*. As formas gnômicas são *thorn* “águia”, *throng* “(ninho), pináculo”, *Thorndor* e *Throndor* “Rei das Águias”.

Súlimo No LQ, sob três formas-raiz SUHYU, SUHU, SUFU “arejar, respirar, exalar, soprar” estão *sû* “barulho de vento”, *súlimë* “vento” e *Súlimi*, *-o* “Vali do Vento = Manwë e Varda”. Isso provavelmente quer dizer que Manwë era *Súlimo* e Varda, *Súlimi*, já que Varda é chamada de *Súlimi* na lista de nomes dos Valar; mas, no LG, afirma-se que Manwë e Varda eram chamados em conjunto de *i·Súlimi*. O LG possui *sû* “barulho de vento”, *súltha* “rajada (de vento)”, mas o nome-de-vento de Manwë é *Saulmoth* (*saul* “um grande vento”) que se afirma ser uma forma antiga do posterior *Solmoth*; e isso “= qen. *Súlimo*”.

Em gnômico, ele também é chamado de *Gwanweg* (*gwâ* “vento”, *gwam* “rajada de vento”), frequentemente combinado com *Man* (ver *Manwë*) como *Man ’Wanweg* = qen. *Manwë Súlimo*. A raiz GWĀ aparece no LQ: *wâ* “vento”, *wanwa* “grande vendaval”, *wanwavoitë* “ventoso”; e, na lista de nomes dos Valar, Manwë e Varda são chamados em conjunto de *Wanwavoisi*.

Súruli Ver *Súlimo*. *Súruli* não aparece no LQ, mas o LG possui *Sulus* (plurais *Sulussin* e *Suluthrim*) “um dos dois clãs de espíritos-do-ar de Manwë, qen. *Súru*, plural *Súruli*”.

Talka Marda Esse título de Aulë, traduzido no texto (p. 218) como “Ferreiro do Mundo”, não se encontra no LQ, mas o LG coloca “*Martaglos*, corretamente *Maltagros*, título de Óla, Ferreiro do Mundo” como equivalente do qenya *Talka Marwa*; também *tagros, taglos* “ferreiro”. Ele é chamado, ademais, de *Óla Mar*; e na lista de nomes dos Valar, de *Aulë Mar*. (Muito tempo depois, esse título de Aulë reapareceu. Em uma nota muito tardia, ele recebe o nome de *mbartanō* “artífice-do-mundo” > quenya *Martamo*, sindarin *Barthan*).

Taniquetil Sob a raiz TAHA (ver *Qalmë-Tári*), *Taniquetil* aparece no LQ com o significado de “altaneiro topo nevado”. O segundo elemento vem da raiz NIQI (*ninqë* “branco”, *niqis* “neve”, *niqetil* “topo nevado”; ver *nieninqë* “lágrima branca” (floco de neve) no verbete *Níeliqui*).

A forma gnômica é *Danigwethil* (*dâ* “elevado”), mas o segundo elemento parece ser diferente, já que o LG inclui uma palavra *nigweth* “tempestade (propriamente de neve, mas esse sentido desapareceu)”.

Tanyasalpë Traduzido no texto como “a malga de fogo” (p. 285). *salpa* “malga, vasilha” aparece no LQ sob uma raiz SḶPḶ, com *sulp-* “lamber”, *salpa* “tomar um gole de”, *sulpa* “sopa”. *Tanya* não consta no LQ; o LG possui *tan* “lenha para fogueira”, *tantha-* “acender”, *tang* “chama, clarão” e *Tanfa* “o mais inferior de todos os ares, o ar quente dos locais profundos”.

Tári-Laisi Para *Tári*, ver *Qalmë-Tári*. No LQ, a raiz LAYA "estar vivo, florescer" possui os derivados *lairë* "pradaria", *laiqa* "verde", *laito* e *laisi*, ambos com o sentido de "juventude, vigor, vida nova". As palavras gnômicas são *laib* (também *glaib*) "verde", *laigos* "verdor = qen. *laiqassë*", *lair* (também *glair*) "pradaria". A seguinte nota é de grande interesse: "Note *Laigolas* = verde-folha [ver *Gar Lossion*], tornando-se arcaico porque a forma final virou *laib*, originando *Legolast*, isto é, olhar aguçado [*last* "olhar, olhadela", *leg*, *lêg* "agudo, penetrante"]. Mas talvez ambos fossem nomes seus, e os Gnomos deleitavam-se em dar dois nomes com sons semelhantes e significados dessemelhantes, como *Laigolas Legolast*, *Túrin Turambar* etc. *Legolas*, a forma comum, é uma confusão dos dois". (Legolas Verdefolha aparece no conto *A Queda de Gondolin*; era um Elfo de Gondolin e, dotado de visão noturna, liderou os fugitivos da cidade pela planície no escuro. Uma nota associada ao conto diz que "ainda vive em Tol Eressëa, lá chamado pelos Eldar de *Laiqalassë*").

Tarn Fui Ver *Moritarnon*, *Fui*.

Tavari Na lista de fatas mencionada em *Nandini*, *Tavari* são "fatas dos bosques". No LQ, *tavar* (*tavarni*) "espíritos-do-vale" deriva de uma raiz TAVA, donde também *tauno* "floresta", *taulë* "grande árvore", *tavas* "bosque". O LG possui *tavor* "um fata-do-bosque", *taur*, *tavros* "floresta" (*Tavros* é também um nome próprio, "fata-do-bosque chefe, o Espírito Azul dos Bosques". Posteriormente, *Tavros* tornou-se um nome de Oromë, e pela forma *Tauros* chegou a *Tauron* em *O Silmarillion*).

Tavrobel Aparece no LG com a tradução de "lar da floresta" (ver *Tavari*). Afirma-se que o elemento *pel* é "comum apenas em topônimos tais como

Tavrobel” e significa “vilarejo, aldeia”. Em uma nota separada, em outro lugar, um nome adicional gnômico é dado, *Tavrost*, e nomes em qenya *Tavaros*(*së*), *Taurossë*. *Tavrost* evidentemente contém *rost* “aclive, encosta, subida”, com as palavras associadas *rosta* “subida” (*Rost’aura* “nascer do Sol”), *ront* “alto, íngreme” atribuído a um radical *rō*-, *oro*-. Essas são variantes etimológicas de palavras incluídas em *Kalormë*.

Telelli Esse termo, que ocorre apenas uma vez nos Contos (p. 30) é obscuro. Em verbetes antigos do LQ, um complexo de palavras é dado, todas significando “pequeno elfo”: elas incluem *Teler* e *Telellë*, e os adjetivos *telerëa* e *telella*. Não há indicação de qualquer distinção entre elas. Uma nota isolada afirma que Elfos jovens de todos os clãs que moravam em Kôr para aperfeiçoar suas artes de canção e poesia eram chamados de *Telelli*; mas, em outro lugar, *telellin*, um dialeto, parece ser usado em lugar de *telerin*. Ver *Teleri*.

Teleri Ver *Telelli*. No LG aparece *Tilith* “um elfo, um membro da primeira das três tribos das fadas ou Eldar; plural *Tilthin*”. O significado posterior de *Teleri*, quando se tornou o nome da Terceira Tribo, já estava potencialmente ali: o LQ fornece uma raiz TEL+U com derivados *telu*- “finalizar, terminar”, *telu* (substantivo), *telwa* “último, tardio”, com a indicação de que era, talvez, uma extensão da raiz TELE “cobrir, telhar” (ver *Telimektar*). No LG, esses significados “telhar — fechar — finalizar” são expressamente atribuídos à raiz TEL-: *telm* “telhado, céu”, *teloth* “telhadura, dossel, abrigo”, *telu*- “fechar, terminar, finalizar”, *telu* “fim”.

Telimektar No LQ, *Telimektar*, *Telimbektar* está glosado como “Órion, literalmente Espadachim do Firmamento”, e aparece sob a raiz TELE “cobrir,

telhar”, juntamente com *tel* “telhado”, *telda* “que tem um telhado”, *telimbo* “dossel; céu” etc. - *mektar* provavelmente deriva da raiz MAKA, ver *Makar*. A forma gnômica é *Telumaithar*.

Na lista de nomes dos Valar, também é chamado de *Taimondo*. Há notas substanciais sobre esse nome em ambos os dicionários que parecem ter sido inseridas ao mesmo tempo. No LQ, *Taimondo* e *Taimordo*, nomes de Telimektar, juntamente com *Taimë*, *Taimië* “o céu”, foram colocados sob a raiz TAHA (ver *Qalmë-Tári*). O equivalente gnômico é *Daimord* (*dai*, *daimoth* “céu, firmamento”) que aparece também no LG, no verbete a respeito do filho de Inwë, Ingil (Gil, Sírio): ele se alçou aos céus à semelhança de uma grande abelha e “seguiu Daimord” (ver *Ingil*). Mas a palavra *mordo* “guerreiro, herói” em qenya era, na verdade, um empréstimo do gnômico *mord*, e o verdadeiro equivalente em qenya para *mord* era *mavar* “pastor” — sendo esse também o significado original da palavra gnômica, que desenvolveu os sentidos de “homem, guerreiro” pelo uso em poesia após ter se tornado obsoleta em prosa e na fala. Assim, *Daimord* significava, originalmente, “Pastor do Céu”, assim como o nome qenya original *Taimavar*, alterado pela influência do nome gnômico para *Taimondo*, *Taimordo*.

Telimpë Não consta no LQ na raiz TELPE, que possui, contudo, *telempë* = *telpë* “prata”. Palavras gnômicas são *celeb* “prata”, *celebrin* “de prata”, *Celebron*, *Celioth*, nomes da Lua. Ver *Ilsaluntë*.

Tevildo Aparece no LQ sob a raiz TEFE (com derivados *teve-* “odiar”, *tevin*, *tevië* “ódio”) e explicado como “Príncipe dos Gatos” (ver aqui). A forma gnômica é *Tifil*, “Príncipe dos Gatos”.

Tilkal Um nome criado com os sons iniciais de seis nomes de metais (ver p. 127 e nota de rodapé). Para *tambë* “cobre”, ver *Aulë*, e para *ilsa* “prata”,

ver *Ilsaluntë*. *Latúken* “estanho” aparece em um verbete separado no LQ, com *latukenda* “de estanho”; a forma gnômica é *ladog*. *Kanu* “chumbo”, *kanuva* “plúmbeo” constam sob uma raiz KANA no LQ. Para *anga* “ferro” ver *Angamandi* e para *laurë* “ouro” ver *Laurelin*.

Timpinen O nome aparece no LQ como único derivado de uma raiz TIFI, mas, na raiz TIPI constam *timpë* “chuva fina”, *timpinë* “borrifo” etc. Ver *Tinfang*.

Tinfang O verbete no LG é: “*Tinfing* ou *Tinfang* o flautista (cognominado *Gwarbilin* ou Guardião-dos-pássaros), um fata; ver qen. *timpinen* um flautista (*Timpando*, *Varavilindo*)”. Outras palavras gnômicas são *tif-* “assoviar”, *timpa-* “badalar, tinir”, *timpi* “sininho”, *timp* “pio, nota de uma flauta”, *tifin* “flautim”. O primeiro elemento em *Gwarbilin* é visto também em *Amon Gwareth*, o “Monte de Vigia”, que ocorre no conto da *Queda de Gondolin*. O segundo é *bilin*(*c*) “pardal, passarinho”.

Tinwë Linto, Tinwelint O LG possui: “*Tinweg* (também *Lintinweg*) e, mais comumente, *Tinwelint* = qen. *Tinwë Linto*; originalmente, líder dos Solosimpi (posteriormente liderados por Ellu), mas tornou-se Rei dos Elfos Perdidos de Artanor”. O primeiro elemento do nome vem de TIN-, com derivados tais como *tim* “centelha, brilho, (estrela)”, *tintiltha-* “piscar, cintilar”, *tinwithli* “aglomerado-d’estrelas, constelação”. O segundo elemento é possivelmente o gnômico *lint* “ligeiro, ágil, leve” — mencionado por meu pai em seu ensaio “A Secret Vice” [Um Vício Secreto] (*The Monsters and the Critics and Other Essays* [Os Monstros e os Críticos e Outros Ensaios], 1983, p. 205) como uma palavra que ele lembrava de um estágio muito inicial de suas construções

linguísticas. O nome não está no LQ nem na forma mais antiga (*Linwë Tinto*, p. 163) e nem na mais recente, mas sob a raiz TINI estão *tinwë* “estrela”, *tint* “faísca (prateada)” etc., e também *lintitinwë* “com muitas estrelas”, sendo que o primeiro elemento é um prefixo multiplicativo *li-*, *lin-*. Ver *Tinwetári*.

Tinwetári “Rainha das Estrelas”. Para os elementos desse nome, ver *Tinwë Linto*, *Qalmë-Tári*. O nome gnômico correspondente é *Tinturwin*, com um segundo elemento diferente (ver *Meril-i-Turinqi*). Varda é também chamada de *Timbridhil*, *Timfiril*, com o mesmo elemento inicial (*Bridhil* é o nome gnômico de Varda) e *Gailbridh*(*n*)*ir*, que contém *gail* “estrela” (correspondente ao qenya *ílë* em *Ílivarda*, não encontrado no LQ).

Tol Eressëa Sob a raiz TOLO, o LQ possui os derivados *tol* “ilha; qualquer elevação isolada na água, numa planície relvada etc.”, *tolmen* “bossa (de escudo), monte circular isolado etc.”, *tolos* “protuberância, calombo”, *tólë* “centro” e outras palavras. O LG inclui *tol* “uma ilha com costas íngremes e elevadas”.

Eressëa aparece no LQ sob a raiz ERE (distinta da que se vê em *Eruman*) “permanecer só”: *er* “apenas, só, ainda”, *eressë* “unicamente, somente”, *eressëa* “solitário”, *erda* “sozinho, deserto”, *erin* “remanescentes”. Em gnômico, a Ilha Solitária é *Tol Erethrin* (*er* “um”, *ereth* “solidão”, *erethrin* “sozinho, solitário” etc.).

Tolli Kuruvar (No desenho do “Navio do Mundo”, as “Ilhas Mágicas”, pp. 107–09). Para *Tolli*, ver *Tol Eressëa*. O LQ possui um grupo *kuru* “magia, feitiçaria”, *kuruvar* “mago”, *kuruni* “bruxa”, com uma nota: “de magia benévola”. O LG possui *curu* “magia”, *curug* “mago”, *curus* “bruxa”.

Tombo *Tombo* “gongo” deriva no LQ de uma raiz TUMU “inchar (com uma noção de concavidade)”, junto com *tumbë* “trompa”, *tumbo* “vale escuro”, *tumna* “fundo, profundo, sombrio ou oculto” (ver *Utumna*). Palavras em gnômico são *tûm* “vale”, *tum* “côncavo”, *tumli* “vale”, *tumbol* “como um vale, côncavo”, *tumla-* “escavar”.

Tuilérë LQ raiz TUYU: *tuilë* “Primavera, literalmente brotação — também coletivamente: botões, rebentos novos, verde fresco”, *Tuilérë* “Primavera” e várias outras palavras como *tuilindo* “(cantor-da-primavera), andorinha”. Formas gnômicas são *tuil*, *tuilir* “Primavera” (com a nota de que *Tuilir* = Vána); mas Vána também é chamada *Hairen* “Primavera”, presumivelmente relacionado a *hair* “pontual, tempestivo”, *hai* “pontualmente”, *haidri* “manhã”.

Tuivána Ver *Tuilérë*, *Vána*.

tulielto, etc. *Tulielto* está traduzido como “eles vieram” (p. 143) e *I·Eldar tulier* “os Eldar chegaram” (*ibid*.); *I·kal’ antúlien* está traduzido como “a Luz retornou” (p. 223). O LQ, sob a raiz TULU “buscar, trazer, carregar; mover, vir, chegar” possui o verbo *tulu-* de mesmo significado, e também *tulwë* “pilar, estandarte, mastro”, *tulma* “féretro”. O LG possui *tul-* “trazer; chegar”, *tultha-* “erguer, carregar”.

Tulkas O LQ fornece o nome sob a raiz TULUK, com *tulunka* “estável, firme”, *tulka-* “fixar, montar, estabelecer”. A forma gnômica é *Tulcus* (*-os*), com palavras relacionadas *tulug* “estável, firme”, *tulga-* “firmar, assentar, estabilizar, confortar”.

Tulkastor O nome não aparece nos dicionários (e nem as formas precedentes *Tulkassë*, *Turenbor*, p. 34); ver *Tulkas*, *Meril-i-Turinqi*.

Tuor *Tuor* não aparece nos dicionários, mas provavelmente deriva (visto que o nome também é escrito *Tûr*) da raiz TURU "ser forte"; ver *Meril-i-Turinqi*.

Turgon Nem *Turondo* e nem o gnômico *Turgon* aparecem nos dicionários e, para além da probabilidade de que o primeiro elemento vem da raiz TURU (ver *Meril-i-Turinqi*), esses nomes não podem ser explicados.

Turuhalmë "O Trazer das Lenhas" (p. 275). Uma segunda raiz TURU (TUSO) "acender" no LQ (diferente, na consoante medial, da raiz TURU "ser forte") possui muitos derivados: *turu-*, *tunda-* "acender", *turu* "propriamente = lenha para fogo, mas usado para madeira de forma geral", *turúva* "amadeirado, de madeira", *tusturë* "mecha" [isto é, material para iniciar o fogo] etc. No LG há *duru* "madeira: mastro, viga, ou tronco", *durog* "amadeirado, de madeira".

O segundo elemento é o gnômico *halm* "arrasto (inclusive de peixes etc.)". O nome do festival é *Duruchalmo*(*s*) = *Halm na-dhuruthon* (*Duruchalm* está escrito no texto e riscado, p. 295), traduzido como "Iule"; isso foi posteriormente alterado para *Durufui* "(noite de) Iule, isto é, Noite-da-lenha"[f] (ver *Fui*).

Uin Ver *Ónen*. No LG, *uin* é um substantivo comum, "baleia", devido a *Uin* "a grande baleia de Gulma" (*Gulma = Ulmo*); mas, aparentemente (embora esse verbete seja bastante obscuro), o significado original de *uin*, preservado em poesia, era "onda". Outra palavra gnômica para "baleia" é *uimoth* "ovelha das ondas" (*moth* "ovelha", também "1000", provavelmente, na origem, "rebanho"; *mothweg* "pastor").

Uinen Ver *Ónen*.

Ulmo *Ulmo* aparece no LQ sob a raiz ULU “derramar, fluir rapidamente”, juntamente com *ulu-* e *ulto-* “derramar”, em sentidos transitivos e intransitivos. Seu nome em gnômico é *Gulma*, com os correspondentes verbos *gul-* e *gulta-*. No rascunho de *A Música dos Ainur*, também é chamado de *Linqil*: ver *Nielíqui*. Para outros nomes, ver *Vailimo*.

Ulmonan Ver *Ulmo*; o segundo elemento desse nome não é explicado.

Ungoliont Ver *Ungwë Lianti*.

Ungwë Lianti, Ungweliant(ë) Sob uma raiz GUNGU, marcada com interrogações, o LQ inclui *Ungwë* “aranha, especialmente *Ungwë*, a Tecelã-de-Treva, usualmente *Ungwelianti*”. O segundo elemento vem da raiz LI+ya “entrelaçar”, com os derivados *lia* “cordel”, *liantë* “gavinha”, *liantassë* “vinha”. No LG, o nome originalmente inserido era *Gungliont*, o que também foi incialmente escrito no texto (p. 196); mais tarde, isso foi alterado para “*Ungweliont* ou *Ungoliont*”. O segundo elemento é atribuído à raiz LĪ- (*lind* “cordel”).

Uolë Kúvion *Kúvion* foi alterado a partir de *Mikúmi* (p. 238). O nome não consta no LQ sob a raiz KUVU “dobrar, curvar”, que possui os derivados *kû* “Lua crescente”, *kúnë* “crescente, arco”. O LG inclui *cû* “arco, crescente; Lua crescente ou minguante”, e também “*Cuvonweg: Ûl Cuvonweg* (= qen. *Ólë Kúmion*), o Rei-da-Lua”. Sob *Ûl*, o equivalente qenya é, contudo, *Uolë*, e aqui se diz que o nome *Ûl* ocorre geralmente na expressão *Ûl·a·Rinthilios*; enquanto *Rinthilios* é glosado como “Lua redonda, nome do Elfo-da-Lua” (*rinc* “circular”, substantivo “disco”; *rin-* “revolver, retornar”).

Ûr A raiz URU/USU no LQ possui os derivados *uru* “fogo”, *úrin* “tórrido, escaldante”, *uruvoitë* “fogoso”, *urúva* “como fogo”, *urwa* “em chamas”, *Ûr* “Sol” (com

outras formas *Úri*, *Úrinki*, *Urwen*), *Úrion* “um nome de Fionwë”, *urna* “forno”, *usta-*, *urya-* “queimar” (transitivo e intransitivo). A forma gnômica é *Aur* (*aurost* “aurora”), e também uma palavra poética *Uril*. Ver *Fionwë-Úrion*, *Urwen*.

Urwen, Urwendi Nos contos antigos deste livro, a forma é *Urwen*, tornando-se *Urwendi* no *Conto do Sol e da Lua*. O verbete original no LG era “*Urwendi* e *Urwin* (qen. *Urwen*) a donzela do Navio-do-Sol”, mas isso foi alterado posteriormente para “*Urwedhin* e *Urwin* (qen. *Urwendi*)”. No LQ (ver *Ûr*) *Urwen* aparece como nome do Sol. Na lista de nomes dos Valar, a donzela do Sol é também chamada de *Úrinki*, que também aparece no LQ como nome do Sol.

O elemento *-wen* é dado no LQ sob a raiz GWENE: *wen* e *wendi* “donzela, menina”, *-wen* patronímico feminino, como o masculino *-ion*, *wendelë* “juventude (de mulheres)” (ver *Wendelin*). No LG, as formas foram muito alteradas e confundidas. As palavras têm radicais em *gwin-*, *gwen-*, *gweth*, com sentidos tais como “mulher”, “menina” etc.; a palavra parece ter sido alterada de *gweni-* para *gwedhe-* com referências ao qenya *meril* (ver *Meril-i-Turinqi*) e *wendi*.

Utumna No LQ, a raiz de *Utumna* (“regiões profundas de treva e escuridão no Norte, a primeira morada de Melko”) não é fornecida, mas ver a palavra *tumna* “fundo, profundo, sombrio ou oculto” mencionada em *Tombo*. Em gnômico, as formas são *Udum* e *Uduvna*; Belcha (Melko) é chamado de *Uduvrin*.

Úvanimor Ver *Vána*.

Vai A raiz VAYA “envolver” no LQ origina *Vai* “o Oceano de Fora”, *Vaimo* ou *Vailimo* “Ulmo como Governante de Vai”, *vaima* “traje”, *vainë* “bainha”,

vainolë “aljava”, *vaita-* “envolver, enrolar”, *Vaitya* “o ar mais exterior além do mundo” etc. Em gnômico, a forma é *Bai*, com palavras relacionadas *Baithon* “os ares de fora”, *baith* “indumentária”, *baidha* “vestir”, *bain* “[adj.] vestido (qen. *vaina*)”.

Vailimo Ver *Vai*. Em gnômico, a forma é *Belmoth* (< *Bailmoth*); há também um nome poético *Bairos*. Em gnômico, Ulmo é chamado também de *i Chorweg a·Vai*, isto é “o ancião de Vai” (*hôr* “velho, ancião (apenas para coisas que ainda existem)”), *hortha-* “envelhecer”, *horoth* “velhice”, *Hôs* “idoso”, um nome de Fuil). Para *-weg*, ver *Bronweg*.

Vaitya Ver *Vai*.

Valahíru (Acréscimo na margem no texto, ao lado de *Valatúru*, p. 218). Não consta nos dicionários, mas provavelmente deve ser associado à raiz no LQ HERE, “governar, ter poder”: *heru-* “governar”, *heru* “senhor”, *heri* “senhora”, *hérë* “senhorio”.

Valar No LQ, “*Valar* ou *Vali*” deriva da raiz VALA, com masc. singular *Valon* ou *Valmo* e fem. singular *Valis* ou *Valdë*; outras palavras são *valin*, *valimo* “feliz”, *vald-* “bem-aventurança, felicidade”.

As palavras gnômicas são complicadas e curiosas. Da forma em que foram inicialmente escritas, havia *Ban* “um deus, um dos grandes Valar”, plural *Banin*, e “*Dor’Vanion = DorBanion = Gwalien* (ou *Valinor*)”. Tudo isso foi riscado. Em outro lugar do LG aparece a raiz GWAL “fortuna, felicidade”: *Gwala* “um dos deuses, incluindo seu povo divino e seus filhos e, assim, frequentemente usada para alguém do povo menor, em oposição a *Ban*”: *Gwalon* e *Gwalthi* correspondem ao qenya *Valon*, *Valsi*; *gwalt* “boa sorte — qualquer acontecimento ou pensamento providencial: ‘a sorte dos Valar’, *i·walt ne Vanion* (qen. *valto*)”; e outras palavras abstratas, como *gwalweth* “fortuna,

felicidade”. Não há indício da interpretação posterior de *Valar*. Ver mais em *Vána*.

Valatúru Ver *Valar*, *Meril-i-Turinqi*.

Valinor No LQ duas formas aparecem, *Valinor* e *Valinórë* (a última também ocorre no texto, p. 220), ambas glosadas como “Asgard” (isto é, a Cidade dos Deuses na mitologia nórdica). Para os nomes gnômicos (*Gwalien* etc.) ver *Valar*.

nórë é encontrado no LQ sob a raiz NŌ “tornar-se, nascer”, e está glosado como “terra nativa, nação, família, país”, também *-nor* “a forma em palavras compostas”. Outras palavras são *nosta-* “dar à luz”, *nosta* “nascimento, dia do nascimento”, *nostalë* “espécie, tipo”, *nossë* “gente, povo” (como em *Aulenossë*). A forma gnômica é *dôr*: ver *Dor Faidwen*.

Valmar Ver *Valar*, *Eldamar*.

Vána Um derivado da raiz no LQ VANA, juntamente com *vanë* “belo”, *vanessë* “beleza”, *vanima* “apropriado, direito, belo”, *úvanimo* “monstro” (*ú-* = “não”) etc. Aqui também são incluídos *Vanar* e *Vani* = *Valar*, *Vali*, com a nota: “ver gnômico *Ban-*”. Ver *Valar*.

O nome de Vána em gnômico era *Gwân* ou *Gwani* (alterado posteriormente para *Gwann* ou *Gwannuin*); *gwant*, *gwandra* “belo”, *gwanthi* “beleza”.

Vána-Laisi Ver *Vána*, *Tári-Laisi*.

Vansamírin Esse nome substituiu *estrada de Samírien* no texto (p. 267). Ver *Qalvanda*, *Samírien*.

Varda No LQ, o nome é incluído junto com *vard-* “comandar, governar”, *vardar* “rei”, *varni* “rainha”. Em gnômico, *Varda* era chamada *Bridhil* (e *Timbridhil*, ver *Tinwetári*), cognato do qenya *vard-*.

Vê O LQ inclui *Vê* “nome de Fantur” sob a raiz VEHE, mas sem significado atribuído ou outros derivados.

A forma no LG é *Gwê*, alterado para *Gwî*: “nome do salão de Bandoth, qen. *Vê*”. Ver *Mandos*, *Vefántur*.

Vefántur No LG, o Vala em si é chamado de *Bandoth Gwê* (alterado para *Bannoth Gwî*), *Gwefantur* (alterado para *Gwifanthor*), e *Gwivannoth*.

Vene Kemen Ver *Glorvent*, *Kémi*.

Vilna No LQ, a raiz VILI (sem significado atribuído) possui os derivados *Vilna* (alterado depois para *Vilya*) “ar (inferior)”, *Vilmar* “morada de Manwë — os ares superiores (mas não *ilu*)”, *vilin* “arejado, ventoso”, *vílë* “brisa, aragem”. As palavras “mas não *ilu*” referem-se à definição de *ilu* no sentido de *ilwë*, o ar de permeio das estrelas (ver *ilwë*). A morada de Manwë, *Vilmar*, não é mencionada por nome em outros lugares.

Os nomes gnômicos para o ar mais baixo eram *Gwilfa* ou *Fâ*; afirma-se que a etimologia desse último é desconhecida. Os nomes correspondentes em qenya são dados no LG como *Fâ* e *Favilna*, e esses aparecem no LQ sob a raiz FAGA sem tradução, simplesmente como equivalentes de *Vilna*. Outras palavras gnômicas são *gwil-* “velejar, flutuar, voar”, *gwilith* “brisa”, *gwilbrin* “borboleta”: esses correspondem a palavras no LQ sob uma raiz GWILI, *wili-* “velejar, flutuar, voar”, *wilin* “pássaro”, *wilwarin* “borboleta”. Outro nome de Manweg como Senhor dos Ventos, *Famfir*, aparece no LG.

Voronwë Ver *Bronweg*.

Vorotemnar Para *voro* “sempre”, ver *Bronweg*. *Temnar* deve vir da raiz TEME “atar”, que não possui palavras derivadas na lista no LQ.

Wendelin Não consta no LQ, mas o LG inclui *Gwendeling* (posteriormente alterado para *Gwedhiling*) como nome gnômico correspondente do qenya *Wendelin* “Rainha dos Elfos das Matas,

mãe de Tinúviel” (a única ocorrência do nome *Tinúviel* nos dicionários). O nome deve estar relacionado ao qenya *wen* “donzela, menina” e às formas gnômicas listadas em *Urwen*.

Wingildi Ver *Wingilot*.

Wingilot Sob a raiz GWINGI/GWIGI no LQ estão *wingë* “espuma, borrifo”, *wingilot* “flor-de-espuma, o barco de Eärendel”, e *wingild-* “ninfa” (ver *Wingildi*). Para o elemento *-lot*, ver *Lindelos*.

O LG possui o verbete: “*Gwingalos* ou *Gwingli* = *Lothwinga* ou Flor-de-espuma, o nome do barco de Eärendel (Ioringli)”; também *lothwing* “flor-de-espuma”, *gwing* “crista da onda, espuma”, e *gwingil* “donzela-da-espuma (sereia, uma das aias de Uinen).”

Wirilómë Ver *Gwerlum*.

Wiruin Ver *Gwerlum*.

Yavanna No LQ, esse nome aparece sob a raiz YAVA, junto com *yavin* “dá fruto”, *yáva* “fruto”, *yávan* “colheita, outono”. A forma gnômica é *Ifon*, *Ivon* “especialmente nas combinações *Ivon Belaurin*, *Ivon Címir*, *Ivon i·Vladorwen*”; ver *Kémi*, *Palúrien*.

[a] A nota que diz respeito a *Angol* e *Eriollo*, mencionada na p. 36, está escrita dentro da capa do LG.

[b] E, em português, *nenúfar*. [N. T.]

[c] Formas posteriores do quenya e do sindarin são mencionadas apenas de maneira excepcional. Para tais palavras, veja os vocabulários incluídos em *An Introduction to Elvish* [Uma Introdução ao Élfico], ed. J. Allan, Bran’s Head Books, 1978; e também o Apêndice em *O Silmarillion*.

[d] *-ton*, *-by* e *-ham* são terminações comuns em topônimos ingleses, e têm significados semelhantes, algo como “aldeia”, “herdade”, “propriedade”. [N. T.]

[e] Lit. “olhos da tranquilidade do coração”. [N. T.]

[f] A palavra *Yule*, definida pelo *Oxford English Dictionary* diversamente como “dezembro ou janeiro” (acepção obsoleta) e “O Natal e as festividades ligadas a ele”, aparece no calendário dos Hobbits como uma palavra para o

último dia de um ano e o primeiro do ano seguinte. Na “Nomenclatura de *O Senhor dos Anéis*”, Tolkien recomenda que, em tradução, apenas seja feita a adaptação da grafia (afinal, em uma era pré-Cristã não haveria Natal). Tolkien também faz menção à palavra “Yule-log”, que é uma grande tora colocada para arder na lareira no Natal e associada às festividades do inverno. Ver *Nomenclature of “The Lord of the Rings”* em *The Lord of the Rings: A Reader’s Companion*, de Wayne G. Hammond e Christina Scull, HarperCollins, 2008, p. 781. [N. T.]

Pequeno Glossário de Palavras Obsoletas, Arcaicas e Raras

an se
arrassed coberto de tapeçaria suntuosa
astonied atônito
bason antigamente, uma grafia comum de *basin* [bacia]
bent lugar aberto e coberto de grama
brakes matagal
charger travessa grande
clamant clamoroso, barulhento
clomb pretérito antigo de *climb* [escalar, subir]
constellate agrupados em uma constelação
cools frescores
corbel cesto
covetice cobiça
eld velhice
fain [ficar] alegre, contente; [estar] disposto, desejoso; **fain of** contente com
fane templo
fey. As acepções antigas eram “fadado, próximo à morte; que pressagia a morte”. Parece muito improvável que o sentido posterior “que ou aquilo que possui ou demonstra qualidades mágicas, feéricas ou sobrenaturais” (Suplemento do OED)[a] tenha sido pretendido.
flittermice morcegos
go mover, andar, na frase *all the creatures that go* [todas as criaturas que andam]
houseleek sempre-viva. Uma planta suculenta que cresce nos muros e telhados das casas

inaureoled que tem um halo (a palavra só é registrada no OED em um poema de Francis Thompson, 1897).
jacinth azul
lampads lamparina. A palavra só é registada no OED (usada pela primeira vez por Coleridge) para falar das sete lâmpadas de fogo que ardem diante do trono de Deus no Livro do Apocalipse 4:5.
let upon abrir-se para, voltar-se para
lief [na expressão "lief and liever"] com prazer, com vontade; **liever** com mais vontade, preferir
lustihead vigor, viço
meed recompensa, retorno
minished reduzido, diminuído, apoucado
or… or…, ou… ou…
or yet aparentemente significa "já"
ousel melro (atualmente grafado *ouzel*, em *Ring-ouzel* e outros nomes de pássaros).
pleasance "Um jardim, usualmente anexo a um solar; às vezes uma porção reservada de um jardim, mas, com maior frequência, um local cercado à parte, com caminhos sombreados, árvores e arbustos […]" (OED). Essa acepção está presente em *pleasa(u)nces*, mas em *rest and pleasance* [repouso e deleite], o sentido é "deleite, prazer"; em *nor did he have lack of pleasance* [não faltavam arboretos], ambos os sentidos parecem possíveis, mas acho que mais provavelmente o primeiro.
pled pretérito antigo de *plead* [pedir, rogar]
plenilune plenilúnio, o momento da lua cheia (ver *Cartas*, carta n. 234).
pricks (esporeia o cavalo), cavalga rápido. *Oromë esporeia o cavalo pela planície* ecoa o primeiro verso de *The Faerie Queene* [A Rainha das Fadas, de Edmund Spenser]: *A Gentle Knight was pricking on the plaine* [Um Gentil Cavaleiro esporeava pela planície].
recked importar-se com, cuidar de

rede conselho, aconselhamento; plano; **redes** conselho

rondured (em **golden-rondured**). *Rondure* “círculo, forma redonda”; *rondured* não é atestado.

ruth razão de tristeza, calamidade; aflição, pesar; remorso; em *the greatest ruth was that to* [*the Valar*] *thereafter* o sentido é incerto: “razão de pesar ou arrependimento” ou, possivelmente, “prejuízo, mal”.

saps trincheiras, escavações profundas

sate pretérito antigo de *sit* [sentar-se]

seamews gaivotas

selenites selenitas, habitantes da Lua

shallop. Essa palavra aplicava-se especificamente a alguns tipos de barco, mas, aqui, aparentemente significa “barco aberto movido a remos e vela”, “chalupa”.

share. *share* = relha de um arado, mas usado aqui para a lâmina de uma foice.

sledge-blows golpes como o de um malho, isto é, um martelo grande e pesado

sprent particípio passado do extinto verbo *sprenge* [aspergir, espalhar]

sprite(s) espírito(s)

suaded pretérito de *persuadir*, *suadir*

trillups, **trillaping**. Essa palavra não consta em nenhum dicionário a que tenho acesso.

umbraged (em **wide-umbraged**). *Umbraged* “na penumbra, ensombrecido”, mas aqui com o sentido de algo que lança uma sombra.

web(s) tecido (também usado com o sentido de “patas palmadas”

“teias” 77 etc.)

whickering (*whickering sparks*). O verbo *whicker* significava “rir” ou “dar risinhos”, ou, se for um cavalo, “relinchar”, mas o OED cita um verso de John Masefield, *the wall-top grasses whickered in the breeze* [as gramíneas em cima do muro ringiam à

brisa], e o Suplemento de 1920 do Dicionário inclui uma acepção “fazer um som rápido”, com uma única citação em que a palavra é usada para um relâmpago *whickering* [ringindo] pelo céu. Na versão de 1962 de *O Homem da Lua*, a palavra *flickering* [cintilando] ocorre nesse verso.

whitethorn espinheiro

wildered perplexo, desorientado

wrack dano, devastação, ruína(compare com *(w)rack and ruin*).

[a] Oxford English Dictionary. [N. T.]

Índice Remissivo

Esse índice fornece (em intenção) referências de páginas completas a todos os verbetes, com a exceção de *Eldar/Elfos*, *Deuses/Valar* e *Valinor*; os verbetes incluem as formas rejeitadas dos nomes incluídas nas Notas, mas o Apêndice de Nomes não é contemplado.

Ocasionalmente, as referências são a páginas em que uma pessoa ou lugar não são nomeados de fato, como “o guardião-das-portas” p. 63, em *Rúmil*. São dadas referências a menções dos Contos que aparecerão na Parte II, mas não às menções deles neste livro. As frases explicativas são brevíssimas, e os nomes definidos no Índice de *O Silmarillion* não são, como regra, explicados aqui.

Adormecido na Torre de Pérola Ver *Torre de Pérola*.
Ælfwine “Amigo-dos-Elfos”, nome posterior de Eriol; o conto de Ælfwine da Inglaterra
Æsc (inglês antigo). Ver *Askr*.
Água Ocidental Ver *Grande Mar*.
Águas do Despertar. Ver *Cuiviénen*, *Koivië-néni*.
Ailios Nome antigo de Gilfanon.
Ainaros Elfo de Alqaluntë.(Substituiu *Oivárin*).
Ainulindalë. Ver *Música dos Ainur*.
Ainur (Singular *Ainu*; plural *Ainu*. *Ainu Melko*. Ver *Música dos Ainur*.

Alalminórë “Terra dos Olmos”, região de Tol Eressëa.; *Alalminor*; a primeira parte do poema *As Árvores de Kortirion*. Ver *Gar Lossion*, *Terra dos Olmos*.

Aldaron Nome de Oromë, “rei das florestas”. *senhor das florestas*

Almain, *Oceano de* O Mar do Norte.

Almaren

Alqaluntë Ver *Kópas Alqaluntë*.

Alqualondë

Alto Firmamento

Altos Elfos; *alto-élfico*

Aluin Tempo, o mais velho dos Ainur. (Substituiu *Lúmin*).

Aman. Ver *Reino Abençoado*.

Ambarkanta “A Forma do Mundo” (obra cosmológica).

Amigos-dos-Elfos

Amillo O mais jovem dos grandes Valar, também chamado Ómar.

Amnon Profecia de Amnon, Amnon o Profeta.

Amnor Praias de Amnor. (Substituiu *Amnos*).

Amnos O ancoradouro do navio Mornië; as profecias de Amnos. (Substituiu *Emnon*, *Morniento*).

Anãos. Ver *Nauglath*.

Anfauglith

Angaino “A Opressora”, a grande corrente com a qual Melko foi preso. forma posterior *Angainor*

Angamandi “Infernos de Ferro”. Ver *Infernos de Ferro*.

Angband ; *Cerco de Angband*

Angeln

Anglo-Saxão(ões). Ver *Inglês antigo* (referências à língua).

Angol “Falésias de Ferro”, nome gnômico de Eriol e de sua terra natal.

Anos de Duplo Júbilo Ver *Duplo Júbilo.*

Araman

Aranha da Noite. Ver *Gwerlum*, *Móru*, *Ungoliant*, *Ungweliantë*, *Wirilómë*.

Aratar
Arco-da-Chuva O Arco-íris. Ver *Ilweran*.
Arcturo. Ver *Morwinyon*.
Arda
Arien
Artanor Região posteriormente chamada de Doriath.
Arvalin Nome intercambiável com *Eruman*, q.v. *Arvalien*; *Baía de Arvalin*
Árvore Branca de Valinor. Ver *Silpion*, *Telperion*.
Árvores de Kôr Ver *Kôr*.
Árvores de Valinor Ver *Duas Árvores*.
Aryador "Terra de Sombra", nome de Hisilómë entre os Homens. poema *Uma Canção de Aryador*
Asgon Nome antigo do Lago Mithrim.
Askr O primeiro Homem na mitologia escandinava.
Astaldo Nome de Tulkas.
Aulë. Ver *Talkamarda*.
Aulenossë "Gente de Aulë", nome dado aos Noldoli que permaneceram em Valinor. *a gente de Aulë*
Aur O Sol (gnômico).
Avari
Avathar
Aventuras de Tom Bombadil, *As*

Baía de Feéria. Ver *Feéria*.
Balrogs
Batalha da Chama Repentina Ver *Dagor Bragollach*.
Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Ver *Nirnaeth Arnoediad*.
Batalha de Palisor Ver *Palisor*.
Batalha dos Poderes
Beleriand
Bëor
Beorn (1) Tio de Ottor Wǽfre (Eriol). (2) O troca-peles em *O Hobbit*.
Beowulf

Beren; também com referências ao Conto original de (Beren e) Tinúviel, ver *Tinúviel*.
Bráglorin Nome do Sol (gnômico).
Brithombar
Bronweg Forma gnômica de Voronwë.
Bruithwir Pai de Fëanor. *Bruithwir go-Fëanor*; *Bruithwir go-Maidros*

Calacirya "Passo da Luz".
Carpenter, *Humphrey J.R.R. Tolkien: Uma Biografia*.
Cartas de J.R.R. Tolkien, *As*
Casa das Cem Chaminés A casa de Gilfanon em Tavrobel.
Casa do Brincar Perdido; poema *A Casinha do Brincar Perdido*
Casadelfos
Chalé do Brincar Perdido (não inclui referências ao Conto em si) e outros nomes (*Chalé das Crianças*, *das Crianças da Terra*, *do Brincar do Sono; Casa do Brincar Perdido; Casa da Memória*); poemas sobre o assunto. Ver *Mar Vanwa Tyaliéva*.
Cidade dos Deuses, *A* (poema, título anterior *Kôr*).
Círdan, *o Armador*
Colar dos Anãos, *Conto do*; *Conto do Nauglafring*
Colinas de Ferro Ver *Montanhas de Ferro*.
Contos Inacabados
Cópas Ver *Kópas Alqaluntë*.
Coração Escarlate Emblema da Casa do Rei em Gondolin.
Coração-Pequeno Filho de Bronweg, chamado de "o Guardião-do-Gongo" (de Mar Vanwa Tyaliéva). Ver *Ilverin*.
Corda dos Anos
Crithosceleg Um nome da Lua (gnômico).
Cuiviénen. Ver *Koivië-néni*, Águas do Despertar.
Cûm a Gumlaith, *Cûm a Thegranaithos* "Teso do Primeiro Pesar", túmulo de Bruithwir, pai de Fëanor.
Cwén Esposa de Ottor Wǽfre (Eriol).

Dagor Bragollach “A Batalha da Chama Repentina”.
Danuin “Dia”, filho de Aluin “Tempo”. formas anteriores *Danos*, *Dana*
Daurin Um gnomo, assassinado por Melko no ataque às Árvores; também chamado *Tórin*.
Deuses olímpicos
Deuses Passim; sobre a natureza e o caráter dos Deuses (*Valar*) e sua relação com Manwë, ver especialmente; língua dos Deuses. Ver *Filhos dos Deuses*.
Dia de Todos os Santos
Dias de Ocaso Ver *Lomendánar*.
Dor Edloth, *Dor Us*(*g*)*wen* Nomes gnômicos antigos de Tol Eressëa. (Substituídos por *Dor Faidwen*).
Dor Faidwen “Terra da Libertação”, nome gnômico de Tol Eressëa.
Dor Lómin “Terra de Sombra”, “Terra das Sombras”. Ver *Hisilómë*.
Doriath 236, 289, 293. Ver *Artanor*.
Duas Árvores (incluindo referências a *as Árvores*) (*i aldas*)
Duplo Júbilo Grande festival em Valinor. Ver *Samírien*.
Duruchalm Nome rejeitado de Turuhalmë.

Eä O Universo. (o verbo de Ilúvatar que o fez ser).
Eärendel; o *Conto de Eärendel*; forma posterior Eärendil
Ecthelion
Edain
Eglarest
Egnor Pai de Beren.
Eldalië
Eldamar “Lardelfos”. (em quase todas as ocorrências, a referência é às *praias*, *costas* ou *rochedos* de Eldamar); *Baía de Eldamar*. Ver *Elfinesse*.
Eldar (singular *Elda*). Referências selecionadas (incluindo tanto *Eldar* quanto *Elfos*): referência e significado dos termos *Eldar*, *Elfos*; idiomas dos; origem, natureza e

destino; estatura em relação aos Homens; relações com os Homens; despertar; convocação a Valinor; esvanecer

Élfico Acerca dos idiomas dos Eldar; como adjetivo de *Elfos*, inélfico

Elfinesse Tradução de Eldamar (ver Apêndice).

Elfos das Terras Costeiras Ver *Flautistas das Terras Costeiras*.

Elfos Escuros. Ver *Hisildi*, *Humarni*, *Kaliondi*.

Elfos Ilhéus Elfos de Tol Eressëa.

Elfos Perdidos; *bandos perdidos*; *fadas perdidas*; *clãs perdidos*; *famílias perdidas da gente*

Elfos Ver *Eldar*; também *Elfos Escuros*, *-profundos*, *-cinzentos*, *Altos*, *Ilhéus*, *da-luz*, *Perdidos*, *do-mar*, *das Terras Costeiras*

Elfos-cinzentos

Elfos-da-luz

Elfos-do-mar

Elfos-profundos Gnomos.

Ellu Senhor dos Solosimpi, escolhido no lugar de Tinwë Linto (posteriormente Olwë; diferente de Elu Thingol). *Ellu Melemno*, *Melemno*

Elmir Um dos dois primeiros Homens (com Ermon).

Eltas Narrador do *Conto de Turambar*

Elu Thingol. Ver *Thingol*.

Elwenildo Nome antigo de Ilverin (Coração-Pequeno).

Emnon Profecias de Emnon. (Substituiu *Morniento*; substituído por *Amnos*).

Eoh Pai de Ottor Wǽfre (Eriol).

Eönwë Arauto de Manwë.

Ered Wethrin As Montanhas de Sombra.

Erinti Filha de Manwë e Varda.

Eriol; *Eriollo*. Para seu nome e história, ver especialmente; e ver Ælfwine.

Ermon Um dos dois primeiros Homens (com Elmir). *povo*, *filhos de Ermon*

Eru

Eruman Nome intercambiável com *Arvalin*, q.v.; (originalmente) a região a leste das Montanhas de Valinor e ao sul de Taniquetil (ver especialmente *Erumáni*. (Nomes anteriores da região: *Habbanan*, *Harwalin*, *Harvalien*, *Harmalin*).

Escuridão de Fora

Estë

Estrelas; *Fontes das Estrelas*. A feitura de estrelas por Varda

Evromord Guardião-das-Portas de Mar Vanwa Tyaliéva (aparentemente pretendia-se que substituísse Rúmil).

Fadas; *fadas perdidas*; *falsas-fadas*, ver *Kaukareldar*; *falar das fadas*

Falas

Falassë Númëa “Espuma Ocidental”, nas costas de Tol Eressëa.

Falman-Ossë Ver *Ossë*.

Falmaríni Espíritos da espuma do mar.

Fangli Nome antigo de Fankil. Ver *Fúkil*.

Fankil Serviçal de Melko.(Substituiu *Fangli*/*Fúkil*).

Fantur (Plural *Fánturi*). Os valar Vefántur Mandos e Lórien Olofántur. forma posterior *Fëanturi*

Fanuin “Ano”, filho de Aluin “Tempo”. (Substituiu *Lathos*, *Lathweg*).

Faskalanúmen “Banho do Sol Poente”. *Faskalan*. Ver *Tanyasalpë*.

Fata(*s*)

Fëanor; *Filhos de Fëanor*; Juramento de Fëanor ou de seus filhos

Fëanorianos

Fëanturi Ver *Fantur*.

Feéria; *Feéricos Reinos*. Ver *Baía de Feéria*.

Feitiço do Horror sem Fundo O feitiço lançado por Melko em seus escravos.

Felizes Marinheiros, *Os* (poema)
Festa do Reencontro. *Festa da Reunião*, ver *Mereth Aderthad*.
Filhos de Fëanor Ver *Fëanor*.
Filhos de Ilúvatar; *filhos mais novos de Ilúvatar* 218; *Filhos da Terra*; *Filhos do Mundo*; *Crianças do Mundo*, *da Terra*
Filhos dos Deuses; *Filhos dos Valar*
Finarfin
Fingolfin
Fingolma Nome de Finwë Nólemë.
Fingon
Finrod Felagund. Ver *Inglor*.
Finwë Senhor dos Noldoli; chamado também de *Nólemë*, *Nólemë Finwë*, *Finwë Nólemë* (todas as referências estão coligidas aqui). Ver *Fingolma*, *Golfinweg*.
Fionwë, *Fionwë-Úrion* Filho de Manwë e Varda
Flautistas das Terras Costeiras Os Solosimpi (posteriormente chamados de Teleri). *Flautistas da Costa*; *os Flautistas*; *dançarinos das terras costeiras*; *Elfos das Terras Costeiras*, *povo costeiro*, *Elfos-costeiros*
Fogo Secreto
Fogo-do-Conto Em Mar Vanwa Tyaliéva. *Sala do Fogo-do-Conto*; *Sala da Lareira*; *Sala das Lenhas*
Foice dos Valar Ver *Valacirca*; *a Foice de Prata*
Formenos
Fratricídio (*de Porto-cisne*)
Fruto do Meio-dia
Fui Deusa-da-Morte, também chamada *Nienna*, *Fui Nienna* (todas as referências estão coligidas aqui). *Fui* como nome de sua morada. Ver *Heskil*, *Núri*, *Qalmë-Tári*.
Fúkil Nome antigo de Fankil. Ver *Fangli*.
Fumellar Papoulas nos jardins de Lórien.

Galadriel

Galmir “Abrilhantador d’ouro”, um nome do Sol (gnômico).

Gar Eglos Nome gnômico original de Tol Eressëa (substituído por *Dor Edloth* etc.).

Gar Lossion “Sítio das Flores”, nome gnômico de Alalminórë. (Substituiu *Losgar*).

Gelo Pungente Ver *Helcaraxë*.

Gente Mais Velha

Gilfanon (*Gilfanon a·Davrobel*, *Gilfanon de Tavrobel*). (Substituiu *Ailios*).

Gim-Githil Nome gnômico de Inwë. (Substituiu *Githil*, substituído por *Inwithiel*).

Githil 33. Ver *Gim-Githil*.

Glingol Nome gnômico da Árvore Dourada de Valinor.

Glorvent “Navio de Ouro”, um nome do Sol (gnômico).

Gnômico, *fala-dos-Gnomos*, *idioma dos Gnomos*

Gnomos (incluindo *povo-dos-Gnomos*, *gente-dos-Gnomos*). Ver especialmente, e ver *Noldoli*.

go-Fëanor, *go-Maidros* “filho de Fëanor, de Maidros”.

Gobelins

Goldriel Nome antigo de Golthadriel.

Golfinweg Nome gnômico de Nólemë Finwë.

Golfo Gélido Ver *Qerkaringa*.

Golthadriel Nome gnômico de Salmar (Noldorin). (Substituiu *Goldriel*).

Gondolin; o conto de *Tuor e os eLivross de Gondolin* (“*A Queda de Gondolin*”)

Gongo das Crianças Em Mar Vanwa Tyaliéva. Ver *Tombo*, *Coração-Pequeno*.

Gongues Ver

Gonlath Uma grande rocha em Taniquetil.

Gorfalon, *Gorfalong* Local da Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Ver *Vale das Águas Plangentes*, *Vale das Fontes*.

Gothmog Senhor dos Balrogs. Ver *Kosomot*.

Grã-Bretanha
Grande Fim
Grande Marcha, *Grande Jornada*; descrita
Grande Povo do Oeste Nome dos Deuses entre os Ilkorins.
Grande(*s*) *Mar*(*es*) (*Haloisi Velikë*); também chamado de *o Mar*, *o pujante Mar* etc.; Água Ocidental
Grandes Planícies
Grandes Terras As terras a leste do Grande Mar. (*i Nori Landar*)
Great Haywood Vila em Staffordshire (Tavrobel). 37, 236
Gungliont Nome antigo de Ungoliont. 191, 196
Gwerlum "Tecelã-de-Treva", nome gnômico da grande Aranha. 187 (*Gwerlum*, *a Negra*), 188, 196. Ver *Wirilómë*.
Gylfaginning Uma parte da "Edda em Prosa" de Snorri Sturluson.

Habbanan Nome antigo da região de Eruman/Arvalin. poema *Habbanan sob as Estrelas*
Halmadhurwion Outro nome para Turuhalmë.
Hanstovánen O ancoradouro do navio Mornië. também *Vanë Hansto*
Harmalin Nome antigo da região de Eruman/Arvalin.
Harvalien Forma antiga de Arvalin.
Harwalin Forma antiga de Arvalin.
Haudh-em-Ndengin O Monte dos Mortos no deserto de Anfauglith.
Heden Pai de Eoh, pai de Ottor Wáefre (Eriol).
Helcar O Mar Interior. Ver *Helkar*.
Helcaraxë O Gelo Pungente. Ver *Helkaraksë*.
Heligolândia
Helkar O pilar da Lamparina do Sul. Ver *Helcar*.
Helkaraksë "Presa-de-Gelo", promontório das Terras de Fora no longínquo Norte. Ver *Helcaraxë*, *Presa-de-Gelo*.

Helluin A estrela Sírio. Ver *Nielluin*.
Hengest Invasor da Grã-Bretanha; filho de Ottor Wǽfre (Eriol)
Heskil “A do Inverno”, nome de Fui Nienna.
Hildor Os Que Vêm Depois, Homens.
Híri Riacho em Valinor.
Hisildi O povo do crepúsculo: Elfos Escuros.
Hisilómë, e ver *Aryador*, *Dor Lómin*, *Terra das Sombras*.
Hithlum
Hobbit, *O*
Homem da Lua Ver *Lua*, *Uolë Kúvion*; poema
Homens. Sobre a natureza e destino dos Homens
Horsa Invasor da Grã-Bretanha; filho de Ottor Wǽfre (Eriol)
Hrívion Terceira parte do poema *As Árvores de Kortirion*.
Humarni Um nome dos Elfos Escuros.
Húrin; *povo de*. Ver Úrin.
Hyarmentir, *Monte*

Ielfethýþ “Porto-cisne” (*inglês antigo*).
Ilha Solitária; *a Ilha*, *nossa ilha*; *a ilha das fadas*; poema *A Ilha Solitária*. Ver *Tol Eressëa*.
Ilhas do Crepúsculo Ilhas nos Mares Sombrios, a oeste de Tol Eressëa. (*Tolli Kimpelëar*)
Ilhas Encantadas
Ilhas Mágicas (*I Tolli Kuruvar*), *Arquipélago Mágico*
Ilhas Reluzentes A morada dos Deuses e dos Eldar de Valinor conforme imaginada pelos Ilkorins.
Ilinsor Espírito dos Súruli, timoneiro da Lua. chamado de *o caçador do firmamento*
Ilkorin(*s*) Elfos que “não são de Kôr”. idioma ilkorin
Illuin a Lamparina do Norte.
Ilmarë Aia de Varda.
Ilsaluntë “Barco de Prata”, um nome da Lua.
Ilterendi As grilhetas postas em Melko.
Ilu = Ilúvatar.

Ilurambar As Muralhas do Mundo.
Ilúvatar; *Senhor para Sempre*, *Senhor de Tudo*. Ver *Filhos de Ilúvatar*.
Ilverin Coração-Pequeno, filho de Bronweg. (Substituiu *Elwenildo*).
Ilwë O ar intermediário que flui em meio às estrelas.
Ilweran “Ponte do Céu”, o arco-íris. Ver *Arco-da-Chuva*.
Indis Mãe de Fingolfin e Finarfin.
Inferno
Infernos de Ferro. Ver *Angamandi*.
Ing Nome antigo de Inwë.
Ingil Filho de Inwë. (Substituiu *Ingilmo*).
Ingilmo Nome antigo de Ingil.
Inglaterra, *inglês*. Ver *Inglês antigo*.
Inglês antigo
Inglor Nome antigo de Finrod (Felagund).
Ingwë Senhor dos Vanyar. Ver *Inwë*.
Inwë Rei dos Eldar de Kôr (posteriormente Ingwë); também chamado *Isil*, *Isil Inwë*. (Substituiu *Ing*). Ver *Ingwë*, *Inwithiel*.
Inwir O clã real dos Teleri (= os posteriores Vanyar), gente de Inwë.
Inwithiel Nome gnômico de Inwë. (Substituiu *Githil*, *Gim-Githil*).
Irtinsa, *Lago*
Isil, *Isil Inwë* Ver *Inwë*.

Kalaventë, *Kalavénë* “Navio de Luz”, um nome do Sol.
Kaliondi Um nome dos Elfos Escuros.
Kalormë Grande montanha no extremo Leste.
Kapalinda Nascente do riacho Kelusindi em Valinor.
Kaukareldar “Falsas-fadas”.
Kelusindi Riacho em Valinor
Kementári Nome de Yavanna.
Kémi Nome de Yavanna Palúrien. Ver *Senhora-da-terra*.

Koivië-néni “Águas do Despertar”. Águas de Koivië. Ver *Cuiviénen*, Águas do Despertar.
Kópas Alqaluntë (*Alqalunten*) “Porto das Naus-Cisne”. *Kópas*; *Cópas*, Cópas Alqaluntë; *Alqaluntë*. Ver *Porto das Naus-Cisne*.
Kôr Cidade dos Elfos em Eldamar e a colina sobre a qual foi construída. ver especialmente. As Árvores de Kôr. Poema *Kôr* (renomeado *A Cidade dos Deuses*). Ver *Tûn*.
Koreldar Elfos de Kôr.
Korin Local fechado formado por olmeiros no qual morava Meril-i-Turinqi.
Koromas A cidade de Kortirion. forma anterior *Kormas*
Kortirion Principal cidade de Alalminórë em Tol Eressëa. Poema *Kortirion entre as Árvores*, versão tardia *As Árvores de Kortirion*. Ver *Koromas*.
Kosomot Filho de Melko (= Gothmog, Senhor dos Balrogs).
Kulullin O caldeirão de luz dourada em Valinor.

Lammas (festival da Colheita, 1 de agosto)
Lamparina de Vána O Sol.
Lamparinas, *As*
Langon Serviçal de Melko.
Lathos, *Lathweg* Nomes antigos de Fanuin.
Laurelin. Ver *Glingol*, *Lindelos*, *Lindeloksë*.
Leeds
Limpë A bebida dos Eldar.
Lindeloksë Nome de Laurelin. (Substituiu *Lindelótë*, *Lindeloktë*).
Lindeloktë Nome de Laurelin. (Substituído por *Lindeloksë*).
Lindelos Nome de Laurelin. (Substituiu *Lindeloksë* em um trecho).
Lindelótë Nome de Laurelin. (Substituído por *Lindeloksë*).
Lindo Elfo de Tol Eressëa, mestre de Mar Vanwa Tyaliéva.

Linqil Um nome de Ulmo.
Linwë Tinto, *Linwë* Nome antigo de Tinwë Linto.
Lirillo Um nome de Salmar (Noldorin).
Lómëarni Um nome dos Elfos Escuros.
Lomendánar "Os Dias de Ocaso" antes da feitura das Lamparinas; *Lome Danar*
Lórien. Ver *Fantur*, *Olofantur*.
Losengriol Nome antigo de Lothengriol.
Losgar (1) Nome antigo de Gar Lossion. (2) O local do incêndio dos navios dos Teleri.
Lothengriol "Lírio do Vale", um dos Sete Nomes de Gondolin. (Substituiu *Losengriol*).
Lua; *Rei da Lua*; *Harvest Moon* ["Lua da Colheita", isto é, a lua cheia mais próxima do equinócio de outono]. Ver *Porto da Lua*; para outros nomes da Lua.
Lúmin Nome antigo de Aluin.
Lúthien, *Lúthien Tinúviel*. Ver *Tinúviel*.

Mablon, *o Ilkorin*
Maedhros Filho mais velho de Fëanor. *União de Maedhros*. Ver *Maidros*.
Maiar 83, 103
Maidros (1) Pai do pai de Fëanor, Bruithwir. (2) Filho mais velho de Fëanor (posteriormente Maedhros).
Mainlos Forma antiga de Minethlos.
Makar Vala guerreiro.
Mandos (Vala); *filhos de Mandos*. Ver *Vefántur*. (Região de sua morada). Ver *Vê*.
Mánir Espíritos do ar, subordinados a Manwë e Varda.
Manwë; chamado *Senhor do Ar*, *dos Céus*, *de Deuses e Elfos e Homens*, *dos Deuses*, *de Deuses e Elfos*, *de Elfos e Homens*. Ver *Súlimo*, *Valahíru*, *Valatúru*; *Valwë*.
Mar do Norte; *Oceano de Almain*
Mar Interior Ver *Helcar*.
Mar Vanwa Tyaliéva O Chalé do Brincar Perdido em Kortirion. (também *Taliéva*); no título de poema

Mar(es) de Fora; *Mares Extremos*; Águas Extremas (*Neni Erúmëar*); *Oceano de Fora*; *o Mar*. Ver *Vai*.

Marcha da Libertação A grande expedição desde Kôr. *marcha para o mundo*

Mares Sombrios Região do Grande Mar a oeste de Tol Eressëa; *Mar Sombrio*, *as Sombras*

Meássë Deusa guerreira.

Melemno, *Ellu Melemno* Ver Ellu

Melian. Ver *Tindriel*, *Wendelin*.

Melko; *filho*(*s*) *de Melko*; *Correntes de Melko*; *Minas de Melko*. Ver *Melkor*, *Morgoth*.

Melkor

Mereth Aderthad A Festa da Reunião.

Meril-i-Turinqi A Senhora de Tol Eressëa; também *Meril*, *Turinqi*. *Senhora da Ilha*.

Mettanyë A última parte do poema *As Árvores de Kortirion*.

Mindon Eldaliéva

Minethlos Um nome da Lua (gnômico). (Substituiu *Mainlos*).

Miruvor; *miruvórë*

Mithrim (lago e região). Ver *Asgon*.

Montanha do Mundo Ver *Taniquetil*.

Montanhas de Ferro; *Colinas de Ferro*, *montanhas do Norte*, *Morros Amargos*.

Montanhas de Sombra Ered Wethrin.

Montanhas de Valinor

Monte da Morte O teso funerário erguido sobre Finwë Nólemë.

Monte dos Mortos Ver *Haudh-en-Ndengin*.

Morgoth

Moritarnon “A Porta da Noite”.; *Móritar*. Ver *Porta da Noite*, *Tarn Fui*.

Mornië O navio negro que leva os mortos desde Mandos.

Morniento Nome antigo do ancoradouro do navio Mornië. (Substituído por *Emnon*, *Amnos*). Ver *Hanstovánen*.

Morros Amargos Ver *Montanhas de Ferro*.
Móru A “Noite Primeva”, personificada na grande Aranha. *Muru*
Morwinyon A estrela Arcturo.
Mundo, o Usado com o sentido de “Grandes Terras”; *o mundo interior*, *mundo de fora*, *o mundo além*
Muralha das Coisas; *Muralha Oriental*
Muralhas do Mundo Ver *Ilurambar*.
Murmenalda O vale no qual os Homens despertaram pela primeira vez. *Vale do Sono*, *Vale Soporoso*
Murmuran A morada de Lórien em Valinor.
Muru Ver *Móru*.
Música dos Ainur (não inclui referências ao Conto em si); *a Música de Ilúvatar*, *a Grande Música*. Ver *Ainulindalë*.

Namárië (poema)
Nan Dungortheb
Nandini Fatas dos Vales.
Nargothrond
Narquelion Outono. a segunda parte do poema *As Árvores de Kortirion*
Nauglath Anãos.
Navio da Lua Ver *Lua*
Navio do Mundo
Navio dos Céus, *Navio da Manhã* Ver *Sol*.
Nen(*e*), *Rio*
Nermir Fatas dos prados.
Nessa
Nielíqui Filha de Oromë e Vána.
Nielluin A estrela Sírio. *Abelha Azurina*, *Abelha Azul*. Ver *Helluin*.
Nienna Ver *Fui*.
Nirnaeth Arnoediad. Ver *Batalha das Lágrimas Inumeráveis*
Noldoli Os Gnomos, o segundo clã dos Elfos. Ver *Gnomos*, *Noldor*.

Noldor; forma ocorre no texto original. Adjetivo *noldorin*
Noldorin Nome de Salmar.
Nólemë Ver *Finwë*.
Nórdico antigo
Norfolk; *Norwich*
Nornorë Arauto dos Deuses.
Nuin Elfo Escuro que encontrou os primeiros Homens; chamado *Pai da Fala*
Numessir Nome antigo de Sirnúmen.
Núri Nome de Fui Nienna.
Nurtalë Valinoréva A Ocultação de Valinor.

Oaritsi Sereias (?).
Oarni Espíritos do mar.
Oceano Atlântico
Ocultação de Valinor Ver *Valinor*.
Oinen Ver *Uinen*.
Oiolossë
Oivárin Nome antigo de Ainairos.
Olofantur "Fantur dos Sonhos", o Vala Lórien. Ver *Fantur*, *Lórien*.
Olórë Mallë "Trilha dos Sonhos". *o caminho mágico de Lórien*
Olwë. Ver *Ellu*.
Ómar O mais jovem dos grandes Valar, chamado também de Amillo.
Ónen Nome antigo de Uinen. (Substituiu Ówen).
Órion. Ver *Telumehtar*.
Ormal A Lamparina do Sul.
Oromë Filho de Aulë e Palúrien (87). Ver *Aldaron*.
Orossi Fatas das montanhas.
Orques
Ossë; *Falman-Ossë*, *Falman*
Ottor Wǽfre Nome original de Eriol.
Over Old Hills and Far Away [*Por Montes Antigos*, *Varando a Distância*] (poema)

Ówen Nome antigo de Uinen. (Substituído por Ónen).
Oxford; *Oxford English Dictionary*

Palisor A “região mais central” (143) das Grandes Terras, onde os Elfos despertaram. *Batalha*, *Guerra de Palisor*
Palúrien Yavanna. *filhos de Palúrien*. Ver *Senhora-da-terra*, *Kémi*, *Yavanna*.
Paracelso
Paraíso
Partida Afora
Península dinamarquesa
Pés de Gobelim (poema); sobre o significado de *Gobelim* aqui, ver o Apêndice, verbete *Noldoli*.
Pictures of J.R.R. Tolkien
Planície Protegida de Nargothrond Ver *Talath Dirnen*.
Plêiades Ver *Sete-estrelo*, *Sete Estrelas*.
Poldórëa Nome de Tulkas.
Ponte do Céu Ver *Ilweran*.
Porta da Noite. Ver *Moritarnon*, *Tarn Fui*.
Porto da Lua
Porto do Sol
Porto dos Navios-Cisne; *Porto dos Cisnes*; *Porto-cisne*; *o Porto*. Ver *Ielfethýþ*, *Kópas Alqaluntë*.
Porto-cisne Ver *Porto das Naus-Cisne*.
Portões da Manhã; *Portões do Leste e do Oeste* (isto é, os Portões da Manhã e a Porta da Noite)
Povo da Sombra (1) Nome dado pelos Homens aos Elfos Perdidos de Hisilómë. (2) Fatas de origem desconhecida encontrados pelos Noldoli em Hisilómë.
Presa-de-Gelo. Ver *Helkaraksë*.
Profecia do Norte
Profecias de Amnos, *Profecia de Amnon* Ver *Amnos*, *Amnon*.
Purgatório

Qalmë-Tári “Senhora da Morte”, nome de Fui Nienna.

Qalvanda “Estrada da Morte”.
Qendi Elfos, mas usado para descrever os Ilkorins em oposição aos Eldar de Valinor. Ver *Quendi*.
Qenya (com referência aos verbetes no antigo dicionário qenya). Ver *Quenya*.
Qerkaringa O Golfo Gélido entre a Presa-de-Gelo (*Helkaraksë*) e as Grandes Terras.
Qorinómi, *Conto de*
Quendi
Quenya

Ramandur Nome antigo de Sorontur.
Rána Nome da Lua dado pelos Deuses.
Ranuin “Mês”, filho de Aluin “Tempo”. (Formas antigas *Ranos*, *Ranoth*, *Rôn*).
Reino Abençoado; *reinos abençoados*. Ver *Aman*.
Reinos Gélidos
Ringil (1) O pilar da Lamparina do Norte. (2) A espada de Fingolfin.
Road Goes Ever On, *The* [A Estrada Segue Sempre Avante] (livro)
Rosa de Silpion A Flor-da-Lua. *Rosa de Prata*. Ver *Sil*
Rúmil Guardião-das-Portas de Mar Vanwa Tyaliéva, chamado *o Sábio* (85). Ver *Evromord*.

Sador Serviçal de Húrin.
Sala do Fogo-do-Conto Ver *Fogo-do-Conto*.
Salão do Brincar Recuperado Em Mar Vanwa Tyaliéva.
Salmar Companheiro de Ulmo, também chamado Noldorin, Lirillo e (gnômico) Golthadriel.
Samírien Festival do Duplo Júbilo em Valinor. *estrada de Samírien* (ver *Vansamírin*).
Sári Nome do Sol dado pelos Deuses.
Sauron
Segundo Clã Os Gnomos ou Noldoli.
Senhor do Ocaso O mago Tû.

Senhor dos Anéis, *O*
Senhora-da-terra Kémi (Yavanna Palúrien). *Rainha-da-terra*
Sete-Estrelo, *Sete Estrelas* (talvez referindo-se às Plêiades); (referindo-se à Ursa Maior); *Sete Borboletas*. Ver *Ursa Maior*, *Valacirca*.
Sil Nome da Lua.
Silindrin O caldeirão de luz prateada em Valinor; nome em variação com *Telimpë*
Silmarilli As Silmarils. Ver *Silubrilthin*.
Silmarillion, *O*
Silmarils
Silmo Guardião da árvore Silpion.
Silpion A árvore prateada de Valinor. Ver *Rosa de Silpion*.
Silubrilthin Nome gnômico das Silmarils.
Sindarin
Singollo Ver *Elwë*.
Sírio (estrela). Ver *Helluin*, *Nielluin*.
Sirion; *Passo do Sirion*
Sirnúmen O vale em Valinor onde os Noldoli moraram após serem banidos de Kôr. (*Sirnúmen da Planície*). (Substituiu *Numessir*).
Snorra Edda A “Edda em Prosa” de Snorri Sturluson.
Sol; em muitos trechos chamado de *o Navio-do-Sol*, também *galé*, *galeão*, *barca do Sol*; *Navio dos Céus* 225; *Navio da Manhã*. Ver *Porto do Sol*; para outros nomes do Sol.
Sol Mágico
Solosimpi O terceiro clã dos Elfos (posteriormente chamados de Teleri). anteriormente *Solosimpë*. Ver *Flautistas das Terras Costeiras*, *Teleri* (2).
Sorontur Rei das Águias. (Substituiu *Ramandur*). Ver *Thorndor*.
Sós Companhias; *Fiéis Companhias*
Sow Rio em Staffordshire.
Stafford, *Staffordshire* 37, 116, 136, 236

Súlimo Nome de Manwë. *Súlimo*, *Senhor dos Ares*

Súruli Espíritos dos ventos, subordinados a Manwë e Varda.

Talath Dirnen A Planície Protegida de Nargothrond.

Talkamarda, *i·Talka Marda* "Ferreiro do Mundo", Aulë.

Taniquetil; *Montanha do Mundo*

Tanyasalpë "Malga de Fogo". Ver *Faskala-númen*.

Tareg, o Ilkorin

Tári "Senhora", aplicado a Varda, Vána e Fui Nienna. Ver *Qalmë-Tári*, *Tári-Laisi*, *Tinwetári*.

Tári-Laisi "Senhora da Via", Vána.

Tarn Fui "A Porta da Noite". *Tarna Fui*. Ver *Porta da Noite*, *Moritarnon*.

Tavari Fatas dos bosques.

Tavrobel Um lugar em Tol Eressëa. *Ponte de Tavrobel*; *Torre de Tavrobel*; *Gilfanon a·Davrobel*, *Gilfanon de Tavrobel*

Tecelã-de-Treva Tradução de *Wirilómë*, *Gwerlum*, a grande Aranha.

Telelli Nome de certos Elfos (ver Apêndice). anteriormente *Telellë*

Teleri (1) O primeiro clã dos Elfos (chamados posteriormente de Vanyar). (2) No sentido posterior = Solosimpi dos *Contos Perdidos*.

Telimektar Filho de Tulkas. Ver *Telumehtar*.

Telimpë O caldeirão de luz prateada em Valinor; nome em variação com *Silindrin*.

Telperion

Telumehtar Órion. Ver *Telimektar*.

Tempo Ver especialmente

Tendas do Murmurar Habitação dos Noldoli próximo a Helkaraksë.

Terra de Sombra, *das Sombras*. Ver *Aryador*, *Dor Lómin*, *Hisilómë*.

Terra dos Olmos. Ver *Alalminórë*.

Terra-das-Fadas
Terra-média
Terras de Fora (1) Originalmente usado para as Grandes Terras. (2) Valinor, Eruman/Arvalin, e as Ilhas do Crepúsculo (89). *Terra de Fora*
Terras do meio
Terras Orientais; *praia*(*s*) *Oriental*(*is*), *costa*(*s*) *Orienta*(*is*)
Terras Soçobradas; com outro sentido
Teso do Primeiro Pesar Ver *Cûm a Gumlaith*.
Tevildo, Príncipe dos Gatos
Thangorodrim
Thingol; *Elu Thingol*. Ver *Tinwë Linto*, *Tinwelint*.
Thompson, *Francis*
Thorndor Nome gnômico de Sorontur, Rei das Águias. forma posterior *Thorondor*
Tilion Timoneiro da Lua.
Tilkal Metal criado por Aulë para acorrentar Melko.
Timpinen Nome de Tinfang no idioma dos Eldar.
Tindriel Nome antigo de Melian. (Substituído por *Wendelin*).
Tinfang Nome gnômico de Timpinen, o flautista; chamado de *Tinfang Trinado* (ver Apêndice). poemas *Tinfang Trinado*, *Over Old Hills and Far Away* [*Por Montes Antigos, Varando a Distância*]
Tintoglin Nome antigo de Tinwelint.
Tinúviel Filha de Tinwelint (posteriormente Lúthien (Tinúviel) filha de Thingol). o *Conto de Tinúviel*. Ver *Lúthien*.
Tinwë Linto, *Tinwë* Senhor dos Solosimpi que se perdeu na Grande Jornada e tornou-se Senhor dos Elfos de Hisilómë; posteriormente *Thingol*. (Substituiu *Linwë Tinto*).
Tinwelint Nome gnômico de Tinwë Linto (posteriormente Thingol). (Substituiu *Tintoglin*).
Tinwetári “Rainha das Estrelas”, nome de Varda.
Tirion

Tol Eressëa. Ver *Ilha Solitária*.
Tombo O “Gongo das Crianças” em Mar Vanwa Tyaliéva. Ver *Gongo das Crianças*, *Coração-Pequeno*.
Tórin Ver *Daurin*.
Torre de Pérola Torre em uma das Ilhas do Crepúsculo. *o Adormecido na Torre de Pérola*
Trent, Rio
Três Clãs
Trilha dos Sonhos Ver *Olórë Mallë*.
Tu e Eu e o Chalé do Brincar Perdido (poema)
Tû O mago ou fata que se tornou Rei dos Elfos Escuros. *Senhor do Ocaso*. (Substituiu *Túvo*).
Tuilérë Nome de Vána.
Tuivána Nome de Vána.
Tulkas. Ver *Astaldo*, *Poldórëa*.
Tulkassë Nome antigo de Tulkastor. (Substituiu *Turenbor*).
Tulkastor Pai de Vairë, esposa de Lindo. (Substituiu *Tulkassë*).
Tûn Nome que substituiu Kôr (como nome da cidade).
Túna
Tuor. Para o conto de *Tuor e os eLivross de Gondolin* (“*A Queda de Gondolin*”) ver *Gondolin*.
Turambar Ver *Túrin*.
Turenbor Nome antigo de Tulkastor. (Substituído por *Tulkassë*).
Turgon. Ver *Turondo*
Túrin; o *Conto de Turambar*
Turinqi Ver *Meril-i-Turinqi*.
Turondo Filho de Finwë Nólemë, chamado de Turgon em gnômico.
Turuhalmë O “Trazer das Lenhas” para Mar Vanwa Tyaliéva. . (Outras formas *Duruchalm* e *Halmadhurwion*).
Túvo Nome antigo de Tû.

Uin A grande baleia.

Uinen; *Oinen*; *a Senhora do Mar*. (Substituiu Ónen).
Ulbandi Mãe de Kosomot, o filho de Melko.
Ulmo; *Senhor de Vai*. Ver *Linqil*, *Vailimo*.
Ulmonan Salões de Ulmo no Oceano de Fora.
Úmanyar Elfos que "não são de Aman".
Ungoliant Forma do nome da grande Aranha em *O Silmarillion*. Ungoliont, seu nome gnômico nos *Contos Perdidos*. (Substituiu *Gungliont*).
Ungweliantë A grande Aranha. ver *Ungwë Lianti*; *Ungwë*; *Ungweliant*. Ver *Gwerlum*, *Móru*, *Wirilómë*.
Uolë Kúvion O Elfo conhecido como Homem da Lua. (Substituiu *Uolë Mikúmi*).
Uolë Mikúmi Nome antigo de Uolë Kúvion.
Ûr Nome do Sol.
Urdidura dos Dias e Meses e dos Anos
Úrin Forma de *Húrin* nos *Contos Perdidos*. *Filhos*, *povo de Úrin*
Ursa Maior; *Ursa de Argento*, *Argêntea*; *Grande Arado*. Ver *Sete-Estrelo*, *Sete Estrelas*; *Valacirca*.
Urwen Nome antigo de Urwendi.
Urwendi Guardiã de Laurelin e donzela do Sol. *Urwandi*. (Substituiu *Urwen*).
Utumna A primeira fortaleza de Melko. *Fortaleza do Norte*; forma posterior *Utumno*
Úvalear Nome do Povo da Sombra de Hisilómë.
Úvanimor "Monstros, gigantes e ogros" criados por Melko.

Vai O Mar de Fora. Ver especialmente, e ver *Mar(es) de Fora*.
Vailimo Nome de Ulmo, Governante de Vai.
Vairë (1) Elfa de Tol Eressëa, esposa de Lindo. (2) "A Tecelã", esposa de Mandos
Vaitya O mais exterior dos três ares.
Vaiya "O Oceano Envolvedor".
Valacirca "A Foice dos Valar". *a Foice de Prata*

Valahíru Título de Manwë, “Senhor dos Valar”.
Valaquenta
Valar Passim; ver *Deuses*. (Singular *Vala*; plural também *Vali*, e *Valur e Valir*. Ver *Filhos dos Valar*.
Valatúru = Valahíru.
Vale das Águas Plangentes. Ver *Gorfalon(g)*.
Vale das Fontes. Ver *Gorfalon(g)*.
Vale do Sono Ver *Murmenalda*.
Vale Soporoso Ver *Murmenalda*.
Valinor “Terra dos Deuses” (91); *Valinórë*. *Passim*; “vale” ou “planície” de Valinor (Valinor “sobre a planície”) etc.; faiais; clareiras; areia dourada; Valinor mais próxima da Muralha das Coisas do que as costas do Leste; *Ocultação de Valinor*; *Obscurecer de Valinor*. Ver *Montanhas de Valinor*.
Valmar
Valwë Pai de Lindo. (*Manwë* em lugar de *Valwë* 33).
Vána; *a Lamparina de Vána*, o Sol. Ver *Tári-Laisi*, *Tuilérë*, *Tuivána*, *Vána-Laisi*.
Vána-Laisi Nome de Vána.
Vanë Hansto Ver *Hanstovánen*.
Vansamírin Estrada da procissão cerimonial do Festival de Duplo Júbilo. (descrição da estrada 176-7). Ver *Samírien*.
Vanyar. Ver *Teleri* (1).
Varda; *Varda das Estrelas*, *Senhora das Estrelas*, *Rainha das Estrelas*, *a fazedora d’estrelas*; *os Poços de Varda*. Ver *Tinwetári*.
Vê Nome de Vefántur (Mandos) dado ao seu salão.
Vefántur “Fantur da Morte”, o Vala Mandos. Ver *Fantur*, *Mandos*.
Vilna O mais interior dos três ares.
Vinyamar A morada de Turgon em Nevrast.
Vírin Substância criada por Aulë para o vaso da Lua.
Völuspá Poema da *Edda* em nórdico antigo.
Voronwë = gnômico *Bronweg*.

Vorotemnar As manilhas postas nos pulsos de Melko.

Warwick; *Warwickshire*
Wendelin Nome antigo de Melian. (Substituiu *Tindriel*).
Wingildi Espíritos da espuma-do-mar.
Wingilot O navio de Eärendel. *Wingelot*
Wirilómë A grande Aranha, "Tecelã-de-Treva". Ver *Gwerlum*, *Móru*, *Ungoliant*, *Ungweliantë*.
Wiruin Uma grande voragem perto de Helkaraksë.
Wóden

Yare, Rio
Yarmouth
Yavanna. Ver *Senhora-da-terra*, *Kémi*, *Palúrien*.

Poemas originais

Prefácio

[A]:

The world was fair, the mountains tall.
In Elder Days before the fall
Of mighty kings in Nargothrond
And Gondolin, who now beyond
The Western Seas have passed away

1. O Chalé do Brincar Perdido

[A]:

You & Me
and the Cottage of Lost Play

You and me — we know that land
And often have been there
In the long old days, old nursery days,
A dark child and a fair.
Was it down the paths of firelight dreams
In winter cold and white,
Or in the blue-spun twilit hours
Of little early tucked-up beds
In drowsy summer night,
That You and I got lost in Sleep
And met each other there —
Your dark hair on your white nightgown,
And mine was tangled fair?

We wandered shyly hand in hand,
Or rollicked in the fairy sand

And gathered pearls and shells in pails,
While all about the nightingales
Were singing in the trees.
We dug for silver with our spades
By little inland sparkling seas,
Then ran ashore through sleepy glades
And down a warm and winding lane
We never never found again
Between high whispering trees.

The air was neither night or day,
But faintly dark with softest light,
When first there glimmered into sight
The Cottage of Lost Play.
'Twas builded very very old
White, and thatched with straws of gold,
And pierced with peeping lattices
That looked toward the sea;
And our own children's garden-plots
Were there — our own forgetmenots,
Red daisies, cress and mustard,
And blue nemophile.
O! all the borders trimmed with box
Were full of favourite flowers — of phlox,
Of larkspur, pinks, and hollyhocks
Beneath a red may-tree:
And all the paths were full of shapes,
Of tumbling happy white-clad shapes,
And with them You and Me.
And some had silver watering-cans
And watered all their gowns,
Or sprayed each other; some laid plans
To build them houses, fairy towns,
Or dwellings in the trees;
And some were clambering on the roof;
Some crooning lonely and aloof;

And some were dancing fairy-rings
And weaving pearly daisy-strings,
Or chasing golden bees;
But here and there a little pair
With rosy cheeks and tangled hair
Debated quaint old childish things —
And we were one of these.
And why it was Tomorrow came
And with his grey hand led us back;
And why we never found the same
Old cottage, or the magic track
That leads between a silver sea
And those old shores and gardens fair
Where all things are, that ever were —
We know not, You and Me.

[B]:

But why it was there came a time
When we could take the road no more,
Though long we looked, and high would climb,
Or gaze from many a seaward shore
To find the path between sea and sky
To those old gardens of delight;
And how it goes now in that land,
If there the house and gardens stand,
Still filled with children clad in white —
We know not, You and I

[C]:

The Little House of Lost Play
Mar Vanwa Tyalieva

We knew that land once, You and I,
and once we wandered there
in the long days now long gone by,
a dark child and a fair.
Was it on the paths of firelight thought

in winter cold and white,
or in the blue-spun twilit hours
of little early tucked-up beds
in drowsy summer night,
that you and I in Sleep went down
meet each other there,
your dark hair on your white nightgown
and mine was tangled fair?

We wandered shyly hand in hand,
small footprints in the golden sand,
and gathered pearls and shells in pails,
while all about the nightingales
were singing in the trees.
We dug for silver with our spades,
and caught the sparkle of the seas,
then ran ashore to greenlit glades,
and found the warm and winding lane
that now we cannot find again,
between tall whispering trees.

The air was neither night nor day,
an ever-eve of gloaming light,
when first there glimmered into sight
the Little House of Play.
New-built it was, yet very old,
white, and thatched with straws of gold,
and pierced with peeping lattices
that looked toward the sea;
and our own children's garden-plots
were there: our own forgetmenots,
red daisies, cress and mustard,
and radishes for tea.
There all the borders, trimmed with box,
were filled with favourite flowers, with phlox,
with lupins, pinks, and hollyhocks,

beneath a red may-tree;
and all the gardens full of folk
that their own little language spoke,
but not to You and Me.

For some had silver watering-cans
and watered all their gowns,
or sprayed each other; some laid plans
to build their houses, little towns
and dwellings in the trees.
And some were clambering on the roof;
some crooning lonely and aloof;
some dancing round the fairy-rings
all garlanded in daisy-strings,
while some upon their knees
before a little white-robed king
crowned with marigold would sing
their rhymes of long ago.
But side by side a little pair
with heads together, mingled hair,
went walking to and fro
still hand in hand; and what they said,
ere Waking far apart them led,
that only we now know.

[D]:

Kortirion among the Trees

The First Verses

O fading town upon a little hill,
Old memory is waning in thine ancient gates,
The robe gone gray, thine old heart almost still;
The castle only, frowning, ever waits
And ponders how among the towering elms
The Gliding Water leaves these inland realms

And slips between long meadows to the western sea —
Still bearing downward over murmurous falls
One year and then another to the sea;
And slowly thither have a many gone
Since first the fairies built Kortirion.

O spiry town upon a windy hill
With sudden-winding alleys shady-walled
(Where even now the peacocks pace a stately drill,
Majestic, sapphirine, and emerald),
Behold thy girdle of a wide champain
Sunlit, and watered with a silver rain,
And richly wooded with a thousand whispering trees
That cast long shadows in many a bygone noon,
And murmured many centuries in the breeze.
Thou art the city of the Land of Elms,
Alalmin6re in the Faery Realms.

Sing of thy trees, old, old Kortirion!
Thine oaks, and maples with their tassels on,
Thy singing poplars; and the splendid yews
That crown thine aged walls and muse
Of sombre grandeur all the day —
Until the twinkle of the early stars
Is tangled palely in their sable bars;
Until the seven lampads of the Silver Bear
Swing slowly in their shrouded hair
And diadem the fallen day.
O tower and citadel of the world!
When bannered summer is unfurled
Most full of music are thine elms —
A gathered sound that overwhelms
The voices of all other trees.
Sing then of elms, belov'd Kortirion,

How summer crowds their full sails on,
Like clothed masts of verdurous ships,
A fleet of galleons that proudly slips
Across long sunlit seas.

The Second Verses

Thou art the inmost province of the fading isle
Where linger yet the Lonely Companies.
Still, undespairing, do they sometimes slowly file
Along thy paths with plaintive harmonies:
The holy fairies and immortal elves
That dance among the trees and sing themselves
A wistful song of things that were, and could be yet.
They pass and vanish in a sudden breeze,
A wave of bowing grass — and we forget
Their tender voices like wind-shaken bells
Of flowers, their gleaming hair like golden asphodels.

Spring still hath joy: thy spring is ever fair
Among the trees; but drowsy summer by thy streams
Already stoops to hear the secret player
]Pipe out beyond the tangle of her forest dreams
The long thin tune that still do sing
The elvish harebells nodding in a jacinth ring
Upon the castle walls;
Already stoops to listen to the clear cold spell
Come up her sunny aisles and perfumed halls:
A sad and haunting magic note,
A strand of silver glass remote.

Then all thy trees, old town upon a windy bent,
Do loose a long sad whisper and lament;
For going are the rich-hued hours, th'enchanted nights

When flitting ghost-moths dance like satellites
Round tapers in the moveless air;
And doomed already are the radiant dawns,
The fingered sunlight dripping on long lawns;
The odour and the slumbrous noise of meads,
When all the sorrel, flowers, and plumed weeds
Go down before the scyther's share.
Strange sad October robes her dewy furze
In netted sheen of gold-shot gossamers,
And then the wide-umbraged elm begins to fail;
Her mourning multitudes of leaves go pale
Seeing afar the icy shears
Of Winter, and his blue-tipped spears
Marching unconquerable upon the sun
Of bright All-Hallows. Then their hour is done,
And wanly borne on wings of amber pale
They beat the wide airs of the fading vale
And fly like birds across the misty meres.

The Third Verses

Yet is this season dearest to my heart,
Most fitting to the little faded town
With sense of splendid pomps that now depart
In mellow sounds of sadness echoing down
The paths of stranded mists. 0! gentle time
When the late mornings are bejewelled with rime,
And the blue shadows gather on the distant woods.
The fairies know thy early crystal dusk
And put in secret on their twilit hoods
Of grey and filmy purple, and long bands
Of frosted starlight sewn by silver hands.

They know the season of the brilliant night,
When naked elms entwine in cloudy lace
The Pleiades, and long-armed poplars bar the light
Of golden-rondured moons with glorious face.

O fading fairies and most lonely elves
Thien sing ye, sing ye to yourselves
A woven song of stars and gleaming leaves;
Then whirl ye with the sapphire-winged winds;
Then do ye pipe and call with heart that grieves
To sombre men: 'Remember what is gone —
The magic sun that lit Kortirion!'

Now are thy trees, old, old Kortirion,
Seen rising up through pallid mists and wan,
Like vessels floating vague and long afar
Down opal seas beyond the shadowy bar
Of cloudy ports forlorn:
They leave behind for ever havens throng'd
Wherein their crews a while held feasting long
And gorgeous ease, who now like windy ghosts
Are wafted by slow airs to empty coasts;
There are they sadly glimmering borne
Across the plumbless ocean of oblivion.
Bare are thy trees become, Kortirion,
And all their summer glory swiftly gone.
The seven lampads of the Silver Bear
Are waxen to a wondrous flare
That flames above the fallen year.
Though cold thy windy squares and empty streets;
Though elves dance seldom in thy pale retreats
(Save on some rare and moonlit night,
A flash, a whispering glint of white),
Yet would I never need depart from here.

The Last Verse

I need not know the desert or red palaces
Where dwells the sun, the great seas or the magic isles,
The pinewoods piled on mountain-terraces;
And calling faintly down the windy miles

Touches my heart no distant bell that rings
In populous cities of the Earthly Kings.
Here do I find a haunting ever-near content
Set midmost of the Land of withered Elms
(Aialminore of the Faery Realms);
Here circling slowly in a sweet lament
Linger the holy fairies and immortal elves
Singing a song of faded longing to themselves.

[E]:

Kortirion among the Trees

I

O fading town upon an inland hill,
Old shadows linger in thine ancient gate,
Thy robe is grey, thine old heart now is still;
Thy towers silent in the mist await
Their crumbling end, while through the storeyed elms
The Gliding Water leaves these inland realms,
And slips between long meadows to the Sea,
Still bearing downward over murmurous falls
One day and then another to the Sea;
And slowly thither many years have gone,
Since first the Elves here built Kortirion.

O climbing town upon thy windy hill
With winding streets, and alleys shady-walled
Where now untamed the peacocks pace in drill
Majestic, sapphirine, and emerald;
Amid the girdle of this sleeping land,
Where silver falls the rain and gleaming stand
The whispering host of old deep-rooted trees
That cast long shadows in many a bygone noon,
And murmured many centuries in the breeze ;
Thou art the city of the Land of Elms,
Alalminore in the Faery Realms.

Sing of thy trees, Kortirion, again:
The beech on hill, the willow in the fen,
The rainy poplars, and the frowning yews
Within thine aged courts that muse
In sombre splendour all the day;
Until the twinkle of the early stars
Comes glinting through their sable bars,
And the white moon climbing up the sky
Looks down upon the ghosts of trees that die
Slowly and silently from day to day.
O Lonely Isle, here was thy citadel,
Ere bannered summer from his fortress fell.
Then full of music were thine elms:
Green was their armour, green their helms,
The Lords and Kings of all thy trees.
Sing, then, of elms, renowned Kortirion,
That under summer crowd their full sail on,
And shrouded stand like masts of verdurous ships,
A fleet of galleons that proudly slips
Across long sunlit seas.

II

Thou art the inmost province of the fading isle,
Where linger yet the Lonely Companies;
Still, undespairing, here they slowly file
Along thy paths with solemn harmonies:
The holy people of an elder day,
Immortal Elves, that singing fair and fey
Of vanished things that were, and could be yet,
Pass like a wind among the rustling trees,
A wave of bowing grass, and we forget
Their tender voices like wind-shaken bells
Of flowers, their gleaming hair like golden asphodels.
Once Spring was here with joy, and all was fair
Among the trees; but Summer drowsing by the
stream

Heard trembling in her heart the secret player
Pipe, out beyond the tangle of her forest dream,
The long-drawn tune that elvish voices made
Foreseeing Winter through the leafy glade;
The late flowers nodding on the ruined walls
Then stooping heard afar that haunting flute
Beyond the sunny aisles and tree-propped halls;
For thin and clear and cold the note,
As strand of silver glass remote.

Then all thy trees, Kortirion, were bent,
And shook with sudden whispering lament:
For passing were the days, and doomed the nights
When flitting ghost-moths danced as satellites
Round tapers in the moveless air;
And doomed already were the radiant dawns,
The fingered sunlight drawn across the lawns;
The odour and the slumbrous noise of meads,
Where all the sorrel, flowers, and plumed weeds
Go down before the scyther's share.
When cool October robed her dewy furze
In netted sheen of gold-shot gossamers,
Then the wide-umbraged elms began to fail;
Their mourning multitude of leaves grew pale,
Seeing afar the icy spears
So Of Winter marching blue behind the sun
Of bright All-Hallows. Then their hour was done,
And wanly borne on wings of amber pale
They beat the wide airs of the fading vale,
And flew like birds across the misty meres.

III

This is the season dearest to the heart,
And time most fitting to the ancient town,
With waning musics sweet that slow depart
Winding with echoed sadness faintly down

The paths of stranded mist. 0 gentle time,
When the late mornings are begemmed with rime,
And early shadows fold the distant woods!
The Elves go silent by, their shining hair
They cloak in twilight under secret hoods
Of grey, and filmy purple, and long bands
Of frosted starlight sewn by silver hands.

And oft they dance beneath the roofless sky,
When naked elms entwine in branching lace
The Seven Stars, and through the boughs the eye
Stares golden-beaming in the round moon's face.
O holy Elves and fair immortal Folk,
You sing then ancient songs that once awoke
Under primeval stars before the Dawn;
You whirl then dancing with the eddying wind,
As once you danced upon the shimmering lawn
In Elvenhome, before we were, before
You crossed wide seas unto this mortal shore.
Now are thy trees, old grey Kortirion,
Through pallid mists seen rising tall and wan,
Like vessels floating vague, and drifting far
Down opal seas beyond the shadowy bar
Of cloudy ports forlorn;
Leaving behind for ever havens loud,
Wherein their crews a while held feasting proud
And lordly ease, they now like windy ghosts
Are wafted by slow airs to windy coasts,
And glimmering sadly down the tide are borne.
Bare are thy trees become, Kortirion;
The rotted raiment from their bones is gone.
The seven candles of the Silver Wain,
Like lighted tapers in a darkened fane,
Now flare above the fallen year.
Though court and street now cold and empty lie,
And Elves dance seldom neath the barren sky,

Yet under the white moon there is a sound
Of buried music still beneath the ground.
When winter comes, I would meet winter here.
I would not seek the desert, or red palaces
Where reigns the sun, nor sail to magic isles,
Nor climb the hoary mountains' stony terraces;
And tolling faintly over windy miles
To my heart calls no distant bell that rings
In crowded cities of the Earthly Kings.
For here is heartsease still, and deep content,
Though sadness haunt the Land of withered Elms
(Alalmin6re in the Faery Realms);
And making music still in sweet lament
The Elves here holy and immortal dwell,
And on the stones and trees there lies a spell.

[F]:

The Trees of Kortirion

I

Alalminóre

O ancient city on a leaguered hill!
Old shadows linger in your broken gate,
Your stones are grey, your old halls now are still,
Your towers silent in the mist await
Their crumbling end, while through the storeyed elms
The River Gliding leaves these inland realms
And slips between long meadows to the Sea,
Still bearing down by weir and murmuring fall
One day and then another to the Sea;
And slowly thither many days have gone
Since first the Edain built Kortirion.

Kortirion! Upon your island hill
With winding streets, and alleys shadow-walled
Where even now the peacocks pace in drill
Majestic, sapphirine and emerald,

Once long ago amid this sleeping land
Of silver rain, where still year-laden stand
In unforgetful earth the rooted trees
That cast long shadows in the bygone noon,
And whispered in the swiftly passing breeze,
Once long ago, Queen of the Land of Elms,
High City were you of the Inland Realms.

Your trees in summer you remember still:
The willow by the spring, the beech on hill;
The rainy poplars, and the frowning yews
Within your aged courts that muse
In sombre splendour all the day,
Until the firstling star comes glimmering,
And ftittermice go by on silent wing;
Until the white moon slowly climbing sees
In shadow-fields the sleep-enchanted trees
Night-mantled all in silver-grey.
Alalminor! Here was your citadel,
bannered summer from his fortress fell ;
About you stood arrayed your host of elms:
Green was their armour, tall and green their helms,
High lords and captains of the trees.
But summer wanes. Behold, Kortirion!
The elms their full sail now have crowded on
Ready to the winds, like masts amid the vale
Of mighty ships too soon, too soon, to sail
To other days beyond these sunlit seas.

II
Narquelion

Alalminóre! Green heart of this Isle
Where linger yet the Faithful Companies!
Still undespairing here they slowly file
Down lonely paths with solemn harmonies:
The Fair, the first-born in an elder day,

Immortal Elves, who singing on their way
Of bliss of old and grief, though men forget,
Pass like a wind among the rustling trees,
A wave of bowing grass, and men forget
Their voices calling from a time we do not know,
Their gleaming hair like sunlight long ago.

A wind in the grass l The turning of the year.
A shiver in the reeds beside the stream,
A whisper in the trees — afar they hear,
Piercing the heart of summer's tangled dream,
Chill music that a herald piper plays
Foreseeing winter and the leafless days.
The late flowers trembling on the ruined walls
Already stoop to hear that elven-flute.
Through the wood's sunny aisles and tree-propped halls
Winding amid the green with clear cold note
Like a thin strand of silver glass remote.

The high-tide ebbs, the year will soon be spent;
And all your trees, Kortirion, lament.
At morn the whetstone rang upon the blade,
At eve the grass and golden flowers were laid
To wither, and the meadows bare.
Now dimmed already comes the tardier dawn,
Paler the sunlight fingers creep across the lawn.
The days are passing. Gone like moths the nights
When white wings fluttering danced like satellites
Round tapers in the windless air.
Lammas is gone. The Harvest-moon has waned.
Summer is dying that so briefly reigned.
Now the proud elms at last begin to quail,
Their leaves uncounted tremble and grow pale,
Seeing afar the icy spears
Of winter march to battle with the sun.

When bright All-Hallows fades, their day is done,
And borne on wings of amber wan they fly
In heedless winds beneath the sullen sky,
And fall like dying birds upon the meres.

III
Hrivion

Alas! Kortirion, Queen of Elms, alas!
This season best befits your ancient town
With echoing voices sad that slowly pass,
Winding with waning music faintly down
The paths of stranded mist. 0 fading time,
When morning rises late all hoar with rime,
And early shadows veil the distant woods!
Unseen the Elves go by, their shining hair
They cloak in twilight under secret hoods
Of grey, their dusk-blue mantles gird with bands
Of frosted starlight sewn by silver hands.

At night they dance beneath the roofless sky,
When naked elms entwine in branching lace
The Seven Stars, and through the boughs the eye
Stares down cold-gleaming in the high moon's face.
O Elder Kindred, fair immortal folk!
You sing now ancient songs that once awoke
Under primeval stars before the Dawn;
You dance like shimmering shadows in the wind,
As once you danced upon the shining lawn
Of Elvenhome, before we were, before
You crossed wide seas unto this mortal shore.

Now are your trees, old grey Kortirion,
Through pallid mists seen rising tall and wan,
Like vessels vague that slowly drift afar
Out, out to empty seas beyond the bar

Of cloudy ports forlorn;
Leaving behind for ever havens loud,
Wherein their crews a while held feasting proud
In lordly ease, they now like windy ghosts
Are wafted by cold airs to friendless coasts,
And silent down the tide are borne.
Bare has your realm become, Kortirion,
Stripped of its raiment, and its splendour gone.
Like lighted tapers in a darkened fane
The funeral candles of the Silver Wain
Now flare above the fallen year.
Winter is come. Beneath the barren sky
The Elves are silent. But they do not die!
Here waiting they endure the winter fell
And silence. Here I too will dwell;
Kortirion, I will meet the winter here.

IV

Mettanye

I would not find the burning domes and sands
Where reigns the sun, nor dare the deadly snows,
Nor seek in mountains dark the hidden lands
Of men long lost to whom no pathway goes;
I heed no call of clamant bell that rings
Iron-tongued in the towers of earthly kings.
Here on the stones and trees there lies a spell
Of unforgotten loss, of memory more blest
Than mortal wealth. Here undefeated dwell
The Folk Immortal under withered elms,
Alalminórë once in ancient realms.

3. A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor

[A]:

Habbanan beneath the Stars

In Habbanan beneath the skies
Where all roads end however long
There is a sound of faint guitars
And distant echoes of a song,
For there men gather into rings
Round their red fires while one voice sings —
And all about is night.

*

Not night as ours, unhappy folk,
Where nigh the Earth in hazy bars,
A mist about the springing of the stars,
There trails a thin and wandering smoke
Obscuring with its veil half-seen
The great abysmal still Serene.

*

A globe of dark glass faceted with light
Wherein the splendid winds have dusky flight;
Untrodden spaces of an odorous plain
That watches for the moon that long has lain
And caught the meteors' fiery rain —
Such there is night.

*

There on a sudden did my heart perceive
That they who sang about the Eve,
Who answered the bright-shining stars
With gleaming music of their strange guitars,
These were His wandering happy sons
Encamped upon those aery leas
Where God's unsullied garment runs
In glory down His mighty knees.

4. O Acorrentamento de Melko

[A]

Tinfang Warble

O the hoot! O the hoot!

How he trill ups on his flute!
O the hoot of Tinfang Warble!
Dancing all alone,
Hopping on a stone,
Flitting like a fawn,
In the twilight on the lawn,
And his name is Tinfang W arb!e !
The first star has shown
And its lamp is blown
to a flame of flickering blue.
He pipes not to me,
He pipes not to thee,
He whistles for none of you.
His music is his own,
The tunes of Tinfang Warble!

[B]:

Over Old Hills and Far Away

It was early and still in the night of June,
And few were the stars, and far was the moon,
The drowsy trees drooping, and silently creeping
Shadows woke under them while they were sleeping.
I stole to the window with stealthy tread
Leaving my white and unpressed bed;
And something alluring, aloof and queer,
Like perfume of flowers from the shores of the mere
That in Elvenhome lies, and in starlit rains
Twinkles and flashes, came up to the panes
Of my high lattice-window. Or was it a sound?
I listened and marvelled with eyes on the ground.
For there came from afar a filtered note
Enchanting sweet, now clear, now remote,
As clear as a star in a pool by the reeds,
As faint as the glimmer of dew on the weeds.
Then I left the window and followed the call

Down the creaking stairs and across the hall
Out through a door that swung tall and grey,
And over the lawn, and away, away!
It was Tinfang Warble that was dancing there,
Fluting and tossing his old white hair,
Till it sparkled like frost in a winter moon;
And the stars were about him, and blinked to his tune
Shimmering blue like sparks in a haze,
As always they shimmer and shake when he plays.
My feet only made there the ghost of a sound
On the shining white pebbles that ringed him round,
Where hi~ little feet flashed on a circle of sand,
And the fingers were white on his flickering hand.
In the wink of a star he had leapt in the air
With his fluttering cap and his glistening hair;
And had cast his long flute right over his back,
Where it hung by a ribbon of silver and black.
His slim little body went fine as a shade,
And he slipped through the reeds like a mist in the glade;
And he laughed like thin silver, and piped a thin note,
As he flapped in the shadows his shadowy coat.
the toes of his slippers were twisted and curled,
But he danced like a wind out into the world.
He is gone, and the valley is empty and bare
Where lonely I stand and lonely I stare.
Then suddenly out in the meadows beyond,
Then back in the reeds by the shimmering pond,
Then afar from a copse where the mosses are thick
A few little notes came trillaping quick.
I leapt o'er the stream and I sped from the glade,
For Tinfang Warble it was that played;
I must follow the hoot of his twilight flute
Over reed, over rush, under branch, over root,
And over dim fields, and through rustling grasses
That murmur and nod as the old elf passes,

Over old hills and far away
Where the harps of the Elv'enfolk softly play.

5. A Vinda dos Elfos e a Criação de Kôr

[A]:

Kôr

In a City Lost and Dead

A sable hill, gigantic, rampart-crowned
Stands gazing out across an azure sea
Under an azure sky, on whose dark ground
Impearled as 'gainst a floor of porphyry
Gleam marble temples white, and dazzling halls;
And tawny shadows fingered long are made
In fretted bars upon their ivory walls
By massy trees rock-rooted in the shade
Like stony chiselled pillars of the vault
With shaft and capital of black basalt.
There slow forgotten days for ever reap
The silent shadows counting out rich hours;
And no voice stirs; and all the marble towers
White, hot and soundless, ever burn and sleep.

[B]:

A Song of Aryador

In the vales of Aryador
By the wooded inland shore
Green the lakeward bents and meads
Sloping down to murmurous reeds
That whisper in the dusk o'er Aryador:
'Do you hear the many bells
Of the goats upon the fells
Where the valley tumbles downward from the pines?
Do you hear the blue woods moan
When the Sun has gone alone

To hunt the mountain-shadows in the pines?
She is lost among the hills
And the upland slowly fills
With the shadow-folk that murmur in the fern;
And still there are the bells
And the voices on the fells
While Eastward a few stars begin to burn.
Men are kindling tiny gleams
Far below by mountain-streams
Where they dwell among the beechwoods near the shore,
But the great woods on the height
Watch the waning western light
And whisper to the wind of things of yore,
When the valley was unknown,
And the waters roared alone,
And the shadow-folk danced downward all the night,
When the Sun had fared abroad
Through great forests unexplored
And the woods were full of wandering beams of light.
Then were voices on the fells
And a sound of ghostly bells
And a march of shadow-people o'er the height.
In the mountains by the shore
In forgotten Aryador
There was dancing and was ringing;
There were shadow-people singing
Ancient songs of olden gods in Aryador.'

8. O Conto do Sol e da Lua

[A]:

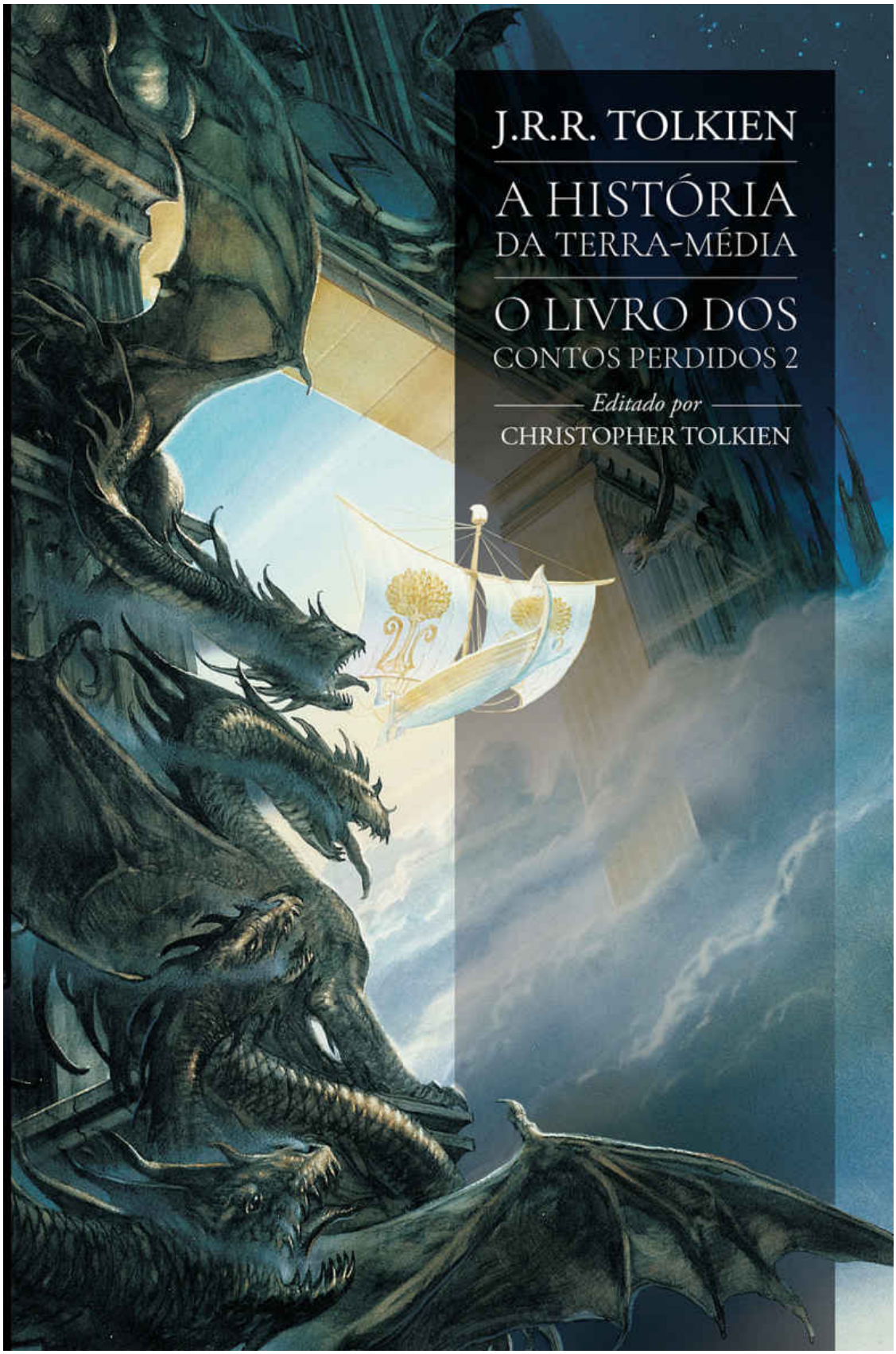
Why the Man in the Moon
came down too soon

The Man in the Moon had silver shoon

And his beard was of silver thread;
He was girt with pale gold and inaureoled
With gold about his head.
Clad in silken robe in his great white globe
He opened an ivory door
With a crystal key, and in secrecy
He stole o'er a shadowy floor;
Down a filigree stair of spidery hair
He slipped in gleaming haste,
And laughing with glee to be merry and free
He swiftly earthward raced.
He was tired of his pearls and diamond twirls;
Of his pallid minaret
Dizzy and white at its lunar height
In a world of silver set;
And adventured this peril for ruby and beryl
And emerald and sapphire,
And all lustrous gems for new diadems,
Or to blazon his pale attire.
He was lonely too with nothing to do
But to stare at the golden world,
Or strain for the hum that would distantly come
As it gaily past him whirled;
And at plenilune in his argent moon
He had wearily longed for Fire -
Not the limpid lights of wan selenites,
But a red terrestrial pyre
With impurpurate glows of crimson and rose
And leaping orange tongue;
For great seas of blues and the passionate hues
When a dancing dawn is young;
For the meadowy ways like chrysoprase
By winding Yare and Nen.
How he longed for the mirth of the populous Earth
And the sanguine blood of men;
And coveted song and laughter long

And viands hot and wine,
Eating pearly cakes of light snowflakes
And drinking thin moonshine.
He twinkled his feet as he thought of the meat,
Of the punch and the peppery brew,
Till he tripped unaware on his slanting stair,
And fell like meteors do;
As the whickering sparks in splashing arcs
Of stars blown down like rain
From his laddery path took a foaming bath
In the Ocean of Almain;
And began to think, lest he melt and stink,
What in the moon to do,
When a Yarmouth boat found him far afloat,
To the mazement of the crew
Caught in their net all shimmering wet
In a phosphorescent sheen
Of bluey whites and opal lights
And delicate liquid green.
With the morning fish — 'twas his regal wish —
They packed him to Norwich town,
To get warm on gin in a Norfolk inn,
And dry his watery gown.
Though Saint Peter's knell waked many a bell
In the city's ringing towers
To shout the news of his lunatic cruise
In the early morning hours,
No hearths were laid, not a breakfast made,
And no one would sell him gems;
He found ashes for fire, and his gay desire
For chorus and brave anthems
Met snores instead with all Norfolk abed,
And his round heart nearly broke,
More empty and cold than above of old,
Till he bartered his fairy cloak
With a half-waked cook for a kitchen nook,

And his belt of gold for a smile,
And a priceless jewel for a bowl of gruel,
A sample cold and vile
Of the proud plum-porridge of Anglian Norwich —
He arrived so much too soon
For unusual guests on adventurous quests
From the Mountains of the Moon.


J.R.R. TOLKIEN
A HISTÓRIA
DA TERRA-MÉDIA
O LIVRO DOS
CONTOS PERDIDOS 2
Editado por
CHRISTOPHER TOLKIEN

J.R.R. TOLKIEN

A HISTÓRIA DA TERRA-MÉDIA

II

O LIVRO DOS CONTOS PERDIDOS 2

Editado por CHRISTOPHER TOLKIEN

Tradução de
EDUARDO BOEHME
REINALDO JOSÉ LOPES
RONALD KYRMSE

Harper Collins
Rio de Janeiro, 2022

SUMÁRIO

Prefácio

1. O conto de Tinúviel
   Notas
2. Turambar e o Foalókë
   Notas
3. A queda de Gondolin
   Notas
4. O Nauglafring
   Notas
5. O Conto de Eärendel
   Notas
6. A história de Eriol ou Ælfwine e o Fim dos Contos
   Notas

Apêndice: Nomes em *Os Contos Perdidos 2*
Pequeno Glossário de Palavras Obsoletas, Arcaicas e Raras
Índice Remissivo
Poemas originais

Prefácio

Esta segunda parte de *O Livro dos Contos Perdidos* está organizada da mesma forma e com as mesmas intenções da primeira, conforme descritas no Prefácio a ela, páginas 20–1. Referências à primeira parte são incluídas no formato “I. 240”, e à segunda parte como “p. 240”, exceto nos lugares em que se faz menção a ambas, por exemplo “I. 222, II. 292”.

Como anteriormente, adotei um sistema consistente (ainda que não necessariamente “correto”) de acentuação dos nomes; e, nos casos de *Mim* e *Niniel*, que são sempre escritos assim, adotei *Mîm* e *Níniel*.

As duas páginas dos manuscritos originais foram reproduzidas com permissão da Biblioteca Bodleiana, Oxford, e gostaria de expressar minha gratidão à equipe do Departamento de Manuscritos Ocidentais da Bodleiana por sua assistência. Essas páginas originais correspondem às seguintes do texto impresso neste livro:

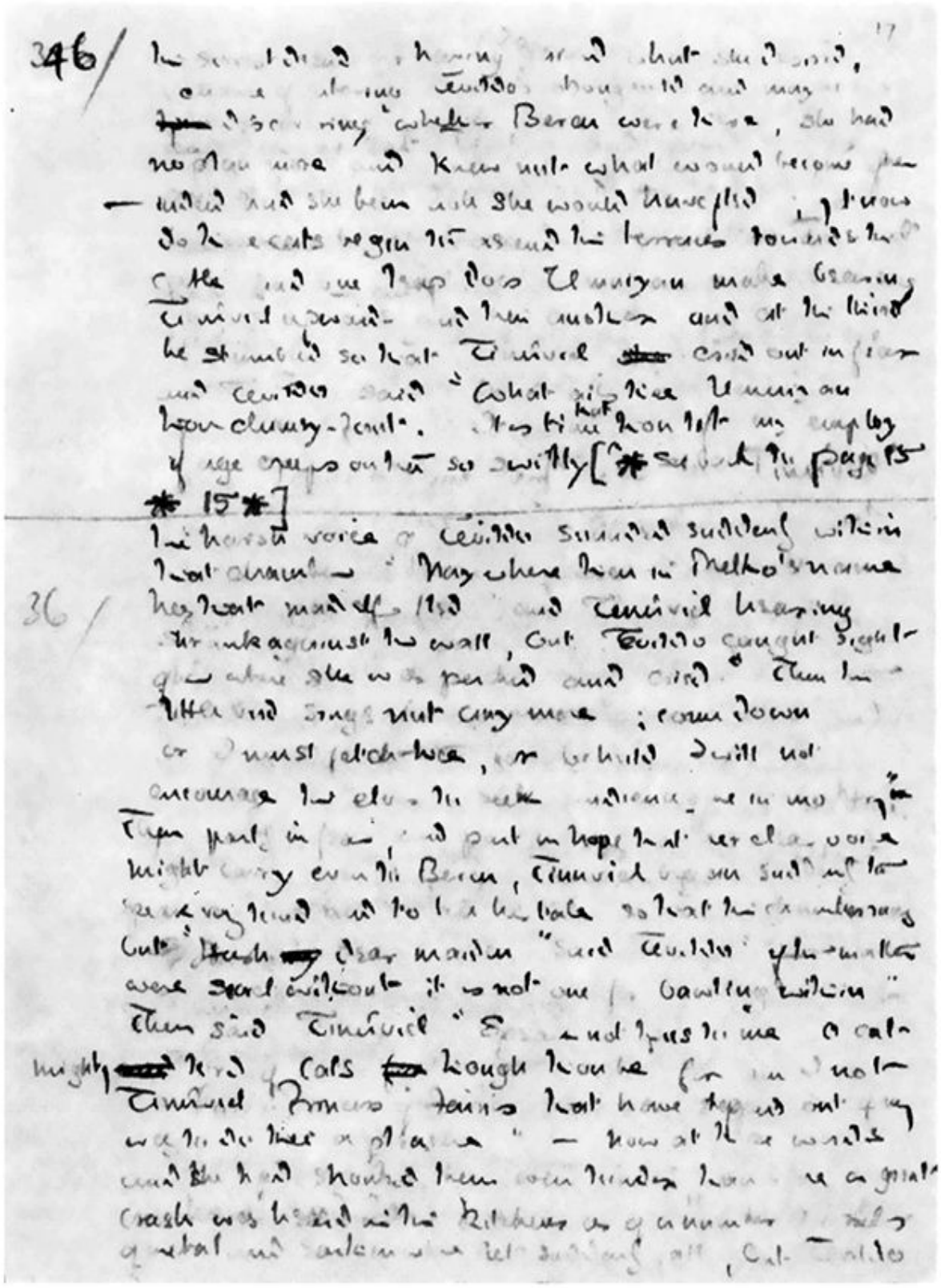
1. A página manuscrita de *O Conto de Tinúviel*. Parte superior: texto impresso, página 37 (nona linha *the sorest dread* [muito temerosa]) até a linha 18 (*so swiftly* [tão depressa]) da mesma página. Parte inferior: texto impresso, página 38 (nona linha, *the harsh voice* [a voz áspera]) até a décima quinta linha de baixo pra cima, *but Tevildo* [mas Tevildo]).
2. A página manuscrita de *A Queda de Gondolin*. Parte superior: texto impresso, página 228 (décima linha de baixo pra cima *“Now,” therefore said Galdor*

[“Agora”, disse portanto Galdor] até a última linha, *if no further.”* [ainda que não mais adiante.”]). Parte inferior: texto impresso, página 229 (linha 8, *But the others, led by one Legolas Greenleaf* [Mas os outros, liderados por Legolas Verdefolha] até a terceira linha de baixo pra cima (*leaving the main company to follow he* [deixando a companhia principal a segui-lo]).

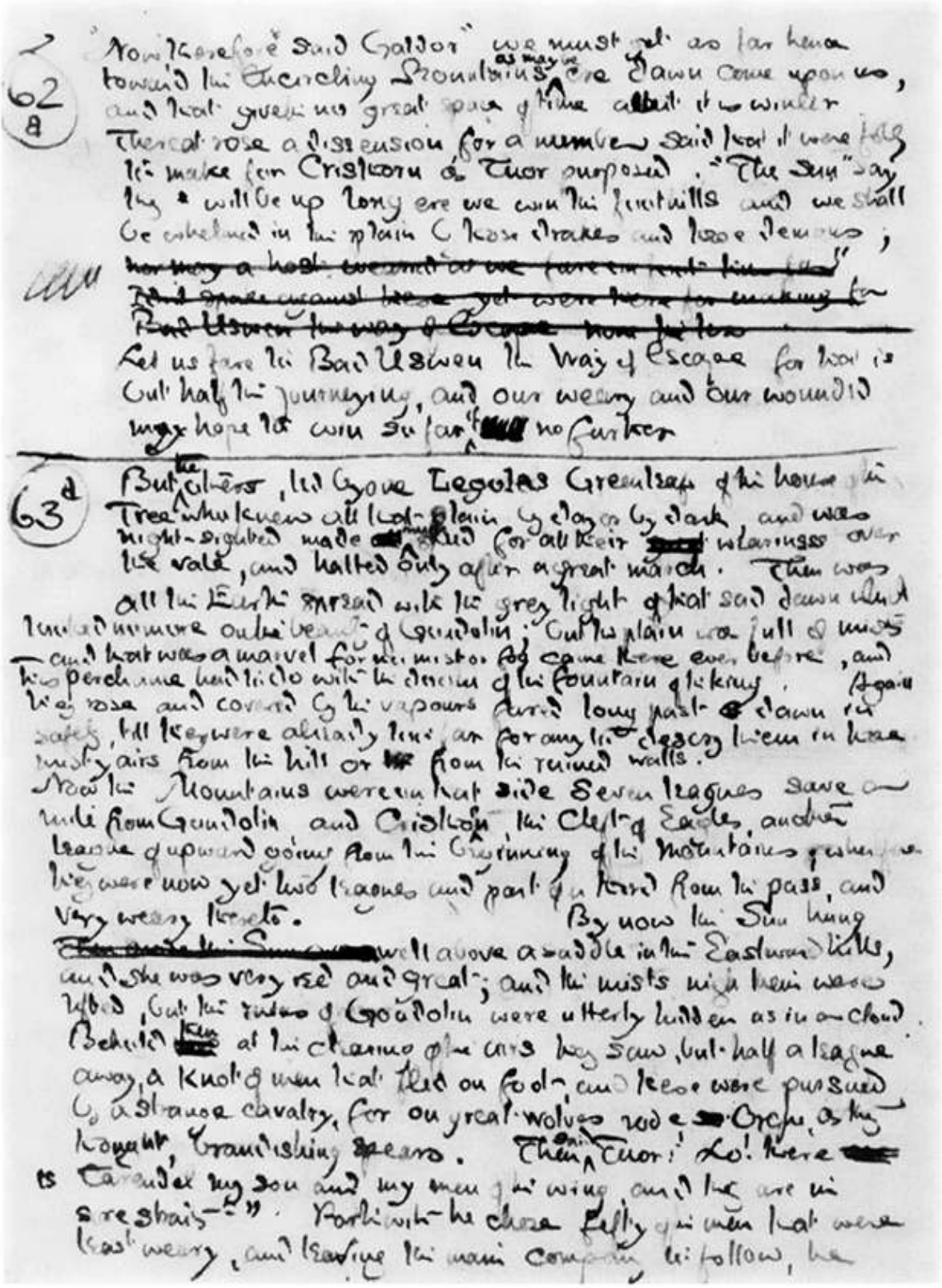
Para diferenças entre o texto impresso de *A Queda de Gondolin* e o manuscrito reproduzido, ver notas 34–36, e p. 244, *Bad Uthwen*; outras pequenas diferenças não mencionadas nas notas também se devem a alterações posteriores feitas ao texto B do Conto (ver pp. 179–80).

Essas páginas ilustram o complicado “quebra-cabeças” dos manuscritos de *Os Contos Perdidos* descrito na p. 20 do Prefácio à Parte I.

O terceiro volume nesta “História” incluirá a aliterante *Balada dos Filhos de Húrin* (*c*. 1918–1925) e a *Balada de Leithian* (1925–1931), juntamente com o comentário a uma parte dessa última feito por C.S. Lewis, e a reescrita do poema que meu pai empreendeu após a conclusão de *O Senhor dos Anéis*.



Página manuscrita de “O Conto de Tinúvel”



Página manuscrita do conto “A Queda de Gondolin”

1

O conto de Tinúviel

O *Conto de Tinúviel* foi escrito em 1917, mas o texto mais antigo que sobreviveu é posterior, sendo um manuscrito a tinta sobre um original a lápis que foi apagado; de fato, a reescrita desse conto parece ter sido um dos últimos elementos que meu pai completou nos *Contos Perdidos* (ver I. 203–4).

Há também uma versão datilografada do *Conto de Tinúviel*, posterior ao manuscrito, mas pertencente à mesma "fase" da mitologia: meu pai tinha o manuscrito diante de si e alterou o texto conforme prosseguia. Diferenças significativas entre as duas versões do conto são incluídas a partir da p. 54.

No manuscrito, o conto foi intitulado "Ligação ao Conto de Tinúviel, e também o Conto de Tinúviel". A *Ligação* começa com a seguinte passagem:

"Grande era o poder de Melko para o mal," diz Eriol, "se ele pôde mesmo destruir, com seus ardis, a felicidade e glória dos Deuses e dos Elfos, obscurecendo a luz de sua habitação, e reduzindo a nada todo o amor deles! Esse seguramente deve ser o pior feito que jamais cometeu."

"De fato nunca tamanho mal foi levado a cabo novamente em Valinor," disse Lindo, "mas a mão de Melko laborou em coisas piores no mundo, e as sementes do seu mal cresceram

desde aqueles dias a um tamanho grande e terrível.”

“Não,” disse Eriol, “meu coração ainda não consegue pensar em outros infortúnios, pelo pesar da destruição das mais belas Árvores e a escuridão do mundo.”

Esse trecho foi riscado, e não se encontra no texto datilografado, mas reaparece de forma praticamente idêntica no final de *A Fuga dos Noldoli* (I. 169). A razão para isso é que meu pai decidiu que o *Conto do Sol e da Lua*, e não *Tinúviel*, haveria de seguir *O Obscurecer de Valinor* e *A Fuga dos Noldoli* (ver I. 203–4, onde se discute a complexa questão do reordenamento dos *Contos* neste ponto). As palavras de abertura na parte seguinte da *Ligação* — “Ora, logo nos dias que seguiram o contar deste conto” — referiam-se, quando foram escritas, ao conto *O Obscurecer de Valinor* e *A Fuga dos Noldoli*; mas nunca ficou claro a que conto elas deveriam se referir quando *Tinúviel* foi deslocada de sua posição anterior.

As duas versões da *Ligação* começam muito parecidas, mas, quando Eriol fala de sua própria história pregressa, elas divergem. Para o início, incluo somente o texto datilografado e, no momento em que divergem, incluo ambos em sequência. Toda a discussão da história da vida de Eriol será adiada para o Capítulo VI.

Ora, logo nos dias que seguiram o contar deste conto, vede, o inverno aproximou-se da terra de Tol Eressëa, e agora Eriol, esquecido de seu humor errante, havia morado por um tempo na velha

Kortirion. Nesses meses, nunca viajara além da boa lavoura que ficava fora das muralhas cinzentas daquela cidade, mas fora recebido em muitos paços dos clãs dos Inwir e dos Teleri como hóspede benquisto, e cada vez mais hábil nos idiomas dos Elfos ele se tornou, e mais profundo no conhecimento de seus costumes, de seus contos e canções.

Então o inverno abateu-se de súbito sobre a Ilha Solitária, e os relvados e jardins cobriram-se com um cintilante manto de brancas neves; suas fontes estavam paradas e todas as árvores estavam desnudas, silenciosas, e o longínquo sol faiscava palidamente em meio à névoa ou estilhaçava-se nas facetas de longos gelos pendentes. Ainda assim, Eriol não partia, mas fitava a lua fria olhando desde os gélidos céus para Mar Vanwa Tyaliéva, e quando acima dos telhados as estrelas chamejavam azuis, ele prestava atenção, mas nenhum som das flautas de Timpinen escutava agora; pois aquele espírito é o alento do verão, e antes mesmo de a secreta presença do outono encher o ar, ele toma seu mágico barco cinzento e as andorinhas o levam para longe.

Mesmo assim, Eriol tinha riso e alegria e músicas também, e canção nas moradas de Kortirion — o próprio Eriol, o viandante cujo coração não conhecera antes repouso algum. Veio agora um dia cinzento, e uma tarde lívida, mas do lado de dentro havia luz do fogo e calor benfazejo, e o ruído de crianças dançantes e alegres, pois Eriol estava brincando muito com as meninas e

meninos no Salão do Brincar Recuperado. Lá, afinal, cansados em seu contentamento, jogaram-se nas alfombras diante da lareira, e uma criança entre elas, uma menininha, disse: “Conta-me, ó Eriol, um conto!”

“O que devo então contar, ó Vëannë?”, disse ele, e ela, subindo em seus joelhos, falou: “Um conto dos Homens e de crianças nas Grandes Terras, ou do teu lar — tinhas lá um jardim tal como nós, onde cresciam papoulas e amores-perfeitos como as que crescem no meu canto junto à Pérgula dos Tordos?”

> Incluo agora a versão manuscrita do restante do trecho de *Ligação*:

Então, Eriol contou-lhe de seu lar, que ficava em uma velha cidade dos Homens, cercada por uma muralha agora esfacelada e rompida, e um rio corria por lá, sobre o qual erguia-se um castelo com uma grande torre. “Uma torre altíssima, de fato”, disse ele, “e a lua escalava muito antes de dar as caras acima dela.” “Então ela era tão alta quanto a Tirin de Ingil?”, perguntou Vëannë, mas Eriol disse que não seria capaz de calcular, pois fazia muitos, muitos anos desde que vira aquele castelo ou a torre, pois “Ó Vëannë”, disse ele, “vivi lá por pouco tempo, e não depois de ter crescido e me tornado menino. Meu pai vinha dum povo costeiro, e o amor pelo mar, o qual eu jamais vira, estava em meus ossos, e meu pai aguçava meu desejo ao contar-me contos que seu pai lhe

contara antes. Ora, minha mãe morreu em um cerco cruel e voraz àquela velha cidade, e meu pai foi morto numa luta implacável junto às muralhas e no fim eu, Eriol, escapei para a costa do Mar do Oeste e vivi mormente no seio das ondas ou pela orla desde aqueles dias longínquos".

Ora, as crianças no entorno encheram-se de tristeza pelas aflições que se abatiam sobre os habitantes das Grandes Terras, e pelas guerras e pela morte, e Vëannë agarrou-se a Eriol, dizendo: "Ó Melinon, não vás jamais para a guerra — ou será que já foste?"

"Sim, o bastante," disse Eriol, "mas não para as grandes guerras dos reis terreais e poderosas nações, as quais são cruéis e amargas, e muitas belas terras e coisas amáveis, e mesmo mulheres e doces donzelas como tu, Vëannë Melinir, são soterradas por elas em ruínas; e, no entanto, já vi galantes contendas em que pequenos grupos de homens valentes às vezes se reúnem, e golpes ligeiros são desferidos. Mas ora, por que falamos dessas coisas, pequenina; não querias, antes, escutar de minhas primeiras aventuras no mar?"

Houve então grande avidez, e Eriol contou-lhes de suas errâncias pelos portos ocidentais, dos camaradas que fez e dos ancoradouros que conheceu, de como veio a pique em distantes ilhas ocidentais até que, afinal, em uma ilha solitária deparou-se com um velho marujo que lhe deu abrigo e, ao pé do fogo em sua cabana solitária, contou-lhe contos estranhos de coisas para lá dos Mares do Oeste, das Ilhas Mágicas e da mais

solitária que ficava além. Muito tempo antes ele certa vez a vislumbrara cintilando ao longe, e depois disso a buscou por muitos dias, em vão.

“Desde então”, disse Eriol, “naveguei com mais curiosidade pelas ilhas ocidentais, procurando outras estórias do tipo, e assim foi que, de fato, após muitas grandes viagens, acabei chegando, por benção dos Deuses, a Tol Eressëa — razão pela qual estou aqui sentado falando contigo, Vëannë, até que minhas palavras tenham secado”.

Contudo, um menino, Ausir, pediu-lhe então que contasse mais de navios e do mar, mas Eriol disse: “Não — ainda há tempo até que Ilfiniol soe o gongo para a refeição da noite: vamos, uma de vós, crianças, conta-me um conto que tenhas ouvido!” Então Vëannë aprumou-se e bateu palmas, dizendo: “Contar-te-ei o Conto de Tinúviel”.

A versão datilografada desse trecho é a seguinte:

Então, Eriol contou de seu lar há muito tempo, que ficava em uma antiga cidade dos Homens, cercada por uma muralha agora esfacelada e rompida, pois o povo que ali habitava há muito experimentava dias de abastança e suave paz. Um rio corria por lá, sobre o qual erguia-se um castelo com uma grande torre. “Lá habitava um poderoso duque”, disse ele, “e, caso observasse das mais altas ameias, nunca conseguiria ver as fronteiras de seu vasto domínio, exceto no lugar em que, muito para o leste, estavam os contornos azulados

das grandes montanhas — e, ainda assim, aquela torre era tida como a mais alta que se erguia nas terras dos Homens.” “Era tão alta quanto a grande Tirin de Ingil?”, perguntou Vëannë, mas Eriol disse: “Era uma torre altíssima, de fato, e a lua escalava muito antes de dar as caras acima dela, mas não sou capaz de calcular quão alta, ó Vëannë, pois faz muitos anos desde que vi pela última vez aquele castelo ou sua torre altaneira. A guerra abateu-se de súbito naquela cidade em meio à sua paz soporífera, e suas muralhas esfaceladas não foram capazes de conter o ímpeto dos homens selvagens vindos das Montanhas do Leste. Lá pereceu minha mãe, naquele cerco cruel e voraz, e meu pai foi morto lutando implacavelmente junto às muralhas no último saque. Naqueles dias distantes, eu ainda não tinha altura para guerrear, e fui feito escravo.

“Sabe, pois, que meu pai vinha dum povo costeiro antes de vagar até aquele local, e o anseio pelo mar, o qual eu jamais vira, estava em meus ossos; anseio que meu pai amiúde aguçara, contando-me contos das vastas águas e rememorando o saber que havia aprendido de seu pai outrora. Há pouco mister de falar de minha labuta depois como escravo, pois no fim rompi os grilhões e fiz-me à costa do Mar do Oeste — e vivi mormente no seio de suas ondas ou pela orla desde aqueles dias antigos.”

Ora, ouvindo das aflições que se abatiam sobre os habitantes das Grandes Terras, das guerras e morte, as crianças encheram-se de tristeza, e Vëannë agarrou-se a Eriol, dizendo: “Ó Melinon,

não vás jamais para a guerra — ou será que já foste?”

“Sim, o bastante,” disse Eriol, “mas não para as grandes guerras dos reis terreais e poderosas nações, as quais são cruéis e amargas, soterrando em suas ruínas toda a beleza tanto da terra quanto daquelas formosas coisas que os homens fazem com as mãos em tempos de paz — não, elas não poupam doces mulheres e ternas donzelas como tu, Vëannë Melinir, pois aí estão os homens embriagados de ira e sede de sangue, e Melko corre à solta. Mas já vi galantes contendas em que homens valentes às vezes se reuniam, e golpes ligeiros eram desferidos, e a força do corpo e do coração era posta à prova — mas ora, por que falamos dessas coisas, pequenina? Não querias, antes, escutar de minhas aventuras no mar?”

Houve então grande avidez, e Eriol contou-lhes de suas primeiras errâncias pelos portos ocidentais, dos camaradas que fez e dos ancoradouros que conheceu; de como veio certa vez a pique em distantes ilhas ocidentais e lá, em uma ilhota solitária, encontrou um velho marujo que habitava sozinho em uma cabana na praia que construíra da madeira de seu barco. “Era mais sábio”, disse Eriol, “em todos os assuntos do mar do que qualquer outro que jamais conheci e muita magia havia em seu saber. Coisas estranhas contou-me das regiões muito além do Mar do Oeste, das Ilhas Mágicas e da mais solitária que fica detrás. Uma vez, muito tempo antes, disse, ele havia vislumbrado sua cintilação ao longe, e

depois disso a buscou por muitos dias, em vão. Muito saber me ensinou dos mares ocultos, e das águas escuras e sem rotas, e sem isso eu jamais teria encontrado esta dulcíssima terra, ou esta cara cidade, ou o Chalé do Brincar Perdido — mas não foi sem busca longa e gravosa depois, e muitas viagens exaustivas, que me vi, afinal, por benção dos Deuses, em Tol Eressëa — razão pela qual estou aqui sentado falando contigo, Vëannë, até que minhas palavras tenham secado."

Contudo, um menino, Ausir, pediu-lhe então que contasse mais de navios e do mar, dizendo: "Pois não sabes, ó Eriol, que aquele velho marujo perto do mar solitário não era ninguém menos que o próprio Ulmo, que não raro aparece assim aos navegantes que ama — e, no entanto, aquele que fala com Ulmo deve ter muitos contos para contar que não soarão fanados aos ouvidos mesmo daqueles que habitam aqui em Kortirion." Mas, naquele momento, Eriol não acreditou no que Ausir dizia, e falou: "Não, pagai-me vossa dívida antes que Ilfrin soe o gongo para a refeição da noite — vamos, um de vós haveis de contar-me um conto que ouvistes."

Então Vëannë aprumou-se e bateu palmas, exclamando: "Contar-te-ei o Conto de Tinúviel".

O Conto de Tinúviel

Incluo agora o texto do *Conto de Tinúviel* conforme aparece no manuscrito. A *Ligação* não é, na

verdade, diferenciada ou separada de qualquer maneira do conto em si, e Vëannë não faz nenhuma abertura formal a ele.

“Quem era, então, Tinúviel?”, perguntou Eriol. “Não sabes?”, disse Ausir; “Tinúviel era filha de Tinwë Linto.” “Tinwelint”, disse Vëannë, mas o outro replicou: “Dá igual, mas os Elfos desta casa que amam o conto dizem mesmo Tinwë Linto, embora Vairë tenha falado que apenas Tinwë era seu nome correto antes de viandar nos bosques.”

“Quieto, Ausir”, disse Vëannë, “pois este é meu conto e vou contá-lo a Eriol. Não vi Gwendeling e Tinúviel certa vez com meus próprios olhos quando seguia pelo Caminho dos Sonhos em dias há muito passados?”[1]

“Como era a Rainha Wendelin (pois assim os Elfos a chamam),[2] ó Vëannë, se tu a viste?”, perguntou Ausir.

“Esbelta e de cabelos muito escuros”, disse Vëannë, “e sua pele era branca e pálida, mas seus olhos brilhavam e pareciam profundos, e ela se trajava em vestimentas translúcidas mui adoráveis de negro salpicadas de azeviche e cingidas de prata. Se cantava ou se dançava, sonhos e sonos passavam por sobre a tua cabeça e a deixavam pesada. Deveras ela era um espírito que escapou dos jardins de Lórien antes mesmo de Kôr ser construída, e ela vagava nos lugares arvorados do mundo, e rouxinóis iam junto dela e amiúde cantavam à sua volta. Foi a canção desses pássaros que alcançou os ouvidos de Tinwelint,

líder daquela tribo dos Eldar que depois se tornaram os Solosimpi, os flautistas da costa, conforme ele ia com seus companheiros seguindo o cavalo de Oromë desde Palisor. Ilúvatar havia posto a semente da música nos corações de todo aquele clã, ou pelo menos é o que diz Vairë, e ela é dessa gente, e essa semente brotou depois mui maravilhosa, mas eis que a canção dos rouxinóis de Gwendeling era a música mais bela que Tinwelint jamais ouvira, e ele se afastou só por um momento, como pensava, buscando nas árvores escuras donde poderia estar vindo.

“E conta-se que não foi por um momento que ele ouviu, mas por muitos anos, e em vão seu povo procurou por ele, até que afinal seguiram Oromë e foram levados para longe em Tol Eressëa, e ele nunca mais os viu. Mas, depois de um tempo, conforme lhe pareceu, deparou-se com Gwendeling deitada num leito de folhas, observando as estrelas acima dela e ouvindo também seus pássaros. Ora, Tinwelint, pisando macio, abaixou-se e olhou para ela, pensando ‘Eis aqui um ser mais belo do que os mais belos de meu próprio povo’ — pois de fato Gwendeling não era Elfa ou Mulher, mas uma dentre os filhos dos Deuses; e, curvando-se ainda mais para tocar uma trança de seus cabelos, ele estalou um galho com o pé. Então Gwendeling ergueu-se e partiu, rindo suavemente, ora cantando na distância, ora dançando bem diante dele, até que um desfalecer de sopores fragrantes o acometeu e ele caiu com o

rosto no chão sob as árvores e dormiu por muito tempo.

“Ora, quando despertou, não pensou mais em seu povo (e de fato teria sido em vão, pois eles agora há muito haviam chegado a Valinor), desejando apenas ver a senhora-do-crepúsculo; mas ela não estava longe, pois permaneceu por perto e o observava. Mais da estória deles eu não sei, ó Eriol, exceto que, por fim, ela se tornou sua esposa, pois Tinwelint e Gwendeling de fato foram por muito tempo rei e rainha dos Elfos Perdidos de Artanor, ou a Terra Além, ou assim dizem aqui.

“Muito, muito tempo depois, como tu sabes, Melko irrompeu novamente no mundo vindo de Valinor, e todos os Eldar, tanto os que permaneceram na escuridão como os que foram perdidos na marcha desde Palisor, e também aqueles Noldoli que voltaram ao mundo perseguindo-o em busca de seu tesouro roubado, caíram sob seu poder, tornando-se escravos. E, no entanto, conta-se que muitos fugiram e vagaram pelas matas e lugares ermos e, desses, muitos clãs selváticos e florestais reuniram-se sob o Rei Tinwelint. A maioria deles era Ilkorin — ou seja, os Eldar que jamais haviam contemplado Valinor ou as Duas Árvores, ou habitado em Kôr — e eram seres misteriosos e estranhos, que pouco conheciam de luz, ou de beleza, ou de músicas, a não ser que fossem sombrias canções e toadas de um maravilhamento rude e que se desvaneciam em lugares florestados ou ecoavam em cavernas fundas. De fato, mudaram quando o Sol se ergueu

e, realmente, antes disso eles já se misturavam com muitos Gnomos vagantes, e também havia espíritos errantes da hoste de Lórien habitando nas cortes de Tinwelint, seguidores de Gwendeling, e esses não eram dos clãs dos Eldalië.

“Ora, nos dias de luz Solar e Lunar, Tinwelint ainda habitava em Artanor, e nem ele nem a maioria de seu povo foram para a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, embora essa estória não diga respeito a este conto. E, no entanto, seu senhorio aumentou muito depois daquela batalha infeliz em virtude dos fugitivos que vieram se proteger com ele. Sua habitação estava oculta da visão e do conhecimento de Melko graças às magias de Gwendeling, a fata, e ela tecia encantamentos em torno das veredas que para lá levavam, de modo que ninguém além dos Eldar as pudesse trilhar facilmente, e, assim, o rei ficou a salvo de todos os perigos, exceto apenas da traição. Ora, seus paços estavam construídos em uma funda caverna de grande extensão e eram apesar disso uma moradia régia e bela. Essa caverna estava no coração da poderosa floresta de Artanor, que é a mais poderosa das florestas, e um rio corria diante de suas portas, mas ninguém podia entrar naquele portal se não fosse através do rio, e uma ponte o transpunha, estreita e bem guardada. Esses locais não eram malignos, apesar de as Montanhas de Ferro não estarem muito distantes, além das quais estava Hisilómë onde habitavam Homens e onde Noldoli escravizados laboravam, e aonde poucos Eldar livres iam.

“Eis que agora vou te contar de coisas que ocorreram nos paços de Tinwelint, depois do erguer do Sol, é verdade, mas muito antes da inolvidável Batalha das Lágrimas Inumeráveis. E Melko não havia concluído seus desígnios, nem desvelado todo o seu poder e crueldade.”

“Dois filhos tinha então Tinwelint: Dairon e Tinúviel, e Tinúviel era uma donzela e a mais linda de todas as donzelas dos Elfos ocultos; e, de fato, poucas foram tão belas, pois sua mãe era uma fata, filha dos Deuses, mas Dairon era então um menino forte e alegre e, acima de tudo, deleitava-se em tocar uma flauta de caniços ou outros instrumentos do bosque e agora ele é mencionado entre os três músicos mais mágicos dos Elfos, e os outros são Tinfang Trinado e Ivárë, que toca junto ao mar. Mas a alegria de Tinúviel estava mais voltada à dança, e nenhum nome rivaliza com o seu pela beleza e sutileza de seus pés cintilantes.

“Ora, era o prazer de Dairon e Tinúviel afastarem-se do cavernoso palácio de seu pai, Tinwelint, e passarem longo tempo juntos em meio às árvores. Ali, muitas vezes Dairon assentava-se em uma moita ou raiz de árvore e tocava música, enquanto Tinúviel dançava ao som dela, e quando dançava ao tocar de Dairon, mais ágil era ela que Gwendeling, mais mágica que Tinfang Trinado sob a lua, e jamais alguém pôde ver tal meneio, exceto nos roseirais de Valinor, onde Nessa dança nos gramados de verde que nunca se extingue.

“Mesmo à noite, quando a lua brilhava pálida, ainda tocavam e dançavam e não temiam como eu haveria de temer, pois o reinado de Tinwelint e de Gwendeling afastava o mal do bosque, e Melko ainda não os perturbava, e os Homens estavam cercados além das colinas.

“Ora, o lugar que mais apreciavam era um ponto sombreado, e ali cresciam olmos e faias também, mas estas não eram muito altas, e algumas castanheiras que tinham flores brancas, mas o chão era úmido e uma grande vegetação nebulosa de cicuta erguia-se sob as árvores. Certa vez, em junho, brincavam ali e as umbelas brancas das cicutas eram como uma nuvem em torno dos troncos das árvores, e ali Tinúviel dançou até a tardinha desvanecer-se tarde e havia muitas mariposas brancas em volta. Como Tinúviel era uma fada, não se importava com elas, como fazem muitos filhos dos Homens, apesar de não gostar de besouros, e em aranhas nenhum dos Eldar toca por causa de Ungweliantë —, mas as mariposas brancas volitavam então em torno de sua cabeça, e Dairon trinava uma estranha melodia, quando subitamente aconteceu algo estranho.

“Nunca ouvi dizer como Beren chegou até ali por sobre as colinas, porém ele era mais bravo que a maioria, como hás de ouvir, e quem sabe tenha sido apenas o amor pelas caminhadas que o impelira, em meio aos terrores das Montanhas de Ferro, até ele alcançar as Terras Além.

“Ora, Beren era um Gnomo, filho de Egnor, o couteiro, que caçava nos lugares mais obscuros[3] no

norte de Hisilómë. Havia temor e suspeita entre os Eldar e aqueles de sua gente que haviam provado a escravidão de Melko, e nisto vingaram-se os feitos malignos dos Gnomos no Porto dos Cisnes. Ora, as mentiras de Melko corriam entre a gente de Beren, de modo que acreditavam em fatos perversos sobre os Elfos secretos, porém agora ele via Tinúviel dançando no crepúsculo, e Tinúviel trajava uma veste de prata nacarada, e seus brancos pés desnudos cintilavam entre as hastes da cicuta. Então Beren não se importou se ela era Vala ou Elfa ou filha dos Homens e esgueirou-se, aproximando-se para vê-la; e apoiou-se em um jovem olmo que crescia num montículo, para poder olhar para baixo, para a pequena clareira onde ela dançava, pois o encantamento o fazia fraquejar. Tão esbelta ela era e tão bela que, por fim, ele se pôs de pé abertamente, sem cuidados, para contemplá-la melhor, e naquele momento a lua cheia irrompeu brilhante entre os ramos, e Dairon vislumbrou o rosto de Beren. De imediato percebeu que não pertencia à sua gente, e todos os Elfos das florestas acreditavam ser os Gnomos de Dor Lómin criaturas traiçoeiras, cruéis e desleais, portanto Dairon deixou cair sua flauta e, exclamando ‘Foge, foge, ó Tinúviel, um inimigo caminha neste bosque’, desapareceu depressa entre as árvores. Então Tinúviel, em seu espanto, não o seguiu de imediato, pois não compreendeu no instante as suas palavras e, sabendo-se incapaz de correr e saltar com o mesmo vigor do irmão, subitamente abaixou-se entre as cicutas brancas e

se escondeu sob uma flor muito alta, com muitas folhas espalhadas, e ali parecia, em sua veste branca, um salpico de luar luzindo através das folhas no chão.

“Então Beren entristeceu-se, pois estava solitário e desolado pelo medo deles, e buscou Tinúviel em toda a parte, pensando que ela não fugira. Assim, de repente, pousou a mão em seu esbelto braço sob as folhas, e ela, com um grito, saltou para longe dele e voou o mais depressa que pôde à luz pálida, entrando e saindo pelos troncos das árvores e hastes de cicuta. O suave toque de seu braço deixou Beren ainda mais ansioso por encontrá-la do que antes e ele seguiu depressa e, no entanto, não depressa o bastante, pois, ao fim, ela lhe escapou e chegou temerosa à morada de seu pai, nem dançou sozinha na floresta durante muitos dias após.

“Isso foi uma grande mágoa para Beren, que não queria deixar aqueles lugares, esperando mais uma vez ver dançar aquela bela donzela élfica, e vagueou na floresta por muitos dias, tornando-se selvagem e solitário e buscando por Tinúviel. Na aurora e no crepúsculo ele a buscava, mas sempre com maior esperança quando a lua brilhava intensa. Finalmente, certa noite, vislumbrou uma cintilação ao longe, e eis que lá estava ela, dançando a sós em um montículo despido de árvores, e Dairon não estava lá. Muitas e muitas vezes depois ela foi ali e dançava e cantava consigo mesma, e às vezes Dairon estava próximo, e então Beren vigiava da borda do bosque ao

longe, e às vezes ele não estava, e Beren esgueirava-se mais para perto. Na verdade, por muito tempo Tinúviel sabia que ele chegara e fingia não saber, e há muito tempo seu temor se fora por causa do ansioso desejo no rosto dele, iluminado pelo luar, e viu que ele era bondoso e apaixonado por sua linda dança.

"Então Beren se pôs a seguir Tinúviel em segredo através do bosque, bem até a entrada da caverna e da cabeceira da ponte, e quando ela havia entrado ele exclamava da outra margem do rio, dizendo baixinho 'Tinúviel', pois escutara o nome dos lábios de Dairon, e, apesar de ele não o saber, muitas vezes Tinúviel escutava do interior das sombras dos cavernosos portões e ria ou sorria suavemente. Por fim, certo dia, enquanto ela dançava a sós, ele deu um passo mais ousado e lhe disse: 'Tinúviel, ensina-me a dançar.' 'Quem és tu?', disse ela. 'Beren. Venho de além dos Morros Amargos.' 'Então, se queres dançar, segue-me', disse a donzela e dançou diante de Beren, afastando-se mais e mais para dentro do bosque, ágil, mas não tão depressa que ele não pudesse seguir, e várias e várias vezes olhou para trás e riu-se dele tropeçando em seu encalço, dizendo: 'Dança, Beren, dança! Assim como dançam além dos Morros Amargos!' Desse modo chegaram, por sendas tortuosas, à morada de Tinwelint, e Tinúviel fez sinal a Beren que atravessasse o rio, e ele a seguiu assombrado, descendo à caverna e aos profundos paços de seu lar."

“No entanto, quando Beren se viu diante do rei, ficou envergonhado e muito assombrado perante a imponência da Rainha Gwendeling, e eis que, quando o rei disse: ‘Quem és tu, que tropeças até meus paços sem seres convidado?’, ele nada tinha a dizer. Portanto, Tinúviel respondeu por ele, dizendo: ‘Este, meu pai, é Beren, um caminhante de além das colinas, e deseja aprender a dançar como sabem dançar os Elfos de Artanor’, e riu-se, mas o rei franziu a testa quando ouviu de onde Beren vinha e disse: ‘Guarda tuas palavras levianas, minha filha, e diz: este selvagem Elfo das sombras tentou fazer-te algum mal?’

“‘Não, pai,’ disse ela, ‘e creio que não há mal nenhum em seu coração, e não sejas rude com ele, a não ser que queiras ver chorar tua filha Tinúviel, pois ele mais se assombra com minha dança do que qualquer um que eu tenha conhecido.’ Assim, Tinwelint disse então: ‘Ó, Beren, filho dos Noldoli, o que desejas dos Elfos da floresta antes de retornares ao lugar de onde vieste?’

“Tão grande era a pasmada alegria do coração de Beren, quando Tinúviel assim falou por ele ao pai dela, que a coragem cresceu dentro dele, e seu espírito aventureiro que o trouxera de Hisilómë e sobre as Montanhas de Ferro despertou outra vez e, fitando Tinwelint com arrojo, ele disse: ‘Ora, ó rei, desejo vossa filha Tinúviel, pois é a mais bela e mais doce de todas as donzelas que vi ou com quem sonhei.’

“Fez-se então silêncio no paço, exceto que Dairon riu, e todos os que ouviram assombraram-se, mas Tinúviel baixou os olhos, e o rei, lançando um olhar ao aspecto selvagem e rude de Beren, também irrompeu em riso, o que fez Beren enrubescer de vergonha, e o coração de Tinúviel magoou-se por ele. ‘Ora! Desposar minha Tinúviel, a mais bela das donzelas do mundo, e tornar-se príncipe dos Elfos da floresta é só uma pequena mercê para um estranho pedir’, disse Tinwelint. ‘Quem sabe eu possa, com todo o direito, pedir algo em troca. Não há de ser nada grande, apenas um testemunho de tua estima. Traze-me uma Silmaril da Coroa de Melko, e nesse dia Tinúviel te desposará se quiser.’

“Então todos naquele lugar souberam que o rei tratara o assunto como pilhéria grosseira, compadecendo-se do Gnomo, e sorriram, pois a fama das Silmarils de Fëanor já era grande por todo o mundo, e os Noldoli haviam contado histórias sobre elas, e muitos que tinham escapado de Angamandi haviam-nas visto, agora brilhando lustrosas na coroa de ferro de Melko. Jamais essa coroa deixava sua cabeça, e ele tinha aquelas joias em grande conta, como seus próprios olhos, e ninguém no mundo, ou fata, ou elfo, ou homem, jamais podia esperar pôr nelas um só dedo e viver. Isso de fato Beren sabia e compreendeu o significado de seus sorrisos zombeteiros e, inflamado de ira, exclamou: ‘Não, mas é presente demasiado pequeno para o pai de tão doce noiva. Ainda assim, parecem-me estranhos os costumes

dos Elfos da floresta, semelhantes às rudes leis da gente dos Homens, para mencionardes o presente que não foi oferecido, porém eis que eu, Beren, caçador dos Noldoli,[4] satisfarei vosso pequeno desejo', e com essas palavras arremeteu para fora do paço enquanto todos se quedaram admirados, mas Tinúviel chorou de repente. 'Foi um mau feito, ó pai,' exclamou, 'mandar alguém à morte com tua pilhéria lamentável, pois agora creio que ele tentará o feito, enlouquecido por teu desprezo, e Melko o matará, e ninguém mais olhará com tanto amor a minha dança!'

"Então disse o rei: 'Não será o primeiro dos Gnomos que Melko matará, e por menores razões. É sorte dele não jazer aqui, atado por encantos penosos, por sua invasão de meus paços e por sua fala insolente'; porém Gwendeling nada disse, nem repreendeu Tinúviel ou questionou seu choro repentino por aquele caminhante desconhecido.

"Beren, no entanto, afastando-se da face de Tinwelint, foi levado por sua ira longe, através da floresta, até se aproximar das colinas mais baixas e das terras desprovidas de árvores que alertavam sobre a aproximação das ermas Montanhas de Ferro. Só então sentiu o cansaço e deteve a marcha, e nesse ponto começaram suas grandes labutas. Suas noites eram de grande desalento e não via nenhuma esperança em sua demanda e, na verdade, bem pouca havia e logo, ao seguir as Montanhas de Ferro até se aproximar das terríveis regiões da morada de Melko, os maiores temores o assaltaram. Muitas serpentes venenosas havia

naquelas plagas, e lobos vagavam por ali, e ainda mais pavorosos eram os bandos errantes dos gobelins e dos Orques — imundas crias de Melko, que perambulavam fazendo seu trabalho maligno, apanhando e capturando animais, e Homens e Elfos, e arrastando-os até seu senhor.

“Muitas vezes Beren chegou perto de ser capturado pelos Orques e uma vez escapou das mandíbulas de um grande lobo só após um combate onde estava armado apenas com uma clava de freixo, e outros perigos e aventuras conheceu a cada dia de sua caminhada rumo a Angamandi. Também fome e sede o torturaram com frequência e muitas vezes teria voltado atrás, não fosse isso quase tão perigoso quanto prosseguir; mas a voz de Tinúviel pleiteando com Tinwelint ecoava em seu coração, e à noite lhe parecia que o coração às vezes a ouvia, chorando baixinho por ele, muito longe na floresta de seu lar: e isso era verdade de fato.

“Certo dia foi impelido por grande fome a procurar restos de comida em um acampamento deserto de Orques, mas alguns deles voltaram inesperadamente, levaram-no prisioneiro e o atormentaram, mas não mataram, pois seu capitão, vendo a força dele apesar de estar exausto das privações, pensou que talvez Melko ficasse contente se o trouxessem até ele, e poderia pô-lo a fazer pesado trabalho escravo em suas minas ou forjas. Assim aconteceu que Beren foi arrastado diante de Melko, e não obstante seu coração estava impávido dentro dele, pois era

crença entre a gente de seu pai que o poder de Melko não duraria para sempre, mas que os Valar escutariam finalmente as lágrimas dos Noldoli, erguer-se-iam, atariam Melko e abririam Valinor outra vez aos Elfos fatigados, e grande alegria retornaria sobre a Terra.

“No entanto, Melko, olhando-o, ficou irado, perguntando como um Gnomo, um servo seu por nascimento, ousara escapar para as florestas sem permissão, mas Beren respondeu que não era fugitivo, mas vinha de uma linhagem de Gnomos que habitavam em Aryador e ali se misturavam muito com a gente dos Homens. Então Melko enfureceu-se mais ainda, pois buscava sempre destruir a amizade e as relações entre Elfos e Homens, e disse que ali evidentemente estava um conspirador de profundas traições contra o senhorio de Melko e merecedor das torturas dos Balrogs; mas Beren, percebendo seu perigo, respondeu: ‘Não penseis, ó mais poderoso Ainu Melko, Senhor do Mundo, que isso possa ser verdade, pois se assim fosse eu não estaria aqui sem ajuda e sozinho. Nenhuma amizade Beren, filho de Egnor, tem pela gente dos Homens, bem ao contrário, cansando-se por completo das terras infestadas por esse povo ele vagou para fora de Aryador. Muitas grandes histórias meu pai me contou outrora sobre vosso esplendor e glória e, por isso, apesar de não ser servo renegado, nada desejo mais do que vos servir do pequeno modo que puder’, e Beren disse então que era excelente caçador de pequenos animais e que laçava

pássaros e que se perdera nas colinas durante esses afazeres até que, depois de muito vagar, chegara a terras estranhas, e mesmo que os Orques não o tivessem apanhado ele de fato não teria outro conselho de segurança senão abordar a majestade do Ainu Melko e implorar que este lhe concedesse algum humilde mister — talvez como provedor de carne para sua mesa.

“Ora, os Valar devem ter inspirado essa fala, ou quem sabe fosse um encantamento de palavras astuciosas que Gwendeling lhe tivesse posto por compaixão, pois de fato lhe salvou a vida, e Melko, notando sua constituição robusta, acreditou nele e se dispôs a aceitá-lo como servo em suas cozinhas. A lisonja sempre teve aroma doce nas narinas desse Ainu e, a despeito de toda a sua insondável sabedoria, muitas mentiras dos que desprezava o enganavam se estivessem vestidas graciosamente em palavras elogiosas; portanto deu então ordens para que Beren fosse feito servo de Tevildo, Príncipe dos Gatos.ª Ora, Tevildo era um gato enorme — o mais poderoso de todos — e possuído por um espírito maligno, como dizem alguns, e estava constantemente seguindo Melko, e esse gato tinha todos os gatos sujeitos a ele, e ele e seus subordinados eram os caçadores e provedores de carne para a mesa de Melko e seus frequentes banquetes. Por esse motivo ainda existe ódio entre os Elfos e todos os gatos, mesmo agora, quando Melko não reina mais e seus animais tornaram-se de pouca importância.

“Quando Beren foi levado embora, por causa disso, aos paços de Tevildo, que não eram demasiado distantes do lugar do trono de Melko, teve muito medo, pois não esperara tal reviravolta, e aqueles paços eram mal iluminados e estavam repletos de grunhidos e monstruosos rom-rons no escuro. Em toda a volta brilhavam olhos de gatos, luzindo como lanternas verdes, ou vermelhas, ou amarelas, onde os capitães de Tevildo se assentavam, balançando e açoitando suas belas caudas, mas o próprio Tevildo estava sentado diante deles e era um gato enorme e negro como carvão e de aspecto malévolo. Seus olhos eram compridos e muito estreitos e inclinados e rebrilhavam em vermelho e em verde, mas seus grandes bigodes cinzentos eram rijos e afiados como agulhas. Seu ronronar era como rufar de tambores e seu grunhido como trovão, mas quando gritava de raiva fazia o sangue gelar, e de fato pequenos animais e aves ficavam congelados como se fossem pedra, ou tombavam sem vida, muitas vezes ao simples som. Agora Tevildo, vendo Beren, apertou os olhos até que parecessem fechados e disse: ‘Sinto cheiro de cão’ e tomou antipatia por Beren a partir daquele momento. Ora, Beren fora apreciador de cães em seu próprio lar selvagem.

“‘Por que’, disse Tevildo, ‘ousais trazer tal criatura diante de mim, a não ser que seja para transformá-lo em carne?’ Mas os que conduziam Beren responderam: ‘Não, foi a palavra de Melko que este Elfo infeliz consumisse a vida como

caçador de animais e aves no emprego de Tevildo.’ Então, de fato, Tevildo guinchou de desdém e disse: ‘Então na verdade meu senhor estava adormecido, ou seus pensamentos pousavam em outro lugar, pois do que pensais que adianta um filho dos Eldar para ajudar o Príncipe dos Gatos ou seus capitães a caçarem aves ou animais? Poderíeis muito bem ter trazido algum Homem de pés desajeitados, pois não há entre Elfos ou Homens quem possa rivalizar conosco na perseguição.’ Ainda assim pôs Beren à prova e mandou-o apanhar três camundongos, ‘pois meu paço está infestado deles’, disse. Na verdade, não era assim, como se pode imaginar, no entanto alguns poucos havia ali — uma espécie muito selvagem, maligna e mágica que ousava habitar lá em buracos escuros, mas eles eram maiores que ratos e muito ferozes, e Tevildo abrigava-os para sua própria diversão privada e não permitia que seu número minguasse.

“Por três dias Beren os caçou, mas, como nada tinha com que construir uma armadilha (e de fato não mentira a Melko ao dizer que tinha habilidade em tais dispositivos), caçou em vão, não obtendo por todos os seus esforços nada melhor que um dedo mordido. Então Tevildo ficou furioso e com grande ira, mas exceto por alguns arranhões Beren nenhum dano sofreu nessa ocasião, nem dele nem de seus capitães, por causa da ordem de Melko. Porém penosos foram seus dias depois disso nas moradas de Tevildo. Fizeram dele um ajudante de cozinha, e seus dias passavam-se tristemente

lavando pisos e panelas, esfregando mesas, cortando lenha e tirando água. Muitas vezes, também, faziam-no girar espetos em que aves e camundongos gordos eram delicadamente assados para os gatos, porém raramente ele próprio tinha comida ou sono, e tornou-se abatido e desgrenhado, e muitas vezes desejou que jamais, vagando para fora de Hisilómë, tivesse ao menos vislumbrado a visão de Tinúviel.”

“Ora, essa bela donzela chorou durante longo tempo após a partida de Beren e não dançava mais nos bosques, e Dairon enfureceu-se e não conseguia compreendê-la, mas ela passara a amar o rosto de Beren espiando através dos ramos e o estalido de seus pés quando estes a seguiam pela floresta e desejava ouvir outra vez sua voz que chamava saudosa ‘Tinúviel, Tinúviel’ na outra margem do rio, diante dos portões de seu pai, e já não queria dançar quando Beren fugira para os paços malignos de Melko, e quem sabe já tivesse perecido. Por fim esse pensamento se tornou tão amargo que essa mui suave donzela foi ter com sua mãe, pois ao pai não ousava ir, nem permitir que ele a visse chorar.

“‘Ó Gwendeling, minha mãe,’ disse ela, ‘conta-me por tua magia, se puderes, como passa Beren. Ainda está tudo bem com ele?’ ‘Não’, disse Gwendeling. ‘Ele vive de fato, mas em maligno cativeiro, e a esperança está morta em seu coração, pois eis que ele é escravo em poder de Tevildo, Príncipe dos Gatos.’

“‘Então,’ disse Tinúviel, ‘preciso ir em seu socorro, pois não conheço ninguém mais que o fará.’

“Ora, Gwendeling não riu, pois em muitos assuntos era sábia, e presciente, mas era coisa não imaginada em sonho insano que uma Elfa, ainda mais sendo donzela, filha do rei, viajasse desassistida aos paços de Melko, mesmo naqueles dias primordiais antes da Batalha das Lágrimas, quando o poderio de Melko não crescera e ele velava seus desígnios e expandia sua rede de mentiras. Por isso Gwendeling gentilmente lhe pediu que não dissesse tais tolices, mas Tinúviel disse: ‘Então precisas demandar auxílio a meu pai, que envie guerreiros a Angamandi e exija a liberdade de Beren ao Ainu Melko.’

“De fato, Gwendeling o fez, por amor da filha, e Tinwelint enfureceu-se tanto que Tinúviel desejou que nunca seu anseio tivesse sido revelado; e Tinwelint mandou que ela não falasse nem pensasse mais de Beren e jurou que o mataria se pisasse de novo naqueles paços. Então Tinúviel ponderou muito o que poderia fazer e indo ter com Dairon implorou-lhe que a auxiliasse, ou até viajasse com ela até Angamandi, caso quisesse, mas Dairon lembrou-se de Beren com pouco apreço e disse: ‘Por que eu haveria de entrar no mais medonho perigo que há no mundo por causa de um Gnomo errante dos bosques? Em verdade não tenho apreço por ele, pois ele destruiu nossa brincadeira juntos, nossa música e nossa dança.’ Mas Dairon, ademais, contou ao rei o que Tinúviel

lhe pedira — e isso não por má intenção, mas temendo que Tinúviel partisse rumo à morte no desvario de seu coração.

"Ora,[5] quando Tinwelint ouviu isso, chamou Tinúviel e disse: 'Por que, ó donzela minha, não afastas de ti essa loucura e buscas fazer o que ordenei?' Mas Tinúviel não respondeu, e o rei ordenou-lhe que prometesse a ele que nem pensasse mais em Beren, nem tentasse em sua loucura segui-lo às malignas terras, quer sozinha, quer tentando alguém da sua gente a acompanhá-la. Mas Tinúviel disse que a primeira coisa ela não prometeria e a segunda apenas em parte, pois não tentaria ninguém da gente da floresta a ir com ela.

"Então seu pai irou-se deveras e sob sua ira estava não pouco espantado e temeroso, pois amava Tinúviel; mas foi este o plano que engendrou, pois não podia encerrar a filha para sempre nas cavernas aonde só chegava uma luz fraca e bruxuleante. Ora, acima dos portais de seu cavernoso paço havia uma encosta íngreme que descia em direção ao rio, e ali cresciam enormes faias; e havia uma que se chamava Hirilorn, a Rainha das Árvores, pois era imensa, e o tronco era tão profundamente fendido que parecia que três caules emanavam juntos do chão e tinham o mesmo tamanho, redondos e retos, e sua casca cinzenta era lisa como seda, ininterrupta por ramo ou rebento por grande altura acima das cabeças dos homens.

"Ora, Tinwelint mandou construir, bem alto nessa estranha árvore, tão alto quanto os homens

podiam construir as mais longas escadas para alcançá-la, uma casinha de madeira, e estava acima dos primeiros galhos e suavemente velada por folhas. Ora, essa casa tinha três cantos e três janelas em cada parede, e em cada canto estava um dos caules de Hirilorn. Ali, então, Tinwelint mandou Tinúviel morar até que concordasse em ser sábia, e quando ela subiu pelas escadas de alto pinho elas foram retiradas por baixo, e não havia meios de ela descer novamente. Tudo de que necessitava lhe era trazido, e a gente escalava pelas escadas e lhe dava comida ou qualquer outra coisa que desejasse e depois, ao descer, voltava a tirar as escadas, e o rei prometeu a morte a quem deixasse uma encostada à árvore ou tentasse sorrateiramente colocar uma à noite. Portanto, uma guarda foi colocada junto ao pé da árvore, e ainda assim Dairon costumava ir ali, pesaroso pelo que fizera acontecer, pois estava solitário sem Tinúviel; mas inicialmente Tinúviel teve muito prazer em sua casa entre as folhas e espiava pela janelinha enquanto Dairon tocava suas mais doces melodias lá embaixo.

“Mas certa noite veio um sonho dos Valar a Tinúviel, e ela sonhou com Beren, e seu coração disse: ‘Que eu parta para buscar aquele que todos os outros esqueceram’; e ao despertar a lua brilhava através das árvores, e ela ponderou mui profundamente como haveria de escapar. Ora, Tinúviel, filha de Gwendeling, não ignorava magias nem encantos, como se pode bem imaginar, e após muito pensar concebeu um plano. No dia

seguinte pediu aos que vieram até ela que trouxessem, como favor, um tanto da água mais clara do rio lá embaixo, ‘mas essa’, disse, ‘tem de ser tirada à meia-noite numa bacia de prata, e trazida à minha mão sem que seja dita uma palavra sequer’. E depois pediu que trouxessem vinho, ‘mas esse’, disse, ‘tem de ser trazido num frasco de ouro ao meio-dia, e quem o trouxer deve cantar durante o caminho’ e fizeram o que lhes fora pedido, mas ninguém contou a Tinwelint.

“Então Tinúviel disse: ‘Ide agora até minha mãe, e dizei-lhe que sua filha deseja uma roda de fiar para passar as horas enfadonhas’, mas secretamente pediu a Dairon que lhe fizesse um minúsculo tear, e ele o fez na própria casinha de Tinúviel na árvore. ‘Mas com que fiarás e com que tecerás?’, perguntou ele, e Tinúviel respondeu: ‘Com encantos e mágicas’, mas Dairon não sabia seu desígnio, nem disse nada mais ao rei ou a Gwendeling.

“Ora, Tinúviel tomou o vinho e a água quando estava a sós e, enquanto cantava uma canção de grande magia, misturou-os, e quando estavam na bacia de ouro cantou uma canção de crescimento, e quando estavam na bacia de prata cantou outra canção, e os nomes de todas as coisas mais altas e mais longas da Terra estavam postos nessa canção: as barbas dos Indravangs, a cauda de Karkaras, o corpo de Glorund, o tronco de Hirilorn, e a espada de Nan ela nomeou, nem esqueceu a corrente Angainu que Aulë e Tulkas fizeram, nem o pescoço de Gilim, o gigante, e por último, por mais

longo tempo, falou dos cabelos de Uinen, senhora do mar, que se espalha por todas as águas. Então banhou a cabeça com a água e o vinho misturados, e assim fazendo cantou uma terceira canção, uma canção de profundo sono, e os cabelos de Tinúviel, que eram escuros e mais finos que os mais delicados filamentos do crepúsculo, repentinamente começaram de fato a crescer muito rápido, e depois que se passaram doze horas eles quase preenchiam o pequeno recinto, e então Tinúviel ficou muito contente e deitou-se para repousar, e quando despertou o recinto estava como que repleto de uma névoa negra, e ela estava oculta bem fundo abaixo dela, e eis que seus cabelos pendiam para fora da janela e esvoaçavam em torno dos troncos da árvore na manhã. Então, com dificuldade, encontrou sua tesourinha e cortou os fios daquele cultivo rente à cabeça, e depois disso seus cabelos só cresciam como costumavam crescer antes.

“Começou então a labuta de Tinúviel, e apesar de ela trabalhar com a destreza de uma Elfa foi longo o fiar e mais longo ainda o tecer, e caso alguém viesse chamá-la lá embaixo ela lhe pedia que se fosse, dizendo: ‘Estou acamada e só desejo dormir’, e Dairon admirou-se muito e muitas vezes a chamou lá em cima, mas ela não respondia.

“Ora, com aqueles cabelos nebulosos Tinúviel teceu uma capa de negro nublado, embebida de uma sonolência ainda muito mais mágica que aquela que sua mãe envergara, e dançara nela, muito tempo atrás, e com ela cobriu suas vestes

de branco reluzente, e sonos mágicos preencheram o ar à sua volta, mas com o que restou ela torceu um grande cordão e o prendeu ao tronco da árvore no interior de sua casa, e assim terminou sua labuta, e ela olhou pela janela para o oeste, na direção do rio. A luz do sol já se apagava nas árvores, e à medida que o crepúsculo preenchia a floresta, ela começou a cantar, muito de leve e em voz baixa, e enquanto cantava lançou os longos cabelos pela janela de forma que a névoa sonolenta tocasse as cabeças e os rostos dos guardas lá embaixo, e eles, escutando sua voz, caíram de repente em sono incomensurável. Então Tinúviel, envergando suas vestes de treva, deslizou pela corda de cabelos leve como um esquilo e afastou-se dançando rumo à ponte, e antes que os vigias da ponte pudessem gritar ela estava entre eles, a dançar, e quando a bainha de sua capa negra os tocava eles adormeciam, e Tinúviel fugiu para muito longe tão depressa quanto voavam seus pés dançantes.

"Ora, quando a fuga de Tinúviel chegou aos ouvidos de Tinwelint foi grande seu pesar mesclado com ira, e toda a sua corte estava em polvorosa, e todos os bosques ressoavam com a busca, mas Tinúviel já estava bem longe, aproximando-se dos obscuros contrafortes onde começam as Montanhas da Noite; e dizem que Dairon, seguindo-a, perdeu-se por completo, e jamais retornou a Elfinesse, mas voltou-se na direção de Palisor e ali ainda toca[6] sutis músicas

mágicas, saudoso e solitário nos bosques e florestas do sul.

“Porém, enquanto Tinúviel avançava, um súbito temor se apossou dela quando pensou no que ousara fazer e no que estava à frente, então voltou atrás por um momento e chorou, desejando que Dairon estivesse com ela, e dizem que de fato ele não estava longe, mas vagava perdido entre os grandes pinheiros, a Floresta da Noite, onde mais tarde Túrin matou Beleg por infortúnio.[7] Próxima já estava Tinúviel desses lugares, mas não penetrou naquela região escura e, recobrando a coragem, seguiu avante e, em virtude da maior magia de seu ser e por causa do encantamento de assombro e sono que a rodeava, não a assaltou nenhum dos perigos que haviam ameaçado Beren antes dela; porém foi uma jornada longa, maligna e cansativa para ser trilhada por uma donzela.”

“Ora, é preciso ser dito a ti, Eriol, que naqueles dias Tevildo tinha apenas uma preocupação no mundo, que era a gente dos Cães. De fato, muitos deles não eram amigos nem inimigos dos Gatos, pois haviam sido sujeitados a Melko e eram tão selvagens e cruéis como seus outros animais; na verdade, dos mais cruéis e selvagens ele gerou a raça dos lobos e eles lhe eram muito caros de fato. Não era o grande lobo cinzento Karkaras Presa-de-Punhal, pai dos lobos, que guardava os portões de Angamandi naqueles dias e o fizera por muito tempo antes? No entanto, havia muitos que nem se curvavam diante de Melko, nem viviam em total

temor dele, mas habitavam nas moradas dos Homens, protegendo-os de muitos males que de outra forma os acometeriam, ou perambulavam pelos bosques de Hisilómë ou, passando pelos lugares montanhosos, às vezes chegavam até à região de Artanor e às terras além e para o sul.

"Caso algum desses avistasse Tevildo ou algum de seus capitães ou súditos, havia grandes latidos e intensa perseguição, e, apesar de raramente um gato ser morto, em virtude de sua habilidade em escalar e esconder-se, e por causa do poder protetor de Melko, ainda assim havia grande inimizade entre eles, e alguns desses cachorros eram temidos entre os gatos. Tevildo, porém, não temia nenhum, pois era tão forte quanto qualquer um deles e mais ágil e mais rápido, exceto por Huan, Capitão dos Cães. Tão rápido era Huan que certa feita sentira o gosto do pelo de Tevildo, e, apesar de Tevildo lhe ter cobrado com um talho das grandes garras, ainda assim o orgulho do Príncipe dos Gatos não ficou apaziguado, e ele ansiava por fazer grande mal a Huan dos Cães.

"Grande foi, portanto, a sorte que ocorreu a Tinúviel ao se encontrar com Huan no bosque, apesar de no começo ela sentir temor mortal e fugir. Mas Huan a alcançou em dois saltos e falando com voz suave e profunda a língua dos Elfos Perdidos, ele lhe pediu que não temesse. 'Por que', disse ele, 'vejo uma donzela élfica, e belíssima, vagando a sós tão perto das moradas do Ainu do Mal? Não sabes que estes são lugares

muito maus para se estar, pequena, mesmo com um companheiro, e são a morte dos solitários?’

“‘Isso eu sei,’ disse ela, ‘e não estou aqui pelo amor à jornada, mas busco somente Beren.’

“‘O que sabes então’, disse Huan, ‘de Beren? Ou de fato te referes a Beren, filho do caçador dos Elfos, Egnor bo-Rimion, meu amigo desde dias muito antigos?’

“‘Não, nem mesmo sei se meu Beren é teu amigo, pois busco apenas Beren de além dos Morros Amargos, que conheci no bosque perto do lar de meu pai. Agora ele se foi, e minha mãe Gwendeling diz em sua sabedoria que ele é servo na cruel casa de Tevildo, Príncipe dos Gatos; e não sei se isso é verdade ou se coisa pior lhe aconteceu agora e vou descobri-lo, mas não tenho plano nenhum.’

“‘Então farei um para ti,’ disse Huan, ‘mas confia em mim, pois sou Huan dos Cães, principal inimigo de Tevildo. Agora repousa comigo um pouco nas sombras do bosque, e pensarei profundamente.’

“Então Tinúviel fez o que ele dissera, e de fato dormiu por muito tempo enquanto Huan vigiava, pois ela estava muito fatigada. Mas algum tempo depois, despertando, ela disse: ‘Eis que me demorei demais. Ora, qual é teu pensamento, ó Huan?’

“E Huan disse: ‘Este assunto é obscuro e difícil, e não posso dar outro conselho que não este. Esgueira-te agora, se tiveres coragem, ao lugar de morada desse Príncipe, enquanto o sol está alto, e

Tevildo e a maioria de sua casa cochilam nos terraços diante de seus portões. Ali descobre, do modo que puderes, se Beren realmente está lá dentro, como te disse tua mãe. Mas eu estarei a postos não longe dali, na floresta, e me darás prazer e auxiliarás teus próprios desejos se, chegando diante de Tevildo, quer Beren esteja lá ou não, tu lhe contares como topaste com Huan dos Cães jazendo doente no bosque aqui neste lugar. Mas não lhe indiques o caminho para cá, pois deves guiá-lo tu mesma, se possível. Então verás o que pretendo para ti e para Tevildo. Creio que, trazendo tais notícias, Tevildo não te tratará mal em seus paços, nem procurará manter-te lá.'

"Deste modo Huan pretendia ao mesmo tempo causar mal a Tevildo, ou quem sabe matá-lo se fosse possível, e auxiliar Beren, que ele supunha corretamente ser aquele Beren, filho de Egnor, que os cães de Hisilómë amavam. De fato, ouvindo o nome de Gwendeling e assim sabendo que aquela donzela era princesa das fadas do bosque, estava ansioso por ajudá-la, e seu coração se aqueceu com a doçura dela.

"Então Tinúviel, enchendo-se de coragem, esgueirou-se para perto dos paços de Tevildo, e Huan muito se admirou com sua coragem, seguindo-a em segredo até onde podia pelo êxito de seu plano. Por fim, no entanto, ela desapareceu de sua vista e, deixando o abrigo das árvores, chegou a uma região de capim longo salpicado de arbustos que se erguia cada vez mais rumo a uma encosta das colinas. Agora o sol brilhava naquela

crista rochosa, mas sobre todas as colinas e montanhas por trás dela jazia uma nuvem negra, pois ali estava Angamandi; e Tinúviel seguiu em frente sem ousar erguer os olhos para aquela treva, pois o medo a oprimia, e à medida que andava o chão subia e o capim escasseava e ficava salpicado de rochas, até que chegou junto a um penhasco, íngreme de um lado, e ali, sobre uma plataforma de pedra, estava o castelo de Tevildo. Nenhuma trilha conduzia até lá, e o lugar onde se erguia desandava rumo à floresta, um terraço após o outro, de forma que ninguém seria capaz de alcançar seus portões a não ser com muitos grandes saltos, e se tornava cada vez mais íngreme à medida que o castelo se aproximava. Poucas eram as janelas daquela casa, e no térreo não havia nenhuma — na verdade, o próprio portão era no ar, onde nas moradas dos Homens costumam ficar as janelas do piso superior, mas o telhado tinha muitos espaços amplos e planos, abertos ao sol.

“Tinúviel então perambulava desconsolada no terraço inferior e contemplava com pavor a casa escura sobre a colina, quando eis que, numa dobra da rocha, topou com um gato a sós, deitado ao sol e aparentemente adormecido. Quando se aproximou, ele abriu um olho amarelo e piscou para ela, e em seguida, erguendo-se e espreguiçando-se, deu alguns passos em sua direção e disse: ‘Aonde vais, donzelinha? Não sabes que invades a área do banho de sol de sua alteza Tevildo e de seus capitães?’

“Então Tinúviel assustou-se muito, mas deu a resposta mais atrevida de que foi capaz, dizendo: ‘Isso sei, meu senhor,’ o que muito agradou ao velho gato, pois em verdade ele era apenas o porteiro de Tevildo, ‘mas de fato, por tua bondade, gostaria de ser levada agora à presença de Tevildo, mesmo que esteja dormindo’, disse ela, então o porteiro agitou a cauda em admirada recusa. ‘Tenho palavras de importância imediata para seu ouvido em particular. Conduz-me até ele, meu senhor’, implorou, e diante disso o gato ronronou tão alto que ela ousou afagar-lhe a feia cabeça, que era muito maior que a dela e maior que a de qualquer cão que existe hoje sobre a Terra. Com esse rogo Umuiyan, pois era esse seu nome, disse: ‘Vem comigo então’ e, subitamente agarrando Tinúviel pelo ombro das vestes, para seu grande terror lançou-a sobre o lombo e saltou para o segundo terraço. Ali se deteve e, quando Tinúviel desceu com dificuldade de seu lombo, disse: ‘Tens sorte de esta tarde meu senhor Tevildo estar deitado neste modesto terraço longe de casa, pois um grande cansaço e desejo de dormir me acometeu, de modo que temo não ser capaz de te carregar muito mais longe’ e Tinúviel estava agora envolta em sua veste de névoa negra.

“Dizendo isso, Umuiyan[b] bocejou alto e se alongou antes de a conduzir ao longo daquele terraço, até um espaço vazio onde, sobre um amplo leito de pedras cozidas, jazia o horrível vulto do próprio Tevildo, que tinha ambos os olhos malévolos fechados. Aproximando-se dele, o gato-

porteiro Umuiyan falou baixinho em seu ouvido, dizendo: ‘Uma donzela espera vosso favor, meu senhor, que tem importante notícia para vos comunicar e não aceitou minha recusa.’ Então Tevildo agitou a cauda raivoso, abrindo um olho pela metade. ‘O que é? Sê rápida,’ disse, ‘pois esta não é hora para chegar desejando audiência com Tevildo, Príncipe dos Gatos.’

“‘Não, senhor,’ disse Tinúviel trêmula, ‘não vos enfureçais; nem penso que vos enfurecereis quando ouvirdes, porém o assunto é tal que seria melhor nem o sussurrar aqui, onde sopram as brisas’, e Tinúviel lançou à floresta um olhar como de apreensão.

“‘Não, vai embora,’ disse Tevildo, ‘cheiras a cão, e que boa notícia veio alguma vez a um gato de uma fada que lidou com cães?’

“‘Ora, senhor, eu cheirar a cão não é motivo para espanto, pois acabo de escapar de um, e é de fato sobre certo cão poderosíssimo, cujo nome conheceis, que desejo falar.’ Então Tevildo sentou-se e abriu os olhos, olhou em toda a volta e espreguiçou-se três vezes e por fim mandou o gato-porteiro trazer Tinúviel para dentro; e Umuiyan a pegou no lombo como antes. Agora Tinúviel estava muito temerosa, pois, tendo obtido o que desejava, uma oportunidade de penetrar no baluarte de Tevildo e talvez descobrir se Beren estava ali, não tinha mais nenhum plano e não sabia o que lhe iria acontecer — na verdade, teria fugido se pudesse; porém então aqueles gatos começaram a subir pelos terraços rumo ao castelo,

e Umuiyan deu um salto levando Tinúviel para cima, e depois outro, e no terceiro tropeçou de modo que Tinúviel deu um grito de pavor, e Tevildo disse: ‘O que te aflige, Umuiyan de pés desajeitados? É hora de deixares meu emprego se a idade se insinua em ti tão depressa.’ Mas Umuiyan disse: ‘Não, senhor, não sei o que seja, mas há uma névoa diante de meus olhos e minha cabeça pesa’, e cambaleou como um ébrio, de modo que Tinúviel deslizou do seu lombo, e com isso ele se deitou como em sono profundo; mas Tevildo enfureceu-se e agarrou Tinúviel, não com muito cuidado, e levou-a ele mesmo até os portões. Então, com salto enorme, pulou para dentro e, mandando a donzela apear, soltou um berro que ecoou horrendamente nos escuros caminhos e corredores. Imediatamente vieram correndo até ele, lá de dentro, e alguns ele mandou descerem até Umuiyan, amarrarem-no e lançarem-no das rochas ‘do lado norte onde caem mais íngremes, pois não tenho mais uso para ele,’ disse, ‘pois sua idade lhe roubou a firmeza dos passos’; e Tinúviel estremeceu ao ouvir a crueldade daquele animal. Mas, mesmo enquanto falava, ele próprio bocejou e tropeçou como que tomado por súbita sonolência e mandou que os outros levassem Tinúviel a uma certa sala lá dentro, e era ali que Tevildo costumava sentar-se para comer carne com seus maiores capitães. Estava repleta de ossos e fedia atrozmente; não tinha janelas, apenas uma porta, mas uma portinhola se abria dela para as grandes cozinhas,

e uma luz vermelha emanava dali e iluminava fracamente o lugar.

“Ora, tão temerosa estava Tinúviel quando a gataria a deixou ali que ficou imóvel por um momento, incapaz de se mexer, mas logo, acostumando-se à escuridão, olhou em torno e, avistando a portinhola que tinha um peitoril largo, saltou sobre este, pois não era demasiado alto, e ela era uma Elfa ágil. Então, olhando através dela, já que estava entreaberta, viu as amplas cozinhas abobadadas e os grandes fogos que lá ardiam e os que sempre labutavam no interior, e a maioria era de gatos — mas eis que ali, junto a um grande fogo, estava Beren abaixado e estava encardido de trabalhar, e Tinúviel sentou-se e chorou, mas nada ousou ainda. Na verdade, assim que se sentou a voz áspera de Tevildo soou de repente dentro daquela sala: ‘Não, para onde em nome de Melko fugiu essa Elfa louca?’, e Tinúviel, ouvindo-o, espremeu-se contra a parede, mas Tevildo a enxergou onde se empoleirara e exclamou: ‘Então a avezinha não canta mais; desce ou terei de te buscar, pois eis que não encorajarei os Elfos a me pedirem audiência com zombaria.’

“Então, parte por medo, parte esperando que sua clara voz chegasse mesmo até Beren, Tinúviel subitamente começou a falar muito alto e a contar sua história ecoando nos paços; mas ‘Quieta, cara donzela,’ disse Tevildo, ‘se o assunto era secreto lá fora não deve ser gritado aqui dentro.’ Então disse Tinúviel: ‘Não fales assim comigo, ó gato, por muito que sejas o poderoso Senhor dos Gatos, pois

não sou eu Tinúviel, Princesa das Fadas, que me desviei de meu caminho para te fazer um favor?’ Ora, a estas palavras, e ela as gritara ainda mais alto do que antes, ouviu-se um grande estrondo nas cozinhas, como se muitos recipientes de metal e louça tivessem sido derrubados de súbito, mas Tevildo rosnou: ‘Ali tropeça esse tolo, Beren, o Elfo. Que Melko me livre dessa gente.’ Porém Tinúviel, adivinhando que Beren a ouvira e fora tomado de espanto, deixou seus temores de lado e não se arrependeu mais de sua ousadia. Ainda assim, Tevildo ficou muito irado com suas palavras altivas e se ele não tivesse decidido primeiro descobrir que vantagem obteria da história dela, Tinúviel ter-se-ia dado mal de imediato. De fato, a partir desse momento estava em grande perigo, pois Melko e todos os seus vassalos consideravam Tinwelint e sua gente como proscritos, e era grande sua alegria em aprisioná-los e tratá-los com crueldade, de modo que Tevildo teria conquistado grande favor se levasse Tinúviel diante de seu senhor. De fato, assim que ela declarou seu nome ele resolveu fazê-lo quando tivesse resolvido seus próprios afazeres, mas em verdade seu juízo estava adormecido naquele dia, e esqueceu-se de mais admirar por que Tinúviel estava empoleirada no peitoril da portinhola; nem pensou mais em Beren, pois sua mente estava atenta somente à história que Tinúviel lhe trazia. Por isso disse, disfarçando o mau humor: ‘Não, Senhora, não te zangues, mas vê que a demora aguça meu desejo; o que é isso

que tens para meus ouvidos, pois eles já se contorcem?’

“Mas Tinúviel disse: ‘Há um grande animal, rude e violento, e seu nome é Huan’, e com esse nome o lombo de Tevildo se arqueou, e seu pelo eriçou-se e crepitou, e era vermelha a luz de seus olhos e prosseguiu ela: ‘Parece-me lamentável que a tal besta seja tolerado infectar os bosques tão perto da habitação do poderoso Príncipe dos Gatos, meu senhor Tevildo’, mas Tevildo disse: ‘Nem o toleramos, nem ele jamais vem aqui exceto furtivamente.’

“‘Seja como for,’ disse Tinúviel, ‘lá está ele agora, mas me parece que afinal sua [vida] poderá terminar de todo, pois vede, quando atravessei a floresta, vi onde um grande animal jazia ao solo, gemendo como que doente; e eis que era Huan, e algum encanto mau ou doença o tem nas garras, e ainda jaz desamparado num vale da floresta, a nem uma milha a oeste deste paço. Ora, quem sabe eu não vos tivesse perturbado os ouvidos por causa disso, se a besta, quando me aproximei para socorrê-lo, não tivesse grunhido e tentado morder-me, e julgo que tal criatura merece o que lhe acontecer.’

“Ora, tudo isto que Tinúviel dizia era uma grande mentira em cuja criação Huan a guiara, e as donzelas dos Eldar não costumam inventar mentiras; porém nunca ouvi dizer que algum dos Eldar a tivesse culpado nisso, nem Beren depois, nem a culpo eu, pois Tevildo era um gato maligno, e Melko, o mais perverso de todos os seres, e

Tinúviel corria grave perigo nas mãos deles. Porém Tevildo, ele próprio grande e hábil mentiroso, estava tão profundamente enfronhado nas mentiras e sutilezas de todos os animais e criaturas que raramente sabia se devia ou não crer no que lhe era dito e costumava duvidar de tudo, menos do que queria acreditar que fosse verdade, e assim era muitas vezes enganado pelos mais honestos. Ora, a estória de Huan e seu desamparo tanto lhe agradou que tendia a crer que fosse verdadeira e decidiu-se a pelo menos testá-la; porém de início fingiu indiferença, dizendo que era um assunto pequeno para tal segredo e poderia ter sido dito do lado de fora sem mais cerimônia. Mas Tinúviel disse que não pensara que Tevildo, Príncipe dos Gatos, precisasse ser informado de que os ouvidos de Huan ouviam os sons mais tênues a uma légua de distância e a voz de um gato de mais longe que qualquer outro som.

"Assim, portanto, Tevildo buscou descobrir de Tinúviel, fingindo desconfiar do seu relato, onde exatamente Huan poderia ser encontrado, mas ela apenas deu respostas vagas, vendo nisso sua única esperança de escapar do castelo, e por fim Tevildo, dominado pela curiosidade e ameaçando coisas malévolas caso ela revelasse ser falsa, convocou a si dois de seus capitães, e um deles era Oikeroi, um gato feroz e belicoso. Então os três partiram dali com Tinúviel, mas Tinúviel removeu sua veste mágica negra e a dobrou, de forma que apesar de todo o seu tamanho e densidade não parecia maior que o mais miúdo lenço (pois disso

ela era capaz) e assim ela desceu dos terraços sem contratempos, carregada no lombo de Oikeroi, e nenhuma sonolência acometeu o que a levava. Então esgueiraram-se pela floresta na direção que ela mencionara, e logo Tevildo farejou o cão e eriçou e balançou sua grande cauda, mas depois escalou uma árvore grandiosa e de lá observou o vale que Tinúviel lhes mostrara. Ali viu de fato o grande vulto de Huan, jazendo prostrado, grunhindo e gemendo, e desceu muito contente e apressado e, de fato, no seu afã esquece-se de Tinúviel, que agora, temendo muito por Huan, se esconde em uma moita de samambaias. O propósito de Tevildo e seus dois companheiros era penetrarem naquele vale em silêncio, vindos de diferentes direções, e assim acometerem Huan de súbito, inesperadamente, e o matar ou, caso estivesse ferido demais, brigar para zombar dele e atormentá-lo. Foi o que fizeram então, mas no momento em que saltavam sobre ele Huan lançou-se no ar com imenso latido, e suas mandíbulas se fecharam nas costas do gato Oikeroi, próximo ao pescoço, e Oikeroi morreu, mas o outro capitão fugiu uivando para cima de uma grande árvore, e assim Tevildo ficou só em face de Huan, e tal encontro não fora bem sua intenção, e contudo Huan o acometeu muito depressa para que pudesse fugir, e combateram ferozmente naquela clareira, e o barulho que Tevildo fazia era muito medonho, mas por fim Huan o tomou pela garganta, e o gato haveria de perecer, não fosse suas garras, ao atacar às cegas, perfurarem o olho

de Huan. Então Huan começou a ladrar, e Tevildo, com tremendo guincho, soltou-se com grande puxão e subiu de um salto numa árvore alta e lisa ali perto, assim como fizera seu companheiro. A despeito de seu grave ferimento Huan então saltou para baixo dessa árvore, dando grandes latidos, e Tevildo o amaldiçoou e lançou sobre ele, lá de cima, palavras malignas.

"Então disse Huan: 'Vê, Tevildo, estas são as palavras de Huan, a quem pretendias apanhar e matar indefeso como os miseráveis camundongos que costumas caçar; fica para sempre no alto de tua árvore solitária e morre do sangramento de tuas feridas, ou desce e prova meus dentes outra vez. Mas, se nada disso for de teu agrado, então conta-me onde estão Tinúviel, Princesa das Fadas, e Beren, filho de Egnor, pois eles são meus amigos. Eles então hão de ser postos como resgate por ti, por muito que isso seja dar-te muito mais valor do que tens.'

"'Quanto àquela Elfa maldita, ela jaz soluçando nas samambaias adiante, se meus ouvidos não me enganam', disse Tevildo. 'E Beren, creio, está sendo justamente arranhado por meu cozinheiro Miaulë, nas cozinhas de meu castelo, por ter sido desajeitado ali uma hora atrás.'

"'Então faz com que me sejam entregues em segurança', disse Huan, 'e tu mesmo poderás voltar a teus paços e lamber-te ileso.'

"'Com certeza meu capitão, que está aqui comigo, há de buscá-los para ti', disse Tevildo, mas Huan grunhiu: 'Sim, e buscará também toda a tua

tribo e hostes dos Orques e as pragas de Melko. Não, não sou tolo; és tu que darás a Tinúviel um sinal, e ela há de buscar Beren, ou ficarás aqui se não te agradar o outro modo.’ Então Tevildo foi obrigado a lançar para baixo seu colar dourado — um sinal que nenhum gato ousava desonrar —, mas Huan disse: ‘Não, ainda é preciso mais, pois isso provocará toda a tua gente a te buscar’, e isso Tevildo sabia e esperara. Assim foi que, no final, o cansaço e a fome e o medo forçaram aquele gato altivo, príncipe a serviço de Melko, a revelar o segredo dos gatos e o feitiço que Melko lhe havia confiado; e essas eram palavras de magia que mantinham unidas as pedras de sua casa maligna e com as quais ele mantinha sob seu domínio todos os animais da gataria, enchendo-os com um poder do mal além de sua natureza, pois por muito tempo foi dito que Tevildo era um fata maligno em forma de animal. Assim, quando ele o havia dito, Huan riu até a floresta ressoar, pois ele sabia que os dias do poderio dos gatos haviam terminado.

“Então Tinúviel, com o colar dourado de Tevildo, correu de volta ao terraço inferior diante dos portões e parou dizendo o feitiço em sua voz clara. Então eis que o ar ficou repleto das vozes dos gatos, e a casa de Tevildo estremeceu; e veio de dentro dela uma hoste de habitantes e estavam minguados a um tamanho insignificante e temiam Tinúviel, que, balançando o colar de Tevildo, falou diante deles certas palavras que Tevildo dissera a Huan na sua presença, e eles se encolheram diante dela. Mas ela disse: ‘Vede, que sejam

trazidos todos os da gente dos Elfos ou dos filhos dos Homens que estão atados dentro destes paços', e eis que Beren foi trazido, mas outros servos não havia, exceto Gimli, um Gnomo idoso, curvado pela servidão e já sem conseguir enxergar, mas cuja audição era a mais aguçada que houve no mundo, como dizem todas as canções. Gimli veio apoiado num bastão, e Beren o ajudou, mas Beren estava vestido de trapos e desfigurado e tinha na mão uma grande faca que apanhara na cozinha, temendo novo mal quando a casa estremeceu e se ouviram todas as vozes dos gatos; mas, quando contemplou Tinúviel de pé em meio à hoste dos gatos que retrocediam diante dela, e viu o grande colar de Tevildo, então[8] admirou-se imensamente e não sabia o que pensar. Mas Tinúviel estava muito contente e falou dizendo: 'Ó Beren de além dos Morros Amargos, agora dançarás comigo, mas que não seja aqui.' E conduziu Beren para bem longe, e todos os gatos começaram a uivar e choramingar, de tal forma que Huan e Tevildo ouviram na floresta, mas nenhum os seguiu nem molestou, pois estavam com medo, e a magia de Melko havia se apartado deles.

"Na verdade, depois arrependeram-se disso quando Tevildo retornou à casa, seguido por seu trêmulo companheiro, pois a ira de Tevildo era terrível, e agitava a cauda e distribuía golpes a todos que estavam próximos. Então Huan dos cães, por muito que possa parecer tolice, quando Beren e Tinúviel chegaram àquela clareira,

permitira que o malvado Príncipe retornasse sem mais combate, mas pusera o grande colar de ouro em torno de seu próprio pescoço, e com isso Tevildo mais se enfureceu que com outra coisa qualquer, pois grande magia de força e poder residia nele. Pouco agradou a Huan que Tevildo ainda vivesse, mas não temia mais os gatos, e essa tribo tem fugido dos cães desde então, e os cães ainda a têm em desprezo desde a humilhação de Tevildo na floresta perto de Angamandi, e nenhum feito maior fez Huan. De fato, mais tarde Melko ouviu tudo e maldisse Tevildo e sua gente e os baniu, e não tiveram desde aquele dia senhor nem mestre nem qualquer amigo, e suas vozes choram e guincham, pois têm os corações muito solitários e amargos e cheios de perda, porém dentro deles há só treva e nenhuma benevolência.

“Porém ao tempo de que fala o conto o principal desejo de Tevildo era recapturar Beren e Tinúviel e matar Huan, para poder reconquistar o feitiço e a magia que perdera, pois tinha grande temor de Melko e não ousava buscar o auxílio de seu mestre e revelar sua derrota e a denúncia de seu feitiço. Sem saber disso, Huan temia aqueles lugares e receava muito que aqueles feitos chegassem depressa aos ouvidos de Melko, como chegava a maior parte das coisas que ocorriam no mundo; por isso agora Tinúviel e Beren viajaram para bem longe com Huan e tornaram-se grandes amigos dele, e nessa vida Beren recuperou as forças, e sua servidão se apartou dele e Tinúviel o amava.

“Porém selvagens e rudes e muito solitários foram aqueles dias, pois jamais viram rosto de Elfo nem Homem, e Tinúviel, por fim, anelava intensamente por sua mãe Gwendeling e as canções de doce magia que ela costumava cantar aos filhos quando caía o crepúsculo no bosque junto a seus antigos paços. Muitas vezes quase imaginou ouvir a flauta de Dairon, seu irmão, em agradáveis clareiras[9] onde passavam algum tempo, e seu coração ficou pesado. Após algum tempo disse a Beren e a Huan: ‘Preciso voltar para casa’ e então foi o coração de Beren que se toldou com pesar, pois amava aquela vida na floresta com os cães (pois àquela altura muitos outros se haviam juntado a Huan), porém não se Tinúviel não estivesse lá.

“Ainda assim disse: ‘Nunca poderei voltar contigo à terra de Artanor, nem jamais voltar ali para te procurar, doce Tinúviel, exceto se trouxer uma Silmaril; e agora isso não pode ser realizado, já que sou fugitivo dos próprios paços de Melko, e seus servos me espionam em perigo dos castigos mais atrozes.’ Ora, isto ele disse no pesar de seu coração, ao se despedir de Tinúviel, e ela hesitou, não suportando a ideia de deixar Beren nem de viver sempre assim no exílio. Por isso passou longo tempo em tristes pensamentos e não falava, mas Beren sentou-se junto a ela e finalmente disse: ‘Tinúviel, só uma coisa podemos fazer: sair em busca de uma Silmaril’; e diante disso ela procurou Huan, pedindo-lhe auxílio e conselho, mas ele foi muito grave e nada via no caso senão loucura.

Porém no fim Tinúviel lhe pediu a pele de Oikeroi, que ele matara no combate da clareira; ora, Oikeroi era um gato poderosíssimo e Huan levava aquela pele consigo como troféu.

“Então Tinúviel empenhou sua habilidade e sua magia de fada e costurou Beren dentro da pele e o fez assemelhar-se a um grande gato e lhe ensinou a sentar e a se escarrapachar, a dar passos e pulos, e a trotar à semelhança de um gato, até os bigodes do próprio Huan se eriçarem à vista daquilo, e Beren e Tinúviel riram-se dele. Jamais, porém, Beren aprendeu a guinchar ou choramingar, ou a ronronar como qualquer gato que já caminhou, nem Tinúviel pôde despertar um brilho nos olhos mortos da pele de gato ‘mas precisamos nos conformar com isso’, disse ela, ‘e tens o ar de um gato mui nobre contanto que segures tua língua’.

“Então se despediram de Huan e partiram rumo aos paços de Melko em jornadas leves, pois Beren estava muito desconfortável e quente dentro da pele de Oikeroi, e o coração de Tinúviel estava mais leve, por uns tempos, do que há muito estivera, e afagava Beren ou lhe puxava a cauda, e Beren se irritava porque não conseguia agitá-la, em resposta, tão ferozmente quanto desejava. Após algum tempo, porém, acercaram-se de Angamandi, como de fato os estrondos e ruídos graves e o som de grandes marteladas de dez mil ferreiros labutando sem cessar lhes declaravam. Estavam próximos os tristes recintos onde os Noldoli escravizados labutavam amargamente sob

os Orques e Gobelins das colinas, e ali a obscuridade e treva era grande, de modo que desanimaram, mas Tinúviel mais uma vez se trajou em sua veste escura de sono profundo. Ora, os portões de Angamandi eram de ferro hediondamente trabalhado e guarnecido de facas e espetos, e diante deles estava deitado o maior lobo que o mundo já viu, o próprio Karkaras Presa-de-Punhal que jamais dormira; e Karkaras rosnou quando viu Tinúviel se aproximando, mas com o gato não se importou muito, pois tinha os gatos em pequena conta, e eles sempre passavam para dentro e para fora.

"'Não rosnes, ó Karkaras,' disse ela, 'pois vou em busca de meu senhor Melko e este capitão de Tevildo vai comigo como escolta.' Ora, a veste escura velava toda a sua beleza cintilante, e a mente de Karkaras não se perturbou muito, porém mesmo assim ele se aproximou, como costumava fazer, para farejar o seu ar, e a doce fragrância dos Eldar aquela veste não conseguia ocultar. Assim, de imediato Tinúviel iniciou uma dança mágica e lançou as mechas negras de seu escuro véu nos olhos dele, de modo que suas pernas tremeram de sonolência, e ele rolou e adormeceu. Mas foi só quando ele estava firmemente sonhando com grandes perseguições nos bosques de Hisilómë, quando ainda era filhote, que Tinúviel se deteve e então entraram os dois pelo portal negro e serpenteando, descendo por muitos caminhos de sombra, toparam finalmente com a presença do próprio Melko.

“Naquela escuridão Beren passava muito bem por verdadeiro capitão de Tevildo, e de fato antigamente Oikeroi havia frequentado muito os paços de Melko, de modo que ninguém lhe deu atenção, e ele se esgueirou sem ser visto embaixo do próprio assento do Ainu, mas as víboras e os seres malignos que lá estavam lhe deram muito medo, e assim não ousava mexer-se.

“Ora, tudo isto calhou muito afortunadamente, pois se Tevildo estivesse com Melko a fraude deles teria sido descoberta — e na verdade haviam pensado nesse perigo, sem saberem que Tevildo agora estava sentado em seus paços, sem saber o que haveria de fazer caso sua derrota fosse comentada em Angamandi, mas eis que Melko avistou Tinúviel e disse: ‘Quem és tu que adejas em meus paços como um morcego? Como entraste? Pois com certeza não pertences a este lugar.’

“‘Não, não pertenço ainda,’ disse Tinúviel, ‘mas quem sabe possa depois disto, por vossa bondade, meu senhor Melko. Não sabeis que sou Tinúviel, filha do proscrito Tinwelint, e que ele me expulsou de seus paços, pois é um Elfo imperioso e não concedo meu amor a mando dele?’

“Então Melko se admirou deveras de que a filha de Tinwelint viesse assim, de livre vontade, à sua morada, a terrível Angamandi, e suspeitando de algo inconveniente perguntou qual era seu desejo: ‘Pois não sabes’, disse ele, ‘que aqui não há amor por teu pai ou sua gente, nem deves esperar de mim palavras suaves ou bom humor?’

“‘Assim disse meu pai,’ disse ela, ‘mas por que devo crer nele? Vede, tenho a habilidade das danças sutis e quero dançar diante de vós agora, meu senhor, pois assim creio que prontamente podereis me conceder um humilde canto de vossos paços, onde eu habite até o momento em que chameis a pequena dançarina Tinúviel para aliviar vossas preocupações.’

“‘Não,’ disse Melko, ‘tais coisas pouco são para minha mente, mas visto que vieste tão longe para dançar, dança, e veremos depois’, e com isso a olhou maliciosamente, de modo horrível, pois sua mente obscura planejava algum mal. Então Tinúviel iniciou uma dança tal que nem ela, nem qualquer outro espírito, ou fata, ou Elfa jamais dançara antes, nem dançou desde então, e após pouco tempo o olhar do próprio Melko estava preso pelo assombro. Em redor do salão andou ela, veloz como andorinha, silenciosa como morcego, magicamente bela como só Tinúviel foi jamais e estava já ao lado de Melko, já diante dele, já atrás, e suas nebulosas roupagens lhe tocavam a face e meneavam diante dos seus olhos, e a gente sentada ao longo dos muros ou de pé naquele lugar foi uma a uma dominada pelo sono, caindo em profundos sonhos com tudo o que seus maldosos corações desejavam.

“Sob seu assento as víboras jaziam como pedras, e os lobos diante de seus pés bocejavam e dormitavam, e Melko contemplava encantado, mas não dormiu. Então Tinúviel começou a dançar uma dança ainda mais veloz diante de seus olhos e

mesmo enquanto dançava cantou em voz muito baixa e maravilhosa uma canção que Gwendeling lhe ensinara muito tempo atrás, uma canção que os jovens e as donzelas cantavam sob os ciprestes dos jardins de Lórien quando a Árvore de Ouro declinara e Silpion reluzia. As vozes dos rouxinóis estavam nela, e muitos sutis odores pareciam encher o ar daquele local fétido à medida que ela pisava o solo, leve como pluma ao vento; nem jamais se viu ali de novo alguma voz nem visão de tal beleza, e o Ainu Melko, a despeito de todo o seu poder e majestade, sucumbiu à magia daquela donzela élfica, e de fato as pálpebras do próprio Lórien teriam pesado se ele ali estivesse para a ver. Então Melko caiu para diante, sonolento, e por fim, em sono profundo, afundou de seu assento para o chão, e sua coroa de ferro rolou para longe.

“Subitamente Tinúviel cessou. No salão não se ouvia nenhum som que não fosse de respiração adormecida; até Beren dormia embaixo do próprio assento de Melko, mas Tinúviel o sacudiu, e ele finalmente despertou. Então, temeroso e tremendo, ele rasgou o disfarce e, livrando-se dele, pôs-se de pé com um salto. Sacou então aquela faca que trouxera das cozinhas de Tevildo e agarrou a enorme coroa de ferro, mas Tinúviel não a conseguiu mover e os músculos de Beren mal davam conta de virá-la. Grande foi a agitação de seu temor enquanto, naquele escuro salão do mal adormecido, Beren labutava o mais silenciosamente que podia para arrancar uma Silmaril com sua faca. Já soltou a grande joia

central, e o suor lhe brotava da fronte, mas quando a forçou para soltá-la da coroa eis que a faca se partiu com um forte estalido.

“Tinúviel abafou um grito nesse momento, e Beren afastou-se de um salto com a Silmaril na mão, e os que dormiam se agitaram, e Melko gemeu, como se maus pensamentos lhe perturbassem os sonhos, e uma expressão obscura tomou conta de seu rosto adormecido. Então, contentes com aquela única gema reluzente, os dois fugiram desesperados do salão, descendo aos tropeços desordenados por muitos corredores escuros, até que, pelo bruxuleio de uma luz cinzenta, souberam que se aproximavam dos portões — e eis! Karkaras estava deitado de través na soleira, outra vez desperto e vigilante.

“Em um impulso imediato Beren pôs-se diante de Tinúviel, apesar de ela ter-lhe dito não, e no final isso demonstrou ser ruim, pois Tinúviel não teve tempo de lançar outra vez sobre o animal seu feitiço de sonolência, antes que, vendo Beren, ele arreganhasse os dentes e grunhisse furioso. ‘Por que tanta rispidez, Karkaras?’, disse Tinúviel. ‘Por que esse Gnomo[10] que não entrou e agora, no entanto, sai às pressas?’, disse Presa-de-Punhal, e com isso saltou sobre Beren, que golpeou com o punho bem entre os olhos do lobo, agarrando a garganta dele com a outra mão.

“Então Karkaras apanhou essa mão nas pavorosas mandíbulas e era a mão em que Beren apertava a resplandecente Silmaril, e tanto a mão quanto a joia foram arrancadas por Karkaras, que

as tomou na goela vermelha. Foi grande a agonia de Beren, e o temor e a angústia de Tinúviel, porém nesse momento, quando esperavam sentir os dentes do lobo, ocorreu algo novo, estranho e terrível. Eis que agora a Silmaril resplandecia com um fogo branco e oculto da sua própria natureza e estava possuída por uma magia feroz e sagrada — pois não vinha ela de Valinor e dos reinos abençoados, tendo sido moldada com encantos dos Deuses e dos Gnomos antes que o mal ali chegasse? E, além disso, ela não tolera o toque da carne maligna ou da mão profana. Passou então para o interior do imundo corpo de Karkaras, e de súbito a fera foi queimada com terrível angústia e o uivo de sua dor foi pavoroso de se ouvir, ecoando naqueles caminhos rochosos, de forma que desperta toda a corte adormecida lá dentro. Então Tinúviel e Beren fugiram pelos portões como o vento, porém Karkaras estava muito adiante deles, encolerizado e louco como um animal perseguido por Balrogs; e depois, quando conseguiram recuperar o fôlego, Tinúviel chorou sobre o braço mutilado de Beren, beijando-o muitas vezes, e eis que não sangrou e a dor o deixou e foi curado pela suave cura do amor dela; porém depois disso Beren sempre foi cognominado, entre toda a gente, Ermabwed, Uma-Mão, que na língua da Ilha Solitária é Elmavoitë.

“Agora, no entanto, precisavam tratar de escapar — se fosse essa a sua sorte, e Tinúviel enrolou parte de sua capa escura em torno de

Beren e assim, por algum tempo, esvoaçando no crepúsculo e na escuridão entre as colinas, não foram vistos por ninguém, apesar de Melko ter convocado todos os seus Orques de terror contra eles; e sua fúria pelo roubo daquela joia era a maior que os Elfos jamais haviam visto.

“Ainda assim, logo lhes pareceu que a rede de caçadores se fechava sobre eles cada vez mais apertada, e apesar de terem alcançado a borda das matas mais familiares e passado pelas trevas da floresta de Taurfuin, havia ainda assim muitas léguas de perigos a serem atravessadas entre eles e as cavernas do rei, e mesmo que alguma vez lá chegassem parecia que só atrairiam para lá a caçada que os seguia, e o ódio de Melko sobre toda aquela gente da floresta. Era deveras tão grande o clamor que Huan o percebeu de longe e muito se admirou com a ousadia daqueles dois, e mais ainda por eles terem escapado de Angamandi.

“Ia então com muitos cães através das matas, caçando Orques e capitães de Tevildo, e assim obteve muitos ferimentos e muitos deles matou ou pôs em temor e fuga, até que certa tarde, ao crepúsculo, os Valar o levaram a uma clareira naquela região setentrional de Artanor que depois se chamou Nan Dumgorthin, a terra dos ídolos sombrios, mas esse é um assunto que não diz respeito a este conto. Entretanto, era mesmo então uma terra escura e sombria e de mau agouro, e o temor caminhava sob suas árvores ameaçadoras, não menos que em Taurfuin; e

aqueles dois Elfos, Tinúviel e Beren, lá estavam deitados exaustos e desesperançados, e Tinúviel chorava, mas Beren manuseava sua faca.

“Ora, quando Huan os viu não permitiu que falassem nem contassem parte de seu relato, mas de imediato pôs Tinúviel sobre seu lombo enorme e mandou Beren correr ao seu lado, do melhor modo que pudesse ‘pois,’ disse ele, ‘uma grande companhia de Orques aproxima-se rapidamente daqui, e os lobos são seus rastreadores e batedores.’ Então a matilha de Huan correu em torno deles e muito velozes, ao longo de trilhas rápidas e secretas, seguiram rumo aos longínquos lares da gente de Tinwelint. Assim foi que se esquivaram das hostes de seus inimigos, não obstante tiveram depois muitos embates com seres malignos vagantes, e Beren matou um Orque, que por pouco não arrastou Tinúviel consigo, e esse foi um bom feito. Vendo então que a caçada ainda os seguia de perto, mais uma vez Huan os conduziu por caminhos tortuosos e ainda não ousava levá-los direto à terra das fadas da floresta. Porém era tão astuciosa a sua condução que, por fim, depois de muitos dias, a caçada ficou longe para trás e não viram nem ouviram mais nada dos bandos de Orques; nenhum gobelim os atacou de surpresa e nem os uivos de lobos malignos vinham pelos ares à noite, e isso provavelmente era porque já haviam penetrado no círculo de magia de Gwendeling que ocultava as trilhas do mal e evitava que o dano chegasse às regiões dos Elfos da floresta.

“Então Tinúviel respirou livre outra vez, como não fizera desde que fugira dos paços de seu pai, e Beren descansou ao sol longe das trevas de Angband até que o último amargor da servidão o abandonou. Em virtude da luz que caía através das folhas verdes e do sussurro dos ventos puros e do cantar das aves, mais uma vez estiveram destemidos por completo.

“Não obstante, acabou chegando um dia em que, despertando de sono profundo, Beren deu um salto como quem deixa um sonho de coisas felizes que lhe vem à mente de chofre e disse: ‘Adeus, ó Huan, mais fiel dos companheiros, e tu, pequena Tinúviel, a quem amo, adeus. Só isto te imploro, vai agora direto à segurança de teu lar e que o bom Huan te conduza. Mas eu — eis que devo me afastar para a solidão das matas, pois perdi a Silmaril que tive e nunca mais ousarei me aproximar de Angamandi e, portanto, jamais entrarei nos paços de Tinwelint.’ Então chorou consigo mesmo, mas Tinúviel, que estava perto e escutara sua meditação, pôs-se junto dele e disse: ‘Não, agora meu coração está mudado,[11] e se habitares na floresta, ó Beren Ermabwed, também eu habitarei, e se vagares nos lugares selvagens ali vagarei também, seja contigo ou depois de ti: porém meu pai nunca mais me verá exceto se tu me levares até ele.’ Então Beren alegrou-se deveras com suas doces palavras e lhe teria agradado morar com ela como caçador nos ermos, mas seu coração o golpeou por tudo o que ela sofrera por ele e por ela ele abandonou sua altivez.

De fato, ela argumentou com ele, dizendo que a obstinação seria tolice e que seu pai os saudaria tão somente com alegria, contente de ver a filha ainda viva ‘e quem sabe’, disse ela, ‘ele se envergonhará de seu gracejo ter entregue tua bela mão às queixadas de Karkaras’. Mas também implorou a Huan que voltasse com eles durante algum espaço, pois ‘meu pai te deve uma enorme recompensa, ó Huan,’ disse, ‘se é que ele ama a filha’.

“Assim foi que esses três partiram juntos mais uma vez e por fim retornaram aos bosques que Tinúviel conhecia e amava, perto da habitação de seu povo e dos profundos paços de seu lar. Porém, à medida que se aproximavam, encontraram medo e tumulto entre aquela gente, tal como não houvera por longa era, e perguntando a alguns que choravam diante de suas portas ficaram sabendo que desde o dia da fuga secreta de Tinúviel a má sorte os acometera. Eis que o rei ficara perturbado de pesar e negligenciara sua antiga circunspecção e astúcia; na verdade seus guerreiros haviam sido enviados para lá e para cá, às profundezas das florestas insalubres, buscando a donzela, e muitos haviam sido mortos ou perdidos para sempre, e havia guerra com os servos de Melko em todas as suas fronteiras setentrionais e orientais, de modo que a gente temia imensamente que aquele Ainu convocasse suas forças e viesse esmagá-los por completo e que a magia de Gwendeling não tivesse o poder de resistir à multidão de Orques. ‘Vede,’ diziam,

‘agora aconteceu o pior de tudo, pois muito tempo a Rainha Gwendeling esteve indiferente, sem sorrir nem falar, como se fitasse à grande distância com olhos desvairados, e a rede de sua magia tornou-se rala em torno da floresta, e a floresta é lúgubre, pois Dairon não retorna nem sua música se ouve mais nas clareiras. Eis agora a coroa de todas as nossas más novas, pois sabei que irrompeu sobre nós, vindo irado desde os paços do Mal, um grande lobo cinzento repleto de um espírito maligno e se comporta como que açoitado por alguma loucura oculta, e ninguém está a salvo. Já matou muitos, correndo selvagem pela floresta, mordendo e berrando, de modo que as próprias margens do rio que corre diante dos paços do rei se tornaram lugares onde o perigo espreita. Ali o medonho lobo vai beber com frequência, parecendo o próprio Príncipe maligno, de olhos injetados de sangue e língua pendendo para fora, e nunca consegue saciar seu desejo de água, como se algum fogo interior o devorasse.’

“Então Tinúviel se entristeceu, pensando na infelicidade que acometera seu povo e principalmente seu coração se tornou amargo diante da história de Dairon, pois dela não ouvira nem murmúrio antes disso. No entanto, era incapaz de desejar que Beren nunca tivesse chegado às terras de Artanor, e juntos apressaram-se para irem ter com Tinwelint; e aos Elfos da floresta parecia agora que o mal estava terminando, já que Tinúviel voltara a ter com eles ilesa. Na verdade, sequer esperavam por isso.

“Encontraram o Rei Tinwelint em grande melancolia, porém de repente seu pesar se derreteu em lágrimas de contentamento e Gwendeling voltou a cantar de alegria quando Tinúviel ali entrou e, lançando longe sua veste de escura névoa, pôs-se diante deles na mesma radiância perolada de outrora. Por um instante tudo foi regozijo e assombro naquele paço, e ainda assim o rei acabou por voltar os olhos para Beren e disse: ‘Então tu também retornaste — trazendo uma Silmaril, fora de dúvida, em recompensa de todo o mal que produziste em minha terra; ou, se não a trazes, não sei por que aqui estás.’

“Então Tinúviel pisou forte e exclamou, de modo que o rei e todos os que estavam à sua roda se admiraram de seu novo humor destemido: ‘Que vergonha, meu pai! Vê, eis Beren, o bravo, que tua pilhéria expulsou para lugares escuros e imundo cativeiro, e que somente os Valar salvaram de morte amarga. Creio que a um rei dos Eldar melhor conviria recompensá-lo que injuriá-lo.’

“‘Não,’ disse Beren, ‘o rei, teu pai, tem esse direito. Senhor,’ disse, ‘mesmo agora tenho uma Silmaril em minha mão.’

“‘Mostra-me então,’ disse o rei, assombrado.

“‘Não posso fazê-lo,’ disse Beren, ‘pois minha mão não está aqui’, e estendeu o braço mutilado.

“Então o coração do rei se voltou para ele, em razão de seu comportamento resoluto e cortês, e pediu que Beren e Tinúviel lhe relatassem tudo o que ocorrera a cada um e escutou com avidez, pois não compreendia plenamente o significado

das palavras de Beren. Quando, porém, havia ouvido tudo seu coração voltou-se para Beren ainda mais e admirou-se do amor que despertara no coração de Tinúviel, de forma que ela praticara feitos maiores e mais ousados que qualquer guerreiro de seu povo.

"'Nunca mais,' disse, 'ó Beren, eu te peço, deixes esta corte nem a companhia de Tinúviel, pois és um grande Elfo e teu nome será sempre grande entre as gentes.' No entanto, Beren respondeu-lhe com altivez e disse: 'Não, ó Rei, mantenho minha palavra e a vossa e vos trarei essa Silmaril antes de habitar em paz nos vossos paços.' E o rei implorou-lhe que não viajasse mais aos reinos escuros e desconhecidos, mas Beren disse: 'Não há necessidade disso, pois eis que essa joia agora mesmo está próxima de vossas cavernas', e esclareceu a Tinwelint que a fera que assolava suas terras não era outro senão Karkaras, o lobo guardião dos portões de Melko — e isto não era conhecido de todos, mas Beren o sabia por ensinamento de Huan, cuja astúcia na leitura de pegadas e rastos era a maior de todos os cães, e nenhum deles é inábil nisso. E, na verdade, Huan estava então nos paços junto com Beren e, quando aqueles dois falaram de perseguição e grande caçada, ele pediu para ser incluído no feito e isso foi concedido de bom grado. Os três, portanto, prepararam-se para assolar a fera, para que toda a gente estivesse livre do terror do lobo e Beren mantivesse a palavra, trazendo uma Silmaril para luzir outra vez em Elfinesse. O próprio Rei Tinwelint

liderou essa perseguição, e Beren estava junto dele e Mablung, o mão-pesada, chefe dos capitães do rei, ergueu-se de um salto e agarrou uma lança[12] — uma arma poderosa capturada em batalha com os Orques distantes — e com esses três saiu na tocaia Huan, mais poderoso dos cães, mas não levaram outros conforme o desejo do rei, que disse: ‘Quatro bastam para matar até o Lobo-infernal’, mas somente os que o viram sabiam quão temível era essa fera, quase do tamanho de um cavalo entre os Homens, e era tão grande o ardor de seu hálito que chamuscava tudo o que tocasse. Pela hora do nascer do sol fizeram-se a caminho e logo depois Huan divisou um novo rasto junto ao rio, não longe das portas do rei e disse: ‘Esta é a pegada de Karkaras.’ Depois seguiram aquele rio por todo o dia e em muitos lugares suas margens estavam recém-pisoteadas e dilaceradas, e a água das lagoas em volta estava imunda, como se animais possuídos de loucura tivessem rolado e lutado ali pouco tempo antes.

“Pôs-se então o sol e apagou-se além das árvores no Oeste, e a treva desceu rastejando de Hisilómë, fazendo morrer a luz da floresta. Ainda assim chegaram a um local onde o rasto se afastava do rio, ou talvez se perdia em suas águas, e Huan não conseguia mais segui-lo; e, portanto, acamparam ali, dormindo em turnos junto ao rio e o início da noite foi passando.

“De súbito, no turno de Beren, irrompeu ao longe um ruído de grande terror — um uivo como de setenta lobos ensandecidos — e eis que a mata

estala e as árvores novas se rompem à medida que o terror se avizinha, e Beren soube que Karkaras estava sobre eles. Mal teve tempo de despertar os demais, e tinham acabado de saltar em pé e estavam semiacordados, quando um grande vulto assomou ao luar hesitante que lá se insinuava e fugia como quem está louco e sua trajetória se dirigia à água. Diante disso Huan começou a ladrar, e prontamente a fera desviou-se na direção deles e deitava espuma de sua mandíbula e nos olhos luzia uma luz vermelha e sua cara estava marcada de uma mistura de terror e fúria. Assim que saiu das árvores, Huan atirou-se sobre ele, destemido de coração, mas ele, com um grande salto, voou bem por cima do grande cão, pois toda a sua fúria acendeu-se de súbito contra Beren, a quem reconheceu de pé mais atrás, e à sua mente obscura parecia que era aquela a causa de toda a sua agonia. Então Beren o golpeou depressa, metendo-lhe uma lança na garganta por baixo, e Huan saltou de novo e o agarrou por uma perna traseira, e Karkaras caiu qual pedra, pois nesse mesmo momento a lança do rei encontrou seu coração e seu espírito maligno jorrou e despachou-se, uivando baixo enquanto sobrevoava as colinas escuras rumo a Mandos; mas Beren jazia embaixo dele, esmagado por seu peso. Então rolaram a carcaça e começaram a abri-la, e Huan lambeu o rosto de Beren do qual fluía sangue. Logo a verdade das palavras de Beren ficou esclarecida, pois as vísceras do lobo estavam semiconsumidas como se um fogo interior ali

tivesse ardido por longo tempo, e subitamente a noite ficou repleta de um esplendor prodigioso, matizado de cores pálidas e secretas, quando Mablung[13] retirou a Silmaril. Então, estendendo-a, disse: ‘Contemplai, ó Rei’,[14] mas Tinwelint disse: ‘Não, jamais lhe porei a mão a não ser que Beren a entregue.’ Mas Huan disse: ‘E isso parece que nunca há de acontecer, a não ser que trateis dele depressa, pois me parece que está gravemente ferido’, e Mablung e o rei se envergonharam.

“Portanto ergueram Beren com cuidado e o cuidaram e lavaram, e ele respirava, mas não falou nem abriu os olhos, e quando o sol nasceu e haviam repousado um pouco, levaram-no de volta pela mata, do modo mais compassivo, numa maca de ramos; e perto do meio-dia aproximaram-se outra vez das casas da gente e estavam mortalmente exaustos, e Beren não se movera nem falara, mas três vezes gemeu.

“Toda aquela gente afluiu ao seu encontro quando sua aproximação foi divulgada entre eles e alguns lhes trouxeram carne e bebidas frescas e substâncias de cura para suas feridas, e não fosse o ferimento sofrido por Beren sua alegria teria sido deveras grande. Agora, porém, cobriram com vestes macias os ramos folhosos onde ele jazia e o levaram embora aos paços do rei, e ali estava Tinúviel aguardando-os com grande aflição; e lançou-se sobre o peito de Beren e chorou e beijou-o, e ele despertou e a reconheceu, e depois Mablung deu-lhe a Silmaril, e ele a ergueu contemplando sua beleza, antes de dizer

lentamente e com dor: ‘Vede, ó Rei, eu vos dou a joia maravilhosa que desejáveis, e é apenas uma coisa menor encontrada à beira do caminho, pois creio que outrora tivestes uma mais bela, além do que se possa pensar, e agora ela é minha.’ Mas, enquanto falava, as sombras de Mandos se abateram sobre seu rosto, e seu espírito fugiu naquela hora até a margem do mundo, e os ternos beijos de Tinúviel não o chamaram de volta.”

Então Vëannë repentinamente parou de falar, e Eriol disse, com tristeza: “É um conto de pesar para uma donzela tão doce contar”; mas eis que Vëannë chorava, e somente após algum tempo ela disse: “Não, esse não é o conto todo, mas termina aqui tudo que cheguei a saber”, e outras crianças falaram, e uma disse: “Vede, ouvi dizer que a magia dos ternos beijos de Tinúviel curou Beren e recuperou seu espírito dos portões de Mandos, e por muito tempo ele morou entre os Elfos Perdidos, vagando nas clareiras apaixonado pela doce Tinúviel.” Mas outro disse: “Não, não foi assim, ó Ausir, e se escutares, eu contarei a história verdadeira e espantosa; pois Beren morreu ali nos braços de Tinúviel, exatamente como Vëannë disse, e Tinúviel, esmagada pelo pesar, não encontrando consolo nem luz no mundo todo, o seguiu depressa ao longo daqueles caminhos escuros que todos precisam trilhar a sós. Ora, sua beleza e seu suave encanto tocaram o próprio coração frio de Mandos, de forma que permitiu que ela o reconduzisse ao mundo, o que jamais foi feito

desde então a nenhum Homem ou Elfo, e muitas canções e histórias existem do rogo de Tinúviel diante do trono de Mandos, de que não me lembro bem. Porém, Mandos disse aos dois: ‘Ó Elfos, eis que não vos dispenso a uma vida de perfeita alegria, pois tal não se pode encontrar mais em todo o mundo onde se assenta Melko do coração maligno — e sabei que vos tornareis mortais, bem como os Homens, e quando viajardes outra vez para cá será para sempre, a não ser que os Deuses de fato vos convoquem a Valinor.’ Não obstante, os dois partiram de mãos dadas e viajaram juntos através dos bosques setentrionais e muitas vezes foram vistos dançando mágicas danças colina abaixo, e seu nome se fez ouvir em toda a parte.”

A isso o menino cessou, e Vëannë disse: “Sim, e fizeram mais que dançar, pois seus feitos depois disso foram muito grandes e há muitos relatos a esse respeito que precisas ouvir, ó Eriol Melinon, em outra ocasião de contar histórias. Pois a esses dois as histórias chamam i·Cuilwarthon, o que quer dizer os mortos que vivem de novo, e tornaram-se fadas poderosas nas terras junto ao norte de Sirion. Vê, agora está tudo terminado; e agradou-te?” Mas Eriol disse: “Em verdade, é um conto maravilhoso, tal qual não esperava ouvir dos lábios das pequenas donzelas de Mar Vanwa Tyaliéva”, mas Vëannë lhe deu resposta: “Não, mas não a moldei com minhas próprias palavras, porém ela me é cara — e, de fato, todas as crianças conhecem os feitos que ela relata — e a aprendi de

cor, lendo-a nos grandes livros, e não compreendo tudo o que está posto nela.”

“Nem eu”, disse Eriol — mas Ausir exclamou repentinamente: “Vede, Eriol, Vëannë não te contou o que aconteceu com Huan; nem de como ele recusou tomar recompensa de Tinwelint ou habitar perto dele, e partiu novamente a vagar, lamentando-se por Tinúviel e Beren. Certa vez, juntou-se a Mablung,[15] que ajudara na perseguição e agora estava muito afeito a caçar em locais solitários; e os dois caçaram juntos, como amigos, até os dias de Glorund, o Draco, e de Túrin Turambar, quando uma vez mais Huan encontrou Beren e cumpriu seu papel nos grandes feitos do Nauglafring, o Colar dos Anãos.”

“Ora, como eu poderia contar tudo isso?”, disse Vëannë, “pois eis que já é hora da refeição da noite”; e logo depois o grande gongo soou.

A segunda versão do Conto de Tinúviel

Como já foi mencionado (p. 13), há uma versão revisada de parte do conto em um texto datilografado (feito por meu pai). De maneira geral, ele acompanha a versão manuscrita de perto ou muito de perto, e de modo algum altera o estilo ou a atmosfera do anterior; portanto, é desnecessário incluir a segunda versão *in extenso*. Mas o texto datilografado introduz em alguns lugares alterações interessantes, as quais estão incluídas abaixo (as páginas das passagens correspondentes na versão manuscrita estão postas na margem).

O título do texto datilografado (que começa com o trecho de *Ligação* já fornecido, pp. 15–17) era, originalmente, “O Conto de Tynwfiel, Princesa de Dor Athro”, alterado para “O Conto de Tinúviel, a Dançarina de Doriath”.

(8) “Quem era, então, Tinúviel?”, perguntou Eriol. “Não sabes,” disse Ausir, “que ela era a filha de Singoldo, rei de Artanor?” “Quieto, Ausir”, disse Vëannë, “este é meu conto, e é um conto dos Gnomos, pelo que te imploro que não enchas os ouvidos de Eriol com teus nomes élficos. Vede, contarei apenas este conto, pois não vi Melian e Tinúviel certa vez muito tempo atrás com meus próprios olhos quando seguia pelo Caminho dos Sonhos?”

“Como era a Rainha Melian”, perguntou Eriol, “se tu a viste, ó Vëannë?”

“Esbelta e de cabelos muito escuros”, disse ela, “e sua pele era branca e pálida, mas seus olhos brilhavam como se encerrassem grandes profundezas. Trajava-se em vestimentas translúcidas mui adoráveis da cor da noite, salpicadas de azeviche e cingidas de prata. Se cantava ou se dançava, sonhos e sonos passavam por sobre as cabeças daqueles nas proximidades, deixando-as pesadas como se fosse por um forte vinho de sono. Deveras ela era um espírito que, ao escapar dos jardins de Lórien antes mesmo de Kôr ser construída, vagou nos lugares selvagens do mundo e em todas

as matas solitárias. Rouxinóis iam junto dela, cantando à sua volta conforme caminhava — e foi a canção desses pássaros que alcançou os ouvidos de Thingol conforme ele marchava, encabeçando a segunda[16] tribo dos Eldalië que depois se tornaram os Flautistas das Terras Costeiras, os Solosimpi da Ilha. Ora, tinham percorrido um longo caminho desde a escura Palisor, e as companhias laboravam fatigadas seguindo o cavalo de patas ágeis de Oromë, por isso a música dos pássaros mágicos de Melian pareceram-lhe cheias de todo consolo, mais bela do que outras melodias da Terra, e ele se afastou por um momento, como pensava, buscando nas árvores escuras donde poderia estar vindo.

E conta-se que não foi por um momento que ele ouviu, mas por muitos anos, e em vão seu povo procurou por ele, até que, afinal, precisaram seguir Oromë em Tol Eressëa, sendo levados nela para longe, deixando-o a escutar os pássaros, encantado nas florestas de Aryador. Esse foi o primeiro pesar dos Solosimpi, e multiplicaram-se depois; mas Ilúvatar, em memória de Thingol, pôs uma semente de música nos corações daquele povo acima de todas as gentes da Terra, salvo apenas os Deuses, e depois, como conta toda a estória, ela floriu maravilhosa na ilha e na gloriosa Valinor.

Contudo, Thingol experimentava pequeno pesar; pois, após pouco tempo, conforme lhe

pareceu, deparou-se com Melian deitada num leito de folhas [...]

* * *

(9) Muito depois, como tu sabes, Melko irrompeu uma vez mais no mundo vindo de Valinor, e quase todos os seres ali caíram sob sua imunda sujeição; e nem os Elfos Perdidos estavam livres, nem os Gnomos errantes que vagavam pelos locais montanhosos, buscando seu tesouro roubado. E, no entanto, havia uns poucos que, liderado por poderosos reis, ainda desafiavam aquele maligno em locais seguros e ocultos, e se Turgon, Rei de Gondolin, era o mais glorioso dentre eles, por um tempo o mais poderoso e o que permaneceu por mais tempo livre era Thingol das Florestas.

Ora, nos dias posteriores de luz Solar e Lunar, Thingol ainda habitava em Artanor e governava um povo numeroso e intrépido que vinha de todas as tribos da antiga Elfinesse — pois nem ele e nem seu povo foram para a pavorosa Batalha das Lágrimas Inumeráveis — um assunto que não diz respeito a este conto. E, no entanto, seu senhorio aumentou muito depois daquela amarga batalha pelos fugitivos que buscavam um líder e um lar. Sua habitação foi posteriormente oculta da visão e do conhecimento de Melko graças às magias de Melian, a fata, e ela tecia

encantamentos em torno das veredas que para lá levavam, de modo que ninguém além dos filhos dos Eldalië as pudesse trilhar sem se perder. Assim, o rei ficou guardado de todos os perigos, exceto apenas a traição; seus paços estavam construídos em uma funda caverna, de incomensurável abóbada que não tinha outra entrada senão uma porta rochosa, pujante, com pedras por pilares e sombreada pelas mais altas e mais antigas árvores de todas as emaranhadas florestas de Artanor. Um grande rio havia ali, o qual corria por um curso escuro e silencioso na mata fechada, e fluía largo e rápido diante daquele umbral, de sorte que todos que desejassem adentrar aquele portal deveriam primeiro cruzar uma ponte erguida pelos Noldoli do serviço de Thingol através da água — e era estreita e fortemente guardada. De modo algum eram malignas aquelas terras florestadas, apesar de as Montanhas de Ferro não estarem muito distantes, nem a sombria Hisilómë para além delas, onde habitava a estranha raça dos Homens e onde Noldoli escravizados laboravam, e aonde poucos Eldar livres iam.

Dois filhos tinha então Thingol, Dairon e Tinúviel [...]

* * *

(10) “sua mãe era uma fata, uma filha de Lórien”, onde no manuscrito está “sua mãe era uma fata, filha dos Deuses”.

* * *

(11) “Ora, Beren era um Gnomo, filho de Egnor, o couteiro”, assim como no manuscrito; mas *Egnor* foi alterado para *Barahir*. Essa alteração, contudo, foi muito posterior e fortuita, por assim dizer; o pai de Beren ainda era Egnor em 1925.

* * *

(11) A frase do manuscrito “e todos os Elfos das florestas acreditavam ser os Gnomos de Dor Lómin criaturas traiçoeiras, cruéis e desleais” foi omitida no texto datilografado.

* * *

(13) *Angband* foi colocado onde o manuscrito possuía *Angamandi*, aqui e ao longo do texto.

* * *

(14) Muitos combates e fugas ele experimentou naqueles dias, e matou mais de uma vez tanto lobos quanto Orques que neles montavam, sem nada além de uma clava de freixo que carregava; e outros perigos e aventuras [...]

* * *

(15) Mas Melko, olhando-o irado, perguntou: ‘Como tu, ó servo, ousaste escapar assim da terra onde teu povo habita por meu comando e vagar sem permissão pelas grandes florestas, abandonando os trabalhos que te foram incumbidos?’ Então Beren respondeu que não era servo fugitivo, mas vinha de uma linhagem dos Gnomos que habitavam em Aryador, onde havia muitos da gente dos Homens. Então Melko irou-se ainda mais, dizendo: ‘Temos aqui um conspirador de profundas traições contra o senhorio de Melko e merecedor das torturas dos Balrogs’ — pois buscava sempre destruir a amizade e as relações entre Elfos e Homens, de modo que não se esquecessem da Batalha das Lágrimas Inumeráveis e não se erguessem novamente em fúria contra ele. Mas Beren, percebendo seu perigo, respondeu: ‘Não penseis, ó mais poderoso Belcha Morgoth (pois tais eram seus nomes entre os Gnomos), que isso possa ser verdade; pois se assim fosse eu não estaria aqui sem ajuda e sozinho. Nenhuma amizade Beren, filho de Egnor, tem pela gente dos Homens, bem ao contrário, cansando-se por completo das terras infestadas por esse povo ele vagou para fora de Aryador. Aonde então ele iria senão até Angband? Pois muitas grandes histórias o pai dele contou outrora sobre vosso esplendor e glória. Vede, senhor,

apesar de não ser servo renegado, nada desejo mais do que vos servir do pequeno modo que puder.’ Pouca verdade havia nisso e, de fato, seu pai Egnor era o principal inimigo de Melko entre toda a gente dos Gnomos que ainda era livre, salvo apenas Turgon, rei de Gondolin, e os filhos de Fëanor, e longos dias de amizade tivera com a gente dos Homens, nos tempos em que era irmão d’armas de Úrin, o resoluto; mas, naqueles dias, ostentava outro nome, e Egnor nada significava para Melko. A verdade, contudo, Beren contou ao dizer que era excelente caçador, ligeiro e hábil para acertar ou apanhar ou ultrapassar todos os pássaros e animais. ‘Perdi-me despreparado numa região das colinas que me eram desconhecidas, ó Senhor’, disse, ‘enquanto estava caçando; e, vagando longe, cheguei a terras estranhas e não tinha outro conselho de segurança senão ir até Angband, a qual podem encontrar todos aqueles que divisam de longe as colinas negras do norte. Teria eu mesmo viajado até vós e implorado algum humilde mister (talvez como provedor de carne para vossa mesa) se esses Orques não me tivessem apanhado e atormentado injustamente.’

Ora, os Valar devem ter inspirado essa fala, ou talvez fosse um encantamento de palavras astuciosas que Melian lhe tivesse posto por compaixão quando saiu do paço; pois de fato lhe salvou a vida [...]

Subsequentemente, uma parte desse trecho foi emendada no texto datilografado, da seguinte forma:

[…] e longos dias de amizade tivera com a gente dos Homens (assim como o próprio Beren depois, como irmão d’armas de Úrin, o Resoluto); mas, naqueles dias, os Orques o chamavam de Rog, o Ágil, e o nome Egnor nada significava para Melko.

Ao mesmo tempo, as palavras “Ora, os Valar devem ter inspirado essa fala” foram alteradas para “Ora, os Valar inspiraram essa fala”.

* * *

(15) Assim, Beren foi feito por Melko servo do Príncipe dos Gatos, a quem os Gnomos chamaram de Tiberth Bridhon Miaugion, mas os Elfos, de Tevildo.

Subsequentemente, *Tiberth* aparece ao longo do texto nos locais onde o manuscrito possui *Tevildo* e, em um lugar, o nome completo *Tiberth Bridhon Miaugion* reaparece. No manuscrito, o nome gnômico é *Tifil*.

* * *

(17) […] não obtendo nada por sua labuta senão um dedo mordido. Então Tiberth ficou irado e disse: ‘Mentiste para meu senhor, ó Gnomo, e

serve mais como ajudante de cozinha do que caçador, incapaz até de apanhar os camundongos em meus paços.’ Penosos foram seus dias depois disso em poder de Tiberth; pois fizeram dele um ajudante de cozinha, e seu labor era interminável cortando lenha e tirando água e nos afazeres servis daquela morada repugnante. Muitas vezes também era atormentado pelos gatos e outros animais malignos de sua companhia, e quando, como acontecia às vezes, havia um banquete órquico naqueles salões, amiúde punham-no para assar aves e outras carnes em espetos diante dos grandes fogos nas masmorras de Melko, até ele desfalecer pelo calor intenso; contudo, sabia-se afortunado além de toda esperança por estar ainda vivo em meio àqueles cruéis inimigos de Deuses e Elfos. Raramente ele próprio tinha comida ou sono, e tornou-se desgrenhado e meio cego, de modo que muitas vezes desejou que jamais, vagando para fora dos locais livres e selvagens de Hisilómë, tivesse ao menos vislumbrado ao longe a visão de Tinúviel.

* * *

(17) Ora, Melian não riu, e nada disse quanto a isso; pois em muitas coisas era sábia e presciente — e, contudo, era coisa não imaginada em sonho insano que uma Elfa, ainda mais sendo donzela, a filha do rei que

por mais tempo desafiara Melko, viajasse sozinha mesmo às fronteiras daquela terra infeliz em meio à qual ficava Angband e os Infernos de Ferro. Pouco amor havia entre os Elfos da floresta e o povo de Angband, mesmo naqueles dias antes das Batalhas das Lágrimas Inumeráveis, quando o poderio de Melko ainda não crescera completamente, e ele velava seus desígnios e expandia sua rede de mentiras. ‘Nenhuma ajuda nisso terás de mim, pequena’, disse ela; ‘pois mesmo se magia e destino houvessem de trazer-te em segurança dessa sandice, ainda assim muitas e grandes coisas viriam daí e, para alguns, muitos pesares, e meu conselho é que jamais contes ao teu pai teu desejo.’

Mas essa última palavra de Melian Thingol, que vinha despercebido, entreouviu, e elas tiveram de contar tudo, e ele se enfureceu tanto quando ouviu que Tinúviel desejou que seus pensamentos jamais tivessem sido revelados nem mesmo à sua mãe.

* * *

(18) Em verdade não tenho apreço por ele, pois ele destruiu nossa brincadeira juntos, nossa música e nossa dança.’ Mas Tinúviel disse: ‘Não peço por ele, mas por mim mesma, e em nome dessas nossas brincadeiras juntos outrora.’ E Dairon respondeu: ‘E por ti, digo não’; e não mais falaram disso juntos, mas

Dairon contou ao rei o que Tinúviel queria dele, temendo que a intrépida donzela partisse rumo à morte no desvario de seu coração.

* * *

(18) [...] não podia encerrar a filha para sempre nas cavernas onde a luz era apenas a que vinha de tochas fracas e bruxuleantes.

* * *

(19) Os nomes de todas as coisas mais altas e mais longas da Terra estavam postos nessa canção: as barbas dos Indrafangs, a cauda de Carcaras, o corpo de Glorund, o draco, o tronco de Hirilorn, e a espada de Nan ela nomeou, nem esqueceu a corrente Angainu que Aulë e Tulkas fizeram, nem o pescoço de Gilim, o gigante que é mais alto que muitos olmeiros; [...]

Carcaras está grafado assim subsequentemente no texto datilografado.

* * *

(20) [...] tão depressa quanto voavam seus pés dançantes.

Ora, quando os guardas despertaram, a manhã já ia longe, e eles fugiram e não se atreveram a levar as notícias ao seu senhor;

e foi Dairon quem deu as novas da fuga de Tinúviel a Thingol, pois ele encontrara a gente que corria atônita desde as escadas que eram alçadas à porta dela todas as manhãs. Grande foi o pesar mesclado com ira do rei, e todos os lugares fundos de sua corte estavam em polvorosa, e todos os bosques ressoavam com a busca; mas Tinúviel já estava bem longe, dançando desvairada pelos bosques escuros rumo aos sopés obscuros das colinas e às Montanhas da Noite. Dizem que foi Dairon quem partiu mais rápido e chegou mais longe na busca, mas envolveu-se no desconcerto daquelas plagas longínquas e perdeu-se por completo, e jamais retornou a Elfinesse, mas voltou-se na direção de Palisor; e ali ainda toca sutis músicas mágicas, saudoso e solitário nos bosques e florestas do sul.

Agora Tinúviel avançava, e um súbito temor se apossou dela quando pensou no que ousara fazer e no que estava à frente. Então voltou atrás por um momento e chorou, desejando que Dairon estivesse com ela. Dizem que de fato ele não estava longe naquela hora, mas vagava perdido em Taurfuin, a Floresta da Noite, onde mais tarde Túrin matou Beleg por infortúnio. Próxima já estava Tinúviel desses lugares malignos, mas não penetrou naquela região escura, e os Valar instilaram-lhe nova esperança no

coração, de modo que ela prosseguiu novamente.

* * *

(21) Raramente qualquer um dos gatos era morto, na verdade; pois naqueles dias eram muito maiores em valentia e força do que se tornaram desde que se passaram as coisas que tu logo hás de descobrir, maiores até mesmo do que os gatos pardos das terras meridionais onde o sol é abrasador. E não menor, ademais, era a habilidade deles em escalar e se esconder, e sua agilidade era como a de uma flecha e, no entanto, os cães livres das matas setentrionais eram maravilhosamente corajosos e desconheciam o medo, e havia grande inimizade entre eles, e alguns desses cachorros eram temidos mesmo pelos maiores dentre os gatos. Tiberth, porém, não temia nenhum, exceto apenas Huan, senhor dos Cães de Hisilómë. Tão rápido era Huan que certa feita deparou-se com Tiberth quando caçava a sós nas matas e, perseguindo-o, alcançou-o e quase arrancou o pelo de seu pescoço antes que ele fosse resgatado por uma hoste de Orques que ouviu seus gritos. Huan feriu-se muito naquela batalha até conseguir escapar, mas o orgulho ferido de Tiberth cobiçava incessantemente sua morte.

Grande foi, portanto, a sorte que ocorreu a Tinúviel ao se encontrar com Huan na mata; e isso se deu numa pequena clareira perto das bordas da floresta, onde começam as primeiras campinas alimentadas pelas águas superiores do rio Sirion. Vendo-o, sentiu temor mortal e virou-se para fugir; mas com dois saltos ágeis Huan a alcançou. Falando com voz suave a profunda língua dos Elfos Perdidos, ele lhe pediu que não temesse, e ‘por que’, perguntou, ‘vejo uma donzela élfica, e belíssima, vagando assim tão perto dos locais do Príncipe de Coração Maligno?’

* * *

(22) Qual é teu pensamento, ó Huan?’

‘Pouco conselho tenho para ti’, falou ele, ‘a não ser que voltes com toda a celeridade para Artanor, aos paços de teu pai, e acompanhar-te-ei por todo o caminho, até alcançares as terras que a magia de Melian, a Rainha, envolve.’ ‘Isso jamais farei’, disse ela, ‘enquanto Beren aqui vive, esquecido de seus amigos.’ ‘Pensei que seria mesmo essa tua resposta’, disse ele, ‘mas se tu ainda quiseres prosseguir com tua demanda insana, então não tenho outro conselho para ti senão um que é desesperado e perigoso: devemos ir agora a toda velocidade aos locais malignos da morada de Tiberth, os quais ainda estão distantes. Guiar-te-ei até lá pelas veredas

mais secretas e, quando chegarmos lá, deves esgueirar-te sozinha, se tiveres coragem, à habitação daquele príncipe numa hora perto do meio-dia, quando ele e a maior parte de sua casa cochilam nos terraços diante de seus portões. Ali talvez descubras, se a sorte for muito generosa, se Beren está mesmo dentro daquele local maléfico como tua mãe te falou. Mas vê, não estarei longe do sopé do monte onde o paço de Tiberth está construído, e deves dizer a Tiberth, assim que o vires, quer Beren esteja lá ou não, que topaste com Huan dos Cães jazendo doente por grandes ferimentos num vale seco do lado de fora de seus portões. Não temas demasiadamente, pois assim estarás a um só tempo fazendo minha vontade e ajudando teus próprios desejos, tão bem quanto possível; e não creio que, quando Tiberth ouvir tuas novas, estarás em grande perigo por um tempo. Mas não lhe indiques o lugar que te hei de mostrar; deves oferecer-te para guiá-lo tu mesma até lá. Assim libertar-te-ás novamente de sua casa maligna e hás de ver o que pretendo para o Príncipe dos Gatos.’ Então Tinúviel estremeceu ao pensar no que estava à frente, mas disse que preferia aceitar este conselho a voltar para casa, e eles partiram imediatamente por caminhos secretos que atravessavam as matas, e por trilhas sinuosas cruzaram as terras desoladas e rochosas que jaziam adiante.

Por fim, num dia de manhã, chegaram a um vale amplo, cavado à semelhança de uma vasilha em meio às rochas. Suas encostas eram fundas, mas nada crescia ali salvo arbustos baixos de folhas escassas e grama ressequida. ‘Este é o Vale Seco de que falei’, disse Huan. ‘Adiante está a caverna onde o grande

Aqui termina a versão datilografada do *Conto de Tinúviel*, no pé de uma página. Acho improvável que qualquer outra coisa dessa versão tenha sido escrita.

[a] Nota de rodapé no manuscrito: *Tifil (Bridhon) Miaugion ou Tevildo (Vardo) Meoita*.

[b] Escrito aqui, acima de *Umuiyan*, está o nome *Gumniow* entre colchetes.

NOTAS

[1] Para referências anteriores à Olórë Mallë, a Trilha dos Sonhos, ver I. 18, 27; 211, 225.

[2] A distinção feita aqui entre os Elfos (que chamam a rainha de *Wendelin*) e, por inferência, os Gnomos (que a chamam de *Gwendeling*) é ainda mais explícita na versão datilografada, p. 56 (“é um conto dos *Gnomos*, pelo que te imploro que não enchas os ouvidos de Eriol com teus nomes *élficos*”) e p. 60 (“Príncipe dos Gatos, a quem os *Gnomos* chamaram Tiberth Bridhon Miaugion, mas os *Elfos*, de Tevildo”). Ver I. 50–1.

[3] Originalmente, o manuscrito dizia: “Ora, Beren era um Gnomo, filho de um escravo de Melko, alguns dizem, que laborava nos lugares mais obscuros [...]”. Ver nota 4.

[4] Originalmente, o manuscrito dizia: “eu, Beren dos Noldoli, filho de Egnor, o caçador [...]”. Ver nota 3.

[5] Deste ponto, continuamente até as palavras “florestas do Sul”, na p. 33, o texto foi escrito em folhas soltas acondicionadas dentro do caderno. Não há material rejeitado que corresponda a essa passagem. É possível que tenha existido e que tenha sido removido do caderno e se perdido; contudo, ainda que o caderno esteja danificado, não parece que quaisquer páginas tenham sido removidas aqui, e penso ser mais provável que meu pai simplesmente se viu sem espaço conforme escrevia por cima da versão original apagada e (quase certamente) a expandiu à medida que prosseguia.

[6] Conforme escrito originalmente, o texto dizia: “jamais retornou a Ellu, mas toca [...]” (para *Ellu* ver *Alterações a Nomes*, adiante). Como resultado da interpolação “mas voltou-se na direção de Palisor”, Palisor acabou sendo alocada no sul do mundo. No conto da *Vinda dos Elfos* (I.

114), Palisor é chamada de “a região mais central” (ver também o desenho do “Navio do Mundo”, I. 108), e parece possível que a palavra “sul” deveria ter sido alterada, mas ela permanece no texto datilografado (p. 62).

[7] O *Conto de Turambar*, embora concebido depois do *Conto de Tinúviel*, já existia quando *Tinúviel* foi reescrito (ver p. 90).

[8] De “admirou-se imensamente” até “se Tinúviel não estivesse lá” (p. 43), o texto está escrito em uma página inserida; ver nota 5 — aqui também a situação textual subjacente é obscura.

[9] Um trecho curto do texto anterior a lápis torna-se visível aqui, terminando com: “[…] e Tinúviel anelava intensamente por sua mãe Wendelin e por ver Linwë e Kapalen fazendo música em agradáveis clareiras.” *Kapalen* deve ser um nome anterior de *Tifanto*, o qual, por sua vez, precedeu *Dairon* (ver *Alterações a Nomes* adiante).

[10] *esse Gnomo*: a frase original era *esse homem*. Isso foi um deslize, mas um deslize significativo (ver p. 47), muito provavelmente. É possível que a palavra “homem” tenha sido usada aqui — como ocasionalmente em outros lugares, por exemplo na p. 30 “tão alto quanto os homens podiam construir as mais longas escadas”, onde a referência é aos Elfos de Artanor — com o sentido de “Elfo homem”, mas, se fosse o caso, não haveria razão aparente para alterar.

[11] Riscado neste ponto do manuscrito: “Beren dos Morros”.

[12] “Mablung, o mão-pesada, chefe dos capitães do rei, ergueu-se de um salto e agarrou uma lança” substituiu o trecho original “Tifanto jogou sua flauta para longe e

agarrou uma lança”. Originalmente, o nome do irmão de Tinúviel era *Tifanto* ao longo de todo o conto. Ver notas 13–15 e o Comentário ** p. 77.

[13] *Mablung* substituiu *Tifanto* aqui e imediatamente abaixo; ver nota 12.

[14] “ó Rei” substituiu “ó pai”; ver nota 12.

[15] Aqui, *Mablung* foi o nome escrito inicialmente; ver o Comentário ** p. 77.

[16] É essencial para a narrativa da Vinda dos Elfos que os Solosimpi tenham sido a terceira e última das tribos; neste ponto, “segunda” só pode ser um deslize, ainda que surpreendente.

Alterações feitas a nomes em *O Conto de Tinúviel*

(i) Versão Manuscrita

Ilfiniol < *Elfriniol*. No texto datilografado, o nome é *Ilfrin*. Ver pp. 241–42.

Tinwë Linto, *Tinwelint* No trecho de abertura do conto (p. 18), no qual Ausir e Vëannë discordam quanto às formas do nome de Tinwelint, o manuscrito é muito confuso e é impossível compreender os estágios sucessivos. Ao longo de todo o conto, da forma que foi originalmente escrito, Vëannë chama Tinwelint de *Tinto Ellu* ou *Ellu*, mas na querela do início é Ausir quem o chama de *Tinto Ellu*, ao passo que Vëannë o chama de *Tinto’ellon*. *(Tinto) Ellu* é certamente uma forma “élfica”, mas foi corrigida no conto inteiro para a forma gnômica *Tinwelint*, enquanto o *Tinto Ellu* de Ausir, no início, foi corrigido para *Tinwë Linto*. (Na terceira ocorrência de *Tinwë*, no trecho de abertura, o nome conforme escrito originalmente era *Linwë*: ver I. 130).

Nos contos *A Vinda dos Elfos* e *O Roubo de Melko*, na Parte Um, *Ellu* é o nome do segundo senhor dos Solosimpi, escolhido para ocupar o lugar de Tinwelint (posteriormente, Olwë), mas em ambas as ocorrências (I. 120, 141) isso foi um acréscimo tardio (I. 130, nota 5, 155). Muitos anos mais tarde, *Ellu* novamente tornou-se o nome de Thingol (sindarin *Elu Thingol* e quenya *Elwë Singollo* em *O Silmarillion*).

Gwendeling No conto escrito originalmente, o nome era sempre *Wendelin* (e esse nome é encontrado em contos da Parte Um como emenda de *Tindriel*: I. 106–7, 131). Foi alterado posteriormente no conto todo para a forma gnômica *Gwendeling* (encontrada no primitivo dicionário gnômico, I. 273, alterada depois para *Gwedhiling*) exceto no falar de Ausir, que usa a forma "élfica" *Wendelin* (p. 18).

Dairon < *Tifanto* em todas as ocorrências. Para a alteração *Tifanto* > *Mablung*, no final do conto (notas 12–14, p. 66), ver o Comentário ** p. 77, e para o nome *Kapalen*, que precedeu *Tifanto*, ver a nota 9.

Dor Lómin < *Aryador* (p. 22). No conto *A Vinda dos Elfos* (I.119), está dito que Aryador era o nome de Hisilómë entre os Homens; para *Dor Lómin* – *Hisilómë*, ver I. 112. Em ocorrências subsequentes neste conto, *Aryador* não foi alterado.

Angband foi escrito originalmente duas vezes e, em um desses casos, foi alterado para *Angamandi*, mas permaneceu no outro (p. 49); em todas as outras ocorrências, *Angamandi* foi a forma escrita inicialmente. Na versão manuscrita do conto, Vëannë não usa consistentemente formas gnômicas ou "élficas": dessa forma, ela fala *Tevildo* (e não *Tifil*), *Angamandi*, *Gwendeling* (< *Wendelin*), *Tinwelint* (< *Tinto* (*Ellu*)). Na versão datilografada,

por outro lado, Vëannë fala *Tiberth*, *Angband*, *Melian* (< *Gwenethlin*), *Thingol* (< *Tinwelint*).

Hirilorn, a Rainha das Árvores < Golosbrindi, a Rainha da Floresta (p. 30); *Hirilorn < Golosbrindi* em ocorrências subsequentes.

Uinen < Ónen (ou possivelmente *Únen*).

Egnor bo-Rimion < Egnor go-Rimion. Nos contos incluídos anteriormente, o patronímico é *go-* (I. 146, 155).

Tinwelint < Tinthellon (p. 49, o único caso). Ver *Tinto'ellon* mencionado acima em *Tinwë Linto*.

i·Cuilwarthon < i·Guilwarthon.

(ii) Versão Datilografada

Tinúviel < Tynwfiel no título e em todas as ocorrências, até o trecho que corresponde, no manuscrito, à p. 22: "porém agora ele via Tinúviel dançando no crepúsculo"; ali, e subsequentemente, a forma datilografada foi *Tinúviel*.

Singoldo < Tinwë Linto (p. 54).

Melian < Gwenethlin em todas as ocorrências, até o trecho que corresponde, no manuscrito, à p. 24: "a imponência da Rainha Gwendeling"; ali, e subsequentemente, a forma datilografada foi *Melian*.

Thingol < Tinwelint em todas as ocorrências, até o trecho que corresponde, no manuscrito, à p. 23: "por sendas tortuosas, à morada de Tinwelint"; ali, e subsequentemente, a forma datilografada foi *Thingol*.

Para *Egnor > Barahir*, ver aqui.

Comentário a *O Conto de Tinúviel*

§1. *A narrativa primária*

Nesta seção, considerarei apenas o tratamento da narrativa principal, e deixarei, por ora, questões tais como a história mais ampla implicada aí, o povo de Tinwelint e sua habitação, ou a geografia das terras que aparecem no conto.

A história do encontro de Beren e Tinúviel na clareira enluarada, conforme o seu registro mais antigo (pp. 22–3) nunca foi alterada quanto à imagem central, e deve-se notar que o trecho correspondente em *O Silmarillion* (p. 227) é uma representação extremamente concentrada e elevada da cena: muitos elementos que não são mencionados lá nunca se perderam de fato. Em um retrabalho muito tardio desse trecho na *Balada de Leithian*,[a] as cicutas e as mariposas brancas ainda aparecem, e Daeron, o menestrel, está presente quando Beren chega à clareira. Mas há, contudo, diferenças muitíssimo notáveis, e a principal delas é, evidentemente, que Beren não era aqui um Homem mortal, mas um Elfo dos Noldoli, e o elemento absolutamente essencial da história de Beren e Lúthien não está presente. Ver-se-á mais adiante (pp. 93, 171), contudo, que não era assim originalmente: na primeira versão do *Conto de Tinúviel*, agora perdida (porque apagada), ele era um Homem (e é por essa razão que eu falei que a palavra *homem* no manuscrito (ver aqui e nota 10), posteriormente alterada para *Gnomo*, é um "deslize significativo"). Muitos anos depois da composição do conto na forma em que o temos, ele se tornou novamente um Homem, embora naquela época (1925–6), meu pai parece ter hesitado longamente quanto à natureza élfica ou mortal de Beren.

Há no conto, por necessidade, uma razão muito diferente para a hostilidade e desconfiança que Beren encontrou em Artanor (Doriath): a saber, que “os Elfos das florestas acreditavam ser os Gnomos de Dor Lómin criaturas traiçoeiras, cruéis e desleais” (ver aqui). Parece claro que, nesse momento, a história de Beren e seu pai (Egnor) ainda estava numa forma muito rudimentar; de todo modo, não há indício da história do bando de proscritos liderados por seu pai e da traição de Gorlim, o Infeliz (*O Silmarillion*, p. 223 e seguintes) antes da primeira versão da *Balada de Leithian*, quando a história aparece completamente formada (no final do verão de 1925, a Balada já tinha alcançado um ponto bem posterior a esse). Mas uma associação entre o pai de Beren (alterada para o próprio Beren) e Úrin (Húrin) como seu “irmão d’armas” é mencionada na versão datilografada do conto (p. 60); de acordo com o último dos esboços do *Conto de Gilfanon* (I. 240), “Úrin e Egnor marcharam com incontáveis batalhões” contra as forças de Melko.

Na antiga história, Tinúviel não se encontrara com Beren até o dia em que ele, muito atrevidamente, acabou por abordá-la, e foi nessa exata ocasião que ela o levou à caverna de Tinwelint; eles não eram amantes, Tinúviel não sabia nada de Beren além do fato de que ele se enamorara de sua dança, e parece que ela o levou diante do pai por cortesia, como a coisa natural a se fazer. A traição de Daeron, que denunciou Beren a Thingol (*O Silmarillion*, p. 228) não existia, portanto, na história antiga — não havia o que trair; e, de fato, não se demonstra no conto que Dairon soubesse qualquer coisa em absoluto de Beren até

que Tinúviel o levou para a caverna, excetuando-se o fato de que vira uma vez seu rosto ao luar.

Apesar dessas diferenças radicais na estrutura narrativa, é notável quantas características da cena nos paços de Tinwelint (pp. 24–5), quando Beren estava diante do rei, permaneceram, ao mesmo tempo em que toda a importância interna foi alterada e ampliada. Remonta ao início, por exemplo, o embaraço e o silêncio de Beren, Tinúviel respondendo por ele, a súbita elevação de sua coragem, quando anuncia seu desejo sem preâmbulo ou hesitação. Mas o tom é absolutamente mais leve e menos sério do que se tornou depois; no riso zombeteiro de Tinwelint, que trata o assunto como pilhéria e Beren como um tolo ignaro, não há indício do que está explícito na história posterior: “Assim ele causou a condenação de Doriath e foi enredado pela maldição de Mandos” (*O Silmarillion*, p. 230). As Silmarils são famosas, de fato, e têm um poder sagrado, mas o destino do mundo não está atado a elas (*O Silmarillion*, p. 104); Beren é um Elfo, ainda que de um povo temido e suspeito, e seu pedido carece da profundíssima dimensão do ultraje; e ele e Tinúviel não são amantes.

Nesse trecho há a primeira menção da Coroa de Ferro de Melko, e de que as Silmarils estão engastadas na Coroa; e, novamente, há aqui um detalhe que nunca se perdeu: “Jamais essa coroa deixava sua cabeça” (compare com *O Silmarillion*, p. 121: “Aquela coroa jamais tirou da cabeça, embora seu peso se tornasse um cansaço mortal”).

Contudo, a partir desse ponto a história de Vëannë diverge de modo completamente inesperado em relação à narrativa posterior. Em nenhum outro lugar dos *Contos Perdidos* a

transformação subsequente é tão marcante quanto aqui, precursora da história que relata a captura de Beren, Felagund e seus companheiros por Sauron, o Necromante, o aprisionamento e morte de todos, salvo Beren, nas masmorras de Tol-in-Gaurhoth (a Ilha dos Lobisomens no rio Sirion) e o resgate de Beren e a derrocada de Sauron por Lúthien e Huan.

De maneira muito notável, o que se poderia chamar de "o Elemento Nargothrond" está completamente ausente e, até onde existia, ainda não tinha relação com a história de Beren e Tinúviel (para Nargothrond nessa época, quando ainda não tinha esse nome, ver pp. 10, 150). Beren não tem qualquer anel de Felagund, não tem companheiros em sua jornada para o norte e não há relação (por um lado) entre a história de sua captura, seu diálogo com Melko e seu despacho para a casa de Tevildo e (por outro) os eventos na narrativa posterior em que Beren e o bando de Elfos vindos de Nargothrond acabaram na masmorra de Sauron. De fato, todo o complexo pano de fundo da lenda — batalhas e rivalidades, juramentos e alianças — da qual surge a história de Beren e Lúthien em *O Silmarillion* está em grande medida ausente. O castelo dos Gatos "é" a torre de Sauron em Tol-in-Gaurhoth, mas apenas no sentido de que ele ocupa o mesmo "espaço" na narrativa: para além disso, não faz sentido buscar nem mesmo as mais tênues semelhanças entre as duas construções. Os monstruosos gatos glutões, suas cozinhas e terraços ensolarados, e seus cativantes nomes élfico-felinos (*Miaugion*, *Miaulë*, *Meoita*) desapareceram todos, sem deixar vestígios. Mas e Tevildo? Penso que seria pouco verdadeiro dizer que Sauron "originou-se" num gato: na fase seguinte das lendas, o Necromante (Thû) não tem

quaisquer atributos felinos. Por outro lado, seria incorreto considerar isso como mera questão de *substituição* — em que Thû assume na narrativa o lugar vago de Tevildo — sem qualquer elemento de *transformação* daquilo que existia anteriormente. O sucessor imediato de Tevildo é “o Senhor dos Lobos”, ele mesmo um lobisomem, e ele conserva o traço de Tevildo de odiar Huan mais do que qualquer outra criatura no mundo. Tevildo era “um fata maligno em forma de animal” (p. 41); e a batalha entre as duas grandes feras, o cão contra o lobisomem (originalmente o cão contra o demônio em forma de felino), nunca se perdeu.

Quando o conto retorna para Tinúviel em Artanor, a situação é oposta, pois a história do seu aprisionamento na casa sobre Hirilorn e sua fuga de lá nunca passou por qualquer alteração significativa. O trecho em *O Silmarillion* (p. 236) é de fato muito breve, mas a falta de detalhes ali se deve à compressão, e não a uma omissão advinda de insatisfação; a *Balada de Leithian*, da qual deriva diretamente o relato em prosa em *O Silmarillion*, é tão parecida com o *Conto de Tinúviel* nesse trecho, em termos de detalhe narrativo, a ponto de ser quase idêntica a ele.

Pode-se observar que, nessa parte da história, a versão mais antiga tinha uma força que foi posteriormente diminuída, pois a duração do aprisionamento de Tinúviel e sua jornada para resgatar Beren tem relação direta com o período de cativeiro de Beren, o qual deveria ser interminável, conforme pretendiam seus captores; por outro lado, na história posterior, há muitos acontecimentos e movimentos (somados ao cativeiro de Lúthien em Nargothrond) para serem encaixados no tempo em

que Beren aguardava a morte na masmorra do Necromante.

Se, por um lado, o forte elemento da fábula-animal “explanatória” (a respeito de cães e gatos) seria totalmente eliminado e Tevildo, Príncipe dos Gatos, seria substituído pelo Necromante, por outro, Huan sobreviveu como o grande Mastim de Valinor. Seu encontro com Tinúviel nas matas, sua incapacidade de fugir dele e de fato o amor dele por ela desde o momento em que se encontraram (sugerido no conto, p. 35, mas explícito em *O Silmarillion*, p. 238), já estavam presentes, ainda que o contexto de seu encontro e as motivações de Huan fossem completamente distintas, devido à ausência do “Elemento Nargothrond” (Felagund, Celegorm e Curufin).

Na história da derrota de Tevildo e do resgate de Beren, vê-se com clareza o gérmen da lenda posterior, ainda que mormente apenas por semelhanças estruturais genéricas. É curioso observar que Tinúviel, falando alto para que Beren a ouvisse, empoleirada no peitoril da portinhola da cozinha do castelo dos Gatos, é a cena precursora da canção de Lúthien na ponte de Tol-in-Gaurhoth, ouvida por Beren em sua masmorra (*O Silmarillion*, p. 239). A intenção de Tevildo de entrega-la a Melko permaneceu no propósito semelhante de Sauron (*ibid*.); a morte do gato Oikeroi (p. 40) é o gérmen da luta de Huan com Draugluin — a pele do oponente morto de Huan é usada da mesma maneira em ambos os casos (pp. 42–3, *O Silmarillion*, pp. 244–5); a batalha de Tevildo e Huan se tornaria a de Huan e do Lobo-Sauron, com o desfecho essencialmente igual: Huan soltou o inimigo quando este lhe entregou o comando de sua morada. Isto, por fim, é muito notável: Tinúviel

enunciando o feitiço que unia pedra a pedra no castelo maligno (p. 41). Evidentemente, quando isso foi escrito o castelo de Tevildo era uma característica adventícia no conto — não tinha uma história pregressa: era um local completamente maligno, e o feitiço (derivado de Melko) que Tevildo foi obrigado a revelar era o segredo do próprio poder de Tevildo sobre suas criaturas, assim como a magia que atava as pedras. Com a entrada de Felagund na lenda que se desenvolvia, e da torre élfica de vigia em Tol Sirion (*Minas Tirith*: *O Silmarillion*, pp. 171, 216–18) capturada pelo Necromante, o feitiço foi deslocado, pois não se pode pensar que fosse obra de Felagund, o qual construiu a fortaleza. Se o fosse, ele seria capaz de pronunciá-lo na masmorra e fazer o lugar desmoronar sobre suas cabeças — um expediente menos maligno para que morressem. Contudo, esse elemento sobreviveu na lenda e está presente por completo em *O Silmarillion* (p. 240), ainda que, como meu pai não disse de fato que Sauron contou as palavras para Huan e Lúthien — apenas que ele "se entregou" — a importância do que aconteceu pode passar despercebida:

E ela concluiu: "Lá, para todo o sempre, teu ser desnudo há de suportar o tormento do escárnio dele, varado por seus olhos, a menos que me entregues o comando de tua torre."

Então Sauron se entregou, e Lúthien tomou o comando da ilha e de tudo o que lá havia [...].

Então Lúthien se postou sobre a ponte, e declarou seu poder: e soltou-se o feitiço que juntava pedra a pedra, e os portões foram

derrubados, e as muralhas, abertas, e as covas, desnudadas.

Outra vez aqui a matéria real da narrativa é completamente distinta entre a versão mais antiga e a mais tardia da lenda: em *O Silmarillion*, “muitos servos e cativos vieram para fora em assombro e temor [...] pois tinham jazido longamente na escuridão de Sauron”, ao passo que, no conto, os ocupantes que emergiram da habitação abalada (além de Beren e de Gimli, o Gnomo escravizado e cego, uma figura aparentemente sem desdobramentos) eram uma hoste de gatos, reduzidos a um “tamanho insignificante” quando o feitiço de Tevildo foi quebrado. (Se meu pai tivesse usado no conto nomes que não fossem Huan, Beren e Tinúviel, e na ausência de qualquer outra informação, incluindo de autoria, não seria fácil demonstrar por simples comparação entre essa porção do Conto e a história em *O Silmarillion* que as semelhanças são mais do que superficiais e acidentais.)

Pode-se notar aqui um ponto narrativo menor. Presume-se que a versão datilografada teria tratado a luta de Huan e Tevildo de maneira um tanto diferente, pois, no manuscrito, Tevildo e seu companheiro conseguem subir em árvores altas (p. 41), ao passo que, no texto datilografado, nada crescia no Vale Seco (onde Huan fingiria estar doente) salvo “arbustos baixos de folhas escassas” (p. 64).

No restante da história, a congruência entre as versões antiga e tardia é muito maior. A estrutura narrativa no conto pode ser resumida assim:

- Beren é disfarçado na pele do gato morto, Oikeroi.
- Ele e Tinúviel partem juntos para Angamandi.
- Tinúviel lança um feitiço do sono em Karkaras, o guardião-lobo de Angamandi.
- Eles adentram Angamandi, Beren esgueira-se na forma animal para debaixo do assento de Melko e Tinúviel dança diante de Melko.
- Toda a hoste de Angamandi e, por fim, o próprio Melko, adormecem e a coroa de ferro de Melko rola de sua cabeça.
- Tinúviel desperta Beren, que corta fora uma Silmaril da coroa, e a lâmina se parte.
- Os adormecidos se mexem e Beren e Tinúviel fogem para os portões, mas encontram Karkaras acordado novamente.
- Karkaras morde a mão estendida de Beren que segura a Silmaril.
- Karkaras enlouquece pela dor da Silmaril dentro da barriga, pois a Silmaril é algo sagrado que queima a carne maligna.
- Karkaras parte ensandecido para o sul, rumo a Artanor.
- Beren e Tinúviel retornam a Artanor; apresentam-se diante de Tinwelint e Beren declara que tem uma Silmaril na mão.
- Dá-se a caçada ao lobo e Mablung, o Mão-pesada, é um dos caçadores.
- Beren é morto por Karkaras e levado de volta à caverna de Tinwelint numa padiola de galhos; moribundo, ele entrega a Silmaril a Tinwelint.
- Tinúviel segue Beren até Mandos e Mandos permite que eles retornem ao mundo.

> Colocando-se o pelame de lobo de Draugluin no lugar do pelame de gato de Oikeroi, e alterando-se alguns outros nomes, isso funcionaria bastante

bem como um resumo da história em *O Silmarillion*! Mas, é claro, essa listagem foi feita como um resumo das semelhanças. Há grandes diferenças, assim como uma série de diferenças pequenas que não aparecem aí.

Novamente, a mais importante é a ausência do "Elemento Nargothrond". Quando ele foi combinado com a lenda de Beren, introduziu Felagund como companheiro de Beren, o aprisionamento de Lúthien em Nargothrond por Celegorm e Curufin, sua fuga com Huan, o cão de Celegorm, e o ataque a Beren e Lúthien ao retornarem de Tol-in-Gaurhoth empreendido por Celegorm e Curufin, que então fugiam de Nargothrond (*O Silmarillion*, pp. 234–38, 242–43).

A narrativa, após a conclusão do episódio da "Servidão de Beren", é conduzida de modo bem diferente na antiga história (pp. 30–1), pois aqui Huan está com Beren e Tinúviel; Tinúviel sente falta de seu lar e Beren fica pesaroso, pois ele ama a vida nas matas com os cães, mas resolve o impasse decidindo obter uma Silmaril. Embora Huan ache o plano deles uma tolice, dá-lhes o pelame de Oikeroi e, vestindo-se com ele, Beren parte com Tinúviel rumo a Angamandi. Da mesma forma, em *O Silmarillion* (p. 242), depois de muito vagar nas matas com Lúthien (embora não com Huan), Beren resolve partir novamente na demanda da Silmaril, mas a atitude de Lúthien quanto a isso é diferente:

"Tens de escolher, Beren, entre estas duas coisas: abandonar a demanda e teu juramento e levar uma vida de andança sobre a face da terra; ou te ater à tua palavra e desafiar o poder

da escuridão sobre seu trono. Mas, em qualquer dessas estradas, hei de ir contigo, e a nossa sina há de ser semelhante.”

Ali e naquela hora se deu o ataque de Celegorm e Curufin a Beren e Lúthien, quando Huan, abandonando seu mestre, juntou-se a eles; retornaram juntos a Doriath e, quando chegaram lá, Beren deixou Lúthien adormecida e voltou para o norte a sós, no cavalo de Curufin. Ele foi alcançado nas fímbrias de Anfauglith por Huan, que carregava Lúthien no lombo e trazia de Tol-in-Gaurhoth as peles de Draugluin e da mensageira-morcego de Sauron, Thuringwethil (de quem não há indício na história antiga); disfarçados assim, Beren e Lúthien partiram para Angband. Aqui, Huan é o conselheiro ativo deles.

A lenda posterior é, portanto, mais cheia de movimentações e de incidentes nessa parte do que o *Conto de Tinúviel* (ainda que a versão final não tenha sido alcançada toda em uma única etapa, como se poderia imaginar); e, na versão de *O Silmarillion*, isso fica ainda mais marcado pelo fato de que o relato é uma compressão e resumo da longa *Balada de Leithian*.[b]

No *Conto de Tinúviel*, o relato do disfarce de Beren é detalhado de forma característica: a instrução de Tinúviel sobre o comportamento dos felinos, o calor e o desconforto dentro da pele. Contudo, o disfarce de Tinúviel como morcego ainda não surgira e enquanto em *O Silmarillion*, quando confrontada com Carcharoth, ela “lançou fora suas vestes imundas” e “ordenou que ele dormisse”, aqui ela usa uma vez mais sua mágica veste de névoa, fiada de seus cabelos: “lançou as

mechas negras de seu escuro véu nos olhos dele” (p. 44). A indiferença de Karkaras quanto ao falso Oikeroi contrasta com a desconfiança de Carcharoth quanto ao falso Draugluin, de cuja morte ele ouvira notícias: na história antiga, enfatiza-se que nenhuma notícia acerca do vexame de Tevildo (ou da morte de Oikeroi) chegara ainda a Angamandi.

O encontro de Tinúviel com Melko recebe muito mais detalhes do que em *O Silmarillion* (aí muito resumido a partir da fonte); é notável a frase (p. 45) “[ele] a olhou maliciosamente, de modo horrível, pois sua mente obscura planejava algum mal”, precursora do trecho em *O Silmarillion*, p. 246:

Então Morgoth, contemplando sua beleza, concebeu em seu pensamento uma luxúria maligna e um desígnio mais sombrio do que qualquer outro que lhe tivesse vindo ao coração desde que fugira de Valinor.

Nada de mais explícito jamais é dito.

Não é possível dizer se as palavras de Melko a Tinúviel “Quem és tu que adejas em meus paços como um morcego?” e a descrição de sua dança, “silenciosa como morcego”, seriam o gérmen de seu posterior disfarce de morcego, embora pareça possível.

A faca com a qual Beren cortou a Silmaril da Coroa de Ferro tem uma origem muito diferente no *Conto de Tinúviel*, sendo aí uma faca de cozinha que Beren pegou do castelo de Tevildo (pp. 41, 46); em *O Silmarillion*, é Angrist, a famosa faca feita por Telchar que Beren tomou de Curufin. Os

adormecidos de Angamandi são aqui agitados pelo som da lâmina se partindo; em *O Silmarillion*, é o estilhaço que voa da faca partida e golpeia o rosto de Morgoth que o faz gemer e mover-se.

Há uma diferença menor nos relatos do encontro com o lobo conforme Beren e Tinúviel fugiam. Em *O Silmarillion*, “Lúthien estava exausta e não tinha tempo nem força para deter o lobo”; no conto, parece que ela poderia ter feito isso caso Beren não tivesse sido precipitado. Muito mais importante, aqui aparece pela primeira vez a concepção do poder sagrado das Silmarils, que abrasam a carne maldita.[c]

A fuga de Tinúviel e Beren de Angamandi e a volta a Artanor (pp. 47–50) é tratada de modo muito diferente no *Conto de Tinúviel*. Em *O Silmarillion* (pp. 248–49), eles foram resgatados pelas Águias e deixados nas fronteiras de Doriath; e muito mais é dito sobre a cura do ferimento de Beren, na qual Huan desempenha uma parte. Na história antiga, Huan chega até eles mais tarde, depois da longa fuga que empreenderam a pé para o sul. Em ambos os relatos, há uma discussão entre eles sobre se deveriam ou não retornar aos salões do pai dela, mas a discussão é conduzida de modo bem diferente — no conto, é ela quem persuade Beren a voltar; em *O Silmarillion*, é Beren quem a convence.

Há uma característica curiosa na história da caça ao Lobo (pp. 50–3) que pode ser considerada aqui (ver notas 12–5). Inicialmente, foi o irmão de Tinúviel quem teve um papel na caçada com Tinwelint, Beren e Huan, e seu nome é ali *Tifanto*, que era o nome ao longo do conto antes de ser substituído por *Dairon*.[d] Na sequência, “Tifanto” — sem passar pela fase “Dairon” — foi substituído por

“Mablung, o mão-pesada, chefe dos capitães do rei”, que faz aqui sua primeira aparição, sendo o quarto membro da caçada. Mas antes, no conto, diz-se que Tifanto > Dairon, ao deixar Artanor para buscar Tinúviel, perdeu-se de todo “e jamais retornou a Elfinesse” (p. 33), e a perda de Tifanto > Dairon é mencionada novamente quando Beren e Tinúviel voltaram para Artanor (pp. 36–7).

Assim, por um lado Tifanto se perdeu, e foi um pesar para Tinúviel descobrir isso ao retornar, mas, por outro, ele estava presente na caçada ao Lobo. *Tifanto* foi então alterado para *Dairon* no conto inteiro, exceto na história da caçada ao Lobo, em que *Tifanto* foi substituído por um novo personagem, *Mablung*. Isso mostra que *Tifanto* foi removido da perseguição antes de o nome ser alterado para *Dairon*, mas não explica como, ainda com o nome *Tifanto*, ele estava ao mesmo tempo perdido nos ermos e presente na caçada. Como não há nada no manuscrito em si que explique esse enigma, só posso concluir que meu pai, na verdade, escreveu primeiro que Tifanto estava perdido e nunca mais voltou e também que ele participara da caçada ao Lobo; mas, notando a contradição, introduziu Mablung nesse último papel (e provavelmente o fez mesmo antes de o conto estar completo, já que na última aparição de Mablung o nome foi escrito assim desde o início, e não emendado a partir de *Tifanto*: ver nota 15). Foi depois disso que *Tifanto* foi emendado para *Dairon* em todas as ocorrências que restaram.

No conto, a caçada é conduzida de modo diferente da história em *O Silmarillion* (onde, a propósito, Beleg Arcoforte estava presente). É curioso que todos (inclusive Huan, ao que parece!) exceto Beren estavam dormindo quando Karkaras

os assaltou (“no turno de Beren”, p. 52). Em *O Silmarillion*, Huan matou Carcharoth e foi morto por ele, enquanto aqui Karkaras morreu pela lança do rei, e o menino Ausir diz, ao fim, que Huan continuou a viver, encontrando Beren novamente nos tempos dos “grandes feitos do Nauglafring” (p. 54). Nada se fala aqui do destino de Huan, de que não haveria de morrer “até que encontrasse o lobo mais poderoso a jamais caminhar pelo mundo”, e nem da permissão de “três vezes apenas, antes de sua morte, falar com palavras” (*O Silmarillion*, pp. 237–8).

A característica mais marcante do *Conto de Tinúviel* permanece o fato de que, na versão mais antiga que restou, Beren era um Elfo; e, a esse respeito, são muito notáveis as palavras do garoto, no final (p. 53):

Porém, Mandos disse aos dois: “Ó, Elfos, eis que não vos dispenso a uma vida de perfeita alegria, pois tal não se pode encontrar mais em todo o mundo onde se assenta Melko do coração maligno — e sabei que *vos tornareis mortais, bem como os Homens*, e quando viajardes outra vez para cá será para sempre, a não ser que os Deuses de fato vos convoquem a Valinor.”

No conto *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor* temos o seguinte trecho (I. 76; comentário, I. 90):

Para ali [isto é, para Mandos] em dias posteriores iam os Elfos de todos os clãs que por má sina eram mortos com armas ou morriam de

pesar pelos que foram mortos — e somente assim podiam os Eldar morrer, e mesmo assim era apenas por pouco tempo. Ali Mandos pronunciava sua sina, e ali esperavam na treva, sonhando de seus feitos passados, até o momento por ele determinado quando podiam renascer em seus filhos, e partir para rirem e cantarem outra vez.

A mesma ideia ocorre no conto *A Música dos Ainur* (I. 59). A peculiar dispensa de Mandos no caso de Beren e Tinúviel, conforme concebida aqui, é de que o destino completamente "natural" como Elfos foi alterado: tendo morrido da maneira que os Elfos podem morrer (de ferimentos ou pesar), eles não renasceram como novos seres, mas retornaram de Mandos como eles mesmos — mas agora "mortais, bem como os Homens". A escatologia mais antiga é obscura demais para permitir uma interpretação satisfatória dessa "mortalidade", e o trecho em *A Construção de Valinor* acerca dos fados dos Homens (I. 77) é particularmente difícil de compreender (ver o comentário ali, I. 90 e seguintes). Mas parece possível que as palavras "bem como os Homens" na fala de Mandos a Beren e Tinúviel foram incluídas para frisar que qualquer segunda morte que experimentassem seria cabal; sua partida seria tão final quanto a dos Homens, não haveria retorno em seus próprios corpos, e nenhuma reencarnação. Eles permanecerão em Mandos ("quando viajardes outra vez para cá será para sempre"), a menos que sejam convocados pelos Deuses para habitar em Valinor. Essas últimas palavras devem provavelmente se relacionar ao

trecho em *A Construção de Valinor* a respeito do destino de alguns Homens (I. 77):

São poucos e, de fato, felizes aqueles a quem, de tempos em tempos, Nornorë, arauto dos Deus, vai buscar. Eles então o acompanham em carruagens ou em bons cavalos até o vale de Valinor, e banqueteiam-se nos salões de Valmar, morando nas casas dos Deuses até que chegue o Grande Fim.

§2. *Lugares e povos no Conto de Tinúviel*

Para considerarmos primeiro o que se pode depreender da geografia das Grandes Terras a partir desse conto: o antigo "dicionário" da língua gnômica deixa claro que o significado de *Artanor* era "a Terra Além", como interpretado no texto (p. 20). Diversas passagens dos *Contos Perdidos* jogam luz nessa expressão. Em um esboço para a história não contada de Gilfanon (I. 240), os Noldoli eLivross de Valinor

agora lutaram pela primeira vez com os Orques e conquistaram o passo dos Morros Amargos; assim, escaparam da Terra das Sombras [...] Entraram na Floresta de Artanor e na Região das Grandes Planícies [...]

(eu sugeri que esta última talvez fosse precursora da posterior Talath Dirnen, a Planície Protegida de Nargothrond). O conto que se seguiria ao de Gilfanon, segundo o esquema projetado (I. 241), seria o de Tinúviel, e esse esboço começa: "Beren, filho de Egnor, vagou de Dor Lómin [isto é,

Hisilómë, ver I. 112] para Artanor [...]". No presente conto, diz-se que Beren chegou "em meio aos terrores das Montanhas de Ferro, até ele alcançar as Terras Além" (p. 22), e também (p. 33) que alguns dos Cães "perambulavam pelos bosques de Hisilómë ou, passando pelos lugares montanhosos, às vezes chegavam até à região de Artanor e às terras além e para o sul". E, finalmente, no *Conto de Turambar* (p. 94) há uma referência à "estrada por sobre as colinas de Hithlum e adentrando as grandes florestas da Terra Além, onde naqueles dias Tinwelint, o rei oculto, tinha sua morada".

Fica bastante claro, portanto, que Artanor, posteriormente chamada Doriath — que aparece no título do texto datilografado do *Conto de Tinúviel*, junto com uma forma anterior *Dor Athro*, p. 54 —, tinha na concepção original uma relação com Hisilómë (a Terra de Sombra(s), Dor Lómin, Aryador) bem parecida com a relação entre Doriath e Hithlum (Hisilómë) em *O Silmarillion*: na direção sul e apartadas por uma cadeia de montanhas, as Montanhas de Ferro ou os Morros Amargos.

No comentário ao conto *O Roubo de Melko e o Obscurecer de Valinor*, observei (I. 158–9) que, enquanto nos *Contos Perdidos* afirma-se que Hisilómë ficava além das Montanhas de Ferro, também se diz (no *Conto de Turambar*, p. 99) que essas montanhas foram assim chamadas por causa de Angband, os Infernos de Ferro que ficavam abaixo de "suas fortalezas mais setentrionais", e que, portanto, parece haver um uso contraditório da expressão "Montanhas de Ferro" dentro dos *Contos Perdidos* — "a menos que se possa supor que essas montanhas tenham sido concebidas como uma cordilheira continua, de modo que a porção meridional (posteriormente as Montanhas

de Sombra) formava a borda sul de Hisilómë, enquanto os picos setentrionais, estando acima de Angband, emprestaram seu nome para a cordilheira".

Ora, no *Conto de Tinúviel*, Beren, viajando a norte de Artanor, aproximou-se "das colinas mais baixas e das terras desprovidas de árvores que alertavam sobre a aproximação das ermas Montanhas de Ferro" (p. 25). Ele já as tinha atravessado, saindo de Hisilómë, mas agora seguiu "as Montanhas de Ferro até se aproximar das terríveis regiões da morada de Melko". Isso parece corroborar a ideia de que as montanhas que cercavam Hisilómë das Terras Além eram contínuas em relação àquelas acima de Angband; e podemos comparar o antigo pequeno mapa(I. 81), no qual a cadeia de montanhas marcada com a letra *f* isola Hisilómë (*g*): ver I. 112, 135. A implicação é que a "escura" ou "sombria" Hisilómë não tinha defesa contra Melko.

Agora surgem também as Montanhas da Noite (pp. 33, 62), e parece claro que os grandes pinheirais de Taurfuin, a Floresta da Noite, cresciam nessas elevações (em *O Silmarillion*, Dorthonion, "Terra de Pinheiros", foi mais tarde chamada de Taur-nu-Fuin). Dairon perdeu-se aí, mas Tinúviel, embora passasse por perto, não entrou "naquela região escura". Não há nada indicando que, naquela época, ela não se localizava no mesmo lugar posterior — a leste de Ered Wethrin, as Montanhas de Sombra. É também no mínimo possível que a descrição (somente na versão manuscrita, p. 35) de Tinúviel ao separar-se de Huan, "deixando o abrigo das árvores" e chegando a "uma região de capim longo", seja uma primeira sugestão da grande planície de Ard-galen

(chamada, depois de sua desolação, de Anfauglith e Dor-nu-Fauglith), especialmente se isso for relacionado à passagem na versão datilografada que conta como Tinúviel encontrou Huan “numa pequena clareira perto das bordas da floresta, onde começam as primeiras campinas alimentadas pelas águas superiores do rio Sirion” (p. 63).

Depois de sua fuga de Angamandi, Huan encontrou Beren e Tinúviel “naquela região setentrional de Artanor que depois se chamou Nan Dumgorthin, a terra dos ídolos sombrios” (p. 48). No dicionário gnômico, *Nan Dumgorthin* está definido como “uma terra de floresta sombria a leste de Artanor onde, numa montanha florestada, havia ídolos ocultos a quem algumas tribos malignas de homens renegados faziam sacrifícios” (*dum* “secreto, de que não se deve falar”, *dumgort*, *dungort* “um ídolo (maligno)”). Na *Balada dos Filhos de Húrin*, em verso aliterante, Túrin e seu companheiro Flinding (que depois tornou-se Gwindor), ao fugir depois da morte de Beleg Arcoforte, chegam a essa terra:

> Ali os dois foram postos num crepúsculo-fantasma,
> em dédalos vagos e escuridade impura,
> em Nan Dungorthin, onde deuses sem nome
> têm altares velados em trevas secretas,
> mais antigos que Morgoth ou os magnos senhores,
> Deuses de ouro do Oeste protegido.
> Mas os fantasmas que habitam o estranho vale
> mal não lhes fizeram, e o caminho seguiram
> com medo na pele e os membros a tremer.
> Mas às vezes risadas com vagos ecos,

feito zombaria de bestas e demônios
insolente e oca no lusco-fusco,
Flinding captava, atroz e obscena [...][A]

Não há, acredito, quaisquer outras referências aos deuses de Nan Dumgorthin. No poema, essa terra ficava a oeste do Sirion; e, finalmente, como Nan Dungortheb, o "Vale da Morte Horrenda", ele se torna, em *O Silmarillion* (pp. 173, 226), uma "terra-de-ninguém" entre o Cinturão de Melian e as Ered Gorgoroth, as Montanhas de Terror. Mas a descrição dela no *Conto de Tinúviel* como uma "região setentrional de Artanor" claramente não implica que ela ficava dentro dos limites da magia protetora de Gwendeling, e parece que essa "zona" tinha, originalmente, fronteiras menos distintas e menos extensas do que o "Cinturão de Melian" tornou-se posteriormente. Provavelmente *Artanor* foi concebida nessa época como uma grande região de florestas no coração da qual estava a caverna de Tinwelint, e somente seu domínio imediato era protegido pelo poder da rainha:

Sua habitação estava oculta da visão e do conhecimento de Melko graças às magias de Gwendeling, a fata, e ela tecia encantamentos em torno das veredas que para lá levavam, de modo que ninguém além dos Eldar as pudesse trilhar facilmente, e, assim, o rei ficou a salvo de todos os perigos, exceto apenas da traição. (p. 20).

Ademais, parece que originalmente a proteção dela não era de nenhuma maneira uma muralha de defesa tão completa ou tão poderosa como se

tornou. Assim, embora os Orques e lobos tivessem desaparecido quando Beren e Tinúviel haviam “penetrado no círculo de magia de Gwendeling que ocultava as trilhas do mal e evitava que o dano chegasse às regiões dos Elfos da floresta” (p. 49), relata-se o temor de que, mesmo que Beren e Tinúviel alcançassem a caverna do Rei Tinwelint, eles “só atrairiam para lá a caçada que os seguia” (p. 48), e o povo de Tinwelint temia que Melko “convocasse suas forças e viesse esmagá-los por completo e que a magia de Gwendeling não tivesse o poder de resistir à multidão de Orques” (p. 50).

A representação de Menegroth junto ao Esgalduin, acessível apenas pela ponte (*O Silmarillion*, pp. 136–7) remonta ao início, embora nem caverna e nem rio recebam nome no conto. Mas (como será visto mais enfaticamente nos contos posteriores deste livro) Tinwelint, fada-da-floresta em sua caverna, tinha diante de si uma longa ascensão até se tornar, por fim, Thingol das Mil Cavernas (“a mais bela habitação de qualquer rei a jamais existir a leste do Mar”). No começo, a morada de Tinwelint não era uma cidade subterrânea repleta de maravilhas, fontes de prata derramando-se em bacias de mármore e pilares entalhados à semelhança de árvores, mas uma caverna rústica; e, ainda que na versão datilografada a caverna venha a ter uma “incomensurável abóbada”, ainda é iluminada somente pela luz fraca e bruxuleante de tochas (pp. 57, 59).

Nos *Contos Perdidos*, já houve referências anteriores a Tinwelint e o lugar de sua morada. Em um trecho acrescentado, mas depois rejeitado, ao conto *O Acorrentamento de Melko* (I. 106, nota 1),

conta-se que ele se perdeu em Hisilómë e lá encontrou Wendelin; “amando-a, contentou-se em deixar sua gente e dançar para sempre nas sombras”. Em *A Vinda dos Elfos* (I. 115), “Tinwë não morou muito com seu povo e, no entanto, diz-se que segue sendo senhor dos Elfos desgarrados de Hisilómë”; e, no mesmo conto (I. 118–19), os “Elfos Perdidos” ainda estavam lá “muito depois, quando os Homens foram presos em Hisilómë por Melko”, e os Homens os chamavam de Povo da Sombra, e os temiam. Mas no *Conto de Tinúviel* a concepção foi alterada. Tinwelint agora é um rei que governa não em Hisilómë, mas em Artanor.[e] (Não se diz onde foi que se deparou com Gwendeling).

No relato (versão manuscrita apenas, ver aqui) do povo de Tinwelint, há menção a Elfos “que permaneceram na escuridão”; e isso obviamente se refere aos Elfos que nunca deixaram as Águas do Despertar. (Evidentemente, aqueles que se perderam na marcha de Palisor também nunca deixaram “a escuridão”, isto é, nunca viram a luz das Árvores, mas a distinção feita nessa frase não é entre a escuridão e a luz, mas entre os que *permaneceram* e os que *partiram*). Acerca do surgimento dessa ideia no decorrer da escrita dos *Contos Perdidos*, ver I. 234. Em relação aos súditos de Tinwelint, “a maioria deles era Ilkorin”, e devem ser aqueles que “foram perdidos na marcha desde Palisor” (anteriormente, “os Elfos Perdidos de Hisilómë”).

Aqui é aparente uma diferença maior na concepção essencial entre a lenda antiga e a versão em *O Silmarillion*. Esses Ilkorindi da corte de Tinwelint (“seres misteriosos e estranhos” cujas “sombrias canções e toadas [...] se desvaneciam

em lugares florestados ou ecoavam em cavernas fundas") são descritos em termos aplicáveis aos Avari selvagens ("os Indesejosos") de *O Silmarillion*; mas na verdade eles são, é claro, os precursores dos Elfos-cinzentos de Doriath. O termo *Eldar* equivale aqui a *Elfos* ("todos os Eldar, tanto *os que permaneceram na escuridão* como os que foram perdidos na marcha desde Palisor") e não se restringe aos que concluíram ou no mínimo partiram na Grande Jornada; todos eram Ilkorindi — Elfos Escuros — se nunca tivessem passado por sobre o Mar. A importância posterior da Grande Jornada em conferir status "eldarin" foi um aspecto da elevação dos Elfos-cinzentos de Beleriand, trazendo uma distinção de extrema importância dentro da categoria dos *Moriquendi*, ou "Elfos da Escuridão" — os *Avari* (que não eram Eldar) e os *Úmanyar* (os Eldar que "não eram de Aman"): ver a tabela "A Separação dos Elfos" incluída em *O Silmarillion*. Portanto.

	Contos Perdidos	*Silmarillion*	
Eldar	de Kôr	Avari	
	das Grandes Terras (a Escuridão): Ilkorindi	Eldar (da Grande Jornada)	de Aman
			da Terra-média (Úmanyar)

Contudo, entre os súditos de Tinwelint também havia *Noldoli*, Gnomos. Esse assunto é um tanto obscuro, mas pode-se observar no mínimo que a versão manuscrita e a datilografada do *Conto de*

Tinúviel não descrevem precisamente a mesma situação.

O texto manuscrito talvez não seja perfeitamente explícito quanto a esse assunto, mas conta-se (p. 9) que, dentre os súditos de Tinwelint, "*a maioria* deles era Ilkorin", e que antes do erguer do Sol "eles já se misturavam com muitos Gnomos vagantes". No entanto, Dairon fugiu diante de Beren na floresta porque "todos os Elfos das florestas acreditavam ser os Gnomos de Dor Lómin criaturas traiçoeiras, cruéis e desleais" (p. 22); e "Havia temor e suspeita entre os Eldar e aqueles de sua gente que haviam provado a escravidão de Melko, e nisto vingaram-se os feitos malignos dos Gnomos no Porto dos Cisnes" (p. 22). A hostilidade dos Elfos de Artanor quanto aos Gnomos era, portanto, uma hostilidade especificamente contra os Gnomos de Hisilómë (Dor Lómin), de quem suspeitava-se estarem sob a vontade de Melko (isso provavelmente antecipa a suspeita e rejeição sofrida pelos Elfos que escapavam de Angband, descrita em *O Silmarillion*, p. 217). Está dito no manuscrito (p. 9) que *todos* os Elfos das Grandes Terras (os que permaneceram em Palisor, os que se perderam na marcha e os Noldoli que voltaram de Valinor) caíram sob o poder de Melko, embora muitos tenham escapado e passaram a vagar no ermo; e, conforme o manuscrito dizia inicialmente (ver aqui e nota 3), Beren era "filho de um escravo de Melko [...] que laborava nos lugares mais obscuros no norte de Hisilómë". Até onde ela chega, essa concepção parece razoavelmente clara.

Na versão datilografada, afirma-se explicitamente que havia Gnomos "no serviço de Thingol" (p. 58): a ponte sobre o rio da floresta que

levava à porta de Tinwelint, fora erguida por eles. Não se afirma agora que todos os Elfos das Grandes Terras caíram no poder de Melko, mas, antes, são dados os nomes de vários centros de resistência ao seu poder, além daquele de Tinwelint/Thingol em Artanor: Turgon de Gondolin, os Filhos de Fëanor, e Egnor de Hisilómë (pai de Beren) — um dos principais inimigos de Melko "entre toda a gente dos Gnomos que ainda era livre" (p. 59). Presumivelmente, isso levou à exclusão do trecho no texto datilografado em que se dizia que os Elfos da floresta achavam os Gnomos de Dor Lómin traiçoeiros e desleais (ver p. 58), ao mesmo tempo em que foi mantido o trecho sobre a desconfiança sofrida pelos que haviam sido escravos de Melko. O trecho que diz respeito a Hisilómë, "onde habitavam Homens e onde Noldoli escravizados laboravam, e aonde poucos Eldar livres iam" (p. 21), também foi mantido; mas Hisilómë, quando Beren pensa que nunca deveria ter saído de lá, torna-se "os locais livres e selvagens de Hisilómë" (p. 61).

Isso leva a uma questão completamente desconcertante, qual seja as referências à Batalha das Lágrimas Inumeráveis; e várias das passagens recém-mencionadas são relevantes.

O conto "A Labuta dos Noldoli e a Vinda da Gente dos Homens" — que deveria ser contado por Gilfanon, mas que, após as páginas iniciais, muito infelizmente nunca foi além de projeções esboçadas — seria seguido pelo de Beren e Tinúviel (ver I. 241). Após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, há referência à Servidão dos Noldoli, às Minas de Melko, ao Encanto do Pavor Insondável, ao aprisionamento dos Homens em Hisilómë e *depois* "Beren, filho de Egnor, vagou de Dor Lómin

para Artanor [...]" (em *O Silmarillion*, os feitos de Beren e Lúthien precederam a Batalha das Lágrimas Inumeráveis).

Ora, no *Conto de Tinúviel* há uma referência em ambas as versões aos "Noldoli escravizados" que laboravam em Hisilómë e aos Homens que ali habitavam; e, segundo o trecho apresentando Beren, conforme aparece inicialmente no manuscrito, seu pai era um desses escravos. Está dito, novamente em ambas as versões, que nem Tinwelint e nem a maioria de seu povo foram para a batalha, mas que seu senhorio aumentou muito por fugitivos dela (p. 20); e na afirmação seguinte de que sua habitação foi ocultada pela magia de Gwendeling/Melian, o texto datilografado acrescenta a palavra "posteriormente" (p. 58), ou seja, após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis. No trecho alterado no texto datilografado que se refere a Egnor, ele é um dos principais inimigos de Melko "entre toda a gente dos Gnomos *que ainda era livre*".

Tudo isso parece levar a uma única conclusão: os eventos do *Conto de Tinúviel* aconteceram *depois* da grande batalha; e isso parece ser assegurado pela afirmação explícita do texto datilografado: no lugar em que o manuscrito (p. 26) diz que Melko "buscava sempre destruir a amizade e as relações entre Elfos e Homens", a segunda versão acrescenta (p. 59) "*de modo que não se esquecessem da Batalha das Lágrimas Inumeráveis* e não se erguessem novamente em fúria contra ele".

É muito estranho, portanto, que Vëannë tenha dito no início (apenas no manuscrito, p. 21 e ver p. 58) que ela contará "coisas que ocorreram nos paços de Tinwelint, *depois do erguer do Sol, é*

verdade, mas muito antes da inolvidável Batalha das Lágrimas Inumeráveis". (Isso, de todo modo, parece implicar um período muito maior entre os dois eventos do que é sugerido pelos esboços do *Conto de Gilfanon*: ver I. 242). Isso é repetido depois (p. 29): "era coisa não imaginada [...] que uma Elfa [...] viajasse desassistida aos paços de Melko, *mesmo naqueles dias primordiais antes da Batalha das Lágrimas*, quando o poderio de Melko não crescera [...]". Mas é ainda mais estranho que a segunda frase tenha sido mantida no texto datilografado (p. 60). A versão datilografada, portanto, tem duas afirmações inescapavelmente contraditórias:

Melko "buscava sempre destruir a amizade e as relações entre Elfos e Homens, de modo que não se esquecessem da Batalha das Lágrimas Inumeráveis" (p. 59);

"Pouco amor havia entre os Elfos da floresta e o povo de Angband, mesmo naqueles dias antes das Batalhas das Lágrimas Inumeráveis" (p. 60).

Uma contradição assim radical dentro de um só texto é algo incomum ao extremo, talvez único, em todos os escritos que dizem respeito à Primeira Era. Mas não vejo meios de explicá-la, a não ser simplesmente aceitar que é uma contradição radical; e, de fato, também não consigo explicar as afirmações em ambas as versões de que os eventos do conto aconteceram *antes* da batalha, visto que praticamente todas as indicações apontam para o contrário.[f]

§3. *Miscelânea*

(i) *Morgoth*

Beren se dirige a Melko como “mais poderoso Belcha Morgoth”, que se afirma serem seus nomes entre os Gnomos (p. 59). No dicionário gnômico, *Belcha* é dado como a forma gnômica correspondente a *Melko* (ver I. 260), mas *Morgoth* não se encontra ali: de fato, é a primeira e única aparição do nome nos *Contos Perdidos*. O elemento *goth* consta no dicionário gnômico com o sentido de “guerra, contenda”; mas se *Morgoth* significava, nesse período, “Contenda Sombria”, talvez seja estranho que Beren tenha usado o nome num discurso adulador. Uma lista de nomes feita nos anos de 1930 explica *Morgoth* como “formado a partir de seu nome-órquico *Goth,* ‘Senhor ou Mestre’, com *mor,* ‘sombrio ou negro’, prefixado”, mas parece muito duvidoso que essa etimologia seja válida para o período anterior. Essa lista de nomes explica que *Gothmog*, “Capitão de Balrogs”, contém o mesmo elemento-órquico (“Voz de *Goth* (Morgoth)”); mas na lista de nomes do conto *A Queda de Gondolin* (p. 260), diz-se que o nome *Gothmog* significa “Contenda-e-ódio” (*mog-*, “detestar, odiar”, aparece no dicionário gnômico), o que corrobora a interpretação de *Morgoth*, no presente conto, como “Contenda Sombria”.[g]

(ii) *Orques e Balrogs*

Apesar da referência aos “bandos errantes dos gobelins *e* dos Orques” (p. 25, mantido na versão datilografada), os termos são certamente sinônimos no *Conto de Turambar*. Os Orques são descritos no presente conto (*ibid*.) como “imundas

crias de Melko”. Na segunda versão (p. 59) aparecem os Orques montados em lobos.

Balrogs, mencionados no conto (p. 26), aparecem em um dos esboços do *Conto de Gilfanon* (I. 241); mas eles já haviam desempenhado papel importante no mais antigo dos *Contos Perdidos*, o da *Queda de Gondolin* (ver pp. 254–55).

(iii) *O “encanto de alongamento” de Tinúviel*

Dentre as “coisas mais longas” nomeadas nesse encanto (pp. 31, 62), duas delas, “a espada de Nan” e “o pescoço de Gilim, o gigante”, parecem estar agora perdidas sem chance de recuperação, embora tenham sobrevivido no feitiço na *Balada de Leithian*, em que a própria espada de Nan tem um nome, *Glend*, e Gilim é chamado de “o gigante de Eruman”. *Gilim*, no dicionário gnômico, significa “inverno” (ver I. 260, verbete *Melko*), o que não parece particularmente apropriado: embora haja um rabisco muito difícil de ler no caderninho usado para lembretes em relação aos *Contos Perdidos* (ver I. 171) que parece dizer que Nan era um “gigante do verão do Sul”, e que ele era como um olmo.

Os *Indravangs* (*Indrafangs* no texto datilografado) são os “Barbas-longas”; diz-se no dicionário gnômico que era “um nome especial dos Nauglath ou Anãos” (ver, ademais, o *Conto do Nauglafring*, p. 296).

Karkaras (*Carcaras* no texto datilografado), “Presa-de-Punhal”, é nomeado no encanto já que foi originalmente concebido como “pai dos lobos, que guardava os portões de Angamandi naqueles dias *e o fizera por muito tempo antes*” (p. 33). Em *O Silmarillion* (pp. 245–6), ele tem uma história

diferente: escolhido por Morgoth “entre os filhotes da raça de Draugluin” e criado para se tornar a ruína de Huan, foi posto diante das portas de Angband naquela mesma época. Em *O Silmarillion* (*ibid*.), Carcharoth é chamado de “a Goela Vermelha”, e essa expressão é usada no texto do conto (p. 47): “tanto a mão quanto a joia foram arrancadas por Karkaras, que as tomou na goela vermelha”.

Glorund é o nome do dragão no *Conto de Turambar* (*Glaurung* em *O Silmarillion*).

No conto *O Acorrentamento de Melko*, não há indicação de que Tulkas teve qualquer parte na confecção da corrente (grafada ali como *Angaino*): I. 100.

(iv) *A influência dos Valar*

Há frequentes sugestões de que os Valar de alguma forma exerciam uma influência direta nas mentes e corações dos Elfos distantes das Grandes Terras. Assim, diz-se (p. 27) que os Valar devem ter inspirado a fala engenhosa de Beren a Melko e, embora isso possa ser apenas um floreio “retórico”, fica claro que o sonho de Tinúviel em que Beren aparece deve ser aceito como um “sonho dos Valar” (p. 31). Novamente, “os Valar instilaram-lhe nova esperança no coração” (p. 63); e depois, no conto de Vëannë, os Valar são vistos como “fados” ativos, guiando os destinos dos personagens — assim, os Valar “levaram” Huan a encontrar Beren e Tinúviel em Nan Dumgorthin (p. 48), e Tinúviel diz a Tinwelint que “somente os Valar salvaram [Beren] de morte amarga” (p. 51).

[a] O longo e inacabado poema em dísticos rimados no qual se conta a história de Beren e Lúthien Tinúviel, composto entre 1925 e 1931, mas com trechos substancialmente reescritos muitos anos depois.

[b] Ver *The Road to Middle-earth* [A Estrada para a Terra-média], do Professor T.A. Shippey, 1982, p. 193: “Em ‘Beren e Lúthien’, como um todo, há enredo demais. O outro lado dessa crítica é que, ocasionalmente, Tolkien precisa ser bastante célere com suas próprias invenções. Celegorm fere Beren, e o cão Huan se volta para seu mestre e o persegue; ‘retornando, ele trouxe a Lúthien uma erva da floresta. Com aquela folha ela estancou a ferida de Beren e, por suas artes e seu amor, curou-o [...]’. O motivo da erva curativa é comum, sendo por exemplo o centro do *lai* bretão de *Eliduc* (transformada em *conte* por Marie de France). Mas ali ela ocupa a cena inteira, senão um poema inteiro. Em *O Silmarillion*, ele aparece apenas para sumir duas linhas depois, enquanto o ferimento de Beren é infligido e curado em cinco linhas. Repetidamente o leitor tem uma sensação de resumo [...]”. Essa sensação é eminentemente justificada! Na *Balada de Leithian*, o ferimento e a cura com a erva ocupam uns 64 versos. (Ver meu Prefácio a *O Silmarillion*, p. 12).

[c] Em uma nota antiga há uma referência às “sagradas Silmarils”: I. 169, nota 2.

[d] A ideia de que Timpinen (Tinfang Trinado) era filho de Tinwelint e irmão de Tinúviel (ver I. 106, nota 1) fora abandonada. Tifanto/Dairon é agora contado, juntamente com Tinfang e Ivárë, entre os “três músicos mais mágicos dos Elfos” (p. 21).

[e] Nos esboços do *Conto de Gilfanon*, o “Povo da Sombra” de Hisilómë deixou de ser Elfos e tornou-se “fatas” de origem desconhecida: I. 237, 239.

[f] No *Conto de Turambar*, a história de Beren e Tinúviel óbvia e necessariamente aconteceu *antes* da Batalha das Lágrimas Inumeráveis (pp. 93–4, 140).

[g] Em nenhum texto se diz qualquer coisa que sugira que Gothmog tenha desempenhado para Morgoth a função implicada pela interpretação “Voz de *Goth*”, mas também não há nada que o contradiga, e ele foi desde o início uma figura importante no reino maligno e tinha uma relação especial com Melko (ver p. 260). Há talvez uma reminiscência da “Voz de Morgoth” no “Boca de Sauron”, o Númenóreano Negro que era Lugar-Tenente de Barad-dûr (*O Retorno do Rei*, V, cap. 10).

2

Turambar e o Foalókë

O *Conto de Turambar*, assim como o de *Tinúviel*, é um manuscrito a tinta sobre um original a lápis completamente apagado. Mas parece certo que a versão *remanescente* de *Turambar* precedeu a versão *remanescente* de *Tinúviel*. Isso pode ser deduzido por mais de uma maneira, mas a ordem da composição é demonstrada de modo claro nas formas do nome do Rei dos Elfos da Floresta (Thingol). Ao longo do manuscrito de *Turambar*, ele era originalmente *Tintoglin* (nome que aparece também no conto *A Vinda dos Elfos*, no qual foi alterado para *Tinwelint*, I. 115, 131). Uma nota no manuscrito, no início do conto, afirma: "o nome de Tintoglin precisa ser alterado em todos os lugares para *Ellon* ou *Tinthellon* = qen. *Ellu*", mas a nota foi riscada e, ao longo de todo o conto, *Tintoglin* foi na realidade alterado para *Tinwelint*.

Ora, no *Conto de Tinúviel*, o nome do rei foi inicialmente dado como *Ellu* (ou *Tinto Ellu*), e em uma ocorrência como *Tinthellon* (pp. 66–7); subsequentemente, foi alterado em todos os lugares para *Tinwelint*. Fica claro que a instrução para que se alterasse *Tintoglin* para "*Ellon* ou *Tinthellon* = qen. *Ellu*" pertence à época em que o *Conto de Tinúviel* estava sendo ou já tinha sido reescrito e que o *Conto de Turambar* na versão que sobreviveu já existia.

Há também o fato de que o *Conto de Tinúviel* reescrito foi sucedido, na mesma época de sua

composição, pela primeira versão do “interlúdio” em que Gilfanon aparece (ver I. 203), ao passo que, no começo de *Turambar* há uma referência a Ailios (que foi substituído por Gilfanon) concluindo o conto anterior. Sobre a distinta organização dos contos nesse ponto que meu pai introduziu posteriormente, mas que não conseguiu levar a cabo, ver I. 229–30. De acordo com a organização anterior, Ailios narrou seu conto na primeira noite do festival de Turuhalmë, ou Trazer das Lenhas, e Eltas o seguiu na segunda noite com o *Conto de Turambar*.

De todo modo, há evidência de que o *Conto de Turambar* já existia em meados de 1919. Humphrey Carpenter descobriu um trecho, escrito em um retalho de prova do Oxford English Dictionary, em um antigo alfabeto que meu pai criou; transliterando-o, Carpenter descobriu que fazia parte deste conto, não muito longe do começo. Ele me disse que meu pai estava usando essa versão do “Alfabeto de Rúmil” por volta de junho de 1919 (ver *Biografia*, p. 141).

Quando, então, Ailios terminou sua parte, a hora de acender as velas chegou, e assim terminou o primeiro dia de Turuhalmë; mas, na segunda noite, Ailios não estava lá e, instado por Lindo, um certo Eltas começou um conto, e disse:

“Sabei agora, todos aqui reunidos, que esta é a estória de Turambar e o Foalókë”, falou, “e é um conto dileto entre os Homens e fala de dias muito antigos daquela gente, antes da Batalha de Tasarinan, quando os Homens entraram pela primeira vez nos vales escuros de Hisilómë.

“Nestes dias, muitas de tais estórias os Homens ainda contam, e tantas mais contavam no passado, especialmente naqueles reinos do Norte que outrora conheci. Talvez as façanhas de outros de seus guerreiros tenham se mesclado aí, além de muitas coisas que não estão no conto mais antigo — mas contar-vos-ei agora o verdadeiro e lamentável conto, e eu o descobri muito antes de andar pela Olórë Mallë nos dias anteriores à queda de Gondolin.

“Naqueles dias, meu povo habitava um vale de Hisilómë, e aquela terra foi chamada pelos Homens de Aryador nas línguas que usavam então, mas eles estavam muito distantes das praias do Asgon, e os picos das Montanhas de Ferro estavam perto de suas moradas e de grandes matas de árvores muito lúgubres. Disse-me meu pai que muitos dos nossos homens mais velhos, aventurando-se ao longe, viram por si mesmos as serpes malignas de Melko, e alguns tombaram diante delas, e em virtude do ódio de nosso povo por tais criaturas e pelo Vala maligno a estória de Turambar e do Foalókë esteve amiúde em seus lábios — mas à maneira dos Gnomos eles diziam ‘Turumart e o Fuithlug’.

“Pois sabei que, antes da Batalha da Lamentação e da ruína dos Noldoli, habitava ali um senhor de Homens chamado Úrin e, dando ouvidos às convocações dos Gnomos, ele e seu povo marcharam com os Ilkorindi contra Melko, mas deixaram para trás suas esposas e filhos nas florestas, e com eles estava Mavwin, esposa de

Úrin, e o filho permaneceu com ela, pois ainda não tinha altura para guerrear. Ora, o nome daquele menino era Túrin, e assim o é em todas as línguas, mas a Mavwin os Eldar chamam Mavoinë.

“Ora, Úrin e seus seguidores não fugiram daquela batalha como a maior parte dos clãs dos Homens, mas muitos deles foram mortos lutando até o fim, e Úrin foi feito cativo. Dos Noldoli que lutaram ali, todas as companhias foram mortas ou capturadas, ou fugiram em desordem, salvo apenas a de Turondo (Turgon), e ele e seu povo abriram caminho para fora daquela contenda e não entram neste conto. Ainda assim, a fuga daquela grande companhia arruinou a vitória completa que doutra forma Melko teria alcançado sobre seus adversários, e ele desejava muitíssimo descobrir para onde tinham fugido; mas isso não conseguiu, pois seus espiões em nada foram úteis, e tortura nenhuma naquela época tinha o poder de forçar informações traidoras dos Noldoli cativos.

“Sabendo, portanto, que os Elfos de Kôr faziam pouco caso dos Homens, pouco os temendo ou suspeitando deles em virtude de sua cegueira e carência de engenho, ele teria forçado Úrin a entrar para seu serviço e procurar Turondo como espião de Melko. Contudo, nem ameaças de tortura e nem promessas de rica recompensa faziam com que Úrin assentisse, pois dizia: ‘Ora, faz como quiseres, pois jamais me constrangerás a desempenhar nenhum dos teus serviços malignos, ó Melko, inimigo de Deuses e Homens.’

“‘Por certo,’ falou Melko enraivecido, ‘não te pedirei qualquer serviço para mim novamente, e nem te forçarei a tanto por ora, mas hás de sentar-te aqui e observar feitos meus que pouco te agradarão, e não serás capaz de mover pé ou mão para impedi-los.’ E foi esta a tortura que devisou para aflição de Úrin, o Resoluto, e colocando-o num local elevado das montanhas postou-se ao seu lado e amaldiçoou a ele e seu povo com maldições pavorosas dos Valar, pondo sobre eles uma sina de desgraça e uma morte de tristeza; mas a Úrin deu certa medida de visão, de forma que muitas das coisas que acometeram sua esposa e filhos ele conseguia ver, impotente para ajudar, pois estava preso por magia àquele lugar elevado. ‘Vê!’, disse Melko, ‘a vida de Túrin, teu filho, será tida como assunto de pranto onde quer que Elfos ou Homens se reúnam para contar estórias’; mas Úrin falou: ‘Pelo menos ninguém há de apiedar-se dele por isto, que teve um covarde por pai.’

“Ora, após aquela batalha Mavwin foi lacrimosa à terra de Hithlum, ou Dor Lómin, onde pela palavra de Melko todos os Homens deveriam agora habitar, exceto alguns poucos selvagens que ainda perambulavam do lado de fora. Lá deu à luz Nienóri, mas seu marido, Úrin, definhava sob a escravidão de Melko, e Túrin era ainda menininho e Mavwin não sabia, em sua aflição, como sustentá-lo e à sua irmã, pois os homens de Úrin haviam perecido todos naquela grande contenda, e os homens estranhos que habitavam nas cercanias

não sabiam da dignidade da Senhora Mavwin, e toda a terra era escura e pouco benévola.”

> A pequena seção seguinte do texto foi posteriormente riscada por completo e substituída por um adendo num pedaço de papel anexado. O trecho rejeitado diz:

Naquela época, o rumor [*escrito acima*: memória] das façanhas de Beren Ermabwed fora muito divulgado em Dor Lómin, pelo que chegou ao coração de Mavwin, por falta de melhor conselho, a ideia de mandar Túrin à corte de Tintoglin,[1] implorando-lhe que cuidasse desse órfão em memória de Beren e que lhe ensinasse a sabedoria das fatas e dos Eldar; ora, Egnor[2] era aparentado de Mavwin, e ele era pai de Beren, o Uma-Mão.

> O trecho substitutivo diz:
>
> > Trecho modificado para se adequar melhor à estória de Tinúviel e ao desenrolar do Nauglafring.

O conto narra, contudo, que Úrin fora amigo dos Elfos, e nisso ele era diferente de muitos de seu povo. “Ora, fora grande a amizade com Egnor, o Elfo da verdemata, o caçador dos Gnomos, e ele conhecia Beren Ermabwed, filho de Egnor, e lhe prestara serviço certa feita em respeito a Damrod, seu filho; mas as façanhas de Beren, o da Uma Mão, nos paços de Tinwelint[3] ainda eram lembrados em Dor Lómin. Assim, chegou

ao coração de Mavwin, por falta doutro conselho, a ideia de enviar Túrin, seu filho, à corte de Tinwelint, implorando-lhe que cuidasse desse órfão em memória de Úrin e de Beren, filho de Egnor.[4]

"Muito amarga, de fato, foi aquela separação, e por longo [?tempo] Túrin chorou e não queria deixar a mãe, e esse foi o primeiro dos muitos pesares que o acometeram na vida. Afinal, contudo, quando sua mãe lhe havia explicado, ele cedeu e preparou-se para a jornada, angustiado. Com ele foram dois homens idosos, antigamente serviçais de seu pai Úrin, e quando tudo estava pronto, e todos os adeuses haviam sido dados, voltaram os pés para as colinas sombrias e a casinha de Mavwin perdeu-se nas árvores e Túrin, cegado pelas lágrimas, não mais a conseguiu ver. Então, antes que estivessem fora do alcance do ouvido, gritou: 'Ó Mavwin, minha mãe, logo voltarei para ti!' — mas não sabia que a condenação de Melko jazia entre eles.

"Longa, e muito exaustiva e incerta era a estrada por sobre as colinas de Hithlum e adentrando as grandes florestas da Terra Além, onde naqueles dias Tinwelint, o rei oculto, tinha sua morada; e Túrin, filho de Úrin,[5] foi o primeiro dos Homens a trilhar aquele caminho, e não muitos o fizeram desde então. Túrin e seus guardiões corriam perigo devido aos lobos e aos Orques errantes que àquela época chegavam mesmo assim longe de Angband, conforme o

poder de Melko crescia e se espalhava pelos reinos do Norte. Magias malignas os circundavam e, perdendo a trilha, amiúde vagavam inutilmente por muitos dias, mas, no fim, superavam-nas e agradeciam aos Valar por isso — ou talvez não fosse senão parte do fado que Melko tramou em redor dos seus pés, pois em dias posteriores Túrin preferiria ter perecido quando criança ali, nas matas sombrias.

"O que quer que seja, foi desta maneira que chegaram aos paços de Tinwelint; pois nas florestas além das montanhas perderam-se por completo até que, afinal, sem terem como se sustentar, estavam à beira da morte quando foram descobertos por um caminheiro-da-floresta, um caçador dos Elfos secretos, e ele se chamava Beleg, pois era de grande estatura e porte conforme a maneira daquele povo. Beleg então os conduziu por caminhos sinuosos, atravessando muitas terras florestadas, escuras e solitárias, até as margens daquele rio sombrio diante das portas cavernosas dos paços de Tinwelint. Ora, apresentando-se diante do rei, foram bem recebidos em virtude da memória de Úrin, o Resoluto, e quando o rei também ouviu dos laços entre Úrin e Beren, o Uma-Mão,[6] e do apuro da senhora Mavwin, seu coração abrandou-se e concedeu a ela seu desejo, e não mandou Túrin embora, dizendo, antes: 'Filho de Úrin, tu hás de morar docemente em minha corte da floresta, e não serás serviçal, mas vê, serás para mim como

um segundo filho, e em todos os saberes de Gwedheling e nos meus tu hás de ser instruído.’

“Depois de um tempo, portanto, quando os viajantes haviam descansado, ele despachou o mais novo dos dois guardiões de Túrin de volta a Mavwin, pois era o desejo daquele homem morrer no serviço da esposa de Úrin e, no entanto, uma escolta de Elfos foi enviada consigo, e tanto conforto e magias para a viagem quanto puderam ser concebidos e, ademais, estas palavras de Tinwelint para Mavwin ele portou: ‘Vê, ó Senhora Mavwin, esposa de Úrin, o Resoluto, não por amor nem por temor de Melko, mas pela sabedoria de meu coração e o fado dos Valar, não fui com meu povo à Batalha das Lágrimas Inumeráveis, eu que agora me tornei proteção e refúgio para todos os que, temendo o mal, podem encontrar as trilhas secretas que levam à segurança de meus paços. Talvez agora não reste qualquer outro baluarte contra a arrogância do Vala de Ferro, pois os homens dizem que Turgon não está morto, mas quem é que sabe se há verdade nisso, ou por quanto tempo ele conseguiria escapar? Agora, portanto, teu filho Túrin há de ser cuidado aqui como meu próprio filho até que tenha idade para te socorrer — aí então, se ele desejar, poderá partir.’ Mais ainda, convidou a Senhora Mavwin, caso conseguisse superar a jornada, a ir também aos seus paços e lá habitar em paz; mas ela, ao ouvir isso, não o fez tanto pela ternura que sentia pela filhinha, Nienóri, quanto porque preferia viver pobre em meio aos Homens do que ricamente

como hóspede pedinte mesmo entre os Elfos da floresta. Pode ser também que estivesse apegada àquela morada na qual Úrin a colocara antes de partir para a grande guerra, ainda esperando debilmente por seu retorno, pois nenhum dos mensageiros que haviam trazido as lamentáveis notícias daquele campo disse que ele estava morto, reportando apenas que ninguém sabia onde poderia estar — mas, em verdade, tais mensageiros eram poucos e estavam um tanto desvairados, e agora os anos já se passavam lentamente desde que se assestara o último golpe naquele dia mui infeliz. De fato, em dias posteriores ela ansiou por ver Túrin de novo, e talvez no fim, quando Nienóri estava crescida, tivesse deitado fora o orgulho e passado por sobre as colinas, se não tivessem se tornado impassáveis pelo poder e grande magia de Melko, que fechava todos os Homens em Hithlum e assassinava os que ousavam atravessar suas muralhas.

“Assim se deu a estadia de Túrin nos salões de Tinwelint; e permitiram que Gumlin habitasse com ele, o guardião idoso que viajara consigo desde Hithlum e não tinha coragem ou força para retornar. Grande júbilo tinha em morar ali, mas o pesar da separação de Mavwin nunca o deixou por completo; cresceu muito a força de seu corpo e a valentia de seus feitos conquistou-lhe louvor onde quer que Tinwelint fosse tido como senhor e, no entanto, era um rapaz silencioso, amiúde soturno, e não ganhava amor com facilidade, e a sorte não

o seguia, pois conquistava poucas das coisas que desejava grandemente, e muitas das coisas nas quais laborava davam errado. Mas nada o agravou tanto quanto a interrupção das mensagens entre Mavwin e ele, quando após alguns anos, conforme foi dito, as colinas tornaram-se impassáveis e os caminhos foram fechados. Ora, Túrin tinha sete anos quando partiu buscando os Elfos da floresta, e sete anos havia habitado ali enquanto notícias de sua mãe chegavam-lhe amiúde, de modo que sabia como sua irmã, Nienóri, tornara-se uma donzela esbelta e muito formosa, e como as coisas haviam melhorado em Hithlum e sua mãe tinha mais paz; mas depois todas as mensagens cessaram, e os anos se passaram.”

“Para apaziguar seu pesar e a ira de seu coração, que sempre se lembrava de como Úrin e seu povo batalharam contra Melko, Túrin incessantemente percorria a distância com os mais belicosos do povo de Tinwelint e muito antes de chegar à primeira idade adulta matara e ferira-se em refregas com os Orques que espreitavam sem descanso as fronteiras do reino e eram uma ameaça aos Elfos. De fato, não fosse por sua proeza muita dor aquele povo teria enfrentado e ele manteve a ira de Melko afastada deles por muitos anos, e depois de seus dias, foram severamente atacados e teriam sido escravizados no fim se magnos e pavorosos acontecimentos não tivessem feito com que Melkor os esquecesse.

“Ora, pelas cortes de Tinwelint habitava um Elfo chamado Orgof e, assim como a maioria do povo daquele rei, era um Ilkorin, mas tinha também sangue de Gnomo. Pelo lado da mãe, era parente próximo do próprio rei, e gozava de certo favor por ser um bom caçador e um Elfo corajoso, mas era um tanto linguarudo e arrogante em razão da estima do rei; e, no entanto, nada o agradava mais do que belas vestes e joias, e ornamentos de ouro e prata, e estava sempre trajado esplendidamente. Ora, Túrin, que jazia continuamente nas matas e penava em locais longínquos e ermos, ficou com as roupas rotas e os cabelos desgrenhados, e Orgof zombava dele sempre que os dois estavam sentados à mesa do rei; mas Túrin nunca dizia palavra a essa tola zombaria e, de fato, em momento algum dava muita atenção às palavras que lhe falavam, e os olhos sob as sobrancelhas desguedelhadas amiúde miravam como se a uma grande distância, de forma que parecia ver coisas distantes e ouvir sons da floresta que os outros não ouviam.

“Certa feita Túrin estava à refeição com o rei, e fazia doze anos naquele dia desde que, através de suas lágrimas, fitara Mavwin de pé junto à porta, chorando ao vê-lo partir no meio das árvores, até que os galhos a ocultaram de sua visão, e ele estava taciturno, dando respostas secas a todos os que se sentavam perto, e acima de tudo a Orgof.

“Mas esse tolo não lhe dava paz, escarnecendo de suas roupas rotas e de seu cabelo emaranhado, pois Túrin tinha então acabado de chegar de uma

longa estadia nas matas e, por fim, ele tirou delicadamente um pente de ouro que tinha e ofereceu-o a Túrin; e, tendo bebido bastante, quando Túrin não se dignou a notá-lo, falou: ‘Ora, se tu não sabes como usar um pente, volta correndo para tua mãe, pois ela talvez te ensine — a menos que, em verdade, as mulheres de Hithlum sejam tão feias quanto seus filhos e tão descabeladas.’ Então, uma raiva feroz nasceu de seu coração dorido, e essas palavras a respeito da senhora Mavwin súbito arderam no peito de Túrin, de sorte que ele agarrou uma taça pesada de ouro que estava à sua mão direita e, inconsciente de sua própria força, atirou-a com grande ímpeto nos dentes de Orgof, dizendo: ‘Contém já tua boca, tolo, e para de garrular.’ Mas o rosto de Orgof estava arrebentado e ele caiu para trás com grande peso, batendo a cabeça na pedra do piso e arrastando para cima de si a mesa e todas as vasilhas, e ele não falou e nem garrulou novamente, pois estava morto.

“Todos os homens ergueram-se então em silêncio, mas Túrin, fitando horrorizado o corpo de Orgof e o vinho derramado sobre sua mão, virou-se e partiu noite adentro; e alguns que eram aparentados de Orgof desembainharam as armas pela metade, mas ninguém atacou, pois o rei não deu qualquer sinal, mirando petrificado o corpo de Orgof, e mui grande espanto cobria-lhe o rosto. Mas Túrin lavou as mdãos no rio do lado de fora dos portões e lá irrompeu em lágrimas, dizendo: ‘Ai! Será que há uma maldição sobre mim, pois

tudo o que faço é mau, e agora as coisas desandaram de tal forma que devo fugir da casa de meu pai adotivo como proscrito, culpado por sangue, sem mais rever os rostos daqueles que amo.’ E em seu coração não ousava voltar a Hithlum para que sua mãe não se agravasse amargamente por sua desgraça, ou porque talvez atraísse em seu encalço a ira dos Elfos para seu povo; portanto, partiu para longe e, quando os homens foram atrás dele, não o puderam encontrar.

“E, no entanto, não queriam lhe fazer mal, embora ele não soubesse disso, pois Tinwelint, não obstante seu pesar e o malfeito, perdoou-o, e a maioria do povo estava de acordo com ele, pois Túrin por muito tempo mantivera-se pacífico ou devolvera cortesia às tolices de Orgof, ainda que amiúde muito aguilhoado por isso, pois aquele Elfo, não pouco invejoso, costumava farpar suas palavras; e agora, portanto, os parentes próximos de Orgof foram compelidos a aceitar a decisão do rei, por medo de Tinwelint e por muitos presentes.

“Mas Túrin, infeliz, acreditando que a mão de todos estava contra ele e que o coração do rei se tornara como o de um inimigo, esgueirou-se até as estremas mais remotas daquele reino florestal. Ali caçava para sobreviver, sendo hábil com o arco, mas não rivalizava com os Elfos nisso, pois era, antes, no manejo da espada que os superava. Juntou para si uns poucos espíritos bravios, e entre eles estava Beleg, o caçador, que outrora resgatara Gumlin e Túrin nas matas. Ora, esses

dois — Beleg, o Elfo, e Túrin, o Homem — estavam juntos em muitas aventuras que não são mais contadas ou lembradas, mas que certa vez foram cantadas em muitos lugares. Guerreavam com fera e gobelim, e às vezes iam a lugares distantes desconhecidos dos Elfos, e a fama dos caçadores ocultos das fronteiras começou a ser ouvida entre Orques e Elfos, de modo que talvez Tinwelint logo teria tomado ciência do lugar onde Túrin estava se o bando inteiro de Túrin não tivesse entrado certa feita em desesperada contenda com uma hoste de Orques que os superava três vezes em número. Todos lá foram mortos, salvo Túrin e Beleg, e Beleg escapou com ferimentos, mas Túrin foi dominado e amarrado, pois a vontade de Melko era que o trouxessem vivo; pois eis que, habitando nos paços de Linwë,[7] em redor dos quais a fata Gwedheling, a rainha, tecera muita magia e mistério e tal poder de encantos que só poderiam vir de Valinor — donde de fato ela os trouxera há muito tempo —, Túrin passara para fora de sua visão, e Melko temia que ele pudesse burlar a condenação que lhe fora preparada. Portanto, tencionava agora tratá-lo cruelmente diante dos olhos de Úrin, mas Úrin clamara pelos Valar do Oeste, tendo aprendido muito a respeito deles pelos Eldar de Kôr — os Gnomos que encontrara — e suas palavras chegaram, quem há de saber como, até Manwë Súlimo sobre as alturas de Taniquetil, a Montanha do Mundo. E, no entanto, Túrin foi arrastado por muitas léguas malignas em doloroso tormento, um cativo dos Orques

impiedosos, e eles viajavam morosamente, pois estavam sempre a seguir a faixa de colinas escuras rumo às regiões onde elas se erguem altaneiras e lúgubres, e seus cimos são amortalhados de vapores negros. Ali elas passam a se chamar Angorodin, ou Montanhas de Ferro, pois sob as raízes das suas fortalezas mais setentrionais fica Angband, os Infernos de Ferro, a mais atroz de todas as moradas — e para lá rumavam, carregados de butim e de feitos malignos.

"Sabei, pois, que naqueles dias Hithlum e as Terras Além continuavam repletas de Elfos selvagens e de Noldoli ainda livres, fugitivos da antiga batalha; e alguns perambulavam sempre exaustos, e outros tinham moradas secretas e ocultas em cavernas ou refúgios florestais, mas Melko os buscava sem descanso e, caso os capturasse, eram os que tratava mais impiedosamente de todos os cativos. Orques e dragões e fatas malignos eram soltos contra eles e suas vidas eram cheias de pesar e sofrimento, de modo que aqueles que não encontravam, no fim, os reinos de Tinwelint e nem a fortaleza secreta do rei da cidade de pedra[a] pereciam ou eram escravizados.

"Havia também Noldoli que estavam sob os encantamentos malignos de Melko e vagavam como se num sonho de medo, cumprindo suas ordens cruéis, pois o encanto do pavor insondável estava sobre eles, e sentiam os olhos de Melko abrasando-os de longe. E, no entanto, esses Elfos

infelizes, tanto os cativos quanto os livres, amiúde ouviam a voz de Ulmo nos riachos ou na orla do mar, onde as águas do Sirion mesclavam-se com as ondas; pois, dentre todos os Valar, era Ulmo quem ainda pensava neles com maior ternura e pretendia, com o parco auxílio deles, arruinar o mal de Melko. Então, lembrando-se da bem-aventurança de Valinor, eles às vezes deitavam fora seu temor, fazendo coisas boas e auxiliando Elfos e Homens contra o Senhor de Ferro.

"Ora, chegou ao coração de Beleg, o caçador dos Elfos, a ideia de buscar Túrin tão logo suas próprias feridas estivessem curadas. Como isso aconteceu em poucos dias, já que tinha habilidade de cura, foi a toda velocidade atrás do bando de Orques, e precisou de toda sua destreza de acossador para seguir aquele rastro, pois um bando de gobelins de Melko move-se com astúcia e muita leveza. Logo estava longe de todas as regiões que lhe eram conhecidas, mas por amor a Túrin ele prosseguiu, e nisso mostrou maior coragem do que a maioria do povo da floresta, e de fato não há ninguém que consiga agora mensurar a profundidade do temor e da angústia que Melko instilava nos corações de Homens e de Elfos naqueles dias infelizes. Assim, aconteceu que Beleg se perdeu e foi tomado pela escuridão numa região sombria e perigosa, tão densa de pinheiros de tamanho gigantesco que ninguém além de gobelins conseguiria encontrar uma trilha, tendo eles olhos que penetravam a mais profunda treva e, mesmo assim, entre eles muitos se perdiam por

longo tempo naquelas regiões; e eram chamadas pelos Noldoli de Taurfuin, a Floresta da Noite. Ora, reconhecendo-se perdido, Beleg deitou-se com as costas apoiadas numa árvore imensa, e escutou o vento nos topos desolados da floresta, muitas braças acima dele, e o gemido dos ares noturnos e o crepitar dos galhos estava repleto de pesar e presságio, e seu coração exauriu-se por completo.

"Súbito notou uma luzinha ao longe em meio às árvores, firme e pálida como se fosse a de uma larva luminosa muito brilhante, mas, pensando improvável que fosse uma larva luminosa em tal lugar, esgueirou-se na direção dela. Ora, os Noldoli que labutavam na terra e que outrora tinham habilidade nos ofícios com metais e gemas em Valinor eram os mais valorizados dos escravos de Melko, e ele não permitia que vagassem para longe, e Beleg não sabia que esses Elfos tinham pequenas lanternas de estranho feitio, e eram de prata e de cristal, e uma flama de azul pálido ardia perene dentro delas, e isso era um segredo que só os joalheiros entre eles conheciam, e não o revelavam nem mesmo a Melko, ainda que fossem obrigados a lhe confeccionar muitas joias e muitas luzes mágicas.

"Auxiliados por essas lanternas, os Noldoli viajavam muito à noite, e de raro perdiam uma trilha se a tivessem percorrido antes, mesmo que uma só vez. Assim foi que, aproximando-se, Beleg contemplou um dos Gnomos-da-colina estirado nas acículas sob um grande pinheiro, adormecido, e sua lanterna azul brilhava perto da cabeça. Então

Beleg o despertou, e o Elfo sobressaltou-se com grande temor e aflição, e Beleg descobriu que era um fugitivo das minas de Melko e se chamava Flinding bo-Dhuilin, de uma casa anciã dos Gnomos. Ora, ao conversarem, Flinding ficou sobremaneira contente de falar com um Noldo livre, e contou muitas histórias de sua fuga da mais remota fortaleza das minas de Melko; e falou, por fim: ‘Quando pensei que estava quase livre, eis que cheguei à noite despreocupado no meio de um acampamento-órquico, e eles estavam adormecidos e tinham muito espólio e fardos pesados, e pensei ter visto muitos Elfos cativos: e havia um ali jazendo próximo a um tronco, ao qual estava amarrado mui cruelmente, e ele gemia e bradava amargamente contra Melko, chamando pelos nomes de Úrin e Mavwin; e embora naquele momento, acovardado pelo longo cativeiro, eu tenha fugido desabalado, agora muito me espanto, pois quem dos escravos de Angband não ouviu falar de Úrin, o Resoluto, o único dos Homens que desafia Melko, acorrentado em tormento sobre um pináculo cruel?’

“Então Beleg foi tomado de grande anseio e saltou de pé, exclamando: ‘É Túrin, filho adotivo de Tinwelint, ele mesmo a quem busco, há muito filho de Úrin. — Ora, leva-me a este acampamento, ó filho de Duilin, e logo ele há de estar livre’, mas Flinding estava muito temeroso, e disse: ‘Fala mais brandamente, Beleg, pois os Orques têm ouvidos de gato, e embora haja um dia inteiro de marcha

entre mim e aquele acampamento, quem há de saber se não há outros vindo atrás?’

“No entanto, ouvindo de Beleg a estória de Túrin, apesar de seu pavor consentiu em conduzir Beleg àquele local, e muito antes de o sol se erguer naquele dia, ou de seus pálidos raios adentrarem furtivos aquela floresta sombria, eles estavam na estrada, guiados pela luz bruxuleante da lanterna balouçante de Flinding. Ora, aconteceu que em sua jornada seus caminhos cruzaram com o dos Orques que estavam agora retomando a marcha, mas numa direção diferente à que eles estavam seguindo há um bom tempo, pois, temendo a fuga de seu prisioneiro, foram a um local em que sabiam que as árvores eram menos densas e no qual havia uma trilha fácil de percorrer por muitas léguas; portanto, naquela noite, antes mesmo de chegarem ao ponto que Flinding buscava, ouviram um grito e uma cantoria rouquenha ao longe nas matas, mas que se aproximava; e mal tinham se escondido quando o bando inteiro dos Orques passou rente a eles, e alguns dos capitães estavam montados em pequenos cavalos, e a um deles Túrin estava amarrado pelos pulsos, de modo que precisava ou trotar ou ser cruelmente arrastado. Então, Beleg e Flinding os seguiram apreensivos conforme o crepúsculo caía na floresta, e quando aquele bando montou acampamento, aproximaram-se furtivos até que tudo estivesse em silêncio, a não ser pelos gemidos dos cativos. Ora, Flinding cobriu sua lanterna com uma pele e eles rastejaram para

perto, e eis que os gobelins dormiam, pois não costumavam manter fogueiras ou vigias em seus bivaques e confiavam a guarda a alguns lobos ferozes que sempre iam com seus bandos, tal como cães com Homens, mas que não dormiam quando acampavam, e seus olhos brilhavam como pontos de luz vermelha entre as árvores. Ora, Flinding estava terrivelmente apavorado, mas Beleg pediu-lhe que prosseguisse e os dois arrastaram-se entre os lobos num ponto onde havia um grande vão entre eles, e pela sorte dos Valar Túrin jazia ali perto, apartado dos outros, e Beleg chegou sem ser visto ao seu lado e estava para cortar as amarras quando descobriu que sua faca havia caído enquanto rastejava, e havia deixado a espada para trás, do lado de fora do acampamento. Agora, portanto, não ousando arriscar novamente arrastar-se de lá para cá, Beleg e Flinding, ambos homens robustos, tentaram carregá-lo furtivamente do acampamento, dormindo pesado por seu extremo cansaço, e isso eles fizeram, o que foi tido sempre como um grande feito, e poucos fizeram coisa semelhante ao passar pelos lobos de guarda dos gobelins, despojando seus acampamentos.

"Ora, nas matas, não muito longe do acampamento, puseram-no no chão, pois não conseguiam carregá-lo adiante, visto que era um Homem de maior estatura que eles;[8] mas Beleg buscou sua espada e começou a cortar as amarras de pronto. As que estavam nos pulsos ele rompeu primeiro, e estava cortando as dos tornozelos

quando, no escuro, aguilhoou fundo o pé de Túrin por acidente, e Túrin despertou temeroso. Ora, vendo um vulto curvado sobre si no escuro, espada em punho, e sentindo a dor aguda no pé, pensou que era um dos Orques que viera assassiná-lo ou atormentá-lo — e isso eles faziam amiúde, cortando-o com facas ou ferindo-o com lanças; mas Túrin, sentindo agora que sua mão estava livre, saltou de pé e atirou todo o peso do corpo subitamente sobre Beleg, que caiu e foi parcialmente esmagado, jazendo atônito no solo; mas ao mesmo tempo Túrin agarrou a espada e lacerou a garganta de Beleg antes mesmo de Flinding conseguir entender o que tinha acontecido. Então Túrin saltou para trás e, vociferando imprecações contra os gobelins, mandou que viessem matá-lo ou provassem de sua espada, pois imaginava estar no meio do acampamento, e não pensou em fugir, apenas em entregar sua preciosa vida. Ora, ele teria impelido contra Flinding, mas o Gnomo saltou para trás, deixando a lanterna cair, de modo que a capa escorregou e a luz irrompeu, e ele exclamou no idioma dos Gnomos para que Túrin detivesse a mão e não assassinasse seus amigos — e Túrin parou ouvindo-o falar e, conforme estava ali postado, viu pela luz da lanterna o rosto branco de Beleg jazendo próximo aos seus pés com a garganta ferida, e ficou ali como alguém petrificado, e tal era o semblante dele que Flinding não ousou falar por um longo tempo. De fato, mal pensava em falar, pois por aquela luz também vira

o fado de Beleg, e seu coração estava muito aflito. Afinal, contudo, pareceu a Flinding que os Orques estavam se agitando, e era mesmo, pois os gritos de Túrin chegara até eles; portanto, disse a Túrin: ‘Os Orques estão sobre nós, vamos fugir’, mas Túrin não respondeu, e Flinding o sacudiu, dizendo-lhe que ou se recompunha ou perecia, e então Túrin fez como ele ordenava, mas estava estupefato e, curvando-se, ergueu Beleg e beijou-lhe a boca.

“Flinding então guiou Túrin rapidamente e da melhor forma que pôde para fora daquelas regiões, e Túrin vagou com ele, seguindo-o conforme ele conduzia, e afinal, conseguiram por um tempo livrar-se da caçada e puderam respirar de novo. Flinding teve então um momento para contar a Túrin tudo o que sabia e de seu encontro com Beleg, e Túrin deu vazão ao aguaceiro de lágrimas, e chorou amargamente, pois Beleg amiúde fora seu camarada em muitos feitos; e essa foi a terceira angústia que acometeu Túrin, e ele não perdeu por completo a marca daquele pesar durante toda a vida; e por muito tempo vagou com Flinding, cuidando pouco de onde ia, e não fosse aquele Gnomo ele logo teria sido recapturado ou se perdido, pois pensava apenas no rosto rígido de Beleg, o caçador, jazendo na floresta escura, morto por suas mãos enquanto ele cortava as amarras da escravidão.

“Naquela época os cabelos de Túrin ganharam algum cinza, apesar de sua pouca idade. Por muito tempo, contudo, Túrin e o Noldo viajaram juntos, e

em razão da magia daquela lanterna viajavam à noite e escondiam-se durante o dia, e sumiram nas colinas, e os Orques não os encontraram.”

“Ora, havia nas montanhas um lugar de cavernas acima de uma torrente, e aquela torrente descia, alimentando o rio Sirion, mas a grama crescia diante das portas das cavernas, e estas eram habilmente ocultas por árvores e pelas magias de que ainda se lembravam aqueles grupos dispersos que ali habitavam. De fato, nessa época esse lugar havia se tornado uma forte habitação do povo e muitos fugitivos a incrementavam, e ali as antigas artes e trabalhos dos Noldoli tiveram novamente vida, ainda que de maneira tosca e rude.

“Havia secreto trabalho em ferro, e a forja de bons armamentos, e mesmo a feitura de belas coisas além disso, e as mulheres uma vez mais fiavam e teciam, e às vezes minerava-se ouro secretamente em locais próximos, onde se podia encontrá-lo, de modo que no fundo daquelas cavernas era possível ver belos vasos à chama de luzes secretas, e antigas canções eram cantadas em voz baixa. E, no entanto, os habitantes das cavernas sempre fugiam diante dos Orques e nunca batalhavam, a menos que forçados pelo infortúnio ou se fossem capazes de apanhá-los numa armadilha em que todos fossem mortos, sem que nenhum escapasse vivo; e essa era sua política para que nenhuma notícia de sua morada chegasse a Melko, e para que ele não suspeitasse

de qualquer agrupamento numeroso de gente naquelas partes.

“Este local, contudo, era conhecido pelo Noldo Flinding, que viajava com Túrin; de fato, há muito tempo fizera parte daquele povo, antes de os Orques o capturarem e de ele ser mantido em servidão. Para lá ele foi então, certo de que a perseguição já não estavam perto deles, mas ainda assim por caminhos tortuosos, de tal forma que demorou até chegarem próximo daquela região e os espiões e vigias dos Rodothlim (pois esse era o nome daquele povo) deram aviso de sua aproximação, e a gente que estava fora de casa retirou-se diante deles. Eles então fecharam as portas, na esperança de que os estranhos não descobrissem suas cavernas, pois temiam e desconfiavam de toda a gente ignota de qualquer raça, tal era a crueldade das lições daquele tempo pavoroso.

“Ora, Flinding e Túrin então arriscaram-se até a entrada das cavernas e, percebendo agora que esses dois conheciam os caminhos até lá, os Rodothlim os assaltaram e os fizeram prisioneiros, levando-os para dentro de seus salões rochosos, e foram levados diante do chefe, Orodreth. Ora, os Noldoli livres àquela época temiam muito aqueles de sua gente que haviam provado da escravidão, pois, impelidos por medo e tortura e feitiços, haviam obrado muita traição; até mesmo dessa maneira os feitos malignos dos Gnomos em Cópas Alqalunten foram vingados,[9] colocando Gnomo contra Gnomo, e os Noldoli amaldiçoavam o dia

em que deram ouvidos pela primeira vez ao engodo de Melko, lastimando ao extremo sua partida do reino abençoado de Valinor.

“E, no entanto, quando Orodreth escutou o conto de Flinding e soube que era verdade, recepcionou-o com júbilo de volta à gente, mas aquele Gnomo estava tão mudado pela aflição de sua escravidão que poucos o reconheceram; mas por causa de Flinding Orodreth escutou o conto de Túrin, e Túrin lhe contou de seus sofrimentos e identificou Úrin como seu pai, e os Gnomos não se haviam esquecido daquele nome. Então o coração de Orodreth abrandou-se e ele pediu que habitassem entre os Rodothlim e que lhe fossem fiéis. Assim se deu a estadia de Túrin entre o povo das cavernas, e ele habitava com Flinding bo-Dhuilin e laborava muito pelo bem do povo, e matou muitos Orques errantes, levando a cabo muitas façanhas corajosas em sua defesa. Em troca, aprendeu deles muito saber novo, pois as memórias de Valinor ainda ardiam fundo em seus corações bravios, e sua sabedoria era ainda maior do que a dos Eldar que jamais tinham visto os semblantes abençoados dos Deuses.

“Entre aquele povo havia uma donzela mui formosa, e ela se chamava Failivrin, e seu pai era Galweg; e esse Gnomo gostava de Túrin e muito o auxiliava, e Túrin amiúde estava com ele em aventuras e façanhas benfazejas. Ora, delas Galweg compunha muitos contos ao pé do fogo, e Túrin estava amiúde à sua mesa, e o coração de Failivrin comovia-se ao vê-lo, e muitas vezes

admirava-se de sua lugubridade e tristeza, ponderando sobre o pesar que jazia encerrado em seu peito, pois Túrin não ia alegre, agravado que era pela morte de Beleg, a qual sentia sobre a cabeça, e ele não permitia que seu coração se comovesse, embora se contentasse com a doçura dela; mas tinha a si mesmo como um homem proscrito, sobrecarregado com uma pesada condenação maligna. Assim, Failivrin tornou-se pesarosa e chorava em segredo, e empalideceu tanto que a gente se espantava com a brancura e delicadeza de seu rosto e com os olhos brilhantes que nele luziam.

"Ora, chegou um tempo em que os bandos de Orques e as coisas malignas de Melko aproximavam-se cada vez mais da morada desse povo e, apesar dos bons feitiços que corriam na torrente lá embaixo, parecia provável que sua habitação não permaneceria oculta. Diz-se, contudo, que durante todo esse tempo a estadia de Túrin nas cavernas e seus feitos entre os Rodothlim estiveram velados aos olhos de Melko, e que ele atormentava os Rodothlim não por causa de Túrin e nem por seu desígnio, mas, antes, era o número crescente dessas criaturas e o aumento de seu poder e violência que as levava para tão longe. No entanto, a cegueira e o infortúnio que tecera outrora ainda se agarravam a Túrin, como se pode ver.

"A cada dia o cenho dos chefes dos Rodothlim ficava mais sombrio, e sonhos lhes chegavam,[10] pedindo-lhes que se erguessem e partissem rápida

e secretamente, buscando Turgon, se pudessem, pois com ele talvez ainda fosse possível encontrar salvação para os Gnomos. Sussurros também havia na torrente à noitinha, e os que entre eles tinham a habilidade de escutar tais vozes, somavam seus presságios nos concílios do povo. Ora, Túrin tinha conquistado um lugar nesses concílios por causa de muitas façanhas valorosas, e opunha-se ao temor deles, confiando em sua força, pois ansiava sempre por guerra contra as criaturas de Melko, e repreendia os homens do povo, dizendo: ‘Vede! Tendes armas de mui excelente feitura e, no entanto, a maioria está limpa do sangue de vossos inimigos. Lembrai-vos da Batalha das Lágrimas Incontáveis e não vos esqueceis da vossa gente que lá tombou, nem buscais fugir jamais, mas lutai e mantende-vos firmes.’

“Ora, a despeito da sabedoria dos mais sábios, tais palavras amargas confundiram seus conselhos e os retardaram, e não eram poucos os de coração firme que encontravam esperança nelas, estando tristes ao pensar em abandonar esses lugares onde haviam começado a construir uma morada de paz e beleza; mas Túrin implorou de Orodreth uma espada, pois não empunhara espada alguma desde o assassinato de Beleg, contentando-se em vez disso com uma clava imensa. Assim, Orodreth fez com que lhe forjassem uma grande espada, e por magia fizeram com que fosse completamente preta, exceto nos fios, que eram dum brilho reluzente e afiados tal como somente o aço

gnômico pode ser. Era pesada, e embainhada de preto, e pendia de um cinto negro, e Túrin a chamou de Gurtholfin, a Vara da Morte; e amiúde aquela lâmina saltava para sua mão por vontade própria, e conta-se que às vezes falava-lhe palavras sombrias. Com ela, ele agora percorria as colinas, e matava incessantemente, de modo que o Espada-Negra dos Rodothlim tornou-se um nome de terror aos Orques e por um longo período o mal foi completamente afastado das cavernas dos Gnomos. Donde o nome de Túrin entre os Gnomos, que o chamavam de Mormagli ou Mormakil, conforme sua fala, pois esses nomes significam espada negra.

“Contudo, quanto mais crescia a bravura de Túrin, mais profundo se tornava o amor de Failivrin, e se os homens murmuravam contra ele em sua ausência, ela o defendia, e buscava sempre servi-lo, e ele a tratava sempre com cortesia e alegria, dizendo que tinha encontrado uma bela irmã nas terras-dos-Gnomos. Pelos feitos de Túrin, contudo, o antigo conselho dos Rodothlim foi posto de lado, e sua morada ficou conhecida em toda parte, nem Melko a ignorava, mas muitos dos Noldoli agora fugiam para lá, e sua força aumentou, e Túrin era estimado com grande honra entre eles. Foram dias de grande felicidade e por um tempo os homens viveram abertamente de novo, e podiam ir muito longe de seus lares em segurança, e muitos gabavam-se da salvação dos Noldoli, enquanto Melko reunia suas grandes hordas em segredo. Então de súbito as soltou sobre eles, pegando-os

desprevenidos, e eles reuniram seus guerreiros muito apressadamente e investiram contra ele, mas eis que um exército de Orques se abateu sobre eles, e lobos, e Orques montados em lobos; e uma grande serpe estava junto, cujas escamas eram bronze polido e cujo hálito era uma mescla de fogo e fumaça, e seu nome era Glorund.[11] Todos os homens dos Rodothlim tombaram ou foram capturados naquela batalha, pois eram incontáveis os inimigos, e essa foi a contenda mais amarga desde a cruel batalha de Nínin-Udathriol.[b] Orodreth foi gravemente ferido ali e Túrin o retirou da batalha antes que tudo estivesse acabado, e com o auxílio de Flinding, cujos ferimentos não eram graves,[12] levou-o às cavernas.

"Ali Orodreth morreu, repreendendo Túrin por sempre se opor aos seus sábios conselhos, e o coração de Túrin estava dorido pela ruína do povo, que foi posta na sua conta.[13] Então, deixando o Senhor Orodreth morto, Túrin foi aos locais da morada de Galweg, e lá estava Failivrin chorando amargamente às notícias da morte de seu pai, mas Túrin buscou confortá-la, e pela dor em seu coração, pelo pesar da morte de seu pai e pela ruína de seu povo, ela desfaleceu sobre seu peito e jogou os braços em volta dele. Tão profunda era a tristeza do coração de Túrin que naquela hora pensou que a amava muito; mas agora ele e Flinding estavam sozinhos, exceto por alguns serviçais idosos e homens moribundos, e os Orques, tendo despojado o campo dos mortos, estavam perto deles.

“Assim estava Túrin de pé diante das portas com Gurtholfin em punho, e Flinding estava ao seu lado; e os Orques abateram-se sobre aquele local e saquearam-no por inteiro, arrastando para fora toda a gente que se escondia ali e todos os seus bens, tudo o que de grande ou pequeno valor pudesse estar escondido. Mas Túrin lhes negou entrada à habitação de Galweg e eles se chocaram com ímpeto contra ele, até que uma companhia de arqueiros a uma certa distância atirou uma saraivada de flechas nele. Ora, ele vestia cota de malha, tal como todos os guerreiros dos Gnomos sempre amaram e ainda amam vestir, mas ela não repeliu todas aquelas setas malignas, e já estava bastante ferido quando Flinding tombou, flechado subitamente no olho; e logo teria encontrado a morte — e sua sorte teria sido mais feliz assim — se aquele grande draco, achegando-se ao butim, não houvesse ordenado que parassem de atirar; mas com o poder de seu hálito ele afastou Túrin das portas e com a magia de seus olhos, atou suas mãos e pés.

“Ora, tais dracos e serpes são as criaturas mais malignas que Melko fez, e as mais estranhas, mas de todas são as mais poderosas, excetuando-se apenas os Balrogs. Têm grande astúcia e sabedoria, de modo que há muito tempo se diz entre os Homens que todos os que provassem do coração de um dragão conheceriam todas as línguas de Deuses ou Homens, de aves ou feras, e seus ouvidos captariam os sussurros dos Valar ou de Melko tal como jamais tinham ouvido antes.

Poucos jamais conseguiram feito de tamanha proeza quanto matar um draco, e mesmo esses intrépidos não poderiam provar do sangue deles e viver, pois é como um veneno de fogos que mata a todos salvo os mais divinos em força. Seja como for, essas feras repugnantes, tal como seu senhor, amam mentiras e cobiçam ouro e coisas preciosas com desejo violentíssimo, embora não possam usá-las ou desfrutar delas.

"Foi assim que esse *lókë* (pois tal é o nome que os Eldar dão às serpes de Melko) permitiu que os Orques assassinassem quem quisessem e que reunissem quem desejassem numa grande e infeliz multidão de mulheres, donzelas e criancinhas, mas todo o imenso tesouro que eles haviam trazido dos salões rochosos e amontoado diante das portas, brilhando ao sol, ele cobiçou para si mesmo e os proibiu de colocar um dedo sequer ali, e eles não ousavam se opor, e nem o poderiam fazer caso quisessem.

"Naquele grupo infeliz estava Failivrin horrorizada, e ela estendia os braços na direção de Túrin, mas Túrin estava atado pelo feitiço do draco, pois aquela fera tinha uma magia torpe no olhar, assim como muitos outros de sua espécie, e ele fez com que os nervos de Túrin ficassem como pedra, pois seu olho sustinha o olho de Túrin, de modo que a vontade dele morreu, e não podia se mover por seu próprio desejo, mas ainda podia ver e ouvir.

"Então Glorund provocou Túrin até quase levá-lo à loucura, dizendo-lhe que havia deitado fora sua

espada e não tivera coragem de dar um golpe por seus amigos — agora a espada de Túrin jazia aos seus pés, para onde havia escorregado de seu punho enfraquecido. Grande foi a agonia do coração de Túrin, e os Orques riram-se dele, e alguns dos cativos bradaram amargamente contra ele. Então os Orques começaram a levar embora aquela hoste de prisioneiros, e seu coração se partiu ao ver isso, mas, ainda assim, não se moveu; e o rosto pálido de Failivrin desvaneceu-se ao longe, e a voz dela chegou-lhe, exclamando: ‘Ó Túrin Mormakil, onde está teu coração; ó meu amado, por que me abandonas?’ Tão grande se tornou a angústia de Túrin que nem mesmo o feitiço daquela serpe poderia contê-la, e gritando alto ele fez menção de apanhar a espada aos seus pés, e teria ferido o draco com ela, mas a serpente soprou com hálito repugnante e quente sobre ele, de modo que desfaleceu e pensou que fosse a morte.

“Muito tempo depois, e o conto não diz quanto tempo, voltou a si, e jazia fitando o sol diante das portas, e sua cabeça repousava numa pilha d’ouro da maneira que os saqueadores a haviam deixado. Então o draco, que estava bem ao lado, falou: ‘Não te perguntaste por que afastei a morte de ti, ó Túrin Mormakil a quem um dia chamaram de valente?’ Então Túrin lembrou-se de todos os seus pesares e do mal que o acometera, e disse: ‘Não escarneças de mim, serpe imunda, pois sabes que eu morreria de bom grado; e somente por isso, penso, não me mataste.’

“Mas o draco respondeu, dizendo: ‘Pois sabe disto, ó Túrin, filho de Úrin, que um fado de maldade está tecido em redor de ti, e não podes desenredar teus passos dele seja lá aonde fores. Sim, de fato não te deixaria morrer, pois assim tu escaparias de tristezas muito amargas e de um destino de angústia.’ Então Túrin, saltando subitamente de pé e esquivando-se do olho pernicioso daquela fera, ergueu sua espada no alto e gritou: ‘Não, a partir deste momento ninguém há de me chamar de Túrin se eu viver. Vê, dar-me-ei um novo nome, e ele será Turambar!’ Ora, isso significa Conquistador do Destino, e a forma do nome na fala-dos-Gnomos é Turumart. Então, dizendo essas palavras ele investiu uma segunda vez contra o draco, pensando de fato em forçar o draco a matá-lo e em subjugar seu destino pela morte, mas o dragão riu-se, dizendo: ‘Tolo! Se quisesse, teria te matado muito antes, e poderia fazê-lo aqui e agora, mas se eu não desejar, não podes batalhar comigo enquanto estou desperto, pois meu olho pode lançar uma vez mais o feitiço atador sobre ti para que fiques como pedra. Não, vai-te embora, ó Turambar, Conquistador do Destino! Deves primeiro encontrar tua sina se quiseres vencê-la.’ Mas Turambar estava cheio de vergonha e raiva, e quem sabe teria matado a si mesmo, tamanha era sua loucura, embora se assim fosse ele não poderia esperar jamais que seu espírito fosse liberado das tristezas sombrias de Mandos, ou que andasse pelos caminhos aprazíveis de Valinor;[14] mas em meio à sua

desgraça, pensou no rosto pálido de Failivrin e curvou a cabeça, pois chegou ao seu coração a ideia de rastrear por todas as florestas seus infelizes passos, mesmo que fosse até Angamandi e as Colinas de Ferro. Talvez naquela aventura desesperada ele encontrasse uma morte rápida e gentil, ou quiçá uma dolorosa, e talvez resgatasse Failivrin e encontrasse a felicidade, mas não era seu fado conquistar dessa forma o novo nome que assumira, e o draco, lendo sua mente, não permitiu que escapasse assim levianamente de sua maré de crueldade.

"'Ouve, ó filho de Úrin', disse ele; 'sempre foste covarde de coração, jactando-te falsamente diante dos homens. Talvez consideres um feito galante ir atrás duma donzela de gente estranha, mal pensando na tua própria gente que agora sofre com coisas terríveis? Eis que Mavwin, que te ama, espera há muito ansiosamente por teu retorno, sabendo que chegaste à virilidade há um tempo, e ela busca em vão por teu socorro, pois mal sabe que o filho é um proscrito, manchado com o sangue de seus companheiros, um profanador da mesa de seu senhor. Com crueldade os homens a tratam, e eis que os Orques infestam agora aquelas regiões de Hithlum, e ela está temerosa e em perigo, e com ela sua filha, Nienóri, a tua irmã.'

"Então Turambar inflamou-se de pesar e vergonha, pois as mentiras daquela serpe estavam farpadas com verdade, e em razão do feitiço de seus olhos, acreditou em tudo o que era dito. Assim, seu antigo desejo de ver uma vez mais sua

mãe, Mavwin, e olhar Nienóri, a quem nunca vira desde seus primeiros dias[15] ardeu dentro dele, e com o coração despedaçado de pesar pelo fado de Failivrin, virou-se para as colinas buscando Dor Lómin, e sua espada estava embainhada. E em verdade se diz: ‘Não abandones por nada os teus amigos, e nem acredita naqueles que te aconselham a fazê-lo’, pois do abandono de Failivrin em um perigo que ele mesmo conseguia ver adveio o pior dos males a ele e todos os que amava; e, de fato, seu coração estava confuso e vacilante, e ele deixou aqueles lugares completamente vexado e exausto. Mas o dragão fitou o tesouro com satisfação e enrolou-se sobre ele, e a fama daquele grande tesouro de vasos dourados e do ouro virgem que jazia próximo às cavernas acima da torrente correu por toda parte; mas a grande serpe dormia diante dele, e pensamentos malignos tinha enquanto ponderava na semeadura de suas mentiras ardilosas, e no seu brotar, e no seu crescer e frutificar, e fumos subiam de suas narinas conforme dormia.”

“Assim certa vez, muito tempo depois, Turambar chegou com grandes penas em Hisilómë, e encontrou afinal o lugar da morada de sua mãe, a mesma onde haviam se separado quando era criança, mas eis que estava destelhada e a lavoura em redor se havia tornado silvestre. Então seu coração o sobressaltou, mas ele soube por alguns que habitavam perto que, deparando-se com dias melhores, a Senhora Mavwin partira havia alguns

anos a plagas não muito distantes, onde existia uma grande e próspera habitação de homens, pois aquela região de Hisilómë era fértil, e os homens cultivavam a terra de algum modo, e muitos tinham rebanhos, embora a maioria, nos dias sombrios após a grande batalha, temesse habitar em lugares fixos e percorria as matas e caçava ou pescava, e isso acontecia com aqueles clãs próximos às águas do Asgon, donde depois ergueu-se Tuor, filho de Peleg.

"Ao ouvir essas palavras, contudo, Turambar admirou-se, perguntando-lhes se Orques e outros povos ferozes de Melko vagavam para aquelas regiões, mas eles balançaram a cabeça e disseram que nunca tais criaturas chegaram a entrar tão fundo na terra de Hisilómë.[16] 'Se procuras Orques, então vai até as colinas que circundam nossa terra', disseram, 'e não hás de procurar por muito tempo. Os mais cautelosos mal conseguem ir e vir, tão constante é a vigilância deles, e eles infestam os portões rochosos da terra, de modo que os Filhos dos Homens estão enclausurados para sempre na Terra das Sombras; mas os homens dizem que é por desejo de Melko que eles não nos incomodam aqui — e, no entanto, parece-nos que vieste de longe, e admiramo-nos quanto a isso, pois faz muito tempo desde que alguém doutras terras conseguiu trilhar este caminho.' Então Turambar ficou perplexo com isso, e duvidou do engano nas palavras do dragão, mas foi esperançoso até a morada dos homens e a casa de sua mãe e, chegando a propriedades de homens,

foi facilmente encaminhado até lá. Ora, os homens olhavam com estranheza ao seu questionamento e decerto tinham motivo, mas aqueles a quem falou ficavam muito atônitos e assombrados diante dele, e esquivavam-se de conversar com ele, pois suas vestes eram das matas bravias e seu cabelo era longo, e seu rosto era rude e contraído como se por tristezas inextinguíveis, e nele ardiam com ferocidade seus olhos escuros debaixo de sobrancelhas escuras. Usava um colar de fino ouro, e sua imensa espada estava ao lado, e os homens espantaram-se muito com ele; e se qualquer um se atrevia a questionar, chamava-se a si mesmo de Turambar, filho da floresta exaurida,[c] e isso lhes parecia tanto mais estranho.

“Ora, ele chegou à morada de Mavwin e eis que era uma bela casa, mas ninguém habitava ali, e a grama crescia alta nos jardins, e não havia vacas nos estábulos, e nem cavalos nas estrebarias, e os pastos em volta estavam silentes e vazios. Somente as andorinhas habitavam sob o madeiramento dos beirais, e faziam um barulho e uma algazarra como se a partida do outono estivesse próxima, e Turambar sentou-se diante das portas entalhadas e chorou. E alguém que estava passando rumo a outras moradas, pois uma trilha corria perto daquela propriedade, avistou-o e, aproximando-se, perguntou o que havia de errado, e Turambar disse que era doloroso para um filho, separado do lar há tantos anos, abandonar tudo o que estimava e enfrentar os perigos das

colinas infestadas somente para encontrar os salões de sua gente vazios ao retornar, enfim.

“‘Ora, então isso é um genuíno truque de Melko’, disse o outro, ‘pois em verdade aqui habitava a Senhora Mavwin, esposa de Úrin, mas já faz dois anos que partiu muito secreta e subitamente, e os homens dizem que ela busca o filho perdido, e que sua filha, Nienóri, está com ela, mas não sei da estória. Isto contudo eu sei, assim como muitos também sabem, e exclamam de indignação, pois sabe que a guarda de todos os seus bens e terra ela deu a Brodda, um homem em quem confiava, e ele é senhor dessas regiões pelo consentimento dos homens, e tem por esposa uma parenta dela. Mas como ela partiu há muito tempo, ele misturou os rebanhos dela, por menores que fossem, com seus próprios rebanhos imensos, ferreteando-os com sua própria marca e, no entanto, a casa e a fazenda de Mavwin ele deixa caírem em ruínas, e os homens acham isso mau, mas não se opõem, pois o poder de Brodda tornou-se grande.’

“Então Turambar implorou-lhe que o colocasse na trilha para os salões de Brodda, e o homem fez como desejava, de modo que Turambar chegou a passos largos ali, logo no cair da noite, e os homens sentavam-se para a refeição naquela casa. Grande era a companhia naquela noite, e a luz de muitas tochas recaía sobre eles, mas a Senhora Airin não estava lá, pois os homens bebiam demais nos banquetes de Brodda e suas canções eram ferozes, e altercações abrasavam-se

pelo salão, e nada disso ela amava. Ora, Turambar golpeou os portões, e seu coração estava sombrio e ele estava tomado de grande ira, pois as palavras do estranho diante das portas de sua mãe foram amargas a ele.

“Então alguém abriu à sua batida, e Turambar adentrou o salão, e Brodda pediu-lhe que se sentasse e ordenou que fosse servido vinho e comida diante dele, mas Turambar não comeu e nem bebeu, ao que os homens, olhando de soslaio para sua ranhetice, perguntaram-lhe quem era. Então Turambar, indo até o meio deles, defronte do lugar mais elevado onde Brodda estava sentado, falou: ‘Vede, sou Turambar, filho da floresta’, e os homens riram-se disso, mas os olhos de Turambar estavam cheios de ira. Então disse Brodda, em dúvida: ‘O que queres de mim, ó filho da floresta bravia?’ Mas Turambar replicou: ‘Senhor Brodda, vim retribuir-te pela tua guarda dos bens alheios’, e o silêncio caiu naquele lugar; mas Brodda riu, dizendo novamente: ‘Mas quem és tu?’ E a isso Turambar saltou até aquele lugar elevado e, antes que Brodda pudesse prever a ação, desembainhou Gurtholfin e, agarrando Brodda pelos cabelos, quase arrancou-lhe a cabeça do corpo, vociferando: ‘Assim morre o homem rico que soma o pouco da viúva ao seu muito. Eis que nem todos os homens morrem nas matas bravias, pois não sou eu em verdade filho de Úrin que, buscando voltar ao seu povo, encontrou um salão vazio e despojado?’ Então houve grande alarido naquele salão e, de fato, embora ele estivesse

demasiadamente sobrecarregado com seus muitos pesares e quase desvairado, ainda assim esse feito de Turambar foi violento e ilícito. Havia alguns ali, contudo, que não se dispuseram a desembainhar suas armas, dizendo que Brodda era um ladrão e morreu como tal, mas muitos saltaram com espada em punho contra Turambar, e ele se viu em apuro, e matou um homem, que era Orlin. Então Airin dos longos cabelos entrou mui temerosa nos salões, e ao seu comando os homens detiveram-se; mas grande foi seu horror quando viu o que tinha se passado, e Turambar virou o rosto e não conseguiu encará-la, pois sua ira havia esfriado e ele estava abalado e exausto.

"Mas, ouvindo a história, ela disse: 'Não, não te aflijas por mim, filho de Úrin, mas por ti mesmo; pois meu senhor era rígido e cruel e injusto, e talvez os homens digam algo em tua defesa, mas vê, tu o mataste agora à sua mesa, sendo seu convidado, e Orlin tu mataste, ele que é da parentela de tua mãe; e qual será tua sentença?' A essas palavras uns se calaram e muitos gritaram 'morte', mas Airin disse que isso não estava em completo acordo com as leis daquele lugar, 'pois', disse ela, 'Brodda foi morto injustamente, mas a ira do assassino era justa, e também Orlin ele matou em sua defesa, ainda que no salão de um banquete. Mas receio que agora este homem deva sair de nosso meio rapidamente, e nunca mais voltar a pôr os pés nestas terras, doutro modo qualquer homem há de matá-lo; mas tais terras e bens que eram de Úrin os parentes de Brodda hão

de deter, salvo apenas se Mavwin e Nienóri algum dia voltarem de sua errância, e mesmo assim Túrin, filho de Úrin, não poderá herdar jamais qualquer coisa delas.’ Ora, tal sentença pareceu justa a todos, exceto a Turambar, e eles se admiraram com a equidade de Airin, cujo senhor fora morto, e não suspeitavam do horror que fora sua vida antes com aquele homem; mas Turambar depôs a espada no chão e pediu que o matassem, mas não se dispuseram, em virtude das palavras de Airin a quem amavam, e Airin não o permitiu por amor a Mavwin, esperando ainda reunir esses dois, mãe e filho, em felicidade, e sua sentença ela havia pronunciado para satisfazer a ira dos homens e salvar Túrin da morte. ‘Ora’, disse ela, ‘dou-te três dias para sair da terra, portanto vai!’ e Turambar, erguendo a espada, limpou-a, dizendo: ‘Quisera eu estar limpo do sangue dele’, e partiu noite adentro. Na tolice de seu coração, julgou-se separado para sempre de Mavwin, sua mãe, achando que nunca mais qualquer um que amasse dispor-se-ia a olhar para ele. Ansiou então por novas de sua mãe e sua irmã, mas não podia perguntar a ninguém, e vagou de volta por sobre as colinas, sabendo apenas que elas ainda o procuravam, quiçá nas florestas das Terras Além, e nada mais ficou sabendo por muito tempo.

“Das suas andanças depois disso nenhum conto falou, exceto que após muito vagar seu pesar embotou-se e seu coração morreu, até que, afinal, em lugares muito distantes, muito longe do rio dos Rodothlim, ele se juntou a uns caçadores das

florestas, e eles eram Homens. Alguns daquela companhia eram capitães de Úrin, ou filhos deles, e haviam vagado em segredo desde a Batalha das Lágrimas, mas agora Turambar somou-se ao seu contingente, e reconstruiu a vida tão bem quanto pôde. Ora, aquele povo tinha casas em lugares mais aprazíveis das matas, em terras que não estavam completamente distantes do Sirion ou das colinas relvadas no curso médio daquele rio, e eram homens intrépidos, e não se curvavam a Melko, e Turambar conquistou honra entre eles."

"Agora é preciso contar que a Mavwin passaram coisas muito diversas daquilo que o Foalókë dissera a Túrin, pois, chegando-lhe dias melhores, ela tinha paz e honra entre os homens daquelas regiões. Contudo, sua tristeza pela perda do filho devido à interrupção de todos os mensageiros não fez senão aprofundar-se com os anos, ainda que Nienóri tivesse se tornado uma donzela mui formosa e esbelta. Na época da fuga de Túrin dos paços de Tinwelint, ela já tinha doze[17] anos de idade e era alta e bela.

"Ora, o conto não diz o número de dias que Turambar permaneceu com os Rodothlim, mas foram muitíssimos, e durante esse tempo Nienóri cresceu até quase se tornar mulher adulta, e amiúde havia conversa entre ela e a mãe acerca de Túrin, que estava perdido. Nos paços de Tinwelint a memória de Túrin também vivia ainda, e ali Gumlin continuava a morar, agora decrépito, ele que havia sido guardião da infância de Túrin

naquela primeira jornada rumo às Terras Além. Ora, Gumlin tinha cãs e os anos pesavam sobre ele, mas ansiava muito por ver mais uma vez a gente dos Homens e a Senhora Mavwin, sua ama. Assim, um dia Gumlin ficou sabendo que os maiores bandos de Orques e outros seres ferozes de Melko haviam recuado das colinas, eles que por tanto tempo as haviam tornado impassáveis a Elfos e Homens. Ora, por um período as colinas e os caminhos que as atravessavam estavam livres de seu mal em toda parte, pois àquela época Melko tinha um grande e terrível projeto em curso, que era a destruição dos Rodothlim e de muitas das habitações dos Gnomos que seus espiões haviam revelado[18] e, no entanto, todo o povo dessas regiões respirou mais livre por um tempo, ainda que, se soubesse de tudo, talvez não o fizesse.

"Então Gumlin, o idoso, caiu de joelhos diante de Tinwelint e implorou-lhe que o permitisse ir para casa ver sua antiga senhora antes que a morte o levasse aos salões de Mandos — se é que, de fato, aquela senhora já não houvesse ido para lá antes dele. Então o rei[19] anuiu, e para a jornada lhe cedeu dois guias, para auxiliá-lo devido à sua idade; mas esses três, Gumlin e os Elfos da floresta, tiveram uma jornada duríssima, pois era fim do inverno, mas Gumlin de modo algum quis esperar até que a primavera chegasse.

"Ora, conforme aproximavam-se daquela região de Hisilómë onde antigamente Mavwin havia habitado, e próximo ao local onde ela ainda

habitava, muita neve caiu, como acontecia amiúde naquelas partes em dias que deveriam ser, antes, do início de primavera. Ali Gumlin foi sobrepujado, e seus guias, buscando socorro, chegaram inesperadamente à casa de Mavwin e, pedindo-lhe ajuda, foi-lhes concedida. Então, com auxílio da gente de Mavwin, Gumlin foi encontrado e carregado até a casa, e aquecido até se reanimar e, voltando a si, reconheceu Mavwin afinal e muito se regozijou.

"Ora, quando ele estava em parte curado, contou sua história a Mavwin, e conforme relatava os anos e os mais valentes dos feitos de Túrin ela se alegrou, mas grande foi seu pesar e desalento ao saber do rompimento com Linwë[20] e como ele se deu, e afastando-se de Gumlin ela chorou amargamente. De fato, por muito tempo desde que soube que Túrin, caso ainda vivesse, tinha chegado à idade adulta, admirara-se por ele não voltar para procurá-la, e amiúde o pavor enchia-lhe o coração, temendo que, nessa tentativa, ele tivesse perecido nas colinas; mas agora a verdade era dolorosa de suportar, e ela ficou desolada por muito tempo, e Nienóri não a podia confortar.

"Ora, em razão da severidade do clima, os guias que trouxeram Gumlin do reino de Tinwelint permaneceram como hóspedes dela até a primavera chegar, mas, quando ela despontou, Gumlin morreu.

"Então Mavwin se ergueu e, indo ter com vários dos chefes daquelas regiões, pediu-lhes ajuda, contando-lhes a história do fado de Túrin conforme

Gumlin relatara. Mas alguns riram, dizendo que ela fora enganada pelos balbucios de um moribundo, e a maioria disse que ela estava desesperada de tristeza, e que seria um conselho tolo procurar além das colinas por um homem que estava perdido há anos: ‘E nem emprestaremos homem ou cavalo para tal demanda, a despeito de nosso amor por ti, ó Mavwin, esposa de Úrin’, disseram.

“Então Mavwin partiu lacrimosa, mas não os injuriou, pois tinha pouca esperança em seu pedido e sabia que havia sabedoria nas palavras deles. Ainda assim, sem conseguir sossegar, foi ter então com os guias dos Elfos, que já se impacientavam para partir sob o sol, e lhes disse: ‘Levai-me agora ao vosso senhor’, e eles procuraram dissuadi-la, dizendo que aquela não era estrada para os pés de uma mulher trilharem; mas ela não lhes deu atenção. Antes, implorou a sua amiga cujo nome era Airin Faiglindra[d] (de longas tranças) e que era casada com Brodda, um senhor daquela região, rico e poderoso, para que Nienóri pudesse ser acolhida sob a guarda do seu marido, assim como todos os seus bens. Isso Airin conseguiu de Brodda sem pedir muito e, quando soube disso, foi despedir-se de sua filha; mas seu plano deu pouco certo, pois Nienóri postou-se diante da mãe e disse: ‘Ou tu não vais, ó Mavwin, minha mãe, ou vamos nós duas’, e nada a faria recuar. No fim, portanto, mãe e filha prepararam-se para aquela jornada atroz, e os guias resmungaram muito. Mas aconteceu que a estação que se seguiu àquele inverno cruel foi muito gentil

e, apesar dos presságios dos guias, os quatro atravessaram as colinas e completaram a jornada sem maiores males que a fome e a sede.

"Assim, chegando afinal diante de Tinwelint, Mavwin atirou-se ao chão e chorou, implorando perdão por Túrin e compaixão e auxílio para si e para Nienóri; mas Tinwelint ordenou que se erguesse e se sentasse ao lado de Gwedheling, sua rainha, dizendo: 'Há muitos anos teu filho Túrin foi perdoado, sim, tão logo deixou estes paços, e muitas buscas exaustivas fizemos por ele. Não foi qualquer proscrição de minha parte que o levou deste reino, mas o remorso e a amargura o conduziram aos ermos e penso que ali coisas malignas o acometeram ou, se ele ainda vive, temo que seja cativo dos Orques.' Então Mavwin chorou novamente e implorou ao rei para que a socorresse, pois disse: 'Sim, em verdade eu andaria até que a carne de meus pés estivesse consumida se, ao final da jornada, pudesse ver quem sabe o rosto de Túrin, filho de Úrin, meu bem-amado.' Mas o rei disse que não sabia onde ela poderia buscar senão em Angamandi, e até lá ele não poderia enviar nenhum de seus súditos, muito embora seu coração estivesse cheio de compaixão pelo pesar do povo de Úrin. De fato, Tinwelint simplesmente falou do modo que acreditava ser justo, sem pretender agravar o sofrimento de Mavwin, mas apenas impedi-la de partir numa demanda tão louca e mortal; mas Mavwin, ao ouvi-lo, não disse mais palavra e, afastando-se, foi para as florestas e não permitiu

que ninguém ficasse consigo, e apenas Nienóri a seguia aonde quer que fosse.

“Ora, o povo de Tinwelint olhava para essas duas com piedade e gentileza, e secretamente as vigiavam e, sem que soubessem, afastavam delas muito mal, de modo que as senhoras vagantes das florestas se tornaram familiares entre eles e queridas por muitos, mas eram uma visão de desalento, e aqueles que as viam passar juravam ódio a Melko e suas obras. Assim aconteceu que, depois de muitas luas, Mavwin deparou-se com um grupo de Gnomos errantes e, travando contato com eles, foi-lhe contado o relato dos Rodothlim da forma como tais Gnomos o conheciam e da estadia de Túrin entre eles. Também contaram da tomada daquela habitação pelas hostes de Melko e pelo dragão Glorund, pois àquela época tais façanhas eram recentes e sua fama espalhou-se por toda parte. Ora, não se referiram a Túrin pelo nome, chamando-o de Mormakil, um homem selvagem que fugiu da presença de Tinwelint e escapou depois das mãos dos Orques.

“Então o coração de Mavwin encheu-se de esperança e ela continuou a questioná-los, mas os Noldoli disseram que não ouviram falar de ninguém que tivesse saído vivo daquele ataque, salvo os que foram levados a Angamandi, e então a esperança de Mavwin novamente se abateu. Contudo, ainda assim ela voltou aos paços do rei e, contando-lhe o relato, pediu seu auxílio contra o Foalókë. Ora, Mavwin pensava que Túrin talvez ainda vivesse como escravo do dragão e que

poderiam de alguma maneira libertá-lo, ou ainda que, caso a valentia dos homens do rei fosse suficiente, poderiam matar a serpe em vingança por seus males, de modo que à beira da morte falasse palavras a respeito do fado de Túrin, caso ele realmente não estivesse mais perto das cavernas dos Rodothlim. O imenso tesouro que a serpe guardava era de pouca monta para Mavwin, mas ela falou muito dele a Tinwelint, assim como os Noldoli haviam lhe contado. Ora, o povo de Tinwelint era das florestas e tinha poucas riquezas, mas amavam coisas belas e formosas, ouro e prata e gemas, como todos os Eldar amam, e os Noldoli acima de todos; e o rei não pensava diferente nisso, e suas riquezas eram pequenas, a não ser por aquela gloriosa Silmaril, pela qual muitos reis teriam dado todo o seu tesouro se a pudessem possuir.

"Portanto, Tinwelint respondeu: 'Agora tu hás de receber auxílio, ó Mavwin, a mais resoluta, e digo-te abertamente que não é por esperança de libertar Túrin que te concedo isso, pois tal esperança não consigo divisar nesse relato, apenas a morte da esperança. No entanto, é verdade que preciso de tesouro e que o desejo, e talvez isso eu consiga com essa empresa; mas metade do espólio tu hás de ganhar, ó Mavwin, em memória de Úrin e Túrin, ou então tu hás de guardá-la para Nienóri, tua filha.' Então disse Mavwin: 'Não, dai-me apenas uma cabana de lenhador e meu filho', e o rei replicou: 'Isso não te

posso dar, pois sou apenas um rei dos Elfos silvestres e não um Vala das ilhas do oeste.’

“Então Tinwelint reuniu um seleto grupo de seus guerreiros e caçadores e passou-lhes suas ordens, e parecia que o nome do Foalókë já lhes era conhecido, e havia muitos que poderiam guiar o grupo até as regiões de sua morada e, no entanto, aquele nome era aterrorizante até para o mais valente, e os locais que habitava, uma terra de pavor maldito. Ora, as antigas moradas dos Rodothlim não eram completamente distantes do reino de Tinwelint, ainda que fossem longe o bastante, mas o rei disse a Mavwin: ‘Agora espera comigo, e Nienóri também, e meus homens hão de investir contra o draco, e tudo o que fizerem e encontrarem naqueles locais, reportarão fielmente’, — e isto os homens disseram: ‘Sim, faremos como ordenais, ó Rei’, mas havia medo em seus olhos.

“Então Mavwin, vendo isso, disse: ‘Sim, ó Rei, deixai que Nienóri, minha filha, aguarde de fato aos pés de Gwedheling, a Rainha, mas eu, que não me importo se vou morrer ou viver, olharei para o dragão e encontrarei meu filho’; e Tinwelint riu-se, mas Gwedheling e Nienóri, receando que ela não estivesse gracejando, suplicaram-lhe com fervor. Mas ela estava irredutível, temendo que sua última esperança de resgatar Túrin acabasse em nada devido ao terror dos homens de Tinwelint, e ninguém a podia dissuadir. ‘Sei que é do amor’, disse ela, ‘que vêm todas as palavras que falais, mas dai-me, antes, um cavalo para montar e, se

quiserdes, uma faca afiada para minha própria morte, caso necessário, e deixai-me partir.’ Ora, tais palavras deixaram atônitos os Elfos que escutavam, pois as esposas e filhas dos Homens naqueles dias eram deveras intrépidas, e sua juventude durava muito e, ainda assim, isso parecia a todos uma loucura.

“E maior loucura ainda pareceu quando Nienóri, vendo a obstinação da mãe, disse diante de todos: ‘Então irei também; aonde for Mavwin, minha mãe, para lá eu, Nienóri, filha de Úrin, hei de ir com ainda mais facilidade’; mas Gwedheling disse ao rei para não permitir isso, pois era uma fata e quiçá previu vagamente o que poderia vir a ser.

“Mavwin teria então encerrado a discussão e partido da presença do rei rumo às matas se Nienóri não a tivesse agarrado pelas vestes e a impedido, e assim todos imploraram a Mavwin, até que, por fim, ela concordou que o rei enviasse um forte contingente contra o Foalókë e que Nienóri e Mavwin cavalgassem com eles até que as regiões da fera fossem alcançadas. Então, elas buscariam um local elevado donde poderiam ver algo dos feitos, mas em segurança e segredo, enquanto os guerreiros chegavam furtivos até a serpe para matá-la. Ora, um lenhador falara sobre esse local elevado, e dali amiúde observara a morada da serpe ao longe. Por fim, esse bando de matadores-de-dragão se aprontou, e eles montavam bons cavalos, céleres e de passo firme, ainda que o povo das florestas tivesse poucos desses animais. Foram arranjados cavalos para Nienóri e para

Mavwin também, e elas cavalgaram na vanguarda dos guerreiros, e o povo muito se espantou ao ver o porte delas, pois os homens de Úrin e aqueles em meio aos quais Nienóri foi criada andavam muito a cavalo, e tanto os rapazes quanto as moças entre eles cavalgavam mesmo na tenra idade.

“Depois de muitos dias, a cavalaria chegou à vista de um lugar que fora outrora uma bela região, e ali atravessava um rio veloz num leito rochoso, e a margem de um dos lados era alta e arborizada, e do outro lado a terra era mais plana e fértil e extensa, mas para além da margem alta do rio as colinas assomavam. Conforme olharam para lá, viram que a terra se tornara completamente árida, e fora devastada a uma grande distância em volta das antigas cavernas dos Rodothlim, e as árvores haviam sido esmagadas ao solo ou dilaceradas. Na direção das colinas estendia-se uma negra charneca, e as terras estavam fendidas com os grandes rastros que aquela repugnante serpe deixara ao se arrastar.

“Muitos são os dragões que Melko soltou no mundo, e uns são mais poderosos que outros. Ora, os menos poderosos — e, ainda assim, eram muito grandes em comparação aos Homens daqueles dias — são frios, tal como é a natureza das cobras e serpentes, e dentre eles muitos têm asas, viajando com o maior ruído e velocidade; mas os mais poderosos são quentes e muito pesados e movem-se com vagar, e alguns expelem chamas,

e o fogo faísca sob suas escamas, e sua avidez e cobiça e crueldade ardilosa são as maiores de todas as criaturas: e de tal tipo era o Foalókë, cujo ardor deixou todos os locais de sua habitação devastados e desolados. Essa serpe já havia crescido muitíssimo em comparação aos dias do ataque aos Rodothlim, e também maior era o seu tesouro acumulado, pois Homens e Elfos e até mesmo Orques ele matava, ou escravizava para que o servissem, trazendo-lhe comida para satisfazer sua avidez [?por] coisas preciosas e espólios de suas pilhagens para inchar seu tesouro.

"Ora, aquele grupo ficou estupefato ao olhar de longe a região, mas eles se prepararam para a batalha e, por sorteio, mandaram um indivíduo do grupo com Nienóri e Mavwin ao local elevado[21] que fora indicado, nos confins da terra ressequida, e era coberto de árvores e podia ser alcançado por trilhas ocultas. Conforme aqueles três cavalgavam até lá e os guerreiros iam furtivamente na direção das cavernas, deixando para trás os cavalos que já estavam apavorados, eis que o Foalókë saiu de seu covil e, rastejando margem abaixo, repousou atravessado no rio, como muitas vezes fazia. De pronto uma grande neblina e vapores subiram, e um fedor estava ali misturado, de modo que o grupo mergulhou em vapores e eles quase sufocaram e, gritando uns aos outros na névoa, denunciaram sua presença para a serpe, que riu alto. Diante desse que era o mais terrível de todos os sons animais eles fugiram alucinados nas

névoas, mas não conseguiam encontrar os cavalos, pois estes, em extremo terror, soltaram-se e fugiram.

“Então Nienóri, ouvindo gritos ao longe e vendo a grande névoa rolando na direção delas, vinda do rio, voltou com a mãe para o local em que haviam se apartado e, apeando ali, esperou com grande incerteza. De súbito, aquela névoa cegante as envolveu enquanto estavam lá, e com ela chegaram correndo, desvairados e indistintos, os cavalos dos caçadores. Então seus próprios cavalos, incitados por seu terror, pisotearam até a morte o Elfo que as escoltava conforme ele agarrava os arreios agitados, e ariscos de medo eles galoparam para as matas escuras e nunca mais levaram Homem ou Elfo nas selas; mas Mavwin e Nienóri foram deixadas a sós e desamparadas nas fímbrias daqueles locais de medo. Mui perigosa era mesmo a situação delas, e por muito tempo tatearam na névoa e não sabiam onde estavam e não viram mais ninguém do grupo, e somente vozes débeis pareciam passar por elas de longe, chamando como se aterrorizadas, e então tudo ficou em silêncio. Ora, elas ficaram juntas e, exaustas, cambalearam sem atinar aonde seus passos iam, até que subitamente o sol brilhou tênue acima delas, e a esperança voltou; e eis que as névoas se dispersaram e os ares clarearam, e elas não estavam longe do rio. Mesmo agora ele fumegava como se estivesse quente, e eis que o Foalókë estava ali, e seus olhos estavam postos nelas.

“Não disse palavra e nem se moveu, mas seus olhos perniciosos sustinham o olhar delas, até que a força pareceu abandonar seus joelhos, e a mente delas se turvou. Então Nienóri furtou-se por um momento daquela influência com sua força de vontade, e exclamou ‘Vê, ó serpente de Melko, o que queres conosco? Sê rápido em dizer ou fazer, pois sabe que não procuramos por ti e nem por teu ouro, mas por um certo Túrin que viveu aqui certa vez.’ Então disse o draco, e a terra estremeceu: ‘Estás mentindo — com minha morte contentar-vos-íeis e contentar-se-ia teu bando de covardes que agora foge balbuciando nas matas, caso pudessem me espoliar. Tolos e mentirosos, mentirosos e covardes, como haveis de matar ou espoliar Glorund, o Foalókë, que mesmo antes de seu poder crescer matou as hostes dos Rodothlim e Orodreth, seu senhor, devorando todo o seu povo?’

“‘Mas talvez’, disse Nienóri, ‘um certo Túrin tenha escapado da contenda e viva aqui ainda sob tuas amarras, se é que não fugiu de ti e já está longe daqui’, e isso ela disse fortuitamente, esperando sem esperança, mas aquele ser maléfico disse: ‘Vê! Pela minha sabedoria conheço os nomes de todos os que moravam aqui antes da tomada das cavernas, e digo-te que ninguém que chamasse a si mesmo de Túrin saiu vivo daqui.’ E foi assim que a jactância de Túrin sutilmente voltou-se contra ele, pois essas feras amam falar assim, dando duplicidade a palavras ardilosas.[22]

“‘Então Túrin foi morto neste local maligno’, disse Mavwin, mas o dragão respondeu: ‘Neste lugar o nome de Túrin desvaneceu-se para sempre da terra — mas não chores, mulher, pois era o nome de um poltrão que traiu os amigos.’ ‘Besta imunda, cessa tuas palavras malignas’, disse Mavwin; ‘matador de meu filho, não insultes os mortos para que tua própria ruína não caia sobre ti.’ ‘Tuas palavras devem ser menos altivas, ó Mavwin, se quiseres escapar do tormento, ou tua filha contigo’, replicou o draco, mas Mavwin exclamou: ‘Ó, mais maldito, não tenho medo de ti! Leva-me onde quiseres, a teus tormentos e tuas amarras, pois é verdade que desejava tua morte, mas permite apenas que Nienóri, minha filha, volte às moradas dos Homens: pois veio até aqui constrangida por mim e sem saber os propósitos de nossa jornada.’

“‘Não tentes me adular, mulher’, zombou aquele maligno. ‘Eu bem manteria tua filha e matar-te-ia ou mandar-te-ia de volta ao teu casebre, mas não preciso de nenhuma das duas.’ Com essas palavras, abriu completamente os olhos malignos, e uma luz brilhou dentro deles, e Mavwin e Nienóri estremeceram sob eles, e um desfalecimento acometeu-lhes a mente, e a elas pareceu que tateavam em túneis sem fim de escuridão, e ali jamais encontravam uma à outra de novo e, ao chamarem, apenas ecos vãos respondiam, e não havia faiscar de luz.

“Contudo, após um lapso de que ela não se lembrava, a escuridão deixou a mente de Nienóri e

eis que o rio e os locais ressequidos do Foalókë já não estavam ao seu redor, mas havia terras profundas florestadas, e era hora do ocaso. Parecia-lhe que acordava de sonhos de horror dos quais não conseguia se lembrar, mas o pavor deles pendia sombrio no fundo de sua mente, e a memória de todas as coisas passadas estava turva. Então por muito tempo ela errou nas matas, e talvez tenha sido somente o feitiço que a manteve viva, pois estava muitíssimo afaimada e sedenta, e por sorte era verão, pois seus trajes estavam rasgados e seus pés, descalços e cansados, e ela muitas vezes chorava e caminhava sem saber para onde.

“Ora, certa vez, numa clareira da mata, divisou um acampamento como os dos Homens e, aproximando-se furtivamente devido à fome para espiá-lo, viu que ali viviam criaturas de compleição atarracada e desgraciosa, e tinham rostos mui malignos, e suas vozes e seu riso eram como o choque de pedra com metal. Estavam armados com espadas curvas e arcos de chifre, e ela foi tomada de medo ao observá-los, embora não soubesse que fossem Orques, pois jamais vira esses seres maléficos antes. Ora, ela se virou e fugiu, mas foi avistada, e um deles atirou uma flecha que estremeceu subitamente numa árvore ao seu lado conforme corria, e outros, vendo que era uma mulher jovem e bela, perseguiram-na, urrando e chamando de modo horrendo. Ora, Nienóri correu tanto quanto pôde na mata densa, mas logo se exauriu e estava muito perto da

captura e da terrível escravidão quando alguém irrompeu estrondeando pela mata, como se em resposta aos seus lamentáveis gritos.

“Seu cabelo era desgrenhado e negro, ainda que riscado de cinza, e seu rosto era pálido e vincado como se por profundos pesares do passado, e empunhava uma grande espada, completamente negra exceto pelos fios. Saltou com ela contra os Orques perseguidores e os derrubou, e eles logo fugiram, perplexos, e ainda que uns atirassem flechas a esmo entre as árvores, causaram poucos ferimentos, e cinco deles foram mortos.

“Então Nienóri sentou-se sobre uma pedra e, pela exaustão e aplacamento do medo, soluços a sacudiam e ela não conseguia falar; mas seu salvador ficou ao lado por um tempo, e admirou-se com sua beleza e por ela vagar assim sozinha nas matas, dizendo por fim: ‘Ó doce donzela da floresta, donde vieste, e qual seria teu nome?’

“‘Não, essas coisas não sei’, falou. ‘Mas parece-me que me desgarrei para muito longe do meu lar e do meu povo, e muitas coisas malignas sobrevieram no caminho, das quais nada a não ser uma nuvem paira na minha memória — não, não sei donde vim e nem aonde vou’ — e tornou a chorar, mas o homem falou, dizendo: ‘Então vê, chamar-te-ei de Níniel, a pequena das lágrimas’, e a isso ela ergueu o rosto para ele, e era muito doce, ainda que maculado pelo choro, e ela disse com olhar de assombro: ‘Não, Níniel não, Níniel não.’ Mas não conseguia se lembrar de mais nada,

e seu rosto encheu-se de aflição, ao que exclamou: ‘Não, quem és tu, guerreiro das matas; por que me importunas?’ ‘Turambar é meu nome’, disse ele, ‘e não tenho lar, nem clã, e nem passado para refletir, e vago para sempre’, e àquele nome o assombro da donzela se agitou novamente.

“‘Ora,’ disse Turambar, ‘seca tuas lágrimas, ó Níniel, pois encontraste a segurança que essa floresta pode oferecer. Vê, agora faço parte do pequeno povo da floresta, e temos uma morada aprazível numa clareira longe daqui, mas hoje, conforme quis tua sorte, saímos para caçar, sim, e para destruir Orques também, pois estamos passando por apuro ao defender nossos lares desses seres malignos.’

“Então Níniel (pois assim Turambar sempre a chamava, e ela aprendeu a empregá-lo como nome) foi com ele até seus camaradas e, fazendo poucas perguntas, subiram nos cavalos, e Turambar colocou Níniel à sua frente, e assim foram tão céleres quanto possível para longe do perigo dos Orques.

“Ora, na altura da contenda de Turambar com os Orques perseguidores, metade do dia já havia passado, mas percorreram léguas no caminho quando apearam mais uma vez, e a noite começava a cair. Já no pôr-do-sol Níniel tivera a impressão de que as matas eram menos densas e menos lúgubres, e o ar, menos cheio de maldade do que antes. Ora, eles montaram acampamento numa clareira, e as estrelas brilhavam acima, onde o dossel das árvores era ralo, mas Níniel deitou-se

um tanto apartada, e deram-lhe muitas peles para se cobrir do frio noturno, e assim ela dormiu mais suavemente do que o fizera em muitas noites, e as brisas beijavam-lhe o rosto, mas Turambar contou aos companheiros do encontro na floresta, e eles se perguntaram quem seria ela, ou como chegara perambulando até lá, como alguém sob um feitiço de cego esquecimento.

“Prosseguiram novamente no dia seguinte, e assim foi por muitos dias de jornada, até que, por fim, exaustos e desejosos de repouso, numa hora de sol a pino chegaram a uma torrente na floresta, e a seguiram por um trecho até alcançarem um ponto em que podiam vadeá-la devido à pouca profundidade e às rochas que estavam no curso; mas à direita deles ela mergulhava numa grande queda d’água e caía num precipício e, apontando, Turambar falou: ‘Agora estamos perto de casa, pois esta é a queda da Bacia de Prata’, mas Níniel, sem saber por quê, encheu-se de pavor e não conseguiu olhar para a beleza daquela água espumante. Ora, logo chegaram a lugares de árvores mais esparsas e a uma encosta na qual poucas cresciam, salvo aqui e ali algum carvalho antigo de grande circunferência, e o gramado aos seus pés era macio, pois a clareira fora aberta há muitos anos e era bastante ampla. Lá também havia um aglomerado de belas casas de madeira, e uma lavoura no entorno, e árvores frutíferas. A uma dessas casas, adornada com estranhos entalhes rústicos e com flores vivazes em volta, Turambar conduziu Níniel. ‘Vê’, disse ele, ‘minha

casa. Aqui, se desejares, hás de morar por ora, mas julgo ser um salão solitário, e há casas desse povo onde se encontram donzelas e mulheres, e nelas ficarias melhor.’ Assim foi que, depois, Nienóri morou com os caminheiros-da-floresta,[e] e após um tempo entrou para a casa de Bethos, um homem robusto que lutara, ainda que fosse menino na época, na Batalha das Lágrimas Inumeráveis. De lá ele fugiu, mas sua esposa era uma donzela-Noldo, segundo o conto, e muito bela, e belos também eram seus filhos e filhas, exceto o filho mais velho, Tamar Pé-coxo.

“Ora, conforme os dias passavam, Turambar passou a amar Níniel de fato muitíssimo, e além dele todo o povo a amava por sua grande beleza e doçura, e, no entanto, ela estava sempre meio pesarosa, e amiúde com a mente transtornada, como alguém que procura algo fora do lugar e que logo há de encontrar, ao que a gente dizia: ‘Quisera que os Valar retirassem o feitiço que jaz sobre Níniel.’ Contudo, na maior parte do tempo ela era mesmo feliz entre o povo e na casa de Bethos, e a cada dia ficava mais formosa, e Tamar Pé-coxo, que era pouco estimado, amava-a em vão.

“Chegaram então dias em que a vida parecia a Turambar ter júbilo novamente, e o amargor do passado foi ficando turvo e distante, e havia amor fresco em seu coração. Então ele pensou em deitar fora o seu fado para sempre, e viver a vida ali nos lares da floresta, com crianças à volta e, olhando Níniel, desejou se casar com ela. Passou então a

cortejá-la com frequência, mas embora fosse um homem de bravura e renome, ela o afastava, sem dizer sim ou não, mas ela mesma não sabia por quê, pois parecia ao seu coração que o amava profundamente, temendo por ele quando estava longe e provando da felicidade quando estava por perto.

“Ora, era um costume daquele povo obedecer a um chefe, o qual era escolhido por eles entre os homens mais valentes, e tal cargo ele ocupava até que por sua própria vontade renunciasse, estando doente ou avançado em anos, ou se fosse morto. E àquela época Bethos era o chefe; mas ele foi morto por má sorte em uma incursão não muito tempo depois — pois apesar da idade, ainda cavalgava para fora — e ocorreu que um novo capitão precisava ser escolhido. Assim, acabaram nomeando Turambar, pois sua linhagem — visto que se sabia entre eles que era filho de Úrin — era estimada entre esses valentes rebeldes a Melko, ao passo que[23] também se tornara um homem muito poderoso em todas as façanhas e alguém de sabedoria superior aos seus anos devido às suas vastas andanças e tratos com os Elfos.

“Vendo, portanto, o amor do novo chefe por Níniel, e achando que sabiam que ela o amava também, os homens começaram a dizer como ficariam contentes em ver seu senhor casado, e que era tolice esperar sem boa razão; e essa falação chegou aos ouvidos de Níniel e, por fim, ela consentiu em ser esposa de Turambar, e todos se alegraram com isso. Um grande banquete foi

feito, e houve canção e júbilo, e Níniel tornou-se senhora dos caminheiros-da-floresta, e passou a morar na casa de Turambar. Grande era a felicidade deles ali, embora às vezes um gélido presságio repousasse no coração de Níniel, mas Turambar estava em regozijo e dizia em seu coração: ‘Foi oportuno que me dei o nome de Turambar, pois eis que venci o destino maligno que estava tramado em redor de meus pés.’ O passado ele deitou fora, e a Níniel não falava muito sobre coisas idas, salvo de seu pai e de sua mãe e da irmã que não vira, mas Níniel sempre se abalava com tal conversa e ele não sabia por quê.[24] Mas de sua fuga dos paços de Tinwelint, da morte de Beleg e de seu retorno a Hisilómë ele jamais disse palavra, e a lembrança de Failivrin jazia encerrada no lugar mais fundo de seu coração, quase esquecida.

“Níniel nunca conseguia lhe dizer nada dos seus dias passados, e caso ele perguntasse, a aflição ficava escrita em seu rosto como se ele agitasse a superfície de sonhos sombrios, e às vezes ele se entristecia, mas isso não pesava muito sobre si.

“Ora, os dias se passam e Níniel e Turambar habitam em paz, mas Tamar Pé-coxo vaga pelas matas achando que o mundo é um lugar cruel e amargo, e amava Níniel muitíssimo e não conseguia reprimir seu amor. Mas eis que naqueles dias o Foalókë engordara, e tendo muitos bandos de Noldoli e Orques sujeitos a si, planejou estender seu domínio por toda parte. De fato, em muitos locais naqueles dias essas feras de Melko faziam

coisa parecida, estabelecendo seus próprios reinos de terror que floresciam sob o manto maligno do senhorio de Melko. E foi assim que os bandos de Glorund, o draco, assolaram atrozmente o povo de Tinwelint e, afinal, alguns chegaram muito rente até mesmo àquelas matas e clareiras amadas por Turambar e seu povo.

“Ora, os homens-da-floresta não fugiram, mas lidaram bravamente com seus inimigos, e a ira de Glorund, a serpe, foi mui grande quando lhe trouxeram notícias de uma gente corajosa dos Homens que habitava muito longe do rio, e que seus saqueadores não conseguiram subjugá-la. De fato, conta-se que apesar do ardil de seus desígnios cruéis, ele ainda não sabia onde era a morada de Turambar ou de Nienóri; e, em verdade, naqueles dias parecia que a sorte sorriu por um tempo para Turambar, pois seu povo cresceu e tornou-se próspero, e muitos escaparam até mesmo da mais remota Hisilómë e chegaram até ele, e juntou estoque de riquezas e bens, pois todas as suas batalhas traziam-lhe vitória e butim. Turambar e Níniel tornaram-se como rei e rainha, e havia canção e júbilo nas clareiras de sua morada, e muita felicidade em seus salões. E Níniel concebeu.[25]

“Muito disso os espiões relataram ao Foalókë, e sua ira foi terrível. Ademais, sua cobiça foi grandemente atiçada, de modo que, após ponderar muito, montou uma guarda em que poderia confiar para vigiar sua habitação e seu tesouro, e o capitão dela era Mîm, o anão.[26] Então,

deixando as cavernas e os locais de seu sono, cruzou os riachos e adentrou as matas, e elas se abrasavam diante dele. Rapidamente essas notícias chegaram a Turambar, mas ele por ora não estava temeroso, e nem de fato deu muita atenção ao relato, pois havia um longuíssimo caminho entre o lar dos homens-da-floresta e as cavernas da serpe. Mas o coração de Níniel pesou, e embora ela não soubesse por quê, um fardo de pavor e tristeza jazia sobre ela, e após aquela notícia ela raramente sorriu, ao que Turambar espantou-se e se entristeceu.

“Ora, durante esse tempo, o Foalókë arrasta-se pelas matas profundas, e um rastro de desolação fica para trás e, no entanto, conforme rastejava um longo período se passou, até que, vede!, de súbito um grupo dos homens-da-floresta deparou-se desprevenido com ele, dormindo nas matas em meio às árvores partidas. Desses, muitos foram dominados pelo hálito nocivo da fera e depois foram mortos; mas dois, partindo a toda velocidade, trouxeram novas ao seu senhor, dizendo que o relato de outrora tinha fundamento, e em verdade agora o draco se arrastava mesmo para dentro dos confins do seu reino; e, dizendo isso, caíram desfalecidos aos seus pés.

“Ora, o dragão estava em uma baixada, e havia um pequeno morro não muito longe, ilhado no meio das árvores, mas ele mesmo não muito arborizado, de onde se podia avistar, ainda que muito a distância, grande parte da região agora devastada pela passagem do draco. Havia também

uma torrente que corria pela floresta naquela região entre o draco e as casas dos homens-da-floresta, mas o seu curso passava bem rente ao dragão, e era uma torrente estreita, com margens profundamente fendidas e cobertas por árvores. Portanto, Turambar tinha como propósito levar seus homens mais corajosos àquele outeiro para observar em segredo, se pudessem, os movimentos do dragão, de modo a talvez conseguirem arremeter contra ele quando estivesse em desvantagem, dando um jeito de matá-lo, pois aí estava a melhor esperança deles. Não permitiu que esse grupo fosse muito numeroso, e o restante, ao seu comando, pegou em armas e vasculhou o entorno, temendo que hostes de Orques tivessem vindo com seu senhor, a serpe. Mas não era o caso, pois ele viera sozinho, confiando em seu poder subjugador.

“Ora, quando Turambar aprontou-se para partir, Níniel implorou para cavalgar ao seu lado, e ele consentiu, pois a amava e pensava que, caso ele tombasse e o draco vivesse, então ninguém daquele povo poderia ser salvo, e gostaria de ter Níniel consigo, quiçá na esperança de pelo menos arrancá-la das garras da serpe, morrendo por suas próprias mãos ou pelas de algum de seus vassalos.

“Juntos cavalgaram então Turambar e Níniel, como aquela gente os conhecia, e atrás havia uma vintena de bons homens. Ora, a distância até o outeiro entre as árvores eles percorreram em um dia de jornada e, embora contrariando as ordens e o conselho de Turambar, seguia-os furtivamente

uma grande quantidade do seu povo, até mesmo mulheres e crianças. O engodo de um estranho pavor os sustentava, e alguns pensavam em ver uma grande luta, e outros seguiam o restante sem refletir muito, mas ninguém pensava em ver o que, no fim, seus olhos viram; e eles não seguiam muito de longe, pois a companhia de Turambar ia devagar e cautelosa. Então, quando primeiro Turambar permitiu que ela cavalgasse ao seu lado, Níniel ficou mais alegre do que estivera havia muito tempo, e ela clareava o presságio nos corações daqueles homens; mas eles logo chegaram a um local não muito longe do sopé do outeiro, e ali o coração dela pesou, e em verdade uma escuridão sobreveio a todos.

“E, no entanto, era muito belo aquele lugar, pois aí fluía a mesma torrente que, mais adiante em seu curso, meandrava pelo covil do dragão num leito profundo, fendido na terra; e ela descia veloz e gélida das colinas para além das casas dos homens-da-floresta, e caía numa grande cascata onde as rochas desgastadas pela água projetavam-se, lisas e cinzentas, no meio da relva. Ora, essa era a cabeceira daquela queda d’água que os homens-da-floresta chamavam de Bacia de Prata, pela qual passaram Turambar e Níniel outrora, indo para casa quando resgataram Níniel pela primeira vez. A altura daquela queda era grandiosa, e as águas tinham uma voz alta e musical, derramando-se numa espuma prateada muito abaixo, onde haviam aberto uma grande cavidade nas rochas; e essa cavidade era

sombreada por árvores e arbustos, mas o sol atravessava e cintilava sobre o borrifo; e cingindo a cabeceira da cascata havia uma clareira e um gramado verde onde crescia uma abundância de flores, e os homens amavam aquele lugar.

“Ali Níniel de súbito chorou, e atirando-se sobre Turambar implorou-lhe que não tentasse o fado, mas, antes, que fugisse com ela e todo o seu povo, conduzindo-os a terras distantes. Mas, olhando-a, ele disse: ‘Não, minha Níniel, nem tu e nem eu morreremos neste dia, e nem amanhã, seja pelo mal do dragão ou pelas espadas dos inimigos’, mas ele não sabia como suas palavras seriam cumpridas; e ao ouvi-las Níniel reprimiu o choro e ficou muito quieta. Assim, tendo descansado um pouco aí, os guerreiros depois escalaram o morro e Níniel foi com eles. Do cimo conseguiam ver ao longe uma ampla área onde todas as árvores estavam partidas e as terras, laceradas[27] e abrasadas, e o solo estava enegrecido, mas próximo à orla das árvores que ainda estavam ilesas, o que não era longe da beira do profundo precipício do rio, erguia-se uma fumaça fina de grande negror e os homens disseram: ‘Ali jaz a serpe.’

“Então disseram conselhos de muitos tipos em cima aquele teso, e os homens temiam investir abertamente contra o dragão de dia ou de noite, se estivesse acordado ou adormecido e, vendo seu pavor, Turambar deu-lhes um conselho que foi acatado, e foram estas as suas palavras: ‘Falastes certo, ó caçadores das florestas, que nem de dia e

nem de noite os homens esperam pegar o dragão de Melko desprevenido, e vede, este aqui causou devastação à sua volta, e a terra foi calcada de tal forma que ninguém pode se aproximar às escondidas. Portanto, quem tiver coragem há de vir comigo, e desceremos as rochas até o pé da cascata e, trilhando o caminho da torrente, talvez consigamos chegar tão perto quanto possível do draco. Então, devemos escalar, se pudermos, até chegarmos embaixo da margem mais próxima, e então esperar, pois acredito que o Foalókë não vai repousar por muito mais tempo até se arrastar rumo às nossas casas. Assim, ele deverá ou cruzar essa torrente funda, ou desviar-se muito de suas trilhas, pois ficou grande demais para rastejar pelo leito. Ora, não penso que se desviará, pois para o grande Foalókë das cavernas douradas aquilo não passa de uma vala, um sulco estreito cheio de água corrente. Se, contudo, ele provar que estou errado e não vier por este caminho, uns poucos de vós devereis reunir coragem em vossos corações, esforçando-vos para atraí-lo cautelosamente de volta através da torrente, de modo que nós, escondidos, possamos trazer-lhe sua ruína, pungindo-o por baixo, pois a couraça dessas serpes vis é de pouco valor sob a barriga.’

“Ora, daquele grupo apenas seis prontamente se apresentaram para ir com Turambar e, ao ver isso, disse que imaginara haver mais do que seis homens corajosos em seu povo, mas depois disso, não permitiu que nenhum dos outros fosse consigo, afirmando que os seis estariam melhor

sem o estorvo dos medrosos. Então Turambar disse adeus a Níniel, e eles se beijaram no cimo do morro, e era então fim de tarde, e o coração de Níniel ficou como pedra devido ao pesar; e toda aquela companhia desceu até a cabeceira da Bacia de Prata, e ali ela contemplou seu senhor baixando até a base da cascata com seus seis companheiros. Ora, quando ele havia desaparecido lá embaixo, ela ralhou com aqueles que não se atreveram a ir e, envergonhados, não responderam, esgueirando-se de volta para o teso, e observaram na direção do covil do dragão, e Níniel sentou-se ao lado da água, olhando adiante, e não chorou, mas estava angustiada.

“Ninguém ficou ao seu lado, salvo apenas Tamar, que fora com aquela companhia sem ser convidado, e ele a amara desde que ela primeiro morou nos salões de Bethos, e outrora pensara em conquistá-la antes que Turambar a tomasse. A manqueira de Tamar o acompanhava desde a infância e, no entanto, ele era sábio e gentil, ainda que tido em baixa conta por aquele povo, para quem força significava segurança e a coragem era o maior orgulho dos homens. Contudo, agora Tamar carregava uma espada, e muitos zombaram dele por isso, mas ele se regozijou com a oportunidade de guardar Níniel, embora ela não o notasse.

“Agora é preciso contar que Turambar chegou ao local que desejava depois de muito se esforçar no leito rochoso da torrente e junto de seus homens escalou com dificuldade a lateral íngreme daquela

ravina. Logo abaixo da borda, abrigaram-se em umas árvores que pendiam dali, e não muito longe conseguiam escutar a respiração alta da fera, e alguns dos seus companheiros se desesperaram.

“A escuridão já caíra, e ficaram ali a noite toda, e havia uma cintilação estranha onde o dragão repousava, e barulhos pavorosos e um tremor quando ele se mexia, e à chegada da aurora Turambar viu que só lhe sobraram três companheiros, e maldisse os outros por sua covardia, e nenhum conto diz para onde fugiram aqueles infiéis. Nesse dia, aconteceu tudo conforme Turambar planejara, pois o draco começou a se movimentar e arrastou-se lentamente para beira do precipício sem se desviar, procurando passar por cima e, assim, chegar aos lares dos homens-da-floresta. Ora, o terror de sua aproximação foi grandioso, pois a terra sacudiu, e aqueles três temiam que as árvores que os sustentavam tivessem as raízes afrouxadas e caíssem na torrente rochosa lá embaixo. As folhas das árvores que cresciam por perto também murcharam com o hálito da serpente, mas eles não se feriram pela proteção da margem.

“Afinal o draco chegou à beira da torrente, e a visão de sua cabeça maligna e de suas mandíbulas gotejantes era hedionda ao extremo, e eles as viram com clareza e ficaram aterrorizados, temendo que ele também pudesse avistá-los, pois estava atravessando fora do ponto que Turambar havia escolhido para se esconder por causa da

estreiteza do precipício ali e de sua menor profundidade. Em vez disso, ele começou a içar-se através da ravina um pouco abaixo deles, e assim, escorregando do lugar em que estavam, Turambar e seus homens alcançaram o leito tão rapidamente quanto possível e chegaram embaixo da barriga da serpe. O calor aí era tão grande e o fedor tão repugnante que seus homens foram tomados de um terror tremendo e não se atreveram a escalar a margem novamente. Então, em sua ira, Turambar teria voltado a espada contra eles, mas eles fugiram, e foi assim que escalou o paredão sozinho até chegar rente à parte de baixo do corpo do dragão, e ele vacilou em virtude do calor e do fedor, e agarrou-se a um arbusto vigoroso.

“Então, aguardando até que um ponto muito vital e desprotegido estivesse ao alcance de seu golpe, ele ergueu Gurtholfin, sua espada negra, e pungiu com toda a força acima de sua cabeça, e a lâmina mágica dos Rodothlim penetrou as vísceras do dragão até o cabo, e o estertor de sua dor fatal varou as matas e todos os que o ouviram ficaram aterrorizados.

“Então o draco contorceu-se horrivelmente e as imensas espirais de suas torções eram terríveis de se ver, e arrebentou todas as árvores perto do lugar em que agonizava. Ele havia quase atravessado o precipício quando Gurtholfin o perfurou, e então se atirou na margem oposta e devastou tudo à volta, e ricocheteava e se enrolava e emitia gritos e urros tamanhos que faziam até o mais valente empalidecer e virar-se

para fugir. Ora, os que estavam ao longe pensaram que era o ruído medonho da batalha entre os sete, Turambar e seus companheiros,[28] e pouca esperança tinham de jamais ver qualquer um deles retornando, e o coração de Níniel morreu dentro de si ao ouvir esses sons; mas lá embaixo na ravina, os três pusilânimes que tinham observado Turambar de longe fugiram de volta para a catarata aterrorizados, e Turambar agarrou-se perto da beira do precipício, pálido e tremendo, pois estava exaurido.

"Afinal cessaram aqueles ruídos de horror e ergueu-se uma grande fumaça, pois Glorund estava morrendo. Então, com intrepidez extrema, Turambar saiu sozinho de seu esconderijo, pois na agonia do Foalókë sua espada lhe fora arrancada da mão antes que pudesse recolhê-la, e ele estimava Gurtholfin mais do que todas as suas posses, pois todas as coisas — pessoa ou animal — morriam quando seu gume as mordia uma só vez. Agora Turambar conseguia ver onde o dragão jazia, e ele estava rígido, estirado de lado, e Gurtholfin ainda estava em sua barriga; mas continuava a respirar.

"Ainda assim, Turambar foi até ele lentamente e pôs o pé sobre seu corpo, mal conseguindo retirar Gurtholfin com toda sua força, mas assim que o fez, disse no triunfo do seu coração: 'Agora nos encontramos novamente, ó Glorund, tu e eu, Turambar, a quem um dia chamaram de valente';[29] mas conforme ele falava, o sangue maligno jorrou daquela ferida sobre de sua mão e a queimou, e

ela murchou, ao que gritou subitamente de dor. Então o Foalókë, abrindo os olhos pavorosos, olhou para ele, e ele desfaleceu ao lado do draco e a espada estava debaixo dele.

“Assim o dia se arrastou, e nenhuma notícia chegava ao cimo do morro, e Níniel não conseguia mais suportar a angústia e levantou-se, fazendo menção de ir embora da clareira sobre a catarata, e Tamar Pé-coxo disse: ‘O que pensas fazer?’, mas ela replicou: ‘Quero buscar meu senhor e jazer morta ao seu lado, pois tenho para mim que está morto’, e ele procurou dissuadi-la, sem sucesso. E conforme caía a noitinha, aquela bela senhora andava pela floresta, e não queria que Tamar a seguisse, mas, vendo que o fazia, ela correu cegamente entre as árvores, rasgando as roupas e lanhando o rosto em locais com arbustos espinhosos, e Tamar, por ser manco, não conseguia acompanhá-la. E assim a noite desceu nas matas e tudo estava quieto, e um grande pavor por Níniel tomou conta de Tamar, de modo que ele maldisse sua fraqueza, e seu coração se amargurou, mas não parou de segui-la tão rápido quanto podia e, perdendo-a de vista, desviou seu curso na direção daquela parte da floresta perto da ravina onde a última batalha da serpe fora travada, pois ela em verdade podia ser percebida pelos espectadores no morro. Ora, quando a noite já ia alta, uma lua brilhante se ergueu e Tamar, que vagara amiúde sozinho por toda parte desde os lares dos homens-da-floresta, conhecia aquelas regiões e chegou afinal às franjas da desolação

que o dragão causara em sua agonia; mas o luar estava muito brilhoso, e parando entre os arbustos perto das beiras daquele lugar, Tamar ouviu e viu tudo o que se passou ali.

“Eis que Níniel havia chegado então àqueles lugares não muito antes dele, e imediatamente ela correu destemida para o campo aberto, por amor a seu senhor, e assim o encontrou caído com a mão ressequida, desmaiado de través sobre a espada; mas não deu atenção à fera imensa que jazia estirada ali, e caindo do lado de Turambar, chorou, e beijou-lhe o rosto, e pôs bálsamo em sua mão, pois o tinha trazido numa caixinha quando partiram, temendo que muitas feridas seriam infligidas antes que os homens retornassem ao lar.

“Mas Turambar não despertou ao seu toque, nem se mexeu, e ela gritou, pensando que ele agora estava morto, decerto: ‘Ó Turambar, meu senhor, desperta, pois a serpente de ira está morta e só eu estou por perto!’ Mas eis que, a essas palavras, o draco se mexeu pela última vez e voltando-lhe os olhos perniciosos antes de cerrá-los para sempre, falou: ‘Ó Nienóri, filha de Mavwin, alegra-te em saber por mim que encontraste teu irmão afinal, pois a busca foi exaustiva — e ele agora se tornou um homem poderoso e um esfaqueador oculto de seus inimigos’; mas Nienóri ficou sentada, atônita, e com isso Glorund morreu, e ao morrer o véu de seus feitiços descaiu dela, e toda a sua memória clareou, e também não se esqueceu de nada que lhe acontecera desde que caiu pela primeira vez sob a magia da serpe; de

modo que seu vulto chacoalhava de horror e angústia. Então saltou de pé, lívida sob a lua, e fitando Turambar com os olhos arregalados, falou alto: ‘Então tua sina está cumprida, por fim. Bem estás morto, ó mais infeliz’, mas, desvairada com sua desgraça, subitamente fugiu daquele lugar e foi-se embora desenfreada, como louca, para onde quer que seus pés a levassem.

“Mas Tamar, cujo coração estava entorpecido de pesar e comiseração, seguiu como pôde, cuidando pouco de Turambar, pois todo o seu coração se enchia de ira pelo fado de Nienóri. Ora, a torrente e o profundo abismo interpunham-se no caminho dela, mas aconteceu que ela desviou antes de chegar às margens, e seguiu seu curso sinuoso por lugares pedregosos e espinhentos até chegar uma vez mais à clareira na cabeceira daquela grande catarata rugidora, e ela estava vazia conforme a primeira luz cinzenta de um novo dia filtrava-se pelas árvores.

“Ali se deteve e, parada, disse a si mesma: ‘Ó águas da floresta, aonde vades? Quereis levar Nienóri, Nienóri filha de Úrin, cria da desgraça? Ó vós, espumas brancas, quisera eu que me pudésseis banhar — mas fundas, fundas devem ser as águas para lavar minha memória dessa maldição inominável. Ó levai-me até lá, muito, muito longe, onde estão as águas do mar deslembrado. Ó águas da floresta, aonde vades?’ Então, parando de repente, lançou-se das bordas da catarata e pereceu lá embaixo, onde ela espumava sobre as rochas; mas naquele momento

o sol se ergueu acima das árvores, e a luz caiu nas águas, e as águas rugiram indiferentes por sobre a morte de Nienóri.

“Ora, tudo isso Tamar observou, e a luz do novo sol parecia-lhe escura, mas, dando as costas àqueles lugares, foi ao teso e lá já se havia reunido grande número de pessoas, e entre elas estavam os três que tinham abandonado Turambar por último, e eles inventaram uma estória para os ouvidos do povo. Mas quando Tamar chegou, postou-se subitamente diante deles, e seu semblante era terrível de se ver, de modo que um murmurinho correu entre eles: ‘Ele está morto’; mas outros disseram: ‘O que então aconteceu à pequena Níniel?’ — mas Tamar gritou: ‘Ouvi, ó meu povo, e dizei se há algum fado como este que vos contarei, ou alguma desgraça tão pesada. O draco está morto, mas ao seu lado jaz Turambar, também morto, ele mesmo que primeiro foi chamado de Túrin, filho de Úrin,[30] e isso é bom; sim, muito bom’, e a gente rumorejou, espantando-se com o que ele falava, e uns disseram que estava louco. Mas Tamar disse: ‘Pois sabei, ó povo, que Níniel — a bela amada de todos vós e que amei mais do que meu próprio coração — está morta, e as águas rugem por cima dela, pois saltou sobre as quedas da Bacia de Prata, desejando nunca mais ver a luz do dia. Agora está encerrado todo esse feitiço maligno, agora a sina de todo o povo de Úrin cumpriu-se terrivelmente, pois ela a quem vós chamáveis de Níniel era em verdade Nienóri, filha de Úrin, e isso ela descobriu

antes de morrer, e isso ela contou às matas bravias e o eco chegou até mim.’

“A essas palavras os corações de todos os que ali estavam se partiu de tristeza e terror, mas ninguém se atreveu a ir até o local da aflição daquela bela senhora, pois um espírito infeliz ainda mora lá e ninguém põe os pés naquele relvado; mas grande remorso varou os corações daqueles três covardes e, esgueirando-se para longe da turba, foram procurar o corpo de seu senhor, e eis que o encontraram se mexendo e vivo, pois quando o dragão morreu o desfalecimento perdeu efeito sobre ele, e ele dormiu sono profundo por exaustão, mas agora estava acordando e tinha dores. Enquanto aqueles três estavam ali parados, ele falou, e disse ‘Níniel’, e àquele nome eles cobriram os rostos por pena e horror e não conseguiram olhá-lo, mas depois o instigaram e eis que ele se alegrou muito de sua vitória; mas, notando sua mão subitamente, falou: ‘Vede! Alguém cuidou de minha ferida com destreza — quem pensais que o fez?’ — mas eles não responderam, pois suspeitavam. Ora, assim Turambar foi levado, debilitado e ferido, de volta para seu povo, e um deles foi na frente e exclamou que seu senhor vivia, mas os homens não sabiam se estavam contentes; e conforme chegou entre eles, muitos viraram a cara, escondendo a perplexidade de seus corações e as lágrimas, e ninguém se atreveu a falar.

“Mas Turambar disse aos que estavam perto: ‘Onde está Níniel, minha Níniel? Pois pensei que a

encontraria aqui em júbilo — mas se ela preferiu voltar aos meus salões, então está bem', e aqueles que ouviam não conseguiram mais conter o pranto, e Turambar se ergueu, exclamando 'Que nova desgraça é essa? Falai, falai, minha gente, e não me tortureis!' E alguém disse: 'Ai, meu senhor, Níniel está morta', mas Turambar vociferou asperamente contra os Valar e seu fado de desgraça, e outro disse, por fim: 'Sim, ela está morta, pois caiu nas profundezas da Bacia de Prata', mas Tamar, que estava ao lado, murmurou: 'Não, ela se atirou lá.' Então Turambar, entreouvindo essas palavras, agarrou-o pelo braço e exclamou: 'Fala, ó coxo, fala o que significam tuas palavras repugnantes, ou hás de perder a língua', pois seu tormento era terrível de se ver.

"Ora, o coração de Tamar estava muito abalado e dorido pelas coisas pavorosas que vira e ouvira, e pela longa desesperança de seu amor por Níniel, ao que subitamente inflamou-se dentro dele a ira contra Turambar e, rechaçando seu toque, falou: 'Uma donzela tu encontraste nas matas bravias, e deste-lhe um nome jocoso, e tu e toda a gente a chamavam de Níniel, a pequena das lágrimas. Cruel foi tua jocosidade, Turambar, pois eis que ela se atirou cega de horror e em desgraça, desejando jamais te ver novamente, e o nome pelo qual chamou a si mesma à morte foi Nienóri, filha de Úrin, cria da desgraça, e nem todas as águas da Bacia de Prata caindo nas profundezas seriam capazes de verter todo o conto de lágrimas sobre Níniel.'

“Então Turambar, com um rugido, tomou-lhe pela garganta e o sacudiu, dizendo: ‘Tu mentes, filho maligno de Bethos’, mas Tamar ofegou: ‘Não, maldito; assim falou Glorund, o draco, e Níniel, ao ouvir, soube que era verdade.’ Mas Turambar disse: ‘Então vai conversar em Mandos com teu Glorund’, e assassinou-o à vista do povo e partiu desvairado, vociferando ‘Está mentindo, está mentindo!’; e, contudo, estando agora livre da cegueira e dos sonhos em seu profundo coração, sabia que era verdade e que seu destino enfim se cumprira.

“Assim ele deixou seu povo para trás e andou alheado pelas matas, chamando sempre por Níniel, até que as florestas passaram a reverberar muito sinistramente com aquele nome, e sua andança o levava em círculos sempre de volta para a clareira da Bacia de Prata, e ninguém ousara segui-lo. Lá brilhava o sol da tarde, e eis que todas as árvores estavam secas, por mais que ainda fosse alto verão, e havia nas folhas um ruído como o do outono morrente. Todas as flores e a relva estavam ressequidas, e a voz da água que caía era mais infeliz do que as lágrimas pela morte da alva donzela Nienóri, filha de Úrin, que lá estivera. Turambar postou-se ali, finalmente exausto, e, sacando a espada, disse: ‘Salve, Gurtholfin, vara da morte, pois tu és a ruína de todos os homens, e a vida de todos os homens aprazer-te-ia beber, sem ter senhor e nem lealdade senão à mão que te empunha, caso seja forte. Tenho apenas a ti agora — mata-me, portanto, e sê breve, pois a

vida é uma maldição, e todos os meus dias são uma imundície rastejante, e todos os meus feitos são vis, e todos os que amo estão mortos.’ E Gurtholfin disse: ‘Isso farei contente, pois sangue é sangue, e talvez o teu não seja menos doce do que muitos que me ofertaste até hoje’; e Turambar atirou-se no gume de Gurtholfin e a lâmina escura tirou-lhe a vida.

“Mas depois vieram alguns timidamente e o levaram embora, depondo-o num local ali perto, e ergueram um grande teso por cima dele, e depois arrastaram até ali uma grande rocha de superfície lisa, e nela foram entalhados estranhos sinais que o próprio Turambar lhes ensinara em dias mortos, trazendo o saber das cavernas dos Rodothlim, e aquela inscrição dizia:

Turambar, matador de Glorund, a Serpe
que era também Túrin Mormakil
Filho de Úrin das Matas

e debaixo disso entalharam o nome ‘Níniel’ (ou filha das lágrimas); mas ela não estava lá, e nenhum homem sabe onde as águas depositaram seu vulto formoso.”

Nisso, Eltas parou de falar, e de súbito todos os que ouviam choraram; mas ele disse: “Sim, é um conto infeliz, pois o pesar sempre andou longe em meio aos Homens e ainda o faz, mas naqueles dias selvagens coisas mui terríveis foram feitas e sofridas; e, no entanto, de raro Melko devisou

crueldade maior, e não conheço conto mais lamentável.”

Então, depois de um tempo alguns o questionaram a respeito de Mavwin e Úrin e dos eventos posteriores, e ele disse: “Ora, de Mavwin não se preservou registro seguro como o do conto de Túrin Turambar, seu filho, e muitas coisas são ditas, e algumas diferem entre si; mas isto vos posso dizer, que depois desses feitos terríveis o povo da floresta não se dispôs mais a morar naquele lugar, e eles partiram para outros vales da mata e, no entanto, uns poucos permaneceram tristemente próximo de seus antigos lares; e certa vez chegou uma dama idosa vagando pela floresta, e ela se deparou com a rocha entalhada. Um daqueles homens-da-floresta lhe disse o significado dos sinais, e contou-lhe toda a história, conforme se lembrava — mas ela ficou em silêncio, e não falou nem se moveu. Então ele disse: ‘Teu coração está pesado, pois é um conto que leva todos os homens às lágrimas.’ Mas ela falou: ‘Sim, meu coração está mesmo infeliz, pois sou Mavwin, mãe desses dois’, e o homem percebeu que aquele longo conto de pesar ainda não tinha chegado ao fim — mas Mavwin se ergueu e passou para as matas, chorando angustiada, e por muito tempo assombrou aquele lugar, de modo que o homem-da-floresta e seu povo fugiram e nunca mais voltaram, e ninguém sabe dizer se era mesmo Mavwin que ia até lá ou seu fantasma sombrio que não queria voltar a Mandos em virtude de sua grande infelicidade.[31]

“No entanto, conta-se que Úrin viu todos esses eventos terríveis pela magia de Melko, e era constantemente tentado por aquele Ainu a sucumbir à sua vontade, e não o fazia; mas quando a sina de seu povo foi cumprida por inteiro, então Melko pensou em usar Úrin de maneira diferente e mais sutil, e o libertou daquele lugar elevado e repugnante onde estivera sentado por muitos anos com o coração atormentado. Mas Melko foi ter com ele, e falou-lhe com maldade sobre os Elfos, e acusou especialmente Tinwelint[32] de fraqueza e pusilanimidade. ‘Não consigo compreender’, disse ele, ‘por que ainda há Homens grandes e sábios que confiam na amizade dos Elfos e, tornando-se tolos o bastante para resistir ao meu poder, triplicam sua tolice ao buscarem ajuda segura dos Gnomos ou Fadas. Vê, ó Úrin, não fosse o coração débil de Tinwelint da floresta, como meus desígnios poderiam acontecer? E talvez agora Nienóri vivesse e Mavwin, tua esposa, não estivesse chorando, mas, sim, contente por recuperar o filho. Vai então, ó tolo, e volta a comer o pão amargo dado por caridade nos paços de teus belos amigos.’

“Então Úrin, curvado pelos anos e pelo sofrimento, partiu sem ser importunado dos reinos de Melko e chegou a terras mais benfazejas, mas a todo momento ponderava sobre o que Melko dissera, e a trama ardilosa de verdades entrelaçadas com falsidade nublava o juízo de seu coração, e seu espírito estava muitíssimo amargurado. Ora, ele reuniu junto de si, portanto,

um bando de Elfos selvagens,[33] e eles se haviam tornado um povo feroz e sem lei que não morava com sua gente, a qual os expulsara para as colinas para viver ou morrer como lhes aprouvesse. Assim, certa vez Úrin os conduziu às cavernas dos Rodothlim, e eis que os Orques haviam fugido dali quando da morte de Glorund, e apenas um ainda morava lá, um velho anão deformado que sempre se sentava na pilha de ouro, cantando sombrias canções de encantamento para si mesmo. Mas ninguém até então se achegara para espoliá-lo, pois o terror do draco viveu mais tempo do que ele mesmo, e ninguém se aventurara até lá novamente por pavor do próprio espírito de Glorund, a serpe.[34] Agora, portanto, quando esses Elfos se aproximaram, o anão postou-se diante dos portões da caverna que outrora fora a morada de Galweg e exclamou: ‘Que quereis comigo, ó proscritos das colinas?’ Mas Úrin respondeu: ‘Viemos tomar o que não é teu.’ Então disse o anão, cujo nome era Mîm: ‘Ó Úrin, não esperava te ver, um senhor de Homens, na companhia de tamanha súcia. Ouve agora as palavras de Mîm, o sem-pai, e vai embora, sem tocar neste ouro como se ele fosse fogo venenoso. Pois Glorund refestelou-se por longos anos sobre ele, e a malignidade dos dracos de Melko está nele, e nenhum bem ele pode trazer a Homem ou Elfo, e eu, somente eu, posso guardá-lo — Mîm, o anão — e atei-o com muitos feitiços sombrios a mim mesmo.’ Então Úrin vacilou, mas seus homens iraram-se com isso, de modo que ordenou que

pegassem tudo, e Mîm ficou ao lado e observou, e irrompeu em imprecações terríveis e malignas. A isso, Úrin o golpeou, dizendo: ‘Viemos tomar somente o que não é teu — mas por tuas palavras malignas tomaremos o que é teu também, até mesmo a tua vida.’

“Mas, morrendo, Mîm disse a Úrin: ‘Agora Elfos e Homens hão de se arrepender por este feito, e por causa da morte de Mîm, o anão, a morte há de seguir esse ouro enquanto ele permanecer na Terra, e do mesmo fado há de partilhar toda quota e quinhão do todo.’ E Úrin estremeceu, mas seu povo gargalhou.

“Ora, Úrin fez seus seguidores levarem o ouro aos paços de Tinwelint, e eles resmungaram por isso, mas ele falou: ‘Será que vos tornastes como os dracos de Melko, deitando-se e chafurdando-se em ouro, sem querer outra alegria? Se levardes este tesouro até ele, tereis vida mais doce na corte desse rei ganancioso do que todo o ouro de Valinor vos pode proporcionar nas matas vazias.’

“Ora, seu coração estava amargurado com Tinwelint, e desejava vingança, como se pode ver. Tamanho era o tesouro que, por maior que fosse a companhia de Úrin, quase não conseguiram levá-lo às cavernas de Tinwelint, o rei, e dizem que um tanto ficou para trás, e um tanto se perdeu no caminho, e o mal acossou para sempre aqueles que o encontraram.

“Por fim, contudo, aquela hoste carregada chegou à ponte diante das portas e, questionado pelos guardas, Úrin disse: ‘Diz ao rei que Úrin, o

Resoluto, chegou trazendo presentes', e assim foi feito. Então Úrin fez colocarem aquela magnificência diante do rei, mas ela estava oculta em sacas ou encerrada em caixas de madeira tosca; e Tinwelint cumprimentou Úrin com júbilo e espanto, e deu-lhe as boas-vindas três vezes, e ele e toda a corte se ergueram em honra àquele senhor de Homens; mas o coração de Úrin estava cego em razão dos seus anos de tormento e das mentiras de Melko, e ele disse: 'Não, ó Rei, não desejo ouvir tais palavras — diz apenas onde está Mavwin, minha esposa; e sabes se Nienóri, minha filha, está morta?' E Tinwelint disse que não sabia.

"Então Úrin contou tudo com ferocidade, e o rei e todo o povo à sua volta cobriram os rostos por grande pena, mas Úrin falou: 'Ora,[35] se tiveste tido a fibra que tem o menor dos Homens, eles nunca se teriam perdido; mas vê, trago-te agora uma paga por todas as atribulações do teu bando insignificante que investiu contra Glorund, o draco, e que, ao desertarem, entregaram os meus amados ao seu poder. Ó Tinwelint, contempla docemente os meus presentes, pois tenho para mim que o brilho do ouro é tudo o que teu coração contém.'

"Então os homens deitaram aquele tesouro aos pés do rei, descobrindo-o de modo que toda a corte ficou atordoada e pasmada — mas agora os homens de Úrin compreendiam o que passava, e não ficaram contentes. 'Eis o tesouro de Glorund', disse Úrin, 'comprado pela morte de Nienóri com o sangue de Túrin, matador da serpe. Pega, ó rei

poltrão, e alegra-te de que há Homens corajosos para conquistar riquezas para ti.’

“E as palavras de Úrin foram demais para Tinwelint suportar, e ele disse: ‘O que queres dizer, filho de Homens, e por que me repreendes?[36] Por muito tempo acolhi teu filho e perdoei a maldade de seus feitos, e depois socorri tua esposa, cedendo aos seus desejos insanos contra meu alvitre. É Melko quem te odeia, não eu. E, no entanto, o que tenho com isso — e por que tu, da rude raça dos Homens, te prestas a repreender um rei dos Eldalië? Vê! Minha vida começou em Palisor incontáveis anos antes de o primeiro Homem despertar. Vai-te embora, Úrin, pois Melko te enfeitiçou, e leva tuas riquezas contigo’ — mas ele se absteve de matar ou atar Úrin com encantamentos, lembrando-se de sua antiga valentia na causa dos Eldar.

“Então Úrin partiu, mas não quis tocar no ouro e, avançado em anos, chegou a Hisilómë e morreu entre os Homens, mas suas palavras perduraram, gerando estranhamento entre Elfos e Homens. No entanto, conta-se que quando morreu seu fantasma voltou às matas procurando Mavwin, e por muito tempo os dois assombraram as florestas em torno da catarata da Bacia de Prata, lamuriando-se pelos filhos. Mas os Elfos de Kôr disseram, e eles sabem, que Úrin e Mavwin foram no fim até Mandos, e Nienóri não estava lá e nem Túrin, seu filho. Turambar de fato seguira Nienóri pelas trilhas negras até as portas de Fui, mas Fui não quis abri-las a eles, e nem Vefántur. No

entanto, as preces de Úrin e Mavwin chegaram até mesmo a Manwë, e os Deuses tiveram piedade de seu fado infeliz, de modo que aqueles dois, Túrin e Nienóri, entraram em Fôs'Almir, o banho de flama, da mesma forma que Urwendi e suas donzelas o haviam feito em eras passadas antes do primeiro erguer do Sol, e assim todos os seus pesares e todas as suas máculas foram lavadas, e eles habitaram como Valar luzentes entre os sagrados, e agora o amor entre irmão e irmã é muito belo; mas Turambar há de estar, de fato, ao lado de Fionwë na Grande Vindita, e Melko e seus dracos hão de maldizer a espada do Mormakil."

E assim dizendo, Eltas concluiu, e ninguém perguntou mais nada.

[a] Gondolin.

[b] No pé do manuscrito há o seguinte:

"*Nieriltasinwa* a batalha das lágrimas inumeráveis
Glorund *Laurundo* ou *Undolaurë*"

Posteriormente, *Glorund* e *Laurundo* foram emendados para *Glorunt* e *Laurunto*.

[c] Uma nota no manuscrito referindo-se a esse nome diz: "*Turumart go-Dhrauthodauros* [emendado para *bo-Dhrauthodavros*] ou *Turambar Rúsitaurion*".

[d] Na margem está escrito *Firilanda*.

[e] Na margem, aparentemente referindo-se a "caminheiros-da-floresta", está escrito *Vettar*.

NOTAS

[1] O trecho foi rejeitado antes da alteração de *Tintoglin* para *Tinwelint*; ver aqui.

[2] Acima do nome *Egnor* está escrito “Damrod, o Gnomo”; ver Comentário *, p. 172.

[3] Aqui e imediatamente abaixo, o nome escrito originalmente era *Tinthellon*; esse adendo deve pertencer à mesma época da nota no manuscrito determinando a mudança de *Tintoglin* para *Ellon* ou *Tinthellon* (p. 90). Ver nota 32, a seguir.

[4] Há uma nota no manuscrito associada a essa substituição: “Se Beren for um Gnomo (como está agora na história de Tinúviel), as referências a Beren devem ser alteradas”. No trecho rejeitado, Egnor, pai de Beren, “era aparentado de Mavwin”, ou seja, Egnor era um Homem. Ver notas 5 e 6 e o Comentário *, p. 172.

[5] “Túrin, filho de Úrin”: originalmente escrito “Beren Ermabwed”. Ver notas 4 e 6.

[6] Originalmente escrito “e quando o rei ouviu do parentesco entre Mavwin e Beren”. Ver notas 4 e 5.

[7] *Linwë (Tinto)* era o nome “élfico” original do rei, e pertence à mesma “camada” de nomes de *Tintoglin* (ver I. 115, 131). A manutenção dele aqui (sem alteração para *Tinwë*) é claramente um simples deslize. Ver notas 19 e 20.

[8] Originalmente escrito “visto que era um Homem de grande tamanho”.

[9] Compare essa passagem com a p. 22 do *Conto de Tinúviel*, que é muito semelhante. Demonstra-se que o trecho em *Turambar* é anterior (o que é presumível, de

toda forma) pelo fato de que, em *Tinúviel*, isso só é relevante se Beren for um Gnomo, e não um Homem (ver nota 4).

[10] “sonhos lhes chegavam”: originalmente escrito “sonhos os Valar lhes enviavam”.

[11] “e seu nome era Glorund” foi acrescentado depois, assim como as ocorrências subsequentes do nome, nas pp. 107, 119, 123; mas a partir da primeira ocorrência na p. 128, *Glorund* é a forma que aparece originalmente no manuscrito.

[12] “com o auxílio de Flinding, cujos ferimentos não eram graves”: originalmente escrito: “com o auxílio de um homem com ferimentos leves”. Todas as referências subsequentes a Flinding nesse trecho foram acrescentadas depois.

[13] Originalmente escrito “o coração de Túrin estava dorido, e foi assim que somente ele e o outro retornaram daquela batalha”.

[14] Originalmente escrito “embora toda a gente àquela época considerasse tal feito atroz e covarde”.

[15] Originalmente escrito “e olhar Nienóri novamente”. Isso foi emendado para “e olhar Nienóri, a quem nunca vira”. As palavras “desde seus primeiros dias” foram acrescentadas ainda depois.

[16] A seguinte passagem foi riscada, aparentemente no momento da composição:

> ‘De fato’, disseram, ‘os viajantes e caminheiros das colinas relatam que por muitas e muitas luas até mesmo as divisas mais longínquas estiveram livres deles, incomumente seguras, e assim muitos homens saíram de Hisilómë para as Terras Além.’ E era verdade que, durante a vida de Turambar como

eLivros da corte de Tintoglin, ou escondido entre os Rothwarin, Melko pouco importunara Hisilómë ou os caminhos que levavam até lá.

(*Rothwarin* era a forma original no conto todo, substituída posteriormente por *Rodothlim*). Ver aqui, em que a situação descrita no trecho rejeitado se refere ao período anterior (antes da destruição dos Rodothlim), quando Mavwin e Nienóri deixaram Hisilómë.

[17] Escrito originalmente “duas vezes sete”. Quando Túrin fugiu da terra de Tinwelint, fazia exatos 12 anos desde que deixara a casa da mãe (p. 97), e Nienóri nasceu antes disso, mas não se diz exatamente quanto tempo antes.

[18] Depois de “um grande e terrível projeto em curso”, originalmente estava escrito “cuja estória não entra neste conto”. Não sei se isso significa que, quando meu pai escreveu pela primeira vez aqui sobre o “projeto” de Melko, ele não tinha em mente a destruição dos Rodothlim.

[19] “o rei”: originalmente escrito “Linwë”. Ver nota 7.

[20] *Linwë*: um equívoco. Ver nota 7.

[21] “ao local elevado”: escrito originalmente “a uma colina”.

[22] Essa frase — “E foi assim que a jactância de Túrin [...]” — foi acrescentada a lápis posteriormente. A referência é ao fato de que Túrin chamou a si mesmo de *Turambar*: “a partir deste momento ninguém há de me chamar de Túrin se eu viver” (p. 110).

[23] Essa frase, a partir de “pois sua linhagem [...]” até aproximadamente este ponto, está riscada bem de leve. Na página oposta do manuscrito há a seguinte inscrição apressada: “Fazer com que Turambar nunca fale de sua

linhagem a novas pessoas (enterrará o passado) — isso evita a possibilidade (com cert.) de Níniel ouvir de alguém a linhagem dele.” Ver aqui.

[24] Diante dessa frase há um ponto de interrogação escrito a lápis, na margem. Ver nota 23 e p. 161.

[25] “E Níniel concebeu” foi acrescentado a lápis posteriormente. Ver Comentário, aqui.

[26] “e o capitão dela era Mîm, o anão” acrescentado posteriormente, a lápis. Ver Comentário, p. 169.

[27] A palavra *tract* [área] pode ser lida como *track* [rastro], e a palavra *hurt* [laceradas], como *burnt* [queimadas] (mas com menor probabilidade).

[28] Da maneira que está, essa frase dificilmente significaria outra coisa senão que as pessoas achavam que os homens estavam lutando entre si; mas por que eles pensariam tal coisa? Com maior probabilidade, meu pai se esqueceu por descuido do final da frase: “entre os sete, Turambar e seus companheiros e o dragão”.

[29] Turambar está se referindo às palavras de Glorund para ele diante das cavernas dos Rodothlim: “Ó Túrin Mormakil, a quem um dia chamaram de valente” (p. 110).

[30] Essas palavras, a partir de “ele mesmo que […]” foram acrescentadas posteriormente a lápis. *Úrin* também pode ser lido como *Húrin*.

[31] Deste ponto até o final do conto de Eltas, o texto original foi completamente riscado, e é seguido, no caderno manuscrito, por dois breves esboços narrativos, os quais também foram rejeitados. O texto incluído aqui (a partir de “No entanto, conta-se […]”) encontra-se em retalhos de papel colocados dentro do caderno. Para o material rejeitado, ver pp. 166–69.

[32] Em toda a porção final do texto (a que foi escrita em retalhos de papel, ver nota 31), o nome do rei foi inicialmente escrito *Tinthellon*, e não *Tintoglin* (ver nota 3).

[33] “Elfos”: originalmente escrito “homens”. A mesma alteração foi feita a seguir (“Agora, portanto, quando esses Elfos se aproximaram”) e um pouco mais adiante “homens” foi removido em dois lugares (“seu povo gargalhou”, “Úrin fez seus seguidores levarem o ouro”, p. 140); mas várias ocorrências de “homens” foram mantidas, possivelmente por descuido, embora “homens” seja usado frequentemente em referência a Elfos no *Conto de Turambar* (p. ex. “Beleg e Flinding, ambos homens robustos”, p. 102).

[34] A frase a partir de “Mas ninguém até então se achegara [...]” foi acrescentada posteriormente, a lápis.

[35] Essa frase, a partir de “Então Úrin contou tudo com ferocidade [...]” foi acrescentada posteriormente, substituindo a frase “Então Úrin disse: ‘Se tiveste tido a fibra [...]’”.

[36] Essa frase, a partir de “O que queres dizer [...]” substituiu o original “Vai-te embora, e leva tua imundície contigo.”

Alterações feitas a nomes em *O Conto de Turambar*

Fuithlug < Fothlug < Fothlog

Nienóri Na primeira ocorrência (p. 95), meu pai originalmente escreveu *Nyenòre (Nienor)*. Depois disso, ele excluiu *Nyenòre*, removeu os parênteses de *Nienor* e acrescentou *-i*, chegando a *Nienori*. Em ocorrências subsequentes, o nome foi escrito tanto como *Nienor* quanto como *Nienóri*, mas *Nienor* foi alterado para *Nienóri* posteriormente ao longo de

todo o início do conto. Mais para o final, e no texto escrito em retalhos de papel que o conclui, a forma é *Nienor*. Eu coloquei *Nienóri* em todo o conto.

Tinwelint < *Tinthellon* (p. 96, duas vezes). Ver p. 90 e nota 3. *Tinwelint* < *Tinthellon* também na parte conclusiva do texto, ver nota 32.

Tinwelint < *Tintoglin* ao longo de todo o conto, exceto nas ocorrências recém-mencionadas (em que *Tinwelint* < *Tinthellon* em trechos acrescentados depois); ver aqui.

Gwedheling < *Gwendeling* em todas as ocorrências (*Gwendeling* inalterado na p. 99, mas isso foi obviamente um descuido: eu coloquei *Gwedheling* no texto). No dicionário gnômico, a forma *Gwendeling* foi alterada para *Gwedhiling*; ver aqui.

Flinding bo-Dhuilin < *Flinding go-Dhuilin* Essa alteração, feita na ocorrência da p. 101, não foi feita na p. 105, mas isso se deve claramente ao fato de que o nome passou despercebido, e eu coloquei *bo-Dhuilin* em ambos os casos; a mesma alteração de *go-* para *bo-* foi feita no *Conto de Tinúviel*, ver p. 67. O nome assume a forma *Dhuilin* quando o patronímico é prefixado (compare com *Duilin* p. 101).

Rodothlim < *Rothwarin* em todas as ocorrências.

Gurtholfin < *Gortholfin* nas primeiras ocorrências, mas, a partir da p. 107, *Gurtholfin* é a forma originalmente escrita.

Comentário a *O Conto de Turambar*

§1. *A narrativa primária*

Ao comentar esse longo conto, é conveniente dividi-lo em seções curtas. Ao longo deste

comentário, faço frequente referência à longa (embora incompleta) narrativa em prosa, o *Narn i Hîn Húrin*, incluído em *Contos Inacabados* (p. 87 em diante), muitas vezes preferindo-o ao relato mais breve de *O Silmarillion*, capítulo 21. Ao referenciar o primeiro, cito-o como "*Narn*", incluindo a página de *Contos Inacabados*.

(i) *A captura de Úrin e a infância de Túrin em Hisilómë* (pp. 91–3)

Já no início do conto, seria interessante saber mais acerca do narrador, Eltas. É uma figura enigmática: parece ser um Homem (ele diz que "nosso povo" chamava Turambar de *Turumart* "à maneira dos Gnomos") que viveu em Hisilómë depois dos dias de Turambar, mas antes da queda de Gondolin, e que andou "pela Olórë Mallë", a Trilha dos Sonhos. Seria ele então uma criança, um dos "filhos dos pais dos pais dos Homens" que "encontraram Kôr e permaneceram com os Eldar para sempre" (*O Chalé do Brincar Perdido*, I. 19–20)?

O trecho de abertura coincide em quase todos os elementos essenciais com a última versão da história. Assim, remonta ao início da "tradição" (ou pelo menos à versão restante mais antiga) a partida de Húrin para a Batalha das Lágrimas Inumeráveis quando da convocação dos Noldor, enquanto sua esposa (Mavwin = Morwen) e o filhinho Túrin ficaram para trás; a grande resistência dos homens de Húrin e a captura de Húrin por Morgoth; o motivo para que Húrin fosse torturado (o desejo de Morgoth em descobrir o paradeiro de Turgon) e a forma como isso foi feito, e a maldição de Morgoth; o nascimento de Nienor logo depois da grande batalha.

O fato de os Homens terem sido confinados em Hisilómë (ou Hithlum, a forma gnômica que aparece aqui pela primeira vez, equivalente a Dor Lómin, p. 95) após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis é afirmado em *A Vinda dos Elfos* (I. 118) e no último dos esboços para o *Conto de Gilfanon* (I. 241); posteriormente, isso foi transformado no confinamento dos traiçoeiros Homens Lestenses em Hithlum (*O Silmarillion*, p. 265), e os seus maus tratos aos sobreviventes da Casa de Hador tornaram-se um elemento essencial na história da infância de Túrin. Mas no *Conto de Turambar* já está presente a ideia de que "os homens estranhos que moravam nas cercanias não sabiam da dignidade da Senhora Mavwin". Na verdade, não fica claro onde Úrin morava: aqui se conta que após a batalha "Mavwin foi lacrimosa à terra de Hithlum, ou Dor Lómin, onde pela palavra de Melko todos os Homens deveriam agora habitar", o que só pode significar que ela foi para lá, devido às ordens de Melko, vinda de onde quer que morasse anteriormente com Úrin; por outro lado, um pouco adiante no conto (p. 95), e em aparente contradição, Mavwin não aceita o convite de Tinwelint para ir a Artanor parcialmente porque (sugere-se) estava "apegada àquela morada na qual Úrin a colocara *antes de partir para a grande guerra*".

Na história posterior, Morwen decidiu mandar Túrin embora por medo de que fosse escravizado pelos Lestenses (*Narn*, pp. 128–09), ao passo que aqui tudo o que se diz é que Mavwin "não sabia, em sua aflição, como sustentá-lo e à sua irmã" (o que presumivelmente reflete sua pobreza). Isso, contudo, mostra outra diferença, a saber que aqui Nienóri nasceu antes da partida de Túrin (mas ver

aqui); na lenda posterior, ele e seus companheiros deixaram Dor-lómin no outono do Ano da Lamentação, e Nienor nasceu no início do ano seguinte — portanto, ele jamais a vira, nem na primeira infância.

Uma diferença subjacente importante no conto é a ausência do episódio em que o próprio Húrin visita Gondolin, algo que Morgoth sabia e a razão pela qual ele foi levado vivo (*O Silmarillion*, pp. 219–20, 264–7); esse elemento na história emergiu muito depois, quando a fundação de Gondolin foi alocada muito para trás, bem antes da Batalha das Lágrimas Inumeráveis.

(ii) *Túrin em Artanor* (pp. 93–6)

Da história original acerca da jornada de Túrin, os dois idosos que o acompanharam — um dos quais retornou a Mavwin, enquanto o mais velho permaneceu com Túrin — nunca se perderam; e o grito de Túrin ao partirem reaparece no *Narn* (p. 107): “Morwen, Morwen, quando hei de te ver outra vez?”

Beleg está presente desde o início, assim como o significado de seu nome: “ele se chamava Beleg *pois* era de grande estatura” (ver I. 254, verbete *Haloisi velikë* e o Apêndice de *O Silmarillion*, p. 477, verbete *beleg*); e ele desempenha o mesmo papel na antiga história, resgatando os viajantes famintos na floresta e levando-os ao rei.

Nas versões posteriores, não há indício da notável mensagem enviada de Tinwelint a Mavwin e, de fato, sua explicação curiosamente cândida de que se manteve alheio à Batalha das Lágrimas Inumeráveis porque, em sua sabedoria, previu que Artanor poderia se tornar um refúgio caso ocorresse um desastre, mal combina com seu

caráter conforme concebido posteriormente. Houve, é claro, motivos bem diferentes para sua conduta (*O Silmarillion*, p. 257). Por outro lado, as razões de Mavwin para não deixar Hithlum permaneceram inalteradas (ver a passagem no *Narn*, p. 104, em que a expressão “pedir esmola” é um eco do antigo conto); mas é surpreendente a afirmação de que Mavwin poderia, quando Nienóri estivesse crescida, ter deixado de lado seu orgulho e atravessado as montanhas, se não tivessem se tornado impassáveis — o que sugere claramente que ela nunca deixou Hithlum. Contudo, talvez o sentido seja que ela poderia ter feito a jornada *antes* (enquanto Túrin ainda estava em Artanor) do que de fato fez (quando os caminhos ficaram temporariamente mais acessíveis, mas Túrin já tinha partido).

A índole de Túrin quando garoto reaparece em todos os detalhes da descrição no *Narn* (p. 112):

Parecia que a sorte lhe era hostil, de forma que muitas vezes o que projetava dava errado, e não conseguia obter o que desejava; não fazia amigos facilmente, pois não era jovial, raramente ria e uma sombra pairava sobre sua juventude.

(É um ponto notável que se acrescenta no conto: “em momento algum dava muita atenção às palavras que lhe falavam”). E a interrupção de todas as mensagens entre Túrin e sua mãe se dá da mesma foram — o aumento da vigilância nas montanhas (*Narn*, pp. 113–14).

Enquanto os elementos essenciais da história de Túrin e Saeros, conforme contada em *O Silmarillion* e com muito mais detalhe no *Narn*, remontam ao

Conto de Turambar, há algumas diferenças notáveis, sendo a principal o fato de que, da maneira que foi inicialmente contada, o atormentador de Túrin foi morto imediatamente pela taça arremessada. As posteriores complicações do ataque de Saeros a Túrin no dia seguinte, e a caçada até sua morte, o julgamento de Túrin à sua revelia por esse feito e o testemunho de Nellas (esse último apenas no *Narn*) estão completamente ausentes, por necessidade; e Mablung também não aparece — de fato, parece claro que Mablung surgiu pela primeira vez no final do *Conto de Tinúviel* (ver aqui). Alguns detalhes permaneceram (como o pente que Orgof/Saeros ofereceu a Túrin por deboche, *Narn*, p. 117), enquanto outros foram alterados ou negligenciados (como o fato de que era o aniversário da partida de Túrin de seu lar — ainda que os doze anos passados estejam de acordo com a história posterior e que, no conto, o rei estivesse presente no salão, compare com *Narn*, p. 116). Mas o insulto que despertou em Túrin a ira assassina permaneceu essencialmente o mesmo, pois dizia respeito à sua mãe; e nunca se alterou a história de que Túrin chegou ao salão desgrenhado e com as vestes rotas, e que seu inimigo caçoou dele por isso.

Orgof não é muito diferente de Saeros, ainda que menos desenvolvido. Gozava da estima do rei, era soberbo e tinha inveja de Túrin; na história posterior, era um Elfo nandorin, ao passo que aqui ele era um Ilkorin com algum sangue gnômico (sobre os Gnomos em Artanor, ver aqui), mas sem dúvida algo de peculiar em sua origem fazia parte da “tradição”. Na história antiga, ele é explicitamente um janota e um tolo, e não se

atribui a ele as mesmas as razões para odiar Túrin do *Narn* (p. 113).

Embora narrativamente muito mais simples, o desconhecimento de Túrin de que havia sido perdoado é um elemento essencial presente desde o início. O conto fornece uma explicação não encontrada na história posterior sobre o porquê de Túrin não retornar a Hithlum depois de deixar Artanor; compare com o *Narn*, p. 126: “a Dor-lómin não ousava, pois a região estava cercada de perto e um homem só, pensava ele, àquela época não podia ter esperança de atravessar as passagens das Montanhas de Sombra”.

A valentia de Túrin contra os Orques durante sua permanência em Artanor recebe uma importância mais central, até mesmo única, no conto (“ele manteve a ira de Melko afastada deles por muitos anos”) especialmente porque Beleg, seu companheiro de armas nas versões posteriores, não é mencionado aqui (e, nesse trecho, o poder da rainha para conter invasões ao reino parece, novamente (ver aqui), menor do que se tornou depois).

(iii) *Túrin e Beleg* (pp. 99–104)

A parte da saga de Túrin que sucede os seus dias em Artanor/Doriath sofreu grande desenvolvimento posterior (“Túrin entre os Proscritos”) e, de fato, meu pai nunca deu a essa parte da história uma conclusão. Na versão mais antiga, há um desenrolar muito mais célere do enredo: Beleg se junta ao bando de Túrin e a destruição do grupo e a captura de Túrin pelos Orques se segue quase imediatamente (nos termos da narrativa). Não há menção a “proscritos”, apenas a “espíritos bravios”; não há uma longa busca de Beleg por

Túrin; Beleg não é capturado e maltratado pelo bando, e não há um traidor do acampamento (papel desempenhado no final por Mîm, o Anão). De fato, como já foi notado, não se diz que Beleg tenha sido companheiro de Túrin antigamente, antes do assassinato de Orgof, e eles só se juntam depois do autoexílio de Túrin.

Beleg é chamado de Noldo (p. 101) e, se atribuirmos a essa única referência valor absoluto (e não há razão para não o fazermos: está explícito no *Conto de Tinúviel* que havia Noldoli em Artanor, e Orgof tinha sangue gnômico), então deve-se observar que Beleg, conforme concebido originalmente, era um Elfo de Kôr. Ele não recebe destaque aqui como um grande arqueiro (e nem o seu nome Cúthalion, "Arcoforte", nem seu grande arco Belthronding aparecem); na sua primeira aparição (p. 95), é descrito como um "um caminheiro-da-floresta, um caçador dos Elfos secretos", mas não como chefe dos guardiões das marcas do reino.

Mas da captura de Túrin até a morte de Beleg o conto antigo quase não foi alterado posteriormente em qualquer aspecto realmente importante, embora alterado em muitos detalhes: a exemplo de Beleg, na história posterior, flechando os lobos-sentinelas silenciosamente no escuro, e o relâmpago que iluminou o rosto de Beleg — mas as lanternas de luz azul dos Noldor reaparecem em escritos muito posteriores: uma delas era carregada pelos Elfos Gelmir e Arminas, que guiaram Tuor pelo Portão dos Noldor em sua jornada para o mar (ver *Contos Inacabados*, pp. 41 e 80–1, nota 2). Na pintura de meu pai (provavelmente datada de 1927 ou 1928) retratando o encontro de Beleg e Flinding em Taur-

nu-Fuin (reproduzida em *Pictures by J.R.R. Tolkien*, n. 37), a lanterna de Flinding pode ser vista ao seu lado. O enredo da antiga história foi composto de maneira muito precisa em detalhes tais como a razão pela qual levaram Túrin ainda dormindo para fora do acampamento-órquico e pela qual Beleg usou sua espada, e não uma faca, ao cortar as amarras de Túrin; e talvez também no fato de que Beleg foi esmagado por Túrin, de modo que ficou sem ar e não pôde dizer o nome antes de Túrin desferir o golpe de morte.

A história da loucura de Túrin após matar Beleg, de sua condução por Gwindor e das lágrimas que Túrin derramou em Eithel Ivrin estão aqui em fase embrionária. Não há indicação da natureza peculiar da espada de Beleg.

(iv) *Túrin entre os Rodothlim; Túrin e Glorund* (pp. 104–11)

Encontra-se nessa passagem (até onde está registrado, pois deve-se lembrar que há um texto completamente apagado por baixo do manuscrito) a origem de Nargothrond, ainda sem nome. Entre as muitas características notáveis, a principal talvez seja que Orodreth estava lá antes de Felagund, Senhor de Cavernas, com quem Nargothrond passou a ser identificada na lenda posterior, seu fundador e criador. Em *O Silmarillion*, Orodreth era um dos irmãos de Finrod Felagund (os filhos de Finarfin), a quem Felagund deu o comando de Minas Tirith em Tol Sirion após a fundação de Nargothrond (p. 171), e Orodreth tornou-se Rei de Nargothrond após a morte de Felagund. No conto, essa habitação dos Noldoli eLivross nas cavernas é um local mais simples e rude, e (sugere-se) resistiu pouco tempo ao poder dominador de Melko; mas,

como é frequente, há muitas características que nunca foram alteradas, ainda que em um aspecto crucial a história de Nargothrond seria muito modificada pelo contato com a lenda de Beren e Tinúviel. Assim, desde o início o lugar ficava “acima de uma torrente” (o posterior Narog) que “descia, alimentando o rio Sirion” e, como visto depois (p. 104), a margem do rio no lado das cavernas era mais alta, e as colinas se aproximavam: ver *O Silmarillion*, p. 164: “as cavernas sob os Altos Faroth, em sua íngreme margem oeste”. A política dos Elfos de Nargothrond de se manterem em sigilo e de se recusarem a entrar em guerra aberta foi sempre um elemento essencial (ver *O Silmarillion*, pp. 231–2, 233),[a] assim como o abandono dessa política pela confiança e perícia de Túrin (embora no conto não haja menção à grande ponte que ele fez construírem). Aqui, contudo, talvez a queda do reduto seja mais enfaticamente atribuída a Túrin, sua chegada até lá seja vista mais simplesmente como uma maldição e o desastre como sendo mais inevitavelmente resultado de sua falta de sabedoria: pelo menos nos fragmentos dessa parte no *Narn* (pp. 215–17), o argumento de Túrin contra Gwindor, que defendia a continuidade do sigilo, não parece ser infundado, apesar do resultado. Mas a história essencial é a mesma: a política de Túrin revelou Nargothrond a Morgoth, que se abateu sobre ela com força dominadora e a destruiu.

No que diz respeito à antiga versão, os papéis de Flinding (Gwindor), Failivrin (Finduilas),[b] e Orodreth passariam por uma notável cadeia de transferência. No antigo conto, Flinding tinha sido um dos Rodothlim antes de ser capturado e aprisionado em Angband, da mesma forma que Gwindor, na versão posterior, saiu de Nargothrond

(mas com um grande desenvolvimento em sua história, ver *O Silmarillion*, pp. 257, 259–61) e, ao retornar, estava mudado a ponto de mal ser reconhecido (deixarei de lado características menores que perduraram, como o aprisionamento de Túrin e Flinding/Gwindor quando chegaram às cavernas). A bela Failivrin já está presente, assim como seu amor não correspondido por Túrin, mas a complicação de sua relação anterior com Gwindor está ausente, e ela não é filha de Orodreth, o Rei, mas de um certo Galweg (que desapareceria por completo). Não se mostra Flinding como antagônico às políticas de Túrin; e, na batalha final, ele ajuda Túrin a carregar Orodreth para longe da batalha. Orodreth morre (depois de ser levado de volta às cavernas) repreendendo Túrin pelo que causara — assim como Gwindor ao morrer em *O Silmarillion* (pp. 286–7), com a amargura adicional de sua relação com Finduilas. Mas o pai de Failivrin, Galweg, é morto na batalha, assim como Orodreth, pai de Finduilas, em *O Silmarillion*. Portanto, na evolução da lenda Orodreth assumiu o papel de Galweg, enquanto Gwindor assumiu em parte o papel de Orodreth.

Como notei anteriormente, não há menção, no conto, a qualquer peculiaridade associada à espada de Beleg, e ainda que a Espada Negra já esteja presente, ela foi feita para Túrin por ordens de Orodreth, e seu negror e seus fios de pálido brilho estavam presentes desde a primeira forjadura (ver *O Silmarillion*, pp. 282–3). A sua capacidade de falar (“conta-se que às vezes falava-lhe palavras sombrias”) sobreviveu nas terríveis palavras a Túrin antes de sua morte (*Narn*, p. 202) — um tema que já aparece no conto, p. 112; e o nome de Túrin derivado da espada (aqui *Mormagli*, *Mormakil*,

posteriormente *Mormegil*) já fora criado. Mas não há indício da ocultação do nome verdadeiro de Túrin em Nargothrond: de fato, afirma-se explicitamente que ele disse quem era.

Gelmir e Arminas e o aviso de Ulmo que levaram a Nargothrond (*Narn*, pp. 221–5) talvez tenham seu gérmen nos “sussurros na torrente à noitinha”, o que sem dúvida implica que eram mensagens de Ulmo (ver aqui).

O dragão Glorund é nomeado no “encanto de alongamento” no *Conto de Tinúviel* (pp. 19, 46), mas o nome em si só foi introduzido durante a escrita do *Conto de Turambar* (ver nota 11). Não há indício de que ele tenha desempenhado qualquer papel anteriormente na história e nem de que fosse o primeiro de sua espécie, o Pai de Dragões, com longo histórico de maldades antes mesmo do Saque de Nargothrond. O trecho em que se define a natureza dos dragões de Melko é de grande interesse: sua sabedoria maléfica, seu amor por mentiras e por ouro (o qual não podem usar e do qual não podem desfrutar), e o conhecimento de idiomas que, segundo os Homens, seria outorgado a quem comesse o coração de um dragão (com evidente referência à lenda de Sigurd Fafnisbane na Edda Nórdica, que passou a entender, para sua grande vantagem, a fala dos pássaros ao comer o coração do dragão Fafnir, assando-o num espeto).

A história do saque de Nargothrond é tratada de maneira um tanto diferente na história antiga, ainda que tenham permanecido os elementos essenciais de Failivrin/Finduilas sendo levada embora entre os cativos e da impotência de Túrin em ajudá-la, estando sob o feitiço do dragão. Podem ser deixadas de lado aqui diferenças menores (como a chegada tardia de Glorund na

cena: em *O Silmarillion*, Túrin só chegou a Nargothrond quando o saque “estava quase completo”) e semelhanças menores (tais como a recusa em permitir que os Orques pilhassem o tesouro); o mais interessante é o relato da conversa entre Túrin e o dragão. Aqui é introduzida toda a questão sobre Túrin escapar ou não escapar da sua sina, e é significativo que ele assuma o nome *Turambar* bem nessa conjuntura, ao passo que na lenda posterior ele o assume quando se junta aos Homens-da-floresta em Brethil, e menos caso se faz disso. A versão antiga é expressa de maneira muito menos poderosa e concisa, e as palavras do dragão são menos sutis e menos engenhosamente mentirosas. Aqui também se aponta muito explicitamente a moral de que Túrin *não deveria* ter abandonado Failivrin “em um perigo que ele mesmo conseguia ver” — isso não sugere que, mesmo estando sob o feitiço do dragão como ele estava, havia uma fraqueza (uma “cegueira”, ver aqui) em Túrin que o dragão tocou? Da maneira que a história é contada em *O Silmarillion*, essa afirmação moral pareceria desnecessária: Túrin estava diante de um adversário poderoso demais para sua mente e vontade.

Há aqui um trecho notável em que se declara que o suicídio é um pecado, privando a pessoa da esperança de “que seu espírito fosse liberado das tristezas sombrias de Mandos, ou que andasse pelos caminhos aprazíveis de Valinor”. Isso parece combinar com a impressionante passagem no conto *A Vinda dos Valar e a Construção de Valinor* acerca dos fados dos Homens (ver p. 60).

Por fim, é estranho que na história antiga o ouro e o tesouro tenham sido carregados das cavernas

pelos Orques e permanecido ali (ele “jazia próximo às cavernas acima da torrente”) e, de modo pouquíssimo característico, o dragão “dormia diante dele” a céu aberto. Em *O Silmarillion*, Glaurung “reuniu todo o tesouro e todas as riquezas de Felagund e as amontoou, e jazeu sobre elas no salão mais profundo”.

(v) *O retorno de Túrin a Hithlum* (pp. 111–15)
Nesse trecho, o caso é bem parecido com o de partes anteriores do conto: a estrutura mais ampla da história não foi muito alterada depois e, ainda assim, há várias diferenças importantes.

No *Conto de Turambar*, fica claro que não se concebia a casa de Mavwin como estando perto das colinas ou montanhas que formavam a barreira entre Hithlum e as Terras Além: disseram para Túrin que os Orques nunca “chegaram a entrar tão fundo na terra de Hisilómë”, em contraste com o *Narn* (p. 102), em que “a casa de Húrin ficava no sudeste de Dor-lómin, e as montanhas eram próximas; de fato, Nen Lalaith descia de uma nascente sob a sombra de Amon Darthir, que possuía acima do dorso uma íngreme passagem”. A mudança de Mavwin de uma casa para outra em Hithlum, visitada por Túrin enquanto procurava por ela, foi posteriormente rejeitada, para aperfeiçoamento da história. Aqui, Túrin volta para seu antigo lar no fim do verão, ao passo que, em *O Silmarillion*, a queda de Nargothrond se deu no fim do outono (“as folhas caíam das árvores em um grande vento enquanto avançavam, pois o outono estava se transformando em um inverno duro”, p. 287), e Túrin chegou a Dor-lómin durante o Fero Inverno (p. 289).

Os nomes Brodda e Airin (grafado “Aerin” depois) permaneceram; mas Brodda é aqui o senhor da

terra e, em relação à história posterior, Airin desempenha um papel mais importante na cena do salão, julgando com vigor e sabedoria. Não se diz aqui que tenha se casado à força, embora se afirme que sua vida com Brodda era muito ruim; mas, é claro, a situação nas narrativas posteriores é muito mais definida: os Homens de Hithlum eram “Lestenses”, “Forasteiros” hostis aos Elfos e aos remanescentes da Casa de Hador, ao passo que na história antiga não se faz distinção entre eles e, de fato, Brodda é “um homem em quem [Mavwin] confiava”. O tema dos maus-tratos de Brodda a Mavwin já está presente, mas somente porque ele se apropriou dos bens dela após sua partida; no *Narn*, a julgar pelas palavras de Aerin a Túrin (p. 153), parece que foi a opressão sofrida por Morwen de Brodda e outros o motivo para ela partir, no fim, para Doriath. No breve relato em *O Silmarillion* (p. 290), não fica realmente explícito que Brodda em particular merecia o ódio de Túrin.

No conto, a conduta de Túrin no salão é essencialmente mais simples: a verdadeira história foi-lhe contada por um passante, ele entra no salão para se vingar de Brodda por se apropriar dos bens de Mavwin e o faz de imediato. Da maneira contada no *Narn*, quando os olhos de Túrin finalmente se abrem devido às palavras de Aerin, que está presente no salão, e ele percebe como foi enganado, sua ira é mais passional, insana e amarga e, de fato, mais compreensível: e não se faz a observação moralizante de que o ato de Túrin fora “violento e ilícito”. A história do julgamento de Airin acerca desses feitos, com o propósito de salvar Túrin, foi removida posteriormente; e a partida solitária de Túrin foi expandida, com o

acréscimo do incêndio ao salão de Brodda por Aerin (*Narn*, p. 155).

Alguns detalhes sobreviveram a todas as mudanças: no *Narn*, Túrin ainda agarra Brodda pelos cabelos e, assim como sua ira subitamente se amaina depois do ato violento (“sua ira havia esfriado”) no conto, no *Narn* “o fogo de sua ira tornara-se cinzas”. Aqui se pode observar que, mesmo que na história antiga Túrin não mude de nomes tão frequentemente, sua tendência a fazê-lo já está presente.

A história de como Túrin chegou aos Homens-da-floresta e os livrou dos Orques não se encontra no *Conto de Turambar*; e não há menção ao Teso de Finduilas próximo às Travessias do Teiglin e nenhum relato de seu destino.

(vi) *O retorno de Gumlin a Hithlum e a partida de Mavwin e Nienóri para Artanor* (pp. 115–18)

Na história posterior, o mais velho dos guardiões de Túrin (Gumlin no conto, Grithnir no *Narn*) não tem nenhum papel depois de levar Túrin a Doriath: conta-se apenas que ficou lá até morrer (*Narn*, p. 109); e Morwen não teve notícias de Doriath antes de deixar seu lar — de fato, ela só descobriu que Túrin havia deixado o reino de Thingol quando chegou lá (*O Silmarillion*, p. 285; cf. as palavras de Aerin no *Narn*, p. 153: “Ela pretendia encontrar o filho à sua espera”). Essa seção inteira do conto não faz mais do que explicar por que razão Mavwin foi até Tinwelint, e o faz com o que meu pai sentia, sem dúvida, ser desnecessária complicação (já que rejeitou quase tudo depois). Penso estar claro, contudo, que a divergência entre as versões aqui depende das diferentes visões sobre a condição de Mavwin (Morwen) em Hithlum. Na história antiga,

ela não está sofrendo apuros e opressão; ela confia em Brodda a ponto de lhe entregar não apenas os seus bens, mas até mesmo sua filha, e conta-se que em verdade tinha “paz e honra entre os homens daquelas regiões”, os chefes falam do amor que têm por ela. Uma razão para sua partida está na chegada de Gumlin e nas notícias que ele traz sobre a fuga de Túrin das terras de Tinwelint. Na história posterior, por outro lado, o caráter de Brodda como tirano e opressor é expandido, e é justamente a situação ruim de Morwen nas mãos dele que a leva a partir. A notícia que chega a Túrin em Doriath de que “as dificuldades de Morwen haviam sido aliviadas” (*Narn*, p. 112 e ver *O Silmarillion*, p. 269) provavelmente é um resquício da história antiga; nada se diz nas narrativas posteriores que explique como essa situação começou e cessou. Em ambos os casos, seu motivo para partir soma-se ao fato de que as terras estavam mais seguras; mas enquanto na história posterior essa segurança se devia à proeza do Espada Negra de Nargothrond, no conto era o “grande e terrível projeto” de Melko que estava em curso — o ataque às cavernas dos Rodothlim (ver nota 18).

É curioso que, nesse trecho, Airin e Brodda sejam apresentados como se fosse pela primeira vez. Talvez seja significativo que a porção do conto que vai de “Ouve, ó filho de Úrin [...]”, na p. 110, até “[...] caiu de joelhos diante de Tinwelint”, na p. 116, tenha sido escrita em uma parte separada do caderno manuscrito: possivelmente, isso substituiu um texto anterior em que Brodda e Airin não apareciam. Mas muitas questões como essa surgem dos manuscritos mais antigos e poucas podem ser respondidas com certeza agora.

(vii) *Mavwin e Nienóri em Artanor e seu encontro com Glorund* (pp. 117–23)

O próximo passo essencial no desenvolvimento do enredo — a descoberta de Mavwin/Morwen sobre a permanência de Túrin em Nargothrond — é conduzida de maneira mais hábil e natural em *O Silmarillion* (p. 292) e no *Narn* (p. 160), em que notícias trazidas por fugitivos do saque chegaram a Thingol, em oposição ao *Conto de Turambar*, em que Mavwin e Nienóri só ficam sabendo da destruição dos Elfos das Cavernas por meio de um bando de Noldoli enquanto eles próprios estão errando a esmo na floresta. É estranho que esses Noldoli não tenham se referido a Túrin pelo nome, mas apenas como o *Mormakil*: parece que não sabiam quem ele era, mas sabiam o bastante de sua história para deixar sua identidade clara a Mavwin. Como observado acima, Túrin declarou seu nome e linhagem aos Elfos das Cavernas. Na narrativa posterior, por outro lado, Túrin de fato escondeu isso em Nargothrond, chamando-se de Agarwaen, mas todos os que chegaram a Doriath portando notícias da queda “declararam que tinha sido do conhecimento de muitos em Nargothrond, antes do fim, que o Mormegil era ninguém menos que Túrin, filho de Húrin de Dor-lómin”.

Como acontece com frequência, complicações desnecessárias na história antiga foram removidas depois: assim, a elaborada argumentação necessária para fazer os guerreiros de Tinwelint, Mavwin e Nienóri colocarem os pés na estrada foi eliminada de *O Silmarillion* e do *Narn*. No conto, as senhoras e os guerreiros élficos partem juntos, com o pleno propósito de que elas deveriam observar o desenrolar dos acontecimentos de um lugar elevado (posteriormente Amon Ethir, o Monte dos

Espiões); na história posterior, Morwen simplesmente sai cavalgando e um grupo de Elfos liderados por Mablung a segue, com Nienor disfarçada entre eles.

É particularmente notável o trecho no conto em que Mavwin usa o grande tesouro dos Rodothlim como isca para Tinwelint, e Tinwelint admite sem peias que (sendo um Elfo selvagem das florestas) é isso — e não qualquer esperança de ajudar Túrin — que o impele a mandar um grupo. A majestade, o poder e a soberba de Thingol cresceram com o desenvolvimento da concepção dos Elfos-cinzentos de Beleriand; como observei anteriormente (p. 96), "No começo, a morada de Tinwelint não era uma cidade subterrânea repleta de maravilhas [...] mas uma caverna rústica", e aqui ele é visto planejando uma incursão para aumentar sua escassa riqueza de coisas preciosas — muito diferente da descrição de seu vasto tesouro no *Narn* (p. 111):

Thingol tinha em Menegroth profundos arsenais repletos de fartura de armas: metal trabalhado como escamas de peixe e reluzente como água ao luar; espadas e machados, escudos e elmos fabricados pelo próprio Telchar ou por seu mestre Gamil Zirak, o velho, ou por artesãos-élficos ainda mais habilidosos. Pois recebera como presentes algumas coisas que vinham de Valinor e foram feitas com maestria por Fëanor, aquele que nenhum artífice superaria em todos os dias do mundo.

Quanto ao encontro com o dragão, por maiores que sejam as diferenças em relação à lenda posterior,

já estão presentes os vapores fétidos que subiam por ele estar deitado no rio e que causaram o fracasso do plano, a fuga ensandecida dos cavalos e o feitiço sobre Nienor, de modo que toda a memória do seu passado foi perdida. Dentre as muitas diferenças, a mais surpreendente talvez seja o fato de Mavwin estar presente durante a conversa com Glorund; e dessas conversas não há eco no *Narn* (pp. 167–8), exceto pelo fato de que, ao dizer que Túrin era o objetivo de sua demanda, Nienor revelou sua identidade ao dragão (isso está explícito no *Narn* e provavelmente pode ser depreendido do conto). O tom peculiar de Glaurung na narrativa posterior, zombeteiro e seco, esperto e autoconfiante, e infinitamente perverso, já pode ser detectado nas palavras de Glorund, mas, conforme evoluiu, ele ganhou imensuravelmente em termos de pavor ao se tornar mais lacônico.

A principal diferença na estrutura está na completa ausência do “Elemento Mablung” no conto, e não há qualquer antecipação dele. Não há indício de que as habitações saqueadas foram exploradas durante a ausência do dragão (de fato, ele aparentemente nunca se afasta delas); o propósito da expedição de Artanor era expressamente bélico (“um forte contingente contra o Foalókë”, “eles se prepararam para a batalha”), já que Tinwelint tinha esperança de colocar as mãos no tesouro, ao passo que, posteriormente, ela se tornou puramente uma incursão de reconhecimento, pois Thingol “desejava muito saber mais sobre o destino de Nargothrond” (*Narn*, p. 160).

Um ponto curioso é que, embora Mavwin e Nienóri devessem permanecer num “local elevado” coberto de árvores — o qual foi posteriormente

chamado de Monte dos Espiões e aonde elas de fato foram levadas em *O Silmarillion* e no *Narn* — parece que na história antiga elas nunca sequer chegaram até lá, sendo atraídas por Glorund até o lugar do rio em que ele estava, ou não muito longe dali. Assim, o "local elevado" quase não teve importância no conto.

(viii) *Turambar e Níniel* (pp. 124–28)
Na lenda posterior, Nienor foi encontrada por Mablung depois de ter sido enfeitiçada por Glaurung, e a levou com três companheiros de volta rumo às fronteiras de Doriath. A perseguição a Nienor por um bando de Orques (*Narn*, p. 170) está presente no conto, mas não tem a função narrativa posterior de ocasionar a fuga de Nienor, fazendo-a se perder de Mablung e dos outros Elfos (que não aparecem): em vez disso, a perseguição leva diretamente ao seu resgate por Turambar, que então morava com os Homens-da-floresta. No *Narn* (p. 172), os Homens-da-floresta de Brethil de fato passavam pelo local em que a encontraram, retornando de uma incursão contra Orques, mas as circunstâncias em que a acharam são completamente diversas, especialmente porque no conto não há referência ao Haudh-en-Elleth, o Teso de Finduilas.

Há um detalhe interessante sobre a reação de Nienor ao ser chamada de *Níniel* por Turambar. Em *O Silmarillion* e no *Narn* "ela sacudiu a cabeça, mas disse: 'Níniel'"; no presente texto, ela diz "Não, Níniel não, Níniel não". Tem-se a impressão de que, na história antiga, o que abalou sua mente obscurecida foi apenas a semelhança entre *Níniel* e seu próprio nome esquecido, *Nienóri* (e entre *Turambar* e *Túrin*), ao passo que, depois, ela tanto

recusou como de certa forma aceitou o nome *Níniel*.

Um elemento original na lenda é que os Homens-da-floresta levam Níniel a um lugar (“Bacia de Prata”) em que havia uma grande cascata (posteriormente Dimrost, a Escada Chuvosa, onde a torrente do Celebros “caía na direção do Teiglin”): e essa cascata ficava perto das habitações dos Homens-da-floresta — mas o local em que encontraram Níniel era muito mais longe na floresta (muitos dias de jornada) do que as Travessias do Teiglin eram em relação a Dimrost. Quando ela chegou lá, foi tomada de pavor, um presságio do que haveria de acontecer ali depois, e essa é a origem do estremecimento que a acometeu nas narrativas posteriores, razão pela qual o lugar foi renomeado de Nen Girith, a Água do Estremecer (ver *Narn*, p. 206, nota 25).

A completa escuridão imposta à mente de Níniel pelo feitiço do dragão é menos enfatizada no conto, e não há sugestão de que ela precisou reaprender o próprio idioma; mas é interessante observar, num contexto alterado, a repetição do símile “alguém que procura algo fora do lugar”: no *Narn* (p. 174), diz-se que Níniel tinha grande prazer em reaprender as palavras, “como alguém que reencontra tesouros, grandes e pequenos, cuja localização havia sido esquecida”.

O homem manco, aqui chamado de Tamar, e seu amor vão por Níniel já aparecem; diferentemente de Brandir, sua contraparte posterior, ele não era chefe dos Homens-da-floresta, mas filho do chefe. E também era Meio-Elfo! É extraordinária a afirmação de que a esposa do chefe Bethos, mãe de Tamar, era uma Elfa, uma mulher dos Noldoli: isso é mencionado fortuitamente, como se a grande

importância e a raridade das uniões entre Elfos e Mortais ainda não tivesse emergido — contudo, em uma lista de nomes associada ao conto da *Queda de Gondolin*, diz-se que Eärendel era “o único ser que é metade da gente dos Eldalië e metade dos Homens” (p. 215).[c]

A relutância inicial de Níniel em ceder aos galanteios de Turambar não tem explicação no conto: a implicação deve ser que algum instinto, alguma avaliação subconsciente da verdade, a impedia. Em *O Silmarillion* (p. 296):

mas por algum tempo ela quis esperar, apesar de seu amor. Pois Brandir tinha presságios, não sabia do quê, e buscou impedi-la, antes por causa dela do que por si próprio ou por rivalidade com Turambar; e revelou a ela que Turambar era Túrin, filho de Húrin e, embora ela não reconhecesse o nome, uma sombra lhe caiu na mente.

Na versão final, assim como na mais antiga, os Homens-da-floresta sabiam quem Turambar era. As instruções rabiscadas por meu pai para que a história fosse alterada — citadas na nota 23 (“Fazer com que Turambar nunca fale de sua linhagem a novas pessoas […]”) — são surpreendentes, pois uma vez que Níniel perdera toda a memória do passado, ela não reconheceria os nomes Túrin, filho de Húrin, mesmo que lhe contassem que ele era Turambar. Contudo, é possível que quando meu pai escreveu isso ele imaginasse a perda de memória de Níniel sobre si mesma e sua família como algo mais próximo da superfície da mente, lembranças passíveis de serem trazidas de volta ao ouvir os

nomes — contrastando com a história posterior, em que ela não reconheceu conscientemente o nome de Túrin mesmo quando Brandir o mencionou a ela. Claramente, a interrogação no texto ao lado da referência a Turambar falando com Níniel “de seu pai e de sua mãe e da irmã que não vira”, e a aflição de Níniel às suas palavras (ver nota 24) dependem dessa mesma linha de raciocínio. A afirmação de que Turambar nunca vira a irmã está em desacordo com o que se diz anteriormente no conto, que ele não havia deixado Hithlum até depois do nascimento de Nienóri (p. 95), mas meu pai estava incerto sobre esse ponto, como se vê claramente pela sucessão de alternativas incluídas na nota 15, indo e vindo entre as duas ideias.

(ix) *A morte de Glorund* (pp. 128–33)
Nesta seção, sigo a narrativa do conto até o momento em que Túrin desfalece quando o dragão moribundo abriu os olhos e o encarou. Aqui, a história posterior acompanha a antiga bem de perto, mas há muitas diferenças interessantes.

No conto, diz-se que Glorund tinha bandos de Orques e Noldoli sujeitos a ele, mas somente os Orques permaneceram; ver o *Narn*, p. 199:

Ora, o poder e a maldade de Glaurung cresciam depressa, e ele engordou [compare com “o Foalókë engordara”], e reuniu Orques à sua volta, e governava como um Rei-dragão, e todo o reino de Nargothrond que outrora existira estava sob seu domínio.

A menção no conto de que os bandos de Glorund “assolaram atrozmente” o povo de Tinwelint sugere

uma vez mais que a magia da Rainha não era uma proteção muito substancial; ao passo que a afirmação “afinal, alguns chegaram muito rente até mesmo àquelas matas e clareiras amadas por Turambar e seu povo” parece estar em desacordo com a frase de Turambar a Níniel, anteriormente de que “estamos passando por apuro ao defender nossos lares desses seres malignos” (p. 125). Não há menção aqui à garantia de Turambar a Níniel de que só iria para a batalha se os lares dos Homens-da-floresta fossem atacados (*Narn*, p. 177); e não há figura que corresponda ao Dorlas das versões posteriores. O caráter de Tamar, brevemente descrito (p. 106), está de acordo com o que se diz de Brandir depois, até onde a descrição alcança, mas a relação de Brandir com Níniel, que o chamava de irmão (*Narn*, p. 174), não havia emergido. A felicidade e prosperidade dos Homens-da-floresta sob a chefia de Turambar é muito mais enfatizada no conto (posteriormente, ele não foi chefe de fato, pelo menos não assim nomeado); e, na verdade, é isso que leva à cobiça do dragão e motiva o ataque a eles.

As indicações topográficas nesse trecho, importantes para a narrativa, já estão bem acomodadas para o que viria nos relatos seguintes, com uma exceção maior: é evidente que, na história antiga, a torrente da catarata que caía na Bacia de Prata era a mesma que corria pela garganta em que Turambar matou Glorund:

> Aí fluía a mesma torrente que, mais adiante em seu curso, meandrava pelo covil do dragão [*covil* = o lugar em que ele repousava] num leito profundo, fendido na terra. (p. 130)

Portanto, conforme disse Turambar, ele e seus companheiros:

desceremos as rochas até o pé da cascata e, trilhando o caminho da torrente, talvez consigamos chegar tão perto quanto possível do draco. (*ibid*.).

Na história final, por outro lado, o rio que descia (Celebros) era afluente do Teiglin; ver o *Narn*, p. 179:

Ora, o rio Teiglin [...] descia das Ered Wethrin veloz como o Narog, mas inicialmente entre margens baixas, até que, após as Travessias, reunindo forças de outras correntezas, abria caminho através dos sopés do planalto em que se situava a Floresta de Brethil. Depois disso passava por ravinas profundas, cujas altas bordas eram como muralhas de rocha, mas as águas confinadas ao fundo fluíam com grande força e ruído. E bem na trajetória de Glaurung ficava agora uma dessas gargantas, não exatamente a mais profunda e sim a mais estreita, ao norte da confluência do Celebros.

O local aprazível (“um gramado verde onde crescia uma abundância de flores”) sobreviveu: cf. o *Narn*, p. 173: “Havia um extenso gramado na cabeceira da cascata e cresciam bétulas à sua volta”. E isto também acontecia com a “Bacia de Prata”, embora o nome tenha se perdido: “a corrente [Celebros] ultrapassava uma orla de pedra desgastada e caía por muitos degraus espumantes até uma bacia de

rocha, muito abaixo” (*Narn*, *ibid*.; compare com o conto, p. 130: “e caía numa grande cascata onde as rochas desgastadas pela água projetavam-se, lisas e cinzentas, no meio da relva”). O “pequeno morro” ou “outeiro”, “ilhado no meio das árvores”, de onde Turambar e seus companheiros observavam não é assim descrito no *Narn*, mas a representação de um lugar elevado de vigia próximo à cabeceira das cataratas permaneceu, como se vê pela afirmação do *Narn* (p. 173) de que “era possível ter uma visão ampla das ravinas do Teiglin” a partir de Nen Girith; mais adiante (*Narn*, p. 179), afirma-se que era a intenção de Turambar “cavalgar até a alta cascata de Nen Girith [...] de onde ele mesmo poderia ter uma visão de longo alcance”. Parece certo, portanto, que a antiga imagem nunca esmaeceu e foi apenas levemente alterada.

Apesar de em ambos os relatos, o mais antigo e o mais recente, um grande número de pessoas seguir Turambar até a cabeceira das cataratas, contrariando suas ordens, no mais recente a razão para sua ordem de não o acompanharem é explícita: eles deveriam ficar e se preparar para a fuga. Aqui, por outro lado, Níniel cavalga com Turambar até a cabeceira da Bacia de Prata e diz adeus a ele ali. Mas um detalhe da antiga história sobreviveu: as palavras de Turambar a Níniel “Nem tu e nem eu morreremos neste dia, e nem amanhã, seja pelo mal do dragão ou pelas espadas dos inimigos” têm paralelo próximo nas palavras do *Narn* (p. 182): “Nem tu nem eu seremos mortos por esse Dragão, nem por qualquer inimigo do Norte”; e no primeiro relato Níniel “reprimiu o choro e ficou muito quieta”, enquanto no outro ela “parou de chorar e ficou em silêncio”. A situação é, de modo

geral, mais simples no conto, pois os Homens-da-floresta mal são caracterizados; Tamar não é senhor titular do povo, como Brandir, e essa razão em específico para sua amargura em relação a Turambar está ausente, e não há um Dorlas para insultá-lo ou um Hunthor para repreender Dorlas. Tamar, contudo, está presente com Níniel no mesmo ponto da história, cingido de espada: “e muitos zombaram dele por isso”, assim como depois se diz que Brandir raras vezes tinha feito isso antes (*Narn*, p. 186).

Aqui, Turambar parte da cabeceira das cataratas com seis companheiros, todos os quais se provam covardes no fim; no relato posterior, tinha apenas dois companheiros, Dorlas e Hunthor, e Hunthor se manteve fiel, embora tenha sido morto por uma pedra que caiu na ravina. Mas o resultado é o mesmo: Turambar precisou escalar sozinho o paredão oposto da garganta. Aqui, o dragão ficou durante toda a noite próximo de onde ele estava, perto da beirada do despenhadeiro, movendo-se apenas com a aurora, de modo que a sua morte e os eventos imediatamente seguintes aconteceram à luz do dia. Mas em outros aspectos a morte do dragão permaneceu bem parecida com o que foi escrito originalmente, mesmo em muitos detalhes, especialmente se for feita uma comparação com o *Narn* (p. 188), em que reaparece a necessidade de Turambar e seus companheiros (ou seu companheiro) se moverem do primeiro local de parada para ficarem diretamente embaixo da barriga da fera (isso fica de fora de *O Silmarillion*).

Restam dois pontos notáveis nessa seção, e ambos são reflexões tardias escritas a lápis no manuscrito. Numa delas, encontramos pela primeira vez Mîm, o Anão, como capitão da guarda

de Glorund sobre o tesouro durante sua ausência — uma escolha estranha para o cargo, poder-se-ia pensar. A esse respeito, ver aqui. Na outra, diz-se que Níniel concebeu um filho de Turambar o que, muito notavelmente, não se diz no texto originalmente escrito; sobre isso, ver aqui.

(x) *As mortes de Túrin e Nienóri* (pp. 134–38)
Na conclusão da história, a estrutura do conto antigo permaneceu no *Narn*: o luar, o cuidado com a mão queimada de Turambar, o grito de Níniel que instigou o dragão ao seu último ato de maldade, a acusação do dragão de que Turambar esfaqueava seus inimigos às escondidas, Turambar chamando Tamar/Brandir de “coxo”, mandando que fosse confraternizar com o dragão na morte, o súbito ressecar das folhas no local do salto de Nienor, como se já fosse fim de outono, a invocação de Nienor às águas e a de Turambar à espada, o erguimento do monte tumular de Túrin e a inscrição na pedra com “estranhos sinais”. Muitas outras características poderiam ser acrescentadas. Há, contudo, muitas diferenças também; e aqui faço menção apenas a algumas das mais importantes.

Como Mablung está ausente do conto antigo, somente a intuição de Turambar (“estando agora livre da cegueira” — a cegueira que Melko “tecera outrora”, p. 106)[d] o informa que Tamar falava a verdade. Na história posterior, a morte de Glaurung e todas as suas consequências se dão no curso de uma única noite e a manhã do dia seguinte, enquanto no conto isso acontece em duas noites, no dia entre elas e na segunda manhã. Turambar é levado de volta ao povo no cimo do morro pelos três desertores que o deixaram na ravina, ao passo que na história posterior ele chega sozinho. (No

conto, não há vestígio do assassinato de Dorlas por Brandir, e o fato de que Tamar portava uma espada não tem desdobramentos.)

O resultado da mudança do lugar em que Túrin e Nienóri morreram é de particular interesse. No conto, há apenas um rio, e Níniel segue torrente acima pelas matas e se atira por sobre a catarata da Bacia de Prata (no local que depois foi chamado de Nen Girith), e aqui também, na clareira acima da catarata, Turambar se matou; na história desenvolvida depois, seu salto de morte foi para dentro da ravina do Teiglin em Cabed-en-Aras, o Salto do Cervo, próximo ao ponto em que Turambar jazia ao lado de Glaurung, e aqui também se deu a morte de Turambar. Assim, o sentimento de pavor de Níniel quando esteve pela primeira vez na Bacia de Prata com os Homens-da-floresta que a resgataram (p. 126) pressagiou sua própria morte naquele lugar, mas na história alterada há menos razão para um mau presságio a acometer ali. Mas, ainda que o local tenha sido mudado, permaneceram o ressecar das folhas e o temor em relação ao lugar da morte deles, de maneira que ninguém quis ir depois ao Cabed-em-Aras, assim como ninguém se dispôs a colocar os pés no gramado acima da Bacia de Prata.

A característica mais notável da versão mais antiga da história de Turambar e Níniel é certamente o fato de que, da maneira que meu pai escreveu inicialmente, ele *não* diz que ela havia concebido um filho de Turambar (nota 25); e, portanto, não há nada na história antiga que corresponda às palavras de Glaurung a ela: “Mas o pior de todos os seus atos [isto é, de Túrin] hás de sentir em ti mesma” (*Narn*, p. 193). Assim, o fato que acima de todos os outros é responsável pelo

extremo horror e desespero de Nienor foi um acréscimo posterior ao conto.

Para concluir essa longa análise do *Conto de Turambar* propriamente dito, pode-se notar a ausência de topônimos na parte final da narrativa. A habitação dos Rodothlim não é nomeada, e nem o rio que passava por ali; nenhum nome se dá para as matas onde os Homens-da-floresta moravam, nem à sua vila e nem mesmo para a torrente que tem importância tão central no fim da história (em oposição a Nargothrond, Narog, Tumhalad, Amon Ethir, Brethil, Amon Obel, Ephel Brandir, Teiglin e Celebros das narrativas posteriores).

§2. *A narrativa seguinte de Eltas (após a morte de Túrin)*

Meu pai riscou a maior parte dessa continuação, deixando apenas até as palavras “em virtude de sua grande infelicidade”, na p. 139 (ver nota 31). Do breve trecho que foi mantido, vê-se que a história de Morwen chegando à pedra no monte tumular de Túrin remonta ao início, embora na história posterior ela encontre Húrin ali (*O Silmarillion*, p. 308).

A porção rejeitada continua da seguinte maneira:

No entanto, conta-se que quando a sina de seu povo foi cumprida por inteiro, então Úrin foi libertado por Melko e, curvado pelos anos, voltou a terras mais benfazejas. Lá reuniu alguns poucos junto de si, e eles partiram e encontraram as cavernas dos Rothwarin [*forma anterior de* Rodothlim, *ver aqui*] vazias, e ninguém as guardava, e um imenso tesouro

jazia ali ainda, pois ninguém o encontrara, já que o terror do draco viveu mais tempo do que ele mesmo, e ninguém se aventurara até lá novamente. Mas Úrin fez com que levassem o ouro diante de Linwë [ou seja, Tinwelint] e, atirando-o aos pés dele, ordenou-lhe amargamente que pegasse sua vil recompensa, chamando-o de covarde por conta de cujo coração fraco muito mal caiu sobre sua casa que talvez nunca tivesse caído; e com isso começou uma nova desavença entre Elfos e Homens, pois Linwë irou-se às palavras de Úrin e mandou que fosse embora, dizendo: 'Por muito tempo acolhi Túrin, teu filho, e perdoei a maldade de seus feitos, e depois socorri tua esposa, cedendo aos seus desejos insanos contra meu alvitre. E, no entanto, o que tenho com isso — e por que tu, ó filho da rude raça dos Homens, te prestas a repreender um rei dos Eldalië cuja vida começou em Palisor incontáveis anos antes de os Homens nascerem?' E Úrin teria partido então, mas seus homens não estavam dispostos a deixar o ouro ali, e uma dissensão surgiu ali entre eles e os Elfos, e daí vieram golpes violentos, e Tintoglin [ou seja, Tinwelint] não os conseguiu conter.

Ali nos seus paços o bando de Úrin foi morto, e eles mancharam o tesouro do dragão com seu sangue; mas Úrin escapou e maldisse aquele ouro com uma pavorosa maldição, para ninguém poder desfrutar dele e para todos os que tomassem qualquer quinhão descobrirem

que dali vinham o mal e a morte. Mas Linwë, ouvindo a maldição, fez com que o ouro fosse lançado num profundo remanso do rio diante de suas portas, e por muito tempo ninguém voltou a vê-lo, exceto pelo Anel do Destino [*corrigido para*: o Colar dos Anãos], e esse conto não diz respeito aqui, ainda que nele o mal da serpe Glorund tenha encontrado seu cumprimento final.

(A última frase é um acréscimo ao texto). O restante dessa narrativa rejeitada, acerca dos destinos de Úrin e Mavwin e seus filhos, é essencialmente o mesmo do texto substitutivo incluído na p. 142 (“Então Úrin partiu, mas não quis tocar no ouro [...]”) e não precisa ser colocado aqui.

Imediatamente após a narrativa rejeitada há um breve esboço intitulado “Estória do Nauglafring ou o Colar dos Anãos”, e este também está riscado por inteiro. Não há menção alguma a Úrin aí, mas conta-se que os Orques (uma emenda de *Gongues*, ver I. 245 nota 10) que guardavam o tesouro de Glorund foram procurá-lo quando ele não voltou para as cavernas e, na sua ausência, Tintoglin (isto é, Tinwelint), sabendo da morte de Glorund, mandou Elfos para roubar o tesouro dos Rothwarin (isto é, Rodothlim). Ao retornarem, os Orques maldisseram os ladrões e o ouro também.

Linwë (isto é, Tinwelint) protegeu o ouro, e fez com que certos Úvanimor (Nautar ou Nauglath) lhe fizessem um grande colar. (*Úvanimor* foi definido em um conto anterior como “monstros, gigantes e ogros”, ver I. 75, 236; *Nauglath* são Anãos, I. 236). Nesse colar a Silmaril foi engastada; mas a

maldição do ouro estava nele, e ele os privou de parte da recompensa. Os Nauglath tramaram com a ajuda dos Homens; Linwë foi morto num saque e o ouro, levado.

Segue-se outro rascunho rejeitado, intitulado “O Colar dos Anãos”, que combina características do rascunho precedente com características do final rejeitado da narrativa de Eltas (pp. 166–67). Aqui, Úrin reúne um bando de Elfos e Homens selvagens e ferozes, e eles vão até as cavernas, pouco vigiadas porque os “Orqui” (isto é, Orques) estão fora, procurando Glorund. Eles levam o tesouro embora e os Orques, ao retornarem, amaldiçoam-no. Úrin lança o tesouro diante do rei e o repreende (dizendo que ele poderia ter enviado uma companhia maior às cavernas para proteger o tesouro, se não para auxiliar Mavwin em sua aflição); “Tintoglin não se dispôs a tocá-lo e mandou que Úrin ficasse com o que conquistou, mas Úrin partiu com palavras amargas”. Os homens de Úrin não queriam deixá-lo, e voltaram furtivamente; houve uma contenda nos paços do rei e muito sangue foi derramado sobre o ouro. O esboço é concluído assim:

Os Gongues saqueiam os paços de Linwë, e Linwë é morto e o ouro, levado para bem longe. Beren Ermabwed abate-se sobre eles numa travessia do Sirion, e o tesouro é lançado na água, e com ele a Silmaril de Fëanor. Os Nauglath que moram nas proximidades mergulham atrás do ouro, mas encontram somente um grande colar de ouro (e a Silmaril está nele). Essa se torna a marca do seu rei.

Esses dois esboços são relacionados em parte à história do Nauglafring, e mostram meu pai ponderando sobre essa história antes de escrevê-la; não há necessidade de considerar esses elementos aqui. É evidente que ele estava com muitas dúvidas sobre o rumo da história após a libertação de Úrin — o que aconteceu com o ouro do dragão? Estava protegido ou desprotegido e, se protegido, por quem? Como ele chegou afinal às mãos de Tinwelint? Quem o amaldiçoou e em que momento da história? Se foi Úrin e seu bando que se apossaram dele, eram Homens, Elfos ou ambos?

No texto final, escrito em retalhos de papel e incluídos acima, nas pp. 113–16, essas questões foram resolvidas da seguinte forma: inicialmente, o bando de Úrin era de Homens, alterado depois para Elfos (ver nota 33); o tesouro era guardado por Mîm, o anão, morto por Úrin, e foi ele quem amaldiçoou o ouro ao morrer; o bando de Úrin é usado de cargueiro para levar o tesouro a Tinwelint em sacas e caixas de madeira (e eles chegaram à ponte diante do portão do rei, no coração da floresta, aparentemente sem qualquer dificuldade). Nesse texto, não há indício do que aconteceu com o tesouro após a partida de Úrin (porque o *Conto do Nauglafring* começa neste ponto).

Seguindo a escrita do *Conto de Turambar* propriamente dito, meu pai inseriu Mîm no texto em um ponto anterior da história (ver pp. 128, nota 26), tornando-o capitão da guarda indicado por Glorund para vigiar o tesouro na sua ausência; mas se isso foi escrito antes ou depois da aparição de Mîm ao final (pp. 140–41) — se representa uma ideia diferente ou se é uma explicação de como Mîm foi parar lá — isso eu não sei dizer.

Em *O Silmarillion* (pp. 309–11), a história foi completamente alterada, pois o tesouro permaneceu em Nargothrond e Húrin, após assassinar Mîm (por uma razão muito melhor do que na narrativa anterior), não levou nada de lá até Doriath a não ser o Colar dos Anãos.

Do assombroso relato ao fim da narrativa de Eltas (pp. 142–43) sobre a "deificação" de Túrin Turambar e Nienóri (e a recusa dos Deuses da Morte em abrir-lhes as portas), é preciso dizer que não há nenhuma explicação em lugar algum — embora em versões muito posteriores da mitologia Túrin Turambar apareça na Última Batalha e golpeie Morgoth com sua espada negra. O banho purificador no qual entraram Túrin e Nienóri, chamado de *Fôs'Almir* no texto final, chamava-se *Fauri* no texto rejeitado. No *Conto do Sol e da Lua*, ele foi descrito (I. 187), mas recebeu outros nomes: *Tanyasalpë*, *Faskalanúmen* e *Faskalan*.

Resta um último texto a ser considerado. O segundo dos esboços rejeitados incluídos acima (pp. 167–68) foi escrito a tinta sobre um rascunho a lápis que *não* foi apagado, e fui capaz de desenterrar uma boa parte do que está sob a escrita mais recente. Os dois trechos não têm nada a ver um com o outro; por alguma razão, meu pai não se deu ao trabalho de apagar a escrita anterior. O texto subjacente, até onde consigo decifrar, diz:

Tirannë e Vainóni se juntam ao feiticeiro maligno Kurúki, que lhes dá uma beberagem nociva. Elas se esquecem de seus nomes e vagam desvairadas pelas matas. Vainóni se perde. Ela encontra Turambar, que a salva dos Orques e a

ajuda na busca por sua mãe. Casam-se e vivem felizes. Turambar se torna senhor dos caminheiros das matas e um agressor de Orques. Ele sai para buscar o Foalókë que devasta sua terra. O tesouro amontoado — e a fuga do seu bando. Ele mata o Foalókë e é ferido. Vainóni o socorre, mas o dragão moribundo conta tudo a ela, retirando o véu que Kurúki havia posto sobre elas. Aflição de Turambar e Vainóni. Ela foge para as matas e se lança de uma catarata. Loucura de Turambar, que habita sozinho . . . . . Úrin foge de Angamandi e busca Tirannë. Turambar foge dele e cai sobre sua espada . . . . . Úrin ergue um monte tumular e . . . . . sina de Melko. Tirannë morre de pesar e Úrin chega a Hisilómë . . . . . Purificação de Turambar e Vainóni, que percorrem brilhantes o mundo e vão com as hostes de Tulkas contra Melko.

> Rabiscos separados se seguem, sem dúvida escritos ao mesmo tempo:

Úrin foge. Tirannë descobre sobre Túrin. Ambos vagam perturbados . . . na mata.

Túrin deixa Linwë, pois em uma querela ele matou um parente de Linwë (acidentalmente).

Introduzir o elemento Failivrin na história?

Turambar incapaz de lutar devido aos olhos do Foalókë. Vê Failivrin partir.

Isso só pode representar algumas das ponderações mais antigas de meu pai acerca da história de Túrin Turambar. O fato de aparecer no caderno no *final* do Conto completo pode parecer surpreendente, mas ele claramente usava esses cadernos de maneira muito excêntrica. Nienóri é chamada aqui de *Vainóni*, e Mavwin, de *Tirannë*; o feitiço de esquecimento aqui é lançado por um feiticeiro chamado *Kurúki*, embora seja o dragão que erga o véu colocado sobre elas pelo feiticeiro. Os dois encontros com o dragão parecem ter originalmente surgido de um único encontro.

Como mencionei anteriormente, o *Conto de Turambar*, assim como outros dos *Contos Perdidos*, foi escrito a tinta por cima de um texto a lápis completamente apagado, e a versão restante do conto é tal que só poderia ter derivado de um rascunho mais rudimentar que a precedeu; mas o texto por baixo está tão completamente apagado que não há qualquer pista sobre o estágio que ele tinha alcançado no desenvolvimento da lenda. É bem possível — e penso ser extremamente provável — que neste rascunho a respeito de Vainóni, Tirannë e Kurúki estejamos vislumbrando, por um acaso singular, uma "camada" da saga de Túrin mais antiga até mesmo do que o texto apagado que jaz debaixo da versão remanescente.

§3. *Miscelânea*

(i) *Beren*

O trecho rejeitado incluído na p. 93 — junto com a nota marginal "Se Beren for um Gnomo (como está agora na história de Tinúviel), as referências a Beren devem ser alteradas" (nota 4) — é a base para minha afirmação (p. 47) de que, na mais

antiga e agora perdida versão do *Conto de Tinúviel*, Beren era um Homem. Espero ter demonstrado que a versão remanescente do *Conto de Turambar* precedeu a versão remanescente do *Conto de Tinúviel* (p. 90). Beren era um Homem, *e aparentado de Mavwin*, quando o *Conto de Turambar* que restou foi escrito; ele se tornou um Gnomo no *Conto de Tinúviel* remanescente, e essa alteração foi passada para o *Conto de Turambar*. O que o trecho substitutivo na p. 94 faz é alterar a relação de Egnor e Beren de parentesco com a esposa de Úrin para amizade com Úrin. (Uma correção à versão datilografada de *Tinúviel*, p. 60, é posterior, e faz com que a camaradagem de Úrin seja em relação a Beren, e não a Egnor). Duas outras alterações ao texto de Turambar, resultado da alteração em Beren de Homem para Elfo estão incluídas nas notas 5 e 6. É interessante observar que, na genealogia desenvolvida de *O Silmarillion*, quando Beren evidentemente se tornou um Homem outra vez, ele também voltou a ser parente de Morwen: pois Beren era primo em primeiro grau do pai de Morwen, Baragund.

No trecho rejeitado da p. 93, meu pai escreveu acima do nome Egnor “Damrod, o Gnomo” (nota 2) e no trecho corrigido escreveu que Úrin conhecera Beren “e lhe prestara serviço certa feita em respeito a Damrod, seu filho”. Não há qualquer pista sobre o que esse serviço pode ter sido; mas no segundo dos “esquemas” para *O Livro dos Contos Perdidos* (ver I. 233–34), o esboço para o *Conto do Nauglafring* refere-se ao filho de Beren e Tinúviel, pai de Elwing, pelo nome *Daimord*, embora no conto em si, conforme foi escrito, o filho era chamado *Dior*, e assim permaneceu. Presumivelmente, *Daimord* deve ser equivalente de

Damrod. Não consigo explicar a inserção “Damrod, o Gnomo” perto de “Egnor” no trecho rejeitado — possivelmente dar o nome *Damrod* ao pai de Beren não foi nada além de uma ideia passageira.

Pode-se notar aqui que tanto o trecho rejeitado quanto o trecho substitutivo deixam bem claro que os eventos da história de Beren e Tinúviel aconteceram *antes* da Batalha das Lágrimas Inumeráveis; ver pp. 85–6.

(ii) *A Batalha de Tasarinan*

Diz-se no começo do presente conto (p. 91) que ele “fala de dias muito antigos daquela gente [Homens], antes da Batalha de Tasarinan, quando os Homens entraram pela primeira vez nos vales escuros de Hisilómë”.

À primeira vista, isso acarreta uma contradição extrema, já que se diz muitas vezes que os Homens foram confinados em Hisilómë à época da Batalha das Lágrimas Inumeráveis, e o *Conto de Turambar* se passa — e precisa se passar — depois dessa batalha. A solução está, contudo, numa ambiguidade da frase citada. Meu pai não quis dizer que era um conto de Homens em dias antigos sobre esse povo antes de entrarem em Hisilómë; ele quis dizer “este é um conto de dias antigos *quando* os Homens entraram pela primeira vez em Hisilómë — muito antes da Batalha de Tasarinan”.

Tasarinan é a Terra dos Salgueiros, *Nan-tathren* em *O Silmarillion*; as antigas listas de palavras, ou dicionários, incluem a forma “élfica” *tasarin* “salgueiro” e a gnômica *tathrin*.[e] A Batalha de Tasarinan ocorreu muito depois, no decorrer da grande expedição desde Valinor para libertar os Noldoli escravizados nas Grandes Terras. Ver aqui.

(iii) *A geografia do Conto de Turambar*

O trecho que descreve a rota dos Orques que capturaram Túrin (p. 99) fornece outra evidência para a ideia de que “as montanhas que cercavam Hisilómë das Terras Além eram contínuas em relação àquelas acima de Angband” (p. 81); pois se diz ali que os Orques “estavam sempre a seguir a faixa de colinas escuras rumo às regiões onde elas se erguem altaneiras e lúgubres, e seus cimos são amortalhados de vapores negros”, e “*ali* elas passam a se chamar Angorodin, ou Montanhas de Ferro, pois sob as raízes das suas fortalezas mais setentrionais fica Angband”.

O local das cavernas dos Rodothlim, muito em consonância com o que se diz depois de Nargothrond, já foi discutido (p. 151), assim como a topografia da Bacia de Prata e a ravina em que Turambar assassinou Glorund em relação aos posteriores Teiglin, Celebros e Nen Girith (pp. 160–61). Além disso, há algumas indicações no conto de como as cavernas dos Rodothlim se relacionam ao reino de Tinwelint e à terra onde os Homens-da-floresta habitavam. Está dito (p. 120) que as “moradas dos Rodothlim não eram completamente distantes do reino de Tinwelint, ainda que fossem longe o bastante”; ao passo que os Homens-da-floresta habitavam “em terras que não estavam completamente distantes do Sirion ou das colinas relvadas no curso médio daquele rio” (p. 115), e pode-se dizer que isso está em consonância aceitável com a situação da Floresta de Brethil. No mesmo trecho, diz-se que a região onde eles habitavam era “em lugares muito distantes, muito longe do rio dos Rodothlim”, e a ira de Glorund foi grande quando ouviu falar de “uma gente corajosa dos Homens que habitava muito longe do rio” (p.

128); isso também se acomoda bem à concepção geográfica posterior — Brethil de fato ficava a uma grande distância do rio (Narog) para alguém que vinha de Nargothrond.

Minha forte impressão é de que, embora a geografia do oeste das Grandes Terras *pudesse* estar ainda bastante vaga, ela já tinha em muitos aspectos importantes a mesma estrutura essencial e as interrelações daquelas vistas no mapa que acompanha *O Silmarillion*.

(iv) *A influência dos Valar*

Assim como no *Conto de Tinúviel* (ver aqui), no *Conto de Turambar* também há várias referências ao poder dos Valar nos assuntos de Homens e Elfos nas Grandes Terras — e a preces, tanto de graças quanto de pedidos, direcionadas a eles: assim, os guardiões de Túrin “agradeciam aos Valar” por terem completado a jornada a Artanor (p. 94) e, mais notavelmente, Úrin “clamara pelos Valar do Oeste, tendo aprendido muito a respeito deles pelos Eldar de Kôr — os Gnomos que encontrara — e suas palavras chegaram, quem há de saber como, até Manwë Súlimo sobre as alturas de Taniquetil” (p. 99). (Úrin já era um “Amigo-dos-Elfos”, instruído pelos Noldoli; ver o trecho substitutivo aqui). Será que sua prece foi “atendida”? Possivelmente, esse é o sentido da expressão muito estranha “pela sorte dos Valar” (p. 102), quando Flinding e Beleg encontraram Túrin jazendo perto do ponto em que eles entraram no acampamento-órquico.[f]

Sonhos enviados pelos Valar chegavam aos chefes dos Rodothlim, embora isso tenha sido alterado depois, e a referência aos Valar, removida (p. 106 e nota 10, p. 143); os Homens-da-floresta

diziam “Quisera que os Valar retirassem o feitiço que jaz sobre Níniel” (p. 126); e Túrin “vociferou asperamente contra os Valar e seu fado de desgraça” (p. 137).

Uma referência interessante aos Valar (e seu poder) ocorre na resposta de Tinwelint (p. 119) às palavras de Mavwin “dai-me apenas uma cabana de lenhador e meu filho”. O rei responde: “Isso não te posso dar, pois sou apenas um rei dos Elfos silvestres *e não um Vala das ilhas do oeste*”. Na pequena porção do *Conto de Gilfanon* que de fato foi escrita, conta-se (I. 231) que os Elfos Escuros que permaneceram em Palisor diziam que “seus irmãos haviam partido para o oeste, para as Ilhas Reluzentes. Lá, diziam, habitam os Deuses, e eles os chamavam de Grande Povo do Oeste, e pensavam que habitavam em ilhas iluminadas por fogo no mar”.

(v) *A idade de Túrin*

De acordo com o *Conto de Turambar*, quando Túrin deixou Mavwin, ele tinha sete anos de idade, e foi após sete anos morando com os Elfos da floresta que todas as notícias de seu lar cessaram (p. 116); no *Narn*, o período em anos correspondente é oito e nove, e Túrin tinha dezessete anos, e não catorze, quando “seu desgosto foi renovado” (pp. 93, 112–13). Exatamente doze anos após deixar Mavwin, ele assassinou Orgof e fugiu de Artanor (p. 97), com dezenove anos; no *Narn* (p. 116), também fazia doze anos que deixara Hithlum quando caçou Saeros até a morte, mas ele tinha vinte anos.

“O conto não diz o número de dias que Turambar permaneceu com os Rodothlim, mas foram muitíssimos, e durante esse tempo Nienóri cresceu até quase se tornar mulher adulta” (p. 116). Nienóri

era sete anos mais nova do que Túrin: ela tinha doze anos quando fugiu de Artanor (*ibid*.). Ele não pode, portanto, ter morado entre os Rodothlim por mais do que, digamos, cinco ou seis anos; e conta-se que, quando foi escolhido chefe dos Homens-da-floresta, possuía uma "sabedoria superior aos seus anos".

Bethos, chefe dos Homens-da-floresta antes de Túrin, "lutara, ainda que fosse menino na época, na Batalha das Lágrimas Inumeráveis" (p. 126), mas foi morto numa incursão, pois "*apesar da idade*, ainda cavalgava para fora". Mas é impossível correlacionar o tempo de vida de Bethos (desde menino na Batalha das Lágrimas Inumeráveis até sua morte numa incursão, com idade avançada o bastante para ser digna de nota) ao de Túrin; pois os eventos após a destruição dos Rodothlim, culminando no resgate de Níniel por Túrin depois do primeiro encontro dela com Glorund, não podem cobrir um período muito longo. O que é claro e certo é que, na história antiga, Túrin morreu quando era ainda muito jovem. De acordo com a datação precisa fornecida em escritos muito posteriores, ele tinha 35 anos quando morreu.

(vi) *A estatura de Elfos e Homens*

Os Elfos são concebidos como tendo compleição e estatura menores que as dos Homens: assim, Beleg "era de grande estatura e porte *conforme a maneira daquele povo*" (p. 95), e Túrin "era um Homem de maior estatura que eles", isto é, que Beleg e Flinding (p. 102), sendo essa última frase uma emenda de "era um Homem de grande tamanho" (nota 8). Sobre esse assunto, ver I. 32, 235.

(vii) *Dragões alados*

No final de *O Silmarillion* (p. 334), Morgoth “soltou sobre seus inimigos o último ataque desesperado que preparara, e das fossas de Angband saíram os dragões alados, que não tinham sido vistos antes”. Isso sugere que os dragões alados eram um refinamento da idealização original de Morgoth (encarnada em Glaurung, Pai de Dragões, que se movia de rastos). Por outro lado, de acordo com o *Conto de Turambar* (pp. 104–05), entre os muitos dragões de Melko, uns eram menores, frios como cobras, e destes muitos eram criaturas voadoras; enquanto outros, os mais poderosos, eram quentes e pesados, dragões-de-fogo, e esses não tinham asas. Como já se observou (p. 153), não há sugestão no conto de que Glorund fosse o primeiro de sua espécie.

[a] A julgar pelo primeiro desses trechos, parece que quando Beren chegou a Nargothrond a política de “sigilo” já estava em vigor sob Felagund; mas, pelo segundo, parece que ela passou a vigorar devido à potente retórica de Curufin após a chegada de Beren.

[b] Em *O Silmarillion*, ela é chamada Finduilas, e o nome Faelivrin, “isto é, o brilho do sol nas lagoas de Ivrin”, foi-lhe dado por Gwindor (p. 283).

[c] Numa reescrita posterior de um trecho nesse conto (p. 200 e nota 22), diz-se de Tuor e Idril de Gondolin: “Assim, pela primeira vez, casou-se um filho dos Homens com uma filha de Elfinesse, nem foi Tuor o último.”

[d] Compare com as palavras a Mablung no *Narn*, p. 241: “Pois vê, sou cego! Não sabias? Cego, cego, tateando desde a infância numa escura névoa de Morgoth!”

[e] *Tasarinan* sobreviveu sem alteração como o nome em quenya: “os salgueirais de Tasarinan” na canção de Barbárvore, *As Duas Torres*, Livro III, capítulo 4.

[f] O dicionário gnômico possui o verbete *gwalt* “boa sorte — qualquer acontecimento ou pensamento providencial: ‘a sorte dos Valar’, *i·walt ne Vanion*” (I. 272).

3

A Queda de Gondolin

Ao final do relato de Eltas sobre a visita de Úrin a Tinwelint e sobre o estranho destino de Úrin, Mavwin, Túrin e Nienóri (p. 116), o manuscrito que está em folhas soltas na verdade continua com um breve interlúdio no qual se discute o curso vindouro do contar de contos em Mar Vanwa Tyaliéva.

E assim dizendo, Eltas concluiu, e ninguém perguntou mais nada. Mas Lindo pediu que todos o agradecessem por seu conto e, a isso, ele falou: “Ora, se desejardes, ainda há muito para contar a respeito do ouro de Glorund e como o mal daquela serpe encontrou sua realização final — mas vede, essa é a estória do Nauglafring, ou o Colar dos Anãos, e ela deve esperar um pouco — e outras estórias de coisas mais leves e mais felizes tenho para contar se preferirdes ouvi-las.”

Então ergueram-se muitas vozes implorando a Eltas que contasse o conto do Nauglafring no dia seguinte, mas ele disse: “Não! Pois quem aqui sabe o conto completo de Tuor e da vinda de Eärendel, ou quem era Beren Ermabwed e quais foram seus feitos? Pois primeiro é melhor aprender direito sobre essas coisas.” E todos disseram que Beren Ermabwed eles conheciam bem, mas que da vinda de Eärendel bem pouco fora contado.

“E isso é muito danoso,” disse Lindo, “pois é a maior das estórias dos Gnomos, e justo nesta casa temos Ilfiniol, filho de Bronweg, que conhece essas façanhas mais fielmente do que qualquer um que agora vive na Terra.”

Por volta daquele momento, Ilfiniol, o Guardião-do-Gongo, entrou de fato, e Lindo lhe falou: “Vê, ó Coração-Pequeno, filho de Bronweg, é o desejo de todos que nos contes os contos de Tuor e de Eärendel tão logo seja possível.” E Ilfiniol alegrou-se com isso, mas disse: “É um magno conto, e sete vezes o povo há de se reunir no Fogo-do-Conto até que ele seja contado apropriadamente; e é tão entretecido com as estórias do Nauglafring e da Marcha dos Elfos[1] que, para contá-lo, eu gostaria do auxílio de Ailios aqui e de Meril, a Senhora da Ilha, pois há muito tempo ela não vem a esta casa.”

Portanto, mensageiros foram enviados no dia seguinte ao *korin*[2] de olmeiros altos, e disseram que Lindo e Vairë alegrar-se-iam de ver entre eles o rosto de sua senhora, pois tencionavam fazer um festival e promover uma grande contação de contos élficos antes que Eriol, seu hóspede, partisse para Tavrobel por um tempo. Assim foi que por três dias aquele salão não ouviu conto algum, e as pessoas de Vanwa Tyaliéva fizeram grandes preparativos, mas, na quarta noite, Meril foi até lá junto à sua companhia de donzelas, e aquele lugar encheu-se de luz e alegria; mas após a refeição da noite, uma grande multidão sentou-se diante do Tôn a Gwedrin,[3] e as donzelas de Meril

cantaram as mais belas canções que aquela ilha conhecia.[4]

E uma delas Heorrenda depois verteu para a língua de seu povo, e ela é assim.[5]

Mas quando essas canções silenciaram, então falou Meril, que estava sentada na cadeira de Lindo: “Vamos, ó Ilfiniol, começa o conto dos contos, e conta-o mais plenamente do que jamais fizeste.”

Então disse Coração-Pequeno, filho de Bronweg . . . (Conto de Gondolin). [*sic*]

> Essa é, portanto, a *Ligação* entre o *Conto de Turambar* e *A Queda de Gondolin* (um “prefácio” mais antigo ao conto está incluído adiante). Parece que meu pai hesitou sobre qual conto deveria seguir o de *Turambar* (ver nota 4), mas decidiu que era hora de apresentar *A Queda de Gondolin*, que existia havia algum tempo.
>
> Nessa *Ligação*, Ailios (posteriormente Gilfanon) está presente (“gostaria do auxílio de Ailios aqui”) no final do conto de Eltas sobre Turambar, mas no início do conto de Eltas (p. 91), afirma-se de maneira explícita que ele não estava presente naquela noite. Sobre a sugestão de que Eriol deveria “partir para Tavrobel por um tempo” (como hóspede de Gilfanon), ver I. 175.
>
> O fato de que Eltas fala do conto de Beren Ermabwed como se não soubesse que ele fora recentemente contado em Mar Vanwa Tyaliéva certamente se explica porque esse conto não foi narrado junto ao Fogo-do-Conto (ver pp. 4–7).

O narrador do conto *A Queda de Gondolin*, Coração-Pequeno, o Guardião-do-Gongo de Mar Vanwa Tyaliéva, apareceu várias vezes nos *Contos Perdidos*, e seus nomes élficos têm muitas formas diferentes (ver a seção *Alterações feitas a nomes* no final do conto). Em *O Chalé do Brincar Perdido* (I. 15), diz-se que ele é "ancião além da conta", e que "navegou em Wingilot com Eärendel naquela última viagem em que buscaram Kôr"; e na *Ligação* à *Música dos Ainur* (I. 46), ele "tinha um rosto vincado e olhos azuis de grande divertimento, e era muito esguio e pequeno, e nem se podia dizer se tinha cinquenta anos ou dez mil". É um Gnomo, filho de Bronweg/Voronwë (Voronwë de *O Silmarillion*) (I. 48, 94).

Os textos de "A Queda de Gondolin"

A história textual de *A Queda de Gondolin*, se considerada com detalhes, é extremamente complexa; mas ainda que eu a apresente aqui, da maneira que a entendo, não há razão real para ela complicar a disposição do conto em si.

Em primeiro lugar, há um manuscrito muito difícil contido em dois cadernos escolares, nos quais o título do conto é *Tuor e os eLivross de Gondolin (que traz em seguida o grande conto de Eärendel)*. De fato, esse é o único título encontrado nos textos antigos, mas meu pai sempre se referiu posteriormente como *A Queda de Gondolin*. Esse manuscrito é (ou melhor, era) o texto original do conto, datado de 1916–17 (ver I. 203 e *Contos Inacabados*, p. 16), e por conveniência vou chamá-lo aqui de *Tuor A*. O tratamento que meu pai deu a ele subsequentemente foi distinto do que deu a *Tinúviel* e a *Turambar* (em que o texto original foi

apagado e uma nova versão foi escrita no lugar). Neste conto, ele não escreveu um texto completamente novo, mas deixou uma boa parte do antigo permanecer, pelo menos no começo do conto: conforme a revisão progredia, a reescrita a tinta sobre o texto a lápis de fato se tornou quase contínua, e ainda que o lápis não tenha sido apagado, a tinta efetivamente faz com que desapareça. Mas mesmo depois de a segunda versão se tornar contínua, há vários lugares em que ele não escreveu por cima da primeira narrativa, mas simplesmente a riscou, e ela continua legível. Assim, ainda que *Tuor A* esteja no mesmo estágio de *Tinúviel* e *Turambar* (e outros dos *Contos Perdidos*) por ser uma revisão posterior, isto é, uma segunda versão, o método de meu pai em *Gondolin* permite ver que pelo menos aqui a revisão não foi em absoluto uma reformulação completa (muito menos uma reimaginação); pois se os trechos nos pontos mais avançados do conto que ainda podem ser comparados em ambas as versões mostram que ele estava seguindo a versão anterior muito de perto, o mesmo provavelmente se aplica aos pontos em que não é possível fazer uma comparação.

A partir de Tuor A, da maneira que estava *quando todas as alterações a ele haviam sido feitas* (isto é, quando ele estava na forma em que está agora), minha mãe fez uma cópia a limpo (*Tuor B*), a qual, considerando-se a dificuldade do original, é extremamente precisa, com apenas erros muito fortuitos de transcrição. Eu afirmei em *Contos Inacabados* (p. 17) que essa cópia foi feita “ao que parece em 1917”, mas isso agora me parece improvável.[a] Concepções tais como a Música dos Ainur, mencionada em acréscimos posteriores a

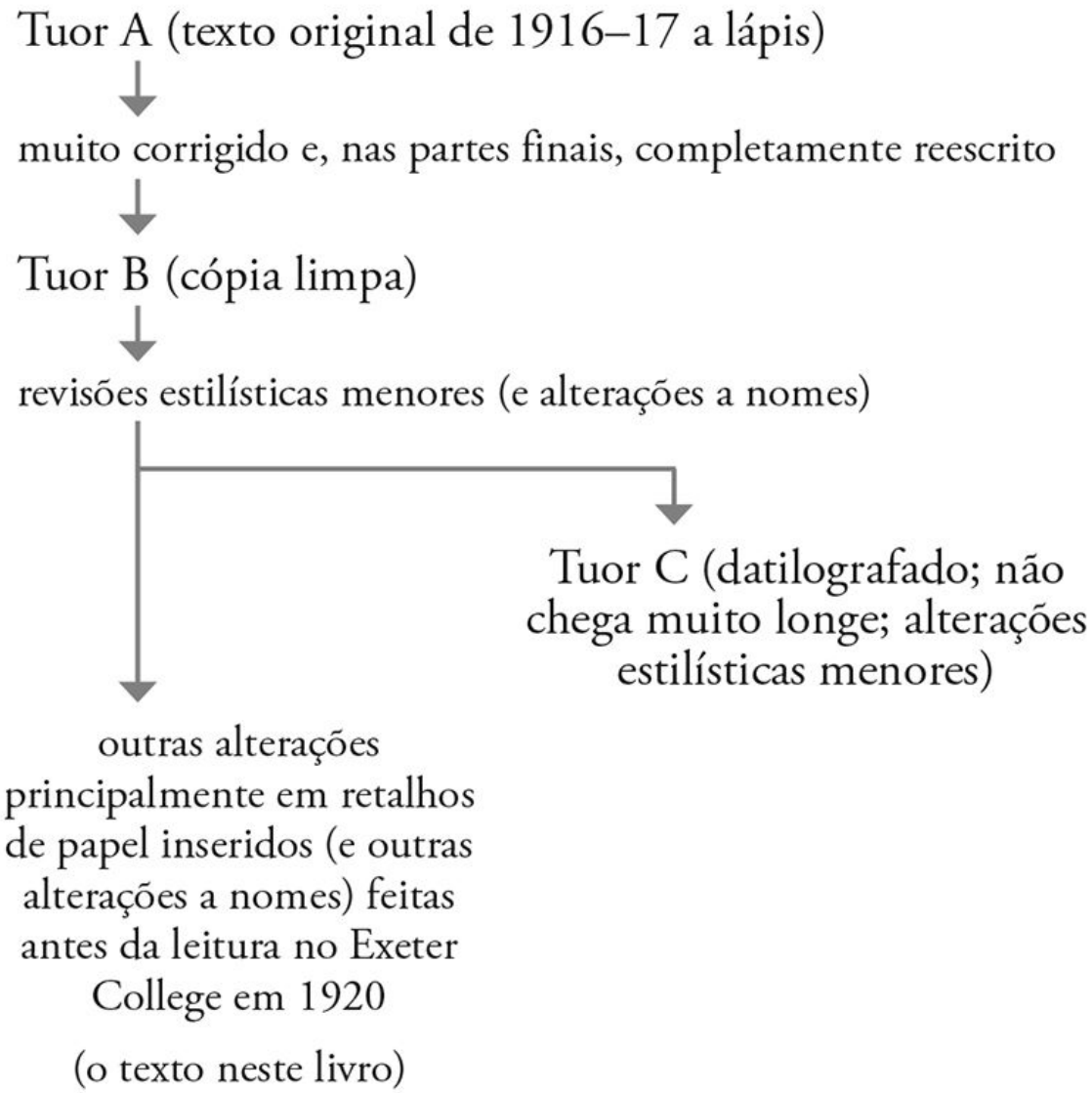
Tuor A (p. 163), *podem*, é claro, ter estado na mente de meu pai por um bom tempo antes de ele escrever o conto em Oxford, enquanto trabalhava no Dicionário (I. 45), mas parece mais provável que a revisão a *Tuor A* (e, portanto, também a *Tuor B*, que foi copiado de *A* após a revisão) pertença também àquele período.

Subsequentemente, meu pai voltou o lápis para *Tuor B*, emendando-o bastante, mas principalmente no começo do conto, e quase sempre por razões estilísticas e não narrativas; mas essas emendas, como se verá, não foram feitas todas ao mesmo tempo. Algumas estão escritas em pedaços separados de papel, e muitos deles têm, no verso, partes de uma discussão etimológica sobre certas palavras germânicas para o pássaro chamado de *Butcher-bird* ou *Shrike* [picanço], conteúdo que aparece no Oxford Dictionary no verbete *Wariangle*. Considerando-se também o fato de que um dos papeizinhos com esse material no verso claramente contém uma instrução para que o conto fosse reduzido quando contado oralmente (ver nota 21), é praticamente certo que grande parte da revisão de *Tuor B* foi feita antes que meu pai o lesse no Clube de Ensaios do Exeter College, na primavera de 1920 (ver *Contos Inacabados*, p. 17).

Demonstra-se que nem todas as emendas a *Tuor B* foram feitas ao mesmo tempo pelo fato de existir um texto datilografado (*Tuor C*), sem título, que chega apenas até as palavras “vosso monte de vigilância contra o mal de Melko” (p. 161). Ele foi composto a partir de *Tuor B* quando algumas alterações haviam sido feitas, mas não aquelas que eu deduzo terem sido feitas antes da ocasião em que foi lido em voz alta. Uma característica estranha deste texto é que foram deixados espaços

em branco para muitos dos nomes, e apenas alguns foram preenchidos depois. Mais para o final do texto, há um grau considerável de variação independente em relação a *Tuor B*, mas são todas alterações menores e nenhuma com importância narrativa. Eu concluo que esse foi um ramo colateral que se esvaiu.

A história textual pode, portanto, ser representada assim:


Tuor A (texto original de 1916–17 a lápis)
muito corrigido e, nas partes finais, completamente reescrito
Tuor B (cópia limpa)
revisões estilísticas menores (e alterações a nomes)
Tuor C (datilografado; não chega muito longe; alterações estilísticas menores)
outras alterações principalmente em retalhos de papel inseridos (e outras alterações a nomes) feitas antes da leitura no Exeter College em 1920
(o texto neste livro)

Visto que a narrativa em si sofreu muito pouca alteração digna de nota no decorrer dessa história (se bem que porções substanciais do texto original *Tuor A* estão completamente ilegíveis), o texto que se segue aqui é o de *Tuor B* na forma final, com algumas variações anteriores interessantes incluídas nas Notas. Parece que meu pai não cotejou a cópia limpa de *Tuor B* com o original, e não foi em todos os casos que notou os erros de transcrição que contém; quando notou, corrigiu-os julgando pelo contexto, mas sem olhar novamente *Tuor A*. Em pouquíssimos casos eu restaurei para o texto de *Tuor A* onde ele está claramente correto (por exemplo em “uma muralha d’água subiu quase até o topo do penhasco”, p. 185, onde *Tuor B* e o texto datilografado *Tuor C* trazem “alto até o topo do penhasco”).

Ao longo de todo o texto datilografado, Tuor é chamado de *Tûr*. Em *Tuor B*, o nome é às vezes emendado de *Tuor* para *Tûr* na porção inicial do conto (aparece como *Tûr* nas revisões mais tardias), mas não em todas as ocorrências, absolutamente. Meu pai ao que parece decidiu alterar o nome, mas, por fim, resolveu não fazê-lo; e eu escrevo *Tuor* no conto inteiro.

Um documento interessante acompanha o Conto: é uma vultuosa, ainda que incompleta, lista de nomes (com explicações) que ocorrem nele, agora difícil ou impossível de ler em alguns lugares. Os nomes são incluídos em ordem alfabética, mas só chegam até a letra L. Informações linguísticas da lista estão incorporadas no Apêndice de Nomes, mas a nota inicial da lista pode ser citada aqui:

Aqui estão descritos por Eriol, pelo ensinamento do filho de Bronweg, Elfrith [*emendado de* Elfriniel], ou Coração-Pequeno (e ele era assim chamado pela jovialidade e maravilhamento do seu coração), os nomes e palavras usados nestes contos, seja do idioma dos Elfos de Kôr conforme falado na Ilha Solitária àquela época, seja do idioma aparentado dos Noldoli, sua gente a quem resgataram de Melko à força.

Aqui estão primeiro os que aparecem no *Conto de Tuor e os eLivross de Gondolin* e, antes de todos, aqueles na fala dos Gnomos.

> Em *Tuor A* aparecem duas versões (uma riscada) de um curto "prefácio" ao conto feito por Coração-Pequeno, o qual não aparece em *Tuor B*. A segunda versão diz:

Então disse Coração-Pequeno, filho de Bronweg: "Ora, a estória que conto é dos Noldoli, que eram a gente de meu pai, e é possível que os nomes soem estranhos aos vossos ouvidos e que povos familiares sejam chamados por nomes que jamais escutastes, pois os Noldoli falam um idioma curioso, ainda doce aos meus ouvidos, embora talvez não aos de todos os Eldar. Os sábios o veem como parente próximo do eldarissa, mas não soa parecido, e nada conheço de tal saber. Portanto, falar-vos-ei os nomes eldar apropriados onde houver, mas em muitos casos não há.

Sabei, pois", disse ele, "que

A versão mais antiga (intitulada “Ligação entre *Tuor* e o conto anterior”) começa da mesma forma, mas então diverge:

[…] e ainda é doce aos meus ouvidos, mas, com receio de que não o seja para todos os Eldar e Homens aqui reunidos, não usarei dele mais do que o necessário, e isso se aplica aos nomes daquele povo e a coisas de que o conto fala, mas para as quais — visto que se extinguiram antes de o resto dos Eldar chegar de Kôr — os Elfos não têm nomes verdadeiros. Sabei, pois”, disse ele, “que Tuor

Esse “prefácio”, portanto, leva à abertura do conto. Na segunda versão aparece aqui o nome *eldarissa* para a língua dos *Eldar* ou *Elfos*, em oposição a *noldorissa* (um termo encontrado na Lista de Nomes). Para a distinção envolvida aí, ver I. 50–1. Compare as palavras de Coração-Pequeno com o que Rúmil disse sobre ele a Eriol (I. 48):

“‘Idiomas e falares’, dizem, ‘apenas um me basta’ — e assim falou Coração-Pequeno, o Guardião-do-Gongo, certa vez: ‘A fala-dos-Gnomos’, disse ele, ‘já me basta — não era essa, e nenhuma outra, que Eärendel e Tuor e Bronweg, meu pai (a quem vós outros, afetada e erroneamente, chamam de Voronwë), falavam?’ E, ainda assim, teve de aprender élfico no fim, ou estaria fadado ao silêncio ou a deixar Mar Vanwa Tyaliéva […]”

Depois dessas longas notas preliminares, apresento o texto do Conto.

Tuor e os eLivross de Gondolin
(que traz em seguida o grande conto de Eärendel)

Disse então Coração-Pequeno, filho de Bronweg: “Sabei, pois, que Tuor era um homem que habitava, em mui antigos dias, naquela terra do Norte chamada Dor Lómin ou a Terra das Sombras, e entre os Eldar, os Noldoli a conhecem melhor.

“Ora, o povo do qual viera Tuor vagava pelas florestas e montes e nem conhecia nem cantava o mar, mas Tuor não habitava com eles e vivia sozinho perto daquele lago chamado Mithrim, ora caçando nos bosques, ora fazendo música perto das margens com sua harpa tosca de madeira e tendões de urso. Muitos, então, ouvindo falar do poder de suas rudes canções, vinham de perto e de longe para escutar o som de sua harpa, mas Tuor abandonou seu cantar e partiu para lugares solitários. Lá aprendeu muitas coisas estranhas e tomou conhecimento dos Noldoli errantes, que lhe ensinaram muito de sua fala e de seu saber, mas ele não estava fadado a habitar para sempre naqueles bosques.

“Depois disso, conta-se que a magia e o destino o levaram certo dia para uma abertura cavernosa, no fundo da qual um rio escondido corria a partir do Mithrim. E Tuor entrou naquela caverna buscando descobrir seus segredos, mas as águas

do Mithrim o levaram adiante para o coração das rochas, e ele não podia voltar à luz. E isso, diz-se, era a vontade de Ulmo, Senhor das Águas, que levara os Noldoli a abrir aquele caminho escondido.

"Então vieram os Noldoli até Tuor e o guiaram por passagens escuras em meio às montanhas, até que ele saiu à luz mais uma vez e viu que o rio corria velozmente por uma ravina de grande profundidade, com encostas que não se podia escalar. Então Tuor não mais desejou retornar, mas ia sempre adiante, e o rio o conduzia sempre rumo ao oeste.[6]

"O sol erguia-se às suas costas e punha-se diante de seu rosto, e onde a água espumava em meio a muitos pedregulhos ou caía em cascatas havia às vezes mais de um arco-íris trançado através da ravina, mas ao anoitecer as encostas lisas brilhavam ao sol poente, e por essas razões a chamou de Fenda Dourada, ou de Garganta do Teto de Arco-Íris, o que na fala dos Gnomos é Glorfalc ou Cris Ilbranteloth.

"Ora, Tuor já viajava ali por três dias,[7] bebendo das águas do rio secreto e se alimentando de seus peixes, e esses eram dourados e azuis e prateados e de muitas e miríficas formas. Enfim a ravina alargou-se, e conforme se abria suas encostas tornavam-se cada vez mais baixas e agrestes, e o leito do rio mais atravancado com pedregulhos contra os quais as águas espumavam e se despejavam. Por longo tempo Tuor se sentava e mirava a água borbulhante e escutava a voz dela e

depois se levantava e saltava adiante de pedra em pedra, cantando enquanto passava, ou, quando saíam as estrelas na nesga estreita de céu acima da garganta, ele fazia ecos para responder ao dedilhar feroz de sua harpa.

“Um dia, depois de uma grande jornada de avanço cansativo, Tuor, no profundo anoitecer, ouviu um grito e não podia decidir de que criatura viera. Ora dizia: ‘É uma criatura-fata’, ora: ‘Não, pois não passa de bicho pequeno a gritar entre as pedras’, ou de novo lhe parecia que uma ave desconhecida piava com uma voz nova para seus ouvidos e estranhamente triste — e, porque não tinha ouvido a voz de ave alguma em todo o seu vagar pela Fenda Dourada, alegrou-se com o som, embora fosse um som tristonho. No dia seguinte, em certa hora da manhã, ouviu o mesmo grito acima de sua cabeça e, olhando para cima, contemplou três grandes aves brancas batendo asas ravina acima, no vento forte, e lançando gritos semelhantes aos que ele ouvira em meio ao escurecer. Ora, essas eram as gaivotas, as aves de Ossë.[8]

“Nessa parte daquele curso de rio havia ilhotas de pedra em meio às correntes e pedras caídas com franjas de areia branca nos lados da garganta, de modo que era difícil seguir e, buscando caminho, Tuor achou um ponto onde podia com esforço escalar os penhascos finalmente. Então veio um vento fresco de encontro a seu rosto, e ele disse: ‘Isto é muito bom, como sorver vinho’, mas

ele não sabia que estava perto dos confins do Grande Mar.

“Conforme prosseguia acima das águas, aquela ravina mais uma vez ajuntou-se e as paredes elevaram-se, de modo que ele andava no alto da borda de um penhasco e chegou a uma passagem estreita, e essa estava cheia de ruído. Então Tuor, olhando para baixo, viu a maior das maravilhas, pois parecia que uma enchente de água raivosa iria subir pelos estreitos e reverter contra o rio até sua fonte, mas aquela água que descera do distante Mithrim ainda avançava, e uma muralha d’água subiu quase até o topo do penhasco e estava coroada de espuma e retorcida pelos ventos. Então as águas do Mithrim foram derrotadas, e a enchente que entrava passou rugindo canal acima e engolfou as ilhotas pedregosas e remexeu a areia branca — de modo que Tuor fugiu e teve medo, ele que não conhecia os caminhos do mar, mas os Ainur puseram em seu coração a ideia de escalar a garganta naquela hora, ou ele teria sido engolfado pela maré que subia, e ela tinha sido feroz por conta de um vento que viera do oeste. Então Tuor viu-se em uma região agreste, nua de árvores e varrida por um vento vindo do lado do pôr do sol, e todas as moitas e todos os arbustos inclinavam-se para o lado da aurora por causa da prevalência daquele vento. E ali por um tempo vagou ele até que chegou aos penhascos negros perto do mar e viu o oceano e suas ondas pela primeira vez, e naquela hora o sol mergulhou para além da borda da Terra,

muito ao longe, no mar, e ele ficou de pé no topo do penhasco de braços abertos, e seu coração encheu-se de um anseio de fato grandíssimo. Ora, alguns dizem que ele foi o primeiro dos Homens a alcançar o Mar e olhar para ele e conhecer o desejo que ele traz, mas não sei se o dizem corretamente.

“Naquelas regiões ele fez sua morada, habitando em uma cava sob o abrigo de grandes rochas negras, cujo chão era de areia branca, salvo quando a maré alta o recobria parcialmente com água azulada, nem espuma ou escuma lá vinham, salvo na hora das mais severas tempestades. Lá por muito tempo ele viveu sozinho e errou pela costa ou passeou pelas rochas na maré baixa, maravilhando-se com as poças e as grandes algas, as cavernas gotejantes e as estranhas aves marinhas que via e veio a conhecer, mas o subir e o descer da água e a voz das ondas eram sempre para ele o maior assombro e sempre pareciam ser uma coisa nova e inimaginável.

“Ora, nas águas quietas do lago Mithrim, sobre as quais a voz do pato ou da galinha-d’água se propagavam ao longe, ele viajara muito em um pequeno barco de proa semelhante ao pescoço de um cisne, e esse barco ele tinha perdido no dia em que encontrou o rio escondido. No mar não se aventurava ainda, embora seu coração estivesse sempre a incitá-lo com um estranho anseio para lá, e em noites calmas, quando o sol descia para além

da borda do mar, isso crescia até virar um desejo feroz.

“Madeira ele tinha, trazida pelo rio escondido, e um bom lenho era, pois os Noldoli o cortaram nas florestas de Dor Lómin e o fizeram flutuar até ele de propósito. Mas nada ainda construíra, por enquanto, salvo uma habitação em um lugar protegido de sua cava, a qual, em suas histórias, os Eldar desde então chamam de Falasquil. Essa, com lento labor, ele adornou com belos entalhes das feras e árvores e flores e aves que ele conhecia das águas do Mithrim, e sempre entre eles o Cisne era o principal, pois Tuor amava esse emblema e ele se tornou o sinal dele próprio, de sua gente e de seu povo desde então. Lá ele passou tempo mui grande, até que a solidão do mar vazio afetou seu coração e fez com que mesmo Tuor, o solitário, ansiasse pela voz dos Homens. Juntos os Ainur[9] tinham algo a fazer: pois Ulmo amava Tuor.

“Certa manhã, enquanto lançava seu olhar ao longo da costa — e eram então os últimos dias do verão —, Tuor viu três cisnes voando alto e com vigor, vindos do norte. Ora, essas aves ele não tinha visto ainda naquelas regiões, e as tomou por um sinal, e disse: ‘Há muito meu coração deseja uma jornada para longe daqui. Sus! Agora, enfim, seguirei esses cisnes.’ Eis que os cisnes baixaram à água de sua cava e lá, nadando três vezes à volta do lugar, alçaram voo de novo e bateram asas lentamente para o sul, ao longo da costa, e Tuor, levando sua harpa e lança, seguiu-os.

“Foi um grande dia de viagem que Tuor completou daquela vez, e chegou antes do anoitecer a uma região onde as árvores de novo apareciam, e a feição da terra por onde ora passava diferia grandemente daquelas costas em torno de Falasquil. Lá Tuor conhecera penhascos altivos repletos de cavernas e grandes sumidouros, e cavas de muralhas fundas, mas do topo dos penhascos uma terra agreste e plana ia desolada até onde uma borda azul, longe no leste, sugeria montes distantes. Agora, entretanto, via ele uma costa comprida e em declive e trechos de areia, enquanto os montes distantes iam ficando cada vez mais perto da margem do mar e suas encostas escuras estavam cobertas de pinheiros ou abetos e em torno dos sopés cresciam vidoeiros e carvalhos antigos. Dos sopés desses montes torrentes frescas desciam por aberturas estreitas e assim achavam as costas e as ondas salgadas. Ora, algumas dessas fendas Tuor não conseguia saltar, e amiúde era difícil avançar nesses lugares, mas ainda assim ele perseverava, pois os cisnes voavam sempre diante dele, às vezes rodeando de súbito, às vezes pondo-se à frente, mas nunca descendo à terra, e o vento da forte batida de suas asas o encorajava.

“Conta-se que dessa maneira Tuor foi em frente por um grande número de dias, e aquele inverno marchava do norte algo mais velozmente que ele, por mais que ele fosse incansável. Apesar disso, chegou sem sofrer agravo de feras ou do tempo, em certo começo de primavera, à foz de um rio.

Ora, aqui a terra estava menos ao norte e era mais gentil que em torno da saída da Fenda Dourada e, além do mais, por causa da progressão da costa, estava o mar dessa vez mais para o sul do que para o oeste, como ele podia reparar pelo sol e pelas estrelas, mas tinha mantido o mar sempre à sua direita.

"O rio corria por um bom canal e em suas margens havia terras ricas: pastagens e campinas úmidas de um lado e encostas repletas de árvores do outro, as águas do rio encontravam o mar preguiçosamente e não lutavam como as águas do Mithrim no norte. Longas línguas de terra jaziam ilhadas em seu curso, cobertas de caniços e arbustos folhosos, até que, mais perto do mar, estendiam-se montinhos de areia, e esses eram lugares amados por tal multidão de aves como Tuor em nenhum lugar inda encontrara. Seus piados e gritos e assobios enchiam o ar, e ali, em meio às suas asas brancas, Tuor perdeu de vista os três cisnes, nem os viu outra vez.

"Então Tuor, por algum tempo, cansou-se do mar, pois a fadiga causada pela viagem fora muita. Nem se dava isso sem que fosse do plano de Ulmo, e naquela noite os Noldoli vieram até ele e ele despertou de seu sono. Guiado por suas lanternas azuis, ele achou caminho pelas fronteiras do rio e deu passadas tão largas terra adentro que, quando a aurora encheu o céu à sua direita, eis que o mar e sua voz tinham ficado muito para trás, e o vento batia de tal modo que o cheiro do mar nem mesmo estava no ar. Então chegou ele logo

àquela região que tem sido chamada de Arlisgion, “o lugar dos caniços”, e essa fica naquelas terras que estão ao sul de Dor Lómin e ficam separadas assim das Montanhas de Ferro, cujas encostas chegam até mesmo ao mar. De tais montanhas vinha esse rio, e de grande clareza e admirável frio eram suas águas, mesmo nesse lugar. Ora, esse é um rio de muita fama nas histórias dos Eldar e dos Noldoli, e em todas as línguas seu nome é Sirion. Ali Tuor descansou por um tempo até que, levado pelo desejo, levantou-se ainda outra vez para viajar mais e mais, em marchas de muitos dias, ao longo das fronteiras do rio. A primavera plena ainda não trouxera o verão quando ele chegou a uma região ainda mais adorável. Ali o canto das avezinhas enchia o ar à volta dele com música dulcíssima, pois não há aves que cantem como as aves canoras da Terra dos Salgueiros, e a essa região de assombro ele havia acabado de chegar. Ali o rio trançava-se em curvas amplas de encostas baixas, através de uma grande planície da grama mais suave e mui alta e verde, salgueiros de idade ignota havia naquelas margens e pelo largo seio do rio espalhavam-se folhas de nenúfares, das quais flores ainda não havia por ser cedo naquele ano, mas sob os salgueiros as espadas verdes das flores-de-lis estavam desembainhadas e papiros cresciam e caniços em ordem de batalha. Ora, habitava nesses lugares escuros um espírito de sussurros e ele sussurrava a Tuor no crepúsculo e Tuor estava avesso a partir, e, na alva, pela glória dos

inumeráveis ranúnculos, ficava ainda mais avesso a ir e demorava-se ali.

“Lá viu ele as primeiras borboletas e alegrou-se ao vê-las, e dizem que todas as borboletas e sua raça nasceram no vale da Terra dos Salgueiros. Então veio o verão e o tempo das mariposas e dos anoiteceres tépidos, e Tuor admirou-se com a multidão de mosquinhas, com seu zunir e com a zoada dos besouros e o zumbido das abelhas, e a todas essas coisas ele deu nomes só seus e teceu os nomes em novas canções em sua velha harpa, e essas canções eram mais suaves que seu cantar de outrora.

“Então cresceu em Ulmo o medo de que Tuor habitasse lá para sempre e que as grandes coisas de seus desígnios para ele não se realizassem. Portanto, temia continuar confiando Tuor apenas ao amparo dos Noldoli, que prestavam serviço a Ulmo em segredo e, por medo de Melko, vacilavam muito. Nem tinham eles força contra a magia daquele lugar de salgueiros, pois mui grande era o seu encantamento. Pois não aconteceu que, mesmo depois dos dias de Tuor, Noldorin e seus Eldar foram até lá procurando por Dor Lómin e pelo rio oculto e pelas cavernas do aprisionamento dos Gnomos e, no entanto, assim perto do fim da demanda, quase a abandonaram? De fato, dormindo e dançando aí, e fazendo bela música de sons do rio e do murmurar da grama, e fiando ricos tecidos de teias e das asas de insetos alados, eles foram dominados por gobelins enviados por Melko das Montanhas de Ferro e Noldorin escapou

dali por um triz. Mas essas coisas ainda não haviam acontecido.

“Eis que então Ulmo saltou sobre seu carro diante dos portais de seu palácio sob as águas paradas do Mar de Fora, e sua carruagem era puxada por narval e leão-marinho e era em forma de uma baleia, e em meio ao soar de grandes conchas ele partiu veloz de Ulmonan. Tão grande era a velocidade de seu avanço que em dias, e não em anos sem conta como poder-se-ia pensar, alcançou a foz do rio. Subi-la a sua carruagem não podia sem maltratar as águas e as beiras do rio, portanto Ulmo, amando todos os rios e esse mais do que muitos, prosseguiu a pé, trajado até a cintura em cota de malha semelhante às escamas de peixes azuis e prateados, mas seu cabelo era de prata azulada e sua barba, chegando até os pés, era do mesmo tom e ele não portava nem elmo nem coroa. Debaixo da cota de malha desciam as dobras de sua túnica de verdes brilhosos e de que substância elas tinham sido tecidas não se sabe, mas todo aquele que olhava para as profundezas de suas cores sutis parecia contemplar os movimentos tênues de águas profundas mescladas com as luzes fugidias de peixes fosforescentes que vivem no abismo. Cingira-se ele com uma corda de grandes pérolas e calçava grandes sapatos de pedra.

“Para lá portara também seu grande instrumento de música, e esse era de estranhas linhas, pois fora feito de muitas conchas compridas e vazadas com furos. Soprando ali e tocando com

seus dedos compridos, ele produzia melodias profundas de uma magia maior do que a que qualquer outro músico jamais alcançou em harpa ou alaúde, em lira ou flauta, ou em instrumentos de arco. Chegando então ao longo do rio ele se sentou entre os caniços no crepúsculo e tocou seu instrumento de conchas e era perto desses lugares que Tuor se demorava. E Tuor escutou e emudeceu. Lá ficou, com a grama até os joelhos, e não ouviu mais o zumbido dos insetos, nem o murmúrio das beiras do rio, e o odor das flores não mais entrou em suas narinas, mas ele ouvia o som das ondas e o grito das aves do mar, e sua alma saltava pelos lugares rochosos e pelas escarpas que cheiram a peixe, pelo espirrar d'água do cormorão que mergulha e por aqueles lugares onde o mar escava os penhascos negros e urra em alta voz.

"Então Ulmo levantou e falou com ele e, em terror, Tuor esteve perto da morte, pois grandíssima é a profundeza da voz de Ulmo: tão profunda quanto seus olhos, que são as mais profundas de todas as coisas. E Ulmo disse: 'Ó Tuor do coração solitário, não desejo que habites para sempre em belos lugares de aves e flores, nem levar-te-ia por esta terra agradável,[10] se não fosse isso o que tem de ser. Mas segue agora a jornada de teu destino e não te demores, pois para longe daqui te leva tua sorte. Agora deves tu buscar através das terras pela cidade do povo chamado de Gondothlim, os habitantes da pedra, e os Noldoli hão de te escoltar até lá em segredo por

medo dos espiões de Melko. Palavras porei em tua boca e lá residirás por um tempo. Contudo, talvez tua vida volte-se outra vez para as águas poderosas e com certeza um filho virá de ti que, mais do qualquer homem, há de conhecer as últimas profundezas, sejam elas do mar ou do firmamento do céu.' Então falou Ulmo também a Tuor sobre algo de seus desígnios e desejos, mas disso Tuor pouco entendeu naquela hora e tinha grande temor.

"Então Ulmo foi envolvido por uma névoa como se fosse a dos ares do mar naqueles locais terra adentro, e Tuor, com aquela música em seus ouvidos, de bom grado retornaria às regiões do Grande Mar, mas, lembrando-se das ordens de Ulmo, voltou-se e partiu terra adentro ao longo do rio, e assim seguiu até o raiar do dia. Contudo, aquele que ouviu as conchas de Ulmo há de ouvi-las a chamá-lo até a morte, e isso foi o que Tuor descobriu.

"Quando o dia veio ele estava cansado e dormiu até que era quase crepúsculo outra vez, e os Noldoli vieram até ele e o guiaram. Assim ele viajou muitos dias no crepúsculo e no escuro e dormiu de dia e por causa disso aconteceu depois que ele não se lembrava muito bem dos caminhos que atravessara naqueles tempos. Ora, Tuor e seus guias continuaram sem se cansar, e a terra tornou-se uma região de montes ondulados e o rio rodava à volta dos sopés deles e havia infindos vales muitíssimo prazenteiros, mas ali os Noldoli ficaram inquietos. 'Esses', disseram eles, 'são os confins

daquelas regiões que Melko infesta com seus Gobelins, o povo do ódio. Longe, ao norte — contudo, ai de nós, não longe o suficiente, quisera que fossem 10 mil léguas —, jazem as Montanhas de Ferro onde se assenta o poder e terror de Melko, de quem somos servos. De fato, guiando-te agimos em segredo, e se soubesse ele de todos os nossos propósitos, caber-nos-ia o tormento dos Balrogs.'

"Caindo então em tal medo, os Noldoli logo depois o deixaram e ele continuou sozinho entre os montes, e seu avanço mostrou-se ruim depois disso, pois 'Melko tem muitos olhos', dizem, e enquanto Tuor viajou com os Gnomos eles o levaram por trilhas de crepúsculo e por muitos túneis secretos através dos montes. Mas dessa vez ele se perdeu e subia amiúde aos topos de morros e montes esquadrinhando as terras em torno. Contudo, não podia ver sinais de nenhuma habitação de gente, e de fato a cidade dos Gondothlim não se achava com facilidade, sabendo-se que Melko e seus espiões ainda não a tinham descoberto. Diz-se, mesmo assim, que nessa hora aqueles espiões assim tiveram rumor de que os estranhos pés do Homem estavam pisando aquelas terras e por isso Melko redobrou seus estratagemas e sua vigilância.

"Ora, quando os Gnomos por medo desertaram de Tuor, um certo Voronwë ou Bronweg o seguiu de longe apesar de seu medo, quando suas repreensões não puderam encorajar os outros. Naquela hora Tuor tinha caído em grande cansaço

e estava sentado ao lado da torrente que corria e o anseio pelo mar estava em seu coração e ele pensava mais uma vez em seguir esse rio de volta às águas abertas e às ondas que rugiam. Mas esse Voronwë, o fiel, foi até ele mais uma vez e, de pé perto de seu ouvido, disse: ‘Ó Tuor, não penses nisso, mas crê que algum dia hás de ver outra vez teu desejo; levanta-te agora: eis que não deixar-te-ei. Não sou um dos que conhecem bem as estradas entre os Noldoli, sendo um artífice e criador de coisas feitas pela mão com madeira e metal, e não me juntei ao grupo de escolta até bem tarde. Contudo, desde há muito ouvi murmúrios e ditos pronunciados em segredo em meio ao cansaço da servidão, acerca de uma cidade onde os Noldoli poderiam ser livres, pudessem eles achar o caminho oculto para lá, e nós dois sem sombra de dúvida[11] podemos achar a estrada para a Cidade de Pedra, onde está aquela liberdade dos Gondothlim.’

“Sabei então que os Gondothlim eram aquela gente dos Noldoli que sozinha escapou do poder de Melko quando, na Batalha das Lágrimas Inumeráveis, ele matou e escravizou o povo deles[12] e teceu feitiços à sua volta e os fez habitar nos Infernos de Ferro, de lá saindo por sua vontade e ordem apenas.

“Por longo tempo Tuor e Bronweg[13] buscaram a cidade daquele povo, até que depois de muitos dias chegaram a um vale profundo em meio aos montes. Ali ouviram o rio passar por um leito mui pedregoso, com muita pressa e muito barulho,

debaixo de uma cortina formada por espesso bosque de amieiros, mas as paredes do vale eram íngremes, pois eles estavam perto de algumas montanhas que Voronwë não conhecia. Nessa parede verde aquele Gnomo achou uma abertura semelhante a uma grande porta de batentes inclinados, e essa estava coberta com arbustos espessos e plantas rasteiras há muito enroscadas, contudo, a visão penetrante de Voronwë não podia ser enganada. Apesar disso, conta-se que tamanha mágica os construtores da porta tinham posto à volta dela (pela ajuda de Ulmo, cujo poder corria naquele rio, ainda que o terror de Melko grassasse em suas margens) que ninguém, salvo os do sangue dos Noldoli, poderia topar com ela assim por acaso, nem Tuor teria jamais achado a entrada se não fosse pela firmeza daquele Gnomo Voronwë.[14] Ora, os Gondothlim tinham construído tal morada secreta por temer Melko; contudo, não poucos dos mais corajosos entre os Noldoli escapuliam rio abaixo pelo Sirion desde aquelas montanhas e, se muitos assim pereciam pelo mal de Melko, muitos, achando essa passagem mágica, chegavam enfim à Cidade de Pedra e aumentavam seu povo.

“Grandemente Tuor e Voronwë jubilaram-se por achar esse portão, mas, entrando, acharam lá escuro caminho, de avanço duro e tortuoso, e longamente viajaram tropeçando dentro de seus túneis. Estava cheio de ecos temíveis, e lá incontáveis pisadas pareciam vir atrás deles, de modo que Voronwë ficava aterrorizado e dizia: ‘São

os gobelins de Melko, os Orques dos montes.’ Então corriam, caindo em cima de pedras naquele negrume, até que perceberam que aquilo não era mais que um engano do lugar. Assim chegaram eles, depois do que pareceu um tempo imensurável de tatear temeroso, a um lugar onde uma luz distante bruxuleava e indo rumo a esse brilho chegaram a um portão semelhante àquele pelo qual tinham entrado, mas de modo algum descuidado. Então atravessaram para onde havia luz do sol e por um tempo não viram nada, mas um instante depois um grande gongo soou, houve um estrondo de armaduras e eis que estavam cercados por guerreiros vestidos de aço.

“Então olharam para cima e conseguiram ver e eis que estavam no sopé de montes íngremes e esses montes perfaziam um grande círculo dentro do qual havia uma planície ampla e disposto ali dentro, não justamente no centro, outrossim mais perto do lugar onde estavam, estava um grande monte de topo plano e nesse cume erguia-se uma cidade na luz nova da manhã.

“Então Voronwë falou à Guarda dos Gondothlim e a fala dele eles compreenderam, pois era a doce língua dos Gnomos.[15] Então falou também Tuor e perguntou onde estariam e quem seria a gente armada que estava à volta deles, pois em seu assombro muito se admirava da bela maneira de suas armas. Então lhe disse um membro daquela companhia: ‘Somos os guardiões da saída da Via de Escape. Regozijai-vos por tê-la encontrado, pois eis diante de vós a Cidade de Sete Nomes onde

todos os que guerreiam contra Melko podem achar esperança.’

“Então perguntou Tuor: ‘Quais são esses nomes?’ E o chefe da Guarda deu esta resposta: ‘Isto é o que se diz e o que se canta: *Gondobar sou chamada e Gondothlimbar, Cidade de Pedra e Cidade dos Habitantes da Pedra; Gondolin, a Pedra da Canção e Gwarestrin é meu nome, a Torre de Guarda, Gar Thurion ou o Lugar Secreto, pois estou oculta dos olhos de Melko; mas aqueles que me amam mais grandemente chamam-me Loth, pois como uma flor eu sou, e mesmo Lothengriol, a flor que se abre na planície*. Contudo,’ disse ele, ‘na nossa fala de todo dia dizemos e a chamamos mormente de Gondolin.’ Então disse Voronwë: ‘Levai-nos para lá, pois de bom grado nela desejamos entrar’ e Tuor disse que seu coração desejava muito andar pelos caminhos daquela bela cidade.

“Então respondeu o chefe da Guarda que eles próprios deviam permanecer ali, pois havia ainda muitos dias de sua lua de vigia a passar, mas que Voronwë e Tuor podiam passar-se para Gondolin e, além do mais, que eles não precisariam dali em diante de guia pois ‘eis que lá ela se ergue bela de ver e muito clara, e suas torres furam os céus acima do Monte de Vigia na planície do meio.’ Então Tuor e seu companheiro seguiram pela planície, que era maravilhosamente nivelada, interrompida apenas aqui e ali por pedras redondas e lisas que jaziam em meio a um gramado, e por lagos em leitos de pedra. Muitas e

belas sendas havia por toda aquela planície, e eles chegaram, depois de um dia de marcha leve, ao sopé do Monte de Vigia (que é, na língua dos Noldoli, Amon Gwareth). Então começaram eles a ascensão pelas escadarias volteantes que subiam até o portão da cidade, nem podia alguém alcançar aquela cidade salvo a pé e observado das muralhas. Conforme o portão do oeste tornava-se dourado na última luz do dia chegaram eles ao alto da escada, e muitos olhos os miravam[16] das ameias e das torres.

"Mas Tuor olhou para as muralhas de pedra e para as altas torres, para os pináculos cintilantes da cidade, e olhou para as escadarias de pedra e mármore, cercadas de esguias balaustradas e refrescadas pelo salto de quedas d'água feito fios que buscavam a planície, vindas das fontes de Amon Gwareth, e ele parecia estar em algum sonho dos Deuses, pois não julgava que tais coisas fossem vistas pelos homens em visões de seus sonhos, tão grande era seu espanto diante da glória de Gondolin.

"Ainda assim chegaram eles aos portões, Tuor em assombro e Voronwë em grande júbilo por, ousando muito, ter tanto trazido Tuor até ali pela vontade de Ulmo quanto ter tirado de si o jugo de Melko para sempre. Embora ainda o odiasse não menos por isso, não mais temia ele aquele Maligno[17] com um terror que o entorpecesse (e em verdade aquele feitiço que Melko lançara sobre os Noldoli era de terror sem fundo, de modo que parecia estar sempre perto deles, mesmo quando

estavam longe dos Infernos de Ferro, e seus corações estremeciam e eles não fugiam nem quando podiam, e nisso Melko amiúde se fiava).

“Eis que agora muitos saem dos portões de Gondolin e uma multidão está em volta daqueles dois em assombro, jubilando-se de que ainda outro dos Noldoli tenha fugido de Melko até ali e maravilhando-se com a estatura e os braços possantes de Tuor, sua lança pesada com farpas de osso de peixe e sua grande harpa. Rude era seu aspecto e seus cabelos estavam desalinhados e ele estava vestido com peles de urso. Está escrito que naqueles dias os pais dos pais dos Homens eram de menor estatura do que a dos Homens de agora e que os filhos de Elfinesse eram de maior crescimento, mas era Tuor mais alto do que qualquer um que lá estava. De fato, os Gondothlim não eram de ombros curvados como alguns de seus infelizes parentes se tornaram, labutando sem descanso ao escavar e martelar para Melko, mas pequenos eram e esguios e muito delgados.[18] Eram de pés velozes e incomparavelmente belos; doces e tristes eram suas bocas, e seus olhos tinham sempre um júbilo que, dentro de si, tendia às lágrimas, pois naqueles tempos os Gnomos eram eLivross em seu coração, perseguidos pelo desejo por seus antigos lares que não esvanecia. Mas o destino e uma avidez inconquistável por conhecimento os levara a lugares distantes, e ora estavam eles cercados por Melko e tinham de fazer com que sua morada fosse tão bela quanto pudessem com labor e com amor.

“Como alguma vez veio a se dar que entre os Homens os Noldoli fossem confundidos com os Orques, que são os gobelins de Melko, eu não sei, a menos que certos dos Noldoli tenham sido distorcidos pelo mal de Melko e misturados entre esses Orques, pois toda aquela raça foi gerada por Melko dos calores e do limo subterrâneos. Seus corações eram de granito e seus corpos deformados; imundos eram seus rostos, que não sorriam, mas sua risada era como metal golpeado e nada lhes agradava mais que ajudar os propósitos mais baixos de Melko. Imensa era a inimizade entre eles e os Noldoli, que os chamavam de Glamhoth, ou povo do ódio horrendo.

“Eis que os guardiões armados do portão empurraram para trás a multidão do povo que se reunira em torno dos viajantes, e um entre eles falou, dizendo: ‘Esta é uma cidade de vigia e guarda, Gondolin sobre Amon Gwareth, onde todos podem ser livres se forem de coração verdadeiro, mas onde ninguém é livre para entrar se for desconhecido. Dizei-me, pois, vossos nomes.’ Mas Voronwë disse que seu nome era Bronweg dos Gnomos, tendo chegado ali[19] pela vontade de Ulmo como guia desse filho dos Homens, e Tuor disse: ‘Sou Tuor, filho de Peleg, filho de Indor, da casa do Cisne dos filhos dos Homens do Norte que vivem longe daqui, e para cá vim pela vontade de Ulmo dos Oceanos de Fora.’

“Então todos os que escutavam ficaram em silêncio e a voz profunda e sonora dele os encheu

de assombro, pois as vozes deles próprios eram belas como o barulho da água nas fontes. Então começaram a dizer entre si: ‘Levai-o diante do rei.’

“Então a multidão retornou para dentro dos portões e os viajantes com ela, e Tuor viu que eram feitos de ferro e de grande altura e força. Ora, as ruas de Gondolin eram largas e pavimentadas de pedra, com calçadas de mármore, e belas casas e pátios em meio a jardins de flores de cores vívidas espalhavam-se pelos caminhos, e muitas torres de grande elegância e beleza construídas com mármore branco e esculpidas mui maravilhosamente erguiam-se ao céu. As praças lá eram iluminadas com fontes e eram o lar de aves que cantavam em meio aos galhos das árvores de grande idade, mas de todas essas a maior era aquele lugar onde ficava o palácio do rei, e a torre ali era a mais altiva da cidade, e as fontes que brincavam diante das portas saltavam vinte braças e sete no ar e caíam em uma chuva cantante de cristal: nelas o sol faiscava esplendidamente de dia, e a lua bruxuleava mui magicamente à noite. As aves que habitavam lá eram da brancura da neve, suas vozes mais doces que um acalanto em música.

“Em cada lado das portas do palácio havia duas árvores, uma que produzia flores de ouro e outra de prata, nem jamais esvaneciam, pois eram mudas geradas outrora das árvores gloriosas de Valinor que iluminavam aqueles lugares antes que Melko e Tecelã-de-Treva as secassem: e àquelas

árvores os Gondothlim deram os nomes de Glingol e Bansil.

“Então Turgon, rei de Gondolin, trajado de branco com um cinto de ouro e uma pequena coroa de almandinas sobre sua cabeça, ficou diante de suas portas e falou do alto das escadas brancas que levavam até lá. ‘Bem-vindo, ó Homem da Terra das Sombras. Eis que tua vinda estava disposta nos nossos livros de sabedoria e está escrito que viriam a acontecer muitas e grandes coisas nos lares dos Gondothlim quando aqui chegasses.’

“Então falou Tuor, e Ulmo pôs poder em seu coração e majestade em sua voz: ‘Vede, ó pai da Cidade de Pedra, mandou-me aquele que faz profunda música no Abismo, conhecedor da mente de Elfos e Homens, dizer-vos que os dias da Soltura estão próximos. Chegaram aos ouvidos de Ulmo sussurros sobre vossa morada e vosso monte de vigilância contra o mal de Melko e isso o agrada: mas seu coração está irado, e enraivecidos estão os corações dos Valar que se sentam nas montanhas de Valinor e observam o mundo do pico de Taniquetil, vendo a tristeza da servidão dos Noldoli e as andanças dos Homens, pois Melko os aprisiona na Terra das Sombras para além das colinas de ferro. Portanto, fui trazido por um caminho secreto para dizer que conteis vossas hostes e vos prepareis para a batalha, pois o tempo é propício.’

“Então contestou Turgon: ‘Isso eu não farei, ainda que sejam as palavras de Ulmo e de todos

os Valar. Não aventurarei este povo meu contra o terror dos Orques, nem porei em perigo minha cidade contra o fogo de Melko.’

“Então falou Tuor: ‘Não, se vós agora não ousardes grandemente, então os Orques cá habitarão para sempre e possuirão, no fim, a maioria das montanhas da Terra e não cessarão de atormentar Elfos e Homens, mesmo que por outros meios os Valar consigam mais tarde libertar os Noldoli, mas se confiardes agora nos Valar, ainda que terrível seja o confronto, então cairão os Orques, e o poder de Melko diminuirá até se tornar coisa pequena.’

“Mas Turgon respondeu que era rei de Gondolin e que nenhuma vontade podia forçá-lo contra seu desejo a colocar em perigo o caro labor de tantas eras passadas, e Tuor disse (pois assim lhe ordenara Ulmo, que temia a relutância de Turgon): ‘Então me cabe dizer que os homens dos Gondothlim devem partir veloz e secretamente, descendo o Sirion até o mar, e lá construir para si barcos e tentar retornar a Valinor: eis que os caminhos para lá estão esquecidos e as estradas sumidas do mundo, e os mares e montanhas a cercam, mas lá ainda habitam os Elfos no monte de Kôr e os Deuses sentam-se em Valinor, embora seu regozijo esteja diminuído pela tristeza e pelo temor de Melko e eles ocultem sua terra e teçam à sua volta magia inacessível para que nenhum mal chegue a suas costas. Contudo, ainda podem vossos mensageiros chegar até lá e mudar os corações deles, para que se levantem irados e

firam Melko e destruam os Infernos de Ferro que ele fez sob as Montanhas de Escuridão.’

“Então insistiu Turgon: ‘Todos os anos, quando termina o inverno, mensageiros têm descido rapidamente, em sigilo, o rio que é chamado Sirion até as costas do Grande Mar e lá construíram barcos aos quais foram atrelados cisnes e gaivotas, ou as asas fortes do vento, e esses têm buscado retornar, para além da lua e do sol, a Valinor, mas os caminhos para lá estão esquecidos e as sendas esvanecidas do mundo e os mares e as montanhas a cercam, e eles que lá dentro se sentam em divertimento pouco cuidam do terror de Melko ou do pesar do mundo, mas escondem sua terra e tecem à volta dela magia inacessível para que nenhuma notícia sobre o mal chegue jamais a seus ouvidos. Não, bastantes de meu povo, por anos incontáveis, já partiram para as vastas águas e nunca retornaram, mas pereceram nos lugares profundos ou vagam agora perdidos nas sombras que não têm caminhos, e, com a chegada do próximo ano, ninguém mais irá até o mar, mas antes confiaremos em nós mesmos e em nossa cidade para rechaçar Melko, e nisso têm sido os Valar de escassa ajuda até agora.’

“Então o coração de Tuor ficou pesaroso e Voronwë chorou e Tuor sentou-se ao lado da grande fonte do rei, cujo barulho lembrava a música das ondas, e sua alma estava atormentada pelas conchas de Ulmo e ele desejava retornar, descendo as águas do Sirion, para o mar. Mas Turgon, que sabia que Tuor, mortal como era, tinha

o favor dos Valar, percebendo seu olhar altivo e o poder de sua voz, chamou-o e pediu que habitasse em Gondolin e tivesse o favor do rei, e habitasse até mesmo nos salões reais, se desejasse.

“Então Tuor, pois que estava cansado e aquele lugar era belo, concordou; e daí veio que Tuor passou a residir em Gondolin. De todos os feitos de Tuor entre os Gondothlim os contos não contam, mas diz-se que muitas vezes ele desejaria ter escapado de lá, cansando-se das aglomerações do povo e pensando na floresta vazia e agreste ou ouvindo ao longe a música marinha de Ulmo, se seu coração não estivesse cheio de amor por uma mulher dos Gondothlim, e ela era filha do rei.

“Ora, Tuor aprendeu muitas coisas naqueles reinos, ensinadas por Voronwë, a quem ele amava e que também o amava mui grandemente; ou então era ele instruído pelos homens mais hábeis da cidade e pelos sábios do rei. Donde ele se tornou um homem muito mais poderoso do que antes e sabedoria havia em seu conselho, e muitas coisas tornaram-se claras para ele, as quais antes não estavam esclarecidas, bem como muitas coisas desconhecidas, que ainda o são para os Homens mortais. Lá ele ouviu muito acerca da cidade de Gondolin e sobre como o labor incessante por anos e eras não tinha sido suficiente para construí-la e adorná-la, no que o povo[20] ainda labutava; sobre a escavação daquele túnel oculto ele ouviu, que o povo chamava de Via de Escape, e sobre como os conselhos naquela matéria se dividiram, embora a piedade pelos

Noldoli em servidão tivesse prevalecido no fim e levado à obra; da guarda sem cessar lhe contaram, que lá era feita de armas na mão e, do mesmo modo, em certos locais mais baixos nas montanhas circundantes e sobre como guardas sempre vigilantes habitavam nos mais altos picos daquela cordilheira, do lado de faróis prontos a serem acesos, pois nunca aquele povo cessava de esperar um ataque dos Orques, caso sua fortaleza se tornasse conhecida.

"Naqueles dias, entretanto, a guarda das montanhas era mantida mais por costume do que por necessidade, pois os Gondothlim tinham, havia muito tempo, com lides inimagináveis, aplainado e limpado e escavado toda a planície à volta do Amon Gwareth, de modo que nenhum Gnomo ou ave ou bicho ou serpente poderia se aproximar, mas era flagrado a muitas léguas de distância, pois entre os Gondothlim havia muitos cujos olhos eram mais aguçados que os dos próprios falcões de Manwë Súlimo, Senhor de Deuses e Elfos que habita sobre Taniquetil, e por essa razão eles chamavam aquele vale de Tumladin ou o vale da lisura. Ora, esse grande trabalho estava terminado, segundo eles, e o povo ocupava-se ainda mais com minerar metais e forjar toda maneira de espadas e machados, lanças e alabardas, dando forma a cotas de malha, couraças e ombreiras, grevas e avambraços, elmos e escudos. Disseram então a Tuor que, àquela altura, todo o povo de Gondolin, disparando seus arcos sem parada dia e noite, não conseguiria

despender todas as flechas armazenadas nem que o fizesse por muitos anos, e que ano a ano o medo que tinham dos Orques ficava menor por isso.

“Lá aprendeu Tuor sobre como construir com pedra, sobre alvenaria e sobre talhar rocha e mármore, as artes de tecer e fiar, do bordado e da pintura e a destreza com metais dominou ele. Músicas das mais delicadas lá ouviu, e nisso eram aqueles que habitavam na parte sul da cidade os de maior habilidade, pois ali brincava uma profusão de fontes e nascentes murmurantes. Muitas dessas sutilezas Tuor dominou e aprendeu a entretecer em suas canções, para o assombro e o júbilo do coração de todos os que o ouviam. Estranhas estórias sobre o Sol e a Lua e as Estrelas, sobre a maneira da Terra e de seus elementos, e sobre as profundezas do céu, foram-lhe contadas, e os caracteres secretos dos Elfos ele aprendeu, e seus falares e suas antigas línguas, e ouviu falar de Ilúvatar, Senhor para Sempre, que habita para além do mundo, da grande música dos Ainur à volta dos pés de Ilúvatar nas últimas profundezas do tempo, da qual veio a criação do mundo e a maneira dele, e tudo o que nele há e sua governança.[21]

“Ora, por sua habilidade e grande maestria em toda forma de saber e arte, e por sua grande coragem de coração e corpo, tornou-se Tuor um conforto e um apoio para o rei, que não tinha filho, e ele era amado pelo povo de Gondolin. Certa vez, o rei mandou que seus mais sagazes artífices moldassem uma armadura para Tuor, como um

grande presente, e ela era feita de aço-dos-Gnomos, banhada a prata, mas o elmo era adornado com um detalhe de metais e joias semelhante a duas asas de cisne, uma de cada lado, e uma asa de cisne foi colocada no escudo, mas ele carregava um machado em vez de uma espada, e esse, no falar dos Gondothlim, batizou de Dramborleg, pois seus golpes atordoavam e seu gume cortava toda armadura.

"Uma casa foi construída para ele junto às muralhas do sul, pois ele amava os ares livres e não gostava da vizinhança muito próxima de outras moradas. Lá era seu deleite postar-se amiúde nas ameias à aurora, e o povo regozijava-se ao ver a luz nova refletida nas asas de seu elmo — e muitos murmuravam e de bom grado teriam apoiado Tuor em batalha contra os Orques, vendo que as falas daqueles dois, Tuor e Turgon, diante do palácio, eram conhecidas de muitos, mas a matéria não foi adiante por reverência a Turgon e porque nesse tempo, no coração de Tuor, o pensamento sobre as palavras de Ulmo parecia ter se tornado esvanecido e distante."

"Ora, vieram dias quando Tuor já tinha habitado entre os Gondothlim por muitos anos. Longamente ele conhecera e acalentara amor pela filha do rei e naquele momento estava seu coração cheio daquele amor. Grande também era o amor que Idril tinha por Tuor e os fios do destino dela estavam entrelaçados com os dele desde aquele dia em que primeiro ela o viu de uma janela alta

enquanto ele se apresentava, um suplicante cansado da jornada, diante do palácio do rei. Pouca causa tinha Turgon para se opor ao amor deles, pois via em Tuor um parente que lhe confortava e trazia esperança. Assim, pela primeira vez, casou-se um filho dos Homens com uma filha de Elfinesse, nem foi Tuor o último. Menos alegria tiveram muitos do que eles e o pesar que tiveram no fim foi grande. Contudo, grande foi o contentamento daqueles dias, quando Idril e Tuor se casaram diante do povo em Gar Ainion, o Lugar dos Deuses, ao lado dos salões do rei. Um dia de festejos foi o daquele casamento para a cidade de Gondolin e da[22] maior felicidade para Tuor e Idril. Dali em diante habitaram eles em júbilo naquela casa ao lado das muralhas das quais se via Tumladin ao sul, e isso era bom para os corações de todos os da cidade, salvo apenas para Meglin. Ora, aquele Gnomo vinha de uma casa antiga, embora então seus números fossem menores que os de outras, mas ele mesmo era sobrinho do rei da parte de sua mãe, a irmã do rei, Isfin; e essa história de Isfin e Eöl não pode ser contada aqui.[23]

“Ora, o emblema de Meglin era uma Toupeira negra e ele era grande entre os que trabalhavam em pedreiras e um chefe dos que escavavam em busca de minério, e muitos desses pertenciam à sua casa. Menos belo era ele do que muitos desse povo bonito, moreno e de ânimo não muito gentil, de modo que lhe tinham pouco amor, e sussurros havia de que ele tinha sangue de Orque em suas

veias, mas não sei como isso poderia ser verdade. Ora, amiúde ele pedira ao rei a mão de Idril, mas Turgon, vendo que ela era muito avessa à ideia, sempre dizia não, pois lhe parecia que o pedido de Meglin era causado tanto pelo desejo de ter alto poder ao lado do trono real quanto por amor àquela bela donzela. Bela de fato era ela e também corajosa; e o povo a chamava de Idril dos Pés de Prata,[b] pois que andava sempre descalça e de cabeça descoberta, filha do rei como era, salvo apenas durante as pompas dos Ainur; e Meglin ruminava sua raiva vendo que Tuor o suplantava.

"Nesses dias veio a se dar a plenitude do tempo do desejo dos Valar e da esperança [dos] Eldalië, pois em grande amor Idril deu a Tuor um filho e ele foi chamado de Eärendel. Ora, quanto a isso há muitas interpretações tanto entre Elfos quanto entre Homens, mas é possível que fosse um nome feito a partir de alguma língua secreta entre os Gondothlim[24] e que tenha perecido com eles nas habitações da Terra.

"Pois essa criança era da maior beleza, sua pele de um branco brilhante e seus olhos de um azul que excedia o do céu nas terras do sul — mais azul do que as safiras da vestimenta de Manwë;[25] e a inveja de Meglin quando de seu nascimento foi profunda, mas o júbilo de Turgon e de todo o seu povo de fato muito grande.

"Eis que então muitos anos tinham passado desde que Tuor se perdera em meio aos sopés dos montes e fora abandonado por aqueles Noldoli; contudo, muitos anos também tinham transcorrido

desde que aos ouvidos de Melko primeiro chegaram aquelas estranhas notícias — distantes eram, várias em forma — sobre um Homem vagueando em meio aos vales das águas do Sirion. Ora, Melko não tinha muito receio da raça dos Homens naqueles dias de seu grande poder e por essa razão Ulmo agiu por meio de um dessa gente para melhor iludir Melko, vendo que nenhum dos Valar e quase nenhum dos Eldar ou dos Noldoli podia se deslocar sem ser percebido pela vigilância dele. Contudo, mesmo assim um pressentimento chegou àquele coração maligno com tais notícias e ele reuniu um poderoso exército de espiões: filhos dos Orques havia, com olhos amarelos e verdes como os de gatos, que conseguiam varar todas as trevas e enxergar através da bruma, da névoa e da noite; serpentes que conseguiam ir a qualquer lugar e vasculhar todos os buracos ou as mais profundas covas ou os mais altos picos, escutar cada sussurro que corria pela grama ou ecoava nos montes; lobos havia e cães famintos e grandes doninhas cheias de sede de sangue, cujas narinas podiam seguir cheiros com várias luas de idade através da água corrente, ou cujos olhos encontravam entre o cascalho pegadas que ali estavam já fazia uma vida; corujas vieram e também falcões cujo olhar aguçado podia divisar de dia ou à noite o voejar de pequenas aves em todos os bosques do mundo e o movimento de cada camundongo ou arganaz ou rato que rasteja ou habita por toda a Terra. Todos esses ele convocou a seu Salão de Ferro, e eles

vieram em multidões. De lá os mandou pela Terra a buscar esse Homem que havia escapado da Terra das Sombras, mas também a procurar ainda mais curiosa e avidamente a morada dos Noldoli que tinham escapado da servidão, pois esses o coração dele ardia por destruir ou escravizar.

"Ora, enquanto Tuor vivia em felicidade e grande aumento de sabedoria e poder em Gondolin, essas criaturas incansáveis, por anos a fio, fossaram entre as pedras e rochas, caçaram pelas florestas e charnecas, espionaram os ares e lugares elevados, rastrearam todas as sendas pelos vales e planícies e não descansaram nem pararam. Dessa caçada trouxeram uma riqueza de notícias a Melko — de fato, entre muitas coisas ocultas que trouxeram à luz, descobriram aquela Via de Escape pela qual Tuor e Voronwë tinham entrado antes. Nem tinham feito isso sem forçar alguns dos menos firmes entre os Noldoli com ameaças tremendas de tormento, para que se juntassem àquela grande pilhagem, pois, por causa da magia à volta daquele portão, nenhuma gente de Melko sem a ajuda dos Gnomos poderia chegar a ele. Contudo, naqueles últimos tempos, tinham vasculhado o fundo de tais túneis e capturado muitos dos Noldoli que para ali tinham se arrastado, fugindo da servidão. Tinham também escalado os Montes Circundantes[c] em certos lugares e observado a beleza da cidade de Gondolin e a força do Amon Gwareth de longe, mas dentro de planície não conseguiam avançar, pela vigilância de seus guardiões e pela

dificuldade daquelas montanhas. De fato, os Gondothlim eram valorosos arqueiros e seus arcos eram feitos com um poder que era maravilha. Com eles conseguiam disparar uma flecha para o céu a distâncias sete vezes maiores do que conseguiria o melhor flecheiro entre os Homens acertar um alvo no nível do chão e não permitiriam que nenhum falcão pairasse por muito tempo sobre a planície deles e que nenhuma serpente rastejasse lá dentro, pois não gostavam de criaturas de sangue, crias de Melko.

“Ora, naqueles dias tinha Eärendel um ano de idade quando essas más notícias chegaram à cidade, sobre os espiões de Melko e sobre como tinham cercado o vale de Tumladin. Então o coração de Turgon entristeceu-se, recordando as palavras de Tuor em anos passados diante das portas do palácio, e ele ordenou que a vigia e a guarda ganhassem força triplicada em todos os pontos e que máquinas de guerra fossem fabricadas por seus artífices e colocadas no alto do monte. Fogos venenosos e líquidos escaldantes, flechas e grandes pedras, estava ele preparado para despejar sobre qualquer um que quisesse assaltar aquelas muralhas brilhantes; e depois disso viveu tão contente quanto seria possível, mas o coração de Tuor estava mais pesaroso que o do rei, pois então as palavras de Ulmo lhe vinham sempre à mente e seu significado e gravidade ele entendia mais profundamente do que outrora, nem achava algum grande conforto em Idril, pois o

coração dela tinha presságios ainda mais sombrios que os de Tuor.

“Sabei então que Idril tinha grande poder para sondar com seu pensamento a escuridão dos corações de Elfos e Homens e também as trevas do futuro — e nisso seu poder era ainda mais profundo do que o comum entre as casas dos Eldalië; portanto, assim ela falou certo dia a Tuor: ‘Quero que saibas, meu marido, que meu coração me faz ter dúvidas de Meglin e temo que ele trará o mal para este belo reino, ainda que de modo algum eu consiga ver como ou quando — contudo, temo que tudo o que ele sabe sobre nossos atos e nossas preparações se torne de alguma maneira conhecido do Adversário e que assim ele imagine um novo meio de nos assolar, contra o qual não tenhamos pensado em defesa alguma. Eis que sonhei certa noite que Meglin construía uma fornalha e, vindo até nós de modo imprevisto, lançava lá dentro Eärendel, nosso filho, e depois jogava nela a ti e a mim, mas, por pesar diante da morte de nossa bela criança, eu não resistia.’

“E Tuor respondeu: ‘Há razão para teu medo, pois também meu coração não é favorável a Meglin; contudo, é ele o sobrinho do rei e teu próprio primo, nem há acusação contra ele, e não vejo o que fazer senão aguardar e vigiar.’

“Mas Idril insistiu: ‘Este é meu alvitre sobre isso: reúne tu no maior segredo aqueles escavadores e pedreiros que por teste cuidadoso mostrarem ter menor amor por Meglin, por causa do orgulho e da arrogância de seu trato com eles. Entre esses

deves escolher homens de confiança que vigiem Meglin quando ele for para os montes mais distantes, mas te aconselho a ordenar que a maior parte daqueles em cujo segredo podes te fiar comecem uma escavação oculta, e que prepares com a ajuda deles — por mais cuidadoso e lento que o trabalho seja — um caminho secreto de tua casa aqui, passando por baixo das rochas deste monte, até o vale lá embaixo. Ora, esse caminho não deve ir na direção da Via de Escape, pois meu coração pede para não confiar nela, mas sim rumo àquele passo muito ao longe, a Fenda das Águias, nas montanhas ao sul, e, quanto mais longe essa escavação alcançar naquela direção sob a planície, mais hei de estimá-la — contudo, que esse labor fique em sigilo, salvo com relação a poucos.'

"Ora, não há escavadores de terra ou rocha como os Noldoli (e isso Melko sabe), mas naqueles lugares é a terra de grande dureza e Tuor contestou: 'As rochas do monte de Amon Gwareth são como ferro, e só com muita faina podem ser cortadas; contudo, se isso for feito em segredo, então há de se acrescentar grande tempo e paciência ao trabalho, mas a pedra do fundo do Vale de Tumladin é como aço forjado, nem pode ser rachada sem o conhecimento dos Gondothlim, a não ser em luas e anos.'

"Idril insistiu então: 'Vero pode ser o que dizes, mas tal é o meu alvitre e há ainda tempo de sobra.' Então Tuor disse que não conseguia enxergar todo o propósito daquilo, 'mas "melhor

qualquer plano do que falta de conselho” e farei do modo como tu dizes’.

“Ora, aconteceu que, não muito depois disso, Meglin foi para os montes para obter minério e, andando sozinho pelas montanhas, foi capturado por alguns dos Orques à espreita por lá, e eles desejavam lhe fazer mal e feri-lo terrivelmente, sabendo que era um homem dos Gondothlim. Isso, entretanto, não era sabido pelos vigias de Tuor. Mas o mal entrou no coração de Meglin, e ele disse a seus captores: ‘Sabei então que sou Meglin, filho de Eöl, que tinha por esposa Isfin, irmã de Turgon, rei dos Gondothlim.’ Mas eles disseram: ‘Que temos nós com isso?’ E Meglin respondeu: ‘Muito tendes com isso, pois, se me matardes, rápida ou lentamente, perdereis grandes novas acerca da cidade de Gondolin, que vosso mestre regozijar-se-ia de ouvir.’ Então os Orques detiveram sua mão e disseram que lhe concederiam a vida se as matérias que lhes revelasse o merecessem, e Meglin lhes contou tudo sobre como era a planície e a cidade, sobre suas muralhas e a altura e espessura delas, e sobre a força de seus portões; contou sobre a hoste de homens armados que então obedeciam a Turgon e sobre o acúmulo inesgotável de armas reunidas para equipá-los, sobre os engenhos de guerra e os fogos venenosos.

“Então os Orques estavam cheios de ira e, tendo ouvido essas matérias, ainda tencionavam matá-lo ali mesmo, como alguém que exagerara impudentemente o poder de seu povo miserável

para zombaria da grande força e poderio de Melko, mas Meglin, agarrando-se a um fio de esperança, disse: ‘Não pensais que, antes, poderíeis agradar a vosso mestre se levásseis a seus pés tão nobre cativo, para que ele possa ouvir as novas que trago de mim e julgar sua veracidade?’

“Ora, isso pareceu bom aos Orques e eles retornaram das montanhas à volta de Gondolin para as Montanhas de Ferro e os salões escuros de Melko; para lá arrastaram Meglin consigo, e naquele momento estava ele cheio de temor. Mas, quando se ajoelhou diante do trono negro de Melko, aterrorizado pelo horror das formas à sua volta, pelos lobos que se sentavam diante da cadeira e das víboras que se trançavam entre as pernas, Melko ordenou que falasse. Então contou ele aquelas novas, e Melko, ouvindo-o, lhe falou com cortesia, a que a insolência do coração de Meglin em grande medida correspondeu.

“Ora, o fim de tudo isso foi que Melko, ajudado pela ardileza de Meglin, fez seus planos para a derrocada de Gondolin. Nisso a recompensa de Meglin devia ser uma grande capitania entre os Orques (Melko, contudo, não pretendia em seu coração cumprir tal promessa), mas Tuor e Eärendel ele deveria queimar e dar Idril aos braços de Meglin (tais promessas aquele maligno de bom grado cumpriria). Contudo, para proteger-se de qualquer traição, Melko ameaçou Meglin com o tormento dos Balrogs. Ora, esses eram demônios com açoites de chama e garras de aço com os quais atormentava aqueles dos Noldoli que

ousavam se opor a ele em qualquer coisa — e os Eldar os chamam de Malkarauki. Mas o alerta que Meglin fez a Melko foi o de que nem toda a hoste dos Orques, nem os Balrogs em sua ferocidade, jamais poderiam, por assalto ou cerco, ter esperança de sobrepujar as muralhas e os portões de Gondolin, mesmo se conseguissem chegar até a planície fora da cidade. Portanto, aconselhou Melko a criar, a partir de suas feitiçarias, um socorro para seus guerreiros naquela empreitada. Da imensidão de sua riqueza de metais e de seus poderes de fogo ele o incitou a fabricar feras como serpentes e dragões de força irresistível, que rastejariam pelos Montes Circundantes e engolfariam aquela planície e sua bela cidade com chama e morte.

“Então mandou que Meglin voltasse para casa, antes que por sua ausência o povo suspeitasse de algo, mas Melko teceu à volta dele o feitiço do horror sem fundo e, dali em diante, ele não teve mais nem regozijo nem calma em seu coração. Mesmo assim, usava uma bela máscara de bom ânimo e contentamento, de modo que a gente dizia: ‘Meglin está se suavizando’, e lhe tinham menos desfavor. Idril, contudo, temia-o ainda mais. Então Meglin disse: ‘Labutei muito e desejo descansar e me juntar à dança e à canção e aos folguedos do povo’, e não ia mais buscar pedra ou minérios nos montes, porém, em verdade, com isso buscava afogar seu medo e inquietação. Possuía-o um terror de que Melko estivesse sempre por perto, e isso vinha do feitiço, e ele nunca mais

ousou vagar entre as minas, para que não caísse de novo em poder dos Orques e fosse levado mais uma vez aos terrores dos salões da escuridão.

“Passam-se, pois, os anos e, incitado por Idril, Tuor continua sempre sua escavação secreta, mas, vendo que o assédio dos espiões tinha ficado menos intenso, Turgon vive mais tranquilo e com menos medo. Contudo, esses anos são, para Melko, cheios da máxima agitação de labor e todo o povo de servos dos Noldoli tem de cavar incessantemente à cata de metais enquanto Melko se senta e cria fogos e convoca chamas e fumaça a virem dos calores inferiores, nem deixa que algum dos Noldoli se afaste um passo que seja dos lugares de sua prisão. Então, certa vez, Melko reuniu todos os seus ferreiros e feiticeiros mais sagazes e, a partir de ferro e chama, fizeram uma hoste de monstros tal como só naquele tempo se viu e não há de ser vista de novo até o Grande Fim. Alguns eram todos de ferro, tão habilmente encadeados que podiam fluir como rios lentos de metal, ou se enrolar em torno e por cima de todos os obstáculos diante deles, e esses, em suas profundezas mais recônditas, eram cheios dos mais vis Orques, armados com cimitarras e lanças; a outros, de bronze e cobre, foram dados corações e espíritos de fogo ardente e incineravam tudo o que havia diante deles com o terror de seu hálito ou pisoteavam o que quer que escapasse do ardor de sua respiração; ainda outros eram criaturas de chama pura que se retorciam como cordas feitas de metal derretido e levavam à ruína qualquer

matéria da qual se aproximavam, e o ferro e a pedra derretiam diante deles e tornavam-se como água, e sobre eles cavalgavam os Balrogs às centenas; e esses eram os mais temíveis de todos os monstros que Melko criara contra Gondolin.

“Ora, quando tinha passado o sétimo verão desde a traição de Meglin, e Eärendel era ainda de bem tenros anos, ainda que fosse uma criança valorosa, Melko recolheu todos os seus espiões, pois cada caminho e canto das montanhas agora lhe eram conhecidos; contudo, os Gondothlim pensavam, em sua ignorância, que Melko não mais os buscasse, percebendo qual era o poder deles e a força inexpugnável de sua morada.

“Mas um ânimo sombrio tomou conta de Idril e a luz de seu rosto se encobriu, e muitos se espantaram com isso; Turgon, porém, reduziu a vigia e a guarda a seus números antigos, e a um pouco menos, e, quando veio o outono e a colheita dos frutos terminou, o povo pôs-se a preparar com coração alegre as festas de inverno, mas Tuor postava-se nos parapeitos e olhava para os Montes Circundantes.

“Ora, eis que Idril ficou ao lado dele, e o vento estava em seu cabelo, e Tuor, pensando que ela era de extrema beleza, inclinou-se para beijá-la, mas seu rosto estava triste e ela disse: ‘Agora vêm os dias em que tu terás de fazer uma escolha’, e Tuor não sabia o que ela dizia. Então, trazendo-o para dentro dos salões do castelo, Idril lhe disse que seu coração tinha presságios que a faziam temer por Eärendel, seu filho, e que prenunciavam

que algum grande mal estava próximo e que Melko estaria na origem dele. Então Tuor queria confortá-la, mas não conseguiu, e ela lhe perguntou acerca da escavação secreta, e Tuor disse que agora o túnel estendia-se por uma légua planície adentro, e com isso o coração dela se aliviou um pouco. Mas ainda assim Idril o aconselhou a prosseguir com a escavação e que dali em diante a rapidez deveria pesar mais que o segredo, ‘pois o tempo agora está muito próximo’. E outro conselho lhe deu e esse ele também aceitou, dizendo que certos dos mais corajosos e leais entre os senhores e guerreiros dos Gondothlim deveriam ser escolhidos com cuidado e ficar sabendo daquela via secreta e de sua saída. Esses ela o aconselhou a transformar em uma guarda fiel e a lhes dar o seu emblema, para que se tornassem a gente dele e a fazê-lo sob o pretexto do direito e da dignidade de um grande senhor, parente do rei. ‘Além do mais’, continuou ela, ‘obterei o favor de meu pai para isso.’ Em segredo também ela sussurrou para alguns do povo que, se a cidade corresse grave perigo ou se Turgon fosse morto, que eles se uniriam à volta de Tuor e do filho de Idril e sobre isso eles, rindo, responderam que sim, dizendo, entretanto, que Gondolin ficaria de pé por tanto tempo quanto Taniquetil ou as Montanhas de Valinor.

“Contudo, a Turgon ela não falou abertamente, nem permitiu que Tuor o fizesse, como desejava, apesar do amor e da reverência que tinham por ele — um grande e nobre e glorioso rei que era —,

vendo que Turgon confiava em Meglin e mantinha com obstinação cega sua crença no poderio inexpugnável da cidade e na ideia de que Melko não mais buscava capturá-la, por perceber que não havia esperança nessa empresa. Ora, nisso ele era sempre apoiado pelas falas matreiras de Meglin. Eis que a malícia daquele Gnomo era mui grande, pois muito ele fazia às escuras, de forma que o povo dizia: ‘Bem faz ele em portar o emblema de uma toupeira negra’ e, por causa da insensatez de certos dos trabalhadores das pedreiras, e ainda mais por causa das línguas soltas de certos dos parentes dele a quem Tuor às vezes falava com algum descuido, ele tomou conhecimento da obra secreta e armou contra ela um plano só seu.

“Assim avançava o inverno e fazia muito frio para aquelas regiões, de modo que congelava a planície de Tumladin e o gelo cobria suas lagoas; as fontes, porém, ainda brincavam no Amon Gwareth e as duas árvores floresciam, e o povo divertia-se até o dia de terror que estava oculto no coração de Melko.

“Desse modo aquele inverno amargo passou e as neves jaziam mais profundas do que nunca sobre os Montes Circundantes; contudo, a seu tempo, uma primavera de glória maravilhosa derreteu as bordas daqueles mantos brancos, e o vale bebeu tais águas e irrompeu em flores. Então veio e passou, com folguedos de crianças, o festival de Nost-na-Lothion ou o Nascimento das Flores, e os corações dos Gondothlim ganharam

esperança pelo bem que prometia aquele ano e enfim estava próxima aquela grande festa, Tarnin Austa ou os Portões do Verão. Pois sabei que em certa data era o costume deles começar uma cerimônia solene à meia-noite, continuando até mesmo ao romper da aurora de Tarnin Austa, e nenhuma voz fazia-se ouvir na cidade da meia-noite ao romper do dia, mas a aurora eles saudavam com canções antigas. Por anos incontáveis a chegada do verão tinha sido recebida assim, com música de corais que ficavam sobre a cintilante muralha do leste; e eis que chega aquela noite de vigília e a cidade está cheia de lâmpadas prateadas, enquanto nos pomares, sobre as árvores de folhas novas, luzes com cores feito joias se balançam e música baixa ouve-se pelos caminhos, mas nenhuma voz canta até a aurora.

"O sol acabou de descer além dos montes, e a gente se arranja para o festival, feliz e avidamente — olhando com expectativa para o Leste. Eis que, quando ele partira e tudo estava escuro, uma nova luz subitamente apareceu e um brilho havia, mas vinha das elevações ao norte,[26] e os homens espantaram-se e juntou-se uma multidão nas muralhas e ameias. Então o assombro foi virando dúvida conforme a luz crescia e ficava ainda mais vermelha e virou terror essa dúvida quando os homens viram a neve sobre as montanhas ser tingida como se fosse por sangue. E assim foi que as serpentes-de-fogo de Melko caíram sobre Gondolin.

“Então atravessaram a planície cavaleiros que traziam notícia esbaforida daqueles que mantinham vigília nos picos e contaram sobre as hostes chamejantes e as formas semelhantes a dragões e disseram: ‘Melko vem contra nós.’ Grande foi o medo e a angústia dentro daquela formosa cidade, e as ruas e os caminhos ficaram cheios do choro das mulheres e dos gritos das crianças e as praças, com a reunião de soldados e o tinir das armas. Havia as bandeiras cintilantes de todas as grandes casas e famílias dos Gondothlim. Magna era a ordem de batalha da casa do rei e as suas cores eram branco e dourado e vermelho, e seus emblemas a lua e o sol e o coração escarlate.[27] Ora, em meio a esses estava Tuor, acima de todas as cabeças, e sua cota de malha prateada brilhava e à volta dele havia grande número dos mais fortes do povo. Eis que todos esses usavam asas como se fossem de cisnes ou gaivotas em seus elmos e o emblema da Asa Alva sobre seus escudos. Mas a gente de Meglin estava disposta no mesmo lugar, e negras eram suas vestes e não portavam brasão nem emblema, mas seus capacetes redondos de aço estavam cobertos com pele de toupeira, e lutavam com machados de duas pontas semelhantes a picaretas. Ali Meglin, príncipe de Gondobar, reunira muitos guerreiros de semblante sombrio e olhar esquivo à sua volta, e um brilho avermelhado havia em seus rostos e nas superfícies polidas de seus apetrechos. Eis que todos os montes ao norte estavam em chamas, era como se rios de fogo corressem encosta abaixo

até a planície de Tumladin, e a gente já podia sentir o calor que deles vinha.

“E muitas outras linhagens havia lá, o povo da Andorinha e o do Arco Celestial, e desse grupo vinha o maior número de melhores arqueiros e eles estavam dispostos sobre os espaços largos das muralhas. Ora, o povo da Andorinha portava um leque de penas em seus elmos e estava paramentado de branco, azul-escuro e de roxo e negro e adornava seus escudos com uma ponta de flecha. Seu senhor era Duilin, mais ágil de todos os homens na corrida e no salto e mais preciso dos arqueiros ao acertar um alvo. Mas aqueles do Arco Celestial, sendo um povo de riqueza incontável, estavam paramentados em uma glória de cores e suas armas eram incrustadas com joias que chamejavam na luz que agora havia no céu. Cada escudo daquele batalhão era de um azul como o dos céus, e seu centro era uma joia construída com sete gemas, rubis e ametistas e safiras, esmeraldas, crisoprásios, topázios e âmbar, mas uma opala de grande tamanho havia em seus elmos. Egalmoth era o chefe deles e usava um manto azul sobre o qual as estrelas estavam bordadas em cristal, e sua espada era recurva — ora, nenhum outro dos Noldoli portava espadas curvas —, mas ele confiava antes no arco e disparava mais longe do que qualquer um entre aquela hoste.

“Lá também estava o povo do Pilar e o da Torre de Neve e ambas essas gentes tinham como marechal Penlod, mais alto dos Gnomos. Havia

aqueles da Árvore e eles eram uma grande casa e sua vestimenta era verde. Lutavam com bastões incrustados de ferro ou com fundas, e seu senhor, Galdor, era considerado o mais valente de todos os Gondothlim, salvo apenas Turgon. Lá estava a casa da Flor Dourada, que portava um sol com raios sobre seu escudo, e seu chefe, Glorfindel, portava um manto bordado de tal forma com fios de ouro que ele estava repleto de celidônias, como um campo na primavera, e suas armas eram cuidadosamente ornamentadas com ouro.

“Então veio do sul da cidade o povo da Fonte, e Ecthelion era seu senhor, e a prata e os diamantes eram o deleite deles e espadas muito longas e polidas e pálidas usavam e iam para a batalha ao som de flautas. Atrás então veio a hoste da Harpa e esse era um batalhão de bravos guerreiros, mas seu líder, Salgant, era um covarde e cobria Meglin de lisonja. Estavam adornados com borlas de prata e borlas de ouro, e uma harpa de prata brilhava no brasão deles, sobre um campo negro, mas Salgant portava uma harpa de ouro e só ele cavalgou para a batalha de todos os filhos dos Gondothlim e era pesado e atarracado.

“Ora, o último dos batalhões era formado pelo povo do Martelo da Ira, e desses vinham muitos dos melhores ferreiros e artesãos, e toda aquela gente reverenciava Aulë, o Ferreiro, mais do que todos os outros Ainur. Lutavam com grandes maças semelhantes a martelos e seus escudos eram pesados, pois seus braços eram muito fortes. Em dias mais antigos, muitos dos Noldoli que

escapavam das minas de Melko eram recrutados por eles, e o ódio dessa casa pelas obras daquele maligno e pelos Balrogs, seus demônios, era muitíssimo grande. Ora, o líder deles era Rog, mais forte dos Gnomos, por pouco o segundo em coragem depois de Galdor da Árvore. O emblema desse povo era a Bigorna Martelada, e um martelo que lança chispas à sua volta estava posto em seus escudos, e ouro avermelhado e ferro negro eram o deleite deles. Muito numeroso era aquele batalhão, nem tinha nenhum dentre eles coração fraco e ganharam a maior glória entre todas aquelas belas casas naquela luta contra o destino; contudo, triste foi o fado deles e nenhum jamais deixou aquele campo de batalha, pois tombaram à volta de Rog e desapareceram da Terra, e com eles muita habilidade e engenho desapareceram para sempre.[28]

"Esta era a forma e o arranjo das onze casas dos Gondothlim com suas insígnias e emblemas, e a guarda de Tuor, o povo da Asa, era considerada a décima-segunda. Agora está sombrio o rosto daquele líder e ele não espera viver muito — e em sua casa sobre as muralhas Idril se veste com cota de malha e busca Eärendel. E aquela criança estava em lágrimas por causa das estranhas luzes vermelhas que chegavam aos muros da câmara onde dormia, e histórias que sua ama, Meleth, havia contado a ele acerca do fogo de Melko nos momentos de suas traquinagens lhe vieram à cabeça e o perturbaram. Mas veio sua mãe, colocou nele pequeníssima cota de malha que ela

mandara fazer em segredo, e com isso ele ficou contente e muitíssimo orgulhoso e gritou de prazer. Mas Idril chorou, pois muito acalentara em seu coração a bela cidade e sua boa casa e seu amor por Tuor que lá habitara com ela, mas então viu que a destruição estava próxima e temeu que seus planos fracassassem contra o poder avassalador do terror das serpentes.

“Estavam ainda a quatro horas do meio da noite, e o céu estava vermelho no norte e no leste e oeste, e aquelas serpentes de ferro tinham alcançado a planície de Tumladin e aqueles seres de chama estavam em meio aos sopés mais baixos dos montes, de modo que os guardas foram capturados e postos sob tormento terrível pelos Balrogs que tudo destruíam, salvo apenas na região mais ao sul, onde ficava Cristhorn, a Fenda das Águias.

“Então o Rei Turgon convocou um conselho e para lá foram Tuor e Meglin, como príncipes reais, e Duilin veio com Egalmoth e Penlod, o alto, e Rog chegou com Galdor da Árvore e o dourado Glorfindel e Ecthelion, o de voz musical. Para lá também foi Salgant, tremendo com as novas, e outros nobres além dele, de sangue mais humilde, mas de coração melhor.

“Então falou Tuor, e este era seu alvitre, que uma grande retirada acontecesse de imediato, antes que a luz e o calor crescessem demais na planície, e muitos o apoiaram, divergindo apenas sobre partir com a hoste inteira, com as donzelas e esposas e crianças em meio a ela, ou com diversos

grupos abrindo caminho em muitas direções, e a essa segunda visão Tuor inclinava-se.

“Mas Meglin e Salgant apenas tinham outro conselho e eram a favor de se manter na cidade e tentar proteger aqueles tesouros que havia lá dentro. Por malícia Meglin assim falou, temendo que algum dos Noldoli escapasse da ruína que tinha trazido sobre eles, e por horror de que sua traição se tornasse conhecida e, de algum modo, a vingança o achasse algum dia. Mas Salgant falou, tanto ecoando Meglin quanto temendo terrivelmente sair da cidade, pois preferia antes lutar dentro de uma fortaleza inexpugnável do que arriscar os duros golpes no campo de batalha.

“Então o senhor da casa da Toupeira jogou com a única fraqueza de Turgon, dizendo: ‘Vede, ó Rei, a cidade de Gondolin contém riqueza de joias e metais e petrechos e coisas feitas pelas mãos dos Gnomos com beleza incomparável e tudo isso vossos senhores — mais corajosos, a mim parece, do que sábios — desejam abandonar ao Adversário. Mesmo que for vossa a vitória na planície, vossa cidade será saqueada e os Balrogs daqui sairão com butim imensurável’, e Turgon gemeu, pois Meglin conhecia seu grande amor pela riqueza e beleza daquele burgo[29] sobre o Amon Gwareth. De novo disse Meglin, colocando fogo em sua voz: ‘Sus! Será que labutastes para nada por anos incontáveis na construção de muros de espessura inexpugnável, erigindo portões cuja fortaleza não pode ser sobrepujada, tornou-se o poder do monte Amon Gwareth tão baixo quanto o

do vale profundo, ou o acúmulo de armas que jaz sobre ele e suas flechas inumeráveis de tão pouco valor que, na hora do perigo, lançaríeis tudo de lado e partiríeis nu para o campo aberto contra inimigos de aço e fogo, cujo pisotear balança a terra e faz as Montanhas Circundantes vibrarem com o clamor de suas passadas?’

“E Salgant estremeceu ao pensar nisso e falou com rumor, dizendo: ‘Meglin fala bem, ó Rei, ouvi-o.’ Então o rei seguiu o conselho daqueles dois, embora todos os senhores falassem de outra maneira, aliás, mais ainda por isso: portanto, ao seu comando, todo o povo então ficou para encarar o assalto às muralhas. Mas Tuor chorou e deixou o salão do rei e, reunindo os homens da Asa, atravessou as ruas buscando sua casa, e naquela hora a luz estava forte e lúrida e havia calor sufocante e uma fumaça negra e um fedor levantou-se entre os caminhos que conduziam à cidade.

“E então vieram os Monstros, atravessando o vale, e as torres brancas de Gondolin avermelharam-se diante deles, mas até os mais fortes ficaram aterrorizados, vendo aqueles dragões de fogo e aquelas serpentes de bronze e ferro que já vinham chegando ao monte da cidade, e dispararam flechas inúteis contra eles. Então se ouviu um grito de esperança, pois eis que as cobras de fogo não conseguem escalar o monte, já que ele é íngreme e escorregadio e por causa das águas que caem por suas encostas, apagando o fogo, mas elas jaziam ao pé do monte e ergueram-

se vastos vapores onde as torrentes do Amon Gwareth e as chamas das serpentes se encontravam. Então ali cresceu tal calor que as mulheres desmaiavam e os homens suavam até a exaustão sob sua cota de malha, e todas as fontes da cidade, salvo apenas a fonte do rei, esquentaram e fumegaram.

“Mas naquela hora Gothmog, senhor de Balrogs, capitão das hostes de Melko, pôs-se a pensar e reuniu todas as suas criaturas de ferro que podiam se enrolar em torno e acima de todos os obstáculos diante delas. Essas ele mandou que se empilhassem diante do portão norte e eis que suas grandes espirais alcançavam até mesmo o limiar do portão e lançavam-se contra as torres e os bastiões em torno dele, e por razão do imenso peso de seus corpos, aqueles portões caíram e grande foi o barulho disso; contudo, a maioria das muralhas em torno deles continuava firme. Então as máquinas e catapultas do rei despejaram dardos e pedras e metais derretidos naquelas feras impiedosas, e suas barrigas ocas ressoaram com as pancadas, mas isso de nada valeu, pois não podiam ser quebradas e os fogos rolaram por cima delas. Então as que estavam no topo se abriram na parte do meio e uma hoste inumerável de Orques, os gobelins do ódio, despejaram-se pela brecha, e quem há de contar sobre suas cimitarras ou o brilho de suas lanças de ponta larga, com as quais atacavam?

“Então gritou Rog com voz poderosa, e todo o povo do Martelo da Ira e a gente da Árvore, com

Galdor, o valente, saltaram contra o inimigo. Lá os golpes de seus grandes martelos e as pancadas de seus bastões ecoaram até as Montanhas Circundantes, e os Orques caíram como folhas, e aqueles da Andorinha e do Arco despejaram flechas como as chuvas escuras do outono sobre o inimigo, e tanto Orques quanto Gondothlim também caíam com a fumaça e a confusão. Grande foi aquela batalha, mas, apesar de todo o seu valor, os Gondothlim, por causa da força dos números dos adversários, os quais cada vez mais aumentavam, foram lentamente empurrados para trás até que os gobelins dominaram parte do extremo norte da cidade.

"Naquele momento, Tuor estava à frente do povo da Asa, lutando no tumulto das ruas e, quando conseguiu abrir caminho até sua casa, descobriu que Meglin chegara antes dele. Fiando-se na batalha que então começara no portão norte e na balbúrdia pela cidade, Meglin aguardara essa hora para a consumação de seus desígnios. Descobrindo muito sobre a escavação secreta de Tuor (contudo, só no último momento obteve ele esse conhecimento e não conseguiu descobrir tudo), não disse nada ao rei ou a qualquer outro, pois pensava que com certeza aquele túnel iria, no fim, rumo à Via de Escape, sendo essa a mais próxima da cidade, e ele tinha a ideia de usar isso para seu bem e para o mal dos Noldoli. Mensageiros, com grande sigilo, despachou para Melko, a fim de que pusesse uma guarda em torno da saída daquela Via quando o assalto começasse,

mas ele mesmo pensava agora em tomar Eärendel e lançá-lo ao fogo sob as muralhas e, agarrando Idril, forçá-la-ia a guiá-lo pelos segredos da passagem para que pudesse se safar desse terror de fogo e matança e arrastá-la-ia consigo para as terras de Melko. Ora, Meglin estava temeroso de que mesmo o salvo-conduto secreto que Melko lhe dera de nada serviria naquele saque terrível e tinha em mente ajudar aquele Ainu no cumprimento de suas promessas de segurança. Nenhuma dúvida, entretanto, tinha quanto à morte de Tuor naquele grande incêndio, pois a Salgant ele confiara a tarefa de atrasá-lo nos salões do rei e incitá-lo a entrar diretamente no momento mais mortal da luta — mas eis que Salgant caiu em um terror mortal e cavalgou para casa e lá jazeu trêmulo em sua cama, e Tuor foi para sua casa com o povo da Asa.

“Ora, Tuor fez isso, embora seu valor se levantasse diante do barulho da guerra, para poder dizer adeus a Idril e a Eärendel e mandá-los, junto com uma guarda, pelo caminho secreto antes que ele próprio retornasse ao calor da batalha para morrer, se preciso fosse, mas achou uma aglomeração do povo da Toupeira diante de sua porta, e esses eram os mais sombrios e os de coração menos bom que Meglin pôde reunir naquela cidade. Contudo, eram eles Noldoli livres e sob nenhum feitiço de Melko, ao contrário de seu mestre, donde embora, por causa do senhorio de Meglin, eles não ajudassem Idril, em nada além

disso seguiram o propósito do Gnomo, apesar de todos os seus insultos.

“Naquela hora, então, Meglin agarrara Idril pelo cabelo e buscara arrastá-la até as ameias, pela crueldade de seu coração, para que ela visse a queda de Eärendel nas chamas, mas ele se atrapalhara ao carregar aquela criança, e Idril lutara, sozinha como estava, feito uma tigresa, apesar de toda a sua formosura e pequenez. Naquele momento Meglin luta e demora-se, praguejando, enquanto o povo da Asa se aproxima — e eis que Tuor solta um grito tão grande que os Orques o ouvem de longe e hesitam diante desse som. Feito o romper da tempestade, a guarda da Asa surge em meio aos homens da Toupeira e esses são derrubados. Quando Meglin viu isso, quis apunhalar Eärendel com uma faquinha que carregava, mas aquela criança mordeu a mão esquerda dele, fincando nela seus dentes, e ele balançou e o golpeou fracamente, e a pequena cota de malha desviou a lâmina, e depois disso Tuor veio sobre ele e sua ira era terrível de ver. Tomou Meglin por aquela mão que segurava a faca e quebrou o braço com esse aperto, e então, tomando-o pela cintura, saltou com ele para cima das muralhas e o lançou para longe. Grande foi a queda de seu corpo e atingiu o Amon Gwareth três vezes antes que caísse no meio das chamas, e o nome de Meglin tornou-se sinal de vergonha entre Eldar e Noldoli.

“Então os guerreiros da Toupeira, sendo mais numerosos do que aqueles poucos da Asa e leais

ao seu senhor, vieram contra Tuor, e houve grandes golpes, mas nenhum homem podia ficar diante da ira de Tuor, e eles foram derrotados e forçados a fugir para os buracos escuros que conseguiram achar ou lançados das muralhas. Então Tuor e seus homens precisavam chegar à batalha no Portão, pois o estrondo dela se tornava mui grande e Tuor tinha ainda em seu coração a ideia de que a cidade podia resistir; contudo, com Idril ele deixou Voronwë, contra a vontade desse, e alguns outros espadachins para guardá-la até que ele retornasse ou mandasse notícias da luta.

"Nesse momento a batalha naquele portão caminhava de fato muito mal e Duilin da Andorinha, enquanto disparava das muralhas, foi atingido por uma seta de fogo dos Balrogs que saltavam à volta da base do Amon Gwareth; ele caiu das ameias e pereceu. Então os Balrogs continuaram a lançar dardos de fogo e flechas flamejantes feito pequenas serpentes no céu, e esses caíam sobre os tetos e jardins de Gondolin até que todas as árvores foram incineradas e as flores e a grama queimaram e a brancura daquelas muralhas e colunatas enegreceu e foi destruída; contudo, pior ainda foi que uma companhia daqueles demônios subiu nas volutas das serpentes de ferro e de lá disparou sem cessar de seus arcos e fundas até que um incêndio começou a arder na cidade às costas do principal exército dos defensores.

"Então disse Rog com grande voz: 'Quem agora há de temer os Balrogs, apesar de todo o seu

terror? Vede diante de nós os malditos que por eras atormentam os filhos dos Noldoli e que agora põem fogo às nossas costas com seus disparos. Vinde, ó vós do Martelo da Ira, e vamos golpeá-los pelo mal que fazem.’ Em seguida, ergueu sua maça, e o cabo dela era longo, e ele abriu caminho diante de si pela ira de seu avanço, chegando até mesmo ao portão derrubado, mas todo o povo da Bigorna Martelada acorreu atrás dele como ponta de lança, e chispas saíam de seus olhos com a força de sua raiva. Um grande feito foi aquele ataque, como ainda cantam os Noldoli, e muitos dos Orques foram lançados para trás na direção dos fogos lá embaixo, mas os homens de Rog saltaram até mesmo por sobre as volutas das serpentes e chegaram àqueles Balrogs e os feriram gravemente, apesar de todos os seus açoites de chama e garras de aço e de sua mui grande estatura. Martelaram-nos até virarem uma massa indistinta ou, agarrando seus açoites, usaram-nos contra eles, lacerando-os do mesmo modo como antes haviam lacerado os Gnomos, e o número dos Balrogs que pereceram era um assombro e um terror para as hostes de Melko, pois antes daquele dia nunca algum dos Balrogs tinha sido morto pelas mãos de Elfos ou Homens.

“Então Gothmog, Senhor de Balrogs, reuniu todos os seus demônios que estavam em volta da cidade e ordenou que assim fizessem: alguns deles foram até o povo do Martelo e recuaram diante desse grupo, mas a companhia mais numerosa, apressando-se pelos flancos, achou maneira de

chegar pela retaguarda, subindo pelas volutas dos dracos e mais perto dos portões, de modo que Rog não poderia retornar, salvo com grande mortandade entre seu povo. Porém Rog, vendo isso, não tentou retornar, como era esperado, mas com todo o seu povo caiu sobre aqueles cujo papel era recuar, e fugiram diante dele, agora por premente necessidade e não por ardil. Foram assolados até lá embaixo, na planície, e seus gritos rasgaram os ares de Tumladin. Então aquela casa do Martelo pôs-se a golpear e retalhar os bandos assustados de Melko até que foram detidos enfim por uma força avassaladora de Orques e de Balrogs, e um draco-de-fogo foi lançado contra eles. Lá pereceram à volta de Rog, atacando até o fim, quando o ferro e a chama os sobrepujaram e ainda hoje canta-se que cada homem do Martelo da Ira tirou as vidas de sete adversários como paga pela sua própria. Então caiu mais pesadamente o horror sobre os Gondothlim pela morte de Rog e a perda de seu batalhão, e eles recuaram ainda mais para dentro da cidade e Penlod pereceu lá, em uma alameda com suas costas para a muralha e, à volta dele, também muitos homens do Pilar e muitos da Torre de Neve.

“Com isso, portanto, os gobelins de Melko tomaram todo o portão e grande parte das muralhas de ambos os lados, de onde muitos dos da Andorinha e aqueles do Arco-Íris foram lançados para sua ruína, mas dentro da cidade eles tinham ganhado um grande trecho que chegava perto do centro, até mesmo ao Lugar do

Poço que ficava ao lado da Praça do Palácio. Contudo, em torno desses lugares e do portão os mortos deles estavam empilhados em montes incontáveis, e eles pararam, portanto, e traçaram seus planos, vendo que, pelo valor dos Gondothlim, tinham perdido muitos mais do que tinham esperado e bem mais do que aqueles defensores. Temorosos também estavam pela matança que Rog causara entre os Balrogs, porque graças àqueles demônios eles tinham grande coragem e confiança de coração.

"Ora, o plano que traçaram então foi proteger o que já tinham conquistado, enquanto aquelas serpentes de bronze e com grandes patas, adequadas para pisotear, subissem devagar por cima daquelas de ferro e, alcançando os muros, abrissem neles uma brecha através da qual os Balrogs pudessem passar cavalgando os dragões de chama; contudo, sabiam que isso tinha de ser feito rapidamente, pois os calores daqueles dracos não durariam para sempre e só poderiam ser abastecidos nos poços de fogo que Melko fizera na fortaleza de sua própria terra.

"Mas, no momento em que seus mensageiros partiam, ouviram uma música doce que soava em meio à hoste dos Gondothlim e temeram o que aquilo poderia significar: e eis que vieram Ecthelion e o povo da Fonte, que Turgon até agora tinha mantido em reserva, pois observara a maior parte daquele confronto das alturas de sua torre. Ora, marchava esse povo ao grande som de suas flautas e o cristal e a prata de seus petrechos era

mui belo de ver em meio à luz vermelha dos incêndios e o negrume das ruínas.

“Então, de repente, cessou a música deles e Ecthelion da bela voz gritou que se desembainhassem as espadas, e antes que os Orques pudessem prever seu ataque, o chamejar daquelas lâminas brancas estava no meio deles. Conta-se que o povo de Ecthelion lá matou mais dos gobelins do que os que jamais caíram em todas as batalhas dos Eldalië com aquela raça e que seu nome é um terror no meio deles até estes últimos dias e um grito de guerra para os Eldar.

“É agora que Tuor e os homens da Asa entram na luta e se postam ao lado de Ecthelion e daqueles da Fonte, e os dois assestam golpes poderosos, e cada um bloqueia muita investida contra o outro, e assolam os Orques de modo que quase chegam a abrir caminho até o portão. Mas eis que surge um tremor e um tropel, pois os dragões muito se esforçam para abrir caminho até o Amon Gwareth e derrubar as muralhas da cidade, e já há uma brecha ali e uma confusão de pedaços de alvenaria, onde as torres de guarda caíram em ruína. Grupos da Andorinha e do Arco do Céu ali lutam ferozmente em meio aos destroços ou contestam ao inimigo a posse das muralhas a leste e a oeste, mas, no momento em que Tuor se aproxima, desbaratando os Orques, uma dessas serpentes brônzeas empurra o muro do oeste e uma grande massa dele treme e tomba, e atrás dela vem uma criatura de fogo, com Balrogs sobre ela. Chamas jorram da mandíbula

daquela serpe e a gente fenece diante dela, e as asas do elmo de Tuor ficam enegrecidas, mas ele continua de pé e reúne à sua volta a guarda e todos aqueles do Arco e da Andorinha que consegue achar, enquanto na sua direita Ecthelion congrega os homens da Fonte do Sul.

“Ora, os Orques de novo criam coragem com a chegada dos dracos e misturam-se aos Balrogs que jorram pela brecha e atacam os Gondothlim ferozmente. Ali Tuor matou Othrod, um senhor dos Orques, rachando seu elmo, e Balcmeg ele cortou ao meio e a Lug golpeou de tal forma com seu machado que as pernas foram cortadas debaixo dele na altura do joelho, mas Ecthelion estripou dois capitães dos gobelins com um único golpe e rachou a cabeça de Orcobal, o principal de seus campeões, até os dentes, e, por causa da grande bravura desses dois senhores, chegaram até mesmo aos Balrogs. Desses demônios de poder Ecthelion matou três, pois o brilho de sua espada lhes cortava seu ferro e feria até o fogo deles, e eles se contorciam; contudo, do salto daquele machado Dramborleg, que era girado pela mão de Tuor, tinham eles ainda mais medo, pois cantava como o rumor de asas de águia no ar e concedia a morte enquanto descia, e cinco caíram diante dele.

“Mas assim é: poucos não podem lutar para sempre contra muitos, e o braço esquerdo de Ecthelion sofreu uma laceração terrível do açoite de um Balrog e seu escudo caiu por terra na hora em que um dragão de fogo se aproximava em meio à ruína das muralhas. Então Ecthelion

precisou se apoiar em Tuor, e Tuor não podia deixá-lo, ainda que os pés da fera estivessem quase em cima deles, e estavam prestes a ser sobrepujados, mas Tuor golpeou um dos pés da criatura, de forma que as chamas vazaram, e aquela serpente gritou, chicoteando com sua cauda, e muitos, tanto dos Orques quanto dos Noldoli, disso tiveram sua morte. Então Tuor reuniu forças e carregou Ecthelion e, junto com um remanescente de seu povo, abaixando-se, escapou do draco, mas terrível foi a mortandade de homens causada por aquela fera, e os Gondothlim foram duramente abalados.

“Assim foi que Tuor, filho de Peleg, recuou diante do adversário, lutando conforme cedia terreno, e levou daquela batalha Ecthelion da Fonte, mas os dracos e inimigos dominaram metade da cidade e todo o norte dela. Dali bandos de atacantes saíram pelas ruas e muito saquearam ou assassinaram no escuro homens e mulheres e crianças, e muitos, se a ocasião permitia, amarraram e lançaram nas câmaras de ferro em meio aos dragões, a fim de que pudessem mais tarde levá-los para serem servos de Melko.

“Ora, Tuor alcançou a Praça do Poço por um caminho que entrava pelo norte e lá encontrou Galdor barrando a entrada oeste, pelo Arco de Inwë, diante de uma horda de gobelins, mas à volta dele havia então apenas uns poucos daqueles homens da Árvore. Então tornou-se Galdor a salvação de Tuor, pois ele tombou atrás de seus homens, tropeçando, diante de Ecthelion,

em um corpo que jazia no escuro, e os Orques teriam capturado a ambos não fosse o ataque repentino daquele campeão e a força de sua clava.

“Lá estavam os resquícios da guarda da Asa e das casas da Árvore e da Fonte, e da Andorinha e do Arco, unidos em um bom batalhão, e pelo conselho de Tuor eles recuaram para fora do Lugar do Poço, vendo que a Praça do Rei, que estava ao lado, era mais defensável. Ora, aquele lugar, em tempos de outrora, contivera muitas e belas árvores, tanto carvalhos quanto choupos, em volta de um grande poço de vasta profundidade e grande pureza d’água; contudo, naquela hora, estava cheio do tumulto e da feiura daquele horrendo povo de Melko, e suas águas foram poluídas por seus cadáveres.

“Assim vem a última reunião corajosa daqueles defensores na Praça do Palácio de Turgon. Entre eles estão muitos feridos e prestes a desmaiar e Tuor está cansado pelos labores da noite e pelo peso de Ecthelion, que desfalece mortalmente. Assim que ele liderou aquele batalhão para dentro da praça, pela Estrada dos Arcos, a partir do noroeste (e muito sofreram para evitar que algum inimigo chegasse às suas costas), um alarido levantou-se a leste da praça e eis que Glorfindel lá entra com os últimos dos homens da Flor Dourada.

“Ora, esses tinham suportado um conflito terrível no Grande Mercado a leste da cidade, onde uma força de Orques liderada por Balrogs veio contra eles sem aviso, enquanto marchavam por um caminho tortuoso para o combate no portão.

Isso eles fizeram para surpreender o inimigo no seu flanco esquerdo, mas caíram eles próprios em emboscada; ali lutaram duramente por horas, até que um draco-de-fogo que acabara de vir da brecha os sobrepujou, e Glorfindel abriu caminho com muita dificuldade e com poucos homens, mas aquele lugar, com suas lojas e boas coisas de fina lavra, tornou-se uma desolação de chamas.

“Diz a estória que Turgon tinha mandado os homens da Harpa em seu auxílio, por causa da urgência que pediam os mensageiros de Glorfindel, mas Salgant ocultou esse pedido deles, dizendo que deviam guarnecer a praça do Mercado Menor ao sul, onde ele habitava, e eles se apressaram para lá. Naquela hora, porém, separaram-se de Salgant e chegaram diante do salão do rei, e isso foi bem a tempo, pois uma massa triunfante de inimigos estava nos calcanhares de Glorfindel. Sobre esses os homens da Harpa, sem aviso, caíram com grande avidez e redimiram totalmente a covardia de seu senhor, empurrando o inimigo de volta ao mercado e, estando sem líder, avançaram com ira desmedida, de modo que muitos ficaram presos nas chamas ou tombaram sob o hálito da serpente que lá se deleitava.

“Tuor então bebeu da grande fonte e refrescou-se e, afrouxando o elmo de Ecthelion, deu-lhe de beber, molhando o rosto dele de tal modo que sua fraqueza o deixou. Agora esses senhores, Tuor e Glorfindel, limpam a praça e retiram todos os homens que podem das entradas e as barram com

obstáculos, salvo, por enquanto, as do sul. E daquela mesma região vem agora Egalmoth. Ele tinha ficado encarregado das máquinas na muralha, mas, já fazia tempo, considerando que o caso pedia antes golpes de espada nas ruas do que disparos das ameias, reunira alguns do Arco e da Andorinha à sua volta e lançara para longe seu arco. Então andaram pela cidade assestando bons golpes sempre que se encontravam com bandos do inimigo. Com isso resgataram muitos grupos de cativos e congregaram não poucos homens que vagavam confusos, e assim chegaram à Praça do Rei com dura luta, e os homens de bom grado o saudaram, pois temiam que estivesse morto. Agora todas as mulheres e crianças que tinham se reunido lá ou tinham sido trazidas por Egalmoth são abrigadas nos salões do rei e as fileiras de cada casa preparam-se para o fim. Naquela hoste de sobreviventes estão alguns, ainda que poucos, de todas as gentes, salvo apenas a do Martelo da Ira, e a casa do rei ainda está intocada. Nem é isso vergonha alguma, pois o papel deles foi sempre se manter descansados até o fim e defender o rei.

“Naquele momento, porém, os homens de Melko reuniram suas forças e sete dragões de fogo vieram com Orques à sua volta e Balrogs montados neles de todos os caminhos do norte, leste e oeste, buscando a Praça do Rei. Então houve carnificina nas barreiras e Egalmoth e Tuor iam de lugar a lugar da defesa, mas Ecthelion ficou ao lado da fonte, e aquela luta foi a mais teimosa e valente entre as recordadas em todas as canções

ou em qualquer conto. Contudo, finalmente, um draco fez explodir a barreira ao norte — e lá antes fora a saída do Beco das Rosas e um belo lugar de se ver e onde caminhar, mas então ali havia não mais que uma rua de negrume, cheia de barulho.

“Tuor então pôs-se no caminho daquela fera, mas separou-se de Egalmoth, e o empurraram para trás até o centro da praça, perto da fonte. Lá ficou exausto pelo calor sufocante e foi derrubado por um grande demônio, pelo próprio Gothmog, senhor de Balrogs, filho de Melko. Mas eis que Ecthelion, cujo rosto tinha a palidez do aço cinzento e cujo braço de escudo pendia inerte ao lado do corpo, pôs-se por cima de Tuor quando ele caiu e aquele Gnomo atacou o demônio, mas não pôde matá-lo, recebendo antes um ferimento no braço com que usava a espada, de modo que a arma deixou sua mão. Então saltou Ecthelion, senhor da Fonte, mais belo dos Noldoli, contra Gothmog na hora em que esse erguia seu açoite, e seu elmo, que tinha uma ponta, ele o cravou naquele peito maligno e trançou suas pernas em volta das coxas de seu inimigo, e o Balrog urrou e caiu para a frente, mas aqueles dois tombaram no lago da fonte do rei, que era muito profundo. Lá encontrou aquela criatura o seu fim e Ecthelion, com o peso do aço, ficou nas profundezas, e assim pereceu o senhor da Fonte, depois daquela ígnea batalha, nas águas frias.[30]

“Ora, Tuor tinha se erguido quando o ataque de Ecthelion lhe dera espaço e, vendo aquele grande feito, chorou por seu amor àquele belo Gnomo da

Fonte, mas, sendo envolvido pela batalha, mal conseguiu abrir caminho entre o povo em volta do palácio. Lá, vendo a hesitação do inimigo por razão do terror diante da queda de Gothmog, marechal das hostes, a casa real atacou, e o rei desceu em esplendor em meio a eles e com eles golpeava, de modo que varreram de novo boa parte da praça, e dos Balrogs mataram até duas vintenas, o que é, de fato, proeza muito grande, mas outra maior ainda realizaram, pois encurralaram um dos Dracos-de-Fogo, apesar de todas as suas chamas, e o forçaram a entrar nas próprias águas da fonte, nas quais ele pereceu. Ora, esse foi o fim daquela bela água, e suas lagoas viraram fumaça e sua fonte secou e não mais se lançou para o firmamento, mas antes uma vasta coluna de vapor subiu ao céu e a nuvem dela flutuou por cima de toda a terra.

"Então caiu sobre todos o terror pela ruína da fonte e a praça ficou cheia de brumas de calor escaldante e névoas que cegavam, e o povo da casa real foi morto pelo calor e pelo inimigo e por serpentes e uns pelos outros, mas um grupo deles salvou o rei e eles se reuniram para resistir sob Glingol e Bansil.

"Então disse o rei: 'Grande é a queda de Gondolin', e os homens estremeceram, pois tais foram as palavras de Amnon, o profeta de outrora,[31] mas Tuor, falando desvairadamente, por pena e por amor ao rei, gritou: 'Gondolin ainda resiste e Ulmo não permitirá que pereça!' Ora, estavam naquela hora postados, Tuor perto das

Árvores e o rei sobre as Escadas, como estiveram muito antes, quando Tuor transmitira a mensagem de Ulmo. Mas Turgon disse: ‘O mal fiz cair sobre a Flor da Planície, à revelia de Ulmo, e agora ele a deixa fenecer no fogo. Eis que esperança não há mais em meu coração por minha cidade de beleza, mas os filhos dos Noldoli não serão derrotados para sempre.’

“Então os Gondothlim bateram suas armas umas contra as outras, pois muitos ouviam por perto, mas Turgon disse: ‘Não luteis contra o destino, ó meus filhos! Buscai, vós que podeis, a segurança da fuga, caso ainda haja tempo, mas que vossa lealdade caiba a Tuor.’ Mas Tuor disse: ‘Vós sois rei’, e Turgon respondeu: ‘Eu, porém, não desferirei mais golpe algum’ e lançou sua coroa aos pés de Glingol. Então Galdor, que lá estava, pegou a coroa, mas Turgon não a aceitou e, de cabeça descoberta, subiu ao pináculo mais alto daquela torre branca que ficava perto de seu palácio. Lá gritou com voz semelhante a uma trompa soada em meio às montanhas, e todos os que estavam reunidos sob as Árvores e os inimigos nas brumas da praça o ouviram: ‘Grande é a vitória dos Noldoli!’ E conta-se que era então o meio da noite e que os Orques urraram em zombaria.

“Então os homens falaram de uma surtida e eram de duas opiniões. Muitos sustentavam que era impossível atravessar e que, de qualquer modo, não conseguiriam passar pela planície ou através dos montes e que era melhor, portanto,

morrer à volta do rei. Mas Tuor não podia conceber a morte de tantas belas mulheres e crianças, fosse pelas mãos de seu próprio povo em último caso, fosse pelas armas do inimigo, e falou da escavação e da via secreta. Portanto, aconselhou que implorassem a Turgon que mudasse de ideia e, vindo em meio a eles, liderasse aquele remanescente para o sul, até as muralhas e a entrada daquela passagem, mas ele próprio ardia de desejo de ir até lá e saber como estavam Idril e Eärendel ou de levar notícias para eles e ordenar que partissem rapidamente, pois Gondolin fora tomada. Ora, o plano de Tuor pareceu de fato desesperado aos senhores da cidade — vendo a estreiteza do túnel e a grandeza da companhia que precisava passar ali dentro —, mas de bom grado adotariam esse conselho em tal aperto. Mas Turgon não os ouviu, e ordenou que partissem naquele momento, antes que fosse tarde demais. ‘Que Tuor’, disse ele, ‘seja vosso guia e vosso chefe. Mas eu, Turgon, não deixarei minha cidade e queimarei com ela.’ Então mandaram de novo mensageiros à torre, dizendo: ‘Senhor, quem serão os Gondothlim se vós perecerdes? Liderai-nos!’ Mas ele disse: ‘Sus! Aqui fico’, e ainda uma terceira vez ele disse: ‘Se sou rei, obedecei aos meus pedidos e não ouseis debater mais minhas ordens.’ Depois disso não mandaram mais mensagens e se aprontaram para aquela tentativa desesperada. Mas o povo da casa real que ainda vivia não arredou pé, mas reuniu-se em fileiras cerradas na base da torre do rei. ‘Aqui’, disseram

eles, ‘ficaremos se Turgon não sair’, e não foi possível persuadi-los.

“Estava, pois, Tuor duramente dividido entre sua reverência pelo rei e seu amor por Idril e seu filho que lhe doía o coração; contudo, já serpentes rastejam pela praça, passando por sobre os mortos e os moribundos, e o inimigo reúne-se nas brumas para o último ataque; a escolha tem de ser feita. Então, por causa dos gemidos das mulheres nos salões do palácio e da grandeza de sua piedade por aquele triste resto dos povos de Gondolin, ele reuniu toda aquela chorosa companhia, damas, crianças e mães e, colocando-as no meio, congregou da melhor forma que pôde seus homens ao redor delas. Deixou as fileiras mais espessas nos flancos e atrás, pois pretendia recuar para o sul lutando da maneira mais adequada possível pela retaguarda conforme prosseguisse e, assim, se pudesse, avançar pela Estrada das Pompas até o Lugar dos Deuses antes que alguma grande força fosse enviada para detê-lo. Dali era seu pensamento seguir pela Via das Águas Correntes, passando pelas Fontes do Sul, até as muralhas e sua morada, mas a travessia do túnel secreto despertava-lhe muitas dúvidas. Logo depois, percebendo seus movimentos, o inimigo de imediato desferiu um grande ataque sobre seu flanco esquerdo e sua retaguarda — do leste e do norte — bem na hora em que ele começava a recuar, mas sua direita estava coberta pelo salão do rei e a frente daquela coluna já entrava na Estrada das Pompas.

“Então alguns dos mais imensos dos dracos aproximaram-se, brilhando em meio à névoa, e ele foi forçado a ordenar que a companhia seguisse correndo, enquanto lutava na esquerda às cegas, mas Glorfindel protegeu a retaguarda com vigor e muitos mais da Flor Dourada lá tombaram. Assim foi que eles passaram pela Estrada das Pompas e chegaram a Gar Ainion, o Lugar dos Deuses; esse era muito aberto e a sua parte média, o terreno mais alto de toda a cidade. Ali Tuor prepara-se para um combate terrível e quase não tem esperança de ir muito adiante, mas eis que o inimigo já parece perder ânimo e quase ninguém mais os segue, e isso é um assombro. Agora chega Tuor, à frente deles, ao Lugar das Bodas, e eis que lá está Idril diante dele com seu cabelo solto como no dia do casamento deles muito antes, e grande é o espanto dele. Ao lado dela estava Voronwë e mais ninguém, mas Idril não viu nem mesmo Tuor, pois seu olhar tinha se fixado atrás dele, na Praça do Rei, que ficava um pouco abaixo deles. Então toda aquela hoste parou e olhou para trás, para onde os olhos dela miravam, e seus corações pararam, pois agora viam por que o inimigo os pressionava tão pouco e a razão de sua salvação. Eis que um draco estava enroscado nos próprios degraus do palácio e conspurcava a sua brancura, mas enxames dos Orques saqueavam tudo e arrastavam para fora mulheres e crianças ou matavam homens que lutavam sozinhos. Glingol definhou até o âmago, Bansil estava totalmente enegrecida e a torre do rei estava cercada. Lá no

alto conseguiam divisar a forma do rei, mas em volta da base uma serpente de ferro esguichando chama chicoteava e revirava a sua cauda, e Balrogs havia em torno dela, e estava a casa do rei em grande angústia e gritos terríveis chegavam aos que observavam. Assim foi que o saque dos salões de Turgon e a grande valentia da casa real ocuparam a mente do inimigo, de modo que Tuor conseguiu sair de lá com sua companhia e estava agora em lágrimas no Lugar dos Deuses.

"Então disse Idril: 'Desgraçada de mim, cujo pai espera a ruína em seu mais alto pináculo, mas sete vezes desgraçada é aquela cujo senhor caiu diante de Melko e nunca mais voltará para casa' — pois estava desesperada com a agonia daquela noite.

"Então disse Tuor: 'Sus, Idril, sou eu e eu vivo; agora, porém, trarei teu pai aqui, ainda que seja dos Infernos de Melko!' Com isso, queria descer a colina sozinho, enlouquecido pela tristeza de sua esposa, mas ela, recuperando seu juízo, em uma tempestade de choro, agarrou-se a seus joelhos dizendo: 'Meu senhor! Meu senhor!' e o deteve. Contudo, enquanto falava, um grande barulho e um urro levantaram-se daquele lugar de angústia. Eis que a torre foi lambida pelas chamas e, em uma explosão de fogo, veio abaixo, pois os dragões esmagaram a base dela e todos os que estavam lá. Grande foi o retinir daquela queda terrível e assim se foi Turgon, Rei dos Gondothlim, e naquela hora a vitória era de Melko.

“Então disse Idril, pesarosa: ‘Triste é a cegueira dos sábios’, mas Tuor completou: ‘Triste também é a teimosia daqueles que amamos — mas foi uma falha valente’, então, abaixando-se, ergueu-a em seus braços e a beijou, pois era para ele mais do que todos os Gondothlim, mas ela chorava amargamente por seu pai. Então virou-se Tuor para os capitães, dizendo: ‘Eis que devemos partir daqui com toda a velocidade, para que não sejamos cercados’, e imediatamente seguiram avante o mais velozmente que puderam e já estavam longe dali quando os Orques se cansaram de saquear o palácio e de se regozijar com a queda da torre de Turgon.

“Agora estão na parte sul da cidade e encontram apenas bandos dispersos de saqueadores que fogem diante deles; contudo, acham fogo e incêndios por toda parte, por causa da crueldade daquele inimigo. Mulheres encontram, algumas com criancinhas e outras com seus bens nas mãos, mas Tuor não deixa que carreguem nada além de um pouco de comida. Chegando enfim a um lugar um pouco mais quieto, Tuor pediu notícias a Voronwë, já que Idril não falava e estava quase desfalecida, e Voronwë lhe contou como ela e ele tinham esperado diante das portas da casa, enquanto o barulho daquelas batalhas crescia e estremecia seus corações, e Idril chorava pela falta de notícias de Tuor. Enfim mandara ela a maior parte de sua guarda pelo caminho secreto com Eärendel, forçando-os a partir com palavras imperiosas, mas foi grande o

seu pesar com aquela separação. Ela própria ficaria, disse, nem buscaria viver mais tempo do que o seu senhor, então saiu pelas ruas reunindo mulheres e outros que vagavam e enviando-os para o túnel e atacando saqueadores com seu pequeno grupo, sequer conseguiram dissuadi-la de usar uma espada.

“Acabaram então encontrando um bando do inimigo que era numeroso demais e Voronwë a tinha arrastado de lá só com a sorte dos Deuses, pois todos os demais que estavam com eles pereceram e o inimigo queimara a casa de Tuor, mas não encontrou a via secreta. ‘Com isso,’ disse Voronwë, ‘tua senhora ficou desesperada de cansaço e tristeza e caminhou cidade adentro desvairadamente, para meu grande temor — nem consegui fazê-la fugir dos incêndios.’

“Conforme diziam essas palavras, chegaram às muralhas do sul e perto da casa de Tuor, e eis que estava derrubada, e saía fumaça dos escombros, e isso encheu Tuor de amarga ira. Mas ouviu-se um ruído que pressagiava a chegada de Orques, e Tuor despachou aquela companhia o mais rápido que pôde para a via secreta.

“Agora há grande pesar naquela escada, enquanto aqueles eLivross dizem adeus a Gondolin; têm, porém, pouca esperança de continuar a vida além das montanhas, pois como haverá alguém de escapar da mão de Melko?

“Contente está Tuor ao ver que todos passaram pela estrada e seu medo diminui; de fato, pela sorte dos Valar apenas pôde toda aquela gente

entrar ali sem ser vista pelos Orques. Agora há alguns que, lançando de lado suas armas, trabalham com picaretas do lado de dentro e bloqueiam a entrada da passagem, partindo então atrás da hoste conforme conseguem, mas, quando aquele povo tinha descido a escada até chegar a um nível paralelo ao do vale, o calor aumentou até virar um tormento, por causa do fogo dos dragões que estavam em volta da cidade, e de fato eles estavam perto, pois a escavação ali não chegava a grande profundidade sob a terra. Pedregulhos foram soltos pelos tremores no chão e, caindo, esmagaram muitos, e fumaças estavam no ar, de modo que suas tochas e lanternas se apagaram. Ali tropeçaram sobre os corpos de alguns que tinham partido antes e perecido e Tuor temeu por Eärendel, e prosseguiram sob grande escuridão e angústia. Quase duas horas tinham passado naquele túnel no fundo da terra, e perto de seu fim mal estava concluído, mas era rugoso em suas paredes e baixo.[32]

"Então chegaram enfim, seus números diminuídos em quase um décimo, à abertura do túnel e o tinham feito desembocar habilmente em uma ampla depressão onde antes houvera água, mas ela agora estava cheia de arbustos espessos. Ali reunia-se um aglomerado não pequeno de gente dispersa que Idril e Voronwë tinham mandado pela via oculta antes deles, e eles choravam baixinho por cansaço e pesar, mas Eärendel não estava lá. Com isso, estavam Tuor e Idril em angústia de coração.[33] Lamentação havia

também entre todos aqueles outros, pois em meio à planície acima deles erguia-se ao longe o monte de Amon Gwareth coroado de chamas, onde tinha ficado a cidade reluzente que fora o lar deles. Dracos-de-fogo estão em volta dela e monstros de ferro entram e saem de seus portões e grande é aquele saque cometido por Balrogs e Orques. Algum conforto isso traz para os líderes dos que fogem, mesmo assim, pois julgam que a planície está quase vazia do povo de Melko, salvo bem perto da cidade, pois para lá foram todos os seus seres malignos para festejar aquela destruição.

"'Agora,' disse, portanto, Galdor, 'temos de ir o mais longe possível daqui rumo às Montanhas Circundantes antes que a aurora venha sobre nós, e isso não nos dá grande intervalo de tempo, pois o verão está próximo.'[34] Disso veio uma divergência, pois alguns disseram que seria insensatez ir para Cristhorn, como Tuor propunha. 'O sol', disseram eles, 'estará alto muito antes de chegarmos aos sopés das montanhas e seremos sobrepujados na planície por aqueles dracos e demônios. Vamos para Bad Uthwen, a Via de Escape, pois isso dá apenas metade da jornada e nossos exaustos e feridos podem ter esperança de chegar lá, ainda que não mais adiante.'

"Idril, porém, falou contra essa ideia e persuadiu os senhores a não confiar na magia daquela via, a qual antes a tinha defendido de ser descoberta: 'Pois que magia há de resistir agora que Gondolin caiu?' Mesmo assim, um grande grupo de homens e mulheres separou-se de Tuor e foi para Bad

Uthwen e lá caiu nas mandíbulas de um monstro que, por malícia de Morgoth, a conselho de Meglin, sentara-se na saída para que ninguém pudesse escapar. Mas os outros, liderados por Legolas Verdefolha da casa da Árvore, o qual conhecia toda aquela planície de dia ou no escuro, e que tinha boa visão à noite, fizeram grande progresso vale afora, apesar de todo o seu cansaço, e pararam só depois de uma grande marcha. Então estava toda a Terra coberta pela luz cinzenta daquela aurora triste que não mais via a beleza de Gondolin, mas a planície estava cheia de brumas — e isso era um assombro, pois nenhuma bruma ou névoa tinha aparecido lá jamais antes e isso, talvez, tivesse a ver com a ruína da fonte do rei. Mais uma vez levantaram-se e, encobertos pelos vapores, avançaram bem depois da aurora em segurança, até que já estavam longe demais para que fossem divisados naqueles ares brumosos do monte ou das muralhas arruinadas.

"Ora, as Montanhas, ou melhor, seus montes mais baixos ficavam daquele lado a sete léguas menos uma milha de Gondolin, e Cristhorn, a Fenda das Águias, a duas léguas de subida desde o começo das Montanhas, pois ficava a uma grande altura; portanto, ainda tinham duas léguas e parte de uma terceira a atravessar em meio às escarpas e aos sopés e estavam muito cansados.[35] Naquela hora o sol estava acima de um pico dos montes do leste, e ela se via muito vermelha e grande, e as brumas perto deles tinham desaparecido, mas as ruínas de Gondolin estavam totalmente ocultas,

como se dentro de uma nuvem. Eis que então, conforme os ares clarearam, viram eles, a poucas quadras de distância, um grupo de homens que fugia a pé, e esses eram perseguidos por uma estranha cavalaria, pois sobre grandes lobos iam Orques, como pensavam, brandindo lanças. Então exclamou Tuor: ‘Sus! Lá está Eärendel, meu filho, eis que seu rosto brilha como uma estrela no ermo,[36] e meus homens da Asa estão à volta dele e eles estão em grande apuro.’ De imediato, escolheu cinquenta dos homens que estavam menos cansados e, deixando a companhia principal a segui-lo, partiu por aquela planície com a tropa o mais rápido que suas forças lhe permitiam. Chegando então a um ponto onde sua voz os alcançava, Tuor gritou para os homens em volta de Eärendel que ficassem e não fugissem, pois os ginetes-de-lobos estavam espalhando-os e matavam-nos um a um, e a criança estava nos ombros de certo Hendor, servidor da casa de Idril, e parecia que o deixariam sozinho com sua carga. Então eles se reuniram, com Hendor e Eärendel em meio a eles, mas Tuor logo chegou, embora toda a sua tropa estivesse sem fôlego.

“Dos ginetes-de-lobos havia uma vintena e dos homens que estavam em volta de Eärendel apenas seis viviam; portanto, Tuor mandou que seus homens formassem um crescente de apenas uma fileira e esperava assim cercar os cavaleiros, para que nenhum, escapando, levasse notícias ao inimigo principal e trouxesse a ruína sobre os eLivross. Nisso ele teve sucesso, pois só dois

escaparam e feridos da refrega e sem suas feras, de forma que foram suas notícias trazidas tarde demais à cidade.

“Feliz ficou Eärendel ao saudar Tuor e Tuor mui alegre por seu filho, mas disse Eärendel: ‘Estou com sede, pai, pois corri muito — e nem precisava Hendor me carregar.’ Disso seu pai não disse nada, não tendo água e pensando nas necessidades de toda aquela companhia que guiava, mas Eärendel disse de novo: ‘Foi bom ver Meglin morrer daquele modo, pois queria deitar mão sobre minha mãe — e dele eu não gostava, mas eu não queria viajar em túnel algum, apesar de todos os ginetes-de-lobos de Melko.’ Então Tuor sorriu e o colocou em seus ombros. Logo depois disso a companhia principal chegou e Tuor deu Eärendel à sua mãe, que estava em grande júbilo, mas Eärendel não queria ser carregado em seus braços, pois dizia: ‘Mãe Idril, estás cansada, e guerreiros em cota de malha não cavalgam entre os Gondothlim, salvo o velho Salgant!’ — e sua mãe riu em meio a seu pesar, mas Eärendel indagou: ‘Não, onde está Salgant?’, pois Salgant contava-lhe contos bobos ou inventava brincadeiras com ele por vezes e Eärendel muito se ria com o velho Gnomo naqueles dias em que ele vinha sempre à casa de Tuor, amando o bom vinho e belo repasto que lá recebia. Mas ninguém podia dizer onde Salgant estava, nem pode agora. Quiçá ele tenha sido surpreendido pelo fogo em sua cama; alguns, porém, dizem que ele foi feito cativo nos salões de Melko e tornou-se seu bufão — e essa é uma má

sina para um nobre da boa raça dos Gnomos. Então Eärendel ficou triste com aquilo e caminhava ao lado de sua mãe em silêncio.

“Então chegaram eles aos sopés dos montes e era o meio da manhã, mas ainda cinzenta, e ali, perto do começo da estrada íngreme, o povo esticou-se e descansou um pouco em um pequeno vale bordeado por árvores e arbustos de avelã, e muitos dormiram, apesar do perigo, pois estavam profundamente exaustos. Contudo, Tuor estabeleceu uma guarda estrita e ele próprio não dormiu. Ali fizeram uma refeição de comida escassa e pedaços de carne, e Eärendel saciou sua sede e brincou perto de um riachinho. Então disse à sua mãe: ‘Mãe Idril, quisera que o bom Ecthelion da Fonte estivesse aqui para tocar para mim com sua flauta, ou me fazer assobios-de-salgueiro! Será que ele foi na nossa frente?’ Mas Idril disse que não e contou o que ouvira sobre o fim dele. Então disse Eärendel que não desejava nunca mais ver as ruas de Gondolin e chorou amargamente, mas Tuor disse que ele não veria de novo aquelas ruas, ‘pois Gondolin não existe mais’.

“Depois disso, perto da hora do pôr do sol por trás dos montes, Tuor mandou que a companhia se levantasse e eles avançaram por caminhos agrestes. Logo então a grama sumiu e deu lugar a pedras cheias de musgo, e as árvores escassearam, e até os pinheiros e abetos tornaram-se esparsos. Na hora da descida do sol, o caminho serpenteou de tal modo por trás de um flanco dos montes que eles não podiam mais olhar

na direção de Gondolin. Ali toda a companhia parou, e eis que a planície está clara e sorridente na última luz do dia, como outrora; mas muito longe, conforme observavam, um grande fogo ergueu-se contra o norte escurecido — e aquela era a queda da última torre de Gondolin, aquela mesma que ficara bem ao lado do portão sul e cuja sombra sempre caía sobre os muros da casa de Tuor. Então caiu o sol e eles não viram mais Gondolin.

"Ora, o passo de Cristhorn, que é a Fenda das Águias, é de perigosa travessia, e aquela hoste não se aventuraria lá no escuro, sem lanternas e sem tochas, e muito cansada e cheia de crianças e mulheres e homens doentes e feridos, se não fosse por seu grande medo dos batedores de Melko, pois era uma grande companhia e não conseguiria avançar em muito segredo. A escuridão se aprofundava rapidamente conforme se aproximavam daquele lugar alto e eles precisavam se espalhar em uma fila comprida e lenta. Galdor e um grupo de homens armados de lanças foram na frente, e Legolas com eles, cujos olhos eram como os de gatos para o escuro, mas não conseguiam ver muito adiante. Depois seguiam as menos exaustas das mulheres, dando apoio aos doentes e aos feridos que conseguiam ir a pé. Idril estava com elas e com Eärendel, que suportava bem a marcha, mas Tuor estava no meio, atrás deles, com todos os seus homens da Asa, e eles carregavam alguns que estavam severamente feridos e Egalmoth estava com ele, mas ele

recebera um ferimento naquela sortida na praça. Atrás deles vinham muitas mulheres com criancinhas e meninas e homens que tinham ficado aleijados, mas o ritmo era lento o suficiente para eles. Na retaguarda ia o maior grupo de homens capazes de lutar, e lá estava Glorfindel dos cabelos dourados.

"Assim chegaram eles a Cristhorn, que é um lugar ruim por causa de sua altitude, pois essa é tão grande que nem a primavera nem o verão jamais chegavam lá e faz muito frio. De fato, enquanto o vale dança ao sol, ali todo o ano a neve habita naqueles lugares desolados, e na hora em que chegaram lá o vento uivava, vindo do norte, atrás deles e era muito cortante. A neve caía e girava em redemoinhos e caía nos olhos deles, e isso não era bom, pois ali o caminho é estreito e do lado direito, ou do oeste, uma muralha altíssima levanta-se setenta braças do caminho, até que forma, lá no alto, pináculos escarpados onde há muitos ninhos. Ali habita Thorndor, Rei das Águias, Senhor dos Thornhoth, a quem os Eldar chamam de Sorontur. Mas do outro lado está uma queda não tão alta, mas terrivelmente íngreme e lá embaixo há longos dentes de rocha apontados para cima, de modo que se pode descer escalando — ou talvez caindo —, mas de modo algum subir. E daquela profundeza não há escapatória em nenhuma das pontas, não mais do que pelos lados, e o Thorn Sir corre no fundo. Esse rio cai lá vindo do sul, descendo um grande precipício, mas com escassa

água, pois ele é um riacho fino naquelas alturas, e sai ao norte depois de fluir não mais que uma milha pedregosa acima do chão, através de uma passagem estreita que entra na montanha, e um único peixe mal poderia se espremer junto com a água.

“Galdor e seus homens haviam chegado agora à ponta próxima de onde o Thorn Sir cai no abismo, e os outros se demoravam, apesar de todos os esforços de Tuor, lá atrás, espalhados pela maior parte da milha de caminho perigoso entre despenhadeiro e encosta, de modo que o povo de Glorfindel mal havia chegado ao começo do trecho, quando se ouviu um urro na noite que ecoou naquela região sombria. Eis que os homens de Galdor estavam sendo atacados de repente, no escuro, por formas que saltavam de detrás de rochas onde tinham se escondido até mesmo do olhar de Legolas. Tuor achava que eles tinham topado com uma das companhias de batedores de Melko e ele não temia muito mais do que um embate rápido no escuro, mas mandou as mulheres e os doentes junto com ele para a retaguarda e uniu seus homens aos de Galdor e houve uma refrega na trilha perigosa. Então, porém, rochas começaram a cair da encosta acima e as coisas pareciam ir mal, pois as pedras causaram duros danos, mas a situação pareceu a Tuor ainda pior quando o barulho de luta veio da retaguarda, e um homem da Andorinha lhe deu a notícia de que Glorfindel estava em desvantagem

contra os homens que o atacavam naquele ponto, e que um Balrog estava com eles.

“Então ele temeu muito que se tratasse de uma armadilha, e isso foi o que em verdade ocorrera, pois vigias tinham sido dispostos por Melko em todos os montes circundantes. Contudo, tanto tinha o valor dos Gondothlim forçado a se juntar ao assalto antes que a cidade fosse tomada, que esses estavam espalhados esparsamente e estavam em menor número ali no sul. Mesmo assim, um desses havia espiado a companhia conforme eles tinham começado a subida vindo do vale de aveleiras, e o máximo possível de bandos do inimigo se juntou contra eles, e planejaram cair sobre os eLivross pela frente e por trás, justamente no caminho perigoso de Cristhorn. Ora, Galdor e Glorfindel ficaram firmes apesar da surpresa do ataque, e muitos dos Orques foram lançados no abismo, mas o desabamento das rochas parecia prestes a acabar com toda a coragem deles e a condenar à ruína a fuga de Gondolin. A lua, por volta daquela hora, ergueu-se acima do passo, e a treva diminuiu um pouco, pois a luz pálida filtrava-se pelos lugares escuros; contudo, não iluminou o caminho, por causa da altura dos penhascos. Então se levantou Thorndor, Rei das Águias, e ele não amava Melko, pois Melko prendera muitos de sua gente e os acorrentara contra rochas pontiagudas para arrancar deles as palavras mágicas com as quais ele poderia aprender a voar (pois sonhava enfrentar Manwë até mesmo no ar), e, quando se recusaram a

contar, ele lhes cortou as asas e buscou fazer com elas um par poderoso de asas para seu uso, o que de nada lhe valeu.

“Então, quando o clamor vindo do passo chegou a seu grande ninho, ele disse: ‘Donde essas coisas imundas, esses Orques dos montes, subiram para perto de meu trono e por que os filhos dos Noldoli gritam nos lugares baixos por medo das crias de Melko, o amaldiçoado? Levantai-vos, ó Thornhoth, cujos bicos são de aço e cujas garras são espadas!’

“Em seguida houve um ruído como o de um grande vento em lugares rochosos e os Thornhoth, o povo das Águias, caíram sobre aqueles Orques que tinham escalado a encosta acima do caminho e rasgaram seus rostos e suas mãos e os lançaram nas rochas do Thorn Sir, muito abaixo. Então ficaram contentes os Gondothlim e, em dias que vieram depois, fizeram da Águia uma insígnia de sua gente em sinal de júbilo e Idril a portava, mas Eärendel amava antes a Asa de Cisne de seu pai. Agora desembaraçados, os homens de Galdor contra-atacaram os que se opunham a eles, pois não eram muitos, e a chegada dos Thornhoth atemorizara-os muito, e a companhia seguiu em frente de novo, embora Glorfindel ainda tivesse que lutar bastante na retaguarda. Já metade deles tinha atravessado o caminho perigoso e as quedas do Thorn Sir, quando o Balrog que estava com o inimigo na retaguarda saltou com grande força sobre certas rochas elevadas que ficavam no caminho do lado esquerdo, na beira do abismo, e de lá, com outro salto furioso, passou adiante dos

homens de Glorfindel e chegou às mulheres e aos doentes mais à frente, vibrando seu açoite de chama. Então Glorfindel saltou na direção dele, e sua armadura dourada brilhava estranhamente à luz da lua, e golpeou aquele demônio, de modo que ele saltou de novo sobre uma grande pedra e Glorfindel o seguiu. Naquela hora houve um combate mortal naquela rocha alta acima do povo, e esses, pressionados atrás e com um obstáculo à frente, tinham ficado tão próximos uns dos outros que todos podiam ver, mas tudo acabou antes que os homens de Glorfindel pudessem saltar para o lado dele. O ardor de Glorfindel levava o Balrog de uma ponta à outra da pedra, e sua cota de malha defendia-o do açoite e das garras da criatura. Uma vez assestou-lhe um grande golpe em seu elmo de ferro, em outra decepou o braço da criatura que carregava o açoite na altura do cotovelo. Então saltou o Balrog, no tormento de sua dor e de seu medo, sobre o corpo de Glorfindel, que o golpeou com a rapidez de uma serpente, mas acertou apenas o ombro e foi agarrado, e eles começaram a perder o equilíbrio. Então a mão esquerda de Glorfindel procurou uma adaga, e com essa ele golpeou para cima, de modo que perfurou o ventre do Balrog, que estava perto de seu rosto (pois aquele demônio tinha o dobro de sua estatura), e a criatura gritou e caiu para trás da rocha e, caindo, agarrou as madeixas louras de Glorfindel debaixo de seu capacete, e aqueles dois caíram no abismo.

“Ora, essa foi uma coisa muito triste, pois Glorfindel era o mais amado — e eis que o baque

da queda deles soou à volta das montanhas, e o abismo de Thorn Sir ecoou. Então, diante do grito de morte do Balrog, os Orques na frente e atrás hesitaram e foram mortos ou fugiram para longe, e o próprio Thorndor, uma ave poderosa, desceu até o abismo e trouxe para cima o corpo de Glorfindel, mas o Balrog ali jazeu, e a água do Thorn Sir correu negra por muitos dias lá embaixo, em Tumladin.

"Ainda dizem os Eldar quando veem uma bela luta com grande disparidade de forças contra uma fúria maligna: 'Ai de nós! É Glorfindel contra o Balrog', e seus corações ainda estão feridos por causa daquele belo homem dos Noldoli. Por causa desse amor, apesar da pressa e do medo da chegada de novos inimigos, Tuor mandou que se erguesse um grande marco de pedras sobre o corpo de Glorfindel, bem ali, depois do caminho perigoso e ao lado do precipício da Torrente-das-Águias, e Thorndor não deixou que nenhum mal afetasse aquele monumento, mas flores amarelas para lá foram e florescem de vez em quando naquela tumba, naqueles lugares inclementes, mas o povo da Flor Dourada chorou durante a construção e não conseguia secar suas lágrimas."

"Ora, quem contará as andanças de Tuor e dos eLivross de Gondolin nos ermos que jaziam além das montanhas, ao sul do vale de Tumladin? Misérias e morte sofreram, frios e fomes, e vigílias incessantes. Que eles tenham enfim vencido aquelas regiões infestadas do mal de Melko

explica-se pela grande mortandade e pelo grande dano feito ao poder dele naquele assalto, e pela velocidade e pelo cuidado com que Tuor os conduziu, pois seguramente Melko sabia daquela fuga e estava furioso por ela. Ulmo tinha ouvido notícias nos oceanos distantes sobre os feitos que tinham se passado, mas ainda não podia auxiliá-los, pois estavam longe de águas e rios — e, de fato, passaram dura sede e não conheciam o caminho.

"Mas depois de um ano e mais de andanças, durante o qual muitas vezes viajaram por longo tempo enredados na magia daquelas regiões, apenas para voltar sobre seus próprios passos, mais uma vez o verão veio, e perto de seu ápice[37] eles chegaram enfim a um riacho e seguindo-o foram parar em terras melhores e se confortaram um pouco. Ali Voronwë os guiou, pois percebera um sussurro de Ulmo naquele riacho no fim de uma noite de verão — e sempre obtinha muita sabedoria do som das águas. Então os liderou até que desceram ao Sirion, onde aquele riacho desaguava, e então Tuor e Voronwë viram que não estavam longe da saída mais distante de outrora da Via de Escape e estavam mais uma vez naquele vale profundo de amieiros. Ali estavam todos os arbustos pisoteados e as árvores queimadas e as paredes do vale com cicatrizes de chama, e eles choraram, pois pensaram que sabiam o destino daqueles que muito antes tinham se separado deles na boca do túnel.

“Então viajaram rio abaixo, mas de novo sofriam com o medo de Melko e enfrentaram escaramuças com seus bandos de Orques e corriam perigo por causa dos ginetes-de-lobos, mas os dracos-de-fogo não os buscavam, tanto pela grande exaustão de seus fogos na tomada de Gondolin quanto pelo poder crescente de Ulmo conforme o rio engrossava. Assim chegaram depois de muitos dias — pois iam devagar e conseguiam seu sustento com muita dificuldade — àquelas grandes charnecas e charcos acima da Terra dos Salgueiros, e Voronwë não conhecia aquelas regiões. Ora, ali o Sirion desce por um grande trecho debaixo da terra, mergulhando na grande caverna dos Ventos Tumultuosos, mas correndo ao ar livre de novo acima das Lagoas do Crepúsculo, bem onde Tulkas[38] depois lutou com o próprio Melko. Tuor tinha viajado por aquelas regiões de noite e no poente, depois que Ulmo veio até ele entre os caniços, e não recordava os caminhos. Em certos lugares aquela terra é cheia de enganos e muito pantanosa, e ali a hoste demorou-se muito e foi afligida por moscas incômodas, pois era outono ainda, e tremedeiras e febres grassavam entre eles, e amaldiçoaram Melko.

“Contudo, chegaram enfim às grandes lagoas e às bordas daquela mui gentil Terra dos Salgueiros, e o mero hálito dos ventos dela trazia descanso e paz para eles, e graças ao conforto daquele lugar acalmou-se a tristeza dos que pranteavam os mortos naquele grande saque. Ali mulheres e meninas tornaram-se belas de novo e os doentes

se curaram e velhas feridas deixaram de causar dor; contudo, apenas aqueles que tinham razão para temer que seus parentes ainda viviam em amarga servidão nos Infernos de Ferro não cantavam nem sorriam.

“Ali moraram por tempo bastante longo e Eärendel era um menino crescido antes que a voz das conchas de Ulmo arrastasse o coração de Tuor, que seu anseio pelo mar retornasse com sede ainda mais profunda por causa dos anos em que ficou abafado, e toda aquela hoste levantou-se a seu pedido e desceu o Sirion até o Mar.

“Ora, o povo que tinha passado pela Fenda das Águias e que vira a queda de Glorfindel contava perto de oito centenas — uma grande caravana, mas era apenas um remanescente triste de tão bela e numerosa cidade. Aqueles, porém, que se ergueram da grama da Terra dos Salgueiros nos anos que vieram depois e partiram para o mar, quando a primavera dispôs celidônias nas campinas, e tinham feito um triste festival em memória de Glorfindel, esses somavam apenas trezentos e vinte homens e meninos, e duzentas e sessenta mulheres e meninas. Ora, o número de mulheres era pequeno porque muitas tinham se escondido ou foram escondidas por seus parentes em lugares secretos da cidade. Lá foram queimadas ou mortas, ou capturadas e escravizadas, e os grupos de resgate encontraram pouquíssimas delas, e é grande a pena de se pensar nisso, pois as donzelas e mulheres dos Gondothlim eram belas como o sol e adoráveis

como a lua e mais brilhantes que as estrelas. A glória habitava naquela cidade de Gondolin dos Sete Nomes e sua ruína foi a mais horrenda de todos os saques de cidades na face da Terra. Nem Bablon, nem Ninwi, nem as torres de Trui, nem todas as muitas capturas de Rûm, que é a maior entre os Homens, viram tal terror como o que caiu aquele dia sobre o Amon Gwareth da gente dos Gnomos, e consideram que essa foi a pior obra que Melko até hoje planejou no mundo.

"Contudo, agora aqueles eLivross de Gondolin habitavam a foz do Sirion, perto das ondas do Grande Mar. Lá adotaram o nome de Lothlim, o povo da flor, pois Gondothlim era um nome duro demais para seus corações; e, belo entre os Lothlim, Eärendel cresce na casa de seu pai,[39] e o grande conto de Tuor é chegado a seu fim."

Então disse Coração-Pequeno, filho de Bronweg: "Ai de Gondolin!"

E ninguém em toda a Sala das Lenhas falou ou se moveu por longo tempo.

[a] Na *Biografia* (p. 131), Humphrey Carpenter diz que a história "foi escrita no começo de 1917, durante a convalescença de Tolkien em Great Haywood", mas ele está sem dúvida se referindo ao texto original a lápis de *Tuor A*.

[b] Em *Tuor B*, está escrito a lápis esmaecido acima disso: *Idril Talceleb*.

[c] Escrito a lápis acima disso em *Tuor B*: *Heborodin*.

NOTAS

[1] Evidentemente não se trata da grande jornada para o Mar desde as Águas do Despertar, mas da expedição dos Elfos de Kôr para resgatar os Gnomos (ver I. 26).

[2] Um *korin* está definido em *O Chalé do Brincar Perdido* (I. 16) como “um grande cercado circular, seja de pedra ou espinheiros ou mesmo de árvores, que contorna um relvado verdejante”; Meril-i-Turinqi morava “em um grande *korin* de olmeiros”.

[3] *Tôn a Gwedrin* é o Fogo-do-Conto.

[4] Aqui há uma instrução: “Depois disso, ver o Nauglafring”, mas isso foi riscado.

[5] Acerca de Heorrenda, ver p. 350 e seguintes, e p. 389. Um espacinho foi deixado após as palavras “ela é assim” para indicar o lugar do poema em inglês antigo que deveria ser inserido, mas não há indicação de qual teria sido.

(*Nas notas seguintes, “o texto original” se refere ao texto em* Tuor A*, e ao de* Tuor B *antes da emenda em questão. Isso não implica que o texto de* Tuor A *poderia, ou não poderia, ser encontrado no texto original a lápis* (*o que não se pode afirmar na maioria dos casos*).)

[6] Esse trecho, começando com as palavras “E Tuor entrou naquela caverna [...]” na p. 184, é uma substituição tardia escrita em um retalho de papel (ver aqui). O trecho original era muito similar em sentido, mas continha o seguinte:

> Ora, na escavação daquele curso de rio sob as colinas os Noldoli trabalharam escondidos de Melko, que naqueles dias profundos ainda os mantinha ocultos e

> escravizados sob sua vontade. Em vez disso, eles foram instigados por Ulmo, que sempre contendia com Melko; e por meio de Tuor ele esperava devisar para os Gnomos uma libertação do terror do mal de Melko.

[7] “três dias”: “três anos” em todos os textos, mas “dias?” escrito a lápis acima de “anos” em *Tuor B*.

[8] A “evolução” das aves marinhas por intermédio de Ossë está descrita no conto *A Vinda dos Elfos*, I. 123; mas a frase aqui deriva do texto original a lápis de *Tuor A*.

[9] No texto datilografado *Tuor C*, um espaço em branco foi deixado aqui (ver aqui), e subsequentemente preenchido com “Ulmo” e não “Ainur”.

[10] O texto original dizia: “Ó Tuor do coração solitário, os Valar não desejam que habites para sempre em belos lugares de aves e flores; nem te levariam por esta terra agradável [...]”.

[11] *Tuor C* acrescenta aqui: “com auxílio de Ulmo”.

[12] A referência à Batalha das Lágrimas Inumeráveis é um acréscimo posterior a *Tuor B*. O texto original dizia: “que sozinha escapou do poder de Melko quando ele capturou o povo deles [...]”.

[13] Em *Tuor A* e *B*, o nome *Voronwë* é usado no texto todo, mas essa frase, com a forma *Bronweg*, é um acréscimo a *Tuor B* (e substitui o original “Ora, depois de muitos dias esses dois encontraram um vale profundo”).

[14] O texto datilografado *Tuor C* traz neste ponto:

> [...] que ninguém, caso não fossem do sangue dos Noldoli, poderia topar com ela, nem por acaso e nem depois de longa procura. Assim ela estava segura de toda sorte maligna, salvo apenas de traição, e Tûr

> jamais teria chegado até ali se não fosse pela firmeza daquele Gnomo Voronwë.

Na frase seguinte, *Tuor C* diz: “contudo, não poucos dos mais arrojados entre os Gnomos escravizados escapuliam rio abaixo pelo Sirion desde aquelas montanhas cruéis”.

[15] O texto original dizia: “a fala dele eles compreenderam, ainda que a língua dos Noldoli livres naqueles dias fosse um tanto diversa da dos infelizes escravos de Melko.” O texto datilografado *Tuor C* diz: “eles o compreenderam pois eram Noldoli. Então falou Tûr também na mesma língua [...]”.

[16] O texto original dizia: “Era cedo de manhã quando se aproximaram dos portões e muitos olhos os miravam [...]”. Mas quando Tuor e Voronwë viram Gondolin pela primeira vez, foi “na luz nova da manhã” (p. 158), e cruzaram a planície depois de “um dia de marcha leve”, daí a alteração feita posteriormente em *Tuor B*.

[17] “Maligno”: no texto original “Ainu”.

[18] Esse trecho, a partir de “Rude era seu aspecto [...]”, é uma substituição em um pedaço de papel à parte. O texto original dizia:

> Tuor era belo em semblante, mas de cabelos rudes e desalinhados e estava vestido com peles de ursos, contudo sua estatura não era demasiada entre seu próprio povo, mas os Gondothlim, ainda que não fossem curvados como eram não poucos de seus parentes que labutavam sem descanso ao escavar e martelar para Melko, eram pequenos e delgados e ágeis.

No trecho original, afirma-se que os Homens eram por natureza mais altos que os Elfos de Gondolin. Ver pp.

142, 220.

[19] “chegado ali”: “escapado de Melko” em *Tuor C*.

[20] “povo”: no texto original, “homens”. Este é o único lugar em que “homens” em referência a Elfos foi alterado. O uso é constante em *A Queda de Gondolin*, e ocorre uma vez até mesmo em uma referência estranha às hostes de Melko: “Naquele momento, porém, os homens de Melko reuniram suas forças” (p. 183).

[21] O trecho que começa com as palavras “Então o coração de Tuor ficou pesaroso [...]” (p. 198) e termina aqui foi colocado entre colchetes por meu pai em *Tuor B*, e em uma folha solta referente a esse mesmo trecho, ele escreveu:

> (Se nec[essário]): Então se conta como Idril, filha do rei, acrescentou suas palavras à sabedoria do rei, de modo que Turgon pediu a Tuor que repousasse por um tempo em Gondolin e, sendo presciente, persuadiu-o [a] morar ali, no fim. Como ele veio a amar a filha do rei, Idril dos Pés de Prata, e como lhe ensinaram profundamente o saber daquele grande povo e aprendeu sua história e a história dos Elfos. Como Tuor cresceu em sabedoria e poder nos conselhos dos Gondothlim.

A única diferença narrativa aqui em relação ao texto propriamente dito está na introdução da filha do rei, Idril, como uma influência na decisão de Tuor de permanecer em Gondolin. Em outros aspectos, o trecho é uma sinopse extremamente abreviada do relato acerca da instrução que Tuor recebeu em Gondolin, omitindo-se o que está dito no texto sobre os preparativos dos Gondothlim contra ataques; mas não penso que isso fosse uma proposta para reduzir o conto escrito: as palavras “Se necessário” sugerem fortemente que meu

pai tinha em mente apenas uma redução para a leitura em voz alta — o que aconteceu quando o conto foi lido no Clube de Ensaios do Exeter College na primavera de 1920; ver aqui Outra abreviação proposta se encontra na nota 32.

[22] Esse trecho que começa com “Grande também era o amor que Idril tinha por Tuor [...]” foi escrito em um pedaço de papel à parte e substituiu o seguinte texto original:

> O rei ao ouvir isso, e descobrindo que sua filha Idril, a quem os Eldar chamam de Irildë, retribuía o amor de Tuor, consentiu com que se casassem, visto que não tinha filho, e era provável que Tuor se tornasse um parente de força e que o confortaria. Ali Idril e Tuor se casaram diante do povo naquele Lugar dos Deuses, Gar Ainion, ao lado do palácio do rei; e aquele foi um dia de júbilo para a cidade de Gondolin, mas da (etc.)

O trecho substitutivo afirma que o casamento de Tuor e Idril foi a primeira, mas não a última, das uniões de Homem e Elfo, enquanto na Lista de Nomes de *A Queda de Gondolin* está dito que Eärendel era “o único ser que é metade da gente dos Eldalië e metade dos Homens” (ver p. 215).

[23] A frase “e essa história de Isfin e Eöl não pode ser contada aqui” foi acrescentada a *Tuor B*. Ver p. 220.

[24] Texto original: “um nome feito a partir da língua dos Gondothlim”.

[25] As safiras que os Noldoli deram a Manwë são mencionadas no conto *A Vinda dos Elfos*, I. 128. O texto original a lápis de *Tuor A* pode ser lido aqui: “mais azul do que as safiras de Súlimo”.

[26] O trecho que começa com “Desse modo aquele inverno amargo passou [...]” e vai até este ponto foi inserido em uma folha separada em *Tuor B* (mas não faz parte da camada mais recente de emendas); ele substitui um trecho muito mais curto que remonta ao texto primário de *Tuor A*:

> Ora, no dia do meio-do-inverno, o sol descia cedo além das montanhas, e eis que, quando ele partira, uma luz se ergueu para lá dos montes ao norte, e os homens espantaram-se (etc.).

Ver notas 34 e 37.

[27] O Coração Escarlate: o coração de Finwë Nólemë, pai de Turgon, foi arrancado por Orques na Batalha das Lágrimas Inumeráveis, mas recuperado por Turgon, e tornou-se seu emblema; ver I. 241 e nota 11.

[28] Essa passagem que descreve os petrechos e os emblemas das casas do Gondothlim foi relativamente pouco afetada pela revisão posterior em *Tuor A*; a maior parte dela consta no texto original a lápis, o qual foi deixado, e todos os nomes parecem ser originais.

[29] A palavra “burg” [burgo] está sendo usada no sentido em inglês antigo, uma cidade murada e fortificada.

[30] O trecho sobre a morte de Ecthelion está legível no texto primário de *Tuor A*; a revisão introduziu algumas mudanças no fraseado e nada mais.

[31] Essa frase, a partir de “e os homens estremeceram”, foi acrescentada a *Tuor B*. Sobre a profecia, ver I. 172.

[32] Em *Tuor B*, o trecho que vai de “Agora chega Tuor, à frente deles, ao Lugar das Bodas” (p. 186) até este ponto está entre colchetes, e um pedaço de papel inserido aí com referência a essa passagem diz:

> Como Tuor e seu povo se deparam com Idril vagando desesperada no Lugar dos Deuses. Como Tuor e Idril viram daquele local elevado o saque ao Salão do Rei e a ruína da Torre do Rei e a morte do rei, razão pela qual o inimigo não os perseguiu. Como Tuor ouviu de Voronwë notícias de que Idril mandara Eärendel e sua guarda pela via oculta e adentrara a cidade procurando o marido; como, sob a ameaça do inimigo, haviam resgatado muitos dos que fugiam, mandando-os para a via oculta. Como Tuor conduziu sua hoste com a sorte dos Deuses até a entrada daquela passagem e como todos desceram planície adentro, selando completamente a entrada atrás de si. Como a pesarosa companhia saiu por uma depressão dentro do vale de Tumladin.

Isso é simplesmente um resumo do texto como ele está; suponho que foi um recorte proposto para a recitação do conto, caso parecesse estar se alongando demais (ver nota 21).

[33] Esse trecho, a partir de “Ali reunia-se [...]”, substituiu em *Tuor B* o texto original: “Ali descansam de bom grado, mas, sem encontrar sinais de Eärendel e sua escolta, Tuor está desalentado, e Idril chora.” Isso foi reescrito em parte por razões narrativas, mas também para colocar o trecho no pretérito. Na frase seguinte, o texto foi corrigido a partir de “Lamentação há [...]” e “acima deles ergue-se [...]”, mas a frase seguinte (“Dracos-de-fogo estão em volta”) permaneceu intocada; e penso que era a intenção de meu pai, apenas casualmente indicada e nunca empreendida, reduzir o volume de “presente histórico” na narrativa.

[34] “pois o verão está próximo”: o texto original dizia “apesar de ser inverno”. Ver notas 26 e 37.

[35] O texto original dizia:

> Ora, as Montanhas ficavam daquele lado a sete léguas menos uma milha de Gondolin, e Cristhorn, a Fenda das Águias, a outra légua de subida desde o começo das Montanhas; portanto, ainda estavam a duas léguas e parte de uma terceira do passo, e estavam muito cansados.

[36] “eis que seu rosto brilha como uma estrela no ermo” foi acrescentado a *Tuor B*.

[37] Esse trecho, a partir de “Mas depois de um ano e mais de andanças [...]”, substituiu o original “Mas depois de meio ano de andanças, próximo ao meio-do-verão”. Essa emenda se fundamenta na alteração da época do ataque a Gondolin, do meio-do-inverno para os “Portões do Verão” (ver notas 26 e 34). Portanto, na versão revisada, o verão foi mantido como a estação em que os eLivross chegaram às terras próximas ao Sirion, mas eles levaram um ano inteiro e mais para alcançá-las, e não meio ano.

[38] “bem onde Tulkas”: texto original: “bem onde Noldorin e Tulkas”. Ver aqui.

[39] O texto original a lápis de *Tuor A* dizia: “Belo entre os Lothlim cresce Eärendel em Sornontur, a casa de Tuor”. A quarta letra desse nome pode ser lida também como *u*.

Alterações feitas a nomes em *A Queda de Gondolin*

Ilfiniol < *Elfriniol* nas três primeiras ocorrências do nome no trecho de ligação inicial, e *Ilfiniol* assim escrito na quarta.

(Em *O Chalé do Brincar Perdido* (I. 15), o Guardião-do-Gongo de Mar Vanwa Tyaliéva é chamado apenas de *Coração-Pequeno*; na *Ligação*

à *Música dos Ainur*, seu nome élfico é *Ilverin* < *Elwenildo* (I. 46, 52); e na *Ligação* ao *Conto de Tinúviel*, ele é *Ilfiniol* < *Elfriniol*, como aqui, ao passo que o texto datilografado diz *Ilfrin* (p. 7).

Na nota introdutória à Lista de Nomes de *A Queda de Gondolin*, ele é *Elfrith* < *Elfriniel*, e esse é o único lugar em que se explica o nome "Coração-Pequeno" (p. 148); a Lista de Nomes possui um verbete que diz: "*Elf* significa 'coração' (como o élfico *Elben*): *Elfrith* é Coração-Pequeno" (ver I. 255, verbete *Ilverin*). Em outra lista de nomes projetada, mas abandonada quando apenas poucos verbetes tinham sido escritos, encontramos novamente a forma *Elfrith*, e também *Elbenil* > *Elwenil*.

Essa mudança constante de nomes deve ser compreendida com base na rápida alteração de ideias e formulações fonológicas, mas, mesmo assim, é bem extraordinária.)

Nas notas seguintes, é necessário entender, pelo bem da concisão, que nomes em Tuor B *(antes da emenda) são encontrados na mesma forma em* Tuor A; *por exemplo* "Mithrim < Asgon *em* Tuor B" *implica que* Tuor A *possui* Asgon *(inalterado)*.

Tuor Embora ocasionalmente emendado para *Tûr* em *Tuor B*, e invariavelmente grafado *Tûr* no texto datilografado *Tuor C*, eu coloquei *Tuor* em todos os lugares; ver p. 148.

Dor Lómin Esse nome foi assim grafado pela primeira vez em *Tuor B*. Nas três primeiras ocorrências, *Tuor A* possui *Aryador* > *Mathusdor*; na quarta, *Aryador* > *Mathusdor* > *Dor Lómin*.

Mithrim < *Asgon* ao longo de *Tuor B*; *Tuor C* possui *Asgon* inalterado.

Glorfalc ou Cris Ilbranteloth (p. 150) *Tuor A* possui *Glorfalc ou Teld Quing Ilon*; *Tuor B*, da maneira que foi escrito, não possuía nomes élficos, sendo *Glorfalc ou Cris Ilbranteloth* um acréscimo posterior.

Ainur Assim como no primeiro rascunho de *A Música dos Ainur* (I. 61), o texto original de *Tuor A* possuía *Ainu* como plural.

Falasquil em ambas as ocorrências (p. 152) em *Tuor A*, esse nome substitui um original agora ilegível que começa com *Q*; em *Tuor B*, minha mãe deixou espaços em branco e acrescentou o nome depois, a lápis; em *Tuor C*, lacunas foram deixadas no texto datilografado e não preenchidas.

Arlisgion Esse nome foi acrescentado posteriormente a *Tuor B*.

Orques Tuor A e *B* possuíam *Orqui* ao longo de todo o texto; meu pai emendou isso em *Tuor B* para *Orques*, mas não de modo consistente e, na porção final do conto, não emendou em absoluto. Apenas em um lugar (p. 193, na fala de Thorndor), ambos os textos possuem *Orques*. Assim como o nome *Tuor/Tûr*, coloco em todo o texto a forma que haveria de prevalecer.

Na única ocorrência em singular, a palavra está escrita com *k* tanto em *Tuor A* quanto *B* (“sangue de Ork”, p. 165).

Gar Thurion < Gar Furion em *Tuor B* (*Gar Furion* em *Tuor C*).

Loth < Lôs em *Tuor B* (*Lôs* em *Tuor C*).

Lothengriol < Lósengriol em *Tuor B* (*Lósengriol* em *Tuor C*).

Taniquetil Na ocorrência da p. 161, foi acrescentado ao texto original de *Tuor A*: (*Danigwiel*), mas isso foi riscado.

Kôr Ao lado desse nome (p. 161), está escrito a lápis em *Tuor B*: *Tûn*. Ver I. 222, II. 292.

Gar Ainion < *Gar Ainon* em *Tuor B* (p. 164; não emendado na ocorrência da p. 186, mas eu escrevi *Gar Ainion* em ambos os locais).

Nost-na-Lothion < *Nost-na-Lossion* em *Tuor B*.

Duilin Na primeira ocorrência (p. 173) < *Duliglin* no texto original de *Tuor A*.

Rog Em *Tuor A*, grafado *Rôg* nas primeiras ocorrências e *Rog* nas últimas; em *Tuor B*, grafado *Rôg* em todas as ocorrências, mas majoritariamente alteradas depois para *Rog*.

Dramborleg Na ocorrência da p. 181 < *Drambor* no texto original de *Tuor A*.

Bansil Apenas na ocorrência da p. 184, *Bansil* > *Banthil* em *Tuor B*.

Cristhorn Escrito *Cristhorn* (e não *Cris Thorn*) a partir da primeira ocorrência na p. 228 em *Tuor A*; *Cris Thorn* ao longo de todo o texto de *Tuor B*.

Bad Uthwen < *Bad Uswen* em *Tuor B*. O nome original em *Tuor A* era (aparentemente) *Bad Usbran*.

Sorontur < *Ramandur* em *Tuor B*.

Bablon, *Ninwi*, *Trui*, *Rûm* O texto original de *Tuor A* possuía *Babylon*, *Nineveh*, *Troy* e (provavelmente) *Rome*.[a] Esses nomes foram alterados para as formas dadas no texto, exceto *Nineveh* > *Ninwë*, alterado para *Ninwi* em *Tuor B*.

Comentário a *A Queda de Gondolin*

§1. *A narrativa primária*

Assim como no *Conto de Turambar*, desmembro meu comentário a este conto em seções. Faço frequente referência à versão muito posterior (que vai apenas até o momento em que Tuor e Voronwë avistam Gondolin do outro lado da planície),

publicada em *Contos Inacabados*, pp. 35–80 (“De Tuor e sua Chegada a Gondolin”); aqui, chamarei essa versão de “o *Tuor* tardio”.

(i) *A jornada de Tuor para o Mar e a visitação de Ulmo* (pp. 149–56)

Em alguns lugares, o *Tuor* tardio (cujo abandono é um dos fatos mais infelizes em toda a história dos textos incompletos) é tão próximo em fraseado à *Queda de Gondolin*, escrito mais de trinta anos antes, a ponto de ser quase certo que meu pai o tinha diante de si, ou que no mínimo o havia relido recentemente. Exemplos notáveis da versão tardia (pp. 43–5) são: “O sol erguia-se às suas costas e se punha diante do seu rosto, e lá onde a água espumava entre os rochedos, ou se precipitava em súbitas cascatas, pela manhã e ao entardecer teciam-se arco-íris de um lado a outro da torrente”; “Ora dizia: ‘É uma voz-de-fata’; ora: ‘Não, é um bicho pequeno que geme nos ermos’”; “[Tuor] passou ainda alguns dias vagando em uma região acidentada, desprovida de árvores. Era varrida por um vento do mar, e tudo que lá crescia, capim ou touceira, inclinava-se sempre para onde o sol nascia por causa da preponderância daquele vento Oeste” — tais passagens são muito semelhantes ou quase idênticas a trechos do conto (pp. 150–1). Mas as diferenças na narrativa são profundas.

A origem de Tuor é deixada vaga na história antiga. Há uma referência no *Conto de Turambar* (p. 88) “àqueles clãs próximos às águas do Asgon, donde depois ergueu-se Tuor, filho de Peleg”, mas aqui se diz que Tuor não morava com seu povo (o qual “vagava pelas florestas e montes”), mas “vivia sozinho perto daquele lago chamado Mithrim [< Asgon]”, pelo qual viajava em um pequeno barco

de proa feita à semelhança do pescoço de um cisne. De fato, quase não há referência a outros eventos e, é claro, nenhum indício dos Elfos-cinzentos de Hithlum que o criaram na história posterior, ou de sua proscrição e caçada pelos Lestenses; mas há “Noldoli errantes” em Dor Lómin (Hisilómë, Hithlum) — a respeito dos quais, ver p. 85 — de quem Tuor aprendeu muito, incluindo seu idioma, e foram eles que o guiaram pela escura passagem do rio sob as montanhas. Tem-se aí uma antecipação de Gelmir e Arminas, os Elfos noldorin que guiaram Tuor pelo Portão dos Noldor (*Tuor* tardio, pp. 40–1), e a história de que os Noldoli abriram “aquele caminho escondido” pela vontade de Ulmo sobreviveu no contexto histórico muito mais rico da lenda posterior, em que “o Portão dos Noldor [...] foi feito pela habilidade dessa gente, muito tempo atrás, nos dias de Turgon” (*Tuor* tardio, p. 36).

O *Tuor* tardio aproxima-se muito da história antiga em certo trecho, quando Tuor emerge do túnel para dentro da ravina (posteriormente chamada de Cirith Ninniach, mas mesmo assim um nome cunhado pelo próprio Tuor); muitas características se repetem, como as estrelas brilhando “na escura faixa de céu lá no alto”, os ecos de seu harpear (é claro que, no conto, sem as ressonâncias literárias do grito de Morgoth e das vozes da hoste de Fëanor que aportaram ali), suas dúvidas quanto ao grito lamentoso das gaivotas, o estreitamento da ravina na qual a maré que entrava (feroz devido ao vento oeste) chocou-se com a água do rio, e a fuga de Tuor escalando até o topo do penhasco (mas, no conto, não se faz a conexão entre a curiosidade de Tuor pelas gaivotas e o salvamento de sua vida: ali ele escalou o

penhasco em resposta à incitação dos Ainur). É notável a manutenção da ideia de que Tuor foi o primeiro dos Homens a alcançar o Mar, de pé sobre o penhasco com os braços abertos, e de seu "anseio pelo mar" (*Tuor* tardio, p. 60). Mas a história de sua estadia na cava de Falasquil, adornando-a com entalhes (e, é claro, da madeira que os Noldoli de Dor Lómin faziam flutuar rio abaixo até ele) foi abandonada; na lenda posterior, Tuor encontra no litoral as ruínas das antigas obras portuárias dos Noldor datando dos dias do senhorio de Turgon em Nevrast, e no conto antigo não há indício da antiga morada de Turgon nessas regiões antes de ele partir para Gondolin. Portanto, todo o episódio de Vinyamar está ausente aí, e apesar da frequente lembrança de que Ulmo estava guiando Tuor como instrumento de seus desígnios, falta o elemento essencial da lenda posterior: o armamento que lhe foi deixado por Turgon seguindo a instrução de Ulmo (*O Silmarillion*, pp. 179, 319).

Os cisnes que voavam para o sul (eram sete, e não três, no *Tuor* tardio) desempenham essencialmente o mesmo papel em ambas as narrativas, levando Tuor a prosseguir sua jornada; mas o emblema do Cisne recebeu depois uma origem distinta, sendo "o emblema de Annael e de seu povo adotivo", os Elfos-cinzentos de Mithrim (*Tuor* tardio, p. 46).

Tanto em relação à rota tomada (ver p. 217 para a geografia) quanto às estações do ano, meu pai em larga medida usou, posteriormente, a história original da jornada de Tuor a Gondolin como ponto de partida. No *Tuor* tardio, foi no Fero Inverno depois da queda de Nargothrond — o inverno em que Túrin retornou a Hithlum — que ele e Voronwë

viajaram na neve e no frio mordente para o leste, sob as Montanhas de Sombra. Aqui a jornada leva muito mais tempo: ele deixou Falasquil nos “últimos dias do verão” (assim como no *Tuor* tardio), mas desceu toda a costa de Beleriand até as fozes do Sirion, e era verão do ano seguinte quando se demorou na Terra dos Salgueiros. (Sem dúvida a geografia era menos definida do que se tornou depois, mas a semelhança geral com o mapa posterior parece assegurada pela descrição (p. 153) de que a costa progredia após um tempo para o leste e não para o sul).

Somente neste lugar da estrutura narrativa há semelhança entre a visita de Ulmo a Tuor na Terra dos Salgueiros num crepúsculo de verão e a sua tremenda epifania ao emergir da procela na costa de Vinyamar. Contudo, é muitíssimo notável que a antiga visão da Terra dos Salgueiros e sua beleza soporífera de flores aquáticas e borboletas não tenha se perdido, embora depois tenha sido Voronwë, e não Tuor, quem vagou ali cunhando nomes, encantado e “submerso em relva até os joelhos” (*Tuor* tardio, p. 77, e p. 155 no presente conto), até que seu fado — ou Ulmo, Senhor das Águas — o levou para o Mar. Possivelmente há aqui uma tênue reminiscência da antiga história nas palavras de Ulmo (*Tuor* tardio, p. 50): “Precisas aprender a te apressares e *a estrada agradável que te projetei* precisa ser mudada”.

No conto, a fala de Ulmo a Tuor (ou pelo menos a porção dela que está relatada) é muito mais simples e breve, e não há sugestão ali de que Ulmo estivesse se opondo “à vontade de seus irmãos, os Senhores do Oeste”; mas dois elementos essenciais sobreviveram na mensagem posterior: que Tuor encontraria as palavras certas para falar quando

estivesse diante de Turgon e a referência ao filho ainda não nascido de Tuor (no *Tuor* tardio, p. 47, isso é muito menos explícito: “Mas não é apenas por teu valor que te envio, mas sim para trazeres ao mundo uma esperança além da tua visão e uma luz que há de penetrar as trevas”).

(ii) *A jornada de Tuor e Voronwë a Gondolin* (pp. 156–58)

Da jornada de Tuor até Gondolin, com exceção da sua permanência na Terra dos Salgueiros, pouco é dito no conto, e Voronwë só aparece tarde no decorrer da jornada como o único Noldo que não estava temeroso demais para acompanhá-lo adiante; não há uma só palavra da história de Voronwë conforme relatada posteriormente e ele não é um Elfo de Gondolin.

É notável que os Noldoli que guiaram Tuor para o norte desde a Terra dos Salgueiros chamem a si mesmos de servos de Melko. Em relação a isso, os *Contos* dão um retrato consistente. Está dito no *Conto de Tinúviel* (p. 9) que

todos os Eldar, tanto os que permaneceram na escuridão como os que foram perdidos na marcha desde Palisor, e também aqueles Noldoli que voltaram ao mundo perseguindo [Melko] em busca de seu tesouro roubado, caíram sob seu poder, tornando-se escravos.

Em *A Queda de Gondolin*, conta-se que os Noldoli prestavam serviço a Ulmo em segredo e, “por medo de Melko, vacilavam muito” (p. 154), e Voronwë falou a Tuor do “cansaço da servidão” (pp. 156–7); Melko enviou seu exército de espiões para

“procurar a morada dos Noldoli que tinham escapado da servidão” (p. 166). Esses “Noldoli escravizados” são representados como se se movessem livremente, por assim dizer, pelas terras, até mesmo às fozes do Sirion, mas eles “vagavam como se num sonho de medo, cumprindo suas ordens cruéis [de Melko], pois o encanto do pavor insondável estava sobre eles, e sentiam os olhos de Melko abrasando-os de longe” (*Conto de Turambar*, p. 99). Essa expressão é usada com frequência: Voronwë regozijou-se em Gondolin por não temer mais Melko com um “terror que o entorpecesse” — “e em verdade aquele feitiço que Melko lançara sobre os Noldoli era de terror sem fundo, de modo que parecia estar sempre perto deles, mesmo quando estavam longe dos Infernos de Ferro, e seus corações estremeciam e eles não fugiam nem quando podiam” (p. 159). O encanto do pavor insondável foi lançado também em Meglin (p. 169).

Há pouco em tudo isso que não possa ser mais ou menos harmonizado com as narrativas posteriores e, de fato, pode-se ouvir um eco nas palavras de *O Silmarillion* (p. 217):

Mas sempre os Noldor temiam mormente a traição daqueles de sua própria gente que tinham sido servos em Angband; pois Morgoth usava alguns desses para seus propósitos malignos e, fingindo dar-lhes liberdade, mandava-os para longe, mas suas vontades estavam acorrentadas à dele, e saíam apenas para retornar a ele de novo.

Ainda assim, tem-se a impressão de que naquela época meu pai concebia o poder de Melko no auge como se operasse nas Grandes Terras de maneira mais difusa e intangível, e talvez também mais universal. Enquanto em *O Silmarillion* os Noldor que não são livres são prisioneiros em Angband (de onde alguns podem escapar, e outros com as vontades escravizadas podem ser mandados para longe), aqui todos exceto os Gondothlim são "servos" ou "escravos", controlados de longe por Melko, e Melko assevera que todos os Noldoli, pela própria existência deles nas Grandes Terras, são seus escravos por direito. É uma distinção difícil de definir, mas o fato de que há uma diferença na história tardia pode ser visto na improbabilidade de Tuor ser guiado em seu caminho a Gondolin por Noldor que em qualquer sentido fossem escravos de Morgoth.

A entrada em Gondolin tem alguma semelhança geral com o relato muito mais completo e mais precisamente visualizado do *Tuor* tardio: um profundo desfiladeiro com um rio, arbustos emaranhados, a entrada de uma caverna — mas o rio é certamente o Sirion (ver a passagem ao final do conto, p. 195, em que os eLivross voltam à entrada), e a entrada para o caminho secreto fica em uma das margens íngremes do rio, bem diferente da descrição do Rio Seco, cujo antigo leito era ele próprio o caminho secreto (*Tuor* tardio, pp. 68–70). O longo túnel que Tuor e Voronwë atravessam no conto acaba por levá-los não apenas para a Guarda, mas também para a luz do sol, e eles se veem no "sopé de montes íngremes" e conseguem ver a cidade: em outras palavras, há uma concepção simples de uma planície, uma muralha circundante de montanhas e um túnel que

a atravessa e leva ao mundo de fora. No *Tuor* tardio, a aproximação à cidade é muito mais estranha, pois o túnel da Guarda leva à ravina de Orfalch Echor, uma grande fenda rasgando de cima a baixo as Montanhas Circundantes (suas laterais eram “escarpadas como se cortadas a machado”, p. 74), e sua estrada subia pelos portões sucessivos até chegar ao Sétimo Portão, barrando o cimo da fenda. Somente quando esse último portão foi aberto e Tuor o cruzou ele conseguiu ver Gondolin, e devemos supor (embora a narrativa não chegue a esse ponto) que os viajantes precisariam descer novamente a partir do Sétimo Portão para alcançar a planície.

É notável que Tuor e Voronwë sejam recebidos pela Guarda sem nenhum sinal da desconfiança ou ameaça que encontraram na história posterior (pp. 91–3).

(iii) *Tuor em Gondolin* (pp. 159–64)
Compare essa seção da narrativa com *O Silmarillion*, pp. 179–80:

Mas, atrás do círculo das montanhas, o povo de Turgon cresceu, e prosperou, e usou de seu engenho em labor incessante, de modo que Gondolin, sobre o Amon Gwareth, se tornou bela de fato, e digna de ser comparada até mesmo com a élfica Tirion, no além-mar. Altas e alvas eram suas muralhas, e lisas, suas escadas, e alta e forte era a Torre do Rei. Lá fontes luzentes brincavam, e nos pátios de Turgon estavam imagens das Árvores de outrora que o próprio Turgon fizera com arte-élfica; e a Árvore que

fizera d’ouro ele chamou de Glingal e à Árvore cujas flores fizera com prata ele deu o nome de Belthil.

A imagem de Gondolin perdurou, e reaparece nos vislumbres dados em notas para a continuação do *Tuor* tardio (*Contos Inacabados*, p. 85): “das escadarias até sua alta plataforma, e seu grande portão [...] da Praça da Fonte, da torre do Rei sobre uma arcada com colunas, da casa do Rei [...]”. De fato, a única diferença verdadeira que emerge do relato original diz respeito às Árvores de Gondolin que, inicialmente, eram imarcescíveis, “mudas geradas outrora das árvores gloriosas de Valinor”, mas em *O Silmarillion* eram imagens feitas de metais preciosos. Sobre as Árvores de Gondolin, ver os verbetes *Bansil* e *Glingol* da Lista de Nomes incluída adiante, pp. 214–16. A doação dessas “mudas” pelos Deuses (que “floriam eternamente sem esmorecer”) para Inwë e Nólemë quando da construção de Kôr, sendo que cada um recebeu uma muda de cada Árvore, é mencionada no conto *A Vinda dos Elfos* (I. 123), e em *A Ocultação de Valinor* há uma referência ao desenraizamento daquelas dadas a Nólemë, que foram “levadas ninguém sabia para onde, e outras jamais existiram” (I. 213).

Mas uma profunda mudança subjacente na história de Gondolin separa os relatos inicial e tardio: pois enquanto nos *Contos Perdidos* (e depois) Gondolin só foi descoberta *após* a Batalha das Lágrimas Inumeráveis, quando a hoste de Turgon se retirou para o sul, descendo o Sirion, em *O Silmarillion* ela foi fundada por Turgon de Nevrast mais de quatrocentos anos antes (442 anos antes

de Tuor chegar a Gondolin no Fero Inverno, após a queda de Nargothrond, no ano 495 do Sol). No conto, meu pai imaginava uma grande era se passando *entre* a Batalha das Lágrimas Inumeráveis e a destruição da cidade (“labor incessante *por anos e eras* não tinha sido suficiente para construí-la e adorná-la, no que o povo ainda labutava”, p. 163); depois, com mudanças radicais na cronologia da Primeira Era após a ascensão do Sol e da Lua, esse período foi reduzido para não mais do que trinta e oito anos (na última versão remanescente do “Conto dos Anos” da Primeira Era). Mas a antiga concepção ainda pode ser sentida no trecho da p. 321 de *O Silmarillion*, que descreve o isolamento do povo de Gondolin de todas as preocupações do mundo de fora após as Nirnaeth Arnoediad, com um ar de que longos anos se passaram.[b]

Em *O Silmarillion*, está explícito que Turgon construiu a cidade para que fosse “um memorial de Tirion sobre Túna” (p. 178), e que ela se tornou “tão bela quanto uma memória da élfica Tirion” (p. 321). Isso não é dito na história antiga e, de fato, nos *Contos Perdidos*, o próprio Turgon nunca conheceu Kôr (ele nasceu nas Grandes Terras depois do retorno dos Noldoli de Valinor, I. 167, 238, 240); ainda assim, é possível sentir que a torre do Rei, as fontes e escadarias, e os mármores brancos de Gondolin incorporam uma reminiscência de Kôr conforme descrita em *A Vinda dos Elfos e a Criação de Kôr* (I. 122–3).

Afirmei anteriormente que “apesar da frequente lembrança de que Ulmo estava guiando Tuor como instrumento de seus desígnios, falta o elemento essencial da lenda posterior: o armamento que lhe foi deixado por Turgon seguindo a instrução de

Ulmo”. Agora, contudo, parece que vemos o gérmen dessa concepção nas palavras de Turgon para Tuor (p. 161): “tua vinda estava disposta nos nossos livros de sabedoria e está escrito que viriam a acontecer muitas e grandes coisas nos lares dos Gondothlim quando aqui chegasses”. No entanto, fica claro pela resposta de Tuor que a fundação de Gondolin ainda não fazia parte do desígnio de Ulmo, visto que “chegaram aos ouvidos de Ulmo sussurros sobre vossa morada e vosso monte de vigilância contra o mal de Melko e isso o agrada”.

No conto, Ulmo previu que Turgon relutaria em pegar em armas contra Melko, e ele recorreu a um segundo conselho, falando pela boca de Tuor: que Turgon mandasse Elfos de Gondolin descendo o Sirion até as costas para que lá construíssem barcos que portariam mensagens a Valinor. A isso Turgon respondeu, decisiva e irrefutavelmente, que “por anos incontáveis” enviara mensageiros por aquele grande rio com esse exato propósito, e que como tudo isso fora infrutífero, não mais o faria. Ora, isso claramente está relacionado a um trecho de *O Silmarillion* (p. 221) em que se diz que Turgon, após a Dagor Bragollach e o rompimento do Cerco de Angband,

enviou companhias dos Gondolindrim em segredo para as fozes do Sirion e para a Ilha de Balar. Ali construíram navios e içaram vela para o extremo Oeste a mando de Turgon, buscando a Valinor para pedir o perdão e o auxílio dos Valar; e imploraram às aves do mar que os guiassem. Mas os mares eram selvagens e vastos, e sombra e encantamento jaziam sobre

eles; e Valinor estava oculta. Portanto, nenhum dos mensageiros de Turgon chegou ao Oeste, e muitos se perderam, e poucos retornaram.

Na verdade, Turgon fez isso ainda outra vez, após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis (*O Silmarillion*, p. 266), e o único sobrevivente dessa última expedição para o Oeste foi Voronwë de Gondolin. Assim, apesar de profundas alterações na cronologia e um grande desenvolvimento na narrativa dos últimos séculos da Primeira Era, a ideia de que houve tentativas desesperadas de Turgon para levar uma mensagem até Valinor remonta ao início.

Outra característica original é a de que Turgon não tinha filho homem; mas (curiosamente) não há absolutamente nenhuma menção no conto à sua esposa, mãe de Idril. Em *O Silmarillion* (p. 133), sua esposa Elenwë se perdeu na travessia do Helcaraxë, mas essa história obviamente pertence a um período posterior, quando Turgon passou a ser natural de Valinor.

A história da permanência de Tuor em Gondolin sobreviveu nas breves palavras de *O Silmarillion* (p. 321):

E Tuor permaneceu em Gondolin, pois sua ventura e sua beleza e a sabedoria de seu povo o tinham cativado; e ele se tornou poderoso em estatura e em mente e aprendeu profundamente o saber dos Elfos eLivross.

No presente conto, ele “ouviu falar de Ilúvatar, Senhor para Sempre, que habita para além do mundo”, e da Música dos Ainur. O conhecimento da

própria existência de Ilúvatar era, ao que parece, uma prerrogativa dos Elfos: muito tempo depois, no jardim de Mar Vanwa Tyaliéva (I. 49), Eriol perguntou a Rúmil: “Quem era Ilúvatar? Era um dos Deuses?” e Rúmil respondeu: “Não, isso não era, pois ele os fez. Ilúvatar é o Senhor para Sempre que habita além do mundo”.

(iv) *O cerco a Gondolin; a traição de Meglin* (pp. 164–71)

Desde o início a filha do rei era chamada de “Idril dos Pés de Prata” (Irildë na língua dos “Eldar”, nota 22); Meglin (posteriormente Maeglin) era seu sobrinho, embora o nome de sua mãe (irmã de Turgon), Isfin, tenha sido alterado depois.

Nessa seção da narrativa, a história em *O Silmarillion* (pp. 321–22) preservou todos os elementos essenciais da versão original, com uma exceção importante. O casamento de Tuor e Idril se deu com consentimento e completo favor do rei, e houve grande júbilo em Gondolin entre todos, exceto Maeglin (cujo amor por Idril é relatado anteriormente em *O Silmarillion*, p. 196, e ali se enfatiza o entrave de serem parentes próximos, não mencionado no conto). O poder de Idril de previsão, e seu presságio do mal que haveria de chegar, a via secreta que concebeu (mas, no conto, ela levava ao sul da cidade, e a Fenda das Águias ficava nas montanhas meridionais), a perda de Meglin nos montes enquanto buscava minério, sua captura por Orques, sua traição para salvar a pele, e seu retorno a Gondolin para não levantar suspeitas (com o detalhe da sua mudança de humor após isso, e seu “rosto sorridente”) — tudo permaneceu. É claro que muita coisa está ausente (seja por rejeição ou por mera negligência) no

relato sucinto composto para *O Silmarillion* — em que não se menciona, por exemplo, o sonho de Idril com Meglin, os vigias que puseram atrás dele quando ia para os montes, a formação de uma guarda, seguindo o conselho de Idril, que portasse o emblema de Tuor, a recusa de Turgon em duvidar da invulnerabilidade da cidade e sua confiança em Meglin, a descoberta, por parte de Meglin, da via secreta,[c] ou a notável história de que foi o próprio Meglin quem concebeu a ideia de monstros de fogo e ferro e a comunicou a Melko — realmente um desertor valioso!

A grande diferença entre as versões está, é claro, na natureza do conhecimento que Melko/Morgoth tinha de Gondolin. No conto, ele já havia descoberto a cidade por meio de um vasto exército de espiões[d] antes mesmo de Meglin ser capturado, e as criaturas de Melko haviam encontrado a "Via de Escape" e observaram Gondolin das alturas circundantes. A traição de Meglin na história antiga acontece por ele ter fornecido um relato exato da estrutura da cidade e dos preparativos feitos para sua defesa — e no seu conselho a Melko a respeito dos monstros de chama. Em *O Silmarillion*, por outro lado, há um elemento concebido muito mais tarde: a traição involuntária de Húrin que revelou aos espiões de Morgoth a região geral em que Gondolin deveria ser procurada, na "terra montanhosa entre Anach e as águas do alto Sirion, onde seus serviçais [de Morgoth] nunca tinham passado" (p. 322); mas "nenhum espião ou criatura saída de Angband podia chegar ali por causa da vigilância das águias" — e desse papel das águias das Montanhas Circundantes (ainda que fossem hostis a Melko, p. 193) não há sugestão na história original.

Portanto, em *O Silmarillion* Morgoth continuava a ignorar a localização precisa de Gondolin até a captura de Maeglin, e a informação que ele lhe deu foi proporcionalmente mais valiosa e mais danosa para a cidade. Assim, a história dos últimos anos de Gondolin tem uma atmosfera um tanto diferente no conto, pois os Gondothlim foram informados de que Melko havia "cercado o vale de Tumladin" (p. 167), e Turgon faz preparativos para guerra e reforça a vigia e a guarda nos montes. A retirada de todos os espiões de Melko logo antes do ataque a Gondolin de fato renovou o otimismo entre os Gondothlim, e não menos no próprio Turgon, de modo que quando o ataque chegou as pessoas estavam desprevenidas; mas na história posterior o choque do assalto súbito é muito maior, pois jamais houve razão para supor que a cidade corresse perigo imediato, e o presságio de Idril lhe é peculiar e mais misterioso.

(v) *Os paramentos dos Gondothlim* (pp. 171–74)
Embora a imagem central dessa parte da história tenha sobrevivido — o povo de Gondolin olhando das suas muralhas para saudar o sol nascente na festa dos Portões do Verão, mas notando uma luz vermelha se erguendo no norte e não no leste —, nos escritos posteriores quase nada se encontra de toda a heráldica desse trecho. Sem dúvida, se meu pai tivesse continuado o *Tuor* tardio, muito teria ressurgido, conquanto alterado, a julgar pelas ricas descrições "heráldicas" dos grandes portões e seus guardas na Orfalch Echor (pp. 95–104). Entretanto no conciso relato em *O Silmarillion*, os únicos vestígios são os títulos Ecthelion "da Fonte"[e] e Glorfindel "chefe da Casa da Flor Dourada de Gondolin". Ecthelion e Glorfindel são também

mencionados em *O Silmarillion* (p. 264) como capitães de Turgon que guardavam os flancos da hoste de Gondolin na retirada das Nirnaeth Arnoediad pelo Sirion, mas não há menção posterior a outros capitães nomeados no conto[f] — embora seja significativo que o décimo oitavo Regente Governante de Gondor se chamasse Egalmoth e que o décimo sétimo e o vigésimo quinto se chamassem Ecthelion (*O Senhor dos Anéis*, Apêndice A (I, ii)).[g]

Glorfindel "dos cabelos dourados" (p. 192) permaneceu como "Glorfindel dos cabelos louros" em *O Silmarillion*, e esse era desde o início o significado de seu nome.

(vi) *A batalha de Gondolin* (pp. 174–88)
Praticamente a história inteira da luta em Gondolin é única ao conto *A Queda de Gondolin*; toda a narrativa é resumida em poucas linhas em *O Silmarillion* (pp. 323–4):

Das façanhas de valor desesperado que lá se fizeram pelos chefes das casas nobres e seus guerreiros e, não menos, por Tuor, muito está contado n'*A Queda de Gondolin*: da batalha de Ecthelion da Fonte com Gothmog, Senhor de Balrogs, na praça mesma do Rei, onde um matou ao outro, e da defesa da torre de Turgon pelo povo de sua casa até que a Torre foi derrubada; e magna foi sua queda e a queda de Turgon em sua ruína.

Tuor buscou resgatar Idril do saque da cidade, mas Maeglin tinha deitado mãos sobre ela e sobre Eärendil; e Tuor lutou com Maeglin nas

muralhas e o lançou longe, e seu corpo, enquanto caía, bateu-se contra as encostas rochosas do Amon Gwareth três vezes antes que tombasse nas chamas lá embaixo. Então Tuor e Idril levaram tais remanescentes do povo de Gondolin como os que conseguiram reunir na confusão do incêndio pela via secreta que Idril tinha preparado.

(Nesse relato altamente comprimido, o detalhe de que o corpo de Maeglin bateu três vezes nas encostas do Amon Gwareth antes que "tombasse" nas chamas foi mantido). Pode parecer, pelo relato em *O Silmarillion*, que o atentado de Maeglin a Idril e Eärendil aconteceu bem tardiamente no decorrer da luta e até mesmo pouco antes do escape dos fugitivos pelo túnel; mas penso que isso é muito mais provavelmente resultado da compressão do que de uma alteração na narrativa da batalha.

No conto, Gondolin é visualizada muito claramente como uma cidade, com seus mercados e grandes praças, das quais há apenas vestígios em escritos posteriores (ver p. 207); e não há nada de vago na descrição da batalha. A concepção inicial dos Balrogs faz deles menos terríveis e certamente mais destrutíveis do que se tornaram depois: eles existiam "às centenas" (p. 170),[h] e foram mortos por Tuor e pelos Gondothlim em grandes números: dessa forma, cinco deles caíram pelo grande machado de Tuor, Dramborleg, três pela espada de Ecthelion e duas vintenas foram mortas pelos guerreiros da casa do rei. Os Balrogs são "demônios de poder" (p. 181); são capazes de sentir dor e medo (p. 194); usam armaduras de ferro (pp. 181, 194) e têm açoites de chama (uma

característica nunca perdida) e garras de aço (pp. 169, 179).

Em *O Silmarillion* (p. 323), os dragões que assolaram Gondolin eram “da ninhada de Glaurung, e eles tinham se tornado agora muitos e terríveis”, ao passo que no conto a linguagem empregada (p. 170) sugere que pelo menos alguns dos “Monstros” eram “mecanismos” inanimados construídos pelos ferreiros nas forjas de Angband. Mas mesmo as “criaturas de ferro” que se abriam “na parte do meio” para desembuchar bandos de Orques são chamadas de “feras impiedosas”, e Gothmog “mandou que se empilhassem” (p. 176); “foram dados corações e espíritos de fogo” às que eram feitas de bronze ou cobre, e o “draco-de-fogo” que Tuor golpeou gritou e chicoteou com a cauda (p. 181).

Um pequeno detalhe da narrativa é curioso: que “mensageiros” Meglin enviou a Melko para aconselhá-lo a colocar uma guarda na saída da Via de Escape, no local em que supunha que o túnel secreto ia dar? Em quem Meglin confiaria o bastante? E quem se atreveria a ir?

(vii) *O escape dos fugitivos e a batalha em Cristhorn* (pp. 188–95)

Da forma que é contada em *O Silmarillion* (p. 324), a história é um tanto mais completa na parte do escape dos fugitivos da cidade e da emboscada na Fenda das Águias (ali chamada de Cirith Thoronath) do que no relato do ataque e do saque em si, mas em um único ponto as duas narrativas estão realmente em desacordo — como já foi mencionado, a Fenda das Águias foi posteriormente removida das porções meridionais das Montanhas Circundantes para as setentrionais, e o túnel de

Idril seguia rumo ao norte a partir da cidade (comenta-se que “não se pensava que fugitivos fossem seguir um caminho na direção do norte e das partes mais altas das montanhas, mais próximas de Angband”). O conto fornece riqueza de detalhes e um imediatismo que falta à versão curta, em que desapareceram coisas como o tropeçar em corpos no calor e na fumaça debaixo da terra; e não há menção aos Gondothlim que, contrariando o conselho de Idril e Tuor, seguiram para a Via de Escape e lá foram destruídos pelo dragão que estava no aguardo,[i] ou da luta para resgatar Eärendel.

Aparece no conto Legolas Verdefolha, o Elfo de olhos agudos, primeiro dentre os nomes da Sociedade do Anel a surgir nos escritos de meu pai (sobre esse Legolas primitivo, ver p. 217), seguido por Gimli (um Elfo) no *Conto de Tinúviel*.

Em um ponto, a história da emboscada em Cristhorn parece difícil de acompanhar: trata-se da afirmação na p. 193 de que a lua “não iluminou o caminho, por causa da altura dos penhascos”. Os fugitivos estavam se movendo para o sul, atravessando as Montanhas Circundantes, e o paredão rochoso vertical sobre o caminho na Fenda das Águias estava “do lado direito, ou do oeste”, enquanto do lado esquerdo havia “uma queda [...] terrivelmente íngreme”. Então não é certo que a lua, erguendo-se no leste, iluminaria o caminho?

O nome *Cristhorn* aparece no desenho de meu pai “Gondolin and the Vale of Tumladin from Cristhorn” [Gondolin e o Vale de Tumladin visto de Cristhorn], de setembro de 1928 (*Pictures by J.R.R. Tolkien*, 1979, n. 35).

(viii) *As andanças dos eLivross de Gondolin* (p. 195–7)

Em *O Silmarillion* (p. 325), conta-se que, “liderado por Tuor, filho de Huor, o remanescente de Gondolin atravessou as montanhas e desceu ao Vale do Sirion”. É de se supor que entraram em Dimbar e depois, “fugindo para o sul por regiões difíceis e perigosas, chegaram afinal a Nan-tathren, a Terra dos Salgueiros”. Parece estranho que no conto os eLivross tenham vagado no ermo por mais de um ano e ainda assim tenham chegado apenas até a saída da Via de Escape; mas a geografia dessa região devia ser mais vaga quando *A Queda de Gondolin* foi escrita.

Em *O Silmarillion*, quando Tuor e Idril desceram de Nan-tathren para as fozes do Sirion, “juntaram seu povo à companhia de Elwing, filha de Dior, que tinha fugido para lá pouquíssimo tempo antes”. Não há menção disso aqui, mas deixo para depois as considerações sobre essa parte da narrativa.

§2. *Verbetes na Lista de Nomes de A Queda de Gondolin*

Sobre essa lista, ver p. 148, em que se encontra a nota introdutória a ela. Informações especificamente linguísticas da lista, incluindo significados, estão incorporadas no Apêndice de Nomes, mas recolho aqui algumas afirmações de outro tipo ali contidas (organizadas em ordem alfabética).

Bablon “era uma cidade dos Homens, e mais corretamente seria *Babilônia*, mas tal é o nome dado pelos Gnomos como eles agora o usam e o receberam de tempos de outrora.”

Bansil “Ora, esse era o nome que os Gondothlim tinham para aquela árvore diante da porta do seu rei que dava flores prateadas e não murchava — e seu nome Elfriniel soube pelo pai, Voronwë, e significa “Lindobrilho”. Ora, aquela árvore da qual era muda (trazida de Valinor pelos Noldoli nas eras profundas) tinha propriedades semelhantes, mas maiores, visto que por metade das vinte e quatro horas iluminava toda Valinor com luz prateada. Essa os Eldar ainda chamam de *Silpion* ou “Lua-de-Cerejeira”, pois sua flor era como a da cerejeira na primavera — mas essa árvore não tem nome em Gondolin, e somente os Noldoli falam dela.”

Dor Lómin “ou ‘Terra das Sombras’ era a região chamada pelos Eldar Hisilómë (e isto significa Crepúsculos Sombreados), onde Melko confinou os Homens, e chama-se assim em virtude do escasso sol que pouco espia sobre as Montanhas de Ferro a leste e ao sul — lá habita agora o Povo da Sombra. De lá Tuor foi para Gondolin.”

Eärendel “era o filho de Tuor e Idril e, conta-se, o único ser que é metade da gente dos Eldalië e metade dos Homens. Foi o primeiro e maior de todos os marinheiros entre os Homens, e viu regiões que os Homens ainda não encontraram e nem contemplaram, em que pese a profusão de seus barcos. Singra agora com Voronwë por sobre os ventos do firmamento, e não volta jamais para além de Kôr, doutro modo morreria como outros Homens, pois esse tanto de mortalidade tem dentro de si.”

(Sobre essas últimas afirmações acerca de Eärendel, ver pp. 264–5. A afirmação de que Eärendel era “o único ser que é metade da gente dos Eldalië e metade dos Homens” é muito notável. Presumivelmente, isso foi escrito quando Beren era

um Elfo, e não um Homem (ver aqui); Dior, filho de Beren e Tinúviel, aparece no *Conto do Nauglafring*, mas ali Beren é um Elfo, e Dior não é Meio-Elfo. No próprio conto da *Queda de Gondolin* se diz — mas em um trecho substitutivo posterior, p. 164 e nota 22 — que Tuor foi o primeiro, mas não o último, a se casar com "uma filha de Elfinesse". Sobre a extraordinária afirmação no *Conto de Turambar* de que Tamar Manquitola era Meio-Elfo, ver p. 130).

Ecthelion "era aquele senhor da casa da Fonte que tinha a mais bela voz e era o mais habilidoso em músicas de todos os Gondothlim. Ganhou renome para sempre por matar Gothmog, filho de Melko, com o que Tuor foi salvo da morte, mas Ecthelion se afogou com seu adversário na fonte do rei."

Egalmoth era "senhor da casa do Arco Celestial, e escapou do incêndio de Gondolin, e habitou depois na foz do Sirion, mas foi morto ali em uma horrenda batalha quando Melko capturou Elwing". (Ver p. 258).

Galdor "era aquele valente Gnomo que liderou os homens da Árvore em muitos ataques e, ainda assim, conseguiu sair de Gondolin e até mesmo do assalto de Melko aos habitantes da foz do Sirion, e voltou às ruínas com Eärendel. Habita ainda em Tol Eressëa (disse Elfriniel), e ainda alguns de seu povo chamam-se a si mesmos de *Nos Galdon*, pois *Galdon* é árvore, e o nome de Galdor é cognato." A última frase foi corrigida para "*Nos nan Alwen*, pois *Alwen* é uma Árvore."

(Sobre o retorno de Galdor às ruínas de Gondolin com Eärendel, ver p. 258).

Glingol "significa 'ouro-cantante' (conta-se), e esse era o nome que os Gondothlim tinham para aqueloutra das duas árvores imarcescíveis na praça do rei, e que dava flores douradas. Também era

uma muda das árvores de Valinor (veja ali onde Elfrith falou de Bansil), mas de Lindeloktë (que é ‘racimo-cantante’) ou Laurelin [*emendado de* Lindelaurë] (que é ‘ouro-cantante’) que iluminava toda Valinor com luz dourada por metade das 24 horas.”

(Para o nome *Lindeloktë*, ver I. 22, 258 (verbete *Lindelos*)).

Glorfindel “liderou a Flor Dourada e era o mais amado dos Gondothlim, a menos que fosse Ecthelion, mas quem haveria de escolher? Contudo, foi desafortunado, e tombou ao matar um Balrog na grande luta em Cristhorn. Seu nome significa Mecha-d’ouro pois seus cabelos eram dourados e o nome de sua casa em noldorissa é *Los’lóriol*” (emendado de *Los Glóriol*).

Gondolin “significa pedra da canção (com o que os Gnomos figuradamente queriam dizer pedra que fora esculpida e trabalhada até atingir grande beleza), e esse era o mais usual dos Sete Nomes que deram para sua cidade de refúgio secreto de Melko naqueles dias antes da libertação.”

Gothmog “era um filho de Melko com a ogra Fluithuin, e seu nome é Contenda-e-ódio, e era Capitão dos Balrogs e senhor das hostes de Melko até ser morto pelo formoso Ecthelion na tomada de Gondolin. Os Eldar o chamavam de *Kosmoko* ou *Kosomok(o)*, mas esse é um nome que não se ajusta de modo algum ao idioma deles e tem um som ruim mesmo na nossa fala mais rude, disse Elfrith [*emendado de* Elfriniel].”

(Em uma lista de nomes dos Valar associada com o conto *A Vinda dos Valar* (I. 93), afirma-se que Melko tinha um filho “de Ulbandi” chamado *Kosomot*; o dicionário “qenya” primitivo inclui *Kosomoko* = gnômico *Gothmog*, I. 258. No conto,

Gothmog é chamado de “marechal” das hostes de Melko (p. 184)).

No desenvolvimento posterior das lendas, Gothmog foi o assassino de Fëanor e na Batalha das Lágrimas Inumeráveis foi ele quem matou Fingon e capturou Húrin (*O Silmarillion*, pp. 156, 263, 265). Ele evidentemente deixou de ser chamado de “filho de Melko”; os “Filhos dos Valar” eram uma característica da mitologia mais antiga que meu pai descartou.

Na Terceira Era, *Gothmog* era o nome do lugar-tenente de Minas Morgul (*O Retorno do Rei*, livro V, capítulo 6)).

Hendor “era um serviçal de Idril e era idoso, mas carregou Eärendel pela passagem secreta.”

Idril “era aquela mui formosa filha do rei de Gondolin que Tuor amou quando era apenas uma pequena donzela, e que lhe deu Eärendel. Os Elfos a chamam de *Irildë*; e nós falamos dela como *Idril Tal-Celeb*, ou Idril dos Pés de Prata, mas eles, como *Irildë Taltelepta*.”

Ver Apêndice de Nomes, verbete *Idril*.

Indor “era o nome do pai do pai de Tuor, porquanto os Gnomos chamavam Eärendel de *Gon Indor* e os Elfos, de *Indorildo* ou *Indorion*.”

Legolas “ou Verde-folha era um homem da Árvore, que liderou os eLivross por sobre Tumladin no escuro, tendo visão noturna, e ainda vive em Tol Eressëa, lá chamado pelos Eldar de *Laiqalassë*; mas o livro de Rúmil fala mais sobre isso.”

(Ver I. 267, verbete *Tári-Laisi*).

§3. *Miscelânea*

(i) *A geografia de A Queda de Gondolin*

Observei anteriormente (p. 205) que, na jornada de Tuor ao longo de toda a costa do que depois se tornou Beleriand até as fozes do Sirion, há uma semelhança inquestionável com o mapa posterior na progressão da costa de norte-sul para leste-oeste. Afirma-se também que, após deixar Falasquil, “os montes distantes iam ficando cada vez mais perto da margem do mar”, e que as encostas das Montanhas de Ferro “chegam até mesmo ao mar” (pp. 152–3). Essas afirmações podem da mesma forma ser relacionadas bem facilmente com o mapa, onde a longa extensão ocidental das Montanhas de Sombra (Ered Wethrin), que forma a fronteira meridional de Nevrast, alcançava o mar em Vinyamar (para a correlação entre as Montanhas de Ferro e as Montanhas de Sombra, ver I. 111–12).

Arlisgion, “o lugar dos caniços” (p. 153) acima das fozes do Sirion, sobreviveu em Lisgardh, “a terra dos juncos nas Fozes do Sirion” no *Tuor* tardio (p. 57); e a característica de que o grande rio passava por debaixo da terra em uma porção do seu curso remonta ao período mais antigo, assim como os Alagados do Crepúsculo, Aelin-uial (“as Lagoas do Crepúsculo”, p. 195). Há aqui, contudo, uma diferença substancial no conto em relação a *O Silmarillion* (p. 174), em que Aelin-uial era a região de grandes lagoas e charcos onde “a corrente do Sirion se detinha”; *ao sul dos Alagados*, o rio “descia do norte em uma grande queda d’água [...] e então mergulhava, de repente, debaixo da terra, em grandes túneis que o peso de suas águas que caíam tinha aberto”. Aqui, por outro lado, os Alagados do Crepúsculo estão claramente *abaixo* da “caverna dos Ventos Tumultuosos” (jamais mencionada depois), onde o Sirion mergulha para

debaixo da terra. Mas a Terra dos Salgueiros, abaixo da região da passagem subterrânea do Sirion, está no lugar em que haveria de permanecer.

Assim, a visão que expressei (p. 141) acerca das indicações geográficas no *Conto de Turambar* também se aplica às indicações em *A Queda de Gondolin*.

(ii) *Ulmo e os outros Valar em A Queda de Gondolin*
No discurso de Tuor inspirado por Ulmo que ele fez quando do seu primeiro encontro com Turgon (p. 161), ele disse: “enraivecidos estão os corações dos Valar [...] vendo a tristeza da servidão dos Noldoli e as andanças dos Homens”. Isso discorda muito do que se conta em *A Ocultação de Valinor*, especialmente do seguinte (I. 208–9):[j]

A maioria dos Valar, além do mais, amava sua antiga quietude e queria apenas a paz, não desejando nem ouvir rumores de Melko e sua violência nem que o murmúrio dos Gnomos inquietos viesse jamais de novo entre eles a perturbar sua felicidade; e, por tais razões, também eles clamavam pelo encobrimento da terra. Não menores entre esses eram Vána e Nessa, ainda que a maioria, até mesmo entre os grandes Deuses, fosse da mesma opinião. Em vão Ulmo, por sua presciência, pleiteou diante deles piedade e perdão para os Noldoli [...]

Subsequentemente, Tuor disse (p. 161): “os Deuses sentam-se em Valinor, embora seu regozijo esteja diminuído pela tristeza e pelo temor de Melko e

eles ocultem sua terra e teçam à sua volta magia inacessível para que nenhum mal chegue a suas costas". Turgon, em sua resposta, ironicamente ecoa e altera as palavras: "eles que lá dentro [*ou seja, em Valinor*] se sentam em divertimento pouco cuidam do terror de Melko ou do pesar do mundo, mas escondem sua terra e tecem à volta dela magia inacessível para que nenhuma notícia sobre o mal chegue jamais a seus ouvidos."

Como se deve entender isso tudo? Seria a "diplomacia" de Ulmo? Decerto o entendimento de Turgon acerca dos motivos dos Valar harmoniza melhor com o que se diz deles em *A Ocultação de Valinor*.

Mas os Gnomos de Gondolin reverenciavam os Valar. Havia as "pompas dos Ainur" (p. 165); uma grande praça e o ponto mais alto da cidade era Gar Ainion, o Lugar dos Deuses, onde eram celebrados casamentos (pp. 164, 186); e o povo do Martelo da Ira "reverenciava Aulë, o Ferreiro, mais do que todos os outros Ainur" (p. 174).

De particular interesse é o trecho (p. 165) em que se dá uma razão para Ulmo escolher um Homem como agente de seus desígnios: "Ora, Melko não tinha muito receio da raça dos Homens naqueles dias de seu grande poder e por essa razão Ulmo agiu por meio de um dessa gente para melhor iludir Melko, vendo que nenhum dos Valar e quase nenhum dos Eldar ou dos Noldoli podia se deslocar sem ser percebido pela vigilância dele". Este é o único lugar em que uma razão é fornecida explicitamente, exceto por uma antiga nota isolada, na qual se dá duas razões:

1. "a ira dos Deuses" (isto é, contra os Gnomos);

2. “Melko não temia os Homens — caso pensasse que quaisquer mensageiros estivessem chegando a Valinor, teria redobrado sua vigilância e sua crueldade, e escondido completamente os Gnomos”.

Mas isso é evasivo demais para ser útil.

A concepção da “sorte dos Valar” ocorre novamente neste conto (pp. 188, 200 nota 32), assim como no *Conto de Turambar*: ver p. 141. Os Ainur “puseram em seu coração [*de Tuor*]” a ideia de escalar a garganta para fora da ravina da Fenda Dourada, salvando a sua vida (p. 151).

É muito estranho o trecho acerca do nascimento de Eärendel (p. 165): “Nesses dias veio a se dar a plenitude do tempo do desejo dos Valar e da esperança dos Eldalië, pois em grande amor Idril deu a Tuor um filho e ele foi chamado de Eärendel”. Devemos entender que a união de Elfa e Homem mortal, e o nascimento de seu filho foi “o desejo dos Valar”? Que os Valar previram, ou esperaram por isso, como a realização de um desígnio de Ilúvatar a partir do qual grande bem haveria de chegar? Não há indício ou sugestão de tal ideia em outros lugares.

(iii) *Orques*

Há uma observação notável no conto (p. 159) a respeito da origem dos Orques (ou *Orqui* como são chamados em *Tuor A*, e em *Tuor B* conforme escrito inicialmente): “toda aquela raça foi gerada por Melko dos calores e do limo subterrâneos”. Não há ainda traços da visão posterior de que “nada que tivesse vida por si mesmo, nem a semelhança de

vida, podia Melkor jamais criar desde sua rebelião no Ainulindalë antes do Princípio", ou de que os Orques surgiram de Quendi escravizados depois do Despertar (*O Silmarillion*, p. 82). Há concebivelmente um primeiro indício dessa ideia de sua origem nas palavras do conto nessa mesma passagem: "a menos que certos dos Noldoli tenham sido distorcidos pelo mal de Melko e misturados entre esses Orques", embora da maneira que está, isso seja, é claro, muito diferente da noção de que os Orques foram de fato criados a partir de Elfos.

Aqui também ocorre o nome *Glamhoth* para os Orques, o qual reaparece no *Tuor* tardio (*Contos Inacabados*, pp. 64 e 83, nota 18).

Sobre os Balrogs e Dragões em *A Queda de Gondolin*, ver pp. 254–55.

(iv) *Noldorin na Terra dos Salgueiros*

"Pois não aconteceu que, mesmo depois dos dias de Tuor, Noldorin e seus Eldar foram até lá procurando por Dor Lómin e pelo rio oculto e pelas cavernas do aprisionamento dos Gnomos e, no entanto, assim perto do fim da demanda, quase a abandonaram? De fato, dormindo e dançando aí [...] foram dominados por gobelins enviados por Melko das Montanhas de Ferro e Noldorin escapou dali por um triz." (p. 154). Essa foi a Batalha de Tasarinan, mencionada no *Conto de Turambar* (pp. 91, 140) durante a grande expedição dos Elfos a partir de Kôr. Compare com a observação de Lindo em *O Chalé do Brincar Perdido* (I. 16) que seu pai Valwë "foi com Noldorin encontrar os Gnomos".

Também se diz no conto que Noldorin (Salmar, companheiro de Ulmo) lutou ao lado de Tulkas nas Lagoas do Crepúsculo contra o próprio Melko,

embora o seu nome tenha sido riscado (p. 195 e nota 38); isso se deu depois da Batalha de Tasarinan. Sobre essas batalhas, ver p. 278 e seguintes.

(v) *A estatura de Elfos e Homens*

A passagem a respeito da estatura de Tuor na p. 159, antes de ser reescrita (ver nota 18), só pode significar que, enquanto Tuor não era incomumente alto para um Homem, ainda assim era mais alto do que os Elfos de Gondolin, e isso está de acordo com afirmações feitas no *Conto de Turambar* (ver p. 142). No trecho reescrito, contudo, o sentido é que Homens e Elfos não eram muito diferentes em estatura.

(vi) *Isfin e Eöl*

A versão mais antiga desse conto está no caderninho dos *Contos Perdidos* (ver I. 171), e diz o seguinte:

Isfin e Eöl

Isfin, filha de Fingolma, amada à distância por Eöl (Arval), da gente da Toupeira dos Gnomos. Ele é forte e tem a benevolência de Fingolma e dos Filhos de Fëanor (de quem é parente), porque é líder dos Mineiros e escava em busca de joias escondidas, mas é de má aparência, e Isfin o despreza.

(Fingolma como nome de Finwë Nólemë aparece em esboços do *Conto de Gilfanon*, I. 238–9). Temos aqui um mineiro de má aparência chamado Eöl “da gente da Toupeira” que ama Isfin, mas é rejeitado por ela com desprezo; e isso obviamente tem

paralelo próximo em *A Queda de Gondolin* com o mineiro de má aparência Meglin, e seu emblema da toupeira negra, querendo a mão de Idril, que o rejeita. É difícil saber como interpretar isso. A explicação mais simples é de que a história adumbrada no caderninho é, na realidade, mais antiga que a da *Queda de Gondolin*, que Meglin ainda não existia, e que subsequentemente a imagem do "mineiro feio — pretendente malsucedido" passou para o filho, e o objeto de seu desejo se tornou Idril (sobrinha de Isfin), enquanto uma nova história foi desenvolvida para o pai, Eöl, o Elfo escuro da floresta que enredou Isfin. Mas não fica claro em absoluto onde estava Eöl, o mineiro, enquanto ele amava "à distância" Isfin, filha de Fingolma. Parece não haver razão para pensar que ele tivesse relação com Gondolin; mais provavelmente, a ideia do mineiro portando o emblema da Toupeira entrou em Gondolin com Meglin.

[a] Ou seja, Babilônia, Nínive, Troia e Roma. [N.T.]

[b] Acerca da história de Gondolin a partir da chegada de Tuor até sua destruição, meu pai não escreveu nada depois da versão de "O Silmarillion" feita (muito provavelmente) em 1930; e ali a antiga concepção de sua história ainda estava presente. Isso foi a base para grande parte do Capítulo 23 na obra publicada.

[c] De fato, isso é especificamente negado em *O Silmarillion* (p. 322): "ela fez com que o trabalho só fosse conhecido de poucos e que nenhum sussurro sobre ele chegasse aos ouvidos de Maeglin".

[d] Aparentemente, as "criaturas de sangue" (de quem se diz que o povo de Gondolin não gostava, p. 166) — serpentes, lobos, doninhas, corujas e falcões — são tidas aqui como serviçais e aliados naturais de Melko.

[e] No *Tuor* tardio (p. 102), ele é o "Senhor das Fontes", no plural (a grafia no manuscrito é indubitável).

[f] Na versão de "O Silmarillion" escrita em 1930 (ver nota de rodapé na p. 208), o último relato da Queda de Gondolin a ser escrito e base para o

capítulo 23 da obra publicada, o texto na verdade diz: “[…] muito está contado n’*A Queda de Gondolin*: da morte de Rog fora dos muros, e da batalha de Ecthelion da Fonte […]”. Eu removi a referência a Rog (*O Silmarillion*, p. 324) porque era absolutamente certo que meu pai não teria mantido esse nome como sendo de um senhor de Gondolin.

g Em uma nota muito tardia escrita em um dos textos que constituem o capítulo 16 de *O Silmarillion* (“De Maeglin”), meu pai estava pensando em fazer de Glorfindel, Ecthelion e Egalmoth os “três senhores de sua casa” que Turgon designou para sair cavalgando com Aredhel de Gondolin (*O Silmarillion*, p. 186). Ele observa que Ecthelion e Egalmoth “derivam da primitiva Q[ueda de]G[ondolin]”, mas que “soam bem e apareceram em forma impressa” (referindo-se aos nomes dos Regentes de Gondor). Subsequentemente, decidiu não dar nome para a escolta de Aredhel.

h A ideia de que Morgoth dispunha de uma “hoste” de Balrogs perdurou por muito tempo, mas, em uma nota tardia, meu pai afirmou que pouquíssimos jamais existiram: “no máximo sete”.

i Esse elemento na história na verdade ainda estava presente no “Silmarillion” de 1930 (ver a nota de rodapé na p. 208), mas eu o excluí da obra publicada em virtude da evidência, em um texto muito posterior, de que a antiga entrada de Gondolin à essa época tinha sido bloqueada — um fato que foi então incluído no texto do capítulo 23 de *O Silmarillion*.

j Também parece estar em desacordo com a história de que todos os Homens foram fechados em Hithlum pelo decreto de Melko após a Batalha das Lágrimas Inumeráveis; mas “andanças” é uma palavra estranha no contexto, já que as palavras seguintes são “pois Melko os aprisiona na Terra das Sombras”.

4

O Nauglafring

Chegamos agora ao último dos *Contos Perdidos* originais a receber uma forma narrativa consecutiva. Ele está contido em um caderno separado e está intitulado *O Nauglafring: O Colar dos Anãos*.

O início deste conto é um tanto confuso. Antes de *A Queda de Gondolin* ser narrada, Lindo disse a Coração-Pequeno que “é o desejo de todos que nos contes os contos de Tuor e de Eärendel tão logo seja possível” (p. 144), e Coração-Pequeno responde: “É um magno conto, e sete vezes o povo há de se reunir no Fogo-do-Conto até que ele seja contado apropriadamente; e é tão entretecido com as estórias do Nauglafring e da Marcha dos Elfos que, para contá-lo, eu gostaria do auxílio de Ailios aqui [...]”. Assim, o fato de Coração-Pequeno ceder a cadeira do contador para Ailios no começo do presente texto, de modo que Ailios pudesse falar sobre o Nauglafring, está bem adequado ao contexto geral; mas não se esperaria que um novo conto fosse introduzido com as palavras “Mas depois de um tempo o silêncio acabou”, já que *A Queda de Gondolin* termina com “E ninguém em toda a Sala das Lenhas falou ou se moveu por longo tempo”. De todo modo, depois do longuíssimo *A Queda de Gondolin*, o próximo conto certamente teria de esperar até a noite seguinte.

Este conto é, novamente, um manuscrito a tinta sobre um original a lápis completamente apagado,

mas somente até as palavras “saciar sua ganância”, na página 230. Desse ponto até o fim há apenas um manuscrito inicial a lápis no primeiro estágio da composição, feito com pressa — em alguns lugares jogado na página, com um bom número de palavras não decifráveis com certeza, e uma parte foi amplamente reescrita enquanto o conto ainda progredia (ver nota 13).

O Nauglafring
O Colar dos Anãos

Mas depois de um tempo o silêncio acabou, e as pessoas murmuraram “Eärendel”, e outros disseram “Não — e quanto ao Nauglafring, o Colar dos Anãos?” Portanto, disse Ilfiniol, deixando a cadeira do contador: “Sim, melhor seria para o conto se Ailios narrasse as coisas a respeito desse colar”, e Ailios, sem qualquer mau grado, começou assim, olhando para a companhia.

“Lembrai-vos todos de como Úrin, o Resoluto, lançou o ouro de Glorund aos pés de Tinwelint, e não se dispôs a tocá-lo de novo após isso, partindo pesaroso de volta a Hisilómë e lá morrendo?” E todos disseram que aquele conto ainda estava fresco em seus corações.

“Pois vede,” disse Ailios, “com grande tristeza o rei fitou Úrin conforme deixava o paço, e ele estava exausto pelo mal de Melko que enganava assim todos os corações; e, no entanto, o conto diz que tão potentes eram os feitiços que Mîm, o sem-pai, havia tecido em volta daquele tesouro que mesmo enquanto jazia no piso dos paços do rei, brilhando estranhamente à luz das tochas que ali

ardiam, todos os que punham os olhos nele já eram tocados por seu mal sutil.

“Ora, aqueles do bando de Úrin murmuraram, portanto, e um disse ao rei: ‘Vede, senhor, nosso capitão Úrin, um homem velho e insano, partiu, mas não estamos dispostos a renunciar ao nosso ganho.’

“Então disse Tinwelint, pois ele mesmo não estava intocado pelo feitiço dourado: ‘Ora, então não sabeis que esse ouro pertence à gente dos Elfos em comum, pois os Rodothlim que o retiraram da terra há muito tempo não mais existem, e ninguém tem direito especial[1] a um punhado sequer, salvo apenas Úrin, por causa de seu filho Túrin, que matou a Serpe, espoliadora dos Elfos; mas Túrin está morto, e Úrin não quer nada dele, e Túrin era meu vassalo.’

“A essas palavras os proscritos ficaram mui irados, ao que o rei disse: ‘Ide embora, e não tenteis, ó tolos, querelar com os Elfos da floresta, para que a morte ou os encantamentos pavorosos de Valinor não vos encontrem nas matas. E nem vitupereis o nome de Tinwelint, seu rei, pois recompensar-vos-ei ricamente por vossa labuta e por haverdes trazido o ouro. Que cada um de vós se aproxime agora e leve o que puder carregar com as duas mãos, e então parta em paz.’

“Ora, por sua vez, os Elfos da floresta ficaram desgostosos, eles que estavam por perto há um bom tempo fitando o ouro; mas o povo selvagem fez como foi ordenado e mais ainda, pois alguns foram até a pilha duas e três vezes, e gritos

raivosos se ergueram naquele paço. Então os Elfos da floresta procuraram impedi-los de roubar, e deu-se uma grande dissensão, de modo que, embora o rei tentasse detê-los, ninguém lhe dava atenção. Então aqueles proscritos, sendo uma gente feroz e destemida, sacaram espadas e desferiram golpes à sua volta, e logo havia uma grande luta mesmo sobre os degraus do alto-assento do rei. Intrépidos eram aqueles proscritos e grandes manejadores de espada e machado devido às suas guerras com Orques,[2] de modo que muitos foram mortos até que o rei, vendo que não havia espaço para paz e perdão, convocou uma hoste de seus guerreiros, e aqueles proscritos, desorientados pelas magias mais fortes do rei[3] e confusos nos caminhos escuros dos paços de Tinwelint, foram todos mortos lutando amargamente; e corria sangue no salão do rei, e o ouro que jazia diante de seu trono, espalhado e pisoteado pelo tropel de pés, estava encharcado de sangue. Assim a maldição de Mîm, o Anão, começou seu curso, e ainda outra tristeza semeada pelos Noldoli outrora em Valinor deu fruto.[4]

"Então os corpos dos proscritos foram lançados fora, mas os Elfos da floresta que foram mortos Tinwelint mandou enterrar perto do montículo de Tinúviel, e conta-se que o grande morro está lá ainda em Artanor, e por longo tempo as fadas o chamaram de Cûm an-Idrisaith, o Morro da Avareza.

“Veio então Gwenniel ter com Tinwelint e disse: ‘Não toques neste ouro, pois meu coração me diz que é maldito em tresdobro. Maldito, decerto, pelo hálito do dragão, e maldito pelo sangue dos teus vassalos que o lenteja, e pela morte daqueles[5] que mataram; mas penso que há um mal mais amargo e mais atador sobre ele, o qual não consigo enxergar.’

“Então, lembrando-se da sabedoria de sua esposa Gwenniel, o rei lhe deu ouvidos, e mandou que se o ajuntasse e que fosse lançado na torrente diante dos portões. E mesmo assim não pôde deitar fora seu feitiço, e disse a si mesmo: ‘Primeiro hei de fitar sua beleza uma última vez antes de lançá-lo para longe mim para sempre.’ Portanto, mandou que o lavassem das manchas de sangue em águas límpidas e que o dispusessem diante de si. Ora, montes de ouro tamanhos jamais foram ajuntados num único lugar desde então; e algo desse ouro era trabalhado em taças, bacias e travessas, e havia cabos de espadas e estojos e bainhas para adagas; mas a maior parte era de ouro rubro virgem jazendo em montes ou em barras. O valor daquele tesouro homem nenhum poderia calcular, pois em meio ao ouro havia muitas gemas, e eram mui belas de se olhar, pois os pais dos Rodothlim as haviam trazido de Valinor, uma porção daquele erário sem fim que os Noldoli lá possuíam.

“Ora, conforme olhava, Tinwelint disse: ‘Que glorioso é esse tesouro! E eu não tenho um décimo dele, e nenhuma das gemas de Valinor, salvo a

Silmaril que Beren conquistou de Angamandi.’ Mas Gwenniel, que estava ao lado, falou: ‘E que valeria tudo o que aqui jaz, mesmo que fosse três vezes maior.’

“Então ergueu-se alguém no meio da companhia, e era Ufedhin, um Gnomo, e ele tinha vagado mais pelo mundo do que qualquer um do povo do rei, e habitara longamente com os Nauglath e os Indrafangs, parentes deles. Os Nauglath são uma raça estranha, e ninguém sabe por certo donde vêm; e não servem nem a Melko nem a Manwë e não fazem caso de Elfo ou Homem, e uns dizem que não ouviram falar de Ilúvatar ou que, se ouviram, desacreditam. Todavia, em trabalhos manuais e ciências e no conhecimento das virtudes de todas as coisas que há na terra[6] ou sob a água ninguém os supera; mas eles moram debaixo do solo em cavernas e cidades de túneis, e outrora Nogrod era a mais magna delas. São velhos, e jamais uma criança nasce entre eles, e nem riem. São de estatura atarracada, mas são fortes, e suas barbas chegam mesmo aos dedos dos pés, mas as barbas dos Indrafangs são as mais longas de todas, e bifurcadas, e eles as amarram perto da cintura quando andam longe. Todas essas criaturas os Homens chamaram de ‘Anãos’, e dizem que seus ofícios e sua destreza superam as dos Gnomos em realizações maravilhosas, mas em verdade há pouca beleza nas suas próprias obras, pois nessas coisas formosas que fizeram em eras passadas sempre houve a mão de Gnomos renegados como

Ufedhin. Ora, há muito tempo esse Gnomo tinha abandonado seu povo, tornando-se aliado dos Anãos de Nogrod, e àquela época viera aos reinos de Tinwelint com alguns outros Noldoli de mente semelhante, portando espadas e cotas de malha e outros objetos forjados de refinado engenho que os Nauglath naqueles dias comerciavam muito com os Noldoli livres e, conta-se, com os Orques e soldados de Melko também.

"Enquanto estava naquele lugar, o feitiço do ouro penetrara o coração de Ufedhin mais fundo do que o coração de qualquer um ali, e ele não podia suportar a ideia de que tudo seria lançado fora, e estas foram suas palavras: 'É um malfeito esse que Tinwelint, o rei, tenciona; e quem depois há de dizer que os clãs dos Eldalië amam coisas de beleza se um rei dos Eldar deita fora tamanha abundância de formosidade nas águas escuras da floresta, onde ninguém senão os peixes poderá depois contemplá-la? Melhor seria, em vez disso, suplico-vos, ó Rei, permitir que os artífices dos Anãos provem seu engenho neste ouro virgem, para que o nome do erário dourado de Tinwelint seja ouvido em todas as terras e lugares. Isso hão de fazer, prometo, por pequena paga, se ao menos puderem salvar o monte da ruína.'

"Então olhou o rei para o ouro e olhou para Ufedhin, e aquele Gnomo estava trajado mui ricamente, vestindo uma túnica de tecido dourado e um cinto de ouro engastado com pequeninas gemas; e sua espada era ornamentada de modo estranho,[7] e um colar de ouro e prata entrelaçados

de modo mui intricado cingia-lhe o pescoço, e as vestes de Tinwelint de modo algum se comparavam ao do viajante em seus paços. De novo Tinwelint fitou o ouro, e ele refulgiu com beleza ainda mais sedutora, e nem jamais o faiscar das gemas pareceu tão brilhante, e Ufedhin disse outra vez: ‘Ou de que maneira, ó Rei, guardais aquela Silmaril da qual o mundo inteiro ouviu falar?’

“Ora, Gwenniel a guardava numa arca de madeira cintada de ferro, e Ufedhin disse que era vergonha deixar assim uma joia que não deveria tocar nada menos valioso do que o mais puro ouro. Então Tinwelint ficou vexado e cedeu, e foi este o acordo que fez com Ufedhin. Metade do ouro o rei haveria de medir e dar nas mãos de Ufedhin e sua companhia, e eles haveriam de levá-lo embora até Nogrod, às moradas dos Anãos. Ora, elas ficavam a grandíssima distância para o sul, além da vasta floresta nas fímbrias daquelas grandes charnecas perto de Umboth-muilin, as Lagoas do Crepúsculo, nas marcas de Tasarinan. No entanto, depois de apenas sete luas cheias, os Anãos voltariam trazendo o empréstimo do rei, todo trabalhado em obras da maior destreza, mas de maneira nenhuma o peso e a pureza do ouro seriam apoucados. Então falariam a Tinwelint e, se não gostasse do trabalho, eles retornariam e nada mais diriam; mas, se lhe parecesse bom, então do restante eles fariam coisas de tal maravilha para seu ataviamento e de Gwenniel, a Rainha, como jamais tinha feito Gnomo ou Anão.

“‘Pois,’ disse Ufedhin, ‘a destreza dos Nauglath eu aprendi, e conheço a beleza dos traços que só os Noldoli podem conceber — mas a paga por nosso labor há de ser deveras pequena, e apresentar-vo-la-emos quando tudo estiver feito.’

“Então, por causa do encantamento do ouro, o rei arrependeu-se de seu acordo com Ufedhin, e não gostou nada de suas palavras, e não permitiria que tamanho estoque de ouro fosse levado embora das suas vistas sem garantia por sete luas às moradas distantes dos Anãos; e, no entanto, desejava ainda assim beneficiar-se do engenho deles. Portanto, subitamente mandou que capturassem Ufedhin e seu povo, e lhes disse: ‘Aqui haveis de permanecer como reféns em meus paços até que eu veja novamente meu erário.’ Ora, Tinwelint pensava em seu coração que Ufedhin e seus Gnomos eram do maior serviço para os Anãos, e que nenhuma cobiça seria forte o bastante que os levasse a abandoná-lo; mas aquele Gnomo irou-se deveras, dizendo: ‘Os Nauglath não são ladrões, ó Rei, e nem o são seus amigos’; mas Tinwelint replicou: ‘Mas a luz de ouro sobejo criou muitos ladrões que não o eram antes’, e Ufedhin teve de consentir, mas não perdoou Tinwelint em seu coração.

“Então o ouro foi assim levado a Nogrod por gente do rei, guiada por apenas um dos companheiros de Ufedhin, e o acordo de Ufedhin e Tinwelint foi passado a Naugladur, o rei daqueles lugares.

“Ora durante o tempo de espera Ufedhin foi tratado com gentileza nas cortes de Tinwelint, mas teve de ficar indolente, e por dentro se agitava. Em seu ócio, ponderava sempre que maneira de coisas formosas de ouro e joias criaria depois para Tinwelint, mas apenas para iludir ainda mais o rei, pois já começara a urdir tramas sombrias da mais profunda avareza e vingança.

“No exato dia do sétimo plenilúnio depois disso, os vigias na ponte do rei exclamaram: ‘Eis que chega uma grande companhia pela mata, e toda ela parece ser de homens velhos, e trazem cargas mui pesadas nas costas!’ Mas, ao ouvir, o rei disse: ‘São os Nauglath honrando o tratado: agora podes sair livre, Ufedhin, e leva a eles meus cumprimentos, e traze-os diretamente ao meu paço’; e Ufedhin saiu contente, mas seu coração não se esqueceu do ressentimento. Assim, em colóquio privado com os Nauglath, convenceu-os a exigir no fim grandíssima recompensa, uma que o rei não pudesse pagar sem humilhação; e mais dos seus desígnios ele revelou pelos quais aquele ouro pudesse, ao final, ser levado a Nogrod para sempre.

“Agora contudo os Anãos passam por sobre a ponte e chegam diante do assento de Tinwelint, e vede, as coisas de sua feitura eles as levaram até lá em tecidos sedosos e caixas de rara madeira habilmente entalhadas. Doutro modo havia Úrin arrastado o tesouro até ali, e metade dele jazia ainda em suas sacas rudes e arcas canhestras; mas quando o ouro foi uma vez mais revelado,

então ergueu-se uma exclamação de assombro, pois as coisas que os Nauglath haviam feito eram muito mais maravilhosas do que os escassos vasos e os ornamentos que os Rodothlim outrora fizeram. Taças e cálices o rei contemplou, e algumas tinham concavidades duplas ou curiosas asas entrelaçadas, e cornos de estranho formato havia; travessas e escudelas, jarros e cântaros, e todos os pertences para um banquete real. Castiçais havia e tocheiras para os fachos, e ninguém seria capaz de contar os anéis e pulseiras, braceletes e colares, e as coroas de ouro; e tudo isso fora feito tão sutilmente e tão habilmente adornado que Tinwelint estava satisfeito para além do que Ufedhin esperava.

"Mas, por ora, os desígnios de Ufedhin não deram em nada, pois de maneira alguma Tinwelint permitiu que ele ou os Nauglath partissem para Nogrod com ou sem a porção do ouro virgem que ainda restava, e ele disse: 'O que se haveria de pensar se, depois da exaustão de vossa viagem cheia de carga até aqui, eu vos deixasse partir assim tão cedo, para alardear a falta de cortesia de Tinwelint em Nogrod? Ficai um pouco, repousai e banqueteai-vos, e depois tereis o ouro que restou para trabalhar ao vosso bel-prazer; e nem faltará ao vosso labor toda a ajuda que eu ou meu povo puder dispensar, e uma recompensa mais rica e mais do que justa vos aguarda ao final.'

"Mas eles sabiam, contudo, que foram feitos prisioneiros e, testando discretamente as saídas, encontraram-nas fortemente guardadas. Portanto,

sem melhor alvitre, curvaram-se diante do rei, e os rostos do povo anânico de raro mostram o que pensam. Ora, após um tempo de descanso deu-se aquela última ourivesaria num local fundo da morada de Tinwelint que ele mandou que fosse separada para uso deles, e o que lhes carecia no coração, o medo supria, e em toda aquela obra Ufedhin tinha grande parte.

“Fizeram uma coroa dourada para Tinwelint, que até então não usava nada além de uma guirlanda de folhas escarlates, e fizeram um elmo também, mui glorioso; e uma espada de aço anânico trazido de longe ganhou cabo de ouro brilhante, ornamentado em ouro e prata com estranhos relevos em que se representava claramente a caçada ao lobo Karkaras Presa-de-Punhal, pai de lobos. Era uma espada mais maravilhosa do que qualquer outra que Tinwelint vira antes, e superava o brilho da espada no cinto de Ufedhin que o rei cobiçara. Essas coisas vieram do engenho de Ufedhin, mas os Anãos fizeram uma cota de malha encadeada de aço e ouro para Tinwelint, e um cinto de ouro. Então o coração do rei estava alegre, mas eles disseram: ‘Não terminamos tudo’, e Ufedhin fez uma coroa de prata para Gwenniel e, auxiliado pelos Anãos, fez sandálias de prata incrustadas de diamantes, e essa prata foi trabalhada em escamas delicadas para se ajustar ao pé como couro macio, e um cinto ele fez também de prata misturada com ouro pálido. E, no entanto, essas coisas não passavam

de um décimo do trabalho deles, e conto nenhum dá um relato completo delas.

“Ora, quando tudo estava terminado e seus trabalhos foram entregues ao rei, Ufedhin disse: ‘Ó Tinwelint, dos reis mais rico, pensais serem belas essas coisas?’ E ele disse: ‘Sim’; mas Ufedhin falou: ‘Sabei, pois, que grande estoque de vosso melhor e mais puro ouro ainda resta, pois nós o poupamos, tendo esta mercê a vos pedir: queremos fazer para vós um colar e, nessa feitura, empregar todo nosso engenho e habilidade, e desejamos que seja o ornamento mais maravilhoso que a Terra já viu, e a maior das obras de Elfos e Anãos. Portanto, suplicamos a vós que nos concedeis a Silmaril que entesourais, para que possa brilhar assombrosamente no meio do Nauglafring, o Colar dos Anãos.’

“Então Tinwelint novamente duvidou do propósito de Ufedhin, mas concedeu a mercê, caso deixassem que ele estivesse presente nessa forjadura.

“Não há ninguém que ainda viva,” disse Ailios,[8] “que tenha visto aquela coisa mui gloriosa, salvo apenas[9] Coração-Pequeno, filho de Bronweg, mas muitas coisas são ditas sobre ela. Não apenas era trabalhada com a maior habilidade e sutileza do mundo, mas tinha um poder mágico, e não havia pescoço tão grande ou tão delgado em que não se assentasse com graça e formosura. Ainda que um peso inacreditável de ouro tenha sido usado na feitura, pendia leve em quem a usasse como se fosse um fio de linho; e todos os que a

prendessem em volta do pescoço pareceriam, conforme repousava em seu peito, ter o semblante gracioso, e as mulheres pareciam belíssimas. Gemas sem conta havia naquele colar de ouro, mas apenas como guarnição que preparava para sua grande glória central e encaminhava o olhar a ela, pois bem no meio jazia como uma pequena lamparina de fogo límpido a Silmaril de Fëanor, joia dos Deuses. Mas, ai!, mesmo se o ouro dos Rodothlim não tivesse feitiço maligno, aquele colar seria uma coisa de pouca sorte, pois os Anãos estavam cheios de amargura, e todos os elos foram entrelaçados com pensamentos perniciosos. Contudo, eles o levaram então diante do rei em seu esplendor recém-abrilhantado, ao que o júbilo de Tinwelint, rei dos Elfos da floresta, chegou ao ápice, e ele colocou o Nauglafring em volta do pescoço, e de pronto a maldição de Mîm caiu sobre ele. Então disse Ufedhin: ‘Agora, ó Senhor, que estais satisfeito além da vossa esperança, quiçá concedereis aos artífices vossa régia recompensa e permitireis que partam também em júbilo para suas próprias terras.’

“Mas a Tinwelint, desorientado pelo feitiço dourado e a maldição de Mîm, não agradou a lembrança de seu tratado; contudo, dissimulando, mandou que os artífices viessem até ele e elogiou seu trabalho com régias palavras. Ao cabo, falou: ‘Foi-me dito por Ufedhin que, ao final, a recompensa que desejais ser-me-ia apresentada, mas que seria bem pequena, visto que a lide era por amor e pelo desejo de Ufedhin de que o monte

de ouro não fosse lançado fora e se perdesse. O que então desejais que eu conceda?’

“Então disse Ufedhin com escárnio: ‘Para mim, nada, ó Senhor; em verdade, a hospitalidade de vossos paços por sete luas e três já é mais do que desejo.’ Mas os Anãos disseram: ‘Isto nós pedimos. Por nossos labores durante sete luas, sete joias de Valinor para cada, e sete vestes de magia que somente Gwendelin[10] pode tecer, e uma saca de ouro para cada; mas por nosso grande labor durante três luas a contragosto em vossos paços, pedimos para cada um três sacas de prata e uma taça de ouro com a qual brindar a vossa saúde, ó Rei, e a cada um uma formosa donzela dos Elfos da floresta para partir conosco aos nossos lares.’

“Então o Rei Tinwelint irou-se deveras, pois o que os Anãos pediam era por si só um considerável tesouro, visto que sua companhia era bem grande; e ele não pensava em consumir dessa forma o monte do dragão, e jamais poderia entregar donzelas élficas a Anãos disformes sem que tivesse vergonha imorredoura.

“Ora, essa demanda eles fizeram apenas pelo desígnio de Ufedhin, mas vendo a raiva no rosto do rei, falaram: ‘Não, isso não é tudo, pois como paga pelo cativeiro de Ufedhin por sete luas, sete Elfos robustos devem vir conosco e morar por sete vezes sete anos entre nós como escravos e serviçais em nosso labor.’

“A isso Tinwelint ergueu-se do assento e convocou seus capitães e guerreiros armados para que cercassem os Nauglath e aqueles Gnomos.

Então falou: ‘Por vossa insolência, cada um de vós há de receber três lanhadas com vimes mordentes, e Ufedhin sete, e depois falaremos de recompensa.’

“Quando isso foi feito, e uma flama de amarga vingança se acendeu naqueles corações profundos, ele falou: ‘Vede, por vosso labor de sete meses, seis peças de ouro e uma de prata haveis de ganhar cada um, e por vossos labores em meus paços cada um terá três peças de ouro e alguma pequena gema de que eu puder dispor. Por vossa jornada até aqui, haveis de comer um grande banquete e de partir com grandes provisões para vosso retorno e, antes de irdes, hão de beber vinho élfico a Tinwelint, mas atentai-vos: pelo sustento de Ufedhin por sete ociosos meses em meus paços, cada um de vós há de pagar uma peça de ouro, e de prata, duas, pois ele mesmo não tem nada e não há de receber nada, visto que não deseja e, contudo, parece-me que ele está na base de vossa arrogância.’

“Então os Anãos receberam sua recompensa como artífices comuns de bronze e ferro, e foram constrangidos a ceder parte dela novamente como paga por Ufedhin — ‘doutro modo,’ disse o rei, ‘jamais haveis de tirá-lo daqui’. Então eles se sentaram para um grande banquete e disfarçaram seu humor; mas, afinal, a hora de sua partida chegou, e eles beberam vinho élfico a Tinwelint, mas o maldisseram em suas barbas, e Ufedhin não engoliu e cuspiu o vinho na soleira.

“Ora, o conto diz que os Nauglath voltaram ao seu lar, e se sua ganância fora ateada quando trouxeram o ouro pela primeira vez a Nogrod, agora se tornara uma flama feroz de desejo, e eles ademais ardiam pelos insultos do rei. De fato, todo aquele povo ama o ouro e a prata mais do que a qualquer coisa na Terra, mas aquele erário era assombrado por um feitiço e de modo algum estavam eles armados contra isso. Ora, havia um deles, Fangluin,[a] o idoso, que os aconselhara desde o início a nunca devolver o empréstimo do rei, pois dizia: ‘Ufedhin podemos tentar libertar depois por meio de ardil, se parecer bom’, mas naquela época isso não parecia ser a política de seu senhor Naugladur, que não desejava guerra com os Elfos. Mas agora Fangluin escarneceu muito deles quando retornaram, dizendo que haviam desperdiçado seu labor pela paga de um sarrafaçal e um gole de vinho, e que disso obtiveram desonra, e atiçou a cobiça deles, e Ufedhin juntou suas palavras amargas a isso. Portanto, Naugladur promoveu um concílio secreto dos Anãos de Nogrod, e procurou saber como poderia de uma vez só vingar-se de Tinwelint e saciar sua ganância.[11]

“Contudo, depois de longo ponderar, não viu como conseguiria alcançar esse propósito a não ser por força, e havia pouca esperança nisso, tanto por causa do grande poder dos numerosos Elfos de Artanor naqueles dias quanto pela magia tecida por Gwenniel que guardava todas aquelas regiões, de modo que homens de coração hostil perdiam-se

e não chegavam àquelas matas; e nem de fato poderia qualquer um chegar até lá a não ser ajudado por traição de dentro.

“Ora, enquanto aqueles idosos sentavam-se em seus salões sombrios e roíam as barbas, eis que houve um som de trompas e chegaram mensageiros de Bodruith dos Indrafangs, um clã dos Anãos que morava em outros reinos. Ora, eles traziam notícias da morte de Mîm, o sem-pai, pelas mãos de Úrin e do saque ao ouro de Glorund, cuja história acabara de chegar aos ouvidos de Bodruith. Ora, até então os Anãos não sabiam toda a história daquele tesouro, apenas o que Ufedhin pôde contar ao ouvir o colóquio nos paços de Tinwelint, e Úrin não contou tudo antes de partir. Ouvindo, portanto, essas notícias, nova ira se acrescentou à sua cobiça, e um clamor ergueu-se entre eles, e Naugladur jurou não descansar até que Mîm fosse triplamente vingado — ‘e mais,’ disse ele, ‘parece-me que o ouro pertence por direito ao povo dos Anãos.’

“Este então foi o desígnio, e por seus feitos os Anãos foram separados em faida para sempre dos Elfos desde aqueles dias, e levados à amizade mais próxima com a gente de Melko. Secretamente mandou mensagem aos Indrafangs para que preparassem sua hoste para um dia que ele havia de indicar, quando o momento chegasse; e houve forjadura oculta de aço mordaz em Belegost, a morada dos Indrafangs. Ademais, juntou a si uma grande hoste dos Orques, e gobelins errantes, prometendo-lhes boa paga e mais o

contentamento de seu Mestre, e um rico butim ao final; e todos esses ele apetrechou com suas próprias armas. Ora, chegou um Elfo até Naugladur, e ele era da gente de Tinwelint, e se ofereceu para conduzir aquela hoste através das magias de Gwendelin, pois fora mordido pela cobiça-do-ouro do monte de Glorund, e assim a maldição de Mîm caiu sobre Tinwelint, e a traição apareceu pela primeira vez em meio aos Elfos de Artanor. Então Naugladur [?sorriu] cruelmente, pois sabia que o momento havia chegado, e Tinwelint o entregara a ele. Ora, todo ano, por volta da época da grande caçada ao lobo de Beren, Tinwelint soía guardar a memória daquele dia com uma caçada nas matas, e era uma magna perseguição com uma multidão de gente, e havia na floresta noites de festa e banquete. Ora, Naugladur soube por aquele Elfo, Narthseg, cujo nome ainda é amargo para os Eldar, que o rei sairia para caçar dali a duas luas altas, e de pronto ele enviou a Bodruith em Belegost o sinal combinado: um punhal manchado de sangue. Ora, toda aquela hoste se reuniu nos confins das matas, e nenhuma palavra chegara ainda ao rei.

“Ora, o conto diz que alguém se aproximou de Tinwelint, e Tinwelint não o reconheceu por causa das grenhas compridas, mas eis que era Mablung, e ele disse: ‘Vede, mesmo nas profundas da floresta ouvimos dizer que este ano celebrareis a morte de Karkaras com um festival maior do que jamais houve, ó Rei — e eis que voltei para vos fazer companhia.’ E o rei estava jubiloso e de bom

grado recebeu Mablung, o bravo; e às palavras de Mablung de que Huan, capitão dos Cães, também estava em Artanor, ficou mesmo contente.

“Eis que agora Tinwelint, o rei, cavalgou para a caçada, e mais gloriosas eram suas vestes do que jamais haviam sido, e o elmo de ouro sobrepunha-se aos seus cabelos esvoaçantes, e com ouro eram adornados os arreios do seu corcel; e a luz solar em meio às árvores recaía em seu rosto e parecia, àqueles que o contemplavam, a face gloriosa do sol pela manhã; pois em volta do seu pescoço estava preso o Nauglafring, o Colar dos Anãos. Ao seu lado cavalgava Mablung, o Mão-Pesada, no lugar de honra em virtude dos seus feitos naquela grande caçada de outrora — mas Huan dos Cães estava à frente dos caçadores, e os homens acharam que aquele grande cão portava-se estranhamente, mas quiçá houvesse algo de que não gostou no vento aquele dia.

“Agora o rei está embrenhado nas matas com toda sua companhia, e o som das trompas fica débil na floresta profunda, mas Gwendelin está sentada em seu quarto de dormir e há presságio em seu coração e olhos. Então disse Nielthi, uma donzela-élfica: ‘Por que, ó Senhora, estais pesarosa quanto ao festival do rei?’ E Gwendelin respondeu: ‘O Mal procura nossa terra, e meu coração pressente que meus dias em Artanor correm para o fim, mas se acaso eu perdesse Tinwelint, então desejaria jamais ter saído de Valinor.’ Mas Nielthi disse: ‘Não, ó Senhora Gwendelin, não tecestes grande magia em toda

nossa volta, para que não temêssemos?’ Mas a rainha deu resposta: ‘Mas parece-me que há um rato a roer os fios, e toda a trama se desfiou.’ Justo àquelas palavras houve um grito às portas e de súbito tornou-se um ruído feroz . . . pelo choque de aço. Então Gwendelin saiu destemida de seu quarto, e eis que uma repentina multidão de Orques e Indrafangs tomara a ponte, e havia combate dentro dos portões cavernosos; mas naquele lugar escorria sangue, e uma grande pilha de mortos jazia ali, pois o ataque tinha sido secreto e de todo insabido.

“Então bem soube Gwendelin que seu presságio era verdadeiro, e que a traição afinal encontrara seu reino, e ainda assim ela encorajava aqueles poucos guardas que haviam ficado com ela e não haviam partido para a caçada, e valentemente eles protegeram o palácio do rei, até que a maré da multidão os forçou para trás [e] fogo e sangue acharam todos os salões e vias profundas daquela grande fortaleza dos Elfos.

“Então os Orques e Anãos reviraram todas as câmaras em busca de tesouro, e eis que veio alguém e sentou-se no alto assento do rei, gargalhando alto, e Gwendelin viu que era Ufedhin, e, zombando, ele mandou que se sentasse no seu antigo trono, ao lado daquele do rei. Então Gwendelin o encarou, de modo que o olhar dele baixou, e ela disse: ‘Por que, ó renegado, conspurcas o assento do meu senhor? Pouco pensava em ver qualquer um dos Elfos sentado aí, um ladrão, maculado de morte, aliado

dos impiedosos inimigos da sua gente. Ou pensas ser uma façanha gloriosa assaltar uma casa mal armada quando seu senhor está longe?’ Mas Ufedhin nada disse, evitando o os olhos brilhantes de Gwendelin, ao que ela tornou a falar: ‘Vai-te embora com teus Orques imundos, para que, ao voltar, Tinwelint não retribua cruelmente.’

“Então por fim Ufedhin respondeu, e riu-se, mas embaraçado, e não olhou para a rainha, mas falou ouvindo um som do lado de fora: ‘Ora, pois ele já chegou.’ E eis que Naugladur entrou agora, e uma hoste dos Anãos estava à sua volta, mas ele trazia a cabeça de Tinwelint coroada e com elmo de ouro; mas o colar de todo assombro estava preso ao pescoço de Naugladur. Então Gwendelin viu em seu coração tudo o que se passara, e como a maldição do ouro caíra no reino de Artanor, e desde aquela hora sombria nunca mais dançou ou cantou; mas Naugladur mandou que juntassem todas as coisas de ouro ou prata ou de pedras preciosas e que levassem a Nogrod — ‘e tudo o que restar de bens ou de gente os Orques podem tomar ou matar conforme lhes aprouver. Mas a Senhora Gwendelin, Rainha de Artanor, há de vir comigo.’

“Então disse Gwendelin: ‘Ladrão e assassino, filho de Melko, ainda és tolo, pois não consegues ver o que pende sobre tua própria cabeça.’ Em virtude da angústia de seu coração, sua visão tornara-se claríssima, e ela viu com sua sabedoria de fata a maldição de Mîm e muito do que ainda ocorreria.

“Então Naugladur, em seu triunfo, gargalhou até a barba chacoalhar, e mandou que a agarrassem: mas ninguém o pôde fazer, pois conforme se aproximavam dela, tateavam como se numa escuridão súbita, ou tropeçavam e caíam, pisando uns nos outros, e Gwendelin saiu dos locais de sua morada, e seu pranto amargo encheu a floresta. Agora uma grande escuridão caiu sobre sua mente, e seu alvitre e seu saber a abandonaram, e ela errou sem saber aonde ia por muito tempo; e isso era por causa do seu amor por Tinwelint, o rei, por quem escolhera jamais voltar para Valinor e para a beleza dos Deuses, morando para sempre nas florestas bravias do Norte; e agora parecia-lhe não haver nem beleza e nem júbilo, seja em Valinor, seja nas Terras de Fora. Em suas jornadas errantes, encontrou muitos dos Elfos dispersos, e eles se apiedaram dela, mas ela não lhes dava atenção. Contos contavam a ela, mas ela não lhes dava muito ouvido, pois Tinwelint estava morto; contudo, deveis saber como, justo na hora em que a hoste de Ufedhin invadia o palácio e o espoliava, e outras companhias tão grandes e tão terríveis dos Orques e Indrafangs abatiam-se com morte e fogo sobre todo o reino de Tinwelint, os valentes caçadores do rei repousavam em meio a júbilo e riso, mas Huan espreitava a sós. Então de súbito as matas se encheram de ruído e Huan ladrou alto; mas o rei e sua companhia foram todos cercados por adversários armados. Por longo tempo eles lutaram amargamente ali no meio das árvores, e os Nauglath — pois eram eles os adversários —

receberam muitos ferimentos deles antes de serem mortos. Mas, no fim, todos foram sobrepujados, e Mablung e o rei tombaram lado a lado — mas foi Naugladur quem decapitou Tinwelint quando estava morto, pois se estivesse vivo não ousaria aproximar-se muito de sua brilhante espada ou do machado de Mablung.[12]

"Ora, do conto nada mais se sabe para dizer de Huan, salvo que enquanto as espadas ainda cantavam, aquele grande cão partia veloz pela terra, e seu caminho o levou como o [?vento] à terra de i-Guilwarthon, os mortos-que-vivem, onde reinavam Beren e Tinúviel, a filha de Tinwelint. Em nenhuma moradia fixa aqueles dois moravam, e nem tinha o seu reino fronteiras bem marcadas — e, de fato, nenhum outro mensageiro, salvo Huan a quem todos os caminhos eram conhecidos, jamais encontrara Beren e obtivera seu auxílio tão prontamente.[13] De fato, o conto diz que enquanto aquela hoste dos Orques incendiava toda a terra de Tinwelint, e os Nauglath e os Indrafangin voltavam para casa completamente carregados com espólios de ouro e coisas preciosas, Huan chegou ao abrigo de Beren, e era o pôr do sol. Ora, Beren estava sentado numa raiz de árvore e Tinúviel dançava num relvado verde no ocaso enquanto ele a observava, quando de súbito Huan postou-se diante deles, e Beren deu um grito de júbilo e assombro, pois fazia muito tempo que haviam caçado juntos. Mas Tinúviel, olhando para Huan, viu que ele sangrava, e havia uma história a ser lida em seus grandes olhos. E ela disse

subitamente: ‘Que mal, então, abateu-se sobre Artanor?’ e Huan disse: ‘Fogo e morte e o terror de Orques; mas Tinwelint está morto.’

“Então Beren e Tinúviel choraram lágrimas amargas; e nem toda a história de Huan secou-lhes os olhos. Quando ela foi contada até o fim, Beren saltou de pé em branca ira e, agarrando uma trompa que pendia do cinto, tocou um som alto e claro que ecoou por todos os montes próximos, e um povo élfico trajado todo de verde e pardo apareceu como se por mágica vindo até ele de toda clareira e souto, regato e charneca.

“Ora, nem mesmo Beren sabia a história dessa miríade de gente que seguia sua trompa nas matas de Hisilómë, e antes mesmo de a lua estar alta sobre os montes, a hoste reunida na clareira em que morava era mui grande, mas estavam pouco armados, e a maioria só portava punhais e arcos. ‘No entanto,’ disse Beren, ‘é de rapidez que mais precisamos agora’, e certos Elfos ao seu comando partiram como cervos antes dele, buscando novas da marcha dos Anãos e Indrafangs, mas quando a aurora chegou, ele seguiu na dianteira dos Elfos verdes, e Tinúviel ficou na clareira e chorou a sós pela morte de Tinwelint, e por Gwendelin lamentou também como se estivesse morta.

“Ora, é preciso dizer que a hoste carregada dos Anãos deixou o lugar do saque, e Naugladur estava na dianteira, e ao lado dele, Ufedhin e Bodruith; e a todo momento, enquanto cavalgava, Ufedhin procurava tirar da cabeça os olhos

terríveis de Gwendelin, mas não conseguia, e toda a felicidade deixou seu coração, que secou à memória daquele olhar; e essa não era a única inquietação que o torturava, pois se acaso erguesse os olhos, eis que eles pousavam no Colar dos Anãos brilhando em volta do pescoço idoso de Naugladur, e então todos os outros pensamentos, exceto o desejo insondável por sua beleza, eram banidos.

"Assim viajavam aqueles três e com eles toda sua hoste, mas tamanho tornou-se o tormento da mente de Ufedhin que, no fim, não pôde mais suportar e, à noite, quando anunciaram uma parada, esgueirou-se furtivamente ao lugar onde Naugladur dormia e, indo para cima daquele idoso envolto em sonolências, estava para matar o Anão e botar as mãos no maravilhoso Nauglafring. Ora, no momento em que procurou fazê-lo, eis que alguém de súbito agarrou seu pescoço por trás, e era Bodruith que, tomado pela mesma cobiça, também quis pegar para si aquela bela coisa; mas, deparando-se com Ufedhin, ele o teria matado por seu parentesco com Naugladur. Então Ufedhin pungiu a esmo para trás no escuro com um punhal afiado e esguio que trazia consigo para matar Naugladur, e aquele punhal perfurou as vísceras de Bodruith, Senhor de Belegost, de modo que caiu morto em cima de Naugladur, e a garganta de Naugladur e o colar mágico foram novamente encharcados de sangue.

"Nisso Naugladur acordou com grande urro, mas Ufedhin fugiu arfando daquele lugar, pois os dedos

longos do Indrafang quase o estrangularam. Ora, quando rapidamente trouxeram tochas até lá, Naugladur pensou que somente Bodruith quisera roubá-lo da joia, e admirou-se da tempestividade com que foi morto, e anunciou uma rica recompensa ao matador de Bodruith se ele se adiantasse e contasse tudo o que vira. Foi assim que ninguém percebeu a fuga de Ufedhin por um tempo, e a ira despertou entre os Anãos de Nogrod e os Indrafangs, e muitos foram mortos antes que os Indrafangs, em menor número, se dispersassem e fugissem da melhor forma que puderam para Belegost, levando consigo escasso tesouro. Disso adveio a duradoura faida entre aqueles clãs dos Anãos que se espalhou por muitas terras e foi motivo de muitos contos dos quais os Elfos têm pouca informação e os Homens de raro ouviram. E, contudo, é possível ver como a maldição de Mîm chegou cedo em casa para repousar no meio da sua própria gente, e quisera que, de fato, não tivesse ido além e que nunca mais tivesse visitado os Eldar.

“Eis que quando a fuga de Ufedhin também veio a lume, então Naugladur irou-se e mandou matar todos os Gnomos que restavam na hoste. Então falou: ‘Agora estamos livres de Indrafangs e Gnomos e todos os traidores, e nada mais temo, em absoluto.’

“Mas Ufedhin percorreu as terras ermas em grande temor e angústia, pois pensava haver se tornado um traidor de sua gente, culpado pelo sangue de Elfos, e assombrado pelos [?ardentes]

olhos de Gwendelin, a Rainha, sem recompensa senão o exílio e a miséria, e nem a mais ínfima parte ou quinhão ele tinha do ouro de Glorund, por mais que seu coração estivesse inflamado de cobiça; mas poucos têm pena dele.

"Ora, o conto diz que se deparou com os caminheiros do povo de Beren, e estes — sabendo por ele informações precisas sobre toda a hoste e disposição de Naugladur, e as vias que ele pretendia tomar — voltaram céleres como o vento entre as árvores até seu senhor; mas Ufedhin não revelou quem era, fingindo ser um Elfo de Artanor que escapara do cativeiro na sua hoste. Ora, assim eles o trataram bem, e foi mandado de volta para Beren para que seu capitão pudesse . . . . . nas suas palavras, e ainda que Beren se espantasse com seu . . . . . [?acovardado][14] e seu olhar baixo, parecia-lhe que trazia palavras seguras, e montou uma armadilha para Naugladur.

"'Parou de seguir intensamente no encalço dos Anãos e, sabendo que eles tentariam ir pela passagem do rio Aros em determinado momento, deu meia-volta, partindo rápido com seus Elfos de pés ágeis por trilhas mais retas para alcançar Sarnathrod, o Vau Pedregoso, antes deles. Ora, o Aros é uma torrente feroz — e não é aquela mesma água que, mais perto da nascente, corre rapidamente pelas antigas portas das cavernas dos Rodothlim e os covis sombrios de Glorund?[15] E naquelas regiões mais baixas, não pode de modo algum ser atravessado por uma hoste grande de homens carregados senão neste vau, e mesmo aí

não é muito fácil. Jamais teria Naugladur tomado aquele caminho se soubesse de Beren — mas, cego pelo feitiço e pelo ouro deslumbrante, nada temia que viesse de dentro ou de fora de sua hoste, e estava com pressa de chegar a Nogrod e suas cavernas sombrias, pois os Anãos não gostam de ficar longamente à luz brilhante do dia.

“Então toda aquela hoste chegou às margens do Aros, e sua disposição era esta: primeiro um certo número de Anãos sem carga, armados do modo mais completo, e no meio a grande companhia dos que traziam o erário de Glorund, além de muitos belos objetos que haviam obtido nos paços de Tinwelint; e atrás destes estava Naugladur e ele montava o cavalo de Tinwelint e semelhava um estranho vulto, pois as pernas dos Anãos são curtas e curvas, mas dois Anãos conduziam esse cavalo, pois ele não avançava de bom grado e estava carregado de pilhagem. Mas atrás desses vinha uma massa de homens armados com pouquíssima carga; e nessa disposição buscaram atravessar o Sarnathrod em seu dia de sina.

“Era manhã quando chegaram à margem mais próxima, e o meio-dia os encontrou ainda atravessando em filas extensas, vadeando devagar pelos trechos rasos do rio de correnteza veloz. Ali ele se alargava e descia por canais estreitos cheios de rochas, entre longos bancos de seixos e pedras menores. Então Naugladur apeou de seu cavalo carregado e se aprestou para atravessar, pois a hoste armada da vanguarda já escalara a margem oposta, e esta era grande e

íngreme e apinhada de árvores, e alguns dos portadores do ouro já pisavam nela e alguns estavam em meio à correnteza, mas os homens armados da retaguarda repousavam um pouco.

"De súbito todo aquele lugar se encheu do som de trompas élficas, e uma. . . . . [16] com clangor mais nítido acima das demais, e era a trompa de Beren, o caçador das matas. O ar então ficou denso com as esbeltas setas dos Eldar que não erram, nem o vento as sopra para o lado, e eis que de cada árvore e rochedo saltam de súbito os Elfos pardos e os verdes, e disparam sem cessar das aljavas cheias. Então houve pânico e barulho na hoste de Naugladur, e os que vadeavam no vau lançaram as cargas douradas às águas e buscaram, temerosos, alcançar alguma das margens, mas muitos foram atingidos por aqueles dardos implacáveis e caíram, junto com seu ouro, nas correntezas do Aros, manchando as águas límpidas com seu sangue escuro.

"Então os guerreiros da margem oposta foram [?enleados] em batalha e, reagrupando-se, tentaram acometer os inimigos, mas estes fugiam ágeis diante deles, enquanto que [?outros] ainda derramavam neles o granizo de flechas, e assim os Eldar pouco se feriam, e a gente dos Anãos caía morta sem cessar. Foi então o grande combate do Vau Pedregoso . . . . . junto a Naugladur, pois apesar de Naugladur e seus capitães conduzirem seus bandos intrepidamente, jamais conseguiam dominar o inimigo, e a morte caiu como chuva sobre suas fileiras, até a maior parte se desgarrar

e fugir, e com isso um ruído de límpido riso ecoou desde os Elfos, e se abstiveram de disparar mais, pois os vultos disformes dos Anãos ao fugirem, de barbas brancas arrebatadas pelo vento, os enchiam [de] alegria. Mas então Naugladur estava de pé, e poucos ao seu redor, e ele recordou as palavras de Gwendelin, pois eis que Beren chegou até ele, e lançou fora o arco e sacou uma espada reluzente; e Beren tinha grande estatura entre os Eldar, mesmo que sem a amplidão e largura de Naugladur dos Anãos.

"Então disse Beren: 'Guarda tua vida se puderes, ó assassino de pernas tortas, do contrário a tomarei', e Naugladur ofereceu-lhe até o Nauglafring, o colar assombroso, para que lhe permitisse sair ileso, mas Beren disse: 'Não, esse ainda posso tomar quando estiveres abatido', e com isso avançou sozinho contra Naugladur e seus companheiros e, quando matou o mais avançado deles, os demais fugiram em meio ao riso élfico, e assim Beren chegou junto a Naugladur, matador de Tinwelint. Então o velho se defendeu com denodo e foi uma luta amarga, e muitos dos Elfos que assistiam dedilhavam as cordas dos arcos, por amor e temor pelo capitão, mas Beren mesmo enquanto combatia exclamou que mantivessem as mãos quietas.

"Ora, pouco diz o conto das feridas e dos golpes desse combate, exceto que Beren recebeu ali muitos ferimentos, e muitos dos seus golpes mais hábeis pouco dano causaram a Naugladur em virtude da [?arte] e magia de sua malha anânica; e

dizem que por três horas combateram e os braços de Beren ficaram exaustos, mas não os de Naugladur, acostumado a brandir seu enorme martelo na forja, e é mais que provável que o resultado teria sido diverso não fosse pela maldição de Mîm; pois, notando o quanto Beren enfraquecia, Naugladur o acometeu cada vez de mais perto, e a arrogância que era parte daquele feitiço atroz lhe penetrou o coração, e pensou: ‘Hei de matar este Elfo, e sua gente fugirá amedrontada diante de mim’, e agarrando a espada desferiu um poderoso golpe, exclamando: ‘Toma aqui tua ruína, ó rapazinho das matas!’, e nesse momento seu pé deu de encontro a uma pedra pontiaguda e ele tropeçou para diante, mas Beren desviou do golpe e, enganchando-se na barba, sua mão encontrou a corrente de ouro, e com ela repentinamente derrubou Naugladur de rosto para baixo; a espada de Naugladur foi arrancada de seu punho, mas Beren a agarrou e o matou com ela, pois disse: ‘Não empanarei minha lâmina brilhante com teu sangue escuro, pois não é preciso.’ Mas o corpo de Naugladur foi lançado no Aros.

“Então desprendeu o colar e o fitou assombrado — e contemplou a Silmaril, a mesma joia que conquistara em Angband, ganhando glória imorredoura com esse feito, e disse: ‘Nunca meus olhos te contemplaram, ó Lâmpada de Feéria, ardendo com metade da beleza de agora, engastada em ouro e gemas e a magia dos Anãos’; e mandou lavar o colar das suas manchas e não o

lançou fora, nada sabendo do seu poder, mas o trouxe consigo de volta para as matas de Hithlum.

“Mas as águas do Aros fluíam continuamente por cima do tesouro submerso de Glorund, e ainda o fazem, pois em dias posteriores vieram Anãos de Nogrod e buscaram a ele e ao corpo de Naugladur; mas uma enchente ergueu-se vinda das montanhas e nela os que buscavam pereceram; e tamanha agora é a treva e o terror daquele Vau Pedregoso que ninguém procura o tesouro que ele guarda e nem se atreve a cruzar a torrente mágica naquele lugar encantando.

“Mas nos vales de Hithlum houve contentamento quando os Elfos voltaram, e grande foi o júbilo de Tinúviel ao ver seu senhor uma vez mais retornando em meio às companhias, mas pouco abrandou seu pesar pela morte de Tinwelint o fato de que Naugladur fora morto e muitos Anãos além dele. Então Beren procurou confortá-la e, pegando-a nos braços, pôs o glorioso Nauglafring em volta do seu pescoço, e todos foram cegados pela grandiosidade de sua beleza; e Beren disse: ‘Contempla a Lâmpada de Fëanor que tu e eu conquistamos do Inferno’, e Tinúviel sorriu, lembrando-se dos primeiros dias do seu amor e daqueles dias de sofrimento no ermo.

“Ora, é preciso dizer que Beren mandou buscar Ufedhin e recompensou-o bem por suas palavras de instrução verdadeira pelas quais os Anãos foram sobrepujados, e pediu-lhe que morasse em . . . . entre seu povo, e Ufedhin pouco relutou; mas, certa vez, não muito depois, aconteceu a coisa que

menos desejava. Pois chegou um som de mui pesaroso cantar nas matas, e eis que era Gwendelin errando desvairada, e seus pés a levaram para o meio da clareira onde Beren e Tinúviel se sentavam; e àquela hora era uma nova manhã, mas a esse som todos quase cessaram de falar e ficaram muito quietos. Então Beren fitou Gwendelin assombrado, mas Tinúviel exclamou subitamente com tristeza misturada de júbilo: ‘Ó mãe, Gwendelin, para onde teus pés te levam, pois eu pensava que estavas morta?’; mas a recepção daqueles dois sobre o relvado verde foi muito doce. E Ufedhin fugiu do meio dos Elfos, pois não conseguia suportar olhar nos olhos de Gwendelin, e foi tomado de loucura, e ninguém pode dizer qual foi sua sina infeliz depois; e do Ouro de Glorund obteve pouco mais que um coração torturado.

“Ora, ouvindo os gritos de Ufedhin, Gwendelin olhou para ele espantada, e conteve suas ternas palavras, e a memória voltou aos seus olhos, de modo que gritou como se assombrada, olhando o Colar dos Anãos que pendia no pescoço alvo de Tinúviel. Então perguntou feroz a Beren o que significava isso e por que ele permitiu que aquela coisa maldita tocasse Tinúviel; e contou Beren[17] toda a história conforme Huan lhe havia contado, de fato ou por suposição, e da perseguição e da luta no vau ele também contou, dizendo por fim: ‘E de fato não vejo — agora que o Senhor Tinwelint se foi para Valinor — em quem haveria de cair tão bem essa joia dos Deuses quanto em Tinúviel.’

Mas Gwendelin falou da maldição do dragão sobre o ouro e da [?maculação] de sangue nos paços do rei, ‘e ainda outra maldição, mais potente, cuja origem eu desconheço, está tecida nele’, falou ela, ‘e nem penso que o labor dos Anãos esteja livre de feitiços da malícia mais duradoura.’ Mas Beren riu-se, dizendo que a glória da Silmaril e sua sacralidade poderiam vencer todos esses males, assim como queimou a carne [?imunda] de Karkaras. Disse: ‘Nem jamais vi minha Tinúviel mais linda do que está agora, envolta na graça dessa coisa de ouro’, mas Gwendelin disse: ‘No entanto, a Silmaril residiu na Coroa de Melko, e essa é obra de ferreiros deveras malignos.’

“Então, disse Tinúviel que não desejava objetos de valor nem pedras preciosas, mas sim o contentamento élfico da floresta e, para agradar a Gwendelin, ela o tirou do pescoço; mas Beren se desagradou disso e não permitiu que fosse lançado fora, mas o conservou em seu . . . . . .[18]

“Depois Gwendelin morou na mata com eles por algum tempo e se curou; e por fim retornou melancólica à terra de Lórien e nunca mais foi mencionada nos contos dos moradores da Terra; mas sobre Beren e Lúthien abateu-se depressa a sina da mortalidade que Mandos proferira quando os despachou de seus paços — e nisso talvez a maldição de Mîm tivesse [?potência], em fazê-la alcança-los mais rapidamente; nem dessa vez os dois percorreram juntos a estrada, mas quando seu filho, Dior,[19] o Belo, ainda era pequeno, Tinúviel minguou lentamente, bem como os Elfos de dias

posteriores por todo o mundo, e desapareceu na floresta, e ninguém mais a viu dançando ali. Mas Beren a buscou, percorrendo todas as terras de Hithlum e de Artanor; e jamais um dos Elfos teve maior solidão que a dele, antes que ele também se apagasse da vida, e seu filho Dior foi deixado como soberano dos Elfos pardos e dos verdes e Senhor do Nauglafring.

“Quem sabe seja verdade o que dizem todos os Elfos, que aqueles dois agora caçam na floresta de Oromë em Valinor, e Tinúviel dança nos verdes relvados de Nessa e Vána, filhas dos Deuses, para sempre; porém foi grande o pesar dos Elfos quando os Guilwarthon desapareceram dentre eles e, visto que estavam sem líder e diminuídos na magia, seu número minguou; e muitos partiram para Gondolin, o rumor de cujo poder e glória crescentes corria em sussurros secretos entre todos os Elfos.

“Dior, atingindo a idade adulta, reinava ainda sobre um povo numeroso e amava a floresta como Beren a amara; e a maior parte das canções o chamam Ausir, o Opulento, por possuir a maravilhosa gema engastada no Colar dos Anãos. Ora, os relatos de Beren e Tinúviel empanaram-se em seu coração e ele passou a usá-la ao pescoço e a apreciar intensamente sua graça, e a fama dessa joia espalhou-se como fogo por todas as regiões do Norte, e os Elfos diziam entre si: ‘Uma Silmaril arde nos bosques de Hisilómë.’

“E agora se passam os longos dias de Elfinesse até o tempo em que Tuor morou em Gondolin; e

então rebentos teve Dior, o Elfo,[20] Auredhir e Elwing, e Auredhir era muito parecido com o pai de seu pai, Beren, e todos o amavam, porém não tanto quanto Dior o amava; mas Elwing, a fada, todas as poesias diziam ser tão bela quanto Tinúviel, se é que isso é possível, mas é difícil dizer, tendo em vista a grande beleza doutrora do povo élfico. Ora, aqueles foram dias de felicidade nos vales de Hithlum, pois havia paz com Melko e os Anãos que tinham somente um pensamento enquanto tramavam contra Gondolin, e Angband estava cheia de labor; mas é preciso dizer que a amargura penetrou nos corações dos sete filhos de Fëanor, lembrando-se de seu juramento. Ora, Maidros, a quem Melko mutilara, era seu líder; e ele chamou seus irmãos Maglor e Dinithel, e Damrod, e Celegorm, Cranthor e Curufin, o Matreiro, e disse-lhes que sabia agora que uma Silmaril daquelas que seu pai Fëanor havia feito era agora orgulho e glória de Dior nos vales do sul, ‘e sua filha Elwing a leva onde quer que vá — mas não vos esqueceis’, falou, ‘que juramos não dar paz a Melko e a ninguém de seu povo, e a nenhum dos outros moradores da Terra que mantivesse as Silmarils de Fëanor longe de nós. Por qual fim’, disse Maidros, ‘enfrentamos exílio e andança e o governo de um povo minguado e esquecido, se outros juntam ao seu tesouro as heranças que são nossas?’

“Assim foi que mandaram Curufin, o Matreiro, até Dior, e ele lhe contou do seu juramento e mandou-lhe que devolvesse aquela bela joia aos

que tinham direito sobre ela; mas Dior, olhando a beleza de Elwing, não quis fazê-lo, e disse que não poderia suportar que o Nauglafring, mais bela de toda a arte terrena, fosse assim espoliada. ‘Então’, disse Curufin, ‘o Nauglafring inteiro deve ser dado aos filhos de Fëanor’, e Dior irou-se, mandando que fosse embora e não ousasse reclamar o que seu pai, Beren, o de Uma-Mão, conquistou com sua própria mão das [?mandíbulas] de Melko — ‘há outras duas no mesmíssimo lugar’, falou, ‘se vossos corações forem audazes o bastante.’

“Então Curufin foi ter com os irmãos e, por causa do juramento inquebrável e da [?ânsia] deles por aquela Silmaril (e nem estava ausente o feitiço de Mîm e do dragão), planejaram guerra a Dior — e os Eldar os repudiam por esse feito, a primeira guerra premeditada de povo élfico contra povo élfico, deles cujo nome doutro modo era glorioso entre os Eldalië pelos seus sofrimentos. Pouco bem lhes veio disso; pois abateram-se de surpresa sobre Dior, e Dior e Auredhir foram mortos, mas vede, Evranin, a ama de Elwing, e Gereth, um Gnomo, tomaram-na à força numa fuga rápida e súbita daquelas terras, e levaram consigo o Nauglafring, de modo que os filhos de Fëanor não o viram; mas uma hoste do povo de Dior, vindo com toda velocidade, e ainda assim tarde, acometeu de súbito sua retaguarda, e houve grande batalha, e Maglor foi morto com espadas, e Mai . . . .[21] morreu dos ferimentos no ermo, e Celegorm foi perfurado por cem flechas, e Cranthor ao lado dele. Mas no fim os filhos de

Fëanor saíram vencedores do campo dos mortos, e os Elfos pardos e os verdes se dispersaram por todas as terras infelizes, pois não se dispunham a dar ouvidos a Maidros, o mutilado, e nem a Curufin e Damrod, que mataram seu senhor; e conta-se que justo no dia dessa batalha dos Elfos, Melko atacou Gondolin, e as fortunas dos Elfos chegaram ao seu mais extremo minguar.

"Agora nada restava da semente de Beren Ermabwed, filho de Egnor, salvo Elwing, a Graciosa, e ela vagou na floresta, e alguns poucos dos Elfos pardos e dos verdes se uniram a ela e partiram para sempre das clareiras de Hithlum e rumaram para o sul, para as águas fundas do Sirion, e para as terras amenas.

"E assim todos os destinos das fadas foram então entretecidos em um filamento, e esse filamento é o grande conto de Eärendel; e ao verdadeiro começo desse conto chegamos agora."

Então disse Ailios: "E penso que esse conto já basta para este momento de contação."

[a] Na margem do manuscrito há: *Fangluin: Barbazul*.

NOTAS

[1] Essa frase é uma reescritura do texto, que originalmente dizia:

> “Ora, então não sabeis que esse ouro pertence à gente dos Elfos que o retirou da terra há muito tempo, e ninguém dos Homens tem direito [...]”

O restante dessa cena, que termina com a matança do bando de Úrin, foi reescrita em diversos pontos com a mesma finalidade do trecho recém-mencionado: mudar o bando de Úrin de Homens para Elfos, assim como foi feito no final do conto de Eltas (ver nota 33). Assim, a expressão original “Elfos” foi alterada para “Elfos da floresta”, e a expressão “Homens” para “gente, proscritos”; ver notas 2, 3, 5.

[2] A frase original dizia:

> Intrépidos eram aqueles Homens e grandes manejadores de espada e machado, e naqueles dias não desvanecidos ainda podiam armas mortais ferir os corpos da gente-élfica.

Ver nota 1.

[3] A frase original era aqui: “e aqueles Homens, desorientados por magias”. Ver nota 1.

[4] Essa frase, começando em “e ainda outra tristeza [...]”, foi acrescentada ao texto em um momento posterior.

[5] “daqueles”: o texto diz “dos Homens”, obviamente deixado sem alteração por deslize. Ver nota 1.

[6] “na terra” é uma emenda do original “sobre a terra”.

[7] “damasked in strange wise” [ornamentada de modo estranho], isto é, incrustada de maneira ornamental com padrões de ouro e prata. A palavra “damascened” é usada para descrever a espada de Tinwelint feita pelos Anãos, na qual havia imagens da caçada ao lobo (p. 227), e para as armas de Glorfindel (p. 173). [Ver o *Glossário de Palavras Obsoletas, Arcaicas e Raras*].

[8] O texto diz “Eltas”, mas “Ailios” está escrito acima, a lápis. Como Ailios é apresentado como narrador no começo do conto, e não é resultado de emenda, “Eltas” aqui provavelmente não passa de um deslize.

[9] “salvo apenas” é uma emenda posterior do original “nem mesmo”. Ver p. 256.

[10] É estranho que *Gwendelin* apareça, e não *Gwenniel*, como vinha acontecendo até aqui neste conto. Como a primeira parte do conto está a tinta sobre um texto apagado a lápis, a explicação óbvia é que o texto apagado tinha *Gwendelin* e que meu pai alterou para *Gwenniel* conforme prosseguia, mas negligenciou essa ocorrência. Mas a questão é provavelmente mais complexa — um desses pequenos enigmas abundantes nos textos dos *Contos Perdidos* — porque após o manuscrito a tinta ser interrompido, a forma *Gwenniel* ocorre, embora apenas uma vez, e *Gwendelin* é então empregado no restante do conto. Ver *Alteração a nomes*, p. 244.

[11] Aqui termina o manuscrito a tinta; ver p. 221.

[12] Ao lado dessa frase, meu pai escreveu uma instrução de que a história seria que o Nauglafring se enroscou nos arbustos e deteve o rei.

[13] Um trecho rejeitado no manuscrito, neste ponto, fornece uma versão anterior dos acontecimentos,

segundo a qual foi Gwendelin, e não Huan, quem levou as notícias a Beren:

> […] e seu pranto amargo encheu a floresta. Ora, ali Gwendeling [*sic*] reuniu junto de si muitos dos Elfos da floresta dispersos, e deles ouviu como as coisas se deram, justo como ela suspeitara: como o grupo de caçadores fora cercado e sobrepujado pelos Nauglath enquanto os Indrafangs e os Orques abatiam-se de súbito com morte e fogo sobre todo o Reino de Tinwelint, e não era de menor monta a hoste de Ufedhin que matou os guardiões da ponte; e foi dito que Naugladur matara Tinwelint quando ele foi derrubado pelas multidões, e o povo achava que Narthseg, um Elfo selvagem, levara os inimigos até ali, e ele fora morto na luta.

Então, sem ver esperança, Gwendelin e seus companheiros partiram com extrema velocidade daquela terra de tristeza até o reino de i-Guilwarthon em Hisilómë, onde reinavam Beren e Tinúviel, sua filha. Ora, Beren e Tinúviel não moravam em nenhuma moradia fixa, e nem tinha o seu reino fronteiras bem marcadas, e nenhum outro mensageiro, salvo Gwendelin filha dos Vali, teria com certeza encontrado esses dois, os mortos-que-vivem, tão prontamente.

Fica claro pelo manuscrito que o retorno de Mablung e Huan a Artanor e sua presença na caçada (mencionada em termos gerais no fim do *Conto de Tinúviel*, p. 54) foram acrescentadas ao conto, e com esse novo elemento juntou-se a mudança nos movimentos de Gwendelin imediatamente após o desastre. Mas embora a história textual seja aqui extremamente difícil de interpretar por conta de rasuras e acréscimos em folhas soltas, penso ser quase certo que essa reformatação foi

feita enquanto a composição original do conto ainda progredia.

[14] A primeira dessas lacunas que deixei no texto contém duas palavras, a primeira possivelmente “acreditar” e a segunda, provavelmente “melhor”. Na segunda lacuna, a palavra poderia concebivelmente ser “palor”.

[15] Essa frase, a partir de “e não é aquela mesma água […]”, foi completamente riscada e posta entre colchetes, e na margem meu pai rabiscou: “Não, [?aquele] é o Narog.”

[16] A palavra ilegível talvez seja “berrou”: a palavra “nítido” é uma emenda de “áspero”.

[17] “and told Beren” [e contou Beren], ou seja, “and Beren told” [e Beren contou]. O texto escrito inicialmente era “Then told Beren” [Então contou Beren].[a]

[18] A palavra ilegível talvez seja “tesouro”, mas não penso que seja.

[19] *Dior* substituiu o nome *Ausir*, o qual ocorre abaixo, contudo, como um outro nome de Dior.

[20] “Dior, o Elfo” é uma emenda de “Dior, na época um Elfo idoso”.

[21] A última parte desse nome está bem pouco clara: pode ser lido como *Maithog*, ou *Mailweg*. Ver *Alterações feitas a nomes*, verbete *Dinithel*.

Alterações feitas a nomes em *O Conto do Nauglafring*

Ilfiniol (p. 221) aqui escrito dessa forma desde o começo: ver aqui.

Gwenniel é usado ao longo de toda a porção revisada do conto, exceto na última ocorrência (p. 228), em que a forma é *Gwendelin*. Na parte a lápis do conto,

a primeira ocorrência do nome da rainha é novamente *Gwenniel* (p. 230), mas dali em diante sempre *Gwendelin* (ver nota 10).

O nome da rainha nos *Contos Perdidos* varia tanto quanto o de Coração-Pequeno. Em *O Acorrentamento de Melko* e em *A Vinda dos Elfos*, ela é *Tindriel* > *Wendelin*. No *Conto de Tinúviel*, ela é *Wendelin* > *Gwendeling* (ver p. 66); no texto datilografado de *Tinúviel*, *Gwenethlin* > *Melian*; no *Conto de Turambar*, *Gwendeling* > *Gwedheling*; no presente conto, *Gwendelin/Gwenniel* (a forma *Gwendeling* ocorre no trecho rejeitado incluído na nota 13); e, no dicionário gnômico, *Gwendeling* > *Gwedhiling*.

Belegost Na primeira ocorrência (p. 230), o manuscrito tem *Ost Belegost*, com *Ost* circulado, como se indicasse exclusão, e *Belegost* é o nome que aparece subsequentemente.

(*i·*)*Guilwarthon* No *Conto de Tinúviel*, p. 54, a forma é *i·Cuilwarthon*. Na ocorrência da p. 240, o final do nome não parece ser *-on*, mas como não consigo dizer o que é, coloquei *Guilwarthon* no texto.

Dinithel também poderia ser lido como *Durithel* (p. 241). O nome foi acrescentado depois a caneta por cima de um nome anterior a lápis, pouco legível agora, embora claramente seja o mesmo que aquele começado por *Mai* . . . . que aparece subsequentemente para o filho de Fëanor em questão (ver nota 21).

Comentário a *O Conto do Nauglafring*

Neste comentário, não vou comparar em detalhes o *Conto do Nauglafring* com a narrativa em *O*

Silmarillion (Capítulo 22, *Da Ruína de Doriath*). As histórias são profundamente diferentes nos elementos essenciais, sobretudo na redução do tesouro trazido por Húrin de Nargothrond a um único objeto, o Colar dos Anãos, que já existia há muito tempo (embora, é claro, sem conter a Silmaril), ao mesmo tempo em que a história da relação entre Thingol e os Anãos foi alterada. Meu pai nunca reescreveu qualquer parte desta história em uma escala remotamente comparável, e a formação do texto publicado foi de extrema dificuldade aqui. Espero relatá-la posteriormente.

Embora seja com frequência difícil diferenciar aquilo que meu pai omitiu em suas versões mais concisas (exatamente para mantê-las concisas) daquilo que ele rejeitou, parece claro que grande parte da elaborada narrativa do *Conto do Nauglafring* foi abandonada cedo. Em escritos subsequentes, a história da luta entre o bando de Úrin e os Elfos de Tinwelint desapareceu, e não há vestígio posterior de Ufedhin ou dos outros Gnomos que viviam entre os Anãos, da história de que os Anãos levaram metade do ouro virgem (“o empréstimo do rei”) a Nogrod para fazer dela objetos preciosos, do cativeiro de Ufedhin, da recusa de Tinwelint em permitir que os Anões partissem, de suas exigências ultrajantes, seu açoitamento e do seu pagamento insultuoso.

Vemos aqui novamente a forte ênfase no amor de Tinwelint por tesouro e sua carência dele, em contraste com a concepção posterior de sua vasta riqueza (ver minhas observações, pp. 128–29). A Silmaril é guardada em uma arca de madeira (p. 225), Tinwelint não tem coroa, apenas uma guirlanda de folhas escarlates (p. 227), e suas vestes e seus apetrechos são muito menos ricos do

que os de Ufedhin, o “viajante em seus paços”. Isso por si só está bem — o Elfo da Floresta corrompido pelo encanto do esplendor dourado —, mas não há necessidade de observar novamente como essa representação está em estranha desarmonia com aquela de Thingol, Senhor de Beleriand, que tinha um vasto erário em seu maravilhoso reino subterrâneo de Menegroth, as Mil Cavernas, — ele mesmo em grande medida feito pelos Anãos de Belegost no passado distante (*O Silmarillion*, pp. 136–37) — e que certamente não precisou da ajuda dos Anãos, dessa vez, para lhe fazer uma coroa e uma fina espada, ou vasos para adornar seus banquetes. Na concepção posterior, Thingol é soberbo e severo; é também sábio e poderoso, e de estatura e conhecimento muito maiores por meio de sua união com uma Maia. Será possível que um rei assim tenha se rebaixado ao nível de um trapaceiro avarento como o representado no *Conto do Nauglafring*?

De fato, grande ênfase é colocada na enormidade do tesouro — “montes de ouro tamanhos jamais foram ajuntados num único lugar desde então”, p. 223 —, que é descrito como sendo de tal vastidão que fica difícil acreditar que um bando de proscritos errantes conseguiria trazê-lo aos salões dos Elfos da floresta, mesmo considerando-se que “um tanto se perdeu no caminho” (p. 141). Há talvez alguma diferença aqui em relação à narrativa dos Rodothlim e suas obras no *Conto de Turambar* (p. 104), em que certamente não há sugestão de que os Rodothlim possuíam tesouros trazidos de Valinor — embora a ideia tenha sobrevivido a todas as vicissitudes dessa parte da história: diz-se do Senhor de Nargothrond em *O Silmarillion* (p. 165) que “Finrod trouxera mais

tesouros de Tirion do que qualquer outro dos príncipes dos Noldor".

Mais importante, os elementos de "feitiço" e "maldição" são dominantes neste conto a tal ponto que quase se pode dizer que são os principais agentes. A maldição de Mîm sobre o ouro é sentida em cada reviravolta da narrativa. Vingá-lo é um dos motivos da decisão de Naugladur de atacar os Elfos de Artanor (p. 230). Sua maldição se cumpre na "duradoura faida" entre os clãs dos Anãos (p. 235), da qual todos os vestígios foram apagados depois, quando se perdeu toda a história da intenção de Ufedhin de roubar o Colar de Naugladur enquanto ele dormia, da morte de Bodruith, Senhor de Belegost, e da luta entre os dois clãs dos Anãos. Naugladur estava "cego pelo feitiço" quando tomou um caminho tão imprudente para fora de Artanor (p. 236); e, por fim, o "feitiço de Mîm" é um elemento presente no ataque dos Fëanorianos a Dior (p. 241). Outro elemento importante no conto é a natureza perniciosa do Nauglafring, pois os Anãos o fizeram com amargura; e dentro do complexo de maldições e feitiços é introduzida também "a maldição do dragão sobre o ouro" (p. 239) e o "feitiço do dragão" (p. 241). Não se diz no *Conto de Turambar* que Glorund o havia amaldiçoado ou enfeitiçado; mas Mîm disse a Úrin (p. 141): "Pois Glorund refestelou-se por longos anos sobre ele, e a malignidade dos dracos de Melko está nele, e nenhum bem ele pode trazer a Homem ou Elfo". Muito notavelmente, Gwendelin dá a entender que a própria Silmaril fora profanada, pois "residiu na Coroa de Melko", contrariando a afirmação de Beren de que "sua sacralidade poderia vencer todos esses males" (p. 239). No mais tardio dos dois "esquemas" para os

Contos Perdidos (ver I. 107, nota 3), conta-se que o Nauglafring “trouxe doença a Tinúviel”.[b]

No entanto, por mais que os principais atores neste conto estejam “enfeitiçados” ou cumprindo cegamente as imposições misteriosas de uma maldição, não há dúvidas de que, na concepção original, os Anãos eram completamente mais ignóbeis do que se tornaram depois, mais propensos a fazerem o mal para atingirem os seus fins e mais exclusivamente impelidos pela ganância; o fato de que Doriath foi devastada por Orques mercenários a mando de pagadores anânicos (p. 230) seria incrível e impossível depois. É dito até mesmo que, pelos feitos de Naugladur, “os Anãos foram separados em faida para sempre dos Elfos desde aqueles dias, e levados à amizade mais próxima com a gente de Melko” (p. 230); e, nos esboços para o *Conto de Gilfanon*, os Nauglath são um povo maligno, aliados dos gobelins (I. 236–37). Em um esboço rejeitado para o *Conto do Nauglafring* (p. 136), o Colar foi feito por “certos Úvanimor (Nautar ou Nauglath)”, sendo que Úvanimor são definidos em outro lugar como “monstros, gigantes e ogros”. Compare tudo isso com *O Senhor dos Anéis*, Apêndice F (I): “[os Anãos] não são maus por natureza, e poucos jamais serviram ao Inimigo de livre vontade, não importa o que tenham alegado as histórias dos Homens”.

O relato acerca dos Anãos neste conto é de excepcional interesse em outros aspectos. “As barbas dos Indrafangs” foram mencionadas no “encanto de alongamento” de Tinúviel (pp. 19, 46); mas essa é a primeira descrição dos Anãos nos escritos de meu pai — já com a grafia que ele manteve apesar da incessante oposição dos

revisores[c] — e eles são principalmente reconhecíveis por sua natureza obstinada e secreta, por sua "fealdade" (*O Silmarillion*, p. 163) e pelo seu "engenho maravilhoso para lidar com metais" (*ibid*., p. 135). A estranha afirmação de que "jamais uma criança nasce entre eles" talvez deva ser relacionada à "tola opinião entre os Homens" mencionada em *O Senhor dos Anéis*, Apêndice A (III), "de que não há anãos mulheres, e de que os Anãos 'crescem da pedra'". No mesmo lugar se diz que "é por causa da escassez de mulheres entre eles que a gente dos Anãos cresce devagar".

Também se diz no conto que alguns pensam que os Anãos "não ouviram falar de Ilúvatar". Sobre o conhecimento dos Homens acerca de Ilúvatar, ver p. 209.

De acordo com o dicionário gnômico, *Indrafang* era "um nome especial dos *Nauglath* ou Anãos", mas no conto fica bem claro que os Barbas-longas eram, ao contrário, os Anãos de Belegost; os Nauglath eram os Anãos de Nogrod, com seu rei Naugladur. Deve-se admitir, contudo, que o uso dos termos é às vezes confuso, ou confundido: assim, a descrição dos Nauglath em pp. 223–24 parece ser uma descrição de todos os Anãos, incluindo os Indrafangs, embora isso não possa ter sido intencional. A referência à "marcha dos Anãos e Indrafangs" (p. 234) deve ser entendida como uma elipse, ou seja: "dos Anãos de Nogrod e Indrafangs". Afirma-se que Naugladur de Nogrod e Bodruith de Belegost eram aparentados (p. 235), embora isso talvez signifique apenas que ambos eram Anãos, enquanto Ufedhin era Elfo.

Afirma-se no conto que a cidade-anânica de Nogrod fica "a grandíssima distância para o sul, além da vasta floresta nas fímbrias daquelas

grandes charnecas perto de Umboth-muilin, as Lagoas do Crepúsculo, nas marcas de Tasarinan” (p. 225). Pode-se interpretar isso como se a própria Nogrod ficasse “nas fímbrias daquelas grandes charnecas perto de Umboth-muilin”, mas acho que isso está fora de questão. Seria um lugar muito improvável para Anãos, que “moram debaixo do solo em cavernas e cidades de túneis, e outrora Nogrod era a mais magna delas” (p. 224). Embora não se mencione montanhas especificamente aqui em conexão com os Anãos, penso ser extremamente provável que meu pai, nessa época, concebeu as cidades deles como sendo nas montanhas, da maneira que vieram a ser depois. Ademais, não parece haver nada que contradiga a visão de que a configuração das terras nos *Contos Perdidos* era essencialmente similar à dos mapas inicial e tardio do “Silmarillion”, e neles a indicação “grandíssima distância para o sul” é totalmente incompatível com a distância entre as Mil Cavernas e as Lagoas do Crepúsculo.

O significado deve ser, portanto, simplesmente que ficava “a grandíssima distância para o sul, além da vasta floresta”, e o que se segue diz respeito à localização da floresta e não de Nogrod, sendo que a floresta é, de fato, a Floresta de Artanor.

As Lagoas do Crepúsculo são descritas em *A Queda de Gondolin*, mas o nome élfico não aparece ali (ver pp. 195–96, 217).

Não fica claro se Belegost era perto ou longe de Nogrod. Afirma-se nessa passagem que o ouro deveria ser levado embora “até Nogrod, às moradas dos Anãos”, mas depois (p. 230) os Indrafangs são descritos com o “um clã dos Anãos que morava em outros reinos”.

Em sua associação com os Anãos, Ufedhin lembra Eöl, pai de Maeglin, de quem se diz em *O Silmarillion* (p. 188) que “pelos Anãos tinha mais gosto do que qualquer outro do povo-élfico de outrora”; e ver *ibid*., p. 135: “Poucos dos Eldar jamais foram a Nogrod e Belegost, salvo Eöl de Nan Elmoth e Maeglin, seu filho”. Na versão inicial da história de Eöl e Isfin (mencionada em *A Queda de Gondolin*, p. 165), Eöl não está associado aos Anãos. No presente conto, há menção a grande comércio dos Anãos “com os Noldoli livres” (e com os serviçais de Melko) naqueles dias: podemos nos perguntar quem eram esses Noldoli livres, já que os Rodothlim haviam sido destruídos e Gondolin estava oculta. Talvez isso se refira aos filhos de Fëanor, ou a Egnor, pai de Beren (ver aqui).

A ideia de que os Anãos de Nogrod é que estavam primariamente envolvidos na ruína de Doriath sobreviveu na narrativa posterior, mas eles ficaram sozinhos, e os Anãos de Belegost explicitamente lhes negaram ajuda (*O Silmarillion*, p. 313).

Passando agora para os Elfos, aqui Beren ainda é evidentemente um Elfo (ver aqui), e no seu segundo período de vida ele é o governante, em Hithlum-Hisilómë, de um povo élfico tão numeroso que “nem mesmo Beren sabia a história dessa miríade de gente” (p. 234); eles são chamados de “Elfos verdes” e “os Elfos pardos e os verdes”, pois o povo era “trajado todo de verde e pardo”, e Dior os governou em Hithlum depois da partida final de Beren e Tinúviel. Quem são eles? Está longe de ser clara a maneira com que devem ser encaixados na concepção dos Elfos das Grandes Terras que

aparece em outros Contos. Podemos comparar com o trecho em *A Vinda dos Elfos* (I. 118–19):

Muito depois de o júbilo de Valinor ter tornado essa lembrança esmaecida [ou seja, a lembrança da jornada através de Hisilómë], os Elfos ainda cantavam dela tristemente, e contavam contos de muitos de sua gente que diziam, e dizem, terem se perdido naquelas antigas florestas e que vagavam sempre pesarosos por elas. E ainda estavam lá muito depois, quando os Homens foram presos em Hisilómë por Melko, e ainda hoje dançam lá, tendo os Homens vagado para longe, por lugares mais iluminados da Terra. Hisilómë foi chamada pelos Homens de Aryador, e os Elfos Perdidos eles chamaram de Povo da Sombra, e os temiam.

Mas naquele conto a concepção ainda era a de que Tinwelint governava os "Elfos desgarrados de Hisilómë", e nos esboços para o *Conto de Gilfanon* o "Povo da Sombra" deixou de ser composto por Elfos (ver p. 64). De todo modo, a expressão "Elfos verdes", somada ao fato de que na história posterior foram os Elfos-verdes de Ossiriand que Beren liderou na emboscada aos Anãos em Sarn Athrad (*O Silmarillion*, p. 315), mostra qual povo élfico eles haveriam de se tornar, ainda que não haja ainda indício de Ossiriand para lá do rio Gelion e da história da origem dos Laiquendi (*ibid*., pp. 138, 141).

Era inevitável que "a terra dos mortos que vivem" deixasse de ser em Hisilómë (que parecia

correr o risco de ficar superpopulosa), e uma nota no manuscrito do *Conto do Nauglafring* diz: “Beren deve estar em ‘Doriath além do Sirion’ em uma . . . . . não em Hithlum”. Doriath além do Sirion era a região chamada em *O Silmarillion* (p. 174) de Nivrim, a Marca Oeste, os bosques na margem oeste do rio entre o encontro do Teiglin e do Sirion e os Alagados do Crepúsculo, Aelin-uial. No *Conto de Tinúviel*, Beren e Tinúviel, chamados de i·Cuilwarthon, “tornaram-se fadas poderosas nas terras junto ao norte de Sirion” (p. 54).

Gwendelin/Gwenniel parece uma figura um tanto frágil e ineficaz em comparação a Melian de *O Silmarillion*. É possível que um aspecto disso seja a proteção muito mais débil que a magia dela provê para o reino de Artanor em relação à da muralha impenetrável e dos labirintos de engano do Cinturão de Melian (ver p. 96). Mas a natureza da proteção é muito obscura na concepção antiga. No *Conto do Nauglafring*, a chegada dos Anãos de Nogrod só se torna conhecida quando eles se aproximam da ponte diante das cavernas de Tinwelint (p. 226); por outro lado, afirma-se (p. 230) que a “magia tecida” por Gwendelin era uma defesa contra “homens de coração hostil” que jamais encontrariam o caminho pelas matas a não ser que fossem auxiliados por um traidor de dentro. Talvez isso sirva de explicação para como os Anãos, trazendo o tesouro de Nogrod, conseguiram entrar nos paços de Tinwelint sem obstáculo e, aparentemente, sem serem detectados (ver também a chegada do bando de Úrin no *Conto de Turambar*, p. 140). Na verdade, a magia protetora foi facilmente — muito facilmente — sobrepujada pelo simples artifício de um único Elfo de Artanor traidor que “se ofereceu para conduzir aquela

hoste através das magias de Gwendelin". Evidentemente isso não era satisfatório, mas não vou me aprofundar nesta questão aqui. Dificuldades extraordinárias na estrutura narrativa foram causadas por esse elemento da inviolabilidade de Doriath, como espero descrever futuramente.

Pode-se pensar que a história da submersão do tesouro no Vau Pedregoso (caindo nas águas do rio junto com os Anãos que o carregavam) evoluiu do que se diz na conclusão rejeitada do *Conto de Turambar* (p. 136) — Tinwelint, "ouvindo a maldição [que Úrin colocou no tesouro], fez com que o ouro fosse lançado num profundo remanso do rio diante de suas portas". No *Conto do Nauglafring*, contudo, influenciado pelas palavras agourentas da rainha, Tinwelint tem a mesma intenção de fazê-lo, mas acaba não realizando seu propósito (p. 223).

O relato da segunda partida de Beren e Tinúviel (p. 240) traz novamente à tona a questão extremamente complicada do fado peculiar que lhes foi decretado pelo édito de Mandos, o qual discuti nas pp. 59–60. Ali, sugeri que

a peculiar dispensa de Mandos no caso de Beren e Tinúviel, conforme concebida aqui, é de que o destino completamente "natural" como Elfos foi alterado: tendo morrido da maneira que os Elfos podem morrer (de ferimentos ou pesar), eles não renasceram como novos seres, mas retornaram de Mandos como eles mesmos — mas agora "mortais, bem como os Homens".

Aqui, contudo, Tinúviel “minguou” e desapareceu na floresta, e Beren buscou por ela em toda Hithlum e Artanor, até que ele também “se apagasse da vida”. Visto que esse apagamento é aqui muito explicitamente o modo pelo qual a “sina da mortalidade que Mandos proferira” abateu-se sobre eles (p. 240), é bastante notável que esse modo seja comparado — e até mesmo, ao que parece, identificado — com o desvanecer dos “Elfos de dias posteriores por todo o mundo”, como se na ideia original o minguar dos Elfos fosse uma forma de mortalidade. De fato, isso é afirmado explicitamente em uma versão posterior.

Os sete Filhos de Fëanor, seu juramento (feito não em Valinor, mas depois da chegada dos Noldoli às Grandes Terras), e a mutilação de Maidros aparecem nos esboços do *Conto de Gilfanon*; e no mais tardio desses esboços, os Fëanorianos são colocados em Dor Lómin (= Hisilómë, Hithlum), ver I. 238, 240, 243. Aqui no *Conto do Nauglafring* surgem pela primeira vez os nomes dos Filhos de Fëanor, cinco dos quais (Maidros, Maglor, Celegorm, Cranthor, Curufin) já no formato, ou quase no formato, em que permaneceriam, e Curufin já tem a alcunha “o Matreiro”. Os nomes Amrod e Amras em *O Silmarillion* foram uma alteração tardia: por muito tempo esses dois filhos de Fëanor foram Damrod (como aqui) e Díriel (aqui Dinithel ou Durithel, ver *Alterações a nomes*, p. 245).

Ademais, aqui aparece Dior, o Belo — também chamado de Ausir, o Opulento — e sua filha Elwing; seu filho Auredhir desapareceu cedo no desenvolvimento das lendas. Mas Dior governava nos “vales do sul” (p. 241) de Hisilómë e não em

Artanor, e não há indício de qualquer renovação do reino de Tinwelint após sua morte, em contraste com o que se diz depois (*O Silmarillion*, p. 316); ademais, os Fëanorianos, como se observou anteriormente, também moravam em Hisilómë, mas sou incapaz de dizer como isso pode ser relacionado ao que se diz dos habitantes dessa região (ver o *Conto de Tinúviel*, p. 10: “Hisilómë onde moravam Homens e onde Noldoli escravizados laboravam, e aonde poucos Eldar livres iam”).

Uma afirmação muito curiosa é feita na porção final do conto, que “aqueles foram dias de felicidade nos vales de Hithlum, pois havia paz com Melko e os Anãos que tinham somente um pensamento enquanto tramavam contra Gondolin” (p. 241). Presumivelmente “paz com Melko” significa apenas que Melko desviara sua atenção daquelas terras; mas em nenhum outro lugar há qualquer referência aos Anãos tramando contra Gondolin.

Na versão datilografada do *Conto de Tinúviel* (p. 58), afirma-se que se Turgon, Rei de Gondolin, era o mais glorioso dentre os reis dos Elfos que desafiavam Melko, “por um tempo o mais poderoso *e o que permaneceu por mais tempo livre* era Thingol das Florestas”. A interpretação mais natural dessa expressão é, certamente, que Gondolin caiu antes de Artanor, enquanto em *O Silmarillion* (p. 321) “Notícias foram trazidas por Thorondor, Senhor das Águias, sobre a queda de Nargothrond e, depois, sobre a morte de Thingol e de Dior, seu herdeiro, e sobre a ruína de Doriath; mas Turgon fechou seus ouvidos ao que se dizia das dores do mundo lá fora”. No presente conto, vemos a mesma cronologia, pois muitos dos Elfos que

seguiam Beren foram, após sua partida, para Gondolin, “o rumor de cujo poder e glória crescentes corria em sussurros secretos entre todos os Elfos” (p. 240), embora aqui se afirme que a destruição de Gondolin aconteceu no exato dia em que Dior foi atacado pelos Filhos de Fëanor (p. 242). Assim, para evitar essa discrepância, devemos entender que o trecho no *Conto de Tinúviel* quer dizer que Thingol permaneceu livre por um período maior de anos do que Turgon, sem levar em consideração as datas de suas quedas.

Por fim, as afirmações de que Cûm an-Idrisaith, o Morro da Avareza, “está lá ainda em Artanor” (p. 223) e de que as águas do Aros ainda fluem por sobre o tesouro submerso (p. 238) são notáveis como indicação de que nada comparável à Submersão de Beleriand estava presente na concepção original.

[a] Christopher Tolkien está aqui explicando uma ambiguidade do inglês: “and told Beren” poderia, nesse contexto, significar tanto que Gwendelin contou a história a Beren quanto que Beren a contou para Gwendelin. [N. T.]

[b] Está dito no dicionário gnômico que a maldição de Mîm foi “apaziguada” quando o Nauglafring se perdeu no mar; ver o Apêndice de Nomes, verbete *Nauglafring*.

[c] Isto é, a grafia *dwarves* [anãos] que Tolkien usava no lugar de *dwarfs* [anões]. Para uma explicação detalhada, ver *O Hobbit Anotado*, de Douglas A. Anderson, HarperCollins Brasil, 2021, p. 41. [N.T.]

5

O Conto de Eärendel

O “verdadeiro começo” do *Conto de Eärendel* seria a estadia dos Lothlim na foz do Sirion (o ponto em que *A Queda de Gondolin* termina: “e, belo entre os Lothlim, Eärendel cresce na casa de seu pai”, pp. 196–7) e a chegada de Elwing até lá (o ponto em que o *Conto do Nauglafring* termina: “partiram para sempre das clareiras de Hithlum e rumaram para o sul, para as águas fundas do Sirion, e para as terras amenas. E assim todos os destinos das fadas foram então entretecidos em um filamento, e esse filamento é o grande conto de Eärendel; e ao verdadeiro começo desse conto chegamos agora”, p. 242). Contudo, a questão se complica, como se verá num instante, pois meu pai também fez do *Nauglafring* a primeira parte do *Conto de Eärendel*.

Mas o grande conto jamais foi escrito e, para saber a história como ele a concebia então, dependemos completamente de esboços muito condensados e frequentemente contraditórios. Há também muitas notas isoladas e os muito antigos poemas sobre Eärendel. Enquanto os poemas podem ser datados com precisão, as notas e esboços não podem, e não parece possível arranjá-los em uma ordem de modo a fornecer uma linha clara de desenvolvimento.

Um dos esboços do *Conto de Eärendel* é o mais antigo de dois “esquemas” para os *Contos Perdidos*, os quais formam o material principal para

o *Conto de Gilfanon*; e repito aqui o que disse sobre isso na primeira parte (I. 233):

> Não há dúvidas de que [o primeiro dos dois esquemas] foi composto quando os *Contos Perdidos* haviam chegado ao último ponto de desenvolvimento, conforme representado pelos textos e arranjos finais incluídos neste livro. Ora, quando esse esboço chega ao assunto do *Conto de Gilfanon*, ele imediatamente se torna muito mais completo, mas, então, contrai-se novamente na forma de referências apressadas aos contos de Tinúviel, Túrin, Tuor, o Colar dos Anãos e, uma vez mais, avoluma-se no conto de Eärendel.

Esse esquema B (como continuarei a chamá-lo) fornece um plano narrativo coerente, ainda que muito apressado, e divide a história em sete partes, das quais a primeira (assinalada como "Contado") é "O Nauglafring até a fuga de Elwing". Essa divisão em sete partes é mencionada por Coração-Pequeno no início de *A Queda de Gondolin* (p. 144):

> É um magno conto, e sete vezes o povo há de se reunir no Fogo-do-Conto até que ele seja contado apropriadamente; e é tão entretecido com as estórias do Nauglafring e da Marcha dos Elfos que, para contá-lo, eu gostaria do auxílio [...]

Se as seis partes seguintes ao *Conto do Nauglafring* tivessem comprimentos equiparáveis, o *Conto de Eärendel* inteiro teria tido cerca da metade da extensão de todos os contos que de fato foram

escritos; mas meu pai jamais retornou depois a ele em escala abrangente.

Incluo agora a parte que conclui o Esquema B.

O Conto de Eärendel começa, no qual estão entretecidos o Nauglafring e a Marcha dos Elfos. Para mais detalhes, ver o Caderno C.ª

Primeira parte. O conto do Nauglafring até a fuga de Elwing.

Segunda parte. A habitação no Sirion. Chegada de Elwing até lá, e o seu amor e de Eärendel quando eram crianças. Envelhecimento de Tuor — sua partida secreta em Ala-de-cisne seguindo as conchas de Ulmo.

Eärendel iça velas para o Norte buscando Tuor, e até a Mandos se for preciso. Navega em Eärámë. Naufraga. Ulmo aparece. Salva-o, ordenando-lhe que navegue até Kôr — "pois para isto foste retirado da Ruína de Gondolin".

Terceira parte. Segunda tentativa de Eärendel de chegar a Mandos. Destruição de Falasquil e resgate pelos Oarni.[1] Avista a Ilha das Aves Marinhas "aonde de tempos em tempos vão todas as aves de todas as águas". Volta ao Sirion por terra.

Idril desapareceu (içou velas à noite). As conchas de Ulmo chamam Eärendel. Último adeus de Elwing. Construção de Wingilot.

Quarta parte. Eärendel navega para Valinor. Suas muitas errâncias que ocupam vários anos.

Quinta parte. Chegada das aves de Gondolin a Kôr com notícias. Alvoroço dos Elfos. Concílios dos

Deuses. Marcha dos Inwir (morte de Inwë), Teleri e Solosimpi.

Ataque ao Sirion e cativeiro de Elwing.

Pesar e ira dos Deuses, e um véu baixado entre Valmar e Kôr, pois os Deuses não se dispõem a destrui-la, mas não suportam olhar para ela.

Chegada dos Eldar. Melko atado. Partida para a Ilha Solitária. Maldição do Nauglafring e morte de Elwing.

Sexta parte. Eärendel alcança Kôr e a encontra vazia. Parte para casa pesaroso (e avista Tol Eressëa e a frota dos Elfos, mas um grande vento e escuridão o levam para longe, e perde o caminho e viaja para o leste).

Chegando afinal ao Sirion, encontra-o vazio. Vai para as ruínas de Gondolin. Ouve notícias. Navega para Tol Eressëa. Navega para a Ilha das Aves Marinhas.

Sétima parte. Sua viagem para o firmamento.

Escrito ao final do texto está: “Rest[ante] do Esquema no Caderno C”. Essas referências, no Esquema B, ao “Caderno C” são ao caderninho que data de 1916–17, mas que foi usado para notas e sugestões durante todo o período dos *Contos Perdidos* (ver I. 171). No começo dele há um esboço (chamado aqui de “C”), intitulado “Conto de Eärendel, filho de Tuor”, que está em bastante harmonia com o Esquema B:

- Eärendel mora com Tuor e Irildë[2] na foz do Sirion junto ao mar (nas Ilhas do Sirion). Elwing dos Gnomos de Artanor[3] foge para eles com o

Nauglafring. Eärendel e Elwing amam um ao outro quando crianças.

- Grande amor de Eärendel e Tuor. Tuor envelhece, as conchas de Ulmo no longínquo oeste sobre o mar chamam por ele cada vez mais alto, até que numa noite ele parte em seu barco iluminado de crepúsculo com velas roxas, Ala-de-cisne, Alqarámë.[4] Idril o vê tarde demais. A canção dela na praia do Sirion.
- Pesar de Eärendel e Idril quando ele não retorna. Eärendel (instado também por Idril, que é imortal) deseja içar velas em busca dele, mesmo até Mandos. [*Acréscimo na margem*:] Maldição do Nauglafring recai sobre suas viagens. Ossë é seu inimigo.
- Fiorde da Sereia. Naufrágio. Ulmo aparece no naufrágio e os salva, dizendo-lhes que ele deve ir até Kôr e foi salvo por isso.
- Pesar de Elwing quando descobre a ordem de Ulmo. “Pois homem nenhum pode trilhar as ruas de Kôr ou deitar os olhos sobre os lugares dos Deuses e morar outra vez em paz nas Terras de Fora”.
- Eärendel parte assim mesmo e naufraga pelo ardil de Ossë, e é salvo apenas pelas Oarni (que o amam) com Voronwë e arrastado até Falasquil.
- Eärendel volta por terra com Voronwë. Descobre que Idril desapareceu.[5] Seu pesar. Roga a Ulmo e ouve as conchas. Ulmo ordena que construa um novo e maravilhoso navio da madeira de Tuor vinda de Falasquil. Construção de Wingilot.

> Há quatro itens intitulados “Acréscimos” nesta página do caderno:

- Construção de Eärámë (Ala-de-águia).
- Os Noldoli somam sua súplica à ordem de Ulmo.
- Eärendel visita a primeira habitação de Tuor em Falasquil.

- A viagem até Mandos e os Mares Gélidos.

O esboço continua:

- Voronwë e Eärendel içam velas em Wingilot. Levados para o sul. Regiões sombrias. Montanhas de fogo. Homens-árvores. Pigmeus. Sarqindi ou ogros-canibais.
- Levados para oeste. Ungweliantë. Ilhas Mágicas. Ilha [*sic*] do Crepúsculo. O gongo de Coração-Pequeno desperta o Adormecido na Torre de Pérola.[6]
- Kôr é encontrada. Vazia. Eärendel lê contos e profecias nas águas. Desolação de Kôr. Os sapatos de Eärendel e ele próprio ficam empoados com poeira de diamante, de modo que refulgem.
- Aventuras de volta para casa. Levados para o leste — os desertos e palácios rubros onde mora o Sol.[7]
- Chega ao Sirion apenas para encontrá-lo saqueado e vazio. Eärendel desesperado vaga com Voronwë e chega às ruínas de Gondolin. Homens desgraçados estão acampados ali. Também Gnomos ainda procurando por gemas perdidas (ou alguns Gnomos voltaram a Gondolin).
- Do atamento de Melko.[8] As guerras com os Homens e a partida para Tol Eressëa (os Eldar incapazes de suportar a contenda do mundo). Eärendel navega para Tol Eressëa e fica sabendo da submersão de Elwing e do Nauglafring. Elwing se torna uma ave marinha. O pesar dele é muito grande. Seus trajes e seu corpo brilham como diamantes, e seu rosto está em flama prateada devido ao pesar e . . . . . .
- Iça velas com Voronwë e hasbita na Ilha das Aves Marinhas nas águas do norte (não muito longe de Falasquil) — e ali espera que Elwing retorne entre as aves marinhas, mas ela o está buscando, gritando

por todas as praias e especialmente em meio aos destroços de navios.

- Depois de três vezes sete anos, ele navega novamente aos salões de Mandos com Voronwë — chega até lá porque [?apenas] os que ainda . . . . e haviam sofrido podem fazê-lo — Tuor se foi para Valinor e nada se sabe de Idril ou de Elwing.
- Chega à barra na margem do mundo e iça velas em oceanos do firmamento para olhar sobre a Terra. O marinheiro da Lua o persegue por seu brilho e ele se mete pela Porta da Noite. De como ele não pode retornar agora ao mundo, ou morrerá.
- Encontrará Elwing na Partida Afora.

Tuor e Idril, dizem alguns, agora navegam no Ala-de-cisne e podem ser vistos céleres pelo vento na aurora e no ocaso.

Acontecimentos coevos ao Conto de Eärendel

- Assalto ao Sirion pelos Orques de Melko e cativeiro de Elwing.
- Aves contam aos Elfos sobre a Queda de Gondolin e os horrores do fado dos Gnomos. Conselhos dos Deuses e alvoroço dos Elfos. Marcha dos Inwir e Teleri. Os Solosimpi partem também, mas seguem ao longo de todas as praias do mundo, pois relutam em ficar longe do som do mar — e somente consentem em ir com os Teleri sob essas condições — pois os Noldoli mataram alguns de sua gente em Kópas.

Esse esboço então passa para os eventos após a chegada dos Elfos de Valinor às Grandes Terras, os quais serão considerados no capítulo seguinte.

Embora muito mais completo, parece haver pouca coisa em C que seguramente contradiz B, e

há elementos neste que estão ausentes naquele. Faço a discussão desses esboços seguindo a divisão do conto conforme B.

Segunda Parte. Um pouco mais é dito em C sobre a partida de Tuor do Sirion (em B não há menção a Idril), e aparece o motivo da hostilidade de Ossë em relação a Eärendel e a maldição do Nauglafring como instrumental nos seus naufrágios. O lugar do primeiro naufrágio é chamado de Fiorde da Sereia. A palavra “os” em vez de “o” em “Ulmo *os* salva” está clara no manuscrito, o que possivelmente sugere que Idril ou Elwing (ou ambas) estavam com Eärendel.

Terceira parte. Em B, a segunda viagem de Eärendel, assim como a primeira, é explicitamente uma tentativa de chegar até Mandos (buscando seu pai), enquanto em C parece que a segunda viagem é empreendida para cumprir a ordem de Ulmo de que ele deveria navegar até Kôr (para tristeza de Elwing). Em C, Voronwë é nomeado como companheiro de Eärendel na segunda viagem, que terminou em Falasquil, mas a Ilha das Aves Marinhas não é mencionada nesse ponto. Em C, Wingilot foi construída “da madeira de Tuor vinda de Falasquil”; em *A Queda de Gondolin*, a madeira de Tuor era cortada para ele pelos Noldoli nas florestas de Dor Lómin e posta para flutuar descendo o rio oculto (p. 152).

Quarta parte. Enquanto B simplesmente faz menção às “muitas errâncias [de Eärendel] que ocupam vários anos” em sua busca por Valinor, C inclui alguns vislumbres de quais elas seriam, conforme Wingilot foi levada para o sul e depois

para o oeste. O encontro com Ungweliantë na viagem para o oeste é curiosa: está dito em *O Conto do Sol e da Lua* que “Melko detinha o Norte e Ungweliant, o Sul” (ver I. 182, 200).

Em C, vemos novamente o Adormecido na Torre de Pérola (que se diz ser Idril, embora isso tenha sido riscado, nota 6), que o gongo de Coração-Pequeno desperta. Ver o relato sobre Coração-Pequeno em *O Chalé do Brincar Perdido* (I. 15):

Navegou em Wingilot com Eärendel naquela última viagem em que buscaram Kôr. Foi o soar de seu Gongo nos Mares Sombrios que despertou o Adormecido na Torre de Pérola que fica ao longínquo oeste das Ilhas do Crepúsculo.

Em *A Vinda dos Valar*, está dito que as Ilhas do Crepúsculo “flutuam” nos Mares Sombrios “e a Torre de Pérola se ergue pálida no cabo mais ocidental” (I. 68; ver I. 125). Mas em C não há outra menção a Coração-Pequeno, filho de Voronwë, como companheiro de Eärendel, embora se diga no esboço, em uma frase rejeitada, que ele estava presente nas Fozes do Sirion (ver nota 5) e, no *Conto do Nauglafring* (p. 228), Ailios diz que ninguém que ainda estivesse vivo vira o Nauglafring, “salvo apenas Coração-Pequeno, filho de Bronweg” (nessa frase, “salvo apenas” é uma correção de “nem mesmo”).

Quinta e sexta parte. Em C, encontramos a imagem dos sapatos de Eärendel brilhando com o pó dos diamantes em Kôr, uma imagem que haveria de sobreviver (*O Silmarillion*, p. 330):

Andou pelos caminhos desertos de Tirion, e a poeira em sua vestimenta e seus sapatos era uma poeira de diamantes, e ele brilhava e faiscava enquanto subia as longas escadas brancas.

> Mas, em *O Silmarillion*, Tirion estava deserta porque era “um tempo de festival, e quase todas as gentes-élficas tinham ido para Valimar ou haviam se reunido nos salões de Manwë, no alto de Taniquetil”; por outro lado, parece que aqui está fortemente subentendido, tanto em B quanto em C, que Kôr estava vazia porque os Elfos de Valinor haviam partido para as Grandes Terras devido às notícias trazidas pelas aves de Gondolin. Nesses esquemas narrativos muito antigos, não há menção a Eärendel falando com os Valar como embaixador de Elfos e Homens (*O Silmarillion*, p. 331), e só podemos concluir — por mais extraordinária que essa conclusão seja — que a grande viagem de Eärendel para o oeste, ainda que ele tenha chegado ao seu destino, foi infrutífera, que ele não foi o agente do auxílio que de fato chegou de Valinor aos Elfos das Grandes Terras e (o mais curioso) que os desígnios de Ulmo para Tuor não tiveram consequência. De fato, meu pai realmente escreveu na versão de 1930 de “O Silmarillion”:

Assim foi que os muitos emissários dos Gnomos em dias que vieram depois jamais alcançaram Valinor — salvo um, e ele chegou tarde demais.

> As palavras “e ele chegou tarde demais” foram alteradas para “o mais poderoso marinheiro das canções”, e é essa a frase que se encontra em *O*

Silmarillion, p. 149. Infelizmente, nunca fica claro nos primeiros escritos qual era o propósito de Ulmo ao mandar que Eärendel navegasse até Kôr, propósito pelo qual ele fora salvo da ruína de Gondolin. Para além do que realmente aconteceu depois da chegada das notícias de Gondolin — a Marcha dos Elfos para as Grandes Terras —, o que ele teria conquistado caso tivesse chegado "a tempo" em Kôr? Em uma nota curiosa em C, não associada ao presente esboço, meu pai perguntou: "Como os mensageiros do Rei Turgon chegaram a Valinor ou conseguiram a anuência dos Deuses?"; e respondeu: "Seus mensageiros nunca chegaram até lá. Ulmo [*sic*] mas os pássaros trouxeram notícias aos Elfos do fado de Gondolin (as pombas e pombos de Turgon) e eles [?se armam e marcham]."

A chegada da mensagem foi seguida por "concílios [em C, 'conselhos'] dos Deuses e o alvoroço dos Elfos", mas nada se diz em C acerca do "pesar e ira dos Deuses" ou do "véu baixado entre Valmar e Kôr", mencionados em B: a explicação para isso certamente só pode ser que a Marcha dos Elfos saindo de Valinor foi empreendida em oposição direta à vontade dos Valar e que os Valar se opunham asperamente à intervenção dos Elfos de Valinor nos acontecimentos das Grandes Terras. Bem poderia haver uma conexão aqui com as palavras de Vairë (I. 19): "quando as fadas deixaram Kôr, aquela vereda [ou seja, a Olórë Mallë que passava pelo Chalé do Brincar Perdido] *foi bloqueada para sempre com grandes rochas intransponíveis*". Além dessa, há somente uma referência em outro lugar ao efeito da mensagem que chegou do outro lado do mar, qual seja as

palavras de Lindo a Eriol em *O Chalé do Brincar Perdido* (I. 16):

Inwë, a quem os Gnomos chamam Inwithiel [...] foi Rei de todos os Eldar quando moravam em Kôr. Isso foi nos dias antes de Inwë, ouvindo o lamento do mundo [ou seja, as Grandes Terras], levá-los adiante para as terras de Homens.

Posteriormente, Meril-i-Turinqi disse a Eriol (I. 129) que Inwë, pai de seu avô, pereceu "naquela marcha para o mundo", mas Ingil, filho dele, "há muito voltou para Valinor e está com Manwë"; e há uma referência à morte de Inwë em B.

Em C, os Solosimpi só concordaram em acompanhar a expedição com a condição de permanecerem perto do mar, e a relutância do Terceiro Clã por causa do Fratricídio em Porto-cisne sobreviveu (*O Silmarillion*, p. 333). Mas não há sugestão de que os Elfos de Valinor foram transportados de navio; ao contrário, pois os Solosimpi "seguem ao longo de todas as praias do mundo", e a expedição é uma "Marcha", embora não haja indicação de como eles chegaram às Grandes Terras.

Ambos os esboços mencionam que Eärendel foi impelido para o leste em sua viagem a partir de Kôr de volta para casa, e que encontrou as habitações na foz do Sirion devastadas quando finalmente retornou; mas B não diz quem foi responsável pelo saque e pela captura de Elwing. Em C, foi um assalto por Orques de Melko; ver o verbete na Lista de Nomes em *A Queda de Gondolin* (p. 215): "*Egalmoth* [...] escapou do incêndio de Gondolin, e habitou depois na foz do Sirion, mas foi morto ali

em uma horrenda batalha quando Melko capturou Elwing”.

Nenhum dos dois esboços fala da fuga de Elwing do cativeiro. Ambos mencionam a volta de Eärendel às ruínas de Gondolin — em C, ele retorna com Voronwë e encontra Homens e Gnomos; outro verbete na Lista de Nomes de *A Queda de Gondolin* (p. 215) fala disso: “*Galdor* [...] conseguiu sair de Gondolin e até mesmo do assalto de Melko aos habitantes da foz do Sirion, e voltou às ruínas com Eärendel.”

Os dois esboços falam da partida dos Elfos das Grandes Terras para Tol Eressëa após o atamento de Melko, e C acrescenta uma menção a “guerras com os Homens” e à incapacidade dos Eldar “de suportar a contenda do mundo”, e ambos fazem referência à subsequente partida de Eärendel para lá; mas a ordem dos eventos parece diferente: em B, Eärendel, na viagem de volta de Kôr, “avista Tol Eressëa e a frota dos Elfos” (presumivelmente as frotas retornando das Grandes Terras), enquanto em C a partida dos Elfos não é mencionada até depois da volta de Eärendel ao Sirion. Mas não é possível representar a natureza desses esboços em um livro impresso: foram escritos em grande velocidade, capturando pensamentos fugidios, e não se pode exigir demais deles. No entanto, B e C parecem claramente divergir quanto ao fado de Elwing: em B há uma simples referência à morte dela, aparentemente associada à maldição do Nauglafring e, a julgar pela ordem com que os eventos estão dispostos, pode-se presumir que a morte dela se deu na jornada para Tol Eressëa; C faz menção específica à “submersão” de Elwing e do Nauglafring — mas diz que Elwing se tornou uma ave marinha, ideia que sobreviveu (*O*

Silmarillion, pp. 328–9). Isso provavelmente dá mais sentido para a viagem de Eärendel à Ilha das Aves Marinhas mencionada tanto em B quanto em C: nesse último, ele "espera que Elwing retorne entre as aves marinhas".

Sétima parte. Em B, a parte conclusiva do conto é meramente resumida nas palavras "Sua viagem para o firmamento", com uma referência ao outro esboço, C, no qual temos alguns vislumbres de uma narrativa. Parece haver uma sugestão de que o brilho de Eärendel (sem ligação com a Silmaril) vinha da "poeira de diamante" de Kôr, mas também, em certo sentido, da exaltação de seu pesar. Um rabisco isolado em outro lugar de C coloca a pergunta: "O que aconteceu com as Silmarils depois da captura de Melko?" Meu pai não deu resposta à pergunta nesse momento; mas a pergunta é por si só um testemunho da importância relativamente pequena das joias de Fëanor, ainda que talvez também um sinal de sua consciência de que isso não seria para sempre, de que havia nelas um significado central para a mitologia que ainda estava para ser descoberto.

Parece também que Eärendel navegou rumo ao céu em uma busca contínua por Elwing ("iça velas em oceanos do firmamento para olhar sobre a Terra"); e que sua passagem pela Porta da Noite (a entrada feita pelos Deuses na Muralha das Coisas no Oeste, ver I. 215–16) não foi planejada, mas se deu porque ele estava sendo perseguido pela Lua. Compare essa última ideia com I. 193, onde se diz que Ilinsor, timoneiro da Lua, "caça as estrelas".

O último dos dois esquemas para os *Contos Perdidos*, que dá um esboço bem substancial para

o *Conto de Gilfanon*, lá chamado de “D” (ver I. 234), não nos ajuda aqui, pois o trecho que o encerra é muito condensado, parcialmente apagado, e termina abruptamente logo no início do *Conto de Eärendel*. Coloco-o aqui, começando num ponto ligeiramente anterior na narrativa:

Da morte de Tinwelint e fuga de Gwenethlin [ver p. 51]. Como Beren vingou Tinwelint e como o Colar passou a ser seu. Como ele trouxe doença a Tinúviel [ver p. 246] e como Beren e Tinúviel minguaram da Terra. Como seus filhos[b] [*sic*] habitaram depois deles e como os filhos de Fëanor os atacaram com uma hoste por causa da Silmaril. Como foram todos mortos, mas Elwing, filha de Daimord [ver aqui], filho de Beren, fugiu com o Colar.

Do navio de Tuor com velas brancas.

Como o povo dos Lothlim habitou na Foz do Sirion. Eärendel tornou-se o mais belo de todos os Homens que já existiram ou existem. Como as sereias (Oarni) o amavam. Como Elwing chegou até os Lothlim, e sobre o amor de Elwing e Eärendel. Como Tuor envelheceu, e como Ulmo o chamou numa noite e ele partiu pelas águas e se perdeu. Como Idril foi a nado atrás dele.

(Na passagem seguinte, meu pai parece ter escrito primeiro: “Eärendel. . . . . Oarni, construiu Wingilot e partiu em busca de . . . . deixando Voronwë com Elwing”, em que a primeira lacuna talvez dissesse “com a ajuda de”, embora nada esteja agora visível; mas ele então escreveu “Eärendel construiu Ala-de-cisne”, e então apagou parcialmente o trecho: é impossível ver agora qual era a sua intenção).

O lamento de Elwing. Como Ulmo proibiu sua demanda, mas Eärendel ainda assim queria navegar para encontrar uma passagem até Mandos. Como Wingilot naufragou em Falasquil e como Eärendel encontrou a casa com entalhes de Tuor ali.

Aqui o Esquema D termina. Há também uma referência em um ponto anterior a “mensageiros enviados de Gondolin. Os pombos de Gondolin voam até Valinor quando da queda da cidade.”

Esse esboço parece mostrar um movimento de redução na complexidade da narrativa, sendo que Wingilot é o navio no qual Eärendel tentou navegar até Mandos e no qual naufragou em Falasquil; mas o esboço é curto demais e é interrompido cedo demais para tirarmos quaisquer conclusões seguras.

Um quarto esboço, que chamarei de “E”, encontra-se numa folha à parte. Nele, Tuor é chamado de “Tûr” (ver p. 148).

- Queda de Gondolin. O festival de Glorfindel. A habitação junto às águas da foz do Sirion. As sereias chegam a Eärendel.
- Tûr fica ansioso pelo mar — sua canção para Eärendel. Numa noite, chama Eärendel e eles vão para a praia. Há um esquife. Tûr diz adeus a Eärendel e pede que impulsione o esquife — o esquife toca para o Oeste. Eärendel ouve uma grande canção intensificando-se, vinda do mar conforme o esquife de Tûr passa por sobre a borda do mundo. Seu arroubo de lágrimas na praia. O lamento de Idril.
- A construção de Earum.[9] A chegada de Elwing. A relutância de Eärendel. O encorajamento de Idril. A

viagem e naufrágio de Earum no Norte, e o desaparecimento de Idril. Como as donzelas-do-mar resgataram Eärendel e o trouxeram à baía de Tûr. Sua jornada rumo à costa.

- O rapto de Elwing. Eärendel descobre o ataque à foz do Sirion.
- A construção de Wingelot. Ele busca por Elwing e é impelido longe para o Sul. Wirilómë. Foge para o leste. Volta para oeste; divisa a Baía de Feéria. A Torre de Pérola, as ilhas mágicas, as grandes sombras. Encontra Kôr vazia; navega de volta, incrustado de poeira e seu rosto inflamado. Descobre do afogamento de Elwing. Senta-se na Ilha das Aves Marinhas. Elwing chega até ele como gaivota. Ele iça velas por sobre a margem do mundo.

> Exceto pelo relato mais completo sobre a partida de Tuor das fozes do Sirion, não se descobre muito a partir desse esboço — é condensado demais. Mas, mesmo levando em conta a pressa e a compressão, parece haver diferenças essenciais em relação a B e C. Assim, nesse esboço (E), Elwing, ao que parece, chega ao Sirion num momento posterior da história, depois da partida de Tuor; mas o ataque e captura de Elwing parecem se dar num momento anterior, enquanto Eärendel está voltando ao Sirion do seu naufrágio no Norte (e não, como em B e C, enquanto ele está na grande viagem em Wingilot que o levou até Kôr). Parece que aqui haveria apenas uma jornada para o norte, acabando no naufrágio de Eärámë/Earum próximo a Falasquil. Embora isso não possa ser demonstrado, inclino-me a pensar que o esboço E sucedeu B e C, em parte porque a redução de duas viagens ao norte terminando em naufrágio para uma viagem parece ser mais provável do que o

inverso, e em parte por causa da forma *Tûr*, que substituiu *Tuor* por um tempo (p. 148), embora não tenha sobrevivido.

Um ou dois outros pontos podem ser observados nesse esboço. A grande aranha, chamada *Ungweliantë* em C, mas *Wirilómë* aqui (“Tecelã-de-Treva”, ver I. 152), é encontrada por Eärendel no longínquo Sul, e não em sua viagem para oeste, como em C (ver p. 256). Nessa versão, Elwing chega até Eärendel como uma ave marinha (assim como em *O Silmarillion*, pp. 328–9), o que não está dito — e parece até mesmo ser negado — em C.

Outra página isolada (associada ao poema “O Pedido ao Menestrel”, ver pp. 269–70 adiante) fornece um relato muito curioso sobre a grande viagem de Eärendel:

O barco de Eärendel atravessa o Norte. Islândia [*Acréscimo na margem*: atrás do Vento Norte.] Groenlândia, e as ilhas ermas: um vento possante e crista de grande onda o levam a paragens mais quentes, para trás do Vento Oeste. Terra de homens estranhos, terra de magia. O lar da Noite. A Aranha. Ele escapa das redes da Noite com alguns companheiros, vê uma grande ilha-montanha e uma cidade dourada [*acréscimo na margem*: Kôr] — vento o sopra rumo ao sul. Homens-árvores. Habitantes do sol, especiarias, montanhas de fogo, mar vermelho: Mediterrâneo (perde o barco (viaja a pé pelos ermos da Europa?)) ou Atlântico.[c] Lar. Torna-se idoso. Constroem para ele um novo navio. Dá adeus para sua terra do norte. Navega

para oeste novamente, para a beira do mundo, bem quando o Sol está mergulhando no mar. Iça velas para o céu e não retorna mais à terra.

A cidade dourada era Kôr e ele entreouvira a música dos Solosimpë, e volta para encontrá-la, apenas para descobrir que as fadas partiram de Eldamar. Ver caderninho. Empoado com poeira de diamantes subindo as ruas desertas de Kôr.

Seria de se supor, com certeza, que esse relato é anterior a tudo o que foi considerado até agora (tanto pelo fato de que a história de Eärendel depois de seu retorno da grande viagem parece não ter relação com aquela contada em B e C, e pelo fato de que sua viagem foi colocada em terras e oceanos do mundo conhecido), não fosse a referência ao "caderninho", que deve significar "Caderno C", do qual foi retirado o esboço C apresentado anteriormente (ver p. 254). Mas penso ser muito provável (e a aparência do manuscrito corrobora bastante isso) que o último parágrafo ("A cidade dourada era Kôr [...]") foi acrescentado depois, e o resto do esboço pertence à primeira escrita do poema, no inverno de 1914.

É notável que somente aqui entre os primeiros escritos fica claro que a "poeira de diamantes" que cobria Eärendel vinha das ruas de Kôr (compare com o trecho de *O Silmarillion* citado na p. 257).

Outro dos antigos poemas sobre Eärendel, "As Costas de Feéria", tem um breve prefácio em prosa que, se não for tão antigo quanto a composição do poema em si (julho de 1915, ver p. 271), certamente não é muito posterior:

Eärendel, o Viandante, que explorava os Oceanos do Mundo em seu alvo navio Wingelot, sentou-se por longo tempo em sua velhice na Ilha das Aves Marinhas nas Águas do Norte antes de partir em sua última viagem.

Passou Taniquetil e até mesmo Valinor, e levou sua barca por sobre a barra na margem do mundo, e a lançou nos Oceanos do Firmamento. De suas aventuras homem nenhum contou, salvo que, caçado pela Lua esférica, fugiu de volta para Valinor e, escalando as torres de Kôr sobre os rochedos de Eglamar, fitou os Oceanos do Mundo. A Eglamar ele sempre vai no plenilúnio quando a Lua navega rapinhando entre Taniquetil e Valinor.[d]

Tanto aqui quanto no esboço associado a “O Pedido ao Menestrel”, Eärendel foi concebido como um homem idoso quando viajou para o firmamento.

Não existe nenhum outro relato “conectado” do *Conto de Eärendel* no período mais antigo. Há, contudo, várias notas separadas, majoritariamente na forma de frases isoladas, algumas no caderninho C, outras rabiscadas em papeizinhos. Colijo essas referências aqui, mais ou menos na sequência do conto.

(i) “Habitação na Ilha do Sirion em uma casa de pedra branca como a neve.” — Em C (p. 254) conta-se que Eärendel morava com Tuor e Idril na foz do Sirion junto ao mar “nas Ilhas do Sirion”.

(ii) “As Oarni dão a Eärendel um maravilhoso manto brilhante de prata que não molha. Elas amam Eärendel, apesar de Ossë, e lhe ensinam o

saber da construção de navios e da natação enquanto ele brinca com elas pelas praias do Sirion.” — Nos esboços encontram-se referências ao amor das Oarni por Eärendel (D, p. 259), à vinda das sereias até ele (E, p. 260), e à inimizade de Ossë (C, p. 254).

(iii) Eärendel era menor que a maioria dos homens, mas de pés ágeis e um nadador veloz (mas Voronwë não sabia nadar).

(iv) “Idril e Eärendel veem o barco de Tuor passando para o crepúsculo e um som de canção.” — Em B, a partida de Tuor é “secreta” (p. 253), em C, “Idril o vê tarde demais” (p. 254) e, em E, Eärendel está presente na partida de Tuor e impulsiona o barco ao mar: ele “ouve uma grande canção intensificando-se, vinda do mar” (p. 260).

(v) “Morte de Idril? — vai secretamente atrás de Tuor.” — Em C, nega-se que Idril tenha morrido: “Tuor e Idril, dizem alguns, agora navegam no Ala-de-cisne [...]” (p. 255); em D, Idril vai a nado atrás dele (p. 260).

(vi) “Tuor navegou de volta a Falasquil e assim subindo Ilbranteloth até o Asgon onde se assenta tocando sua harpa solitária na rocha ilhada.” — Isso está assinalado com um ponto de interrogação e um “X”, sugerindo rejeição à ideia. Há referências curiosas à “rocha ilhada” no Asgon nos esboços para o *Conto de Gilfanon* (ver I. 238).

(vii) “O fiorde da Sereia: encantamento dos seus marinheiros. Sereias não são Oarni (mas são terráqueas, ou fatas? — ou ambos).” — Em D (p. 259), Sereias e Oarni são postas como iguais.

(viii) O navio Wingilot foi construído da madeira de Falasquil com “ajuda das Oarni”. — Isso também foi provavelmente dito em D: ver p. 260.

(ix) Wingilot foi “feita no formato de um cisne de pérolas”.

(x) “As pombas e pombos do pátio de Turgon levam mensagem a Valinor — apenas aos Elfos.” — Outras referências às aves que partiram de Gondolin também dizem que elas chegaram aos Elfos, ou a Kôr (pp. 253, 255, 257).

(xi) “Durante suas viagens, Eärendel avista os muros brancos de Kôr brilhando ao longe, mas é arrebatado pelos ventos e ondas adversos de Ossë.” — o mesmo se diz em B (p. 253) sobre a visão que Eärendel teve de Tol Eressëa em sua viagem de volta para casa a partir de Kôr.

(xii) “O Adormecido na Torre de Pérola é despertado pelo gongo de Coração-Pequeno: um mensageiro que foi despachado anos antes por Turgon e enredado em magias. Mesmo agora ele não consegue deixar a Torre e os adverte sobre a magia.” — Em C há uma afirmação rejeitada de que o Adormecido na Torre de Pérola era a própria Idril (ver nota 6).

(xiii) “Proteção de Ulmo removida do Sirion, irado pela segunda tentativa de Eärendel de alcançar Mandos, e assim Melko o sobrepuja.” — Essa nota está riscada e há um “X” ao lado; mas em D (p. 260) conta-se que “Ulmo proibiu sua demanda, mas Eärendel ainda assim queria navegar para encontrar uma passagem até Mandos”. O significado disso deve ser que era contrário ao propósito de Ulmo que Eärendel fosse até Mandos procurar o pai, e que deveria, em vez disso, tentar alcançar Kôr.

(xiv) “Eärendel desposa Elwing antes de içar velas. Quando ouve que ela se perdeu, ele diz que os seus filhos hão de ser, ‘daqui para frente, todos os homens que enfrentarem os grandes mares em

navios’.” — Compare isso com *O Chalé do Brincar Perdido* (I. 13): “mesmo um filho de Eärendel, como era esse viandante” e (I. 18): “um homem de viagens vastas e excelentes, um filho, parece-me, de Eärendel”. Em um esboço da vida de Eriol (I. 24), conta-se que era um filho de Eärendel, nascido sob a luz dele e que se um raio de luz de Eärendel recai em um recém-nascido, ele se torna “um filho de Eärendel” e um viandante. No antigo dicionário de qenya, há um verbete: *Eärendilyon* “filho de Eärendel (usado para qualquer marinheiro)” (I. 251).

(xv) “Eärendel vai até mesmo aos Salões de Ferro vazios buscando Elwing.” — Eärendel deve ter ido a Angamandi (vazios após a derrocada de Melko) na mesma época em que voltou às ruínas de Gondolin (pp. 253, 255).

(xvi) A perda do navio que levava Elwing e o Nauglafring se deu na viagem a Tol Eressëa com o êxodo dos Elfos das Grandes Terras. — Ver minhas observações, pp. 258–9. Sobre o “apaziguamento” da maldição de Mîm com a submersão do Nauglafring, ver o Apêndice de Nomes, verbete *Nauglafring*. A partida dos Elfos para Tol Eressëa é discutida no capítulo seguinte (p. 280).

(xvii) “Eärendel e a torre setentrional na Ilha das Aves Marinhas.” — Em C (p. 255), Eärendel “iça velas com Voronwë e habita a Ilha das Aves Marinhas nas águas do norte (não muito longe de Falasquil) — e ali espera que Elwing retorne entre as aves marinhas”; em B (p. 253), ele “avista a Ilha das Aves Marinhas ‘aonde de tempos em tempos vão todas as aves de todas as águas’.” Há uma reminiscência disso em *O Silmarillion*, p. 332: “Portanto, foi erigida para [Elwing] uma torre branca ao norte, nas fronteiras dos Mares Divisores;

e para ali, por vezes, todas as aves marinhas da Terra se dirigiam.”

(xviii) Quando Eärendel chega a Mandos, descobre que Tuor “*não* está em Valinor, nem em Erumáni, e nem Elfos nem Ainu sabem onde ele está. (Está com Ulmo.)” — Em C (p. 255), Eärendel, ao alcançar os Salões de Mandos, descobre que Tuor “se foi para Valinor”. Sobre a possibilidade de Tuor estar em Erumáni ou Valinor, ver I. 91 e seguintes.

(xix) Eärendel “retorna do firmamento de quando em quando com Voronwë até Kôr para ver se o Sol Mágico foi aceso e se as fadas retornaram — mas a Lua o rechaça”. — Sobre o retorno de Eärendel do firmamento, ver (xxi) adiante; sobre o Reacender do Sol Mágico, ver p. 286.

Duas afirmações sobre Eärendel citadas anteriormente podem ser acrescentadas aqui:

(xx) No conto *O Roubo de Melko* (I. 141), conta-se que “nos muros de Kôr havia muitos contos sombrios escritos em símbolos pintados, e runas de grande beleza foram pintadas lá também, ou entalhadas em pedras, e Eärendel leu vários contos maravilhosos lá, há muito tempo”.

(xxi) A Lista de Nomes em *A Queda de Gondolin* possui o seguinte verbete (citado na p. 215): “*Eärendel* era o filho de Tuor e Idril e, conta-se, o único ser que é metade da gente dos Eldalië e metade dos Homens. Foi o primeiro e maior de todos os marinheiros entre os Homens, e viu regiões que os Homens ainda não encontraram e nem contemplaram, em que pese a profusão de seus barcos. Singra agora com Voronwë por sobre os ventos do firmamento, e não volta jamais para além de Kôr, doutro modo morreria como outros Homens, pois esse tanto de mortalidade tem

dentro de si.” — No esboço associado ao poema “O Pedido ao Menestrel”, Eärendel “iça velas para o céu e não retorna mais à terra” (p. 261); no prefácio em prosa a “As Costas de Feéria”, “a Eglamar ele sempre vai no plenilúnio quando a Lua navega rapinhando entre Taniquetil e Valinor” (p. 262); no esboço C, “ele não pode retornar agora ao mundo, ou morrerá” (p. 255); e na citação (xix) acima, ele “retorna do firmamento de quando em quando com Voronwë até Kôr”.

Em *O Silmarillion* (p. 331), o veredicto de Manwë é de que Eärendil e Elwing “não hão de caminhar de novo nunca mais entre Elfos ou Homens nas Terras de Fora”; mas também se diz que Eärendil voltava a Valinor “de viagens além dos confins do mundo” (*ibid*., p. 332), assim como está dito na Lista de Nomes em *A Queda de Gondolin* que ele não vai para além de Kôr. A afirmação seguinte na Lista de Nomes, de que se o fizesse ele morreria como outros Homens “pois esse tanto de mortalidade tem dentro de si”, foi de alguma forma ecoada muito tempo depois em uma carta que meu pai escreveu em 1967: “*Eärendil*, sendo em parte descendente de Homens, não teve permissão para colocar novamente os pés na Terra, e tornou-se uma Estrela a brilhar com a luz da Silmaril” (*As Cartas de J.R.R. Tolkien*, carta nº 297).

Isso encerra todos os materiais “em prosa” que têm relevância para a forma mais antiga do *Conto de Eärendel* (com exceção de algumas outras referências a ele que aparecem no próximo capítulo). Com esses esboços e notas, encontramo-nos num estágio muito antigo da composição, quando as concepções estavam fluidas e não tinham recebido nem mesmo uma forma narrativa

preliminar: o mito estava presente em certas imagens que haveriam de perdurar, mas essas imagens não haviam sido articuladas.

Já mencionei (p. 257) o notável fato de que não há indício da ideia de que foi pela intercessão de Eärendel que a ajuda veio do Oeste; igualmente, não há sugestão de que os Valar abençoaram seu navio e o ergueram ao céu, e nem de que a sua luz era a da Silmaril. Contudo, já estão presentes a chegada de Eärendel a Kôr (Tirion), encontrando-a deserta, a poeira de diamantes em seus sapatos, a transformação de Elwing em ave marinha, a passagem de seu navio pela Porta da Noite, e a sanção contra o seu retorno às terras a leste do Mar. O ataque aos Portos do Sirion aparece nos esboços iniciais, ainda que fosse um ato de Melko e não dos Fëanorianos; e também a partida de Tuor, mas sem Idril, que foi deixada para trás. Seu navio era *Alqarámë*, Ala-de-cisne; depois, seu nome se tornou *Eärrámë*, significando "Ala-do-mar" (*O Silmarillion*, p. 326), o que manteve na forma, mas não no sentido, o nome do primeiro navio de Eärendel, *Eärámë*, "Ala-de-águia" (pp. 253–4, e ver nota 9).

É interessante ler o que meu pai disse, cerca de meio século depois (na carta de 1967 mencionada acima), sobre as origens de Eärendil:

Este nome na verdade (como é óbvio) é derivado da palavra anglo-saxã *éarendel*. Ao estudar profissionalmente o anglo-saxão pela primeira vez (1913–) — eu o havia feito como um passatempo infantil quando deveria estar aprendendo grego e latim — fiquei impressionado pela grande beleza dessa palavra

(ou nome), inteiramente coerente com o estilo normal do anglo-saxão, mas eufônico em um grau peculiar naquele agradável, mas não "deleitável" idioma. Além disso, sua forma sugere fortemente que em origem foi um nome próprio e não um substantivo comum. Isso é sustentado pelas formas obviamente relacionadas em outros idiomas germânicos, a partir dos quais, entre as confusões e corrupções de tradições tardias, ao menos parece certo que ele pertencia a mitos astronômicos e era o nome de uma estrela ou grupo de estrelas. Na minha opinião, os usos em anglo-saxão parecem indicar claramente que era uma estrela que anunciava o amanhecer (ao menos na tradição inglesa): isto é, aquela que agora chamamos de *Vênus* — a estrela-d'alva tal como pode ser vista reluzindo brilhantemente na aurora, antes do nascer do Sol propriamente dito. De qualquer modo, é como o compreendi. Antes de 1914, escrevi um "poema" sobre Eärendel que lançava seu navio como uma centelha brilhante dos portos do Sol. W-o em minha mitologia — na qual ele tornou-se uma figura principal como um marinheiro, e, por fim, como uma estrela anunciadora e um sinal de esperança aos homens. *Aiya Eärendil Elenion Ancalima* ([*O Senhor dos Anéis*] II 329)[e] "salve Eärendil, a mais brilhante das Estrelas" é remotamente derivada de Éalá Éarendel engla beorhtast.[f]Mas o nome não podia ser simplesmente adotado dessa forma: ele tinha

de ser acomodado à situação linguística élfica, ao mesmo tempo em que um lugar para essa pessoa era criado nas lendas. Disso, há muito tempo na história do “élfico”, que após muitos começos experimentais na mocidade estava começando a tomar uma forma definida à época da adoção do nome, por fim surgiu (a) o radical e[ldarin]c[omum] *AYAR “mar”, aplicado primeiramente ao Grande Mar do Oeste, que se situava entre a Terra-média e *Aman*, o Reino Abençoado dos Valar; e (b) o elemento ou base verbal (N)DIL, “amar, ser devotado a” — que descreve a atitude de alguém a uma pessoa, coisa, causa ou ocupação à qual se dedica por conta própria. Eärendil tornou-se um personagem na primeira das principais lendas a ser escrita (1916-17): *A Queda de Gondolin*, o maior dos *Pereldar* “Meio-Elfos”, filho de *Tuor*, da mais renomada Casa dos Edain, e de *Idril*, filha do Rei de Gondolin.

> Meu pai não disse aqui de fato que o seu *Eärendel* continha os elementos que, combinados, significariam algo como “Amante-do-mar”; mas fica claro, de todo modo, que à época dos primeiros escritos que restaram sobre o assunto o nome estava associado à palavra élfica *ea* “águia” — ver p. 265 sobre o nome do primeiro navio de Eärendel, *Eärámë*, “Ala-de-águia”. Na Lista de Nomes em *A Queda de Gondolin*, isso fica explícito: “*Earendl* [*sic*], embora seja possível que tivesse algum parentesco com o élfico *ea* e *earen*, ‘águia’ e ‘ninho [de águia]’ (donde vem à mente a passagem de

Cristhorn e o uso da insígnia da Águia por Idril [ver p. 193]), conjectura-se que foi feito a partir daquela língua secreta dos Gondothlim [ver p. 165].”

Por fim, incluo quatro poemas antigos de meu pai em que Eärendel aparece.

I

Élalá Éarendel Engla Beorhtast

Restam poucas dúvidas de que, como Humphrey Carpenter supõe (*Biografia*, p. 102), esse foi o primeiro poema acerca de Eärendel que meu pai compôs, e que ele foi escrito na Phoenix Farm, Gedling, Nottinghamshire, em setembro de 1914.[10] Era a esse poema que ele estava se referindo na carta de 1967 que acabei de mencionar — “escrevi um ‘poema’ sobre Eärendel que lançava seu navio como uma centelha brilhante”: compare com o verso 5: “Lançou a barca, faiscante e argêntea arca”.

Há umas cinco versões diferentes, cada uma incorporando emendas feitas à anterior, embora apenas a primeira estrofe tenha sido substancialmente reescrita. O título era originalmente “A Viagem de Éarendel, a Estrela Vespertina”, junto com uma versão em inglês antigo (como de costume): *Scipfæreld Éarendeles Æfensteorran*; isso foi alterado em uma cópia posterior para *Élalá Éarendel Engla Beorhtast*, “A Última Viagem de Eärendel”, e em cópias ainda posteriores o título em inglês moderno foi removido. Incluo aqui a última versão, cuja data

não pode ser determinada, embora a escrita mostre que é substancialmente posterior à composição original, e coloco todas as variantes da primeira versão que restou após o poema.

Éarendel se ergueu onde a sombra escorreu
Na borda do Mar calado;
Pela boca noturna, qual luz diurna,
No litoral escarpado
Lançou a barca, faiscante e argêntea arca,
Das derradeiras areias,
No alento de sol do fogoso arrebol,
Do Ocidente foi sem peias.

Numa rota se pôs, a que vem depois
Dos esplendores do Sol,
Por estrelas passou, longe viajou
Num galeão qual farol.
Nas crescentes marés de escuro, galés
O firmamento carrega,
Com fulgente véu iluminam o céu
Conforme a estrela navega.

Passa suave pelas fúlgidas naves,
O espírito errante o urge
Ao Oeste em escura e longa procura,
Da margem do mundo surge;
E no ermo de joias à beça se apressa,
No ocaso as velas desata.
Com coração em brasa, a gana extravasa,
No rosto, chamas de prata.

E da Lua o Navio no Leste se viu
Vindo do Porto Solar,
Cujo alvo portão brilha com o clarão
Do argênteo vaso a passar.

Sob nuvem gorducha, a âncora puxa,
Na escuridão desatraca.
Com remo fulgente sai da praia ardente
Na sua prateada barca.

Eárendel deixa pra trás aquele Arrais,
E passa a borda da terra,
Pelo Oceano fundo e por detrás do mundo
A sua vela descerra;
Ouve o riso contente de toda a gente,
Também o pranto caindo:
O mundo descia à ruína sombria
No curso dos anos findos.

E passou para o vasto espaço sem astro
Qual lamparina no mar;
Sai do alcance, afinal, do homem mortal,
Pois parte a sozinho errar.
Seu navio veleja enquanto o Sol traqueja
No firmamento sem trilha,
Té que em gélido abisso, a luz perde o viço,
E a chama já não mais brilha.[A]

Variantes da primeira versão:

1–8 Foi Éarendel saltar da taça do Mar
Na atra beira do médio-mundo;
Do portão Noturno veio, raio diurno,
Saltando o bordo tão fundo.
Lançou sua barca, argêntea arca,
Da areia de brilho dourado
Pelo alento de sol do fogoso arrebol
Do Ocidente voou apressado.
10 esplendores] glórias
11 passou] andou
16 a estrela] o Véspero
17 Passa] Mas passa

18 errante] andante
19 longa] mágica escura] obscura
20 Da margem] À margem
22 No ocaso] Ao ocaso
25 E da Lua] Pois da Lua
31 ardente] imponente
32 prateada] redonda
38 Também] E escuta
46–8 Singrou pelos céus afora.
Seu fulgor findou quando a Manhã chegou,
E morreu co’ a luz d’Aurora.

Há toda razão para pensar que esse poema precedeu todos os esboços e notas incluídos neste capítulo, e que semelhanças verbais que se encontram neles em relação ao poema são ecos (p. ex. “no rosto, chamas de prata”, esboço C, p. 255; “da margem do mundo surge”, esboço E, p. 260).

Na quarta estrofe do poema, o Navio-da-Lua irrompe do Porto do Sol; no conto *A Ocultação de Valinor* (I. 215), Aulë e Ulmo construíram dois portos no leste, o do Sol (que era “amplo e dourado”) e o da Lua (que era “branco, com portões de prata e pérola”), mas ambos ficavam “no mesmo ancoradouro”. Assim como no poema, no *Conto do Sol e da Lua* a Lua é impelida por “brilhantes remos” (I. 195).

II

O Pedido ao Menestrel

Este poema, de acordo com uma nota que meu pai rabiscou em uma das cópias, foi escrito na St. John’s Street, em Oxford (ver I. 27) no inverno de 1914; não há qualquer outra evidência de data. Neste caso, os primeiros trabalhos sobrevivem, e

no verso de uma das folhas está o esboço do relato sobre a grande viagem de Eärendel incluído na p. 261. O poema era muito mais longo naquela época do que se tornou depois, mas os trabalhos são demasiadamente mal-acabados e não têm título. Ao primeiro texto finalizado um título foi acrescentado rapidamente depois, e ao que parece diz “O Menestrel renuncia à canção”. O título tornou-se então “A Balada de Eärendel”, o que foi alterado no texto mais recente para “O Pedido ao Menestrel, da Balada de Eärendel”.

Há quatro versões que seguem o descuidado rascunho original, mas as alterações feitas nelas são pequenas, e apresento o poema aqui na sua versão mais recente, observando apenas que, originalmente, o menestrel parece ter atendido ao “pedido” muito antes, já no verso 5, que dizia “Eis o conto do anseio por mar, incessante”; e que “Eldar” no verso 6 e “élficos” no verso 23 são emendas feitas no texto mais recente a partir de “fadas”, “feérico”.

“Do errar de Eärendel canta-nos mais,
E um lai do navio com remos de alvor,
De engenho maior que sabem mortais,
No abisso, espumoso, em doce clamor.
E um conto de anseio por mar, incessante,
Que os Eldar fizeram à luz saudosa,
Fiando um feitiço rubro, e abrasante
Portento de espuma, e noite olorosa;
De múrmuro ocaso em mar arredado;
De como lançava, em ilhota sozinha,
Âncora em ondas do oceano agitado;
Da vela enfunada quando o vento vinha;
E o som das borbulhas em cálido mar
Tinindo debaixo da roda-de-proa,

Mil milhas fizeram o navio se tornar
Ave marinha, alva gema que voa,
Em longa viagem vai majestoso,
E volta num voo de mar repleto,
Singrando infesso, tortuoso, moroso,
Chegando no porto à noite, discreto.”

“Mas semiesquecidos música e versos,
O sol se extinguiu e a lua minguou,
Nas algas, navios élficos submersos,
O fogo nos corações esfriou.
E quem, com qual harpa, então contaria?
Com música estranha e ricas toadas,
Palente à magia de cava harmonia,
Ruidoso com som na areia espraiada;
Do esbelto navio, brilhosa madeira,
Das velas argênteas, do mastro esguio,
Valuma de prata espumosa, e a bueira
Flanqueando, qual cisne passando, fluiu!
Só canto os pedaços ainda lembrados
De uma áurea ilusão quem em sono se fez,
Um conto em cicios junto às brasas contado
De antigas coisas que uns guardam, talvez.”[B]

III

As Costas de Feéria

A versão mais antiga deste poema foi incluída por Humphrey Carpenter na *Biografia*, pp. 109–10.[11] Ele existe em quatro versões, cada uma incorporando pequenas mudanças, como de costume; meu pai escreveu a data da composição em três das cópias, a saber: “8–9 de julho, 1915”; “Moseley e Edgbaston, Birmingham, julho de 1915 (a pé e de ônibus). Retocado com frequência desde — espec. 1924”; e “Primeiro poema de minha mitologia,

Valinor . . . . . 1910”. A intenção dessa última não deve ter sido fornecer a data da composição, e as palavras ilegíveis imediatamente antes talvez possam ser lidas como “pensado por volta de”. Mas este, contudo, não parece ser “o primeiro poema da mitologia”: acredito que o primeiro seja *Éalá Éarendel Engla Beorhtast* — e a menção de meu pai na carta de 1967 (ver p. 266) parece sugerir o mesmo.

O título em inglês antigo era *Ielfalandes Strand* (As Costas de Terradelfos). Ele é precedido por um curto prefácio em prosa, incluído anteriormente na p. 262. Eu o reproduzo aqui na versão mais recente (impossível de datar), com todas as variantes das versões mais antigas após o poema.

A leste da Lua, oeste do Sol
Há um morro isolado
C’os pés no mar de verde claro,
Torre alva em cada lado:
Além-Taniquetil
Em Valinor.
O astro que foge diante da Lua
É o único que aparecia;
E as Duas Árvores estão nuas
Donde a flor da Noite pendia
E o fruto do Meio-dia
Em Valinor.
De Feéria é a praia ali,
Costa de seixos ao luar,
De espuma, música de prata
No piso opalescente
Além do mar, da grande sombra
A areia a margear
Que longe se estende
Até o dracônico batente,

Junto ao portão da Lua,
Além-Taniquetil
Em Valinor.
A oeste do Sol, leste da Lua
Angra da estrela está;
O branco burgo do Errante
E as rochas de Eglamar.
Lá é de Wingelot o porto,
Earëndel longe a fitar
Sobre as águas escuras
Daqui até Eglamar —
Bem longe, além-Taniquetil,
Lá Valinor está.[C]

Variantes da primeira versão:

1 leste . . . . . oeste] Oeste . . . . . Leste
7 Ali um astro apenas desce,
8 foge diante da Lua] E co'a Lua disputa
9 Nas Duas Árvores nuas cresce
10 Da Noite a flor de prata
11 Do Dia-a-Pino a fruta
18 margear] ladear
20–21 Até o dracônico batente, Junto ao portão da Lua,] De Kôr aos pés de ouro luzente —
24 A oeste do Sol, leste da Lua] Oh! A Oeste da Lua, Leste do Sol
28 Wingelot] *Primeiro texto* Wingelot > Vingelot; *segundo texto* Vingelot; *terceiro texto* Vingelot > Wingelot; *último texto* Wingelot
30 Sobre as águas escuras] A magia e o assombro
31 até] pra

No último texto, a expressão *Terra-élfica* está escrita de leve acima de *Feéria*, no verso 13, e *Eldamar* ao lado de *Eglamar* no verso 27 (apenas); *Eglamar* > *Eldamar* no segundo texto.

Há algumas conexões interessantes entre este poema e o conto *A Vinda dos Elfos e a Criação de Kôr*. O “morro isolado” do segundo verso é a colina de Kôr (compare com o conto, I. 122: “Na ponta dessa angra longa, há uma colina solitária olhando para as montanhas mais altas”), ao passo que “De Kôr aos pés de ouro luzente” (um verso substituído nas versões mais recentes do poema) e muito provavelmente a “areia a margear Que longe se estende” são explicadas pelo trecho que se segue no conto:

Aulë levou para lá [ou seja, para Kôr] toda a poeira de metais mágicos que produzira e ajuntara de suas grandes obras, e empilhou-a nos sopés daquela colina, e a maior parte dessa poeira era de ouro, e uma areia dourada se estendia para longe das bases de Kôr até a distância onde floresciam as Duas Árvores.

Compare o “dracônico batente” (verso 20) com a descrição da Porta da Noite em *A Ocultação de Valinor* (I. 215–16):

Seus pilares são do mais forte basalto, assim como seu lintel, mas grandes dragões de pedra preta estão esculpidos nela, e sombria fumaça derrama-se lentamente de suas mandíbulas.

Nessa descrição, contudo, a Porta da Noite não fica “junto ao portão da Lua”, pois é o Sol que passa por lá para a escuridão de fora, enquanto a Lua “não ousa enfrentar a solidão extrema da escuridão de fora em virtude de sua luz e majestade

menores, e viaja ainda sob o mundo [ou seja, pelas águas de Vai]”.

IV
Os Felizes Marinheiros

Incluo por último este poema cujo assunto é a Torre de Pérola nas Ilhas do Crepúsculo. Foi escrito em julho de 1915,[12] e há seis textos precedendo a versão que foi publicada (juntamente com “Por que o Homem da Lua desceu cedo demais”) em Leeds em 1923.[g] Essa versão é a primeira das duas incluídas aqui.

(1)

Em torre ocidental há uma janela
Aberta a um celestial mar,
E o vento que sopra em meio às estrelas
Junto às cortinas vem se aninhar.
Nas Ilhas do Crepúsculo ergue-se em brancura
Onde na sombra assenta-se a Noitinha;
Brilhando como nacarada agulha,
Refletindo os raios de luz fraquinha;
O mar lava a rocha onde está postada,
E a terras de ocaso vão barcos de fada
Cheios. Na treva brilham sós,
Com chispas de rubente chama
Pegas por mergulhadores n’água do Sol —
Quem sabe é uma lira argêntea que chama
Ou voz de cinzentos nautas ecoando,
Que nas sombras do mundo se revela
Em barco sem remo e enrizada vela;
Às vezes se escutam pés e canção,
Ou de um trêmulo gongo a cintilação.

Felizes marinheiros que ao longe se vão!

Às praias d’Oeste e aos seus portais partem,
Onde saltam muitas fontes distantes,
Nas portas dracônicas da Noite se batem
Caindo em espuma d’estrelas brilhantes.
Sou eu que atrás da Lua vos vigia,
Desta torre ventosa e alvar,
Sem por momento nenhum esperar,
Entoando uma oculta melodia,
Cruzando sombras, marés arriscadas,
Terra escura, aos prados das fadas,
Onde os astros, no muro azul do espaço,
Quebrando-se, enredam-se em laço.
No Oeste, Eärendel vai à vossa frente,
Às Ilhas benditas, nauta luzente;
E daquela fímbria sombria, um vento
Retorna a esta cristálea vidraça
Falando de uma áurea chuva que grassa
Nos turvos espaços a todo momento.[D]

> Em *A Ocultação de Valinor* (I. 215) conta-se que, quando o vaso do Sol foi criado, os Valar queriam puxá-lo por debaixo da Terra, mas

era frágil e ágil demais; e muita radiância preciosa foi derramada em suas tentativas pelas águas mais profundas, a qual escapou e tornou-se como centelhas secretas em muitas cavernas oceânicas ignotas. Muitos mergulhadores élficos e mergulhadores das fatas procuraram por elas durante muito tempo para lá do extremo Leste, como se canta na canção do Adormecido na Torre de Pérola.

Parece assegurado pelos versos 10–13 do poema que “Os Felizes Marinheiros” era de fato a “canção

do Adormecido na Torre de Pérola”.

Sobre as “portas dracônicas da Noite”, ver p. 273. O significado de *jacinth* em “the jacinth wall of space” [no muro azul do espaço] (verso 31) é “azul”: compare com as “muralhas de azul-profundo” em *A Ocultação de Valinor* (I. 215).

Muitos anos depois, meu pai reescreveu o poema, e incluo essa versão aqui. Ainda mais tarde ele se voltou novamente para o poema e fez algumas alterações (registradas aqui após o poema); nesse momento, ele observou que a versão revisada datava de “1940?”.

(2)

Em torre Ocidental há uma janela
Aberta a um celestial mar,
Lá, de poços negros detrás d’estrelas
Há brisa estranha e fria sempre a soprar.
É uma torre branca em Crepusculares Ilhas
Erguendo-se em sombras que não perecem,
Qual casa de perla sozinha brilha
Abrigando as luzes que se esvanecem.

Os seus pés a incessante ondada encharca
E vão para Oeste as silentes barcas
Reluzindo no escuro, carregadas
Com chispas de rubente chama, capturadas
Por mergulhadores
N’água do Sol de que se ouviu rumores.
Lá às vezes se tange uma harpa de prata
E a música aguda o cor arrebata;
Ou sob as montanhas íngremes, altas,
Ecoa a voz dos cinzentos nautas
Que nas sombras do mundo se revela
Em barco sem remo e enrizada vela,

Toando um adeus e canção pomposa
Pois vasto é o mar, e a jornada é morosa.

Ó felizes marinheiros a navegar
Por cinzentas ilhas, por Gondobar,
Às praias finais e aos seus portais partem
Onde saltam muitas fontes distantes
Nas portas dracônicas da Noite se batem
Caindo em espuma d'estrelas brilhantes!
Sou eu quem detrás da lua vigia
Desta torre ventosa e alvar,
Vós partirdes sem a hora esperar
Com canto solene e com melodia,
Por mares sombrios e vagas escuras
Té a plaga final das Árvores duas,
O sol e a lua, seu fruto e flor,
Da terra o começo e o fim do fulgor.

Eärendel seguis incansavelmente,
Para além do Oeste, o nauta luzente
Depois que a boca da noite cruzou,
Nos mares de fora a barca lançou.
Aqui vem às vezes somente uma aragem
Voltando escura por vossa passagem
De sublimes árvores olorante.
Por essa vidraça de longe espio
De aurífica chuva o brilho arredio
Que em mares de fora cai incessante.[E]

Revisões finais

3 Lá *omitido*
4 e fria sempre a soprar] ali sempre a soprar
17 montanhas] montanha
22 e a jornada] sua jornada
29 Sou eu que a sós detrás da lua vigia
30 Preso em torre ventosa e alvar

31 Vós partirdes] Vocês partirem
33–6 *riscado*
37 seguis] seguem
40 de fora *omitido*
41–3 *riscado*
46 em] nos
Verso acrescentado ao fim: além do país de Árvores brilhantes.

Não consigo explicar a referência (apenas na versão revisada, verso 24) à jornada dos marinheiros “Por cinzentas ilhas, por Gondobar”. *Gondobar* (“Cidade de Pedra”) era um dos sete nomes de Gondolin (p. 158).

[a] Para o “Caderno C”, ver p. 254.

[b] No original “sons”, ou seja, filhos homens. [N.T.]

[c] As palavras nesse trecho (“Homens-árvores, Habitantes do sol [...]”) estão claras, mas a pontuação não está, e o arranjo aqui pode não ser o que ele pretendia.

[d] Esse prefácio se encontra em todos os textos do poema, exceto no mais antigo, e as versões diferem apenas nas formas dos nomes: *Wingelot*/*Vingelot* e *Eglamar*/*Eldamar* (e variam igualmente nas versões do poema que o acompanham, ver notas textuais p. 272), e *Kôr* > *Tûn* no terceiro texto, *Tûn* no quarto. Para *Egla* = *Elda*, ver I. 251 e II. 338, e para *Tûn*, ver p. 292.

[e] *As Duas Torres*, p. 1027. [N.T.]

[f] Do poema em inglês antigo *Crist*: *éalá! éarendel engla beorhtast ofer middangeard monnum sended*.

[g] *A Northern Venture* [Uma Aventura no Norte]: ver I. 204, nota de rodapé. O Sr. Douglas A. Anderson gentilmente me forneceu uma cópia do poema nesta versão, que havia sido muito ligeiramente alterada em relação à que foi publicada na *The Stapeldon Magazine* (Exeter College, Oxford), em junho de 1920 (*Biografia*, Carpenter, p. 362). No verso 5 da versão de Leeds, a palavra *Twilight* é quase certamente um erro para *Twilit*, como está em todos os textos originais.

NOTAS

[1] Falasquil era o nome da habitação de Tuor na costa (p. 152); Oarni, juntamente com os Falmaríni e as Wingildi, são “espíritos da espuma e do marulho do oceano” (I. 66).

[2] *Irildë*: o nome “élfico” que corresponde ao gnômico *Idril*. Ver o Apêndice de Nomes, verbete *Idril*.

[3] “Elwing dos *Gnomos* de Artanor” talvez seja um mero deslize.

[4] Para a Asa de Cisne como emblema de Tuor, ver pp. 152, 164, 172, 193.

[5] As palavras “Idril desapareceu” substituíram um texto anterior: “O Sirion foi saqueado e restou apenas Coração-Pequeno (Ilfrith), que narra o conto”. *Ilfrith* é ainda outra versão do nome élfico de Coração-Pequeno (ver pp. 241–42).

[6] Riscado aqui: “O Adormecido é Idril, mas ele não sabe”.

[7] Ver *Kortirion entre as Árvores* (I. 36, versos 129–30): “Não quero o deserto ou o rubro paço onde mora / O sol”. Esses versos foram mantidos com leve alteração na segunda versão, de 1937 (I. 39).

[8] Esse trecho, a partir de “Eärendel desesperado [...]” substituiu o seguinte: “[*nome ilegível, possivelmente* Orlon] está [?aguardando] ali e conta a ele sobre o saque ao Sirion e o cativeiro de Elwing. A partida dos Koreldar e o atamento de Melko.” Talvez as palavras “A partida dos Koreldar” tenham sido rasuradas por engano (ver Rascunho B).

[9] *Earum* foi emendado a partir de *Earam* (apenas na primeira ocorrência); e depois dele havia o nome

Earnhama, mas isso foi riscado. *Earnhama* é inglês antigo, “Capa-de-águia”, “Veste-de-águia”.

[10] Assim datado nos dois textos mais antigos, um deles com o acréscimo “Clube de Ensaios Ex[eter] Coll[ege], dez. 1914”, e em um terceiro está escrito “Gedling, Notts. [Nottinghamshire], set. 1913 [um erro para 1914] e depois”. Meu pai fez menção à leitura de “Eärendel” no Clube de Ensaios em uma carta para minha mãe datada de 27 de novembro de 1914.

[11] Mas *rocks*, no verso 27 (26) deveria ser *rock* [no original em inglês].

[12] De acordo com uma nota, ele foi escrito em “Barnt Green [ver *Biografia*, p. 53], julho de 1915 e Bedford e depois”, e outra nota diz “24 de julho [1915], reescrito em 9 de set.”. Os trabalhos originais estão no verso de uma carta não enviada, datada de 11 julho de 1915, em Moseley (Birmingham); meu pai começou o treinamento militar em Bedford em 19 de julho.

6

A história de Eriol, ou Ælfwine, e o Fim dos Contos

Neste último capítulo, chegamos à parte mais difícil — embora, como espero demonstrar, não de todo insolúvel — da mitologia em sua forma mais antiga: o final, que está enredado na história de Eriol/Ælfwine, e com ela, a história e importância original de Tol Eressëa. Para elucidá-la, dispomos de alguns espécimes breves de narrativas conectadas, mas que dependem muito dos mesmos materiais que constituem o *Conto de Gilfanon* e a história de Eärendel: enredos apressadamente esboçados, com intermináveis variações, escritos em pedaços soltos de papel ou em páginas do caderninho “C” (ver p. 254). Neste capítulo, há muito material a se considerar e, por ser mais conveniente em termos de referências internas ao capítulo, numerarei as várias citações consecutivamente. Mas é preciso dizer que nenhum artifício de apresentação é capaz de diminuir muito a complexidade e obscuridade inerentes à matéria.

O relato mais completo (por mais simples que seja) da Marcha dos Elfos de Kôr e dos eventos que se seguiram está contido no caderno C, continuando do ponto em que interrompi o esboço na p. 255, depois da chegada dos pássaros de Gondolin, dos “conselhos dos Deuses e alvoroço dos Elfos” e da “Marcha dos Inwir e Teleri”, a qual os Solosimpi só

concordaram em acompanhar com a condição de ficarem junto ao mar. O esboço prossegue:

1. Vinda dos Eldar. Acampamento da primeira hoste na Terra dos Salgueiros. Noldorin e Valwë subjugados. Andanças de Noldorin com sua harpa.

- Tulkas derrota Melko na batalha das Lagoas Silentes. Amarrado em Lumbi e vigiado por Gorgumoth, o mastim de Mandos.
- Libertação dos Noldoli. Guerra com Homens assim que Tulkas e Noldorin retornam a Valinor.
- Noldoli conduzidos até Valinor por Egalmoth e Galdor.

Já houve referências anteriores nos *Contos Perdidos* a uma batalha em Tasarinan, a Terra dos Salgueiros: no *Conto de Turambar* (pp. 91, 140) e, mais notavelmente, em *A Queda de Gondolin* (p. 154), em que, durante a permanência de Tuor naquela terra, há menção a eventos que se passariam futuramente naquele lugar:

Pois não aconteceu que, mesmo depois dos dias de Tuor, Noldorin e seus Eldar foram até lá procurando por Dor Lómin e pelo rio oculto e pelas cavernas do aprisionamento dos Gnomos e, no entanto, assim perto do fim da demanda, quase a abandonaram? De fato, dormindo e dançando aí, e fazendo bela música de sons do rio e do murmurar da grama, e fiando ricos tecidos de teias e das asas de insetos alados, eles foram dominados por gobelins enviados por

Melko das Montanhas de Ferro e Noldorin escapou dali por um triz.

Valwë foi mencionado uma vez anteriormente, por Lindo, na primeira noite de Eriol em Mar Vanwa Tyaliéva (I. 16): “Meu pai, Valwë, que foi com Noldorin encontrar os Gnomos”. De Noldorin sabemos também que ele era o Vala Salmar, irmão gêmeo de Ómar-Amillo, que entrou no mundo com Ulmo e que em Valinor ele tocava a harpa e a lira e amava os Noldoli (I. 66, 75, 93, 126).

Uma nota isolada afirma:

2. Noldorin escapa da derrocada da Terra dos Salgueiros, pega sua harpa e vai para as Montanhas de Ferro procurar por Valwë e os Gnomos, até encontrar o local de seu aprisionamento. Tulkas segue. Melko chega e o encontra.

O único dos grandes Valar mencionado nessas notas que participou da expedição às Grandes Terras é Tulkas; mas seja qual for a história que subjaz à sua presença, apesar da raiva e tristeza dos Valar quanto à Marcha dos Elfos (ver p. 257), ela é sobremaneira irrecuperável. (Um indício muito tênue acerca disso se encontra em duas notas isoladas: “Tulkas fornece, ou os Elfos levam *limpë* consigo”, e “*Limpë* fornecido pelos Deuses (Oromë? Tulkas?) quando os Elfos deixaram Valinor”; ver *A Fuga dos Noldoli* (I. 166): “mas [os Noldoli] não tinham ainda *limpë* para levar, pois ele não foi dado às fadas até muito depois, quando a Marcha da Libertação foi empreendida”). De acordo com (1) acima, Tulkas lutou com Melko e o derrotou “na batalha das Lagoas Silentes”; e as Lagoas Silentes

são as Lagoas do Crepúsculo, “bem onde Tulkas depois lutou com o próprio Melko” (*A Queda de Gondolin*, p. 195; o texto original dizia, nesse ponto, “Noldorin e Tulkas”).

O nome *Lumbi* se encontra em outro lugar também (em uma lista de nomes associada ao conto *A Vinda dos Valar*, I. 93), na qual se diz que foi a terceira morada de Melko; e uma anotação no caderno C, bastante misteriosa, diz: “Lumfad. A morada de Melko após libertação. Castelo de Lumbi”. Mas esse conto também está perdido.

É notável que os Noldoli tenham sido levados de volta a Valinor por Egalmoth e Galdor, como se diz em (1). Isso é, no detalhe, contradito por uma afirmação na Lista de Nomes em *A Queda de Gondolin*, que afirma (p. 215) que Egalmoth foi morto no ataque à habitação na foz do Sirion, quando Elwing foi capturada; e é contraditório de maneira geral pela citação (3) a seguir, que nega que os Elfos tenham recebido permissão para habitar em Valinor.

A única outra afirmação a respeito desses eventos se encontra no primeiro dos quatro esboços que constituem o *Conto de Gilfanon*, que lá chamei de “A” (I. 234). Ele diz:

3. Marcha dos Elfos para o mundo.

- A captura de Noldorin.
- O acampamento na Terra dos Salgueiros.
- Exército de Tulkas nas Lagoas do Crepúsculo . . . . . e [?muitos] Gnomos, mas os Homens os atacam na saída de Hisilómë.
- Derrota de Melko.
- Destruição de Angamandi e libertação dos cativos.
- Hostilidade dos Homens. Os Gnomos tomam algumas das joias.

- Elwing e a maioria dos Elfos volta a habitar em Tol Eressëa. Os Deuses não os deixam habitar em Valinor.

  Isso parece divergir de (1) quanto à captura de Noldorin e o ataque dos Homens de Hisilómë antes da derrocada de Melko; mas a afirmação mais notável diz respeito à recusa dos Deuses em permitir que os Elfos habitassem em Valinor. Não há razão para pensar que essa interdição recaía apenas, ou principalmente, sobre os Noldoli. O texto (3) não faz referência específica aos Gnomos nesse aspecto, e a interdição certamente deve ser relacionada ao "pesar e ira dos Deuses" à época da Marcha dos Elfos (p. 253). Ademais, está dito em *O Chalé do Brincar Perdido* (I. 16) que Ingil, filho de Inwë, retornou a Tol Eressëa com "a maior parte dos mais belos e mais sábios; a maior parte dos mais alegres e mais gentis de todos os Eldar", e que a cidade que construiu ali foi chamada de "Koromas, ou 'o Repouso dos eLivross de Kôr'". Isso muito claramente deve ser ligado à afirmação em (3) de que "a maioria dos Elfos volta a habitar em Tol Eressëa" e com o que está dito na p. 255: "As guerras com os Homens e a partida para Tol Eressëa (os Eldar incapazes de suportar a contenda do mundo)". Consideradas em conjunto, essas indicações não deixam dúvidas, penso eu, de que a concepção original de meu pai era de que os Eldar de Valinor empreenderam a expedição para as Grandes Terras contra a vontade dos Valar; junto com os Noldoli resgatados, eles retornaram por sobre o Oceano mas, sem permissão para entrar novamente em Valinor, estabeleceram-se em Tol Eressëa, como "os eLivross de Kôr". Pode-se concluir que alguns deles de fato retornaram a

Valinor no fim pelas palavras de Meril-i-Turinqi (I. 129) de que Ingil, que construiu Kortirion, “há muito voltou para Valinor e está com Manwë”. Mas Tol Eressëa continuou sendo a terra das fadas na concepção antiga, e os eLivross de Kôr, Eldar e Gnomos, falavam tanto *eldarissa* quanto *noldorissa*.

Parece que não há mais nada para se encontrar ou para falar a respeito da história original da chegada do auxílio do Oeste e do renovado ataque a Melko.

A conclusão de toda a história conforme planejada originalmente seria inteiramente rejeitada. Para conhecê-la, dependemos muitíssimo do esboço no caderno C, que retoma a partir da citação (1) acima. Ele é extremamente descuidado e desconjuntado, e está incluído aqui em uma forma ligeiramente editada.

4. Após a partida de Eärendel e a chegada dos Elfos a Tol Eressëa (e a maior parte disso pertence à história dos Homens) grandes eras se passam; os Homens se espalham e prosperam, e os Elfos das Grandes Terras se desvanecem. Conforme a estatura dos Homens cresce, a deles diminui. Homens e Elfos eram de igual estatura outrora, embora os Homens sempre fossem mais robustos.[1]

- Melko foge novamente, com ajuda de Tevildo (que depois de longas eras rói suas amarras); há dissensão entre os Deuses sobre Homens e Elfos, uns favorecendo estes e outros, aqueles. Melko vai a Tol Eressëa e tenta incitar a discórdia em meio aos Elfos

(entre Gnomos e Solosimpi), que ficam consternados e mandam enviados a Valinor. Nenhuma ajuda chega, mas Tulkas manda secretamente Telimektar (Taimonto), seu filho.[2]

- Telimektar da espada de prata e Ingil surpreendem Melko e o ferem, e ele foge e escala o grande Pinheiro de Tavrobel. Antes de os Inwir deixarem Valinor, Belaurin (Palúrien)[3] lhes deu uma semente, e disse que ela deveria ser protegida, pois grandes novas viriam um dia de seu crescimento. Mas ela foi esquecida e lançada no jardim de Gilfanon, e um magno pinheiro cresceu, e ele chegava até mesmo a Ilwë e às estrelas.[4]
- Telimektar e Ingil o perseguem, e eles permanecem agora no céu para guardá-lo, e Melko espreita no alto por cima do ar, querendo sempre ferir o Sol, a Lua e as estrelas (eclipses, meteoros). Continuamente se frustra, mas na primeira tentativa — dizendo que os Deuses haviam roubado o seu fogo para criá-lo — ele revirou o Sol, de modo que Urwendi caiu no Mar, e o Navio caiu até perto do chão, abrasando regiões da Terra. A claridade da radiância do Sol nunca mais foi tão grande, e algo de mágico o abandonou. Por isso, e é assim há muito tempo, as fadas dançam e cantam mais docemente, e podem ser mais bem vistas, à luz da Lua — por causa da morte de Urwendi.
- O “Reacender do Sol Mágico” se refere em parte às Árvores e em parte a Urwendi.
- Ira e pesar de Fionwë. No fim, ele matará Melko.
- “Órion” é a única imagem de Telimektar no céu? [*sic*] Varda lhe deu estrelas, e ele as porta no alto para que os Deuses saibam que está vigiando; tem diamantes na bainha, e ela brilhará rubra quando ele desembainhar a espada no Grande Fim.

- Mas agora Telimektar e Gil,[5] que o segue como uma Abelha Azul, rechaçam o mal, e Varda imediatamente substitui quaisquer estrelas que Melko afrouxe e derrube.
- Ainda que pesarosos, por ordem dos Deuses o Pinheiro é cortado, e Melko, portanto, está agora fora do mundo — mas um dia ele encontrará um caminho de volta, e os últimos grandes tumultos começarão antes do Grande Fim.

Os males que ainda acontecem chegam desta maneira. Os Deuses podem fazer com que coisas entrem nos corações dos Homens, mas não dos Elfos (daí seus tratos difíceis nos dias antigos do Exílio dos Gnomos) e, ainda que Melko se assente do lado de fora, roendo os dedos e fitando o mundo com raiva, ele consegue sugerir o mal aos Homens assim inclinados — mas as mentiras que plantou antigamente ainda crescem e se espalham.

Daí que Melko pode agora causar feridas e danos e mal no mundo apenas por intermédio dos Homens, e ele tem mais poder e sutileza com os Homens do que Manwë ou qualquer um dos Deuses, por causa de sua longa permanência no mundo e em meio aos Homens.

Nesses esquemas iniciais, encontramo-nos em uma mitologia primitiva, com Melko reduzido a uma figura grotesca perseguida pinheiro acima, o qual é depois cortado para mantê-lo fora do mundo, onde ele “espreita no alto por cima do ar” ou se assenta “do lado de fora, roendo os dedos”; ele tomba o Navio-do-Sol, de modo que Urwendi cai no Mar — e, muito estranhamente, ela acaba morrendo.

É certo que Ingil (Gil), que persegue Melko com Telimektar, deve ser identificado como o Ingil, filho

de Inwë, que construiu Kortirion, e isso aparece em diversas notas; ver o Apêndice de Nomes no Volume I, verbetes *Ingil* e *Telimektar*. Essa é a mais completa afirmação sobre o mito de Órion, ao qual se faz menção no *Conto do Sol e da Lua* (ver I. 182, 200):

de Nielluin [Sirius] também, que é a Abelha Azurina, Nielluin a quem todos os homens ainda podem ver no outono ou no inverno ardendo junto ao pé de Telimektar, filho de Tulkas, cujo conto ainda está para ser contado.

Conta-se no dicionário gnômico (I. 256) que Gil se ergueu aos céus e, “na forma de uma grande abelha carregando mel de flama”, seguiu Telimektar. Isso presumivelmente representa uma concepção diferente da mencionada acima, em que Ingil “há muito voltou para Valinor e está com Manwë” (I. 129).

Compare a referência a Fionwë matando Melko “no fim” com a conclusão de *A Ocultação de Valinor* (I. 129):

Fionwë Úrion, filho de Manwë, por amor a Urwendi há de ser, no fim, a ruína de Melko, e há de destruir o mundo para destruir seu inimigo, e assim todas as coisas hão de chegar ao fim.

Ver também o *Conto de Turambar*, p. 116, onde se diz que Turambar “há de estar ao lado de Fionwë na Grande Vindita”.

Para as profecias e esperanças dos Elfos quanto ao Reacender do Sol Mágico, ver pp. 285–6.

O esboço em C continua e se encerra da seguinte forma (novamente, com alguma edição superficial e insignificante):

5. Eras mais longas se passam. Gilfanon é agora o Elfo mais velho e mais sábio de Tol Eressëa, mas não é dos Inwir — portanto Meril-i-Turinqi é Senhora da Ilha.

- Eriol chega a Tol Eressëa. Permanece em Kortirion. Vai a Tavrobel ver Gilfanon e mora na casa de cem chaminés — pois essa é a última condição para que ele beba *limpë*.
- Eriol bebe *limpë*. Gilfanon lhe diz coisas que hão de ser; que em sua mente (embora as fadas esperem o contrário) ele acredita que Tol Eressëa se tornará uma morada de Homens. Gilfanon também profetiza quanto ao Grande Fim e à Ruína das Coisas, e de Fionwë, Tulkas, Melko, e da última batalha nas Planícies de Valinor.
- Eriol termina a vida em Tavrobel, mas em seus últimos dias é consumido de anseio pelas falésias negras de suas costas, assim como Meril dissera.
- O livro jaz intocado na casa de Gilfanon por muitas eras dos Homens.
- O compilador do Livro Dourado retoma o Conto: um dos filhos dos pais dos pais dos Homens. [*Ao lado disso está escrito*:] Talvez seja muito melhor deixar que o próprio Eriol veja as últimas coisas e termine o livro.
- Levante dos Elfos Perdidos contra os Orques e Nautar.[6] Ainda não chegou o momento da Partida Afora, mas as fadas julgam-na necessária. Conseguem, por intermédio de Ulmo, a ajuda de Uin,[7] e Tol Eressëa é desarraigada e arrastada para perto das Grandes Terras, próximo ao promontório de Rôs. Uma ponte mágica é lançada de través no estreito.

Ossë ira-se com o rompimento das raízes da ilha que há tanto tempo ele havia disposto — e muitos dos seus raros tesouros-marinhos crescem à sua volta —, de modo que ele tenta puxá-la de volta; e a metade ocidental se arrebenta, e agora essa é a Ilha de Íverin.

- A Batalha de Rôs: os Elfos Ilhéus e os Elfos Perdidos contra Nautar, Gongues,[8] Orques e alguns Homens malignos. Derrota dos Elfos. Os Elfos desvanecentes retiram-se para Tol Eressëa e se escondem nas matas.
- Os Homens chegam a Tol Eressëa, e também Orques, Anãos, Gongues, Trols etc. Após a Batalha de Rôs, os Elfos se haviam desvanecido de pesar. Não conseguem viver no ar que é respirado por um número de Homens igual ou maior que o deles; e conforme os Homens se tornam mais poderosos e numerosos, as fadas se desvanecem e diminuem e atenuam-se, tornando-se translúcidas e transparentes, mas os Homens se tornam maiores, mais robustos e mais grosseiros. Por fim, os Homens, ou quase todos, não mais conseguem ver as fadas.
- Os Deuses agora habitam em Valinor, e quase nunca vêm ao mundo, satisfeitos em proteger os elementos de Homens totalmente destrutivos. Entristecem-se muito com o que veem; *mas Ilúvatar está acima de tudo*.

Na página oposta ao trecho sobre a Batalha de Rôs está escrito:

Uma grande batalha entre Homens na Charneca do Teto-do-Céu (agora a Charneca Seca), a cerca de uma légua de Tavrobel. Os Elfos e as Crianças fogem por sobre o Gruir e o Afros.

“Mesmo agora eles se aproximam, e nosso grande conto chega ao fim.”

O livro é encontrado nas ruínas da casa de cem chaminés.

Que Gilfanon era o mais velho dos Elfos de Tol Eressëa, embora Meril detivesse o título de Senhora da Ilha, é afirmado também no *Conto do Sol e da Lua* (I. 175): mas o que é mais notável é que Gilfanon (e não Ailios, narrador do *Conto do Nauglafring*, substituído por Gilfanon, ver I. 197 nota 19 e I. 229 e seguintes) aparece nesse esboço, o qual deve, portanto, ter sido escrito tardiamente durante a composição dos *Contos Perdidos*.

São também notáveis as referências a Eriol bebendo *limpë* na “casa de cem chaminés” de Gilfanon. Em *O Chalé do Brincar Perdido* (I. 17), Lindo disse a Eriol que não poderia lhe dar *limpë* para beber:

somente Turinqi pode dispensá-la àqueles que não são da raça dos Eldar, e os que bebem devem habitar para sempre com os Eldar da Ilha até aquele tempo em que eles partam afora para achar as famílias perdidas da gente.

A própria Meril-i-Turinqi, quando Eriol a procurou para pedir um sorvo do *limpë*, foi severa (I. 98):

Se tu beberes essa bebida [...] mesmo na Partida Afora, se Eldar e Homens travarem guerra no fim, ainda assim deves lutar ao nosso lado, contra os filhos de tua terra e gente, mas,

até lá, jamais poderias voltar ao teu lar por mais que a saudade te corroesse [...]

No texto descrito em I. 229 e seguintes, Eriol lamenta a Lindo a recusa em ter seu desejo atendido, e Lindo, apesar de alertá-lo a não "pensar em cruzar as fronteiras que Ilúvatar dispôs", diz que Meril não negou o desejo dele irrevogavelmente. Em uma nota a esse texto, meu pai escreveu: "Eriol [parte] para Tavrobel — depois de Tavrobel, ele bebe do *limpë*."

A afirmação nesse trecho do esboço C, de que Eriol "em seus últimos dias é consumido de anseio pelas falésias negras de suas costas, assim como Meril dissera", claramente se refere ao trecho em *O Acorrentamento de Melko*, do qual citei anteriormente:

num dia de outono chegarão os ventos, e uma gaivota impelida, talvez, lamentará no alto, e eis que te encherás de desejo, lembrando das costas escuras de teu lar. (I. 96).

A referência de Lindo, no trecho de *O Chalé do Brincar Perdido* citado acima, à partida afora dos Eldar de Tol Eressëa "para achar as famílias perdidas da gente" deve igualmente ser relacionada às menções em (5) à Partida Afora (embora ainda não fosse o momento certo), ao "levante dos Elfos Perdidos contra os Orques e Nautar" e aos "Elfos Ilhéus e os Elfos Perdidos" na Batalha de Rôs. Não está claro quem exatamente se deve entender por "Elfos Perdidos"; mas no *Conto de Gilfanon* (I. 231) todos os Elfos das Grandes Terras "que nunca viram a luz de Kôr"

(Ilkorins), quer tenham deixado as Águas do Despertar, quer não, são chamados de “as fadas perdidas do mundo”, e parece provável que esse seja o sentido aqui. Deve-se supor, então, que em Tol Eressëa habitavam apenas os Eldar de Kôr (os “eLivross”) e os Noldoli libertados da escravidão de Melko. A Partida Afora seria a grande expedição desde Tol Eressëa para resgatar aqueles que nunca haviam saído das Grandes Terras.

Em (5) encontramos a ideia de que Tol Eressëa foi arrastada de volta para o leste pelo Oceano até a posição geográfica da Inglaterra — ela se torna a Inglaterra (ver I. 26); o fato de que a parte que foi arrebentada por Ossë, a Ilha de Íverin, é a Irlanda está explicitamente afirmado no dicionário qenya. O promontório de Rôs talvez seja a Bretanha.

Aqui também há uma clara definição do “desvanecimento” dos Elfos, sua diminuição física e crescente tenuidade e transparência, até que se tornam invisíveis (e, por fim, inacreditáveis) à grosseira gente dos Homens. Essa é uma concepção central da mitologia inicial: as “fadas”, conforme concebidas agora pelos Homens (na proporção em que são concebidas corretamente), *tornaram-se* assim. Elas não foram sempre assim. E talvez o mais notável nessa já notável passagem é que vemos o retraimento final e virtualmente completo dos Deuses (a quem os Eldar são “mais semelhantes em natureza”, I. 57) quanto às preocupações “do mundo”, isto é, as Grandes Terras de além-Mar. Aparentemente eles observam, visto que se entristecem, e, portanto, não estão completamente indiferentes ao que se passa nas terras dos Homens, mas dali em diante estão completamente remotos, ocultos no Oeste.

Outros elementos de (5), o Livro Dourado de Tavrobel e a Batalha da Charneca do Teto-do-Céu, serão explicados em breve. Incluo a seguir um trecho separado encontrado no caderno C com o título “Reacender do Sol Mágico. Partida Afora.”

6. A profecia dos Elfos é a de que um dia eles partirão afora de Tol Eressëa e, quando chegarem ao mundo, reunirão todos da sua gente desvanecente que ainda vivem no mundo e marcharão rumo a Valinor pelas terras do sul. Isso farão apenas com a ajuda dos Homens. Se os Homens os ajudarem, as fadas levarão os Homens a Valinor — os que desejarem ir —, travarão uma grande batalha com Melko em Erumáni e abrirão Valinor.[9] Laurelin e Silpion serão reacesas e, uma vez destruída a grande muralha de montanhas, suave radiância se espalhará por todo o mundo, e o Sol e a Lua serão convocados de volta. Caso os Homens se oponham a elas e ajudem Melko, isso resultará na Ruína dos Deuses e no fim das fadas — e talvez no Grande Fim.

Na página ao lado está escrito:

Se as Árvores fossem reacesas, todos os caminhos até Valinor tornar-se-iam claros para trilhar — e os Mares Sombrios abrir-se-iam, claros e desimpedidos — os Homens, assim como os Elfos, provariam da bem-aventurança dos Deuses, e Mandos seria esvaziada.

Essa profecia claramente está por trás das palavras de Vairë a Eriol (I. 19–20): “[…] a Partida Afora,

quando, se tudo correr bem, as estradas de Arvalin até Valinor encher-se-ão de filhos e filhas de Homens.”

Visto que “o Sol e a Lua serão convocados de volta” quando as Duas Árvores fornecerem luz novamente, parece que aqui o “Reacender do Sol Mágico” (ao qual se brinda em Mar Vanwa Tyaliéva, I. 17, 65) refere-se ao reacender das Árvores. Mas na citação (4) acima, afirma-se que “o ‘Reacender do Sol Mágico’ se refere em parte às Árvores e em parte a Urwendi”, enquanto no *Conto do Sol e da Lua* (I. 179), Yavanna parece fazer distinção entre as duas ideias:

“Muitas coisas hão de ser feitas e de passar, e os Deuses hão de envelhecer, e os Elfos chegarão a quase esvanecer antes de verdes o reflagrar destas Árvores ou o Sol Mágico reaceso”, e os Deuses não souberam o que ela queria dizer, falando do Sol Mágico, e nem o souberam por muito tempo depois.

A citação (xix) na p. 264 não deixa a referência clara: Eärendel “retorna do firmamento de quando em quando com Voronwë até Kôr para ver se o Sol Mágico foi aceso e se as fadas retornaram”, mas na nota isolada a seguir, o Reacender do Sol Mágico explicitamente significa o reerguer de Urwendi:

7. Urwendi aprisionada por Móru (tombou para fora do barco por causa de Melko e somente a Lua continuou a ser mágica desde então). A Partida Afora e a Batalha de Erumáni a libertariam e reacenderiam o Sol Mágico.

Esse “tombamento” do Navio-do-Sol por Melko e a perda da “magia” do Sol são mencionados também em (4), onde se acrescenta que Urwendi caiu no mar e ali encontrou sua “morte”. No conto *O Roubo de Melko*, afirma-se (I. 151) que a caverna em que Melko encontrou Ungoliant era o lugar onde o Sol e a Lua foram posteriormente aprisionados, pois “espírito primevo, Móru” de fato era Ungweliant (ver I. 261). A Batalha de Erumáni também está mencionada em (6), e possivelmente deve ser a “última batalha nas Planícies de Valinor” profetizada por Gilfanon em (5). Mas a última parte de (5) mostra que a Partida Afora não deu em nada, e as profecias não foram cumpridas.

Não há outras referências ao arrastar de Tol Eressëa pelo Oceano por Uin, a grande Baleia, à Ilha de Íverin ou à Batalha de Rôs; mas um escrito notável sobrevive, e diz respeito às consequências da “grande batalha entre Homens na Charneca do Teto-do-Céu (agora a Charneca Seca), a cerca de uma légua de Tavrobel” (final da citação (5)). Trata-se de um texto escrito muito apressadamente a lápis e extraordinariamente difícil intitulado *Epílogo*. Ele começa com uma breve nota prefacial:

8. Eriol foge com os Elfos desvanecentes da Batalha da Charneca Alta (Ladwen-na-Dhaideloth) e atravessa o Gruir e o Afros.
As últimas palavras do livro de Contos. Escritas por Eriol em Tavrobel antes de ele selar o livro.

Isso representa o desenvolvimento indicado como desejável em (5): que o próprio Eriol deveria ver as últimas coisas e terminar o livro; mas uma nota isolada em C mostra que meu pai ainda estava

incerto quanto a isso, mesmo depois de o *Epílogo* já existir: “Prólogo pelo escritor de Tavrobel [*isto é, um Prólogo assim é necessário*] contando como ele encontrou os escritos de Eriol e os coligiu. O epílogo dele depois da batalha de Ladwen Daideloth está escrito.”

Os rios Gruir e Afros também aparecem no trecho sobre a batalha ao final de (5). Como se diz ali que a Charneca ficava a cerca de uma légua de Tavrobel, os dois rios são claramente aqueles mencionados no *Conto do Sol e da Lua*: “a Torre de Tavrobel ao lado dos rios” (I. 174 e ver I. 196 nota 2). Em notas dispersas, a batalha também é chamada de “a Batalha do Teto do Firmamento” e “a Batalha de Dor-na-Dhaideloth”.[10]

Coloco agora o texto do *Epílogo*:

E agora está muito próximo o fim dos belos tempos, e vede, toda a beleza que ainda havia na terra — fragmentos do inimaginável encanto de Valinor donde veio o povo dos Elfos há muito, muito tempo — agora se desfaz em fumaça. Aqui estão uns poucos contos, memórias mal contadas, de toda aquela magia e maravilha entre este lugar e Eldamar das quais tornei-me mais conhecedor do que qualquer homem mortal desde que meus passos viandantes chegaram pela primeira vez a esta triste ilha.

Daquela última batalha da charneca alta que tem o vasto céu por teto — e não havia nenhum outro lugar sob as dobras azuis das vestes de Manwë tão perto dos céus, ou tão ampla e tão

completamente dosselado —, tudo o que de doloroso eu vi, contei.

Já desvanecem os Elfos em pesar, e a Partida Afora acabou em ruína, e somente Ilúvatar sabe se algum dia as Árvores hão de ser reacendidas enquanto o mundo perdurar. Vede, saí furtivo à noitinha da charneca arruinada, e meu caminho desceu sinuoso o vale do Riacho de Vidro, mas o pôr do Sol foi enegrecido com os fumos de fogos, e as águas do regato foram conspurcadas com a guerra dos homens e a fuligem da contenda. Meu coração ficou então amargurado por ver os ossos da boa terra postos a nu com ventos onde as mãos destrutivas dos homens haviam dilacerado a urze e as avencas e as queimado para fazer sacrifício a Melko e por desejo de devastação; e os locais em que se aglomeravam as abelhas — que zumbiam o dia todo por entre o tojo e os arbustos de mirtilo há muito tempo, descendo com seu rico mel a Tavrobel —, estes tornaram-se agora fossos e [? montes] de árida terra vermelha, e nada cantava ali, nem dançava, senão ares insalubres e moscas de pestilência.

Agora o Sol morreu e eis que cheguei ao mais mágico dos bosques onde outrora os carvalhos imemoriais postavam-se firmes em meio às faias e esguias bétulas que cresceram depois, mas todas caíram sob os machados impiedosos de homens insensatos. Ai de mim, aqui o caminho era batido com feitiços, trilhado com músicas e encantamento que meandravam por

lá, e por esta vereda soíam os Elfos sair à caça. Ali muitas vezes os vi, e Gilfanon estava lá, e eles cavalgavam qual reis na direção da caça, e a beleza de seus rostos no sol era como a manhã nova, e o vento em seus cabelos dourados, como a glória de brilhantes flores tremulando na aurora, e a música poderosa de suas vozes era como o mar e trombetas e como o som de muitíssimas violas e de inumeráveis harpas douradas. E ainda outra vez vi o povo de Tavrobel sob a Lua, e eles se punham a cavalgar ou dançar pelo vale dos dois rios, onde a ponte cinzenta atravessa as águas que se encontram; e eles passavam rapidamente, como se estivessem trajados de sonhos, salpicados de gemas como os orvalhos cinzentos em meio à relva, e suas brancas vestes capturavam a longa radiância da Lua . . . . . e suas lanças bruxuleavam com flamas prateadas.

E agora o pesar e . . . . . abateu-se sobre os Elfos, Tavrobel está vazia e todos fugiram, [? temendo] o inimigo que se assenta sobre a charneca arruinada e que não está a uma légua de distância; cujas mãos estão rubras com o sangue d’Elfos e maculadas com as vidas de sua própria gente, que fez de si mesmo aliado de Melko e Senhor do Ódio, que lutou ao lado de Orques e Gongues e dos monstros nocivos do mundo — cego, e tolo, e somente a destruição ele conhece. As trilhas das fadas ele transformou em estradas poeirentas onde a sede [?tarda fatigada] e homem nenhum

cumprimenta o outro no caminho, mas passa direto, arrispidado.

Assim desvanecem os Elfos, e há de passar que, por causa das águas que envolvem esta ilha, e ainda mais por causa do seu amor insaciável por ela, poucos hão de fugir, mas, conforme os homens se avultam ali e engordam, e ficam ainda mais cegos, tanto mais os Elfos hão de desvanecer e apoucar-se; e aqueles dos dias posteriores hão de escarnecer, dizendo Quem são as fadas? Mentiras contadas às crianças por mulheres ou homens tolos — quem são essas fadas? E uns poucos hão de responder: Memórias que se turvaram, um espectro de evanescente beleza nas árvores, um farfalhar da relva, um cintilar de orvalho, uma sutil entoação do vento; e outros, ainda em menor número, hão de dizer . . . . . “Muito pequenas e delicadas as fadas são agora e, no entanto, temos olhos para ver e ouvidos para ouvir, e Tavrobel e Kortirion ainda estão repletas [?deste] doce povo. A Primavera as conhece, e o Verão também, e no Inverno ainda estão entre nós, mas é sobretudo no Outono que elas saem, pois o Outono é a sua estação, decaídas que estão no Outono de seus dias. Como hão de estar os sonhadores da terra quando seu inverno chegar.

Ouvi, ó meus irmãos — dirão elas —, as pequenas trombetas soando; ouvimos um som de instrumentos inimaginavelmente pequenos. Como fios de vento, como semitransparências

místicas, Gilfanon, Senhor de Tavrobel, cavalga esta noite em meio ao seu povo, e caça o cervo élfico sob o céu palescente. Uma música de pés esquecidos, um brilho de folhas, uma repentina ondulação da relva,[11] e vozes melancólicas murmurando na ponte, e se vão.

Mas vede, Tavrobel não há de saber seu nome, e toda a terra há de se alterar, e mesmo estas minhas palavras escritas perder-se-ão todas; e, assim, deponho a pena, e dessarte deixo de falar das fadas.

> Outro texto que tem relevância para esses assuntos é o prefácio em prosa a *Kortirion entre as Árvores* (1915), que foi incluído na Parte I, p. 25–6, mas que eu repito aqui:

9. Ora, certa vez as fadas habitaram na Ilha Solitária após as grandes guerras com Melko e a ruína de Gondolin; e erigiram uma bela cidade no centro daquela ilha, e era cingida de árvores. Ora, essa cidade eles chamaram de Kortirion, tanto em memória de sua antiga morada de Kôr, em Valinor, quanto porque a cidade ficava também sobre uma colina e tinha uma grande torre, alta e cinzenta, que Ingil, filho de Inwë, seu senhor, fez erguerem.

Muito bela era Kortirion e as fadas a amavam, e tornou-se rica em canção e poesia e em luz de risos; mas certa vez a grande Partida Afora foi realizada, e as fadas teriam reflagrado o Sol Mágico de Valinor, não fosse a traição e os

corações fracos dos Homens. Mas acontece que o Sol Mágico está morto e a Ilha Solitária, retirada para os confins das Grandes Terras, e as fadas estão espalhadas por todos os largos sendeiros hostis do mundo; e agora os Homens vivem até mesmo nessa ilha desvanecente, e não se importam ou não sabem de seus dias antigos. Ainda assim, há alguns dos Eldar e dos Noldoli de outrora que permanecem na ilha, e suas canções são ouvidas junto às praias dessa terra que certa vez foi a morada mais bela do povo imortal.

E parece às fadas, e parece-me a mim que conheço aquela cidade e amiúde trilhei seus caminhos desfigurados, que o outono e o cair das folhas é a estação do ano quando, talvez aqui ou ali, algum coração entre os Homens possa estar aberto, e algum olho possa perceber como o estado do mundo decaiu do riso e do encanto de outrora. Pensai em Kortirion e entristecei-vos — mas, ainda assim, não haveria esperança?

Neste ponto, podemos nos voltar para a história do próprio Eriol. Novamente aqui, as concepções iniciais de meu pai acerca do marinheiro que chegou a Tol Eressëa não passam de esboços alusivos em páginas do caderninho C, e não é possível reproduzir de maneira útil parte desse material. Talvez o mais antigo seja um grupo de

notas intitulado “Estória da Vida de Eriol”, que incluí no Volume I. 23–4., mas omitindo algumas características que não eram relevantes ali. Eu o coloco novamente aqui, acrescentando as afirmações anteriormente omitidas.

10. O nome original de Eriol era Ottor, mas ele chamava a si mesmo de *Wǽfre* (inglês antigo: “irrequieto, vagante”) e passava a vida nas águas. Seu pai se chamava *Eoh* (inglês antigo: “cavalo”); e Eoh foi morto por seu irmão Beorn, ou “no cerco” ou “em uma grande batalha”. Ottor Wǽfre assentou-se na ilha da Heligolândia, no Mar do Norte, e casou-se com uma mulher chamada Cwén; tiveram dois filhos, chamados Hengest e Horsa “para vingar Eoh”.

O anseio pelo mar então se abateu sobre Ottor Wǽfre (ele era “um filho de Eärendel”, nascido sob sua luz), e após a morte de Cwén, deixou seus jovens filhos. Hengest e Horsa vingaram Eoh e tornaram-se grandes chefes; mas Ottor Wǽfre partiu para buscar e encontrar Tol Eressëa (*se uncúþa holm*, “a ilha desconhecida”).

Em Tol Eressëa se casou, tendo rejuvenescido pelo *limpë* (aqui também chamado pela palavra em inglês antigo *líþ*), com Naimi (Éadgifu), sobrinha de Vairë, e tiveram um filho chamado Heorrenda.

Conta-se então, sem desdobramentos (embora o assunto em si seja de grande interesse e não é reiterado em nenhum outro

lugar), que Eriol falou às fadas sobre *Wóden*, *Þunor, Tíw* etc. (sendo esses os nomes em inglês antigo para os deuses germânicos que, na forma escandinava antiga são *Óðinn*, *Þórr*, *Týr*), e eles os identificaram com Manweg, Tulkas e um terceiro cujo nome está ilegível, mas não se parece com o nome de nenhum dos grandes Valar.

Eriol adotou o nome *Angol*.

Assim foi que, por meio de Eriol e seus filhos, os *Anglos* (isto é, os ingleses) possuem a verdadeira tradição das fadas, de quem os *Íras* e os *Wéalas* (os irlandeses e os galeses) contam coisas deturpadas.

Assim nasceu uma tradição especificamente inglesa sobre as fadas, mais verdadeira do que qualquer coisa que se encontra em terras célticas.

O casamento de Eriol em Tol Eressëa jamais é aludido em qualquer outro lugar; mas seu filho Heorrenda é mencionado (embora não como filho de Eriol) na ligação no início de *A Queda de Gondolin* (p. 145) como alguém que depois verteu uma canção das donzelas de Meril para a língua do seu povo. Um pouco mais de luz se joga sobre Heorrenda no decorrer deste capítulo.

A essas notas estão associados uma folha de rosto e um prólogo que é interrompido após algumas linhas:

11. O Livro Dourado de Heorrenda
sendo este o livro dos
Contos de Tavrobel

_____

Heorrenda de Hægwudu

Este livro escrevi usando os escritos que meu pai Wǽfre (cujo nome os Gnomos deram por conta das regiões de seu lar, Angol) compôs em sua estadia na ilha sagrada nos dias dos Elfos; e muito mais acrescentei daquelas coisas que seus olhos não viram depois; mas tais coisas ainda não serão contadas. Pois sabei

Aqui, portanto, o Livro Dourado foi compilado a partir dos escritos de Eriol por seu filho Heorrenda — em oposição a (5), em que foi compilado por um anônimo, e também em oposição ao *Epílogo* (8), segundo o qual o próprio Eriol concluiu e selou o livro.

Como eu mencionei anteriormente (I. 24), *Angol* se refere ao antigo lar dos “ingleses” antes de atravessarem o Mar do Norte (para a etimologia de *Angol/Eriol* “falésias de ferro” ver I. 24, 252).

12. Há também uma tabela genealógica acompanhando o esboço (10) e em completa concordância com ele. A tabela foi escrita em duas versões que são idênticas a não ser por um ponto: onde em uma delas está Beorn, irmão de Eoh, na outra há *Hasen de Isenóra* (inglês antigo: “costa de ferro”). Mas ao final da tabela está apresentado o fato principal de todos esses materiais primitivos acerca de Eriol e Tol Eressëa: Hengest e Horsa, filhos de Eriol com Cwén na Heligolândia, e Heorrenda, seu filho com Naimi em Tol Eressëa, estão reunidos entre colchetes e, sob o nome deles, está escrito:

conquistaram Íleg
(“seo unwemmede Íleg”)
agora chamada de Englalandª
e ali habitam os Angolcynn ou Anglos.

Íleg é inglês antigo, “ilha”; *seo unwemmede Íleg* “a ilha imaculada”. Mencionei anteriormente (I. 25, nota de rodapé) um poema que meu pai escreveu em Étaples em junho de 1916, chamado “A Ilha Solitária” e dirigido à Inglaterra: esse poema tem o título em inglês antigo *seo Unwemmede Íleg*.

13. Seguem-se, no caderno C, algumas anotações que identificam precisamente lugares em Tol Eressëa com lugares na Inglaterra.

Primeiro, o nome *Kortirion* é explicado. O elemento *Kôr* deriva do nome mais antigo *Qoră*, e do ainda mais antigo *Guoră*, mas a partir de *Guoră* também derivou (isto é, em gnômico) a forma *Gwâr*. (Essa formulação está de acordo com o dicionário gnômico, ver I. 257). Assim, *Kôr* = *Gwâr*, e *Kortirion* = **Gwarmindon* (o asterisco implica uma forma hipotética e não atestada). O nome que era de fato usado em gnômico tinha os elementos invertidos, *Mindon-Gwar*. (*Mindon*, assim como *Tirion*, significava e continuou a significar sempre “torre”. O significado de *Kôr/Gwâr* não é dado aqui, mas tanto no conto *A Vinda dos Elfos* (I. 122) e no dicionário gnômico (I. 257), explica-se que o nome faz referência à *rotundidade* da colina de Kôr).

A nota continua (usando formas em inglês antigo): “In Wíelisc *Caergwâr*, in Englisc *Warwíc*”. Portanto, o elemento *War-* em *Warkwick* teria a mesma origem élfica de *Kor-* em *Kortirion* e *Gwar*

em *Mindon-Gwar*.[12] Por fim, afirma-se que “A capital de Hengest era Warwick”.

A seguir, Horsa (irmão de Hengest) é associado a *Oxenaford* (inglês antigo: Oxford), que recebe os equivalentes em q[enya] *Taruktarna* e o gnômico **Taruithorn* (ver o Apêndice de Nomes, p. 347).

Afirma-se que o terceiro dos filhos de Eriol, Heorrenda, tinha sua “capital” em Great Haywood (o vilarejo de Staffordshire onde meus pais moraram em 1916–17, ver I. 25), e ela recebe os equivalentes em qenya *Tavaros*(*së*) e *Taurossë*, e os gnômicos *Tavrobel* e *Tavrost*; e também “Englisc [isto é, inglês antigo] *Hægwudu se gréata, Gréata Hægwudu*”.[13]

Essas notas se encerram com a afirmação de que “Heorrenda chamava Kôr, ou Gwâr, de ‘Tûn’”. No contexto dessas concepções, isso é obviamente a palavra em inglês antigo *tún*, uma habitação cercada, da qual desenvolveu-se a palavra moderna *town* [vila, cidade] e o sufixo toponímico -*ton*. *Tûn* apareceu várias vezes nos *Contos Perdidos* como uma correção tardia ou como alternativa de *Kôr*, alterações que sem dúvida foram feitas na época da situação posterior (ou em antecipação a ela) em que a cidade era *Tûn* e o nome *Kôr* se restringia à colina em que ela estava. Ainda mais tarde, *Tûn* tornou-se *Túna* e, quando a cidade dos Elfos foi chamada de *Tirion*, a colina tornou-se *Túna*, como em *O Silmarillion*. Nessa época, ela deixou de ter qualquer conotação de “local de moradia” e libertou-se de todas as conexões com a real origem que vemos aqui, no inglês antigo *tún*, a “cidade” de Heorrenda.

Será que todo esse material poderia ser reunido e formar uma narrativa coerente? Acredito que sim

(levando-se em conta que há certas diferenças irreconciliáveis quanto à vida de Eriol), e eu a reconstruiria da seguinte forma:

- Os Eldar e os Noldoli resgatados partiram das Grandes Terras e chegaram a Tol Eressëa.
- Em Tol Eressëa, construíram muitas cidades e aldeias, e em Alalminórë, a região central da ilha, Ingil, filho de Inwë, construiu a cidade de Koromas, “o Repouso dos eLivross de Kôr” (“eLivross” porque não poderiam voltar a Valinor); e a grande torre de Ingil deu à cidade o seu nome, *Kortirion*. (Ver I. 16).
- Ottor Wǽfre veio da Heligolândia a Tol Eressëa e morou no Chalé do Brincar Perdido em Kortirion; os Elfos deram-lhe o nome de *Eriol*, ou *Angol* em homenagem às “falésias de ferro” de seu lar.
- Depois de um tempo, tendo aprendido muito acerca da história antiga de Deuses, Elfos e Homens, Eriol foi visitar Gilfanon no vilarejo de Tavrobel, e lá registrou o que aprendera; também lá, por fim, bebeu *limpë*.
- Em Tol Eressëa, Eriol casou-se e teve um filho chamado Heorrenda (Meio-Elfo!). (De acordo com (5), Eriol morreu em Tavrobel, consumido de anseio “pelas falésias negras de suas costas”; mas, conforme (8), certamente posterior, ele viveu para ver a Batalha da Charneca do Teto-do-Céu).
- Os Elfos Perdidos das Grandes Terras ergueram-se contra o domínio dos serviçais de Melko; e a prematura Partida Afora aconteceu, momento no qual Tol Eressëa foi arrastada de volta ao leste pelo Oceano e ancorada para lá das costas das Grandes Terras. A metade ocidental foi arrebentada quando Ossë tentou arrastar a ilha de volta, e tornou-se a Ilha de Íverin (= Irlanda).

- Tol Eressëa estava agora na posição geográfica da Inglaterra.
- A grande batalha de Rôs terminou com a derrota dos Elfos, que se ocultaram em Tol Eressëa.
- Homens malignos entraram em Tol Eressëa, acompanhados de Orques e outros seres hostis.
- A Batalha da Charneca do Teto-do-Céu se deu não muito longe de Tavrobel e, de acordo com (8), foi testemunhada por Eriol, que completou o Livro Dourado.
- Os Elfos se desvaneceram e tornaram-se invisíveis aos olhos de quase todos os Homens.
- Os filhos de Eriol — Hengest, Horsa e Heorrenda — conquistaram a ilha e ela se tornou a “Inglaterra”. Eles não eram hostis aos Elfos, e por meio deles os ingleses adquiriram a “verdadeira tradição das fadas”.
- Kortirion, antiga morada das fadas, passou a ser conhecida como Warwick no idioma dos ingleses; Hengest morava ali, enquanto Horsa morava em Taruithorn (Oxford) e Heorrenda, em Tavrobel (Great Haywood). (De acordo com (11), Heorrenda completou o Livro Dourado.)

Talvez essa reconstrução não esteja “correta” em todas as partes: de fato, é possível que qualquer tentativa do tipo seja artificial por tratar todas as notas e rabiscos como se tivessem peso equivalente, e todas as ideias como se fossem estritamente contemporâneas e relacionadas umas às outras. Contudo, acredito que isso demonstre corretamente, nos elementos essenciais, como meu pai planejava ordenar a narrativa dentro da qual os *Contos Perdidos* seriam inseridos; e acredito também que essa era a concepção que ainda

subjazia aos *Contos* da maneira que sobreviveram e que foram incluídos nesses volumes.

Por conveniência, farei referência a esse fio narrativo como “a narrativa *Eriol*”. Suas características mais notáveis, em contraste com a história posterior, são a transformação de Tol Eressëa na Inglaterra e o surgimento precoce (em relação à história completa) do marinheiro e sua importância.

De fato, meu pai estava explorando (antes de decidir por uma transformação radical de toda a concepção) ideias pela qual a importância dele seria muito aumentada.

14. A partir de rabiscos muito descuidados, pode-se depreender que Eriol ficou atormentado de tal forma pela nostalgia que içou velas de Tol Eressëa com seu filho, Heorrenda, contrariando a ordem de Meril-i-Turinqi (ver o trecho de *O Acorrentamento de Melko* citado na p. 284); mas o propósito dele ao fazê-lo era também “apressar a Partida Afora”, que ele “apregoava” nas terras do Leste. Tol Eressëa foi arrastada de volta para os confins das Grandes Terras, mas de imediato povos hostis chamados de *Guiðlin* e *Brithonin* (e, em uma dessas notas, também os *Rúmhoth*, Romanos) invadiram a ilha. Eriol morreu, mas seus filhos, Hengest e Horsa, sobrepujaram os Guiðlin. Contudo, pela desobediência de Eriol ao comando de Meril, retornando antes do momento certo da Partida Afora, “tudo estava amaldiçoado”; e os Elfos desvaneceram diante do ruído e do mal da guerra. Uma frase isolada faz menção a “uma estranha profecia de que um homem de boa vontade e, no entanto, devido ao

anseio pelas coisas dos Homens, pode levar a nada a Partida Afora".

Assim, o papel de Eriol se tornaria central na história dos Elfos; mas não há indício de que essas ideias jamais foram além desse estágio exploratório.

Afirmei que penso que a reconstrução fornecida anteriormente ("a narrativa *Eriol*") é, nos elementos essenciais, a concepção que subjaz a moldura dos *Contos Perdidos*. Isso se dá por razões positivas e negativas: positivas porque ele ainda é chamado aí de *Eriol* (ver p. 300), e porque Gilfanon, que entra tardiamente (substituindo Ailios) no desenvolvimento dos *Contos*, também aparece na citação (5), uma das principais fontes desta reconstrução; negativas porque realmente não há nada que contradiga essa que é a suposição mais fácil. Não há afirmação explícita em lugar algum dos *Contos Perdidos* de que Eriol tenha vindo da Inglaterra. No começo (I. 13), ele é somente "um viajante vindo de terras distantes"; e o fato de que a história que contou a Vëannë sobre sua vida pregressa (pp. 4–7) combina bem com outros relatos, segundo os quais seu lar é explicitamente na Inglaterra, não faz nada além de mostrar que a história permaneceu enquanto a geografia foi alterada — assim como as "costas escuras" de seu lar sobreviveram nos escritos posteriores e tornaram-se as costas ocidentais da Grã-Bretanha, ao passo que a referência mais antiga a elas é a etimologia de *Angol* "falésias de ferro" (seu próprio nome, = *Eriol*, da terra "entre os mares", Angeln na

península dinamarquesa, de onde ele veio: ver I. 252). De fato, há um esboço rejeitado muito antigo da vida de Eriol em que características essenciais da mesma história são delineadas — o ataque à morada de seu pai (neste caso, a destruição do castelo de Eoh por seu irmão Beorn, ver citação (10)), o cativeiro e fuga de Eriol — e, nessa nota, afirma-se que Eriol depois "vagou pelos ermos das Terras Centrais até o Mar Interior, *Wendelsæ* [inglês antigo, o Mediterrâneo], e de lá para as praias do Mar do Oeste", de onde seu pai originalmente viera. A menção no texto datilografado da *Ligação* ao *Conto de Tinúviel* (p. 6) a homens selvagens vindos das Montanhas do Leste, *que o duque conseguia ver de sua torre*, parece igualmente implicar que, nessa época, o lar original de Eriol ficava em alguma região "continental".

O único indício, até onde consigo ver, de que essa visão poderia não estar correta se encontra em um antigo poema com uma história complexa, e alguns textos dele eu incluo aqui.

Os primeiros rascunhos descuidados desse poema sobrevivem; o título original era "A Fidelidade do Errante" e não está claro se foi concebido inicialmente como um poema em três partes. Meu pai subsequentemente escreveu subtítulos nesses rascunhos, dividindo o poema em três: *Prelúdio*, *A Cidade Interior* e *A Cidade Pesarosa*; e acrescentou uma data, 16–18 de março de 1916. Na única cópia tardia que restou do poema completo, o título geral é *A Vila dos Sonhos e a Cidade do Pesar Presente*, com as três partes intituladas *Prelúdio* (inglês antigo *Foresang*), *A Vila dos Sonhos* (inglês antigo *Þæt Slǽpende Tún*) e *A Cidade do Pesar Presente* (inglês antigo *Seo Wépende Burg*). O texto inclui as datas "março de

1916, Oxford e Warwick; reescrito em Birmingham em novembro de 1916". "A Vila dos Sonhos" é Warwick, no Rio Avon, e "A Cidade do Pesar Presente" é Oxford, no Tâmisa, durante a Primeira Guerra. Não há associação evidente de nenhum tipo com Eriol ou com os *Contos Perdidos*.

Prelúdio

Os pais dos meus pais, num tempo incerto
Chegaram, e filho após filho
Arraigou-se entre os pomares e os prados,
Na longa relva do campo fragrante:
Os verões os viram fazer fogos de perto
Com íris nos juncos curvados,
E as flores virando frutos de fulvo brilho
Em meio aos jardins da campina grande.

Entre as árvores, narcisos fremiam
Na primavera; os homens gargalhavam,
Na labuta, faziam lais ditosos
E canções de beber os refrescavam.
O sono era fácil, as abelhas zumbiam
Aos montes nas jardineiras floridas;
Amando os solares dias formosos,
Em quietas horas passavam as vidas
Já tanto tempo atrás;
Não cantam, colhem, nem semeiam mais.
E morei em muitas cidades dessa ilha
Por um tempo em minha vida andarilha.

A Vila dos Sonhos

Dias gentis se passaram aqui
Nessa urbe de antigo esquecimento;
E emaranhado em sonhos eu dormi
Sem eco ouvir do mundo em sofrimento
No farfalhar das folhas dos olmeiros,
E enquanto o Avon cantava nos baixios,
A manhã e o entardecer, faceiros,
Corriam n’água até o Outono vir,
(Tal como folhas de dourado lume
Qual jorros flamejantes a partir
Morosamente pelo escuro flume).

Pois aqui o castelo e a torre pujante,
Mais grises que a chuva em novembro
Que os olmeiros mais elevados,
Dormem; e nem a luz, nem hora triunfante,
Nem a passagem de estações ou Sol
Acorda os senhores em sono atados.

Seus sonhos vigília alguma atrapalha;
Nem mesmo a luz que pelo rio gargalha;
Quer trajados de neve ou lanhados por chuvas,
Quer março levante o pó de sendas e curvas,
O olmo se veste e despe de folhas milhões —
Momentos colhidos num ano cheio —
Mas impassíveis são seus corações,
Não compreendem tal maré de maldade,
De Hoje o pesar, de Amanhã o receio:
Ecos se perdem nos salões dormentes

E o dia se faz, nos muros, luzente.

A Cidade do Pesar Presente

Há uma cidade em remoto lugar
E um vale escavado em dias saudosos —
Lá a grama era larga e o olmedal minuía
E no ar desse vale um senso de rio havia.
A terra e os céus os salgueiros vieram a alterar,
Na plaga onde os rios eram sinuosos,
E, curvados, os seus troncos antigos
À margem do Tâmisa davam abrigo;
N’água se viam matizes sutis
Nos remansos onde as folhas quedavam:
Uma colcha de joias que brilhavam,
Lampejos filtrados, verdes e anis.

Ó cidade antiga, de tão breve estadia,
Nas tuas janelas, ardendo eu via
Velas e lâmpadas de homens finados.
Em vestes de noite e coroa estelar,
Possuis meu cor com magia sem par,
E voltam à vida os dias passados;
Auroras ou noites trazem os tons
Do velho ocaso daquela cidade.
Tu tens o cerne do deleite e do desejo,
A ti meu espírito em sono vai,
Tuas grandes ruas invade,
Ou à noite em viela clara o vejo,
Sem pensar noutras cidades que conheceu,
Do forte de árvores não lembra mais,

Nem da vila dos sonhos, já sem sons.
Pois teu cor sabe, e tu choras os danos
Que chegaram nesses malignos anos.
Os mil coruchéus e as torres ornadas
Luzem com ecos e chamas delgadas
Dos carrilhões de badalada infinda
Que trazem visões de anos opulentos
Dispersos em longes vias nos ventos;
E nos salões, tua alma canta ainda
Memórias passadas nos prantos presentes
E a esperança com medo dos dias à frente.
Ainda que o riso das trilhas suma,
Que a guerra os teus muitos filhos consuma,
Tua glória vence qualquer maldade,
Em coroa estelar, triste majestade.[A]

Além disso, há dois textos em que um trecho de *A Cidade do Pesar Presente* é tratado como uma entidade à parte. Começa com o verso “Ó cidade antiga, de tão breve estadia,” e é mais curta: depois de “Sem pensar noutras cidades que conheceu”, ela termina assim:

Que todo homem chora não lembra mais,
Vagueia feliz e a ti canta os sons:
“Tua glória vence qualquer maldade,
Em coroa estelar, triste majestade!”[B]

O título inicial era *A Cidade Pesarosa*, mas foi então alterado para *Wínsele wéste, windge reste réte berofene* (*Beowulf*, versos 2456–7, adaptados muito levemente: “o salão dos banquetes vazio, os

locais de descanso varridos pelo vento, despojados de riso”).

Há também dois manuscritos em que *A Vila dos Sonhos* é tratado como um poema à parte, com o subtítulo *Uma antiga vila revisitada*; em um deles, o título primário foi posteriormente alterado para *A Vila dos Dias Mortos*.

Por fim, há um poema em duas partes chamado *A Canção de Eriol*. Ele se encontra em três manuscritos, cada um incorporando alterações menores feitas ao precedente (mas o terceiro manuscrito tem somente a segunda parte do poema).

A Canção de Eriol

Eriol compôs uma canção na Sala do Fogo-do-Conto relatando como seus pés se puseram a viandar, de modo que afinal encontrou a Ilha Solitária e aquela mui bela cidade de Kortirion.

1

Os pais dos meus pais, num tempo incerto
Chegaram, e filho após filho
Arraigou-se entre os pomares e os prados,
Na longa relva do campo fragrante:

Os verões os viram fazer fogos de perto
Com íris em meio aos juncos curvados,
E as flores virando frutos de fulvo brilho
Em meio aos jardins da campina grande.

Entre as árvores, narcisos fremiam
Na primavera; os homens gargalhavam,
Na labuta, faziam lais ditosos
E canções de beber os refrescavam.
O sono era fácil, as abelhas zumbiam

Aos montes nas jardineiras floridas;
Amando os solares dias formosos,
Em quietas horas passavam as vidas
Já tanto tempo atrás;
Não cantam, colhem, nem semeiam mais.
E morei em muitas cidades dessa ilha
Por um tempo em minha vida andarilha.

2

Choques de arsenais, grandes reis em guerras,
No punho, espadas inefáveis;
Como espigas de trigo, as incontáveis
Lanças rolaram pelas Grandes Terras;

No Mar o atroo das frotas, e detrás
Das tropas ardiam vilas, cultivos;
Cidades pilhadas, e em pira mordaz
Caíam; coroa e tesouro altivo,

Reis, seu povo, esposas, doces donzelas,
Consuntos. Quietas as cortes reais,
Torres no chão, quase nada mais delas,
E ninguém cruza os ruídos portais.

Lá, em campo de sangue, meu pai morreu,
E em cerco voraz minha mãe tombou,
Eu, cativo, ouvi quando mar se ergueu
bramando, e meu espírito clamou

Pela costa oeste, há muito a terra dos pais
De minha mãe, e quebrei os grilhões,
Passei por vales e estéreis torrões,
Até meu pé encontrar o mar ocidental

E meus ouvidos não ouvirem mais
Pelo rugir do mar ocidental —
Mas isso há tanto tempo.
Às baías e às ondas estou atento,
Aos cabos de ocaso e arquipélago nevoento,
Aos desertos de sal e estreitos entre a magia
Dessa ilha e as costas que eu conhecia.[C]

Um dos manuscritos de *A Canção de Eriol* possui uma anotação posterior: “Easington 1917–18” (Easington, no estuário do Humber. Ver Humphrey Carpenter, *Biografia*, p. 137). Talvez a segunda parte de *A Canção de Eriol* tenha sido escrita em Easington e acrescentada à primeira parte (antes chamada de *Prelúdio*), a qual já existia.

Pouca coisa de natureza estritamente narrativa pode ser depreendida desse poema, exceto pelos contornos da mesma história: o pai de Eriol tombou em “um campo de sangue” quando as guerras dos “grandes reis [...] rolaram pelas Grandes Terras”, e a mãe dele morreu “em cerco voraz” (a mesma expressão usada na *Ligação* ao *Conto de Tinúviel*, pp. 5–6); ele mesmo foi feito cativo, mas escapou e acabou chegando às praias do Mar do Oeste (de onde o povo de sua mãe viera).

O fato de que a primeira parte de *A Canção de Eriol* também faz as vezes de Prelúdio para um poema cujos objetos são Warwick e Oxford pode nos fazer suspeitar que o castelo com uma grande torre olhando por cima de um rio na história que Eriol contou a Vëannë era, novamente, Warwick. Mas não acho que seja o caso. De toda forma, permanece a objeção de que seria difícil acomodar

o ataque a ela por homens vindos das Montanhas do Leste que o duque conseguia ver de sua torre; mas também penso estar claro que o poema original tripartite foi separado, e o *Prelúdio* recebeu outro propósito: os “pais dos pais” de meu pai tornaram-se “pais dos pais” de Eriol. Ao mesmo tempo, certas imagens poderosas eram simultaneamente dominantes e fluidas, e a grande torre do lar de Eriol de fato se tornaria a torre de Kortirion, ou Warwick, quando (como se verá em instantes) a estrutura da história do marinheiro foi radicalmente alterada. E nada poderia demonstrar isso mais claramente do que a evolução desse poema, de cuja complexa raiz emergiu a história.

Humphrey Carpenter, escrevendo em sua *Biografia* sobre a vida de meu pai após retornar a Oxford em 1925, afirma (pp. 231–2):

Depois de realizar inúmeras revisões e de reordenar as principais histórias do ciclo, decidiu abandonar a forma “Eriol”, o nome do navegante original a quem eram contadas as histórias, e substituí-la por “Ælfwine”, ou “amigo dos elfos”.

É certeza que *Eriol* foi (por um tempo) substituído por *Ælfwine*. Mas embora seja bem possível que, na época dos textos que serão estudados agora, o nome *Eriol* tivesse realmente sido rejeitado, na primeira versão de “O Silmarillion” propriamente dito, escrita em 1926, *Eriol* reaparece, enquanto na primeira versão dos *Anais de Valinor*, escritos nos anos de 1930, afirma-se que foram traduzidos em Tol Eressëa “por Eriol de Leithien, que é Ælfwine

dos Angelcynn". Por outro lado, nesse período inicial, parece inteiramente justificável, a julgar pelas evidências, tratar os dois nomes como indicadores de projeções narrativas diferentes: "a narrativa *Eriol*" e "a narrativa *Ælfwine*".

"Ælfwine", portanto, está associado a uma nova concepção, *subsequente* à composição dos *Contos Perdidos*. O marinheiro é Ælfwine, e não Eriol, no segundo "Esquema" para os *Contos*, o qual chamei de "um projeto não realizado para a revisão de toda a obra" (ver I. 234). É possível agora deixar clara a diferença essencial, antes de citar as complicadas evidências: *Tol Eressëa agora não é identificada de maneira alguma com a Inglaterra*, e a história de que a Ilha Solitária foi arrastada de volta pelo mar foi abandonada. A Inglaterra ainda está no coração dessa concepção posterior, e é chamada de *Luthany*.[14] O marinheiro, Ælfwine, é um inglês viajando para oeste desde as costas da Grã-Bretanha, e seu papel diminuiu. Pois enquanto nos escritos estudados até agora ele chega a Tol Eressëa *antes* do desenlace e do desastre da Partida Afora, e ou ele ou seus descendentes testemunham a devastação de Tol Eressëa pela invasão dos Homens e seus aliados malignos (em um dos fios de desenvolvimento, foi ele próprio responsável por isso, p. 294), nos esboços da narrativa posterior, ele só chega depois que toda a dolorosa história está encerrada. Seu papel é simplesmente o de aprender e registrar.[15]

Volto-me agora para várias passagens curtas e muito oblíquas, escritas em retalhos soltos, mas que se encontram juntos e claramente datam mais ou menos da mesma época.

15. *Æ*lfwine da Inglaterra morava no Sudoeste; era da gente de Ing, Rei de Luthany. Sua mãe e seu pai foram mortos pelos piratas do mar e ele foi feito cativo.

Sempre amou as fadas: seu pai lhe contara muitas coisas (da tradição de Ing). Ele foge. Percorre as águas setentrionais e ocidentais. Encontra o Marinheiro Ancião — e procura por Tol Eressëa (*seo unwemmede íeg*), para onde a maioria dos Elfos não desvanecidos se retiraram, fugindo do ruído, guerra e clamor dos Homens.

Os Elfos lhe dão boas-vindas, e ainda mais quando descobrem quem é por ele mesmo. Chamam-no de *Lúthien*, o homem de Luthany. Ele descobre que sua própria língua, a antiga língua inglesa, é falada na ilha.

O “Marinheiro Ancião” já apareceu na história que Eriol contou a Vëannë (pp. 5, 7), e muito mais será dito sobre ele a seguir.

16. *Æ*lfwine da Englaland, [*acrescentado depois*: impelido pelos normandos,] chega a Tol Eressëa, para onde a maioria dos Elfos desvanecentes se retiraram do mundo, e lá não mais desvanecem agora.

Descrição do porto na costa do sul. As fadas o recepcionam bem ao ouvir que ele vem da Englaland. Fica surpreso ao ouvi-los falando na língua de *Æ*lfred de Wessex, embora uns com os outros falem um idioma doce e desconhecido.

Os Elfos dão-lhe o nome de Lúthien, pois ele vem de Luthany, como eles a chamam (“amigo” e “amizade”). Eldaros ou *Æ*lfhâm. Ele vai até Rôs, sua capital. Ali encontra o Chalé do Brincar Perdido, e Lindo e Vairë.

Diz quem é e de onde vem, e por que buscou tanto tempo pela ilha (por causa das tradições entre a gente de Ing), e implora aos Elfos que voltem à Englaland.

Aqui começa (como uma explicação do porquê não podem) a série de histórias chamada de Livro dos Contos Perdidos.

Nesse trecho (16), Ælfwine está mais firmemente enraizado na história inglesa: ao que parece, é um homem da Wessex do século XI — mas, como em (15), ele é “da gente de Ing”. A capital dos Elfos de Tol Eressëa não é Kortirion, mas Rôs, um nome agora empregado de modo bastante distinto da citação (5), em que Rôs era um promontório das Grandes Terras.

Não fui capaz de encontrar qualquer vestígio do processo pelo qual o nome *Lúthien* veio a ser empregado de maneira tão diferente depois (*Lúthien Tinúviel*). Outra nota desse período explica o nome de modo muito diverso: “Lúthien, ou Lúsion, era filho de Telumaith (Telumektar). Ælfwine amava o sinal de Órion, e fazia o sinal, pelo que as fadas o chamaram de Lúthien (Viandante).” Não há qualquer outra menção à associação peculiar de Ælfwine com Órion e nem dessa interpretação do nome Lúthien. Esse parece ser um desenvolvimento que meu pai não levou adiante.

Convém aqui incluir a passagem de abertura do segundo Esquema para os *Contos Perdidos* mencionado acima; ele claramente pertence à mesma época que o resto dessas notas acerca de Ælfwine, quando os *Contos* já haviam atingido o último estágio a que um dia chegaram dentro da primeira estrutura.

17. Ælfwine acorda em uma praia de areia. Ele ouve o mar, que está distante. A maré está baixa e se afastou.

Ælfwine encontra os Elfos de Rôs; descobre que falam o idioma dos ingleses, além de sua própria doce língua. Porque o fazem — a morada dos Elfos em Luthany e sua ida para lá e de volta. Vestem-no e o alimentam, e ele sai andando pelas veredas floridas da ilha.

O esquema prossegue dizendo que, numa noite de verão, Ælfwine chegou a Kortirion, e nisso difere de (16), em que ele vai “até Rôs, sua capital”, onde encontra o Chalé do Brincar Perdido. O nome Rôs parece ser usado aqui com ainda outro sentido — possivelmente um nome para Tol Eressëa.

18. Vai para Ælfhâm (Lardelfos) Eldos, onde Lindo e Vairë lhe contam muitas coisas: da feitura e maneira antiga do mundo: dos Deuses: dos Elfos de Valinor: dos Elfos Perdidos e Homens: da Labuta dos Gnomos: de Eärendel: da Partida Afora e da Perda de Valinor: do desastre da Partida Afora e da guerra com Homens malignos. A retirada para Luthany, onde Ingwë era rei. Da nostalgia dos Elfos e de como a maior parte quis voltar para Valinor. A perda de Elwing. Como um novo lar foi feito pelos Solosimpi e outros em Tol Eressëa. Como os Elfos continuamente deixam tristes o mundo e partem para lá.

Para a interpretação desse trecho é essencial perceber — e essa é a chave para a compreensão desse projeto de história — que a “Partida Afora” *não se refere* à Partida Afora no sentido que tem sido usado até agora — a que foi feita desde Tol

Eressëa para o Reacender do Sol Mágico, que acabou em ruína —, mas à Marcha dos Elfos de Kôr e a “Perda de Valinor” que resultou da Marcha (ver pp. 253, 257, 280). Não fica clara a razão pela qual ela é aqui chamada de “desastre”: mas isso deve ser associado, evidentemente, à “guerra com Homens malignos”, e há menção nas citações (1) e (3) a uma guerra entre Elfos e Homens na época da Marcha de Kôr.

Na “narrativa *Eriol*” fica explícito que, depois da Marcha de Kôr, os Elfos partiram das Grandes Terras para Tol Eressëa; aqui, por outro lado, a “guerra com Homens malignos” é seguida de uma “retirada para Luthany, onde Ingwë era rei”. A partida (parcial) para Tol Eressëa acontece de Luthany; a perda de Elwing parece se dar em uma dessas viagens. Como se verá, a “Partida Afora” da “narrativa *Eriol*” desapareceu como evento na história élfica e é mencionada apenas como uma profecia e uma esperança.

Esquematicamente, as divergências essenciais entre as duas estruturas narrativas podem ser dispostas assim:

(narrativa *Eriol)*	(narrativa *Ælfwine)*
Marcha dos Elfos de Kôr para as Grandes Terras	Marcha dos Elfos de Kôr para as Grandes Terras (chamada de “a Partida Afora”)
Guerra com Homens nas Grandes Terras	Guerra com Homens nas Grandes Terras
Retirada dos Elfos para Tol Eressëa (perda de Elwing)	Retirada dos Elfos para Luthany (> Inglaterra), governada por Ingwë
	Partida de muitos Elfos para Tol Eressëa (perda de Elwing)
Eriol iça velas do Leste (região do Mar do Norte) para Tol Eressëa	Ælfwine iça velas da Inglaterra para Tol Eressëa
A Partida Afora, Tol Eressëa é	

arrastada para as Grandes Terras; no fim, Tol Eressëa > Inglaterra

Evidentemente, isso não é de maneira alguma uma descrição completa da narrativa *Ælfwine*, e simplesmente indica as diferenças radicais na estrutura. Está ausente a história de Luthany, que aparece nos trechos a seguir.

19. *Luthany* significa “amizade”, *Lúthien*, “amigo”. Luthany é a única terra onde Homens e Elfos certa vez habitaram uma era em paz e amor.

Como por algum tempo após a vinda dos filhos de Ing os Elfos prosperaram novamente e deixaram de ir embora para Tol Eressëa.

Como o inglês antigo tornou-se a única língua mortal que um Elfo se dispõe a falar com um mortal que não sabe élfico.

20. Ælfwine da Inglaterra (cujo pai e mãe foram mortos pelos ferozes Homens do Mar que não conheciam os Elfos) tinha grande amor pelos Elfos, especialmente pelos Elfos das terras costeiras que permaneciam naquela terra. Ele procura por Tol Eressëa, para onde se diz que as fadas se retiraram.

Ele a alcança. As fadas o chamam de Lúthien. Ensinam-lhe sobre a criação do mundo, ... de Deuses e Elfos, de Elfos e Homens, até a partida para Tol Eressëa.

Como a Partida Afora não deu em nada, e as fadas se refugiaram em Albion ou Luthany (a Ilha da Amizade).

Sete invasões.

Da vinda dos Homens a Luthany, como cada raça rixou e as fadas desvaneceram, até que [?a

maioria] içou velas para Oeste depois da chegada dos Rúmhoth. Por que os Homens da sétima invasão, os Ingwaiwar, são mais amigáveis.

Ingwë e Eärendel, que habitavam em Luthany antes de ela ser uma ilha e ser [*sic*] levada para o leste por Ossë para fundar os Ingwaiwar.

21. Todos os descendentes de Ing eram simpáticos aos Elfos; daí que os Elfos remanescentes de Luthany falavam com [?eles] na antiga língua dos ingleses, e como alguns partiram . . . . . para Tol Eressëa, esse idioma é compreendido lá, e todos os que desejam falar com os Elfos, caso não saibam ou não tenham meios de aprender falas élficas, devem conversar na antiga língua dos ingleses.

Em (20), o termo “Partida Afora” deve ser novamente empregado como em (18), sobre a Marcha de Kôr. Ali ela foi descrita como um “desastre” (ver p. 303), e aqui se diz que “não deu em nada”: deve-se admitir que é difícil entender como se pode afirmar isso, uma vez que ela levou à prisão de Melko e à libertação dos Noldoli escravizados (ver (1) e (3)).

Também em (20) aparece pela primeira vez a ideia das Sete Invasões a Luthany. Uma delas foi a dos Rúmhoth (também mencionados em (14)), ou Romanos; e a sétima foi a dos Ingwaiwar, que não eram hostis aos Elfos.

Algo precisa ser dito aqui sobre o nome *Ing* (*Ingwë*, *Ingwaiwar*) nessas passagens. Assim como a introdução de Hengest e Horsa, a associação da mitologia com a antiga lenda inglesa é evidente. Mas acredito que seria despropositado entrar aqui

nos obscuros e especulativos estudos das origens inglesas e escandinavas: o termo *Inguaeones* empregado pelos escritores romanos para os povos marítimos bálticos dos quais se originaram os ingleses; o nome *Ingwine* (interpretável como *Ing-wine* “os amigos de Ing” ou como contendo o mesmo elemento *Ingw-* que se vê em *Inguaeones*); ou o misterioso indivíduo *Ing* que aparece no *Poema Rúnico* em inglês antigo:

> Ing wæs ærest mid East-Denum
> Gesewen secgum oþ he siþþan east
> Ofer wæg gewat wæn æfter ran

O que poderia ser traduzido assim: “Ing foi visto pela primeira vez por homens entre os Danos do Leste, até que partiu para o leste por sobre as ondas; seu carro foi rápido atrás dele”. Seria despropositado porque, embora a conexão entre o *Ing*, *Ingwë* de meu pai e o obscuro *Ing* (*Ingw-*) da lenda histórica setentrional seja certa e de fato óbvia, parece que a intenção dele não ia além de uma *associação* entre a sua mitologia e tradições conhecidas (embora as palavras do *Poema Rúnico* tenham tido clara influência). O assunto se torna particularmente obscuro pelo fato de que, nessas notas, os nomes *Ing* e *Ingwë* se entrelaçam, mas nunca são expressamente diferenciados ou identificados.

Assim, *Æ*lfwine era “da gente de Ing, Rei de Luthany” (15, 16), mas os Elfos se retiraram “para Luthany, onde Ingwë era rei” (18). Os Elfos de Luthany prosperaram novamente “após a vinda dos filhos de Ing” (19), e os Ingwaiwar, sétimos invasores de Luthany, eram mais amigáveis com os

Elfos (20), ao passo que Ingwë “fundou” os Ingwaiwar (20). Esse nome deve certamente ser igualado a Inguaeones (ver acima), e a invasão dos Ingwaiwar (ou “filhos de Ing”) da mesma forma representa com certeza a invasão “anglo-saxônica” à Grã-Bretanha. Seria possível igualar *Ing*, *Ingwë*? No que diz respeito ao presente material, não vejo como eles não poderiam. Mas se esse ancestral-fundador deve ser igualado com o *Inwë* (cujo filho era *Ingil*) dos *Contos Perdidos* é outra história. É difícil acreditar que não haja qualquer ligação (especialmente porque *Inwë* em *O Chalé do Brincar Perdido*, é uma emenda de *Ing*, I. 22), mas é igualmente difícil de enxergar qual seria essa ligação, pois o Inwë dos *Contos Perdidos* é um Elda de Kôr (Ingwë, Senhor dos Vanyar em *O Silmarillion*), ao passo que Ing(wë) da “narrativa *Ælfwine*” é um Homem, Rei de Luthany e ancestral de Ælfwine. (Em esboços do *Conto de Gilfanon*, afirma-se que Ing, Rei de Luthany, descendia de Ermon, ou de Ermon e Elmir (os primeiros Homens, I. 236–7)).

Os seguintes esboços falam um pouco mais sobre Ing(wë) e os Ingwaiwar:

22. Como Ing içou velas na anciania [ou seja, na velhice] para o crepúsculo, e os Homens dizem que ele chegou aos Deuses, mas mora em Tol Eressëa, e guiará as fadas um dia de volta a Luthany, quando a Partida Afora acontecer.[b]

Como ele profetizou que sua gente haveria de voltar e tomar posse de Luthany até os dias da chegada dos Elfos.

Como a terra de Luthany foi invadida sete vezes por Homens, até que, na sétima, os filhos dos filhos de Ing voltaram aos seus.

Como, a cada nova guerra e invasão, os Elfos desvaneciam, e cada invasor amava menos os Elfos, até que os Rúmhoth chegaram — e eles nem sequer acreditavam que existiam, e os Elfos todos fugiram, de sorte que, exceto por uns poucos, a ilha ficou vazia de Elfos por trezentos anos.

23. Como Ingwë bebeu *limpë* pelas mãos dos Elfos e reinou por eras em Luthany.

Como Eärendel chegou a Luthany e descobriu que os Elfos tinham partido.

Como Ingwë o ajudou, mas não permitiram que fosse com ele. Eärendel abençoou toda a progênie dele, sendo o mais poderoso dos viajores-do-mar do mundo.[16]

Como Ossë fez guerra a Ingwë por causa de Eärendel, e Ing, saudoso dos Elfos, içou velas e todos vieram a pique depois de serem impelidos para o longínquo leste.

Como Ing, o imortal, chegou entre os Dani OroDáni Urdainoth, Danos do Leste.

Como ele se tornou rei semidivino dos Ingwaiwar e lhes ensinou muitas coisas de Elfos e Deuses, de modo que algum conhecimento verdadeiro dos Deuses e Elfos sobreviveu somente naquele povo.

Parte de outro esboço que não se conjunta às passagens anteriores, mas que cobre a mesma porção da narrativa que (23), pode ser incluído aqui:

24. Eärendel se refugia com [Ingwë] da ira de Ossë, e dá-lhe um sorvo de *limpë* (o bastante para

garantir imortalidade). Dá-lhe novas dos Elfos e da habitação em Tol Eressëa.

Ingwë e uma hoste do seu povo iça velas para encontrar Tol Eressëa, mas Ossë os sopra de volta para o leste. Naufragam por completo. Somente Ingwë é resgatado em uma balsa. Torna-se rei dos Angali, Euti, Saksani e Firisandi,[c] que adotam o título de Ingwaiwar. Ensina-lhes muita magia e pela primeira vez incute nos corações dos homens a ideia de navegar para oeste. . . . . .

Depois de uma grande [?era de governo] Ingwë iça velas num barquinho e não se ouve mais dele.

Fica claro que a intrusão de Luthany e Ing(wë) na concepção causou uma movimentação na história de Eärendel: enquanto na versão anterior ele foi para Tol Eressëa depois da partida dos Eldar e Noldoli das Grandes Terras (pp. 253, 255), agora ele vai para Luthany; e a ideia da inimizade de Ossë para com Eärendel (pp. 254, 263) é mantida, mas passa a ser associada com a origem dos Ingwaiwar.

Claramente a estrutura narrativa é:

- Ing(wë), Rei de Luthany.
- Eärendel busca refúgio com ele (depois que [muitos dentre] os Elfos partiram para Tol Eressëa).
- Ing(wë) busca Tol Eressëa, mas é impelido para o Leste.
- Sete invasões a Luthany.
- O povo de Ing(wë) é os Ingwaiwar, e eles “voltaram aos seus” quando invadiram Luthany atravessando o Mar do Norte.

(25) Luthany foi de onde as tribos embarcaram pela primeira vez na Ilha Solitária rumo a Valinor, e onde desembarcaram para a Partida Afora,[d] de onde [também] muitos navegaram com Elwing para encontrar Tol Eressëa.

O fato de Luthany ser o lugar de onde os Elfos, no fim da grande jornada de Palisor, embarcaram na Ilha Solitária para a Travessia a Valinor deve provavelmente ser ligado à afirmação em (20) de que “Ingwë e Eärendel habitavam em Luthany antes de ela ser uma ilha”.

26. Há outras referências ao canal que separa Luthany das Grandes Terras: em rabiscos apressados no caderno C, há menção a um istmo feito pelos Elfos, “temendo os Homens agora que Ingwë se fora” e “até as falésias brancas onde as pás prateadas dos Teleri trabalharam”; também na citação seguinte.

27. Os Elfos contam a Ælfwine da antiga maneira de Luthany, de Kortirion ou Gwarthyryn (Caer Gwâr),[17] de Tavrobel.

Como as fadas habitaram lá por cem eras antes de os Homens adquirirem o engenho da construção de barcos para cruzar o canal — de modo que a magia ainda permanece forte nas suas matas e montes.

Como eles renomearam muitos lugares em Tol Eressëa em homenagem ao seu lar em Luthany. Da Segunda Partida Afora e da esperança das fadas de reinar em Luthany e lá replantar as árvores mágicas — e isso depende principalmente do temperamento dos Homens de

Luthany (já que primeiro elas precisam ir até lá) se tudo correr bem.

É notável a referência à “Segunda Partida Afora”, o que corrobora fortemente minha interpretação da expressão “Partida Afora” em (18), (20) e (25); mas a profecia ou esperança dos Elfos a respeito da Partida Afora foi muito alterada quanto à natureza que tinha na citação (6): aqui, as Árvores seriam replantadas em Luthany.

28. Como Ælfwine desembarca em Tol Eressëa e ela lhe parece como sua própria terra feita . . . . . trajada na beleza de um sonho feliz. Como o povo compreendeu [sua fala] e descobre de onde ele veio pelo favor de Ulmo. Como ele vai para Kortirion.

É interessante comparar essas duas passagens com (9), o prefácio em prosa a *Kortirion entre as Árvores*, de acordo com o qual Kortirion foi uma cidade construída pelos Elfos em Tol Eressëa; e quando Tol Eressëa foi arrastada pelo mar, tornando-se a Inglaterra, Kortirion foi renomeada no idioma dos ingleses como *Warwick* (13). Na nova história, Kortirion é igualmente uma antiga habitação dos Elfos, mas, com a mudança na concepção fundamental, ela fica em Luthany; e a Kortirion à qual Ælfwine chega em Tol Eressëa é a segunda com esse nome (tendo sido nomeada “em homenagem ao seu lar em Luthany”). Portanto, houve uma curiosa transferência que pode ser esquematicamente disposta assim:

(I) Kortirion, habitação élfica em Tol Eressëa.

Tol Eressëa → Inglaterra.

Kortirion = Warwick.

(II) Kortirion, habitação élfica em Luthany (> Inglaterra).

Elfos → Tol Eressëa.

Kortirion (2) em Tol Eressëa nomeada em homenagem a Kortirion (1) em Luthany.

Com base nas passagens (15) a (28), podemos tentar reconstruir a narrativa relatando todos os elementos essenciais:

- Marcha dos Elfos de Kôr (chamada de “a Partida Afora” ou (por implicação em 27), “a Primeira Partida Afora”) rumo às Grandes Terras, desembarcando em Luthany (25), e a Perda de Valinor (18).
- Guerra com Homens malignos nas Grandes Terras (18).
- Os Elfos se retiraram para Luthany (que ainda não era uma ilha), onde Ing(wë) era rei (18, 20).
- Muitos [mas não todos, de maneira alguma] dos Elfos de Luthany voltaram ao oeste por sobre o mar e se estabeleceram em Tol Eressëa; mas Elwing foi perdida (18, 25).
- Lugares em Tol Eressëa foram nomeados em homenagem a lugares em Luthany (27).
- Eärendel chegou a Luthany, refugiando-se com Ing(wë) da hostilidade de Ossë (20, 23, 24).
- Eärendel deu *limpë* para Ing(wë) beber (24), *ou* Ing(wë) recebeu *limpë* dos Elfos antes de Eärendel chegar (23).
- Eärendel abençoou a progênie de Ing(wë) antes de sua partida (23).
- A hostilidade de Ossë para com Eärendel também perseguiu Ing(wë) (23, 24).
- Ing(wë) içou velas (como muitos de seu povo, 24) para encontrar Tol Eressëa (23, 24).

- A viagem de Ing(wë), devido à inimizade de Ossë, acabou em naufrágio, mas Ing(wë) sobreviveu, e no distante Leste [isto é, depois de ser impelido pelo Mar do Norte] tornou-se Rei dos Ingwaiwar, ancestrais dos invasores anglo-saxônicos da Grã-Bretanha (23, 24).
- Ing(wë) ensinou aos Ingwaiwar o verdadeiro conhecimento dos Deuses e Elfos (23), e voltou seus corações para as navegações rumo ao oeste (24). Ele profetizou que sua gente haveria de retornar um dia para Luthany (22).
- Ing(wë) partiu por fim num barco (22, 24), e não se ouviu mais falar dele (24), *ou* ele chegou a Tol Eressëa (22).
- Depois da partida de Ing(wë) de Luthany, um canal foi aberto, de modo que Luthany se tornou uma ilha (26); mas os Homens cruzaram o canal em barcos (27).
- Sete invasões sucessivas aconteceram, incluindo a dos Rúmhoth, ou Romanos, e a cada nova guerra um número maior dos remanescentes dos Elfos de Luthany fugia por sobre o mar (20, 22).
- Contudo, a sétima invasão, dos Ingwaiwar, não era hostil aos Elfos (20, 21); e esses invasores estavam “voltando aos seus” (22), visto que eram do povo de Ing(wë).
- Os Elfos de Luthany (agora Inglaterra) prosperaram novamente e deixaram de ir embora de Luthany para Tol Eressëa (19), e falavam com os Ingwaiwar na sua própria língua, inglês antigo (21).
- Ælfwine era um inglês do período anglo-saxônico, um descendente de Ing(wë) que recebera o conhecimento e o amor pelos Elfos das tradições de sua família (15, 16).
- Ælfwine chegou a Tol Eressëa, descobriu que lá se falava inglês antigo, e foi pelos Elfos chamado de

Lúthien, “amigo”, o Homem de Luthany (a Ilha da Amizade) (15, 16, 19).

> Não pretendo demonstrar com isso nada além do que me parece ser o único modo de se agrupar esses *disjecta membra* em um esquema narrativo abrangente. Mesmo assim, deve-se admitir que é necessário forçar um tanto a evidência para assegurar uma aparente harmonia. Por exemplo, parece haver visões diferentes sobre a relação dos Ingwaiwar com Ing(wë): eles são “filhos de Ing” (19), “sua gente” (22), “filhos dos filhos de Ing” (22), mas ele parece ter se tornado rei e professor dos povos do Mar do Norte que não tinham ligação com Luthany ou com os Elfos (23, 24). (Quem ele governava quando os Elfos se retiraram para Luthany pela primeira vez (18, 23)?). E mais, é muito difícil encaixar as “cem eras” durante as quais os Elfos moraram em Luthany antes de as invasões dos Homens começarem (27) no restante do esquema. Sem dúvida, meu pai estava “pensando com a caneta” quando rabiscou essas anotações, explorando caminhos narrativos independentes; a impressão que se tem é de uma fermentação de ideias e possibilidades rapidamente demovendo umas às outras, e das quais não se pode extrair um único núcleo narrativo estável. Portanto, uma “solução” completa é muito provavelmente um objetivo irreal, e essa reconstrução é, sem dúvida, tão artificial quanto a que foi ensaiada anteriormente para “a narrativa *Eriol*” (ver p. 293). Mas aqui, assim como lá, acredito que esse esboço mostre tão bem quanto é possível a direção do pensamento de meu pai naquela época.

Há muito pouco que indique o rumo posterior da "narrativa *Ælfwine*" depois de sua permanência em Tol Eressëa (como eu observei, p. 301, o papel do marinheiro é apenas de aprender e registrar os contos do passado), e praticamente tudo que se pode descobrir dessas notas se encontra em um papelzinho que diz:

29. Como Ælfwine bebeu do *limpë,* mas ansiava pelo seu lar e voltou a Luthany; e então ansiou com sofreguidão pelos Elfos, e retornou a Tavrobel, a Velha, e lá habitou na Casa das Cem Chaminés (onde ainda cresce o rebento do rebento do Pinheiro de Belawryn) e escreveu o Livro Dourado.

Há uma folha de rosto associada a isso:

30.

O Livro dos Contos Perdidos
e a História dos Elfos de Luthany
[?sendo]
O Livro Dourado de Tavrobel
o mesmo que Ælfwine escreveu e depositou na Casa de Cem Chaminés em Tavrobel, onde ainda está para ser lido pelos que podem.

Isso é muito curioso. Tavrobel, a Velha, deve ser a Tavrobel original em Luthany (em homenagem à qual a Tavrobel em Tol Eressëa foi nomeada, assim como Kortirion em Tol Eressëa recebeu seu nome de Kortirion = Warwick em Luthany); e a Casa das Cem Chaminés (e também o Pinheiro de Belawryn, sobre o qual ver p. 281 e nota 4) seria removida de Tol Eressëa para Luthany. Presumivelmente, meu pai pretendia reescrever essas passagens na

“moldura” dos *Contos Perdidos*, em que se faz menção à Casa de Cem Chaminés em Tavrobel; a menos que fosse existir outra Casa de Cem Chaminés em Tavrobel, a Nova, em Tol Eressëa.

Por fim, um verbete interessante no dicionário qenya pode ser mencionado aqui: *Parma Kuluinen* “o Livro Dourado — a coletânea de lendas, especialmente sobre Ing e Eärendel”.

Na época, dentre todas essas projeções a história da juventude de Ælfwine e de sua viagem a Tol Eressëa foi a única que meu pai levou adiante até chegar em uma versão completa e polida, e a esse trabalho eu me volto agora. Contudo, antes disso convém reunir as passagens consideradas anteriormente que têm relevância para ela.

Na *Ligação* de abertura ao *Conto de Tinúviel*, Eriol afirmou que muitos anos antes, quando era criança, seu lar ficava “em uma velha cidade dos Homens, cercada por uma muralha agora esfacelada e rompida, e um rio corria por lá, sobre o qual erguia-se um castelo com uma grande torre”.

Meu pai vinha dum povo costeiro, e o amor pelo mar, o qual eu jamais vira, estava em meus ossos, e meu pai aguçava meu desejo ao contar-me contos que seu pai lhe contara antes. Ora, minha mãe morreu em um cerco cruel e voraz àquela velha cidade, e meu pai foi morto numa luta implacável junto às muralhas e no fim eu, Eriol, escapei para a costa do Mar do Oeste.

Eriol então falou de

suas errâncias pelos portos ocidentais, [...] de como veio a pique em distantes ilhas ocidentais até que, afinal, em uma ilha solitária deparou-se com um velho marujo que lhe deu abrigo e, ao pé do fogo em sua cabana solitária, contou-lhe contos estranhos de coisas para lá dos Mares do Oeste, das Ilhas Mágicas e da mais solitária que ficava além. [...]

"Desde então", disse Eriol, "naveguei com mais curiosidade pelas ilhas ocidentais, procurando outras estórias do tipo, e assim foi que, de fato, após muitas grandes viagens, acabei chegando, por benção dos Deuses, a Tol Eressëa [...]."

Ademais, na versão datilografada dessa *Ligação* conta-se que na cidade onde os pais de Eriol viveram e morreram

habitava um poderoso duque, e, caso observasse das mais altas ameias, nunca conseguiria ver as fronteiras de seu vasto domínio, exceto no lugar em que, muito para o leste, estavam os contornos azulados das grandes montanhas — e, ainda assim, aquela torre era tida como a mais alta que se erguia nas terras dos Homens.

O cerco e saque à cidade foram obra "dos homens selvagens vindos das Montanhas do Leste".

Ao final da versão datilografada, o menino Ausir assegurou a Eriol que “aquele velho marujo perto do mar solitário não era ninguém menos que o próprio Ulmo, que não raro aparece assim aos navegantes que ama”, mas Eriol não acreditou nele.

Anteriormente (pp. 294–5), dei minhas razões para acreditar que, na “narrativa *Eriol*”, esse conto sobre a juventude dele não se passava na Inglaterra.

Voltando a atenção para as passagens relacionadas à posterior “narrativa *Ælfwine*”, descobrimos em (15) que Ælfwine morava no Sudoeste da Inglaterra e que sua mãe e seu pai foram mortos “pelos piratas do mar”; em (20), que foram mortos “pelos ferozes Homens do Mar”, e em (16), que ele foi “impelido pelos normandos”. Em (15), há uma menção ao seu encontro com “o Marinheiro Ancião” durante suas navegações. Em (16), ele chega ao “porto na costa do sul” de Tol Eressëa e, em (17), ele “acorda em uma praia de areia” na maré baixa.

Chego agora à narrativa que finalmente emergiu. Notar-se-á, talvez com alívio, que Ing, Ingwë e os Ingwaiwar desapareceram por completo.

ÆLFWINE DA INGLATERRA

Existem três versões dessa breve obra. Uma é um esboço do enredo com menos de 500 palavras que por conveniência chamarei de *Ælfwine A*; mas a segunda é uma narrativa muito mais substancial, intitulada *Ælfwine da Inglaterra*. Ela foi escrita em 1920 ou depois: pode-se demonstrar que não foi antes disso porque meu pai usou para ela retalhos de papel presos com um alfinete, e alguns desses

retalhos são de cartas endereçadas a ele, todas datadas de fevereiro de 1920.[18] O terceiro texto sem dúvida começou como uma cópia limpa a tinta do segundo texto, com o qual de fato se parece muito inicialmente, mas, conforme avançou, foi completamente reescrito em vários pontos, com a introdução de muito material novo, e ele ainda foi corrigido depois de ser completado. O manuscrito não tem título, mas devia obviamente se chamar, da mesma forma, *Ælfwine da Inglaterra*.

Por conveniência, farei referência à primeira versão completa como *Ælfwine I*, e chamarei a versão reescrita de *Ælfwine II*. A relação entre essas versões e *Ælfwine A* é difícil de determinar, já que ele concorda em alguns aspectos com uma e, em outros, com a outra. É óbvio que meu pai tinha *Ælfwine I* diante de si quando escreveu *Ælfwine II*, mas parece provável que tenha utilizado algo de *Ælfwine A* ao mesmo tempo.

Incluo aqui o texto completo de *Ælfwine II* na versão final, deixando nas notas todas as correções relevantes e todas as diferenças importantes em relação aos outros textos (diferenças entre os nomes e alterações a nomes são listadas separadamente).

Havia uma terra chamada Inglaterra, e era uma ilha do Oeste, e antes de ela ser arrebentada na guerra dos Deuses, era a mais ocidental de todas as terras do Norte, e olhava para o Grande Mar que Homens outrora chamavam de Garsecg;[19] mas aquela parte rompida foi chamada de Irlanda, e de muitos outros nomes além desse, e seus habitantes não entram nestes contos.

Toda aquela terra os Elfos chamaram de Lúthien[20] e ainda o fazem. Somente em Lúthien habitava ainda a maior parte das Companhias Desvanecentes, as Fadas Sagradas que ainda não tinham zarpado do mundo, para além do horizonte do conhecimento dos Homens, rumo à Ilha Solitária, ou mesmo para a Colina de Tûn[21] sobre a Baía de Feéria que banha as costas ocidentais do reino dos Deuses. Portanto, Lúthien continua a ser uma terra sagrada, e assim também é uma magia que ainda repousa em muitos locais daquela ilha.

Ora, no centro daquela ilha ainda há uma cidade que é antiga entre os Homens, mas sua idade entre os Elfos é muito maior; e como este é um livro dos Contos Perdidos de Elfinesse, ela será nomeada na língua deles, Kortirion, a qual os Gnomos chamam de Mindon Gwar.[22] Sobre a colina de Gwar habitava um homem nos dias dos ingleses, e seu nome era Déor, e ele chegou até lá vindo de longe, do sul da ilha e das florestas e do Oeste encantado, onde viandara por longo tempo, ainda que fosse do povo inglês. Ora, naqueles dias o Príncipe de Gwar era amante de canções e de modo algum inimigo dos Elfos, e naquela ilha eles habitavam principalmente as regiões próximas a Kortirion (e tais locais chamavam de Alalminórë, a Terra dos Olmos), e até lá chegou Déor, o cantor, procurando pelo Príncipe de Gwar e pelas companhias dos Elfos Desvanecentes, pois era um Amigo-dos-Elfos. Embora Déor tivesse sangue inglês, conta-se que tomou por esposa uma donzela do Oeste, de Lionesse, como alguns desde

então chamaram, ou Evadrien, “Costa de Ferro”, como ainda dizem os Elfos. Déor a encontrou na terra perdida além de Belerion, donde por vezes os Elfos içam velas.

Júbilo teve Déor por longo tempo em Mindon Gwar, mas os Homens do Norte, a quem as fadas da ilha chamavam de Forodwaith, mas que os Homens chamavam por outros nomes, abateram-se contra Gwar naqueles dias, quando devastaram quase toda a terra de Lúthien. Suas muralhas de nada serviram e suas torres não puderam contê-los para sempre, por mais que o cerco tenha sido longo e amargo.

Ali Éadgifu (pois assim Déor chamava a donzela do Oeste, ainda que esse não fosse o seu nome outrora)[23] morreu, naqueles dias malignos e vorazes; mas Déor tombou diante das muralhas enquanto cantava uma canção de antiga bravura para elevar os corações dos homens. Aquela foi uma surtida desesperada, e o filho de Déor era Ælfwine, e na época ele não era senão um menino deixado sem pai. O saque àquela cidade depois foi mui cruel, e só rumores dos seus dias antigos permaneceram, e os Elfos que passaram a amar os ingleses da ilha fugiram ou se esconderam por um longo tempo, e não sobrou nenhum dos Elfos ou Homens nos antigos salões para lamentar a queda de Óswine, Príncipe de Gwar.

Então Ælfwine, ele mesmo a quem os Elfos não desvanecidos além das águas de Garsecg depois chamaram de Eldairon de Lúthien (que é Ælfwine da Inglaterra), foi feito escravo pelos ferozes

senhores dos Forodwaith, e sua infância foi de dias cruéis. Mas vede esta maravilha, pois Ælfwine não conhecia e jamais vira o mar, mas ouviu sua grande voz a lhe falar nas profundas do coração, e seus coros murmurantes cantavam sempre em seu ouvido secreto, entre vigília e sono, de modo que se encheu de anseio. Isso era da magia de Éadgifu, donzela do Oeste, sua mãe, e esse anseio inextinguível ela experimentara todos os dias em que habitou nos lugares quietos do interior, em meio aos olmos de Mindon Gwar — e no ápice do seu anseio nasceu Ælfwine, seu filho, e os Ginetes D'Ondas, os Elfos da Margem-do-Mar, que ela conhecera outrora em Lionesse, mandaram enviados quando nasceu. Mas agora Éadgifu se fora para além da Borda da Terra, e seu vulto formoso jazeu sem honrarias em Mindon Gwar, e a harpa de Déor silenciou, mas Ælfwine trabalhou como escravo até quase se tornar homem adulto, sonhando sonhos e enchendo-se de anseio, e de raro conversando com os Elfos ocultos.

Por fim seu anseio pelo mar o mordeu de tal forma que ele planejou romper as amarras e, arriscando-se em grandes perigos e passando por muitas penas atrozes, fugiu para terras onde os Senhores dos Forodwaith não haviam chegado, longe dos locais da morada de Déor em Mindon Gwar. Rumava sempre para o sul e para oeste, pois nessa direção seus pés por vontade própria o impeliam. Ora, Ælfwine tinha em certa medida o dom da visão-élfica (que não era dado a todos os Homens naqueles dias do desvanecer dos Elfos, e

menos ainda o é agora), e o povo de Lúthien também era menos desvanecido naqueles dias, de modo que muitas hostes de suas belas companhias ele viu em sua estrada errante. Umas ainda habitavam e dançavam nos arredores daquela terra, como outrora, mas muitas mais havia que vagavam lenta e tristemente para oeste; pois atrás delas, toda a terra estava cheia de queimadas e de guerra, e em suas moradas escorria lágrimas e sangue por causa do pequeno amor dos Homens pelos Homens — e nem foi aquela a última das conquistas de Lúthien dos Homens por Homens, as quais foram sete, e outras quiçá ainda haverá. Homens do Leste e do Oeste, e do Sul e do Norte cobiçaram aquela terra e despojaram os que a detinham antes deles, por causa da sua beleza e graça e do encanto das eras de esvanecer dos Elfos que permanecia em meio às árvores além das praias altas e brancas.[24]

E, no entanto, a cada tomada daquela ilha, um número muito maior dos mais antigos de todos os habitantes de lá, o povo de Lúthien, voltava-se para oeste, e embarcavam em navios em Belerion no Oeste e partiam de lá para sempre por sobre o horizonte do conhecimento dos Homens, deixando a ilha mais pobre com sua partida e as folhas, menos verdes; e, no entanto, segue sendo a mais rica entre os Homens na presença dos Elfos. E conta-se que, salvo apenas quando os ferozes pais dos Homens, inimigos dos Elfos, recém-submetidos ao jugo do Mal,[25] entraram pela primeira vez naquela terra, nunca antes tantos navios élficos e

galeões de asas brancas navegaram rumo ao poente como naqueles dias quando os antigos Homens do Sul colocaram pela primeira vez seus magnos pés no solo de Lúthien — os Homens cujos senhores se assentavam na cidade de poder que Elfos e Homens chamaram de Rûm (mas que somente os Elfos conhecem como Magbar).[26]

Ora, foram os corações embotados dos dias posteriores, mais do que os rubros feitos de mãos cruéis, que incutiram nas mentes do pequeno povo a ideia de partir; e de quando em quando um pequeno barco[27] levanta âncora de Belerion à noitinha e sua doce canção triste se perde para sempre nas ondas. Mas mesmo nos dias de Ælfwine havia muitos navios carregados sob velas élficas que deixavam aquelas praias para sempre, e muitos camaradas ele tinha, visíveis ou semi-invisíveis, na sua estrada para oeste. E assim ele chegou por fim a Belerion, e ali lavou seus pés cansados nas águas cinzentas do Mar do Oeste, cujo grande rugido dominou seus ouvidos. Ali, os vultos escuros de barcos élficos[28] passavam por ele no ocaso, e muitos a bordo diziam-lhe adeus. Mas ele não podia embarcar nesses frágeis vasos, e eles recusaram seu rogo — pois não desejavam que mesmo alguém amado entre os Homens passasse com eles para lá da fronteira do Oeste, ou que descobrisse o que jaz no alto Garsecg, o mar grande e imensurável. Ora, os homens que viviam com pouco nos lugares próximos a Belerion eram pescadores, e Ælfwine morou por muito tempo entre eles e, ademais, sendo profundo por

natureza, aprendeu tudo o que um homem pode aprender do ofício das embarcações e do mar. Cuidava pouco de sua vida, e traçou suas rotas oceânicas mais amplas do que a maioria daqueles homens, por melhores marujos que fossem; e no fim poucos atreveram-se a ir com ele, exceto por Ælfheah, o sem-pai, que estava com ele em todas as aventuras até sua última viagem.[29]

Ora, certa vez, singrando longe rumo ao mar alto, abonançado de início numa névoa espessa e depois impelido ao sabor de um vento poderoso do Leste, divisou umas ilhas jazendo na aurora, mas jamais as alcançou, pois, ao mudarem, os ventos o varreram de novo para longe, e somente seu poderoso fado o salvou para que visse uma vez mais as costas negras do seu lar. Pouco contente ficou com sua boa fortuna, e pretendia em seu coração içar vela novamente algum dia, mas entrando mais fundo no Oeste, achando que o que vira ao longe eram as Ilhas Mágicas de que falam as canções dos Homens. Poucos companheiros conseguiu para essa aventura. Nem todos os homens amam partir em demanda rumo ao sol vermelho ou tentar os mares perigosos, ávidos por coisas não descobertas. Destes ele encontrou sete, no fim, os maiores marinheiros que havia então na Inglaterra, e Ulmo, Senhor do Mar, depois os tomou para si e seus nomes agora estão esquecidos, salvo o de Ælfheah apenas.[30] Uma grande borrasca abateu-se sobre o navio justo quando avistaram as ilhas que Ælfwine desejava, e um grande mar o sobrepujou; mas Ælfwine se

perdeu nas ondas e, voltando a si, não viu sinal do navio ou dos camaradas, e jazia num leito de areia numa cava de paredes fundas. Escura e mui vazia estava a ilha, e ele soube então que essas não eram as Ilhas Mágicas das quais amiúde ouvira falar.[31]

Conta-se que, vagando ali longamente, deparou-se com muitos cascos de navios naufragados apodrecendo nas praias lúgubres e compridas, e uns eram destroços de muitos magnos navios d'outrora, e uns estavam carregados de tesouro. Uma cabana solitária voltada para oeste ele encontrou por fim na praia mais remota, e fora feita com o casco virado de um pequeno navio. Um velho habitava ali, e Ælfwine teve medo dele, pois os olhos do homem eram profundos como o insondável mar, e sua barba longa era azul e cinzenta; era de grande estatura e seus sapatos eram de pedra,[32] mas estava todo trajado com trapos emaranhados, sentado ao pé de um fogo miúdo feito com madeira de destroços.

Naquela estranha choupana junto a um mar vazio Ælfwine morou por longo tempo, pois não tinha outro abrigo ou outro alvitre, pensando que seu navio estava perdido e seus camaradas, afogados. Mas o velho tornou-se gentil com ele, e questionou Ælfwine sobre suas idas e vindas e aonde pretendia ir quando a borrasca o acometeu. E muitas coisas antes desconhecidas Ælfwine ouviu dele ao pé do fogo fumacento à noitinha, e estranhos contos de navios destruídos pelos

ventos e procelas sem angras nas águas proibidas. Assim Ælfwine descobriu que as Ilhas Mágicas ainda estavam a uma grande distância adiante, mantendo uma guarda sombria e secreta na borda da Terra, além da qual as águas de Garsecg ficam menos turbulentas e onde jaz o crepúsculo dos dias posteriores da Terra-das-Fadas. Nos confins das Sombras e além delas jaz a Ilha Solitária, voltada para o Leste, ao Arquipélago Mágico, e às terras de Homens além dele, e para o Oeste, para as Sombras além das quais ao longe se vislumbra a Terra de Fora, o reino dos Deuses — e mesmo a antiga Baía de Feéria, cuja glória se turvou. De lá o mundo mergulha íngreme para além da Borda das Coisas até Valinor, o Lar-divino, e até a Muralha e a beira do Nada onde estão semeadas as estrelas. Mas a Ilha Solitária não está nem nas Grandes Terras e nem na Terra de Fora, e não há ilhas perto dela.

Em seus contos, o velho chamava a si mesmo de Homem do Mar, e falava de sua última viagem antes de ser lançado em um naufrágio nessa ilha de fora, dizendo como vislumbrara, antes de o vento Oeste levá-lo, as lanternas bruxuleantes da Ilha Solitária encerradas nas profundezas. Então o coração de Ælfwine deu um salto, mas disse ao velho que não tinha mais esperança de conseguir um navio ou camaradas valentes. Mas o Homem do Mar falou: “Vê, esta é uma no círculo das Ilhas Sem Angras que atraem todos os navios para suas rochas ocultas e areais movediços, a fim de que os Homens não cheguem longe por sobre Garsecg e

não vejam coisas que não devem ver. E essas ilhas foram aqui dispostas à Ocultação de Valinor, e pouca madeira para navio ou balsa cresce nelas, como se poderia esperar;[33] mas posso te ajudar em teu desejo de partir dessas praias vorazes.”

Num dia depois disso, Ælfwine andava ao longo das praias do leste, fitando os numerosos destroços infelizes que ali jaziam. Procurava, como fizera amiúde antes, talvez algum sinal ou relíquia de seu bom navio de Belerion. Na noite anterior houve uma tempestade de grande violência e terror, e eis que chegara lá um novo destroço, e Ælfwine viu que tinha sido um navio grande e bem-feito, de linhas habilidosas como as que os Forodwaith então amavam. Jazia longe no alto das areias traiçoeiras, e seu grande esporão, entalhado à semelhança de uma cabeça de dragão, ainda encarava a terra intacto. Então o Homem do Mar saiu quando a maré começou a rastejar lenta e rasa pelos longos baixios. Tinha por cajado uma madeira grande como uma árvore jovem, e andava como se não precisasse temer maré ou areia movediça, e chegou a um ponto em que os ombros mal se projetavam das águas amarelas da maré que avançava, e foi até aquela proa entalhada, a única coisa visível agora por cima da água. Então Ælfwine maravilhou-se vendo-o de longe erguer, com a própria força, todo o grande navio das garras da areia puxante que prendia a popa afundada; e quando ele flutuou, lançou-o diante de si, e pôs-se então a nadar com poderosas braçadas na água que se aprofundava. Àquela visão, o

temor de Ælfwine pelo velho se renovou, e perguntou-se que tipo de ser ele era; mas então o navio foi lançado nas areias mais firmes, e o nadador andou para terra firme, e sua magna barba estava cheia de fios de alga, e alga havia em seu cabelo.

Quando a maré se afastou de novo das Areias Vorazes, o Homem do Mar pediu que Ælfwine fosse olhar aqueles novos destroços e, indo até lá, viu que não estava danificado, mas dentro havia nove homens mortos que não muito antes estavam vivos. Jaziam no fundo, fitando o céu, e eis que havia um ali cujas vestes e semblante ainda revelavam um chefe dos Homens, mas, embora suas madeixas fossem brancas pela idade, e seu rosto, pálido de morte, aparentava ainda ser um homem soberbo e feroz. “Homens do Norte, Forodwaith, é o que são”, disse o Homem do Mar, “mas fome e sede foram sua morte, e o navio foi atirado pela tempestade da noite passada no lugar em que encalhou nas Areias Vorazes, para ser lentamente engolfado, se não tivesse o fado desejado coisa diferente.”

“É verdade o que dizes deles, ó Homem do Mar; e conheci bem este com cãs, pois matou meu pai; e por muito tempo fui seu escravo, e Orm os homens o chamavam, e pouco eu o amava.”

“E há de ser o navio dele a te levar embora desta Ilha Sem Angra”, disse; “e era um navio distinto de um homem valente, pois poucas pessoas têm agora tanta coragem para as aventuras do mar como têm esses Forodwaith, que

penetram sempre as névoas do Oeste, embora poucos vivam para levar de volta os contos de tudo o que viram.”

Foi assim que Ælfwine, já sem esperança, escapou daquela ilha, mas o Homem do Mar foi seu piloto e timoneiro, e assim chegaram após alguns dias a uma terra pouco conhecida.[34] E o povo que habitava lá era um povo estranho, e ninguém sabe como chegaram tão longe no Oeste e, ainda assim, são contados entre os clãs dos Homens, mesmo que sua terra fique nas fronteiras de fora das regiões da gente dos Homens, estando ainda mais para lá na direção do Sol Poente, além das Ilhas Sem Angras e ainda mais ao Norte do que a ilha em que Ælfwine naufragou. Maravilhosamente hábeis são essas pessoas na construção de navios e barcos de todo tipo, e na navegação com eles; mas de raro ou nunca vão às terras doutra gente, e pouco se ocupam de comércio ou guerra. Constroem seus navios porque amam esse labor e pela alegria que obtêm apenas ao singrar as ondas neles. E uma grande parte daquelas pessoas estava sempre a bordo dos navios, e toda a água em volta da ilha do seu lar é sempre branca por causa das velas, seja na bonança ou na borrasca. Seu deleite é competir uns com os outros em seus barcos de insuperável velocidade, impelidos pelos ventos ou pelas fileiras de remos de hastes longas. Outras competições eles têm com barcos muito capazes em alto-mar, pois nelas competem os que se dispõem a enfrentar as tempestades mais ferozes (e elas são

mesmo ferozes ao redor daquela ilha, que tem as costas férreas, exceto por um ancoradouro sossegado no Norte). Aí se prova o engenho dos seus construtores de navios; e essas pessoas são chamadas pelos Homens de Ythlings,[35] os Filhos das Ondas, mas os Elfos chamam a ilha de Eneadur, e seu povo, de Marinheiros do Oeste.[36]

Eles receberam bem Ælfwine e seu piloto nos cais apinhados do ancoradouro no Norte, e pareceu a Ælfwine que o Homem do Mar não lhes era desconhecido, e que eles o tinham em grande admiração e reverência, atendendo aos seus pedidos como se fossem ordens de um rei. Mas maior ainda foi seu espanto quando encontrou em meio às multidões daquele lugar dois dos companheiros que ele pensava terem se perdido no mar; e descobriu que aqueles sete marinheiros da Inglaterra estavam vivos naquela terra, mas que o navio fora completamente destruído nas costas negras ao sul, não muito depois da noite em que o grande mar arrancou Ælfwine da embarcação.

Ora, ao comando do Homem do Mar, aqueles ilhéus com muita rapidez fazem um novo navio para Ælfwine e seus companheiros, visto que ele não se dispunha a seguir adiante no navio de Orm; e a madeira foi cortada, conforme pediu o antigo marujo, num bosque de carvalhos mágicos bem no interior da terra que crescia perto de um lugar elevado dos Deuses, consagrado a Ulmo, Senhor do Mar, e de raro qualquer um deles era derrubado. “Um navio feito desta madeira”, disse

o Homem do Mar, “pode se perder, mas os que navegarem nele não perderão a vida na viagem; mas talvez sejam lançados a um lugar onde pouco esperariam chegar.”

Mas quando aquele navio foi aprontado, o antigo marujo lhes pediu que embarcassem, e isso fizeram, e com eles foram também Bior dos Ythlings, um homem de grande habilidade marítima, para auxiliá-los, e um outro que, mais do que todos daquele estranho povo, punha-se a navegar por vezes para longe da terra de Eneadur rumo ao Oeste ou Norte ou Sul. Muitos homens dos Ythlings estavam postados na costa ao lado daquela embarcação; pois a tinham construído numa caverna da costa escarpada que dava para Oeste, e uma barra de rochas com uma abertura estreita formava ali um remanso abrigado e um ancoradouro, e poucos assim se encontrava naquela ilha de falésias alcantiladas. Então o ancião pôs a mão na proa e falou palavras de magia, dando-lhe poder de fender águas não fendidas e adentrar atracadouros inviolados, e ancorar em praias não trilhadas. Lemes gêmeos, um de cada lado, ele tinha, à maneira dos Ythlings, e cada um ele abençoou, dando-lhes a habilidade de guiar quando as mãos que os conduziam faltassem, e de encontrar cursos perdidos, e de seguir estrelas escondidas. Então ele se afastou, e a multidão de homens se abriu diante dele, até que, subindo, chegou a um alto pináculo das falésias. Dali ele saltou para longe e, ao cair, desapareceu com uma grande agitação de

espuma, bem onde os vagalhões se juntavam para arrebentar nas costas altaneiras.

Ælfwine não mais o viu, e disse com pesar e assombro: “Por que estava tão exausto da vida? Meu coração se entristece por ele estar morto”, mas os Ythlings sorriam, e ele perguntou a alguns que estavam perto, dizendo: “Quem era aquele magno homem, pois parece-me que vós o conheceis bem”, e eles nada lhe responderam. Então fizeram partir ao mar aquele navio de madeirame valente,[37] pois Ælfwine não queria mais esperar, embora o sol estivesse afundando nas Montanhas de Valinor, além das Muralhas do Oeste. Logo se viu ao longe sua vela branca enfunar-se com um vento vindo da terra, e envermelhecida com a luz do sol meio posto; e os que estavam a bordo cantaram velhas canções do povo inglês que se desvaneceram nas ondas sem velas dos Mares do Oeste, e agora já não chegava mais som nenhum aos que observavam na costa. Então a noite se fechou e ninguém em Eneadur voltou a ver aquele pujante navio.[38]

Assim aqueles marinheiros começaram a longa e estranha e perigosa viagem cuja história completa até agora nunca foi contada. De suas aventuras nos arquipélagos do Oeste, e das maravilhas e perigos que encontraram nas Ilhas Mágicas e em mares e estreitos desconhecidos nada será dito aqui, mas, sim, do final de sua viagem, de como após anos, exaustos do mar e com os corações desalentados, chegaram a um dia cinzento e

melancólico. Pouco vento havia, e as nuvens estavam baixas acima deles, e uma chuva cinzenta caía, e nenhum deles conseguia divisar coisa alguma à frente do esporão do navio, que se movia agora lento e incerto sobre as longas ondas mortas. Concordaram que aquele dia seria o último antes de voltarem a embarcação rumo ao lar (se pudessem), salvo apenas se alguma maravilha viesse a passar ou algum sinal de esperança. Pois sua coragem havia chegado ao fim. Detrás deles jaziam as Ilhas Mágicas, onde três deles dormiam um sono como a morte em praias escuras, e suas cabeças repousavam em areia branca, e estavam trajados de espuma, envoltos nos feitiços eternos de Eglavain. Infrutíferas tinham sido todas as jornadas deles até então, pois os ventos sempre os lançavam de volta sem que vislumbrassem as costas da Ilha dos Elfos.[39] Então disse Ælfheah,[40] que detinha o leme: “Ó Ælfwine, agora é o momento acordado! Façamos o que os Deuses e seus ventos desejam há muito: que cessemos nossa demanda defessa rumo ao nada, uma fábula no vazio, e voltemos, se os Deuses quiserem, buscando as lareiras de nossas casas.” E Ælfwine cedeu. Então o vento parou e sopro nenhum veio do Leste ou do Oeste, e a noite assomou lentamente sobre o mar.

Eis que, por fim, alçou-se uma brisa gentil, e ela vinha suave do Oeste; e justo quando eles iam se valer dela para enfunar as velas rumo ao lar, um daqueles marujos disse de repente: “Ora, mas este é um ar estranho, e cheio de memórias olorosas”

e, parando, todos inspiraram fundo. As névoas cederam àquele vento suave, e uma lua fina puderam ver passando pelos fragmentos esfarrapados, até que detrás dela logo um milheiro de estrelas frias espiou da escuridão. “As flores da noite estão se abrindo em Feéria”, disse Ælfwine. “E vede,” disse Bior,[41] “os Elfos estão acendendo velas no ocaso prateado”, e todos olharam para onde sua mão longa apontava, por cima da popa escura. E ninguém falou, por espanto e assombro, vendo no fundo do ocaso do Oeste uma sombra azul e, na sombra azul, muitas luzes cintilantes, e cada vez mais surgiam faiscando, até que dez mil pontos de radiância bruxuleante se estilhaçaram ao longe, como se uma poeira das joias de luz própria que Fëanor criara estivesse espalhada pelo regaço do Oceano.

“Então aquela é a Angra das Luzes de Muitos Tons”, disse Ælfheah, “de que falam em nossos lares muitos contos aos quais se dá pouca atenção.” Então, sem dizer mais nada, eles espicharam os remos e viraram o navio com pressa, impelindo-o rumo à costa sem-morte. Quase chegaram a abandoná-lo pela dificuldade. Pouca coisa conseguiram com esse grande esforço, conforme fendiam a água com força à sua volta, e a noite longa de Feéria continuava, e a lua crescente de Elfinesse galgava acima deles.

Então lá chegou música mui gentilmente por sobre as águas, e estava tão repleta de anseio inimaginável que Ælfwine e seus camaradas debruçaram-se nos remos e cada um deles chorou

suavemente pelas feridas mal lembradas de seu coração, e pela memória de belas coisas há muito perdidas, e pela ânsia que jaz em todos os filhos dos Homens pela perfeição e graça que procuram e não encontram. E um deles disse: “São as harpas tangendo, e as canções que eles cantam de belas coisas; e as janelas que olham para o mar estão cheias de luz.” E outro falou: “Seus violinos se queixam das antigas aflições do povo imortal da Terra, mas há júbilo aí.” “Ai de mim”, disse Ælfwine, “ouço as trompas das Fadas ressoarem em bosques mágicos — a mesma música em que pensei vagamente há muitos longos anos, debaixo dos olmos de Mindon Gwar.”

E eis que, conforme falavam assim cismando, a lua se escondeu, e as estrelas se nublaram, e as névoas do tempo lançaram um véu na costa, e nada conseguiam ver e nada mais ouviam, exceto o som da arrebentação dos mares nos seixos distantes da Ilha Solitária; e logo o vento soprou até mesmo esse débil rumorejar para longe. Mas Ælfwine avançou de olhos arregalados, calado, e de súbito, com grande clamor, lançou-se no mar sombrio, e as águas que o envolveram eram cálidas, e uma morte gentil pareceu envelopá-lo. Então os outros tiveram a impressão de que acordaram à sua voz como que de um sonho; mas o vento, que subitamente se tornou feroz, enfunou todas as velas, e eles nunca mais o viram, sendo impelidos de volta com os corações todos partidos de arrependimento e anseio. Às vezes viam pálidos barcos élficos voltando para casa, talvez, para o

Porto dos Muitos Tons, e eles os saudavam; mas só ecos débeis ao longe chegavam-lhes aos ouvidos, e nenhum jamais os conduziu à terra do seu desejo, eles que, depois de muito tempo, serpentearam de volta por todo o fio labiríntico das suas rotas longas e emaranhadas, até que lançaram âncora, por fim, no porto de Belerion, já homens idosos e abatidos. E as coisas que viram e ouviram pareciam-lhes, depois, uma miragem e uma fantasia, advindas da fome e dos feitiços-marinhos, salvo apenas para Bior de Eneadur do Povo-navegante do Oeste.

Mas entre os rebentos daqueles homens houve, depois, muitos espíritos irrequietos e saudosos desde que eles morreram e passaram para além da Borda da Terra sem necessidade de barco ou vela. Mas enquanto sua vida durou, nunca deixaram de se fazer ao mar, e seus corpos estão todos cobertos pelo mar.[42]

A narrativa termina aqui. Não há vestígio de qualquer continuação, embora pareça provável que *Ælfwine da Inglaterra* seria o começo de uma reescrita completa dos *Contos Perdidos*. Seria interessante saber ao certo quando *Ælfwine II* foi escrito. A letra do manuscrito com certeza é diferente da do resto dos *Contos Perdidos*, mas inclino-me a pensar que ele sucedeu *Ælfwine I* não muito tempo depois, e é improvável que a primeira versão seja muito posterior a 1920 (ver p. 312).

Ao final de *Ælfwine II*, meu pai rabiscou duas sugestões: (1) que Ælfwine deveria se transformar em um “inglês pagão primitivo que fugiu para o Oeste”; e (2) que “a Ilha do Homem Velho” deveria ser removida, e todos naufragariam em Eneadur, a Ilha dos Ythlings. Essa última sugestão teria (surpreendentemente) levado ao abandono do episódio do navio afundado, com o Homem do Mar lançando-o à praia na cheia da maré, e dos Vikings mortos “no fundo, fitando o céu”.

Nesta narrativa — em que a “magia” dos Elfos antigos é comunicada de maneira muito intensa na visão que os marujos tiveram da Ilha Solitária sob “a lua crescente de Elfinesse” — Ælfwine ainda está no contexto das figuras da antiga lenda inglesa: seu pai é Déor, o Menestrel. No grande manuscrito anglo-saxônico conhecido como “o Livro de Exeter”, há um breve poema de 42 versos que hoje em dia recebe o título *Déor*. É uma fala do menestrel Déor que, como ele diz, perdeu seu lugar e foi substituído no favor do seu senhor por outro bardo, chamado Heorrenda. No decorrer do poema, Déor cita exemplos de grandes infortúnios relatados nas lendas heroicas, e nelas encontra conforto, concluindo cada uma das alusões com o refrão fixo *þæs ofereode; þisses swa mæg*, o qual foi traduzido de várias maneiras; meu pai afirmava que significava “O tempo passou desde então, isto também pode passar”.[43]

Desse poema vieram tanto Déor quanto Heorrenda. Na “narrativa *Eriol*”, Heorrenda era o filho de Eriol nascido em Tol Eressëa de sua esposa Naimi (p. 290), e estava associado a Hengest e Horsa na conquista da Ilha Solitária (p. 291); sua morada na Inglaterra ficava em Tavrobel (p. 292). Não penso que o Déor de meu pai, o Menestrel de

Kortirion, e Heorrenda de Tavrobel possam ter uma relação mais próxima com o poema anglo-saxônico a não ser pelos nomes apenas, ainda que ele não tenha escolhido os nomes aleatoriamente. Ele se comovia com o conto ali vislumbrado (embora, nas palavras de um dos editores do poema, "o elemento autobiográfico seja puramente ficcional, servindo apenas de pretexto para a enumeração das histórias heroicas"); e, quando palestrava sobre *Beowulf* em Oxford, ele às vezes dava ao poeta desconhecido um nome, chamando-o de *Heorrenda*.

Acredito que também não se pode concluir nada mais dos outros nomes em inglês antigo na narrativa: Óswine, príncipe de Gwar, Éadgifu, Ælfheah (se bem que os nomes em si sejam, sem dúvida, "significativos": *Óswine* contém *ós* "deus" e *wine* "amigo", e *Éadgifu*, *éad* "bem-aventurança" e *gifu* "dom, dádiva"). Os Forodwaith são, evidentemente, invasores vikings da Noruega ou da Dinamarca; o nome do capitão morto do navio, Orm, é bem atestado em nórdico. Mas tudo isso é uma *mise-en-scène* que é histórica tão somente no suporte, não na estrutura.

A ideia das sete invasões a Lúthien (Luthany) permaneceu (p. 314), e também do desvanecer dos Elfos e sua fuga para oeste (que, de fato, nunca se perdeu por completo),[44] mas enquanto nos esboços a invasão dos Ingwaiwar (isto é, os Anglo-Saxões) foi a sétima (ver citações (20) e (22)), aqui as invasões vikings são retratadas como sendo contra os ingleses — "nem foi aquela a última das conquistas de Lúthien dos Homens por Homens" (p. 314), uma óbvia referência aos normandos.

As referências “geográficas” na história são muito interessantes. Bem no começo, há uma afirmação curiosa sobre a separação da Irlanda “na guerra dos Deuses”. Visto que a “narrativa *Ælfwine*” não inclui a ideia de que Tol Eressëa foi arrastada de volta ao leste pelo mar, isso deve se referir a alguma coisa bem diferente da história em (5), p. 283, em que a Ilha de Íverin foi apartada quando Ossë tentou puxar Tol Eressëa de volta. Não sei que coisa seria essa, mas parece concebível que seja o primeiro indício ou pista do grande cataclisma no final dos Dias Antigos, quando Beleriand submergiu. (Não encontrei indício de qualquer conexão entre o porto de *Belerion* e a região de *Beleriand*).

No conto, Kortirion (Mindon Gwar) é evidentemente “Kortirion, a Velha”, a habitação élfica original em Lúthien, em homenagem à qual a Kortirion de Tol Eressëa foi nomeada (ver pp. 308, 310); do mesmo modo, devemos supor que o nome Alalminórë (p. 313) dado à região no entorno (“Warwickshire”) foi atribuído depois à região central de Tol Eressëa.

Quanto à questão das ilhas e arquipélagos no Grande Mar, o que se diz em *Ælfwine da Inglaterra* pode ser comparado, primeiramente, com os trechos de descrição geográfica em *A Vinda dos Valar* (I. 68) e *A Vinda dos Elfos* (I. 125), que são bem parecidos um com o outro. Desses trechos, descobrimos que há muitas terras e ilhas no Grande Mar antes de se chegar às Ilhas Mágicas. Para lá das Ilhas Mágicas está Tol Eressëa, e além de Tol Eressëa estão os Mares Sombrios, “onde flutuam as Ilhas do Crepúsculo”, as primeiras das Terras de Fora. A própria Tol Eressëa “não é contada nem entre as Terras de Fora, nem entre as Grandes

Terras” (I. 125); fica longe, no meio do oceano, “e terra alguma pode ser vista navegando-se por muitas léguas desde suas falésias” (I. 121). *Ælfwine da Inglaterra* concorda com esse relato, mas ali se acrescenta o arquipélago das Ilhas Sem Angras.

Como eu observei anteriormente (I. 137), essa progressão de Leste para Oeste — Ilhas Sem Angras, Ilhas Mágicas, a Ilha Solitária, e então os Mares Sombrios, onde ficavam as Ilhas do Crepúsculo — foi alterada posteriormente, e conta-se em *O Silmarillion* (pp. 148–9) que, na época da Ocultação de Valinor,

as Ilhas Encantadas foram dispostas, e todos os mares à volta delas ficaram cheios de sombras e desconcerto. E essas ilhas estendiam-se como uma rede nos Mares Sombrios, do norte ao sul, antes que Tol Eressëa, a Ilha Solitária, fosse alcançada por quem navegava para o oeste. Dificilmente podia alguma nau passar entre elas, pois, nas enseadas perigosas, as ondas suspiravam para sempre sobre rochas escuras veladas em névoa. E, no crepúsculo, um grande cansaço e uma aversão ao mar vinham sobre os marinheiros; mas todos os que alguma vez pisavam nas ilhas ficavam ali apanhados e dormiam até a Mudança do Mundo.

Como conceito, as Ilhas Encantadas derivam primariamente das antigas Ilhas Mágicas, dispostas na época da Ocultação de Valinor e descritas nesse Conto (I. 211): “Ossë as dispôs num grande anel em volta dos limites ocidentais do pujante mar, de sorte que guardavam a Baía de Feéria”, e

todos os que ali pisavam, dali jamais saíam, pois, enredados nas tramas dos cabelos de Oinen, Senhora do Mar, e dominados pelo sono perpétuo que Lórien colocou ali, jaziam na orla das ondas como aqueles que, afogando-se, são espraiados novamente pelos movimentos do mar; e, no entanto, esses infelizes dormiam insondáveis e as águas sombrias lavavam-lhes os membros [...]

Aqui, três dos companheiros de Ælfwine

dormiam um sono como a morte em praias escuras, e suas cabeças repousavam em areia branca, e estavam trajados de espuma, envoltos nos feitiços eternos de Eglavain. (p. 320)

(Não sei o significado do nome *Eglavain*, mas como ele claramente contém *Egla* (gnômico, = *Elda*, ver I. 251), talvez signifique "Elfinesse"). Mas talvez as Ilhas Encantadas também derivem das Ilhas do Crepúsculo, pois as Ilhas Encantadas ficavam igualmente no crepúsculo e estavam dispostas nos Mares Sombrios (ver I. 224); e também das Ilhas Sem Angras, as quais, como o Homem do Mar contou a Ælfwine (p. 317), foram dispostas na época da Ocultação de Valinor — e, de fato, tinham o mesmo propósito das Ilhas Mágicas, embora ficassem muito mais longe no Leste.

Eneadur, a ilha dos Ythlings (inglês antigo *ýð* "onda"), cuja vida é descrita de modo tão completo em *Ælfwine da Inglaterra*, parece nunca ter sido mencionada de novo. Haveria, talvez, em Eneadur e nos Marinheiros do Oeste uma antecipação tênue

dos antigos Númenóreanos na sua ilha cercada de falésias?

A seguinte passagem (pp. 316–17) não é fácil de interpretar:

De lá [isto é, da Baía de Feéria] o mundo mergulha íngreme para além da Borda das Coisas até Valinor, o Lar-divino, e até a Muralha e a beira do Nada onde estão semeadas as estrelas.

No texto *Ambarkanta* ou "Forma do Mundo", dos anos de 1930, um mapa do mundo mostra a superfície da Terra de Fora caindo íngreme ao oeste, a partir das Montanhas de Valinor. É possível que seja a esse declive que meu pai estivesse se referindo aqui, e que a Borda das Coisas seja a grande muralha de montanhas, mas isso parece muito improvável. Em *Ælfwine da Inglaterra* há também referências à "Borda da Terra", pela qual passam os mortos (pp. 314, 322); e, em um esboço para o *Conto de Eärendel* (p. 260), o barco de Tuor "passa por sobre a borda do mundo". Penso ser mais provável que a expressão se refira à borda do horizonte (o "horizonte do conhecimento dos Homens", p. 313).

Não consigo explicar a expressão "o sol [estava] afundando nas Montanhas de Valinor, além das Muralhas do Oeste" (p. 320) de acordo com o que se diz nos *Contos Perdidos*. Uma interpretação possível, mas dificilmente convincente, é que o sol estava afundando na direção de Valinor *de onde ele iria passar* para "além das Muralhas do Oeste" (ou seja, pela Porta da Noite, ver I. 215–16).

Por fim, é notável a sugestão (p. 313) de que os Elfos viajando para oeste a partir de Lúthien

poderiam ultrapassar a Ilha Solitária e chegar até mesmo de volta a Valinor. Sobre esse assunto, ver aqui.

Antes de encerrar, resta discutir brevemente um assunto de natureza geral que foi muitas vezes mencionado nos textos, e especialmente nesses últimos capítulos: a “pequenez” dos Elfos.

Afirma-se várias vezes nos *Contos Perdidos* que os Elfos dos dias antigos tinham maior estatura corporal do que vieram a ter depois. Assim, em *A Queda de Gondolin* (p. 159): “os pais dos pais dos Homens eram de menor estatura do que a dos Homens de agora e que os filhos de Elfinesse eram de maior crescimento”; em um esboço para o conto abandonado de Gilfanon (I. 235), de maneira muito semelhante: “De início os Homens eram quase da mesma estatura dos Elfos, sendo as fadas muito maiores e os Homens menores que agora”; e na citação (4) do presente capítulo: “Homens e Elfos eram de igual estatura outrora, embora os Homens sempre fossem mais robustos”. De todo modo, outras passagens sugerem que os Elfos antigos eram por natureza de compleição um tanto mais delgada (ver pp. 142, 220).

A diminuição na estatura dos Elfos de épocas posteriores é muito explicitamente relacionada à vinda dos Homens. Assim, na citação (4): “os Homens se espalham e prosperam, e os Elfos das Grandes Terras se desvanecem. Conforme a estatura dos Homens cresce, a deles diminui”; em (5): “conforme os Homens se tornam mais poderosos e numerosos, as fadas se desvanecem e

diminuem e atenuam-se, tornando-se translúcidas e transparentes, mas os Homens se tornam maiores, mais robustos e mais grosseiros. Por fim, os Homens, ou quase todos, não mais conseguem ver as fadas". O retrato mais claro que sobrevive dos Elfos depois de eles "desvanecerem" completamente encontra-se no *Epílogo* (p. 289):

Como fios de vento, como semitransparências místicas, Gilfanon, Senhor de Tavrobel, cavalga esta noite em meio ao seu povo, e caça o cervo élfico sob o céu palescente. Uma música de pés esquecidos, um brilho de folhas, uma repentina ondulação da relva, e vozes melancólicas murmurando na ponte, e se vão.

Mas, de acordo com os trechos que dizem respeito à posterior versão "*Ælfwine*", os Elfos de Tol Eressëa que haviam deixado Luthany não desvaneceram, ou haviam parado de desvanecer. Assim, em (15): "Tol Eressëa, para onde a maioria dos Elfos não desvanecidos se retiraram, fugindo do ruído, guerra e clamor dos Homens"; e (16): "Tol Eressëa, para onde a maioria dos Elfos desvanecentes se retiraram do mundo, e lá não mais desvanecem agora". Além disso, em *Ælfwine da Inglaterra* (p. 313) menção é feita aos "Elfos não desvanecidos além das águas de Garsecg".

Por outro lado, quando Eriol chegou ao Chalé do Brincar Perdido, o guardião-das-portas lhe disse (I. 14):

Pequena é a morada, mas ainda menores são os que aqui moram — pois todos os que entram devem ser bem pequenos de fato, ou de boa

vontade tornar-se gente pequenina assim que pisam na soleira.

Observei anteriormente (I. 32) como é estranha a ideia de que o Chalé e os seus habitantes eram peculiarmente pequenos em uma ilha inteiramente habitada por Elfos. Mas, caso tivesse reescrito *O Chalé do Brincar Perdido*, meu pai sem dúvidas a teria abandonado; e, de todo modo, pode bem ser que, na época de *Ælfwine II*, ele já estivesse se desvencilhando da ideia de que Elfos "desvanecidos" eram diminutos, como sugere a rejeição das palavras "pequeno" em "pequeno povo" e "pequeno barco" (ver nota 27).

No fim, é claro, os Elfos perderam todas as associações e qualidades que hoje em dia seriam comumente consideradas "feéricas", e os que permaneceram nas Grandes Terras nas Eras do mundo que ainda não tinha sido concebido na época cresceram muito em estatura e poder: não há nada translúcido ou transparente nos heroicos ou majestosos Eldar da Terceira Era da Terra-média. Muito tempo depois, num comentário irado a uma representação pictórica "fina" ou "feminina" de Legolas, meu pai escreveu:

Ele era alto como uma jovem árvore, ágil, imensamente forte, capaz de envergar ligeiro um grande arco de guerra e abater um Nazgûl, dotado com a tremenda vitalidade dos corpos élficos, tão robusto e resistente a ferimentos que andava somente com sapatos leves por sobre rochas ou através da neve, o mais incansável de todos da Sociedade.[e]

Com isso chega ao fim minha interpretação e análise dos escritos iniciais que dizem respeito à história do marinheiro que chegou à Ilha Solitária e lá descobriu a verdadeira história dos Elfos. Eu mostrei, espero que de modo convincente, a maneira curiosa e complexa com que a visão de meu pai acerca da importância de Tol Eressëa se alterou. Quando ele rabiscou a sinopse (10), a ideia da viagem do marinheiro à Ilha dos Elfos já estava presente, é claro; mas ele viajava do Leste e a Ilha Solitária que ele buscava era a Inglaterra (ainda que ela ainda não fosse a terra dos ingleses e não ficasse nos mares em que a Inglaterra está). Quando mais tarde toda a concepção foi alterada, a Inglaterra — chamada de “Luthany” ou “Lúthien” — continuou sendo preeminentemente a terra élfica; e Tol Eressëa, com seus prados e soutos, os ninhos de gralhas nos olmeiros de Alalminórë, deu ao marinheiro inglês a impressão de ter sido refeita à semelhança de sua própria terra, que os Elfos haviam perdido quando os Homens chegaram: pois ela de fato era uma reencarnação da élfica Luthany de além-mar.

Posteriormente, tudo isso haveria de sair da mitologia que se desenvolvia, mas Ælfwine deixou muitas marcas nessas páginas até que ele também, por fim, desapareceu.

Muita coisa neste capítulo é necessariamente inconclusiva e incerta, mas acredito que essas notas e projeções muito antigas foram desenterradas corretamente, ainda que, como “enredos”, abandonados e sem dúvida esquecidos, eles sejam testemunhas de verdades do coração e

da mente de meu pai que ele nunca abandonou. Mas essas notas foram escritas em sua juventude, quando para ele a magia élfica “ainda permanecia forte nas matas e montes de Luthany”; na sua velhice, tudo se havia ido para Oeste-sobre-o-mar, e um fim de fato chegou para os Eldar em história e em canção.

[a] Uma das variantes do nome da Inglaterra em inglês antigo. [N.T.]

[b] O termo “Partida Afora” é empregado aqui com sentido profético, e não como em (18) e (20).

[c] Anglos, saxões, jutos e frísios.

[d] No sentido da Marcha dos Elfos desde Kôr, como em (18) e (20).

[e] Ver, a esse respeito, *A Natureza da Terra-média*, p. 223 e seguintes. [N.T.]

NOTAS

[1] Sobre essa afirmação acerca da estatura de Elfos e Homens, ver pp. 326–7.

[2] Para a forma *Taimonto* (*Taimondo*), ver I. 268, verbete *Telimektar*.

[3] *Belaurin* é o equivalente gnômico de *Palúrien* (ver I. 264).

[4] Uma nota lateral aqui sugere que talvez o Pinheiro não deveria estar em Tol Eressëa. Para *Ilwë*, o ar do meio, que é “azul e claro, e flui em meio às estrelas”, ver I. 65, 73.

[5] *Gil* = *Ingil*. Na primeira ocorrência de *Ingil* nesse trecho, o nome foi escrito *Ingil* (*Gil*), mas (*Gil*) foi riscado.

[6] A palavra *Nautar* ocorre em um esboço rejeitado do *Conto do Nauglafring* (p. 136), e ali é equivalente a *Nauglath* (Anãos).

[7] *Uin*: “a mais poderosa e mais antiga das baleias”, a principal dentre as baleias e peixes que arrastaram a “ilha-carruagem” (posteriormente Tol Eressëa) na qual Ulmo atravessou os Elfos até Valinor (I. 118–20).

[8] *Gongues*: são seres malignos relacionados de maneira obscura aos Orques: ver I. 254, nota 10, e os esboços rejeitados para o *Conto do Nauglafring* incluídos em pp. 136–7.

[9] Um grande ponto de interrogação está escrito ao lado desse trecho.

[10] A semelhança deste nome com *Dor Daedeloth* é impressionante, mas esse último é o nome do reino de Morgoth em *O Silmarillion*, ali interpretado como “Terra da Sombra do Horror”. O nome antigo (cujos elementos

são *dai* “céu” e *teloth* “telhado, teto”) não tem nada em comum com o nome posterior além da forma.

[11] Ver *Kortirion entre as Árvores* (I. 34, 37, 41): *A relva undosa*.

[12] A origem de *Warwick*, de acordo com a etimologia convencional, é incerta. O elemento *wic*, extremamente comum em topônimos ingleses, significava essencialmente uma moradia, ou um conjunto de moradias. A forma atestada mais antiga do nome é *Wæring wic*, e conjectura-se que *Wæring* seja uma palavra em inglês antigo para uma barragem, derivado de *wer*, inglês moderno *weir* [barragem, represa]: portanto, “moradias junto à barragem”.

[13] Ver a folha de rosto na citação (11): *Heorrenda de Hægwudu*. Na realidade, nenhuma versão do nome desse vilarejo de Staffordshire é atestada antes da Conquista Normanda, mas a forma em inglês antigo era certamente *hæg-wudu* “mata cercada” (compare com a Sebe Alta, *High Hay*, a grande sebe que guardava a Terra-dos-Buques da Floresta Velha em *O Senhor dos Anéis*).

[14] O nome Luthany, referindo-se a um país, ocorre cinco vezes no poema *The Mistress of Vision*, de Francis Thompson. Como observado anteriormente (I. 29), meu pai adquiriu os Poemas Completos de Francis Thompson em 1913–14; e nesse exemplar ele escreveu uma nota marginal ao lado de uma das estrofes que contêm o nome *Luthany* — porém, essa nota não diz respeito ao nome. Mas não faço ideia de onde Thompson tirou o nome *Luthany*. Ele mesmo descreveu o poema como “uma fantasia” (Everard Meynell, *The Life of Francis Thompson*, 1913, p. 237).

Isso explica somente a origem da sequência de sons do nome, assim como o nome *Kôr*, que vem do livro *Ela*, de Rider Haggard,[a] ou *Rohan* e *Moria*, mencionados em uma carta de 1967 que meu pai escreveu sobre o assunto (*As Cartas de J.R.R. Tolkien*, carta nº 297), na qual afirmou:

> Isso leva à questão da história "externa": o modo efetivo pelo qual vim a descobrir ou escolher certas sequências sonoras para usar como nomes, *antes* que recebessem um lugar dentro da história. Como eu disse, creio que isso não é importante: o trabalho envolvido na minha organização do que sei e lembro do processo, ou das suposições de outros, seria muito maior do que o valor dos resultados. As formas faladas simplesmente eram meras formas audíveis e, ao serem transferidas para a situação linguística preparada na minha história, receberam significado e importância de acordo com essa situação e com a natureza da história contada. Seria inteiramente delusório recorrer às fontes das combinações sonoras para descobrir quaisquer significados evidentes ou ocultos.

[15] A posição complica-se pela existência de alguns esboços narrativos extremamente rudimentares e beirando a ilegibilidade, nos quais o marinheiro é chamado de Ælfwine e, no entanto, estão presentes elementos essenciais da "narrativa *Eriol*". Eu os tomo como um estágio intermediário. São esboços muito obscuros e exigiriam muito espaço para serem apresentados e discutidos e, portanto, deixo-os de lado.

[16] Ver p. 264 (xiv).

[17] *Caer Gwâr*: ver p. 292.

[18] Pode-se mencionar aqui que, quando meu pai leu *A Queda de Gondolin* no Clube de Ensaios do Exeter College na primavera de 1920, o marinheiro ainda era *Eriol*, conforme aparece nas notas para suas observações preliminares naquela ocasião (ver *Contos Inacabados*, p. 17). Muito estranhamente, ele diz ali que “Eriol se depara acidentalmente com a Ilha Solitária”.

[19] *Garsecg* (pronunciado *Garsedge* e assim escrito em *Ælfwine A*), era um dos muitos nomes em inglês antigo para o mar.

[20] Em *Ælfwine I*, aquela terra é igualmente chamada de *Lúthien*, e não *Luthany*. Em *Ælfwine A*, por outro lado, a mesma distinção dos esboços é feita: “Ælfwine da Inglaterra (a quem as fadas depois chamaram Lúthien (amigo) de Luthany (amizade))”. Nessa primeira ocorrência (apenas) de *Lúthien* em *Ælfwine II*, a forma *Leithian* está escrita em cima, a lápis, mas *Lúthien* não foi riscado. *A Balada de Leithian* tornou-se depois o título do longo poema de Beren e Lúthien Tinúviel.

[21] *A Colina de Tûn*, ou seja, a colina sobre a qual a cidade de Tûn foi construída: ver p. 292.

[22] *Mindon Gwar*: ver p. 291.

[23] *Éadgifu*: na “narrativa *Eriol*”, esse nome em inglês antigo (ver p. 323) aparece como equivalente de Naimi, esposa de Eriol, com quem ele se casou em Tol Eressëa (p. 290).

[24] Em *Ælfwine I*, o texto neste ponto diz: “em razão de sua beleza e graça, bem como disse aquele rei dos Francos que certa vez foi o mais poderoso entre os homens [...]” [*sic*]. Em *Ælfwine II*, o manuscrito a tinta é interrompido em “praias altas e brancas”, mas, depois dessas palavras, meu pai escreveu a lápis: “bem como disse aquele rei dos Francos que naqueles dias era o

mais poderoso dos reis terreais [...]" [*sic*]. A única pista em *Ælfwine da Inglaterra* quanto ao período de vida de Ælfwine é a invasão dos Forodwaith (Vikings); o rei poderoso dos Francos pode, portanto, ser Carlos Magno, mas não consegui descobrir qualquer referência nesse sentido.

[25] *Mal* é uma emenda de *Melko*. A frase não consta em *Ælfwine I*.

[26] *Ælfwine I* diz: "quando os antigos Homens do Sul, vindos de Micelgeard, a Cidade Sem Coração, colocaram seus magnos pés no solo de Lúthien". O texto não faz referência a Rûm e Magbar. O nome *Micelgeard* está riscado, mas *Mickleyard* está escrito no alto da página. *Micelgeard* é inglês antigo (e *Mickleyard*, uma modernização da grafia), embora o nome não ocorra nos escritos anglo-saxônicos remanescentes e tenha por modelo o nome *Mikligarðr* (Constantinopla) do nórdico antigo. A hostilidade peculiar dos Romanos em relação aos Elfos de Luthany é mencionada por implicação na citação (20), e a sua descrença na existência deles, na citação (22).

[27] O emprego, frequente em *Ælfwine I*, de "pequeno" para descrever as fadas (Elfos) de Lúthien e seus navios foi mantido em *Ælfwine II* quando escrito pela primeira vez, mas depois foi riscado. Aqui, a palavra foi mantida duas vezes, talvez inadvertidamente.

[28] *Élficos* é uma emenda posterior de *feéricos*.

[29] Essa frase, a partir de "exceto por Ælfheah [...]" foi acrescentada depois em *Ælfwine II*, e não consta em *Ælfwine I*. Todo o texto de *Ælfwine I* e *II* até esse ponto encontra-se resumido da seguinte forma em *Ælfwine A*:

> Ælfwine da Inglaterra (a quem as fadas depois chamaram Lúthien (amigo) de Luthany (amizade)),

nascido de Déor e Éadgifu. A cidade deles incendiada e Déor assassinado e Éadgifu morre. Ælfwine escravo dos Elmos Alados. Foge para o Mar do Oeste e toma um navio de Belerion e parte em grandes navegações. Está procurando pelas ilhas do Oeste das quais Éadgifu lhe contou na infância.

[30] *Ælfwine I* diz, neste ponto: “Mas três homens ele conseguiu encontrar para serem seus companheiros; e Ossë os tomou para si.” *Ossë* foi emendado para *Neorth*, e a frase foi riscada e reescrita: “Destes ele encontrou apenas três; e esses três Neorth depois tomou para si, e seus nomes não são conhecidos.” Neorth = Ulmo. Ver nota 39.

[31] *Ælfwine A* diz: “Ele divisa algumas ilhas jazendo na aurora, mas é varrido de lá por grandes ventos. Retorna a duras penas para Belerion. Reúne os sete maiores marinheiros da Inglaterra; eles partem na primavera. Naufragam nas ilhas que Ælfwine desejava e as encontram desertas e solitárias e repletas de árvores lúgubres e sussurrantes.” Isso está em desacordo com *Ælfwine I* e *II*, em que Ælfwine é lançado sozinho na ilha, mas está de acordo com *II* considerando-se que dá a Ælfwine sete companheiros, e não três.

[32] Uma pista de que este era Ulmo. Ver *A Queda de Gondolin* (p. 155): “e calçava grandes sapatos de pedra.”

[33] Em *Ælfwine A*, elas estavam “repletas de árvores lúgubres e sussurrantes” (nota 31).

[34] A partir do ponto em que o Homem do Mar diz: “Vê, esta é uma no círculo das Ilhas Sem Angras [...]” (p. 317) até aqui (ou seja, todo o episódio do navio viking naufragado e seu capitão, Orm, assassino do pai de Ælfwine), não há trecho correspondente em *Ælfwine I*, que diz apenas: “mas aquele Homem do Mar ajudou-o a

construir uma pequena embarcação e, juntos, guiados pelo marujo solitário, partiram e chegaram a uma terra pouco conhecida.” Para a narrativa de *Ælfwine A*, ver nota 39.

[35] Em uma das ocorrências do nome *Ythlings* (inglês antigo *ýð* “onda”) em *Ælfwine I* está escrito *Ythlingas*, com o sufixo de plural em inglês antigo.

[36] *Os Marinheiros do Oeste*: emenda de *Eneathrim*.

[37] Compare com a passagem de versos aliterantes no artigo de meu pai *On Translating Beowulf* (*The Monsters and the Critics and Other Essays*, 1983, p. 63): *then away thrust her to voyage gladly valiant-timbered* [então fizeram-no partir a viajar contente, com madeirame valente].

[38] Toda a seção da narrativa que fala da ilha dos Ythlings é contada mais brevemente em *Ælfwine I* (embora, até onde chega, quase nas mesmas palavras), estando ausentes muitas características da história posterior (notavelmente a derrubada da madeira no bosque consagrado a Ulmo, e a benção do navio pelo Homem do Mar). A única diferença real na estrutura, contudo, é que, enquanto em *Ælfwine II* Ælfwine reencontra os sete companheiros na terra dos Ythlings e navega para oeste com eles, junto com Bior dos Ythlings, em *Ælfwine I* eles de fato se afogaram, e ele arranjou sete companheiros entre os próprios Ythlings (e Bior não é nomeado nesse grupo).

[39] O esboço do enredo em *Ælfwine A* conta a história a partir do ponto em que Ælfwine e os seus sete companheiros foram lançados na Ilha do Homem do Mar (e, assim, difere de *Ælfwine I* e *II*, segundo os quais ele chegou sozinho). Diz o seguinte:

Eles vagam pela ilha na qual foram lançados e se deparam com muitos destroços apodrecendo — frequentemente de grandes navios, alguns carregados de tesouro. Encontram uma cabana solitária ao lado de um mar isolado, construída de madeira náutica antiga, onde mora um velho marinheiro, sozinho e estranho, de aspecto medonho. Ele lhes conta que essas são as Ilhas Sem Angras, cujos rochedos encantados atraem todos os navios para lá, a fim de que os homens não cheguem longe em Garsedge [*ver nota 19*] — e elas foram criadas à Ocultação de Valinor. Aqui, diz ele, as árvores são mágicas. Por meio dele, descobrem muitas coisas estranhas do mundo ocidental, e seu desejo por aventura é aguçado. Ele os ajuda a cortar árvores sagradas nos bosques da ilha e a construir uma maravilhosa embarcação, e lhes mostra como se aprovisionar para a longa viagem (aquela água que não seca salvo quando o coração falta etc.). Ele a abençoa com um feitiço de aventura e descoberta, e então mergulha saltando do cimo de uma falésia. Eles suspeitam que era Neorth, Senhor das Águas.

Partem numa jornada de muitos anos em meio às estranhas ilhas do oeste, com frequência ouvindo muitos relatos estranhos — do cinturão de Ilhas Mágicas que poucos ultrapassaram; do mar além, sem rota, onde o vento sopra quase sempre do Oeste; da borda do crepúsculo e da ilha que ali se vislumbra ao longe, com seu porto cintilante. Alcançam a ilha mágica [*leia-se* ilhas mágicas*?*] e três caem sob encanto e adormecem na praia.

Os outros percorrem as águas além e se desesperam — pois sempre que avançam para oeste, o vento muda e os leva de volta. Ao fim, concordam em

> retornar pela manhã se nada de novo acontecer. O dia amanhece frio e escuro, e eles são abonançados, fitando em vão através da chuva.

Essa narrativa difere de *Ælfwine I* e *II* pois não há menção aos Ythlings, e Ælfwine e seus sete companheiros partem para sua longa viagem rumo ao oeste da Ilha Sem Angra do marinheiro ancião. Ela concorda com *Ælfwine I* devido ao nome Neorth, mas antecipa *Ælfwine II* pelo corte de árvores sagradas usadas na construção de um navio.

[40] Em *Ælfwine I*, Ælfheah não aparece, e suas duas falas nesse trecho são atribuídas a um tal de *Gelimer*. Gelimer (Geilamir) era o nome de um rei dos Vândalos do século VI.

[41] Em *Ælfwine I*, a fala de Bior é atribuída a Gelimer (ver nota 40).

[42] *Ælfwine I* termina com quase exatamente as mesmas palavras de *Ælfwine II*, mas com uma diferença muito extraordinária: Ælfwine não salta do navio, mas retorna com seus companheiros a Belerion e, portanto, jamais chega a Tol Eressëa! “Mui vazios depois ficaram os lugares dos Homens para Ælfwine e seus marujos, e dos seus rebentos houve muitos espíritos irrequietos e saudosos desde que eles morreram [...]”. Além disso, parece que meu pai claramente estava a ponto de dizer o mesmo em *Ælfwine II*, mas parou, riscou o que tinha escrito, e introduziu a frase em que Ælfwine salta no mar. Não sei como explicar isso de maneira alguma.

Ælfwine A termina bem parecido com *Ælfwine II*:

> Conforme a noite cai, uma pequena aragem sopra e as nuvens se erguem. Eles içam vela para retornar quando, de súbito, bem fundo no crepúsculo eles veem as muitas luzes do Porto de Muitos Tons

irromperem cintilantes. Remam para lá e ouvem doce música. Então a névoa esconde tudo, e os outros, despertando, dizem que é uma miragem advinda da fome, e com corações pesados se preparam para voltar, mas Ælfwine mergulha e nada rumo à escuridão até ser dominado pelas águas, e parece-lhe que a morte o envelopa. Os outros navegam para casa e saem do conto.

[43] Literalmente, como ele afirmava: “Daquele (pesar) seguiu-se em frente; deste, da mesma forma, pode-se seguir em frente.”

[44] Há raízes profundas sob as palavras em *A Sociedade do Anel* (I. 93, 95): “Elfos [...] agora podiam ser vistos passando pelas matas ao entardecer, rumo ao oeste, passando sem retornar; mas estavam deixando a Terra-média e não se importavam mais com seus infortúnios.” “‘Bem, isso não é novidade nenhuma, se você acreditar nas velhas histórias’”, disse Ted Ruivão quando Sam Gamgi tocou no assunto.

Coloco em anexo aqui uma sinopse das diferenças estruturais entre as três versões de *Ælfwine da Inglaterra*.

A	I	II
Æ. navega de Belerion e vê “ilhas na aurora”.	Como em A	Como em A, mas o seu companheiro Ælfheah é nomeado.
Æ. parte de novo com 7 marinheiros da Inglaterra. Naufragam na ilha do Homem do Mar, mas todos sobrevivem.	Æ. tem apenas 3 companheiros e só ele sobrevive ao naufrágio.	Æ. tem 7 companheiros, e está sozinho na ilha do Homem do Mar, acreditando que os outros se afogaram.
O Homem do Mar os ajuda a construir um	O Homem do Mar ajuda Æ. a construir um barco	Æ. e o Homem do Mar encontram um navio

navio, mas não parte com eles.	e parte com ele.	viking encalhado e içam velas juntos nele.
O Homem do Mar salta no mar do cimo de uma falésia de sua ilha.	Eles chegam à Ilha dos Ythlings. O Homem do Mar mergulha do cimo de uma falésia. Æ. arranja 7 companheiros entre os Ythlings.	Como em I, mas Æ. reencontra seus 7 companheiros da Inglaterra, que não haviam se afogado; Bior dos Ythlings se junta a eles.
Durante suas viagens, 3 dos companheiros de Æ. caem sob um encanto nas Ilhas Mágicas.	Como em A, mas neste caso eles eram Ythlings.	Como em A
Eles são soprados para longe de Tol Eressëa depois de avistá-la; Æ. salta para fora, e os outros voltam para casa.	Eles são soprados para longe de Tol Eressëa e todos, incluindo Æ., voltam para casa.	Como em A

Alterações feitas a nomes e diferenças entre nomes nos textos de *Ælfwine da Inglaterra*

Lúthien O nome da terra em I e II; em A, *Luthany* (ver nota 20).

Déor Na primeira ocorrência apenas em I, *Déor* < *Heorrenda*, subsequentemente *Déor*; em A, *Déor*.

Evadrien Em I < *Erenol*. *Erenol* = “Falésia de Ferro”; ver I. 252, verbete *Eriol*.

Forodwaith Em II, *Forodwaith* < *Forwaith* < *Gwasgonin*; I possui *Gwasgonin ou os Elmos Alados*; A possui *os Elmos Alados*.

Terra de Fora < *Terras de Fora* em ambas as ocorrências em II (pp. 316–17).

Ælfheah I possui *Gelimer* (na primeira ocorrência apenas < *Helgor*).

Marinheiros do Oeste Em II < *Eneathrim*.

[a] Não há evidência externa para isso, mas é difícil duvidar. Neste caso, é possível pensar que, como a Kôr africana era uma cidade construída no topo de uma grande montanha isolada, a relação é maior do que puramente “fonética”.

Apêndice

Nomes em *Os Contos Perdidos 2*

Este apêndice foi delineado apenas como adjunto e extensão àquele na Parte Um. Nomes que já foram estudados na Parte Um não recebem um verbete nas notas a seguir caso haja verbetes para tais nomes na Parte Um, por exemplo *Melko* e *Valinor*; porém, como acontece frequentemente, se a informação etimológica estiver contida no verbete de outro nome, ela será indicada p. ex. como "*Gilim* Ver I. 260 (*Melko*)".

Informações linguísticas da Lista de Nomes em *A Queda de Gondolin* (ver p. 148) incorporadas nessas notas são referidas pela sigla "NQG". "LG" e "LQ" referem-se aos dicionários gnômico e qenya (ver I. 246 e seguintes). *Qenya* é o termo usado nesses dois livros, e é estritamente o nome da língua falada em Tol Eressëa; o termo não aparece em outros lugares dos escritos antigos, nos quais a distinção se dá entre "gnômico", de um lado, e "élfico", "eldar" ou "eldarissa", do outro.

Alqarámë Para o primeiro elemento em qenya *alqa* "cisne", ver I. 249 (*Alqaluntë*). Sob a raiz RAHA, o LQ

atesta *râ* “braço”, *rakta* “estender, alcançar”, *ráma* “asa, ala”, *rámavoitë* “alado, que tem asas”; o LG possui *ram* “asa, remígio” e há uma observação de que o qenya *ráma* é uma confusão entre essa palavra e *róma* “ombro”.

Amon Gwareth Sob a raiz AM(U) “(para) cima”, o LQ atesta *amu* “(para) cima”, *amu-* “erguer”, *amuntë* “nascer do sol”, *amun*(*d*) “colina”; o LG possui *am* “(para) cima”, *amon* “colina, monte”, advérbio “para cima, morro acima”.

O LG fornece o nome como *Amon ’Wareth* “Monte de Guarda”, também *gwareth* “vigia, guarda”, do radical *gwar-* “vigiar”, visto também no nome de *Tinfang Trinado* (*Gwarbilin* “Guardião-dos-pássaros”, I. 268). Ver *Glamhoth*, *Gwarestrin*.

Angorodin Ver I. 249 (*Angamandi*) e I. 256 (*Kalormë*).

Arlisgion O LG inclui *Garlisgion* (ver I. 265 (*Sirion*)), assim como a NQG, que diz “*Garlisgion* era nosso nome, diz Elfrith, para o Lugar dos Caniços, que é sua interpretação”, e “*lisg* é um caniço (*liskë*)”. O LG possui *lisg*, *lisc* “caniço, junça”, e o LQ, *liskë* com o mesmo significado. Para *gar*, ver I. 251 (*Dor Faidwen*).

Artanor O LG possui *athra* “de través”, *athron*, advérbio “para lá, além”, *athrod* “cruzamento, vau” (alterado depois para *adr*(*a*), *adron*, *adros*). *Athra*, *adr*(*a*) é comparado ao qenya *arta*. Ver também o nome *Dor Athro* (p. 54). Fica claro que tanto *Artanor* quanto *Dor Athro* significam “a Terra Além”. Ver *Sarnathrod*.

Asgon Um verbete na NQG diz: “*Asgon* Um lago na ‘Terra das Sombras’, Dor Lómin, pelos Elfos chamado de *Askan*.”

Ausir O LG inclui *avos* “fortuna, riqueza, opulência, prosperidade”, *avosir*, *Ausir* “idem (personificado)”; também *ausin* “rico”, *aus*(*s*)*aith* ou *avosaith*

“avareza”. Sob a raiz AWA no LQ estão *autë* “prosperidade, riqueza; rico”, *ausië* “riqueza”.

Bablon Ver p. 214.

Bad Uthwen Gnômico *uthwen* “saída, escape”, ver I. 251 (*Dor Faidwen*). O verbete na NQG diz: “*Bad Uthwen* [emendado de *Uswen*] não significa nada além de ‘via de escape’ e em eldarissa é *Uswevandë*.” Para *vandë*, ver I. 264 (*Qalvanda*).

Balcmeg Na NQG afirma-se que Balcmeg “era um grande lutador entre os *Orclim* (*Orqui*, dizem os Elfos) que tombou pelo machado de Tuor — e em significado é ‘coração de maldade’.” (Para *-lim* em *Orclim*, ver *Gondothlim*). O verbete para *Balrog* na NQG diz: “*Bal* significa maldade, e *Balc*, mau, e *Balrog* significa demônio maligno.” O LG possui *balc* “cruel”: ver I. 250 (*Balrog*).

Bansil Para o verbete na NQG, em que o nome está traduzido como “Lindobrilho”, ver p. 214; e para os elementos do nome, ver I. 272 (*Vána*) e I. 265 (*Sil*).

Belaurin Ver I. 264 (*Palúrien*).

Belcha Ver I. 260 (*Melko*). A NQG possui um verbete: “*Belca* Embora aqui [isto é, no Conto], por costume inelutável, Bronweg tenha empregado os nomes élficos, este era dantes o nome daquele Ainu maligno.”

Beleg Ver I. 254 (*Haloisi Velikë*).

Belegost Para o primeiro elemento, ver *Beleg*. O LG fornece *ost* “cercado, pátio — cidade”, também *oss* “muralha externa, muralha citadina”, *osta-* “amuralhar, fortificar”, *ostor* “cercado, circuito de muralhas”. O LQ, sob a raiz OSO, possui *os*(*t*) “casa, chalé”, *osta* “fazenda, propriedade”, *ostar* “vilarejo”, *ossa* “muralha e fosso”.

bo- Um verbete tardio no LG: “*bo* (*bon*) (ver o qenya *vô*, *vondo* ‘filho’) como prefixo patronímico, *bo-*

bon- ‘filho de’”; como exemplo, há *Tuor bo-Beleg*. Há também uma palavra *bôr* “descendente”. Ver *go-*, *Indorion*.

Bodruith Em associação com *bod-* “de volta, de novo”, o LG possui as palavras *bodruith* “vingança”, *bodruithol* “vingativo (por natureza)”, *bodruithog* “com sede de vingança”, mas essas foram riscadas. Há também *gruith* “feito de horror, ato violento, vingança”. É possível que Bodruith, Senhor de Belegost, haveria de receber o nome a partir dos eventos no *Conto do Nauglafring*.

Cópas Alqalunten Ver I. 257 (*Kópas*) e I. 249 (*Alqaluntë*).

Cris Ilbranteloth O LG inclui o grupo *crisc* “afiado”, *criss* “fenda, rasgo, ravina”, *crist* “faca”, *crista-* “talhar, cortar, fatiar”; NQG: “*Cris* significa o mesmo que *falc*, uma fenda, ravina, ou uma passagem estreita de águas com encostas altas”. O LG, sob a raiz KIRI “cortar, fender”, possui *kiris* “fenda, rachadura” e outras palavras.

Para *ilbrant* “arco-íris”, ver I. 256 (*Ilweran*). O elemento final é *teloth* “telhadura, dossel”: ver I. 267–8 (*Teleri*).

Cristhorn Para *Cris*, ver *Cris Ilbranteloth*, e para *thorn* ver I. 266, (*Sorontur*). Na NQG há o verbete: “*Cris Thorn* é Fenda das Águias ou *Sornekiris*.”

Cuilwarthon Para *cuil*, ver I. 257 (*Koivië-néni*); o segundo elemento não está explicado.

Cûm an-Idrisaith Para *cûm* “teso”, ver I. 250 (*Cûm a Gumlaith*). *Idrisaith* está definido assim no LG: “compare com *avosaith*, mas aquilo significa avareza, cobiça por dinheiro, mas *idrisaith* = amor excessivo por ouro e gemas e coisas belas e caras” (para *avosaith*, ver *Ausir*). Palavras relacionadas são *idra* “caro, querido, precioso”, *idra* “valorizar,

estimar”, *idri* (*îd*) “um tesouro, uma joia”, *idril* (subs.) “amada” (ver *Idril*).

Curufin presumivelmente contém *curu* “magia”; ver I. 269 (*Tolli Kuruvar*).

Dairon O LG inclui esse nome, mas sem explicação etimológica: “*Dairon*, o flautista (qenya *Sairon*).” Ver *Mar Vanwa Tyaliéva* adiante.

Danigwiel No LG, a forma gnômica é *Danigwethil*; ver I. 266 (*Taniquetil*). A NQG possui um verbete: “*Danigwethil* os Gnomos chamam de *Taniquetil*; mas nos contos a respeito dessa montanha, procure em vez disso pelo nome élfico.”

(bo-)Dhrauthodavros “(Filho da) floresta exaurida”. Gnômico *drauth* “exausto, cansado de trabalhar”, *drauthos* “exaustão, cansaço”, *drautha-* “estar exausto”; para o segundo elemento, *tavros*, ver I. 267 (*Tavari*).

Dor Athro Ver *Artanor*, *Sarnathrod*.

Dor-na-Dhaideloth Para o gnômico *dai* “céu”, ver I. 268 (*Telimektar*), e para *teloth* “telhadura, dossel”, ver *ibid*. (*Teleri*); ver *Cris Ilbranteloth*.

Dramborleg A NQG possui o seguinte verbete: “*Dramborleg* (ou, como se pode chamá-lo, *Drambor*) significa, na forma completa, Pancada-Afiada, e esse era o machado de Tuor, que era pesado e contundia como uma maça e rasgava como uma espada; e os Eldar dizem *Tarambor* ou *Tarambolaika*.” O LQ inclui *Tarambor*, *Tarambolaike* “o machado de Tuor” sob a raiz TARA, TARAMA “bater, golpear”, com *taran*, *tarambo* “bofetada” e *taru* “chifre” (incluído aqui com um ponto de interrogação: ver *Taruithorn*). Nenhum equivalente gnômico é citado no LG.

O segundo elemento é o gnômico *leg*, *lêg* “afiado, penetrante”, qenya *laika*; ver *Legolast*, “olhar

aguçado”, I. 267 (*Tári-Laisi*).

Duilin A NQG possui o seguinte verbete: “*Duilin*, cujo nome significa Andorinha, era o senhor dessa casa dos Gondothlim cuja insígnia era a andorinha e o mais certeiro dos arqueiros dos Eldalië, mas tombou na queda de Gondolin. Ora, os nomes desses campeões só aparecem em noldorissa, visto que eram Gnomos, mas o nome dele seria, em eldarissa, *Tuilindo*, e o da sua casa (chamada pelos Gnomos de *Nos Duilin*), *Nossë Tuilinda*.” *Tuilindo* “(cantor-da-primavera), andorinha” foi incluído no LQ, ver I. 269 (*Tuilérë*); o LG possui *duilin*(*g*) “andorinha”, com *duil*, *duilir* “Primavera”, mas esses últimos foram riscados e em outro lugar do caderno aparecem como *tuil*, *tuilir* “Primavera” (ver I. 269).

Para *nossë* “gente, povo”, ver I. 272 (*Valinor*); o LG não fornece *nos* nesse sentido, mas possui *nosta-* “nascer”, *nost* “nascimento; sangue, alto nascimento; dia do nascimento, aniversário” e *noss* (alterado para *nôs*) “aniversário”. Ver *Nost-na-Lothion*, o “Nascimento das Flores”, *Nos Galdon*, *Nos nan Alwen*.

Eärámë Para *ea* “águia”, ver I. 251 (*Eärendel*), e para *rámë*, ver *Alqarámë*. O LG possui um verbete *Iorothram*, *-um* “= qenya *Eärámë* ou Ala-de-águia, nome de um dos barcos de Eärendel”. Para o gnômico *ior*, *ioroth* “águia”, ver I. 251 (*Eärendel*) e compare as formas *Earam*, *Earum* como nome do navio (pp. 260, 276).

Eärendel Ver pp. 266–7 e I. 251.

Eärendilyon Ver I. 251 (*Eärendel*) e *Indorion*.

Ecthelion Tanto o LG quanto a NQG derivam esse nome de *ecthel* “fonte”, ao qual corresponde o qenya *ektelë*. (Esse último sobreviveu: ver o verbete *kel-* no Apêndice de *O Silmarillion*: “da

combinação *et-kelē*, ‘água brotando, nascente’, derivou-se, com transposição das consoantes, o quenya *ehtelë*, sindarin *eithel*”. Um verbete tardio no LG atesta *aithil* (< *ektl*) “uma nascente”). Uma forma *kektelë* também aparece em qenya, da raiz KELE, KELU: ver I. 257 (*Kelusindi*).

Egalmoth A NQG possui o seguinte verbete: “*Egalmoth* é um magno nome, mas ninguém sabe claramente seu significado — uns disseram que seu portador foi assim nomeado por que era tão valoroso quanto mil Elfos (mas Rúmil diz que não) e outros, que ele fazia referência aos poderosos ombros daquele Gnomo, e assim afirma Rúmil, mas talvez ele tenha sido urdido em uma língua secreta dos Gondothlim” (para o restante desse verbete, ver p. 215). Para o gnômico *moth* “1000”, ver I. 270 (*Uin*).

O LG interpreta o nome como Rúmil o fez, derivando-o de *alm* (< *alðam-*), “a envergadura das costas de ombro a ombro, costas, ombros”, donde *Egalmoth* = “Ombrolargo”; afirma-se que o nome em qenya é *Aikaldamor*, e um verbete no LQ da mesma época fornece *aika* “amplo, vasto”, comparando o gnômico *eg*, *egrin*. Esses, por sua vez, são glosados no LG como “longe, amplo, distante” e “amplo, vasto, largo; longe” (como em *Egla*; ver I. 251 (*Eldar*)).

Eglamar Ver I. 251 (*Eldamar*). A NQG possui o seguinte verbete: “*Egla*, diz o filho de Bronweg, era o nome dos Gnomos para os Eldar (agora de raro usado) que moravam em Kôr, e eram chamados de *Eglothrim* [emendado de *Eglothlim*] (isto é, *Eldalië*), e a língua deles, *lam eglathon* ou *egladrin*. Rúmil disse que esses nomes, *Egla* e *Elda*, eram cognatos, mas Elfrith não dava grande atenção para tal saber, e eles não se parecem demasiadamente.” Compare isso com I. 251

(*Eldar*). O LG atesta *lam* “língua” e *lambë* é encontrado no LQ: uma palavra que sobreviveu no quenya tardio. No LQ, ela aparece como derivado da raiz LAVA “lamber”, e servia para definir a “língua (do corpo, mas também de terra, ou mesmo = ‘fala’)”.

Eldarissa aparece no LQ (“a língua dos Eldar”) mas sem explicação sobre o elemento final. Possivelmente derivava da raiz ISI: *ista* “saber”, *issë* “conhecimento, saber”, *iswa*, *isqa* “sábio” etc.

Elfrith Ver pp. 241–42 e I. 255 (*Ilverin*).

Elmavoitë “Uma-Mão” (Beren). Ver *Ermabwed*.

Elwing O LG possui o seguinte verbete: “*Ailwing*, antiga grafia de *Elwing* = ‘espuma do lago’. Como substantivo = ‘nenúfar branco’. O nome da donzela amada por Ioringli” (*Ioringli* = *Eärendel*, ver I. 251). O primeiro elemento aparece nas palavras *ail* “lago, lagoa”, *ailion* “lago”, qenya *ailo*, *ailin* — ver o posterior *Aelin-uial*. O segundo elemento é *gwing* “espuma”: ver I. 273 (*Wingilot*).

Erenol Ver I. 252 (*Eriol*).

Ermabwed “Uma-Mão” (Beren). O LG atesta *mab* “mão”, *amabwed*, *mabwed* “que tem mãos”, *mabwedri* “destreza”, *mabul* “engenhoso”, *mablios* “habilidoso”, *mablad*, *mablod* “palma da mão”, *mabrin*(*d*) “pulso”. Afirma-se no LG que uma palavra relacionada em qenya é *mapa* (raiz MAPA) “agarrar”, mas essa afirmação foi riscada. O LQ possui também uma raiz MAHA, como muitos derivados, notavelmente *mā* (= *maha*) “mão”, *mavoitë* “que tem mãos” (ver *Elmavoitë*).

Faiglindra “De longas tranças” (Airin). Gnômico *faigli* “cabelos, longas tranças (especialmente usado para mulheres)”; *faiglion* “que tem cabelos longos”, e *faiglim* de mesmo significado, “especialmente

como nome próprio”, *Faiglim*, *Aurfaiglim* “o Sol a pino”. Junto com isso há a palavra *faiglin*(*d*)*ra* entre colchetes.

Failivrin Juntamente com *fail* “pálido, palescente”, *failthi* “palor” e *Failin*, um nome da Lua, o LG fornece *Failivrin*: “(1) uma donzela amada por Silmo; (2) um nome entre os Gnomos para muitas donzelas de grande beleza, especialmente Failivrin dos Rothwarin, no Conto de Turumart.” (No Conto, *Rothwarin* foi substituído por *Rodothlim*).

O segundo elemento é *brin*, qenya *vírin*, “uma substância vítrea e mágica de grande brilho usada na criação da Lua. Usado para coisas de grande e pura transparência”. Para *vírin*, ver I. 192–3.

Falasquil Três verbetes na NQG se referem a esse nome (para *falas*, ver também I. 253 (*Falman*)):

“*Falas* significa (assim como *falas* ou *falassë* em eldar) praia.”

“*Falas-a-Gwilb* a ‘praia de paz’ era *Falasquil* em élfico, onde Tuor morou incialmente numa cava abrigada junto ao Grande Mar.” *-a-Gwilb* foi riscado e acima está escrito, aparentemente, *’Wilb ou Wilma*.

“*Gwilb* significa ‘cheio de paz’, o que é *gwilm*.”

O LG atesta *gwîl*, *gwilm*, *gwilthi* “paz”, e *gwilb* “quieto, pacífico”.

Fangluin “Barbazul”. Ver *Indrafang*. Para *luin* “azul”, ver I. 262 (*Nielluin*).

Foalókë Sob a raiz FOHO “esconder, amontoar, estocar”, o LQ inclui *foa* “monte de tesouro, tesouro”, *foina* “oculto”, *fôlë* “sigilo, um segredo”, *fôlima* “sigiloso”, e *foalókë* “nome de uma serpente que guardava um tesouro”. *lókë* “cobra” é derivado da raiz LOKO “enrolar, torcer”.

O LG originalmente possuía verbetes *fû*, *fûl*, *fûn* “monte de tesouro”, *fûlug* “um dragão (que guarda tesouros)”, e *ulug* “lobo”. Após alterações posteriores,

essa construção foi alterada para *fuis* “monte de tesouro”, *fuithlug*, *-og* (a forma que aparece no texto p. 91), *ulug* “dragão” (ver qenya *lókë*). Um verbete na NQG diz: “*Lûg* é o *lókë* dos Eldar, e significa ‘draco’.”

Fôs’Almir (Nome antigo de *Faskala-númen*; traduzido no texto (p. 142) como “banho de flama”). Para *fôs* “banho”, ver I. 253 (*Faskala-númen*). O LG atesta três nomes: “*Fôs Aura*, *Fôs’Almir* e *Fôs na Ngalmir*, isto é, banho do Sol = o Mar do Oeste”. Para *Galmir*, *Aur*, nomes do Sol, ver I. 254 e I. 271 (*Ûr*).

Fuithlug Ver *Foalókë*.

Galdor Para o verbete na NQG a respeito de Galdor, ver p. 215; da maneira que foi escrito inicialmente, *galdon* significava ali “árvore”, e o povo de Galdor chamava-se *Nos Galdon*. *Galdon* não consta no LG. Subsequentemente, *galdon* > *alwen*, e *alwen* de fato aparece no LG como uma palavra do vocabulário poético: *alwen* “= *orn*”. Compare com o qenya *alda* “árvore” (ver I. 249 (*Aldaron*)), e a posterior relação entre o quenya *alda* e o sindarin *galadh*.

Gar Thurion A NQG possui a forma anterior *Gar Furion* (p. 202) e o LG possui *furn*, *furion* “secreto, oculto”, também *fûr* “mentira” (qenya *furu*) e *fur-* “esconder, omitir; mentir”. O LQ possui *furin* e *hurin* “oculto, escondido” (raiz FURU ou HURU). Compare *Thurion* com *Thuringwethil* “Mulher da Sombra Secreta”, e com *Thurin* “o Secreto”, nome que Finduilas deu a Túrin (*Contos Inacabados*, pp. 218, 221).

Gil Ver I. 256 (*Ingil*).

Gilim Ver I. 260 (*Melko*).

Gimli O LG possui *Gimli* “(sentido da) audição”, com *gim-* “ouvir”, *gimriol* “atento” (alterado para “audível”), *gimri* “concentração, atenção”. A

audição de Gimli, o Gnomo cativo nas masmorras de Tevildo, “era a mais aguçada que houve no mundo” (p. 29).

Glamhoth O LG define isso como o “nome dado pelos Goldothrim aos Orcin: Povo do Ódio Horrendo” (ver “povo do ódio horrendo”, p. 160). Para *Goldothrim*, ver I. 262 (*Noldoli*). O primeiro elemento é *glâm* “ódio, desprezo”; outras palavras são *glamri* “contenda amarga”, *glamog* “desprezível”. Um verbete na NQG diz: “*Glam* significa ‘ódio feroz’ e, assim como *Gwar*, não tem palavras correlatas em eldar.”

Para *hoth* “gente, povo”, ver I. 264 (*orchoth* no verbete *Orc*), e ver *Goldothrim*, *Gondothlim*, *Rúmhoth*, *Thornhoth*. Sob a raiz HOSO, o LQ fornece *hos* “gente, povo”, *hossë* “exército, bando, tropa”, *hostar* “tribo”, *harma* “horda, hoste”; também *Sankossi* “os Gobelins”, equivalente ao gnômico *Glamhoth*, e evidentemente um composto de *sankë* “odioso” (raiz SṆKṆ “lacerar, rasgar”) e *hossë*.

Glend Talvez relacionado ao gnômico *glenn* “fino, esguio”, *glendrin* “delgado”, *glendrinios* “delgadeza”, *glent*, *glentweth* “finura”; raiz qenya LENE “longo”, que desenvolveu o significado em diferentes direções: “moroso, tedioso, rastejante”, e “esticar, afinar”: *lenka* “lento”, *lenwa* “longo e fino, reto, estreito”, *lenu-* “esticar” etc.

Glingol Para o verbete na NQG, em que o nome está traduzido como “ouro-cantante”, ver p. 216; e ver I. 258 (*Lindelos*). O segundo elemento é *culu* “ouro”, para o qual ver I .255 (*Ilsaluntë*); outro verbete na NQG diz: “*Culu* ou *Culon* é um nome que temos em poesia para *Glor* (e Rúmil diz que é como o élfico *Kulu*, e *-gol* em nosso *Glingol*).”

Glorfalc Para *glor*, ver I. 258 (*Laurelin*). A NQG possui um verbete: “*Glor* é ouro e é a palavra *laurë* que

aparece na poesia dos Kôr-Eldar (assim diz Rúmil).”

Falc está glosado no LG “(1) fenda, rasgo; (2) fenda, ravina, despenhadeiro” (aparece também *falcon* “espada grande de gume duplo”, o que foi alterado para *falchon* e, assim, aproxima-se do inglês *falchion* “espada larga”). A NQG possui: “*Falc* é fenda e parecido com *Cris*; sendo o élfico *Falqa*”; e, sob a raiz FĻKĻ, no LQ há *falqa* “fenda, passo montanhês, ravina” e *falqan* “espada grande”. O LG possui outro verbete: *Glorfalc* “uma grande ravina que leva para fora de Garioth”. *Garioth* é aqui usado para Hisilómë; ver I. 252 (*Eruman*). Ver o posterior *Orfalch Echor*.

Glorfindel Para o verbete na NQG, em que o nome é traduzido como “Mecha-d’ouro”, ver p. 216. Para *glor*, ver I. 258 (*Laurelin*) e *Glorfalc*. O LG possui um verbete *findel* “mecha de cabelo”, junto com *fith* (*fidhin*) “um único fio de cabelo”, *fidhra* “cabeludo”, mas *findel* foi riscado; verbetes posteriores são *finn* “mecha de cabelo” (ver *fin-* no Apêndice de *O Silmarillion*) e *fingl* ou *finnil* “trança, mecha”. NQG: “*Findel* é ‘trança’ ou ‘mecha’, e equivale ao élfico *Findil*.” Sob a raiz FIRI, o LQ inclui *findl* “mecha de cabelo” e *firin* “raio de sol”.

Em outro lugar do LG, o nome *Glorfindel* foi incluído e traduzido como “Cachos-d’ouro”, mas isso foi alterado depois para *Glorfinn*, com uma variante *Glorfingl*.

Glorund Para *glor*, ver I. 258 (*Laurelin*) e *Glorfalc*. O LG inclui *Glorunn* “o grande draco morto por Turumart”. Nenhuma das duas formas em qenya, *Laurundo* e *Undolaurë* (p. 84) aparece no LQ, que fornece um nome antigo para “a grande serpe”, *Fentor*, junto com *fent* “serpente”, *fenumë* “dragão”. Conforme escrita inicialmente, esse verbete dizia “a grande serpe morta por Ingilmo” ao que se acrescentou depois “ou Turambar”.

Golosbrindi (Nome antigo de Hirilorn, traduzido no texto (p. 51) como “Rainha da Floresta”). Uma palavra *goloth* “floresta” consta no LG, derivada de **gwōloth*, ela mesma composta de *aloth* (*alos*), uma palavra poética que significa “floresta” (= *taur*), e o prefixo **ngua > gwa*, na forma átona *go*, “junto, em um só”, “com frequência usada simplesmente para fins de intensidade”. Afirma-se que a palavra correspondente em qenya é *málos*, que não aparece no LQ.

Gondobar Ver *Gondolin* e, para *-bar*, ver I. 251 (*Eldamar*). No LG, a forma *Gondobar* foi posteriormente alterada para *Gonthobar*.

Gondolin Aos verbetes citados em I. 254 pode-se acrescentar o da NQG: “*Gond* significa pedra, assim como o élfico *on* e *ondo*.” Para a afirmação sobre Gondolin na NQG (em que o nome é traduzido como “pedra da canção”), ver p. 216; e para a última formulação da etimologia de *Gondolin*, ver o Apêndice de *O Silmarillion*, verbete *gond*.

Gondothlim O LG possui o seguinte verbete a respeito da palavra *lim* “muitos”, qenya *limbë* (não consta no LQ): “É frequentemente sufixado e, portanto, torna-se uma segunda flexão de plural. No singular, equivale ao inglês ‘many a’ [muitos], como *golda-lim*. No entanto, é com mais frequência sufixado ao plural nos substantivos cujo plural é formado com *-th*. Então é alterado para *-rim* depois de *-l*. Daí a grande confusão entre *grim* ‘hoste’ e *thlim* ‘raça’, como em *Goldothrim* (‘o povo dos Gnomos’).” A NQG possui um verbete: “*Gondothlim* significa ‘povo da pedra’ e (diz Rúmil), é *Gond* ‘pedra’, ao qual se acresce *Hoth* ‘povo’ e o *-lim* que nós Gnomos acrescemos depois, querendo dizer ‘a maioria’.” Ver *Lothlim*, *Rodothlim* e *Orclim* no verbete *Balcmeg*; para *hoth*, ver *Glamhoth*.

Gondothlimbar Ver *Gondolin*, *Gondothlim* e, para *-bar*, ver I. 251 (*Eldamar*). No LG, a forma *Gondothlimbar* foi alterada depois para "*Gonthoflimar ou Gonnothlimar*".

go- Um verbete original do LG, riscado posteriormente, dizia: *gon- go-* "filho de, prefixo patronímico (ver o sufixo *ios/ion/io* e o qenya *yô*, *yondo*)". A substituição disso foi descrita anteriormente em *bo-*. Ver *Indorion*.

Gon Indor Ver *go-*, *Indorion*.

Gothmog Ver pp. 67, 216, e I. 258 (*Kosomot*). O LG possui *mog-* "detestar, odiar", *mogri* "aversão", *mogrin* "odioso"; a raiz qenya MOKO "odiar". Além de *goth* "guerra, contenda" (raiz qenya KOSO, "contender") pode-se notar *gothwen* "batalha", *gothweg* "guerreiro", *gothwin* "Amazona", *gothriol* "bélico", *gothfeng* "flecha-de-guerra", *gothwilm* "armistício".

Gurtholfin LG: *Gurtholfin* "Urdolwen, uma espada de Turambar, Vara da Morte". Também aparece *gurthu* "morte" (qenya *urdu*; não consta no LQ). O segundo elemento do nome é *olfin*(*g*) (também *olf*) "galho, vara, pau" (qenya *olwen*(*n*)).

Pode-se notar que no LQ a espada de Turambar aparece como *Sangahyando* "cortadora de multidões", das raízes SANGA "embrulhar firme, pressionar" (*sanga* "multidão") e HYARA "arar" (*hyar* "arado", *hyanda* "lâmina, relha"). *Sangahyando* "Corta-multidão" sobreviveu como nome de um homem em Gondor (ver o Apêndice de *O Silmarillion*, verbete *thang*).

Gwar Ver I. 257 (*Kôr*, *korin*).

Gwarestrin Traduzido no Conto (p. 158) como "Torre de Guarda", assim como na NQG; o LG glosa a palavra como "torre de vigia (especialmente como nome de Gondolin)". Um verbete tardio no LG fornece *estirin*, *estirion*, *estrin* "pináculo", além de

esc “ponta aguda, borda afiada”. O segundo elemento dessa palavra é *tiri*(*o*)*n*; ver I. 258 (*Kortirion*). Para *gwar*, ver *Amon Gwareth*.

Gwedheling Ver I. 273 (*Wendelin*).

Heborodin “Os Montes Circundantes”. Preposição gnômica *heb* “em torno, em volta”; *hebrim* “fronteira, limite”, *hebwirol* “circunspecto”. Para *orod*, ver I. 256 (*Kalormë*).

Hirilorn O LG fornece *hiril* “rainha (um uso poético), princesa; feminino de *bridhon*”. Para *bridhon* ver *Tevildo*. O segundo elemento é *orn* “árvore”. (Pode-se mencionar aqui que a palavra *neldor* “faia”, encontra-se no LQ; ver o Apêndice de *O Silmarillion*, verbete *neldor*).

Idril Para o gnômico *idril* “amada”, ver *Cûm-an-Idrisaith*. Há outro verbete no LG assim: *Idhril* “um nome feminino frequentemente confundido com *Idril*. *Idril* = ‘amada’, mas *Idhril* = ‘donzela mortal’. Ambos parecem ter sido os nomes da filha de Turgon — ou aparentemente *Idril* era o mais antigo e os Kor-eldar a chamavam de *Irildë* (= *Idhril*) pois ela desposou Tuor.” Em outro lugar do LG consta *idhrin* “homem, habitantes-da-terra; especialmente como nome do povo em contraste com *Eglath* etc.; ver qenya *indi*”, e *Idhru*, *Idhrubar* “o mundo, todas as regiões habitadas por Homens; ver qenya *irmin*”. No LQ, essas palavras *indi* e *irmin* aparecem sob a raiz IRI “habitar?”, com *irin* “cidade”, *indo* “casa”, *indor* “mestre da casa” (ver *Indor*) etc.; mas *Irildë* não aparece. Palavras semelhantes encontram-se em gnômico: *ind*, *indos* “casa, salão”, *indor* “mestre (da casa), senhor”.

Após o verbete na NQG que já foi citado (p. 216), outra nota foi acrescida: “e seu nome significa

‘Amada’, mas amiúde dizem os Elfos *Idhril*, que com mais justeza seria comparável a *Irildë*, e isso significa ‘donzela mortal’, e quiçá diga respeito ao seu casamento com Tuor filho de Homens”. Uma nota isolada (na verdade escrita em uma página do *Conto do Nauglafring*) diz: “Alterar o nome de *Idril* para *Idhril*. Os dois foram confundidos: *Idril* = ‘amada’, *Idhril* = ‘donzela dos mortais’. Os Elfos achavam que esse era seu nome e a chamavam de *Irildë* (pois se casou com Tuor Pelecthon).”

Ilbranteloth Ver *Cris Ilbranteloth*.

Ilfiniol, Ilfrith Ver I. 255 (*Ilverin*).

Ilúvatar Um verbete na NQG pode ser notado aqui: “Os provérbios místicos dos Noldoli também chamam *En* de *Ilathon* [emendado de *Âd Ilon*], que é Ilúvatar — e isso semelha o eldar *Enu*.” O LQ inclui *Enu*, o Criador Todo-poderoso que habita fora do mundo. Para *Ilathon*, ver I. 255–6 (*Ilwë*).

Indor (Pai de Peleg, pai de Tuor). Essa talvez seja a palavra *indor* “mestre (da casa), senhor” (ver *Idril*) usada como nome próprio.

Indorion Ver *go-*. O LQ inclui *yô*, *yond-* como palavras poéticas para “filho”, acrescentando: “mas muito comumente *-ion* em patronímicos (e, portanto, praticamente = ‘descendente’)”; também *yondo* “descendente homem, geralmente (bis) neto” (ver o nome de Eärendel, *Gon Indor*). Ver *Eärendilyon*.

Indrafang O LG possui *indra* “longo (também usado para tempo)” *indraluin* “muito tempo atrás”; e também *indravang* “um nome especial dos Nauglath ou Anãos”, sobre o qual ver aqui. Essas formas foram posteriormente alteradas para *in*(*d*)*ra*, *in*(*d*)*rafang*, *in*(*d*)*raluin*/*idhraluin*.

Um verbete original do LG era *bang* “barba” = qenya *vanga*, mas isso foi riscado; e outra palavra com o mesmo significado de *Indravang* foi

originalmente inserida como *Bangasur*, mas alterada para *Fangasur*. O segundo elemento é *sûr* “longo, que se arrasta”, qenya *sóra*, e um acréscimo posterior aqui é *Surfang* “um barba-longa, um *naugla* ou *inrafang*”. Ver *Fangluin* e o posterior *Fangorn* “Barbárvore”.

Irildë Ver *Idril*.

Isfin A NQG possui o seguinte verbete: “*Isfin* era irmã de Turgon, Senhor de Gondolin, que Eöl desposou afinal; e isso significa tanto ‘cachos-de-neve’ quanto ‘deveras-habilidoso’.” Muito tempo depois, meu pai, ao notar que *Isfin* derivava “da mais antiga versão (1916) de *A Queda de Gondolin*”, disse que o nome “não tinha significado”; mas compare o segundo elemento com *finn* “mecha de cabelo” (ver *Glorfindel*) ou *fim* “esperto”, *finthi* “ideia, noção” etc. (ver I. 253 (*Finwë*)).

Ivárë O LG inclui *Ior* “o famoso ‘flautista do mar’, qenya *Ivárë*.”

Íverin Um verbete tardio no LG inclui *Aivrin ou Aivrien* “uma ilha afastada da costa oeste de Tol Eressëa, qenya *Íwerin* ou *Iverindor*”. O LQ tem *Íverind-* “Irlanda”.

Karkaras No LG, esse nome está mencionado como sendo a forma qenya; o nome gnômico do “grande lobo-guardião da porta de Belca” era *Carcaloth* ou *Carcamoth*, alterado para *Carchaloth*, *Carchamoth*. O primeiro elemento é *carc* “dente, ponta, canino”; o LQ, sob a raiz KṚKṚ possui *karka* “canino, dente, presa”, *karkassë*, *karkaras* “fileira de pontas ou dentes”.

Kosmoko Ver *Gothmog*.

Kurûki Ver I. 269 (*Tolli Kuruvar*).

Ladwen-na-Dhaideloth “Charneca do Teto-do-Céu”. Ver *Dor-na-Dhaideloth*. O LG inclui *ladwen* “(1)

nivelamento, achatamento; (2) uma planície, charneca; (3) um plano [área sem relevo]; (4) superfície". Outras palavras são *ladin* "plano, liso; justo, equânime" (cf. *Tumladin*), *lad* "um plano" (ver *mablad* "palma da mão" mencionado em *Ermabwed*), *lada-* "alisar, afagar, suavizar, fascinar" e *ladwinios* "equidade". Há também as palavras *bladwen* "uma planície" (ver I. 264 (*Palúrien*)), e *fladwen* "prado" (com *flad* "relvado" e *Fladweth Amrod* (*Amrog*) "Gramado do Nômade", "um local em *Tol Erethrin* onde Eriol morou por um tempo, perto de Tavrobel". *Amrog*, *amrod* = "viandante", "andança", derivado de *amra-* "ir para cima e para baixo, viver nas montanhas, errar"; ver *Amon Gwareth*).

Laiqalassë Ver I. 267 (*Tári-laisi*), I. 254 (*Gar Lossion*).

Laurundo Ver *Glorund*.

Legolas Ver *Laiqalassë*.

Lindeloktë Ver I. 258 (*Lindelos*).

Linwë Tinto Ver I. 269 (*Tinwë Linto*).

Lókë Ver *Foalókë*.

Lôs Ver I. 254 (*Gar Lossion*). A forma posterior *loth* não aparece no LG (que possui, contudo, *lothwing* "flor-de-espuma"). A NQG possui "*Lôs* é uma flor e, em eldarissa, *lossë*, que é uma rosa" (depois da palavra "flor", tudo foi riscado).

Lósengriol Assim como *lôs*, a forma posterior *lothengriol* não aparece no LG. *Losengriol* está traduzido como "lírio do vale" no LG, que inclui as palavras gnômicas *eng* "liso, plano", *enga* "planície, vale", *engri* "um plano", *engriol* "semelhante a um vale; do vale". A NQG diz "*Eng* é uma planície ou vale e *Engriol* é aquilo que vive ou habita ali", e traduz *Lósengriol* como "flor do vale ou lírio do vale".

Los ’lóriol (alterado de *Los Glóriol*; a Flor Dourada de Gondolin). Ver I. 254 (*Gar Lossion*) e, para *glóriol* “dourado”, ver I. 258 (*Laurelin*).

Loth, Lothengriol Ver *Lôs*, *Lósengriol*.

Lothlim Ver *Lôs* e *Gondothlim*. O verbete na NQG diz: “*Lothlim*, que equivale a *Loslim*, significa povo da flor, e foi o nome assumido pelos eLivross de Gondolin (cidade que outrora chamaram de *Lôs*).”

Mablung Para *mab* “mão”, ver *Ermabwed*. O segundo elemento é *lung* “pesado; grave, sério”; palavras relacionadas são *lungra-* “pesar, pender de modo pesado”, *luntha* “contrapeso, peso”, *lunthang* “balança”.

Malkarauki Ver I. 250 (*Balrog*).

Mar Vanwa Tyaliéva Ver I. 260 e este adendo: um verbete tardio no LG fornece o nome gnômico *Bara Dhair Haithin*, o Chalé do Brincar Perdido; também *daira-* “brincar” (com *dairwen* “júbilo” etc.) e *haim ou haithin* “passado, partido, perdido” (com *haitha-* “ir, andar” etc.). Ver *Dairon*.

Mathusdor (Aryador, Hisilómë). O LG inclui *math* “ocaso, crepúsculo”, *mathrin* “crepuscular”, *mathusgi* “crepúsculo”, *mathwen* “tardezinha”. Ver *Umboth-muilin*.

Mavwin Um substantivo *mavwin* “desejo” no LG foi riscado, mas palavras relacionadas foram mantidas: *mav-* “gostar”, *mavra* “ávido por”, *mavri* “apetite”, *mavrin* “deleitoso, desejável”, *mavros* “desejo”, *maus* “prazer; prazeroso”. O nome de Mavwin em qenya, *Mavoinë*, não consta no LQ, a menos que deva ser igualado a *maivoinë* “grande anseio”.

Meleth Um substantivo *meleth* “amor” consta no LG; ver I. 262 (*Nessa*).

Melian, Melinon, Melinir Nenhum desses nomes ocorre nos glossários, mas provavelmente todos são derivados do radical *mel-* “amar”; ver I. 262 (*Nessa*). Na etimologia posterior, o nome *Melian* deriva de *mel-* “amar” (*Melyanna* “dádiva querida”).

Meoita, Miaugion, Miaulë Ver *Tevildo*.

Mindon-Gwar Para *mindon* “torre”, ver I. 260 (*Minethlos*); e para *Gwar*, ver p. 291 e I. 257 (*Kôr*, *korin*).

Morgoth Ver p. 67 e *Gothmog*. Para o elemento *mor-*, ver I. 261 (*Mornië*).

Mormagli, Mormakil Ver I. 261 (*Mornië*) e I. 259 (*Makar*).

Nan Dumgorthin Ver p. 62. Para *nan*, ver I.261 (*Nandini*).

Nantathrin Esse nome não ocorre nos *Contos Perdidos*, em que a Terra dos Salgueiros é chamada de *Tasarinan*, mas ele consta no LG (ver I. 265 (*Sirion*)) e a NQG possui um verbete: “*Dor-tathrin* era a Terra dos Salgueiros da qual este e muitos contos falam”. O LG possui *tathrin* “salgueiro” e o LQ, *tasarin*, de mesmo significado.

Nauglafring O LG possui o seguinte verbete: “*Nauglafring = Fring na Nauglithon*, o Colar dos Anãos. Feito para Ellu pelos Anãos a partir do ouro de Glorund que Mîm, o sem-pai, amaldiçoou e que trouxe ruína a Beren Ermabwed e Damrod, seu filho, e que não foi apaziguada até ele afundar com Elwing, amada de Eärendel, ao fundo do mar”. Para Damrod (Daimord), filho de Beren, ver pp. 171, 259, e para a perda de Elwing e do Nauglafring, ver pp. 255, 264. Essa é a única referência ao “apaziguamento” da maldição de Mîm. O gnômico *fring* significa “corrente, colar” (qenya *firinga*).

Níniel Ver o gnômico *nîn* “lágrima”, *ninios* “lamentação”, *ninna-* “chorar”; ver I. 262 (*Nienna*).

Nínin-Udathriol (“Lágrimas Inumeráveis”). Ver *Níniel*. O LG inclui *tathn* “número”, *tathra-* “numerar, contar”, *udathnarol*, *udathriol* “inumerável”. *Û-* é um “prefixo negativo com qualquer segmento de fala”. (O LQ não joga luz em *Nieriltasinwa*, p. 84, além do elemento inicial *nie* “lágrima”, ver I. 262 (*Nienna*)).

Noldorissa Ver *Eldarissa*.

Nos Galdon, Nos nan Alwen Ver *Duilin*, *Galdor*.

Nost-na-Lothion Ver *Duilin*.

Parma Kuluinen O Livro Dourado, ver p. 310. Esse verbete aparece no LQ sob a raiz PARA: *parma* “pele, casca; pergaminho; livro, escritos”. A palavra sobreviveu no quina posterior (*O Senhor dos Anéis*, III, p. 1599). Para *Kuluinen*, ver *Glingol*.

Peleg (Pai de Tuor). O LG possui um substantivo comum *peleg* “machado”, verbo *pelectha-* “cortar, talhar” (LQ *pelekko* “machado”, *pelekta-* “cortar, talhar”). Ver o nome de Tuor, *Pelecthon*, na nota citada em *Idril*.

Ramandur Ver I. 259 (*Makar*).

Rog O LG inclui um adjetivo *rôg*, *rog* “valente, forte”. Mas compare o nome “Rog, o Ágil” que os Orques deram a Egnor, pai de Beren, com *arog* “célere, precipitado” e *raug*, de mesmo significado; qenya *arauka*.

Rôs O LG inclui ainda outro significado para esse nome: “o Mar” (qenya *Rása*).

Rodothlim Ver *Rothwarin* (nome antigo substituído por *Rodothlim*).

Rothwarin O LG inclui esse nome nas formas *Rothbarin*, *Rosbarin*: “(literalmente) ‘habitantes-de-

caverna’) nome de um povo de Gnomos secretos e das regiões próximas aos seus lares cavernosos nas margens do rio”. Palavras gnômicas que derivaram da raiz ROTO “cavo, oco” são *rod* “tubo, caule”, *ross* “cachimbo”, *roth* “caverna, gruta”, *rothrin* “cavo, oco”, *rodos* “caverna”; o LQ fornece *rotsë* “cachimbo”, *róta* “tubo”, *ronta*, *rotwa* “cavo, oco”, *rotelë* “caverna”.

Rúmhoth Ver *Glamhoth*.

Rúsitaurion O LG fornece um substantivo *rûs* (*rôs*) “resistência, longanimidade, paciência”, junto com o adjetivo *rô* “resistente, longânime; manso, quieto, gentil” e o verbo *rô-* “permanecer, ficar; resistir”. Para *taurion*, ver I. 267 (*Tavari*).

Sarnathrod Gnômico *sarn* “uma pedra”; para *athrod* “vau”, ver *Artanor*.

Sarqindi (“Ogros-canibais”). Deve derivar da raiz SṚKṚ que consta no LQ, com derivados *sarko* “carne”, *sarqa* “carnudo”, *sarkuva* “corpóreo, corporal”.

Silpion Um verbete na NQG (p. 215) traduz o nome como “Lua-de-Cerejeira”. No LQ há uma palavra *pio* “ameixa, cereja” (com *piukka* “amora”, *piosenna* “azevinho” etc.), e também *Valpio* “a cereja sacra de Valinor”. O LG inclui *Piosil* e *Silpios*, sem tradução, como nomes da Árvore de Prata, e também uma palavra *piog* “baga”.

Taimonto Ver I. 268 (*Telimektar*).

Talceleb, Taltelepta (Nome de *Idril/Irildë*, “dos Pés de Prata”). O primeiro elemento é o gnômico *tâl* “pé (de pessoas e animais)”; palavras relacionadas são *taltha* “pé (de coisas), base, pedestal, pedimento”, *talrind*, *taldrin* “tornozelo”, *taleg*, *taloth* “via, caminho” — outro nome para a Via de Escape a Gondolin era *Taleg Uthwen* (ver *Bad*

Uthwen). O LQ, sob a raiz TALA “apoio”, inclui *tala* “pé”, *talwi* (dual) “os pés”, *talas* “sola” etc. Para o segundo elemento, ver I. 268 (*Telimpë*). O LQ inclui a forma *telepta*, mas sem tradução.

Tarnin Austa Para *tarn* “portão”, ver I. 261 (*Moritarnon*). O LG inclui *aust* “verão”; ver *Aur* “Sol”, I. 271 (*Ûr*).

Taruithorn, Taruktarna (Oxford). O LG inclui *târ* “chifre” e *tarog* “boi” (qenya *taruku*-), *Taruithron*, anteriormente *Taruitharn* “Oxford”.[a] Imediatamente após essas palavras estão *tarn* “portão” e *taru* “(1) cruz (2) cruzamento”. O LQ possui *taru* “chifre” (ver *Dramborleg*), *tarukka* “com chifres”, *tarukko*, *tarunko* “touro”, *Taruktarna* “Oxford” e, sob a raiz TARA, *tara*- “cruzar, atravessar”, *tarna* “cruzamento, passagem”.

Tasarinan Ver *Nantathrin*.

Taurfuin Ver I. 267 (*Tavari*) e I. 253 (*Fui*).

Teld Quing Ilon A NQG possui um verbete: “*Cris a Teld Quing Ilon* significa Garganta do Teto de Arco-Íris e é, na fala eldar, *Kiris Iluqingatelda*”; *a Teld Quing Ilon* foi riscado e substituído por *Ilbranteloth*. Outro verbete diz: “*Ilon* é o céu”; no LG *Ilon* (= qenya *Ilu*) é o nome de *Ilúvatar* (ver I. 255 (*Ilwë*)). *Teld* não aparece no LG, mas palavras relacionadas são incluídas, como *telm* “telhado” (ver I. 267–8 (*Teleri*)); e *cwing* = “um arco”. O LQ possui *iluqinga* “arco-íris” (ver I. 256 (*Ilweran*)) e *telda* “que tem um telhado” (ver I. 268 (*Telimektar*)). Para *Cris*, *Kiris*, ver *Cris Ilbranteloth*.

Tevildo, Tifil Para a etimologia, ver I. 268, ao que se pode acrescentar que a forma gnômica anterior, *Tifil* (posterior *Tiberth*) está associada no LG com um substantivo *tîf* “ressentimento, hostilidade, amargura”.

Vardo Meoita “Príncipe dos Gatos”: para *Vardo*, ver I. 273 (*Varda*). O LQ inclui *meoi* “gato”.

Bridhon Miaugion “Príncipe dos Gatos”: *bridhon* “rei, príncipe”, ver *Bridhil*, nome gnômico de Varda (I. 273). Os substantivos *miaug*, *miog* “gato (macho)” e *miauli* “gata” (alterado para *miaulin*) constam no LG, em que o Príncipe dos Gatos é chamado de *Tifil Miothon ou Miaugion*. *Miaulë* era o nome do cozinheiro de Tevildo (p. 41).

Thorndor Ver I. 266 (*Sorontur*).

Thornhoth Ver *Glamhoth*.

Thorn Sir Ver I. 265 (*Sirion*).

Tifanto Esse nome deve ser claramente associado às palavras gnômicas *tif-*, *tifin* incluídas em I. 268 (*Tinfang*).

Tifil Ver *Tevildo*.

Tirin Ver I.258 (*Kortirion*)

Tôn a Gwedrin *Tôn* é uma palavra gnômica que significa “fogo (em uma lareira)”, relacionada a *tan* e outras palavras incluídas em *Tanyasalpë* (I. 266–7); *Tôn a Gwedrin* “o Fogo-do-Conto” em *Mar Vanwa Tyaliéva*. Ver *Tôn Sovriel* “o lago de fogo de Valinor” (*sovriel* “purificação”, *sovri* “limpeza”; *sôn* “puro, limpo”, *soth* “banho”, *sô-* “lavar, limpar, banhar”).

Gwedrin relaciona-se com *cwed-* (pretérito *cwenthi*) “dizer, contar”, *cweth* “palavra”, *cwent* “conto, dito”, *cwess* “ditado, provérbio”, *cwedri* “contar (de contos)”, *ugwedriol* “inenarrável, inefável”. No LQ, sob a raiz QETE estão *qet-* (*qentë*) “falar, conversar”, *quent* “palavra”, *qentelë* “sentença”, *eldaqet = eldarissa* etc. Ver o Apêndice de *O Silmarillion*, verbete *quen-* (*quet-*).

Tumladin Para o primeiro elemento, o gnômico *tûm* “vale”, ver I. 269 (*Tombo*), e para o segundo, *ladin* “plano, liso”, ver *Ladwen na Dhaideloth*.

Turambar Para o primeiro elemento, ver I. 260 (*Meril-i-Turinqi*). O LQ inclui *amarto*, *ambar* “Destino, Fado” e também (raiz MṚTṚ) *mart* “um quinhão de sorte”, *marto* “fortuna, fado, sina”, *mart-* “(isso) acontece” (impessoal). O LG possui *mart* “fado”, *martion* “fadado, condenado, fadado à morte”; também *umrod* e *umbart* “fado”.

Turumart Ver *Turambar*.

Ufedhin Conexões possíveis desse nome são com o gnômico *uf* “para fora de, para além de”, ou *fedhin* “atado por um acordo, aliado, amigo”.

Ulbandi Ver I. 260 (*Melko*).

Ulmonan O nome gnômico era *Ingulma*(*n*) (*Gulma* = *Ulmo*), com o prefixo *in-* (*ind-*, *im-*) “casa de” (*ind* “casa”, ver *Idril*). Outros exemplos dessa formação são *Imbelca*, *Imbelcon* “Inferno (casa de Melko)”, *inthorn* “ninho [de águia]”, *Intavros* “floresta” (mais corretamente “o palácio florestal de Tavros”).

Umboth-muilin O gnômico *umboth*, *umbath* “cair da noite”; *Umbathor* é um nome de Garioth (ver I. 252 (*Eruman*)). Essa palavra deriva de **mbaþ-*, relacionada a **maþ-*, visto em *math* “ocaso, crepúsculo”: ver *Mathusdor*. O segundo elemento é *muil* “lago de montanha”, qenya *moilë*.

Undolaurë Ver *Glorund*.

Valar A NQG possui o seguinte verbete: “*Banin* [emendado de *Banion*] ou *Bandrim* [emendado de *Banlim*]. Ora, estes moram, dizem os Noldoli, em *Gwalien* [emendado de *Banien*], mas Elfrith e os outros, com seus nomes élficos, também falam sempre deles como os *Valar* (ou *Vali*), e aquela região gloriosa de sua morada é *Valinor*.” Ver I. 272 (*Valar*).

[a] O nome “Oxford” significa, literalmente, “vau dos bois”. [N.T.]

Pequeno Glossário de Palavras Obsoletas, Arcaicas e Raras

Palavras que foram incluídas no glossário da Parte I (tais como *an* "se", *fain*, *lief*, *meed*, *rede*, *ruth*) não são, como regra, repetidas aqui. Algumas palavras do inglês contemporâneo usadas com sentidos obsoletos estão incluídas.

acquaint antigo particípio passado suplantado por *acquainted* [familiarizado, conhecedor]

ardour ardor, calor ardente (no sentido moderno [isto é *ardor* com o sentido de *fervor*, *avidez*])

bested cercado

bravely esplendidamente, suntuosamente

broidure bordado. A palavra não é atestada, mas em inglês médio, *broid-* estava em variação com *broud-* etc., e *broudure*, "bordado", é atestada.

burg cidade murada e fortificada

byrnie couraça, corselete, cota-de-malha

carcanet corrente ou colar ornamental

carle (provavelmente) serviçal homem; **house-carle**

chain medida linear, sessenta e seis pés [*c*. 20 metros]

champain terreno aberto e plano, campanha, campina.

clue fio

cot cabana, tugúrio

damasked, **damascened** incrustado de maneira ornamental com decorações em ouro e prata.

diapered coberto com padrões pequenos,

dight adornado, equipado

drake draco, dragão etc. (*Drake* é a palavra inglesa original, inglês antigo *draca*, derivada do latim; *dragon* chegou por via francesa).
drolleries brincadeiras cômicas ou entreténs
enow o bastante
enthralled escravizado
entreat tratar (sentido moderno [ou seja, *implorar*])
errant errante, vagante
estate situação
ewer jarro para água, cântaro
eyot ilha pequena, ilhota
fathom braça, unidade de medida linear (seis pés [183 centímetros]), antigamente usada não apenas para se medir profundidades aquáticas
fell into dread desesperaram-se
force queda d'água (inglês do norte, de origem escandinava)
fordone sobrepujado
fosses fossos
fretted adornado com entalhes elaborados
glamour encanto, feitiço
greaves peças da armadura para a parte inferior da perna, grevas
guestkindliness hospitalidade. Palavra aparentemente não atestada; empregada em I. 175.
haply talvez, quem sabe
hie apressar-se; **hie thee**, apressa-te
high-tide festival
house-carle, ver **carle**.
inly íntimo, profundo
jacinth azul
kempt penteado; **unkempt**, desgrenhado, despenteado
kirtle manto ou túnica longa
knave menino, garoto (que é o sentido original da palavra, há muito perdido).

lair em **the dragon’s lair** [o covil do dragão], o local onde o dragão estava repousando (ou seja, em que por acaso ele estava repousando naquele momento).
lambent (sobre fogo) que toca levemente uma superfície sem queimar, tênue
league légua, cerca de três milhas [*c*. 5 quilômetros]
lealty lealdade
let desistir; permitir; **had let fashion**, mandara fazer, **let seize**, mandou capturar; **let kill**, mandou matar.
like agradar; **good liking** boa vontade, disposição amigável
list querer, desejar; gostar
or ever antes de
or… or ou… ou
pale limite, fronteira
ports portais, pórticos
prate tagarelar, falar sem propósito
puissance poderio
repair partir, ir
runagate desertor, fugitivo, (a mesma palavra, na origem, que **renegade** [renegado]).
scathe ferimento
scatterlings vagantes, remanescentes, retardatários,
sconces suportes presos na parede para apoiar vela ou tocha, tocheira,
scullion ajudante de cozinha que faz trabalho servil, criado
shallop. Ver I.; mas aqui se diz que o barco não tem remos.
silvern prateado, argênteo (que era o adjetivo original em inglês antigo).
slot rastro de um animal (= **spoor** 38)
stead fazenda
stricken em **the Stricken Anvil**, batido, golpeado
swinge golpe
thews força, poder corporal

tilth terra cultivada (lavrada), lavoura
tithe a décima parte, décimo
travail sofrimento, dificuldade; faina; **travailed**, labutava; **travailing**, suportando sofrimentos
trencher prato grande ou travessa
uncouth talvez tenha o sentido antigo de “estranho”, mas em outros lugares (13, 75, 115) tem o sentido moderno [ou seja, *grosseiro*, *rude*, *sem refinamento*].
vambrace parte da armadura para o antebraço, avambraço
weird destino, sorte, fado
whin tojo
whortle mirtilo; **whortlebush**
withe vime, ramo flexível do vimeiro
worm serpe, serpente, dragão, etc.
wrack queda, ruína

Índice Remissivo

Este índice remissivo foi feito com as mesmas bases do índice remissivo da Parte I, mas referências selecionadas são fornecidas em um número significativamente maior de casos, e os *Contos Perdidos* individuais não estão incluídos. Devido ao grande número de nomes que aparecem na Parte II, são fornecidas referências cruzadas bastante completas a nomes associados (formas iniciais e tardias, equivalentes em idiomas diferentes etc.). Assim como no índice remissivo da Parte I, os nomes mais importantes que constam em *O Silmarillion* não são explicados, e as referências às vezes incluem trechos em que a pessoa ou local não é nomeado de fato.

Ælfhâm (inglês antigo) “Lardelfos”. Ver *Eldaros*.

Ælfheah (inglês antigo) Companheiro de *Ælfwine*; chamado de “o sem-pai”. (Substituiu *Gelimer*).

Ælfred de Wessex (língua de)

Ælfwine (inglês antigo) “Amigo-dos-Elfos”. “A narrativa *Ælfwine*”. See *Eldairon*, *Lúthien* (1).

Abelha Azul Ver *Abelha Azurina*.

Abelha Azurina A estrela Sírio; *Abelha Azul*. Ver *Nielluin*.

Adormecido na Torre de Pérola. Ver *Torre de Pérola*.

Aelin-uial “Alagados do Crepúsculo”. (Substituiu *Umboth-muilin*, as Lagoas do Crepúsculo).

Afros Rio em Tol Eressëa que se juntava ao Gruir na ponte de Tavrobel.

Agarwaen “Manchado de Sangue”, nome dado a si mesmo por Túrin em Nargothrond.

Águas do Despertar

Águias; Rei das Águias, ver *Ramandur*, *Sorontur*, *Thorndor*; *Povo das Águias*, ver *Thornhoth*; *Torrente-das-Águias*, ver *Thorn Sir*; a Águia como emblema.

Ailios Nome antigo de Gilfanon.

Ainulindalë. Ver *Música dos Ainur*.

Ainur Singular *Ainu*; *Ainu Melko*; *Ainu do Mal*. Plural *Ainu*. Ver *Gar Ainion*, *Música dos Ainur*, *Valar*.

Airin Esposa de Brodda; chamada *Faiglindra*, *Firilanda*, “dos longos cabelos”. Forma posterior *Aerin*

Ala-de-cisne Navio de Tuor. Ver *Alqarámë*.

Ala-do-mar Ver Éärrámë.

Alagados do Crepúsculo Ver *Aelin-uial*.

Alalminórë “Terra dos Olmos”, região da Inglaterra (Warwickshire) e de Tol Eressëa.

Albion Usado uma vez para Luthany (Inglaterra).

Alqarámë “Ala-de-cisne”, navio de Tuor. Ver *Eärrámë*, *Ala-de-cisne*.

Altos Faroth Planaltos acima de Nargothrond.

Aman

Ambarkanta “Forma do Mundo” (obra cosmológica).

Amigo-dos-Elfos (sobre Úrin), (sobre Déor, pai de Ælfwine)

Amillo O mais jovem dos grandes Valar, também chamado Ómar.

Amnon “o profeta”. Ver I.

Amon Darthir Um pico na cadeia das Ered Wethrin.

Amon Ethir “Monte dos Espiões”, a leste de Nargothrond. Ver *Monte dos Espiões*.

Amon Gwareth “Monte de Vigia” sobre o qual Gondolin foi construída. Ver *Monte de Vigia*.

Amon Obel Um monte na Floresta de Brethil.

Amras Filho de Fëanor. (Substituiu *Díriel*).
Amrod Filho de Fëanor. (Substituiu *Damrod*).
Anach Passo que descia de Taur-nu-Fuin.
Anais de Valinor
Anãos (incluindo *povo anânico*, *gente dos Anãos*); adjetivo *anânico(a)*. Ver *Indrafangs*, *Nauglath*, *Nauglafring*.
Andorinha, *A* Nome de uma das gentes dos Gondothlim. Ver *Duilin* (2).
Anel do Destino Expressão antiga substituída por *Colar dos Anões*.
Anfauglith. Ver *Dor-nu-Fauglith*.
Angainu A grande corrente com a qual Melko foi preso. *Angaino*
Angali Anglos.
Angamandi "Infernos de Ferro". Ver *Angband*, *Infernos de Ferro*.
Angband; *Cerco de Angband*. Ver *Angamandi*, *Infernos de Ferro*.
Angeln
Anglo-saxão (*-Saxões*)
Anglos. Ver *Angali*.
Angol "Falésias de Ferro", nome gnômico de Eriol e de sua terra natal.
Angolcynn (inglês antigo) o povo inglês. *Angelcynn*. Ver *Engle*, *Inglês* (*povo e língua*).
Angorodin As Montanhas de Ferro. Ver *Montanhas de Ferro*.
Angra das Luzes de Muitos Tons Em Tol Eressëa. *Porto dos Muitos Tons*
Angrist A faca de Curufin, feita por Telchar de Nogrod.
Annael Elfo-cinzento de Mithrim, pai adotivo de Tuor.
Ano da Lamentação
Arco Celestial, *O* Nome de uma das gentes dos Gondothlim; também *o Arco do Céu*, *o Arco*, *o Arco-Íris*. Ver *Egalmoth*.

Arco de Inwë Entrada ocidental ao Lugar do Poço em Gondolin.
Arco do Céu, *o Arco* Ver *Arco Celestial*.
Arco-Íris, *O*. Ver *Arco Celestial*.
Ard-galen
Aredhel Irmã de Turgon, mãe de Maeglin. (Substituiu *Isfin*).
Areias Vorazes Na costa da Ilha do Marinheiro Ancião.
Arlisgion "Lugar dos Caniços", acima das fozes do Sirion. Ver *Lisgardh*.
Arminas Elfo noldorin que, juntamente com Gelmir, guiou Tuor pelo Portão dos Noldor e depois levou o aviso de Ulmo a Nargothrond.
Aros O rio que se vadeava em Sarnathrod; identificado como o rio que passava pelas cavernas dos Rodothlim (ver 290, nota 15).
Artanor "A Terra Além", região posteriormente chamada de Doriath. Ver especialmente, e ver *Doriath*, *Terra*(*s*) *Além*. Referências à proteção de Artanor pela magia da Rainha.
Arval Um nome antigo de Eöl.
Arvalin
Árvore, *A* Nome de uma das gentes dos Gondothlim. Ver *Galdor*, *Nos Galdon*.
Árvores de Gondolin Ver *Gondolin*.
Aryador "Terra das Sombras", nome de Hisilómë entre os Homens. Ver *Dor Lómin*, *Hisilómë*, *Hithlum*, *Terra da*(*s*) *Sombra*(*s*), *de Sombra*(*s*), *Mathusdor*.
Asa, A Emblema de Tuor, ver *Cisne*; *Asa Alva*; *homens*, *povo*, *guarda da Asa* em Gondolin
Asgon Nome antigo do (Lago) Mithrim. Ver *Mithrim*.
Aulë
Auredhir Filho de Dior.
Ausir (1) "O Opulento", nome de Dior. (2) Um menino de Mar Vanwa Tyaliéva.
Avari

Avon, *Rio*

Bablon Forma gnômica de *Babilônia*. *Babilônia*
Bacia de Prata, *Catarata da*
Bad Uthwen A Via de Escape para a planície de Gondolin. anteriormente *Bad Uswen*, *Bad Usbran*. Ver *Via de Escape*.
Baía de Feéria Ver *Feéria*.
Balada de Leithian
Balada dos Filhos de Húrin
Balar, *Ilha de*
Balcmeg Orque morto por Tuor em Gondolin.
Balrog(*s*). Ver *Malkarauki*.
Bansil “Lindo-brilho”, a Árvore de Gondolin com flores prateadas. forma posterior *Banthil*. Ver *Belthil*.
Barad-dûr
Baragund Pai de Morwen.
Barahir Pai de Beren. (Substituiu *Egnor*).
Barbárvore
Barbas-longas Ver *Indrafangs*.
Batalha das Lágrimas Inumeráveis Também chamada de *a Batalha das Lágrimas*, *das Lágrimas Incontáveis*, *da Lamentação* e *a grande batalha*. Ver *Nieriltasinwa*, *Nínin-Udathriol*.
Beco das Rosas Rua em Gondolin.
Belaurin Forma gnômica de *Palúrien*; *Belawryn*
Belcha Nome gnômico de Melko. *Belcha Morgoth*
Beleg. Chamado de “caminheiro-da-floresta”, “caçador”; um Noldo; sobrenome posterior *Cúthalion* “Arcoforte”
Belegost Cidade dos Anãos Indrafangs; *Ost Belegost*
Beleriand; Submersão de Beleriand
Belerion Porto no oeste da Grã-Bretanha.
Belthil A Árvore de Gondolin com flores de prata, feita por Turgon. Ver *Bansil*.
Belthronding O arco de Beleg.
Beorn Tio de Ottor Wǽfre (Eriol). Ver *Hasen de Isenóra*.

Beowulf; J.R.R. Tolkien, *On Translating Beowulf*
Beren. Chamado *o Uma-Mão, da Uma Mão* (ver *Ermabwed*, *Elmavoitë*); *Beren dos Morros*; *caçador dos Noldoli*, *das matas*. Para Beren como Homem ou Elfo
Bethos Chefe dos Homens-da-Floresta. Esposa de Bethos (uma Noldo)
Bigorna Martelada, *A* Emblema do povo do Martelo da Ira em Gondolin.
Bior Homem dos Ythlings que acompanhou Ælfwine.
bo-Dhuilin, *bo-Dhrauthodavros*, *bo-Rimion* "filho de" Duilin etc; ver os nomes. (*bo-* substituiu *go-*).
Bodruith Senhor de Belegost.
Borda da Terra (também *Borda do Mundo*, *Borda das Coisas*, *Beira do Mundo*, (*barra na*) *Margem do Mundo*)
Brandir. (Substituiu *Tamar*).
Bretanha
Brethil, *Floresta de*
Brithonin Invasores de Tol Eressëa.
Brodda Senhor dos homens em Hisilómë.
Bronweg Forma gnômica de *Voronwë*. Ver *Voronwë*.

Cabed-en-Aras "O Salto do Cervo", ravina no Teiglin.
Caergwâr, *Caer Gwâr* Nome de Kortirion em galês.
Caminho dos Sonhos 18, 56. Ver *Olórë Mallë*, *Trilha dos Sonhos*.
Canção de Eriol, *A* (poema)
Carcaras Ver *Karkaras*.
Carcharoth; "a Goela Vermelha"
Carlos Magno
Carpenter, *Humphrey*; *J.R.R. Tolkien: Uma Biografia*
Cartas de J.R.R. Tolkien
Casa de (*das*) *Cem Chaminés* A casa de Gilfanon em Tavrobel.
Casa do Rei, *Real* Dos Gondothlim.
Celebros Riacho em Brethil, afluente do Teiglin.
Celegorm Filho de Fëanor.

Chalé do Brincar Perdido (não inclui referências ao Conto). Ver *Mar Vanwa Tyaliéva*.
Charneca Alta, *Batalha da* Ver *Charneca do Teto-do-Céu*.
Charneca do Teto-do-Céu, *Batalha da*; *Batalha da Charneca Alta*, *do Teto do Firmamento*. Ver *Dor-na-Dhaideloth*, *Ladwen-na-Dhaideloth*, *Charneca Seca*.
Charneca Seca Charneca próxima a Tavrobel, depois da Batalha da Charneca do Teto-do-Céu.
Cidade de Pedra (*Gondobar*), Gondolin. *Cidade dos Habitantes da Pedra* (*Gondothlimbar*), Gondolin.
Cidade de Sete Nomes Gondolin.
Cidade do Pesar Presente, *A* (poema)
Cidade Pesarosa, *A* (poema)
Cirith Ninniach "Fenda do Arco-Íris". Ver *Cris Ilbranteloth*, *Glorfalc*, *Teld Quing Ilon*.
Cirith Thoronath "Fenda das Águias".. Ver *Cristhorn*.
Cisne Como emblema de Tuor e seus homens em Gondolin (asas de cisne no elmo e escudo); *casa do Cisne*. Ver *Alqarámë*, *Ala-de-cisne*, *Asa*.
Colar dos Anãos Ver *Nauglafring*.
Colinas de Ferro Ver *Montanhas de Ferro*.
Constantinopla. Ver *Mikligarðr*.
Conto dos Anos
Contos Inacabados. Ver *Narn i Hîn Húrin*, *Tuor*.
Cópas Alqalunten "Porto dos Navios-cisnes". 105. Ver *Kópas*, *Porto-cisne*.
Coração Escarlate, *O* Emblema da Casa do Rei em Gondolin.
Coração-Pequeno Filho de Bronweg (Voronwë), chamado "o Guardião-do-Gongo" (de Mar Vanwa Tyaliéva). Para seus nomes élficos.
Coroa de Ferro Ver *Melko*.
Costas de Feéria Ver *Feéria*.
Cranthor Filho de Fëanor (posteriormente *Cranthir*).
Crianças (*do Chalé do Brincar Perdido*)

Cris Ilbranteloth “Garganta do Teto de Arco-íris”, pela qual Tuor chegou ao Mar (posteriormente *Cirith Ninniach*). *Ilbranteloth*. Ver *Glorfalc*, *Fenda Dourada*, *Teld Quing Ilon*.
Cristhorn, *Cris Thorn* “Fenda das Águias”, nas Montanhas Circundantes ao redor de Gondolin. Ver *Cirith Thoronath*, *Fenda das Águias*.
Cuilwarthon Ver *I·Cuilwarthon*.
Cûm an-Idrisaith “O Morro da Avareza” em Artanor.
Curufin Filho de Fëanor; chamado de “o Matreiro”.
Cúthalion Ver *Beleg*.
Cwén Esposa de Ottor Wǽfre (Eriol).

Dagor Bragollach “A Batalha da Chama Repentina”.
Daimord Filho de Beren e Tinúviel (= Dior). Ver *Damrod* (1)
Dairon Menestrel de Artanor, irmão de Tinúviel. Forma posterior *Daeron*. Ver *Kapalen*, *Tifanto*.
Damrod (1) Filho de Beren e Tinúviel (= Dior). (2) *Damrod*, *o Gnomo*, aparentemente um nome do pai de Beren (= Egnor). (3) Filho de Fëanor (posteriormente *Amrod*).
Danigwiel Uma forma do nome gnômico de Taniquetil.
Danos do Leste; *East-Denum* (inglês antigo, caso dativo)
Danos Ver *Danos do Leste*; *Dani*
Déor (1) Pai de Ælfwine. (2) O poema anglo-saxão *Déor* e Déor, o Menestrel.
Deuses Ver *Valar*.
Dhrauthodavros Em *bo-Dhrauthodavros* (alterado de *go-Dhrauthodauros*), “filho da floresta exaurida”, nome que Túrin deu a si mesmo. Ver *Rúsitaurion*.
Dhuilin = Duilin (1) em formas prefixadas (patronímicas).
Dias Antigos
Dimbar
Dimrost As cascatas do Celebros em Brethil.
Dinamarca; *península dinamarquesa*

Dinithel (*?Durithel*) Filho de Fëanor. (Substituiu *? Mailweg*). Ver *Díriel*.

Dior Filho de Beren e Tinúviel, pai de Elwing; chamado “o Belo”. Ver *Ausir* (1), *Daimor*, *Damrod* (1).

Díriel Filho de Fëanor. (Substituiu *Dinithel/Durithel*; posteriormente *Amras*).

Dor Athro “A Terra Além”. Ver *Artanor*, *Doriath*, *Terra*(*s*) *Além*.

Dor Daedeloth A terra de Morgoth.

Dor Lómin, *Dor-lómin*. Ver *Aryador*, *Hisilómë*, *Hithlum*, *Terra da*(*s*) *Sombra*(*s*), *Mathusdor*.

Dor-na-Dhaideloth (Batalha de); para o nome. Ver *Ladwen-na-Dhaideloth*, *Charneca do Teto-do-Céu*.

Dor-nu-Fauglith. Ver *Anfauglith*.

Doriath; *Doriath além do Sirion* (*Nivrim*). Ver *Artanor*, *Dor Athro*, *Terra*(*s*) *Além*.

Dorlas Companheiro de Turambar no ataque a Glaurung.

Dorthonion “Terra de Pinheiros”. Ver *Floresta da Noite*, *Taurfuin*, *Taur-nu-Fuin*.

Dragões Referências selecionadas (incluindo *dracos*, *serpes*): sobre dragões; os “dragões” que se abateram sobre Gondolin (chamados também de *monstros, serpentes, cobras*). Ver *Foalókë*, *Glorund*.

Dramborleg O machado de Tuor. forma rejeitada *Drambor*
Draugluin

Duas Árvores (incluindo referências a *as Árvores*); Árvore de Ouro 46. Árvores de Gondolin, ver *Gondolin*.

Duilin (1) Pai de Flinding; com o patronímico *go- > bo-Dhuilin* “filho de Duilin”. (2) Senhor do povo da Andorinha em Gondolin. forma rejeitada *Duliglin*

Éadgifu (inglês antigo) (1) Esposa de Ælfwine, Elfa de Tol Eressëa. Ver *Naimi*. (2) Esposa de Déor, mãe de Ælfwine.

Éalá Éarendel engla beorhtast (poema)

Eärámë “Ala-de-águia”, o primeiro navio de Eärendel. *Earum*, *Earam*. Ver *Earnhama*, *Eärrámë*.

Eärendel. *Balada de Eärendel*. Forma posterior *Eärendil*; *Earendl*

Eärendilyon “Filho de Eärendel”, marinheiro.

Earnhama (inglês antigo) “Veste-de-águia”

Eärrámë “Ala-do-mar”, navio de Tuor. Ver *Alqarámë*, *Eärámë*.

Ecthelion (1) Senhor do povo da Fonte em Gondolin; chamado *Ecthelion da Fonte*, *Senhor da*(*s*) *Fonte*(*s*). Nome de dois Regentes de Gondor.

Edain

Edda (nórdico antigo)

Egalmoth (1) Senhor do povo do Arco Celestial em Gondolin. (2) Regente de Gondor.

Eglamar = *Eldamar*.

Eglavain Elfinesse (?).

Egnor Pai de Beren; chamado de “o couteiro”, “o caçador dos Elfos, dos Gnomos”, “Elfo da verdemata”. *Egnor bo-Rimion* (> *go-Rimion*) “filho de Rimion”. Ver *Rog* (1).

Eithel Ivrin; *Ivrin*

Elbenil Coração-Pequeno. (Substituído por *Elwenil*).

Eldairon Nome élfico de Ælfwine: *Eldairon de Lúthien*, substituindo *Lúthien de Luthany*.

Eldalië

Eldamar “Lardelfos”. Ver *Eglamar*.

Eldar Referências selecionadas: usado para todos os Elfos, incluindo Elfos Escuros; em referência aos Noldoli; distintos dos Noldoli. Referências à língua dos Eldar (em oposição ao gnômico) (ver *Eldarissa*, Élfico); *Eldar* como adjetivo, a respeito da língua. Ver *Elfos*.

Eldarissa A língua dos Eldar, em oposição a *noldorissa*.

Eldaros = Ælfhâm, Lardelfos. *Eldos*

Elenwë Esposa de Turgon.

Élfico Referências apenas ao emprego da palavra como nome da língua dos “Eldar” (em oposição ao gnômico). provavelmente usado em sentido geral 321. Ver *Eldar*, *Eldarissa*.

Elfinesse; *filhos de Elfinesse*, *filha de Elfinesse*

Elfos Referências selecionadas (ver também *Eldar*, *Fadas*). Abrangendo os Gnomos etc.; diferentes dos Gnomos. Fado dos Elfos; estatura de Elfos e Homens referências ao “desvanecer” ou “minguar”; união com mortais, ver *Homens*; faida com os Anãos; línguas; caracteres escritos; e inglês antigo. *Elfos Selvagens, Silvestres*. Ver *Elfos Pardos*, *Escuros*, *Verdes*, *-cinzentos*, *Ilhéus*, *Perdidos*; para *Elfos Ocultos* e *Secretos*, ver *Elfos da*(*s*) *Floresta*(*s*).

Elfos da(*s*) *Floresta*(*s*) Elfos de Artanor. *fadas do bosque, da floresta*; *Elfos ocultos*; *Elfos secretos*

Elfos Escuros

Elfos Ilhéus Elfos de Tol Eressëa.

Elfos Pardos Ver *Elfos Verdes*.

Elfos Perdidos Elfos das Grandes Terras. (de Artanor); língua dos. *Elfos Perdidos de Hisilómë*

Elfos Verdes; *os Elfos pardos e os verdes* ; (povo élfico) “trajado todo de verde e pardo”. Ver *Laiquendi*.

Elfos-cinzentos de Doriath; de Beleriand; de Hithlum; de Mithrim

Elfriniel Coração-Pequeno. (Substituído por *Elfrith*). *Elfriniol*. (Substituído por *Ilfiniol*). Ver *Ilfiniol*, *Ilfrin*.

Elfrith Coração-Pequeno. (Substituiu *Elfriniel*). Ver *Ilfrith*.

Ellon Um nome (gnômico) de Tinwelint. Ver *Tinto’ellon*, *Tinthellon*.

Ellu (1) Nome de Tinwelint em eldarissa. (2) Senhor dos Solosimpi no lugar de Tinwelint (posteriormente Olwë).

Elmavoitë “Uma-Mão”, nome de Beren “na língua da Ilha Solitária”. Ver *Ermabwed*.

Elmir Um dos dois primeiros Homens (junto com Ermon).

Elmos Alados Os Forodwaith. Ver *Gwasgonin*.
Eltas Narrador do *Conto de Turambar*.
Elu Thingol
Elwë Singollo Thingol.
Elwenil Coração-Pequeno. (Substituiu *Elbenil*).
Elwenildo Coração-Pequeno. (Substituído por *Ilverin*).
Elwing
Encanto do pavor insondável Ver *Melko*.
Eneadur A ilha dos Ythlings.
Eneathrim Os Ythlings. Ver *Marinheiros do Oeste*.
Engle (inglês antigo) O povo inglês. Ver *Angolcynn*, *Inglês*.
Eoh Pai de Ottor Wǽfre (Eriol). (Substituído por *Déor* (1)).
Eöl Pai de Meglin (Maeglin).
Ephel Brandir
Ered Gorgoroth As Montanhas de Terror.
Ered Wethrin As Montanhas de Sombra.
Erenol “Falésias de Ferro”, “Costa de Ferro”, Lionesse. (Substituído por *Evadrien*).
Eriol. “A narrativa *Eriol*”. *Canção de Eriol* (poema). Ver *Melinon*.
Ermabwed “de Uma-Mão”, nome (gnômico) de Beren. Ver *Elmavoitë*.
Ermon Um dos dois primeiros Homens (junto com Elmir).
Eruman (o gigante de Eruman). *Erumáni*; *Batalha de Erumáni*
Escuridão de Fora
Esgalduin
Espada Negra Nome de Túrin entre os Rodothlim (posteriormente em Nargothrond). Ver *Mormagli*, *Mormakil*, *Mormegil*.
Estrada das Pompas Em Gondolin.
Estrada dos Arcos Em Gondolin.
Estrela Vespertina, *Véspero*
Estrela-d’alva
Estrelas

Europa
Euti Jutos.
Evadrien “Costa de Ferro”, Lionesse. (Substituiu *Erenol*).
Evranin A ama de Elwing.
Exeter College, *Oxford*

Fadas Sinônimo de *Elfos*. e com muita frequência no Capítulo VI; distinção com Gnomos.
Faelivrin Nome dado a Finduilas, filha de Orodreth de Nargothrond. Ver *Failivrin*, *Finduilas*.
Fafnir O dragão morto por Sigurd.
Faiglindra Ver *Airin*.
Failivrin Filha de Galweg dos Rodothlim. Ver *Faelivrin*.
Falasquil Habitação de Tuor em uma cava na costa do mar.
Falmaríni Espíritos da espuma do mar.
Fangluin “Barbazul”, Anão de Nogrod.
Faskalan, *Faskala-númen* “Banho do Sol Poente”. Ver *Fauri*, *Fôs’Almir*, *Tanyasalpë*.
Fata(*s*)
Fauri Nome antigo de *Fôs’Almir*.
Fëanor; *Lâmpada de Fëanor* (a Silmaril). Ver *Filhos de Fëanor*.
Fëanorianos
Feéria; *Baía de Feéria*; *Lâmpada de Feéria* (a Silmaril); *costas de Feéria*; *As Costas de Feéria* (poema), prefácio em prosa
Felagund; “Senhor de Cavernas”. Ver *Finrod*.
Felizes Marinheiros, *Os* (poema)
Fenda das Águias Nas Montanhas Circundantes ao redor de Gondolin. Ver *Cristhorn*.
Fenda Dourada. Ver *Glorfalc*.
Fero Inverno, *O*
Filhos de Fëanor
Filhos dos Deuses (*filha dos Deuses*); *Filhos dos Valar*
Finarfin

Finduilas; *Teso de Finduilas*. Ver *Faelivrin*, *Haudh-en-Elleth*.

Fingolma Nome de Finwë Nólemë.

Fingon

Finrod; *Finrod Felagund*. Ver *Felagund*.

Finwë Nólemë; *Nólemë*. Ver *Fingolma*.

Fionwë, *Fionwë-Úrion* Filho de Manwë e Varda.

Fiorde da Sereia

Firilanda Ver *Airin*.

Firisandi Frísios

Flautistas das Terras Costeiras; *flautistas da costa*; *Elfos das terras costeiras*. Ver *Solosimpi*.

Flinding Gnomo dos Rodothlim, companheiro de Túrin (posteriormente Gwindor de Nargothrond). Ver *Duilin* (1), *Gwindor*.

Flor da Planície Gondolin. Ver *Lothengriol*.

Flor Dourada, *A* Nome de uma das gentes dos Gondothlim, liderada por Glorfindel. Ver *Los'lóriol*.

Floresta da Noite Taurfuin, a grande floresta de pinheiros nas Montanhas da Noite (posteriormente Dorthonion, Taur-nu-Fuin). Ver *Taurfuin*.

Floresta Velha

Fluithuin Uma ogra, mãe de Gothmog, filho de Melko. Ver *Ulbandi*.

Foalókë O dragão Glorund; *lókë*. Ver *Fuithlug*.

Fogo-do-Conto Em Mar Vanwa Tyaliéva. Ver *Sala das Lenhas*, *Tôn a Gwedrin*.

Fonte, *A* Nome de uma das gentes dos Gondothlim (*Fonte do Sul*). Ver *Ecthelion*.

Fonte, *palácio*, *praça*, *salão*, *torre do Rei* em Gondolin. Ver *Praça do Palácio*.

Fontes do Sul Em Gondolin. A fonte do rei em Gondolin: ver *Praça do Palácio*.

Forasteiros Lestenses.

Forodwaith Os Homens do Norte (Vikings). (Substituiu *Forwaith*). Ver *Gwasgonin*, *Homens do Norte*, *Homens*

do Mar, *Elmos Alados*.
Forwaith Forma antiga de *Forodwaith*.
Fôs'Almir O Banho de Flama. (Substituiu *Fauri*). Ver *Faskalan*, *Tanyasalpë*.
Francos
Fratricídio em Porto-cisne
Frísios. Ver *Firisandi*.
Fui Deusa-da-Morte (Nienna).
Fuithlug Forma gnômica de *Foalókë*; formas antigas *Fothlug*, *Fothlog*

Galdor Senhor do povo da Árvore em Gondolin; chamado *Galdor da Árvore*. Ver *Nos Galdon*.
Galweg Gnomo dos Rodothlim, pai de Failivrin.
Gamgi, *Sam*
Gamil Zirak Artífice anânico, mestre de Telchar de Nogrod.
Gar Ainion "O Lugar dos Deuses" em Gondolin.; forma rejeitada *Gar Ainon*. Ver *Lugar dos Deuses*.
Gar Furion Forma antiga de *Gar Thurion*.
Gar Thurion "O Lugar Secreto", um dos Sete Nomes de Gondolin. (Substituiu *Gar Furion*).
Garganta do Teto de Arco-íris Ver *Cris Ilbranteloth*, *Teld Quing Ilon*.
Garsecg (inglês antigo) O Grande Mar; *Garsedge*
Gelimer Nome antigo de Ælfheah. (Substituiu *Helgor*).
Gelion
Gelmir Ver Arminas.
Gereth Gnomo que ajudou na fuga de Elwing de Artanor.
Gil = Ingil.
Gilfanon de Tavrobel (não inclui referências ao Conto dele). (Substituiu *Ailios*).
Gilim Um gigante ("Inverno"?)
Gimli Um Gnomo cativo no castelo de Tevildo.
Ginetes D'Ondas "Elfos da Margem-do-Mar".
Ginetes-de-lobos Ver *Orques*.

Glamhoth “Povo do ódio horrendo”, nome gnômico para os Orques.

Glaurung. Ver *Glorund*.

Glend A espada do gigante Nan.

Glingol “Ouro-cantante”, a Árvore de Gondolin com flores douradas. Forma posterior *Glingal* (Árvore de Gondolin feita de ouro por Turgon)

Glorfalc “Fenda Dourada”, pela qual Tuor chegou ao mar. Ver *Cris Ilbranteloth*, *Fenda Dourada*, *Teld Quing Ilon*.

Glorfindel Senhor do povo da Flor Dourada em Gondolin; chamado *Glorfindel dos cabelos dourados*, *dourado Glorfindel*, *Mecha-d’ouro* (260).

Glorund O Dragão, precursor de Glaurung. Referências incluem trechos em que ele é chamado de *o draco* etc.; ver também *Foalókë*. *Glorunt*. Ver *Laurundo*, *Undolaurë*.

Gnomos Referências selecionadas (incluindo *Noldoli*). Escravos de Melko; Noldoli livres; em Artanor; em Dor Lómin; entre os Anãos; confusão com Orques; idioma dos; arte dos; lanternas dos; aço, cota de malha; mineiros; libertação e retorno para o Oeste

go-Dhuilin, *go-Dhrauthodauros*, *go-Rimion* “filho de” Duilin etc; ver os nomes. (*go-* substituído por *bo-*).

Gobelins Frequentemente usado como alternativa para o termo Orques (ver “gobelins de Melko, os Orques dos montes”, mas ocasionalmente parecem ser diferentes). Ver *Orques*.

Golosbrindi Nome antigo de Hirilorn.

Gon Indor Nome de Eärendel como bisneto de Indor. Ver *Indor*, *Indorildo*.

Gondobar “Cidade de Pedra”, um dos Sete Nomes de Gondolin; com outra aplicação. Ver *Cidade de Pedra*.

Gondolin “Pedra da Canção”; as Árvores de Gondolin (ver *Bansil*, *Glingol*); as aves que voaram de Gondolin para Kôr; ruínas de Gondolin; época da fundação de Gondolin.

Gondolindrim O povo de Gondolin.
Gondor, *Regentes de*
Gondothlim “Habitantes da Pedra”, o povo de Gondolin; fala dos, língua secreta dos; estatura dos
Gondothlimbar “Cidade dos Habitantes da Pedra”, um dos Sete Nomes de Gondolin. 193
Gongo de Coração-Pequeno; *o Guardião-do-Gongo*
Gongues Seres malignos, relacionados aos Orques de maneira obscura.
Gorgumoth O mastim de Mandos.335
Gorlim, o Infeliz 69
Gothmog (1) “Contenda-e-ódio”, senhor de Balrogs, filho de Melko e capitão de suas hostes. Ver *Kosmoko*. (2) Lugar-tenente de Minas Morgul.
Grã-Bretanha
Grande Fim. Ver *Grande Vindita*.
Grande Jornada (dos Elfos desde as Águas do Despertar)
Grande Mar (não inclui muitas referências a *o Mar*, *o Oceano*). Ver *Garsecg*, *Mar*(*es*) *do Oeste*.
Grande Mercado, *O* Em Gondolin.
Grande Povo do Oeste Nome dos Deuses entre os Ilkorins.
Grande Vindita; *Ruína das Coisas*; *Ruína dos Deuses*. Ver *Grande Fim*.
Grandes Planícies 80
Grandes Terras As terras a leste do Grande Mar. Ver *Terra*(*s*) *de Fora*.
Great Haywood Vilarejo em Staffordshire (Tavrobel); (inglês antigo) *Hægwudu*
Grithnir O mais velho dos guardiões de Túrin na jornada até Doriath. Ver *Gumlin*.
Groenlândia
Gruir Rio em Tol Eressëa que se juntava ao Afros na ponte de Tavrobel.
Guiðlin Invasores de Tol Eressëa.
Guilwarthon Ver *I·Guilwarthon*.

Gumlin O mais velho dos guardiões de Túrin na jornada até Artanor. Ver *Grithnir*.

Gumniow Aparentemente um nome alternativo para o porteiro de Tevildo (ver *Umuiyan*).

Gurtholfin “Vara da Morte”, espada de Túrin (posteriormente *Gurthang*); forma antiga *Gortholfin*

Gwar, *Gwâr = Mindon Gwar* (Kortirion); *colina de Gwar*; *Príncipe de Gwar*. *Gwarthyryn*. Ver *Caergwâr*.

Gwarestrin “Torre de Guarda”, um dos Sete Nomes de Gondolin.

Gwasgonin “Elmos Alados”, nome antigo para os Forodwaith.

Gwedheling Rainha de Artanor; nome que substitui *Gwendeling* no *Conto de Turambar*. *Gwedhiling* (substitui *Gwendeling* no dicionário gnômico). Ver *Artanor*.

Gwendelin Rainha de Artanor; nome substituído por *Gwenniel* no *Conto do Nauglafring*. Ver *Artanor*.

Gwendeling Rainha de Artanor; nome que substitui *Wendelin* no *Conto de Tinúviel*. Ver *Artanor*.

Gwenethlin Rainha de Artanor; nome substituído por *Melian* no texto datilografado do *Conto de Tinúviel*.

Gwenniel Rainha de Artanor; nome que substitui *Gwendelin* no *Conto do Nauglafring*. Ver *Artanor*.

Gwindor Elfo de Nargothrond, companheiro de Túrin (anteriormente *Flinding*). Ver *Flinding*.

Hador, *Casa de*

Hægwudu Ver *Great Haywood*, *Heorrenda*.

Harpa, *A* Nome de uma das gentes dos Gondothlim. Ver *Salgant*.

Hasen de Isenóra Tio de Ottor Wǽfre (Eriol); nome alternativo de Beorn.

Haudh-en-Elleth O Teso de Finduilas. Ver *Finduilas*.

Heborodin Os Montes Circundantes ao redor da planície de Gondolin. Ver *Montanhas Circundantes*.

Helcaraxë
Helgor Nome antigo de Ælfheah. (Substituído por *Gelimer*).
Heligolândia
Hendor Serviçal de Idril que carregou Eärendel de Gondolin.
Hengest Filho de Ottor Wǽfre (Eriol), conquistador de Tol Eressëa junto com seu irmão Horsa.
Heorrenda (1) Filho de Eriol, nascido em Tol Eressëa. *Heorrenda de Hægwudu*; *o Livro Dourado de Heorrenda*. (2) No poema anglo-saxão *Déor*
Hirilorn "Rainha das Árvores" em Artanor. (Substituiu *Golosbrindi*).
Hisilómë. Ver *Aryador*, *Dor Lómin*, *Hithlum*, *Terra da*(*s*) *Sombra*(*s*), *Mathusdor*.
Hithlum. Ver *Hisilómë*.
Homens Referências selecionadas: confinamento dos Homens em Hisilómë; Tuor como o primeiro Homem a alcançar o Mar; escolha de um Homem por Ulmo; línguas dos Homens; contos dos; fado dos; estatura dos, ver *Elfos*; conhecimento acerca de Ilúvatar; união de Homens e Elfos; em relação a Melko; em Tol Eressëa
Homem do Mar O "velho marujo" (Ulmo) que morava nas Ilhas Sem Angras; outras referências a ele
Homens do Mar Forodwaith, Vikings.
Homens do Norte (1) O povo de Tuor.. (2) *Forodwaith*, Vikings. Ver *Forodwaith*, *Gwasgonin*.
Homens do Sul Romanos. Ver *Romanos*, *Rúmhoth*.
Homens Lestenses, *Lestenses*. Ver *Forasteiros*.
Homens-árvores
Homens-da-floresta (posteriormente *homens de Brethil*) Também *povo da floresta*, *caminheiros-da-floresta*.
Horsa Ver *Hengest*. 7
Huan Chamado "senhor dos Cães de Hisilómë" (63), "Capitão dos Cães" (34, 279), "Huan dos Cães".

Hunthor Companheiro de Turambar no ataque a Glaurung.
Huor
Húrin. Ver Úrin.

I·Guilwarthon Os mortos que vivem de novo. *os Guilwarthon* (substituído por *i·Cuilwarthon*).
Idril Esposa de Tuor, mãe de Eärendel; *Idril Talceleb*, *Idril dos Pés de Prata*. Ver *Irildë*.
iI·Cuilwarthon Os mortos que vivem de novo. (Substituiu *i·Guilwarthon*).
Ilbranteloth Ver *Cris Ilbranteloth*.
Ilfiniol Coração-Pequeno. (Substituiu *Elfriniol*, substituído por *Ilfrin*).
Ilfrin Coração-Pequeno. (Substituiu *Ilfiniol*).
Ilfrith Coração-Pequeno.
Ilha das Aves Marinhas; torre na
Ilha dos Lobisomens 70. Ver *Tol-in-Gaurhoth*.
Ilha Solitária a ilha sagrada; *Ilha dos Elfos*; inglês antigo *se uncúþa holm*, *seo unwemmede Íeg*; língua da; poema *A Ilha Solitária* . Ver *Tol Eressëa*.
Ilha(*s*) *Sem Angras*; *Ilha do Homem Velho*; outras referências às Ilhas
Ilhas do Crepúsculo; *Ilha do Crepúsculo*
Ilhas do Oeste, Ocidentais; *Vala das Ilhas do Oeste*
Ilhas Encantadas
Ilhas Mágicas; *Arquipélago Mágico*
Ilhas Reluzentes Habitação dos Deuses e dos Eldar de Valinor conforme imaginada pelos Ilkorins.
Ilinsor Espírito dos Súruli, timoneiro da Lua.
Ilkorindi Elfos que “não são de Kôr”; *Ilkorin*(*s*)
Ilúvatar; *o Senhor para Sempre*
Ilverin Coração-Pequeno. (Substituiu *Elwenildo*).
Ilwë O ar intermediário que flui em meio às estrelas.
Indor Pai de Peleg, pai de Tuor. Ver *Gon Indor*, *Indorildo*.

Indorildo, *Indorion* Nome de Eärendel, bisneto de Indor. Ver *Gon Indor*.

Indrafangs Os Anãos Barbas-longas de Belegost; *Indrafangin*, *Indravangs*.

Inferno Angamandi. 287

Infernos de Ferro Angamandi; *Infernos de Melko*. Ver *Angamandi*, *Angband*.

Ing (1) *Ing*, *Ingwë* Rei de Luthany; muitas referências são à sua gente, filhos ou descendentes; sobre a relação de *Ing* e *Ingwë*. (2) Nome antigo de Inwë. (3) *Ing* na lenda inglesa antiga.

Ingil Filho de Inwë. Ver *Gil*.

Inglaterra; *Englaland* (inglês antigo). Ver *Luthany*, *Lúthien* (3), *Leithian*.

Inglês (*povo e língua*); *Englisc*. Ver *Anglo-saxão* (-*Saxões*), *Inglês antigo*.

Inglês antigo (incluindo citações, palavras, títulos de poemas). Inglês antigo falado pelos Elfos de Tol Eressëa

Inguaeones.

Ingwaiwar Povos cuja origem deriva de Ing(wë), seu fundador-governante, Anglo-Saxões.

Ingwë (1) Ver *Ing* (1). (2) Senhor dos Vanyar. Ver *Inwë*.

Ingwine

Inwë Rei dos Eldar de Kôr (posteriormente Ingwë, Senhor dos Vanyar).; *o Arco de Inwë* em Gondolin

Inwir O clã real dos Teleri (= os posteriores Vanyar), gente de Inwë.

Inwithiel Nome gnômico de Inwë.

Íras (inglês antigo) Os irlandeses.

Irildë Nome de Idril em eldarissa; *Irildë Taltelepta*, *Irildë dos Pés de Prata*. Ver *Idril*.

Irlanda. Ver Íverin.

Isfin Irmã de Turgon, mãe de Meglin. Ver *Aredhel*.

Islândia

Ivárë Menestrel dos Elfos “que toca junto ao mar”.

Íverin, *Ilha de* Irlanda. Ver *Irlanda*.
Ivrin Ver *Eithel Ivrin*.
Jutos. Ver *Euti*.

Kapalen Nome que precedeu Tifanto (Dairon).
Karkaras "Presa-de-Punhal", "pai dos lobos". *Carcaras*; *Lobo-infernal*. Ver *Presa-de-Punhal*; *Carcharoth*.
Kópas Porto (dos Navios-cisnes). Ver *Cópas Alqalunten*.
Kôr Cidade dos Elfos em Eldamar e a colina sobre a qual foi construída; e ver *Tûn*, *Túna*, *Tirion*.
Koreldar Elfos de Kôr.
Korin Cercado formado por olmeiros onde morava Meril-i-Turinqi.
Koromas A cidade de Kortirion.
Kortirion Principal cidade de Alalminórë em Tol Eressëa. Poema *Kortirion entre as Árvores*, prefácio em prosa
Kosmoko, *Kosomok*(*o*) Nome de Gothmog em eldarissa. *Kosomot*
Kurúki Um feiticeiro maligno em um rascunho preliminar do *Conto de Turambar*.

Ladwen-na-Dahideloth; *Ladwen Daideloth*. Ver *Dor-na-Dhaideloth*, *Charneca do Teto-do-Céu*.
Lagoas do Crepúsculo Região no baixo curso do Sirion, posteriormente chamadas *Aelin-uial*, os Alagados do Crepúsculo. Ver *Lagoas Silentes*, *Umboth-muilin*.
Lagoas Silentes, *Batalha das*. Ver *Lagoas do Crepúsculo*, *Umboth-muilin*.
Laiqalassë Nome de Legolas Verdefolha de Gondolin em eldarissa.
Laiquendi Os Elfos-verdes de Ossiriand.
Laurelin
Laurundo, *Laurunto* Formas do nome de Glorund em eldarissa. Ver *Undolaurë*.
Legolas Verdefolha (1) Elfo de Gondolin. Ver I. e *Laiqalassë*. (2) Elfo de Trevamata, membro da

Sociedade do Anel.

Leithian = Lúthien (3) (Inglaterra). *Leithien*

Limpë A bebida dos Eldar. *com o equivalente em inglês antigo "líþ"*

Lindelaurë, *Lindeloktë* Nomes de Laurelin.

Lindo Elfo de Tol Eressëa, mestre de Mar Vanwa Tyaliéva.

Linwë (*Tinto*) Nome antigo de Tinwë (Linto), Tinwelint.

Lionesse Terra lendária, agora submersa, entre a Cornualha e as Ilhas Scilly. Ver *Evadrien*, *Erenol*.

Lisgardh Terra de juncos nas Fozes do Sirion. Ver *Arlisgion*.

Livro de Exeter (códice contendo poesia em inglês antigo)

Livro Dourado, *O* . Ver *Parma Kuluinen*.

Lobo-Sauron

Lókë Nome em eldarissa para os dragões de Melko. Ver *Foalókë*, *Fuithlug*.

Lórien

Lôs Forma antiga do nome *Loth* de Gondolin.

Los'lóriol Nome em noldorissa da Flor Dourada (gente dos Gondothlim); anteriormente *Los Glóriol*.

Lósengriol Forma antiga do nome *Lothengriol* de Gondolin.

Loth "A Flor", um dos Sete Nomes de Gondolin. (Substituiu *Lôs*).

Lothengriol "Flor da Planície", um dos Sete Nomes de Gondolin. Ver I. e *Flor da Planície*.

Lothlim "Povo da Flor", nome adotado pelos sobreviventes de Gondolin na foz do Sirion.

Lua, *A* Referências selecionadas: o marinheiro ou timoneiro da Lua persegue Eärendel; navio da; porto da; portão da; reconvocação da; aprisionamento da; Melko procura ferir a Lua; além da Lua, atrás da Lua, a Leste da Lua; um emblema da Casa do Rei em Gondolin

Lug Orque morto por Tuor em Gondolin.
Lugar das Bodas O mesmo que o Lugar dos Deuses.
Lugar do Poço Em Gondolin. Ver *Praça do Poço*.
Lugar dos Deuses Em Gondolin. Ver *Gar Ainion*, *Lugar das Bodas*.
Lumbi Um lugar onde Melko morou depois de sua derrocada.
Lúsion = Lúthien (2).
Luthany Inglaterra. Ver *Lúthien* (1) e (3), *Leithian*.
Lúthien (1) "Homem de Luthany", nome dado a Ælfwine pelos Elfos de Tol Eressëa; com o significado de "Viandante". (2) Filho de Telumektar. (3) = *Luthany* (Inglaterra). (4) Tinúviel.

Mablung "O Mão-pesada", chefe dos capitães de Tinwelint.
Maeglin Nome posterior de Meglin.
Magbar Nome élfico de Roma. Ver *Rûm*.
Maglor Filho de Fëanor.
Maia
Maidros Filho de Fëanor.
Malkarauki Nome dos Balrogs em eldarissa.
Mandos (tanto o Vala quanto sua habitação). Ver *Vefántur*.
Manwë, *Manwë Súlimo*; *Súlimo*; *Senhor de Deuses e Elfos*; *Manweg = Wóden*, Óð*inn*
Mar do Norte
Mar Interior O Mediterrâneo.
Mar Vanwa Tyaliéva O Chalé do Brincar Perdido. *Vanwa Tyaliéva*
Mar(*es*) *do Oeste*. Ver *Grande Mar*.
Marcha dos Elfos A expedição dos Elfos de Kôr para resgatar os Gnomos nas Grandes Terras. *Marcha dos Inwir e Teleri*, *Marcha da Libertação*. Ver *Partida Afora*.
Mares Divisores
Mares Gélidos 305

Mares Sombrios Região do Grande Mar a oeste de Tol Eressëa. *a*(*s*) *grande*(*s*) *sombra*(*s*);*as Sombras*

Marinheiro Ancião Ver *Homem do Mar*.

Marinheiros, *Povo-navegante*, *do Oeste* Os Ythlings. Ver *Eneathrim*, *Ythlings*.

Martelo da Ira Nome de uma das gentes dos Gondothlim. Ver *Rog* (2), *Bigorna Martelada*.

Mathusdor Nome que substitui *Aryador* no manuscrito A de *A Queda de Gondolin*.

Mavoinë Nome de Mavwin em eldarissa.

Mavwin Esposa de Úrin, mãe de Túrin e Nienóri; posteriormente chamada Morwen. (Substituiu *Tirannë*).

Mediterrâneo. Ver *Wendelsæ*.

Meglin Filho de Eöl e Isfin, traidor de Gondolin; posteriormente chamado Maeglin. *senhor da casa da Toupeira*

Meio-dia, Fruto do

Meio-Elfo

Meleth Ama de Eärendel.

Melian Rainha de Doriath. *o Cinturão de Melian*. Para nomes antigos de Melian, ver 292 e os verbetes *Gwedheling* e seguintes; ver também *Artanor*.

Melinir Nome dado a Vëannë por Eriol.

Melinon Nome dado a Eriol por Vëannë.

Melko Referências selecionadas: sua maldição sobre Úrin e sua gente; em relação à origem dos Orques; falcões e cobras como criaturas de Melko; incapaz de voar; em relação aos Homens; *Minas de Melko*; *Encanto do pavor insondável*, feitiço de horror/terror sem fundo; a Coroa de Ferro; seu trono; o mito de sua derrocada; ataque ao Sol. Chamado *Ainu Melko*, *o Príncipe Maligno*, *o Príncipe de Coração Maligno*, *Vala de Ferro*, *Senhor de Ferro*, *o Maligno*, *o Adversário*.

Melkor

Menegroth As Mil Cavernas em Doriath. Ver *Mil Cavernas*.

Meoita Ver *Tevildo*.
Mercado Menor, *Praça do* Em Gondolin.
Meril-i-Turinqi A Senhora de Tol Eressëa; também *Meril*, *Turinqi*. *Senhora da Ilha*
Miaugion Ver *Tiberth*, *Tifil*.
Miaulë Cozinheiro de Tevildo.
Micelgeard, *Mickleyard* (inglês antigo, “a grande cidade”) Roma, “a Cidade Sem Coração”. Ver *Rûm*.
Mikligarðr (nórdico antigo) Constantinopla.
Mil Cavernas. Ver *Menegroth*.
Mîm, *o Anão* Chamado “o sem-pai”. maldição, feitiço de Mîm
Minas Morgul
Minas Tirith Fortaleza em Tol Sirion
Mindon Gwar Nome gnômico de Kortirion. Ver *Gwar*.
Mithrim Lago e (184, 186) o rio que flui a partir dele. *Elfos-cinzentos de Mithrim*. (Substituiu *Asgon*).
Montanha do Mundo Ver *Taniquetil*.
Montanhas Circundantes, *Montes Circundantes* As montanhas ao redor da planície de Gondolin. Ver especialmente, e ver *Heborodin*.
Montanhas da Noite As montanhas sobre as quais crescia Taurfuin, a Floresta da Noite.
Montanhas de Escuridão = Montanhas de Ferro.
Montanhas de Ferro; *Colinas de Ferro*; *Morros Amargos*. Ver *Angorodin*.
Montanhas de Sombra. Ver *Ered Wethrin*.
Montanhas de Terror Ver *Ered Gorgoroth*.
Montanhas de Valinor
Montanhas do Leste
Monte de Vigia; *monte de vigilância*. Ver *Amon Gwareth*.
Monte dos Espiões. Ver *Amon Ethir*.
Morgoth; ver especialmente, e ver *Belcha*, *Melko*(*r*).
Moria
Moriquendi “Elfos da Escuridão”. 84

Mormagli “Espada Negra”, Túrin (gnômico). Ver *Mormakil*, *Mormegil*.
Mormakil “Espada Negra”, Túrin, que se afirma (107) ser uma das formas do nome entre os Gnomos, embora *makil* seja uma forma “eldar” (I. 259). Ver *Mormagli*, *Mormegil*.
Mormegil “Espada Negra”, Túrin (forma posterior do nome).
Morro da Avareza Ver *Cûm-an-Idrisaith*.
Morros Amargos Ver *Montanhas de Ferro*.
Móru A “Noite Primeva”, personificada na Grande Aranha.
Morwen. (Substituiu *Mavwin*).
Muralha das Coisas 311; *a Muralha*; *Muralhas do Oeste*; *Muro do espaço*
Música dos Ainur (não inclui referências ao Conto). Ver *Ainulindalë*.

Naimi Esposa de Ælfwine, Elfa de Tol Eressëa. Ver Éadgifu (1).
Nan Dumgorthin “A Terra dos Ídolos Sombrios”. *Nan Dungorthin*
Nan Dungortheb “O Vale da Morte Horrenda”.
Nan Elmoth
Nan Um Gigante.
Nan-tathren. Ver *Terra dos Salgueiros*, *Tasarinan*.
Nandorin
Nargothrond; ver especialmente
Narn i Hîn Húrin
Narog. Ver *Aros*.
Narthseg O Elfo que traiu Artanor aos Anãos.
Naugladur Senhor dos Anãos de Nogrod. (chamado *rei*)
Nauglafring O Colar dos Anãos (referências a ambos os nomes). ver especialmente
Nauglath Os Anãos de Nogrod. ver especialmente
Nautar Aparentemente = *Nauglath*.

Nazgûl
Necromante, *O*
Nellas Elfa de Doriath que foi testemunha no julgamento de Túrin.
Nen Girith “Água do Estremecer”, nome dado às cataratas do Celebros na Floresta de Brethil.
Nen Lalaith Riacho que se erguia abaixo de Amon Darthir nas Ered Wethrin.
Neorth “Senhor das Águas”, Ulmo. (Compare com o deus escandinavo *Njörð*, especialmente associado com navios e com o mar).
Nessa
Nevrast
Nielluin A Estrela Sírio. Ver *Abelha Azurina*.
Nielthi Aia de Gwendelin, Rainha de Artanor.
Nienor Forma posterior de *Nienóri*
Nienóri Filha de Úrin e Mavwin. (Substituiu *Vainóni*). Ver *Níniel*.
Nieriltasinwa A Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Ver *Nínin-Udathriol*.
Nineveh, *Nínive* Ver *Ninwë*.
Níniel “Filha das Lágrimas”, o nome de Turambar para Nienóri.
Nínin-Udathriol A Batalha das Lágrimas Inumeráveis. Ver *Nieriltasinwa*.
Ninwë, *Ninwi* Nínive. *Nínive*
Nirnaeth Arnoediad A Batalha das Lágrimas Inumeráveis.
Nivrim Doriath além do Sirion.
Nogrod Cidade dos Nauglath.
Noldoli Ver *Gnomos*; *Noldor*.
Noldor; adjetivo *noldorin*. (Substituiu *Noldoli*). Ver *Portão dos Noldor*.
Noldorin Nome de Salmar.
Noldorissa Língua dos Noldoli.
Nólemë Ver *Finwë Nólemë*.
Nórdico, nórdico antigo

Normandos 376,
Nornorë Arauto dos Deuses.
Northern Venture, A (Antologia contendo poemas de J.R.R. Tolkien)
Noruega
Nos Galdon Povo de Galdor de Gondolin que vivia em Tol Eressëa. (Substituído por *Nos nan Alwen*).
Nos nan Alwen. (Substituiu *Nos Galdon*).
Nost-na-Lothion O festival de primavera do "Nascimento das Flores" em Gondolin. forma rejeitada *Nost-na-Lossion*
Númenóreanos; *Númenóreano Negro*

Oarni Espíritos do Mar (identificados como "sereias", identidade negada). Ver *Sereias*.
Oceano Atlântico
Oceanos de Fora, Mar(*es*) *de Fora*. Ver *Vai*.
Ocultação de Valinor
Óð*inn*. Ver *Wóden*.
Oikeroi Um gato, capitão de Tevildo, morto por Huan.
Oinen Ver *Uinen*.
Olórë Mallë "A Trilha dos Sonhos". Ver *Caminho dos Sonhos*.
Olwë Senhor dos Solosimpi no lugar de Thingol. Ver *Ellu* (2).
Ómar O mais jovem dos grandes Valar, também chamado *Amillo*.
Ónen Nome antigo de Uinen.
Orcobal Campeão dos Orques, morto por Ecthelion em Gondolin.
Orfalch Echor A grande fenda nas Montanhas Circundantes pela qual se chegava a Gondolin.
Orgof Elfo de Artanor morto por Túrin.
Órion. Ver *Telimektar*.
Orlin Homem de Hisilómë, morto no salão de Brodda por Turambar.

Orm Capitão dos Forodwaith, assassino de Déor, pai de Ælfwine.
Orodreth Senhor dos Rodothlim.
Oromë
Orques Referências selecionadas: origem dos; *crias de Melko*; descritos; visão e audição dos; ginetes-de-lobos; sangue de Orques em Meglin; *filhos dos Orques*; mercenários dos Anãos. Singular *Ork*, plural *Orqui*. Ver *Gobelins*.
Orqui Plural antigo de *Orque* (*Ork*). Ver *Orques*.
Ossë
Ossiriand
Ost Belegost Ver *Belegost*.
Óswine Príncipe de Gwar (Kortirion).
Othrod Um senhor dos Orques, morto por Tuor em Gondolin.
Ottor Wǽfre Eriol. Wǽfre
Oxford; (inglês antigo) *Oxenaford*; poema *A Cidade do Pesar Presente*. Ver *Taruithorn*, *Taruktarna*.
Oxford English Dictionary

Palisor Região das Grandes Terras onde os Elfos despertaram.
Palúrien Yavanna. 338, 395. Ver *Belaurin*.
Parma Kuluinen. Ver *Livro Dourado*.
Partida Afora (1) A Marcha dos Elfos de Kôr.. (2) A expedição desde Tol Eressëa.
Pedido ao Menestrel, *O* (poema); esboço associado a ele
Peleg Pai de Tuor.
Penlod Chamado “o Alto”; senhor das gentes do Pilar e da Torre de Neve em Gondolin.
Pereldar “Meio-Elfos”. Ver *Meio-Elfo*.
Pictures by J.R.R. Tolkien
Pigmeus
Pilar, O Nome de uma das gentes dos Gondothlim. Ver *Penlod*.

Pinheiro de Belaurin, *Pinheiro de Tavrobel*
Planície Protegida de Nargothrond Ver *Talath Dirnen*.
Porta da Noite; *portas dracônicas*, *dracônico batente*; *boca da noite*
*Portã*o *da Lua*
Portão dos Noldor
Porto do Sol
Porto dos Cisnes Ver *Porto-cisne*.
Porto-cisne; *Porto dos Cisnes*. Ver *Cópas Alqalunten*, *Kópas*.
Portões do Verão Grande festival em Gondolin. Ver *Tarnin Austa*.
Portos do Sirion Ver *Sirion*.
Povo da Sombra de Hisilómë
Povo-élfico, *gentes-élficas*. *Terra-élfica*
Praça da Fonte Em Gondolin.
Praça do Palácio Em Gondolin; também chamada de *Praça do Rei*. Salão(ões), casa ou palácio do rei; a torre do rei; a fonte do rei
Praça do Poço Em Gondolin. 220; *Lugar do Poço*
Presa-de-Punhal. Ver *Karkaras*.
Primeira Era

Qenya Com referência aos verbetes no “dicionário” primitivo de qenya.
Quendi
Quenya

Ramandur Nome antigo de Sorontur.
Reino(*s*) *Abençoado*(*s*)
Riacho de Vidro Próximo a Tavrobel.
Rider Haggard, *Henry*
Rimion Pai de Egnor; *Egnor bo-Rimion*
Rio Seco A entrada para Gondolin.
Rodothlim Noldoli das Cavernas com quem Túrin morou (precursores dos Noldor de Nargothrond). (Substituiu

Rothwarin).

Rog (1) Nome que os Orques davam a Egnor, pai de Beren (*Rog, o Ágil*) 60. (2) Senhor do povo do Martelo da Ira em Gondolin.

Rohan

Roma Ver *Rûm*.

Romanos. Ver *Rúmhoth*, *Homens do Sul*.

Rôs (1) Promontório das Grandes Terras; Batalha de Rôs.. (2) Capital de Tol Eressëa. (3) Nome de Tol Eressëa? (4) Ver o Apêndice de Nomes.

Rothwarin Nome antigo para os *Rodothlim*.

Ruivão, *Ted*

Rûm Roma. *Roma*. (A forma do nome com *u* é atestada em inglês antigo;). Ver *Magbar*, *Micelgeard*.

Rúmhoth Romanos. Ver *Romanos*, *Homens do Sul*.

Rúmil; *Alfabeto de Rúmil*; *livro de Rúmil*

Rúsitaurion “Filho da floresta exaurida” (eldarissa), nome que Turambar deu a si mesmo. Ver *Dhrauthodavros*.

Saeros

Saksani Saxões.

Sala das Lenhas Em Mar Vanwa Tyaliéva. *Sala do Fogo-do-Conto*. Ver *Fogo-do-Conto*.

Salão do Brincar Recuperado Em Mar Vanwa Tyaliéva.

Salão(ões) *de Ferro* Angamandi. *salões da escuridão*

Salgant Senhor do povo da Harpa em Gondolin.

Salmar Companheiro de Ulmo, também chamado *Noldorin*.

Sarnathrod “Vau Pedregoso”. Forma posterior *Sarn Athrad*. Ver *Vau Pedregoso*.

Sarqindi “Ogros-canibais”.

Sauron; *Lobo-Sauron*; *Boca de Sauron*

Saxões. Ver *Saksani*.

Sebe Alta

Senhor dos Anéis, *O*; *A Sociedade do Anel*; *As Duas Torres*; *O Retorno do Rei*

Senhor dos Lobos Thû (o Necromante).
Senhores do Oeste Os Valar.
Sereias; *donzelas-do-mar*. Ver *Fiorde da Sereia*, *Oarni*.
Shippey, *T.A. The Road to Middle-earth*
Sigurd Fafnisbane
Silmaril(*s*); Lâmpada de Feéria, *Lâmpada de Fëanor*
Silmarillion, *O*
Silpion A árvore prateada de Valinor.
Sindarin
Singoldo Substituiu *Tinwë Linto*. Forma posterior *Singollo*
Sirion; *Doriath além do Sirion*. Referências à(s) Foz(es) do Sirion e às habitações ali (*Sirion* frequentemente = "as habitações na Foz do Sirion"); *Ilha*(*s*) *do Sirion*
Sirius. Ver *Abelha Azurina*, *Nielluin*.
Sociedade do Anel, *A*. Ver também *Senhor dos Anéis*.
Sol Mágico; ver especialmente
Sol, O Referências selecionadas. Primeiro nascer do; relatos do pôr-do-sol; navio do; porto(s) do; reconvocação do; aprisionamento do; ataque de Melko ao; morada do; Habitantes do sol; além do Sol, a Oeste do Sol; um emblema da Casa do Rei em Gondolin. Ver *Sol Mágico*, *Urwendi*.
Solosimpi; *Solosimpë*. Ver *Flautistas das Terras Costeiras*.
Sornontur A casa de Tuor na Foz do Sirion.
Sorontur Rei das Águias. (Substituiu *Ramandur*). Ver *Thorndor*.
Staffordshire
Stapeldon Magazine
Súlimo Ver *Manwë*.

Taimonto = Telimektar. *Taimondo*
Talath Dirnen A Planície Protegida de Nargothrond.
Talceleb Ver *Idril*.
Taltelepta Ver *Irildë*.
Tamar Pé-coxo Filho de Bethos dos Homens-da-Floresta. (Substituído por *Brandir*).

Tâmisa
Taniquetil Montanha do Mundo
Tanyasalpë “Malga de Fogo”. Ver *Fauri*, *Faskalan*, *Fôs ’Almir*.
Tarnin Austa. Ver *Portões do Verão*.
Taruithorn, *Taruktarna* Nomes de Oxford em gnômico e eldarissa.
Tasarinan A Terra dos Salgueiros. *a Batalha de Tasarinan*. Ver *Terra dos Salgueiros*, *Nan-tathren*.
Taurfuin A Floresta da Noite. Forma posterior *Taur-nu-Fuin*. Ver *Floresta da Noite*.
Taurossë, Tavaros(*së*) Formas de *Tavrobel* em eldarissa.
Tavrobel; *Tavrobel, a Velha*, *a Nova*; torre de; ponte e rios que se juntam em; *Livro Dourado*; *Contos de* . Ver *Gilfanon*, *Great Haywood*, *Pinheiro de Belaurin*.
Tavrost = Tavrobel.
Tecelã-de-Treva A Grande Aranha. Ver *Wirilómë*, *Ungweliant*(ë).
Teiglin; *Travessias do Teiglin*; ravinas do
Telchar Artífice anânico de Nogrod.
Teld Quing Ilon “Teto de Arco-íris”, nome antigo para (*Cris*) *Ilbranteloth*.
Teleri O primeiro clã dos Elfos (posteriormente chamados de Vanyar).
Telimektar Filho de Tulkas; Órion. *Telumektar*, *Telumaith*. Ver *Taimonto*.
Terceira Era
Terra das Sombras. Ver *Aryador*, *Dor Lómin*, *Hisilómë*, *Hithlum*, *Mathusdor*.
Terra dos Mortos que Vivem. Ver *I·Cuilwarthon*, *I·Guilwarthon*.
Terra dos Salgueiros. Ver *Nan-tathren*, *Tasarinan*.
Terra-das-Fadas
Terra-dos-Buques
Terra-média

Terra(*s*) *de Fora* (1) As Grandes Terras (Terra-média). (2) As terras a Oeste do Grande Mar

Terras(*s*) *Além* Artanor. Ver *Artanor*, *Doriath*.

Teto do Firmamento, *Batalha do* Ver *Charneca do Teto-do-Céu*.

Tevildo, *Príncipe dos Gatos*; *Tevildo Vardo Meoita*, *Meoita*. Ver *Tiberth*, *Tifil*.

Thingol; *Elu Thingol*; *Thingol das Florestas*. (Substituiu *Tinwelint*).

Thompson, *Francis*

Thorn Sir Curso d'água com uma queda abaixo do Christhorn. *Torrente-das-Águias*

Thorndor Nome gnômico de Sorontur, Rei das Águias. Forma posterior, *Thorondor*

Thornhoth "Povo das Águias".

Thû O Necromante.

Þórr. Ver Þ*unor*.

Þ*unor* Nome em inglês antigo do deus germânico cujo nome em nórdico antigo é Þ*orr*; identificado como Tulkas por Eriol.

Thuringwethil Mensageira-morcego de Sauron de Tol-in-Gaurhoth.

Tiberth Nome gnômico de Tevildo, Príncipe dos Gatos. (Substituiu *Tifil*). *Tiberth Bridhon Miaugion*, *Miaugion*

Tifanto Nome antigo de Dairon. (Substituiu *Kapalen*).

Tifil Nome gnômico de Tevildo, Príncipe dos Gatos. (Substituído por *Tiberth*). *Tifil Bridhon Miaugion*

Timpinen Nome de Tinfang em eldarissa.

Tindriel Nome mais antigo de Melian.

Tinfang Nome gnômico de Timpinen; chamado *Tinfang Trinado* (gnômico *Gwarbilin* "Guardião-dos-pássaros", I. 268).

Tinthellon Nome (gnômico) antigo de Tinwelint.

Tinto Ellu Nome (eldarissa) antigo de Tinwë Linto.

Tinto'ellon Ver *Tinthellon*.

Tintoglin Nome (gnômico) antigo de Tinwelint.

Tinúviel. Ver *Lúthien* (4).

Tinwë (*Linto*) Nome de Tinwelint em eldarissa. (Substituído por *Singoldo*).

Tinwelint Rei de Artanor (posteriormente Thingol); chamado de “o rei oculto”. Outros nomes gnômicos: *Ellon*, *Tinthellon*, *Tinto’ellon*, *Tintoglin*.

Tirannë Nome mais antigo de Mavwin (Morwen).

Tirin “Torre”; *Tirin de Ingil*

Tirion

Tíw Nome em inglês antigo do deus germânico cujo nome em nórdico antigo é *Týr*.

Tol Eressëa. Ver *Ilha Solitária*.

Tol Sirion

Tol-in-Gaurhoth “Ilha dos Lobisomens”.

Tôn a Gwedrin O Fogo-do-Conto em Mar Vanwa Tyaliéva. Ver *Fogo-do-Conto*.

Torre de Neve Nome de uma das gentes dos Gondothlim. Ver *Penlod*.

Torre de Pérola . Ver *Adormecido na Torre de Pérola*.

Toupeira, *A* Nome de uma das gentes dos Gondothlim (*Casa da Toupeira*, *gente da Toupeira*, *povo da Toupeira*, *guerreiros da Toupeira*). emblema da Toupeira; o povo de Meglin não portava emblema. Ver *Meglin*.

Travessias do Teiglin

Trilha dos Sonhos. Ver *Olórë Mallë*, *Caminho dos Sonhos*.

Trols

Trui Troia. *Troia*

Tulkas

Tumhalad Batalha na qual a hoste de Nargothrond foi derrotada.

Tumladin “Vale da lisura” (199), a planície ou vale de Gondolin.

Tûn Nome posterior de Kôr. *Colina de Tûn*

Túna

Tuor. Ver *Tûr*. “O *Tuor* tardio”, nos *Contos Inacabados*

Tûr Forma do nome de Tuor.
Turambar “Conquistador do Destino”. Ver *Turumart*, *Túrin*.
Turgon. Ver *Turondo*, *Praça do Palácio*, *Casa do Rei*.
Túrin. Ver *Turambar*.
Turinqi Ver *Meril-i-Turinqi*.
Turondo Nome de Turgon em eldarissa.
Turuhalmë O “Trazer das Lenhas” para Mar Vanwa Tyaliéva.
Turumart Forma gnômica de *Turambar*. Ver *Turambar*.
Tynwfiel Grafia original de *Tinúviel* no texto datilografado do *Conto de Tinúviel*.
Týr. Ver *Tíw*.

Ufedhin Um Gnomo, aliado aos Anãos, que enganou Tinwelint.
Uin A grande baleia.
Uinen; *Oinen*; Ónen
Ulbandi Mãe de Kosomot (Gothmog). 261. Ver *Fluithuin*.
Ulmo Chamado “Senhor das Águas”, “Senhor do Mar”. descrito. Ver *Homem do Mar*, *Neorth*.
Ulmonan Salões de Ulmo no Oceano de Fora.
Última Batalha
Úmanyar Eldar “que não eram de Aman”.
Umboth-muilin Os Alagados do Crepúsculo. Ver *Lagoas do Crepúsculo*; *Lagoas Silentes*; *Aelin-uial*.
Umuiyan Porteiro de Tevildo. Ver *Gumniow*.
Undolaurë Nome de Glorund em eldarissa. Ver *Laurundo*.
Ungweliant(ë); *a Aranha*. Ver *Tecelã-de-Treva*, *Wirilómë*.
Úrin Pai de Túrin e Nienóri; chamado de “o Resoluto”. Úrin das Matas. (Substituído por *Húrin*).
Urwendi Donzela do Sol.
Úvanimor

Vai O Oceano de Fora.
Vainóni Nome mais antigo de Nienor(i).

Vairë Esposa de Lindo.
Valar (também *Vali*). Referências selecionadas (incluindo *Deuses*). Trechos a respeito das relações entre os Valar (Deuses, Ainur) com Elfos e com Homens. *Ruína dos Deuses*; afastamento dos assuntos dos Homens; reverência aos (em Gondolin). *Vala das Ilhas do Oeste*. Túrin e Nienóri "como Valar luzentes". Ver *Grande Povo do Oeste*, *Senhores do Oeste*, *Filhos dos Deuses*.
Vale Seco Onde Tevildo encontrou Huan.
Valinor; *Lar-divino*. Ver *Montanhas de Valinor*, *Ocultação de Valinor*.
Valmar; *Valimar* 308
Valwë Pai de Lindo.
Vána
Vanyar
Varda
Vau Pedregoso. Ver *Sarnathrod*.
Vëannë Uma menina de Mar Vanwa Tyaliéva, narradora do *Conto de Tinúviel*. Ver *Melinir*.
Vefántur "Fantur da Morte", o Vala Mandos.
Vento Norte
Vento Oeste
Ventos Tumultuosos, *Caverna dos* Onde o rio Sirion entrava para o subterrâneo.
Vênus
Vettar Caminheiros-da-floresta (?).
Via das Águas Correntes Em Gondolin.
Via de Escape. Ver *Bad Uthwen*.
Vikings. Ver *Forodwaith*, *Gwasgonin*, *Elmos Alados*.
Vila dos Sonhos, *A* (poema) (*A Vila dos Dias Mortos*).
Vingelot Ver *Wingilot*.
Vinyamar A morada de Turgon em Nevrast.
Voronwë Forma do nome Bronweg em eldarissa. Chamado "o fiel" (156). Ver *Bronweg*.
Voz de Goth Gothmog. 88

Wǽfre Ver *Ottor Wǽfre*.
Warwick; *Warwickshire*; poema *A Vila dos Sonhos*
Wéalas (inglês antigo) Os galeses. adjetivo *Wíelisc*
Wendelin Nome antigo de Melian.
Wendelsæ (inglês antigo) o Mar Mediterrâneo.
Wessex
Wíelisc Ver *Wéalas*.
Wingildi Espíritos da espuma-do-mar.
Wingilot “Flor-de-espuma”, o navio de Eärendel. *Wingelot*; *Vingelot*
Wirilómë “Tecelã-de-Treva”. Ver *Ungweliant*(ë).
Wóden Nome em inglês antigo do deus germânico cujo nome em nórdico antigo é Óð*inn*; identificado como Manwë por Eriol.
Yavanna. Ver *Belaurin*, *Palúrien*.
Ythlings “Filhos das Ondas”; *Ythlingas*; descritos. Ver *Eneathrim*, *Marinheiros do Oeste*.

POEMAS ORIGINAIS

1. O Conto de Tinúvel

[A]:

There the twain enfolded phantom twilight
and dim mazes dark, unholy,
in Nan Dungorthin where nameless gods
have shrouded shrines in shadows secret,
more old than Morgoth or the ancient lords
the golden Gods of the guarded West.
But the ghostly dwellers of that grey valley
hindered nor hurt them, and they held their course
with creeping flesh and quaking limb.
Yet laughter at whiles with lingering echo,
as distant mockery of demon voices
there harsh and hollow in the hushed twilight
Flinding fancied, fell, unwholesome ...

5. O Conto de Eärendel

[A] pp. 320–21:

Earendel arose where the shadow flows
At Ocean's silent brim;
Through the mouth of night as a ray of light
Where the shores are sheer and dim
He launched his bark like a silver spark
From the last and lonely sand;
Then on sunlit breath of day's fiery death
He sailed from Westerland.

He threaded his path o'er the aftermath
Of the splendour of the Sun,

And wandered far past many a star
In his gleaming galleon.
On the gathering tide of darkness ride
The argosies of the sky,
And spangle the night with their sails of light
As the streaming star goes by.

Unheeding he dips past these twinkling ships,
By his wayward spirit whirled
On an endless quest through the darkling West
O'er the margin of the world;
And he fares in haste o'er the jewelled waste
And the dusk from whence he came
With his heart afire with bright desire
And his face in silver flame.

The Ship of the Moon from the East comes soon
From the Haven of the Sun,
Whose white gates gleam in the coming beam
Of the mighty silver one.
Lo! with bellying clouds as his vessel's shrouds
He weighs anchor down the dark,
And on shimmering oars leaves the blazing shores
In his argent-timbered bark.

Then Earendel fled from that Shipman dread
Beyond the dark earth's pale,
Back under the rim of the Ocean dim,
And behind the world set sail; 36
And he heard the mirth of the folk of earth
And the falling of their tears,
As the world dropped back in a cloudy wrack
On its journey down the years.

Then he glimmering passed to the starless vast
As an isled lamp at sea,

And beyond the ken of mortal men
Set his lonely errantry,
Tracking the Sun in his galleon
Through the pathless firmament,
Till his light grew old in abysses cold
And his eager flame was spent.

[B]:

‘Sing us yet more of Eärendel the wandering,
Chant us a lay of his white-oared ship,
More marvellous-cunning than mortal man’s
pondering,
Foamily musical out on the deep.
Sing us a talc of immortal sea-yearning
The Eldar once made ere the change of the light,
Weaving a winelikc spell, and a burning
Wonder of spray and the odours of night;
Of murmurous gloamings out on far oceans;
Of his tossing at anchor off islets forlorn
To the unslccping waves’ never-ending sea-motions;
Of bellying sails when a wind was born,
And the gurgling bubble of tropical water
Tinkled from under the ringed stem,
And thousands of miles was his ship from those
wrought her
A petrel, a sea-bird, a white-winged gem,
Gallantly bent on measureless faring
Ere she came homing in sea-laden flight,
Circuitous, lingering, restlessly daring,
Coming to haven unlookcd for, at night.’

‘But the music is broken, the words half-forgotten,
The sunlight has faded, the moon is grown old,
The Elvcn ships foundered or weed-swathed and
rotten,
The fire and the wonder of hearts is acold.
Who now can tell, and what harp can accompany

With melodies strange enough, rich enough tunes,
Pale with the magic of cavernous harmony,
Loud with shore-music of beaches and dunes,
How slender his boat; of what glimmering timber;
How her sails were all silvern and taper her mast,
And silver her throat with foam and her limber
Flanks as she swanlike floated past!
The song I can sing is but shreds one remembers
Of golden imaginings fashioned in sleep,
A whispered talc told by the withering embers
Of old things far off that but few hearts keep.'

[C]:

East of the Moon, west of the Sun
There stands a lonely hill;
Its feet arc in the pale green sea,
Its towers arc white and still,
Beyond Taniquctil
In Valinor.
Comes never there but one lone star
That fled before the moon;
And there the Two Trees naked arc
That bore Night's si lvcr bloom,
That bore the globed fruit of Noon
In Valinor.
There arc the shores of Faery
With their moonlit pebbled strand
Whose foam is silver music
On the opalescent floor
Beyond the great sea-shadows
On the marches of the sand
That stretches on for ever
To the dragon headed door,
The gateway of the Moon,
Beyond Taniquetil
In Valinor.

West of the Sun, east of the Moon
Lies the haven of the star,
The white town of the Wanderer
And the rocks of Eglamar.
There Wingelot is harboured,
While Eiirendellooks afar
O'er the darkness of the waters
Between here and Eglamar Out,
out, beyond Taniquetil
In Valinor afar.

[D]:

(1)

I know a window in a western tower
That opens on celestial seas,
And wind that has been blowing round the stars
Comes to nestle in its tossing draperies.
It is a white tower builded in the Twilight Isles,
Where Evening sits for ever in the shade;
It glimmers like a spike of lonely pearl
That mirrors beams forlorn and lights that fade;
And sea goes washing round the dark rock where it stands,
And fairy boats go by to gloaming lands
All piled and twinkling in the gloom
With hoarded sparks of orient fire
That divers won in waters of the unknown Sun –
And, maybe, 'tis a throbbing silver lyre,
Or voices of grey sailors echo up
Afloat among the shadows of the world
In oarless shallop and with canvas furled;
For often seems there ring of feet and song
Or twilit twinkle of a trembling gong.

O! happy mariners upon a journey long
To those great portals on the Western shores
Where far away constellate fountains leap,

And dashed against Night's dragon-headed doors,
In foam of stars fall sparkling in the deep.
While I alone look out behind the Moon
From in my white and windy tower,
Ye bide no moment and await no hour,
But chanting snatches of a mystic tunc
Go through the shadows and the dangerous seas
Past sunless lands to fairy leas
Where stars upon the jacinth wall of space
Do tangle burst and interlace.
Ye follow Earendel through the West,
The shining mariner, to Islands blest;
While only from beyond that sombre rim
A wind returns to stir these crystal panes
And murmur magically of golden rains
That fall for ever in those spaces dim.

[E]:

(2)

I know a window in a Western tower
that opens on celestial seas,
and there from wells of dark behind the stars
blows ever cold a keen unearthly breeze.
It is a white tower buildcd on the Twilit Isles,
and springing from their everlasting shade
it glimmers like a house of lonely pearl,
where lights forlorn take harbour ere they fade.

Its feet arc washed by waves that never rest.
There silent boats go by into the West
all piled and twinkling in the dark
with orient fire in many a hoarded spark
that divers won
in waters of the rumoured Sun.
There sometimes throbs below a silver harp,
touching the heart with sudden music sharp;
or far beneath the mountains high and sheer

the voices of grey sailors echo clear,
afloat among the shadows of the world
in oarlcss ships and with their canvas furled,
chanting a farewell and a solemn song:
for wide the sea is, and the journey long.

O happy mariners upon a journey far,
beyond the grey islands and past Gondobar,
to those great portals on the final shores
where far away constellate fountains leap,
and dashed against Night's dragon-headed doors
in foam of stars fall sparkling in the deep!
While I, alone, look out behind the moon
from in my white and windy tower,
yc bide no moment and await no hour,
but go with solemn song and harpers' tunc
through the dark shadows and the shadowy seas
to the last land of the Two Trees,
whose fruit and flower are moon and sun,
where light of earth is ended and begun.

Ye follow Eärendel without rest,
the shining mariner, beyond the West,
who passed the mouth of night and launched his bark
upon the outer seas of everlasting dark.
Here only comes at whiles a wind to blow
returning darkly down the way ye go,
with perfume laden of unearthly trees.
Here only long afar through window-pane
I glimpse the flicker of the golden rain
that falls for ever on the outer seas.

6. A História de Eriol ou Ælfwine e o Fim dos Contos

[A]:

Prelude

In unknown days my fathers' sires
Came, and from son to son took root
Among the orchards and the river-meads
And the long grasses of the fragrant plain:
Many a summer saw they kindle yellow fires
Of iris in the bowing reeds,
And many a sea of blossom turn to golden fruit
In walled gardens of the great champain.

*

There daffodils among the ordered trees
Did nod in spring, and men laughed deep and long
Singing as they laboured happy lays
And lighting even with a drinking-song.
There sleep came easy for the drone of bees
Thronging about cottage gardens heaped with
flowers;
In love of sunlit goodliness of days
There richly flowed their lives in settled hours –
But that was long ago,
And now no more they sing, nor reap, nor sow,
And I perforce in many a town about this isle
Unsettled wanderer have dwelt awhile.

*

The Town of Dreams

Here many days once gently past me crept
In this dear town of old forgetfulness;
Here all entwined in dreams once long I slept
And heard no echo of the world's distress
Come through the rustle of the elms' rich leaves,
While Avon gurgling over shallows wove

Unending melody, and morns and eves
Slipped down her waters till the Autumn came,
(Like the gold leaves that drip and flutter then,
Till the dark river gleams with jets of flame
That slowly float far down beyond our ken.)

*

For here the castle and the mighty tower,
More lofty than the tiered elms,
More grey than long November rain,
Sleep, and nor sunlit moment nor triumphal hour,
Nor passing of the seasons or the Sun
Wakes their old lords too long in sh,1mber lain.

*

No watchfulness disturbs their splendid dream,
Though laughing radiance dance down the stream;
And be they clad in snow or lashed by windy rains,
Or may March whirl the dust about the winding lanes,
The Elm robe and disrobe her of a million leaves
Like moments clustered in a crowded year,
Still their old heart unmoved nor weeps nor grieves,
Uncomprehending of this evil tide,
Today's great sadness, or Tomorrow's fear:
Faint echoes fade within their drowsy halls
Like ghosts; the daylight creeps across their walls.

*

The City of Present Son-ow

There is a city that far distant lies
And a vale outcarven in forgotten days-
There wider was the grass, and lofty elms more rare ;
The river-sense was heavy in the lowland air.

There many willows changed the aspect of the earth
and skies
Where feeding brooks wound in by sluggish ways,
And down the margin of the sailing Thames
Around his broad old bosom their old stems
Were bowed, and subtle shades lay on his streams
Where their grey leaves adroop o'er silver pools
Did knit a coverlet like shimmering jewels
Of blue and misty green and filtering gleams.

*

O aged city of an all too brief sojourn,
I see thy clustered windows each one burn
With lamps and candles of departed men.
The misty stars thy crown, the night thy dress,
Most peerless-magical thou dost possess
My heart, and old days come to life again;
Old mornings dawn, or darkened evenings bring
The same old twilight noises from the town.
Thou hast the very core of longing and delight,
To thee my spirit dances oft in sleep
Along thy great grey streets, or down
A little lamplit alley-way at night-
Thinking no more of other cities it has known,
Forgetting for a while the tree-girt keep,
And town of dreams, where men no longer sing.
For thy heart knows, and thou shedst many tears
For all the sorrow of these evil years.
Thy thousand pinnacles and fretted spires
Are lit with echoes and the lambent fires
Of many companies of bells that ring
Rousing pale visions of majestic days
The windy years have strewn down distant ways;
And in thy halls still doth thy spirit sing
Songs of old memory amid thy present tears,

Or hope of days to come half-sad with many fears.
Lo! though along thy paths no laughter runs
While war untimely takes thy many sons,
No tide of evil can thy glory drown
Robed in sad majesty, the stars thy crown.

*

[B]:

Forgetting for a while that all men weep
It strays there happy and to thee it sings
‘No tide of evil can thy glory drown,
Robed in sad majesty, the stars thy crown!’

[C]:

The Song of Eriol

1

In unknown days my fathers’ sires
Came, and from son to son took root
Among the orchards and the river-meads
And the long grasses of the fragrant plain:
Many a summer saw they kindle yellow fires
Of flaglilies among the bowing reeds,
And many a sea of blossom turn to golden fruit
In walled gardens of the great cham pain.
There daffodils among the ordered trees
Did nod in spring, and men laughed deep and long
Singing as they laboured happy lays
And lighting even with a drinking-song.

There sleep came easy for the drone of bees
Thronging about cottage gardens heaped with
flowers;
In love of sunlit goodliness of days
There richly flowed their lives in settled hours-
But that was long ago,

And now no more they sing, nor reap, nor sow;
And I perforce in many a town about this isle
Unsettled wanderer have dwelt awhile.

2

Wars of great kings and clash of armouries,
Whose swords no man could tell, whose spears
Were numerous as a wheatfield's ears,
Rolled over all the Great Lands; and the Seas

Were loud with navies; their devouring fires
Behind the armies burned both fields and towns;
And sacked and crumbled or to flaming pyres
Were cities made, where treasuries and crowns,

Kings and their folk, their wives and tender maids
Were all consumed. Now silent are those courts,
Ruined the towers, whose old shape slowly fades,
And no feet pass beneath their broken ports.

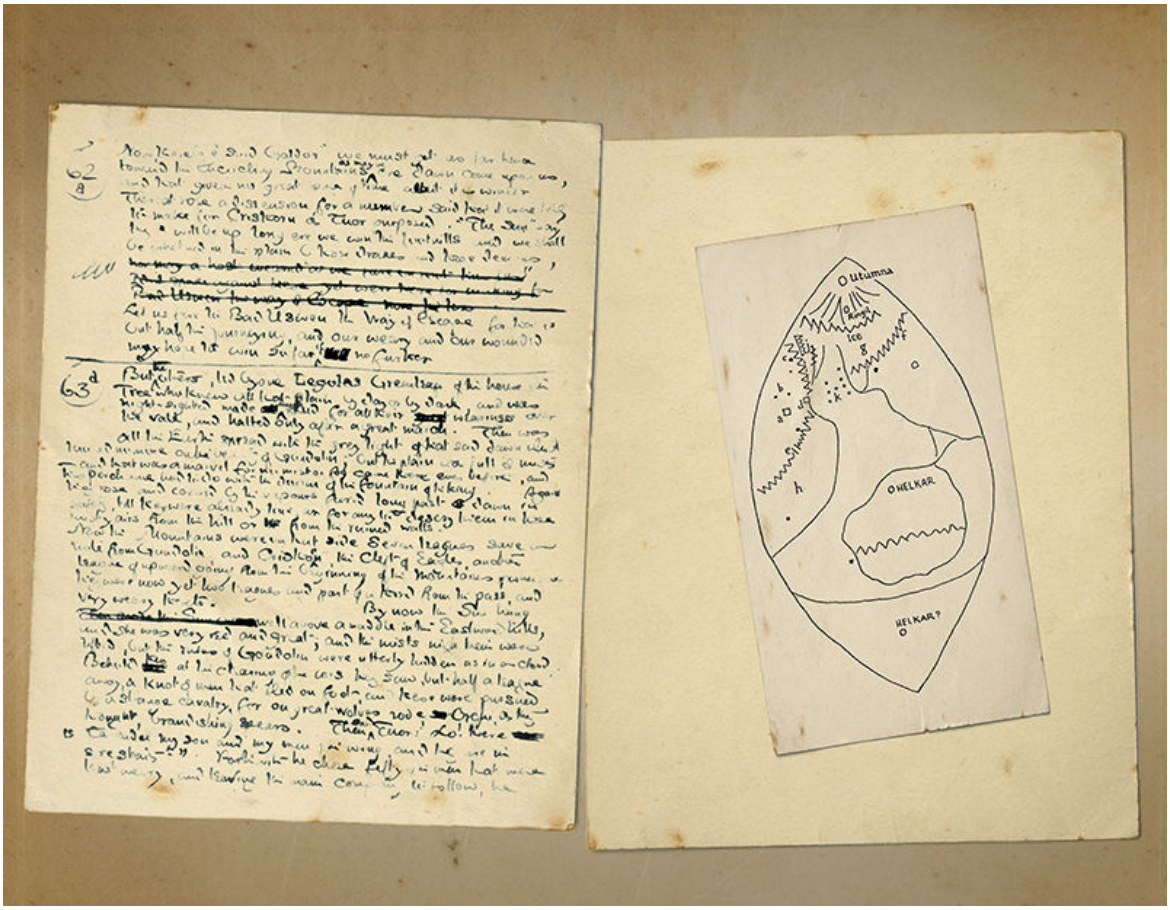
*

There fell my father on a field of blood,
And in a hungry siege my mother died,
And I, a captive, heard the great seas' flood
Calling and calling, that my spirit cried

For the dark western shores whence long ago had come
Sires of my mother, and I broke my bonds,
Faring o'er wasted valleys and dead lands
Until my feet were moistened by the western sea,
Until my ears were deafened by the hum,
The splash, and roaring of the western sea-
But that was long ago
And now the dark bays and unknown waves I know,
The twilight capes, the misty archipelago,

And all the perilous sounds and salt wastes ‘tween
this isle
Of magic and the coasts I knew awhile.

*


O Utumna
Ice
S
O
O
HELKAR
HELKAR?
O

J.R.R.
TOLKIEN
Editado por BRIAN SIBLEY
A QUEDA DE
NÚMENOR
Com ilustrações de ALAN LEE

A Queda de Númenor

Tolkien, J.R.R

9786555113976

352 páginas

Compre agora e leia

Os escritos de J.R.R. Tolkien sobre a Segunda Era da Terra-média reunidos pela primeira vez em um único volume e com pinturas coloridas e desenhos a lápis feitos pelo premiado artista Alan Lee!

Tolkien uma vez descreveu a Segunda Era da Terra-média como uma "idade das trevas, e não muito de sua história é (ou precisa ser) contada". E por muitos anos os leitores precisaram se contentar com pequenos e tentadores vislumbres deste período encontrados nas páginas de *O Senhor dos Anéis* e seus apêndices, incluindo as histórias da forja dos Anéis de Poder, a construção de Barad-dûr e a ascensão de Sauron.

O mais próximo da história completa só foi contada quando Christopher Tolkien publicou *O Silmarillion*, após a morte de seu pai. Embora grande parte do conteúdo do livro se refira à Primeira Era da Terra-média, havia no final dois

pequenos capítulos que revelaram os eventos tumultuosos relativos à ascensão e queda da ilha de Númenor. Erguida no Grande Mar e dada como presente aos Homens da Terra-média como recompensa por ajudarem os Valar e os Elfos na derrota e captura do Senhor Sombrio Morgoth, o reino tornou-se uma sede de influência e riqueza; mas, à medida que o poder dos númenóreanos aumentava, a semente de sua trágica queda seria inevitavelmente lançada. Porém, ao contrário do que alguns acreditam, este evento de proporções continentais não estabelece o final da Segunda Era da Terra-média, pois esta termina somente com a derrota de Sauron na Batalha da Última Aliança.

Uma visão ainda maior da Segunda Era seria revelada em publicações subsequentes, primeiro em *Contos Inacabados de Númenor e da Terra-média*, depois expandida nos impressionantes 12 livros de *A História da Terra-média* (recém-lançado em português com *O Livro dos Contos Perdidos 1* e *2*), nos quais Christopher Tolkien apresentou e discutiu a riqueza de outros escritos inéditos de seu pai, muitos em forma de rascunho.

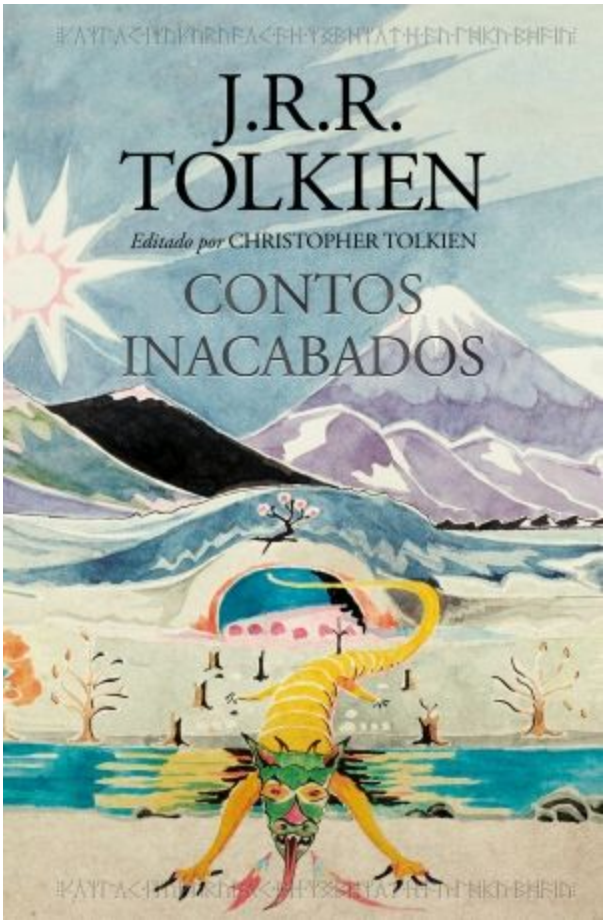
Agora, trabalhando com base na linha de tempo de O Conto dos Anos constante no "Apêndice B" de *O Senhor dos Anéis*, o experiente editor tolkienista Brian Sibley reuniu pela primeira vez em um único volume comentado os variados escritos de J.R.R. Tolkien sobre a Segunda Era da Terra-média. Sibley procura organizar uma narrativa única e linear dos

principais eventos dessa Era e que tiveram impacto no que é contado em *O Senhor dos Anéis*.

A edição é capa dura, e conta com ilustrações em aquarela e lápis produzidas pelo premiado e aclamado artista Alan Lee, que participou da multipremiada trilogia de filmes "O Senhor dos Anéis", do diretor neozelandês Peter Jackson. Em especial pelo último filme, "O Retorno do Rei" (2003), Lee ganhou o Oscar de Direção de Arte.

A Queda de Númenor surge no momento perfeito: ao final da primeira temporada de "O Senhor dos Anéis: Os Anéis de Poder" do Prime Video, um grande sucesso mundial que retrata eventos reimaginados da Segunda Era da Terra-média.

Compre agora e leia


J.R.R.
TOLKIEN
Editado por CHRISTOPHER TOLKIEN
CONTOS
INACABADOS

Contos Inacabados de Númenor e da Terra-média

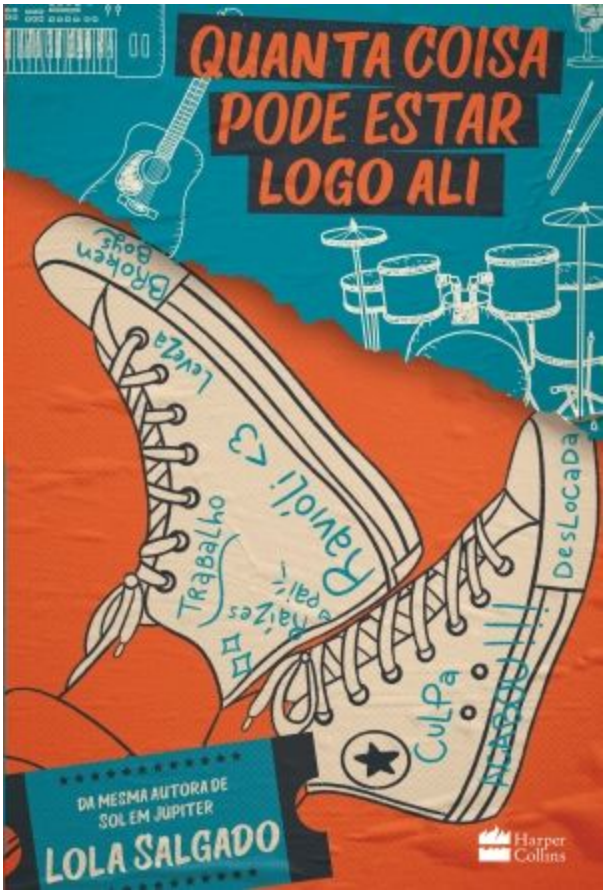
Tolkien, J.R.R.
9786555110227
624 páginas

Compre agora e leia

Contos Inacabados de Númenor e da Terra-média é uma coletânea de narrativas que vão desde os Dias Antigos da Terra-média até o final da Guerra do Anel.
Dentre seus contos há um relato de Gandalf sobre como ele enviou os Anãos para Bolsão, uma descrição detalhada sobre a organização militar dos Cavaleiros de Rohan, além de um relato alternativo da lenda dos filhos de Húrin.
A obra contém, ainda, a única história que restou sobre as longas eras de Númenor antes de sua queda, e tudo o que se conhece sobre temas como os Cinco Magos, as Palantíri ou a lenda de Amroth.
Os contos foram reunidos e editados pelo filho e herdeiro literário do autor, Christopher Tolkien, que

fornece um breve comentário sobre cada história, ajudando o leitor a preencher as lacunas e a colocar cada uma no contexto dos demais escritos de seu pai.

Compre agora e leia


QUANTA COISA PODE ESTAR LOGO ALI
Broken Boys
Leveza
Ravioli <3
Trabalho
Raízes
Culpa
Deslocada
DA MESMA AUTORA DE SOL EM JÚPITER
LOLA SALGADO
Harper Collins

Quanta Coisa Pode Estar Logo Ali

Salgado, Lola

9786555110647

368 páginas

Compre agora e leia

Amadurecer é uma droga. De repente, vemos a aproximação da vida adulta e, com ela, das inevitáveis obrigações. Como, de um dia para o outro, temos que decidir qual faculdade queremos cursar, onde queremos trabalhar e como será o nosso futuro? E por que parece que algumas pessoas têm tanta facilidade em tomar essas decisões? Esses são os questionamentos de Olívia ao se ver obrigada a se inscrever em um vestibular para um curso que nem queria fazer. Como se não bastasse, seu pai, que a abandonou quando ainda era pequena, agora deseja uma chance de mostrar que mudou e que merece sua confiança. Em meio aos acordes das músicas de seu grupo preferido, às discussões com a mãe, às dúvidas em relação

ao pai e ao que fazer da vida, uma não tão inesperada viagem fará com que Olívia descubra mais sobre si do que imaginava.

Compre agora e leia

PROFISSÃO
INFLUENCER
Como fazer sucesso dentro e fora da internet
FátimaPissarra
CEO da agência MYND8
Harper Collins

Profissão influencer

Pissarra, Fátima

9786555113518

192 páginas

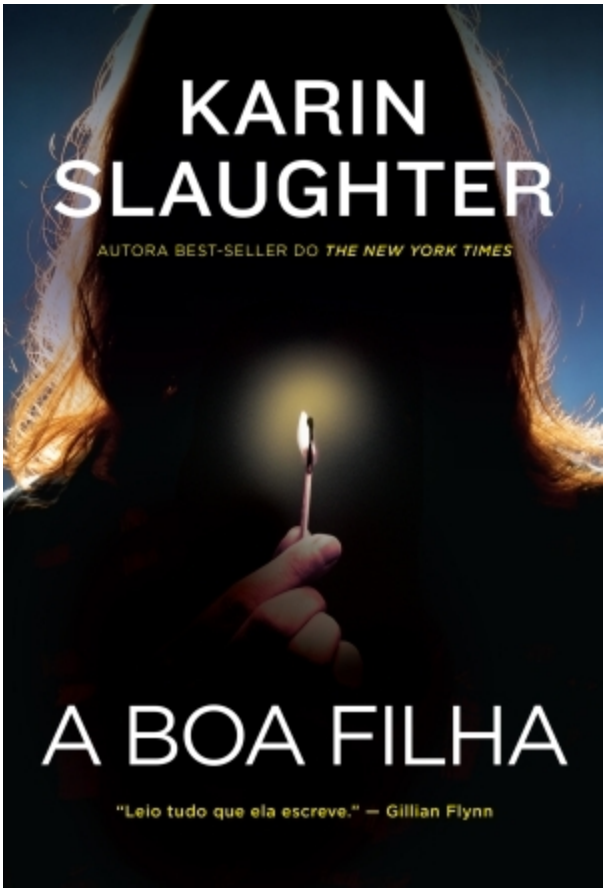
Compre agora e leia

Aprenda a crescer e fazer sucesso nas redes sociais!

Como quebrar o código secreto da influência*, transformar propósito em conteúdo de valor e ser visto por grandes players. O livro "Profissão influencer" aponta o caminho para transformar a sua vida e os seus negócios. Um verdadeiro manual de crescimento, fonte de inspiração e coragem para todos que sonham em se especializar numa das profissões mais bem pagas do momento, a profissão influencer.*

Fátima Pissarra, CEO da Mynd e expert em marketing digital, revela a estratégia por traz dos maiores perfis do Brasil. O livro traz um passo a passo prático e cases reais de sucesso. Você vai descobrir estratégias matadoras para ganhar relevância e construir influência duradoura na internet.

Compre agora e leia


KARIN
SLAUGHTER
AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
A BOA FILHA
"Leio tudo que ela escreve." — Gillian Flynn

A boa filha

Slaughter, Karin
9788595084032
464 páginas

Compre agora e leia

Quando eram adolescentes, a vida tranquila de Charlotte e Samantha Quinn foi destruída por um terrível ataque em sua casa. Sua mãe foi assassinada. Seu pai – um famoso advogado de defesa de Pikeville, Geórgia – ficou arrasado. E a família foi dividida por anos, para além de qualquer conserto, consumida pelos segredos daquela noite terrível. Vinte e oito anos depois, Charlie seguiu os passos de Rusty, seu pai, e se tornou advogada – mas está determinada a ser diferente dele. Quando outro caso de violência assombra Pikeville, Charlie acaba embarcando em um pesadelo que a obriga a olhar para trás e reviver o passado. Além de ser a primeira testemunha a chegar na cena, o caso também revela as memórias que ela passou tanto tempo tentando esconder. Agora, a verdade chocante

sobre o crime que destruiu sua família há quase trinta anos não poderá mais permanecer enterrada e Charlotte precisa se reencontrar com Samantha, não apenas para lidar com o crime, mas também com o trauma vivido.
A boa filha é mais uma obra-prima de Karin Slaughter, um enredo sólido, com caracterizações fortes e reviravoltas extraordinárias, um misto de drama e terror que faz arrepiar até os leitores mais corajosos.

Compre agora e leia